

The background of the entire image features a woman's face in the upper half and a sleek sports car in the lower half, both partially obscured by wisps of purple smoke or fire. The woman's face is in grayscale, showing her eyes, nose, and lips. The car is a dark-colored sports model, possibly a Ferrari, shown from a front-three-quarter view. The overall color palette is dark with vibrant purple highlights from the smoke.

DESEN FREADDOS

UM DARK ROMANCE DE

KELLY M.



DESEN FREADOS

UM DARK ROMANCE DE

KELLY M.



**Copyright © 2024 KELLY M.
EDITORA FRUTO PROIBIDO**

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Quaisquer nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação do autor, e qualquer semelhança com eventos, lugares ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

**COORDENADORA
EDITORIAL:**

Bianca Albuquerque

REVISÃO:

Vanessa Correia

Jéssica Sampaio

**CAPA |
DIAGRAMAÇÃO:**

Larissa Chagas

lchagasdesign

SUMÁRIO

[GATILHOS](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[PLAYLIST](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

GATILHOS

Este é um livro de *dark romance*.

Aviso de antemão que a obra contém: violência física e verbal, abuso psicológico, tentativa de estupro, pedofilia, assassinato, tentativa de suicídio, compulsão alimentar, uso de drogas e álcool, ataques de pânico e alucinações, luto, cenas de sexo explícitas, e linguagem imprópria.

Se você for sensível a qualquer um dos tópicos citados acima, apenas não leia. Sua saúde mental deve vir em primeiro lugar.

NOTA DA AUTORA

Coloquei meu corpo e minha alma neste livro, e não pude deixar de entender e me conectar com os sentimentos dos personagens. Meu coração está em cada uma destas páginas, e espero que você tenha uma experiência maravilhosa lendo, assim como a que eu estive escrevendo.

Escrever este livro foi muito fácil, mesmo que eu quase tenha surtado várias vezes durante o processo. Não esperem ver heróis nesta história, pois tudo o que irão encontrar são pessoas que farão o possível para lutar por suas convicções.

Por último, quero deixar claro que não romantizo ou compactuo com nada no livro. É tudo puramente fictício, e sabemos que não devemos desejar homens do dark romance, não é mesmo?

Boa leitura e espero que tenham bastante lencinhos. Vocês vão precisar.

PLAYLIST

Acompanhe a playlist de “DESENFREADOS”.

[Clique aqui](#) ou escaneie o código abaixo:



DEDICATÓRIA

Para todos aqueles que precisam da adrenalina para se sentirem vivos e que buscam nos livros uma válvula de escape. E para a minha mãe, que se ler este livro não vai saber se me leva à igreja ou à terapia.



O inferno está vazio, todos os demônios estão aqui.
- *William Shakespeare*



“Bem-vindos ao meu lado sombrio”
Neoni – Darkside

Ryen Rodríguez

Miami, Flórida.
Cinco anos atrás.

Entre bons sonhos e uma cama confortável, meu sono estava incrível. Mas isso foi bem antes de o idiota que eu chamo de irmão pular em cima de mim como se ele não pesasse absolutamente nada. Foram um susto e um impacto tão grande que meus olhos se arregalaram.

— Acorda! — Raphael gritou, deitado sobre minhas costas.

Rangi os dentes e virei meu rosto o máximo que eu consegui para olhá-lo.

— Sai de cima de mim, seu idiota! — Tentei me debater debaixo de seu corpo pesado, mas apenas soltei um gritinho frustrado por não conseguir — Você pesa uma tonelada!

Ele pareceu ignorar o que disse, já que envolveu meu quadril com suas pernas e agarrou meus ombros. Seu cabelo levemente comprido roçou a minha bochecha e eu revirei meus olhos.

— Você acordou muito mal-humorada, *hermanita* — debochou, soltando o peso do seu corpo sobre mim.

Tornei a me debater debaixo dele, mas na real? Seria melhor desistir de vez.

— Claro, até porque eu amo acordar com alguém pulando em cima de mim! — grunhi. — Sai daqui, Raphael!

Meu irmão mordeu minha bochecha e eu fiz uma careta de dor, sentindo-o se levantar. Foi como se o ar voltasse para os meus pulmões,

então rapidamente me sentei no colchão e me virei, o vendo em pé ao lado da minha cama, sem camisa e com uma calça de moletom caindo em seus quadris. Seu cabelo preto estava bagunçado e o rosto evidenciava que ele tinha acabado de acordar.

— Qual a droga do seu problema? — Passei as mãos por meu cabelo, tirando do rosto alguns fios que escaparam da minha longa trança.

— Não posso mais acordar a minha irmãzinha? — Ele pôs a mão sobre o peito nu, fingindo estar magoado. *Falso*.

Me ajoelhei na cama, o lençol escorregando das minhas pernas. Arqueei uma sobrancelha.

— Pulando em cima de mim?

Passando a língua pelo piercing no lado direito de seu lábio inferior, Raphael sorriu.

— Eu sou bem original.

— Você é bem idiota, isso sim. — Fiz uma careta, sentindo minhas costas doerem.

Raphael estreitou os olhos escuros na minha direção, cruzando os braços.

— Sabe, você não deveria me respeitar? — ele perguntou, caminhando na minha direção — Isso de irmão mais velho e blá-blá-blá. Uma merda assim.

Sorri minimamente.

— Me poupe, Raphael — desdenhei — Ninguém te respeita.

Ele se debruçou sobre a cama e tentou me agarrar, mas me joguei para trás e rastejei até minhas costas baterem na cabeceira da cama. Dei risada.

— Você é uma peste. Da próxima vez eu deixo você perder a aula.

— Até parece, sou eu que sempre te acordo.

Meu irmão revirou os olhos, com um sorriso no rosto, e os mirou em mim.

— Vá tomar banho — ordenou. — Kellan vem nos buscar em quarenta minutos.

Um sorriso largo tomou conta do meu rosto e não consegui esconder minha alegria ao escutar isso. Mais especificamente, o nome *dele*.

— O Kellan? — perguntei, só para ter certeza.

— Uhum — meu irmão murmurou e me olhou desconfiado. — Que sorrisinho idiota é esse?

Rapidamente desfiz minha expressão de felicidade, erguendo minhas sobranceiras e me fazendo de desentendida.

— Que sorrisinho?

— Não tente me fazer de palhaço, Ryen, eu não sou burro — Rapha pôs as mãos na cintura.

— Não?

Ele deu um passo em minha direção e eu sorri, erguendo as mãos para que ele ficasse onde estava.

— Brincadeira, brincadeira!

Rapha parou no lugar, mas sei que ele poderia muito bem ter avançado se quisesse.

— Agora, vá tomar banho e se arrumar — ele mandou, caminhando em direção à porta do meu quarto. — Você está parecendo uma bruxa.

Abri a boca, em choque, e ergui um dos meus travesseiros, o arremessando em sua cabeça. Rapha riu e girou a maçaneta, correndo para fora do meu quarto.

Agora sozinha na enorme suíte, pulei da cama e, descalça, corri para o banheiro. Tirei meu pijama e o joguei no chão, indo para debaixo do chuveiro — embora tenha banheira.

Não quero me atrasar, mesmo eu não gostando de estudar no meu colégio. Aquele é um lugar no qual eu nunca mais pisaria se dependesse apenas de mim.

Após lavar meu cabelo e meu corpo, desliguei o chuveiro, me enrolei no roupão branco pendurado perto da grande pia, saí do banheiro e caminhei até meu closet. Retirei de dentro dele o uniforme do colégio e coloquei sobre minha cama.

A vestimenta era composta por blazer preto, camisa social branca e saia vermelha xadrez que ia até abaixo dos meus joelhos. Após me vestir, desfiz minha trança e penteei meu cabelo, colocando uma tiara vermelha, dentre as muitas em meu closet, para segurar a franja. Então, fui procurar meus sapatos.

Após calçá-los, parei na frente do espelho. Sorri diante da minha imagem e passei as mãos sobre a saia, satisfeita com o resultado. Não que eu estivesse diferente de todos os dias, mas gosto de me arrumar.

Saí do meu quarto e andei pelos corredores da casa, descendo as escadas correndo. Passei pela sala de estar, entrei na de jantar e encontrei

meu irmão e minha mãe tomando café da manhã, sentados à mesa, um de frente para o outro.

Por favor, eu esperava que pelo menos hoje eles não tivessem começado o dia brigando.

— Bom dia! — eu disse, com um sorriso, atravessando a sala e me sentando ao lado de Raphael.

— Bom dia, querida — Mamãe sorriu.

Rapha olhou para mim, a boca cheia de torrada com geleia.

— Fecha a boca, eu estou vendo o fundo da sua garganta — impliquei.

— Então fecha os olhos — ele respondeu, assim que engoliu a comida.

Revirei os olhos e estiquei o braço para pegar uma torrada e a geleia de framboesa. Uma das funcionárias pôs uma jarra de suco em minha frente; sorri em agradecimento.

— Que milagre você ter descido depois do Raphael — Mamãe me olhou.

— Dessa vez ele que me acordou. De uma maneira bem carinhosa, na verdade — debochei, olhando para ele.

Meu irmão piscou um de seus olhos claros para mim.

— Sempre que quiser, *hermanita* — ele sorriu de lado.

Mesmo que eu tenha revirado os olhos mais uma vez, não consegui conter o sorriso que brotou em meus lábios. *Idiota*.

— Bom dia, família.

A tensão percorreu meu corpo rapidamente ao escutar a voz que três meses atrás passou a ser mais do que habitual nesta mansão. Callum Spencer — agora Callum Rodríguez — é o meu padrasto. Marido da minha mãe há pouco mais de quatro meses, ele a encantou com seus vinte e sete anos, seus olhos verdes e seu cabelo loiro. Sim, ele é quinze anos mais novo que a minha mãe e aparentemente era um escultor medíocre e sem talento — como Rapha gostava de dizer.

Eu tinha pouca informação sobre Callum, mas sabia que antes de conhecer nossa mãe, ele tentava vender as esculturas que fazia. Não tinha ideia de qual era seu estilo, mas mamãe jurava que o marido era imensamente talentoso.

— Bom dia, amor — ela sorriu, jogando a cabeça para trás para ganhar um beijo.

Pelo canto do olho, vi Raphael revirar os olhos, voltando a comer e fingindo que Callum não estava presente. Por um momento troquei um olhar com meu padrasto, quando ele se sentou ao lado da minha mãe, mas desviei os olhos rápido, focando em minha torrada.

Estiquei minha mão para pegar a jarra de suco e coloquei um pouco no copo.

— Recebi mais uma reclamação sua, Raphael — Mamãe disse; e olhei para ela.

E lá vamos nós.

— Estranho seria se não recebesse — meu irmão murmurou, de maneira despreocupada, pegando mais uma torrada.

— Você acha que pago o melhor colégio de Miami para você ficar fazendo vandalismo dentro dele? — Rapha deu um suspiro de irritação.

— Você fala como se eu tivesse jogado uma bomba naquela porra ou algo assim. Não vamos exagerar.

Senti os olhos de Callum em mim, e não precisei nem olhar em sua direção para saber que ele estava me encarando. Abaixei a cabeça e coloquei a torrada em meu prato, fingindo estar mexendo na saia do meu uniforme. *Por favor, olhe para outro lugar.*

— Não fale palavrão, você sabe que eu odeio! — nossa mãe se enfureceu.

— O que é que eu faço que você não odeia, não é mesmo? — Rapha debochou dela, mas então mudou seu foco para o nosso padrasto. — Callum, você sofre de algum problema de visão?

— Não, por quê? — Callum perguntou.

— Então por que está olhando para a mesma pessoa desde que se sentou à porra dessa mesa? — Meu irmão perguntou, entre dentes. — Quer uma foto da minha irmã?

Então não é coisa da minha cabeça.

— Estou achando sua irmã um pouco quieta hoje — Callum falou. — Algum problema, Ryen?

Sem ter como escapar, ergui lentamente o meu olhar para o marido da minha mãe, encontrando o dele cheio de um verde vivo.

— Não, estou apenas com um pouco de sono — respondi, minha voz sendo apenas um sussurro.

— E por que não fica em casa e dorme mais? — ele sorriu. *E eu odiei.*

— Não, de filho vagabundo já me basta um — Mamãe suspirou.

Não a responda, Rapha. Não a responda.

— Ouvi dizer que os filhos se inspiram nos pais — meu irmão retrucou, pegando seu copo de suco. O vi arquear uma sobrancelha em direção a ela. — Você não trabalhava enquanto nosso pai era vivo. E também não tem diploma de nada.

Fechei meus olhos com força. *Ah, não.*

Minha mãe fez menção de se levantar da mesa, mas Callum segurou seu braço, a trazendo de volta para a cadeira.

— Não, Victoria. Ele é apenas uma criança — ele disse, e então sorriu. — Não sabe o que faz ou diz.

— E de criança ela entende, Callum — meu irmão o olhou, o sorriso carregado de veneno. — Até se casou com você.

— Raphael — eu o chamei.

Não é que eu não concordasse com meu irmão. Mas o dia mal começou, e eu não estava a fim de ver eles brigarem tão cedo. Ainda mais por causa daquele homem.

— Eu estou mentindo, Ryen? — Rapha me olhou, e apontou para Callum. — Como ela espera que eu veja nesse cara uma figura paterna?

Nossa mãe, antes de casar com Callum, o namorou por dois anos. E nesse ínterim meu irmão nunca escondeu que não gostava dele. Eu me sentia da mesma maneira, mas nossa mãe estava sozinha há tanto tempo que não vi por que em ir contra sua felicidade. Mesmo que fosse ao lado desse... desse cara.

— Eu não quero roubar o lugar de seu pai — Callum respondeu.

— Nem... se... quisesse — meu irmão rebateu, pausadamente.

Minha mãe se levantou de sua cadeira de maneira brusca dessa vez, pegando todos nós desprevenidos.

— Já basta, Raphael — ela disse, em tom irritado.

Rapha também se levantou, e ergueu o queixo para ela. Ele apontou um dedo na direção de Callum mais uma vez.

— Não é o caso, mas mesmo que esse cara tivesse todo o sangue mexicano do mundo nas veias, ele nunca, escute bem, nunca — meu irmão manteve os olhos castanhos nela — vai ser um Rodríguez e jamais vai ter nem a metade do caráter que nosso pai teve.

Apertei a barra da minha saia, os nós dos meus dedos chegando a ficar brancos por causa da força que fiz. Minha mãe e meu irmão

permaneceram se encarando, apenas a raiva faiscando nos olhos dos dois, criando um clima de tensão e desconforto na sala.

Uma buzina soou do lado de fora e Raphael quebrou o olhar com mamãe e o estabeleceu comigo.

— Kellan chegou, vamos — ele me chamou, saindo da frente de sua cadeira e a contornando.

Procurei minha mochila aos meus pés e bati em minha testa quando não a achei.

— Eu a esqueci no meu quarto — fiz uma careta.

— Suba e pegue, estou te esperando no carro do Kellan — meu irmão disse, saindo da sala.

Ele nem se deu o trabalho de se despedir da nossa mãe. Sequer olhou para ela, e talvez tenha sido melhor assim.

Me levantei da minha cadeira e contornei a mesa, indo em direção a mamãe, que ainda estava em pé.

— Tchau, mamãe — beijei sua bochecha, a abraçando.

— Tchau, boa aula — ela sorriu.

Comecei a me preparar para subir até meu quarto, mas a voz de meu padrasto me parou.

— Eu também não ganho um abraço, Ryen? — ele perguntou.

Respirei fundo e me virei para ele, o vendo se levantar. Ele abriu os braços, e de maneira vacilante caminhei lentamente até ele, minhas mãos apertadas em punhos.

No momento em que cheguei perto de Callum, seus braços me envolveram e ele me puxou contra si. Uma de suas mãos foi para o meu cabelo e ele o acariciou. Senti como se pudesse vomitar todo o meu café da manhã apenas com esse simples gesto.

— Boa aula, Ryen — ele disse, a voz mansa.

Quando seu abraço se tornou insuportável para mim, me esquivei com dificuldade e sorri forçadamente para a minha mãe antes de correr para fora da sala de jantar. Atravessei os corredores e subi as escadas depressa, sentindo a tensão em minhas costas aliviar.

Não consigo aceitá-lo. Não consigo aceitar Callum de jeito nenhum. Meu pai morreu quando eu tinha cinco anos e Raphael tinha acabado de fazer oito. Seu nome era Álvaro Rodríguez e ele adorava participar de rachas de carro, foi assim que ele morreu. Mesmo após virar pai, nunca

deixou de correr. Ele e o pai de Kellan, na verdade. Eles eram amigos de infância.

Me lembro pouco dele, mas tenho memórias o suficiente para saber que era um bom pai. Ele era sócio do pai de Kellan, o melhor amigo do meu irmão. Eram donos da maior empresa de café da Flórida. E desde a sua morte foi mamãe que assumiu os negócios da nossa família.

Quanto a Callum, mamãe o conheceu em um bar. Além de vender estátuas, ele era garçom. Hoje em dia são casados, mas Rapha diz que ele é apenas uma sanguessuga atrás de uma velha para bancá-lo.

Peguei minha mochila no quarto e corri o mais rápido que pude até as escadas. Enquanto descia escutei a buzina soar, sinalizando a impaciência de Kellan e Raphael. Principalmente a de Kellan.

Abri a enorme porta de entrada da mansão e corri até a BMW vermelha de Kellan, vendo a porta de trás se abrir para mim. Entrei no carro e coloquei minha mochila sobre minhas coxas, sentindo minha respiração acelerada pela corrida. Arrumei minha tiara e olhei timidamente na direção dele.

— Por que demorou tanto? — Kellan me olhou pelo retrovisor, a voz grossa e rouca arrepiando os cabelos de minha nuca.

Ele tem o queixo marcado e incríveis olhos azuis que são tão claros que parecem cinzas. O cabelo preto lhe dá um ar de *bad boy* e, cá entre nós, ele tem todas as qualidades podres de um. Ele tem exatamente 1 metro e 89 centímetros de altura, o que me faz pequena perto dele, mesmo com os meus 1 metro e 65 centímetros —, mas sei que ainda vou crescer mais.

Tenho uma queda por ele desde que me conheço por gente. O que começou com uma admiração, aos meus dez anos se tornou uma paixão não correspondida. E agora que estou com quase quinze e ele com dezenove, percebo que tudo não passa de um sonho de consumo distante. Mas isso infelizmente não me faz menos apaixonada.

— Ela esqueceu a mochila e teve que subir pra pegar — Raphael piscou um olho para mim e sorriu. — Apenas se atrasou um pouco.

— Quando é que ela não se atrasa... — Kellan murmurou, com sarcasmo, dando partida no carro. Franzi a testa.

Enquanto ele nos levava para além dos portões de minha mansão, deixei meu corpo se afundar no banco e cruzei meus braços, olhando para fora com uma carranca no rosto.

Esqueci de mencionar que Kellan também é o maior babaca que eu conheço.



*“Então é isso que você realmente quer me dizer?
Você está brincando comigo, dizendo que me apoia, mas ainda me abandona
Me chamando de coisas que não sou, criando uma imagem falsa”*
Melanie Martinez – Fire Drill

Ryen Rodríguez

Movi meus olhos para Kellan, escutando sua conversa com Raphael.

— Pode abrir janela, por favor? — perguntei, os interrompendo.

Kellan me olhou pelo retrovisor e em seguida vi o vidro da BMW descer. Aproximei meu rosto da janela e fechei os olhos ao sentir o vento jogar meus cabelos para trás. Agradei mentalmente por estar usando tiara, do contrário minha franja estaria uma completa bagunça.

— Obrigada — sorri, meus olhos fechados.

— Estou te dizendo, irmão. Aquele filho da puta falou na minha cara que não ganho dele em uma racha — meu irmão disse, e imediatamente abri meus olhos.

O que foi? Rachas ilegais me interessam.

— Como pode um merda daqueles dizer uma verdade dessa? — Kellan provocou meu irmão e eu o olhei, um sorriso mínimo de canto em seus lábios. *Esse é o máximo dele.*

Ele me observou pelo retrovisor, me flagrando com os olhos nele. Rapidamente desviei meu olhar para Raphael, enquanto senti minhas bochechas queimarem. Era sempre assim quando ele me encarava, e eu me sentia uma boba por isso.

— Vai se foder, Kellan — Raphael socou seu braço. — Você sabe que eu sou o melhor daquela pista.

Soltando uma risada sarcástica, Kellan atraiu meu olhar mais uma vez.

— Um dos melhores, você quis dizer — ele sorriu para o meu irmão. — Fica difícil te denominar o melhor quando eu estou em ação.

Assim como nossos pais, Kellan e Raphael participam de corridas de carro. Nunca vi nenhum dos dois correr porque sempre fiquei sabendo dos rachas um dia depois que eles aconteciam. Mas Kellan e meu irmão sempre ganhavam, não importava o oponente.

Porém, ouvi dizer que Kellan e Raphael já competiram um contra o outro, mas deu empate. No fim, não tem como saber qual dos dois é o melhor. Chamam o meu irmão de cachorro louco das pistas, deve ser porque ele dirige que nem um maluco fugindo da polícia.

Raphael agitou a mão, dispensando o que ele disse.

— Claro, claro, se pensar assim faz você se sentir melhor, fazer o quê — disse, com falso desprezo, e sorriu de lado, o piercing prata brilhando em seu lábio inferior. — A questão aqui é que dia dezesseis eu vou limpar o chão com o rabo do McKay.

Ergui minhas sobrancelhas, atenta à conversa.

— Posso ir também? — perguntei, sem pensar.

Nunca fui a um racha, mas morro de vontade. Não fazia a mínima ideia se era igual na franquia de *Velozes e Furiosos*, mas alguma semelhança deveria ter, não é? Queria ir apenas uma vez, e escutar o motor dos carros de perto.

— Não — Kellan disse, a voz indiferente.

O ignorei e olhei para Raphael, sorrindo docemente mesmo que ele não pudesse ver.

— *Hermanito*, posso ir? — Tentei deixar minha voz o mais fofa possível.

Rapha virou a cabeça para me olhar e eu apoiei meu queixo nas mãos, piscando meus cílios para ele, que sorriu.

— Não.

Fiz uma careta, o encarei e cruzei meus braços.

— Por que não? — interroguei, indignada. — Meu aniversário é dia dezessete, você bem que poderia me dar esse presente adiantado.

— Boa tentativa, mas não. Lá não é lugar para você — Ele manteve o sorriso idiota no rosto.

— Como assim não é lugar pra mim?

— Hum... — Rapha esfregou o queixo. — Talvez por que só tenha drogas, bebidas, prostitutas e um monte de gente fodendo pelos cantos? E

claro, porque você só tem catorze anos.

Soltei uma risada debochada.

— Mas você começou a participar de rachas com quinze anos, seu hipócrita! — Apontei um dedo para seu rosto quando Kellan parou o carro no estacionamento do colégio.

— Não nos compare, *hermanita* — Raphael segurou meu dedo e me puxou para frente, apertando meu nariz. — Prefiro arrancar o meu pau fora a deixar que você frequente essas merdas antes dos dezoito. Você tem longos e lindos três anos até lá.

Dei um tapa em sua mão e me afastei, jogando minha mochila sobre meu ombro sem um pinga da elegância que mamãe tanto exigia.

— Adotado! — vociferei, saindo da BMW.

Raphael fez o mesmo e andou na minha direção, pouco se preocupando em arrumar sua gravata frouxa. Mesmo que meu irmão fosse um idiota, eu precisava admitir que o fato de ele ser um completo desalinhado o deixava muito bonito.

— Você tem que aprender a xingar, Ryen — Ele passou o braço por meus ombros de maneira relaxada. — Repete comigo: porra, caralho, buceta, cuzão, arrombado, filho da puta... — Meu irmão parou de falar quando me desvencilhei de seu corpo.

Ergui a cabeça para encará-lo. Embora eu fosse alta, Raphael era uns dez centímetros maior que eu, e uns cinco menor que Kellan.

— Você sabe que eu não falo palavrão, poupe seus esforços — eu disse, arrumando a gravata dele.

Se a inspetora visse isso, lhe daria mais uma advertência. E mamãe e ele terminariam a briga de hoje cedo assim que ele colocasse os pés em casa.

— Na sua idade, eu também não falava — Kellan me provocou, me fazendo franzir o cenho com seu tom.

É óbvio que ele estava mentindo; desde pequeno, Kellan tinha a boca mais suja que um lixão.

— Por que você fala como se fosse muito mais velho que eu, quando na verdade são apenas quatro anos de diferença? — Estreitei meus olhos em sua direção e sorri, desdenhosa. — Devo ceder meu assento para você, vovô?

Kellan arqueou uma sobrancelha.

— Para quem não fala palavrão você tem a língua muito afiada, pirralha — rebateu, debochado.

— Eu não sou pirralha! — me defendi, apertando minhas mãos em punhos.

Vi a sombra de um sorriso no rosto do Kellan, mas ele pareceu afastá-la rapidamente.

— Claro, claro... — Dispensou-me com a mão, olhando para a entrada do colégio ao me ignorar.

Como já devem ter percebido, eu gosto muito de Kellan Royal. E por mais que isso fosse um fato incontestável, eu também o odiava. Bom, às vezes. Mas o sentimento ruim ainda estava ali. Odiava como ele me tratava feito uma criança e, principalmente, como alguém não muito digna de sua atenção.

Segurei firme a alça da minha mochila e me virei, começando a ir para longe deles.

— Idiota... — resmunguei.

— Eu ouvi isso! — Kellan respondeu e eu apertei o passo, arregalando os olhos.

Tinha que controlar a minha língua.

— Essa saia está muito curta, Rylen! — Ouvi Rapha gritar, e por cima do ombro o fuzilei com o olhar, vendo-o sorrir.

Virei o rosto e passei pelo enorme portão, adentrando o colégio ao lado de outros alunos. Curvei meus ombros, um pouco acanhada, como sempre acontecia quando eu colocava os pés nesse lugar. Acho que não é novidade nenhuma o que vou dizer agora, ainda mais para alguém da minha idade, mas eu odeio esse colégio.

Olhei para trás, vendo meu irmão e Kellan a alguns metros de distância, passando pelos portões.

“Pirralha”.

Às vezes eu me perguntava como podia gostar do Kellan mesmo ele se mostrando tão indiferente a minha pessoa. Suas frases eram sempre secas e curtas, embora ele fosse assim com todo mundo. E durante o ocorrido de minutos atrás, ele apenas reforçou o fato de que eu era uma criança para ele. Tudo bem que catorze anos não era tanta coisa, mas eu detestava todo esse ar de superioridade. Quem ele pensava que era para vir com essas piadinhas? Meu irmão mais velho? Corta essa.

Sempre fiz o meu máximo para não demonstrar que gostava dele, mas era completamente rendida por seu sorriso, mesmo que só o visse algumas vezes. Na maioria das ocasiões, Kellan mantinha a expressão de poucos amigos.

Parei na frente da minha sala e ergui a cabeça para enxergar a placa “1ª série A”.

Respirei fundo e arrumei minha tiara, dando uma checada em meu uniforme para ter certeza de que estava tudo no lugar. Entrei na sala de cabeça baixa e as conversas cessaram, algumas risadinhas me acompanhando enquanto me dirigi até minha carteira. Quando me aproximei, parei imediatamente ao ver o que estava escrito em meu assento.

“Esquisita”.

Olhei para o lado e vi Jenna Watson, a linda garota loira e extremamente popular cujo passatempo favorito era fazer com que eu repensasse se foi uma boa ideia ter nascido. Ela e seus amigos infernizavam a minha vida desde que eu tinha nove anos. Sim, ela era bastante esforçada.

Quando tinha essa idade, fiz xixi na sala de aula porque não aguentei esperar até que a outra menina retornasse do banheiro. Tinha bebido bastante refrigerante e me arrependo amargamente disso.

Desde então, eles começaram a me chamar de mijona, como se fizesse parte do meu sobrenome. E não parou por aí; na verdade começou a ficar pior depois que completei treze anos de idade.

Tive que apresentar um trabalho sozinha porque ninguém quis fazer grupo comigo, mas então travei e comecei a gaguejar. Corri para banheiro, tentando me acalmar, mas quando voltei à sala de aula, todos riram de mim. Desde então eu sofro bullying. Embora o meu irmão seja popular e respeitado no colégio, isso não se estende a mim.

Limpei o nome feito com giz e me sentei, pondo a mochila no chão. Retirei o pó branco das minhas mãos e olhei para Jenna, a vendo arquear uma sobrancelha clara como se perguntasse o que estou olhando. Desviei meu olhar e o mantive para baixo, cruzando minhas mãos sobre a mesa. Me amaldiçoei internamente por ser tão medrosa e aceitar isso calada.

Eu deveria contar a alguém, mas quem iria acreditar? O bullying que eu sofria era restrito apenas a sala de aula. Era eu contra vinte alunos.

Olhei para o lado, vendo a prima de Kellan sentada não muito longe de mim. Brianna. Ela ergueu o olhar superior em minha direção, a sobrancelha arqueada.

— O que é? — ela perguntou, jogando o cabelo para o lado.

Brianna era linda. Pele negra, cabelo crespo e preto que chegava até os ombros, lábios carnudos, olhos bonitos e brilhantes, e um corpo magro com pernas longas e cintura fina. Ela era modelo e uma das grandes promessas da moda, mesmo que tenha praticamente a minha idade. Ah, e andava a cavalo como ninguém.

Porém, mesmo com todas essas enormes qualidades exteriores, devia acrescentar que ela era a enorme de uma vaca.

— Nada — devolvi seu olhar hostil.

— E por que está me encarando com essa cara de sonsa? — Me olhou de cima a baixo antes de sorrir falsamente — Quer um autógrafo?

— Não se sinta famosa só porque você tira algumas fotos — bati meus cílios.

Ela arqueou uma sobrancelha bonita e bem desenhada, apoiando o queixo nas mãos com unhas longas e pintadas de branco.

— Sonsa — ela atirou.

Revirei os olhos e me endireitei na carteira quando o professor de Biologia entrou na sala.

Brianna e eu brigávamos desde que nos conhecemos por gente, e sempre saíamos no tapa quando crianças. O motivo eu não sei, mas me lembro que eu odiava a forma como ela dizia que suas bonecas eram melhores do que as minhas.

Desde pequena, ela sempre posou pra marcas de roupa famosas; na verdade, elas brigavam pela menina. E como não? O rosto de Brianna parece ter sido esculpido à mão por Deus. Cada traço dela me deixa morrendo de inveja porque é tudo o que eu morreria para ter. E eu odeio ter que admitir isso.

A aula passou rápido e eu fechei o caderno quando o professor saiu da sala. Estava organizando meu material, até o momento em que minha tiara foi arrancada da minha cabeça. Ergui o rosto, vendo o garoto ruivo e alto de cabelo cacheado entregá-la para Jenna. *Scott*.

— Eca, que brega — Ela segurou minha tiara com a ponta dos dedos, contorcendo o rosto em uma careta. — Mas bom, combina com você. — Ela me olhou, sorrindo.

— Me devolva — mandei, me levantando.

Afastei minha franja para trás, já sentindo ela me incomodar.

— Não — Jenna respondeu, de maneira simples.

O resto da sala riu como se aquilo fosse a coisa mais engraçada do mundo todo, e eu suspirei, caminhando até ela e esticando minha mão para pegar minha tiara. Jenna a jogou para Scott e ele a balançou, pendurada pelo indicador.

— Vem pegar, Ryen... — ele me chamou. — Não vou te morder, não quero que você se mije pelo susto — Sua voz era maldosa e fez todo mundo rir.

Apertei meus punhos e, pelo canto do olho, vi Brianna sair da sala. Embora nós duas brigamos muito, ela nunca fez bullying comigo. Mas também nunca me defendeu, apenas se manteve indiferente a isso. O que me revoltava muito.

Olhei para Scott, que é apenas alguns centímetros maior que eu, e tentei pegar minha tiara. Ele riu antes de segurar minha nuca e beijar meus lábios em um selinho demorado.

Arregalei meus olhos e o empurrei para longe, limpando meus lábios com as costas da mão. O encarei.

— Isso foi muito nojento! — esbravejei, o olhando com repulsa.

O sorriso de Scott se desfez por alguns segundos antes de um mais cruel ainda tomar conta do seu rosto.

— Você deveria ser grata por alguém como eu te beijar, esquisita. Você não é muito atraente — ele disse, e varreu os olhos por meu corpo.

Ok, essa doeu. Mas decidi ignorar isso quando Scott jogou minha tiara para outra pessoa.

— Me devolvam! — exigi.

— Vem pegar — um dos alunos chamou.

Nos momentos seguintes, comecei a ir de um lado para o outro, vendo minha tiara pular de mão em mão como se fosse um brinquedo. Quando ela caiu de volta nas mãos de Jenna, me irritei e a empurrei um pouco para trás.

— Eu não estou brincando, Jenna!

Ela riu, incrédula, parecendo surpresa com minha atitude e com a raiva na minha voz.

— Ficou maluca? — Ela se aproximou de mim e me empurrou de volta. Com força suficiente para que eu caísse sentada em uma cadeira.

Senti algo quente se acumular em minhas coxas e bunda, e me levantei lentamente, temendo que eu tivesse molhado minha saia com água.

— A Ryen menstruou! — Scott gritou, fazendo todo mundo rir.

Olhei para a minha bunda, esticando a saia para ver melhor. Arregalei os olhos ao notar o tecido molhado e passei dois dedos por ele, os observando ficarem vermelhos com o que parecia ser ketchup. *Não.*

— Existe uma coisa chamada absorvente, você conhece, Ryen? — Jenna perguntou, com falsa inocência.

Antes que eu pudesse responder, senti algo ser jogado na parte de trás de minha cabeça e olhei para o chão, vendo um pacotinho de absorvente. No instante seguinte, mais pacotinhos foram jogados em mim, e as risadas apenas aumentaram.

Meu peito subiu e desceu em nervosismo, e me vi correndo para fora da sala o mais rápido que pude. Eu só queria estudar em paz.

No corredor, os estudantes apontaram e cochicharam enquanto passei correndo por eles. Sempre passei despercebida, nunca riram de mim. O bullying que eu sofro é restrito a minha sala, pois ninguém quer que outras pessoas fiquem sabendo. Ou melhor, que meu irmão saiba.

Mas agora era diferente, e era horrível ter que lidar com toda essa atenção.

Quando entrei em um corredor, trombei com algo duro e firme, e dei alguns passos para trás.

— Desculpe — pedi, fazendo menção de voltar a correr.

Porém, antes que eu o fizesse, uma mão se fechou em torno do meu braço, me mantendo no lugar. De cabeça baixa, franzi o cenho e tentei sair do aperto da pessoa inconveniente.

— Para onde vai? — A voz grave e rouca atingiu meus ouvidos.

Rapidamente ergui o rosto, encontrando olhos azuis, mais frios do que qualquer geleira. *Kellan.*

— Vestiário feminino... — murmurei, com a voz baixa, o evitando. — Pode soltar meu braço, por favor? — perguntei, sentindo olhares em nós.

Por que Kellan tinha que aparecer justo agora e logo nessas circunstâncias?

— Por que está com tanta pressa? — Kellan perguntou.

— Por favor, solta o meu braço... — eu praticamente implorei, tentando me desvencilhar, mas ele não cedeu.

Kellan desceu os olhos para o meu corpo no exato momento em que senti um filete de ketchup escorrer pela minha coxa até a lateral de meu joelho. Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você acabou de...? — Ele deixou a pergunta morrer no ar.

Tive vontade de dizer que não. Que foi uma brincadeira de mau gosto dos meus colegas de turma. Que eu sofro bullying todos os dias e ninguém sabe. Mas se eu abrisse a boca, Kellan diria tudo a Raphael, e meu irmão iria aterrorizar meus colegas. Ele bateria nos garotos e talvez até tomasse uma expulsão.

Seu histórico escolar não é muito bonito de se ver, e ele já está no vermelho. Fora que nossa mãe o mataria.

— Sim — menti, sentindo minhas bochechas corarem. *Deus, quero morrer.*

Kellan assentiu com a cabeça e soltou meu braço.

— Amarra o blazer ao redor da cintura, vou te levar até o banheiro — ele disse, dando um passo para trás.

Assenti e fiz menção de tirar meu blazer, foi quando vi os braços de Kellan envolverem a minha cintura. Rapidamente preendi a respiração enquanto ele amarrava seu próprio blazer ao redor de meu quadril, cobrindo perfeitamente minha saia, chegando até meus joelhos.

Me permiti respirar apenas quando Kellan se afastou de mim. Ele nunca tinha chegado tão perto.

— Anda na minha frente, estou logo atrás — falou e eu assenti.

Com minhas pernas bambas, comecei a caminhar rápido, e vi os alunos o olharem e abaixarem suas cabeças enquanto passávamos por eles. Nenhuma risadinha, nenhum comentário maldoso. É esse respeito que eu receberia se fosse tão confiante quanto Kellan e o meu irmão?

— Continue andando, não abaixe a cabeça — disse, logo atrás de mim.

Cravei minhas unhas nas palmas das minhas mãos e mordi meu lábio, contendo a vontade de fazer o contrário do que ele indicou. Por que isso tem que ser tão difícil?

Quando avistei o vestiário feminino, apressei meus passos e lentamente me virei para Kellan. Ele estava com as mãos nos bolsos e seu cabelo levemente bagunçado. Sua gravata estava um pouco frouxa, ao contrário da minha, que estava impecável até demais. Retirei seu blazer, notando a enorme mancha escura que ficou.

— Me desculpa por ter sujado sua roupa, eu vou lavar — eu disse, olhando por baixo dos cílios.

— Não precisa — ele respondeu, tomando o blazer de minhas mãos. — Tenho outro no meu armário.

— Ah, é claro... — Abaixei o rosto, pondo uma mecha do meu cabelo preto atrás da orelha.

— Onde está sua tiara?

Olhei para ele. *Pensa, Ryen, pensa.*

— Na correria acabei deixando em cima da minha mesa — respondi a primeira coisa que me veio à mente.

Kellan estreitou os olhos em minha direção, analisando meu rosto.

— Você está mentindo — ele acusou.

Sabendo que se ele pressionasse mais um pouco eu daria com a língua nos dentes, abri a porta do vestiário feminino e me joguei para dentro.

— Obrigada pela ajuda! — eu agradei, antes de fechar a porta na cara dele.

Suspirei aliviada e caminhei até meu armário, digitando minha combinação. Se Kellan continuasse insistindo, eu contaria a ele que pegaram minha tiara. Mas não vou dizer nada, não quero ser pra sempre a garotinha que precisa ser protegida. Raphael sempre batia nos meninos que implicavam comigo e assustava as meninas que me irritavam. Não posso continuar dependendo dele.

Peguei alguns lenços umedecidos e andei até a pia, jogando um pouco de água em minhas pernas para lavar o ketchup. Me sequei e, em seguida, passei mais alguns lenços umedecidos para não ficar cheiro. Tirei uma saia reserva e uma calcinha extra que estavam em meu armário, trocando a roupa suja pela nova e a colocando em uma sacola.

Abri a porta do vestiário e saí, começando a andar pelos corredores — agora vazios, e me senti aliviada por não ter ninguém para olhar para mim. Quando fiz uma curva esbarrei em alguém e olhei para frente, me perguntando se aquilo já estava virando costume.

— Porra, olha por onde anda! — Brianna resmungou, me fazendo dar um passo para trás.

— Você que esbarrou em mim — Coloquei as mãos na cintura. — De onde está vindo?

Ela cruzou os braços, me olhando com indiferença e um ar de superioridade que só ela tem. *Metida.*

— Vim checar se o professor de Artes vai liberar as notas das provas nessa semana — Ela indicou a porta atrás dela onde havia uma placa que dizia “Sala de Artes”.

Sorri.

— Veio subornar ele por uma nota? — debochei.

Brianna arqueou uma sobrancelha.

— Ridícula — murmurou ao passar por mim, esbarrando em meu ombro.

Fiz uma careta de dor e a assisti esbarrar em Chistian Yun, um dos alunos bolsistas asiáticos do nosso colégio.

— Merda, todo mundo é cego nessa escola? — Brianna perguntou, entre dentes.

Christian tirou o cigarro dos lábios e a olhou de cima a baixo, sem muito ânimo.

— Sinto muito, vossa alteza! — disse, com desdém, fazendo uma reverência exagerada.

Ela o olhou com desprezo, parecendo pôr pra fora todo sentimento ruim que tinha em relação ao garoto.

— Viciado de merda — disse, e logo após se virou e foi embora.

O vi colocar o cigarro na boca novamente e olhei para o início do corredor, percebendo a inspetora aparecer.

— Melhor se livrar desse cigarro se não quiser se encrencar — eu disse, e ele olhou para a mulher, parecendo se dar conta do que eu estava falando.

Ele deu uma longa tragada antes de jogar o cigarro no chão do colégio e pisar nele; em seguida o lançou pela janela mais próxima.

— Valeu pelo conselho — ele disse, enquanto passava por mim.

Enruguei meu nariz com o cheiro de cigarro ainda persistente no corredor. Eu, de fato, nunca entenderei o motivo de as pessoas usarem essas coisas.



Abri a porta do meu quarto e a tranquei, jogando minha mochila no chão. Tirei meu uniforme e meus sapatos, e apenas de sutiã e calcinha andei até o meu banheiro, querendo tomar um banho para relaxar.

Prendi meu cabelo em um coque e entrei debaixo do chuveiro, deixando a água levar todas as frustrações deste dia ruim e exaustivo.

Desliguei o chuveiro e passei meu sabonete líquido de morango pelo corpo, em seguida me enxaguei e me enrolei no meu roupão. Ao sair do banheiro, vesti meu short rosa de pijama e uma regata branca fresquinha, mantendo meu cabelo em um coque.

Me joguei em minha cama após ligar o ar-condicionado e bocejei, cansada.

Minha mente me levou para Kellan, e sorri ao lembrar de como ele foi fofo me emprestando seu blazer, embora eu já tivesse o meu. Ainda sinto seus braços em minha cintura, e mesmo que ele não tenha me tocado diretamente, ele estava tão perto que pude sentir o quanto ele é cheiroso.

Antes que eu pudesse me dar conta, adormeci, com um sorriso nos lábios e meus pensamentos num garoto quatro anos mais velho. Eu sou patética.

Acordei algum tempo depois quando senti uma mão em minha coxa; imediatamente fiquei tensa. Não precisei me virar para descobrir quem era. Eu sabia muito bem. Era *ele*.

A mão de Callum subiu para a minha bunda e eu mantive meus olhos fechados, os apertando com força. Meu coração estava batendo forte em meu peito e minha vontade era gritar para que ele parasse. Mas nunca consigo, minha voz sempre some.

Seu toque deslizou para a parte interna de minhas coxas e eu preendi a respiração quando senti seu hálito contra o meu pescoço e, em seguida, um beijo molhado sendo depositado *lá*.

Um mês depois que Callum se casou com minha mãe, ele passou a invadir meu quarto todas as noites. Na primeira vez que ele me tocou enquanto eu dormia eu senti, mas pensei que estava sonhando. Contudo, quando isso passou a se repetir eu percebi que era mais do que real. Ainda assim não deixava de ser um pesadelo.

Ele sempre me olhou com maldade, e mesmo que eu tenha apenas catorze anos, percebia isso. Porém, nunca pensei que ele chegaria a tanto. Mesmo que eu tranque a porta para que ele não entre, ele dá um jeito de fazê-lo.

As pontas dos dedos de Callum tocaram a minha parte mais íntima por cima do pijama e eu me desesperei. Ele nunca chegou tão longe. Fingi um bocejo e puxei minhas pernas para meu peito, impedindo que ele continuasse me tocando. Senti Callum afastar sua mão e sei que ele sabia que eu estava acordada. Ele sempre sabia. Mas não se importava.

Durante três meses ele mostrou que não dava a mínima.

Puxei meu edredom até meu pescoço e me mantive de costas para ele, me forçando a manter a calma. Callum se levantou de minha cama e, em seguida, ouvi a porta do meu quarto bater, me fazendo, enfim, abrir os olhos. Me sentei na cama, meus olhos se enchendo de lágrimas.

Quando eu era mais nova não acreditava em monstros, mas agora, com catorze anos, comecei a acreditar neles, principalmente quando um em especial passou a entrar pela porta do meu quarto todas as noites.



*“Se eu estivesse morrendo de joelhos,
você seria o único a me salvar
E se você estivesse se afogando no mar,
eu te daria os meus pulmões, assim, você poderia respirar”*
Kodaline – Brother

Ryen Rodríguez

Vendo meu short de lycra subir um pouco mais, descansei meu quadril no chão, forçando o espacate e sentindo meus músculos totalmente flexíveis e relaxados. Com as pernas abertas, curvei minhas costas para frente e apoiei meu queixo em meus antebraços quando os cruzei no chão.

Dei uma checada na sala de dança vi a professora Carter ajudar uma garota em seu alongamento. Estiquei meus braços e encostei minha testa no chão, relaxando minha coluna.

Eu fazia dança contemporânea desde os meus oito anos. Mamãe me colocou no balé quando eu tinha quatro, mas nunca gostei. Toda aquela calma e os passos perfeitos e certinhos me deixavam irritada. Certo dia eu estava passando pela sala de dança de outra turma e vi os movimentos livres que outras garotas faziam. Como pareciam felizes enquanto davam saltos e giros. Para mim, não se parecia em nada com o balé.

Então, de tanto eu implorar, mamãe me matriculou na aula de dança contemporânea. Foi um pouco fácil para mim porque eu já era muito flexível, graças ao balé, mas tive que aprender a ganhar força nos braços e nas pernas, e a fazer todo tipo de salto também. Me arrisco a dizer que sei fazer tantas acrobacias quanto uma ginasta.

Mas mesmo que às vezes eu me machucasse, a forma como me sentia livre enquanto dançava compensava tudo. Era a maneira que eu

encontrava de pôr tudo que eu sentia para fora. Eu gritava sem nem mesmo abrir a boca e usar a voz.

A professora Carter, que deveria ter uns quarenta anos, saiu de perto da garota a qual estava ajudando e parou no centro da sala.

— Certo, meninas, chega de alongamento — ela falou, segurando sua prancheta.

Endireitei minha coluna e fechei minhas pernas, me levantando. Arrumei meu top preto de alças grossas e desci um pouco meu short. Odeio o fato de ele ficar subindo, tudo porque minhas coxas são excessivamente grossas.

— Vou pôr a música e quero ver o que cada uma consegue fazer sem uma coreografia em mente — Professora Carter disse, e nós caminhamos até a caixa de som. — Sejam criativas, deixem o sentimento falar mais alto — completou, olhando para cada uma de nós.

Quase ri. Se eu deixasse meu sentimento falar mais alto enquanto danço, ficaríamos aqui por longas horas sem parar.

— Jenna, você primeiro — a mulher avisou, olhando para ela, que estava atrás de mim.

Pelo canto do olho vi Jenna parar ao meu lado e amarrar o cabelo claro e liso em um rabo de cavalo no topo de sua cabeça.

— Mantenha sua bunda gorda em mim, Ryen — ela disse, mas permaneci com meus olhos na professora. — Assim, você aprende como se dança bem — provocou, antes de ir até o centro da enorme sala.

Minhas aulas de dança eram o meu refúgio, mas só até Jenna Watson trocar de academia e vir parar justamente aqui. Faz mais ou menos um ano que isso aconteceu.

Antes dela, todas as minhas colegas conversavam comigo normalmente, mas depois que Jenna começou a espalhar os boatos mais absurdos sobre mim, elas pararam de falar comigo. Ela até inventou que eu já tinha a assediado no banheiro do nosso colégio.

Nunca vou entender o motivo de ela me tratar assim, mas com certeza ela deve passar por problemas familiares em casa. É a única explicação lógica para isso.

A professora colocou uma música aleatória para tocar e Jenna começou a dançar. Seus braços se moviam de maneira graciosa, as pernas do mesmo jeito. O cabelo loiro balançava de acordo com seus movimentos

e ela pareceria um anjo se não gostasse tanto de fazer da minha vida um verdadeiro inferno.

Ela estava muito mais perto de ser uma mensageira de satanás do que uma figura divina.

— Ótimo! Parabéns, Jenna! — Professora Carter disse, olhando para ela. — Mas tente se entregar mais, está tudo muito automático — alertou, e Jenna arqueou a sobrancelha. — Agora você, Ryen.

Jenna saiu do centro da sala e voltou ao seu lugar. Quando passou por mim deu um pulo para o lado, como se eu fosse contagiosa. As garotas riram e eu respirei fundo enquanto caminhei até o centro da sala. A mesma música começou a tocar e eu me desliguei do resto do mundo.

No instante seguinte, deixei meu corpo se envolver pelo som e era como se o resto da sala tivesse sumido. A mobília, as pessoas e até a música. Restavam apenas o turbilhão de sentimentos que tenho guardado ao longo desses meses e os meus movimentos. Eu era pura sintonia enquanto dava uma pirueta, então outra, e mais outra.

O suor fez com que minhas roupas grudassem na minha pele e eu senti meu coque ficar frouxo, mas não me importei. Queria apenas colocar tudo pra fora, tudo o que não conseguia dizer com palavras. Queria que minha mãe tirasse aquele homem da nossa casa. Queria que o bullying na escola acabasse. Queria que Raphael não se metesse em tanta confusão.

Parei de dançar quando a professora desligou a música, e eu tentei recuperar o fôlego, meu peito subindo e descendo acelerado. Ergui os olhos para as alunas, vendo Jenna e algumas meninas cochicharem entre si. As ignorei e olhei na direção da professora, foi quando escutei o som de palmas.

— Parabéns, Ryen, é disso que eu estou falando! — Ela sorriu para mim e olhou para as outras garotas. — Vocês conseguem fazer desse jeito? — perguntou.

Os próximos minutos se passaram com mais e mais apresentações, seguidas por sermões e mais sermões. Quando a aula acabou, reuni minhas coisas e vesti uma calça de moletom cinza folgada, jogando minha mochila nas costas. Jenna passou por mim e esbarrou em meu ombro, me fazendo dar alguns passos falhos para o lado. Ela e as alunas riram e eu respirei fundo. Estou cansada.

— Ryen, quero falar com você — A professora me fez parar de andar.

Caminhei em sua direção.

— Algum problema? — perguntei, agarrando a alça da minha mochila.

— Na verdade, não é bem um problema — ela disse, e sorriu para mim. — Eu amei a sua dança, você está de parabéns.

Meu peito se encheu de felicidade e um sorriso se abriu em meus lábios.

— Obri-...

— Você poderia perder alguns quilinhos?

O sorriso morreu em meu rosto e eu franzi o cenho com a pergunta que me pegou desprevenida. E não acho que seja no bom sentido. Na verdade, tenho certeza.

— Perder alguns quilos? Por quê? — perguntei, dando um passo para trás.

— Embora sua técnica seja perfeita, seus quadris são um pouco largos demais — ela falou, examinando meu corpo. — Suas pernas são muito grossas e seu bumbum está ganhando muita forma, sabe? — Seus olhos em meu corpo me fizeram querer cobri-lo.

Cerrei os punhos com força e mantive meus olhos nela. De fato, meus quadris são um pouco mais largos do que os das outras alunas, e minhas pernas são grossas e definidas. Minha cintura é fina, mas nem tanto. E minha bunda tem um pouco de... volume?

Mas ainda assim não quero perder peso, gosto do meu corpo assim.

Encarei a professora.

— Minhas coxas são grossas por causa da minha genética, e meu bumbum é grande pelo mesmo motivo — respondi. — Quanto ao meu quadril, sinto muito, mas não posso modificar minha estrutura óssea.

— Não me leve a mal, Ryen. É apenas um conselho — Ela pôs a mão em meu ombro. — Embora você seja minha aluna mais talentosa, seus movimentos são um pouco pesados. Tente emagrecer, talvez isso ajude.

Observei seu rosto com atenção, vendo algumas rugas nos cantos de seus olhos. *Perder alguns quilos? Realmente era necessário?*

Sem conseguir negar, me vi assentindo. Talvez isso deixasse meus movimentos mais leves.

— Tudo bem.

A mulher sorriu de maneira animada e deu tapinhas no meu braço.

— Ótimo, eu sabia que você entenderia — ela disse. — Agora pode ir, querida.

Lhe dei as costas e comecei a andar em direção a porta da sala, pensando nas coisas que eu deixaria de comer para perder peso. Era tudo pelo meu bem, e uns quilinhos a menos não matariam ninguém. *Não é?*



Entrei pela enorme porta da minha mansão e encontrei mamãe sentada no sofá. Ela estava lixando as unhas das mãos enquanto suas pernas estavam cruzadas, vestindo uma saia preta colocada. Seu cabelo escuro estava solto e jogado para trás, uma blusa fina de alcinha agarrada a sua cintura.

Raphael e eu temos várias semelhanças com nossa mãe. Ela era americana e possuía lindos olhos azuis. Entre meu irmão e eu, Rapha era o que mais se parecia com ela, embora ele não tivesse a cor de suas íris — e muito menos eu. Fora isso, ele era a cópia fiel da nossa mãe.

Meu irmão tinha olhos castanhos e marcantes, e um cabelo escuro como a noite, totalmente rebelde, que chegava um pouco abaixo do queixo. Quando ele sorria, uma única covinha aparecia em sua bochecha direita.

E eu? Bom, meu cabelo chegava até minha cintura e também era preto feito a noite. Meus olhos eram um pouco mais claros que os de Raphael, puxados para um tom avelã. E diferente dele, eu não tinha covinha ao sorrir. Na verdade, não tinha nada que chamasse a atenção.

Raphael apareceu no topo da escada vestindo uma calça de moletom, sem camisa — como sempre — e com o cabelo bagunçado. Porém, metade dos fios estavam amarrados para trás.

— Me espera aqui, pirralha — ele mandou, voltando a desaparecer.

Franzi o cenho e dei de ombros, andando até minha mãe e atraindo seu olhar para mim. Joguei minha mochila em uma poltrona e me sentei ao lado dela.

— Como foi a aula de dança, amor? — Mamãe sorriu para mim, passando os dedos pelo meu coque.

— Foi boa — eu disse, não querendo entrar em detalhes.

O plano sobre como eu faria para perder peso ainda revirava minha mente. E se eu ficasse sem comer e só fizesse uma refeição por dia? Será que ajudaria?

— Está pensativa. Aconteceu algo? — Mamãe disse, e me tirou dos meus devaneios.

Neguei com a cabeça e sorri.

— Não, apenas lembrei que tirei dez na prova de Matemática — menti, mas não sobre a nota.

Minha mãe abriu um sorriso largo.

— Queria que seu irmão fosse como você — Ela revirou os olhos, voltando sua atenção para as unhas.

Meu sorriso se desmanchou. Odeio quando ela faz isso.

— Mamãe, não seja tão má com o Rapha — Peguei sua mão, a obrigando a parar o que estava fazendo. — Ele pode dar trabalho no colégio, mas isso não o define.

Talvez meu irmão seja meio problemático mesmo, mas é a pessoa que mais amo no mundo. Além de ser carinhoso, engraçado e corajoso. E sei que ele é inteligente, apenas não se importa com os estudos como deveria.

— Define sim — Mamãe afastou minha mão. — Ele está virando um vagabundo, um rebelde. É até mesmo uma má influência para você.

Arregalei os olhos diante da acidez de suas palavras. Ela fala do meu irmão com tanto desprezo...

— Não se preocupe, mamãe. Vou garantir que a Ryen não se transforme em um Raphael 2.0.

Escutei a voz do meu irmão e olhamos juntas em sua direção, o vendo descer as escadas enquanto segurava uma caixa e mantinha um cigarro nos lábios.

— O que eu já falei sobre fumar aqui dentro? — Nossa mãe se levantou do sofá, olhando para Rapha de maneira séria.

— Sei lá, parei de escutar assim que você abriu a boca — meu irmão debochou quando desceu o último degrau da escada.

Engasguei ao escutar isso e olhei para nossa mãe, vendo seus dedos se apertarem ao redor da lixa de unha.

— Você está cada vez mais rebelde! — ela disse, irritada, o encarando.

Meu irmão andou até uma poltrona e colocou a caixa sobre a mesma. Foi então que notei cinco buraquinhos nela.

— O jeito vai ser me pôr em um colégio interno e esperar que eu forme uma banda — Ele apertou o cigarro entre os dedos e soprou a fumaça.

Segurei a risada que quis escapar de mim e cobri minha boca com as duas mãos, tentando controlá-la. *Não ri, não ri.*

Nossa mãe soltou um gritinho de raiva e começou a andar rápido, subindo as escadas praticamente correndo. A assisti sumir e dirigi meu olhar para Rapha, o vendo passar os dedos pelo cabelo castanho-escuro bagunçado.

Coloquei as mãos na cintura.

— Você adora provocar ela.

— É amor reprimido, *hermanita* — Ele piscou para mim, a fumaça saindo por entre seus lábios.

Ergui uma sobrancelha.

— Posso provar?

Rapha me encarou, e ao ver meus olhos no cigarro, arqueou uma sobrancelha, me olhando como se eu fosse louca.

— Se quiser que eu te jogue de uma ponte, sim — Ele deu de ombros.

Cruzei os braços.

— Eu não tenho medo de altura, Rapha — Sorri de lado e também arqueei uma sobrancelha. — E você, além de fumar cigarro, fuma maconha e usa outras drogas. Meio que não tem muita moral.

Meu irmão sorriu em deboche, revelando a covinha direita, e andou na minha direção, agarrando meu nariz entre os dedos quando parou diante de mim.

— Escuta aqui, pirralha — Ele me olhou. — O dia em que eu te deixar usar uma dessas merdas, vai ser o dia em que vou chupar o pau do Callum e chamá-lo de “papai” — desdenhou.

— Hipócrita — bufei e apontei o dedo na cara dele.

— Eu sou eu, porra — ele disse, e me segurou pelos ombros de maneira gentil. — Prometa para mim que mesmo que a sua vida esteja a pior merda, você nunca vai pôr um cigarro na boca.

Ergui as sobrancelhas.

— E aspirar droga pelo nariz, pode?

Raphael soltou um grunhido e deu uma longa tragada em seu cigarro.

— Você acredita mesmo que eu acho o cheiro dessa porra agradável? — Ele soprou a fumaça em meu rosto e eu fiz uma careta, começando a tossir. — Achou cheiroso?

Enruguei o nariz e dei um passo para trás.

— Nem um pouco, você cheira a frango queimado — neguei.

— Então promete pra mim — ele pediu, agarrando meus ombros com mais firmeza, o piercing brilhando em seu lábio.

O cheiro do cigarro era tão ruim que cobri o nariz.

— Eu prometo — assenti várias vezes.

Ele me soltou e deu um passo para trás. Enfiou a mão esquerda no bolso de sua calça de moletom e segurou o cigarro entre os dedos da direita.

— Ótimo — ele disse, e indicou a enorme caixa com o queixo. — Trouxe o seu presente de aniversário.

Franzi o cenho e andei até a caixa.

— Mas meu aniversário ainda é daqui a três dias.

— Não me responde, só abre — Rapha mandou.

Ignorando o cheiro forte, abri a caixa e arregalei os olhos. Um gritinho de empolgação escapou dos meus lábios e olhei para Raphael.

— Eu não acredito! — gritei, tirando um filhote de cachorro de dentro da caixa.

Ele cutucou meu nariz com o pequeno focinho molhado e eu sorri. Seu pelo curto era preto e suas orelhas grandes e caídas.

— Sabia que ia gostar — Raphael sorriu.

— Qual a raça dele ou dela? — perguntei, observando o filhote.

— É um doberman. Tem apenas dois meses de vida e é um macho.

Ri alto e, com cuidado por estar segurando o filhote, corri até meu irmão. Envolvei seu pescoço com meu braço livre e o apertei forte.

— Merda, Ryen, você vai se queimar com o cigarro! — Rapha disse, esticando o braço para longe.

— Obrigada, *hermanito*, eu amei! — Eu sorri, eufórica. — Melhor presente do mundo todo!

Com seu braço livre, Raphael se enroscou em minha cintura e devolveu o abraço.

— Prova isso fazendo minhas atividades do colégio — ele disse em meu ouvido.

O belisquei bem em cima da tatuagem de aranha que ele tinha na costela e me afastei, o vendo com uma expressão de dor.

— Palhaço — resmunguei e olhei para o filhote. — Como ele vai se chamar?

— Sei lá, o cachorro é seu — Rapha deu de ombros.

Eu o fuzilei com o olhar.

— É sério, me ajude com o nome. Não consigo pensar em nada — pedi, beijando a cabecinha do filhote.

Raphael encarou o cachorrinho e jogou o cigarro no chão, pisando em cima. Mamãe vai matá-lo, mas estou feliz demais com meu novo filho para pedir que ele apanhe.

— Hum... — Ele inclinou a cabeça para a esquerda. — Que tal “Killer”?

Fiz uma careta.

— Assassino em inglês? — perguntei. — Não combina, ele é fofinho.

— É um doberman, Ryen. Comprei ele para te proteger. Ele nasceu pra isso, tem uma das mordidas mais fortes do mundo.

Arregalei os olhos.

— Caramba, então Killer combina muito com ele! — Sorri, admirada.

Meu irmão sorriu e mexeu no bolso direito de sua calça de moletom, tirando de lá o que parecia ser um canivete.

— Isso também faz parte do seu presente — Esticou o objeto na minha direção.

Peguei o presente com a mão livre.

— Por que você está me dando um canivete? Está formando uma gangue e quer que eu entre nela? — fiz cara de espanto, fingindo estar assustada.

Rapha riu e revirou os olhos.

— Isso também é para proteção.

Encarei o canivete, vendo um pequeno “R” gravado na parte vermelha.

— Isso é seu? — Olhei para meu irmão.

— Era — ele me respondeu, e sorriu antes de beliscar meu nariz. — Agora é seu.

Sorri e dei um beijo em sua bochecha.

— Obrigada! Você arrasou nos presentes esse ano, eu amei!

— E tem que amar mesmo, gastei a porra da minha mesada inteira nesse cachorro — resmungou. — Mas você merece algo legal, não é todo dia que se faz quinze anos.

Ignorei a última parte e foquei na que mais me revoltou.

— Não fala assim do seu sobrinho — Apertei o cachorro contra mim delicadamente.

Ele sorriu e olhou ao redor, como se quisesse se certificar de que estávamos sozinhos. Então abaixou a cabeça, um fio castanho caindo sobre seus olhos.

— Eu tenho que te apresentar a alguém.

— Uma garota ou um garoto? — Sorri maliciosamente.

Rapha piscou, surpreso.

— Como... Como você sabe? — ele perguntou, chocado.

Eu ri baixinho.

— Te vi beijando um garoto ano passado.

No início, fiquei surpresa. Pensava que Rapha gostava apenas de garotas. Mas não achei estranho, só chocante. Ele nunca tinha conversado comigo sobre isso, então preferi não dizer nada e esperei que ele me contasse.

Rapha franziu o cenho.

— E tudo bem pra você?

— Por que não estaria? O que isso muda?

Sorrindo de lado, Rapha bagunçou meu cabelo, algo brilhava em seus olhos. Meu palpite é que talvez aquilo fosse alívio por não precisar mais se esconder de mim.

— Pelo visto, você está crescendo mesmo.

Afastei sua mão para preservar o que restava do meu coque.

— Só você e Kellan que não veem isso — Ergui as sobrancelhas. — Mas então, você é bi?

— Não gosto de me rotular — ele respondeu, dando de ombros. — Eu gosto de pessoas.

Assenti com a cabeça.

— Mas me diz, é cunhadinho ou cunhadinha? — perguntei — Quem amarrou meu *hermanito*?

Raphael contorceu o rosto em uma careta, me deu as costas e começou a subir as escadas com as mãos nos bolsos, claramente se

recusando a me responder. Suas costas se moveram com a ação e eu desviei meu olhar para Killer, que tentava lamber minha bochecha.

Sorri e peguei minha mochila, subindo para meu quarto com meus presentes de aniversário.



Vesti uma calça de pijama repleta de corações, uma regata branca, e trançei meu cabelo para que ele não embaraçasse enquanto eu durmo. Saí da frente do espelho quando terminei e olhei para Killer, deitado em um dos meus travesseiros, descansando tranquilo. Brincamos até ele adormecer, e embora eu já tenha providenciado uma caminha para ele, não quis colocá-lo nela. Só hoje, vamos dormir juntos.

Andei até minha penteadeira na intenção de ver a hora em meu celular e arregalei os olhos. Já era meia-noite! O tempo passou como um foguete enquanto eu brincava com Killer. O pior é que eu sabia que é sempre depois desse horário que *ele* invade meu quarto. E mesmo que eu tranque a porta, sei que ele vai conseguir entrar, é sempre assim. Mas hoje seria diferente.

Peguei a cama de Killer do chão e corri até ele, o segurando com cuidado e o pondo sobre a mesma. Abri a porta do meu quarto enquanto olhava para meu filhote e a fechei cuidadosamente. Quando me virei, dei de cara com um peito largo, vestido com uma regata preta. Meu sangue gelou e abaixei a cabeça, apertando meus dedos ao redor da cama de Killer.

— Para onde está indo, Ryen? — Callum perguntou, a voz grossa me dando arrepios. — Já está tarde.

Me forcei a dar um passo para trás, porém meus pés não se moveram.

— Estou indo dormir com meu irmão — respondi, minha voz baixa. *Ele ia entrar no meu quarto. Tenho certeza disso.*

— Quem te deu esse cachorro? — Callum perguntou.

— Meu irmão.

Prendi a respiração quando a enorme mão de Callum acariciou minha cabeça e ergui o rosto para ele, o vendo sorrir para mim. Seu olhar esverdeado desceu para meus seios e me arrependi amargamente de não ter

vestido um sutiã. Há três meses eu perdi a liberdade de dormir do jeito que eu quero, mesmo que eu tranque a porta do meu quarto.

Tornei a abaixar a cabeça e apertei a caminha de Killer na altura de meus seios, os cobrindo.

— Por que não me disse que queria um cachorro? — Callum acariciou minha orelha e eu me contorci, desconfortável, me sentindo enjoada. — Eu teria comprado para você.

Com o dinheiro da minha mãe.

— Não precisa, muito obrigada — Dei um passo para trás, finalmente conseguindo me afastar de seu toque.

Ele nunca tinha encostado em mim enquanto estou acordada.

— É melhor você dormir no seu quarto — A voz de Callum saiu como um comando e eu engoli em seco.

Não. Você vai esperar que eu durma, e então vai invadir meu quarto. Vai tocar em lugares que nem mesmo eu já toquei. Naquele dia sua mão ia para a região entre minhas pernas, e eu não sou burra, sei muito bem o que você iria fazer lá.

— Não quero — sussurrei, com a voz falha, trêmula.

Ele deu um passo em minha direção, é tão assustador.

— Eu disse que é melhor...

Desviei de Callum e corri para o quarto do meu irmão, apertando Killer contra meu corpo. Meu coração bateu rápido dentro do peito e me recusei a olhar para trás. Consigo muito bem sentir os olhos dele em mim enquanto corro.

Abri a porta do quarto de Rapha e a fechei, apoiando minhas costas sobre ela. Respirei fundo para me acalmar e olhei para Killer, ainda dormindo sereno, nada mais do que uma bolinha preta na almofada amarela.

— Ryen...? — A voz grogue de Raphael atingiu meus ouvidos e eu olhei para ele.

O cabelo do meu irmão estava bagunçado e seu rosto tinha marcas de sono. Ele estava sem camisa e a corrente de prata pendurada em seu pescoço reluzia na pouca luz do quarto.

— Posso dormir com você? — perguntei, caminhando até o pé de sua enorme cama.

Raphael franziu o cenho.

— Por quê?

— Vi uma aranha no meu quarto — respondi a primeira coisa que me veio à mente.

Eu tenho fobia de aranhas, morro de medo, não importa o tamanho delas. Então sabia que meu irmão não iria me questionar.

— Vem, pirralha — ele me chamou, bocejando e batendo a mão no espaço vazio ao seu lado.

Coloquei Killer no chão e andei até a cama, tirando minhas pantufas rosas e subindo no colchão. Virei de costas para Rapha e senti ele me abraçar por trás e me puxar contra seu corpo, enfiando o rosto no meu cabelo.

— Que fedor — ele murmurou.

Lhe dei uma cotovelada.

— Cala a boca, idiota.

Ele riu e me apertou ainda mais, o que me deu uma sensação de proteção. Olhei para a porta, pensando se Callum teria a coragem de passar por ali também. Se seria capaz de me tocar mesmo com o meu irmão logo atrás de mim. Me encolhi.

— Raphael? — o chamei.

— Hum...? — ele murmurou, de maneira arrastada.

Umedeci meus lábios ressecados.

— Tenho uma amiga que, bom, ela vem sendo importunada pelo tio “daquele jeito”, sabe? E dentro da casa dela — comecei, nervosa. — O que ela deveria fazer?

— Matar ele.

— Ele tem o dobro do tamanho dela.

— Então ela tem que mandar matar ele — Raphael respondeu.

Engoli em seco.

— Nem sempre a morte resolve tudo — eu disse.

— Nesse caso, resolve sim. — Sua voz agora era fria. — Pedófilos e abusadores merecem a morte, Ryen.

Mordi meu lábio com força, lutando para manter a pergunta apenas para mim. Mas não consegui me conter.

— O que você faria se isso estivesse acontecendo comigo? — perguntei lentamente, minha voz baixa.

— Eu mataria o filho da puta.

Tornei a morder meu lábio, dessa vez com mais força.

— Você seria preso.

Sinto Rapha colar seu queixo na parte de trás da minha cabeça.

— Eu iria para a prisão contente, Ryen. A satisfação de saber que o desgraçado que te fez mal está morto me faria ver a cadeia como um retiro de férias.

Procurei sua mão, que estava na lateral do meu corpo, e a apertei.

— Você acabaria com sua vida se fizesse isso — sussurrei.

Rapha riu, mas era uma risada sem humor.

— Você é a pessoa que mais amo no mundo, Ryen. O pontinho de luz da minha vida, a única parte boa e pura que consegui preservar — Rapha me apertou contra si. — Se você estivesse se afogando no mar, eu te daria meus pulmões, assim você poderia respirar — ele completou, e beijou meus cabelos.

Me senti angustiada e uma lágrima grossa desceu por minha bochecha.

— Eu também te amo muito, Rapha — Mantive minha voz firme, contendo um soluço.

Não posso contar nada a Raphael, ele mataria Callum. Destruiria sua vida e perderia sua adolescência na prisão, tudo por minha culpa.

— Você é a razão pela qual eu ainda moro nessa porra de mansão — Rapha continuou. — Mas quando eu fizer vinte e um anos e receber minha parte da herança que o papai deixou para nós, vou te tirar daqui e vamos morar juntos.

Me esforcei para conter as lágrimas e assenti com a cabeça, me espremendo contra ele. Alguns minutos depois, senti sua respiração ficar pesada e calma, sinalizando que ele dormiu.

Raphael disse que só mora na nossa casa por minha causa, mas tudo que eu mais quero é que ele me tire daqui.



*“A favorita do professor
Se eu sou tão especial, por que eu sou um segredo?
É, que porra é essa?”*

Melanie Martinez – Teacher’s Pet

Ryen Rodríguez

Desci as escadas correndo, minha mochila chacoalhando de um lado para o outro. Na metade do caminho para a sala de jantar, puxei minha meia branca para cima quando ela escorregou, e segui meu trajeto pulando em um pé só.

Quando adentrei a sala de jantar, encontrei Kellan e meu irmão tomando café da manhã. Ambos me encararam, franzindo o cenho ao verem como eu estava ofegante. Para piorar a situação, minha tiara escorregou da cabeça, forçando a franja a tapar minha visão.

— Que merda é essa? — Rapha perguntou primeiro.

Arranquei minha tiara e soprei minha franja, a fazendo voar. Então a joguei para trás, o que permitiu que eu visse que os dois já estavam quase terminando a refeição.

— Eu não queria me atrasar de novo — falei, devolvendo minha tiara para o lugar.

Desviei meu olhar para Kellan, que levou o copo de suco aos seus lábios, os olhos fixos em seu celular. Para mim já era normal tomar café da manhã com ele. E graças à proximidade de nossas famílias, ele vive aqui em casa, e vice-versa. Eu só queria que esse fato fosse suficiente para nos tornarmos próximos. Pelo menos um pouco.

— E por isso corre que nem uma doida? — Rapha fez uma careta, o piercing em seu nariz chamando a atenção.

— Não quero levar outro sermão — respondi, olhando para Kellan.

Como alguém consegue ficar tão bonito com o uniforme escolar?

— Kellan não vai te dar um sermão — Rapha disse, e olhou para o melhor amigo. — Não é?

Kellan ergueu os olhos do celular e os mirou em mim; eles eram tão intensos e misteriosos que senti os pelos do meu corpo se arrepiarem. Em seguida, ele encarou meu irmão e voltou a atenção para o telefone.

— Não responda por mim — É tudo que ele disse.

Idiota. Babaca.

— Estou apenas apontando um fato — Meu irmão sorriu, jogando uma uva na boca. — Você não vai dar um sermão nela por causa de um atraso de dois minutos.

Debochado, Kellan deu uma risada e deixou o celular cair sobre a mesa.

— Dois minutos? — Ele ergueu as sobrancelhas e revirou os olhos. — Semana passada a sua irmã me fez esperar por meia hora.

Estreitei meus olhos na direção dele.

— Eu tenho um nome! — exclamei, atraindo sua atenção para mim.

Ele ergueu uma sobrancelha escura, os cantos de sua boca se erguendo em um sorriso maldoso.

— Ah, é? Qual, pirralha? — Kellan questionou, com falsa inocência.

O fuzilei com o olhar, tentando controlar as borboletas que brotavam em meu estômago toda vez que ele me encarava.

— Deixa ela em paz, *hijo de puta* — Meu irmão jogou uma uva na testa dele, que o olhou feio. — Cadê o Killer? — ele perguntou, se virando para mim.

— Dormindo no meu quarto — Eu sorri largamente.

— Quem é Killer? — Kellan perguntou, me encarando.

— Meu cachorrinho! — Apertei as alças de minha mochila.

— Quem te deu um cachorro? — Ele arqueou a sobrancelha.

— Eu — meu irmão respondeu, mordendo uma torrada.

Desviei meus olhos para Kellan.

— Você quer ver ele? — perguntei, animada. — Quer? Que bom!

Antes que Kellan pudesse abrir a boca e negar, tirei meu celular de um dos bolsos da mochila e o desbloqueei, entrando na minha galeria. Passei pelas mais de cem fotos que tirei de Killer e quando achei minha favorita andei rapidamente até Kellan, parando ao seu lado.

— Olha como ele é fofo! — Mostrei a foto de Killer a Kellan, quase esfregando o celular em sua cara.

Ele analisou bem a imagem e mudou seu olhar para meu irmão.

— Você deu um doberman a Ryen? — ele questionou.

Tentei ignorar o arrepio que subiu pelo meu corpo ao ouvir meu nome sair dos lábios de Kellan e mordi o interior de minha bochecha. É raro ele pronunciar meu nome, mas sempre que o faz, fico boba.

— Sim — Rapha respondeu, de maneira simples. — Mande bem, não foi? — Ele sorriu, brincando com o piercing em seu lábio.

Kellan gargalhou, sarcástico.

— Pra caralho — ele debochou. — Agora entendo o porquê do nome “Killer”.

— Mas Killer não é bravo, ele é fofo — assenti várias vezes com a cabeça. — Quer ver um vídeo dele brincando com o meu ursinho de pelúcia? — perguntei, arregalando levemente os meus olhos em expectativa.

Ao notar o que disse, contive a vontade enorme de bater em minha própria cara. *Ursinho de pelúcia, Ryen? Sério?*

Ele analisou meu rosto por alguns segundos e eu senti minhas bochechas se aquecerem, torcendo para que ele não notasse. A última coisa que eu precisava agora é que Kellan descobrisse que a irmã do seu melhor amigo é perdidamente apaixonada por ele. Era só o que me faltava.

— Mostra — ele disse, me surpreendendo.

Não consegui conter o sorriso mínimo que surgiu em meu rosto e virei a tela para ele, mostrando um vídeo de Killer tentando morder meu ursinho. Kellan se inclinou em minha direção para ver melhor e eu senti meus nervos ficarem à flor da pele.

Acalme-se, Ryen. É só o melhor amigo do seu irmão.

— Deixe a mão quieta, você está tremendo demais — A mão de Kellan envolveu meu pulso direito, o mantendo firme. — Desse jeito eu não consigo ver.

Engoli em seco.

— Talvez seja mal de Parkinson — Soltei uma risadinha nervosa.

Vi os lábios de Kellan se curvarem indicando um sorriso, enquanto ele mantinha seus olhos em meu celular e sua mão em meu pulso. *Ok, acho que estou ficando louca.*

O toque de sua mão sob a minha pele era quente e eu senti o local formigar de um jeito bom. Acabando com minha alegria, vi outra mão arrancar a de Kellan do meu pulso e se meter entre nós.

— *Mierda*, se afastem um do outro, caralho! — Raphael mandou, o rosto contorcido em fúria.

— Qual a porra do seu problema, idiota? — Kellan é quem perguntou por mim, ficando em pé. — Sua irmã só estava me mostrando um vídeo.

E lá estava esse título estúpido de novo. Não tinha nada de anormal no jeito que Kellan se referia a mim para o meu irmão, era sempre “ela”, “pirralha”, ou o meu preferido, “sua irmã”.

— É — concordei, a contragosto. — Nada demais.

— Foda-se, não gostei da aproximação repentina — Rapha resmungou, cruzando os braços.

Encarei meu irmão, com raiva, e respirei fundo para não surtar. *Não posso dar tanto na cara.*

— Vamos logo, não quero me atrasar — chamei, guardando meu celular na mochila.

— Mas você ainda não tomou café — Rapha uniu as sobrancelhas.

— Não estou com fome — respondi, passando por ele com a intenção de sair da sala de jantar.

Senti alguém me puxar para trás pela mochila e olhei para ver quem era, avistando Raphael.

— O que é isso? — perguntei, tentando me soltar.

— Por que não quer comer? — ele me ignorou.

Eu ia manter a boca calada, mas senti os olhos de Kellan em mim e olhei rapidamente para ele. Ele me encarou com a sobrancelha arqueada, parecendo esperar uma resposta minha tanto quanto meu irmão.

Por fim, eu suspirei.

— Quero perder peso.

Rapha me olhou como se eu fosse louca, e me aproveitei de sua distração para me livrar de seu agarre.

— Perder peso? Que porra é essa? — Ele cruzou os braços. — Quem te disse que você precisa perder peso?

Mordi o interior da minha bochecha, pensando se eu conseguiria fugir da sala de jantar e não responder a essa pergunta.

— Ninguém. Eu que penso assim — Dei de ombros.

Meu irmão segurou o nó de sua gravata, a afrouxando de maneira brusca. Kellan apenas manteve seu olhar em mim, sem dizer nada.

— Você só pensa merda, não é? Senta essa bunda na cadeira e come. Agora — ele ordenou, a voz séria.

Arqueei uma sobrancelha e ri, com incredulidade.

— Você não manda em mim.

Dando seu típico sorriso de lado, Rapha veio lentamente em minha direção, me circulando, como se fosse me atacar. Seu rosto demonstrava o quanto ele queria pular no meu pescoço.

— Ah, eu mando — ele afirmou, curvando o corpo para ficar da minha altura. — E nesse exato momento você vai sentar-se à mesa e comer o suficiente para uma semana.

Apertei minhas mãos em punhos, repentinamente irritada.

— Você não enxerga que tenho que emagrecer?! — perguntei, nervosa, erguendo o rosto para ele. — Minhas coxas grossas e meu quadril largo estão deixando meus movimentos de dança pesados!

Raphael me olhou com descrença.

— O que uma coisa tem a ver com a outra? — ele debochou, se afastando alguns passos de mim. — Seu corpo está ótimo... não olha, porra! — ele esbravejou, se direcionando para alguém atrás de mim.

Sigo seu olhar em tempo de conseguir um vislumbre de Kellan encarando minhas pernas.

— Eu não estava olhando — Ele deu de ombros e agitou a mão como se nos dispensasse.

Sinto minhas bochechas se aquecerem.

— Ah, claro que não — Rapha ironizou. — Merda, ela nunca vai chegar perto de homem nenhum!

Franzi o cenho e coloquei as mãos na cintura.

— Um dia eu vou ter um namorado e você vai ter que encarar isso.

A parte de trás da minha nuca queimou e eu engoli em seco, sentindo a região formigar. É como se estivessem me assassinando com os olhos.

— É, Raphael, uma hora ou outra ela vai ter que namorar — Ouvi Kellan se pronunciar, a voz calma.

Fiz menção de me virar, mas preendi a respiração ao perceber que ele estava logo atrás de mim. *O que ele está fazendo?*

Raphael o fuzilou com o olhar.

— Sai de perto da minha irmã, *hijo de puta*. Ou eu juro... — Ele se calou quando viu Kellan me segurar pelos ombros.

E nesse exato momento, eu não estava mais segurando a respiração, eu apenas não sabia mais como respirar. Meu cérebro estava dando um curto-circuito.

— Você o quê? Vai me bater, Raphael? Estou apenas dizendo a verdade — Kellan provocou, suas mãos em meus ombros, firmes. — A pequena Ryen está crescendo, cara. Ela não é mais uma criança, você sabe disso.

A expressão de Rapha se contorceu em pura raiva e Kellan se inclinou em minha direção, seu rosto ficando ao lado do meu. Consegui sentir o cheiro do seu perfume e tudo o que eu mais queria era me aproximar ainda mais dele.

— Eu vou matar você — Meu irmão falou. Não, ele prometeu.

Senti Kellan deslizar as pontas dos dedos por meus braços e engoli em seco. Eu estava amando tudo aquilo. Ele nunca tinha ficado tão perto de mim, e mesmo que eu soubesse que era para provocar meu irmão, não conseguia conter a excitação.

— Com essas mãozinhas de princesa? Duvido muito — Vi Kellan sorrir.

— Eu vou acabar com esse seu rostinho e seu cabelo perfeitamente arrumados — Rapha literalmente rosnou.

— Estou te excitando, estou? — Kellan questionou, irônico, um sorriso malicioso brincando em seus lábios.

— Porra, pra caralho — Rapha sorriu, cruel, uma veia saltando em sua testa e a covinha do lado direito aparecendo.

— Que pena, porque tem uma pessoa que está ganhando minha atenção no momento, e não é você — A voz de Kellan ficou mais grave, seus dedos não ultrapassando mais do que meus braços.

Estou para morrer.

— Você está fodido na minha mão — meu irmão avisou.

Kellan riu, uma risada grave e profunda, arrepiando todos os pelos do meu corpo.

— Não se preocupe, cara. Não me excito por crianças — ele pronunciou, tirando as mãos de mim.

Ao mesmo tempo que quis gritar por ele ter se afastado, desejei bater nele por me chamar de criança. Isso acaba de me dar um baque e

tanto.

— Isso — Raphael disse, andando até nós. — Agora sai de perto dela.

Eu que deveria mandar Kellan se afastar de mim. Mas não queria isso.

— Porém... — Kellan disse, voltando a agarrar meus ombros. — Ela não é mais uma criança, é?

Foi tudo muito rápido, e só tive tempo de sentir os lábios de Kellan em minha bochecha esquerda. Meu corpo travou e meus olhos se arregalaram, desacreditados. Ele me beijou.

Kellan Royal...

Me...

Beijou!

Ok, não foi um beijo “de verdade”; mas ainda assim, ele me beijou.

— Eu vou matar você, filho da puta! — Rapha gritou, avançando em nossa direção.

Rindo alto, Kellan me soltou e começou a correr para longe. Levei minha mão até a bochecha e sorri minimamente. *Não acredito, não acredito!*

— Ryen? — meu irmão chamou, e eu olhei para ele, o vendo parado na entrada da sala de jantar. — Faça um sanduíche e venha.

Em seguida, ele se virou e voltou a correr atrás de Kellan. *Deus, eu sou patética.*



Quando entrei na sala, Jenna parou de conversar com suas amigas, e, com os olhos, me acompanhou até que eu me sentasse em minha cadeira. Contudo, antes de fazer isso conferi se o assento não estava sujo de ketchup ou algo assim.

Olhei para Jenna, notando em sua cabeça o que parecia ser a minha tiara, enfeitando seu cabelo liso e loiro. Ela sorriu para mim com desdém, e eu desviei o olhar antes que vomitasse nela. Não foi ela quem disse que minha tiara era brega?

Me virei para o lado e encontrei Brianna sentada próxima a mim. O cabelo preto amarrado para cima e uma maquiagem leve em seu rosto, não é como se ela precisasse de muita. Argolas douradas enfeitavam suas orelhas e um bracelete de ouro envolvia seu pulso direito. Ela estava perfeitamente arrumada, assim como eu. Porém, Brianna parecia deslumbrante de uma forma que eu nunca seria. Seu rosto estava totalmente pensativo e seus olhos vagos, observando o nada. O que estaria se passando em sua cabeça? Confesso que eu estava morrendo de curiosidade.

— Rapha!

— Ele é tão lindo!

— Oi, Rapha!

Ao escutar o nome do meu irmão ser pronunciado pelas garotas da minha turma, desviei meus olhos de Brianna e encarei a porta da sala; Raphael estava parado lá, me olhando. Franzi o cenho.

— Vim aqui convidar todos vocês para o aniversário da Ryen, minha irmã — Rapha anunciou, olhando para meus colegas. — Ela fará quinze anos em dois dias.

Não, não. Cale a boca, Raphael!

— Nossa, nós vamos amar ir! — Jenna disse, olhando para meu irmão, com um largo sorriso estampado no rosto.

Aquilo era totalmente diferente do sorriso que ela sempre me dava. *Falsa nojenta.*

— Por que a Ryen mesma não nos convidou? — Scott perguntou, um sorriso falso surgindo em seus lábios.

Porque não quero vocês lá.

— Caramba, tinha até me esquecido da minha festa de aniversário.

— A Ryen é tímida — Rapha piscou um olho na minha direção.

Me encolhi na cadeira, desejando que meu irmão apenas calasse a boca e fosse embora, cancelando o convite.

— Sendo assim, nós aceitamos! — Jenna bateu palminhas. — Somos muito amigos da Ryen.

A olhei com incredulidade. Ela só podia estar de brincadeira.

Ao meu lado, escutei uma risada debochada, e sabia que tinha vindo de Brianna, como se nem ela mesma pudesse acreditar na cara de pau de Jenna.

— Tá, espero vocês lá — Rapha disse, e em seguida se virou, indo embora.

Meus colegas começaram a sussurrar entre si, parecendo animados com minha festa. Embora nem todos da classe fizessem bullying comigo, todos davam risada das piadinhas e brincadeiras sem graça. Não queria nenhum deles em meu aniversário, mas se eu dissesse isso a Rapha, ele questionaria o porquê, e então me pressionaria até que eu dissesse a verdade.

Preferia não criar problemas.

— Estou magoado com você, Ryen. — Scott disse, chamando minha atenção para si. Ele fez beicinho. — Não ia nos convidar para sua festa?

Maldita hora que me recusei a ficar com o Scott no nono ano. Desde então, ele vivia me irritando.

— Pensei que uma das herdeiras da *Café Emporium* seria mais educada — Jenna jogou seu veneno, um sorriso cruel em seus lábios cobertos com gloss rosa.

De soslaio, vi Brianna olhar para seu celular e, em seguida, se levantar de sua cadeira de madeira brusca, saindo da sala depressa.

— Ah, dá um tempo, Jen — Scott falou. — O irmão disse que ela é tímida.

— Eu também seria se tivesse mijado nas calças — Jenna pôs a mão sobre o peito, me olhando com falsa empatia. Os outros alunos riram.

Apertei os dedos no tecido de minha saia, estava cansada disso tudo. Sem pensar muito, ergui o rosto para Jenna.

— *Deja de hacerme enojar y métete en tus propios asuntos, perra.*

Assim que terminei de falar, arregalei meus olhos, sem acreditar em minhas próprias palavras. Quase ri, surpresa comigo mesma.

— Que porra você disse, hein? — Jenna se levantou de sua cadeira de modo abrupto, um sorriso incrédulo brotando em seus lábios. — Você me xingou em mexicano?

— Em espanhol — corriji.

Cala a boca, Ryen. Cala a boca.

— E ainda teve a coragem de te corrigir, Jenna — Scott riu, parando ao lado dela. — A mijona decidiu pôr as garras pra fora.

— Eu vou acabar com você — a loira disse, vindo em minha direção.

Arregalei os olhos, pensando em como me safaria dessa. Não era exatamente boa de briga, na verdade nem tinha como eu saber, se nunca

briguei. Porém a maneira como Jenna estava vindo até mim agora era assustadora.

— Sentem-se, a aula já vai começar — Escutei a voz do professor e olhei para ele.

Jenna parou no lugar e me encarou, com puro ódio. Engoli em seco.

— Professor, posso ir ao banheiro? — Ergui a mão.

Ele me encarou como se pensasse no pedido, e então assentiu. Corri para fora da sala em tempo de sentir os olhos de Jenna em minhas costas, me fuzilando. Ela não ia deixar isso barato. Tenho certeza de que ela ia querer retribuir a afronta. Jenna não entende espanhol, mas sabe que a xinguei, tenho certeza disso. Ainda assim, não posso negar que estou feliz por confrontá-la pela primeira vez, mesmo que em outro idioma. Nunca agradeci tanto por ser mexicana.

Naquela manhã, quando pisei no colégio, tinha decidido que nada iria estragar meu dia; tudo graças ao beijinho na bochecha que Kellan me deu. Pode parecer pouco, mas para mim, foi tudo. Ele nunca tinha chegado tão perto. Ainda podia sentir o lugar que ele beijou, formigar, me fazendo ter certeza de que aquilo realmente aconteceu.

Quando passei pela porta da sala de Artes, parei, lembrando que tinha que pegar livros novos. Jenna molhou os meus na semana passada e eu estava sem desde então. Dei meia-volta, sem muita vontade, e estava prestes a botar a mão na maçaneta quando a vi entreaberta. Ergui meus olhos e, pela brecha, consegui ver... *não. Simplesmente, não.*

Me recusei a acreditar no que meus olhos estavam vendo. Brianna estava sentada sobre a mesa do professor, o próprio entre suas pernas. As mãos dele descansavam em suas coxas, as acariciando, enquanto a prima de Kellan sorria de maneira doce.

— Você ia mesmo terminar comigo? — Brianna perguntou, circulando o pescoço do nosso professor de Artes, Henry.

Tentando escutar e ver melhor, eu me aproximei. *Sim, eu sou curiosa.*

— Tente entender, linda. Minha vida está uma bagunça — ele disse, a puxando para mais perto.

Oh, meu Deus.

— Ainda assim, isso não é motivo para você tentar terminar comigo por mensagem — Brianna o olhou, com raiva, o segurando pela gravata azul.

— Estamos juntos agora, não estamos? — O professor sorriu, se inclinando para beijar a prima de Kellan.

De jeito nenhum isso estava acontecendo.

— Matei aula só para te ver — A garota sorriu, mordendo o queixo dele.

Vi as mãos do professor subirem para a bunda de Brianna e a apertarem; aquilo me causou enjoos.

— Você está sendo tão levada, Bree... — Ele sorriu, mordiscando o lábio inferior dela.

Chocada, continuei assistindo à cena.

— E você ama isso em mim — Ela sorriu antes de encará-lo por baixo dos cílios espessos. — Vamos sair para tomar um sorvete.

— Você sabe que não podemos — Henry negou com a cabeça. — A minha mulher...

— A sua mulher pode descobrir. É, eu sei — Ela revirou os olhos. — Também me lembro de você dizendo que iria se divorciar dela meses atrás.

— Não é tão simples assim, Brianna — O professor afastou as mãos dela. — Isso requer tempo.

— É sempre a mesma conversa, mas você ainda mora com ela — Brianna disse, o empurrando para longe. Ela pulou da mesa.

Não conseguia acreditar que Brianna, que tem quinze anos, estava tendo um caso com um homem de vinte seis anos e casado.

Vi o professor se afastar dela e passar as mãos pelo cabelo loiro escuro, parecendo frustrado.

— Eu sempre soube que essa merda não ia dar certo, você é muito infantil — ele esbravejou. — Você só olha o seu lado.

Onde Brianna tinha se metido?

— Sei que sou nova, mas minha mentalidade vai além dos meus anos de vida — Ela o olhou, com raiva. — Não me limite a isso!

O professor riu.

— Que merda, está se achando madura de repente? — debochou. — Eu sabia que isso não ia durar — ele murmurou, se virando para vir em direção à porta.

Arregalei meus olhos, dando um passo para trás.

— Vá se foder, não me deixe aqui! — Escutei Brianna gritar antes que eu corresse para longe.

Me escondi atrás de uma enorme pilastra e discretamente avistei o professor saindo da sala, um sorriso em seu rosto enquanto Brianna chamava seu nome com a voz chorosa. Ele parecia contente.

No instante seguinte, Brianna saiu da sala e, a passos raivosos, começou a vir na minha direção, parecendo furiosa. Quando ela passou por mim sem me notar, agarrei seu braço, a assustando. Mas quando ela percebeu que era eu, franziu o cenho.

— O que foi? — perguntou, grosseira. — Me larga!

— Quanto tempo faz que você se envolveu com nosso professor de Artes? — perguntei, sem rodeios.

Vi a cor sumir do rosto de Brianna.

— Não sei do que você está falando — Ela deu de ombros.

— Eu escutei a conversa de vocês. Eu vi tudo — eu disse. — Ele é casado e tem um filho de dois anos. Você sabe disso?

Brianna engoliu em seco, parecendo nervosa. Ainda assim, ergueu o queixo para mim.

— E desde quando a minha vida é da sua conta? — ela perguntou, puxando seu braço do meu aperto.

— Quão longe você foi com ele? — perguntei, com medo da resposta.

Ela não precisou me dizer nada. A expressão em seu rosto me entregou tudo, cada pedacinho de informação.

— Meu Deus... — Cobri minha boca com as mãos, espantada. — O que você tem na cabeça?

A garota deu um passo para trás.

— Ele gosta de mim e eu dele.

— Isso é errado, você tem consciência disso, não é? — perguntei, mas não tive resposta. — Vou contar para o Kellan.

O rosto de Brianna se contorceu em ódio e ela avançou na minha direção.

— Se você abrir o bico, eu acabo com você — ela ameaçou, a centímetros de mim.

— Você está tendo um caso com um homem casado que é nove anos mais velho que você! — eu disse, me recusando a recuar. — Você é menor de idade!

Brianna riu, em deboche.

— Ah, por favor — Ela sorriu, cruel, — Não aja como se não quisesse dar para o meu primo mesmo aos quatorze anos — Sua voz saiu carregada de veneno.

Era a minha vez de olhá-la, furiosa.

— Não compare quatro anos de diferença com nove — Cruzei meus braços — Além disso, eu nunca tive tais pensamentos em relação a Kellan.

Ela revirou os olhos.

— Você só está com inveja porque sou mais importante para Henry do que você jamais foi ou será para o Kellan.

A verdade de suas palavras me atingiu em cheio, e me contive para não me afastar. Ela estava certa, e eu sabia disso.

No entanto, eu apenas a encarei.

— Se você é tão especial, por que é um segredo?

Vi a expressão de fúria de Brianna cair por alguns segundos, como se eu tivesse conseguido atingi-la.

— Se você disser isso para alguém, eu vou fazer pior do que a Jenna — ela prometeu.

Brianna passou por mim, esbarrando em meu ombro com força suficiente para que eu desse alguns passos para trás. Quando olhei para ela, a encontrei de frente para Christian Yun.

— Quanto você ouviu? — Ela ergueu o queixo para ele, agarrando sua gravata. — Acho bom fingir que não escutou nada.

Christian agarrou o pulso dela e o afastou, a encarando de cima, uma sobrelha arqueada.

— Vá se foder — ele mandou, com desdém, soltando o braço dela. — Tenho coisas melhores para pensar do que nas suas merdas, princesinha Royal.

Brianna o encarou de cima a baixo com um ar superior, e então riu, como se os ténis surrados de Yun fossem motivo de piada. Ela deu a volta por ele e, em seguida, começou a andar.

— Viciado do caralho — A ouvi dizer antes de se afastar completamente.

Como se estivesse irritado, Christian puxou sua gravata, afrouxando o nó. Ele passou por mim tirando um maço de cigarro e um isqueiro do bolso de sua calça, andando para longe.

Christian Yun era alto e pálido, o corpo magro tendo poucos músculos, o normal para um garoto da sua idade. Seu cabelo preto chegava

até um pouco abaixo do queixo, e diferente de Rapha, ele não se importava em prendê-lo. Consegui notar algumas tatuagens por baixo das mangas de seu uniforme.

Há um rumor no colégio de que Christian Yun vende drogas, mas não sei se é verdade. O garoto asiático tem toda uma aura misteriosa que não deixa muito a murmurar sobre ele. Curiosamente, ele sempre está por perto quando discuto com Brianna.

Chocada com tudo que acabei de ver, passei as mãos pelo meu rosto, frustrada por não saber o que fazer.

Mas talvez eu soubesse, sim.



“O inferno está vazio, e todos os demônios estão aqui”
Shakespeare

Ryen Rodríguez

Quando o horário do intervalo, pelo qual eu tanto esperei, surgiu na tela do meu celular e o sinal repercutiu por todo o colégio, me levantei depressa de minha cadeira e corri pra fora da sala antes que todo mundo fizesse o mesmo, inclusive, Brianna. Tinha que achar o Kellan, e isso seria um desafio.

Eu ainda não acreditava que a prima dele estava tendo um caso com o professor de Artes, nunca pensei que ela seria capaz disso. Ainda mais por se tratar de um homem casado e pai de uma criança. Sei que o professor não é tão velho assim, mas não deixa de ser errado. Ele tem quase a mesma idade que o meu padrasto. Isso é tão nojento.

Sei que deveria ignorar o que vi, sei que não é da minha conta, mas não consigo. Algo em como a situação da Brianna me lembra a minha me faz querer ajudá-la. Sei que não é a mesma coisa, e que ela está saindo com o professor por livre e espontânea vontade, mas isso é errado de tantas formas...

— Cuidado por onde anda, viadinho surdo.

Escutei uma voz e olhei na direção dela, notando três alunos andando para longe de um garoto. Seus livros estavam no chão e ele se abaixou rapidamente para recolhê-los, suspirando. Decidindo entre ir atrás de Kellan ou ajudar o garoto, me vi fazendo a segunda opção.

Peguei um caderno de capa amarela e me abaixei ao seu lado, estendendo o mesmo para ele. Ao me ver, seus olhos se arregalaram e suas bochechas ficaram vermelhas. Seu cabelo era liso e castanho-escuro, e os

olhos tinham a mesma cor. Eles estavam contornados por um lápis de olho preto, e em suas orelhas tinha algo que não consegui identificar.

— Aqui — Eu sorri, estendendo o caderno para ele.

— Obrigado — Ele desviou o olhar, pegando o objeto da minha mão.

Então, ele reuniu suas coisas e as colocou dentro de sua mochila, e continuou não olhando para mim.

— Você está bem? — perguntei, mordendo o interior de minha bochecha.

Ele não disse nada e o desconforto foi enorme. Até que ele ergueu o rosto e arregalou os olhos, levando as mãos às orelhas.

— Sinto muito, não ouço muito bem — respondeu, acanhado. E mais uma vez, baixou o olhar.

Aparelhos auditivos, então era isso. Eu assenti, sorrindo minimamente.

— Como é o seu nome?

Ele voltou a me encarar.

— Eric — o garoto respondeu, olhando para os lados. — Eric Simmons.

Ele não conseguia manter contato visual comigo, e isso chegava a ser estranho. Será que ele era tímido?

Quando abri a boca pra falar com ele, o garoto ergueu as sobrancelhas e deu um passo para trás.

— Até mais! — ele disse, antes de correr para longe de mim.

Sem reação, o vi sumir entre os outros alunos, não deixando nenhum vestígio para trás. Ainda assim, me dei conta de que seu rosto estava muito vermelho, como se estivesse com vergonha de falar comigo.

Confusa, cocei minha cabeça e voltei a procurar Kellan pelos corredores, não encontrando nada. É provável que ele estivesse fumando atrás do colégio com meu irmão, é lá que os alunos vão para fazer isso sem serem pegos.

Comecei a passar os olhos pelo jardim do colégio na esperança de ver Kellan, e quando não o encontrei, fui para a parte de trás do colégio. Brianna com certeza iria me matar quando eu dissesse o que sei ao primo dela, mas minha consciência estava falando mais alto. Eu queria fazer por alguém o que eu não conseguia fazer por mim mesma.

Engoli em seco quando avistei meu irmão e Kellan escorados no muro do colégio, ambos com cigarros na boca e uniformes desleixados. Senti meu coração errar uma batida quando ouvi Kellan rir de algo que meu irmão disse. *Foco, Ryen. Foco!*

Andei lentamente até os dois e esfreguei minhas mãos suadas em minha saia.

— Ke-... — Limpei a garganta. — Kellan...

Como eu vou falar que a prima dele está dormindo com um professor mais velho e casado? E pior, por vontade própria.

Raphael e Kellan viraram rapidamente a cabeça na minha direção.

— Ryen? — Meu irmão franziu o cenho antes de questionar. — O que você está fazendo aqui?

— Vim falar com Kellan — respondi.

Kellan jogou o cigarro no chão e pisou nele, o apagando.

— O que quer falar comigo? — Me encarou com os olhos intensos, enfiando as mãos nos bolsos de sua calça.

— É, o que você quer falar com ele? — Meu irmão cruzou os braços, a expressão virando uma carranca desconfiada.

Passei as mãos pelo meu rosto pensando na melhor forma de contar o que descobri sobre a Brianna. Sou uma fofoqueira, mesmo. Talvez seja por isso que não tenho amigos.

Mas bom, se não tenho amigos, não devo fidelidade a ninguém, não é mesmo?

— Podemos conversar a sós? — Olhei para Kellan por debaixo dos cílios.

— Não? — Foi o meu irmão quem respondeu, antes que o melhor amigo o fizesse.

— Deixa de ser idiota, Raphael! — Revirei os olhos. — É uma coisa importante e não posso dizer na sua frente.

Meu irmão soltou uma risada debochada.

— E por que não? — Ele arqueou uma sobrancelha, dando uma tragada no cigarro. — Você vai se declarar pra ele ou uma merda assim, por acaso?

Arregalei meus olhos e os mirei em Kellan, que me encarava com a cabeça inclinada para a esquerda, parecendo curioso.

— E-, eu não! — neguei rapidamente com a cabeça. — Nada a ver o que você disse, eu nunca gostaria de alguém como ele.

Meu Deus, Ryen. Cala a boca!

— Agora que já entendemos sua enorme aversão a mim, Ryen... — Ouvi Kellan dizer e olhei para ele, o encontrando com um sorriso sarcástico. — É melhor falar o que veio me dizer. E pode fazer isso na frente do idiota do seu irmão, ele não vai deixar a gente sair daqui.

Aversão é a última coisa que eu sentia por ele.

Olhei para meu irmão, que ergueu as sobrancelhas, esperando que eu falasse logo. Bufe alto e arrumei minha tiara.

— Eu estava indo pegar uns livros na sala de Artes quando vi... — Parei de falar e umedeci meus lábios.

— Quando viu o quê? — Kellan pressionou.

Engoli em seco.

— Quando vi a Brianna e o professor de Artes... Bom... — Cocei meu pescoço antes de soltar tudo de uma vez. — Vi eles se beijando. Eles estão tendo um caso.

Esperei uma reação explosiva de Kellan, mas tudo que recebi foi uma risada grave e rouca.

— Você está de sacanagem com a minha cara? — Ele arqueou uma sobrancelha, me encarando.

— Ryen, não se brinca com essas coisas — Raphael disse, pisando em seu cigarro enquanto um sorriso brincava em seus lábios.

Os encarei perplexa, minhas mãos apertadas em punhos.

— Olha aqui, eu posso ser muitas coisas, — disse, mantendo minha voz firme — mas mentirosa e piadista não são algumas delas! — cruzei meus braços.

Kellan passou a mão direita por seu cabelo perfeitamente penteado, o desarrumando.

— Você tem noção do que está me dizendo? — ele perguntou. — É impossível que a Brianna esteja fazendo isso.

Era minha vez de rir.

— Ah, então eu estou mentindo?

— Eu não disse isso.

— Mas está pensando! — acusei, e apontei para meu irmão. — Você e esse idiota!

— Ryen, você e a Bree vivem brigando — Rapha deu um passo à frente. — Não está inventando isso porque está com raiva?

O encarei, incrédula.

— E por causa disso eu vou inventar uma coisa desse tamanho? — Coloquei as mãos na cintura. — Eu vi, tá legal? Com os meus próprios olhos. Brianna e ele estavam brigando porque ele ainda não se divorciou da esposa. Aí ele se irritou e foi embora. Eu vi os dois se beijarem, caramba! Eu também a perguntei e ela disse que... que... ela foi muito além com ele.

Kellan olhou para o meu irmão e os dois se encaram por alguns instantes antes de o primo de Brianna assentir com a cabeça e a dupla passar por mim de maneira tão rápida que eu apenas pisquei. Me virei para olhá-los.

— Onde vocês estão indo? — perguntei, meus olhos arregalados.

— Não se mete, Ryen — Rapha disse, sem olhar para trás. — Vamos dar uma lição naquele filho da puta.

Desesperada, comecei a dar alguns pulinhos no chão enquanto chacoalhava minhas mãos.

Meu Deus, meu Deus. Eu não queria que isso acontecesse. Eu pensei que Kellan ia contar ao pai de Brianna, e não lidar com isso com as próprias mãos. Eu devia ter ficado quieta, eu só envolvi todo mundo em problemas.

Não demorou muito até que Kellan e meu irmão viessem com o professor de Artes, desorientado e levemente assustado. Eles passaram por mim e foram para uma área mais isolada do colégio. Preocupada, os segui.

O professor olhou ao redor, a confusão por ter sido arrastado até aqui estampada em seu rosto. Ele foi o primeiro a falar.

— Vocês podem me dizer o porquê de me chama-... — Ele parou de falar quando Kellan o socou no estômago, fazendo-o se curvar e cair de joelhos na terra.

Dei um passo à frente por puro reflexo, mas meu irmão me barrou com o braço.

— Tem certeza de que não sabe o porquê de estar aqui? — Kellan perguntou, se aproximando do homem.

— Você vai ser expulso desse colégio, senhor Royal! — O professor o encarou, fazendo menção de se levantar.

Kellan deu uma forte joelhada em seu rosto, fazendo a cabeça do homem ser jogada para trás e ele cair sobre seus próprios cotovelos. Arregalei os olhos e meu irmão foi até eles.

— Alguém vai ser expulso desse colégio, e não vai ser Kellan — Rapha sorriu, enfiando as mãos nos bolsos de sua calça.

Um filete de sangue escorreu pelo nariz do professor de Artes e ele se sentou no chão.

— Eu exijo uma explicação sobre o que está acontecendo aqui! — ele disse, se levantando de maneira cambaleante.

Rindo e bagunçando o cabelo do professor, Kellan fez alguns fios lhe caírem sobre a testa.

— Você sabe quem é a minha prima, professor?

Vi o homem engolir em seco e dar um passo para trás, suas costas batendo contra o peito do meu irmão.

— Se não me falha a memória é a... — Ele finge estar pensativo — a Brianna Royal, não é? — Ele sorriu, seu nariz sangrando.

Cínico. Fingido.

— Qual é, cara? — Rapha riu, dando tapinhas no ombro do professor. — Não precisa fazer tanto esforço para fingir que não a conhece muito bem.

O homem soltou uma risada um tanto quanto nervosa e enxugou o nariz com o dorso da mão.

— Eu realmente não a conheço muito bem — ele mentiu. — Nunca prestei muita atenção no rosto da sua prima.

Kellan sorriu e abaixou a cabeça, fazendo um sinal de negação.

— Você nunca prestou atenção no rosto porque estive muito ocupado no que estava debaixo da saia dela, não é? — Ele se aproximou, lentamente.

O rosto do professor perdeu a cor, mas ele rapidamente retomou sua expressão de confuso e inocente. Tão parecido com *ele*...

— Eu não sei do que vocês dois estão falando — ele explicou. — E vou agora mesmo à diretoria exigir que vocês sejam expulsos.

Apertei meus punhos, sentindo a raiva me consumir aos pouquinhos.

— Ah, você não vai fazer isso... — Kellan afirmou, o rosto tranquilo.

— E por que não? — O professor ergueu o queixo, um ar de deboche em seu rosto. — Acha que tenho medo de vocês só por serem de uma família rica?

Raphael soltou uma risada grave.

— É, Kellan... — ele disse, e olhou para o melhor amigo. — E por que ele não exigiria nossa expulsão?

Um sorriso se esticou nos lábios de Kellan e ele inclinou a cabeça para a esquerda.

— Porque ele anda fodendo uma adolescente de quinze anos. E porque, para o azar dele, ela é a minha prima.

Arregalei os olhos com a escolha crua de palavras de Kellan. A expressão decidida do professor caiu, e ele abriu e fechou a boca várias vezes, parecendo não saber o que dizer.

— Você está louco, vou agora mesmo à diretoria — Ele novamente fez menção de ir embora.

Kellan o empurrou para trás com força, o fazendo ir de encontro a Rapha, que o agarrou pelos braços com facilidade. O professor se debateu de um lado para o outro.

— Me soltem, eu sou o professor de vo-... — O professor de Artes parou de falar quando Kellan lhe acertou um forte soco no nariz, jogando sua cabeça para trás.

— Eu não sabia que os professores comiam seus alunos — Rapha disse, logo atrás dele. — Foderam muito sua bunda no ensino médio, professor? — Ele riu, o som carregado de veneno.

Quando o homem voltou a olhar para nós, seu nariz estava espirrando sangue.

— Eu já disse que não sei sobre o que vocês estão falan-... — Kellan socou seu estômago.

— Foi legal foder minha prima, professor? — ele perguntou quando Rapha jogou o homem no chão. Kellan sorriu, com desdém. — Você se excita por garotinhas menores de idade?

O professor gemeu no chão, virando seu corpo pra cima.

— A sua mulher não está dando conta do recado? — Meu irmão sorriu, se abaixando para ficar da altura dele. — E outra, isso é exemplo que se dê ao seu filho, Henry? — Ele estalou a língua, negando com a cabeça.

Vi o sangue do nariz do homem deitado no chão escorrer para sua boca, manchando seus lábios.

— Eu não fiz nada... — ele falou, com dificuldade.

Mentiroso.

— Não foi isso que nossas fontes nos disseram — Rapha inclinou a cabeça para o lado, os antebraços apoiados nos joelhos.

Kellan chutou a barriga do homem e o mesmo curvou o corpo, urrando de dor.

— Vai negar que está se aproveitando da minha prima, filho da puta? — Ele pressionou o pé calçado com um *all star* preto no estômago de Henry.

Raphael apenas assistiu a cena, com um sorriso nos lábios e o queixo apoiado no punho direito, parecendo mais do que familiarizado com esse tipo de situação. Meu Deus, eles devem se meter em tanta confusão.

— A pessoa que te disse isso mentiu, eu juro! — o professor exclamou, soando desesperado. — Ela está mentindo, eu nunca tive nada com a Brianna!

Meu irmão e Kellan se encararam, conversando pelo olhar. Eles estão... acreditando nesse homem?

— Mentiroso!

Antes que eu pudesse controlar minha língua, a acusação saiu. Os rostos dos três homens se viraram na minha direção na mesma hora e eu me aproximei.

— Eu vi tudo — continuei. — Você e Brianna estavam na sala de Artes e se beijaram. Mas aí ela cobrou o seu divórcio, o divórcio que você prometeu a ela. E então você ficou com raiva e foi embora!

Eu não conseguia ficar quieta. A necessidade de falar mais e mais, crescia a cada momento.

— Ryen? Então foi você? — o professor Henry perguntou, parecendo chocado e um pouco furioso. — Sua pequena puta mentirosa!

Ergui as sobrancelhas com o xingamento e meus olhos quase saltaram da órbita quando Kellan chutou o estômago de Henry no mesmo instante em que meu irmão chutou seu rosto, sangue jorrava por toda parte.

— Esqueceu de quem ela é irmã, porra? — Rapha o olhou, possesso. — Você quer perder um olho? — ele perguntou, pressionando o pé na bochecha do homem.

— Ela está mentindo! — Henry conseguiu dizer.

Olhei para ele, furiosa.

— Eu não sou mentirosa! — me defendi. — Sei muito bem o que é um beijo quando vejo um.

Kellan olhou para o homem, forçando o pé em sua barriga.

— Ouviu, professor? Ela não é mentirosa. Sendo assim, o que nos resta... — Sorriu de lado.

O homem gemeu de dor quando Kellan chutou sua costela.

— Ryen, volte pra sua sala — Rapha mandou, atraindo minha atenção para ele.

— O quê?

— Volte pra sua sala, as coisas não vão ficar legais por aqui — ele falou, agora me encarando.

Neguei com a cabeça.

— Eu aguento ver — eu disse, tentando não me encolher com sons de pancadas e gemidos de dor.

Rapha riu, com deboche.

— Claro que aguenta — Ele foi sarcástico, mas seu olhar, sério. — Mova sua bunda de volta para sua sala. Agora!

Abri e fechei a boca várias vezes, pensando em protestar. Porém o olhar que ele me deu me fez bufar alto e suspirar, sabendo que ele não iria voltar atrás.

— *Idiota mandón...* — resmunguei, me virando para ir embora.

Contudo, paralisei ao ver Christian Yun parado alguns metros à frente, o rosto inexpressivo enquanto assistia à cena.

Desesperada, olhei para Kellan e Raphael.

— O que você está fazendo aqui? — Kellan é quem perguntou, parando de bater no professor.

— Talvez usufruindo do meu direito como aluno de andar pelo colégio por onde eu quiser? — ele ironizou, a voz calma e ao mesmo tempo defensiva. — Mas em outras palavras, não te interessa.

Porém, quando ele colocou um pacotinho com pó branco e uma nota de dinheiro no bolso de sua calça, já tínhamos nossa resposta. Ele estava vendendo drogas e os boatos eram reais.

— Acho bom ficar calado sobre o que viu aqui — Raphael olhou para ele, um sorriso cruel em seus lábios.

Parecendo inabalável, Christian riu.

— Como se eu não soubesse que contando para alguém ou não vocês vão sair ilesos dessa merda — ele falou, olhando o professor cuspir sangue. Sorriu desdenhoso. — E você sabe por quê? Porque vocês são uns fodidos, filhinhos de papai.

Kellan olhou para Raphael e sorriu de lado, dando de ombros.

— Ele tem um ponto.

Christian revirou os olhos e se virou para ir embora, chutando uma pequena pedra que estava em seu caminho.

— Merda, por que eu sempre me meto nos problemas dos outros...
— O ouvi resmungar antes de caminhar para longe de nós.

Desviei meus olhos dele e os mirei em Kellan e meu irmão, que tinham voltado a bater no professor de Artes. Eu deveria mandar eles pararem, eu sei que sim, mas por alguma razão, eu não conseguia. Tampouco conseguia deixar de imaginar Callum no lugar do professor Henry. No fundo, bem lá no fundo, eu queria que ele estivesse sendo espancado.

No fim das contas, não é isso que os pedófilos merecem?



Fechei a porta do meu quarto usando meu quadril e andei até as vasilhas de Killer, pondo um pouco de leite que peguei na geladeira dentro de uma delas. Ao ver isso, ele pulou de sua caminha e correu até o comedouro, tomando o líquido. Sorri.

— Eu não quero que você cresça, Killer — Acariciei suas costas com os nós dos meus dedos

Enquanto ele está pequeno, posso pegá-lo no colo. E depois?

— Kellan beijou a minha bochecha hoje — Sorri. — Eu sei que não foi exatamente um beijo, mas já é alguma coisa, não é?

Assisti sua língua deslizar no leite, o recolhendo.

— Ele nunca tinha chegado tão perto de mim... — Me sentei no chão. — Sei que ele fez isso só pra irritar o meu irmão, mas talvez ele sinta algo depois disso.

Killer parou de tomar seu leite e me olhou.

— Ah, qual é... —bufei. — Eu sei que ele me vê como uma criança e que tem dezenove anos. Mas sou bastante madura para minha idade, não acha?

Quando me dou conta do que disse, me dou um tapa para voltar a mim. *Ah, não. Soei como a Brianna agora. Qual o seu problema, Ryen?*

Me levantei do chão e fui até minha cama, pegando meu celular para conferir a hora. Quando vi que faltava pouco para onze, joguei o aparelho no colchão, e peguei Killer e o coloquei em sua caminha. Em seguida a peguei e andei em direção à porta do meu quarto.

Já estava quase na hora de Callum entrar em meu quarto. Desde que ele veio morar aqui, nunca mais tive uma boa noite de sono. A única exceção foi quando dormi com Raphael. Me senti muito protegida, porque sei que Callum nunca invadiria o quarto do meu irmão. E eu não queria voltar a passar noites em claro após sentir suas mãos sujas em mim.

Com um pouco de dificuldade, abri a porta do meu quarto e me virei para fechá-la. Agarrando Killer, girei o corpo para frente novamente, minha respiração ficando presa em minha garganta. *Não, não...* parecia que ele adivinhava. Que me vigiava.

Paralisei no lugar e apertei meus dedos ao redor da caminha de Killer. Dessa vez eu me certifiquei de pôr um sutiã e uma blusa de pijama de mangas longas e gola alta, além de calças largas de moletom.

— Vai dormir no quarto do seu irmão novamente, Ryen? — Callum perguntou, o peito largo e nu a centímetros do meu rosto.

Ele estava usando apenas um short largo, e mesmo o odiando, precisava admitir que Callum tinha um corpo bonito. Seus ombros eram fortes e seu abdômen bem trabalhado, mas nem isso podia dar fim a repulsa que eu sentia por ele.

— Sim... — respondi, com a minha voz sussurrada, olhando para baixo.

— Por quê? — ele perguntou, e o senti me analisar dos pés à cabeça.
Estou fortemente coberta, mas por que me sinto tão nua?

— Não gosto de dormir sozinha — eu disse, trazendo Killer para mais perto.

Como se isso fosse possível.

— Tem medo? — Callum questionou, dando um passo à frente.

De você.

Assenti com a cabeça. Eu não tenho medo de monstros criados por lendas ou filmes. Eu tenho medo do único monstro que invade o meu quarto e me toca sem a minha permissão.

— Por que não disse antes, Ryen? — Sua voz se tornou carinhosa.
— Eu poderia dormir com você. É isso que os pais fazem, não é?

Rapidamente eu ergui meu rosto para ele, encontrando seus olhos verdes e seu cabelo loiro.

— Você não é meu pai — atirei. — Você nunca será um pai para mim.

Callum sorriu e ergueu sua mão direita na minha direção.

— Ah, Ryen. Assim você me magoa — Ele acariciou meu rosto e eu me encolhi perante seu toque. — Está com medo de mim? Não precisa, Ryen. Somos uma família agora.

Família? Isso me dá vontade de vomitar.

Quando fiz menção de ir para longe do toque de Callum, sua mão foi arrancada do meu rosto e olhei para o lado, arregalando meus olhos em desespero.

— Tire as mãos da minha irmã, *hijo de puta*.

O rosto de Raphael era puro ódio, e é como se ele estivesse prestes a voar no pescoço do nosso padrasto. Olhei para baixo, o vendo segurar um canivete ao lado do corpo. Ele o apertou com tanta força que seus dedos ficaram brancos.

— Não entendo o porquê da agressividade comigo, Raphael — Callum puxou seu braço do aperto de Rapha. — Eu estou apenas conversando com sua irmã.

Callum era pelo menos uns dez centímetros maior que Raphael, mas nem isso parecia intimidar meu irmão.

— Ryen, vai pro meu quarto — Rapha mandou, encarando nosso padrasto.

Sem pensar duas vezes, fiz o que meu irmão ordenou e corri para o quarto dele, colocando Killer no chão e voltando para a porta.

— Eu tenho a Ryen como uma filha — Callum disse, desviando seu olhar para mim.

Rapha entrou no seu campo de visão, impedindo que ele me visse

— Você sempre quis comer a sua própria filha, Callum. É tipo um fetiche? — Rapha perguntou e sorriu, de modo cru, girando o canivete entre os dedos.

Callum sorriu de lado, e aquilo me dava arrepios.

— Sua imaginação vai longe, não é mesmo?

Meu irmão se aproximou dele e apontou o canivete para seu pescoço.

— Vai se foder, seu golpista do caralho — ele rosnou. — Volte a tocar na minha irmã e eu juro que mato você. Prometo que algum dia esse canivete ainda vai estar cravado em sua garganta.

Raphael começou a andar na minha direção, e o único vislumbre que tive antes dele me empurrar para dentro do quarto foi de Callum sorrindo para mim.

Meu irmão fechou a porta e o vi andar de um lado para o outro após jogar seu canivete na cama. Ele passou as mãos no cabelo e me olhou, andando até mim.

Rapha me agarrou pelos ombros e me obrigou a olhar para ele.

— Me responde uma coisa, Ryen — ele mandou, me encarando. — Esse filho da puta já te fez alguma coisa?

— Não.

Eu mesma me surpreendi com a facilidade com que a mentira veio. *Parabéns, Ryen.*

— Você tem certeza? — ele insistiu.

Assenti com a cabeça. Eu podia ser uma mentirosa, mas o suspiro de alívio que meu irmão soltou naquele momento compensou tudo. Cada mentira.

Olhei para ele.

— Você não ia usar esse canivete em Callum, ia? — perguntei.

Raphael riu.

— Ah, eu ia — Ele me olhou. — E seria a melhor coisa que eu iria fazer.

Suspirei.

— Você acabaria com a sua vida se fizesse isso.

— Sim, mas eu acabaria com a dele primeiro — meu irmão disse, andando de um lado para outro.

Analisei a calça de pijama xadrez caindo em seus quadris e abaixei meu olhar.

— Eu... eu valho tanto assim, Raphael? — perguntei, abraçando meu próprio corpo. — Vale a pena matar alguém por mim?

Meu irmão veio na minha direção e puxou minhas mãos, as segurando. Ergui o rosto para encará-lo, seus olhos demonstrando uma determinação desconhecida por mim.

— Eu andaria pelo fogo para salvar sua vida, Ryen — ele disse. — Não tem nada que eu não faria por você. Prometa para mim.

Com meu coração afundando, ergui minhas sobrelanceiras.

— O quê?

— Me prometa que você também vai andar pelo fogo para salvar sua própria vida — ele pediu, beijando as costas das minhas mãos. — Que não existe nada que você não faria para se colocar em primeiro lugar.

Uma vontade avassaladora de chorar queimou a minha garganta, e me vi assentindo devagar, encarando os olhos escuros de Rapha.

— Eu prometo — Minha voz saiu embargada.

Rapha soltou minhas mãos e segurou meu rosto entre as dele.

— O inferno está vazio e todos os demônios estão aqui — ele recitou Shakespeare, lembrando-me do quanto ele gostava daquele autor. — O que Callum é, Ryen? — questionou.

— Um demônio — respondi, sem pestanejar.

— E o que nós fazemos com os demônios? — indagou, contra os meus cabelos.

Engoli em seco, recordando o que ele sempre me ensinou, desde criança. Cada palavra nunca saiu da minha cabeça.

— Nós os mandamos de volta para o inferno.

Ele assentiu, me encarando com os olhos negros.

— Seja a força que eles não conseguem ir contra — disse.

Concordei com a cabeça e fechei meus olhos antes que eu começasse a chorar ali mesmo. Abracei a cintura de Rapha e enterrei meu rosto em seu peito nu, sentindo a corrente em seu pescoço grudar em minha testa.

— Você disse que não existe nada que você não faria por mim — comecei, erguendo o rosto para ele quando senti seus braços me rodeando. — Então me ensina a andar de carro?

Rapha fez uma careta e bufou.

— Ah, merda... — Ele negou com a cabeça.

Eu ri de sua cara e voltei a abraçá-lo fortemente. Mesmo que eu não admitisse em voz alta, Raphael era o meu porto seguro, e não havia nada nem ninguém capaz de mudar isso.



*“Todo mundo pensa que somos perfeitos
Por favor, não deixe eles olharem através das cortinas”*
Melanie Martinez – Dollhouse

Ryen Rodriguez

Amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo no alto da minha cabeça e vesti uma calça cinza de moletom por cima do short de lycra que estava usando. Por fim, coloquei meu top preto de alças grossas.

Andei até Killer, que estava em sua cama, e o peguei em meus braços, depositando um beijo no topo de sua cabeça.

— Quer ir lá fora um pouco? — O ergui no ar, o deixando na frente do meu rosto.

Killer lambeu meu nariz e eu sorri, beijando seu pescocinho.

— Vamos — falei, o aconchegando em meus braços.

Andei até minha cama e peguei minha mochila, a jogando por cima do ombro. Porém antes de passar pela porta, coloquei apenas a cabeça para fora e verifiquei se Callum estava por perto. As duas noites anteriores me fizeram ter a certeza de que ele percebeu que estou indo dormir com Raphael para evitá-lo.

E ele parece empenhado em fazer isso parar de acontecer, já que sempre aparece no instante em que estou prestes a ir para o quarto do meu irmão. Mas eu não pretendo parar.

Quando vi que o caminho estava livre, suspirei aliviada e saí do quarto com Killer, lhe fazendo um carinho atrás da orelha esquerda. Desci calmamente as escadas da sala de estar e fui em direção à sala de jantar; senti o cheiro de café e bacon.

Estou morrendo de vontade de comer ovos com bacon, mas não posso fazer isso, pois tenho que perder peso o mais rápido possível. Dizem

que sou perfeccionista, e é verdade. Gosto de tudo perfeito, e se meu peso me afeta na dança, eu vou fazer qualquer coisa para que isso mude. Então terei que me contentar apenas com os ovos, e nada de bacon ou outras coisas gordurosas.

Quando entrei na sala de jantar, ergui as sobrancelhas ao ver Kellan sentado em uma das cadeiras, de frente para Rapha, que estava de costas para mim.

— O que você está fazendo aqui tão cedo? — perguntei, de cenho franzido. Era só dez para às oito da manhã de sábado. Ele deveria estar dormindo. E Raphael também.

— Bom dia para você também, muito bom saber que adora minha presença — Kellan soou sarcástico, os olhos fixos em seu celular.

Me sentei na cadeira que fica de frente para todos e coloquei minha mochila no chão, pondo Killer em minhas coxas. Olhei para meu irmão.

— Rapha, vocês vão sair? — Acaricieei as enormes orelhas de Killer.

Raphael, que estava mastigando o resto de seu croissant, assentiu com a cabeça.

— Vamos resolver pendências sobre o racha de hoje à noite — ele disse, de boca cheia.

Fiz uma careta, analisando seu cabelo escuro preso em um coque estilo samurai, com alguns fios livres emoldurando seu rosto.

— Tão cedo? — questionei.

Meu irmão fechou os olhos e respirou fundo.

— Sei que Shakespeare falou que a paciência é a mais nobre e gentil das virtudes, mas só por um minuto... — Abriu um dos olhos escuros e me encarou. — Pare de fazer tantas perguntas a esta hora da manhã e coma.

Uni as sobrancelhas.

— Mas eu só fiz duas.

Sorriu de lado.

— E elas valem por dez.

Encolhi meus ombros, e meu rosto se tornou uma carranca enquanto eu encarava Killer em meu colo. Tentei segurar minha língua, mas falar sobre os rachas sempre me deixava animada.

Eu faria de tudo para ir em um, ao menos uma vez.

— Me leva com você, Rapha! — pedi, sorrindo inocentemente. — Por favor, eu juro que me comporto!

Rapha se engasgou com seu suco.

— Até parece — ele debochou. — Nem fodendo que vou te levar pra lá.

— Por favor, *hermanito*! — implorei, batendo meus cílios para ele. — Prometo não causar problemas, você nem vai perceber que estou lá.

Próximo a mim e do meu lado esquerdo, ouvi Kellan rir de maneira debochada. Desviei minha atenção para ele e estreitei meus olhos em sua direção.

— O que é tão engraçado? — perguntei, ainda sem receber um olhar seu.

Eu sempre soube que Kellan era indiferente a minha presença, mas ter consciência disso não fazia com que doesse menos. E não falo isso apenas por ele estar focado em seu celular nesse momento, mas também pelo fato de ele ser assim desde que me entendo por gente.

— Você dizendo que não vai se meter em problemas — ele respondeu.

Ao analisá-lo, vejo como o babaquinha está bonito. Está usando uma regata preta por dentro de uma jaqueta jeans de cor clara. Sua calça é da mesma cor que a blusa, e seu cabelo está levemente bagunçado, de um jeito bonito. As mãos de Kellan estão com alguns anéis, combinando com a corrente de prata em seu pescoço.

— Eu não vou me meter em problemas — me defendi, começando a ficar irritada.

— Você é o problema em pessoa — Kellan finalmente me olhou, as íris azuis tão intensas que me tiraram o fôlego.

Encolhi meus ombros diante de sua escolha de palavras e desviei os olhos enquanto ergui Killer até a altura do meu pescoço.

Eu gosto de Kellan, gosto de verdade, mas gostar dele se torna quase um desafio quando ele tem um comportamento tão babaca e arrogante.

— Você que é o problema em pessoa, seu fodido — Rapha disse, entre dentes, jogando uma azeitona em Kellan, que desviou a tempo.

Meu irmão, por sua vez, estava usando uma de suas camisas pretas da banda *AC/DC*, uma calça jeans rasgada nos joelhos e uma jaqueta preta com a seguinte frase estampada nas costas: “O inferno está vazio, e todos os demônios estão aqui”. É impressionante o quanto ele ama essa frase, não é? Bom, mas não para mim.

Cresci ouvindo meu irmão recitar Shakespeare pelos cantos, ele é completamente viciado em filósofos. Seu quarto está cheio desses livros.

E, a propósito, ainda vou roubar essa jaqueta.

— Eu não falei nenhuma mentira, a sua irmã é um ímã para problemas — Kellan revirou os olhos.

Rangi meus dentes e o fuzilei com o olhar. Ele mal abre a boca, e quando abre é para falar bosta.

— Eu tenho um nome! E é Ryen Rodríguez! — quase gritei; Killer latiu.

Parecendo ignorar o que eu disse, Kellan desviou os olhos para o meu cachorro e ergueu uma sobrancelha.

— Esse que é o tal Killer? — ele perguntou, se levantando de sua cadeira.

Abracei meu filho e virei o rosto.

— Não interessa, ele também atrai problemas — resmunguei, escutando a risada de Rapha.

Antes que eu me desse conta, Killer foi tirado de minhas mãos, e eu arregalei meus olhos, virando o rosto para surpreender Kellan segurando meu cachorro.

— Ei! — chamei, também me levantando.

— Realmente é um doberman — Kellan me ignorou, erguendo meu filho no ar.

Raphael franziu as sobrancelhas.

— É lógico que é, idiota — ele desdenhou. — Acha que não sei como é um filhote de doberman?

Kellan mostrou o dedo do meio para ele e olhou para Killer.

— Ele é um pouco pequeno pra um filhote de doberman, não acha? — ele perguntou, enquanto Killer lambia sua mão.

— Ele tem apenas dois meses, quer que ele seja de que tamanho? — Raphael debochou.

— Eu estou dizendo que mesmo com dois meses de idade ele deveria ser maior, seu filho da puta — Kellan rosnou.

Rapha enfiou uma azeitona na boca e o piercing em seu lábio brilhou enquanto ele a mastigava. Desviei meus olhos dele e os foquei em Kellan.

— Me devolve o Killer, você não pode tirar ele de mim só porque te deu vontade — Estiquei minhas mãos para pegar meu cachorro.

Kellan o ergueu mais alto, o colocando longe do meu alcance.

— Não — ele disse, de maneira simples, a sombra de um sorriso brincando em seus lábios.

Abri a boca, chocada.

— O quê? — perguntei, incrédula. — Como assim “não”? Me devolve, ele está com fome!

Pode-se dizer que Kellan era um poste. Eu não sou baixa, mas ele fazia eu me sentir como se fosse.

— Ele que te disse isso? — Kellan ergueu os cantos dos lábios em um sorriso debochado.

Abri e fechei a boca várias vezes, sem saber o que dizer. Kellan me desconcertava até quando estava implicando comigo.

— Me devolve o Killer... — pedi, me acalmando. — Por favor... — Sem pensar, agarrei a barra de sua jaqueta.

Kellan olhou para baixo, encontrando minhas mãos fechadas em punhos ao redor de sua jaqueta, e em seguida ergueu os olhos azuis-claros para mim. Prendi minha respiração e, de maneira inconsciente, reforcei meu aperto no tecido.

Ele olhou bem no fundo dos meus olhos, fazendo com que eu me sentisse tímida. Mas diferente de como me sentia com Callum, agora eu não estava enjoada ou desconfortável.

— Ah, pelo amor de Deus— Ouvi Rapha dizer, e Kellan se afastou de mim de maneira brusca, fazendo com que eu soltasse sua roupa. — O que foi que eu te disse ontem, Ryen? Não peça, arranque dele.

Seja a força que eles não conseguem ir contra.

Olhei para Kellan e ele arqueou uma sobrancelha, segurando Killer em seus braços. Respirando fundo, ergui meu pé direito e o enterrei na canela de Kellan com toda a força que eu tinha. Seus olhos se arregalaram e ele grunhiu de dor, abaixando Killer.

Me aproveitei disso para pegar meu filho e o abraçar contra mim, o mantendo longe de Kellan. Ouvi a risada estrangulada de Rapha.

— Porra! — Kellan pulou em um pé só até sua cadeira.

Meu irmão bateu palmas, rindo.

— Agora chuta a outra! — ele incentivou, um sorriso largo surgindo em seu rosto.

Kellan se jogou em sua cadeira.

— Foda-se, porra! — ele disse, entre dentes.

O olhei com preocupação, o rosto bonito de Kellan contorcido em uma careta de dor enquanto ele pressionava seu punho esquerdo na mesa.

— Me desculpa, Kellan — Dou um passo à frente, envergonhada.
— Você não queria me dar o Killer, e então eu... sinto muito!

— Não, você não sente — ele acusou, rindo sarcasticamente.

E eu realmente não sentia.

Raphael bateu na mesa, rindo descontroladamente. Eu encolhi meus ombros e voltei para a minha cadeira, pondo Killer em meu colo. Kellan se curvou para acariciar sua canela, ficando próximo da minha mochila.

— Assistir a isso foi melhor do que bater no professor de Artes —
Rapha enxugou uma lágrima que escorreu pelo canto de sua bochecha.

Fiquei em alerta ao ouvir isso.

— O que aconteceu com ele?

— Foi demitido do colégio — Kellan respondeu quando finalmente voltou para cima. — Meu pai falou pro meu tio pôr o professor na cadeia por pedofilia, mas ele não quis. Não quer que fiquem sabendo disso e que tudo vire um escândalo.

O pai de Brianna está louco?

— Então não adiantou de nada? — perguntei, chocada.

— Pelo menos batemos nele — Rapha deu de ombros.

— E meu pai se assegurou de que aquele merda não consiga trabalhar em mais nenhum lugar — Kellan falou, passando os dedos por seu cabelo.

— Fez mais do que o pai de Brianna — Meu irmão riu.

Neguei com a cabeça. *Ele tem razão.*

— E sua prima? Como ela está? — perguntei.

Kellan me encarou.

— Se trancou no quarto e não quer falar com ninguém.

— E sobre vocês baterem no professor? Não deu em nada?

— Eu disse uma merda sobre defender a honra da minha prima, —
Kellan riu — e meu pai e sua mãe limparam a nossa barra — ele completou.

Assenti com a cabeça. *Genial.*

No entanto, era com Brianna que eu estava mais preocupada. Não queria, mas via um pouco de mim nela. E isso doía, porque meu problema ainda estava morando comigo.

— Ryen, come o meu sanduíche de pasta de amendoim — Rapha empurrou seu prato na minha direção e fez uma careta. — Você ainda não comeu nada.

— Ela não gosta de pasta de amendoim, idiota — Kellan falou por mim.

Como ele sabia disso? Foi Rapha quem contou? Nem todo mundo sabia que não gosto de amendoim.

— Quase esqueci — Meu irmão coçou a sobancelha. — Então come uma torrada. Você só sai daqui quando comer algo.

Fechei a cara e resmunguei algo que nem mesmo eu entendi. *Mandão.*

Rapha sorriu, travesso, e viu a alegria sumir de seu rosto com a mesma rapidez com a qual apareceu. Seus olhos se fixaram em algo atrás de mim, e me virei para ver o que era, me arrependendo logo em seguida. Meu corpo ficou tenso ao ver Callum vindo em direção à mesa do café da manhã, sem camisa e usando apenas uma calça branca de moletom. Odeio como ele se sente confortável na minha casa.

Retornei o corpo para frente e apertei Killer contra mim, o sentindo lambendo meus dedos.

— Bom dia, família — ele falou, de maneira cínica. — Bom dia, Kellan — ele disse, e se sentou ao lado dele.

Kellan lhe deu um rápido olhar e pegou seu celular em cima da mesa.

— Bom dia — devolveu, de forma seca.

Olhei para Killer em meu colo e o vi apoiar o focinho em minha barriga nua, fazendo com que eu me arrependesse do traje que escolhi esta manhã. Eu deveria ter vestido um moletom por cima do top. Tenho que colocar o máximo de roupa possível quando esse homem estiver por perto.

— Vai para a aula de dança, Ryen? — Callum perguntou.

Eu apenas assenti, focada em brincar com o nariz do meu cachorro.

— Qualquer dia desses eu vou te ver dançar — ele falou, e eu ergui meu rosto para ele, o vendo morder uma torrada.

— Quero saber quem foi que te chamou, porra — Raphael rosnou, o encarando.

Rapha.

— Eu realmente não entendo sua agressividade comigo, Raphael — Callum revirou os olhos. — Eu apenas quero ver a Ryen dançar. Sua mãe

falou que ela dança muito bem.

— Ryen parece um anjo dançando.

A voz da minha mãe atingiu meus ouvidos e todos olhamos na direção da porta, a vendo parada lá, coberta com um robe preto. Seu sorriso era largo, e ela andou na direção do marido para beijar seus lábios.

— Bom dia — Ela olhou para nós.

Ouvi Kellan devolver o cumprimento, e Rapha apenas a ignorou. Coloquei um sorriso falso em meu rosto.

— Bom dia, mamãe.

Ela me fitou enquanto se sentava ao lado do marido.

— Então o Raphael realmente te deu um cachorro? — Ela suspirou.

— E você o trouxe para a mesa, Ryen? Sério?

Mordi meu lábio e encolhi meus ombros.

— Só quis tirar ele do quarto um pouco — expliquei. — E ele é limpinho, mamãe. Dei banho nele hoje mais cedo.

Minha mãe suspirou e massageou as têmporas.

— Ainda assim. Tire ele daqui, por favor. Estamos comendo — ela ordenou.

Envergonhada, mordi o interior da minha bochecha com força e olhei para Killer em meu colo; ele parecia ocupado demais tentando morder meus dedos.

— Ok, mamãe — respondi, me levantando da cadeira de cabeça baixa.

Me recusei a olhar para cima para evitar que todos vissem meu rosto vermelho de vergonha.

— Ela disse que a porra do cachorro é limpo — A voz do meu irmão cortou a sala.

Fiquei tensa vendo seu olhar raivoso sendo lançado na direção de nossa mãe.

— Rapha... — eu o chamei.

Espera... Ele chamou o meu cachorro de “porra”?

— Não sei o porquê da raiva, Raphael — Mamãe apoiou o queixo nas mãos delicadas. — Apenas pedi para ela tirar o cachorro da mesa. Além de ser falta de educação, Callum tem alergia — ela completou.

Callum. Sempre Callum.

O mais surpreendente é que nunca o vi latir ao ficar perto do meu cachorro.

Meu irmão riu.

— Claro, agora tudo faz sentido — Ele a encarou, negando com a cabeça.

Mamãe rangeu os dentes.

— Não estou a fim de lidar com suas rebeldias tão cedo, Raphael — ela falou, e eu aproveitei para pegar minha mochila.

Quando meu irmão abriu a boca para refutá-la, fui até ele e toquei em seu braço.

— Rapha, estou atrasada pra aula de dança — eu disse a primeira coisa que me veio à mente. — Você me leva?

Raphael deu um último olhar para minha mãe e para nosso padrasto, que mesmo com a discussão mantinha uma expressão despreocupada no rosto. Meu irmão encarou alguém atrás de mim e acenou em direção à porta da sala, se levantando. Olhei para trás e vi Kellan. Eu nem notei que ele tinha se levantado de sua cadeira.

— Vamos — Rapha chamou, pondo a mão em minhas costas e me guiando para fora da sala de jantar, com Kellan do meu lado direito.

Após subir e deixar Killer em meu quarto, pude finalmente soltar a respiração que nem me toquei que estava prendendo. Eu só queria que mamãe e Rapha se dessem bem.

E eu queria, ao menos uma vez, ter a certeza de que ela nos preferia ao marido.



Após a professora desligar a música, coloquei as mãos em minha cintura e respirei fundo, puxando o ar profundamente. Nunca entendi como a dança podia me deixar tão cansada e ao mesmo tempo tão viva. É algo que vem de dentro de mim, e não tem nada no mundo que me deixe tão feliz. Com a dança eu consigo expressar tudo o que sinto. Não existe nada melhor do que isso.

— Bom, meninas. Encerramos por hoje — a professora anunciou.

A mulher veio em minha direção.

— Você foi maravilhosa, Ryen. Continue assim — Ela sorriu enquanto passava por mim. Sorri de volta.

Eu estava feliz, Jenna Watson faltou a aula de hoje.

Sentindo o suor escorrer por meu corpo e entre as minhas coxas, andei em direção à minha mochila, o short de lycra se agarrando às minhas coxas. Sequei meu pescoço e meu rosto com uma toalhinha branca e a joguei de volta no banco, abrindo minha mochila para pegar minha calça moletom.

A puxei para fora e, querendo ver a hora, procurei meu celular em um dos muitos bolsinhos. Franzi o cenho quando vi uma barrinha de cereal; a peguei. Aquilo não estava ali antes.

Sorri ao perceber que deve ter sido Raphael que a colocou ali, e abri a embalagem, mordendo a barrinha com vontade. O gosto doce explodiu em meu paladar e quase gemi ao sentir o gosto de banana com chocolate. Olhei ao redor para conferir se a professora não tinha visto nada porque sabia que ela voltaria a falar sobre a perda de peso. Enquanto meus olhos rastreavam a sala, quase me engasguei ao ver uma pessoa parada perto da enorme janela de vidro.

Kellan estava me observando comer, os braços cruzados em frente a seu peito em uma postura intimidadora. Ele estava lá há muito tempo? Caramba, tenho certeza de que ele me viu dançar.

Enfiei toda a barrinha de cereal na boca e rapidamente vesti minha calça. Arrumei meu cabelo em um coque apertado e peguei minha mochila, correndo para fora da sala e indo em direção a Kellan.

Mas minha animação sumiu logo que vi uma garota mais velha do que eu se aproximar de Kellan e lançar seus braços ao redor do pescoço dele, o abraçando. Ele segurou sua cintura e fechou os olhos quando ela se inclinou para beijar sua boca.

Desviei meu olhar para não ver a cena que embrulhou meu estomago. Eu não precisava olhar mais uma vez para ter certeza de que a garota era Candence, a namorada de Kellan que, por pura coincidência, fazia aula de dança comigo.

Ela deve ter uns dezoito anos e estuda na mesma sala que Kellan. Ele deveria ter se formado no ano passado, mas por algum motivo, reprovou. E bom, não há nada comprovando se ela é ou não namorada dele, mas pela forma que estavam se beijando naquele momento, sei que eram muito mais do que amigos.

Ouvi os dois se despedindo e olhei para ele, vendo seu rosto inexpressivo, como sempre. A linda loira de cabelo chanel e pernas longas

lhe deu mais um beijo antes de ir embora e eu ergui meu queixo, indo em direção a Kellan.

Passei por ele como se não o conhecesse, afinal ele com certeza só tinha vindo à escola de dança para vê-la.

— Para onde vai, pirralha? — Ouvi ele perguntar.

Parei no lugar e olhei para trás, fingindo procurar a origem da voz.

— Ah, Kellan. Eu não te vi aí — Sorri inocentemente, me virando para ele.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você pode ser boa em muitas coisas, mas mentir não é uma delas — atirou.

Meu sorriso quase vacilou, mas o mantive firme em meu rosto e continuei de queixo erguido.

— O que você está fazendo aqui? Onde está o Rapha? — perguntei.

Kellan descruzou os braços e enfiou as mãos nos bolsos de sua calça jeans.

— Ficou resolvendo algumas coisas e me pediu pra vir te buscar — ele falou, me encarando.

Assenti com a cabeça e apertei a alça da minha mochila. Ele veio me buscar, tudo bem. Mas ainda assim isso poderia ser só uma desculpa pra ver a namorada.

— Vamos. — Kellan chamou, passando por mim.

Não consegui conter o sorriso que brotou em meus lábios, e mesmo sem Kellan ver, assenti várias vezes com a cabeça. Sou uma boba.

Apressei meus passos para acompanhá-lo, admirando suas costas largas e o modo como elas se moviam à medida que ele andava. Kellan era alto e forte, E não tinha músculos exagerados. Na verdade, era mais magro do que musculoso, mas ainda assim eu nunca tinha visto alguém tão bonito quanto ele.

Kellan parou subitamente e trombei com tudo contra seu corpo, meu nariz batendo em suas costas.

— Ai... — resmunguei e dei um passo pra trás, massageando meu nariz.

Isso pra perguntar o porquê de ele ter parado justamente na porta da saída da academia de dança, mas o local para onde ele estava olhando me deu arrepios.

Tinha. Uma. Aranha. Na. Dobradiça.

Meus olhos se arregalaram e eu fiz a primeira coisa que me veio à cabeça, e a última que eu deveria ter pensado em fazer: pulei nas costas de Kellan, envolvendo seu pescoço com meus braços e sua cintura com minhas pernas. Ele xingou e deu alguns passos para trás, recuperando o equilíbrio.

— Mas que... — ele resmungou, girando o pescoço pra olhar pra mim.

— Mata, por favor! — eu implorei, fechando meus olhos. — Por favor! — Enterrei meu rosto no pescoço de Kellan.

Odeio aranhas. Minha fobia delas vai além da compreensão. Só de vê-las eu já sentia uma coceira estranha; as detestava com todo o meu coração.

— Porra... — Kellan pareceu irritado.

Apertei ainda mais meus membros ao redor de seu torso e senti o meu corpo começar a deslizar para baixo, evidenciando que eu poderia cair a qualquer momento. Uma mão foi para debaixo do meu joelho direito e me ergueu para cima. De repente, eu não sabia mais respirar.

— Pode me soltar agora, Ryen — Ouvi Kellan dizer. — Já afastei a aranha — ele disse, sua mão ainda nos meus joelhos.

Lentamente, ergui meu rosto de seu pescoço — que a propósito estava muito cheiroso — e olhei na direção da aranha, não a encontrando mais. Envergonhada, afastei minhas pernas e braços do corpo de Kellan e firmei meus pés no chão. Ele se virou para mim, seu rosto sério e o maxilar travado. *Ele estava com raiva de mim?*

— Me desculpa... — o olhei por debaixo dos cílios, apertando as alças de minha mochila.

Não queria ter feito isso, mas não penso com clareza quando estou com medo.

— Vamos — Foi tudo o que Kellan disse, me dando as costas e indo embora.

Suspirei e o segui, sentindo meu rosto vermelho de vergonha. Ele deve pensar que sou doida, ou então dramática. Contudo, eu tenho aversão a esses animais desde que um garoto da minha escola colocou uma aranha morta dentro do meu sanduíche. Eu tinha só oito anos na época, porém nunca vou me esquecer disso. Eu quase a comi.

Kellan apertou um botão e destravou as portas de sua BMW. Ele esperou que eu entrasse e colocasse minha mochila em meu colo para

depois entrar também. Tentei conter a vontade de sorrir, mas era quase insuportável.

Eu estava dentro de um carro com o garoto que eu gosto. Estávamos sozinhos. Ele veio me pegar na aula de dança e vai me deixar em casa. Não surta, Ryen. Não surta. Ele está apenas fazendo um favor ao seu irmão.

Tento me convencer disso, mas como posso não ter esperanças se é com ele que quero me casar algum dia?

Me assustei quando algo foi posto sobre minha mochila, então olhei para baixo, encontrando um pacote marrom daqueles que as pessoas usam para guardar e transportar lanches. Confusa, encarei Kellan.

Ele foi mais rápido.

— Já almoçou? — perguntou, dando partida na BMW. Eu neguei com a cabeça. — Então sem perguntas, só come — ele ordenou.

Abri o pacote e vi que era um sanduíche. O puxei para fora e espiei dentro.

— Não tem pasta de amendoim — Ouvi Kellan dizer e olhei em sua direção. — Pode comer tranquila.

Ele lembrou. De novo.

— Não precisava fazer isso — Sorri. — Obrigada!

Kellan deu de ombros.

— Seu irmão que me mandou fazer isso — ele falou, me fazendo murchar em meu assento. — Algo sobre você não estar comendo. Uma coisa assim.

Meus ombros caíram e eu assenti. Claro que foi Rapha, Kellan não se daria o trabalho de fazer isso.

Afastando esses pensamentos, mordi meu sanduíche e quase gemi ao sentir o gosto do presunto. Fazia quase três dias que eu vinha me recusando a comer essas coisas, mas era tão gostoso.

Nesse instante um pensamento me veio à mente; olhei para Kellan e engoli a comida.

— Como sabe que não gosto de amendoim? — perguntei, olhando para ele enquanto mordia meu sanduíche novamente.

Kellan ficou em silêncio por alguns segundos, e até pensei que ele iria me ignorar, afinal ele só estava aqui pra me levar pra casa. Além disso, não seria a primeira vez que ele me ignoraria quando falo com ele.

— Seu irmão que vive dizendo, não sei como ele se esqueceu disso hoje mais cedo — ele me respondeu, para a minha surpresa.

Engoli minha comida e tomei uma respiração profunda. Claro. Sempre o Rapha. Não é como se Kellan prestasse atenção em mim para saber disso, de qualquer maneira.

Decidi que não queria me decepcionar mais, então comi meu sanduíche em silêncio enquanto olhava para fora do carro, vendo as pessoas andarem pelas calçadas de Miami.

— Posso pôr uma música? — perguntei, guardando a embalagem do sanduíche em minha mochila para jogá-la em uma lixeira mais tarde.

— Não.

Não me deixei abalar.

— Por favor, eu ponho em um volume baixo — Juntei minhas mãos abaixo do meu queixo.

Ele riu, com sarcasmo.

— Eu já fui à sua casa e posso garantir que, pela música alta vinda do seu quarto, você definitivamente não escuta nada em um volume baixo — Kellan debochou. — Como não está surda de tanto ouvir *Shake It Off* em um volume daqueles?

Abri a boca, indignada.

— Só estou tentando compartilhar músicas boas! — me defendi e passei a mão pelo meu cabelo. — E Taylor Swift tem que ser apreciada assim.

Dessa vez, Kellan riu minimamente.

— Você adora compartilhar o quanto canta mal, também — Ele negou com a cabeça.

Agora eu estava chocada.

— Eu não canto tão mal assim!

— Você, como cantora, é uma ótima dançarina — ele continuou me provocando.

Isso me chamou a atenção e eu sorri, tímida.

— Acha que sou uma ótima dançarina? — perguntei, sentindo meu coração palpitar. Nunca trocamos tantas palavras assim.

Por um momento pude jurar que vi a expressão fria de Kellan cair, mas foi apenas um devaneio da minha cabeça.

— Eu realmente não posso pôr uma música? — perguntei.

— Não, não pode.

Mordi meu lábio.

— Você pode ser mais legal comigo, sabia? — eu comecei, brincando com meus dedos. — Nós crescemos juntos, você tem o Rapha como um irmão...

Kellan tirou sua atenção da estrada para me olhar, e então ele riu, de maneira debochada.

— Você e Rapha não são a mesma coisa.

Franzi o cenho enquanto a BMW parava em frente ao portão da minha casa.

— Por que não? — perguntei. — Você considera o Rapha um irmão, o que cus-...

— Você não é minha irmã. E nunca vai ser.

Imediatamente parei de falar, e algo doeu dentro do meu peito como nunca havia doído antes. Engoli em seco e senti meu lábio tremer.

— Eu não entendo o porquê de você não gostar de mim e ter essa necessidade de ser grosso comigo... — admiti, em voz baixa, enquanto passávamos pelos portões.

Kellan ergueu minimamente as sobrancelhas, e quando estacionou o carro, me encarou.

— Eu nunca disse — comentou.

— O quê?

— Que não gosto de você.

Ergui as sobrancelhas.

— Então por que você não me trata da mesma forma como faz com o Rapha? — questionei, cravando minhas unhas nas palmas das minhas mãos.

Ele me encarou por alguns segundos, o rosto inexpressivo.

— Porque você nunca vai ser o seu irmão.

Ai.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas e agarrei minha mochila. Doeu. Doeu pra caramba. E ele nem pensou duas vezes ao dizer isso. Parece que foi tão fácil pra ele.

Com os olhos marejados, encarei Kellan.

— Você é um idiota! — esbravejei, odiosa. — Vá para o raio que o parta, você e essa sua cara feia de quem odeia o mundo! — falei, antes de sair do carro e correr para longe.

Não olhei para checar se Kellan me observava. Não quis que ele soubesse que eu estava chorando. Ele deixou claro que eu não era nada para

ele, e tudo bem, ele não era obrigado a gostar de mim, mas a rispidez em suas respostas sempre me pegava de surpresa.

Depois que subi para meu quarto — um pouco mais tranquila pois não tinha visto Callum na sala nem nos corredores — tomei um banho e passei o resto da tarde fazendo meu dever de casa e estudando para um teste importante que aconteceria daqui a algumas semanas.

Sabia que ainda tinha tempo, mas qual era o sentido de estudar em cima da hora? Preferia ir absorvendo o assunto a longo prazo.

Fechei meu caderno quando as palavras de Kellan voltaram à minha mente, então levantei da cadeira, indo em direção ao meu enorme espelho.

Analisei meu cabelo longo e escuro, preso em uma trança, e escondi alguns fios rebeldes atrás das minhas orelhas. Encarei meus olhos grandes cor de avelã, e desci o olhar para meus lábios cheios. Segurei minhas bochechas gordinhas e cheguei à conclusão de que talvez eu fosse mais bonita se emagrecesse, como minha professora de dança falou.

Pelo grande espelho, analisei meu corpo. Coxas grossas, bunda grande, cintura fina, porém, a barriga nada plana. Meus seios tinham tamanho médio, e uma vez me disseram que eles iriam crescer até meus dezesesseis anos. Bom, eu estava contando com isso.

Não me considero feia, mas o que eu tinha de especial ou diferente para atrair a atenção de Callum ou o bullying dos meus colegas?

Suspirei e me afastei do espelho, indo em direção a minha TV. Coloquei *10 coisas que eu odeio em você* e sorri ao abraçar o travesseiro e perceber que não importa o quanto eu assista esse filme, nunca me canso. Encarei Killer dormindo ao meu lado, e quase morri com tamanha fofura.

Às sete e quinze da noite, decidi descer pra conferir se o jantar já estava pronto. Com sorte, o cardápio de hoje não seria nada muito gorduroso ou calórico.

— Já vai em um daquelas rachas idiotas? — Ouvi a voz da minha mãe quando parei perto da escada.

Estão brigando de novo?

— Sim — Escutei Rapha confirmar, e do topo da escada, olhei para ele.

Meu irmão estava com uma corrente pendurada em sua calça jeans preta, e usava uma regata branca simples. Por cima, estava sua jaqueta de mais cedo, aquela com a frase de Shakespeare. O cabelo estava preso, e mesmo de longe era possível ver o piercing brilhar em seu lábio inferior.

Diante do silêncio de Raphael, que estava arrumando o relógio em seu pulso, mamãe continuou.

— Você não deveria frequentar esses lugares, você é herdeiro de um grande patrimônio — ela falou, os braços cruzados sobre o vestido vermelho que estava usando.

— Eu já ouvi esse discurso antes, não precisa repeti-lo toda vez que saio. E não, eu não vou deixar de frequentar rachas — Ele se abaixou para amarrar os cadarços de seus coturnos.

— Você não vê que isso é ilegal? — mamãe perguntou. — Isso pode acabar com a nossa reputação, rachas não são algo da nossa classe.

Mas o papai amava...

— Não sei se você se lembra, Victoria, mas o seu marido amava rachas — meu irmão rebateu, com desdém, se erguendo.

Mamãe franziu as sobrancelhas.

— Não fale besteira. Callum nem mesmo chega perto desses lugares imundos.

Sério, mamãe?

Rapha riu, seco.

— Não esse escultor sem talento que você pegou pra criar, mamãe — ele disse, sarcástico, rindo venenosamente. — Me referia ao marido que morreu. O dono da fortuna que seu novo amante aproveita.

Do alto da escada, vi o rosto de nossa mãe se contorcer em pura raiva.

— Quando é que você vai parar de implicar com o Callum? — ela perguntou, pondo as mãos na cintura. — Ele sempre te tratou bem, e tem você e a Ryen como filhos.

Ah, mamãe...

Meu irmão riu mais uma vez, negando com a cabeça várias vezes.

— Não tem nada de paterno na forma que o seu marido olha para a minha irmã.

Ao ouvir a menção a mim, sentei no topo da escada, me escondendo para que eles não me notassem.

— O que você quer dizer com isso? — mamãe se aproximou dele.

— Sério que você não nota o jeito que aquele filho da puta olha para a Ryen? — meu irmão questionou, sorrindo cruelmente. — Ele pode ver a Ryen de muitas formas, mas como filha ele com certeza não a vê.

Ergui as sobrancelhas e senti um aperto no peito.

— Você está insinuando que o Callum vê a Ryen com maldade? — mamãe pareceu incrédula. — Você ficou louco?

Rapha colocou as mãos nos bolsos de sua jaqueta.

— Só você não vê que o seu maridinho sente mais atração pela sua filha do que por você — ele cuspiu as palavras, se virando para ir embora.

Contudo nossa mãe não o deixou partir assim; ela agarrou seu braço, o virando para si.

— Não é porque você não gosta do Callum, que precisa inventar mentiras como essa! — mamãe aumentou o tom de voz, já estava gritando.

Acredite nele, mamãe. Por favor.

Rapha puxou bruscamente seu braço do aperto dela.

— Foda - se se você não acredita em mim. A Ryen é a mais prejudicada nessa história — Ele a olhou dos pés à cabeça. — Se queria dar essa boceta velha, que o fizesse, mas não ponha um homem dentro de casa quando a minha irmã ainda mora aqui! — ele gritou.

Meus olhos se arregalaram e o som do tapa que minha mãe deu em Raphael repercutiu por toda a sala.

Cobri minha boca com as mãos, vendo Raphael rir, uma risada tão quebrada que partiu meu coração. Ele virou o rosto na direção de nossa mãe, que tinha os olhos arregalados, assim como os meus.

— Sabe o que é engraçado? Todo mundo acha que somos perfeitos, a família bem-sucedida e próspera de Miami — ele disse, sua bochecha começando a ficar vermelha. Ele sorriu. — Mas eles não podem olhar através das cortinas, não é?

Dessa vez, minha mãe não o impediu de ir embora quando ele lhe deu as costas e caminhou em direção a enorme porta da sala. Desesperada, fiquei de pé e comecei a descer as escadas.

— Raphael! — eu o chamei, minha voz embargada. — Rapha!

Quando finalmente cheguei à porta, meu irmão já estava indo embora em sua *Lamborghini* verde, dirigindo em alta velocidade e me deixando para trás. Uma lágrima escorreu pela minha bochecha e eu fechei a porta.

Me virei para nossa mãe, a encontrando com uma expressão indiferente. Como se não tivesse acabado de bater no rosto do próprio filho.

— Rebelde de merda... — A ouvi resmungar, massageando sua própria mão. A mesma mão que usou para bater em Raphael.

Andei lentamente até ela.

— Por que bateu nele, mamãe?

— Ele mereceu — Foi tudo que ela disse.

Sei que ele não deveria ter dito aquilo. Mas ainda assim...

— Por que não acreditou nele? — engoli em seco quando perguntei.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Como?

Respirei fundo.

— Por que não acreditou no que ele disse sobre o Callum? — perguntei, minha voz falhando.

— Porque isso não tem pé nem cabeça — ela disse e se afastou de mim, me dando as costas.

Abaixei o rosto e arrumei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Em seguida, olhei para ela.

— E se o que ele disse for verdade? — eu comecei. — E se o seu marido realmente me olhar com maldade?

Mamãe negou com a cabeça. Andei até ela e segurei suas mãos, a fazendo olhar em meus olhos. Eu tinha que dizer a ela. Isso já estava insuportável. Era como um peso sobre meus ombros.

— Ryen... — mamãe tentou, mas eu a cortei.

— Eu não queria falar porque estava com medo, mas o Rapha disse a verdade, mamãe... — Lágrimas deslizaram por minha bochecha. — Callum não é uma boa pessoa.

Ela puxou suas mãos do meu aperto.

— Pare com isso — ela mandou.

Mas eu não parei.

— Rapha também não sabe, mas ele falou a verdade — eu disse. — Callum entra no meu quarto todas as noites e me toca enquanto estou dormindo, mamãe. Ele abusa de mim sempre que você e o Rapha estão dormin-...

Isso não podia estar acontecendo.

De todas as reações que minha mãe poderia ter, essa foi a que eu nunca esperei. A dor do tapa pinicou em minha bochecha, e o golpe foi forte o suficiente para virar minha cabeça para o lado. Minha mãe me bateu.

Arregalei meus olhos e coloquei a mão sobre o meu rosto.

— Mamãe? — Olhei para ela.

Ela me agarrou pelos ombros.

— Não faça isso, Ryen! — ela ordenou, me chacoalhando. — Não entre na onda do seu irmão, não seja como ele! Não minta assim! — Seu aperto em meus ombros ficou mais forte.

— Mas eu não estou mentindo, mamãe! — solucei.

Mamãe me trouxe para mais perto.

— Você não vai contar nada disso ao seu irmão, me ouviu? Não preciso dele usando a sua mentira para acabar com o meu casamento!

Um soluço mais alto escapou dos meus lábios.

— Mamãe... — Foi tudo o que consegui murmurar.

— Faça isso e eu perdoo você, ouviu bem? — ela sugeriu e eu assenti, sentindo meu coração despedaçar. Ela me soltou. — Ótimo, agora suba para o seu quarto. Estou muito decepcionada com você.

Depois disso, corri escada acima, minha visão embaçada pelas lágrimas que escorriam pelo meu rosto sem dar trégua. Bati a porta do meu quarto e a tranquei, pegando Killer de sua caminha e me jogando com ele em cima da minha.

Minha própria mãe não acreditava em mim. Ela preferiu acreditar no marido a mim, que sou sua filha. Ela disse que estava decepcionada comigo, mas por que eu sinto que sou a única que precisa ser consolada?

Eu deveria ter ficado calada. O abuso de Callum não duraria para sempre, um dia eu vou fazer dezoito anos e vou embora daqui com o Rapha. Essa foi a pior coisa que eu poderia ter feito, e nem posso contar nada a meu irmão. Ele faria algo que comprometeria sua liberdade de ir e vir, e eu não quero ficar sozinha com Callum e minha mãe.

Eu estava tão magoada.

Killer enterrou o focinho na curva de meu ombro e me permiti sorrir minimamente, acariciando suas costas pequenas. Não desci para jantar e minha mãe não me chamou para comer. Quando olhei a hora em meu celular — após dormir um pouco — já eram cinco para as dez da noite.

Rapha não estava aqui para que eu dormisse com ele, e eu estava disposta a esperar que Callum invadisse meu quarto mais uma vez.

Foi pensando nisso que entrei no perfil do meu irmão no Instagram e consegui descobrir a hora e o local do racha de hoje. Eu não ia ficar esperando que Callum entrasse no meu quarto e me tocasse sem minha permissão. Estava cansada de me sentir suja e correr para o banheiro tomar um banho sempre que ele abusava de mim.

Decidi que iria para o racha, e que só sairia de lá com o Raphael.



*“Eu não me identifico com você
Eu não me identifico com você, não
Porque eu jamais me trataria assim, você me fez odiar essa cidade”*
Billie Eilish – Happier Than Ever

Ryen Rodríguez

O táxi parou em um local repleto de carros e totalmente desconhecido por mim. Analisei bem o lugar, vendo as pessoas que passavam por mim. As garotas usavam roupas minúsculas, e alguns homens estavam com o peito nu — a maioria usava camisa, mas deixavam os botões totalmente abertos, revelando seus abdomens bem trabalhados.

Pela janela, vi uma garota se abaixar para pegar algo no chão, e à medida que ela empinou a bunda para o ar, fez meu rosto se aquecer de vergonha. Aquilo podia ser considerado uma calcinha? Ela realmente estava usando uma?

Céus, onde foi que eu vim parar?

Paguei o motorista do Uber, e antes de descer do carro conferi se o canivete que Rapha me deu estava no bolso do moletom; suspirei aliviada ao constatar que sim. O táxi foi embora e eu engoli em seco antes de começar a caminhar entre as pessoas, a música extremamente alta.

Subi o capuz do meu moletom ao ver alguns alunos do meu colégio e enfiei as mãos nos bolsos. Não queria ser vista naquele lugar, e agora entendia por que Rapha não queria me deixar ir até lá. Só havia peito, bunda e abdômen pra todo lado.

Envolvi meus dedos em torno do meu canivete quando notei alguns garotos me olhando intrigados enquanto cheiravam algo. Abaixei o rosto e encolhi os ombros, continuando meu caminho.

Isso me fez questionar se a roupa que vesti para ir ao racha foi uma escolha errada. Estava usando um moletom cinza e um short jeans. Por baixo havia apenas uma regata branca de alças grossas. Meu moletom era tão grande que chegava até um pouco acima da minha bunda, deixando minhas pernas de fora. Em meus pés calcei um *all star* vermelho e meu cabelo estava preso com apenas uma trança, da qual minha franja escapava.

Parei de andar quando vi Kellan um pouco a frente, encostado em sua Ferrari vermelha e rodeado de gente. Meu estômago embrulhou quando reparei na loira bonita agarrada a ele, a mão de Kellan em sua bunda coberta por uma minissaia. Candence.

Ela se inclinou e beijou seu pescoço, ele apertou sua bunda.

Alguma espécie de raiva subiu por meu peito, e eu lhe dei as costas antes que sucumbisse à vontade de jogar uma pedra enorme na cabeça dele. Eu ainda estava magoada pelo que aconteceu mais cedo. Ele não precisava ter sido tão duro comigo.

Percebendo que Rapha não estava perto de Kellan, passei os olhos pela multidão, o procurando.

— Caralho, Raphael está na frente!

Ergui as sobrancelhas quando escutei aquele nome, então olhei na direção da voz e vi algumas pessoas olhando para um enorme telão. Nele, vi a Lamborghini verde de Rapha. Tive a certeza de que realmente era meu irmão quando ele pôs a cabeça pra fora e mostrou o dedo do meio para o carro que estava logo atrás.

— Vai, cachorro louco! — um cara ao meu lado berrou, puxando uma série de gritos das outras pessoas.

Eu não consigo levar esse apelido a sério.

Em algum momento, a Ferrari preta que estava competindo com Rapha conseguiu ficar ao lado dele. No entanto meu irmão lançou sua Lamborghini contra o carro rival, o fazendo ir para o lado. Meu coração quase saltou da boca e eu dei pulo pra trás quando Rapha ficou à beira de perder o controle.

Eu só não esperava que o meu susto fosse me fazer esbarrar em alguém.

— Caralho! — uma voz masculina xingou e eu olhei para trás.

— Me desculpa! — eu pedi, minha cabeça baixa em uma tentativa de esconder meu rosto.

— Presta mais atenção, seu merdinha — o cara falou, dando um passo na minha direção.

— Acho que é uma garota, McKay — outro cara disse, me fazendo engolir em seco.

Espera... McKay? Não era contra ele que meu irmão correria hoje?

Quando fiz menção de me virar para ir embora, alguém jogou meu capuz para trás com tanta força que até a longa trança que eu tinha colocado dentro do moletom, saltou pra fora, deslizando até a altura do meu umbigo.

— Porra, e não é que é uma garota mesmo — o tal do McKay disse, um sorrisinho brotando em seus lábios. — Perdida, gatinha?

Mesmo que seu sorriso tenha me dado arrepios, não pude deixar de notar seu lindo cabelo loiro com cachos pequenos e bagunçados, e seus olhos castanhos. Ele era alto; não tão alto como Kellan, mas ainda assim fez eu me sentir pequena.

— Você tem quantos anos? — McKay perguntou, curvando seu corpo para ficar da minha altura. Ele sorriu. — Acho que você não deveria estar aqui, gatinha.

Coloquei as mãos nos bolsos do moletom e segurei meu canivete com força.

— Com licença... — eu pedi, me virando para ir embora o mais rápido possível.

No entanto uma mão agarrou meu cotovelo e me puxou para trás, me fazendo colidir com o peito forte de alguém.

— Pra onde vai com tanta pressa? — Ouvi McKay perguntar em meu ouvido. — Aposto que acabou de chegar.

Fiz um esforço para soltar meu cotovelo de seu aperto e dei alguns passos para trás.

— Qual foi, McKay... — Um dos garotos riu. — Essa garota não parece ter mais de dezesseis.

McKay inclinou a cabeça para o lado e me encarou, de cima para baixo, com malícia evidente.

— Ela definitivamente não parece uma criança — Ele sorriu de lado, dando um passo em minha direção.

Engoli em seco.

— Não se aproxime! — Consegui dizer, pronta pra sacar meu canivete.

Ele riu como se eu tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo.

— Ela fala — debochou, antes de passar o braço pela minha cintura e me puxar contra seu corpo.

Foi tudo tão rápido que só me dei conta quando vi sua boca vindo na direção da minha.

— Me solta! — gritei, me debatendo.

Por algum milagre, consegui pisar no pé do garoto com toda a minha força e fazê-lo me soltar, com um grunhido de dor. Seus amigos riram e eu dei alguns passos para trás.

Por que homens são assim? Por que sempre sentem necessidade de mexer com uma mulher desacompanhada? Por que não podem simplesmente ignorá-la?

— Sua putinha! — McKay xingou, dando um passo na minha direção.

Estava pronta para sacar meu canivete, quando um braço envolveu minha cintura por trás e um corpo quente grudou em minhas costas. Desesperada, girei o pescoço para ver quem era, e meus olhos quase saltaram da órbita quando percebi quem estava ali.

— Kellan... — o nome dele deixou meus lábios, em um sussurro.

Ele me puxou ainda mais contra seu corpo, eu me engasguei.

— McKay — Kellan olhou para o garoto. — Parece bem atrasado, não?

Ele está perto, muito perto.

— Tive problemas com meu carro — o garoto pôs as mãos nos bolsos de sua calça.

— É isso mesmo ou você fugiu? — Kellan o provocou, sua voz carregada de veneno.

Engoli em seco quando ele espalmou a mão em meu estômago, me fazendo prender a respiração. *O que ele estava fazendo?*

— Como se eu tivesse medo de competir com o fodido do Rodríguez — McKay debochou, e seus olhos caíram em mim. — Conhece? — A pergunta foi para Kellan.

Parecendo notar a malícia nos olhos do garoto, Kellan agarrou minha cintura com as duas mãos, me puxando ainda mais contra si. Eu não deveria estar gostando disso, ainda estava com raiva dele.

Mas era tão bom.

— Por quê? — É tudo o que saiu da boca de Kellan.

— Acho que essa gracinha se perdeu — O garoto sorriu. — Quero ajudá-la a encontrar o caminho de casa.

Diante dos olhos de McKay, me encolho contra o corpo de Kellan.

— Não acho que a minha garota seja da sua conta — Kellan falou. Não, ele avisou.

Minha... Minha garota?

Ah, meu Deus. Meu coração batia como um louco agora. Eu não acredito que ele disse que sou a garota dele. Tenho certeza de que ele se referiu a mim dessa maneira apenas para afastar esses caras, mas meu coração traidor não conseguiu deixar de errar uma batida.

— Espera aí... — um garoto falou, me indicando com o queixo. — Essa aí não é a irmã do Raphael?

Puxei o capuz sobre minha cabeça para cobrir meu rosto. A última coisa que eu queria era esses caras sabendo quem eu era.

Senti Kellan ficar tenso contra mim.

— Kellan, Kellan... — McKay sorriu, largamente. — O Rodríguez sabe que você anda fodendo a irmãzinha dele? Se não me engano, ela e minha irmã estudam juntas. Quantos anos ela tem, Royal?

Abaixei meu rosto quando senti o calor subir por minhas bochechas. Ele tinha mesmo que usar essa palavra?

Kellan me colocou atrás de seu grande corpo, me escondendo da vista dos três garotos.

— E você, McKay? — Kellan perguntou, e dava para sentir o sorriso em sua voz. — Sabe que quase comi a sua irmã na semana passada?

Arregalei meus olhos.

— O que você disse, seu filho da puta? — McKay perguntou, entre dentes.

— Eu quase não resisti, cara — Kellan riu. — Ela se esfregou em mim como uma puta, parecia louca pelo meu pau.

Irritada, empurrei Kellan para frente, mas ele nem se mexeu, apenas agarrou meu pulso antes que eu conseguisse me afastar dele e ir embora. Tentei me soltar, mas seu aperto se intensificou.

— Fala isso de novo, filho da puta! — McKay mandou, e espiando através de Kellan pude ver seus amigos o segurarem.

O melhor amigo do meu irmão riu mais alto, uma risada seca e sem humor.

— Ah, qual é, McKay — debochou. — Ela nem é mais virgem, por que você está assim? Eu não a toquei, cara. Mesmo que ela não seja muito diferente de uma marmita. Mas fiquei tentado, admito.

McKay tentou avançar na direção de Kellan, mas seus amigos fizeram o impossível para conte-lo. Olhei para as costas de Kellan, lutando contra o choque e a raiva que senti ao ouvir suas palavras cruas e sujas.

— Para, cara! — um dos amigos de McKay pediu. — Resolve isso na pista!

Se soltando do agarre dos amigos, o garoto apontou o dedo na direção de Kellan.

— Você e eu — ele rosnou, uma veia pulsando em sua testa. — Na pista. Logo depois do fodido do seu amigo.

— Porra, mal posso esperar — Kellan provocou.

Quando os garotos passaram por nós, McKay colidiu — de maneira proposital — seu ombro contra o de Kellan, que apenas se mexeu para o lado. Assistimos eles sumirem na multidão que ainda assistia a corrida de Rapha, e antes que eu pudesse mover meus olhos para o telão, fui arrastada no meio das pessoas até que minhas costas bateram — sem muita força — em uma parede.

Ergui os olhos, Kellan me olhando com uma cara nada boa. Acho que me ferrei.

— O que caralho você está fazendo aqui? — ele perguntou, de frente para mim.

Não sou obrigada a responder.

— Vim ver o meu irmão competir — deixei escapar e mordi o interior da minha bochecha.

Burra.

— Eu falei que você não podia vir — ele me lembrou, parecendo irritado.

Franzi o cenho, sentindo minhas orelhas esquentarem.

— Você não manda em mim!

— Então deixe-me corrigir... — Ele sorriu de maneira sarcástica, cruzando os braços. — O seu irmão disse que não te queria aqui.

Também cruzei os meus braços, e desviei meu olhar.

— Ele também não manda em mim.

Kellan riu e negou com a cabeça, parecendo desacreditado.

— Você tem noção do que é este lugar? — ele perguntou, indicando o local atrás dele. — Vai saber o que poderia ter acontecido com você se eu não tivesse te visto.

Era a minha vez de rir.

— Nem sei como você me viu — resmunguei, batendo meu pé de maneira inquietante. — Parecia ocupado demais com sua amiga loira.

Kellan avançou na minha direção e, desesperada, olhei para ele, me espremendo contra a parede. Seus pés tocaram os meus e eu arregalei os olhos diante da ação repentina.

— Está com ciúmes, Ryen? — Meu nome saiu de seus lábios como uma provocação.

Engoli em seco.

— O quê?

O que ele está fazendo?

— Você me viu com aquela loira e ficou com ciúmes? — ele questionou, chegando ainda mais perto. — Foi isso?

Estreitei meus olhos em sua direção.

— Não seja estúpido! — Tentei manter minha voz firme. — Por que eu teria ciúmes de você?

Kellan lançou os braços ao redor do meu corpo, me encurralando na parede e me impedindo de fugir — caso eu tentasse. Me encolhi.

— Acha que eu não vejo o jeito que você me olha? — Kellan perguntou, me fazendo prender a respiração. Ele abaixou o rosto, ficando a poucos centímetros do meu. — Acha que eu não percebo o modo como você se comporta quando estou por perto?

Mordi o interior da minha bochecha, meu peito subindo e descendo com uma respiração acelerada.

— Eu... Eu não... — Procurei minha voz, sentindo meu capuz escorregar da minha cabeça.

Ele chagava cada vez mais perto, deixando seu corpo uns bons centímetros longe do meu, mas perto o suficiente para impedir que eu pensasse com coerência.

— “Você não” o quê? Vai mentir, Ryen? — Ele me encarou. — Vai dizer que não gosta de mim?

— O... O quê? — perguntei, desorientada.

— Você sempre cora quando eu te olho. E está fazendo isso neste exato momento — Ele arqueou uma sobrancelha. — Eu sempre te pego me

olhando, mas você ao menos disfarça. Você gosta de mim, não é?

Mesmo envergonhada, levantei meu rosto.

— E se for?

Kellan ergueu as sobrancelhas por alguns segundos, mas não tive tempo de estudar sua expressão, já que ela rapidamente se tornou fria.

— Se for isso, apenas pare, agora mesmo — ele mandou, seco. — Eu não tenho saco pra lidar com a porra de uma paixãozinha de pirralha.

Mordi o interior da minha bochecha com força, sentindo o gosto de sangue preencher meu paladar.

— Não é uma paixãozinha... — Minha voz saiu falha e eu não consegui conter as próximas palavras. — Eu gosto de você.

Baixei o rosto, morrendo de vergonha da minha confissão.

— Não, você não gosta — ele disse, a aspereza em sua voz me fazendo encará-lo.

Franzi o cenho.

— Por que você sempre tem que ser tão cruel comigo? — O empurrei, mas ele nem se mexeu. — O que eu te fiz? Por que você não pode ser próximo de mim como é do meu irmão?

— E por que eu iria querer ser próximo de uma pirralha como você? — Kellan perguntou, fazendo meus olhos queimarem. — Você só tem catorze anos, aposto que ainda nem parou de brincar de boneca. O que eu poderia querer com uma criança como você? — Ele me olhou dos pés à cabeça enquanto afastava suas mãos da parede.

Apertei meus punhos, tentando conter as lágrimas.

— Eu faço quinze anos amanhã!

— Tanto faz. Apenas pare de me perseguir, já estou perdendo a paciência.

Desviei meu olhar.

— Eu... Eu só... — Engoli em seco. — Eu só queria que fôssemos amigos.

Kellan riu, e eu olhei para ele, o vendo negar com a cabeça.

— Qual parte de “nunca vamos ser amigos”, você ainda não entendeu? — Ele me encarou de cima. — Apenas me deixe em paz! Você não é importante para mim, é apenas a irmã do meu melhor amigo, e eu nunca te olharia como uma mulher quando você é tão nova. Apenas supere isso e tire da sua cabeça essa estupidez de pensar que vai ter algo comigo.

Pisquei para afastar as lágrimas, mas era impossível. Senti algo se quebrar dentro do meu peito e reprimi um soluço. Nunca pensei que algumas palavras pudessem doer mais do que um tapa. Mas eu estava errada.

— Tem razão, não podemos ser amigos. Você é cruel e não mede as palavras antes de ferir alguém — Minha voz saiu embargada e eu encarei seu rosto. — E eu jamais me trataria assim.

Kellan observou uma lágrima escorrer por minha bochecha e pude jurar que algo mudou em sua expressão fria. Eu poderia apostar que ela caiu, pelo menos por um segundo. Mas aí eu já estaria me iludindo demais.

— Ei, Kellan — O chamaram. — Olha quem eu achei andando por aí.

Rapidamente enxuguei minhas lágrimas ao perceber que era Rapha, e recuperei minha postura — se é que eu tinha alguma. Kellan se afastou um pouco e se virou para o meu irmão.

— Ah, é? Olha quem eu achei... — Ele deu um passo para o lado, me revelando.

Vi os olhos de Rapha saltarem ao me verem encolhida contra a parede, e desviei meus olhos para uma Brianna emburrada e de braços cruzados, logo ao lado dele.

Kellan foi na direção da prima, e Raphael, na minha. Mesmo de longe, notei seus olhos vermelhos. E bom, seria impossível não notar.

— Ryen? — Rapha perguntou, incrédulo. — Que merda você está fazendo aqui?

Eu sorri, nervosa, e cocei minha cabeça.

— Surpresa?! — Eu abracei o pescoço dele, sorrindo. — Nem percebi que sua corrida já tinha acabado. Você ganhou, né?!

Rapha soltou meus braços de seu pescoço e me afastou dele, agarrando meus ombros.

— Não venha se fazer de sonsa comigo — esbravejou, seu hálito com cheiro de álcool e maconha batendo contra meu rosto. — O que você está fazendo aqui?

Sim, eu sei que é maconha porque esse idiota fuma no próprio quarto.

Mordi meu lábio, sem saber qual mentira inventar. Por fim, optei pela verdade.

— Você saiu daquele jeito depois de discutir com a mamãe e eu fiquei preocupada — admiti. — Aí vim atrás de você.

Meu irmão me soltou e esfregou as mãos no rosto.

— Como soube que o racha seria aqui? — ele perguntou, me fazendo erguer o rosto.

— Vi no seu Instagram — Eu brinquei com meus dedos. — Não foi muito esperto da sua parte — Arrisquei um sorriso.

— Merda! — Raphael xingou, agarrando a parte presa de seu cabelo.

Desviei meus olhos do meu irmão e observei Kellan e Brianna, de frente um para outro.

— E você? — Kellan perguntou, entre dentes, a encarando. — Como você veio parar aqui?

Brianna o encarou, com raiva, erguendo o queixo.

— Vá se foder! — ela mandou, empurrando o ombro dele. — Você não manda em mim, o que eu faço não é da sua conta!

Kellan nem mesmo se moveu.

— E se o Rapha não tivesse te visto, hein? — ele continuou. — Vai saber onde você estaria agora, porra!

Brianna riu sem humor e revirou os olhos, seu cabelo preso em um coque no alto da cabeça. Ela estava usando um vestido branco de alcinhas, com uma jaqueta jeans por cima e botas pretas de cano longo.

Encarei meus tênis e meu moletom preto, vendo como parecia desleixada em relação a ela.

— Vá pra casa do caralho! — Ela olhou para o primo de cima a baixo antes de encarar meu irmão. — Você e esse fodido do seu amigo que não toma conta da própria vida!

Estava prestes a mandar ela calar a boca quando meu irmão lhe deu as costas, a ignorando e me empurrando levemente para frente.

— Anda — ele mandou, me fazendo franzir o cenho.

— Para onde? — perguntei, confusa.

Ele empurrou meu ombro novamente.

— Vou te levar pra casa.

— Bom, assim você leva Brianna também — Kellan disse, arrancando uma careta da prima.

Me desesperei e me afastei um pouco de Raphael.

— Ah, não, Rapha. Eu quero ficar!

— Eu vou ficar, vocês não mandam em mim! — Brianna deu de ombros.

Antes que eu pudesse prestar atenção no que Kellan disse a ela, meu irmão me jogou por cima do seu ombro, me assustando.

— Raphael, me põe no chão! — eu pedi, de cabeça para baixo.

Segurei meu canivete dentro do bolso, com medo de ele cair.

— Vou te levar pra casa — ele falou, os dentes cerrados. — *Mierda*, estou tão puto. Vou te pôr em um lugar bem alto e só te tirar de lá quando você me implorar.

Agarrei a jaqueta de Rapha, morrendo de medo de cair de cara no chão.

— Eu não tenho medo de altura, Raphael! — gritei, batendo meus punhos em suas costas. — Agora me põe no chão!

Escutei Raphael bufar, e em seguida ele me pôs no chão, me encarando como se quisesse me estrangular ou coisa parecida.

— Você não vai ficar nessa merda de lugar.

— Ah, por favor, *hermanito* — Eu agarrei o braço dele, pegando meu canivete com a outra mão. O ergui em frente ao rosto. — Olha o que eu trouxe, está vendo? Não tem com o que se preocupar.

Pelo canto do olho, percebi Kellan me encarando e o ignorei, ainda sentindo meu coração em pedaços. Aquilo doeu. Realmente doeu. E não acho que serei capaz de me esquecer de suas palavras cruéis tão cedo.

— Royal — uma voz chamou Kellan e olhamos na direção dela. — É a sua vez e do McKay.

Kellan assentiu e o cara sumiu na multidão.

— Você vai competir contra o fodido do McKay? — Meu irmão olhou para o amigo e ele assentiu. — Por quê?

O jovem apenas deu de ombros.

— Ele tem o pavio curto, fazer o quê?

— Ah, porra, eu quero ir junto! — Rapha deu um sorriso largo.

— Já que vocês vão correr, por que não deixam a gente ficar? — Brianna perguntou, de braços cruzados.

Ergui minhas sobrancelhas.

— É, Rapha! — Eu abracei a cintura do meu irmão e um beicinho se formou em meus lábios. — Por favor!

Raphael me encarou por alguns segundos antes de fitar Kellan e eles conversarem silenciosamente pelo olhar. Então, os dois assentiram com a

cabeça e meu irmão olhou para mim.

— Ok, mas só dessa vez — ele cedeu.

— Ouviu, Brianna? — Kellan perguntou a prima, que o dispensou com a mão.

Kellan revirou os olhos e caminhou em direção à multidão, sumindo no meio dela. Coloquei a mão em meu peito quando o senti doer e engoli o bolo que se formou em minha garganta. Ele me odiava, e eu nunca tinha feito nada para provocar isso. Tampouco posso fazer algo para que eu pare de gostar tanto dele.

Pensei que Kellan fosse apenas indiferente a minha presença, mas na verdade ele apenas queria distância de mim. Ele disse, com todas as letras, que me queria longe.

Me virei para o meu irmão e sorri.

— Obrigada, *hermanito* — Eu agarrei sua jaqueta, ficando na ponta dos pés para beijar sua bochecha. — Você é o melhor.

Ele me encarou com raiva, o piercing brilhando em seu lábio.

— Não se anima, é só dessa vez — resmungou, mas se abaixou para ficar próximo ao meu ouvido. — Depois de ganhar, vou te apresentar a alguém.

Sorri enquanto assentia com a cabeça, e teria perguntado algo mais se Kellan não tivesse vindo até nós com uma cara nada boa.

— Algum filho da puta estourou os pneus do meu carro — ele disse, entre dentes, a expressão furiosa.

Me atentei à conversa.

— Você sabe quem foi? — Meu irmão o olhou e Kellan negou. — E agora?

Kellan bufou e passou as mãos no cabelo antes de encarar meu irmão.

— Vou ter que dirigir com o seu carro.

Meu irmão assentiu, e sem nem pensar duas vezes, se afastou de mim, indo até Kellan.

— Vamos nessa — Rapha bateu no ombro dele, andando na frente.

Antes de acompanhá-lo, Kellan olhou de mim para Brianna, e em seguida fixou os olhos na prima, que tinha a expressão fechada.

— Fiquem juntas, me ouviu? — ele disse a ela, como se eu nem estivesse ali.

Apertei minhas mãos em punhos.

— O quê? — Brianna se exaltou, parecendo incrédula. — Eu não sou babá!

— Lógico que não — Kellan pôs as mãos nos bolsos de sua calça, sorrindo com desdém. — Eu não colocaria uma pirralha pra tomar conta de outra.

Brianna lhe mostrou o dedo do meio e eu engoli minha raiva, olhando para outro lugar. Pelo canto do olho, vi Kellan rir e em seguida se afastar de nós, correndo até Rapha, que estava conversando com outro garoto.

Andamos até a beira da pista, como todo mundo, e alguns minutos depois, meu irmão e Kellan estavam dentro do carro de Rapha, e havia uma Ferrari amarela logo ao lado deles. Pela janela, vi McKay encarar Kellan com sangue nos olhos, piscando um olho para ele.

Aquela loira que estava agarrada a Kellan andou até ficar entre os carros e ergueu uma arma no alto da cabeça. Parecia não ser verdadeira, e bom, eu realmente esperava que não fosse.

O som dos motores repercutiu pela estrada e as pessoas gritaram, eufóricas. A loira soprou um beijo para Kellan antes de apertar o gatilho e os carros passaram por ela com toda a velocidade, fazendo seu cabelo voar.

Os carros do meu irmão e do tal McKay passaram por mim e Brianna, arrepiando todo meu corpo. A sensação de dirigir deve ser incrível. Sentir a adrenalina correndo nas veias... parece ser a definição de liberdade, e confesso que estou com um pouquinho de inveja de Rapha e Kellan.

Todos voltaram suas atenções para o enorme telão quando os dois carros sumiram pela estrada, e então acompanharam a corrida em tempo de ver McKay jogar o carro contra o do meu irmão, e Kellan devolver o gesto nada carinhoso.

— Esse viciado do caralho está aqui? — escutei Brianna perguntar e olhei para ela.

Segui seu olhar e ergui as sobrancelhas quando vi Christian do outro lado da pista, olhando para o telão. Ele estava com uma jaqueta amarrada na cintura, uma calça jeans de cor clara e uma camisa preta de manga longa. Em seus dedos, havia um cigarro. O que não era novidade.

— Você deveria parar de tratar ele tão mal... — eu disse a Brianna.

— Não fale comigo, porra — ela rosnou. — Acha que não sei que foi você quem fez fofoca de mim para Kellan?

Encolhi meus ombros.

— Não foi bem uma fofoca... — Brinquei com meus dedos.

Brianna riu, sem humor.

— Você apenas contou pra ele que eu estava saindo com um professor — ela debochou. — Tem noção da merda em que você me meteu? Por sua culpa, o Henry foi demitido.

Escutei um som se surpresa vindo da multidão e olhei para o telão, vendo Kellan jogar o carro de Rapha contra o de McKay e vice-versa.

— Não foi minha culpa — me defendi. — Eu só quis ajudar você. Queria que visse como aquilo estava errado.

— Quem diabos você pensa que é para se meter na minha vida? — ela se exaltou, dando um passo na minha direção.

Era a minha vez de olhar pra ela.

— Por que está gritando comigo? Tem sempre que se achar a dona da verdade?! — Eu elevei meu tom de voz.

— Eles estão voltando! — alguém gritou e eu olhei para o telão, vendo o carro de Rapha na frente do de McKay.

Olhei para a pista, já conseguindo enxergar os dois veículos.

— Qual o seu problema? — Brianna chamou a minha atenção, a voz hostil. Ela me encarou de cima a baixo. — Está com inveja porque nenhum homem mais velho olha pra você?

De repente, me lembrei da pessoa que tenho como padrasto. Um homem que, mesmo sendo muito mais velho que eu, não consegue deixar as mãos sujas longe de mim. Que parece não se importar que eu tenha idade para ser sua sobrinha.

Eu não quero isso para mim.

— Ter alguém mais velho interessado em você não é algo do que você deva se orgulhar, Brianna — Eu a olhei. — Isso eu posso te garantir.

Ela ergueu uma sobrancelha e pôs as mãos na cintura.

— O que você sabe sobre isso? — ela questionou.

— Bem mais do que você, isso eu posso garantir. Mas o que você encara como validação, é o pior dos meus pesadelos.

— Merda, ele perdeu o controle? — Ouvi alguém perguntar e olhei para a pista.

Meu coração acelerou quando vi a Lamborghini verde de Raphael sair da pista e em seguida voltar, parecendo desorientada. Ela deu vários giros, sujando o asfalto com a borracha dos pneus. Arregalei os olhos

quando o carro de McKay freou de repente, antes de colidir com o do meu irmão.

Senti meu coração quase sair pela boca quando a Lamborghini capotou. Não uma. Nem duas. Nem três. Mas nove vezes. Eu contei porque foram os segundos que meu coração levou para parar de funcionar e o sangue sumir do meu rosto.

O carro do meu irmão estava em pedaços e tudo o que pude fazer foi assistir.



*“Quando você disse seu último adeus, eu morri um pouco por dentro
Me deito chorando na cama a noite toda
Sozinho, sem você ao meu lado
Mas se você me amava, por que você me deixou?”*
Kodaline – All I Want

Ryen Rodríguez

— Raphael!

O nome do meu irmão deixou meus lábios de maneira esganiçada, era nada mais do que um desespero agonizante. Antes que eu conseguisse pensar, minhas pernas se moveram, e logo eu estava correndo até o carro de Rapha, que estava quase totalmente destruído.

Algumas pessoas me acompanharam, outras já estavam lá, todas afastadas enquanto, mesmo de longe, consegui ver a fumaça subindo.

— Kellan! — Ouvi Brianna gritar, correndo bem atrás de mim.

Mas para mim, neste momento não existia Kellan ou qualquer outra pessoa. Havia apenas o Raphael, dentro de seu carro, sabe-se lá em que condições. Existia apenas o meu irmão.

O pânico cresceu e eu acelerei meus passos, sentindo minhas pernas queimarem pelo esforço. Meus olhos ficaram marejados e minha visão embaçou, foi quando eu acabei tropeçando em uma pedra e indo de encontro ao chão. Caí deitada, meus joelhos nus arranhando instantaneamente com o impacto. Brianna passou correndo por mim e me levantei rápido, me amaldiçoando por ter me atrapalhado assim.

Sangue pingou dos meus joelhos, mas eu estava mais preocupada com as lágrimas pingando dos meus olhos sem freio algum.

Não, o Rapha não. Qualquer pessoa, menos ele. Qualquer um menos o meu irmão, que também é o meu melhor amigo. Não o Raphael que

consegue me fazer sentir segura com apenas um abraço e me protege de tudo, não importa o quê.

Quando cheguei perto do carro, arregalei os olhos ao ver Kellan de cabeça para baixo, com a testa arranhada e sangrando, os olhos azuis gélidos fechados. Os vidros do carro estavam quebrados e o capô completamente amassado. Quando olhei para o lado, foi como se meu coração tivesse se quebrado em mil pedaços.

Meu irmão estava de cabeça para baixo, com um braço cobrindo seus olhos, me impedindo de ver se ele estava ou não acordado.

— Raphael! — eu gritei o nome dele e avancei em sua direção.

Empurrei algumas pessoas para o lado para que abrissem espaço para mim, mas alguém me barrou antes que eu conseguisse chegar até a Lamborghini destrocada.

— Não chega muito perto, pode explodir! — Alguém me disse, e eu olhei para cima quando senti cheiro de cigarro. Era Christian Yun.

— Me solta! — eu mandei quando ele me abraçou pela cintura, me puxando para trás.

— Merda, não chega perto! — Christian grunhiu. — Nem você, caralho! — Ele soltou um braço da minha cintura para agarrar o pulso de Brianna quando ela faz menção de ir até o carro.

— Me solta, meu primo está lá dentro! — ela mandou, tentando sair de seu agarre.

Vi seus olhos marejados encararem Christian com ódio, mas ele não pareceu nem um pouco disposto a fazer o que ela ordenou.

— Eu sei disso, porra! — Ele olhou para ela. — Mas a merda do carro pode explodir a qualquer momento, está soltando fumaça!

Os olhos de Brianna se arregalaram e ela os moveu para a Lamborghini de Rapha. Uma lágrima escorreu por minha bochecha e finquei minhas unhas no braço de Christian, pouco me importando se o machucaria.

Meu *hermanito* e seu melhor amigo estavam dentro daquele carro e ele poderia explodir a qualquer momento.

— Eu mandei você me soltar! — esbravejei, me debatendo em seu braço.

Cristian reforçou o aperto em minha cintura, o que era um pouco surpreendente porque ele é magro; ele também continuou segurando Brianna.

— Não posso, você quer explodir com eles? — me perguntou.

Lágrimas desceram por meu rosto ao escutar isso e tentei me manter de pé quando senti meus joelhos fraquejarem.

— Me solta, viciado! — Brianna puxou seu pulso com força, não se dando por vencida.

Cristian a olhou com raiva e a puxou para mais perto de nós.

— Vá a merda, princesinha Royal! — ele rosnou e empurrou Brianna para trás, na direção de alguém. — Segura ela.

Antes que Brianna pudesse processar o que ele disse, um garoto loiro a agarrou pelos ombros, a prendendo para que não fugisse.

— O quê? Me solta! — ela gritou.

— Não solta! — Christian olhou para o garoto, que assentiu.

Assisti uma Ferrari amarela parar atrás de nós e virei meu pescoço para ver McKay sair com um amigo, os olhos assustados ao verem o carro de Rapha aos pedaços.

— Porra, porra! — Ele passou as mãos pelo cabelo cacheado e as manteve na cabeça. — Não acredito que isso tá acontecendo.

Um soluço saiu de mim e eu abaixei o rosto, me sentindo incapaz de ver o carro do meu irmão explodir, como Christian falou. Eu não conseguiria assistir a isso.

— Não cheguem muito perto, o carro pode explodir a qualquer momento. Tem um vazamento de óleo — Christian alertou.

— Eu estava logo atrás de Kellan quando a Lamborghini dele perdeu o controle — McKay disse. Foi tão de repente que eu só vi o carro capotando.

— O carro capotou oito vezes — Alguém comentou.

Nove. O carro capotou nove vezes.

Um pouco afastada de nós, Brianna ainda estava presa pelo loiro. A ouvi xingá-lo, mandando soltá-la se não iria “se ver” com o pai dela. Eu apenas encarei meus tênis, minhas lágrimas caindo no chão barroso daquele lugar.

Me sentia acabada.

— Kellan não completou a corrida — McKay nos lembrou, e eu olhei para ele. — Isso quer dizer que eu ganhei?

Um trovão ressoou no céu no mesmo instante em que me dei conta das palavras de McKay. Uma raiva descomunal inundou meu peito e o encarei.

— Qual o seu problema? — eu gritei, tentando me soltar do garoto asiático que ainda me segurava. — Meu irmão e o melhor amigo dele estão dentro desse carro e ele pode explodir a qualquer momento, seu idiota!

— Filho de uma puta! — Escutei Brianna xingar, possivelmente para McKay.

O garoto veio na minha direção e parou a alguns centímetros de mim.

— A Lamborghini capotou porque o idiota do seu irmão e o amigo dele estavam bebendo e fumando dentro do carro — McKay me olhou, rindo em deboche. — Estavam tão chapados que mal viram a pista.

Antes que eu conseguisse me controlar, tomei impulso no chão e lancei meus pés contra o estômago de McKay com tanta força que o joguei para trás. Ele caiu deitado perto de algumas pessoas, o que chamou a atenção.

— Não fala do meu irmão, seu lixo! — eu rosnei, sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Quando McKay se levantou do chão e veio na minha direção, Christian me levou para fora de seu alcance e os amigos do garoto o seguraram, o mantendo preso e longe de mim.

— Me solta! — ele mandou, furioso. — Vou dar uma lição nessa merdinha.

Ouvi Yun xingar no mesmo instante em que o som da sirene da ambulância se fez presente no local e que senti algo pingar em meu rosto. Olhei para o céu, vendo uma enorme nuvem carregada pairar sobre Miami e gotas de chuva caírem sobre nós.

A ambulância parou a uma boa distância do carro de Raphael, se mantendo longe de qualquer perigo. Sentindo Christian afrouxar o aperto ao meu redor, eu cravei meus dentes em seu braço, o ouvindo gritar de dor e me soltar. Eu não devia ter feito isso, eu sei. Mas o desespero falou mais alto.

Antes que ele me agarrasse novamente, corri em direção ao carro de Rapha, e esse foi o exato momento em que os veículos da polícia e do corpo de bombeiros chegaram. Meus joelhos estavam ardendo, mas nem assim eu consegui diminuir meus passos. Se Rapha morrer...

Não. Ele não vai.

— Ei, ei, se afaste! — um policial mandou, me barrando com um braço.

— Meu irmão está lá dentro! — soluzei antes de implorar pateticamente. — Me deixa passar, por favor!

Antes que o policial respondesse, outro correu para a direita e barrou uma Brianna desesperada.

— O meu primo também está lá dentro! — Ela apontou para Kellan.

Olhei para trás e pude ver o garoto que segurou Brianna ajoelhado, as mãos na virilha e o rosto contorcido em pura dor.

Voltei meus olhos para os policiais, a chuva molhando meu cabelo e fazendo com que algumas mechas grudassem em meu rosto.

— Deixa a gente passar, por favor! — Eu agarrei o braço dele. — Eu estou te implorando, me deixa ver o meu irmão!

Ele negou com a cabeça, me levando ao desespero.

— Sinto muito, mas isso não vai ser possível — Ele foi firme, parecendo irredutível.

Me preparei para pedir novamente, foi quando vi os bombeiros tirarem uma pessoa de dentro da Lamborghini e a levarem para longe do carro. Senti meu coração quase saltar do meu peito ao reconhecer as roupas de Raphael. De alguma maneira, consegui empurrar o braço do policial e passar por ele, forçando meus joelhos machucados a me levarem até o meu irmão.

Mesmo com as pernas trêmulas, continuei correndo. Mesmo ouvindo os gritos dos policiais e dos bombeiros para que eu me afastasse, continuei correndo. Mesmo sabendo que poderia morrer com uma explosão, eu não parei. A única coisa que me importava era o meu irmão.

Cheguei mais perto, mas diminuí o ritmo dos meus passos ao ver os paramédicos colocarem meu irmão no chão. Contudo, o que me chamou a atenção não foi exatamente isso, e sim o fato de o pescoço do Rapha estar tão mole, como se ele tivesse acabado de.... E seus olhos estarem abertos e vazios, dando a entender que ele estava... *não*!

— Raphael! — O grito rasgou minha garganta.

Me ajoelhei ao lado do meu irmão, pouco me importando com os arranhões em meus joelhos que, mesmo doendo, não eram capazes de superar a dor em meu peito.

— Vou ter que pedir para que se afaste! — Um dos paramédicos agarrou meu ombro, mas bati em sua mão.

— Ele é meu irmão! — Um soluço entrecortado irrompeu pela minha garganta. — Não, não, não, não, não... Rapha... — Levei minhas

mãos trêmulas ao rosto dele.

Os olhos dele continuaram fixos em um ponto específico, mas ele nem ao menos estava olhando para lá. Ele nem mesmo piscava.

— Não... não... — Senti meu lábio tremer. — Olha para mim, *hermanito*... Por favor. — Espalmei as mãos em seu peito, morrendo de medo de segurar seu rosto em minhas mãos.

O pescoço dele parecia tão mole, tão frágil. Isso, frágil. Era como o meu irmão estava parecendo agora. Ele tinha um corte na sobrancelha esquerda e o sangue estava pingando por todo o seu rosto. E seu peito... ele não se mexia.

— Para de brincadeira, Raphael! — Eu apertei meus dedos no tecido molhado de sua jaqueta. Soltei uma risada trêmula. — Para de prender a respiração e levanta, por favor!

Ele sabia que eu odiava essas brincadeiras.

— Ele não resistiu, menina — Ouvi uma voz e olhei para cima, percebendo que quem falava era o paramédico que tentou me afastar de Rapha. — Já o encontramos sem vida, infelizmente. Ele quebrou o pescoço.

Não...

— É mentira! — eu gritei, apertando a jaqueta de Rapha com mais força. — Ele está só brincando! — Balancei a cabeça de forma negativa, fixando meus olhos no rosto do meu irmão.

A chuva caía forte sobre nós, molhando seus longos cabelos. Ele vai ficar doente.

— Ele se foi, garota — o paramédico continuou. — Sinto muito — Sua voz beirou a pena.

Ao ouvir isso, eu não consegui mais me segurar. Sei que já estava chorando, mas o grito de dor que escapou de meus lábios me quebrou completamente. Meu peito estava queimando, com um sentimento agonizante. Eu nunca tinha me sentido tão vazia como agora. É como se uma parte de mim tivesse sido arrancada.

Enterrei o rosto no peito do meu irmão, molhando sua camisa com minhas lágrimas, que não paravam de cair. Raphael me mataria por isso, mas acho que ele não vai reclamar comigo. Nunca mais.

Eu só queria mais cinco minutos com ele.

— O outro ainda está vivo!

Escutei alguém gritar e levantei a cabeça do peito imóvel de Raphael. Vi quando os paramédicos tiraram Kellan de dentro da

Lamborghini e o colocaram bem afastado do carro. A testa dele estava sangrando, mas antes de o colocarem no chão, pude perceber sua perna direita mole e o braço esquerdo também. Mas mesmo de longe, notei seu peito subindo e descendo, numa respiração lenta. Isso me tranquilizou, mas não diminuiu meu sofrimento.

Voltei meus olhos para Raphael e continuei a chorar — se é que em algum momento eu parei. Dói, dói tudo. Nada nunca doeu desse jeito. O tapa da minha mãe e o fato de ela não ter acreditado em mim não doeu como agora. Os abusos de Callum também não. Tudo parece pequeno diante do corpo sem vida do meu irmão.

De longe, pude escutar a voz de Brianna gritar por Kellan, mas não olhei para ela. Senti que se tirasse os olhos de Raphael, ele iria deixar meus braços, assim como a vida deixou seu corpo.

Alguns minutos depois, fui afastada do meu irmão para que colocassem seu corpo dentro de um saco preto. Enquanto isso a ambulância levava Kellan às pressas para o hospital. Eu gritei. Gritei muito para que não levassem meu irmão embora no horrível saco preto, como se ele fosse um monte de lixo. Mas foi impossível evitar.

Meia-noite e meia. Foi a hora em que ele morreu.

Meia-noite e meia. Já era meu aniversário.



De todos os presentes de aniversário que pensei em ganhar hoje, esse foi o único que não passou pela minha cabeça. Também não imaginei passar meu aniversário de quinze anos velando o corpo de meu irmão mais velho. Sem dúvida, seria um dia inesquecível.

Sentada em uma cadeira, vi de longe mamãe chorar sobre o caixão aberto de Raphael. Callum a abraçou, consolando-a enquanto fazia um carinho em suas costas magras cobertas por um vestido preto. Minha mãe parecia frágil, nem mesmo lembrava a mulher que bateu no próprio filho para defender o marido.

É mesquinho, eu sei. Ela pode estar sofrendo. Mas por que eu acho hipocrisia ela chorar pelo filho que sempre julgou tanto? Eu sei que Rapha

não é... não era fácil, mas não custava ela demonstrar um pouco mais de amor por ele.

E agora ela estava lá, chorando, parecendo completamente angustiada por perder o filho. Eu não sei por que pensei no que vou dizer agora, mas eu espero que a morte do meu irmão esteja doendo muito nela. Quero que ela sinta o peso de ter batido nele e horas depois ter buscado seu corpo no necrotério.

O que mais me assustava é que esses pensamentos não me atormentavam.

Callum olhou para mim e sorriu de maneira consoladora. Eu, mais do que ninguém, sabia que não havia nenhum conforto nesse sorriso, afinal seu caminho para abusar de mim estava totalmente livre agora que Raphael morreu. Ninguém mais vai me salvar e não terei onde me esconder.

Quando mamãe e Callum se afastaram do caixão do meu irmão, eu finalmente me aproximei, a passos lentos e arrastados.

Levei minha mão trêmula ao rosto de Rapha, tentando me manter forte para não correr para bem longe. Deus, era insuportável vê-lo em um caixão.

Sei que uma hora ou outra todos nós morreremos, mas na minha cabeça, Rapha e eu ficaríamos bem velhinhos. Juntos. Não pensei que estaria velando seu corpo no dia do meu aniversário. Ele só tinha dezoito anos...

Uma lágrima grossa desceu por minha bochecha e engoli o nó na minha garganta quando analisei seu rosto. Os cortes estavam tratados, os lábios brancos e a pele pálida e gelada. Seus olhos. Nunca mais eu teria o vislumbre de suas íris escuras e carregadas de um humor ácido que só ele tinha.

Seu cabelo estava perfeitamente arrumado para trás e isso me irritou. Meu irmão não o arrumava assim, por mais que sempre o usasse preso. Por isso, peguei duas mechas macias de seu cabelo e coloquei em sua testa. O terno preto estava devidamente alinhado, mas acabei com isso quando segurei sua gravata e afrouxei.

Agora sim se parece com meu irmão.

— Sinto muito, Victoria — Ouvi a voz da mãe do Kellan e olhei na direção dela.

Tia Lilian e Tio Joseph, os pais de Kellan, estavam vestidos de preto logo à frente, perto da minha mãe. Ao lado deles estava Brianna,

acompanhada por seu pai.

— Raphael era um garoto incrível — Tio Joseph disse, passando o braço ao redor dos ombros da esposa. — A morte dele pegou todos nós de surpresa.

Meu lábio tremeu e voltei meu olhar para Raphael, lhe fazendo um carinho na bochecha.

— Você mal morreu e já sinto sua falta, *hermanito*... — Abaixei o rosto para colar minha testa à dele.

— Obrigada — Escutei minha mãe dizer, triste. — E Kellan, como está? — ela perguntou.

— Além do braço esquerdo e da perna direita, ele quebrou sete costelas — Tia Lilian contou. — E... O médico disse que ele entrou em coma, porque bateu a cabeça... — Ela começou a soluçar.

Lágrimas teimosas embaçaram minha visão e não consegui impedir quando elas começaram a cair. Rapha morto e Kellan em estado de coma. O que mais poderia piorar?

— Eu sinto muito, senhores Royal — Callum disse, com falsa gentileza.

Rangi os dentes, sentindo a raiva crescer em meu peito. *Desgraçado*.

— Sinto muito pelo Kellan — mamãe disse. — Acho que deve ter cancelado algumas reuniões para estar aqui hoje, Bruce — ela falou ao pai de Brianna.

— Eu vi Raphael crescer, Victoria — ele respondeu, a voz grave. — O pai dele era meu amigo, não poderia faltar ao enterro do filho.

Um soluço alto me quebrou e meus joelhos fraquejaram, me levando ao chão.

— Rapha, acorda. Por favor! — Encostei a testa na madeira do caixão. — Você não pode me deixar sozinha, você não pode me abandonar. Por favor, levanta daí! Como vou viver sem você? — questionei, aos prantos.

Soquei a madeira do caixão, sem conseguir controlar a vontade de gritar. Eu queria sumir. Eu queria o meu irmão.

Uma mão agarrou meu ombro e eu olhei para cima, vendo a mãe e o pai de Kellan me encarando, com lágrimas nos olhos. Eu rapidamente me levantei e me joguei nos braços dela, envolvendo sua cintura fina.

— Tia Lily... — eu soluzei alto.

— Eu sei, querida... — Ela acariciou minhas costas, me abraçando forte. — Pode chorar.

— O meu irmão... Eu... Eu nunca mais vou ver o Raphael de novo... — A abracei mais forte. — Ele me abandonou, tia. Ele disse que nunca faria isso. Ele disse que me levaria com ele para onde fosse. Por que ele mentiu desse jeito?

Senti uma mão pesada acariciar meu cabelo preso em uma trança grossa e sabia que era o Tio Joseph.

— Ele não abandonou você, pequena... — ele disse, com a voz rouca. — Não temos controle sobre essas coisas.

Chorei mais forte e mais alto, sem me importar que as pessoas do velório estariam olhando. O meu irmão estava morto, eu não ligava para mais nada. Ele morreu e eu não pude impedir isso, eu não o salvei. O pescoço dele se partiu como se não fosse nada além de ossos.

Eu apenas assisti enquanto a vida deixava seu corpo.

— O Kellan... — eu consegui dizer, erguendo o olhar para eles.

Tia Lily segurou meu rosto em suas mãos macias.

— Ele está estável. Os médicos disseram que ele não vai morrer, não se preocupe — Ela acariciou minhas bochechas e sorriu, com tristeza. — Apenas vamos torcer para que ele saia do coma o mais rápido possível.

Olhei para ela e para o Tio Joseph, que sorriu para mim, e assenti, ainda chorando. Vi mamãe se derramando em lágrimas nos braços de Callum e os olhos dele em mim, me causando repulsa.

O ignorei e olhei para o pai de Brianna, que sorriu minimamente para mim, assim como todos. Retribuí e olhei para minha colega de classe que, diferente dos outros dias, não estava me olhando com desprezo ou indiferença. Uma lágrima solitária escorreu por sua bochecha e ela virou o rosto.

Me afastei dos pais de Kellan e me aproximei do corpo de Rapha. Analisei os olhos fechados, olhos que eu nunca mais teria o prazer de ver. Me doía tanto ver o meu irmão tão sem vida. Nunca tinha me sentido tão sozinha como agora. Minha mãe estava logo ali, na mesma sala, mas parecia se importar mais em ser consolada pelo lindo marido, do que em cuidar da filha. Ela nem mesmo tinha me dado um abraço.

E o que mais me matava é que ela podia até estar chorando agora, mas logo iria se esquecer.

Já eu, bom, eu vou me lembrar para sempre, toda vez que eu ficar um ano mais velha. Toda vez que eu olhar para o canivete que Raphael me deu. Toda vez que eu olhar para Killer. E toda vez que for aniversário do meu irmão.

Me curvei para juntar minha testa a de Raphael outra vez.

— Eu te amo, *hermanito*... — Acaricieei o nariz dele com o meu. — Eu te amo como nunca vou amar mais ninguém. Uma vez você me disse que eu era a parte pura da sua vida, mas você era a única inocência que estava me restando. Você era minha Atlantis — sussurrei, para que só ele escutasse.

Isso é, se ele realmente estivesse ouvindo algo. Não sei mais no que acreditar agora que ele se foi. Mas se os mortos realmente ouvem algo, eu imploro que ele não me deixe sozinha neste inferno.

— Já está na hora de levarmos o corpo para o cemitério, amor — Ouvi Callum dizer.

Apertei minhas mãos em punhos antes que pudesse fazer qualquer besteira e acabar com meus últimos momentos com Raphael.

Calada, assisti minha mãe cair em prantos quando fecharam o caixão do meu irmão. As lágrimas também não paravam de deslizar por minhas bochechas, e me perguntei se iriam cessar tão cedo. As pessoas começaram a se dispersar para fora da minha casa, mas eu continuei parada, de costas para elas e de frente para o local onde estava o caixão de Raphael segundos atrás.

Agora era o momento que ele ia embora e nunca mais voltaria. Deus, estou com tanto medo de tudo. O que me espera agora? Eu prefiro morrer a ter que continuar aqui.

De repente, o barulho de motores de carro se fez presente, e estava tão alto que ouvi as pessoas se assustarem ao redor.

— O que é aquilo? — Ouvi Tia Lilly perguntar, parecendo perdida.

— Acho que vieram se despedir de Raphael — Tio Joseph foi quem respondeu.

Isso me chamou a atenção, e corri em direção à porta da minha casa, onde as pessoas estavam reunidas. Pedi passagem e o choque foi grande ao olhar para os enormes portões e ver dezenas de carros parados lá.

Os motores rugiram, como se também estivessem chorando pelo meu irmão. E foi vendo isso que eu não aguentei, mais uma vez. Meus joelhos falharam e só não fui ao chão porque o Tio Joseph me segurou.

Como ele disse, essas dezenas de carros tinham vindo se despedir do meu irmão.

De longe, mamãe reclamou, falando que era um absurdo toda essa bagunça no velório do seu filho. Mas se meu irmão for para o céu, essa com certeza era a sua entrada para o Paraíso.

Naquela mesma tarde, enterrei meu irmão em uma linda lápide no cemitério, logo ao lado do túmulo do nosso pai. Jogamos rosas em cima de seu caixão e eu chorei mais. Chorei porque seria a última vez que veria o meu irmão. Porque, se eu pensasse em desenterrá-lo algum dia, não encontraria nada mais do que ossos.

Se a morte é algo natural da vida, então por que agora eu a odeio tanto?

Meu irmão tinha defeitos, eu sei. Ele era rebelde e amava o perigo. Mas ele também era carinhoso, gentil, esforçado e me amava. Ele não merecia nada disso, então por quê?

E a pergunta que não quer calar. Se ele me amava, por que me deixou tão cedo?

Eu não disse a ninguém, mas quando enterraram meu irmão, senti algo dentro de mim ser enterrado junto. E creio que nunca mais serei capaz de ressuscitá-lo.



*“Em uma terra de deuses e monstros,
eu era um anjo vivendo no jardim do mal”*

Lana Del Rey – Gods & Monsters

Ryen Rodríguez

Observei minha aparência no espelho da minha penteadeira, analisando as enormes olheiras bem abaixo dos meus olhos cansados. Eu estava um lixo.

Alguns fios soltos de minha longa trança caíam no meu rosto e não me importei em tirá-los, o que só me deixava ainda mais horrível. Estava há quase duas semanas sem dormir, o mesmo tempo que tinha se passado desde que meu irmão morreu. Eu simplesmente não consigo dormir; sempre que fecho os olhos me lembro do carro de Rapha capotando e dos seus olhos sem vida.

Ao longo desses meus quinze anos de vida, até me achei bonita. Mas confesso que nesses últimos dias “horrível” era um elogio mais adequado para mim. Eu apenas... não me reconheço mais.

Não sabia que perder alguém era tão doloroso, até acontecer comigo. E nossa, eu queria poder arrancar meu peito fora, tamanha era a minha dor.

Senti algo roçar em minha canela e olhei para Killer, o vendo balançar o rabinho preto de um lado para o outro. Nesses quase quinze dias ele ficou mais esperto e até já atende pelo nome.

— Está com fome? — perguntei enquanto o peguei em meus braços e o coloquei no colo.

Ele lambeu meu indicador quando o rocei em seu focinho, e então o mordeu, falhando pela falta de dentes. Dei um pequeno sorriso.

— Sim, você está.

Me levantei da cadeira e devolvi Killer no chão, andando até o saco de ração dele, que ficava perto do meu closet. Eu o trouxe para cá para não ter que ficar saindo do quarto e trombando com minha mãe e o marido dela na cozinha ou nos corredores. Não quero falar com eles.

Venho os evitando desde... desde o enterro de Rapha.

Coloquei um pouco de ração para Killer e conferi se sua tigela de água não estava vazia. Ele correu até a tigela de ração e eu suspirei, caminhando até meu closet. Retirei meu uniforme e o joguei na cama, não me preocupando se ficaria amassado.

Caminhei até o banheiro e retirei meu pijama. Após tomar banho, me arrumei sem muita vontade e me encarei no enorme espelho do quarto. As grandes olheiras ainda estavam aqui, e era notória a minha perda de peso.

Eu mal estava fazendo duas refeições por dia, nem sei como encontrei forças para continuar indo ao colégio. Não consegui me acostumar com o fato de que não é o Raphael me levando para aula.

Acaricieei as orelhas de Killer, que ainda estava comendo, e peguei minha mochila. Saí do quarto e fechei a porta para que ele não escapasse. Meus olhos se ergueram para a porta do quarto de Raphael e caminhei lentamente até o cômodo. Respirei fundo antes de abrir a porta, e quando o fiz me deparei com o quarto vazio. Tem sido assim há quase duas semanas.

Toda noite eu venho dormir no quarto do meu irmão. Não deixei que os empregados mudassem os lençóis de sua cama, eles ainda têm o cheiro dele. Nada mudou. Continuava a mesma coisa. Os pôsteres das bandas de rock grudados em suas paredes, os livros de filósofos na estante e alguns maços de cigarro que encontrei em sua gaveta.

Eu choro toda noite porque dói muito. As lembranças que o quarto de Rapha tem são enormes. Ainda sinto a presença dele aqui, e eu ainda espero ele me abraçar por trás e dormir comigo. Me sinto sozinha. E o pior de tudo é que não consigo parar de sentir pena de mim mesma. Estou viciada nesse sentimento.

Senti uma lágrima grossa escorrer por minha bochecha e me parti em mais lágrimas, um soluço rompendo o silêncio do quarto de Raphael. Mordi minha mão direita para abafar o som e usei a esquerda para abraçar meu estômago.

— Amor, não faz isso! — Escutei minha mãe rir, o que chamou minha atenção.

— Você é tão gostosa, não resisti — Callum falou, e então escutei o som de um tapa.

Ele bateu na bunda dela. Eu não poderia estar mais enojada.

— A Ryen pode ver — Mamãe riu de novo.

Uma onda ainda maior de nojo me invadiu, e enquanto eles riam e andavam para longe, a raiva cresceu.

Como ela pode estar rindo desse jeito em tão pouco tempo? Eu sei que ela não tem que ficar triste e chorar a todo momento, como eu, mas para ser sincera, nessas quase duas semanas após a morte de Raphael, só vi minha mãe ficar triste por dois dias. Após esse tempo ela voltou a agir como se fosse a mulher mais feliz do mundo, aproveitando sua vida de recém-casada.

O problema é que eu quero que ela sofra. Que se corroa por ter perdido o filho que ela tanto criticava. Quero que ela passe noites em claro chorando pela morte de Raphael. Quero que ela deixe de comer, assim como eu.

Não reconheço esse meu pensamento, mas não consigo controlá-lo.

Enxuguei minhas lágrimas e saí do quarto de Rapha, encontrando o corredor vazio. Coloquei uma mecha de cabelo que escapou do meu coque atrás da orelha e comecei a caminhar para longe do cheiro do meu irmão, com um bolo de angústia entalado na garganta.

Desci as escadas de maneira lenta enquanto arrumava as alças de minha mochila.

— Filha, você já está pronta — Ouvi a voz da minha mãe e ergui a cabeça.

A encontrei vestida com um robe vermelho, e agarrado a sua cintura como uma sanguessuga, estava Callum.

Meu padrasto estava sem camisa, os braços em volta da minha mãe e o queixo apoiado em seu ombro. Estavam tão grudados que me deu nojo apenas por ver. A casa não pertence a esse aproveitador para ele ficar tão à vontade.

— Estou indo para a aula — avisei assim que desci o último degrau.

— Não vai tomar café, filha? — mamãe perguntou, acariciando os braços do marido.

Ela realmente não acreditou que ele vem abusando de mim todos esses meses, tudo o que eu disse foi em vão. Ela nunca mais tocou no assunto e age como se não tivesse me dado um tapa no rosto. Eu nunca

tinha apanhado, nem mesmo quando era uma criança. Mas ao que parece fiz algo muito grave quando contestei a índole desse homem.

Ela não acreditava em mim. Ou talvez ela não se importasse, porque manter seu lindo marido é mais importante do que ajudar sua filha.

— Não estou com fome — respondi, sem muito ânimo.

Mamãe franziu o cenho, cruzando os braços.

— Faz quase duas semanas que você não faz nenhuma refeição com a gente.

Vi o momento em que Callum beijou o pescoço dela, vestido apenas com uma calça de moletom branca. Apertei minhas mãos em punhos.

— É porque estou tomando café da manhã mais cedo, e volto muito cansada do colégio. Aí acabo dormindo pelo resto do dia — menti.

Eu disse a verdade quanto ao fato de eu tomar café da manhã mais cedo, fazia isso apenas para não ver minha mãe e Callum. Mas passo o dia apenas com uma refeição no estômago, e muitas vezes não consigo terminar o almoço.

— Venha comer com a gente, Ryen — Callum convidou. — Estamos sentindo sua falta. — Ele segurou a cintura da minha mãe com as mãos, se afastando um pouco dela.

Eu quis rir.

— Tenho certeza de que está — atirei, sentindo meu sangue ferver.

Tenho a plena certeza de que ele pegou no ar. Eu sei que ele sabe a que estou me referindo.

Desde que meu irmão morreu, Callum não passa mais a mão em mim. Não sei se é porque ele está tendo um pouco de decência e respeitando meu luto, ou porque ele não tem coragem o suficiente para invadir o quarto do Rapha. Mas algo me diz que não é a primeira opção. Monstros não tem decência.

— Filha, eu estava pensando em fazermos a sua festa de aniversário atrasada — Mamãe se afastou de Callum e veio até mim. Ela segurou minhas mãos. — O que você acha, meu amor?

O quê?

— O que eu acho? — Arqueei uma sobrancelha, puxando minhas mãos. — O que eu acho, mamãe? A senhora não pode estar me perguntando isso.

— Por que esse tom, Ryen? Não gostou? — Ela franziu o cenho, confusa. — Pensei que seria uma boa ideia para você esque-...

— Esquecer o Raphael? — terminei a frase por ela. — A senhora acha mesmo que com uma festa eu vou esquecer que meu irmão está morto?

Meu Deus, como ela pode agir assim? Ela quer me fazer esquecer o Raphael assim como ela já fez?

— Ryen, não é isso — ela tentou amenizar, mas lhe dei as costas e comecei a andar em direção à porta da sala. — Você tem que encarar o que aconteceu e superar. Seu irmão morreu. E não é sempre que se faz quinze anos! — mamãe disse, antes que eu alcançasse a saída, me fazendo parar imediatamente.

Como ela era capaz dizer isso? Superar? Assim como ela fez em dois dias? O Rapha era meu irmão, mas também era filho dela. Não um vizinho, ou um conhecido. Ele era seu filho!

Lentamente eu me virei para olhá-la, encontrando seu rosto.

— Como a senhora pode dizer isso dessa maneira, mamãe? — Engoli o nó em minha garganta. — Ele morreu, e não faz nem duas semanas...

Mesmo ouvindo isso, a expressão indiferente dela não se desfez. Eu não reconheço mais a minha mãe.

— Eu sei disso, filha — ela disse, tentando me confortar e vindo até mim. Ela acariciou meu ombro. — Mas você não pode sofrer a vida toda. Sem contar que seu aniversário passou em branco. Você tem que superar.

Eu a olhei horrorizada e dei um passo para trás, para longe de seu toque.

— Superar como você superou, mamãe? — mais rápido do que pude prever, as palavras voaram de minha boca. Eu estava incrédula. — Meu aniversário passou em branco porque estávamos velando o corpo do meu irmão. Do seu filho!

— Pare de ser assim, estou apenas tentando te ajudar! — ela rebateu, me olhando, com raiva.

— Me ajudar falando que preciso superar o meu irmão que mal esfriou no caixão? — Uma lágrima intrusa escorreu por meu rosto. Eu a enxuguei. — Você sequer sentiu a morte dele, não é?

Mamãe arregalou os olhos.

— O que você disse? — ela perguntou, furiosa, marchando na minha direção.

Antes que ela conseguisse chegar até mim, um corpo grande se colocou entre nós, e demorei para perceber que era Callum. Dei alguns passos para trás e o vi segurar minha mãe pelos ombros delicados.

— Saia da frente, Callum! — Ouvi mamãe mandar, o rosto erguido para encarar o do marido. — Você não ouviu o que ela disse? Está ficando rebelde, assim como ele!

— Se acalme, Vic... — Callum pegou seu rosto entre suas enormes mãos, chamando a atenção dela para ele. — Ela apenas sente falta do irmão, amor. É só uma criança.

Cínico.

Encarei a cena horrorizada, vendo minha mãe segurar a cintura nua dele com suas mãos.

— Ela me respondeu — A voz da minha mãe agora estava mais mansa, sem a mesma raiva de antes.

O jeito que ela olha para ele é totalmente submisso, perdidamente apaixonada. Sim, dá pra ver isso nos olhos dela.

— Você vai deixar isso passar só dessa vez, não é? — Callum lhe deu um selinho demorado. — Ela é só uma criança, amor.

Mamãe assentiu sem tirar os olhos dele, e Callum a soltou, mas só depois de lhe dar mais um selinho. Então, ele se virou para mim, caminhando em minha direção.

Eu rapidamente fiquei em alerta, me xingando mentalmente por ter esquecido no meu quarto o canivete que Raphael me deu.

— Eu entendo a sua dor, Ryen — Callum parou logo à minha frente, quase colado a mim. Ele sorriu. — Sei que Raphael e eu tínhamos intrigas bestas, mas eu gostava dele.

Antes que eu fizesse menção de me afastar e ir embora, Callum me envolveu em um abraço repentino, não me dando a chance de reagir. Sua mão direita foi para minha nuca, e a esquerda, para a minha cintura, me deixando presa a ele.

Congelei no lugar e arregalei os olhos, que estavam vidrados no peito de Callum.

— Eu também sinto muita falta dele, Ryen — ele falou, acariciando minha cintura. — Era um garoto legal, sempre ajudando todo mundo.

Minhas mãos estavam paradas ao lado do meu corpo e meu cérebro não conseguia enviar um comando para que elas se mexessem.

Mamãe não vai fazer nada? Ela acha isso normal? Mesmo depois de tudo que contei a ela?

— Além do mais, ele sempre se metia no que não era da conta dele — Callum baixou o tom de voz para que só eu o escutasse. — Mas não teremos mais esse problema, não é, minha obra-prima? — ele perguntou em meu ouvido enquanto senti sua mão adentrar meu uniforme.

A mão fria de Callum serpenteou por minhas costas e não pensei duas vezes antes de empurrá-lo para longe, mas só consegui afastá-lo dois passos para trás.

Meu Deus, eu odeio esse cara.

Observei minha mãe, desejando que ela tivesse visto a cena, mas quando pousei meus olhos nela, a encontrei admirando as longas unhas pintadas de vermelho. Callum seguiu meu olhar horrorizado e coçou o peito nu, inclinando a cabeça para a esquerda. Em seus lábios havia um sorriso que dizia “Não adianta”.

Engoli em seco e voltei a olhar para minha mãe.

— Não quero festa nenhuma.

Dito isso, me virei sem olhar para Callum, e quase corri em direção à porta, querendo sair dessa casa o mais rápido possível.

Como ela podia pensar que eu iria querer uma festa justo agora? Será que ela também deu uma festa duas semanas depois de o meu pai ter morrido?



Encarei a porta branca da minha sala, tentando tomar coragem para entrar, buscando um resquício de vontade de me sentar em uma cadeira e escutar um professor falar.

Mas nada. Eu não sentia nada. Agora o ato de estudar parecia algo muito sem graça.

Respirei fundo antes de bater à porta e abri-la; fui recebida por um silêncio repentino. Todo mundo parou de conversar e de rir para me encarar. Algumas garotas chegaram a me analisar dos pés à cabeça, e cochicharam entre si. Nem mesmo se deram ao trabalho de disfarçar.

— Me desculpe pelo atraso, professor — eu disse para o senhor de meia-idade que nos ensina História.

Ele arrumou os óculos de grau e assentiu com a cabeça.

— São só sete minutos de atraso — ele comentou, encarando o relógio no pulso. — Pode se sentar, Ryen.

Assenti com a cabeça e fechei a porta atrás de mim. Comecei a andar até minha cadeira, sentindo o olhar de todos em mim, como se nunca tivessem me visto. Tem sido assim desde que Rapha morreu.

Só não sei se me olham por causa disso ou porque minha aparência está horrível. Acho que os dois.

Quando me sentei, tirei meu material da mochila e a coloquei atrás da minha cadeira. Tentei relaxar, mesmo que o resto da turma não tenha tirado os olhos de mim, e arrumei uma mecha de cabelo que escapou do meu coque. Não quis usar tiara hoje, elas pareciam ter perdido a graça.

Olhei para a direita, vendo Brianna prestar atenção na aula. Diferente de mim, ela estava linda e impecável. O cabelo preto estava solto, e argolas douradas enfeitavam suas orelhas. No mais, ela estava apenas com um gloss rosa sobre a boca bem desenhada, algumas pulseiras de pérolas nos pulsos e o uniforme perfeitamente arrumado.

Ao apoiar o queixo na mão, Brianna virou o rosto para me encarar, como se sentisse que eu a estava encarando. Ela ergueu uma sobrancelha bem-feita, questionando. Apenas reprimi um suspiro e virei o rosto, sem muita vontade de brigar.

Quando olhei para frente, vi Jenna e Scott me olhando de suas carteiras, ambos com sorrisinhos nos rostos. Desde que Raphael morreu eles não falam comigo, porém os vejo debochando vez ou outra.

Tentei ignorá-los e abri meu caderno, fazendo o mesmo com meu estojo. Em seguida comecei a copiar tudo que o professor escreveu no enorme quadro, mas eu seria uma bela de uma mentirosa se dissesse que estava conseguindo me concentrar.

Às vezes eu escutava alguém comentar sobre o quanto eu parecia acabada. Cheguei até a ouvir a risada de Jenna, como se aquilo fosse a coisa mais hilária do mundo. Eu a odeio tanto.

— Corrigi os testes de vocês e vou começar a entregá-los agora — o professor disse, se afastando do quadro e fechando sua caneta.

Terminei de copiar a matéria, joguei minha caneta na mesa e deixei meu corpo escorregar em minha cadeira de madeira, relaxado. Peguei meu

telefone no bolso da mochila para checar a hora, mas quando o desbloqueei e vi a foto de Raphael na tela, minha garganta ficou apertada. Eu devo ser masoquista, porque sempre tenho a mesma reação.

Engoli em seco, sentindo minha garganta doer com o esforço. Nesse instante uma folha foi colocada sobre minha mesa e eu ergui a cabeça, encontrando o professor.

— Estou decepcionado com você, Ryen — ele falou, pondo as mãos atrás de suas costas.

Franzi o cenho e olhei para meu teste, agora compreendendo o que ele disse. Tinha um “F” enorme na minha folha.

— Você tirou a nota mais baixa da turma — ele continuou, me fazendo encará-lo.

Peguei o teste em minhas mãos.

— Eu... Eu não sei o que dizer — Neguei com a cabeça.

Isso nunca tinha acontecido antes.

— Sei que seu irmão morreu, e eu realmente sinto muito por isso — o professor falou, me deixando tensa. — Mas você não pode deixar o luto afetar sua vida. Tem que saber separar as coisas.

Ergui minhas sobrancelhas, totalmente desacreditada do que ele disse.

— Estude para a recuperação — Foi tudo que ele disse antes de se afastar de mim.

E ele nem me deu o direito de me defender; quando o sinal tocou, ele reuniu suas coisas, indo embora da sala.

Como assim não posso deixar o luto afetar minha vida? Não tem nem duas semanas que meu irmão morreu, como é que eles querem que eu tenha cabeça para estudar para um teste? Além disso, essa foi minha primeira nota baixa em quinze anos.

Fiquei me perguntando se foram as pessoas que não tiveram muita consideração com o que aconteceu, ou se era eu quem estava dando importância demais e me afogando nela?

De repente, meu teste foi retirado de minhas mãos e eu olhei para cima, vendo Jenna ao lado de Scott.

— Hum, então a boa moça tirou a pior nota da sala? — Jenna sorriu, tirando os olhos de minha prova para me encarar.

Estava demorando.

Suspirei e me levantei, a contragosto.

— Me devolva, Jenna — pedi, estendendo minha mão.

Ela me ignorou e se virou para Scott.

— Olha Scott, a garotinha de ouro dos Rodríguez tirou um “F” —
Ela deu risada, mostrando a prova para ele.

Scott pegou meu teste, sorrindo como um lobo.

— Tsc, tsc... — Ele estalou a língua. — Que vergonha, mijona.

Respirei fundo e saí de trás da minha carteira, caminhando até ele.

— Eu mandei vocês devolverem! — Estiquei meu braço para pegar
minha prova.

— Opa! — Scott riu, a erguendo para cima.

Acabei chegando muito perto do seu rosto, e ele se aproveitou disso
para me dar um beijo no canto da boca. Eu rapidamente dei passos para trás
e limpei o local, totalmente enojada.

— O que foi, mijona? Foi só um beijinho de consolo — Ele riu, me
olhando de cima a baixo.

— Gorda desse jeito, é capaz de não beijar muito — Jenna pegou
minha prova das mãos de Scott e olhou para mim, sorrindo.

Scott riu e passou o braço direito pelos ombros de Jenna. Eu os
ignorei.

— Me dê a prova, Jenna — eu mandei, dessa vez com mais firmeza.

A loira arqueou uma sobrancelha.

— Não.

Fechei meus olhos e respirei fundo, tentando controlar a raiva que
queria tomar conta de mim.

— Para de ser uma vadia e devolve o teste dela, Jenna.

Olhei para a direita, vendo Brianna nos encarando com um olhar
tedioso, como se tudo aquilo enchesse o saco dela.

— Do que você me chamou? — Jenna se afastou de Scott e se virou
para Brianna.

A prima de Kellan, que estava sentada e de braços e pernas
cruzados, se levantou e andou lentamente até parar a alguns passos de Jenna
e Scott.

— Eu te chamei de vadia — Brianna repetiu, e me indicou com a
cabeça. — E mandei devolver a prova dela.

Jenna riu, desacreditada.

— Deu pra defender essa perdedora agora? — Ela apontou para
mim.

Brianna revirou os olhos.

— Só quero que ela pare de choramingar e que vocês acabem com a porra dessa brincadeira chata — Ela pôs as mãos na cintura. — O que caralho vocês têm a ver com as notas dela?

Franzi o cenho, tão confusa quanto Jenna e Scott. Por que ela estava me defendendo?

— Nós somos seus amigos, por que está do lado dessa mijona? — Scott exigiu uma resposta.

A prima de Kellan riu.

— E desde quando somos amigos? Eu mal falo com vocês — Ela olhou para Jenna, negando com a cabeça. — E a puta da sua amiga finge gostar de mim só para o meu primo comer ela.

O quê?

— Cala a boca — Jenna mandou, entre dentes.

— Vai dizer que é mentira? — Brianna arqueou a sobrancelha, venenosa. — Todo mundo do colégio sabe disso. O seu irmão, o McKay, odeia o Kellan por causa disso. Aquele delinquente de merda está bravinho porque tem um boato de que meu primo comeu a vadiazinha da irmã dele.

Meu Deus, então Jenna era a irmã do McKay? E Kellan realmente teve algo com ela?

— Pelo menos o meu irmão não dirigiu drogado e provocou um acidente como o seu primo e o viciado do amigo dele fizeram, porra! — Jenna vociferou, sendo segurada por Scott.

Rangi meus dentes e caminhei até ela.

— O meu irmão não era um viciado! — arranquei meu teste dela, a fazendo solavancar um pouco para frente.

Jenna desviou olhos de Brianna e os mirou em mim, totalmente raivosos.

— Ficou corajosa do nada, caralho? — Ela empurrou meu ombro, me fazendo dar um passo para trás. — Acha que pode comigo? — Me deu outro empurrão.

Dessa vez dei mais dois passos para trás e caí sentada em uma cadeira, que percebi ser a minha.

— Jen... — Scott a chamou, mas ela o ignorou.

Apertei meus dentes e me virei para frente, mantendo meus olhos fixos no quadro. *Ignore, Ryen.*

— Está achando que me esqueci de como você chorou só porque eu te chamei de mijona? — Jenna cutucou minha têmpora com o indicador. Ela riu. — Eu não me esqueci de como você é frouxa, então não venha dar uma de forte, sua medrosa do caralho.

Espalmei minhas mãos sobre minha mesa, amassando minha prova com a direita para tentar controlar a raiva dominando meu corpo.

— Jenna! — Scott a chamou novamente.

O restante das pessoas da nossa turma se reuniu para ver o que estava acontecendo, mas mantive meus olhos no quadro.

— Você fala que o seu irmão não era um viciado... — Jenna começou, me deixando tensa. — Então por que caralho ele vivia chapado?

Tentei normalizar minha respiração, que já tinha começado a ficar rápida.

— Não fode, porra — Brianna murmurou, entre dentes.

— Estou errada, Ryen? — Jenna a ignorou, ficando curvada do meu lado direito. — Estou errada quando digo que seu irmão era um viciado de merda? Ele estava tão chapado na corrida que é bem capaz de ter causado o acidente.

Apertei minha prova com mais força, a sentindo rasgar entre meus dedos. *Não, ele não causou nada.*

— Você não sabe de nada, Jenna! — Brianna gritou.

Jenna não tinha o direito de falar do meu irmão assim, quem ela pensava que era?

Cravei minhas unhas na palma da minha mão, sentindo a pele ser rasgada, enquanto mantive meus olhos fixos no quadro.

— Ah, pode apostar que eu sei de tudo — Jenna debochou. — Sei que o seu primo e Raphael estavam chapados dentro carro no dia da corrida. Sei também que o Raphael deve, com certeza, ter causado o acidente, ele só fazia merda. Talvez seja por isso que nem a mãe dessa aí está sofrendo pela morte dele, todo mundo sabe que ela nunca ligou para... — Jenna parou de falar quando segurei a parte de trás de sua nuca e bati seu rosto na minha mesa.

O choque irrompeu pelos alunos, e quando Jenna voltou a erguer o rosto, jogou a cabeça para trás, segurando o nariz pequeno.

— Cala a sua boca imunda! — Me levantei da cadeira e parti pra cima dela. — Não toca no nome do meu irmão! — eu mandei, estapeando o rosto de Jenna.

Ouvi Scott xingar e Jenna me olhar aterrorizada, segurando a bochecha.

— Você ficou maluca? — ela perguntou, entre gritos. — Ficou assim só porque eu falei da merda do viciado do seu irmão? — Ela me empurrou.

Não pensei muito quando peguei um livro em uma mesa qualquer e bati com ele na cabeça de Jenna, a fazendo cambalear para trás. E eu não lhe dei tempo de reagir quando larguei o livro no chão, avancei, e a empurrei, a fazendo cair.

— Sai de cima de mim! — Jenna gritou quando montei no estômago dela.

Ignorei os gritos dela e soquei seu nariz, sentindo os nós dos meus dedos doerem com a sensação nova. Ela não tinha o direito de dizer isso sobre o Rapha. Ela não o conhecia como eu.

Insatisfeita por ter dado apenas alguns tapas, agarrei as laterais do cabelo de Jenna e bati sua cabeça no chão. Não uma, mas quatro vezes. Ela gritou e fechou os olhos, mas mesmo assim não parei de puxar seus cabelos. Os alunos fizeram uma algazarra ao nosso redor, chamando mais atenção do que deveriam.

— Sai de cima dela! — Escutei a voz de Scott, e em seguida ele tentou me puxar de cima de sua amiga.

Contudo, me mantive presa ao cabelo dela.

— Você nunca mais vai chamar o meu irmão de viciado de merda na minha frente, entendeu? — eu gritei, esbofeteando o rosto de Jenna. — Você nunca mais vai usar essa sua boca suja pra insinuar que ele provocou o acidente!

— Me solta! — Jenna conseguiu dizer, entre tapas.

Estiquei minha mão para pegar o livro que deixei cair e o bati contra a cabeça de Jenna mais uma vez.

Eu estava com tanta raiva que não conseguia pensar nas consequências que aquilo iria me causar. Sentia tanta dor, que a única coisa que se passava em minha cabeça era descontar tudo em Jenna. Toda raiva que estava sentindo do Rapha, da minha mãe, do Callum e da própria Jenna. Raiva de tudo o que estava acontecendo. De tudo o que aconteceu.

Cega pelo ódio, larguei o livro e fechei meus dedos ao redor do pescoço de Jenna. Ela agarrou meus pulsos, tentando fazer com que eu a soltasse.

— Porra, sujou! — Escutei Brianna xingar.

Mas eu a ignorei, e estava pouco interessada em saber o motivo do choque em seu tom de voz. Só conseguia pensar no que Jenna disse. E o pior é que ela estava certa sobre duas coisas: minha mãe não estava sofrendo pela morte do Rapha, e ela nunca ligou para ele.

— Mas o que está acontecendo aqui? — Ouvi alguém perguntar, fazendo todos ficarem em silêncio.

Jenna ergueu o rosto para cima, abrindo a boca em busca de ar, mas eu não me importei.

Quando menos esperava, fui puxada para cima por alguém que me agarrou pelos ombros; olhei para trás e percebi que se tratava do professor de Biologia.

— Mas o que é isso, Ryen? — Ele me encarou, espantado. — Justo você brigando?

Atordoada, abri a boca para responder, mas alguém começou a tossir. Era Jenna, que aos poucos estava sendo erguida por Scott.

— E você também, Jenna? — O professor olhou para ela.

— Ela tentou me matar! — Jenna disse, entre tossidas, as mãos alisando o pescoço com as marcas dos meus dedos.

— É mentira! — me defendi.

— Todo mundo viu você tentando me enforcar! — Jenna acusou de volta.

O rosto dela estava todo vermelho e um pequeno filete de sangue escorria de seu nariz.

— Você falou do meu irmão!

— Falei apenas verdades! — ela devolveu, enxugando o nariz.

A raiva em meu peito apenas aumentou com suas palavras. *Meu Deus, eu quero matá-la.*

— Cala a boca! — Brianna mandou, impaciente.

— Chega de confusão! — O professor me soltou, ficando entre nós. Ele nos olhou. — Vou agora mesmo levar as duas à diretoria!

— Mas eu sou a vítima aqui! Preciso de um hospital! — Jenna exigiu, sendo sustentada por Scott, que concordou com a cabeça.

— As duas — O professor ergueu o indicador para dar ênfase a sua sentença. — Vamos — ele chamou, começando a sair da sala.

Suspirei e peguei minha mochila, a jogando por cima do ombro. Dei uma última olhada em Brianna, que estava me observando em silêncio,

assim como o resto da turma e alguns alunos de outras salas que estavam ao redor da porta. Jenna saiu primeiro e eu fui logo atrás, tentando manter o máximo de distância.

Não acho isso nem um pouco justo. Sei que não deveria ter batido em Jenna, mas não me arrependo. Me sinto até um pouco mais aliviada por ter feito ela calar a boca. Não sei explicar o que me deu, eu apenas odiei a forma como ela falou do meu irmão e de Kellan.

Então eu quis bater nela. E bati. E nossa, eu ainda quero. *Muito.*

Olhei para minhas mãos, vendo alguns cortes pequenos nos nós dos meus dedos. Na hora da adrenalina eu não senti dor, mas agora estava sentindo. Porém, nem isso conseguiu me deixar arrependida de espancar Jenna. Faria tudo de novo se tivesse a oportunidade.

— Vocês merecem uma expulsão — O professor ralhou, caminhando logo à frente. Ele balançou a cabeça, em negação. — Onde já se viu, brigando por besteira.

— Não é besteira — eu o contrariei. — Ela disse coisas horríveis sobre o meu irmão.

Jenna riu com desdém e eu olhei para ela, a vendo com a mão no nariz.

— Ah, por favor — Ela revirou os olhos. — Eu só disse verdades.

— São só mentiras! — eu me exaltei, apertando minhas mãos em punhos.

Mentiras e mais mentiras.

— Chega, parem de brigar! — O homem nos olhou por cima do ombro. — Jenna, pare de falar. E Ryen, não é porque alguém disse algo que você não gostou, que você pode bater na pessoa. Seja mais sensata.

Ergui minhas sobrancelhas em questionamento. *Isso é sério?*

Eu olhei para o corredor à direita, avisando as portas que levam para fora do colégio.

— Isso é um ato selvagem, nada justifica uma agressão — ele continuou falando, e lentamente eu mudei de caminho. — Sei que seu irmão morreu, mas você não pode... Ryen! — o professor gritou meu nome.

E então, eu estava correndo.

Corri para longe de Jenna e do professor de Biologia, que só soube julgar a forma como eu reagi a uma provocação e não buscou ver os dois

lados. Corri o mais rápido que consegui, escutando o homem chamar por mim, me mandando parar.

Meu coque frouxo se desmanchou e meu cabelo caiu em minhas costas, voando, ao passo que eu corria sem parar. Assim que abri as portas, desci os degraus, correndo em direção aos enormes portões que me levariam para longe desse inferno.

— Ryen! — Escutei ele gritar de novo e olhei para trás, o vendo parado na entrada do colégio. — Espere aí agora mesmo, ou você terá problemas!

Eu não me importava com mais nada. Queria que todo mundo naquele colégio explodisse.

Ignorei o professor e abri um dos portões, o batendo com força quando finalmente passei por ele. Me forcei a mais rápido porque senti que se eu parasse, nem que fosse por dois segundos, eu voltaria atrás e colocaria os pés no colégio novamente por puro medo das consequências. E eu não queria isso.

Ainda pude ouvir o professor me chamar mais duas vezes, mas quando dei por mim já estava fora do terreno do colégio, vendo apenas os enormes prédios que ficavam para trás.

Aos poucos fui desacelerando meus passos, até que parei de correr e apoiei as mãos em meus joelhos, sentindo o ar me faltar. Meus pés doíam por ter corrido tanto. Minha garganta incomodava pela vontade contida de chorar, e meus olhos estavam ardendo pelas lágrimas que eu estava segurando. Tudo doía e eu só queria gritar.

Arrumei minha postura e passei as mãos pelo meu cabelo, tentando controlar o furacão que ele tinha se tornado. Eu só queria um pouco de paz. Nem que fosse só por um minuto, eu apenas sentia que precisava. E eu sabia onde conseguiria isso.

Sinalizei com a mão para o táxi que estava vindo em minha direção pedindo que ele parasse. Me sentei no banco de trás e passei as mãos pelo meu rosto, tentando me acalmar.

— Bom dia, senhorita — O taxista de meia-idade desejou.

— Bom dia.

— Para onde quer que eu a leve?

Eu olhei para fora, encostando minha cabeça na janela.

— Para o hospital particular Mercy, por favor.



Envolvi a maçaneta da porta do quarto do hospital com meus dedos e engoli em seco.

É sempre assim quando venho visitar Kellan. Duas semanas com essa mesma idiotice de não conseguir ver ele em uma cama, totalmente entubado. Mesmo que ele esteja inconsciente, ainda fico nervosa só por estar ao seu lado. E querendo ou não, me deixa triste vê-lo assim.

Abri a porta do quarto e me deparei com Kellan, que esteve do mesmo jeito desde o acidente. Deitado na cama, olhos fechados, entubado e totalmente espetado por agulhas. Ele parece estar apenas dormindo, mas o aparelho que verifica seus sinais vitais faz questão de mostrar que não é isso.

Fechei a porta atrás de mim e coloquei minha mochila em uma poltrona. Alisei minha saia enquanto andava até Kellan e puxei uma cadeira para ficar ao lado da cama dele. Me sentei e o encarei, admirando seu rosto.

— Oi... — eu disse, minha voz calma. — Eu vim ver como você está.

O “bip” corrompeu o silêncio da sala, deixando tudo mais calmo.

— Sei que tenho vindo aqui quase todos os dias... — Olhei para minhas mãos, brincando com elas em cima das minhas coxas. — Ok, todos os dias. Mas é que eu me preocupo com você.

Olhei para cima, vendo o rosto bonito de Kellan com as cicatrizes quase curadas.

— Sei que não deveria me preocupar, você é sempre um babaca comigo, mesmo eu nunca tendo feito nada a você... — neguei com a cabeça. — E eu também sei que não deveria estar aqui, mas não consigo evitar.

Esse é o único lugar em que tenho sentido paz nesses últimos dias. O único longe o suficiente da minha casa e do colégio.

— Sei que isso não é da sua conta, mas esses últimos dias têm sido um inferno para mim — Senti lágrimas se acumularem em meus olhos e minha voz falhou. — Tanto em casa como no colégio. Mas principalmente em casa. Sem o Rapha lá.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha.

— Quer saber o porquê de eu estar aqui justo agora? Em horário de aula? — perguntei. — Tem uma garota na minha turma, Jenna, que sempre implicou comigo, mas eu nunca tive coragem de falar um “a” pra ela.

Me aproximei mais da cama de Kellan.

— Mas aí... — Eu engoli em seco e mordi meu lábio. — Mas aí ela falou do Rapha, e eu parti pra cima dela. Eu nunca tinha brigado na minha vida, mas eu bati muito nela. E se não tivessem me parado, eu ainda estaria batendo, até agora.

Enxuguei meus olhos, sentindo a vontade de chorar crescer e crescer.

— Desde que o Rapha morreu e você ficou em coma, minha vida virou de cabeça para baixo — Eu olhei para ele. — Ela poderia não ser perfeita antes, mas agora ficou insuportável.

Um soluço quebrado irrompeu de minha garganta e eu cruzei meus braços na pontinha da cama de Kellan, escondendo meu rosto atrás deles.

— Eu nunca me senti tão sozinha como agora, e eu não sei o que fazer ou em quem confiar — Meu choro ficou abafado e meu peito tremeu. — Eu não aguento mais chegar em casa e não ter o Raphael lá, Kellan. Não aguento mais ver minha mãe feliz com o marido como se nada tivesse acontecido.

Ainda de olhos fechados, procurei a mão de Kellan, a apertando com cuidado.

— Eu também não aguento mais ver todo mundo ser mau comigo sem nenhuma razão. O que eu fiz de errado? — Solucei alto, me irritando. — E eu também não deveria estar chorando aqui. Se você estivesse acordado, me botaria para fora.

Apertei a mão de Kellan com mais força.

— Eu quero ver você e o Rapha na sala de jantar da minha casa, tomando café da manhã juntos — eu consigo dizer. — Quero ver vocês correrem em rachas, quero o Raphael aqui comigo. Killer sente falta dele.

Senti a mão que eu estava segurando apertar a minha de volta e ergui minha cabeça aos poucos, tentando enxergar o rosto de Kellan por trás das lágrimas. Senti sua mão apertar a minha novamente e ergui minhas sobancelhas, meus olhos quase saltando para fora.

— Kellan? — o chamei, vendo seus olhos fechados tremerem um pouco. — Você está acordado? Kellan? — Eu me levantei da cadeira.

O aperto em minha mão diminuiu um pouco e eu soltei a mão de Kellan, correndo para a porta e a abrindo o mais rápido que consegui. Olhei para o corredor, vendo enfermeiras e médicos por toda parte.

— O Kellan está acordando! — eu gritei, chamando a atenção deles, que rapidamente começaram a andar em minha direção a passos rápidos.

Eles passaram por mim e entraram no quarto, correndo até Kellan para examiná-lo.

— Vou pedir que você fique fora do quarto por enquanto — uma das enfermeiras disse, tentando fechar a porta.

Eu a impedi.

— Ele apertou minha mão! — eu disse a ela, enxugando minhas lágrimas. — Duas vezes!

— Vou dizer isso ao doutor — ela me acalmou, para então fechar a porta na minha cara.

Corri até o enorme vidro do quarto de Kellan, era possível ver o médico e as enfermeiras o examinando. Espalmei minhas mãos no vidro, me sentindo ansiosa e eufórica com a possibilidade de ele estar acordando.

Não consigo aceitar que ele pode ficar anos em coma, perdendo inúmeras momentos de sua vida. Não, isso não entra na minha cabeça. Estar em coma é quase como... como estar morto.

O médico se afastou de Kellan e eu corri para a porta do quarto quando ela se abriu.

— Ele acordou? — perguntei, com minhas sobrancelhas erguidas.

Ele negou com a cabeça, pondo as mãos nos bolsos.

— Não, ainda está em coma.

Franzi o cenho.

— Mas..., mas ele apertou minha mão — eu respondi, confusa. — Não uma, mas duas vezes. Eu senti!

— Foi apenas uma reação inconsciente do corpo. Alguns pacientes em coma fazem isso — ele me explicou.

Abracei meu próprio corpo, me sentindo subitamente desanimada.

— Então ele vai demorar para acordar?

— Nós não sabemos ainda, o estado dele é um pouco complicado — o médico esclareceu. — Talvez ele acorde amanhã, ou então na próxima semana. Mas pode ser que demore alguns meses, quem sabe até anos.

Eu engoli em seco e olhei para Kellan, deitado em sua cama, com algumas enfermeiras monitorando seus batimentos e trocando sua bolsa de

soro.

Me sentindo cansada, me afastei do médico e peguei minha mochila na poltrona. Olhei para Kellan uma última vez antes de me afastar e sair do quarto com o coração pesado e desiludido.

Anos. Talvez Kellan só acorde depois de anos. Ou quem sabe, talvez ele nunca acorde.

Peguei um táxi que passava pela rua no exato momento em que saí do hospital e lhe dei o endereço da minha casa. A essa altura do campeonato, mamãe já devia estar sabendo que me envolvi em uma briga e fugi do meu castigo. Isso me lembra o que o Rapha fazia.

Quando ele tinha catorze anos, sempre brigava no colégio e fugia da detenção. E quando nossa mãe o deixava de castigo em casa, ele pulava a janela, mesmo que se ralasse todo com a queda. E Kellan sempre o estava esperando nos portões.

Sorri ao me lembrar disso e desci do táxi assim que o paguei e ele parou em frente ao lugar em que moro. Passei pelos enormes portões e, enquanto atravessava o jardim, olhei a hora em meu celular, vendo que não passava das dez e meia da manhã. Respirei fundo antes de abrir a porta e pôr a cara dentro da sala, não encontrando ninguém.

Suspirei aliviada e fechei a porta atrás de mim com cuidado para que ela não fizesse barulho. Me dirigi para a escada dando passos silenciosos e comecei a subi-la.

— Ryen.

Congelei no terceiro degrau e me virei lentamente para minha mãe, a encontrando ainda de roupão, com Callum ao seu lado; dessa vez ele estava coberto com uma regata verde escura.

Pigarreei.

— Onde você estava? — ela perguntou, os braços cruzados.

— Fui ver o Kellan — respondi, calma. — Saber se ele estava melhor.

— Me ligaram do seu colégio, disseram que você fugiu — Ela franziu o cenho, vindo até mim. — Se meteu em uma briga, Ryen? Você enlouqueceu?

Desci os poucos degraus que subi e fiquei de frente para minha mãe.

— Ela falou coisas horríveis sobre o Rapha, mamãe — eu me defendi, ignorando a presença de Callum na sala. — Quando dei por mim, já estava batendo nela.

Mamãe passou as mãos pelo cabelo escuro.

— Mesmo não estando mais aqui, Raphael ainda te influencia — Mamãe massageou as têmporas.

— Não diga isso — Eu neguei com a cabeça.

Ela me encarou.

— Estou errada? — Ergueu as sobrancelhas e revirou os olhos. — Eu praticamente tive que implorar para que a família da garota não prestasse queixa na delegacia. Ainda tive que pagar alguns remédios para os machucados que você causou a ela.

Eu brinquei com os nós dos meus dedos.

— Eu juro que não fui eu quem provoquei.

Mamãe me dispensou com a mão.

— Não importa, nós vamos embora mesmo — ela suspirou.

Franzi as sobrancelhas.

— O quê? — perguntei.

Deve ter entendido errado.

— Eu disse que nós vamos embora — Mamãe repetiu o absurdo e sorriu. — Vamos nos mudar para o México, filha. Amanhã de manhã.

Dei alguns passos para trás, ainda sem conseguir acreditar.

— O... o quê? — eu gaguejei. — Por quê?

— Callum disse que você e eu precisamos de ar puro, filha — mamãe disse, abraçando o marido. — Ele me fez enxergar que nunca vamos superar a morte do Raphael aqui. Essa mansão está cheia dele. Está nos fazendo mal — Ela acariciou o braço de Callum, que estava em silêncio.

Eu nunca tinha ouvido tanta idiotice como agora. Meu Deus, ela estava se escutando?

— A senhora enlouqueceu? — me exaltei, perplexa. — Quer se mudar para o México porque a casa te lembra o Raphael?

Mamãe uniu as sobrancelhas, se mostrando confusa com minha reação.

— O Callum está certo, Ryen. — Mamãe assentiu com a cabeça. — Temos que nos afastar de tudo que nos faz mal.

Eu ri, chocada.

— Meu irmão está enterrado em Miami, mamãe — eu a lembrei. — E a nossa mansão?

— Nós a vendemos para um casal que acabou de se casar — Callum tomou a palavra, me encarando. — E não se preocupe, Ryen. Vou dar um

jeito de transferir seu irmão para o México.

— Eu não falei com você — Antes que eu pudesse segurar, as palavras voaram de minha boca.

Callum ergueu as sobrancelhas. Mamãe se afastou dele e veio até mim.

— Ryen! — ela me repreendeu.

Olhei para ela.

— A senhora está dizendo que vendeu nossa casa, o lugar em que eu cresci — Segurei as lágrimas, furiosa. — Está dizendo que precisamos superar a morte do Rapha, mas quer ir morar no México? Sério, mamãe? Isso não tem sentido!

Mamãe me segurou pelos ombros e me puxou para si.

— Confie em mim, Ryen. Eu sei o que estou fazendo — Ela me encarou e sorriu. — Além disso, não precisa ter medo. Callum está com a gente, ele vai nos proteger.

Neguei com a cabeça, perplexa diante de suas palavras. Ela realmente não estava se escutando.

— Mas, mamãe... — tentei protestar, mas ela tampou minha boca com o indicador.

— Xiu... confie em mim, tudo bem? — Ela beijou minha testa, pondo minha cabeça em seu ombro.

Me sentindo repentinamente cansada, deixei meus braços caírem ao lado do meu corpo e me dei por vencida, sabendo que não podia fazê-la mudar de ideia. Era impossível, Callum já tinha feito todo seu trabalho. Não tem mais jeito, ele tem minha mãe na palma das mãos.

Ergui meu olhar para Callum, ele nos encarava com um sorriso no rosto. Sorriso esse que estava carregado de maldade. Senti que a qualquer momento eu iria ser engolida por ele.

E ninguém iria me salvar.



*“Eu sou uma vadia, eu sou uma chefona
Eu sou uma vadia e uma chefona, e eu brilho como gloss”*
Doja cat – Boss Bitch

Ryen Rodríguez

*Monterrey, México.
Dias atuais.*

— Aqui é a polícia, pare agora mesmo esse carro!

Olhei para trás, vendo pelo vidro traseiro do carro a viatura da polícia me seguindo com a sirene ligada. Revirei os olhos e bufei alto enquanto me virava para frente outra vez.

Porra, que legal. Era só o que me faltava, a polícia na minha cola.

Ignorando a ordem do policial, vi pelos retrovisores o carro deles próximo ao meu antes de subir a única janela do meu carro que estava aberta e me trancar, impedindo que qualquer pessoa me enxergasse lá dentro.

Com um sorriso de lado nos lábios, pisei no acelerador e senti meu corpo impulsionar para trás por causa da velocidade, igual a adrenalina pulsando em meu sangue. Isso fazia com que eu me sentisse viva. O perigo e o medo de ser pega. Eles me lembram que ainda estou aqui.

Liguei o som e em segundos uma música com batida forte começou a tocar; pela voz inconfundível, notei que era AC/DC.

Virei o pescoço pra olhar para trás, percebendo que a polícia ainda estava grudada a mim como sombra, mas não tão perto como antes. Grunhi.

— Que merda, fala sério — bufei alto, passando a mão por meu cabelo.

Meu corpo foi jogado para a direita quando fiz uma curva improvisada sem me dar ao trabalho de desacelerar antes. Olhei para trás, tentando descobrir se a polícia ainda estava me perseguindo, e sorri ao ver que eles quase bateram em uma mesa do lado de fora de um restaurante. Infelizmente, eles conseguiram retomar a direção.

Apertei um botão, descendo minimamente a janela do meu carro e escutando o som irritante da sirene. Graças a eles, essa perseguição chamaria mais atenção do que eu desejava.

— Nós não falaremos de novo! Pare agora mesmo esse carro! — uma voz grossa disse e eu revirei os olhos, tornando a subir completamente o vidro do carro.

Eu só estava correndo um pouquinho de nada, nem foi tanto assim. Além do mais, não era a primeira vez que a polícia me perseguia por excesso de velocidade. Eu nunca fui pega, e com toda certeza não seria agora.

Podia até escutar os gritos da minha mãe quando fosse me buscar na delegacia e o discurso dela. Eu ficaria preocupada se me importasse com o que ela pensa.

Tentei acelerar mais, porém xinguei quando vi que não era possível. Só me restava despistar a polícia de outro jeito, e talvez eu conseguisse fazer isso nas curvas. Eu tinha que sair dessa.

Aumentei o volume da música no exato momento que o refrão tocou e continuei dirigindo, vez ou outra olhando pelo retrovisor só para ver os filhos da puta me seguindo com a sirene ligada. Eu odeio a merda dessa cidade com todas as minhas forças e a polícia poderia explodir junto com ela. Um por um, sem exceção.

Girei o volante o mais rápido que consegui apenas para entrar em uma esquina e arregalar os olhos ao ver que tinha um grupo de pessoas atravessando a rua. Eles pularam um pra cada lado e eu desci o vidro, pondo a cabeça pra fora.

— *Lo siento mucho!* — eu gritei quando passei por eles.

Rapidamente subi o vidro e voltei a manter minha atenção na estrada. Mais à frente, notei que o sinal estava vermelho. Eu não sabia quanto tempo eu tinha antes que o sinal abrisse, mas aquele era um risco que eu teria de assumir.

De repente, uma idosa começou a atravessar a rua, aproveitando que o sinal estava fechado. Apertei o volante com força e xinguei antes de

desviar da senhora, sabendo que ela não conseguiria fazer isso a tempo.

Merda, essa tinha sido por pouco. Só mais alguns segundos e eu iria para a cadeia; não por excesso de velocidade, e sim por assassinato.

A alguns metros de distância, um carro da polícia parou, claramente com a intenção de me fazer parar também. Bela ilusão, até parece que eu ia me deixar ser pega. Não queria ter que escutar Victoria reclamar, reclamar e reclamar.

Já tendo acelerado até meu limite, desviei da viatura antes que eu batesse nela e enrolei em uma curva, dando direto em uma rua. Mesmo com os vidros fechados, pude visualizar em minha mente as rodas da minha Ferrari soltarem fumaça com a ação repentina. E eu amo isso!

Mesmo que eu vivesse em oficinas por estragar as rodas da minha Ferrari diariamente, eu não me importava. Valia todo o dinheiro do mundo ver minhas rodas pegarem fogo em curvas ou durante as manobras que eu faço. Tudo era compensado a cada corrida ganha, e eu nunca perdi. Todos no México envolvidos com racha sabiam quão boa eu era.

Olhei para trás, vendo que o carro da polícia não parava de me perseguir. Isso já estava enchendo meu saco. Nunca demorou tanto para que eu os despistasse, já estava impaciente até o pescoço com isso.

Voltei meu olhar para a estrada e me assustei quando notei um cachorro atravessar a rua mancando. Quando me viu chegando cada vez mais perto, ele se encolheu e fechou os olhos, como se desistisse e esperasse pelo pior, pela sua possível morte. *Merda.*

Tendo agora poucos segundos para desviar dele, tentei ser o mais rápida que consegui, mas isso fez com que eu me ferrasse.

Minha Ferrari bateu direto contra um poste e meu corpo impulsionou para frente. Eu teria atravessado o vidro se não estivesse de cinto, o que era raro. Olhei ao meu redor, vendo uma viatura parar na minha frente e outras duas me cercarem por trás, agora sim impossibilitando minha fuga.

Bati minhas mãos no volante e xinguei o primeiro palavrão que veio à minha mente. Desci um pouco o vidro para checar o que estava acontecendo do lado de fora, mesmo que meu destino fosse certo.

— Aqui é a polícia, desça agora mesmo do carro com as mãos para cima! — um dos policiais da viatura da frente disse, com um megafone, apontando uma arma para mim.

Tinha que obedecer, eu definitivamente não estava a fim de levar um tiro.

Pelo vidro do carro, vi um policial se aproximando enquanto mantinha a arma apontada em minha direção. Eu estava cercada, não tinha como fugir nem se eu quisesse muito. E eu não era idiota o bastante para tentar escapar correndo de um bando de policiais armados.

Revirando os olhos, destravei a porta e lentamente a abri.

— Saia com as mãos na cabeça! — gritou o homem que estava próximo a mim. — E não tente nada, estamos armados!

Negando com a cabeça e pondo as mãos atrás dela, coloquei primeiro meu pé direito para fora e em seguida meu corpo todo, finalmente me mostrando. Olhei para o policial à minha frente e sorri de lado.

— Me pegaram — fiz beicinho, falsamente decepcionada.

Falsamente decepcionada é o caralho, eu estava puta pra cacete.

O policial franziu o cenho e eu notei algumas pessoas se aproximando para ver o que estava acontecendo.

— O quê...? — Ele inclinou a cabeça para o lado, parecendo confuso.

— Uma mulher? — um policial de outra viatura perguntou, parecendo indignado. — Esse tempo todo estávamos perseguindo uma mulher?!

Arqueei uma sobrancelha.

— Não entendi o porquê da surpresa.

Como assim “uma mulher”? Ele estava esperando um homem só pelo fato de eu ter dado trabalho para eles?

— Não interessa, você tem o direito de se manter calada — o policial que estava na minha frente disse, vindo na minha direção. — Vire-se e ponha as mãos no capô do carro.

Arqueei as sobrancelhas e fiz o que ele mandou, o olhando por cima do ombro.

— Assim? — Sorri enquanto me empinei levemente, fazendo a calça jeans preta se ajustar a minha bunda.

— Separe as pernas — ele deu outra ordem.

— Muito mandão — murmurei, fazendo o que ele pediu.

Ele guardou a arma.

— Eu posso prendê-la por desacato se continuar com as piadinhas.

— Eu tenho certeza que pode — Fui sarcástica, revirando meus olhos.

O policial me ignorou e começou a me revistar para ter certeza de que eu não estava armada ou coisa do tipo.

— Me dê sua identidade.

Ergui o queixo.

— Não.

A próxima ação dele foi empurrar meu tronco no capô do carro e puxar meus braços para trás, prendendo meus pulsos em minhas costas.

— Mas que filho da... — Eu olhei por cima do meu ombro, possesso. Porém sorri para amenizar meu ódio. — Boa pegada, policial.

Ele mais uma vez me ignorou, procurando minha carteira.

Quando a tirou do bolso da minha calça, soltou meus pulsos de maneira abrupta, se afastando de mim. Ergui novamente meu tronco e me virei para ele, massageando meus pulsos.

— Não acredito que esse tempo todo estávamos perseguindo uma mulher — outro policial falou, vindo com um de seus companheiros em nossa direção.

Ele ainda está nisso?

— Fala isso por eu ter dado trabalho a vocês e por dirigir bem? — perguntei, pondo as mãos em minha cintura. — Isso é sexista pra caralho, não acha?

O policial ruivo ergueu as sobrancelhas.

— Não importa. Sexismo ou não, você vai para a cadeia de qualquer jeito.

— Merda... — o policial que pegou minha carteira resmungou, atraindo a atenção dos outros dois.

Desci meus olhos para suas mãos, vendo minha identidade nelas. Então, sorri.

— Algo errado? — o ruivo questionou.

— Liberem ela — Foi tudo que ele disse, massageando as têmporas.

— Como assim “liberem ela”? — o ruivo questionou, confuso.

O policial que pegou minha carteira — aquele que tem cabelo escuro — estendeu minha identidade para o ruivo, que a segurou rapidamente.

— Ryen Rodríguez — ele leu meu nome em voz alta.

— Ela é herdeira da maior empresa de café da Flórida e a mãe tem grande influência no México.

Passando a mão direita pelo rosto, o policial ruivo suspirou alto. Coloquei um sorriso inocente no rosto.

— Algum problema? — perguntei, com a voz mansa.

O moreno apertou os olhos em minha direção, mas foi o terceiro que falou algo.

— Por que não a prendemos de vez?

Ele parece ser mais novo que os demais e tem cabelos loiros.

— Não vou prender uma pessoa que vai sair em algumas horas, isso é desperdício do meu tempo — O moreno revirou os olhos e o loiro franziu o cenho.

— Como assim? — perguntou, confuso.

O ruivo olhou para a minha identidade, a batendo na palma de sua mão como um brinquedo.

— Ela é milionária — ele respondeu, voltando seus olhos para mim.

— Pessoas assim nunca se dão mal.

Dei de ombros.

— A vida é injusta, não é mesmo? — Suspirei falsamente.

— Riquinhos de merda... — O moreno me olhou com desprezo. — Sempre se safando das consequências de suas ações.

Revirei os olhos.

— Vamos cortar o papo furado e devolver a minha carteira e a identidade, por favor? — mandei, estendendo minha mão direita.

O policial moreno e o ruivo seguiram minha ordem e eu guardei minha carteira e a identidade no bolso da calça, arrumando minha jaqueta em seguida.

— Então é isso? — o loirinho questionou, parecendo incrédulo. — Vamos deixar ela ir embora assim?

Pelo visto, ele não ia superar tão cedo.

— Você começou a trabalhar faz poucos meses — O ruivo massageou o ombro dele. — Logo vai entender do que estou falando.

Eu os dispensei com a mão.

— Ok, ok — falei, farta da conversa. — Estou livre?

O moreno se aproximou de mim e apontou o dedo em minha direção. Só Deus sabe o quanto eu gostaria de arrancá-lo fora e dar para Killer comer.

— Se te pegarmos dirigindo em alta velocidade novamente, não vamos ter a mesma atitude — ele avisou, sério. — Não me importa se sua família é milionária.

Eu sorri, ainda com sarcasmo. “Família”. Isso é ridículo, minha família está morta a muito tempo.

— Policiais, tsc... — Cruzei meus braços, descansando meu corpo no capô do carro. Neguei com a cabeça. — Sempre se preocupando com coisas pequenas e desprezando as grandes.

Não acreditaram em mim quando prestei queixa contra Callum. Preferiram tomar como verdade o discurso dele de que eu não aceitava seu casamento com minha mãe e por isso estava tentando ferrá-lo. E o pior de tudo foi minha própria mãe reforçar sua mentira.

O moreno se afastou de mim.

— Está avisada — falou, por fim.

Em seguida, ele e os outros dois entraram em suas viaturas e foram embora, me deixando para trás, extremamente puta e com minha Ferrari amassada.

Passei as mãos pelo meu cabelo, jogando minha franja para trás e bufando alto. Caminhei em direção ao poste que tinha amassado o capô da minha Ferrari 458 como se fosse a merda de um papel ou um pedaço de plástico. Fechei minhas mãos em punhos e chutei o pneu do carro com força enquanto xinguei alto.

As pessoas foram se dispersando e eu escutei um choramingo, então olhei para a esquerda para checar o que era. O mesmo cachorro que me fez bater ainda estava encolhido perto da calçada, completamente assustado. Ele tinha porte pequeno e sua pelagem era de cor preta. Acho que se tratava de um vira-lata.

Me aproximei dele e me abaixei, ficando sobre meus calcanhares.

— Por sua culpa eu quase fui presa — eu disse, olhando para ele.

O cachorro se ergueu com dificuldade e eu me atentei ao ver que sua pata esquerda dianteira estava encolhida. Minha primeira reação foi tentar analisar o machucado, mas recolhi a mão quando ele rosnou.

— Está ferido? — perguntei, o vendo lambe a pata machucada. Bufei. — Merda, eu me fodi por sua culpa. O mínimo que você pode fazer é me deixar ver isso.

Recebi outro rosnado como resposta e suspirei, tirando meu celular do bolso traseiro da calça. Na lista de contatos, procurei o número do

veterinário de Killer e coloquei para chamar.

Olhei para o cachorro, o vendo mostrar os dentes para mim. Fiz a coisa mais lógica e racional possível: mostrei os meus de volta.

Desviei do cachorro enquanto corria da polícia porque também tenho um em casa. E estava o ajudando porque ele me lembrava Killer. Eu iria gostar que alguém ajudasse meu cachorro caso ele estivesse com a pata machucada.

— Alô? — eu disse quando ele atendeu.

— *Olá, Ryen* — ele falou do outro lado, a voz calma. — *Precisa de algo?*

— É que estou com um cachorro com a pata machucada — eu expliquei, roçando o focinho dele com meu indicador — Poderia levá-lo até a clínica?

— *Claro, acabei de chegar aqui.*

— Mas eu gostaria que você pedisse a alguém que viesse buscá-lo — eu falei, olhando para minha Ferrari por cima do ombro. — Eu meio que estou com... problemas no meu carro.

— *Sem problemas, apenas me mande o endereço e peço para pegarem o cachorro* — Santos explicou.

— Mas tenha paciência com ele, parece meio arisco — comentei de forma despreocupada quando o cachorro tentou morder meu dedo.

— *Pode deixar, você sabe que aqui ele será bem tratado.*

Após me despedir, desliguei o telefone e procurei o número do meu mecânico, ligando para ele logo em seguida.

O cachorro continuou lambendo a própria pata enquanto me olhava desconfiado, vez ou outra mostrando os dentes para mim. Seu jeito de “não confio em humanos” me lembrava o de Killer.

— *Manda as boas, gatita* — Santiago atendeu, o tom atrevido, como sempre.

Ele vai ficar puto.



— Já é a segunda vez que você quebra a porra dessa Ferrari esse mês — Santiago disse, apoiado no capô aberto do meu carro. Ele me olhou

com raiva. — E ainda nem estamos na metade dele.

Cruzei minhas pernas e olhei para minhas unhas, pintadas com um vermelho vinho; meus dedos com alguns anéis de prata.

— Sabe como é, né — Eu sorri, de maneira despreocupada. — Acidentes acontecem.

— Isso foi um acidente ou foi você correndo da polícia de novo?

Revirei os olhos, o vendo cruzar os braços.

Santiago era meu mecânico há três anos. Ele sempre trabalhou tão bem que nunca me atrevi a trocar de profissional. Era um cara de mais ao menos 1 metro e 85 centímetros de altura, forte, preto e cubano. Estava sempre de boné e seus braços eram repletos de tatuagens, lhe dando um charme a mais. Ele tinha uma pequena barba e seus olhos eram de um tom puxado para o verde. Lindo em todos os sentidos.

Passei as mãos por meu cabelo, frustrada.

— Para de ser intrometido e conserta a merda da Ferrari.

— Pedindo com tanto carinho assim, como eu não consertaria — Santiago revirou os olhos e investigou a parte de dentro do meu carro. — Esse modelo é de 2010. Por que não muda para um mais atual?

Me levantei da poltrona em que estava sentada e caminhei até ele com as mãos na cintura.

— Curto modelos mais antigos — Dei de ombros, brincando com o pequeno crucifixo em meu pescoço.

— Há quanto tempo você corre mesmo? — Santiago questionou, pegando uma chave de fenda em cima de sua mesinha de ferramentas.

— Desde os meus dezessete anos.

— E de lá pra cá, quantas vezes sua Ferrari danificou?

Pisquei meu olho direito e olhei para cima, fazendo as contas na minha cabeça.

— Hum... Dezoito vezes?

Santiago deixou cair a chave de fenda e fechou os olhos, apoiando as mãos por cima do boné em sua cabeça enquanto dava alguns passos para trás.

— *Putá madre* — Santiago xingou, fechando os olhos. — Você só pode estar de sacanagem com a minha cara, *chica*.

Passei os dedos por minha franja, a jogando para trás, e apoiei as mãos em minha cintura. Sorri.

— É, mas não estou.

Bem que eu gostaria de estar tirando uma com a cara dele.

— Se isso for verdade, eu não sei como essa Ferrari ainda está funcionando — Santiago falou, se abaixando para pegar a chave de fenda.

Dei de ombros, sorrindo.

— Sorte, talvez?

Ele riu, com deboche.

— Milagre, eu diria — ele respondeu, cruzando os braços por cima do macacão cinza que estava usando. — Cuido da sua Ferrari faz três anos, e só nesse período você já teve seis “acidentes”.

Abri meus braços, frustrada.

— O que você quer que eu faça? — Olhei para ele. — Não tenho culpa de a polícia ficar me perseguindo.

— Eles não te perseguiriam se você não dirigisse acima de trezentos e vinte cinco quilômetros por hora, porra — Santiago se zangou. — Está querendo se matar?

A pergunta de Santiago me chamou a atenção e eu olhei para o capô do meu carro, pensativa. Nunca parei pra pensar nisso, mas há muito tempo que não me sinto viva.

Recuperei meu semblante indiferente e cruzei os braços.

— Cala a boca antes que eu te dedure e você volte pra Cuba — Apertei meus olhos na direção dele.

Santiago veio para o México de maneira ilegal. Vive aqui há mais de cinco anos e ninguém nunca descobriu sobre esse seu “pequeno segredo”. Ele e o irmão mais novo vieram em busca de uma vida melhor. Eles não têm pais — o pai matou a mãe e, alguns anos depois, morreu na cadeia, esfaqueado. Santiago e o irmão dependem um do outro.

— Você não teria coragem — Ele sorriu, e ergueu uma sobrancelha. — Sempre tão maldosa, não é, Ryen? Por isso que te adoro.

— Corta a bajulação e começa a trabalhar — Com o queixo, indiquei meu capô amassado.

Santiago riu e voltou sua atenção ao carro.

— Essa é a sua primeira Ferrari, não é? — ele perguntou e eu assenti.

— Você sabe que sou apegada a ela.

Meu mecânico se curvou sobre o capô do carro e começou a trabalhar.

— Já está na hora de você trocar — ele sugeriu. — Essa Ferrari foi danificada tantas vezes que não sei mais o que fazer.

Franzi o cenho e me aproximei dele.

— É só fazer o que você sempre faz — murmurei, minhas sobrancelhas unidas.

Santiago parou e ergueu o corpo, subindo seu olhar para o meu.

— Não é tão fácil assim, Ryen. Nas primeiras vezes que consertei seu carro, foi moleza, deu para eu me virar. Mas agora... a porra do dano foi maior — ele disse, e jogou a chave de fenda dentro do capô.

Fiquei olhando para Santiago antes de passar as mãos pelo meu cabelo, o puxando. Soltei um gritinho enquanto chutei o pneu e voltei para a poltrona em que estava sentada antes.

— Tudo bem, faz o que for possível pra você.

Descansei minha cabeça no estofado e olhei para o teto da oficina, vendo o adesivo de carrinho que ele ajudou o irmão mais novo a colocar.

Mesmo que eu fosse podre de rica, nunca me importei em comprar carros do ano. Sempre gostei de modelos mais antigos, desde pequena. Mas já que destruí minha Ferrari, me via na obrigação de comprar outra. Agora só teria que aguentar a voz irritante de Victoria falando como gasto o dinheiro dela com besteira.

Ela que arranque os cabelos, a merda do dinheiro é mais meu do que dela.

Quando anoiteceu, peguei um táxi e fui pra casa. Santiago me disse que eu só poderia pegar minha Ferrari após uns quatro dias. Nunca fiquei tanto tempo sem ela. Aposto que dessa vez eu a destruí pra valer.

A pedi como presente de aniversário quando fiz dezessete anos, e desde então somos inseparáveis. Ainda me lembrava da sensação de sentar no couro macio do banco e segurar o volante pela primeira vez. Essa é uma daquelas coisas que jamais irei esquecer, nem se eu quiser.

O táxi parou de frente para minha mansão, então eu o paguei e desci, caminhando em direção aos portões da minha incrível e receptiva casa, onde minha amada mamãe devia estar me esperando ao lado do seu decente marido.

Caminhei pelo jardim, me preparando mentalmente para ver Victoria surtando, mas essa preparação se esvaiu quando escutei um latido e olhei para o lado, vendo Killer correr na minha direção. Arregalei os olhos.

— O quê? — eu consegui dizer, desesperada. — Não, não! Para, Killer!

Já era tarde demais. Ele pulou em cima de mim, me derrubando na grama como se eu fosse um saco de lixo.

— Porra! — eu xinguei quando senti minhas costas doerem pelo impacto.

Killer me ignorou e continuou me cheirando e me lambendo, parecendo contente.

— Ok, ok! Já entendi que está feliz em me ver... — Ri, tentando pará-lo. — Agora sai de cima de mim, você não é nada leve.

Meu cachorro fez o que mandei e, com dificuldade, eu me sentei no gramado, aos poucos. Joguei minha franja para trás e olhei para Killer, de cenho franzido.

— O que está fazendo aqui fora uma hora dessas? — perguntei enquanto pegava seu focinho em minhas mãos.

Eu nunca deixava Killer fora de casa quando anoitecia. Ele sempre dormia no meu quarto, tem uma cama lá para ele.

A menos que...

— Victoria te colocou para fora? — Assim que perguntei isso, Killer rosnou, como se assentisse. Senti meu sangue ferver. — Claro, só poderia ter sido ela...

Me levantei da grama e limpei minha calça preta.

— Vem, Killer.

Ele andou ao meu lado e eu o olhei, vendo os espinhos de sua coleira spike brilharem, graças à luz do jardim.

Abri a porta e entrei, a fechando com força para que Victoria escutasse caso estivesse por perto. Eu estava com uma vontade enorme de brigar com ela. E estava com mais vontade ainda de mandar Callum ir para o inferno caso ele se metesse. Como sempre.

Killer caminhou comigo em direção às escadas enquanto enfiei minhas mãos nos bolsos da jaqueta.

— Eu não coloquei esse cachorro para fora? — Escutei a voz da minha mãe e parei no primeiro degrau.

Revirei os olhos e virei meu corpo para ela.

— E eu o coloquei pra dentro — respondi, como se fosse simples.

Victoria estava vestida com um robe bege e seu cabelo estava solto, o rosto limpo de maquiagem. Mesmo com mais rugas e evidentemente mais

velha, ela continuava bonita.

— Eu quero esse cachorro fora desta casa! — avisou, apontando para Killer enquanto caminhou até nós. — Ele fica rosnando para Callum, é um perigo!

Eu sorri.

— Ah, Killer tem um faro bom para coisas podres — Acariciei as orelhas dele. — Não é, bebê?

Dei de ombros e olhei para minha mãe como se perguntasse “Viu?”.

— Quem iria imaginar que aquele cachorro franzino fosse virar esse monstro — Ela o olhou, com repulsa.

Killer devolveu seu olhar, com indiferença, as orelhas sempre erguidas, em alerta, e a postura rígida. Ele era lindo.

— Ele come bem — A olhei com falsa inocência.

Minha mãe me olhou, com raiva, e apertou as mãos em punhos. Logo atrás dela, Callum apareceu, vindo da cozinha. Meu corpo imediatamente ficou tenso. Cinco anos, e ele ainda me deixava desconfortável.

— Estou avisando, Ryen — ela lembrou, a voz séria. — Se esse cachorro machucar Callum, eu juro que...

— Ah, faça-me o favor — eu a cortei, de saco cheio. — Killer é tranquilo, ele nunca atacaria o seu marido.

Um latido forte cortou o ar e eu olhei para meu cachorro, o vendo mostrar os dentes para Callum, parecendo um lobo prestes a atacar sua presa.

— Ops... — Coloquei a mão na boca, encarando para minha mãe, com um falso choque.

Ela deu um passo para trás e olhou para Callum, vendo que ele estava fazendo contato visual com Killer. Ele olhava para o meu cachorro com o mesmo ódio com que Killer olhava para ele.

Com um comando meu, Callum estaria em pedaços.

— Esse cachorro é um monstro, Ryen! — Victoria ralhou, se aproximando do marido para protegê-lo.

Eu a dispensei com a mão.

— Não exagere, ele só está com sono.

Fiz um carinho na cabeça de Killer, pouco interessada em pedir que ele parasse.

A primeira coisa que eu o mandaria fazer, seria arrancar os olhos de Callum, para que esse idiota não me olhasse como estava fazendo agora. Ele me dava nojo, e uma enorme vontade de matá-lo com minhas próprias mãos. Filho da puta asqueroso.

— Você conseguiu ser pior do que o seu irmão — Victoria cuspiu, chamando minha atenção para ela. — Ao menos, ele não criava monstros dentro de casa.

Apertei minhas mãos em punhos.

— É porque era você quem estava muito ocupada fazendo isso.

Seu marido arqueou uma sobrancelha.

— Está falando de mim, Ryen?

— Tem outro monstro aqui?

Callum sorriu de lado, pouco se importando em me rebater. E por que ele se daria esse trabalho? Mesmo que ele assumisse que é um monstro, minha mãe continuaria se fazendo de cega.

Victoria deu um passo à frente.

— Como ousa falar com Callum desse jeito, você tem que respeitei...

— E eu sugiro, mamãe... — Aumentei meu tom de voz, agora olhando para ela. — Que você e seu marido tranquem muito bem a porta do quarto de vocês. Ou então... — Eu sorri de lado. — Eu mesma posso fazer isso. Mas com o Killer dentro.

Ele latiu alto, reforçando minha ameaça, e minha mãe arregalou os olhos.

— Você não teria coragem... — murmurou.

— Não foi você quem disse que consigo ser pior que meu irmão? — A olhei com inocência antes de direcionar meu olhar para Callum. — Ficaria chocada com o que sou capaz de fazer.

Esse era um aviso para ele.

E eu não estava blefando.

— Boa noite, Victoria — Acenei com a mão e lhei as costas, subindo as escadas com Killer.

Antes de alcançar o último degrau, a escutei soltar um gritinho de raiva, e ainda pude sentir os olhos do monstro em mim, acompanhando meus passos. Só ele para me causar arrepios tão cheios de repulsa.

Virei o corredor e caminhei às pressas até o meu quarto. Retirei as chaves do bolso da minha calça e abri a porta, a deixando assim para que

Killer entrasse. Mais tarde tranquei novamente e coloquei a chave na cômoda próxima a mim. Killer correu até sua cama, pulando sobre ela.

Me apoiei na cômoda e tirei meus coturnos, os mirando no enorme espelho do meu quarto. O som do vidro se partindo e caindo no chão repercutiu por todo o quarto, assim como os coturnos. Já é o quarto espelho que eu quebrava só nesse mês, eles vêm sendo meu saco de pancada após cada discussão com Victoria.

Como ela tinha coragem de falar do Raphael? Desde que ele morreu, Victoria nem toca mais no nome dele. Ela nunca o menciona, a não ser para usá-lo como mau exemplo ou uma figura ruim. Eu a odiava. Que moral ela tinha pra falar do meu irmão? Que exemplo ela era para falar de mim?

Gritei alto e passei as mãos por meus cabelos, irritada. Killer começou latir e eu olhei para ele.

— Para de latir! — eu mandei, o vendo subir em minha cama.

Ele apenas me ignorou e rosnou para mim, como se eu fosse a maldita de uma estranha.

— Não mostre os dentes para mim, seu cachorro idiota! — eu avisei, caminhando até ele a passos rápidos.

Ficando sobre as quatro patas, Killer continuou latindo e rosnando para mim, parecendo querer me atacar a qualquer momento.

Parei diante dele, sem medo.

— Que porra deu em você?

Killer latiu no meu rosto e então eu olhei lentamente para o lado e vi o espelho quebrado, os cacos de vidro no chão. Voltei minha atenção para ele.

— Eu assustei você? — perguntei, erguendo minha mão para lhe fazer um carinho.

Ele parou de rosnar quando acariciei suas orelhas, e então se sentou sobre as patas traseiras. O barulho do vidro se quebrando deve tê-lo amedrontado.

— Me desculpa, tudo bem? — eu pedi, me sentando ao lado dele.

Meu cachorro odiava barulhos altos e sempre surtava quando eu quebrava os espelhos na frente dele. Eu não deveria ter feito isso.

O abracei e senti ele lambe minha bochecha, como se mostrasse que eu estava perdoada. Meu celular tocou e eu me afastei de Killer para

retirar o aparelho do bolso traseiro de minha calça. Revirei os olhos ao ver quem era.

— Alô? — Atendi enquanto retirava minhas meias pretas.

— *Não pode ser mais carinhosa, gata?* — Lorenzo, meu namorado, perguntou, do outro lado da linha.

Afastei o celular da orelha e o coloquei no viva voz, o jogando em cima do colchão.

— Não estou de bom humor, Lorenzo — Me levantei. — Ajudaria muito se você dissesse o que quer — avisei, tirando minha jaqueta preta e a jogando em cima da cama.

— *Nossa* — O ouvi suspirar. — *O pessoal só quer saber se você não quer ir naquela boate de sempre.*

— Não estou com vontade — comentei, casualmente, agora tirando minha calça jeans. A chutei para longe dos meus pés e então tirei meu *cropped* preto, ficando só de calcinha.

— *Ah, gata. Qual é, vamos lá* — Lorenzo pediu, com a voz manhosa, mas parecia estar sorrindo. — *Não tem graça sem você. E Miguel vai levar a parada.*

Sua última fala me chamou a atenção, e retirei meus anéis enquanto olhava para Killer, dormindo sobre minha cama com o focinho sobre as patas.

— Venha me buscar às onze.

Foi tudo que eu disse antes de desligar o celular sem me despedir e pôr os anéis em cima da minha penteadeira. Reuni as roupas que joguei no chão e na cama, e olhei para o espelho quebrado, sabendo que teria que limpar isso antes de sair.

As empregadas já deviam ter ido embora e eu não queria dormir nessa bagunça. Tampouco queria que Killer se cortasse.

Andei até o banheiro e joguei a roupa suja no cesto, junto com minha calcinha. Prendi meu cabelo no alto da cabeça, em um coque frouxo, e olhei para o espelho por cima do ombro, vendo minhas costas.

“Seja a força que eles não conseguem ir contra” estava tatuado do início até o fim de minhas costas, em posição vertical e letras pequenas, mas grande o suficiente para qualquer um ver. Era essa tatuagem que me lembrava, sempre que eu me olhava no espelho, quem eu precisava ser. Pessoas boas não se davam bem em um mundo de monstros. Elas eram

engolidas por eles sem dó nem piedade, e eu precisava mostrar que era pior que eles, se quisesse sobreviver.

Me afastei do espelho e abri o box, contornando a banheira para ir até o chuveiro. Eu gostaria muito de um banho de banheira agora, seria relaxante, mas estava com pressa, e queria sair daquela casa o mais rápido possível. Ela era sufocante.

Liguei o chuveiro e a água quente caiu em meu rosto, relaxando meu corpo tenso. Esfreguei meus olhos e procurei o sabonete líquido para passar pelo meu corpo. Despejei um pouco na esponja de banho e a esfreguei nas minhas costas, pescoço e pernas. Ao finalizar, enxaguei meu corpo e desliguei o chuveiro, abrindo o box e saindo vestida com meu roupão branco.

Andei até meu closet e entrei nele. Sem paciência para ficar horas procurando uma roupa, peguei uma saia de couro preta, com uma pequena fenda na perna direita, e uma blusa de gola alta vermelha sangue, com mangas longas e tecido de algodão. Escolhi uma bota de salto alto e cano longo que chegava até um pouco acima dos meus joelhos e saí do closet após pegar uma lingerie preta.

Vesti a roupa e calcei a bota, me frustrando ao lembrar que quebrei o espelho e não tinha como me ver. Mas de qualquer forma eu sabia que estava bem-vestida. Fiz uma maquiagem simples e rápida, e soltei meu cabelo do coque, o partindo ao meio com os dedos. Em seguida, reuni os cacos de vidro em um canto, longe de Killer, e decidi que jogaria fora quando eu voltasse para casa.

Escutei a buzina do carro de Lorenzo e andei até minha cama. Retirei meu canivete de debaixo do travesseiro e o coloquei dentro da bolsa. Agora sim eu estava oficialmente pronta.

— Killer, já venho, tudo bem? — eu disse enquanto caminhava até a porta e olhei para ele, já com a mão na maçaneta. — Killer... — eu o chamei quando ainda estava dormindo.

Ele ergueu as sobrancelhas e em seguida abriu os olhos negros.

— Fique na cama até eu voltar — eu disse, de maneira pausada para ele entender. — Não saia dela, ouviu?

Ele apenas fechou os olhos e voltou a dormir, mas eu sei que me entendeu. Abri a porta e passei por ela, a trancando. Eu sempre faço isso quando durmo fora de casa; Killer sabe disso e não se importa. Ele tinha a certeza de que eu voltaria no dia seguinte.

Atravessei o corredor o mais rápido que pude e desci as escadas às pressas, não querendo me encontrar com Victoria ou Callum. Mas provavelmente isso não seria um problema porque, pelo horário, eles deviam estar fodendo no andar de cima. E é claro que eu sabia disso já que ela sempre gostou de expor a ótima vida sexual. Eca. Pensar nisso me dava náuseas.

Abri a porta da sala e a atravessei, vendo o carro de Lorenzo perto da calçada. Cruzei o jardim e abri os portões, andando até a BMW vermelha.

Entrei no carro e senti o couro do banco fazer contato com minhas coxas nuas. Uma grande mão agarrou minha nuca e lábios macios se apossaram dos meus. A língua de Lorenzo serpenteou por minha boca e pude sentir o gosto da nicotina. Quando ele se afastou, olhou em meus olhos.

— Boa noite, gata — Lorenzo sorriu, levando o cigarro aos lábios. Eu odiava o modo como ele me chamava.

— Boa noite — devolvi, arrumando meu cabelo. Foi quando ele afastou a mão de minha nuca.

— Onde está sua Ferrari? — questionou, passando a mão pelo cabelo castanho, quase loiro.

Cruzei minhas pernas, sentindo a saia de couro subir, e olhei para ele.

— Na oficina de Santiago.

Lorenzo franziu o cenho, parecendo desacreditado.

— Caralho, você ferrou ela de novo?

Dei de ombros.

— Acidentes acontecem, lindinho — Eu sorri de lado, o olhando com um ar inocente.

Lorenzo revirou os olhos, mas sorriu, me oferecendo o cigarro. Eu o peguei e dei uma forte tragada, fazendo a fumaça encher o carro quando a soltei. Puxei mais uma vez antes de devolver o cigarro para Lorenzo e ele mexer no bolso de sua calça jeans.

— Tenho uma surpresinha adiantada.

Antes que eu perguntasse o que era, ele ergueu um pacotinho transparente com um pó branco dentro. Dei um sorriso largo.

— Pensei que Miguel fosse levar direto pra boate — lembrei, pegando o pacotinho.

— Consegui esse aqui só pra você, gata — Lorenzo sorriu, se inclinando para capturar meu lábio inferior e o puxar para si.

Pelo menos ele prestava para algo além de hackear contas.

— Não sei nem o que dizer, lindinho — Eu sorri quando ele se afastou, e acariciei sua nuca. — Vou dormir na sua casa hoje, está bem?

— Sem problemas — ele concordou, e me deu um selinho demorado.

Contive a vontade de revirar os olhos e me afastei dele de maneira discreta.

— Miguel disse se era forte?

— Experimenta e me diz o que achou — ele respondeu e sorriu. Com certeza já devia ter provado.

Despejei um pouco de pó branco em minha mão, levando meu nariz até o pequeno montinho, cheirando-o.

O pó atravessou minhas narinas e eu descansei a cabeça no banco do carro, fechando os olhos quando vi estrelas e senti meu corpo inteiro relaxar. Finalmente abri meus olhos, encarando o teto do carro, em êxtase.

— Eu sei, eu sei — Lorenzo riu alto, ligando o carro. — Não precisa falar mais nada.

Ele deu partida, indo para longe da casa onde eu morava, e eu fechei o pacotinho, guardando o pó para mais tarde. Se eu usasse tudo agora, qual seria a graça?

A mão de Lorenzo serpenteou por minha coxa esquerda e apertou a parte interna, me lembrando que ele está ali. Coloquei a mão sobre a dele e sorri, me sentindo leve. Esse era o meu primeiro sorriso de verdade do dia. E tudo graças às drogas.

Essa parada deixava meu corpo leve, mas por que eu sentia como se minha mente estivesse no fundo do poço?



“Nos importamos tanto, até não nos importarmos mais”
Billie Eilish – Getting Older

Ryen Rodríguez

Senti algo se mexer ao meu lado e abri minhas pálpebras pesadas.

Levei um tempo para assimilar onde estava e só me recordei quando vi cortinas brancas e um computador que eu conhecia muito bem em cima de uma bancada no recanto do quarto.

Eu estava na casa do Lorenzo.

Apoiei minha cabeça em minha mão e olhei para o lado, vendo Lorenzo dormir próximo a mim. Seu peito estava nu e o lençol caindo em seus quadris, quase mostrando o que ele tinha entre pernas. O braço dele estava ao redor de minha cintura e eu dei uma olhada em mim mesma.

Estava coberta apenas da cintura para baixo e meus seios estavam completamente nus. Não precisava de mais nada para saber que eu e Lorenzo tínhamos transado logo depois de voltarmos da boate. Porém eu não me recordava de nada, estava muito chapada para me preocupar com isso. E Lorenzo também.

Retirei o braço dele de cima do meu corpo e aos poucos me sentei na cama. Cocei a parte de trás da minha cabeça, sentindo meu cabelo embaraçado sob meus dedos. Merda, estava me sentindo péssima. Odiava o pós-farra porque no outro dia eu sempre acordava com dor de cabeça e ressaca.

Ao meu lado, Lorenzo se espreguiçou enquanto joguei minhas pernas para fora da cama, indo para longe do edredom que me cobria.

— Bom dia, gata — ele murmurou, a voz grogue e arrastada.

— Bom dia — respondi, de costas para ele, ocupada em esticar meu pescoço dolorido.

— Por que não volta para a cama? — ele perguntou e eu senti um beijo ser depositado em meu ombro nu.

— Killer está me esperando — falei, pouco interessada em ficar na cama com ele. Olhei por cima do ombro. — Que horas são?

Ele verificou no relógio em seu pulso.

— São oito e quinze da manhã.

Lorenzo e eu tínhamos a mesma idade e quase a mesma altura. Ele ganhava por alguns centímetros a mais. O cabelo loiro escuro e os olhos claros carregavam um rosto com o maxilar marcado. Ele me lembrava alguém, uma pessoa que há muito tempo esqueci.

Enfim, nós namorávamos há um ano e eu o conheci em um racha. Lorenzo era um hacker de mão cheia que caiu de paraquedas em meu colo. Eu estaria mentindo se dissesse que gostava dele, mas o sexo era bom e eu precisava dele para algo além disso.

Nua, me levantei da cama e senti meu longo cabelo escuro escorregar pelas minhas costas. Olhei ao redor procurando minha roupa, e achei minha calcinha no braço da poltrona. Fiz menção de ir até ela quando senti um tapa ser depositado em minha bunda.

— Gostosa — Ouvi Lorenzo dizer e revirei os olhos sem que ele visse.

Andei até a poltrona e peguei minha calcinha, a vestindo às pressas. No chão, logo ao lado dela, peguei meu sutiã e o coloquei no corpo, querendo sair do apê de Lorenzo o mais rápido possível. Ele falava demais e só abria a boca para comentar besteiras. Sempre sendo inconveniente. Perto da porta do quarto, encontrei minha saia e a vesti.

Não que Lorenzo fosse um namorado ruim ou algo do tipo, ele era legal. Só não éramos compatíveis. Eu o usava e ele fazia o mesmo comigo. Ele pensava que eu não sabia sobre esse segredinho que ele tenta a todo custo não deixar transparecer, e de verdade? E não me importava. Não era assim que o mundo funcionava? Pessoas se usando para seus próprios benefícios?

Enquanto vestia minha blusa, Lorenzo andou nu até sua cômoda e pegou seu notebook, que estava em cima dela. Ele voltou para a cama e o abriu, colocando seu bem mais precioso sobre suas coxas.

— Eu consegui fazer o que você me pediu.

As palavras de Lorenzo fizeram com que eu parasse de amarrar meu cabelo em um coque e o soltasse. Ergui o rosto para meu namorado e

levantei as sobrancelhas.

— Conseguiu? — perguntei, sem acreditar, me aproximando de sua cama.

Ele assentiu com a cabeça.

— Sim, consegui ontem à noite. Antes de buscar você — falou, antes de sorrir. — Esqueci de te dizer, perdão.

Eu balancei a mão, dispensando seu pedido de desculpas. Estava muito ocupada tentando processar o que ele havia dito.

— Quanto? — foi tudo que perguntei.

— Dez milhões de dólares. Tudo na sua conta.

Um sorriso largo tomou conta do meu rosto e passei as mãos pelo meu cabelo.

— Porra! — Eu ri alto, dando um passo para trás. — Você conseguiu desviar tudo isso?

— Eu teria conseguido mais, mas achei muito arriscado — ele falou, clicando nas teclas. — Dez milhões de dólares é muito dinheiro. Uma hora ou outra, o banco vai avisar a ela sobre a transferência.

Quando Victoria soubesse disso, eu já estaria muito longe daqui.

— E quanto você tirou para você? — Arqueei uma sobrancelha.

— Como assim? — Lorenzo sorriu, se fazendo de desentendido.

— O combinado foi você conseguir a transferência para mim — Eu coloquei as mãos na cintura, inclinando a cabeça para o lado. — E depois você tirar sua parte.

Lorenzo coçou nuca.

— Não fala assim, gata — Ele negou com a cabeça. — Fiz isso porque te amo.

— Quanto? — questionei novamente, sem rodeio.

Seu sorriso lentamente diminuiu e ele deixou a mão de sua nuca cair.

— Quinhentos mil dólares.

Ergui minhas sobrancelhas, um pouco impressionada pela quantia. O idiota ainda tinha coragem de dizer que fez porque me amava. Que vontade de rir.

Lorenzo não era exatamente pobre, estava mais para um playboyzinho metido a rico que gostava de curtir e farrear sempre que podia — e até mesmo quando não podia. Ele montava em minhas costas, querendo aproveitar tudo o que sua condição financeira não lhe

proporcionava. Drogas, bebidas e boates caras, por exemplo. E quer saber, pouco me importava o que ele iria fazer com esse dinheiro, eu estaria muito longe daqui de qualquer maneira.

— Não tem problema, não é, gata? — perguntou, se ajoelhando na cama, completamente nu.

Ele não tinha nenhuma vergonha na cara. E embora fosse gostoso e fizesse uma boa foda, seu corpo não me atraía tanto. Faltava algo nele, não sei dizer. Eu só o procurava quando estava estressada e precisando ocupar a mente.

— Não — respondi.

Tinha que voltar para Killer, ele já devia estar me esperando, louco para sair do quarto sufocante.

Caminhei até o espelho do quarto de Lorenzo e analisei minha imagem. Estava com cara de quem teve uma boa farra ontem, mas não me lembrava de porra alguma. Odiava o estágio da amnésia alcoólica.

Pelo espelho, vi um Lorenzo nu andar até mim e abraçar minha cintura por trás. Ele afundou o rosto em meu pescoço e eu apoiei minhas mãos em seus antebraços. Ele mordiscou a pele do meu pescoço e eu joguei a cabeça para trás, a deixando descansar em seu ombro. As mãos dele desceram para a barra de minha saia.

— Por que não voltamos para a cama? — perguntou em meu ouvido.

O senti encaixar o pau em minha bunda e me puxar contra seu corpo.

— Eu já disse, tenho que voltar para Killer — lembrei, enquanto me virava para ele e enlaçava seu pescoço com meus braços.

— Ele é um cachorro esperto.

— Dá um tempo, Lorenzo. Transamos ontem — retirei meus braços de seu corpo com a intenção de ele me soltar.

No entanto tudo que Lorenzo fez foi apertar seus braços em minha cintura. *Idiota insistente.*

— Eu não me lembro de nada, estava muito chapado. Então tecnicamente não conta — Me puxou para mais perto.

Apoiei as mãos em seus antebraços, os empurrando.

— Me solta, eu tenho que ir resolver uns assuntos importantes.

Lorenzo bufou e fez o que eu mandei, se afastando de mim.

— Você não disse o que vai fazer com todo aquele dinheiro na sua conta — ele comentou enquanto procurava uma cueca em sua cômoda. Vestiu uma vermelha. — O dinheiro também é seu, não entendendo por que pediu para que eu transferisse.

Me virei para o espelho dele arrumei meu cabelo em um coque frouxo.

— Você sabe que a Victoria e eu não temos uma boa relação.

— Ok, mas o que você vai fazer com o dinheiro?

Dei de ombros.

— Eu ainda não sei — menti.

Já tinha tudo planejado em minha cabeça. Iria embora do México assim que pudesse, para bem longe da minha mãe e principalmente de Callum. Eu sumiria do mapa sozinha, levando apenas Killer comigo; era o suficiente. Ele e a porra do dinheiro eram tudo o que precisava. Deixarei todo o resto para trás, em especial Victoria e a vidinha perfeita que ela achava que tinha com o filho da puta do marido.

Lorenzo me olhou desconfiado, evidenciando que não tinha comprado minha resposta tão fácil. Sorri e me virei novamente para ele, indo em sua direção.

— Na verdade, sei sim. Vou aproveitar o dinheiro com você — Segurei seu rosto em minhas mãos e lambi seu lábio inferior.

Bastou isso para o olhar questionador de Lorenzo sumir e ele apertar os braços ao redor de minha cintura, me puxando para perto.

— Você fez planos para nós? — Ele sorriu.

Arrastei minha mão esquerda por seu peito e voltei com ela para seu rosto, assentindo. Essa seria minha única resposta, meu repertório de mentiras já estava acabando.

— Vamos, me leve para casa — beijei seu queixo.

Lorenzo pareceu ignorar meu pedido quando fechou os lábios ao redor de meu pescoço e chupou minha pele. Isso fez com que eu pressionasse minhas pernas uma na outra, essa região era sensível para mim. Meu pescoço era o meu ponto fraco.

Ele se afastou do meu pescoço e me beijou com fome. Sua língua invadiu minha boca e eu fui mais do que rápida em encontrá-la com a minha. As mãos dele desceram para minha bunda e ele me puxou contra seu corpo, me fazendo sentir seus músculos.

Lorenzo andou para trás me levando junto, até que ele caiu sentado na cama e eu, eventualmente, fiquei no colo dele. Passei minhas pernas ao redor das suas e grudei meu corpo ao dele quando puxei seu lábio inferior para mim.

Embora eu não fosse apaixonada por Lorenzo, eu gostava de fazer sexo com ele. Ele sabia me tocar nos lugares certos e não falava merda enquanto estávamos transando.

Arfei quando Lorenzo apertou a carne da minha bunda e rebolei em seu colo. Pressionei o ponto de calor entre minhas pernas no pau de Lorenzo, já sentindo ele ficar duro debaixo de mim, feito pedra.

— Eu tenho que ir, Lorenzo...

Ele desceu os lábios para o meu pescoço e os arrastou para meu queixo.

— Não podemos transar rapidinho? — implorou, adentrando as mãos em minha saia.

Eu estaria mentindo se dissesse que não queria, e como já falei, eu não me lembrava de nada que aconteceu ontem à noite. E eu precisava disso.

Sorri e escorreguei minha mão até a cueca de Lorenzo, puxando seu pau para fora.

— Camisinha.

Lorenzo sorriu e eu saí de seu colo para vê-lo ir até sua cômoda e pegar um pacote de preservativo, voltando para a cama logo em seguida.

Poderia não amar Lorenzo, mas ele me proporcionava breves momentos de esquecimento da merda que era a minha vida. Com as drogas que ele arranjava para mim, eu conseguia deixar de pensar no meu irmão e em tudo que deixei para trás em Miami. Se bem que meu tudo era meu irmão, e ele morreu. Logo, eu não tinha mais nada.

Na vida, precisamos de algo que nos tirasse da realidade. E eu precisava das drogas. Sentia que se eu passasse vinte e quatro horas do meu dia atenta a tudo, poderia enlouquecer. E se eu ficasse mais do que cinco horas dentro da casa de Victoria, eu sufocava. Não conseguia encarar Callum sem querer enfiar meu canivete em sua garganta.

Meu sonho era deixar que Killer o mordesse até que ele ficasse em pedaços. Há muito tempo cansei de conter os pensamentos de ódio que me vinham à cabeça sempre que eu o via e minha mãe juntos. Eles não fariam falta se morressem.

E eu com certeza dançaria em cima de seus túmulos.



Após Lorenzo me deixar em frente ao portão da mansão onde eu morava, fiquei assistindo ele ir embora em seu carro.

Me virei de frente para os portões e me forcei a abri-los e passar por eles. Sentindo minhas pernas pesadas por absolutamente nada, continuei andando em direção à enorme e alta porta da mansão. Ela, na real, parecia mesmo era um presídio.

Victoria mal saía de casa, vivia de roupão ou roupa de dormir. Ela praticamente só existia em torno de Callum, ele era o mundo dela. Mas ao contrário da minha mãe, Callum vivia saindo à noite. E ela nem mesmo perguntava para onde ele ia, provavelmente com receio de ele ficar bravo. Porém eu sabia que ele devia estar pondo um belo par de chifres na cabeça dela.

Eu fazia o possível para não nos encontrarmos nos horários que ele estava em casa, mas ele parecia uma sombra, perambulando pela mansão e sempre me observando, logo atrás da minha mãe.

Esse era o principal motivo para eu passar meu dia na rua e em rachas, e minhas noites dormindo no apê de Lorenzo. Fazia tudo para não ter que lidar com Callum entrando em meu quarto. Ele parou de tentar fazer isso quando Killer cresceu o suficiente para me proteger e quase o atacou. Mas ainda assim o marido da minha mãe me encurralava nos cantos da casa sempre que podia.

Abri a porta da mansão e a fechei com calma para que quem estivesse por perto não a escutasse. Dei uma olhada na sala, vendo Victoria sentada em uma poltrona com uma revista de fofoca nas mãos e a TV ligada. Ela estava sozinha, nenhum sinal do marido.

A ignorei e continuei meu caminho em direção à escada.

— Quando pretende acabar com essa vida de vagabunda? — Ouvi minha mãe perguntar assim que coloquei o pé no primeiro degrau.

Olhei para ela.

— Prefiro que não encha meu saco agora — eu disse, a vendo deixar a revista de lado e se levantar da poltrona, vindo em minha direção

com os braços cruzados. Massageei minha têmpora. — Minha cabeça está doendo.

— Você está um lixo — cuspiu, me analisando de cima a baixo, com uma expressão enojada. — Quando foi que você virou isso?

Sei que devia estar com olheiras, minha aparência neste momento com certeza não era das melhores. Mas quem era ela para falar de mim?

— Ah, por favor — Eu revirei os olhos. — Você se casou com um lixo ainda maior.

— Você não consegue não mencionar o Callum? — Victoria pôs as mãos na cintura. — Desse jeito vou achar que é apaixonada pelo meu marido.

Ao ouvir isso, não consegui conter a risada que escapou dos meus lábios. Então eu ri, mesmo sem vontade, como se tivesse escutado a melhor piada do mundo. E foi exatamente isso que aconteceu.

Parei de rir aos poucos.

— Eu posso ter muitos distúrbios, *mamá*. Mas nenhum que faça com que eu me apaixone pelo *hijo de puta* do seu marido. Eu não desceria tão baixo.

Callum era bonito, isso não tinha como negar. Mas eu teria que ser muito fodida da cabeça para me apaixonar por meu abusador.

— Quando você vai parar de destilar esse ódio sem sentido contra o Callum? — Minha mãe se aproximou de mim. — Isso só te faz parecer uma mimadinha rebelde. Você é louca por atenção.

— E quando é que você vai sair dessa bolha e parar de fingir que seu marido não quer comer a sua filha? — rebati.

Vi Victoria ranger os dentes.

— Cale a boca! — vociferou.

— Você finge tanto que vive uma vida perfeita, com o marido perfeito, que esqueceu que tem um filho enterrado em Miami — Eu a encarei, engolindo em seco. — Você ao menos deveria ter trazido os restos dele pra cá. Você mentiu para mim!

Minha mãe ergueu as sobrancelhas.

— Callum achou melhor deixar ele lá — murmurou, pondo uma mecha do cabelo preto atrás da orelha. — Ele disse que isso nos ajudaria a superar.

— Claro. Sempre esse filho da puta... — Eu ri, negando com a cabeça. — E como sempre, você obedeceu, caladinha.

Ela ergueu o queixo.

— Funcionou para mim.

— Mas não para mim. Infelizmente eu não consegui esquecer que tenho um irmão enterrado em Miami e que faz cinco anos que não visito o túmulo dele.

— Você não visita porque não quer — Minha mãe cruzou os braços.

— Eu não visito porque você não deixa. E sabe muito bem disso! — acusei.

Quando fiz dezoito anos, disse a Victoria que voltaria para Miami. Tinha que visitar o túmulo de Rapha e ir embora dessa casa, mas ela não permitiu.

Me ameaçou dizendo que se eu saísse daqui, passaria toda a herança para o nome de Callum. Tudo o que era meu por direito e que um dia também foi do meu irmão. Como se já não bastasse ele tomar conta da Café Emporium em nome de minha mãe.

Eu não deixaria que ele ficasse com o que era meu. Rapha odiaria isso.

— Você amava tanto o seu irmão que agora o dinheiro está sendo mais importante que ele, não é? — Ela sorriu, de maneira cruel.

Apertei meus dentes com tanta força que senti minha mandíbula doer.

— Você sabe que não é assim. Apenas mantenha a porra da sua palavra!

Ela descruzou os braços e analisou as unhas pintadas de um rosa pastel.

— Eu não sei se você está merecendo — suspirou, negando com a cabeça. — Passa a noite fora, chega a hora que tem vontade, inventa o quer...

— Eu dormi na casa do meu namorado — respondi.

Victoria riu.

— Na casa daquele drogado? Isso não te ajuda — Arqueou uma sobrancelha, me olhando de cima a baixo. — Até seu círculo social é decadente.

Antes que eu conseguisse respondê-la à altura, ela me cortou.

— E eu já percebi que você está sem a maldita Ferrari — ela esbravejou. — Sei que bateu ela. Não pense que da próxima vez eu vou tirá-la da cadeia.

Eu sorri, sem muita vontade.

— Você me tirou porque quis, por conveniência. Imagina o choque se soubessem que a filha de Victoria Rodríguez estava presa.

— Pare de falar besteira. Você sabe que me importo com você! — ela se defendeu, passando os dedos pelo cabelo.

Contra a minha própria vontade, senti meu peito se apertar, e sorri sarcasticamente.

— Assim como se importou cinco anos atrás, não é?

A expressão que ela fez agora me deu a prova de que ela se lembrava muito bem do que eu estava falando, então apenas neguei com a cabeça, um riso incrédulo escapando de meus lábios.

Nunca vou me cansar de jogar na cara de Victoria o fato de ela não ter acreditado em mim. Nunca vou me esquecer que, nesse dia, ela escolheu o marido.

Sei que com o dinheiro que Lorenzo transferiu para minha conta eu poderia muito bem ir embora desse lugar agora mesmo. Mas tinha muito mais em jogo.

Dei as costas a ela e comecei a subir a escada, sentindo seus olhos em mim até que eu enrolasse o corredor e sumisse de suas vistas. Andei o mais depressa possível para não correr o risco de me encontrar com Callum e procurei a chave do meu quarto em minha bolsa.

Abri a porta e a fechei em seguida, rapidamente. Killer latiu alto e eu olhei para ele. Joguei minha mochila no chão e corri até meu cachorro, deitado em minha cama, exatamente do jeitinho que eu o deixei.

— Me desculpa por ter te trancado aqui, Killer... — Fiquei de joelhos na cama, ainda de botas.

Segurei o focinho dele entre minhas mãos e acariciei seu pescoço. Ele latiu novamente e eu sorri.

— Eu sei, você está com fome. Vou te dar comida. Mas antes vou tomar um banho, ok? — avisei, o vendo deitar a cabeça entre as grandes patas.

Me levantei da cama e caminhei em direção ao meu banheiro, ainda em tempo de ver Killer fechar os olhos para dormir, isso me fez sorrir. Mesmo que Killer fosse um cachorro agitado, ele também podia passar horas dormindo. Nunca entendi essa dualidade dele, mas chegava a ser um pouco engraçado.

Dei uma olhada em volta enquanto tirava as botas, vendo que os cacos de vidro que reuni ainda estavam ali. Do jeitinho que deixei. Eu não permitia que as empregadas limpassem meu quarto quando eu não estava em casa porque isso significaria acesso livre ao meu quarto para Callum.

Entrei no banheiro e tirei minhas roupas, as colocando no cesto de roupa suja. Em seguida, me olhei no espelho e contive a vontade de revirar os olhos ao ver os chupões que Lorenzo deixou em meu pescoço. Ele sabia que eu odiava quando ele fazia isso.

Entrei no box e passei pela banheira, ligando o chuveiro e deixando a água atingir meu cabelo, o fazendo desfazer o coque e escorrer pelas minhas costas e seios. Fechei os olhos e ergui o rosto de encontro a água corrente. Meu Deus, era disso que eu estava precisando, podia até sentir meus músculos tensos relaxando.

Peguei o shampoo e desliguei o chuveiro, despejando um pouco do conteúdo na mão e o levando a cabeça, massageando o couro cabeludo com calma e paciência. O cheiro de morango invadiu minhas narinas antes que eu enxaguasse meus fios.

Me drogar e ir a festas era bom, mas o modo como eu me sentia depois era horrível. O cansaço, a tensão e a dor de cabeça ficavam depois que o prazer de usufruir dessas coisas ia embora.

Retirei o sabonete e, de olhos fechados, passei as mãos pela minha cabeça. Abri minhas pálpebras e desliguei o chuveiro quando me senti devidamente limpa. Me preparei para sair do box e vestir meu roupão quando uma sombra através do vidro me chamou a atenção e me deixou tensa.

Não.

Meu corpo travou e meu sangue gelou quando a sombra foi ganhando uma silhueta mais desenhada conforme se aproximava do box. Eu não precisava de mais nada para saber quem era.

— Sai daqui! — mandei, com a voz falsamente calma.

Callum me observou através do box por alguns segundos antes de invadi-lo por completo. Dei um passo para trás e senti vontade de vomitar ali mesmo quando vi seus olhos descerem por meu corpo, visualizando cada pedaço dele, como um animal.

Contive a vontade enorme de esconder meu corpo, sentindo minha respiração acelerar e um pânico já conhecido por mim invadir meu peito.

Mantive meus olhos em Callum e observei os dele pararem em meu pescoço, as íris se inflamando ao verem os chupões. E então ele atacou.

Foi tudo tão rápido que quando dei por mim já estava sendo pressionada contra os azulejos da parede, a mão de Callum em volta do meu pescoço, o apertando.

— Você passou a noite com aquele filho da puta? — ele rosnou, a voz carregada de ódio.

Sorri enquanto agarrava o pulso da mão que estava em meu pescoço.

—O que foi? — debochei. — Está putinho porque ele pode me foder sempre que quer e você não?

Ele me enforcou um pouco mais e eu me debati.

— Não teste a minha paciência, caralho! — vociferou, o corpo a centímetros do meu.

Eu estava completamente enojada.

— Me solta, seu desgraçado! — Cravei minhas unhas em seu pulso, mas era impossível, ele não me soltava de maneira alguma.

— Você é só minha, entendeu? — ele gritou, socando a parede ao lado da minha cabeça. — Se eu ver você com aquele merdinha, eu mato ele na sua frente. Você é minha!

— Vai se foder, seu filho da puta — Tentei puxar sua mão do meu pescoço. — Eu prefiro morrer a ser de um lixo como você!

Callum sorriu sombriamente e meu corpo se arrepiou de nojo e extremo pavor.

— Você é minha desde que me casei com a sua mãe... — murmurou lentamente, pressionando minha cabeça no azulejo. — Desde que você era uma garotinha com os seios recém-formados, uma menina que com certeza não fazia ideia da delícia que era.

Eu queria vomitar. Meu Deus, como eu queria. Eu era uma criança!

Cuspi no rosto de Callum, completamente enjoada por ouvir aquilo.

— Eu nunca vou ser sua!

Ele deu uma gargalhada ao ouvir isso, e com a mão esquerda limpou minha saliva de seu rosto. No instante seguinte, ele me atacou novamente.

Seus lábios voaram para o meu pescoço quando sua mão o soltou, e ele me puxou contra seu corpo. Suas mãos começaram a deslizar por mim sem permissão e eu bati no peito dele, tentando chutar sua virilha, mas ele me prendeu de um jeito que me impediu de mexer minhas pernas.

Não, Não!

— Me solta! — eu gritei, tentando empurrá-lo para longe.

— Se você não fosse minha, eu faria isso? — Callum perguntou enquanto apertava meu seio com força.

O pânico instalado em meu peito apenas cresceu, e eu arranhei seus ombros.

— Para! Me solta, seu filho da puta! — mandei, de novo, dessa vez o mais alto que consegui.

Com certeza a minha mãe estava ouvindo tudo o que o marido fazia comigo, mas ela gostava de brincar que a filha não estava sendo abusada debaixo do seu próprio teto.

Desesperada, consegui morder a orelha de Callum e ele gritou, se afastando. O vi erguer a mão direita para me bater e esperei pelo golpe, foi quando ouvi um latido e em seguida vi Callum arregalar os olhos e ser puxado para longe de mim, me soltando.

Killer estava agarrado ao antebraço dele, os dentes cravados em sua carne. Ele chacoalhou o braço de Callum de um lado para o outro, o fazendo gritar de dor.

— Larga! — ele berrou, sendo jogado contra o azulejo.

Meu cachorro o olhou com ódio, furioso. O sangue estava começando a escorrer do braço de Callum, e isso pareceu aumentar ainda mais a raiva de Killer. Meu Deus, como foi bom eu não tê-lo alimentado hoje.

Callum gritou mais uma vez e agarrou um jarro de vidro de uma das prateleiras do banheiro, atingindo a cabeça de Killer e o fazendo soltá-lo. Meu cachorro choramingou e Callum deu um passo para longe dele, em direção à porta do meu banheiro.

Eu me recompus e joguei o vidro do meu shampoo nele.

— Sai daqui! — eu gritei, agora arremessando tudo que encontrava pela frente. — Some daqui! Sai!

Meu padrasto correu imediatamente quando Killer avançou na direção dele, fechando a porta antes que meu cachorro o alcançasse.

— Sai, sai! — eu gritei de maneira estrangulada, atingindo a porta com uma decoração de vidro que se estilhaçou no chão.

Olhei para Killer, sua boca ensanguentada com o sangue de Callum, e corri na direção dele. Me ajoelhei ao seu lado, vendo se o marido da minha mãe não o machucou. Por sorte, o sangue era apenas de Callum.

Vesti meu roupão e, tomando cuidado com os cacos de vidros, corri para fora do banheiro a fim de checar se Callum foi realmente embora do meu quarto. Meu piso e meu tapete estavam manchados com sangue, e de imediato eu corri para trancar a porta. Ele deve ter feito uma cópia da chave.

Amanhã eu mudaria a fechadura novamente, hoje ele com certeza não teria coragem de voltar aqui. Não depois de Killer quase ter arrancado seu braço.

Me afastei da porta e levei minhas mãos à cabeça, andando de um lado para o outro. Eu o odeio. Eu o odeio tanto. E mesmo o odiando, ainda não consegui me salvar no banheiro. Se não fosse Killer, ele teria me estuprado dentro do box — o que era sua verdadeira intenção. Eu sou fraca demais, uma medrosa.

Mesmo depois de todos esses anos, eu ainda travava quando ele chegava perto de mim. Não conseguia vencer o nojo e o medo que me tomavam conta de mim.

Essa não foi a primeira vez que Callum invadiu meu quarto e me assistiu tomar banho. Ele fez isso quando eu tinha dezessete anos também. Eu me lembro de paralisar, como hoje. De ele ter se tocado bem na minha frente, mesmo que por cima da roupa.

E eu ainda me lembrava de ter chorado e tomado outro banho quando ele foi embora, porque me senti suja. Senti nojo de mim mesma apenas por ter sido assistida contra minha vontade.

Duas semanas depois desse dia, perdi minha virgindade com um garoto qualquer, temendo que Callum a arrancasse de mim a qualquer momento. Eu preferi dá-la a uma pessoa por quem eu não sentia nada, a ter que passar por isso. Fui contra tudo que sonhei um dia, abandonei minhas fantasias de como seria minha primeira vez, e apenas fiz.

Foi horrível. Não senti coisa alguma além de dor, e lembro-me de restar apenas o vazio em meu peito. O garoto não falou comigo depois disso e eu também ignorei sua existência. Ele apenas serviu para resolver o meu problema. Ele não significava nada para mim, assim como eu não significava nada para ele.

Callum ficou louco quando descobriu. Eu fiz questão de perguntar a minha mãe, bem na frente dele, se ela me daria dinheiro para que eu comprasse anticoncepcional.

E quando fiz dezoito anos arranjei meu primeiro namorado, e passei a dormir na casa dele para não ter que aguentar Callum invadindo meu quarto. A vontade de me matar crescia sempre que ele tocava meu corpo.

Agora, depois de tanto tempo, ele fez de novo. Me fez sentir nojo de mim mesma mais uma vez. Se não fosse Killer, ele...

Respirei fundo e fui até meu closet, tirando de lá uma calcinha, e um conjunto de moletom de calça e manga comprida, e os vestindo. Penteei meu cabelo enquanto engolia a vontade de chorar e saí do quarto sentindo Killer logo atrás de mim.

Tinha mais sangue em frente à porta do meu quarto e eu ignorei esse fato quando andei até um pequeno cômodo no fim do corredor. Abri a porta e suspirei quando avistei as coisas de Raphael, todas organizadas.

Entrei com Killer e fechei a porta. Andei até o guarda-roupa e o abri, pegando de lá a jaqueta que Raphael estava usando quando morreu. “O inferno está vazio, e todos os demônios estão aqui”.

Sim. E um desses demônios vivia bem debaixo do meu teto.

Olhei ao redor, meu coração doendo quando vi os livros de filósofos e de Shakespeare que pertenciam ao meu irmão. Eu praticamente tive que implorar a Victoria para pôr as coisas dele em um quarto. Se fosse por ela, tudo estaria jogado em uma dispensa qualquer, totalmente esquecido.

Mas não é porque Raphael estava morto que suas coisas não mereciam um quarto. Às vezes eu me trancava aqui à noite, com Killer, e dormia; fazia isso sempre que precisava de conforto e de algo que me lembrasse do meu irmão.

Deixei meu corpo escorregar pela parede e apertei a jaqueta de Raphael em meu peito enquanto encolhi minhas pernas. Eu não ia chorar. Eu não daria esse poder a ninguém novamente. Não foi nada. Callum não conseguiu me afetar.

Lentamente, me deitei no chão e deixei a jaqueta apoiada em meu peito. Killer se aproximou e posicionou uma dupla de patas de cada lado do meu corpo, ficando em cima de mim. Segurei seu focinho e olhei no fundo de seus olhos negros.

Eu deveria estar me debulhando em lágrimas agora, mas há muito tempo que cansei de me importar com Callum e seus abusos. Ou melhor, há muito tempo que passei a ignorá-los e tratá-los como se não fossem nada; assim eu ainda me manteria inteira. Mesmo sabendo que, lá no fundo, isso me corroía.

Certas situações acontecem tantas vezes que até mesmo chorar por elas se torna cansativo. E de repente, você não se importa mais.



*“Estou te dando tudo o que você quer e mais um pouco
Estou te dando cada parte de mim.
Eu não quero nenhum acerto de contas,
eu só quero que você me liberte”*
Billie Eilish – Bored

Ryen Rodríguez

Abri minhas pernas em um espacate perfeito e me inclinei para frente até que eu colocasse minha testa no chão e meus braços estivessem esticados acima da minha cabeça.

Relaxeí meu corpo para que ele não ficasse tenso, enquanto isso me alongueí e respireí fundo. Fiqueí nessa posição durante cinco minutos antes de me levantar com calma.

Estiqueí minhas pernas e inclinei meu tronco para frente até que meus seios estivessem apoiados contra minhas coxas e meus cotovelos ao lado dos meus joelhos.

Conseguia ouvir as outras pessoas do salão conversando entre si enquanto também se alongavam; me mantive em silêncio. Não conseguia me enturmar com mais ninguém da turma.

No fundo, uma música calma tocava, perfeita para nos fazer relaxar. Mas nem que fosse a música dos anjos tocando, eu conseguiria eliminar a tensão em meus ombros. E tudo por causa do ocorrido de dois dias atrás.

Dois *fucking* dias que eu estava com essa merda rondando em minha cabeça. Depois que saí do quarto de Raphael na manhã seguinte, encontreí minha mãe parada no corredor, me encarando. Ela não disse absolutamente nada, o rosto estava inexpressivo. No entanto eu sabia que ela tinha ouvido meus gritos quando mandei Callum sair do meu quarto.

Ela sabia o que o marido dela tentou fazer comigo, mas ainda assim não tomava nenhuma atitude a respeito disso. Simplesmente ignorou tudo e continuou vivendo, como se a vida dela fosse perfeita e não houvesse defeitos.

Me perguntava se tinha como isso ser algum distúrbio psicológico.

Callum não tentou fazer mais nada comigo desde que Killer o atacou, mas isso me assustava bastante. Ele ainda não reagiu, e eu sabia que esse filho da puta não era de deixar barato. Killer quase estraçalhou o braço dele, foi tão fundo que ele precisou ir ao hospital levar alguns pontos. Sorri genuinamente ao saber disso, preciso admitir. Mas como não o faria? Saber que ele estava com dor lavava minha alma.

Mais uma vez Victoria não disse nada, e eu tinha certeza de que havia um dedo podre de Callum nisso. Quando saí do quarto de Rapha e a vi me encarando no corredor, eu esperei pelos xingamentos e reclamações sobre o meu cachorro ser um monstro que quase matou o marido dela. Porém nada disso veio, e eu não pude distinguir o olhar da minha mãe. E isso foi estranho o suficiente para me deixar em alerta, afinal o silêncio de um inimigo é pior do que qualquer ataque.

Eu tinha que ir embora dessa cidade e desse país. Eu não poderia ficar aqui nem mais um minuto, não apodreceria naquela casa até fazer vinte e um anos para finalmente assumir minha parte da herança. Por isso, fiz Lorenzo transferir uma parte do dinheiro para mim. Iria vazar do México e nunca mais teria que me importar com Victoria.

O marido de minha mãe não iria atrás de mim em outro país, não teria toda essa força de vontade apenas para continuar abusando do meu corpo. Eu só precisava ter um pouco mais de paciência, e então, desapareceria.

— Pronto, pessoal — disse o professor, e ergui a cabeça ao ouvi-lo bater palmas. — Chega de alongamento.

Ergui meu tronco e me levantei calmamente, assim como o resto dos alunos da sala.

— Venham aqui — ele nos chamou com a mão.

Me aproximei dele junto aos outros e parei a alguns metros de distância, porém perto o suficiente para ouvir tudo com clareza.

Tentando afastar os pensamentos conturbados da minha cabeça, que não paravam nem por um momento, me forcei a prestar atenção nele.

O que será que Callum iria fazer agora? Não gostava da ideia de deixar Killer em casa, tão perto dele. Ainda mais agora que ele quase arrancou o braço daquele monstro. Tinha medo de chegar em casa um dia e encontrar meu cachorro morto com um tiro na cabeça.

E Victoria não faria nada para impedir isso. Do jeito que era louca pelo marido, até mesmo se Callum matasse alguém, ela aplaudiria. Só para não perdê-lo.

Esse desgraçado conseguiu fazer com que minha mãe me visse como uma inimiga com potencial para roubar o marido dela. Porque era isso que ela pensava, mesmo que não dissesse. Ela simplesmente não queria enxergar a minha enorme aversão a Callum e tudo o que ele representa.

Talvez Victoria precisasse de um terapeuta.

— Quero ver o que vocês estão preparando para a apresentação do mês que vem — disse o professor enquanto andava até a caixa de som. Ele parou diante dela e olhou para mim. — Ryen, vamos começar por você. Diga a música.

Ergui as sobrancelhas e olhei ao redor, vendo todo mundo me observar à espera de uma resposta. *Merda*. Odiava ser a primeira em tudo.

Afastei essa mínima revolta e olhei para o homem.

— *Lovely*, da Billie Eilish — falei enquanto andava até o centro do salão.

O professor assentiu com a cabeça e puxei meu short de lycra para baixo quando o senti enrolar até a curva da minha bunda. Arrumei minha camisa larga e melhorei minha postura, ficando atenta ao toque da música.

— Preparada, Ryen? — Carlos perguntou e eu assenti, com um leve aceno de cabeça.

Respirei fundo e um segundo depois o toque melancólico de *Lovely* encheu meus ouvidos. A partir deste momento, me desliguei do resto da sala e do mundo, ficando presa em meu próprio universo.

Permiti que eu me conectasse com a música e despejei todo o estresse e a tensão, mesmo que a última coisa fosse impossível, devido aos últimos acontecimentos. Contorci suavemente minhas costas para trás e depois fui ao chão. Me levantei usando a ponta dos pés e dei um salto, caindo no chão novamente e rolando sobre ele.

Deitada, estendi minha mão para cima, fazendo de conta que isso me impulsionou para levantar. Podia sentir os fios do meu cabelo caindo de

minha trança e não fiz nenhuma menção de tirá-los do meu rosto. Eu gostava de me sentir livre quando dançava.

Apoiei meu pé esquerdo no chão e elevei minha perna direita, a abrindo em um espacate. Corri alguns passos pelo salão e girei no ar quando a música começou a ficar mais grave e mais alta. Na metade da música, parei de dançar e fiquei respirando pesadamente.

Aos poucos, ergui a cabeça e encarei o professor, que já estava me olhando, atento.

— Só consegui elaborar até aqui — murmurei, puxando meu short para baixo.

Podia perceber os olhos das outras pessoas do salão em mim, mas continuei focada apenas no homem à minha frente.

Ele assentiu com a cabeça.

— Quanto tempo faz que está preparando a coreografia, Ryen? — Carlos perguntou, com as mãos na cintura. — Não parece uma coreografia feita só há duas semanas, que é o tempo exato desde que eu pedi.

Franzi o cenho.

— Comecei ela há exatamente duas semanas. Por que, não gostou?

Carlos negou com a cabeça.

— Não, não é isso — disse ele, me encarando. — Podemos conversar depois do fim da aula?

Confusa, assenti.

Qual seria o problema? Não consegui decifrar o olhar que ele me deu. Não fiz nada de errado, então por que ele queria conversar apenas comigo?

Nos minutos seguintes, assisti as coreografias dos outros alunos e comecei a me questionar se, comparada a deles, minha dança estava horrível, e por isso Carlos queria que conversássemos. Não que eu duvidasse do meu talento, sabia que levava jeito para isso. Era o que eu amava fazer.

Enquanto Carlos dava algumas dicas para uma ruiva, caminhei até minha mochila e puxei meu celular, procurando o contato de Santiago. Já fazia três dias que ele estava com a minha Ferrari, e eu tinha certeza de que dessa vez eu a tinha destruído por completo.

Disquei seu telefone e bufei quando ele não atendeu após o quinto toque. Liguei novamente, não me dando por vencida.

— *Fala, chica* — A voz de Santiago preencheu os meus ouvidos.

— Oi, Santi — falei, olhando para Carlos, ainda orientando a mesma garota. — Ocupado?

— *Um pouco* — murmurou, sua voz meio distante, provavelmente pôs o celular no viva voz. Então ele gritou com o irmão mais novo. — *Ah, merda. Não mexe nisso, Amador!*

— *Vai a merda!* — Escutei o garoto gritar, resmungando em seguida. — *Também, não pode fazer mais nada na porra dessa oficina!*

Sorri ao ouvi-lo xingar, mas seu irmão mais velho não pareceu gostar muito daquilo.

— *Não xinga, caralho!*

— *Se não o quê?* — Amador perguntou, a voz carregada de deboche.

— *Ora, seu merdinha...* — Santiago grunhiu e eu o interrompi.

— Dá um tempo, Santiago — Eu revirei os olhos, sorrindo. — Ele só tem catorze anos, precisa extravasar a raiva que a pré-adolescência traz.

— *Vai se foder, Ryen!* — Santiago resmungou e eu ri baixo.

— *É a Ryen?* — Ouvi Amador perguntar, animado. Santiago deve ter confirmado, já que ele continuou puxando assunto. — *E aí, quando você vai me levar pra dar uma volta no seu carro?*

Eu gostava de Amador. Ele batia em meu ombro e seu cabelo tinha um corte baixo, com uma listra na lateral esquerda da cabeça. Sua sobrancelha esquerda também continha um risquinho e seu corpo talvez fosse um pouco definido demais para sua idade.

Ele se parecia com Santiago, e a única diferença entre eles era a cor de pele. Amador era branco, e eu não fazia ideia de com qual dos pais ele se parecia.

Sua expressão facial estava sempre séria demais para uma criança, e ele quase nunca sorria. Ele tinha uma tatuagem pequena de diamante na bochecha direita que fez assim que completou catorze anos. Santiago quase o matou, o que me levava a questionar como alguém teve coragem de tatuar um menino.

— Quando o seu irmão terminar esse conserto, eu prometo que te levo — Tirei os fios de cabelo suados da testa. — Ele já está nisso há oitenta e quatro anos.

— *Se esse pirralho do caralho não ficasse me atrapalhando eu já teria terminado de consertar a merda da Ferrari* — Santiago rosnou.

— Ei, olha como você fala do meu carro! — defendi meu bebê.

Ouço a risada debochada de Santiago.

— *Venha pegar a sua preciosa Ferrari amanhã à tarde* — mandou.

— *Dou minha palavra de que amanhã estará pronta.*

Eu não perguntei quanto iria ficar o conserto, mas eu daria uma quantia a mais a Santiago. Algo que desse para ele viver melhor do que já vivia com o irmão. Seria meu agradecimento por todas as vezes em que ele me ajudou com minha Ferrari e que foi meu único amigo aqui.

— Ok, amanhã à tarde estarei aí. Tchau — eu disse, vendo Carlos andar até a caixa de som e desligá-la.

— *Tchau, Ryen!* — escutei Amador gritar.

Me despedi dele também e então desliguei o celular, o devolvendo para minha mochila. Eu sentiria falta deles, mas sei que logo eu serei apenas uma vaga lembrança. Assim como eles se tornarão apenas uma memória minha.

As coisas estavam piorando. Eu tinha que dar o fora daqui o mais rápido possível, ou enlouqueceria se continuasse naquela casa.

— Ok, pessoal — Ouvi a voz de Carlos e caminhei rapidamente até o lugar em que estava antes. — Vamos encerrar a aula por hoje, podem ir para casa.

Assisti os alunos reunirem suas coisas e saírem da sala, e depois voltei meu olhar para Carlos, vindo até mim. Mais uma vez me perguntei o que eu teria feito de errado a ponto de uma conversa a sós ser necessária.

Ele parou diante de mim.

— E então? — perguntei, com as mãos na cintura.

Ele cruzou os braços sobre a camisa branca.

— Me diga, Ryen — começou. — Está tudo bem esses dias? Você está passando por algo?

Franzi o cenho.

— Como? Não entendi.

Carlos descruzou os braços e pôs as mãos na cintura estreita.

— Sua dança, Ryen.

— Eu não entendo onde você quer chegar com isso, Carlos.

De que porra ele estava falando?

— Eu trabalho com dança há quinze anos, Ryen — ele continuou.
— O que você fez hoje nesse salão foi... foi... sentimento puro.

Abri a boca para questionar, quando ele me interrompeu.

— Você não só dançou, Ryen — Ele apoiou a mão no peito. — Isso me pareceu um pedido de ajuda. Você pôs tanto sentimento nessa dança...

Ao ouvir isso, minha confusão se desfez, e rapidamente entrei em alerta com sua suposição. Cruzei meus braços, adotando uma postura mais rígida.

— Olha, Carlos. Com todo respeito... — Cocei minha sobrancelha, pondo um sorriso falso no rosto — Você está imaginando coisas. Nada do que você falou faz sentido.

Carlos me viu dançar por apenas alguns minutos e achava que podia dizer o que estava acontecendo na minha vida? Ele pensava que tinha o quê? O sentido aranha?

— Tem certeza de que não tem sentido, Ryen? — ele continuou a me questionar, antes de pôr a mão em meu ombro. — Você pode conversar comigo, eu te ajudo.

Ninguém podia me ajudar. E eu não precisava de ajuda.

Afastei sua mão para longe e dei um passo para trás.

— Você me viu dançar por apenas alguns minutos — disparei, mais ríspida do que pretendia. — Quem acha que é para dar palpites em minha vida? Pare de imaginar coisas.

Carlos uniu as sobrancelhas e o vi engolir em seco.

— Se acalme, Ryen. Eu só quero te ajudar!

— Não tem ninguém aqui precisando de ajuda, muito obrigada — Sorri, com as mãos na cintura, e me virei para ir embora.

— Diga o que quiser, Ryen. Mas você tem algo que nunca vi em outra pessoa.

Suas palavras me fizeram parar de andar e, confusa, olhei para ele.

— O... o quê?

Carlos andou lentamente até mim.

— Você é a minha melhor dançarina, Ryen. Arrisco dizer que é uma das melhores da academia — Ele sorriu, mas seus olhos exalavam pena. *E eu odeio esse olhar.* — Você passa sentimento pela dança. Você desabafa. Sua coreografia é incrível, mas eu sinto que você não está bem.

— Sinto muito, Carlos, mas você realmente se confundiu — Lhe dei as costas. — E se você já terminou, estou indo.

— Mas, Ryen... — Ele tentou me impedir, mas acenei para ele.

Não me importei em deixá-lo falando sozinho. Estava pouco me fodendo se isso o enfureceria ou se faria ele me tirar da apresentação. Até lá

eu não estaria mais aqui, de qualquer maneira.

Calcei meus tênis e vesti uma calça de moletom por cima do short de lycra, querendo sair dali o mais rápido possível. Tirei meu celular da mochila e a joguei por cima do ombro, caminhando para fora com rapidez, temendo que Carlos viesse meter o nariz na minha vida novamente.

Procurei o contato de Lorenzo e liguei para ele. Esperava que ele não estivesse chapado em qualquer outro lugar, como sempre. Era isso que ele fazia da vida, e ele continuaria com a mesma rotina agora que ficou com um pouco do meu dinheiro.

Merda, “pouco” era eufemismo.

O idiota se sentiu no direito de pegar mais de quinhentos mil dólares! Só esperava que Victoria ou Callum não notassem, pelo menos não agora. Mas era só questão de tempo para isso acontecer, e nesse dia eu estarei muito longe.

— Oi, gata — Ouvi o murmurar de sua voz grogue.

Provavelmente estava dormindo.

— Pode vir me buscar na academia de dança?

— *Seu carro ainda está no conserto?* — perguntou Lorenzo, parecendo incrédulo. — *Quão fodida você deixou aquela Ferrari?*

Revirei os olhos. Ele não sabia fechar a porra da boca e obedecer em silêncio ao menos uma vez na vida?

— O bastante, Lorenzo — Suspirei, farta da conversa. — Você vem ou não?

— *Chego aí em vinte minutos.*

— Tudo bem.

Devolvi meu celular à minha mochila e passei a mão pelo meu cabelo, ajeitando alguns fios que estavam soltos.

Eu não tinha ideia do que faria para me livrar de Lorenzo e de sua insistência irritante. Tinha que terminar com ele, agora que já consegui o que queria.

Minutos se passaram, e assim que pisei o pé fora da academia, o carro de Lorenzo parou logo à frente e ele buzinou. Desci os óculos escuros e ele sorriu, me chamando com os dedos da mão.

— Oi, linda — ele disse, me vendo ir até ele.

Abri a porta do carro e entrei, lhe dando um selinho rápido quando me acomodei no banco.

— Você tem algum analgésico para dor de cabeça? — perguntei, enquanto colocava minha mochila no colo.

Ele negou com a cabeça, colocando a mão em minha coxa.

— Não, mas se você quiser podemos passar em uma farmácia e comprar — Ele deu partida no carro, nos levando para longe da academia. Neguei com a cabeça.

— Não quero perder tempo. Me leva ao banco.

Lorenzo tirou os olhos da estrada por um momento para me encarar, confuso.

— O que você vai fazer no banco?

Apoiei meu cotovelo na janela do carro e minha cabeça na mão.

— Tenho que resolver umas coisas — menti e, em resposta, as carícias que ele depositava em minha coxa pararam.

E lá vamos nós de novo.

— Tipo o quê? — resmungou, afastando a mão. — Você nunca compartilha nada comigo, nem parece que eu sou seu namorado, porra.

Não, não, não. Você não pode criar cérebro agora, lindo.

Coloquei meu melhor sorriso carinhoso no rosto e olhei para Lorenzo.

— Por que você está dizendo isso, amor? — Segurei a mão dele, me inclinando para beijar seu ombro. — Não estou escondendo nada de você. Eu só gosto de resolver as coisas sozinha, você me conhece.

Vi a expressão de raiva dele suavizar, e sorri internamente. *Bobinho.*

— Dá próxima vez me conta, ok?

— Ok.

Me afastei, agradecendo por, mais uma vez, ele não ter amadurecido muito mentalmente. Sempre foi muito fácil enrolar Lorenzo, eu não precisava de muito. E ele teria que permanecer assim por mais um tempo.

Ele dirigiu em velocidade mediana até que, alguns minutos depois, chegamos ao banco mais próximo da cidade. Joguei minha mochila no ombro e desci do carro, enquanto vestia uma blusa de mangas longas.

— Não quer que eu vá com você? — perguntou Lorenzo, pondo a cabeça para fora do carro.

— Não, me espere aqui — mandei, dando a volta no carro.

Não queria Lorenzo metendo o nariz em meus assuntos. Já dava trabalho o suficiente tapear esse otário com sexo.

Adentrei o banco e uma moça bem-vestida, com o cabelo escuro amarrado em um coque baixo, se aproximou de mim com um sorriso no rosto.

— Bom dia, em que posso ajudá-la?

Apertei a alça de minha mochila e ergui o queixo, decidida a fazer o “investimento” que eu tinha a certeza que seria um dos melhores da minha vida.

Lambi meus lábios antes de pigarrear.

— Quero fazer uma transferência de seiscentos mil dólares.



Ao chegar em casa, passei pela sala, agradecendo por Victoria e seu marido não estarem por perto. Eles deviam estar transando no andar de cima, já que era só isso que faziam o dia todo nesta casa — pelo menos era o que dava a entender, já que Victoria sempre estava de pijama.

Entrei na cozinha, deixei minha mochila cair próxima à mesa e fui em direção à geladeira.

— Bom dia, Dona Ryen — Ouvi uma voz e olhei em sua direção, encontrando Maria, uma das empregadas. — Quer que eu faça algo para a senhorita comer?

— Não, obrigada — respondi, pegando de dentro da geladeira a alface e uma jarra de suco. — Eu só quero um sanduíche, posso fazer isso.

Coloquei os itens na mesa e fui em direção ao armário para pegar uma latinha de atum. Me virei para Maria.

— Sabe dizer se ainda tem creme de ricota light?

Maria devia ser mais velha que eu apenas alguns anos, e se não me falhava a memória, trabalhava aqui há mais de dois.

— Não tem mais, senhorita — disse, negando com a cabeça. — Sua mãe comeu o resto essa manhã. Mas posso ir agora mesmo ao mercado, se quiser.

— Não é necessário, obrigada — dispensei e ela assentiu.

— Se precisar de mim, é só chamar — avisou, com as mãos atrás das costas.

— Certo. Obrigada, Maria.

Ela acenou com a cabeça uma última vez antes de sair da cozinha, me deixando apenas com o silêncio. E não sei se isso era ruim, mas eu gostava de ficar sozinha. Tinha algo de reconfortante nisso.

Após comer meu sanduíche de atum e tomar um copo de suco de laranja, peguei minha mochila e subi para meu quarto. Quando abri a porta, encontrei Killer deitado em minha cama, como um bom garoto. Ele ergueu o focinho e abriu os olhos quando sentiu minha presença, os mirando em mim.

Rapidamente tranquei a porta e joguei a mochila em cima da poltrona, andando até a cama e me jogando ao lado de Killer. O abracei e beijei seu longo pescoço, tentando lutar com todas as minhas forças para não me lembrar do que Carlos falou.

“Isso me pareceu um pedido de ajuda”.

Aquele cara devia estar alucinando. Tudo o que fiz foi dançar por meros minutos, e ele já achou que sabia de toda a minha vida. Se eu de fato precisasse de ajuda, saberia.

Olhei para meu travesseiro, encontrando a jaqueta de Rapha dobrada sobre a fronha, junto ao livro *Hamlet*, de Shakespeare, que peguei em suas coisas. Larguei Killer e me sentei na cama, esticando o braço para pegar a jaqueta e levá-la ao nariz. Ainda tinha o cheiro do meu irmão. Eu nunca a lavei, não quis perder seu perfume forte e esquecê-lo. E como a jaqueta saiu ilesa do acidente, facilitou.

Cuidei dela com a minha vida, temendo que estragasse. Fora as coisas de Rapha guardadas no quartinho e o canivete que ele me deu, esse pedaço de jeans era a única coisa que ainda me ligava a ele.

Carlos errou ao opinar sobre o que eu precisava. Ele pensava que eu necessitava de ajuda, quando tudo o que eu queria era meu irmão comigo, aqui, ao meu lado. Cinco anos não foram o suficiente para fazer a dor em meu peito diminuir. Ainda me machucava sempre que me lembrava dele. Disseram que eu superaria aos poucos, mas o buraco crescia cada vez mais.

Outra mentira que me contaram foi que aprendemos a conviver com o luto. Nada me foi ensinado, e eu só me via definhando de saudades no decorrer dos anos.

Me levantei da cama e Killer fez o mesmo, pulando para fora dela, louco para sair desse quarto. Eu o entendia, a porra dessa mansão devia sufocá-lo tanto quanto a mim. Iria deixá-lo brincar um pouco lá fora, quem sabe eu até brincasse com ele.

Carregando a jaqueta de Raphael e uma chave que peguei em minha gaveta, abri a porta do quarto e Killer rapidamente saiu, me esperando do lado de fora. A tranquei e fiz um carinho na cabeça do meu cachorro antes de ir em direção ao quartinho onde as coisas do meu irmão estavam guardadas.

Killer veio logo atrás, e com a chave que peguei na gaveta, abri a porta do cômodo. Meu coração deu um salto no peito e o senti descer até o meu estômago quando tudo o que encontrei foi... absolutamente nada.

O quarto estava vazio.

Adentrei o cômodo e passei os olhos por ele, tentando entender o que estava acontecendo. Não, as coisas estavam aqui dois dias atrás, não tinha como tudo ter sumido assim. Killer farejou o quarto por todos os lados e eu dei alguns passos para trás, negando com a cabeça.

Não, não.

Agarrando o tecido jeans da jaqueta de Rapha, saí do quarto e andei pelo corredor, chutando a porta de outro cômodo para ver o que tinha dentro. Nada. Nos instantes seguintes adentrei os outros quartos da mansão, mas tudo que encontrei foi um monte de nada. Todos estavam vazios, apenas com camas.

Onde estavam as coisas do meu irmão? O que aconteceu com elas?

Killer correu para me acompanhar e eu corri até as escadas, descendo rápido. Foi Callum, tinha certeza. Ele escondeu as coisas de Raphael, sabia o quanto eu as amava. Filho da puta desgraçado.

— Callum! — gritei, quando descí o último degrau. Passei os olhos pela sala, não encontrando nem ele nem Victoria. Pela primeira vez em cinco anos, odiei isso. — Aparece, porra!

O quarto. Eles deviam estar lá em cima.

Corri escada acima novamente, com Killer, possessa de ódio. Eu iria matá-lo, porra. Estava dando a minha palavra.

Chutei a porta do quarto, forçando a abertura, mas assim como os outros, não tinha ninguém dentro. Vasculhei o banheiro, mas ele também estava vazio. *Onde eles se meteram?*

Saí do quarto impregnado com o cheiro repulsivo do monstro e descí novamente as escadas, totalmente empenhada em achá-lo e fazê-lo pagar.

— Cadê você, caralho? — vociferei, enquanto jogava a jaqueta no sofá e lançava um jarro de vidro no chão, o vendo quebrar. — Eu vou te

matar, Callum!

Na parede, atirei um enfeite de porcelana que parecia caríssimo, possivelmente era parte das coleções de Victoria. Joguei outro bem no meio das escadas, o barulho repercutindo por toda a sala.

— Se você não aparecer, eu vou virar a porra desta casa do avesso!

Para dar força à minha ameaça, firmei minhas mãos no centro de vidro e o virei; quase tudo o que havia em cima dele se partindo quando atingiu o chão.

Peguei um jarro, que pouco me importei em decifrar o material, e o mirei na enorme televisão instalada na parede. Ele fez um enorme buraco nela e, em seguida, foi ao chão, sem se quebrar.

Fui em direção a ele, os passos pesados.

— O que você está fazendo? — A voz exasperada de Victoria me fez parar de andar e eu olhei para ela, a encontrando chocada com o estado de sua, antes perfeita, sala de estar.

— Onde está o filho da puta do seu marido? — exige saber, enquanto andava até ela.

Ela passou as mãos pelo cabelo, desacreditada.

— O que está havendo com você? — perguntou. Seus olhos azuis estavam arregalados, e ela parecia estar prestes a surtar.

Não mais que eu.

— Eu perguntei... — Lambi meus lábios, os sentindo secos, antes de questionar pausadamente. — Onde. Está. O. Filho. Da. Puta. Do. Seu. Marido.

Victoria abriu e fechou a boca algumas vezes, sem saber o que me responder, até que seus olhos avistaram algo na escada. Ela passou correndo por mim.

— Meu enfeite de porcelana! — Ela pôs as mãos na cabeça, se virando para me encarar, com ódio. — Eu paguei caro nessa coleção, o que você fez?!

Sorrio, sem vontade.

— Você ainda não viu nada. Onde está Callum?

Ela avançou na minha direção, parando diante de mim. Me empurrou pelo ombro, me fazendo dar um passo para trás.

— E para que você o quer, hein? O deixe em paz, ele não está em casa!

— Ele sumiu com as coisas do Raphael! — gritei, minhas mãos em punhos. — Onde ele está? Está na cozinha?

Decidida, lhe dei as costas, começando a ir até lá. Iria cravar meu canivete no coração dele.

— Não foi ele, fui eu.

As palavras de Victoria me fizeram estancar no lugar, e deixei minhas mãos caírem ao lado do corpo, tentando processar o que saiu da boca dela.

Me virei aos poucos, meu rosto contorcido em confusão.

— Você... o quê?

Ela cruzou os braços sobre o vestido vermelho.

— Eu que sumi com as coisas do Raphael.

Eu não ouvi errado, afinal. *Como ela pôde?*

— Onde você as guardou? — Respirei fundo, sentindo meu peito doer por medo da resposta.

— Doei.

Senti o ar escapar dos meus pulmões e precisei me apoiar na parede quando minha cabeça girou, uma tontura repentina me invadindo. Killer se aproximou de mim.

Ergui o rosto para ela.

— Você não fez isso... — sussurrei, negando com a cabeça. — Me diz que você não fez isso, Victoria.

Caminhei lentamente até o jarro que joguei na televisão, sentindo o material firme em meus dedos assim que o peguei.

— Não tinha por que guardar aquilo — A ouvi dizer.

Minha única resposta foi jogar o jarro na parede próxima a ela. Killer latiu, rosnando em seguida.

— Não mente, porra! — vociferei.

Victoria se encolheu um pouco quando o estilhaçar do vidro repercutiu por toda a sala, e me encarou, assustada.

— Qual o seu problema? — questionou, chocada.

Marchei até ela.

— O seu marido é a porra do meu problema! — Apontei para mim.

— Eu sei que foi aquele escultor medíocre quem te mandou sumir com as coisas do Rapha!

Ela me encarou como se eu fosse louca.

— Ele não fez isso!

— Fez sim! — Afastei os fios de cabelo do meu rosto. — E sabe por quê? Para se vingar por não ter conseguido me estuprar!

Killer, que até então tinha se calado, latiu alto, começando a ficar agitado.

— Ele não tentou fazer isso! — ela o defendeu novamente, apontando o dedo para Killer. — O monstro do seu cachorro que o atacou!

Eu ri, com desdém.

— Pelo amor de Deus, Victoria. Para de defender esse cara, ele nem mesmo gosta de você!

O rosto de Victoria se tornou pura fúria e ela deu um passo à frente, quase colada ao meu corpo.

— Ele me ama! — ela insistiu.

Me afastei dela e abracei meu estômago quando uma risada compulsiva tomou conta de mim e me curvei um pouco, gargalhando.

— Do que você está rindo? — ela questionou.

Parei de rir e me recompus aos poucos, negando com a cabeça, enquanto achava graça da situação.

— Até as suas amigas sabem que ele só está com você por interesse — Sorri. — A única que investe em Callum e vê futuro onde não tem.

— Cala a boca! — ela ordenou, furiosa.

— É nítido que ele não te ama, só você não vê — continuei a destilar meu veneno.

Victoria me deu as costas e começou a andar pela sala.

— É tudo mentira! — Passou as mãos pelo cabelo preto. — Ele me ama, é você que quer nos separar!

Andei lentamente até ela e parei em suas costas. E então me inclinei, até sua orelha.

— Ele só te quer por causa do dinheiro. Você não é nada mais do que uma coroa em quem ele dá o golpe do baú. Ele só te usa para investir naquelas estátuas meia-boca que ele faz — cuspi. — Ele te olha e vê uma vida confortável, e tudo o que precisa fazer para manter isso é dizer que te ama, porque você é carente pra caralho — murmurei, entre dentes, sorrindo venenosamente. — Você não passa de uma boceta velha que ele come em troca de uma vida de luxo. O que você vai oferecer a ele quando já estiver caindo aos pedaços? Seus peitos já estão murchando.

Victoria se virou de maneira brusca e acertou meu rosto com um forte tapa, me fazendo dar alguns passos para trás. Killer fez menção de

atacá-la, mas eu o segurei pela coleira.

De cabeça baixa e virada para a esquerda, afastei os fios de cabelo do meu rosto e ri. Ri bastante. Isso era hilário, parecia até que estávamos repetindo a cena da briga dela com Rapha, horas antes de ele morrer.

— Do que você está rindo? Olha o que você me fez fazer, Ryen...
— Pude sentir a culpa em sua voz.

Sentindo minha bochecha pinicar, ergui o rosto para ela.

— Está arrependida? — perguntei, vendo a mágoa em seu olhar. — Você sabe, lá no fundo você sabe que tudo o que te falei é verdade.

— Cala a boca, Ryen — Ela pareceu implorar, abraçando o próprio corpo. — Você já destilou todo o seu rancor. Todo o ódio que você tinha.

— E não era isso que você queria?

Ela franziu o cenho.

— O quê? — ela questionou, parecendo atordoada.

— Estou te dando tudo o que você quer e mais um pouco. Te dei cada parte de mim nesses últimos cinco anos, mamãe — Engoli a vontade de chorar. — Callum e você tiraram tudo de mim. Até a minha vontade de viver. Eu te odeio tanto que não me importaria se você morresse.

— Ryen... — Ela se aproximou de mim, mas parou quando Killer rosnou.

— Eu não quero nenhum acerto de contas — A olhei nos olhos. — Eu só quero que você me liberte deste lugar sufocante. Eu vou definir aqui dentro.

Ela não disse nada, apenas continuou me encarando, com dor.

— Você não me ama e eu não te amo — eu disse, fria. — Por que você não me deixa ir embora daqui levando o que é meu por direito? Já estou ficando entediada com esse jogo.

A vi cravar as unhas nos próprios braços e soube que era causa perdida. As coisas teriam que ser do meu jeito, então.

Peguei a jaqueta de Rapha no sofá e puxei Killer em direção às escadas, dando as costas para Victoria.

— Diga ao seu marido que eu vou matá-lo. Uma hora ou outra — prometi, antes de subir para o meu quarto.

Victoria ficou calada. Não me impediu nem me xingou, apenas me deixou ir, sem nenhuma objeção. E tudo o que conseguia pensar era que agora só me restavam as memórias de Raphael. Callum sempre conseguia tirar tudo de mim.

Mas eu também arrancaria algo dele esta noite.

Fixei meus olhos na última porta no fim do corredor, eu sabia que o estúdio de Callum me esperava lá. Soltei Killer e ele andou ao meu lado enquanto eu caminhava em direção ao cômodo, com o sentimento mais ruim existente no mundo cravado em meu peito.

Quando parei diante da porta, girei a maçaneta, e senti a frustração dar as caras quando constatei que estava trancada. Não me dando por vencida, peguei um jarro de planta e o joguei na janelinha de vidro ao lado da porta. Ela se estilhaçou e eu enfiei meu braço entre os cacos, tomando cuidado para não me cortar. Destranquei a porta.

Dei uma olhada ao redor para ter certeza de que estava sozinha, antes de finalmente entrar. Killer ficou na porta. De cara, fui recebida pelo frio do ar-condicionado, então vesti a jaqueta de Raphael quando me senti congelar.

Olhei ao redor, enquanto andava pelo enorme cômodo. Ele foi criado especificamente para Callum e era até mesmo maior que meu quarto. Eu nunca tinha entrado naquele lugar, e agora podia ver que se parecia mais com o jardim da Medusa.

Estátuas pequenas que chegavam até a metade da minha perna estavam espalhadas por todo lado. Senti calafrios subirem pelo meu corpo, mas não eram causados pelo ar gelado. Tinha algo de sombrio e estranho nas criações de Callum.

Aliás, uma em específico me chamou a atenção.

Me aproximei da estátua, vendo o quanto ela se parecia com Victoria. Mas diferente da cor branca que se percebia nas outras, essa tinha sofrido algum tipo de ataque. Falo isso porque alguém, provavelmente Callum, jogou tinta vermelha sobre a estátua, a manchando. E mesmo que seus olhos não estivessem pintados com cores vivas, dava para notar o horror neles.

Uma sensação ruim preencheu meu peito e eu dei um passo para trás, esbarrando em algo. Virei o pescoço, encontrando o que parecia ser uma estátua maior do que as outras, coberta por um lençol azul-marinho.

Estiquei minha mão para tirar o pano, quando Killer começou a latir. Olhei para ele, o vendo encarar as escadas, e tomando isso como um alerta de que alguém estava se aproximando, corri em direção à porta.

Mas antes olhei para trás, e olhei da suposta estátua de Victoria para aquela coberta com o lençol. A sensação ruim ainda estava ali.

E senti como se algo muito pior fosse acontecer.



*“Você nunca vai conhecer o psicopata ao seu lado
Você nunca vai conhecer o assassino ao seu lado”*

Twenty One Pilots – Heathens

Ryen Rodriguez

A garçonete andou até mim segurando uma bandeja, e nela estava meu pedido. Apenas um café, no qual eu era extremamente viciada e sem o qual eu não vivia.

— Obrigada — agradei quando ela deixou o copo em minha mesa.

Ela disse um simpático “disponha” e se retirou em seguida.

Apertei meus dedos no copo e rangi os dentes quando as lembranças de ontem à noite invadiram minha mente, me causando um misto de ódio e tristeza que eu simplesmente não conseguia controlar ou ignorar.

Como Victoria teve a coragem de deixar Callum fazer aquilo? Jogar as coisas de Raphael fora como se não fossem nada, como se pertencessem a um completo estranho. Eu já tinha me acostumado com os ataques de Callum a mim, mas usar Raphael para me atingir foi um golpe muito baixo. Até mesmo para ele.

Fiquei refletindo que se eu tivesse deixado ele fazer o que queria, talvez eu ainda estivesse com as coisas de Raphael.

Balancei minha cabeça para me livrar desse pensamento idiota e quase me dei um tapa. O que eu estava pensando? Só podia estar louca. Callum nunca iria conseguir o que queria, a não ser que usasse a força. E acredite, eu não me renderia com a mesma facilidade com que me rendi no banheiro. Agora eu realmente não tinha mais nada a perder.

Eu iria lutar contra ele usando tudo o que tinha, cravaria meu canivete bem no fundo do seu peito, me certificando de que ele não

sobrevivesse depois disso. Era um pensamento sangrento, eu sabia. Mas céus, como tinha vontade de fazer isso.

Hoje acordei cedo apenas para procurar as coisas de Raphael. Fui em todos os bazares possíveis, orfanatos, e até em asilos, mesmo sabendo que não tinha a menor chance de as coisas dele estarem lá. Tudo sumiu, como se nunca tivesse existido. As únicas coisas materiais do meu irmão com que fiquei foram sua jaqueta — que estou usando agora — e um exemplar do seu livro preferido, *Hamlet*.

Não quero guardá-los no meu quarto, sei que Callum daria um jeito de desaparecer com eles também. Vou dormir com a jaqueta se for necessário e sempre carregar o livro na bolsa, como agora.

Dizer que Callum estava bravo era eufemismo, ele queria me destruir, e finalmente descobriu um meio mais eficaz de fazer isso. Me mantive forte contra ele, como uma parede, sempre permanecendo indiferente aos seus olhares e ameaças. Mas ele conseguiu me desestabilizar com algo que esteve bem debaixo do seu nariz por muitos anos: os pertences do meu irmão.

Outra coisa que não me deixou dormir à noite foi a lembrança das pequenas estátuas que encontrei no estúdio de Callum. Pensei que acharia artes medíocres, que refletissem a falta de talento dele, mas dei de cara com o mais puro terror.

Aquela mulher de cabelos curtos e banhada de tinta vermelha, era Victoria, eu tinha certeza. E o líquido jogado sobre ela era de um escarlate tão profundo e vivo que me perguntei se realmente era tinta.

Agora minha curiosidade para descobrir o que era aquilo que estava coberto por um lençol azul-marinho estava aguçada. Eu sabia que se tratava de uma estátua, tinha visto os pés dela. Mas em comparação às outras, aquela era maior, e aparentemente não estava finalizada. Era isso ou Callum a cobriu para garantir que ninguém a visse de modo algum.

De qualquer forma, todo aquele ambiente mórbido e sombrio me deu calafrios. Tudo ali exalava Callum e não poderia ser mais sufocante; eu realmente fiquei intrigada com a estátua da mulher que se parecia com Victoria. Contudo, tentaria esquecer isso, pois tinha coisas mais importantes a resolver.

Só vim a essa cafeteira porque era a mais próxima do último bazar que fui. Ainda não tinha comido nada, mas a busca me fez perder a fome, e

tudo que eu precisava era tomar um café com leite. Talvez isso aliviasse minha terrível dor de cabeça.

Aproveitei a falta de sono e passei a madrugada pensando e planejando. Eu iria embora deste país. Foda-se a empresa e o império Rodríguez. Já tirei minha parte e sei que meu pai deixou muito mais — como ações e propriedades — para eu receber quando fizesse vinte e um anos.

Queria que Victoria se ferrasse junto com toda essa merda, eu já não dava a mínima. Tudo que eu desejava era sair daquela casa, me libertar desse inferno. E se Victoria não me deu essa liberdade por vontade própria, eu fugirei. Para bem longe.

Aí então ela e seu marido poderão usufruir tudo o que era meu e de Raphael.

Compreendia que Victoria também tinha direito à fortuna, ela era a esposa do meu pai. Mas Rapha e eu somos os filhos de Álvaro Rodríguez, e eu sou sua única herdeira viva. Quem era Victoria na fila do pão?

Sem mim, o império Rodríguez acabaria. Sabe por quê? O útero velho de Victoria não poderia gerar mais filhos.

Levei o copo de café aos meus lábios e suspirei quando o gosto do leite invadiu meu paladar. Eu definitivamente amava isso.

Escutei o sininho da cafeteria tocar e ergui os olhos, vendo Lorenzo fechar a porta. Agora que me decidi e já o usei, não tinha por que continuar esse relacionamento. Eu vou embora, e Lorenzo era uma carga pesada demais para que eu o levasse junto. Além do mais, quem disse que eu queria levá-lo?

Ele me procurou com os olhos e eu fiquei quieta em minha mesa, apenas esperando que ele me encontrasse. Quando ele o fez, ergueu os olhos para mim e sorriu, começando a vir na minha direção.

Seu cabelo loiro escuro estava penteado para trás, com um pouco de gel, e uma corrente de ouro que ele não tinha antes brilhava em seu pescoço. Isso quase me fez revirar os olhos. Idiota, já estava ostentando com a porra do meu dinheiro. Maldita hora que eu disse que ele podia tirar uma parte da grana.

Seria mais fácil se eu tivesse passado a perna nele e o deixasse chupando o dedo. Odiava homens sanguessugas, que tinham preguiça de ganhar seu próprio dinheiro. Lorenzo e Callum eram como putas, e a única

diferença entre eles é que Callum era uma puta desprezível, que merecia a morte.

Lorenzo só era patético mesmo.

— Ei, gata — ele falou assim que chegou à mesa, se inclinando para me dar um beijo.

Lhe dei apenas um selinho demorado, deixando que ele aproveitasse meus lábios uma última vez. Ele merecia, coitado.

Cruzei minhas pernas sob minha bermuda de lycra e segurei o copo de café, enquanto Lorenzo se sentou na cadeira da frente. Logo, logo ele se levantaria de novo.

— Estava com saudades, você não respondeu minhas mensagens de ontem — Ele fez beicinho, esticando a mão para pegar a minha.

Deixando que ele fizesse isso, tomei um gole do meu café.

— Estive ocupada — Encarei o ouro brilhando em seu pescoço. — Corrente legal.

Lorenzo ergueu as sobrancelhas e afastou a mão da minha, um sorriso sem graça se abrindo em seus lábios.

— Obrigado. Quis me mimar um pouco — ele falou, brincando com a joia.

Eu sorri.

— Imagino.

Ele soltou a corrente e me encarou.

— Algum problema, gata? Não gostou — Ele franziu as sobrancelhas, parecendo preocupado, mas eu sabia que ele só estava se fazendo de sonso.

E pelo amor de Deus, para de me chamar dessa maneira ridícula.

— Claro que não, o dinheiro é seu, não é mesmo? — Sorri, levando a xicara aos lábios. *Filho da puta.*

Idiota, eu poderia ter esses quinhentos mil dólares na minha conta. Poderia que essa corrente tinha custado um bom dinheiro, afinal era de ouro puro e parecia pesada. Esse merdinha estava gastando meu dinheiro com coisas inúteis.

— Às vezes tenho a impressão de que você não gostou que eu tenha tirado a minha parte — Ele me olhou, com o que aparentava ser desapontamento.

— Claro que não. — Arregalei levemente os olhos, negando com a cabeça. Sorri, meiga. — Nós fizemos um acordo, por que eu estaria com

raiva?

Desgraçado

Lorenzo descansou as costas na cadeira e relaxou o corpo de maneira desleixada, apoiando as mãos nas coxas.

— Que bom que a gente se entende direitinho — Ele sorriu para mim, antes de erguer a mão para chamar a garçonete. — Você não sabe a sorte que tenho de te ter como namorada.

— Ex.

Ele me olhou, abaixando a mão.

— Disse algo, gata? — Lorenzo perguntou, quando a garçonete chegou. Ele se virou para ela. — Um croissant e um café.

Ela anotou o pedido e avisou que logo o traria, em seguida foi embora.

— Ex-namorada, Lorenzo — repeti, brincando com as pontas duplas do meu cabelo. *Tinha que apará-las.*

Lorenzo riu.

— Não entendi — Notei a contusão em sua voz e olhei para ele.

— Estou terminando com você — expliquei, voltando a atenção para meu cabelo.

Um silêncio se instalou em nossa mesa por breves segundos. Eu com certeza deixei o garoto em choque, mas era melhor dar um fim rápido a isso.

— O quê...? — Lorenzo perguntou, parecendo atordoado.

Afastei minha atenção das pontas do meu cabelo e ergui os olhos para Lorenzo, franzindo o cenho. Ele era idiota? Já devia ter se levantado da mesa, me desejado felicidade e ido embora da cafeteria.

— Eu. Estou. Terminando. Com. Você — falei, pausadamente.

— Eu já entendi, Rylen — ele falou, apoiando as mãos na mesa. — Mas por quê?

Eu dei de ombros, suspirando.

— Não gosto mais de você. E não posso me comportar como um ser humano desprezível e ficar te segurando. Não seria justo.

Lorenzo me encarou por alguns segundos antes de negar com a cabeça.

— Você não pode terminar comigo, Rylen. — Ele agarrou minha mão. — Eu amo você!

Fiz uma careta e puxei minha mão de volta.

— O que é isso, Lorenzo? — perguntei, olhando ao redor. — Fale baixo, não quero ninguém ouvindo seu showzinho.

Ele me ignorou, pegando minha mão novamente.

— Então não termina comigo. Você sabe que eu te amo!

Merda.

— Me solta, Lorenzo — mandei, puxando minha mão com força. Dei de ombros. — A gente já deu o que tinha que dar, não te amo mais. Não é difícil de entender.

Nunca amei.

Seu rosto se transformou em uma carranca de raiva, mandando aquele Lorenzo desesperado para o espaço. Ok, isso foi mais rápido do que eu esperava.

— Engraçado que seu amor acabou dias depois de eu ter conseguido fazer a sua transferência, não é? — Sorrii, venenoso.

Quem falou pra esse idiota usar o cérebro?

— Olha aqui, Lorenzo... — Cruzei meus braços, séria. — Eu não admito que você me acuse de algo que não fiz. O que você está insinuando?

— Que você me usou.

Eu abri a boca e coloquei uma mão no peito, falsamente chocada.

— Você está louco! — Neguei com a cabeça. — Está se ouvindo?

Ele riu, e então deu um soco na mesa, assustando a mim e quem estava ao redor. Os outros clientes cochicharam entre si e eu apertei minhas mãos em punhos. Esse *hijo de puta* estava atraindo atenção demais.

— Você pensa que sou idiota? — questionou, furioso.

— Eu não penso, eu tenho certeza.

Ele franziu o cenho.

— O que você disse?

Eu sorri, e desisti de me fazer de sonsa agora que esse idiota tinha colocado as garras de fora e se lembrado que tinha um órgão na cabeça que ele não usava.

Descruzei meus braços e apoiei as mãos em minhas coxas.

— Você é um idiota do caralho metido a playboyzinho — cuspi, com um sorriso nos lábios, o encarando de cima a baixo. — Você ama curtir o que não pode. Você nem tinha dinheiro antes de me conhecer, nem sabia o que era uma boate de verdade.

Lorenzo apertou as mãos em punhos.

— Não mude de assunto, você me u-...

— Quer mesmo falar de quem usou quem aqui? — o interrompi, arqueando uma sobrancelha. — Você usou meu sobrenome para entrar em lugares aos quais você não pertence. Você encheu a boca pra falar que namorava Ryen Rodríguez, muitas vezes pra comprar as porcarias que você cheira.

— Porcaria essa que eu conseguia pra você! — ele se exaltou.

— Muito obrigada, por sinal — Pisquei o olho para ele.

Ele esticou a mão para me tocar, mas bati nela, a afastando.

— Merda, Ryen. Vamos conversar — pediu.

Eu revirei os olhos.

— Não temos mais nada o que conversar, Lorenzo — eu suspirei, farta. — Terminamos.

Ele abriu a boca para protestar, mas fui rápida em cortá-lo novamente.

— Qual é, Lorenzo. Você ficou com quinhentos mil dólares meus. Eu te usei e você me usou, não tem por que fazer escândalos — Balancei minha mão no ar, entediada.

Deixei o pagamento da minha bebida na mesa e me levantei, vendo a garçonete logo atrás de Lorenzo; ela parecia estar se perguntando se trazia o pedido ou não.

Comecei a andar para longe da mesa, quando Lorenzo agarrou minha mão. *Mas que...*

— Por favor, Ryen... — ele implorou.

Puxei minha mão da dele pela terceira em vinte minutos.

— Adeus, Lorenzo.

Passei pela garçonete, que estava claramente desconfortável, e caminhei para fora da lanchonete, talvez um pouco rápido demais.

Não acreditava na ousadia de Lorenzo, justo agora esse merdinha decidiu que pensa. Ele era patético se pensava que poderia me segurar e me manter em sua mão, nem Victoria conseguia isso. Pensei que seria mais fácil me livrar dele, mas de qualquer forma esse problema já estava resolvido.

Uma mão agarrou meu braço com um tanto de força e eu olhei para trás.

Ou não.

— Cara, você não desiste? — resmunguei, tentando puxar meu braço do seu aperto. — Ou só é burro mesmo?

— A gente não terminou porra nenhuma — rosnou, reforçando seu aperto, enquanto me puxou contra seu corpo. — A gente termina quando eu disser, ouviu?

Franzi o cenho.

— Comeu merda, Lorenzo? — Eu ri, incrédula. — O que te faz pensar isso? — Espalmei minhas mãos em seu peito, tentando empurrá-lo.

— Eu sei muito sobre você, Ryen.

Ergui minhas sobrancelhas, tentando lembrar o que ele sabia sobre mim. O choque me tomou quando me dei conta do que ele estava falando.

Reuni toda a minha força e o empurrei, fazendo ele soltar meu braço. Merda, eu devia ter trazido meu canivete.

— Você quer foder comigo, porra? — Sorri, pondo as mãos na cintura. — Acha que tenho medo de ameaças?

Lorenzo chegou mais perto.

— Você deveria ter... — murmurou, segurando meu queixo. — Você está nas minhas mãos, Ryen.

Se eu dissesse que não estava chocada com Lorenzo, estaria mentindo. Pensei que ele fosse só um idiota que não raciocinava, mas ele estava se mostrando um idiota desprezível que eu estava começando a odiar.

Bati na mão dele, a afastando.

— Por que eu estaria nas suas mãos? — Dei um passo à frente. — Você vai abrir o bico, é isso?

— Eu não quero fazer isso, gata — Ele falou, sorrindo. — Mas se você terminar comigo, vou contar a sua mãe que você a roubou.

Mas que filhinho da puta.

— Aproveita e conta dos quinhentos mil dólares que você também roubou dela — Enrolei meus dedos entre os botões de sua jaqueta.

Ele agarrou minha mão, a afastando dele de maneira brusca.

— Não me teste, porra. Eu posso levar isso para os jornais — ameaçou.

Puxei minha mão da dele e ri. Abracei meu estômago e curvei meu corpo, tentando controlar a risada que não cessava nem por um segundo sequer.

— Qual a graça, caralho? — Lorenzo se enfureceu.

Aos poucos, parei de rir e enxuguei uma lágrima solitária que escorreu por minha bochecha.

— Você acha mesmo... — Eu me recompus. — Que Victoria vai permitir que isso vaze? Sua filha na cadeia arruinaria a imagem da nossa “família exemplar”.

Ela tomaria todo o meu dinheiro de volta e manteria tudo abafado. É assim que ela faz, por isso nunca saí em nenhuma coluna social por fugir da polícia. Na verdade, nem passagem pela polícia eu tenho, sou uma cidadã íntegra graças à corrupção nas delegacias.

Lorenzo se manteve inexpressivo.

— Talvez, mas isso seria um prato cheio para os paparazzis.

— Victoria os compraria antes mesmo de eles pensarem em publicar algo — Eu ri, negando com a cabeça.

Ele travou o maxilar.

— Mas...

— Você ainda não percebeu, Lorenzo? — Ergui seu queixo com meu indicador. — Você não é nada, não passa de um verme perto de mim. Se eu abrir a boca, você vai estar acabado.

Lorenzo engoliu em seco e vi suas mãos se apertarem em punhos.

— Você está ameaçando Ryen Rodríguez, e você não é ninguém perto de mim — Acariciei seu lábio inferior e ele me deu um tapa na mão.

— Isso não vai ficar assim, Ryen! — Ele agarrou minha jaqueta, me chacoalhando. — Você não pode terminar comigo assim, vai pagar por isso!

Sem pensar muito, eu ergui meu joelho direito e chutei a virilha de Lorenzo, o fazendo guinchar de dor. Ele me soltou e se curvou no chão, gemendo.

Me abaixei para ficar da altura de um Lorenzo de joelhos, e agarrei seu couro cabeludo.

— Não toca em mim de novo, ouviu bem? Ou darei suas mãos para o Killer comer — Apertei seus fios, puxando sua cabeça para trás.

Ele pressionou as mãos sobre a virilha, seu rosto contorcido em pura dor.

— Vai se foder! — ele sibilou, antes de cuspir no chão ao meu lado. — Você é a pior vadia que já conheci em toda a minha vida!

Torci sua cabeça para trás e ele grunhiu, algumas pessoas começando a prestar atenção na cena deplorável.

— Isso mesmo, *Lorenzito*... — Dei tapinhas em seu rosto antes de soltar seu cabelo. — Continue pensando assim, e não se esqueça que eu não tenho medo de você.

Me levantei e corrigi a coluna, mantendo uma postura indiferente e bem alinhada.

— Eu juro que isso não vai ficar assim! — O ouvi grunhir, se levantando.

Eu o dispensei com um aceno, guardei as mãos nos bolsos da jaqueta de Rapha — agora minha — e lhe dei as costas, começando a andar para longe de sua presença desprezível.

O filho da puta fingiu ser burro esse tempo todo. Se bem que me ameaçar foi um ato enorme de burrice, até mesmo para Lorenzo.

Me assustei por uns breves segundos, mas como eu disse, foram apenas breves segundos. Tudo que Victoria poderia fazer é tomar o dinheiro de volta e passar tudo para o nome de Callum, como um castigo pela minha rebeldia. Eu realmente não teria que lidar com os jornalistas, não menti quanto a isso.

Mas mesmo que Lorenzo não soubesse, o simples ato de contar a Victoria me causaria um estrago maior do que ter que me resolver com a polícia por roubo.

E mesmo que eu não quisesse admitir, Victoria era imprevisível quando se tratava de me fazer ter cautela.



No caminho para a oficina de Santiago, peguei Killer no *pet shop*. Ele passou toda a manhã lá, sendo cuidado. Além de ele estar precisando disso, esse também foi um plano para que ele não ficasse sozinho em casa com Victoria, e principalmente com Callum. Eu não sabia qual seria seu próximo passo.

O táxi me deixou em frente à oficina de Santiago e eu descii com Killer. Na verdade, não era bem uma oficina, parecia mais com um balcão abandonado que só quem participava de rachas em Monterrey conhecia. E era perto da casa dele.

O dono alugou o espaço para Santiago por um preço que, mesmo com um pouco de dificuldade, ele conseguia pagar. Mas eu sei que a vontade dele era que o lugar fosse realmente seu. Quem quer passar o resto da vida pagando a merda de um aluguel quando se pode ser o dono?

Andei até a oficina, vendo Santiago jogar uma chave de fenda no chão logo quando me aproximei dele, com Killer ao meu lado.

— Porra, Amador! — Ele xingou, de costas para mim. — Eu já mandei você parar de mexer nas minhas ferramentas. Vai pra casa, moleque do caralho!

— Vai se foder, eu fico onde eu quiser! Você não manda em... — Amador que estava perto de uma caixa, parou de falar quando saí de trás de Santiago, me revelando. — Ryen! Killer!

Gritou o menino, soltando a caixa e fazendo as ferramentas se espalharem no chão. Ele correu na minha direção, mas Santiago o agarrou pela gola do moletom preto e surrado.

— Para onde você vai, seu merdinha? — Ele puxou o irmão para trás e o empurrou em direção à caixa. Cruzou os braços. — Pode organizar tudo de novo!

Amador resmungou e se abaixou, reunindo algumas ferramentas. Killer foi na direção deles e cheirou Santiago, recebendo um carinho dele antes de ir na direção do garoto mais novo.

Killer subiu nas costas de Amador, latindo, animado por revê-lo.

— Isso é jeito de tratar uma criança? — Sorri, andando até Santiago com as mãos nos bolsos da minha jaqueta.

Ele olhou em minha direção e arqueou uma sobrancelha grossa.

— Você não é bem um exemplo, não é, *gatita*? — debochou.

Parei ao seu lado e ergui a cabeça para lhe encarar.

— Quem te deixou putinho?

Ele apontou para o irmão, brincando com Killer.

— Como que não fica puto com uma porra dessas por perto? — perguntou, e Amador o olhou feio, jogando a caixa de volta ao lugar dela. — Devagar! — Santiago mandou, indo até a caixa e empurrando o irmão para o lado.

— Você reclama de tudo — Amador o empurrou de volta, mas ele nem saiu do lugar. Ele veio até mim com Killer, resmungando. — Um dia eu vou crescer e te descer a porrada.

Eu sorri, pondo a mão em sua cabeça.

— Eu conheço uns caras, se você quiser eu posso dar um jeito...

— Cala a boca, Ryen! — Santiago ordenou, apontando um dedo na minha direção.

Ergui as mãos em sinal de rendição e sorri de maneira cínica, dando de ombros.

— Só quis ajudar.

— Valeu aí, Ryen — Amador me olhou e bateu no peito. — Mas eu mesmo me resolvo com o Santiago, de homem para homem.

O olhei de cima a baixo.

— Você parece um minitrombadinha — Eu ri.

Era engraçado como Amador queria ser o que não era, um adulto. Ele tinha apenas catorze anos, mas agia como alguém de vinte. Achava divertida a maneira como ele tentava bater de frente com Santiago, sempre conseguindo levar o irmão mais velho ao mais alto nível de estresse.

— Qual é, está me tirando, Ryen? — O menino ergueu o queixo e cruzou os braços.

Eu ri mais uma vez e Santiago acertou um tapa em sua nuca.

— Cala a boca e vai pra casa — ele mandou. — Você está de castigo pela merda que fez.

O rosto de Amador se transformou em uma carranca e ele andou até uma poltrona no canto da oficina, se sentando nela. Killer o seguiu.

— O que ele fez? — perguntei, curiosa.

— Fumou cigarro no colégio e tentou entrar com bebida — resmungou, passando a mão em seu boné preto.

Ergui minhas sobrancelhas e observei Amador, carrancudo, do outro lado da oficina.

— Você fez isso, mini trombadinha?

Uma graça, esse menino.

— Não é da sua conta — Amador rebateu, revirando os olhos antes de mirá-los no irmão. — E nem da conta desse idiota. Não sei por que o colégio ligou pra ele, não tinham motivo para fazer isso.

Santiago passou por mim e andou até ele, com passos rápidos e apressados.

— Eles ligaram para mim porque sabem que sou o responsável por você, seu merdinha do caralho! — Agarrou a gola do moletom do irmão, o levantando da poltrona. — Agora, se você quiser continuar com essas atitudes de merda e ser que nem o nosso pai, o problema é seu. Você já é bem grandinho, sabe o que é certo ou errado.

Vi os olhos de Amador se encherem de lágrimas e ele encarou Santiago, com ódio, seu peito subindo e descendo com violência.

— Eu te odeio! — ele gritou, empurrando o irmão e fazendo com que ele o soltasse.

Então, o garoto passou por mim, se chocando com meu ombro e fugindo para fora da oficina. O assisti correr para longe e olhei para Santiago, que ainda estava de costas para mim e de frente para a poltrona.

Suas mãos estavam ao lado do corpo e o clima tenso. Como se também sentisse isso, Killer veio para perto de mim.

— Crianças, né... — Coloquei as mãos na cintura. — Por isso não quero ser mãe.

Santiago abaixou a cabeça e apoiou as mãos no boné em sua cabeça.

— Merda... — ele murmurou.

— Total — concordei com ele, negando com a cabeça — Palavras pesadas demais para dizer a uma criança. Você não mandou bem.

Santiago se virou para mim, a sobancelha arqueada.

— Caralho, você jura? — questionou, com sarcasmo, um suspiro deixando seus lábios. — Eu não deveria ter dito o lance do nosso pai.

Fiquei calada porque simplesmente não sabia o que dizer, então apenas confirmei com um leve aceno de cabeça. Complicado.

Santiago massageou as têmporas e eu contive a vontade de dizer que Amador mereceu ouvir aquilo. Tudo bem que ele só tinha catorze anos, mas isso não era motivo para ele ser filho da puta com o irmão que dava o sangue para cuidar dele.

Além do mais, sua reação só mostrou que ele sabia que estava errado. Logo, logo eles se resolveriam e fim. Final feliz para todo mundo.

Peguei o elástico que estava em meu pulso e amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo frouxo no alto da cabeça.

— Você terminou com o carro? — perguntei, para quebrar o clima.

— Dei minha palavra, não dei, *chica*? — Ele sorriu

— Talvez eu tenha duvidado um pouco.

Santiago pôs a mão no peito e fez uma expressão exagerada de mágoa.

— Caralho, essa doeu! — Ele assobiou, dando alguns passos para trás.

Soltei uma curta risada e revirei os olhos. Eu definitivamente gostava desse cara.

— Me mostra minha Ferrari — Eu pedi, apoiando minha mão em uma cadeira próxima a mim. — E não se preocupe com o mini

trombadinha, já, já ele esquece.

O sorriso de Santiago se desfez e ele passou as mãos pelo rosto, em um claro gesto de exaustão emocional que eu conhecia muito bem.

— Eu não sei mais o que fazer com o Amador, Ryen — admitiu, cansaço evidente em sua voz. — Ele não quer mais me obedecer, está mais rebelde que o normal.

Retirei minha mão do bolso da jaqueta e cocei minha sobrancelha.

— É só uma fase, todo mundo tem uma dessas na adolescência.

— Você teve, suponho — ele brincou.

Isso quase me fez rir. Santiago ficaria impressionado se soubesse que na idade de Amador, eu era absurdamente meiga e fácil de lidar. Minha fase revoltada começou um pouco tarde demais e por motivos que não queria lembrar.

— Ok, seu irmão é pior que eu nessa idade.

Santiago riu e revirou os olhos, negando com a cabeça. Ele andou alguns passos para longe de mim e puxou uma grande lona de cima da minha Ferrari. Meus olhos se elevaram quando vi minha bebê e sorri.

— Merda, que saudades eu estava sentindo! — Caminhei rapidamente até ela.

Coloquei minhas mãos sobre o capô do carro, não conseguindo segurar o curto sorriso em meus lábios. Não aguentava mais pegar táxi, e foi uma ótima ideia terminar com Lorenzo. Agora eu definitivamente não precisava mais dele.

— Olha, fiz o que eu pude para desamassar o capô — Santiago falou, logo atrás de mim. — Mas não pude fazer muito, o impacto foi grande.

Analisei meu capô e percebi que realmente ainda estava um pouco amassado.

— Não tem problema, ela continuar funcionando do mesmo jeito é o que importa — falei, dando tapinhas no capô.

Não via a hora de entrar nela e sair rodando por aí, como uma louca. Gostava de dirigir tanto quanto precisava de ar para respirar. Era o que me mantinha viva.

— Bom, sobre isso... — ele começou e eu olhei para trás, o vendo acariciar a nuca. — Sua Ferrari não vai durar muito, Ryen. Consegui consertar ela, mas já está muito danificada.

— O quê?

— Uma hora ou outra ela vai dar problema de novo, e nem precisa de outro acidente — ele explicou, cruzando os braços. — Sua Ferrari já durou o que tinha que durar, eu praticamente fiz milagre.

Bufei e olhei para o carro recém-consertado atrás de mim.

— Então vou ter que comprar outra — resumi, voltando meu olhar para Santiago.

— Exatamente — ele assentiu.

— Tanto faz, eu não vou poder levar ela de qualquer jeito — resmunguei, baixinho.

— Como assim? — ele perguntou.

Neguei com a cabeça e cruzei os braços.

— Nada, coisa minha.

Por mais que eu gostasse de Santiago, não queria contar a ele que ele ia embora para bem longe. Eu não sabia o que podia acontecer. Apenas eu podia saber que eu iria sumir desse país, mais ninguém.

Tudo o que eu deixaria para ele era um dinheiro e meu eterno agradecimento, apenas. Sentirei sua falta, é claro. Mas eu me escolheria em primeiro lugar, sempre.

— Já deixei o pagamento na sua conta — falei.

Santiago ergueu as sobrancelhas.

— A gente poderia resolver depois, *chica*.

Eu sorri.

— Sabe que gosto de pagar direitinho.

Santiago andou até mim, até que quase não restasse distância entre nós; eu ergui o rosto para ele. Killer se mexeu ao meu lado.

— Sabe que sempre pode pagar de outro jeito, não é? — Ele sorriu, descendo os olhos para minha boca.

— Você adoraria, não é? — devolvi sua provocação.

As mãos de Santiago desceram para minha cintura e ele me puxou contra seu corpo.

— Você que adoraria provar do pretinho aqui — disse, a boca carnuda pairando sobre a minha. Sorriu de lado. — De novo.

Revirei os olhos e sorri também, o empurrando para longe, com delicadeza.

— Você não presta — Neguei com a cabeça.

Sim. Eu já transei com Santiago e foi bom pra caralho. Mas mesmo que ele fosse quente, eu não o via dessa maneira e nem ele a mim. Esse

safado apenas gostava de ser um galinha e não perdia uma oportunidade de me zoar.

— Elas gostam assim — Ele sacodiu a gola de seu macacão.

Eu ri e bati no capô do meu carro.

— Vou indo nessa, Santiago.

Ele retirou uma chave do bolso do macacão e a jogou para mim.

— Vai nessa, eu deixo — Ele sorriu.

Entrei no carro após abrir a porta para Killer e quase gemi de satisfação ao segurar o volante e sentar no couro macio. Porra, eu amava isso!

Liguei o carro, pondo a cabeça para fora para olhar para Santiago, com toda a sua postura de marrento e os braços cruzados. Eu mentiria se dissesse que não senti uma pequena pontada no peito. Não me arrependia de deixar tudo para trás, mas talvez dizer adeus a esse idiota seria uma das coisas que mais doeria.

— Santi — Eu o chamei.

Ele acenou com o queixo.

— Manda, *chica*.

— Obrigada.

Então, dei a partida e acelerei para longe da oficina, deixando um Santiago confuso e levemente chocado para trás.

Engoli em seco e desci completamente os vidros da Ferrari, deixando o vento entrar, acariciando meu rosto. Eu sentiria falta dele. Muita. Mas o que eu poderia fazer quando meu desejo de sumir daqui era maior que tudo?

Deixar Victoria e Callum para trás era tudo que mais queria. Fodam-se as ações, foda-se tudo. Raphael não está mais vivo, ele não tem como saber o que estava acontecendo aqui ou o que passei todos esses anos.

Após algumas horas vagando pela cidade, achei meu caminho para a mansão. Só mais alguns dias e eu iria embora. *Aguente firme, Ryen.*

Passei pelos portões e o jardineiro abriu a garagem para mim. Coloquei minha Ferrari lá dentro e saí com Killer. Ele latiu alto e eu olhei em sua direção, o vendo correr para mim como um louco. Nunca em minha vida eu iria querer ser perseguida por Killer, ele era extremamente rápido.

Meu cachorro me alcançou e se ergueu nas patas traseiras, quase ficando do meu tamanho.

— Quer brincar, amor? — Sorri, acariciando suas orelhas.

Me afastei um pouco para que ele colocasse as patas dianteiras no chão e agarrei sua coleira, o puxando em direção à mansão.

Abri a enorme porta e adentrei com Killer, que começou a latir, um pouco agitado demais.

— Eu sei, eu sei — Revirei os olhos, sorrindo. — Você não quer entrar.

Killer latiu alto e eu me virei de costas para a escada, me abaixando para ficar do seu tamanho.

— Mais tarde eu brinco lá fora com você, tudo bem? — Acaricieei seu focinho.

Ele rosnou, inquieto. Muito mais inquieto que antes. Ele quase me derrubou sentada no chão, mas fui rápida em reforçar o aperto em sua coleira antes que ele se afastasse de mim e fizesse merda.

— Qual a porra do seu problema, Ki-... — As palavras morreram quando escutei um grande impacto logo atrás de mim.

Killer rosnou alto e me virei aos poucos para ver o que era, sentindo minha respiração falhar com a cena que encontrei. Ao lado da escada, estava uma Victoria desacordada, com uma enorme poça de sangue se formando ao redor de sua cabeça.

Senti os pelos da minha nuca se arrepiarem e olhei para cima, encontrando Callum no topo da escada. Ele cruzou os braços e inclinou a cabeça para o lado, um sorriso se formando em seus lábios.

Sete anos com Callum e Victoria nunca o conheceu de verdade. Ela nunca soube que tinha um assassino ao seu lado.



*“Você diz que está arrependida,
não pensou que eu viraria para você
e diria que é tarde demais para se desculpar”*
Timbaland – Apologize

Ryen Rodríguez

Em choque. Era assim que eu me encontrava neste exato momento.

Não conseguia me mexer e me sentia perdida no atordoamento, não ouvindo nada além de um zumbido absurdamente alto e das batidas altas do meu coração, que bombeava sangue como se fosse parar a qualquer momento.

Killer se mexeu agitado ao meu lado, querendo sair de meu aperto firme em sua coleira. E foi preciso apenas um latido dele para que eu saísse do transe em que estava.

— Victoria! — eu gritei, soltando Killer para correr até ela.

Me ajoelhei ao seu lado e parei minhas mãos antes que eu a tocasse, não sabia o que fazer. Encostar nela não parecia certo e seu semblante estava estranho.

— Ei, ei! — A chamei, vendo o sangue escorrer de sua boca em abundância. Ela nem mesmo se mexia. — Reage, Victoria!

Mesmo que parecesse morta, seu peito ainda estava se mexendo levemente, de uma forma que quase não dava para notar. Mas uma poça de sangue estava se formando debaixo de sua cabeça, e isso era prova suficiente de quão mal ela estava.

— Amor!

Ouvi Callum gritar pela esposa e olhei para ele, o vendo descer as escadas correndo.

Cínico desgraçado. Ele a empurrou, eu tinha certeza disso!

Voltei meus olhos para minha mãe, não sabendo o que fazer com seu corpo quase sem vida no chão. Killer rosnou quando Callum se aproximou, mas eu estava atordoada demais para contê-lo.

Nunca pensei que veria minha mãe nesse estado, mesmo com todas as brigas.

— Eu vou ligar para a ambulância! — Callum gritou, antes de se afastar e chamar as empregadas.

Quando ninguém apareceu, Callum xingou e saiu da sala com seu celular em mãos. Ele parecia estar nervoso e desesperado, mas eu sabia que era só fingimento. Nunca iria me esquecer do sorriso que vi em seu rosto quando olhei para cima e lá estava ele, despreocupado, como se não tivesse acabado de presenciar a esposa caindo escada abaixo.

Com cuidado, passei o braço direito pelo pescoço de Victoria e coloquei sua cabeça em meu colo, me sentando no chão em uma posição mais confortável. A vi tentar respirar, com dificuldade, e finalmente a toquei, mas limitei esse gesto a seu ombro esquerdo.

— Fique calada... — eu mandei, a vendo voltar seus olhos para mim lentamente. — A ambulância já, já vai estar aqui!

Victoria abriu a boca para falar e eu me preparei para pedir, mais uma vez, que ela ficasse quieta. No entanto, o que ela disse a seguir me desarmou completamente.

— Per-... Perdão... — murmurou, com dificuldade, engasgando-se com o próprio sangue.

Cravei minhas unhas nas palmas das minhas mãos, tentando controlar a vontade intrusa de chorar. Killer latiu, mas mantive meus olhos em Victoria.

— Me... me perdoe por tudo. Eu estava errada... — Sua voz não era nada mais que um sopro. — Ryen...

Tranquei minha mandíbula, ignorando a pontada que senti no peito.

— Eu nem sei se deveria estar te segurando assim — mudei de assunto, fazendo menção de devolvê-la ao chão.

Porém o aperto fraco de Victoria em meu pulso me impediu, e ergui meu olhar para o dela, o encontrando atordoado, mas ainda assim, fixo em mim. Eu não queria olhar para ela e ouvir seu pedido de perdão.

Era injusto que ela me pedisse para perdoá-la depois tudo o que passei por culpa dela. Era injusto que ela jogasse esse peso nas minhas costas apenas porque pensava que iria morrer.

— Eu... Eu quero ficar assim. Em seus braços — implorou.

— Não faça isso comigo — Eu neguei com a cabeça, examinando seu rosto. — Você já me destruiu demais, Victoria.

Ela abriu e fechou a boca várias vezes, o rosto contorcido em uma careta de dor. Como se até falar lhe machucasse e exigisse esforço de sua parte.

— Eu não fui uma... boa mãe para você, Ryen...

— Você não foi — eu concordei, sem remorso algum. — Você ajudou Callum a me estragar. Você sempre soube que ele abusava de mim e nunca fez nada a respeito disso.

— E eu vou levar essa culpa para o túmulo comigo — Ela conseguiu falar uma frase completa dessa vez.

Não segurei o bufar sarcástico que escapou dos meus lábios.

— Do que vai adiantar isso agora, Victoria? — perguntei, vendo Killer cheirar a mulher em meus braços.

Ela ergueu a mão para tocar meu rosto, o gesto parecia exigir toda a sua força. Deixei que ela encostasse em minha bochecha com a mão fria e trêmula, enrijecendo sob seu toque.

— Me perdoe, Ryen. Você não sabe o quan-... quanto estou arrependida — Victoria pediu, e mais sangue saiu da sua boca.

O gesto fez com que ela sujasse todo o vestido rosa-claro de gola alta que ela estava usando.

Senti um líquido quente e pegajoso manchando meu antebraço, que estava debaixo de sua nuca, e soube que era o sangue dela. Fora uma queda feia, não podia negar.

Eu a encarei.

— Não duvido que esteja arrependida, mas o estrago já está feito. É tarde demais para pedir perdão.

Era como se minha mãe, a mulher que me deu a vida, não estivesse morrendo em meus braços. Eu deveria ser uma boa filha e atender a seu último pedido?

— Então me chame de mãe. Uma última vez... — Acariciou meu rosto com as pontas dos dedos e eu quase não senti seu toque.

Na verdade, eu queria afastá-lo. Era estranho ter minha própria mãe me fazendo um carinho quando tudo o que ela fez nos últimos anos foi bater em mim e dizer que eu consegui ser uma decepção maior do que Raphael.

— Você não agiu como uma mãe todos esses anos — atirei, simplesmente incapaz de conter meu tom afiado e rancoroso.

Céus, eu me tornei um monstro pior do que ela? Por que eu não conseguia sentir empatia?

Minha mãe sorriu levemente, de modo triste, como se já esperasse por essa resposta. Mas então seu leve sorriso caiu e ela arregalou os olhos.

— Eu... Eu preciso dizer algo sobre Callum. Ele... Ele tem... — Victoria gaguejou, seus olhos começando a perder o foco.

— O que ele tem? — questionei, vendo seus olhos rolarem para parte de trás de sua cabeça, os olhos azuis ficando vazios. — Victoria! Victoria!

Eu vi olhos assim apenas uma vez em toda minha vida. E foi quando estive com o corpo do meu irmão após o acidente.

A porta da sala foi aberta com um estrondo e eu ouvi passos, erguendo o olhar de Victoria, que possivelmente estava morta em meus braços. Vi os paramédicos correrem até nós e gentilmente a retirarem dos meus braços. Killer latiu, totalmente inquieto com a agitação ao seu redor.

Eles a colocaram em cima da maca e andaram rapidamente para fora da mansão, sendo acompanhados por Killer, que foi apenas até a porta. Depois ele voltou para mim e fez círculos ao meu redor, mas tudo o que eu pude fazer foi permanecer sentada no chão, com o sangue da minha mãe sobre mim.

Nenhuma lágrima fora derramada, mesmo que eu já soubesse que ela estava morta. Nenhuma empatia fora sentida, mesmo sabendo que ninguém merecia morrer daquela forma horrível. Eu não a chamei de mamãe ou a perdoei, e seria uma mentirosa se dissesse que me arrependia disso agora.

Eu não sentia nada, era como uma dormência. Victoria e o marido mataram o meu lado que sentia há muito tempo.

Falando no diabo, Callum entrou na sala de estar e Killer prontamente rosnou. Essa foi a deixa para que eu me levantasse e fosse até ele, antes que ele passasse pela porta da sala.

— Eu sei que foi você — acusei.

Como se soubesse que era com ele, Callum se virou na minha direção de maneira lenta e despreocupada. Vestido com uma camisa polo vermelha e calça jeans, ele me encarou.

— Não estou te entendendo — Arqueou uma sobrancelha.

Eu me aproximei lentamente, Killer fazendo o mesmo. Ele estava ao meu lado, como se quisesse me proteger.

O desgraçado à minha frente estava com uma falsa expressão de confusão, fingindo não fazer ideia do que eu estava falando. No entanto seus olhos verdes denunciavam a maldade pura que só eu tive o desprazer de presenciar por longos cinco anos. E agora, Victoria. Que dedicou a vida a ele de maneira patética.

— Não se faça de burro. Você empurrou Victoria lá de cima! — falei, apontando para a escada.

— Está me acusando sem provas, Ryen? — Callum se aproximou de mim, mas parou quando Killer rosnou, dando um passo à frente. — Você viu algo?

Eu apertei minhas mãos em punhos, sentindo uma vontade imensa de causar algum dano permanente a Callum. Um do qual ele iria se lembrar para o resto de sua vida miserável. Killer mordeu seu braço, mas não foi o suficiente, dada a forma como se recuperava bem. Eu precisava de mais sangue dele.

— Você sabe que a matou. E tenho certeza que foi pelo dinheiro — Eu cerrei meus dentes e sorri, mesmo em meio a todo ódio que eu sentia. — Mas você não vai ficar com um único centavo, filho da puta!

Callum riu de forma maliciosa, arrepiando todos os meus pelos em repulsa. Se alguém me perguntasse qual sentimento ou sensação ele me dava, seria esse. Repulsa.

— Ah, querida... — Ele se inclinou lentamente na minha direção, me olhando de cima a baixo. — O dinheiro é o que menos me interessa aqui.

Meu nariz se contorceu em nojo e eu precisei de toda a minha resistência para não vomitar bem ali, no tapete da entrada. Eu odiava quando ele me chamava de querida.

Callum era bonito por fora, mas podre por dentro. E eu preferia morrer a ter suas mãos imundas e assassinas em mim.

Antes que eu o respondesse, um paramédico caminhou em nossa direção, baixando a máscara branca até seu queixo. Eu dei uma última olhada em Callum, sentindo o gosto amargo da negação em minha boca.

— Sinto muito, tentamos reanimá-la... — falou, cheio de pesar.

Callum, que ainda estava olhando para mim e de costas para o paramédico, deixou que o sorriso nojento morresse devagar. Então seus

olhos rapidamente se encheram de lágrimas e elas escorreram por suas bochechas.

Desgraçado.

— Minha esposa morreu? — ele perguntou, me lançando um sorriso breve antes de se virar para o homem.

Assisti o paramédico consolar Callum com um tapinha em seu ombro, acreditando em seu fingimento. Victoria morreu e me deixou sozinha com um monstro que deveria ser unicamente a sina dela.

Eu subestimei Callum ao pensar que ele era só interesseiro, abusador e pedófilo. Ele era um monstro completo, e nada faltava.



O velório de Victoria ocorreu em minha casa no dia seguinte com a presença das poucas pessoas que eram próximas dela e de Callum. Ele não quis fazer um grande evento e eu sabia que era para não atrair suspeitas para ele. O filho da puta disse que ver o rosto da esposa e a notícia de que ela morreu estampados na TV o deixaria ainda mais triste.

Não era como se eu estivesse surpresa com sua cara de pau em um caso como esse, eu já sabia que ele não tinha escrúpulos. Não havia um mísero arrependimento.

Quando ela estava sendo velada na sala, eu subi para meu quarto e fiz minhas malas. Eu não ficaria nem mais um minuto nessa casa. Victoria morreu e nada mais poderia me prender aqui. Não me importava se Callum continuasse morando na mansão, eu odiava cada parede daquele lugar.

Agora estávamos no cemitério, com o céu trancado de nuvens, e um coveiro cavava o túmulo de Victoria. Essa seria sua casa a partir de agora.

Nunca pensei que ela morreria de um jeito tão cruel. Na minha mente, ela ficaria velha, sustentando Callum e alguma mulher mais nova que ele estivesse fodendo.

Olhei para ele, vestido com uma calça de terno preta e uma camisa de botões da mesma cor. Ele estava usando óculos escuros e vez ou outra fungava, dando a entender que queria chorar. Alguém traga um Oscar para este filho da puta, ou ele vai roubar o lugar do Henry Cavill.

Assisti o momento em que o caixão de Victoria foi colocado dentro da cova, e as poucas pessoas que estavam no cemitério se aproximaram e jogaram flores para ela. Até Callum beijou uma rosa vermelha e a arremessou dentro do buraco, se despedindo de sua vítima. Eu quis rir, incrédula. *Os monstros realmente não sentem culpa?*

Terra foi jogada em cima do caixão até que ficasse totalmente coberto, deixando Victoria presa em um buraco escuro. Algumas pessoas afagaram meu ombro para me consolar, antes de se afastarem e começarem a andar; fizeram o mesmo com Callum. Mas eu sequer estava triste, nem mesmo estava feliz.

Me aproximei do túmulo de Victoria, vendo seu nome escrito na lápide. Killer se sentou, sua cabeça caindo para o lado.

— Você fez tanto estardalhaço para que eu não fosse embora, e no final você quem foi... — Revirei os olhos, cruzando os braços por cima do meu vestido preto de manga longa que chegava até metade de minhas coxas.

Escutei um barulho de trovão e olhei para o céu no exato momento em que um pingo de chuva molhou minha bochecha. Não me preocupei em secá-la quando mais pingos caíram e começou a chover por completo.

Voltei minha atenção para o túmulo de Victoria.

— Eu deveria te perdoar para ter uma vida mais tranquila, não é? Para que meu coração fique em paz... — murmurei, como se ela pudesse me ouvir. — Mas eu nunca mais vou poder ter paz na minha vida, e você tem uma parcela de culpa nisso.

A chuva ensopou meu cabelo e minha roupa, mas eu não estava preocupada com isso. Killer latiu.

— Vocês me quebraram, Victoria. E eu juntei os caquinhos, porém nunca mais vou ser a mesma — Eu joguei uma rosa branca em seu túmulo, dando as costas para ele. — Se divirta no inferno, *mamá*.

Victoria podia até ter pedido perdão, mas nada apagaria o estrago que já estava feito. Eu nunca serei capaz de perdoá-la. Viverei com esse rancor pelo resto da minha vida, e pouco me importa se eu perder o resto de minha alma.

Caminhei entre as lápides junto a Killer e saí do cemitério, tirando a chave da minha Ferrari da bolsa. Entrei no carro e dei partida, indo em direção à mansão.

Ao chegar lá, Callum não estava. Provavelmente cansou de bancar a fachada de viúvo triste e foi comer alguma prostituta por aí. Ele com certeza não voltaria hoje.

Killer estava me esperando na porta do meu quarto e latiu para mim, querendo brincar. Mas eu apenas o ignorei quando senti minha cabeça doer. Fechei a porta e o coloquei para dentro. Senti uma leve tontura e me apoiei na porta, balançando minha cabeça. Eu precisava descansar.

Tirei meu vestido molhado e o substituí por uma grande camisa branca e um short rosa folgado. E mesmo que meu cabelo ainda estivesse úmido, apenas fiz uma trança. Em seguida, me joguei na cama e abracei meus travesseiros, deixando que o sono me levasse.



*“Eu sou maior do que o meu corpo
Eu sou mais fria do que esta casa
Eu sou mais cruel que meus demônios
Eu sou maior do que esses ossos”*
Halsey – Control

Ryen Rodriguez

Rapidamente abri meus olhos quando senti um enorme peso em minhas costas, fazendo meu coração parar por um segundo. *Ele* estava em cima de mim.

Saí do meu estado de transe e me debati embaixo de Callum, não pensando em me dar por vencida tão rápido. Se ele queria me estuprar, teria que se esforçar muito mais do que isso. Eu não pretendia me render sem antes lutar, da maneira que eu pudesse.

— Ai, para de se debater! Isso é desconfortável pra caralho.

Minha respiração ficou presa na garganta quando uma voz muito familiar atingiu meus ouvidos; instantaneamente parei de agitar meu corpo. Não... não poderia ser.

Vagarosamente virei minha cabeça para o lado, encontrando fios pretos cobrindo um rosto que achei que nunca mais veria em toda a minha vida.

— Raphael...? — Seu nome escapou dos meus lábios como um murmúrio inaudível.

Rapha olhou em minha direção.

— Por que está me olhando assim? — ele perguntou, sorrindo. — Parece que viu um fantasma, *hermanita*.

O sorriso. Eu senti tanta falta dele. O que estava acontecendo?

— Já estava na hora de acordar — Raphael continuou, se levantando de cima de mim para sentar-se ao meu lado. — Se arrume logo antes que Kellan chegue e fique putinho por ter que esperar.

Finalmente soltei a respiração presa em minha garganta e me sentei rapidamente na cama. Rastejei até a cabeceira e me encolhi, tentando manter distância. Estava assustada e com medo.

E como não ficaria, vendo meu irmão morto bem diante dos meus olhos?

— O que está acontecendo? O que você está fazendo aqui? — questionei, com medo da resposta.

Raphael afastou o cabelo que caiu em seus olhos castanhos e me encarou como se eu fosse louca. Bom, talvez eu realmente estivesse maluca e tudo isso fosse uma alucinação.

— Te acordando. O que mais seria? — Ele franziu cenho, confuso. — Por que você está me olhando com essa porra de olhar?

— Porque você está morto!

As palavras escaparam da minha boca antes que eu pudesse contê-las. E infelizmente, para o meu completo pesadelo, eu não falei nada além de verdades. Mesmo que fossem dolorosas.

Engoli o bolo que estava se formando em minha garganta, sentindo meu peito subir e descer.

— Você morreu a cinco anos atrás! Não tem como você estar aqui! — eu apontei para ele, tremendo.

Rapha me encarou por alguns segundos, antes de começar a rir. Aquela risada rouca e gostosa que só ele tinha. Aquela risada que eu nunca mais escutei e cuja ausência fez meus dias tristes e nublados. Foi como nunca mais ver o sol.

— Qual é a graça? — questionei, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

Ele parecia tão real. Estava com a mesma aparência de cinco anos atrás, não mudou em nada.

— Acho que você teve um pesadelo — Rapha disse, rastejando até mim.

Me encolhi ainda mais contra a cabeceira e me preparava pra correr quando ele me abraçou, e foi como se meu mundo inteiro desabasse bem diante de mim. Uma sensação familiar me invadiu e eu arregalei os olhos

quando senti o corpo magro, mas ainda assim forte, de Raphael cobrir o meu.

Ele tinha o mesmo cheiro. Cheiro de lar. *Meu lar*.

Um soluço irrompeu do meu peito e com as mãos trêmulas me permiti abraçar a cintura nua do meu irmão e enfiar o rosto na curva de seu ombro. Chorei mais forte, e pela primeira vez em cinco anos, me senti protegida e em paz. Uma de suas mãos fez um carinho em minhas costas e a outra em meu cabelo, me tranquilizando.

— Xiu... não precisa chorar, minha Atlantis... — ele murmurou em meu ouvido, sua voz mansa e carinhosa, enquanto me abraçava mais forte. — Foi só um pesadelo.

Neguei com a cabeça e o choro compulsivo me tomou com ainda mais força.

— Você morreu! — Intensifiquei meu aperto em sua cintura, temendo que ele sumisse novamente.

— Estou aqui na sua frente, não estou?

Afastei meu rosto de seu ombro e balancei a cabeça, me negando a acreditar naquilo.

— Eu sei que não é real... — Apertei seus ombros. — Eu sei que você está morto, Raphael. Não tente me enganar!

Raphael segurou meu rosto em suas mãos e encarou cada pedacinho dele. Eu fiz o mesmo com ele, tentando encontrar alguma prova de que tudo aquilo não passava de uma alucinação.

Um sorriso triste curvou os lábios do meu irmão.

— Você sempre foi tão esperta, Ryen... — Ele acariciou minhas bochechas. — Eu venho te observando esse tempo todo. Você cresceu tanto, como posso ter sido um idiota do caralho e acreditado que você cairia nisso?

Envolvi o pescoço do meu irmão com meus braços e um soluço esganiçado escapou quando voltei a abraçá-lo.

— Por que isso não pode ser real, Rapha? — perguntei, entre lágrimas. *Tudo era tão injusto*. — Por que você não pode estar vivo?

Rapha me afastou com delicadeza e voltou a segurar meu rosto.

— É assim que a vida é, *hermanita* — Ele limpou as lágrimas debaixo dos meus olhos, sorrindo. — Você tem que ser forte.

Tirei suas mãos do meu rosto e as afastei, saindo da cama com um pulo. Andei até o meio do meu quarto, antes de parar e olhar para o meu

irmão.

Não é como se eu não estivesse tentando lutar todos esses anos. Passei por merdas que ele nem poderia imaginar. Eu não aguentava mais.

— Por quanto tempo mais eu vou ter que continuar sendo forte? — Deixei minhas mãos caírem ao lado do meu corpo. — Callum e Victoria sugaram toda a minha vontade de viver. Você tem ideia do inferno que tenho vivido desde que você morreu?

Meu irmão se levantou da cama, dando um passo em minha direção.

— Ryen... — eu o interrompi.

— Eu estou exausta, Raphael... — Passei as mãos pelo meu cabelo antes de apontar o dedo para ele. — Você disse que sempre estaria ali para mim. Mas onde você estava todos esses anos? Na porra de um caixão, sete palmos abaixo da terra! Você me deixou sozinha nesse inferno!

Ele andou até mim e ficou à dois passos de distância, seu rosto contorcido de raiva. Raiva direcionada a *mim*.

— Pare de ser uma cadela egoísta, caralho! — mandou, entre dentes, e eu arregalei os olhos. Ele sorriu, ácido e sem muita vontade. — Você acha que foi escolha minha deixar você aqui sozinha com Victoria e aquele filho da puta? Você acha que eu escolhi morrer?

Suas palavras me atingiram com força total e eu me calei. Sabia que estava errada. Ele realmente não tinha culpa de ter morrido. E eu realmente estava sendo uma cadela egoísta por culpá-lo.

— Victoria... Victoria morreu. Eu não tenho mais ninguém... — Abracei meu próprio corpo, minha voz saindo quebrada. — Me perdoa, Rapha. Eu apenas sinto a sua falta. Você era a minha luz, agora não passo de uma nojenta em que Callum pôs as mãos.

Raphael soltou um grunhido e me abraçou, sua mão direita indo para a minha nuca, e meu rosto enterrado em seu peito.

— Não fala essa merda de novo, Ryen. Nunca mais — ele pediu, me abraçando mais forte, enquanto plantou um beijo em minha testa. — Você não é nojenta. Você sempre vai ser a única parte pura que eu tinha na minha vida.

— Eu não quero viver em um mundo onde você não esteja — Neguei com a cabeça.

Ele me afastou pelos ombros.

— Você tem que viver, escutou? — Raphael me chacoalhou, antes de segurar meu rosto nas mãos. — Você não pode deixar aquele filha da

puta do Callum te quebrar. Você é mais forte do que tudo, eu não te ensinei a ser fraca, Ryen!

— Eu estou farta dis-...

— Você é forte ou fraca? — ele me cortou, olhando bem no fundo dos meus olhos.

— Rapha...

— Forte ou fraca, porra? — perguntou de novo, e dessa vez não tive mais como fugir.

Olhei nos olhos dele.

— Sou a força que eles não conseguem ir contra.

Ele fez um carinho em minha bochecha, parecendo orgulhoso.

— Boa garota — Rapha sorriu de lado. — Você me prometeu que andaria pelo fogo pra salvar sua própria vida, que sempre se colocaria em primeiro lugar, lembra?

A vontade de chorar voltou com toda força, mas dessa vez eu a segurei e apenas assenti.

— Você é minha irmã. Você não pede nada, você toma. Me ouviu?

— Sim... — sussurrei.

— Viva por você mesma, Ryen. Viva por si mesma o tanto que eu viveria por você — Ele encostou a testa na minha.

Fechei meus olhos porque encarar os dele era doloroso demais. Doía pra cacete saber que assim que eu despertasse do meu sono, ele desapareceria como fumaça.

— Mas vem sendo tão difícil. Me sinto sozinha... — murmurei, sentindo uma lágrima escorrer.

— Eu te prometo que vai melhorar, mas você não pode desistir. Alguma vez já menti pra você?

Abri meus olhos, inclinando minha cabeça para trás para encará-lo melhor.

— Já — Assenti com a cabeça. — Naquela vez que você comeu meu chocolate e falou para mim que tinha jogado fora porque tinha derretido.

Rapha revirou os olhos e sorriu, fazendo o piercing em seu lábio brilhar.

— Palhaça — Ele deu um peteleco em minha testa.

Dei um sorriso e o abracei novamente.

Eu poderia ficar assim o resto de minha vida, senti tanta saudade de Raphael. Do seu cheiro, do seu sorriso, e principalmente do seu abraço forte. Eu daria qualquer coisa para que ele tivesse continuado vivo.

— Ryen?

— Hum? — perguntei, ainda de olhos fechados.

— Você precisa acordar — ordenou, me tirando de perto dele. — Agora!

Franzi o cenho.

— O quê? Por quê? Eu quero continuar assim — Tentei abraçá-lo novamente, mas ele se afastou.

Rapha negou com a cabeça.

— Você não me entendeu... — falou, parecendo desesperado. — Acorda agora, Ryen! Você precisa acordar!

— Eu não quero! — Tentei agarrar o braço dele, mas meus dedos passaram direto, como se ele fosse fumaça. — Rapha, o que está acontecendo? — perguntei, quando tentei tocá-lo de novo e não consegui.

Meu irmão apenas sorriu largamente, mas não senti como se ele estivesse feliz.

— Se lembre que eu amo você, *hermanita* — murmurou, com tanto carinho na voz, que senti meu coração se partir. *Mais uma vez.*

Tentei me aproximar de Raphael, mas agora parecia que ele estava cada vez mais longe. Dei outro passo à frente, mas não era o bastante. Ele continuou se afastando, com um sorriso de lado, como se não estivesse me deixando para trás novamente. Como se não estivesse me deixando sozinha mais uma vez.

— Por favor, não vai embora! — Eu corri na direção dele, à medida que ele se distanciava de mim. — Não me deixa aqui sozinha de novo!

Parece que eu nem saí do lugar; minhas pernas estavam pesadas e não consegui alcançá-lo.

Raphael continuou sorrindo, não parecia sentir a mesma angústia que eu estava sentindo naquele momento.

— Lute — ele mandou, sua voz se afastando gradualmente.

— Não vai embora, por favor! — Tentei correr, mas dessa vez minhas pernas nem se mexiam.

As arranhei e esmurrei para que saíssem do lugar, estava desesperada para alcançar meu irmão. No entanto, era como bater em duas paredes que não reagiam.

— Rapha!

Ele sorriu uma última vez antes de me dar as costas e começar a caminhar para longe de mim. Abriu a porta do meu quarto e então passou por ela; não voltou a fechá-la.

Chorei alto, gritando seu nome e sentindo minha garganta doer pelo esforço. Aquele vazio que me invadiu depois da morte dele voltou com força total. Talvez fosse ainda maior, por causa da ilusão de achar que ele estava vivo e que eu ainda estava com quinze anos, os dois esperando Kellan chegar em nossa casa e nos levar ao colégio em seu carro.

Sim, doía mais agora.

— Raphael! — gritei novamente, mesmo sabendo que ele já tinha ido embora. *De novo.*

Senti meu corpo solavancar e meus olhos se abrirem, pesados. A primeira coisa que encontrei foi o teto do meu quarto, que ainda possuía as estrelas que coleí quando tinha dezesseis anos. Eu queria que ele lembrasse meu antigo quarto.

Com o peito doendo após sonhar com Rapha, fiz menção de me virar para o lado. Foi quando me dei conta do peso que estava em cima de mim. Olhei para baixo, encontrando os olhos do próprio diabo me encarando.

Callum estava entre minhas pernas, e minha camisa tinha sido erguida na altura da minha barriga, revelando minha calcinha. Ele havia tirado meu short e eu nem mesmo senti.

— Pensei que não fosse acordar nunca — murmurou, beijando o centro do meu estômago. Ele sorriu de lado. — Já estava ficando decepcionado, querida.

Levei dois segundos para entender o que estava acontecendo, e quando senti os familiares arrepios de repulsa, eu reagi no mesmo instante.

— Sai de cima de mim! — gritei, tentando empurrá-lo pelos ombros.

Ele riu e nem mesmo saiu do lugar, era como se meu esforço não passasse de um grande nada. Ele se colocou ainda mais sobre mim, seu corpo grande cobrindo totalmente o meu, me deixando sufocada.

— Sair de cima de você? — Ele inclinou a cabeça para o lado, sua mão serpenteando para minha bunda nua. — Logo agora que te tenho onde sempre quis? Vou ter que recusar.

O nojo subiu por mim e dei um tapa em seu rosto, depositando toda minha força nisso. Em seguida, fui devota em esmurrá-lo infinitas vezes.

— Se afasta de mim, seu monstro!

Tentei chutá-lo também, mas seu corpo entre minhas pernas me impediu, me deixando imobilizada. Ele era tão pesado que eu mal conseguia respirar, estava totalmente à sua mercê.

Como Callum entrou no meu quarto? Eu tinha certeza de que tranquei a... *não*. Eu não tinha certeza de que tranquei a porta.

Callum segurou meus pulsos e os empurrou na cama, cada um de um lado da minha cabeça, me dominando. Killer não estava no quarto, o que queria dizer que, de algum modo, ele conseguiu colocar meu cachorro do lado de fora.

— Para de escândalo, você está atrapalhando minha concentração! Como vou te esculpir se você não colabora com a minha inspiração? — ele gritou, reforçando o aperto em meus pulsos quando tentei soltá-los. *Me esculpir?* — Eu fiz tudo pra te ter aqui, desse jeito, não faz ceninha agora, porra!

Me contorci sobre seu domínio.

— Vai se foder! Eu mandei me soltar, seu doente! — vociferei, sentindo minha garganta doer.

Sorrindo, ele desceu os olhos pelo meu corpo, parando na região entre minhas pernas. Me senti tão suja...

— Te soltar? — Ele riu. — Considerando o modo como você está vestida, parece até que já estava esperando por mim — murmurou, abaixando o rosto para o meu pescoço, aspirando meu cheiro. — Você é tão perfeita que ainda me pergunto como consegui te esculpir, mesmo que ainda não tenha terminado. Por que você teve que crescer? Estragou tudo.

Ele me esculpiu? Deus, quão assustador isso era?

Antes que eu conseguisse dizer algo, Callum lançou seus lábios contra os meus, e foi nesse momento que eu senti o verdadeiro desespero começar a tomar conta de mim.

Sua língua invadiu minha boca e a vasculhou por completo, enquanto sua virilha foi pressionada entre minhas pernas, se forçando contra mim. Ele violentou minha boca com brutalidade e selvageria, parecendo faminto e desesperado. Callum gemeu em minha boca ao mesmo tempo que forçou o pau novamente; lágrimas começaram a rolar por minhas bochechas.

Mordi sua língua, sentindo o gosto metálico de sangue invadir meu paladar. Callum se afastou de mim com um grunhido de dor e soltou um dos meus pulsos para tocar em seu ferimento, manchando os dedos de sangue.

Seus olhos se voltaram para mim, parecendo tão violentos quanto o dono deles.

— Sua puta desgraçada! — esbravejou, dando um tapa em meu rosto e fazendo minha cabeça virar para a direita tamanha a força. Ele segurou meu queixo. — Para de lutar e aceita que você é minha!

— Eu prefiro que você me mate! — gritei de volta, arranhando o antebraço da mão que segurou meu rosto. Puxei os cabelos de sua nuca. — Eu nunca vou ser sua, seu filho da puta!

Callum agarrou minha mão e voltou a prendê-la na cama. Ele riu, seus lábios manchados de sangue.

— É isso que vamos ver.

Ele enfiou o rosto em meu pescoço, começando a plantar beijos por toda a extensão da minha pele. Beijos molhados e repulsivos que me enchiam de nojo e vontade de vomitar.

Eu não conseguia mexer minhas mãos ou minhas pernas. Estava perdida como nunca estive antes.

— Killer! — chamei meu cachorro, o único que poderia me salvar agora.

— Grite por ele o quanto quiser, a porta está trancada — Callum sussurrou contra meu pescoço, o lambendo. — Vou acabar com ele assim que terminar de me divertir com você, querida.

Tudo o que pude fazer foi me contorcer em repulsa e tentar me afastar de sua língua nojenta.

— Não! — Eu chorei mais forte. — Killer!

Escutei um latido seguido por um rosnado, e depois, um baque forte na porta. Killer estava se lançando contra ela, tinha vindo atender ao meu pedido de socorro. Mas era inútil, dadas as circunstâncias.

— Me solta, Callum! — eu mandei, lágrimas rolando por minhas bochechas, lágrimas de raiva. — Eu vou matar você!

Callum riu da minha promessa como se eu tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo todo, e apertou um dos meus seios sem gentileza, me machucando.

— Suas ameaças só estão me deixando ainda mais duro. Seu cabelo é tão longo e cheiroso, eu o adoro... — gemeu, forçando o pau contra mim

novamente, enquanto aspirava o aroma de morango em meus fios. — Porra, querida. Você é a obra de arte perfeita, então vamos fazer isso sem pressa, ok?

Nojo. Eu sentia apenas isso.

Não satisfeito, Callum desceu uma das mãos por minha barriga e adentrou minha calcinha. Arregalei os olhos quando ele deslizou os dedos por minhas dobras; eu quis morrer naquele instante. *Eu era nojenta e suja.*

Se ele me estuprar, estarei suja para sempre. Ele vai estar por todo o meu corpo pelo resto da minha vida. Cravado em minha alma. Killer continuava latindo lá fora e eu não achava que ele seria capaz de entrar. Callum conseguiria o que tanto queria, não importava quanto eu lutasse. Tudo o que me restava era aceitar o pior.

Não. Ainda tinha uma coisa que eu poderia fazer. O meu canivete... ele estava debaixo do meu travesseiro.

Com minha mão que estava livre, eu procurei pelo objeto, aproveitando o fato de Callum estar muito ocupado com meu corpo. Fechei meus dedos ao redor do canivete e o estirei para fora.

— Finalmente aceitou que não tem como lu-... — Não pensei muito quando ergui a arma e golpeei a primeira coisa que encontrei.

O canivete passou pelo olho esquerdo de Callum, mas não chegou a perfurá-lo, já que ele conseguiu afastar a cabeça a tempo. No entanto, consegui rasgar de sua sobrancelha até abaixo dos seus olhos, e o corte parecia profundo.

Callum gritou e me soltou, pondo as mãos no olho para estancar o sangue.

— Sua puta! — ele rosnou, caindo para o lado.

Aproveitei esse momento para pular da cama e correr até a porta. Contudo, antes que eu a alcançasse, Callum agarrou meu cabelo e me puxou para trás com tanta força que minhas costas colidiram contra o chão em um baque alto.

— Onde você pensa que vai, sua cadela?

Tentei me levantar, mas ele chutou meu estômago, fazendo com que eu gemesse de dor e me curvasse.

Ele se abaixou e agarrou meus tornozelos, abrindo minhas pernas para mais uma vez se enfiar entre elas. Não, dessa vez eu não permitiria que ele me tocasse.

O monstro enfiou o rosto em meu pescoço, o sangue de seu olho sujando meu corpo. Mas ele não se importou com o quanto isso era nojento quando mordeu a minha pele com força, como se quisesse arrancar um pedaço de mim. Não quis pensar quando ergui a mão com o canivete e atingi a lateral esquerda da curva entre seu ombro e seu pescoço.

Seus dentes rapidamente soltaram a minha carne e eu o ouvi engasgar, surpreso. Porém não me importei quando gritei e esfaqueei seu pescoço mais uma vez. Fiz isso uma, duas, três. Quatro vezes, até Callum cair sobre mim e seu enorme corpo ficar imóvel sobre o meu.

Trêmula, empurrei o corpo de Callum para o lado e me assustei com a facilidade com a qual ele caiu. Gritei quando vi a enorme poça de sangue se formando abaixo do pescoço dele e rastejei até a porta, me encolhendo contra ela.

Vi os olhos de Callum fechados, e com os meus arregalados, olhei para meu canivete sujo de sangue. *Eu... Eu o matei. Matei Callum.*

Ouvi um latido alto e raivoso, e mesmo que Killer estivesse do outro lado da porta, pareceu muito mais distante quando escutei um zumbido. Foi como se eu estivesse me desconectando do resto mundo.

De repente, o canivete ficou pesado demais e eu o deixei cair ao meu lado, trazendo minhas pernas de encontro ao peito. Tentei puxar o ar quando ele começou a me faltar, mas parecia algo impossível. Passei os dedos por meus cabelos desgrenhados, os agarrando, quando o zumbido se tornou ainda mais alto e os latidos de Killer já não existiam.

Encarei o corpo imóvel de Callum e engoli em seco. Eu o matei. Matei uma pessoa.

Não. Eu matei um *monstro*. Estava apenas me defendendo.

Apanhei meu canivete e me levantei aos poucos, forçando minhas pernas a se mexerem. Caminhei aos tropeços até o meu banheiro e me apoiei na pia de mármore, tomando um susto quando me vi repleta de sangue. Por meu rosto, meu colo. Minha camisa branca. Uma mordida também estava visível no meu pescoço, tão vermelha que deixou claro que Callum não poupou força. A toquei, com a mão trêmula.

Eu estava apenas me defendendo. Era ele ou eu.

Precisava fugir daqui, não demoraria muito para que descobrissem que eu o matei.

Apoiei meu canivete na pia e tirei minha camisa, começando a limpar o sangue de Callum com o tecido o mais rápido que consegui.

Um grunhido de raiva saiu dos meus lábios quando limpei o sangue da minha mordida e a esfreguei com ainda mais força. Demorei demais para reagir, foi minha culpa. Ele não teria me tocado tanto se eu tivesse sido mais esperta.

Joguei a camisa no chão após me limpar com água, peguei meu canivete — que agora também estava limpo — e saí do banheiro. Tentei ignorar o corpo de Callum o máximo que consegui, para não ter outro ataque de pânico, e andei até meu closet. Peguei a primeira calça jeans preta que encontrei e a vesti, fazendo o mesmo em seguida com um moletom azul-marinho; coloquei uma regata branca por dentro. Calcei um coturno e amarrei meu cabelo em um coque, alguns fios escaparam, mas cobri tudo com um boné preto.

Peguei as malas que arrumei durante o velório de Victoria e enfiei o canivete e o livro de *Hamlet* em uma delas, a fechando novamente. As arrastei para fora do closet, ignorando Callum, fui até minha cômoda e peguei a chave do meu carro, meus documentos e o passaporte.

Puxei a mala e andei em direção à porta, passando o mais longe possível de Callum. Sentia que se eu permanecesse mais alguns segundos naquele cômodo, me jogaria pela varanda.

Destranquei a porta do meu quarto e não resisti à vontade de olhar para trás e ver o corpo do meu pior pesadelo estirado no chão. Eu disse tantas vezes que o mataria, que agora que isso realmente aconteceu, parecia irreal.

Eu sempre achei que estaria longe do México antes que uma tragédia como essa acontecesse; nunca passou pela minha cabeça que eu, de fato, acabaria com a vida de Callum. E ele com a de Victoria. Mas se eu não tivesse reagido, teria sido estuprada violentamente e em seguida me mataria, por não aguentar ser tocada por esse monstro.

Abri a porta e um Killer furioso passou por mim e correu na direção de Callum. Antes que ele chegasse até o corpo do meu padrasto, usei toda minha força para segurá-lo pela coleira e o arrastei para fora.

— Vamos, Killer! — eu o chamei, andando pelo corredor enquanto puxava ele e as malas com dificuldade. — Não temos tempo. Por favor, esqueça ele. Acabou!

Quando chegamos à escada, soltei Killer e desci os degraus com dificuldade — devido ao peso das malas, mas ainda assim, o mais rápido

que consegui. Killer, que parecia mais calmo, começou a correr ao meu lado, e então eu parti em direção à enorme porta da sala.

Não me preocupei em fechá-la, meu desespero para sair daquele lugar era maior do que qualquer coisa. Corri até minha Ferrari, que deixei do lado de fora da garagem, e a destravei, pondo as bagagens no porta-malas e abrindo a porta do passageiro para que Killer pulasse no banco. Dei a volta no carro e o liguei assim que entrei, apertando um dos botões em minha chave para fazer os enormes portões da casa se abrirem.

Dirigi para longe da mansão o mais rápido que consegui, meu coração acelerado. Olhei pelo retrovisor, vendo o local que poderia ser considerado o meu inferno particular por longos cinco anos, e passei a mão por meu rosto, sentindo as lágrimas secas em minhas bochechas.

Eu tinha que fugir do México ou então estaria perdida. Seria presa por assassinato e ninguém iria acreditar que eu apenas estava me defendendo. Callum não iria me deixar em paz nem depois de morto, eu tinha certeza disso.

Graças ao nome da minha família, amanhã mesmo — quando acharem o corpo de Callum no meu quarto — minha foto estará estampada em todos os jornais e sites de notícias como a principal suspeita do crime. Por eu estar desaparecida, vão começar a me caçar, e eu não quero estar aqui quando isso acontecer.

Não me renderia assim.

Puxei meu celular do bolso da calça e vi que faltava exatamente um minuto para às quatro da manhã. Eu tinha poucas horas até que os empregados da casa chegassem e encontrassem Callum.

Deixei o celular cair em meu colo e bati no volante, sentindo uma nova onda de lágrimas me invadir. O que eu vou fazer da minha vida agora? Será que eu deveria ter deixado Callum me estuprar e fugido no dia seguinte? Aí eu não deveria nada a ninguém. Que é meio o que eu faço agora. Tenho que prestar contas à polícia por assassinato e fuga.

Não. Eu só vou dever satisfação à polícia se eles me encontrarem, fora isso, eu nunca matei ninguém. Callum mereceu.

Eu só me defendi.

Callum mereceu.

Eu só me defendi.

Callum mereceu.

Ele era um demônio e eu só o mandei de volta para o inferno.

Não importava que eu tivesse matado ele, eu só iria continuar repetindo essas frases para mim mesma, eu precisava retomar o controle da minha mente a todo custo.

Estacionei no lado direito da ponte pela qual estava passando, tirei meu cartão de memória do celular e saí do carro com ele. Ergui a mão direita e, com toda a força que eu tinha, joguei o celular o mais longe que pude, para que ele caísse na água e afundasse com todas as minhas informações. O vi sumir levando todos os meus contatos, mesmo que não fossem muitos. Eu só precisava do cartão de memória que continha minhas fotos e as do meu irmão.

Killer latiu, e essa foi a minha deixa para voltar pro carro e continuar a dirigir em direção ao aeroporto. Meu cachorro pôs o focinho para fora da janela e eu engoli em seco pensando na hipótese de me afastarem dele. Killer era tudo o que tinha agora, não poderia perdê-lo como perdi a todos.

Enxuguei minhas lágrimas e após mais alguns minutos dirigindo finalmente cheguei ao imenso aeroporto. Estacionei em uma das vagas disponíveis e saí do carro, deixando a porta aberta para Killer fazer o mesmo. Tirei minha mala e não me importei em deixar a chave dentro da Ferrari. Era a última vez que eu andava no meu carro.

Eu não poderia levá-lo comigo, e mesmo que me doesse muito, teria que abandoná-lo. Aquela era a minha primeira Ferrari e eu tinha apego emocional a ela, mas por culpa do que eu fiz, teria que me esquecer dessa parte da minha vida.

Arrastei as bagagens na direção da entrada do aeroporto e olhei para trás, conferindo se Killer estava me acompanhando. Algumas pessoas se afastaram quando ele passou por elas, assustadas com seu porte. Ele deveria estar com um guia e uma focinheira, mas eu não pensei em pegá-los. E de qualquer forma eu sabia que Killer nunca atacaria alguém sem motivo.

Analisei o aeroporto à procura de uma fila que não estivesse muito cheia e quase morri de alívio quando encontrei uma que só continha duas pessoas aguardando atendimento.

— Vem, Killer. Por aqui... — eu o chamei, indo na direção do balcão.

Killer ficou desconfiado, ao meu lado, as orelhas em pé e os olhos ligados, prontos para detectar qualquer um que pudesse me fazer mal. Ele

aguardou calmamente comigo na fila até que chegou a nossa vez e eu tirei meus documentos do bolso.

— Olá! — a mulher falou por trás do vidro, pegando meus documentos pela abertura.

— Olá — respondi, mantendo minha cabeça baixa.

— Em que posso ajudar? — perguntou, conferindo minha identidade e o passaporte.

Olhei para Killer e apoiei minha mão em sua cabeça, recebendo uma lambida.

Essa mulher poderia me ajudar em tantas coisas. Como me fazendo voltar no tempo para que eu tivesse fugido de casa antes mesmo de Victoria morrer — foi depois de sua morte que minha vida desandou ainda mais. Mas a verdade é que nesse momento eu estava desesperada apenas por uma única ajuda.

Retirei meu cartão de crédito do bolso da minha calça e o estendi para ela.

— Uma passagem no próximo voo para Miami, por favor.

16

*“Onde está minha mente?
Talvez esteja na sarjeta, onde eu deixei meu amor
Meu V é de Vingança, pensei que eu ia me sentir melhor
Mas agora estou com dor de cabeça”*
Billie Eilish – Bellyache

Ryen Rodríguez

Do céu, admirei a vista de Miami logo abaixo. Eu não acreditava que estava aqui outra vez.

Um misto de medo e ansiedade preenchia meu peito e confesso que esses sentimentos estavam lutando para decidir quem me dominaria primeiro. Contudo, admito que a ansiedade sempre vai me controlar na maioria das situações da minha vida.

Eu não sei o porquê de eu ter escolhido Miami dentre tantos lugares. Antes do crime que cometi de madrugada, eu não ia voltar para Miami. Pretendia ir para outro lugar e viver em paz, longe de Callum. Mas eu estava tão desesperada para fugir do México que essa foi a primeira opção que passou pela minha cabeça.

Tudo bem que Miami seria o primeiro lugar onde a polícia me procuraria. No entanto, eles não me achariam aqui se ninguém soubesse que eu estava de volta. E eu duvidava muito que alguma pessoa me reconheceria depois desses cinco anos porque eu mudei muito, estilo e físico. Eu definitivamente não era mais a mesma.

Perdi minhas bochechas cheinhas. Agora eu era mais magra e mais alta, se comparada a Ryen de quinze anos. Mas ainda assim meus quadris largos e minha bunda grande se recusavam a sumir.

E, bom, eu não pensava em morar perto de onde eu vivia anos atrás, seria muita burrice. Se bem que ter voltado para Miami foi, por si só, uma

idiotice nível *hard*. E eu com certeza ainda iria arrepender muito disso.

Eu tinha que evitar os conhecidos daqui o máximo que pudesse. Um em especial. Não queria ter que lidar com ele, se bem que eu tinha certeza de que ele não daria a mínima para o fato de eu ter voltado. Ele nunca se importou comigo, e só nos falávamos porque meu irmão era amigo dele. Não era como se eu quisesse sua atenção, em primeiro lugar.

Como eu disse, só precisava evitar certas pessoas e tudo ficaria bem. Porra, estava repetindo essa merda para mim mesma desde que embarquei. Era como uma espécie de conforto ilusório que eu tentava dar a mim para que eu não entrasse em colapso.

Parecia que eu estava vivendo um pesadelo pior do que o de antes. Não, nenhum pesadelo poderia ser pior do que Callum me sondando como um maníaco sexual. Eu não achava que ele queria *apenas* me estuprar, ele queria muito mais. Queria me quebrar de dentro para fora, desejava a minha desgraça total após ele me usar como uma boneca sem vida.

Esfreguei meu pescoço quando o senti pegajoso, e repentinamente a sensação de estar suja se apossou do meu corpo. Por baixo do boné, lentamente olhei ao redor, ainda de cabeça baixa. Me sentia observada, ouvindo alguns cochichos aqui e outros ali.

Minha respiração ficou um pouco mais acelerada e eu afundei meu corpo na poltrona do avião, tentando me manter no controle. Essas pessoas não têm como saber o que eu fiz, isso é só a minha mente tentando me pregar uma peça.

Vamos lá, Ryen. Sofrer por antecipação não vai te ajudar em nada.

O avião tremeu um pouco e a mulher idosa que estava sentada ao meu lado se assustou e pôs as mãos no coração. Por reflexo, olhei para ela por alguns segundos antes de voltar minha atenção para a janela.

— Meu Deus, isso é tão assustador! — A ouvi dizer, espantada. — Você não acha?

Será que Maria e os outros empregados já acharam o corpo de Callum? Não quero pensar no caos que aquela mansão vai virar quando ele for encontrado. Fui tão burra, deveria ter ao menos limpado o local e escondido o corpo dele.

— Menina? — a senhora falou e eu pisquei, saindo dos meus devaneios.

Olhei para ela.

— Está falando comigo?

Ela sorriu, os olhos se enchendo de ruguinhas.

— Você estava tão distraída que não deve ter notado — Ela ri um pouco mais antes de parar aos poucos e me encarar atentamente. — Você está bem, querida?

Congelei ao ouvir o nome pelo qual ela me chamou e engoli em seco. Foi assim que o desgraçado se referiu a mim quando estava tentando me estuprar. Será que aquela madrugada vai continuar me atormentando para o resto da minha vida? Estava cansada de sempre ser a vítima.

— Menina?

Ergui as sobrancelhas, saindo do transe.

— Por que perguntou se estou bem? — questionei, com cautela.

Será que ela sabia de algo? Alguma reportagem?

— Você parece abatida, menina — ressaltou, me analisando. — Um pouco cansada.

Já estava ficando paranoica.

— Eu não dormi — Dei de ombros, olhando pela janela. *Não queria conversar.*

— Não me referi a esse tipo de cansaço.

Franzi meu cenho e virei a cabeça em sua direção, vendo como seus cabelos grisalhos faziam contraste com seus olhos azuis. Sua estatura era pequena e seu sorriso parecia genuíno.

A senhora esticou a mão e eu olhei para ela, uma sobrancelha arqueada em confusão.

— Posso ler sua mão? — ela perguntou, de repente.

Eu ri, o som carregado de sarcasmo.

— Não acredito nessas coisas — falei, arrumando meu boné.

Infelizmente, a senhora não se deu por vencida.

— Como sabe se acredita, se nunca deixou que fizessem? — questionou, sorrindo genuinamente.

Revirei os olhos e neguei com a cabeça, mais uma vez voltando meu olhar para janela.

— Tanto faz, eu não preciso que alguém leia minha mão para eu saber que minha vida vai ser longa e cheia de desgraças.

A senhora ficou em silêncio e eu suspirei em alívio por pensar que ela, enfim, tinha desistido. Eu não estava com vontade de jogar conversa fora. No entanto, aquela mulher agarrou minha mão e, de olhos arregalados, eu a encarei, sem acreditar. *Ela não pode simplesmente desistir?*

— O que a senhora pensa que está fazendo? — questionei, em voz baixa, não querendo chamar atenção, ao mesmo tempo que tentava puxar minha mão.

— Fique quieta, menina teimosa! — ela mandou, os olhos fixos na palma da minha mão.

Ela parecia irredutível, e eu, em contrapartida, me importava muito em não chamar atenção. Então, revirei meus olhos e bufei, deixando meu corpo mais uma vez afundar na poltrona, totalmente a contragosto. Aparentemente, vontade própria era um privilégio do qual eu nunca poderia usufruir.

A decisão mais inteligente era deixar que ela fizesse o que queria.

— Hmm... — ela murmurou, os olhos fixos em minha palma.

— O quê?

— Existe um homem na sua vida.

Eu ri, debochada.

— Uau, essa é uma clássica. Foi boa, tenho que admitir — assenti, sorrindo falsamente. — E o que acontece depois? Nos casamos e temos quatro filhos?

Ela deslizou o indicador pela palma da minha mão, a cabeça caindo para o lado.

— Eu não consigo ver, seu futuro é muito incerto e conturbado — falou, franzindo o cenho.

Arqueei uma sobrancelha, mas antes que eu pudesse perguntar algo, ela continuou sua leitura fajuta.

— Você teve uma vida carregada de tragédias e perdeu alguém que amava muito. Seu coração é cheio de dor e rancor, o que me faz questionar como alguém tão jovem como você consegue suportar tudo isso. Você conheceu muitas pessoas ruins, mas ainda há de conhecer muitas pessoas boas, também. No entanto, você ainda me preocupa, criança.

Calafrios tomaram conta do meu corpo. *O que essa mulher estava dizendo?*

— Por que diz isso? — perguntei, me sentindo apreensiva.

A mulher ergueu os olhos azuis para mim, e foi como se ela pudesse ver através da minha alma.

— Não importa o quanto você corra, no fim do caminho, você vai ter que acertar as contas. Fugir do destino é impossível, e tudo o que acontecer, já estava escrito.

Ao ver que não respondi porque me encontrava sem palavras, ela cobriu a boca com as mãos, os olhos arregalados.

— Assustei você? Sinto muito, brinco assim com minhas netas! — a senhora afirmou, dando alguns tapinhas na minha mão e a deixando lá. — De qualquer maneira, vai passar. Se tem uma coisa que aprendi com a idade é que tudo passa, uma hora ou outra.

Encarei nossas mãos juntas antes de puxar a minha de debaixo da dela e baixar os olhos, cruzando meus braços.

— Obrigada, isso é tranquilizador, principalmente depois de eu ter ouvido que nada de bom me espera — Sorri falsamente, desviando o olhar.

— Falo sério, menina teimosa — a ouvi dizer, impaciente. Mas então, ela respirou fundo. — Está indo para Miami a passeio?

Suspirei, voltando a encará-la.

Eu realmente não queria conversar, mas meu senso de educação estava falando mais alto neste momento.

— Vamos dizer assim — respondi e olhei para ela. — E a senhora?

— Estou indo ver meu filho, faz tempo que não nos encontramos — falou, pondo um largo sorriso nos lábios.

Assenti, ficando em silêncio. Esfreguei meus olhos, os sentindo queimar, por causa da exaustão e das lágrimas que derramei mais cedo. E agora, além de toda a merda que fiz, as palavras da senhora ao meu lado não saíam da minha cabeça.

Uma voz anunciou que iríamos desembarcar no aeroporto de Miami, então arrumei minha postura na poltrona, sentindo minhas costas doerem um pouco por passar tantas horas sentada.

— Você aceita? — escutei a mulher ao meu lado perguntar e a olhei, vendo uma bala de morango em sua mão. — Talvez isso te anime mais.

— Eu não estou triste — respondi, rapidamente, não escondendo a desconfiança em meu olhar.

— Conheço um olhar triste quando vejo, menina teimosa — atirou, pondo a bala em meu colo. — E pode comer, não tem nenhuma droga.

Olhei para o doce em meu colo e o peguei, me sentindo culpada por ser tão desconfiada com uma idosa. Mas bem, essa em questão não parecia muito normal.

— Obrigada — agradei a ela, sentindo o avião descer lentamente.

— Não há de quê. Basta saber que nenhuma dor é para sempre, você vai superar, sim? — Sorri. — Lembre-se das minhas palavras, e talvez

você consiga se dar bem.

Eu assenti, um pouco atordoada, e encarei a bala, me perguntando como uma idosa que está apenas brincando pode ser tão certa com as palavras. Sem contar que ela me deixou mais ansiosa do que eu já estava.

Após mais cinco minutos, desembarquei no aeroporto de Miami e nós nos despedimos, mas não antes de ela me dar mais uma bala.

Busquei Killer e saí do aeroporto puxando as malas, tentando ignorar a sensação incômoda e persistente na minha garganta. Puxei o capuz do meu moletom sobre o boné para esconder o máximo possível do meu rosto, afinal eu estava em Miami.

Respirei profundamente o ar da cidade e uma onda de saudades me invadiu por completo. Foram longos cinco anos longe de Miami, mas a cidade não mudou quase nada. Pessoas andavam de biquíni na calçada, em grupos ou sozinhas; carros de luxo desfilavam pelas ruas com os sons ligados. O México não era nada conservador, mas era como se Miami desse mais liberdade às pessoas. De todo modo, eu não poderia aproveitar isso.

Tentei relaxar meu corpo tenso, mas era impossível, e se eu continuasse agindo de maneira suspeita, não seria legal. A conversa com a idosa no avião só me deixou ainda mais angustiada. Estava tão na cara assim que eu estava triste e fugindo dos meus problemas?

Esfreguei uma de minhas mãos em minha calça jeans, a sentindo suada e trêmula. Eu precisava de dinheiro, estava tudo na conta. Eu não conseguiria me sustentar de bolso vazio, tinha que ir a um banco. Será que já tinham bloqueado minhas contas? Até depois de morto, o filho da puta do Callum me infernizaria?

Chamei um táxi que estava vindo em minha direção e ele parou logo à minha frente. Abri a porta do carro e deixei que Killer entrasse primeiro, tendo cuidado com ele.

Pedi para o motorista ir para o banco mais próximo e ele acenou positivamente, dando partida. Fechei meus olhos quando minha cabeça doeu, e a deixei descansar no banco. *Estou exausta.*

— Você é turista? — o motorista perguntou, quebrando o silêncio no carro.

Eu só queria ficar quieta.

— Sim — menti, puxando discretamente a aba do boné para baixo.

Eu não poderia dar nenhuma informação verdadeira a quem quer que fosse, pois qualquer coisa poderia ser usada como material contra mim

futuramente. Eu não ia me arriscar demais, então se ele pensava que eu era uma turista, eu era uma turista. Se achavam que eu estava aqui a passeio, assim seria.

Se achavam que eu não era uma mulher com a porra de um assassinato nas costas, então eu não era. *Finja que é inocente e sem pecados, Ryen. Você já foi assim um dia, pode ser novamente.*

Olhei para fora da janela e ri com esse pensamento. Quem eu estava querendo enganar, eu nunca mais voltaria a ser a mesma Ryen do passado. Meu “eu” de quinze anos estaria chocada se soubesse as coisas que fiz. Mas ela tem que me agradecer, é graças ao que eu me tornei que nunca parei de lutar por mim mesma.

— Época boa para turistar — o taxista comentou e eu olhei para ele, erguendo uma sobrancelha. — Ah, não pense que estou sendo intrometido. É que o verão acabou de começar.

Voltei a observar para a paisagem e apoiei meu queixo na mão.

— Não gosto muito do verão... — murmurei, distraída.

Killer se debruçou em minha janela e latiu quando viu um poodle branco com uma coleira rosa. O cachorro latiu de volta para ele e ele rosnou, mostrando todos os dentes. Tinha que alimentá-lo logo.

O motorista não fez mais perguntas, e após alguns minutos chegamos ao banco. Desci do carro e pedi que o homem me esperasse para me levar a um hotel. Deixei Killer com ele.

Assim que entrei no banco, desci meu capuz, sentindo o vento frio do ar-condicionado bater contra meu rosto, me refrescando. Olhei ao redor, procurando alguma pessoa que pudesse me atender, e vi um homem de camisa social vindo em minha direção.

— Bom dia, senhorita! — Ele sorriu para mim. — Em que posso ajudá-la?

Engoli em seco e senti um aperto no peito pelo déjà-vu. Aquele momento estava se parecendo com o dia que fiz a transferência para a conta de Santiago.

Suspirei e encarei o homem.

— Vim fazer um saque.



Uma semana.

Uma semana se passou desde que cheguei a Miami, e desde então eu estava trancada na porra de um apartamento. Nos dois primeiros dias fiquei em um hotel, mas só até achar um bom imóvel todo mobiliado e me instalar nele para ficar mais à vontade.

Comprei um celular novo e pesquisei meu nome no Google para ver se aparecia algo relacionado ao crime. Também procurei por notícias no jornal do México, mas nada. Era como se nada tivesse acontecido.

Dado o nome da minha família, pensei que isso tomaria proporções enormes, mas até agora tudo estava calmo e eu não aguentava mais ficar trancada nesta merda de casa. A razão de Killer, que comprei no mesmo dia que cheguei aqui, já estava para acabar e ele parecia estar ficando tão estressado quanto eu.

Meu apartamento era grande e luxuoso, mas eu sentia como se ele estivesse ficando cada vez menor com o decorrer dos dias. Meu peito estava pesado e minha cabeça não parava por um minuto sequer. Sempre que eu ficava assim, usava alguma droga. E o que eu não faria por uma neste exato momento.

Queria apenas deixar de pensar por alguns minutos e tentar tirar o peso do meu peito. Sentia falta de me sentir leve. Não me considero viciada, mas alguns dos poucos alívios que tive na vida foram graças à droga, mesmo que eles fossem momentâneos e ilusórios.

Estava sentada no sofá, com Killer ao meu lado. A TV estava ligada em um filme qualquer e a sala imersa em completa escuridão. Um sanduíche pela metade estava em um prato sobre a mesa de centro. Eu não conseguia comer direito e tudo parecia preso na minha garganta, isso graças aos meus pesadelos recorrentes.

Eu não dormia direito há dias; sentia que se eu fechasse os olhos, Callum iria aparecer em meus sonhos novamente.

Passei os dedos em meu cabelo, preso por um rabo de cavalo baixo, alguns fios soltos espalhados por meu rosto, me dando um ar desleixado. Com as duas mãos, bati nas laterais da minha cabeça, me recusando a ter outro ataque de pânico. Eu não poderia me deixar ser destruída assim, não depois daquele filho da puta ter morrido.

Talvez as coisas estivessem bem, talvez a polícia nem estivesse me procurando e eu tenha me isolado neste apartamento à toa. Tinha que me

arrumar e dar uma volta na cidade, visitar o túmulo do meu irmão. Nem isso eu fiz desde que cheguei. Na verdade, em cinco anos inteiros.

Killer ergueu a cabeça das patas quando me levantei do sofá, meus pés descalços entrando em contato com o chão frio, provocando um arrepio. Peguei o prato com o sanduíche e andei até a cozinha, o colocando na pia. Subi as escadas que levavam ao meu quarto e, ao entrar no banheiro, foi impossível não encarar minha imagem.

Analisei meu reflexo no espelho, me vendo vestida com uma regata branca e um short preto de pijama. Estava com olheiras que me davam uma aparência de cansada. *Acabada*.

No espelho, olhei para meu pescoço, vendo a marca da mordida de Callum um pouco mais fraca, quase inexistente. Acariciei o local com ódio.

Admito que em alguns momentos minha consciência pesada até batia à porta, mas na maioria das vezes eu me sentia feliz por ter acabado com a vida de Callum com minhas próprias mãos.

Às vezes eu sentia como se seu sangue ainda estivesse em minha pele, e em todas essas ocasiões eu tomei um bom banho, esfregando meu corpo com tanta força que a pele ficou vermelha e toda irritada. Eu só queria me sentir limpa dele.

Me afastei do espelho e tirei minha regata, a jogando no chão. Fiz o mesmo com o short e soltei meu cabelo do elástico, o sentindo cair em minhas costas, longo. O comprimento já estava me irritando, graças a ele Callum tinha conseguido firmar os dedos e não soltar.

Agora nua, passei pela banheira e andei até o box, o abrindo. Dentro dele, liguei o chuveiro e fechei os olhos quando a água quente entrou em contato com minha pele.

Após quase vinte minutos tomando banho, desliguei o chuveiro e vesti meu roupão, enrolando uma toalha em meu cabelo logo em seguida. Saí do banheiro descalça e andei até minha mala, que eu não tinha desfeito mesmo depois de me instalar no apartamento.

Abri uma das bagagens e retirei um short preto de lycra de tecido grosso e um top da mesma cor. Encontrei uma jaqueta curta acolchoada na cor preta e a vesti, depois de fazer o mesmo com o “conjunto”. O look não era lá essas coisas, mas eu não tinha ânimo para me arrumar.

Penteei meu cabelo molhado e calcei o coturno preto, depois peguei meu boné, que estava em cima da cama.

Procurei a bolsa preta que estava na mala e a joguei em meu ombro. Dentro dela coloquei o celular e dinheiro suficiente para pegar alguns táxis e comprar tudo o que tinha em mente. Juro que se eu ficasse sobre posse da minha mente por mais um dia, iria enlouquecer. Só precisava de algo para aliviar a tensão por alguns momentos.

Saí do quarto segurando o boné e desci as escadas, andando até Killer. Ele ficou em pé quando me viu chegar e eu acariciei suas orelhas, ficando de frente para ele.

— Eu já volto, ok? — disse, lhe fazendo um carinho enquanto colocava meu canivete na bolsinha.

Killer lambeu minha mão e eu sorri, me afastando dele para acender a luz, não queria que ele ficasse sozinho no escuro neste apartamento enorme. Me aproximei dele novamente e desliguei a televisão.

— Prometo que amanhã te levo para passear — falei a ele, o abraçando. — Tenho sido uma dona horrível, me desculpa, Killer.

Ele se sentou no sofá, deixando que eu o abraçasse por alguns minutos, em silêncio, até que eu o soltei e peguei a chave do apartamento na mesa de centro. Dei uma última olhada em Killer antes de caminhar até a porta e a abrir, passando por ela e a trancando com chave logo em seguida.

Andei pelo corredor e apertei um botão para chamar o elevador, que não demorou muito a chegar. Entrei nele e apertei o número do andar para o qual queria ir, agradecendo por não ter cruzado com outros moradores. No espelho, analisei minha roupa, e suspirei quando vi que não poderia pôr o boné até chegar no cemitério. Não queria que meu cabelo molhado ficasse fedendo.

O elevador parou no meu destino e eu caminhei até a saída do prédio. O ar frio das quatro da tarde bateu contra meu rosto e eu fechei os olhos para aproveitar. Eu não deveria estar indo para o cemitério uma hora dessas, logo ele fecharia, além disso já iria anoitecer.

Mas eu precisava conversar com meu irmão, eu devia isso a ele pelos cinco anos que abandonei seu túmulo.

Fui uma covarde, deveria ter me rebelado contra Victoria muito antes, mas eu era muito burra, não pensei que as coisas acabariam mal de todo o jeito, independente do que eu fizesse.

Fazendo um sinal com a mão, chamei um táxi que passava pela rua e entrei, me sentando no banco de trás.

— Boa tarde, moça — o motorista desejou.

— Boa tarde. Pode baixar o vidro do carro, por favor?

— Claro — falou, e então o vidro da minha janela desceu. — Para onde deseja ir?

Disse o nome do cemitério onde meu irmão estava enterrado e o motorista murmurou um “ok”, dando partida no carro.

Fechei os olhos quando o vento tocou meu rosto e meu coração apertou dentro do peito. Sentia falta de digirir meu carro; perdi a única liberdade que eu tinha, a única coisa que fazia eu me sentir viva. Não que eu não pudesse voltar a dirigir, mas por enquanto era melhor eu ficar na minha. Pelo menos até eu sentir que a poeira de fato baixou e que não há mais perigo para mim. O que eu duvidava muito que fosse acontecer.

No centro da cidade, vi um letreiro com a foto de uma modelo. Mas não era qualquer modelo. Mesmo com os traços mais maduros, pude reconhecê-la.

Brianna Royal.

Era uma propaganda de maquiagem e seu cabelo estava preso em um coque para expor seu rosto perfeito, pintado com os produtos da marca. Ela estava séria, apenas um olhar penetrante e, lá no fundo, aquela indiferença que ela tinha ao olhar para os outros desde quando era mais nova.

Vadia.

Eu deveria ter dado ao menos um tapa na cara dela quando tive a chance. A detestava com todas as forças, por todas as vezes que ela jogou na minha cara que o primo não se importava comigo quando ela mesma se envolvia com homens mais velhos que a enganavam. Eu deveria ter deixado ela se foder na mão daquele professor filho da puta.

Depois de alguns minutos dirigindo por Miami, o carro parou em frente ao cemitério e eu paguei pela viagem, agradecendo antes de sair do veículo e caminhar até os portões. Tomei um longo suspiro antes de empurrar as grades e entrar na “casa” do meu irmão.

Levando em conta os anos que passei sem visitar Raphael, eu já deveria ter esquecido o local onde ele foi enterrado. Mas felizmente não foi assim, eu me lembrava de tudo, até do seu epitáfio e do fato de ele ter sido enterrado ao lado do nosso pai.

Caminhei por entre os túmulos, observando os nomes de crianças e suas datas de nascimento e de morte. A mais velha que achei foi uma garota de doze anos.

Diminuí o passo quando vi, a uma distância curta, o túmulo de Raphael. O que me surpreendeu foram as inúmeras flores em sua lápide e na de nosso pai, e o modo como os túmulos estavam bem cuidados. Como se alguém nunca tivesse se esquecido deles nesse tempo que estive longe.

Um misto de raiva e vergonha de mim mesma me atingiu e eu me aproximei, com as mãos apertadas em punhos.

— Oi, Rapha... — eu comecei, minha voz era quase um sussurro. Olhei para a lápide com os olhos marejados. — Quanto tempo, fiquei com saudades.

“Raphael Rodríguez

18 anos

2001 – 2019

Bom filho e irmão”

Um nó ficou entalado em minha garganta e eu engoli, o forçando para baixo.

— Me perdoa por não ter te visitado todos esses anos, Victoria não deixou... — Mordi meu lábio com força e olhei para o lado, sentindo uma lágrima escorrer. — Que se foda, nem sei se isso ao menos é uma desculpa decente.

Então, mais algumas lágrimas desceram, e eu não as controlei mais.

— Victoria morreu, Rapha — falei, voltando meu olhar para sua lápide. Eu ri, sem vontade. — Não sinto a menor falta dela. Nem mesmo fiquei triste.

Uma rajada leve de vento passou por mim, balançando alguns fios do meu cabelo e as flores no túmulo do meu irmão.

— Eu não te trouxe nada, me desculpa — Sorri, enxugando as lágrimas de minha bochecha. — Mas se eu trouxesse flores, você com certeza diria algo como “Está me estranhando, porra?”.

Ao lado do buquê que estava sobre o túmulo, havia uma única rosa vermelha. Tão vermelha quanto o sangue que derramei uma semana atrás.

— Lembra quando você disse que mataria Callum por mim? — perguntei, olhando para a rosa solitária. — Você não precisa mais fazer isso, eu mesma fiz.

“Ele tentou me estuprar, então eu enfiei o canivete que você me deu no pescoço dele — Engoli em seco antes de dar um sorriso fraco. — Bem, eu cresci, *hermanito*. Fiquei bem corajosa, não acha?”

Um soluço irrompeu minha garganta e eu desabei sobre meus tornozelos, deixando meu boné cair no chão, abraçando meus joelhos. Então, não consegui mais me controlar.

— Eu pensei que ia me sentir melhor, Rapha... — Cobri meu rosto com as mãos, chorando. — Mas esta merda virou uma dor de cabeça.

Fechei meus punhos e os bati contra minha testa.

— Eu não aguento mais minha mente, ela sempre vai para aquela noite em que eu o matei. — Agarrei meu cabelo, agora seco, em meus dedos. — Eu sinto sua falta, Rapha. Me sinto sozinha, viver sem você do meu lado é como estar no inferno.

Encarei sua lápide, com a visão embaçada.

— E se a polícia vier atrás de mim, Rapha? Eu sou muito jovem para ir para a cadeia — Olhei para seu túmulo com pavor, negando desesperadamente com a cabeça. — Eu só estava me defendendo, não é? Eu não tive culpa, não tive.

Abaixei a cabeça, meu cabelo caindo para a frente. O mero pensamento de ficar trancada em uma cela, sabendo que sou uma vítima, me deixava apavorada. Eu não teria matado Callum se ele não tivesse me atacado primeiro. Não dava para culpar uma pessoa por se defender. Não é?

Dirigi meu olhar para a lápide do meu pai.

— E o senhor? — perguntei, lendo seu epitáfio. — Teria achado que Rapha e eu somos decepções, como Victoria dizia?

“Álvaro Rodríguez

32 anos

1977 – 2007

Excelente marido e pai”

— Seu filho está enterrado ao seu lado e sua mulher no México — Eu sorri, voltando a chorar. — Que família abençoada, hein.

Eu não sabia por quanto tempo fiquei chorando, mas quando levantei a cabeça, já estava anoitecendo. Passei as mãos por meu rosto, o enxugando.

— Bom, sabe para onde eu vou depois que sair daqui? — perguntei ao meu irmão e a meu pai. — Vou atrás de droga. Cocaína ou maconha, tanto faz. Qualquer porcaria que me faça esquecer o filho da puta do Callum.

Me ergui do chão, agora ficando em pé, e inclinei o pescoço para o lado.

— Não adianta se revirar no túmulo agora, *hermanito* — Lancei um sorriso morno para Rapha. — Você disse que eu só tocaria nessas merdas depois da sua morte. Quem mandou você morrer, seu otário?

Apanhei meu boné do chão antes que o esquecesse e dei batidinhas nele para limpá-lo.

— Você nunca me disse quem era a pessoa que você queria que eu conhecesse — eu falei, olhando para a rosa em sua lápide. — Até hoje me pergunto se era uma garota ou um cara. Será que a pessoa ainda está tão triste quanto eu?

“Será que o seu melhor amigo ainda vem te visitar, Rapha? Ele era um filho da puta comigo, mas dava para ver que te amava muito. Em todo caso, quando eu tinha catorze anos eu aprendi a não esperar muito daquele babaca.”

Coloquei meu boné e sorri para o nome de Rapha, escrito na lápide preta.

— Vou indo nessa, Rapha... — avisei, e olhei para o meu pai. — Prometo que dessa vez vou continuar visitando vocês, e da próxima não vou vir de mãos vazias.

Dei as costas para o túmulo deles e comecei a andar para longe. Agora que visitei meu irmão e, de brinde, meu pai, me sentia melhor. E quem quer que estivesse cuidando das lápides deles tinha meu eterno agradecimento. Não sei se aguentaria a vergonha que sentiria de mim mesma se encontrasse seus túmulos abandonados.

Após sair do cemitério, caminhei um pouquinho antes de achar uma cafeteria e entrar nela, me sentando em uma das mesas. Pedi um café com leite e agradei quando a garçonete trouxe minha bebida, minutos depois.

Envolvi meus dedos na asa da xícara e fechei meus olhos quando o gosto doce invadiu meu paladar. Olhei para fora da cafeteria, vendo a Lua no topo do céu, parecendo inalcançável. *Intocável*. É assim que eu gostaria de ser.

Eu realmente não me sentia melhor depois de ter matado Callum. Sempre que pensava no que fiz, minha barriga doía e meu pulso acelerava. Minha mente deixou de ser minha há muito tempo, e eu não sabia onde ela estava. Me odeio por ser tão fraca e não aguentar carregar a morte de um monstro nas costas, mas talvez tudo melhore aos poucos. Ainda estava recente.

Um bom tempo passou desde que tomei meu café com leite, então olhei a hora no relógio da cafeteria. Eram dez para as nove da noite, as boates daqui já deveriam estar abertas. Tirei o dinheiro do café de dentro da bolsa e o coloquei na mesa, me levantando em seguida.

Quando saí, peguei o primeiro táxi que passou e pedi que ele me levasse à melhor boate de Miami; ele assentiu. Momentos depois eu estava em frente a um clube noturno chamado *Eden's Garden*. Nunca visitei as baladas de Miami, então não sabia se essa daqui era realmente a melhor da cidade.

Não precisei de muito para entrar sem pegar fila, quando mostrei minha identidade para os seguranças suas sobranceiras já se ergueram, em surpresa. Eles trocaram um olhar entre si antes de um deles assentir e eles me darem passagem. Ouvi algumas pessoas da fila me xingarem, mas as ignorei, estava focada no meu objetivo.

Eu tinha apenas uma coisa em mente e só sairia daqui quando conseguisse. Eu gostava de baladas caras porque era nelas que você encontrava drogas de qualidade. Então, se *Eden's Garden* fosse realmente a melhor boate de Miami, eu estava em uma mina de ouro.

A música alta estourava das caixas de som e o DJ chacoalhava as mãos, animando o público, que gritava sem parar. Luzes de diversas cores piscavam, e eu abaixei a aba do boné, só para o caso de ter alguém conhecido por aqui — o que eu achava improvável.

Um mashup de *Wiggle*, do *Jason Derulo*, com outra música que eu não conhecia começou a tocar, e fui passando pelas pessoas com a intenção de chegar ao enorme e estreito bar. Alguns homens e mulheres tentaram se aproximar de mim, mas os ignorei, continuando a andar.

Revirei os olhos quando um casal, que estava praticamente se comendo no meio da pista, esbarrou em mim. Quando cheguei ao bar, apoiei meus antebraços no balcão.

— O que deseja, gatinha? — O barman sorriu para mim com perfeitos dentes brancos.

Ele era preto e tinha cabelo cacheado, tudo acompanhado por lindos olhos verdes. Eu o chamei com o dedo para que se aproximasse e ele obedeceu, ainda sorrindo.

— Com quem eu posso conseguir uma... — Me inclinei sobre o balcão para perguntar em seu ouvido devido à música alta. — Sabe, uma parada.

Me afastei, inclinando a cabeça.

O barman estreitou os olhos na minha direção e sorriu. Ele balançou a cabeça e olhou para o lado.

— Com aquele cara ali, de *bucket* e máscara preta — o homem falou, e eu me virei na direção que ele indicava.

Ele estava no andar de cima da boate e eu olhei no exato momento que ele estava balançando um pacotinho, que eu conhecia bem, na frente do rosto de um homem. Ele pegou a droga das mãos do cara do *bucket* e deu algum dinheiro a ele. Com a máscara e o chapéu, era praticamente impossível ver seu rosto.

Voltei meu olhar para o barman.

— Obrigada — agradei, recebendo um sorriso de volta.

Me virei antes que ele dissesse alguma coisa e andei apressada até as escadas que me levariam ao traficante. Alguns casais estavam se engolindo contra o corrimão e eu os ignorei enquanto subia os degraus.

Quando cheguei ao topo, vi o cara de *bucket* preto conversar com outro cara, e quando ele deu tapinhas nas costas do suposto amigo, notei as tatuagens em seus braços. Ele começou a contar o dinheiro que estava em suas mãos e essa foi a minha deixa para me aproximar.

— Oi — eu disse, e fiquei de frente para ele.

Por sorte, a música lá em cima não era tão alta.

— A maconha é cinquenta dólares e a cocaína oitenta — ele disse, sem rodeios e sem olhar para mim. Sua voz estava um pouco abafada pela máscara. — O preço não é negociável.

A droga no México era bem mais barata do que aqui. Mas se ele estava vendendo por esse preço, sinal de que...

— É realmente boa? — questionei, o encarando.

Seu peito tremeu com o que parecia ser uma risada e ele dobrou o dinheiro, o guardando no bolso da calça cargo preta.

— Ah, neném — Ele riu de novo, agora olhando para mim. — Essa belezinha aqui vai te levar ao céu sem que você tenha que morrer.

Tirei meu boné quando senti minha franja grudando em minha testa, e afastei meu cabelo para trás, colocando o boné novamente.

Agora que o traficante estava me encarando, pude ter um vislumbre de seus olhos negros e pequenos, mas ainda assim, brilhantes. Ele pôs as mãos nos bolsos e inclinou a cabeça para o lado.

— Primeira vez comprando de mim?

— Sim — foi tudo que eu disse, baixando a aba do boné. — Vou querer apenas um pacotinho.

Ele assentiu com a cabeça e olhou para o homem ao seu lado, batendo em seu ombro para chamar sua atenção. Sussurrou algo no ouvido do cara com cabelo estilo mullet e ele assentiu, tirando um pacotinho de cocaína de uma mochila próxima.

O cara do *bucket* lentamente estendeu o produto para mim e eu o peguei, já com os oitenta dólares na mão.

— Quarenta dólares — ele disse, quando peguei o pacotinho.

Franzi o cenho.

— Mas você disse oitenta.

— Fica pela metade do preço para você — falou, e pude jurar que ele estava sorrindo por trás da máscara. — Sabe, primeira vez do cliente e essas coisas.

Dei de ombros e entreguei os quarenta dólares, prendendo o dinheiro entre os dedos quando ele tentou pegar.

— Não vou precisar me preocupar com você batendo na minha porta atrás do resto da grana, não é? — questionei, sabendo muito bem que ele poderia estar mentindo.

O cara riu e puxou o dinheiro com força, me fazendo soltá-lo.

— Não comigo — Ele levantou as mãos, em falso sinal de rendição.

Guardei o pacotinho e o resto do dinheiro na bolsa e a fechei, acenando com a cabeça antes de lhe dar as costas e começar a descer as escadas. Estava ansiosa para chegar ao apartamento e usar a porcária que comprei.

Hoje eu durmo, nem que para isso eu precise ter uma overdose.



*“Já estou te avisando que eu não vou pegar leve, não vou mesmo.
Garota, você já deveria saber, você não tem mais para onde correr”*

Chase Atlantic – Triggered

Kellan Royal

Com as mãos nos bolsos do meu moletom preto e o capuz sobre minha cabeça, andei pela grama bem cuidada da universidade.

Arrumando a mochila em meu ombro, olhei ao redor, procurando pelo filho da puta do meu amigo, que só poderia estar atrás do prédio da universidade batendo em alguém por não ter pagado por seus “produtos”. O que ocorria com frequência.

Ouvi um gemido de dor e revirei os olhos quando percebi que meu palpite estava certo. Andei mais um pouco até vê-lo logo à frente, socando o estômago de um cara de cabelo platinado e regata preta que tinha o tamanho dele.

O cara caiu de joelhos, abraçando a barriga quando Yun a chutou sem piedade.

— Acha que pode enfiar minha mercadoria no rabo e não me pagar, filho da puta? — Christian perguntou, agarrando o cabelo do cara e forçando sua cabeça para trás, o pescoço criando um arco.

— Eu ia pagar, eu juro! — o homem gritou, agarrando o pulso de Christian com uma das mãos.

— Ouvi essa mesma merda da última vez, mas deixei passar porque você disse que tinha dado o dinheiro para sua mãe ir a um médico particular — Meu amigo sorriu, com os dentes cerrados. — Mas eu não vou engolir uma desculpa dessas de novo, porra!

Bufei, entediado, e andei até ele a passos lentos, esperando que resolvesse seus assuntos. Christian virou a cabeça para me olhar e arqueou

uma sobrancelha escura e com um risco no final. Apoiei meu ombro no prédio.

— Estava te procurando — anunciei.

Christian inclinou a cabeça para o lado, me encarando.

— Estou tendo uma conversinha — falou, voltando a olhar para o cara cujo cabelo ele ainda segurava. — Cadê o meu dinheiro, porra?

O homem gemeu, e dessa vez agarrou o pulso de Chris com as duas mãos, tentando fazê-lo largar seu coro cabeludo.

— Eu tive que pagar o material escolar da minha irmã!

Chris riu e eu sorri de lado, vendo como o cara tinha terminado de cavar a própria cova.

Meu amigo soltou o cabelo dele sem muita gentileza e colocou as mãos nos bolsos de sua calça jogger. Ele inclinou a cabeça para trás, dando uma risada alta que cessou aos poucos.

— Ah, então você usou o dinheiro para comprar o material escolar da sua irmãzinha... — ele repetiu.

O cara assentiu desesperadamente, se levantando aos poucos. Seu rosto continha um machucado no lábio inferior e um corte na sobrancelha. Não achava que Christian estivesse batendo nele há muito tempo, ele estaria muito pior se fosse o caso.

— Sim, eu juro! — insistiu, sorrindo, nervoso.

De repente, o rosto de Christian ficou sombrio e seus olhos evidenciaram quão puto ele estava.

— Qual irmã, seu merda? Você é filho único! — Sorriu, mas parecia querer arrancar a cabeça do homem fora. — Ou você a enfiou no rabo como fez com a porra do meu dinheiro?

O sorriso do loiro se desfez e ele arregalou os olhos, notando o vacilo que deu. Ele empurrou Christian para trás e começou a correr. Quando passou por mim, chutei a lateral do seu corpo, o fazendo cair sobre a grama.

Ele gemeu quando caiu por cima do braço, e enquanto tentava se levantar, Christian chutou seu estômago. Ele gritou e se encolheu.

— Acha que eu não faço o dever de casa sobre a vida dos meus clientes, seu arrombado? — Chris vociferou, chutando seu abdômen novamente.

— Eu vou pagar, eu juro! — o cara gritou, tentando proteger o estômago.

Chris acertou o rosto do loiro com um chute e sua cabeça foi para trás.

— Lógico que você vai pagar, seu fodido do caralho — Chris gritou, furioso. — Ou você acha que estou doando erva? Não pode comprar, não fuma, caralho!

Me abaixei até ficar sobre meus calcanhares e puxei meu capuz. A leve rajada de vento fez meu cabelo balançar e eu o joguei para trás quando alguns fios caíram em meus olhos.

O garoto que estava sendo espancado olhou para mim no exato momento em que eu estava tirando um maço de cigarro do bolso do meu moletom.

— Me ajuda, cara... — ele implorou. — Por favor!

Ergui as sobrancelhas e olhei ao redor, antes de voltar minha atenção para ele.

— Quem, eu? — perguntei, e ele assentiu. Dei de ombros. — Para, Christian. Deixa o cara.

Yun chutou novamente o estômago do coitado e fiz um sinal de negação com a cabeça, acendendo o cigarro com o isqueiro que tirei do bolso da calça.

— Olha, eu tentei — Levei o cigarro aos lábios. — Mas esse Christian... Ele nunca me ouve.

Dei uma longa tragada antes de soltar a fumaça, a vendo subir pelo ar. Eu não fumava com frequência, mas a aula fora estressante e talvez isso me acalmasse um pouco.

— Não adianta pedir ajuda a ele, seu arrombado — Chris disse, se abaixando, para ficar à altura que ele estava. Mais uma vez, agarrou o cabelo do loiro. — Esse cara aqui é quase um psicopata, e está pouco se fodendo para você.

Ergui uma sobrancelha e afastei o cigarro dos meus lábios. Coloquei uma mão no peito.

— Ei, eu tenho sentimentos.

Christian me olhou e riu, com zombaria.

— Quando está com o pau enfiado em algum buraco, quem sabe.

Dei uma longa tragada no cigarro.

— No da sua mãe, principalmente.

Meu amigo ergueu as sobrancelhas.

— Ela está morta, seu fodido — murmurou, entre dentes.

Dei de ombros, sorrindo.

— Bem lembrado. Mas em vida aposto que era gostosa pra caralho. Christian riu, de forma seca.

— Doente do caralho — ele resmungou, voltando a bater no cara.

Me levantei quando senti as articulações dos meus joelhos doerem, e joguei o cigarro no chão quando vi que já tinha fumado o suficiente. Pisei nele para que apagasse e lembrei que minha mãe teria um treco se me visse jogando cigarro no chão. Ela apoiava causas ambientais e talvez eu fosse uma vergonha para ela nesse quesito.

Esfreguei meu rosto e assisti Christian surrar o garoto para que aprendesse a lição. Já perdi as contas de quantas vezes Yun arrastou uma pessoa para cá e a espancou por tentar lhe passar a perna. E esse filho da puta ainda fazia isso sozinho; eu só estava esperando a hora que um dos caras traria alguém para bater nele também.

Meu celular vibrou no bolso da calça e eu o puxei, vendo que era uma mensagem de Brianna. Desbloqueei o celular e cliquei na conversa.

Bree

Quando vai ser a próxima corrida?

Eu

Não te interessa, já te mandei parar de frequentar esses lugares.

Bree

Você não manda em mim, esqueceu?

Eu

Não teste a porra da minha paciência, Brianna. Você sabe o que aconteceu da última vez.

Falando nisso, você continua vendo aquele cara?

Bree

Não.

Eu

Brianna...

Bree

Eu juro, Kellan.

Eu

Acho bom.

Ou logo as mãos daquele filho da puta vão estar na casa do Tio Bruce.

Bree

Por que você tem que ficar colocando o papai no meio disso, seu babaca?

Eu

Porque se eu não for capaz te pôr nos eixos, ele será.

E não apareça mais nas corridas.

Brianna visualizou a mensagem e não me respondeu. Provavelmente estava gritando de ódio em sua sala de aula e recebendo um sermão do professor. Ela só me dava dor de cabeça, além de viver se metendo em numas sujeiras que eu tinha que limpar.

Na última corrida, o merda do ex-namorado dela — assim eu esperava — lhe deu um tapa no rosto após ficar puto por perder uma corrida. Eu bati no merdinha, e o teria matado se Brianna não tivesse implorado e dito que terminaria com ele.

Essa garota tinha um ímã para maus relacionamentos e caras filhos da puta. E eu não podia fingir que não me importava, Brianna era como uma irmã mais nova para mim. Mas que se foda, essa merda dela já estava me dando nos nervos.

— Olha aqui, seu merda. Vou ser bonzinho com você — Yun disse, chamando minha atenção para ele.

O tal loiro estava deitado no chão com o nariz ensopado de sangue e Christian estava ao seu lado, em pé, as mãos nos bolsos da calça de moletom cinza.

— Você tem até amanhã para trazer o meu dinheiro — avisou, lentamente, a cabeça inclinada para o lado. — Ou sua mãe vai para o seu enterro, ouviu, filho da puta?

No chão, o loiro assentiu, e Christian chutou sua bunda uma última vez antes de dar um passo para trás.

— Agora, levanta e some — ele mandou. — E só volta com o meu dinheiro.

O homem se levantou do chão com dificuldade e começou a correr de forma cambaleante para longe de nós. Christian o assistiu sumir e bagunçou seu cabelo liso e preto.

Ele soltou um grunhido frustrado e chutou uma lata de lixo próxima a ele.

— Já é o terceiro que faz isso essa semana — falou, cruzando as mãos tatuadas atrás da cabeça.

Descansei minha cabeça na parede.

— E você bateu em todos.

Yun andou até mim, tirando um maço de cigarro do bolso de seu casaco cinza e indicando o isqueiro na minha mão.

— Eles têm que saber que não estou para brincadeiras — falou, pegando o isqueiro que joguei para ele. Após usá-lo para acender o cigarro, ele deu uma longa tragada. — Eu tenho que pagar a mensalidade da universidade, cara, eu não nasci com o rabo para virado para lua como você e esses riquinhos daqui.

Coloquei a mão no peito, baixando a cabeça.

— Oh, me desculpe por ter nascido rico, pequeno Christian.

Yun riu e chutou minha canela. Mas consegui desviar a tempo.

— Filho da puta — ele brincou.

Sorri para ele, o vendo soltar a fumaça por entre os lábios, e meu celular vibrou em minha mão. Vi que era uma nova mensagem de Brianna, curta o suficiente para que eu pudesse ler pela barra de notificações.

Bree

Vamos ver, então.

Apertei meu celular entre meus dedos e revirei os olhos.

— Brianna, porra... — praguejei, entre dentes.

Chris ergueu uma sobrancelha, o olhar cheio de desdém.

— O que a sua prima fez dessa vez?

— Ela quer aparecer nas corridas de novo.

— Sua prima age como se ainda tivesse quinze anos — Ele revirou os olhos, jogando a fumaça para cima enquanto negava com a cabeça. — Quando ela vai crescer e parar de se meter em confusão?

Guardei meu celular no bolso de minha calça e acariciei minha nuca, me sentindo tenso. Suspirei.

— Brianna é complicada.

Rindo, com deboche, Christian bateu no cigarro, fazendo as cinzas caírem.

— Fique usando essa desculpa e passe o resto da vida sendo babá da sua prima, cara.

Sorri de lado.

— Eu também posso pôr você para ser babá dela, não me provoque, porra.

— Nem fodendo — Yun negou. — Prefiro morrer a ser babá da mimada da sua prima mais uma vez — ele rosnou.

Por alguma razão, Christian e Brianna nunca se deram bem. Ele parecia odiar o jeito de Brianna e como ela era mimada e fazia tudo o que queria. Já ela, odiava o fato de ele olhar para ela com desprezo e viver da venda das drogas. Eles mal se falavam, a não ser para alfinetar um ao outro com palavras ácidas e sarcásticas.

De certa forma, era como se os dois não pudessem compartilhar o mesmo ar.

— Parando de falar da sua prima, o que você queria comigo? — Yun perguntou, mudando de assunto.

— Temos que organizar a próxima corrida. A última foi duas semanas atrás.

Era um tempo recorde; geralmente o intervalo entre nossos rachas não durava tanto tempo assim.

Yun assentiu.

— Temos que entrar em contato com McKay — ele falou, antes de rir. — Mas talvez seja difícil, ele anda puto porque você está comendo a irmã dele.

Dei de ombros.

— A irmã dele que se esfrega em mim e eu que sou o culpado? — Cruzei meus braços, falsamente ofendido.

Ele negou com a cabeça, levando o cigarro aos lábios.

— Qualquer hora dessas vai aparecer uma mulher e te agarrar pelas bolas.

— Está para nascer mulher que vai me pôr de joelhos, Yun — respondi, seco.

Só uma conseguiu esse feito, e eu não a vejo há mais de cinco anos. Ryen Rodríguez teve minha atenção no momento em que nasceu. Seus imensos olhos castanhos esverdeados me assombravam desde que ela foi embora de Miami, enquanto eu estava em coma.

Quase duas semanas depois que ela partiu, eu acordei, desnortado e com uma leve amnésia. Me contaram que meu melhor amigo tinha morrido. Uma morte rápida, ele quebrou o pescoço. Eu gritei, chorei e tentei tirar os aparelhos do meu corpo, mas me deram um sedativo tão forte que não resisti ao sono.

Quando acordei, a primeira coisa que me veio à cabeça foi que Raphael estava morto. E então, veio Ryen. Ela deveria estar desolada com a morte do irmão, então pedi para vê-la. Como se não pudesse piorar, ela tinha ido embora de Miami sem se despedir de mim.

Minha mãe e meu pai disseram que também não entenderam o porquê de a mãe do Raphael ter decidido ir embora para a Austrália.

Procurei o perfil de Ryen no Instagram, mas ela desativou todas as contas que tinha em redes sociais. Ela se transformou em um fantasma, e apenas a mãe dela atendia quando a minha ligava para saber notícias. Vez ou outra eu me perguntava como ela estava e o que andava fazendo.

A última vez que minha mãe ligou para a casa dela e perguntou se Ryen estava bem, Victoria disse que sim e que ela tinha ido dormir na casa do namorado. Minha mãe contou a merda dessa informação em um jantar. Ryen estava namorando com algum filho da puta qualquer que ela conheceu na Austrália.

Victoria disse que a filha estava muito feliz e que o namorado de Ryen era o genro que ela pediu a Deus. Velha desgraçada, nunca gostei dela mesmo.

Passei a odiá-la ainda mais desde que ela levou Ryen para longe, afinal ela só tinha quinze anos, não teria como ir contra a mãe. Para piorar a situação, ela largou o túmulo do filho para sabe-se lá quem tomar conta. Às vezes ela nem atendia as ligações da minha mãe.

— Você vai à boate hoje? — Christian perguntou, jogando o cigarro no chão e pisando em cima dele para apagá-lo.

— Não, tenho que ir ao casamento do meu primo, em Nova York — respondi, arrumando a mochila em meu ombro quando a senti querer escorregar. — Meus pais não vão e eu tenho que ir para representar a família, dar uma força ao Chase.

Ele riu.

— Falando assim até parece que ele está caminhando para a morte.

— Pietro disse que a mulher de Chase tem um humor doado pelo cão — eu falei, sorrindo.

Meu amigo deu outra risada, passando os dedos pelos fios escuros do cabelo. Aproveitei seu silêncio para tornar nossa conversa um pouco mais séria.

— Tenta não ser pego de novo vendendo essas merdas — disse a ele.

Christian pôs a mão no peito.

— Own, está preocupado comigo? — ele perguntou, e fez um beicinho medonho.

— Tô mais preocupado com a possibilidade de eu ter que sair de Nova York para te tirar da cadeia, seu fodido.

— Relaxa, cara. Eu não vou dar um vacilo daqueles de novo — murmurou, estreitando os olhos. — Mas ainda quero saber quem foi o filho da puta que armou para mim.

— Por que tem tanta certeza de que foi armação?

— Ouvi um dos policiais ao telefone, dizendo que a denúncia estava certa — cerrou a mandíbula. — Eu juro, Kellan. Quando eu pegar essa pessoa, ela estará fodida na minha mão.

Duas semanas atrás eu tive que tirar Yun da cadeia quando a polícia o pegou com drogas. Ele e o garoto para quem ele ia vender foram levados, sem muita cerimônia. Isso nunca tinha acontecido antes, mas de alguma forma, daquela vez foi diferente. E desde então, Yun estava procurando o culpado como um louco.

Ele ia descer direto para o presídio, mas mexi alguns pauzinhos e consegui sua liberação; também fiz com que a ficha dele fosse limpa novamente.

— Não pretendo me meter nos seus assuntos, faz como você quiser — eu anunciei. — Estou indo para casa, quer uma carona?

— Não, ainda tenho uma aula — ele grunhiu. — O arrombado do professor de Arquitetura não sai do meu pé.

— Quando eu voltar de Nova York, vamos resolver o assunto dos rachas — disse, e ele assentiu. — Vou indo nessa.

— Vai lá, cara.

Comecei a andar para longe de Yun e saí em disparada para o estacionamento da universidade. Peguei as chaves da minha BMW e a liguei, a ouvindo apitar em uma vaga. Destravei as portas e joguei minha mochila no assento ao lado, me sentando no do motorista. Liguei o carro e comecei a dirigir para longe dali.



— Por favor, Kellan. Seja simpático! — minha mãe pediu, arrumando minha gravata.

Fazia meia hora que ela estava mexendo na porra dessa gravata, tentando me deixar o mais perfeito possível. Não tinha nada para arrumar nela, eu sabia que minha mãe estava apenas nervosa.

— Eu sou simpático — me defendi.

— Só quando sorri, você sério, dá medo — ela resmungou de volta.

Ri, desacreditado do que ela tinha acabado de dizer. Sei que meus 1 metro e 96 centímetros de altura não me deixavam muito amigável, mas ela dizer isso na minha cara era totalmente diferente.

— Se não estivesse doente, eu diria para a senhora mesma ir, então — Revirei os olhos.

Ela sorriu e esticou os braços, ficando na pontas dos pés para apertar minhas bochechas.

— Não fica bravo, *bambino*. Você é lindo!

Ela se afastou de mim e pôs as mãos no rosto, ficando vermelha antes de espirrar com toda força que tinha.

— Querida, já tomou seu remédio? — meu pai perguntou, agarrando os ombros dela por trás.

— Joseph, não chegue muito perto. Posso acabar te passando o resfriado — Mamãe afastou meu pai com uma mão em seu peito.

Ele revirou os olhos, a puxando para mais perto.

— Por favor, Lilian. Não vou deixar de cuidar da minha mulher por causa de uma gripe idiota.

Minha mãe estava com dores no corpo e febre, então meu pai achou melhor ficar em Miami cuidando dela do que a deixar sob os cuidados dos empregados. Meu pai era como um urso possessivo, sempre rondando minha mãe, que não parecia se incomodar nenhum pouco com toda essa atenção exagerada dele.

— Você deveria ir ao casamento junto com Kellan, Chase vai ficar triste — ela falou para ele.

Meu pai a agarrou pela cintura e pôs a mão na testa dela, checando sua temperatura.

— Chase agora vai ter uma mulher, ele que se vire para me entender. A expressão da minha mãe se tornou mais triste.

— Eu devo isso a Beatrice, Joseph... — Ela agarrou os ombros dele, querendo chorar. — Chase é meu sobrinho, eu tinha que estar lá. Doente ou não.

Olhando para ela sem saber o que dizer, meu pai apenas beijou sua testa.

Nascida e criada na Itália, minha mãe veio para Flórida para fazer faculdade junto com sua irmã mais velha, minha tia Beatrice, que infelizmente morreu alguns anos atrás, vítima de um câncer.

Sim, eu sou meio italiano, mas nunca me aprofundei em minhas raízes, como meu primo fez. Nunca me interessei por isso, mas sou fluente no idioma.

Meu pai conheceu minha mãe quando ela estava em um café, e desde então começou a persegui-la e procurou saber tudo sobre ela. Segundo ele, foi amor à primeira vista; mas minha mãe diz o contrário. No começo, ela o chamou de *stalker* tarado, depois fugiu dele como o diabo fugia da cruz, principalmente quando meu pai disse que se casaria com ela, sem nem mesmo conhecê-la.

Ela só aceitou conhecê-lo quando o melhor amigo dele e cunhado dela, o pai de Chase, falou que ele era um cara legal que só era um pouco... intenso demais. Meu pai disse a ela que só estava brincando e reprimiu toda a sua intensidade até ganhar a confiança e, principalmente, o coração dela. Namoraram por um ano e então ele a pediu em casamento. Aos vinte e quatro anos eles se casaram, e aos vinte e cinco me tiveram.

Vendo a dificuldade do meu pai em mudar o pensamento da esposa, decidi ajudá-lo.

— Ei, eu já enviei uma mensagem ao Chase falando que nem a senhora nem o pai vão poder ir — eu a tranquilizei, mentindo um pouco. — Falei que a senhora estava doente e que meu pai iria cuidar de você. Ele entendeu.

Mamãe abriu a boca, mas meu pai pôs o dedo sobre os lábios dela, a silenciando.

— Você ouviu o que Kellan disse, ele entendeu.

Ela o encarou antes de assentir, a contragosto, e se virar para mim.

— Diga a ele que sinto muito, *bambino*... — ela pediu.

— Direi, mãe. Não se preocupe.

Ela sorriu minimamente e saiu do quarto, meu pai indo atrás como se fosse sua sombra.

Não me lembro de um dia sequer em que meu pai tenha agido diferente com minha mãe, ele sempre se comportou desse jeito. Era capaz de cometer loucuras por ela e de comprar a Lua se assim ela desejasse.

Ele olhava para minha mãe como se seu mundo estivesse na palma da mão dela. E parecia não ligar para o fato de isso o deixar vulnerável.

Me olhei no enorme espelho do meu quarto e analisei minha figura. Meu cabelo escuro estava penteado para trás, proporcionando uma ampla visão dos meus olhos azuis-claros.

— Senhor Kellan, seu jatinho lhe aguarda — Ouvi alguém dizer e, pelo reflexo, vi umas das empregadas na porta do quarto.

— Já estou indo, obrigada.

Ela assentiu com a cabeça e saiu, me deixando sozinho com minha imagem no espelho. O terno preto feito sob medida me dava um ar mais sério do que o normal.

A viagem para Nova York durou quase três horas, e nesse tempo eu amaldiçoei Chase de tantas formas que nem me lembrava. Só esse filho da puta para me fazer ir de Miami até Nova York apenas porque ele estava se casando.

Eu não pensava em me casar, era confiança demais a ser depositada em alguém. E eu tinha a plena certeza de que se eu me casasse algum dia, seria por negócios.

Quando cheguei ao casamento, analisei a igreja, notando que a entrada clareava boa parte do ambiente, contrastando com a noite. Um bom número de convidados já estava sentado, mas um grupo — de madrinhas e padrinhos, ao que parece — estava esperando ansiosamente pela noiva.

Entrei na igreja e vi meu primo, Chase, conversando com o pai. Pensei em ir até eles, mas a marcha nupcial começou a tocar e me dei conta de que a noiva havia chegado — e que talvez eu tivesse me atrasado um pouco. Procurei o primeiro lugar que encontrei, me sentando na ponta do banco da última fileira. Mesmo com inúmeras cabeças na frente, minha altura me permitia ter uma ótima visão da cerimônia.

Quando a noiva passou por mim, ergui as sobrancelhas diante de sua beleza. Seu perfil era lindo e o cabelo castanho-claro estava preso com um enorme véu na parte de trás. Ela estava olhando para meu primo, que praticamente brilhou no altar quando viu a noiva.

Revirei os olhos. Esse idiota sempre foi um bobão apaixonado.

Meu celular tocou no exato momento em que a cerimônia começou, e praguejei quando as pessoas próximas a mim me olharam torto; me levantei do meu lugar e fui para fora da igreja. Retirei o celular do bolso e o atendi.

— Não me diz que você foi preso de novo, porra — rosnei, entre dentes.

— *Você não vai ficar tão putinho quando eu disser quem acabou de comprar droga comigo* — Christian falou, e ouvi a música alta do outro lado da linha.

— Não me importo com os seus clientes. Estou na igreja, caralho — vociferei.

Minha mãe morreria do coração se me visse xingando agora.

— *Engraçado, sempre achei que você tivesse interesse nela* — ele continuou, em um tom que já estava me dando nos nervos. — *Mas o mais engraçado é que eu nunca pensei que ela fosse gostar dessas coisas.*

Cerrei os dentes.

— Eu vou te matar se você tiver vendido cocaína para Brianna, seu fodido!

Yun riu do outro lado, parecia estar achando tudo isso muito engraçado.

— *Brianna? Nunca disse que era ela.*

— Olha aqui, Christian, eu não tenho tempo para as suas charadas!

Ele riu mais uma vez.

— *Hum, será que Ryen vai se tornar uma cliente regular?* — ele perguntou, pensativo.

De todas as palavras que ele disse, eu prestei atenção em apenas uma. Um nome, para ser mais específico.

— O que disse? — perguntei.

— *Cabelos pretos, olhos castanhos e uma bela dançarina. Te lembram alguém, Kellan?* — questionou, e pude jurar que o filho da puta estava sorrindo.

— Impossível... — Apertei o celular entre meus dedos.

— *Tenho que te confessar, irmão* — Yun começou, rindo. — *Ela está muito gostosa. Nunca pensei que a princesinha dos Rodríguez ia desenvolver gostos tão pouco recomendáveis.*

Tranquei minha mandíbula com tanta força que quase a senti sair do lugar.

— Yun, seu filho da puta. Se você estiver mentindo, eu juro que...

— *Ela saiu daqui não faz nem cinco minutos. Coloquei a Yuki para descobrir onde ela mora* — falou, se referindo a sua amiga hacker.

Oh, porra. Eu ouvi bem? Ryen estava de volta na cidade e aparentemente fazendo coisas que não faria no passado?

— Assim que Yuki descobrir o endereço, me mande, pode ser? — Me sentia eufórico pra caralho.

— *Beleza* — concordou, antes de desligar.

Voltei para o meu lugar e esperei apenas alguns segundos até Yun me mandar a localização de Ryen.

Um sorriso de lado se abriu em meus lábios e quase não pude acreditar no que estava vendo. Logo abaixo da localização estava a foto de uma mulher com cabelos negros e longos, usando uma jaqueta *oversized* curta. Mesmo de lado e alguns anos mais velha, eu podia ver as semelhanças com *ela*.

Ela foi tirada das minhas vistas há cinco anos, e agora finalmente foi devolvida para onde pertencia.

O resto da cerimônia passou se arrastando, e assim que chegou ao fim, me levantei do meu lugar e assisti meu primo e a esposa serem parabenizados. Comecei a andar na direção deles.

— Chase — eu o chamei.

Meu primo seguiu o som da minha voz e seu rosto se iluminou assim que ele me viu.

— Kellan, você veio! — Ele sorriu largamente.

Eu sorri de volta e coloquei as mãos nos bolsos de minha calça, parando a alguns centímetros dos noivos.

— Um pouco atrasado, mas cheguei — Inclinei a cabeça para o lado. — Miami não é nada perto de Nova York.

Chase se afastou da esposa e veio até mim, me dando um abraço apertado que logo retribuí.

— *Cazzo*, faz muito tempo que não nos víamos — Ele riu, voltando para a esposa. — Onde estão o tio e a tia?

— Não puderam vir — Neguei com a cabeça. *Depois explicaria melhor a ele, agora estava com pressa.* Olhei para a mulher ao seu lado. — Não vai me apresentar sua esposa, Chase?

— Ally, esse é o meu primo, Kellan Royal — Chase me indicou com a cabeça. — Kellan, essa é a Allyson Fontana, minha esposa.

O vi beijar o topo da cabeça dela e ela arregalou os olhos.

— Espera, você disse Kellan Royal?! — perguntou alarmada, erguendo as sobrancelhas. — O herdeiro do Império Royal, a maior empresa de café da Flórida?

Meu primo assentiu e eu a encarei.

— Prazer em conhecê-la, Allyson — Os cantos dos meus lábios se ergueram em um sorriso tímido.

— O prazer é meu — Ela sorriu, parecendo envergonhada.

Ainda com um sorriso mínimo nos lábios, olhei para o meu primo.

— Bom, obrigada por me convidarem para o casamento de vocês — Olhei dela para Chase. — Porém não posso ficar por mais tempo, tenho alguns assuntos urgentes para resolver em Miami.

Um assunto, em especial, que não poderia esperar nem mais um minuto sequer.

— Venha nos visitar mais vezes — Meu primo sorriu e eu assenti.

— Foi bom te conhecer, Allyson — Pisquei um olho para ela, sabendo que meu primo iria me xingar por mensagem depois.

Dei um último aceno ao meu primo e a sua esposa antes de dar as costas a eles e começar a caminhar para fora da igreja. Eu deveria me despedir do meu Tio Anthony e de Pietro, mas eles que me perdoassem.

Iria levar um sermão longo da minha mãe quando chegasse em casa, mas de qualquer maneira eu partiria neste exato momento para Miami, onde um assunto de cabelos pretos e olhos grandes estava me esperando, mesmo sem saber que eu estava indo ao seu encontro.

Eu não pude evitar que ela fosse embora cinco anos atrás, mas agora faria o impossível para que isso não acontecesse novamente. Ryen Rodríguez traçou a porra do meu caminho no momento em que nasceu, e não tinha direito de ter saído dele sem a minha permissão. E qualquer pessoa que ousasse se meter entre nós dois iria acabar esmagado como a porra de uma formiga.



*“Ei, Senhor, você sabe que estou cansado.
Ei, Senhor, você sabe que estou cansado de lágrimas.
Ei, Senhor, apenas me liberte”*
Labrinth & Zendaya – I’m tired

Ryen Rodríguez

Entrei no elevador do meu prédio e encarei o pacotinho de droga na minha mão após apertar o número do meu andar. Não fazia ideia se essa merda iria me ajudar a dormir, mas no México sempre funcionou quando eu mais precisei, nas noites em que sonhava com o acidente de Rapha.

Eu cheirava o pó e, após uma hora, alucinava um pouco. E então eu apagava, como se não tivesse a cabeça fodida de pensamentos ininterruptos. Se essa droga fosse realmente melhor do que as que Lorenzo me dava, eu iria continuar comprando daquele mesmo cara. Sei onde encontrá-lo, então não seria problema conseguir mais.

As portas do elevador se abriram e eu saí, tirando a chave do apartamento do bolso da minha jaqueta enquanto andava pelo corredor silencioso. Abri a porta e entrei, a escuridão da sala me dando boas-vindas. Liguei a luz, reclamando comigo mesma por não ter feito isso antes de sair. Killer não gostava de escuro, então eu me lembrava de tê-la deixado acesa — mas parece que eu estava errada.

Retirei minha jaqueta e a joguei sobre o sofá, junto com minha bolsinha, esbarrando em um saco de salgadinho vazio que estava no chão. O apanhei, sentindo vergonha de mim mesma por deixar meu apartamento chegar a esse estado de bagunça. Sempre fui uma pessoa organizada, desde mais nova. Então ver o lugar onde eu morava, dormia e comia parecendo um lixão, me deixava constrangida. Mas eu não tinha ânimo para nada, e minha maior vontade era ficar deitada na cama, no completo escuro.

Coloquei o saquinho transparente com o pó branco na mesa de centro e caminhei até a cozinha, jogando o saco de salgadinho na pequena lixeira perto da pia. Amanhã eu mesma tentaria dar um jeito nessa bagunça; não queria ninguém entrando aqui para limpar e ficar bisbilhotando as minhas coisas. Eu não podia dar esse vacilo.

— Killer — eu o chamei quando não o vi em lugar nenhum.

Quando não tive resposta, o chamei novamente; franzi o cenho quando ele mais uma vez ficou calado. Aquilo era estranho, porque geralmente Killer sempre sabia quando eu chegava em casa.

Confusa, subi as escadas e fui para o meu quarto, encontrando a porta entreaberta. Ele provavelmente estava dormindo na minha cama, era tudo que ele vinha fazendo desde que estávamos escondidos aqui. Até Killer estava pagando por um castigo que deveria ser só meu.

Escancarei a porta e entrei no quarto.

— Killer, você... — As palavras morreram em minha boca e meus olhos se arregalaram diante do que eu estava vendo.

Meu sangue gelou, e era como se eu estivesse vendo um fantasma bem na minha frente. De fato, era a porra de um fantasma.

Essa era a única explicação lógica para o que estava diante de mim. Será que eu já tinha usado a droga e agora estava alucinando? Porque se fosse o caso, essa merda teve o efeito contrário do que eu queria.

Uma risada trêmula e incrédula escapou dos meus lábios quando ele virou o rosto para me olhar. Callum sorriu para mim.

— Olá, querida.

Senti calafrios por todo o meu corpo e inclinei a cabeça para o lado, incrédula. Minhas alucinações geralmente não falavam, nem seguravam meu cachorro pela coleira.

Desesperada, dei um passo em sua direção.

— O que... — Estanquei no lugar quando Callum apontou uma arma na minha direção. — Você... Você morreu. Eu matei você!

Meu padrasto estava bem na minha frente, sem nem um arranhão, nem mesmo no olho. Seu pescoço parecia bem e seu corpo tão forte e saudável quanto eu me lembrava. Esse era o fantasma mais real que já vi em toda a minha vida.

— Eu estou aqui, não estou? — debochou, ainda sorrindo.

Gritei quando o medo subiu por minhas entranhas, então andei para trás, minhas costas batendo na parede. *Não, não... não podia ser.* Callum

não podia estar vivo depois de eu ter cravado meu canivete em seu pescoço. Ele com certeza era um verdadeiro demônio, mas não era imortal

E não teria como ele saber onde eu estava.

— Você não é real — eu neguei repetidamente com a cabeça, agarrando meus cabelos e os puxando. — Eu matei você, eu matei você!

— Eu sou real, Ryen — Callum afirmou, me fazendo olhar para ele. Seu rosto tinha uma expressão doentia de contentamento. — E eu vim te buscar de volta, minha obra de arte. Você me pertence, querida.

A forma como ele me chamou de querida me causou repulsa. Vindo dele, aquele termo parecia nojento e pervertido. Totalmente imundo e desprovido de qualquer coisa boa.

Meus olhos travaram na arma em sua mão e depois em Killer, sendo segurado pela coleira. Meu cachorro estava desacordado, o que fez o pânico crescer ainda mais no meu peito.

— O que você fez com ele? — questionei, indo até eles.

Parei de andar quando Callum apontou a arma na direção de Killer. Engoli em seco.

— Esse filho da puta me atacou, então bati na cabeça dele para que ele calasse a boca.

Juntei minhas mãos, suadas pelo medo.

— Não faz nada com ele, por favor! — implorei.

Não me importava em me ajoelhar diante desse monstro se fosse por Killer. Eu não podia perdê-lo, ele era tudo que eu tinha na minha vida, sem ele eu ficaria completamente sozinha.

— É um pouco tarde para isso, não acha? — Callum sorriu, deixando a cabeça pender para a direita. — Mas tem uma coisa que você pode fazer para ele ficar bem...

Cerrei meus dentes e apertei minhas mãos em punhos.

— O quê?

— Você pode aceitar o fato de que sempre foi minha, e voltar para o México comigo, minha obra de arte.

Cravei minhas unhas nas palmas das mãos e o olhei com repulsa. *Nojo.*

— Eu nunca fui sua, seu doente — sibilei, com o tom mais desprezível possível.

Callum riu alto, negando com a cabeça. Era como se eu fosse uma criança que disse a coisa mais ridícula do mundo, quando tudo o que eu

falei foram apenas fatos.

— Você é minha desde o momento que comecei a namorar com a sua mãe, querida.

Estava enojada.

— Eu era uma criança, seu monstro!

Ele deu de ombros.

— O que importa a idade? — perguntou, sorrindo maliciosamente.
— Eu poderia te ensinar a chupar o meu pau como uma adulta.

— Eu nunca vou ser sua, seu filho da puta! — eu rosnei. — Prefiro morrer junto com Killer se isso significar não ter suas mãos nojentas em mim!

Callum olhou de mim para Killer, e então para sua arma. Ele deu de ombros e mirou a cabeça do meu cachorro.

— Você quem sabe — E então, o som do tiro repercutiu por todo o quarto.

Eu gritei quando o corpo do meu cachorro foi ao chão num baque alto; meus joelhos cederam, desmoronando.

— Killer! — eu gritei, vendo o sangue se acumulando embaixo da cabeça dele.

Eu comecei a chorar e minhas mãos trêmulas foram para a minha boca, o choque percorrendo todo o meu corpo. Não podia acreditar que meu cachorro estava mesmo morto.

Callum sorriu quando olhou para o corpo de Killer, e então moveu os olhos verdes e monstruosos para mim.

— Agora é a sua vez — prometeu, apontando a arma para mim enquanto começou a vir na minha direção. — Vou te matar e em seguida vou foder seu cadáver em cima do seu próprio sangue. No fim das contas, essa vai ser a minha maior obra-prima.

Gritei e me arrastei pelo chão quando minhas pernas não obedeceram aos comandos do meu cérebro para que eu corresse. A mão de Callum envolveu meu tornozelo e me puxou para ele, sem muita dificuldade. Quando vi que não tinha nada com o que me defender, aceitei que estava perdida.

Um grito alto irrompeu pela minha garganta e acordei num sobressalto, me sentando na cama. Minha respiração estava rápida e meu coração acelerado, de maneira que chegava a doer. Olhei para meu

edredom, vendo que o chutei para longe do meu corpo enquanto, provavelmente, me debatia.

Tirei os fios do meu cabelo da minha testa suada, suspirando de alívio quando vi que tudo não passou de um sonho. No entanto, o pânico instalado em meu peito ainda estava aqui.

— Tendo pesadelos?

A respiração ficou presa em minha garganta e meu corpo paralisou contra a minha própria vontade. Uma voz grave e rouca, que pensei que nunca mais ouviria, atingiu meus ouvidos, e eu seria mentirosa se dissesse que não a reconheci, mesmo depois de todos esses anos.

Só pode ser um pesadelo dentro de outro, merda.

Forcei uma naturalidade que não sentia quando, lentamente, movi meus olhos na direção da voz. Ele estava sentado em minha poltrona, as pernas entreabertas vestidas com uma calça de terno preta, os braços apoiados nos braços da poltrona, as mangas da camisa social branca levantadas até os cotovelos de maneira desleixada.

Contudo, o mais impressionante era o meu cachorro, deitado ao lado da poltrona, com uma expressão tranquila. Como se um estranho não tivesse invadido a casa de sua dona sem intenções claras.

Implorei para que fosse outro pesadelo, mas seus olhos azuis gélidos me encarando provavam que isso era real.

— Agora você invade o apartamento das pessoas? — questionei, com indiferença, o encarando.

Ignorei a vontade de cobrir meu corpo com o edredom ao me dar conta de que estava vestindo só uma regata lilás e uma calcinha de renda da mesma cor.

Minha mãe havia me dito que ele saiu do coma duas semanas depois que fomos embora de Miami, mas eu não esperava vê-lo tão cedo. Na verdade, achei que não ia vê-lo nunca mais.

Uma de suas sobrancelhas escuras se ergueu, o rosto inexpressivo e mais maduro do que há cinco anos, o que era lógico. O cabelo preto estava um pouco mais comprido, um pouco acima dos olhos, e os fios eram brilhantes.

Killer se levantou no chão e correu, subindo na minha cama.

— Um passarinho me contou que uma velha amiga estava de volta — Kellan falou, se levantando da poltrona. — Então vim fazer uma surpresinha.

Ele pôs as mãos nos bolsos da calça e não pude deixar de ficar boquiaberta por ver como ele parecia mais alto e musculoso. Sem contar que agora ele possuía tatuagens nos antebraços e no peito. Kellan sempre foi mais esguio do que musculoso, mas não tinha como negar que seus bíceps estavam bastante visíveis.

Ele parecia... *intimidade*.

— Amiga? — Franzo o cenho, procurando ao redor. — Onde?

Se afastando da poltrona, Kellan inclinou a cabeça para o lado.

— Cinco anos são o suficiente para você se esquecer de um amigo, Ryen? — perguntou, parando a poucos passos de onde eu estava.

Ri com sarcasmo e lentamente joguei minhas pernas para fora da cama, me levantando.

— Por favor, você era amigo do meu irmão. Não meu — Arqueei uma sobrancelha, cansada de conversar besteira. — Como entrou aqui?

Kellan passou os dedos pelos fios escuros, os jogando para trás, e quando eles caíram em seu rosto, me deram uma bela visão de seu maxilar marcado e dos olhos quase cinzentos.

Seu olhar desceu pelo meu corpo, fazendo com que eu me sentisse nua.

— Você anda comendo? Parece mais magra — ele comentou, voltando a me encarar. Algo em seu tom de voz dava a entender que ele estava com raiva.

Travei minha mandíbula ao ouvir seu infeliz comentário e ergui o queixo.

— Muito obrigada pela análise, mas tenho espelho — retruquei, mesmo sentindo uma pontada no peito. — Não pedi sua opinião sobre o meu corpo.

Isso me fez lembrar de como eu era mais cheinha antes de ir embora de Miami. Nesses cinco anos eu cresci e emagreci naturalmente, graças à puberdade. Minha cintura ficou mais fina, mas a bunda avantajada e as coxas grossas ainda estavam ali.

Andei lentamente até um short preto curto jogado no chão e o vesti, pouco me importando com os olhos que senti em minhas costas.

— Quando você chegou? — Kellan perguntou, ignorando meu desprezo por seu comentário anterior.

— Como você entrou aqui? — rebati, me virando para encará-lo.

A porra da porta estava trancada e nesse apartamento havia um cachorro enorme que não gostava de estranhos. *O que houve com Killer?*

— Eu fiz uma pergunta.

Me irritei com a autoridade em sua voz e cerrei os dentes, o vendo andar vagorosamente até mim.

— E eu não sou obrigada a responder a porra da sua pergunta!

As sobrelanceiras de Kellan se ergueram.

— Então quer dizer que agora você xinga? — ele provocou, sorrindo de lado.

— E vou xingar ainda mais se você não disser como entrou aqui — Mantive meu rosto inexpressivo.

Killer latiu, parecendo sentir a tensão no quarto. Kellan estalou os dedos e ele pulou da cama, indo até ele de maneira obediente. O idiota acariciou a cabeça do meu cachorro e isso me enfureceu ainda mais.

— Você não tinha um vocabulário assim, pequena Ryen — Kellan me encarou, ainda com um sorriso provocador nos lábios.

O ignorei e foquei no meu cachorro, que parecia estar amando o carinho desse babaca.

— Killer — eu o chamei, mas ele só fez olhar em minha direção. — Killer!

Meu cachorro não moveu um músculo para vir até mim, e eu contive um gritinho frustrado ao andar até eles. Kellan enrolou a coleira do meu cachorro em sua enorme mão e a segurou.

— Solta o meu cachorro — eu mandei, erguendo o rosto para encará-lo.

Agora que estava tão perto dele, seu perfume me atingiu, e não pude evitar de me sentir pequena ao lado dele. Meu rosto batia em seu peito e ele parecia duas vezes maior do que eu.

Ele me encarou de cima, arrogante.

— Ele não quer ir com você.

Apertei minhas mãos em punhos e engoli a vontade absurda de voar no pescoço dele.

— Você fez alguma coisa com ele!

Esse não era o comportamento normal de Killer, ele odiava estranhos, principalmente homens que chegavam muito perto de mim. Então por que ele não atacou este enorme e abusado filho da puta?

Me enfureci ainda mais diante do silêncio de Kellan e de seu olhar de indiferença. *Esse desgraçado não mudou nada.*

— Ou você o solta ou eu juro que vai se arrepender, seu *hijo de puta!* — afirmei, com ódio presente em minha voz.

Um sorriso de lado se abriu nos lábios de Kellan e ele me olhou nos olhos, um desafio claro para mim.

— Quanta agressividade para alguém que era tão meiga, Ryen... — Ele murmurou meu nome com uma intimidade absurda. — Você virou uma verdadeira delinquentezinha, não é mesmo?

— Vá se foder!

Ele estreitou os olhos ao ouvir minhas palavras hostis.

— Hum, e virou uma garota de boca suja também — Sorriu de lado, parecendo se divertir.

Esse idiota já estava me enchendo a paciência com essa personalidade horrível e insistente. Eu não entendia como eu não percebi antes que ele era um tremendo babaca.

Com uma calma que não sentia, olhei para Killer, tranquilo ao lado dele, e pela primeira vez na minha vida, usei autoridade rude na voz para falar com ele.

— Killer, vem aqui — eu mandei.

Ele me olhou e soltou um som choroso, dando um passo em minha direção. Kellan soltou sua coleira e ele se posicionou ao meu lado, como se não tivesse virado a casaca minutos atrás.

Voltei a olhar para Kellan no instante em que ele tirou um pacotinho vazio, que eu conhecia muito bem, do bolso de sua calça. Ele o ergueu entre os dedos e eu apertei minhas mãos em punhos.

— Pelo visto você adquiriu hábitos nada saudáveis — desdenhou, a sobancelha arqueada. Mais uma vez, ele parecia irritado.

Quem esse cara pensava que era para me dar lição de moral?

— E você adquiriu o hábito de se meter onde não foi chamado — Ergui o queixo e revirei os olhos. — Caralho, você é um porre!

O encarei com toda a indiferença possível, para que ele soubesse que nada do que ele falava me interessava e que suas opiniões eram muitíssimo inconvenientes.

— É isso que tem feito desde que chegou a Miami? — Kellan questionou, abaixando o pacotinho, enquanto a frieza inundou seus olhos. — Ir a boates e se entupir de drogas?

Ri com escarneio e neguei com a cabeça, não acreditando no que estava ouvindo.

— Ah, por favor — eu zombei, o olhando de cima a baixo. — Não me diga que se sente no direito de me interrogar sobre a minha vida.

O vi trancar o maxilar, seus olhos ficaram ainda mais frios com o meu comentário.

Foda-se ele.

Eu continuei.

— A única pessoa para quem eu devia explicações era o meu irmão E bom, você sabe, ele está morto.

Kellan riu, seco.

— Então por isso você virou uma drogada?

Desfiz minha expressão de deboche e a substituí pela mais fria que consegui, dando um passo à frente.

— Vai à merda! Quem você pensa que é? — eu rosnei, quase colada ao seu peito. — Se não sair do meu apartamento agora mesmo, eu vou ligar para a polícia!

É claro que aquilo não passava de um blefe meu. Se eu ligasse para a polícia, possivelmente estaria mais encrencada do que ele.

Kellan deu um passo adiante, nos deixando peito a peito. O cheiro do seu perfume me atingiu com mais força do que antes, e me recusei a desviar os olhos dos dele. Ou a recuar primeiro.

— Aproveita e conta também da droga que você usou — Ele sorriu de lado.

Sorri de volta.

— Vou contar que um pervertido entrou no meu apartamento sem ser convidado e que talvez tenha até passado a mão em mim enquanto eu dormia.

Ele parecia se divertir.

— Virou uma ótima mentirosa também — atirou, não me deixando identificar o que havia em seus olhos.

Franzi o cenho, fingindo confusão.

— Mentirosa? Por quê? — O olhei com falsa inocência. — Eu não te conheço direito, não sei do que você é capaz.

— Vamos acrescentar dissimulada à lista das suas novas características — ele me provocou. *Filho da puta!*

Apontei para a porta do meu quarto.

— Vaza daqui! — vociferei, entre dentes. — Agora!

Ele ergueu as sobrancelhas escuras e me olhou de cima, com uma superioridade odiável. Kellan nem mesmo parecia interessado em me obedecer, na verdade ele nem deve ter cogitado essa possibilidade.

Empurrei seu peito e ele nem saiu do lugar, era como encostar em uma parede sólida. O contato com sua pele fez minha mão formigar levemente.

Eu quis gritar com Kellan e xingá-lo de todos os nomes existentes, mas não deixaria que ele tirasse nem mais uma reação de mim.

— Você não costumava ser um pé no saco — eu o provoquei, dando um sorriso falso.

— E você não costumava agir como um cão raivoso.

Ainda sorrindo, lhe dei as costas e fui até Killer.

— Deixe de enrolar e fale o que veio fazer aqui.

— Eu preciso de motivos? — questionou, a voz rouca me causando arrepios involuntários.

Bastardo.

— Então dê o fora daqui — eu mandei, me virando para encará-lo. — E não entre mais no meu apartamento sem ser convidado. Eu não vou falar de novo.

Seus olhos percorreram meu corpo, parando em meus seios, que com certeza estavam com os bicos pressionados contra o tecido fino de minha regata lilás. Ele voltou para o meu rosto.

Eu podia jurar que meus mamilos endureceram perante seu olhar. *Merda, só posso estar sob efeito de droga.*

— Então da próxima você irá me convidar? — Sorriu de lado.

O sorriso desse infeliz não morria de jeito nenhum. Queria ver uma expressão de ódio em seu rosto e sentir que minhas palavras o afetavam.

— E por que eu convidaria você? — Fui seca.

— Você costuma ser tão má assim com os amigos? — perguntou, se aproximando de mim aos poucos.

Ele só podia conversar comigo se estivesse tão perto assim? Se esse idiota não ia recuar, eu também não iria. Ele não me afetava em nada. *Nada.*

— Você não é meu amigo nem nunca foi — falei, quando ele ficou a alguns centímetros de mim. — Você era o melhor amigo do meu irmão. E já que ele está morto há cinco anos, isso quer dizer que... bom, laços encerrados.

De repente, Kellan deu um passo à frente, me fazendo recuar, até que minhas pernas bateram contra a cama. Eu não pensei, só segui meus instintos, que gritaram para que eu fugisse, e céus, como me odiei por isso.

O peito de Kellan pressionou meus seios e senti minha respiração querer acelerar. Ele estava muito perto e isso me dava raiva. Quem ele pensava que era para invadir meu espaço pessoal desse jeito?

Pressionei a mão no peito dele para empurrá-lo para longe.

— Se afaste... — Me calei quando ele agarrou meu pulso e deixou minha mão espalhada contra seu peito.

Seus dedos estavam firmes em minha pele e eu puxei meu pulso, mas sequer consegui fazer a mão dele se mexer.

— Se continuar falando da morte do seu irmão como se fosse algo insignificante, você vai se arrepender — atirou, com frieza, seu hálito batendo contra meu rosto.

Fiz beicinho.

— Tadinho... — murmurei, gentil. — Ainda não superou?

O aperto de Kellan se tornou mais forte e eu puxei meu pulso mais uma vez. No entanto, tudo que consegui foi me desequilibrar e cair sentada na cama.

Agarrei o pulso de Kellan e cravei minhas unhas em sua pele.

— Me solte!

— Acho que você virou uma cadela odiável também — Kellan rosnou, parecendo não sentir a ardência de minhas unhas. — Peça desculpas.

— Pelo quê? Tudo o que eu disse é verdade — Ergui minhas sobrancelhas. — Agora me solta, *hijo de puta*. Ou eu juro que vou gritar!

Kellan me encarou de cima e isso só fez com que ele parecesse ainda maior, principalmente agora que eu estava sentada. Seu aperto continuou firme em meu braço, e até agora eu me perguntava o que Killer estava fazendo que não via isso.

O brutamontes riu, uma risada curta e grave. Então soltou meu pulso e deu alguns passos para trás.

— Não se atreva a sair de Miami — ele avisou, me dando as costas.

Me levantei da cama com um sobressalto, puro ódio irradiando de mim.

— Você não manda em mim!

Encarei suas costas, o vendo chegar até a porta. Então ele agarrou a maçaneta e se virou para me olhar, um sorriso de lado brincando em seus lábios.

— Vamos ver então, pirralha.

Ele abriu a porta no momento em que me abaixei para pegar meu coturno ao lado da cama e arremessá-lo em sua direção. Mas antes que eu conseguisse atingir meu alvo, a porta foi fechada, fazendo com que o sapato fosse de encontro à madeira.

Gritei de raiva e passei as mãos pelo meu cabelo, vendo Killer pular da cama e ir até a porta, a arranhando. Era como se ele quisesse ir atrás do idiota que saiu do meu quarto.

Que tremendo desgraçado! Não acredito que ele teve a audácia de invadir meu apartamento depois de todos esses anos, como se fôssemos amigos íntimos. Ele me observou dormir enquanto estava sentado de maneira confortável em minha poltrona. Será que ele me viu tendo pesadelos? Espero que eu não tenha feito nenhum escândalo durante meu sono.

Ver Kellan depois desse tempo todo me deixou estranha. Nervosa. Ele estava igualzinho ao que era no passado, mas totalmente diferente também. Sem contar que agora ele pensava que tinha algo a ver comigo e com as merdas que eu fazia. A questão é que quando eu tinha catorze anos, a última coisa que ele queria era ter algo relacionado a mim. Ele se empenhava em deixar claro que meu irmão e eu sempre seríamos diferentes diante de seus olhos.

Como se Rapha fosse importante e eu não passasse de um brinde irritante que o acompanhava. Kellan me aturava e nem escondia o fato de que não me suportava.

Então por que agora ele estava tendo uma atitude que não combinava com ele? Era passe de responsabilidade ou algo assim? Ele pensava que havia se tornado meu irmão mais velho?

Andei até o meu banheiro e abri a porta, indo ao espelho acima da pia de mármore. Encarei meu reflexo, vendo olheiras debaixo dos meus olhos, e constatei que eu não poderia estar mais acabada. Não me surpreendia Kellan não ter feito nenhum comentário bom sobre mim, minha aparência era lamentável.

Baixei os olhos, não aguentando mais me ver, e apoiei as mãos na pia, suspirando. Pensei que a droga me ajudaria a dormir, mas foi só mais

uma ilusão. Sonhei com Callum e seu sorriso imundo, e fiquei apavorada quando o vi segurando Killer e apontando uma arma para sua cabeça. Mesmo depois de morto, ele não me deixou em paz, e eu temia que fosse assim para sempre.

Quando ergui meu olhar para o espelho, arregalei meus olhos ao ver meu pescoço coberto por sangue. Gritei e dei alguns passos para trás, batendo minhas costas contra a parede. Fechei meus olhos e tentei me limpar, mas quando abri minhas pálpebras não tinha mais sangue. Minha pele estava limpa.

Respirei fundo e passei as mãos pelo meu cabelo. Eu estava enlouquecendo, estava exausta. Não conseguia mais suportar isso e toda essa pressão, era demais pra mim. Eu simplesmente não aguentava mais.

Tirei minha roupa e enchi a banheira, entrando nela logo em seguida. Esfreguei meu corpo com a esponja, dando mais atenção à área do meu pescoço e às minhas mãos quando as senti pegajosas, como na noite em que matei Callum.

Afundi na água e em seguida subi, torcendo meus cabelos. Saí da banheira e me cobri com o roupão branco, não me importando com o fato de o meu cabelo estar pingando. Mais uma vez, tomar banho não estava adiantando.

Vesti uma calça jeans, uma regata branca e a jaqueta que era do meu irmão. Penteei meu cabelo, o partindo no meio, e calcei meus coturnos pretos. Olhei para Killer, deitado na minha cama, e me aproximei dele, que ergueu a cabeça quando me viu.

Me ajoelhei no chão e apoiei os cotovelos na cama, segurando o focinho dele em minhas mãos.

— Me desculpa, Killer... — Colei minha testa na dele, acariciando suas orelhas. — Mas você nunca vai saber o porquê de eu não ter voltado para casa.

Me levantei e, sem olhá-lo, saí do quarto antes que eu começasse a chorar. Desci as escadas correndo e fui até a porta do apartamento, notando que ela estava destrancada, me lembrando que Kellan esteve aqui minutos atrás.

Após descer pelo elevador, saí do prédio e comecei a andar pela calçada, com a intenção de chegar a um lugar sem volta. Um lugar onde eu finalmente daria fim às vozes e lembranças na minha cabeça. Onde eu faria tudo ficar em silêncio novamente.

Eu estava cansada. Já tinha tentado demais, não conseguia mais lutar. Tudo dentro de mim doía, minha mente não me deixava em paz. Eu só queria poder dormir tranquila outra vez. Por que tudo tinha que ser tão difícil para mim? Por que a minha vida tinha que ser turbulenta desse jeito?

Os carros e as pessoas ao meu redor passavam em câmera lenta. Quando fui atravessar a rua, um carro buzinou, e o som virou um mero zumbido em meus ouvidos. Corri para o outro lado da rua o mais rápido que consegui, e então voltei a andar. Não estava muito longe do meu destino, vi a ponte quando estava andando de táxi.

Mais alguns minutos caminhando, finalmente chego à *Brickell Avenue Bridge*. Me sentei com as pernas para fora, penduradas, minhas unhas cravando em meus jeans quando olhei para o céu.

Uma lágrima solitária escorreu dos meus olhos, e naquele momento eu percebi que já era tarde demais.

Eu não duvidava da existência de Deus, mas achava que ele tinha me esquecido. A Bíblia dizia que suicídio era um pecado sem perdão, mas Deus sabia que eu estava cansada. Cansada de lágrimas e de uma vida sem paz, onde eu sempre tive que lutar. Eu só queria que ele me libertasse, só desejava ser livre. Só queria que tudo isso acabasse.

Isso era ser fraca? Isso era ser uma pecadora?

Olhei para a água abaixo dos meus pés e mais lágrimas rolaram, incessantes.

— Me perdoa, Rapha... — eu sussurrei, soluçando alto. — No fim das contas, eu não consegui andar pelo fogo para salvar a mim mesma.

Fiquei de pé e encarei a água, a vendo calma e sem movimento. Me coloquei de costas e dei mais dois passos para trás, para que assim eu ficasse na ponta, meus pés deslizando duas polegadas para fora. Uma brisa suave passou por mim batendo em meus cabelos molhados, e eu fechei meus olhos enquanto lentamente joguei meu corpo para trás, sem hesitar.

Afinal, eu nunca tive medo de altura.



*“Mas só porque queima, não significa que você vá morrer
Você tem que se levantar e tentar, e tentar, e tentar”*

Pink – Try

Ryen Rodríguez

Eu estava enganada.

Nos últimos cinco anos vivi com o pensamento de que quando eu morresse, meus problemas se encerrariam por completo. Eu pararia de me sentir vazia e as vozes em minha cabeça se calariam, não restando nada mais do que o silêncio que eu tanto desejei. Eu cogitei várias vezes tirar minha própria vida, mas nunca tive coragem. *Até agora.*

E tentando de maneira falha agarrar a água à minha volta, vi que minhas suposições estavam todas erradas. Aquilo não era nada do que imaginei e eu não me sentia em paz. Agora que estava cara a cara com a morte, eu desejava profundamente viver.

O fundo do rio não parecia mais tranquilo, na verdade era assustador. Era horrível olhar em volta e não achar nada além de escuridão e um frio que gelava todos os meus ossos.

Tentei desesperadamente subir para a superfície, mas não consegui. Meus olhos estavam arregalados e eu sentia meu corpo cada vez mais pesado. Eu não sabia nadar e estava com medo. A superfície parecia ficar cada vez mais longe à medida que eu afundava.

O ar começou a faltar e tudo o que pude fazer foi fechar os olhos quando senti a escuridão querer me abraçar. Não era para ser desse jeito, eu não deveria acabar assim. Eu pensei que era uma sobrevivente, mas só me restava morrer e ficar no fundo do rio até que achassem meu corpo.

Queria ter sido mais forte. Queria ter tido estômago para aguentar a morte em minhas costas. Mas no fim das contas, fui só uma cadela que

latiu, latiu e não mordeu. Talvez o fundo do rio fosse um bom lugar para pessoas como eu.

Quando estava prestes a perder a consciência, senti uma movimentação na água, e então alguém puxou meus braços para cima, levando junto o meu corpo. Alguns segundos depois, meus pulmões foram agraciados com oxigênio quando minha cabeça surgiu na superfície.

A pessoa estava com um dos braços debaixo da minha axila, enquanto nadava até a margem. Eu tossi, expulsando toda a água que engoli no fundo do rio e que quase me matou. Quando dei por mim, estava deitada por cima de uma grama verde. Mais uma vez, tossi freneticamente.

Meu cabelo estava colado em minha testa e eu joguei os fios ensopados para trás, não acreditando no que tinha acabado de tentar fazer.

— Ficou maluca?! — Ouvi a pessoa perguntar, parecendo irritada. — Vaca não sabe voar, você não pode se jogar da ponte!

Com a mão no peito, virei a cabeça na mesma hora que reconheci a voz, dando de cara com Brianna Royal sentada na grama, a alguns centímetros de distância. Seu cenho estava franzido enquanto ela olhava para mim.

A analisei, percebendo que ela realmente ficou tão bonita como no pôster que vi dias atrás. Brianna agora era uma mulher, seu rosto estava maduro, com lábios carnudos e olhos intensos que, junto a seu rosto simétrico e seu nariz pequeno e arrebitado, lhe davam uma aparência harmoniosa.

Maldita intrometida.

Me levantei, sentindo minhas roupas pesadas de água pingarem no chão, e dei as costas para a garota perto de mim.

— Para onde você está indo? — Brianna perguntou. — Não vai pelo menos me agradecer?

— Eu não pedi a sua ajuda — fui ríspida, forçando minhas pernas a andarem.

Ela soltou uma risada incrédula e, em seguida, meu corpo foi virado de maneira brusca em sua direção. Olhei para Brianna com a expressão mais feia que consegui e puxei meu braço de seu aperto sem muita gentileza.

— Eu me molhei toda por sua culpa, só para te salvar da merda que você ia fazer! — disse, entre dentes, apontando para si mesma. — Eu estava indo para uma sessão de fotos, porra!

Eu ri, negando com a cabeça, enquanto afastava minha franja teimosa para trás. Meu cabelo estava tão grande que eu o sentia se agarrando em meus antebraços.

Sorri falsamente.

— Você pulou porque quis, eu não te pedi nada — Lhe dei as costas, voltando a andar.

Mesmo que eu não quisesse admitir, meu coração estava acelerado, e sei que era de alívio. Minhas pernas estavam trêmulas e eu não sabia como estava conseguindo andar sem cair bem na frente de Brianna, só para completar minha desgraça.

— Devia ter te deixado morrer — a garota falou, me fazendo parar de andar ao ouvir suas palavras cheias de desprezo. — É isso que eu ganho por salvar uma cadela suicida.

Eu lentamente me virei para ela, a vendo me encarar com desdém, mas ainda assim, com raiva. Senti o veneno quase escorrer por entre os meus lábios.

— E eu deveria ter te deixado ser enganada por aquele professor... — suspirei. — É isso que eu ganho por ajudar uma cadela manipulável.

O rosto de Brianna se tornou frio e a vi apertar as mãos em punhos. Seus dreads estavam pingando, assim como sua saia longa amarela com uma fenda na perna direita e seu *cropped* branco de mangas longas, que deixava um pedaço da barriga chapada exposto. Suas botas de cor preta pareciam pesadas, assim como meus coturnos.

Ela andou até mim, parando a centímetros do meu rosto.

— Espero que você consiga morrer da próxima — cuspiu, me olhando dos pés à cabeça.

De fato, ninguém se importaria se eu vivesse ou não. Não sentiriam minha falta.

— E eu espero que da próxima vez você consiga que o seu pai te ame — Eu dei um passo à frente, lançando um sorriso cruel. — Porque ninguém mais vai.

A expressão fria de Brianna se desfez, e ela não escondeu seu choque diante das minhas palavras. Algo passou por seus olhos, algo parecido com mágoa.

Ela deu um passo para trás e então bateu palmas, acenando várias vezes com a cabeça como se tivesse acabado de confirmar algo.

— Eu sempre soube que de boazinha você não tinha nada — Passou por mim, esbarrando o ombro no meu durante o processo. — Até que enfim você pôs as garras pra fora, sonsa do caralho.

Continuei olhando para o rio à minha frente, respirando fundo para acalmar meus batimentos cardíacos. Nunca pensei em jogar algo íntimo de uma pessoa na cara dela, mas foi o que eu fiz com Brianna, e não me sentia bem com isso.

Em todo caso, foi ela quem fez primeiro, eu só me defendi. A Ryen que ouvia tudo calada e pensava nos sentimentos dos outros morreu há muito tempo, e não existiam mais vestígios dela.

Olhei na direção de Brianna, vendo que ela já tinha subido pelo gramado, não deixando nem sua sombra para trás. Como se ela não tivesse passado por aqui há alguns minutos e me salvado de uma possível morte.

Me liberei do desconforto em minha garganta e me forcei a fazer o mesmo que Brianna. Subi o gramado íngreme bem a tempo de ver minha “salvadora” entrando em um carro particular, o motorista segurando a porta para ela. Em seguida, ele foi embora e eu fiquei parada, o vendo sumir por entre os outros veículos.

Não perdi tempo e já comecei a andar pela calçada, ainda mais atordoada do que antes de pular da ponte. Eu não acreditava que tinha mesmo tentado fazer isso, eu tinha passado de todos os limites. Eu realmente ia me matar! Não pensei duas vezes antes de pular na água, e isso era o que mais me chocava.

Agora, analisando essa situação, eu me dou conta de como eu estava no fundo do poço. Era patética.

Cheguei ao meu prédio com minhas roupas ensopadas, a essa altura do campeonato meu cabelo já tinha parado de pingar, mas ainda estava úmido demais. Chamei o elevador e entrei nele, esfregando meu rosto com as mãos. Quando saí, fui até o meu apartamento, e ao girar a maçaneta, percebi que tinha deixado a porta aberta. *Outro erro.*

Quando entrei na sala, um latido alto ressoou e uma figura grande correu em minha direção. Deixei que a porta se fechasse atrás de mim e um soluço me quebrou quando caí de joelhos e abracei Killer. Ele lambeu meu rosto e eu me enfiei em seu pescoço, sentindo os espinhos de metal de sua coleira espetarem minha bochecha.

— Eu não vou mais embora, Killer — afirmei, chorando. — Me desculpa, bebê.

Alheio ao que eu estava dizendo, Killer saiu do meu abraço e caminhou despreocupado até o sofá, pulando nele. Eu fiquei largada, de joelhos, no meio da sala, sentindo lágrimas quentes deslizarem pelo meu rosto.

Eu até podia não ter mais ninguém, ser sozinha, mas nada se comparava à dor que eu sentiria por saber que ele me esperaria voltar para casa sem saber o porquê de eu nunca ter retornado.

Esse sentimento teria que ser o suficiente para me segurar aqui, caso contrário, estaria perdida.



Três dias se passaram. Esse foi o tempo que usei para, além de sentir pena de mim mesma, fazer com que meu apartamento parasse de parecer um lixão e ficasse brilhando.

Bom, brilhando era um exagero. Era a primeira vez em vinte anos que eu fazia uma faxina, mas até que não ficou tão mal. Recolhi todo o lixo do chão e da mesa de centro, tirei a poeira dos móveis e troquei os lençóis da cama. Eu não era boa nisso, mas até que meu apartamento estava apresentável. E bom, não era como se eu fosse receber visitas.

Quando Kellan entrou aqui e eu o confrontei, não tive tempo para pensar nisso porque logo depois eu... tentei fazer aquilo. No entanto, quando dei uma olhada no meu apartamento e vi o lixão em que ele se transformara, decidi fazer uma faxina para ocupar a mente. E também porque senti vergonha, admito.

Kellan estava impecável e eu parecendo uma morta-viva morando em um chiqueiro. Isso só seria mais munição para o idiota se sentir superior a mim, como sempre fez.

Guardei a pá e lavei as mãos para então comer um sanduíche simples, acompanhado por um copo de suco de garrafa nada saudável. Me sentei no sofá ao lado de Killer e liguei a televisão em um filme qualquer. Dei uma mordida em meu pão e, com muita dificuldade, engoli.

Não vou mentir, ainda estava sendo difícil me alimentar. A comida se revirava em meu estômago e eu sempre sentia um gosto metálico nela,

me lembrando de sangue. O sangue de Callum. Tudo me lembrava aquele dia.

Contudo, eu vinha me forçando a comer desde que Kellan comentou sobre minha aparência. Ele estava certo, mesmo que tenha sido uma fala infeliz. Depois que cresci, perdi o peso que tinha aos catorze anos, mas naquela época eu parecia mais saudável do que agora. Atualmente eu me sentia como uma casca vazia.

Durante os dias reclusa neste apartamento, fiz de tudo para não sucumbir aos meus pensamentos. Aos meus pesadelos, que insistiam em me assombrar sempre que eu fechava os olhos. Eu acordava todos os dias de madrugada suando frio, com medo de Callum voltar do mundo dos mortos para se vingar.

Após passar horas acordada, eu voltava a dormir. Toda essa situação era estressante para mim e estava acabando com o resto de saúde mental que eu ainda tinha. Eu apenas me agarrava à ilusão de que tudo era passageiro e, sendo assim, essa minha fase também iria passar. Mas eu sabia que era mentira.

Não vi Kellan depois que ele invadiu meu quarto três dias atrás, e agradecia por isso. Esperava que o filho da puta esquecesse que eu estava aqui e parasse de agir como se tivéssemos sido amigos próximos no passado. Troquei a fechadura da minha porta para que o incidente daquele dia não voltasse a acontecer.

Não queria Kellan vagando por meu apartamento de maneira tão íntima. Era chato, e fazia eu me sentir estranha e ansiosa.

Larguei meu sanduíche pela metade no prato e o coloquei na mesa de centro, fazendo o mesmo com o suco. Eu não comia uma refeição decente há mais de uma semana e meia. Sentia falta disso, mesmo que eu tivesse certeza de que não conseguiria engolir nada.

Olhei para Killer, deitado com a cabeça na almofada, e acariciei suas costas. Ele mexeu nas orelhas quando sentiu o contato e abriu os olhos negros, os mirando em mim. Eu sorri minimamente, mas parei logo que senti meu nariz coçar. Eu precisava de drogas.

Nunca me considereei uma viciada, e realmente não era. Mas ultimamente eu andava sentindo mais vontade de cocaína do que o normal. Eu precisava dela porque não queria estar na minha cabeça, era angustiante e barulhento.

Sei que tive um pesadelo com Callum mesmo depois de ter usado a droga, mas me lembrava vagamente que, antes de cair no sono, eu parei de pensar nele e fiquei feliz. Dancei pelo apartamento todo e me senti livre, mesmo que de forma mentirosa.

Eu precisava voltar àquela boate e procurar o cara que me vendeu o pó. Pode até não ter me ajudado a dormir melhor, mas com certeza era uma boa droga.

Provei o “produto” e aprovei, assim como ele disse que eu faria. Dessa vez eu iria comprar bem mais do que um pacotinho. Pegaria o suficiente para que eu não precisasse sair do apartamento com tanta frequência.

Kellan e Brianna já estavam sabendo que voltei para Miami, quanto tempo levaria até que mais pessoas do meu passado também soubessem? Eu não queria estar sob o olhar deles, não vivi nada de bom em Miami. Só escolhi esta cidade por causa meu irmão, eu não poderia ficar longe dele por mais tempo.

Agora que pensei em túmulo, me dei conta de que mais ninguém iria visitar o de Victoria. E foda-se, eu realmente não me importava. Seria uma mentirosa se dissesse que ficava triste por ela, aquela mulher tinha culpa de tudo que me aconteceu. Ela contribuiu para que eu chegasse no fundo do poço em que eu estava agora.

Não me importava se seu túmulo não ia estar cheio de flores como o do meu irmão. Eu queria que se esquecessem dela, que ela passasse o aniversário de sua morte sozinha. Sem ninguém.

Me levantei do sofá e peguei o resto do meu sanduíche e o copo de suco, os colocando em cima da pia. Subi as escadas que levavam ao meu quarto e entrei no banheiro. Por três dias, evitei me olhar no espelho, mas agora o fiz.

Encarei meu cabelo solto, vendo as discretas ondas que chegavam um pouco abaixo do meu umbigo.

“Seu cabelo é tão longo e cheiroso. Eu o adoro.”

Furiosa, peguei uma tesoura na gaveta da pia e agarrei meu cabelo, olhando meu reflexo no espelho, hesitando. Sempre gostei do meu cabelo longo, mas agora ele parecia tão nojento.

Por um momento, vi meu corpo repleto de sangue, e não pensei quando passei a tesoura pelas primeiras mechas. Elas caíram na pia e no chão do banheiro, jogando fora anos de cuidado e vaidade. Um pouco

abaixo dos meus seios, esse era o novo tamanho do cabelo que o marido da minha mãe tanto adorava.

“Você é a obra de arte perfeita, querida.”

Continuei cortando os fios, contendo as lágrimas de raiva que queriam descer. Eu não queria ter nada que Callum achasse bonito, era repulsivo. Não queria ser atraente para ele, isso fazia com que eu me odiasse.

Deixei a tesoura cair na pia e encarei meu reflexo. Toquei o espelho com a ponta dos dedos, analisando minha imagem. Olhei para meus fios, vendo a besteira que eu tinha acabado de fazer comigo mesma. Mas surpreendentemente, não estava arrependida. Na verdade, me sentia um pouco mais limpa agora.

Reuni meu cabelo do chão e da pia e joguei na lixeira do banheiro, indo em direção ao chuveiro depois de tirar a roupa.

Tomei um banho demorado após prender meu cabelo em um coque, e em seguida saí do cômodo enrolada em meu roupão.

Vesti um vestido preto curto de mangas longas, uma meia-calça da mesma cor e calcei meu coturno. Peguei a jaqueta que era de Rapha e a levei ao nariz, sentindo o cheiro do amaciante. Tive que pesquisar na internet como se mexia em uma máquina de lavar, pois nunca havia usado uma, e se eu não lavasse minhas roupas, elas ficariam fedendo.

Vesti a jaqueta e deixei o cabelo semipreso, já que meu corte havia deixado minhas pontas horrorosas.

Após pegar muito dinheiro, saí do quarto e desci as escadas de vidro rapidamente, com a coleira e a focinheira de Killer nas mãos. Ele já estava me esperando na porta. Sorri para ele, pegando a chave do apartamento na mesa de centro.

Saí na companhia do meu cachorro e tranquei a porta, colocando a chave em um dos bolsos da jaqueta — o outro estava ocupado com dinheiro. Bufeí, frustrada, quando percebi que tinha esquecido meu celular novo. Eu não voltaria para buscá-lo, afinal não era como se eu tivesse com quem trocar mensagens ou algo parecido. Só o usava para ver notícias do México, apenas isso.

Na verdade, também usava o aparelho para ouvir músicas e me distrair, evitando que uma tentativa de suicídio voltasse a acontecer.

Independente de eu ter matado Callum, eu sobrevivi a ele. Sobrevivi aos seus abusos e à tentativa de estupro. Venci tudo isso. E mesmo que eu

estivesse cansada, já fui longe demais para desistir agora.

Deixei o prédio e sinalizei para um táxi que estava passando pela rua. Me sentei no banco de trás e dei boa noite, recebendo uma resposta num tom trêmulo. Notei que o motorista observava Killer com os olhos arregalados. Meu cachorro, por sua vez, estava olhando para fora da janela, alheio ao julgamento do homem.

Acaricieei seu pescoço.

— Não se preocupe, ele não é agressivo — eu disse ao motorista.

No mesmo instante, Killer rosnou para um cachorro de grande porte do lado de fora do carro.

— Estou vendo — o homem limpou a garganta. — Para onde deseja ir?

— Me leve a *Eden's Garden*, por favor — eu pedi, olhando para fora da janela, como Killer fazia.

O carro começou a andar e meu cachorro ficou genuinamente agitado quando viu os outros cachorros nas calçadas, passeando com seus donos enquanto usavam coleiras. Nunca gostei dessas coisas, sempre quis que Killer se sentisse livre. Mas agora, isso era necessário.

Trouxe Killer junto comigo porque ele estava começando a ficar estressado dentro de casa, já que eu não saí com ele desde que cheguei aqui.

Para falar a verdade, eu mesma não deveria estar andando por aí, podem estar me procurando. Sempre que pensava sobre isso, me perguntava se não estava sendo paranoica demais. Mas a resposta era “não”. Eu matei um homem, todo cuidado era pouco.

O táxi parou em frente à boate e eu paguei o motorista, descendo do carro junto com Killer. Olhei para ele e me curvei para ficar da sua altura.

— Killer, me espere aqui, ok? Já volto — Acaricieei sua cabeça antes de me afastar.

Andei até os seguranças que barravam a porta de entrada da boate e mostrei minha identidade a eles. Eles liberaram a passagem e eu agradeci, escutando xingamentos das pessoas que estavam na fila. As ignorei e dei uma última olhada em Killer antes de finalmente sumir pela entrada.

Passei por casais se pegando logo na entrada, *The Hills* do *The Weekend* explodia das caixas de som. A luz vermelha complementava a música e eu enfiei as mãos nos bolsos de minha jaqueta quando elas começaram a ficar suadas.

No bolso, pude sentir o canivete de Rapha, engoli em seco. Desde que matei Callum, eu não o usava. Na verdade, ele ficava guardado em minha mala desde que a desocupeei, mas eu decidi tirá-lo de lá, não queria desapegar de um presente que meu irmão me deu.

Eu tinha que superar a morte em minhas costas ou ela iria me engolir viva.

À minha esquerda, algumas garotas estavam dançando em uma espécie de mini palco, usando barras de pole dance. Seus vestidos curtos subiam um pouco acima da curva de suas bundas, mas não foi isso que me chamou a atenção.

Um pouco atrás delas, sentado em um sofá com algumas pessoas ao seu redor, estava Kellan Royal. Em seu colo havia uma garota de cabelo loiro da qual eu não consegui ver o rosto, já que ela estava olhando para ele. Agora eu sabia porque ele passou esses dias sem me incomodar de novo, estava muito ocupado.

Sorri e revirei os olhos diante desse pensamento idiota. Só podia estar louca! Isso pareceu como se eu estivesse com ciúmes, mas eu não estava, nem em um milhão de anos.

Desviei meu olhar da cena e o ergui para o andar de cima da boate, vendo o cara que me vendeu as drogas pondo um pacotinho transparente no peito de um comprador. Hoje o traficante estava com um boné preto e uma máscara da mesma cor. Desviei de algumas pessoas e andei até a curta escada, subindo os degraus.

Fui até o cara e ele virou a cabeça na minha direção quando viu que eu estava me aproximando.

— Olha só quem voltou — ele falou, e pude sentir seu sorriso por trás da máscara preta.

Dei de ombros.

— Você disse que era boa — inclinei a cabeça para a direita, dando de ombros. — Até que não é ruim.

Ele riu de forma seca e pôs o dinheiro que estava contando no bolso de sua calça jeans escura. Ele estava vestindo uma jaqueta *oversized* preta e uma camiseta simples branca por dentro. Suas tatuagens estavam todas escondidas, com exceção de uma que ele tinha no pescoço.

— Até que não é ruim? — Ele cruzou os braços. — Aposto que você apagou logo depois de cheirar.

Era verdade. Eu realmente apaguei alguns minutos depois de me sentir feliz. Mas ela não me ajudou a dormir como eu esperava.

Arqueei uma sobrancelha.

— Instalou uma câmera onde eu moro, ou algo assim?

Ele tirou o boné, revelando cabelos escuros, finos e sedosos. Ele era extremamente familiar.

— Linda, você realmente acha que eu não usaria o meu produto?

— Parece só conversa fiada pra vender a droga.

— E ainda assim você voltou, não é? — ele rebateu.

Um pequeno sorriso nasceu em meus lábios e tirei o bolo de dinheiro do bolso, mostrando a ele.

— Quero oito desta vez.

Ele estreitou os olhos em minha direção, parecendo me analisar silenciosamente.

— Hum, uma garotinha com um rosto tão inocente e hábitos tão peculiares — murmurou, em um tom que não consegui identificar.

Decidi ignorar.

— Eu posso me tornar sua cliente mais fiel — Sorri.

— Tentador — ele assentiu várias vezes com a cabeça. — Mas não.

O sorriso vacilou em meus lábios.

— Espera, o quê? — Minha voz saiu mais alta do que pretendi.

Ele só podia estar tirando uma com a minha cara.

— Digamos que uma força maior ameaçou arrancar meu pau se eu te vendesse qualquer tipo de droga — falou, tirando a máscara preta para sorrir de lado. — E mesmo que eu não tenha medo dessa força maior, eu gosto muito do meu pau para duvidar de um psicopata em potencial.

Franzi meu cenho e encarei o rosto do homem à minha frente, desacreditada. Lábios carnudos, sobrancelhas escuras e grossas com um risquinho em uma delas. Rosto assimétrico e olhos pequenos e brilhantes.

— Christian Yun? — Não consegui evitar a surpresa em minha voz.

Porra, ele agora era um homem. É claro que já se passaram cinco anos, mas ainda assim. Ele era bem alto, alguns centímetros menor que Kellan, mas ainda assim, bem maior do que eu. Seu maxilar estava bem mais marcado e os cabelos, que antes eram longos, agora estavam curtos.

— Vejo que sua memória continua a mesma — Ele manteve o sorriso. — Como vai, Ryen?

O encarei com as sobrancelhas franzidas antes de mudar minha expressão para a mais indiferente possível. Ele não me pareceu interessado em saber como eu me sentia, seu tom era quase sarcástico.

— Quem te proibiu de me vender droga? — fui direta.

Christian pôs a mão no peito.

— Ah, eu também estou muito bem. Obrigada por perguntar — ele zombou.

Travei minha mandíbula e apertei o maço de notas em minhas mãos. Perguntei novamente.

— Quem te proibiu de me vender a droga?

— Eu.

A voz grossa e rouca com a qual eu estava familiarizada desde que me entendia por gente atingiu meus ouvidos, e nesse momento eu senti os cabelos de minha nuca se arrepiarem.

Olhei para Christian Yun, enquanto ele olhava para a pessoa atrás de mim com a sobrancelha riscada arqueada. Virei meu corpo em direção ao tal filho da puta.

Kellan estava me encarando bem de cima, com os olhos gélidos fixos em meu rosto. A maneira como esse idiota cresceu de forma estúpida fazia com que eu me sentisse pequena, e olha que eu tinha 1,72 de altura. Mas Kellan Royal ultrapassava isso com facilidade.

— Me lembro muito bem de ter dito que você não era o meu irmão — atirei, com os dentes cerrados.

Ele manteve sua expressão indiferente. Estava vestido com uma jaqueta de couro preta e o que parecia ser uma regata da mesma cor por dentro. Usava calça jeans e o cabelo escuro bagunçado.

— Eu não quero ser seu irmão.

— Então pare de agir como se fosse e cuida da porra da sua vida!

Um sorriso mínimo se abriu nos lábios de Kellan e eu senti um frio esquisito no pé da minha barriga.

— Xingamentos não vão fazer com que Yun te venda drogas, Ryen — falou, irritantemente perto de mim.

Meu rosto estava a centímetros de seu peito e ele não pareceu querer dar um passo para trás. Bom, eu também não.

— Você não tem nada melhor para fazer do que ser um filho da puta? — Eu sorri, falsamente. — Me deixa em paz, eu não vou pedir duas vezes.

Mordi minha língua quando por pouco não mandei ele voltar para a garota que estava em seu colo. Mas se eu dissesse isso, ele saberia que o notei assim que entrei neste lugar. E eu não queria isso, Kellan Royal não existia para mim. Não mais.

— Como se eu me importasse com suas ameaças.

Puxei meu canivete para fora, e quando dei por mim estava pressionando a lâmina na garganta de Kellan, exatamente em seu pomo de adão.

Um assobio ressoou ao nosso redor e sei que foi de Christian, porque Kellan nem se mexeu. Foda-se, nem mesmo sua expressão indiferente mudou.

— Eu não ameaço, porra, eu faço! — vociferei.

Kellan passou a língua pelos lábios e pude jurar que tinha luxúria em seu olhar quando ele fixou os olhos nos meus.

— Você vai me matar, amor? — ele provocou, sorrindo, enquanto expôs ainda mais a garganta para mim. — Vai em frente.

Isso só fez com que a raiva dentro de mim crescesse ainda mais. Por que ele não me deixava em paz? Até quando ele iria agir como se tivesse direito sobre mim?

— Acha que eu não tenho coragem? — provoquei.

Filho da puta desgraçado, tudo que eu mais queria era rasgar esse sorrisinho idiota no rosto dele.

Seus olhos escureceram.

— Você tem, amor?

Pressionei ainda mais o canivete em seu pescoço.

— Pare de me chamar assim!

Um filete de sangue escorreu pela garganta de Kellan e um flashback invadiu minha mente, me mostrando um corpo grande e pesado sobre o meu, e meu pescoço todo sujo de sangue.

Puxei minha mão de volta quando o medo tomou conta de mim. Meu Deus, eu estava virando uma assassina? Eu realmente teria coragem de matar Kellan por tão pouco?

Apertei o canivete em meus dedos e me virei para Christian, que estava com um sorriso mínimo no rosto. Ergui o queixo, arqueando uma sobrancelha.

— Para alguém que odiava “riquinhos mimados”, você está se saindo muito bem sendo capacho deles — Sorri antes de lhe dar as costas e

passar por Kellan, sem olhá-lo.

No processo, esbarrei meu ombro no seu propositalmente, mas o idiota nem se mexeu. Era como esbarrar em uma muralha.

Ouvi Christian dizer algo em um idioma que eu não conhecia, possivelmente em coreano. Pareceu ser um xingamento, e pouco me importava se era comigo.

Antes que eu descesse as escadas, dei um aviso a Kellan.

— Ah... — Ele se virou para mim, o filete de sangue ainda escorrendo por seu pescoço. — *Eden's Garden* não é a única boate que vende drogas.

Segui para as escadas.

— Tente e se arrependa — O escutei ameaçar, me causando arrepios e uma nova onda de raiva.

Desci as escadas o mais rápido que pude, prometendo a mim mesma que a próxima vez que Kellan Royal se metesse comigo, eu não hesitaria em cortar sua garganta. *Afinal, o que seria mais uma morte?*

Esse tipo de pensamento até passava pela minha cabeça, mas no fundo, senti um enjoo ao imaginar meu canivete cravado na garganta de Kellan. Eu só não sabia se essa sensação era porque ele ainda era uma pessoa, ou por ele ser quem ele era. E isso me dava medo.



*“Realmente, ela nem gosta, mas precisa de mim, sim
Ela está dizendo que não andou sentindo minha falta
Mas foda-se, estou muito chapado depois disso tudo”*

Chase Atlantic – Into It

Kellan Royal

Com minha mochila em um ombro só, andei pelos corredores da faculdade, as mãos nos bolsos do meu moletom. Minha cabeça estava doendo pela falta de sono e meus ombros tensos. Não conseguia dormir desde que descobri que Ryen voltou para Miami.

Era impressionante como a pequena pirralha ainda tinha a minha atenção, mas dessa vez algo estava diferente. A mera presença dela aqui foi o suficiente para abalar toda a minha vida. *Mais uma vez.*

Porém, mesmo com Ryen ocupando boa parte dos meus pensamentos, eu também vinha lidando com os rachas clandestinos e os problemas de Brianna. Problemas esses que já estavam me levando ao limite. Estava farto de ter que lidar com eles, mesmo que eu a amasse como uma irmã mais nova.

Ela tinha que saber que não podia ficar fazendo merda e decidir que eu resolveria depois. Brianna faria vinte e um *fucking* anos, era idade o suficiente para saber onde se metia. Porém, talvez o problema fosse justamente esse: mesmo ela sabendo, ela não se importava.

Andei até o meu armário e o abri, vendo uma foto minha e de Raphael colada no interior da porta. Estamos sobre o capô do seu antigo carro, sentados e felizes. Esse foi um dos poucos sorrisos que nós demos em frente às câmeras, mas aquela tarde valeu o esforço.

Ver Ryen falando de sua morte como se não fosse nada me deixou puto, porra. Eu sabia que já fazia cinco anos, mas eu ainda não consegui

superar, de forma alguma. E não era porque eu não superei, que ela não pudesse ter superado, nada disso.

O que me enfureceu foi o desprezo em seu tom e os olhos frios. Olhos que, no passado, eram vivos e brilhantes. Agora, só restava um vazio profundo camuflado pelo tédio. Fria e morta. Era assim que Ryen se parecia.

Peguei alguns livros de administração e os coloquei dentro da mochila, a fechando e, em seguida, fazendo o mesmo com a porta do armário. Dei de cara com Brianna encostada no armário vizinho, virada para frente e com os braços cruzados.

Os dreads de seu cabelo estavam amarrados em um coque e ela usava óculos escuros apoiados no topo de sua cabeça.

— Por que você não para de ser um idiota e me conta quando vai ser o próximo racha? — ela perguntou, virando a cabeça na minha direção.

Contive um suspiro e a encarei.

— Eu ainda não decidi, tenho que ver isso com Yun — Lhe dei as costas, começando a andar. — E mesmo se já estivesse certo, eu não te contaria.

Em alguns segundos, Brianna parou na minha frente de forma súbita, me fazendo estancar no lugar.

— Eu sei que você ainda está bravo com o que aconteceu, mas não pode ficar me proibindo de ir aos lugares!

Arqueei uma sobrancelha.

— Posso, sim — desviei de seu corpo e continuei meu caminho.

Brianna bufou logo atrás de mim e eu mantive minha atenção à frente.

— Kellan... — ela chiou de forma arrastada, começando a andar ao meu lado. Ela agarrou meu braço, me fazendo parar. — Por favor, eu juro que não vou te causar problemas!

Olhei para ela com vontade de arrancar sua cabeça fora por ficar interrompendo meu caminho a cada dois minutos. Ela fez um beicinho e eu sorri, ácido.

— Por que não pede ao Tio Bruce?

Ela largou meu braço com um grunhido e seu rosto virou uma carranca, claramente com raiva.

— Você sabe que o meu pai está pouco se fodendo para o que eu faço — Riu, sem humor. — Ele só se importa com a reputação perfeita dele.

Cruzo meus braços sobre meu moletom preto, a encarando.

— Você sabe que isso não é verdade.

Brianna riu de forma sarcástica e negou com a cabeça, erguendo o queixo pequeno para mim, em um claro sinal de afronta. *Esse gesto me lembrou o da pequena Rodríguez.*

— Foda-se, eu não poderia me importar menos.

Esse era o grande problema de Brianna. Ela agia como se não se importasse com o que acontecia à sua volta, mas isso era só a forma que ela achou de se proteger. Nem sempre ela foi assim, ficou pior depois que entrou na adolescência.

Foi nessa época que ela começou a se envolver com homens mais velhos e a se meter em problemas dos quais eu tive que tomar a frente para que ela não acabasse mal. E com tomar a frente quero dizer espancar os homens e ameaçá-los caso não parassem de vê-la. Raphael me ajudava, e eu desconfiava que ele gostava de bater em homens cujo fetiche eram garotinhas menores de idade.

E eu também gostava de ouvir os filhos da puta implorando para que eu parasse.

— Quase mexeu com meu coração, Bree — Sorri, colocando a mão no topo de sua cabeça. — Mas a resposta ainda é não. Vá procurar um cavalo para se divertir — aconselhei, começando a andar novamente.

— Nem se eu tivesse uma informação que você gostaria muito de saber? — ela soltou, de repente, andando ao meu lado.

— Que informação?

A vi cruzar os braços e arquear uma sobrancelha.

— Só se me prometer que vai me contar onde vai ser o próximo racha — Brianna negociou.

Estreitei meus olhos em sua direção, mesmo não podendo ver os dela graças aos óculos.

— Faça o teste — eu mandei, interessado.

Ela se aproximou de mim aos poucos, andando quase que grudada comigo. Um sorriso espertinho surgiu em seus lábios e ela parecia pronta para me contar a maior novidade de toda a cidade.

— Ryen está de volta à Miami.

Revirei os olhos com sua ingenuidade.

— Notícia velha, Bree — Apertei o passo, a vendo subitamente paralisar no lugar.

Brianna xingou atrás de mim e, em seguida, ouvi o barulho de seus passos logo atrás de mim, tentando acompanhar os meus.

— Você já sabia? E por que não me contou? — questionou, perplexa.

Dei de ombros e tirei meu celular do bolso da calça, digitando uma mensagem para pedir que Chris me encontrasse no meio do caminho.

— Não é como se fosse um grande evento — Fingi não me importar, focado no celular — Onde você a viu?

— Há uns três dias, na ponte *Brickell Avenue Bridge*. Ela pulou e eu pulei também, para salvar ela — disse, agora sim atraindo minha atenção. — Mas a mal-agradecida nem pediu a porra de um “obrigada”, só disse umas merdas. É bom saber que aquela sonsa finalmente pôs as garras para fora e... O que você está fazendo? — Ela interrompeu o falatório quando agarrei seu ombro, a fazendo parar de andar.

— O que você disse? — questionei, as sobrancelhas unidas, esperando que eu tivesse entendido mal.

Brianna enrugou a testa.

— Eu disse que aquela sonsa finalmente pôs as garras pra fora e...

— Não, antes disso.

— Ah... Eu disse que ela pulou da ponte.

Que porra é essa?

— Mas ela pulou, pulou, ou... caiu? — perguntei, com medo da resposta.

Contorcendo o rosto em uma careta, pude jurar que Brianna ela revirou os olhos por trás dos óculos escuros.

— Se eu disse que ela pulou, né, gênio? — debochou.

Travei minha mandíbula.

— Brianna... — avisei entre dentes.

Bufando, ela se soltou do meu aperto ao dar um passo para trás.

— Ela tentou se matar, Kel — minha prima falou, em alto e bom som, aquilo que eu estava me negando a aceitar. — Eu vi perfeitamente quando ela virou de costas e se jogou para trás.

Apertei minhas mãos em punhos e travei meu maxilar com tanta força que o senti doer. Ryen tentou se matar. *Quão fodido era isso?*

Tudo bem que a garota que encontrei naquele apartamento bagunçando era uma pessoa totalmente diferente da que eu conhecia, mas

saber que Ryen tinha tentado se matar criou um misto de emoções dentro de mim que não consegui decifrar.

Sei que as pessoas mudam com o tempo, mas elas geralmente amadurecem, e não modificam sua personalidade e seu olhar propositalmente. Esse era o caso de Ryen.

Algo aconteceu, algo além da morte de Raphael, e a deixou assim. E eu iria descobrir.

E se isso foi três dias atrás, só poderia ter sido assim que saí do apartamento dela.

— Brianna, você lembra como ela estava?

Ela me encarou antes de fazer o mesmo com o chão, voltando a me olhar novamente.

— Ela parecia abalada, Kel. Não sei, atordoada, eu acho... — Ela acariciou a própria nuca. — Por mais que eu nunca tenha gostado dela, ela parecia diferente. Tem algo nos olhos dela, como se estivessem... se estivessem... — Brianna parou, não conseguindo achar a palavra certa.

Mas eu sabia muito bem qual era ela.

— Vazios?

Brianna ergueu as sobrancelhas.

— Sim! — Acenou, cruzando os braços. — Só sei que ela parecia nada bem. Até me atacou verbalmente...

Arqueei uma sobrancelha.

— E você atacou de volta, suponho? — aponteí.

Ela riu, como se minha pergunta fosse ridícula.

— Claro, ou você acha que eu ficaria calada?

Se eu conhecia bem a língua da minha prima...

— O que você disse a ela, Brianna? — fui direto ao ponto.

A vi erguer levemente as sobrancelhas e encolher discretamente os ombros, desconfiada. Estreitei meus olhos em sua direção.

— Que porra você disse, Brianna?

Minha prima bufou alto, exasperada.

— Eu disse que esperava que ela conseguisse se matar dá próxima vez — Pressionou os lábios um no outro, olhando para outra direção. — Mas ela foi grossa primeiro.

Uma risada incrédula me escapou ao ouvir suas palavras, antes que a raiva tomasse conta de mim e meus punhos se apertassem. Passei a mão por meu rosto, perplexo.

— E então você achou que seria legal dizer isso a uma pessoa que tinha tentado se matar há poucos minutos? — rosnei. — Por que você nunca pensa antes de abrir a merda da boca, Brianna?

Ela abaixou a cabeça, mas não por medo. E sim por saber que fez merda e que não tinha como rebater o que eu havia dito. Então, ergueu o rosto novamente.

— E por que você está de óculos dentro da faculdade? — questionei, a vendo ficar tensa.

— Por nada — ela foi rápida em responder, mas não senti firmeza.

Puxei seus óculos escuros em um movimento rápido e ela arfou, pelo susto repentino. Antes que minha prima escondesse o rosto, vi um enorme roxo ao redor do seu olho esquerdo. Um hematoma que não estava lá ontem, quando ela tomou café da manhã em minha casa.

Ela abaixou a cabeça, cobrindo o olho com uma mão.

— Tira a mão, Brianna — mandei, espremendo os óculos.

Ela continuou de cabeça baixa, na defensiva.

— Me deixa em paz, Kellan. Isso não é nada — falou, a voz trêmula.

Puxei sua mão e ela ergueu os olhos escuros para mim, as sobrancelhas franzidas, como se estivesse com dor. Não era para menos, porra.

— Quem fez isso com você? — fixei meu olhar no machucado em seu olho.

— Ninguém, eu bati o rosto na parede — Ela tentou puxar o pulso do meu aperto e fez uma careta.

Ergui as mangas de seu casaco e vi a marca de dedos ao redor de ambos os pulsos delicados. Estava ficando um pouco amarelado, mas o roxo ainda era perceptível.

— Então foi a porra da parede que agarrou seu pulso? — Ri, sem humor.

Brianna puxou o braço de volta, finalmente conseguindo que eu a libertasse.

— Eu já disse que isso não é nada! — Arrastou a manga do casaco para baixo, voltando a esconder os hematomas.

No entanto, eu sabia que isso era tudo e mais um pouco. E que tinha nome e sobrenome. Connor Fisher, esse era o nome do desgraçado.

— Você voltou a se encontrar com ele, não foi? — questionei, e ela desviou o olhar, permanecendo calada. — Pode proteger o filho da puta o quanto quiser, Brianna, mas ele é um homem morto.

Ela ergueu o olhar rapidamente.

— Você vai machucar ele, Kel? — Arregalou os olhos, em pavor.

Eu ri, desacreditado por ela ainda estar preocupada com o filho da puta mesmo ele a tratando feito merda.

Sorri sadicamente.

— Eu avisei que da próxima vez que você se encontrasse com ele, eu o mataria, não avisei?

— Você ficou louco? Não pode matar ele! — falou, mas aquilo saiu mais como uma súplica.

Curvei meu tronco para frente, me inclinando para ficar da altura de Brianna, que tinha pouco mais de um e setenta e cinco.

— Eu te avisei, Brianna. E você preferiu não escutar — Plantei a mão sobre sua cabeça. — Agora você vai ter a morte desse filho da puta nas suas costas.

Minha prima bateu na minha mão, a tirando de sua cabeça sem gentileza. Ela abriu a boca, provavelmente para me xingar, mas algo atrás de mim chamou sua atenção e ela tomou os óculos da minha mão em um movimento rápido, o colocando no rosto.

Olhei para trás, vendo Yun caminhar até nós com os olhos vidrados no celular. Assim que ele chegou ao local onde estávamos, ergueu o olhar, o revezando entre mim e Brianna.

— Hmm, impressão minha ou tá um clima tenso pra caralho aqui? — Ergueu as sobrancelhas, sorrindo.

— Não é da sua conta — Brianna sorriu falsamente, esbarrando em seu ombro ao passar por ele.

Yun nem saiu do lugar, era como se minha prima não fosse nada além de uma leve brisa que o atingiu.

— Aposto que você fez merda de novo, não é, princesinha Royal? — ele provocou, vendo-a se afastar.

Brianna apenas ergueu o dedo do meio para ele, caminhando elegante para longe de nós, mesmo que fosse a passos rápidos.

Fiquei observando-a até que ela sumisse pelo corredor.

— Porra... — Soltei um grunhido, puxando o capuz do meu moletom para trás.

Yun guardou o celular no bolso de sua calça cargo e enfiou uma mão no outro. Ele ergueu a sobrancelha riscada e sorriu de lado.

— Sua prima se meteu em problemas de novo?

Baguncei meu cabelo e comecei a andar, Christian vindo ao meu lado.

— O filho da puta do Connor bateu nela. Ela está com o olho roxo... — Eu sorri. — Nada que a perda de alguns dedos não resolva.

Christian ficou calado diante do que eu disse e eu podia jurar que seus ombros ficaram tensos. Ele reforçou o aperto na alça de sua mochila.

Pensei que fosse continuar o assunto de Brianna, mas ele mudou para outro.

— Lembra que você pediu que eu colocasse alguém de olho na Ryen? — perguntou de repente, e virei minha cabeça em sua direção.

— O que aconteceu?

— Durante três dias ela não saiu do apartamento — falou, e algo dentro de mim se revirou.

Brianna disse que ela tentou se matar pulando de uma ponte que ficava perto do apartamento onde ela morava. Em resumo, Ryen obviamente tem tendências suicidas e não colocava a cara pra fora de casa há três *fucking* dias.

— O único movimento que vimos dela foi quando ela saiu na varanda às dez horas da manhã de hoje — Acrescentou, e quase dei um suspiro patético, de alívio.

Então ela estava bem.

— E o que mais? — perguntei, interessado.

— Apenas isso — Yun deu de ombros, rindo. — Talvez ela saia alguma hora para comprar cocaína, aposto que ela se amarrou na que eu vendi pra ela.

Parei de andar e me virei em sua direção de maneira abrupta.

— Se você voltar a vender droga a ela, eu vou arrancar seu pau fora e dar pra alguma drogada fumar — Eu o olhei nos olhos.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você não é meu amigo? — questionou, parecendo puto. — Por que está estragando meus negócios, cara?

Me aproximei dele e agarrei a gola de sua camisa com uma mão. Yun não era baixo, tinha mais ou menos 1,90 de altura, mas eu ainda ganhava por alguns centímetros.

— Estou avisando, porra — eu rosnei. — Não venda nada a ela. Seja maconha, cocaína ou qualquer uma dessas merdas que você comercializa. Quer clientes? Eu consigo. Mas Ryen está fora dos limites.

Yun me encarou de volta, o rosto sério e inexpressivo. Em nenhum momento ele desviou o olhar, e isso era uma das coisas que mais gostava nele. O fato de ele não abaixar a cabeça para mim como os outros filhos da puta dessa cidade faziam.

Contudo, se ele mexesse com Ryen, essa sua característica seria a última coisa que eu lembraria quando estivesse acabando com sua vida.

Por fim, Yun sorriu de lado e ergueu as mãos em sinal de redenção.

— Qual foi, cara. Você pode ser assustador quando se trata dessa garota — provocou, arrancando minha mão de sua camisa. Ele deu tapinhas em meu ombro. — Não se preocupe, não venderei mais nada a Ryen e vou garantir que mais ninguém faça, relaxa aí, lindinho.

Yun poderia estar rindo agora, mas ele não continuaria se tivesse visto o que eu vi.

Entrar no apartamento de Ryen foi muito fácil, precisei apenas subornar um dos funcionários de lá e ele me deu a chave e disse em qual apartamento ela morava. Assim que entrei, vi a escuridão em que o enorme imóvel se encontrava. Liguei a luz e foi como se um furacão tivesse passado por lá, bagunçando tudo.

Havia sacos de salgados e inúmeras latas de refrigerante pouco saudáveis por todo lado. E havia também um pacotinho que eu conhecia muito bem. Isso fez meu sangue ferver. Eu o peguei e coloquei no bolso de minha calça, dando uma olhada na cozinha em seguida — só achei mais salgadinhos.

Assim que subi as escadas e abri a porta do quarto dela, dei de cara com um monstro. Sim, um monstro, foi isso que Killer havia se tornado. Ele rosnou e tudo que pude ver foram seus olhos brilhando no escuro do quarto e a silhueta forte. Liguei a luz e ele se aproximou um pouco, pronto para atacar.

Cauteloso, estendi a mão para Killer e ele a cheirou. Poucos segundos depois, perdeu a postura agressiva e começou a andar pela casa como se eu não estivesse aqui. O que era irônico, porque ele poderia muito bem ter arrancado minha mão fora sem muita dificuldade.

Quando ergui meus olhos, lá estava ela.

Deitada de bruços e agarrada a um travesseiro, lá estava Ryen, vestida com uma blusa lilás e uma calcinha de renda da mesma cor, cobrindo sua bunda empinada. O cabelo escuro e longo se espalhava por boa parte de suas costas e havia um edredom da metade de suas coxas para baixo.

Entrei no quarto e calmamente caminhei até a ponta da cama para observá-la melhor. Seu braço direito estava cobrindo boa parte de seu rosto, deixando apenas os olhos à vista. Ela estava dormindo tranquila, nem imaginava que eu estava observando-a como um *stalker*.

Ela estava linda. Não que ela não fosse antes, mas Ryen agora tinha se tornado uma mulher, em todos os sentidos. O cabelo agora tinha um corte diferente, mas ainda mantinha o mesmo comprimento, e seu corpo também ganhou mais curvas em locais específicos.

Contudo, o que estranhei foi o fato de ela parecer absurdamente magra, do tipo que não estava comendo bem — e os sacos de salgadinhos comprovaram isso.

Olhei para a ponta de sua cama e vi a jaqueta de Raphael. Eu a reconheceria em qualquer lugar, era impossível não fazer isso. Ainda mais quando ele vivia vestido com ela.

Engoli a vontade de segurá-la em minhas mãos e andei até o lado direito da cama, ficando de frente para Ryen. Com o indicador, acariciei uma mecha de cabelo preto, a sentindo suave e macia.

Ryen murmurou algo que não consegui identificar e desceu o braço, revelando o rosto por completo. *Porra*.

Linda era pouco para Ryen Rodríguez. Cada mísero detalhe seu parecia ter sido desenhado à mão, sem pressa. O nariz empinado, os cílios longos e uma boca bem desenhada. Maças do rosto saltadas e sobrancelhas harmoniosas.

Quando ela era mais nova, não sentia atração física por ela, apenas uma possessão sem fundamentos. Mas neste momento, ela era como o pecado mais profano, mas ainda assim, o mais tentador.

Me afastei dela antes que eu a acordasse e me sentei na poltrona diante de sua cama. Eram duas e meia da manhã quando eu fiz isso. Fiquei assistindo Ryen dormir até vinte para às sete da manhã, e poderia ter feito isso pelo resto do dia.

De repente ela começou a se agitar em seu sono, falando coisas desconexas. Eu a assisti ter um pesadelo por cinco minutos, até ela acordar

gritando o nome de Killer. Quando se deparou comigo, senti que era melhor ela ter continuado dormindo.

Ela agiu com uma indiferença tão cortante, e então havia seus olhos... Onde foi parar o brilho deles? Pareciam tão perdidos e vazios. Frios e sem vida, como se ela estivesse ali apenas em corpo.

Ryen me confrontou, e até aí tudo bem. Descobri que a pirralha agora tinha aprendido a xingar, e novas notícias: era sexy pra caralho.

Mas aí ela começou a falar da morte de Raphael como se não fosse nada, e isso me irritou profundamente. Fui embora daquele apartamento quando ficar perto dela se tornou torturante.

Então coloquei alguém para vigiá-la, porque não tem nenhuma maneira de Ryen Rodríguez sair das minhas vistas novamente. Ela voltou para o lugar de onde nunca deveria ter saído.

Eu tinha quatro anos quando a garotinha recém-nascida agarrou meu dedo e não soltou mais. Me mantive distante por longos quinze anos, sabendo que a pequena Rodríguez nutria algum sentimento por mim além de carinho. Nunca consegui vê-la como mulher, mas tinha um senso de proteção estupidamente grande quando se tratava dela.

Acontece que agora ela estava de volta, e poderia ir embora a qualquer momento. Mas eu não perdia duas vezes.



Jenna se jogou em meu colo no exato momento em que me sentei em um dos inúmeros sofás de couro macio da boate. Eu odiava como ela era folgada, irritante e inconveniente.

Revirei os olhos, a encarando.

— Saia do meu colo — mandei, seco.

A garota fez beicinho e agarrou meu pescoço com os dois braços, se aconchegando ainda mais em cima de mim.

— Eu estou com saudades, Kellan... — Ela escovou os lábios por minha bochecha, manhosa. — Você não me procurou mais.

Peguei meu copo de whisky e o levei aos lábios, tomando um longo gole.

— Não tenho tempo, Jenna — falei, vendo seu minúsculo vestido subir por suas coxas.

Ela olhou para mim por baixo dos cílios, o loiro jogado para o lado e os lábios pintados de vermelho. Faltava algo nela, algo de interessante.

Não importava quantas vezes ela se esfregasse no meu pau, como agora, ou quantas vezes eu a fodesse. Nunca fiquei satisfeito. Era como foder um grande nada.

— Você é tão ocupado, isso é o que eu mais gosto em você. É sexy pra caralho — Jenna sorriu de forma sedutora, levando os lábios pintados com gloss para o meu pescoço. — Mas agora você tem tempo para mim, não é?

Estava prestes a responder um grande “não” quando olhei aleatoriamente para cima e a vi. Ryen estava no piso superior com Yun, provavelmente veio comprar mais drogas. Mas se esse desgraçado realmente tivesse amor à vida, não iria vender um grão sequer.

Eu joguei Jenna para o lado e ela caiu sentada no assento do sofá sem entender nada. A ignorei e me levantei, ainda olhando para cima. Então comecei a andar em direção às escadas, mais uma vez ignorando Jenna, que estava me chamando. Como se eu desse a mínima, porra.

Subi os degraus a passos largos, chegando até eles no exato momento em que Ryen parecia estar brava.

— Quem te proibiu de me vender a droga? — ela perguntou, entre dentes, de costas para mim.

— Eu.

A princípio ela não disse mais nada, apenas continuou de costas para mim. Depois, lentamente, ela se virou e deu de cara comigo, encarando-a com diversão.

Ela estava usando um vestido preto de gola alta e mangas longas que chegava até acima de suas coxas e meia-calça preta. Por cima, a jaqueta de Raphael e o cabelo escuro semipreso. Ao prestar mais atenção nela, notei que os longos fios agora chegavam um pouco abaixo dos seios, cortados de maneira descuidada. Me perguntei o que poderia ter acontecido para uma mudança tão radical.

O rosto estava limpo de maquiagem, e ainda assim seus olhos continuavam chamativos. *Linda pra caralho.*

— Eu me lembro muito bem de ter dito que você não era o meu irmão — ela me lembrou, parecendo nem um pouco feliz.

Arqueei uma sobrancelha, a encarando de cima.

— Eu não quero ser seu irmão.

Um irmão não teria tantos pensamentos pecaminosos de fodê-la em todas as posições que existem. *Merda, o que eu estava pensando?*

— Então para de agir como se fosse e cuida da porra da sua vida! — rebateu, ríspida.

Um sorriso mínimo se abriu em meus lábios enquanto sentia o divertimento crescer em meu peito e me aproximei dela.

— Xingamentos não vão fazer com que Christian te venda drogas, Ryen — declarei, agora diante dela.

Seu rosto estava a centímetros do meu peito e não pensei em dar nem mesmo um passo para trás.

— Você não tem nada melhor para fazer do que ser um filho de puta? — Ryen sorriu, com desdém. — Me deixa em paz, eu não vou pedir duas vezes!

Vi como seus lábios se moviam enquanto ela falava e tive que me xingar mentalmente por quase ficar sem foco. *Patético, Kellan.*

— Como se eu me importasse com suas ameaças — respondi, despreocupado.

Ela puxou algo do bolso e me surpreendi ao ver que era um canivete. Quando eu menos esperava, ela o pressionou em minha garganta, exatamente em meu pomo de adão.

Yun assobiou, mas eu nem me movi. *Porra, isso poderia ficar melhor?*

— Eu não ameaço, porra, eu faço! — ela literalmente rosnou as palavras, e eu senti meu pau pulsar.

Era oficial, fiquei duro com um canivete na minha garganta. Tinha que adicionar isso à minha nova lista de fetiches.

Passei a língua por meus lábios, os umedecendo.

— Você vai me matar, amor? — a provoquei com um sorriso, expondo ainda mais minha garganta. — Vai em frente.

— Acha que eu não tenho coragem? — Sorriu de lado.

Ah, Ryen. Eu simplesmente não te reconheço mais. Não sei do que você é capaz e isso torna tudo ainda mais excitante. E não tem como eu te deixar em paz quando tudo o que você aparentemente quer é acabar com a própria vida.

Por isso, a pressionei com mais ímpeto.

— Você tem, amor?

— Pare de me chamar assim — ela exigiu, pressionando ainda mais o objeto em minha garganta.

Senti uma leve pontada e soube que ela me cortou. Ryen afastou o canivete do meu pescoço quando notou o mesmo que eu e deu um passo para trás, parecendo atordoada.

Então ela apertou o canivete em seus dedos e se virou para Yun, que estava com um sorriso mínimo no rosto, se divertindo com minha possível morte.

— Para alguém que odiava “riquinhos mimados”, você está se saindo muito bem sendo capacho deles — Sorriu antes de lhe dar as costas e passar por mim sem me olhar.

No processo, ela esbarrou em meu ombro, mas nem saí do lugar.

Ouvi Yun xingar em seu idioma e sorri com o atrevimento da delinquentezinha. Ryen Rodríguez tirou sangue de mim e isso me excitou pra caralho.

— Ah... — Ryen falou, fazendo eu me virar para olhá-la. — A *Eden's Garden* não é a única boate que vende drogas — Sorriu, seguindo para as escadas.

Sim, me desafie. Vamos jogar.

— Tente e se arrependa.

Ela não respondeu, mas as pequenas mãos apertadas em punhos me mostraram que ela tinha odiado.

Me apoiei na sacada e a vi andar por entre as pessoas na pista de dança, parecendo poder arrancar a cabeça de qualquer um naquele momento. Ela não iria comprar drogas, nem aqui nem em nenhum outro lugar. Ela iria perder este vício de merda.

Um sentimento egoísta cresceu em meu peito, se enrolando como uma cobra. Quis que ela precisasse mais de mim do que da merda de uma droga. E assim seria, mesmo que ela odiasse isso.



*“Eu estou fodida. Eu tenho segredos
Estou cansada e triste
Eu me construí com todo esse abuso”*
Khelani – Gangsta

Ryen Rodríguez

Após descer as escadas e chegar na metade da pista de dança, senti os pelos de minha nuca se arrepiarem e olhei para trás, mais precisamente para cima.

Kellan estava apoiado na sacada pelos cotovelos, os olhos gélidos fixos em mim. A superioridade com que ele me encarava me dava raiva, como se nada pudesse afetá-lo, como se ele fosse melhor do que todo mundo aqui. *Melhor do que eu.*

Ergui o dedo do meio para ele, mas tudo que ganhei foi um sorriso de lado, um que fez algo se mexer dentro de mim. Mas eu impediria que as malditas borboletas voltassem, nem que eu tivesse que tomar alvejante.

A antiga Ryen morreu, e com ela se foram todos os sentimentos nutridos por Kellan Royal. Não existia mais nada, só uma grande indiferença, e agora puro ódio por ele se intrometer em meus negócios.

Lhe dei as costas e voltei a caminhar, chegando ao corredor estreito que dava direto na saída deste lugar sufocante. O atravessei e saí da boate no mesmo instante em que vi Killer sair em disparada.

— Ei! Killer! — eu o chamei, correndo até onde ele estava segundos atrás.

Ele continuou correndo e não pensei duas vezes antes de ir atrás dele. Eu o tinha deixado parado, porque diabos ele não me obedeceu? Se bem que a maior culpada era eu, por deixá-lo sozinho. Eu odiava quão displicente eu havia me tornado.

Killer entrou em uma espécie de beco e eu fui logo atrás, o seguindo. Quando o alcancei ele estava parado logo na entrada, sentado sobre as patas traseiras.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, agarrando sua coleira para que ele não fugisse de novo.

Como se isso fosse impedir que ele corresse. Killer tinha força para sair me arrastando por toda Miami, se quisesse. Mas era interessante tentar a sorte.

Ele estava olhando para algo à nossa frente e eu segui seu olhar, erguendo levemente as sobrancelhas com o que vi. A alguns metros de distância, próximo ao que pareciam ser as portas metal do fundo da boate, estava Brianna. Porém ela não estava sozinha.

Seus dedos estavam fechados no braço de um homem alto, com um cabelo loiro que chegava até os ombros, metade estando presa em um coque samurai. Ele era forte, mas seu corpo era mais esguio do que musculoso, na verdade. Tinha uma tatuagem de cobra no pescoço e uma barba rala loira escura.

Estava usando uma jaqueta jeans e tinha um capacete nas mãos. Seu rosto mostrava que era mais velho que Brianna e eu. Na verdade, acho que ele era até mesmo mais velho do que Kellan. Por que eu não estava surpresa?

— Você é maluco de entrar lá dentro? — Brianna questionou, quase gritando. — Kellan está aí, se ele te visse, te esfolaria vivo!

— Você já foi correndo contar sobre a nossa briga para o riquinho metido do seu primo? — O homem sorriu, com desdém, antes de puxar o braço do agarre dela com rispidez. — E me solta, porra!

Ela quase se desequilibrou, tamanha a força usada por ele, mas se recompôs rápido. Então, se virou na minha direção, os olhos fixos na direita.

Seu cabelo estava solto, chegando até abaixo de seus seios. Ela usava uma saia de couro curta na cor preta e um top da mesma cor. A jaqueta preta que ela usava tornava seu look um *all black* completo.

Esse visual só não estava chamando mais atenção do que o roxo ao redor do seu olho esquerdo.

— Eu não contei nada — Brianna se defendeu, sorrindo de forma venenosa. — Mas quer saber? Foi até bom ele ver o que você fez comigo.

Então foi esse cara que bateu nela?

— O que disse, caralho? — o homem rosnou, se aproximando dela.

Brianna não se amedrontou e ergueu o queixo para ele, batendo de frente, sem medo algum. E vale acrescentar que esse cara era muito intimidador.

Seu sorriso caiu.

— Eu disse algo errado? — questionou, seu semblante tomando uma forma atordoada. — A gente namora, mas você me bate sempre que te dá vontade, não deveria ser assim, Connor.

O loiro riu.

— O errado sou eu, mas você sempre volta por vontade própria, não é Brianna?

Ela deu dois passos para trás, como se tivesse acabado de levar um tapa, totalmente alheia a minha presença e a de Killer.

E graças a Deus meu cachorro estava quieto, porque mesmo que eu não me importasse com a vida pessoal de Brianna, algo me impedia de sair daqui e fingir que não tinha visto nada. Não sabia o que me motivava, talvez fosse a aura agressiva que esse cara exalava.

Brianna abaixou a cabeça por alguns instantes, o que me fez pensar que ela aceitaria o que o idiota a sua frente cuspiu. Contudo, segundos depois ela levantou a cabeça, e algo estava diferente em seu olhar.

— Eu quero terminar — Brianna declarou.

Mesmo que seu rosto estivesse indiferente e eu estivesse vendo tudo de longe, podia sentir seu corpo tenso, como se estivesse... com medo.

Killer ficou inquieto ao meu lado e reforcei meu aperto em sua coleira, com medo de que ele nos delatasse.

— Ah, me poupe, Brianna — o tal Connor zombou, agarrando o pulso dela abruptamente. Ele sorriu. — Acha que pode terminar comigo a essa altura do campeonato?

A prima de Kellan puxou o pulso da enorme mão de Connor com certa dificuldade, o levando de encontro ao peito.

— Eu não acho, eu tenho certeza — falou, firme.

Connor se inclinou para Brianna e agarrou seu queixo, a puxando para mais perto dele de forma agressiva.

— Você precisa de mim, Bree... — O loiro foi doce, acariciando sua pele. — Já se esqueceu disso? — Sorriu de lado antes de plantar um selinho nos lábios dela.

Brianna o olhou com raiva quando ele se afastou, e então ela estapeou a mão dele, a jogando para longe do seu queixo. Um sorriso maldoso se esticou nos lábios da prima de Kellan.

— Não, Connor. Você precisa de mim — Pôs as mãos na cintura fina, o encarando como se ele fosse uma piada. — Ou já se esqueceu do lixo que você era antes de me conhecer? Você era um perdedor.

Connor travou o maxilar e a fuzilou com os olhos.

— Cala a merda da boca!

— Só estou falando a verdade. Até a porcaria dessa moto que você exhibe por aí fui eu quem te dei, seu idiota! — gritou, apontando para uma *Yamaha* próxima a mim.

O loiro agarrou o braço dela com violência, fazendo-a soltar um grunhido de dor.

— Não me provoque, Brianna.

— Tomara que Kellan te ache e acabe com você, Connor — desejou. — Eu nem sei porque te tirei de dentro da boate, você merece uma surra bem dada pra deixar de ser filho da puta. Seu viciado de merda!

No instante seguinte, Connor soltou o braço de Brianna e estapeou seu rosto com força suficiente para que ela fosse ao chão. Ela gritou e pôs a mão no lugar machucado, virando o rosto para encará-lo.

O loiro se curvou para ficar próximo a ela.

— Você deveria ter ficado calada quando teve a chance, sua vadia mimada — disse, desafivelando o cinto calmamente. — Agora eu vou ter que te dar a surra que seu papaizinho não te deu.

Brianna se afastou, rastejando para trás com os olhos fixos nele. O horror em seu olhar foi a deixa para que eu me mexesse, porque me lembrou o mesmo horror que já estive em meus olhos.

Olhei ao redor, procurando algo que eu pudesse usar contra esse cara; achei uma barra de ferro abandonada a poucos passos de distância. A peguei do chão, sentindo que era um pouco pesada, mas confirmando que não se tratava de nada que eu não pudesse segurar. Andei até a moto preta de Connor e desci a barra de metal em um dos espelhos retrovisores.

O loiro se virou na minha direção no exato momento em que amassei o tanque da moto, arranhado a pintura com a ponta da barra.

— Mas que... — ele segurou um xingamento. — Quem está aí?

A moto estava na parte escura do beco, onde a luz do fundo da boate não chegava.

Peguei o espelho retrovisor do chão e dei um passo à frente, me revelando enquanto segurava a barra de metal com a outra mão. Os olhos escuros de Connor se arregalaram quando reconheceram a parte de sua *Yamaha*.

— Ops... — Eu fiz beicinho, erguendo o vidro. — Acho que sem querer acabei quebrando a sua moto.

Joguei o retrovisor aos pés de Connor e ele analisou a parte destruída de sua moto antes de fixar os olhos raivosos em mim.

— Você que fez isso?! — gritou, olhando para a barra de metal em minhas mãos. Ele cerrou os dentes. — E agora essa, quem é você, sua cadela?

Eu sorri de lado.

— Você deve ter um pau bem pequeno, não é? Bate em mulheres e ainda xinga elas de nomes feios — Neguei com a cabeça.

Vi Brianna se levantar, os olhos arregalados me encarando. *Chocada, vagabunda?*

— Sua amiga, Bree? — Connor virou o pescoço para olhá-la.

Ela o encarou, com ódio.

— Não me chame de Bree, seu perdedor do caralho.

Ele riu como se ela tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo, e então voltou a me analisar. A vontade que ele tinha de partir para cima de mim estava clara em suas feições.

— Essa barra de ferro é para mim? — Indicou com o queixo a minha arma improvisada.

— E se for?

— Vai me bater, cadela? — caçoou, começando a andar lentamente na minha direção. — Você e quem mais?

Sorri lentamente e inclinei minha cabeça para o lado.

— Killer.

Assim que seu nome deixou meus lábios, um rosnado se fez presente no beco, e Killer saiu das sombras, parando ao meu lado. Connor ergueu as sobrancelhas, arregalando os olhos escuros quando viu o enorme cachorro rosnando para ele.

— Merda — xingou, dando um passo para trás.

Se Brianna já tinha os olhos arregalados antes, eles triplicaram de tamanho quando viram Killer.

Mantive o sorriso em meus lábios e olhei para meu cachorro, acariciando suas orelhas. Ele exibiu os dentes grandes e pontudos, rosnando para Connor. Esperando apenas um comando meu para acabar com o loiro idiota.

— Você dizia? — Olhei para o namorado de Brianna.

— Esse monstro é seu? — questionou, petrificado.

Fiz beicinho.

— Ah, não. Não o chame de monstro — Franzi o cenho, olhando para Killer. — Ele tem sentimentos. Não é, bebê?

Ele rosnou, quase babando.

— Ah, porra... — Ouvi a prima de Kellan xingar, desacreditada.

Connor deu mais um passo para trás.

— Manda ela segurar esse monstro, Brianna!

Ela riu.

— Por mim, ele pode te fazer em pedacinhos, filho da puta!

Rangi meus dentes e andei até a moto, quebrando o outro retrovisor com toda a força que eu tinha. Admito que estava me aproveitando disso para extravasar todo o ódio que Kellan me fez passar minutos atrás.

— Já disse que ele não é um monstro, porra! — Atirei o retrovisor no loiro.

Ele desviou, por pouco, quase arrancando os próprios cabelos por ver o estado da moto ao meu lado.

— Para com isso, sua vadia — chiou, vindo até mim. — Você está morta!

— Ataca, Killer.

Levou menos de dois segundos para Killer correr até Connor, que deu alguns passos para trás, se desequilibrando e caindo no chão.

Ele gritou quando viu meu cachorro se aproximar com sede de sangue.

— Para, Killer — eu mandei, e ele obedeceu na mesma hora.

Meu cachorro parou a poucos centímetros do rosto de Connor, que a essa altura já estava pálido feito papel.

— Por favor, afasta ele — o loiro implorou.

Inclinei minha cabeça para o lado e fiz cara de inocente, batendo meu indicador em meus lábios como se pensasse em seu pedido. Por fim, assenti animada.

— Mas você tem que prometer que vai parar de bater em garotas, Connorzinho. Isso é muito feio, principalmente para um homem da sua idade.

Ele assentiu várias vezes.

— Ok, ok. Só me deixa ir embora.

Sorri e saí da frente de sua moto, fazendo uma reverência exagerada para que ele passasse. Connor se levantou do chão e pegou o capacete que deixou cair assim que Killer avançou sobre ele.

Ele passou por mim todo tenso e subiu na moto, tirando uma chave do bolso de sua jaqueta. Ele pôs o capacete e ligou a *Yamaha*, mirando os olhos em Brianna uma última vez.

— Isso não acabou — Sua ameaça foi clara.

Killer latiu e o loiro girou a moto, saindo pelo lugar por onde entrei. O motor potente de seu veículo repercutiu por todo o beco antes de ele sumir de nossas vistas em alta velocidade.

Depois do que ele disse, eu rapidamente me arrependi de não ter deixado que Killer arrancasse ao menos um pedaço dele.

— Porra! — Brianna xingou, chamando minha atenção para ela.

A prima de Kellan passou as mãos pelo cabelo, parecendo frustrada. Eu dei um passo para frente e ela ficou tensa quando Killer se aproximou.

Ele andou calmamente até ela e a rondou, a cheirando. Ele enfiou o focinho em sua mão e arrancou um gritinho fino de Brianna, que não mexeu um músculo sequer. Ele ficou parado ao lado dela e ela fez menção de se afastar, mas ele se mostrou disposto a segui-la. Então ela apenas ficou parada.

Joguei a barra de metal para longe.

— Pode respirar agora, ele não morde — eu disse, me aproximando, com as mãos nos bolsos de minha jaqueta. — Pra você que andava em cavalos enormes, é até ridículo estar com medo de Killer.

Brianna tirou os olhos de Killer e os voltou para mim.

— Pelo visto, você continua intrometida.

— De nada? — Fui sarcástica.

Ela pôs as mãos na cintura, mas não sem antes pôr os dreads para trás de seus ombros, em um movimento elegante que exalava confiança. Isso foi o que sempre invejei em Brianna. O fato de como nada parecia afetá-la, e como ela sempre estava de queixo erguido.

— Eu não pedi sua ajuda — atirou, ríspida, e caminhou até a parede mais próxima. Ela se sentou no chão. — Dá o fora daqui, intrometida.

Killer anda até ela e lambeu sua bochecha machucada, arrancando uma careta dela. Sorri internamente por meu cachorro ser um bobão quando se tratava de mulheres agredidas, e me aproximei.

— Você se intrometeu nos meus assuntos primeiro — Parei diante dela.

A prima de Kellan soltou uma risada debochada e tirou um maço de cigarros e um isqueiro do bolso de sua jaqueta.

— Me desculpa se não te deixei morrer como você queria — A prima de Kellan revirou os olhos, acendendo o cigarro, dando uma longa tragada logo em seguida. — Da próxima, eu até ajudo.

Estava pronta para mandá-la se foder quando ela esticou o maço de cigarros na minha direção, me oferecendo um. Eu não era muito chegada em cigarro, mas dado o fato de que eu estava limpa há dias, talvez isso fosse melhor do que nada.

Peguei um cigarro do maço e me sentei ao lado de Brianna, com as costas na parede. O acendi com o isqueiro que ela me emprestou e o devolvi, dando uma longa tragada. Soltei a fumaça.

— Pelo que vi, seu gosto para homens não mudou nada — comentei, olhando para a parede à nossa frente.

— E você agora fala palavrão e é uma vadia raivosa — Brianna soprou a fumaça e eu olhei para ela, a vendo balançar o cigarro entre os dedos. — Ah, e agora você também fuma.

Eu sorri, nem um pouco ofendida com suas palavras. Killer veio para o meu lado e se sentou sobre as patas traseiras, nos fazendo companhia.

— E agora você também apanha — Não escondi meu veneno.

— Continua correndo atrás do meu primo? — ela rebateu.

— Já parou de implorar pela atenção do seu pai?

— Pelo menos meu pai está vivo.

— Sua puta desgraçada! — Avancei sobre Brianna.

Lancei meu cigarro fora antes de me jogar em cima de Brianna e vi o dela se soltar de sua mão. Ela caiu quando dei um tapa em seu rosto e agarrou meus cabelos em reflexo, fazendo meu couro cabeludo arder.

Me projetei em cima do estômago de Brianna e bati em seu rosto mais uma vez, não pensando em parar tão cedo. No entanto, ela deu um

jeito de nos virar e ficar em cima de mim.

— Não bate no meu rosto, sua cadela! — ela rosnou, segurando minha mão quando tentei acertar seu rosto novamente. — Eu sou modelo!

Eu ri, ácida.

— Certeza que você tem plástica! — provoqueei, ganhando um tapa no rosto que ardeu feito o inferno.

A prima de Kellan enrolou as mãos em meu pescoço, os olhos faiscando em pura fúria enquanto me encarava de cima.

— Você não queria morrer, sua vadia? — Riu, com desdém. — Eu te ajudo!

Cravei minhas unhas em seus antebraços e ela gritou, aliviando o aperto em meu pescoço. Killer pulou ao nosso redor, vez ou outra lambendo meu rosto e o de Brianna. Ele pensava que estávamos brincando quando, na verdade, mataríamos uma à outra se isso continuasse.

— Me solta, porra! — mandei, segurando suas mãos com dificuldade.

Ela agarrou meu cabelo e eu fiz o mesmo com o dela.

— Eu deveria ter te deixado morrer naquela ponte!

— E eu deveria ter deixado aquele professor te engravidar e fugir!

Brianna soltou um gritinho raivoso e nós ficamos agarradas ao couro cabeludo uma da outra, cada uma se negando a soltar primeiro. A prima de Kellan não cedia, muito menos eu.

Eu poderia arrancar dread por dread de seu cabelo sem remorso algum. E Brianna parecia pensar o mesmo, já que em nenhum momento aliviou seu aperto em meu couro cabeludo, que a essa altura já estava todo dolorido.

De repente, Killer pulou entre nós e derrubou Brianna de cima de mim, me deixando respirar pela primeira vez desde que tudo começou. Eu me sentei rápido, e vi que Brianna também estava sentada, com os joelhos unidos rente ao peito e as mãos para trás. Suas bochechas estavam vermelhas e inchadas, não muito diferente das minhas. Porque porra, meu rosto estava doendo muito!

Killer veio para cima de mim e Brianna aproveitou esse momento para ajeitar suas roupas, rastejar até a parede em que estávamos e se sentar com as costas contra ela. Ela estava suada e ofegante, como eu.

Afastei Killer e também voltei a me sentar com as costas na parede. Ficamos em silêncio pelo que pareceram horas, totalmente imóveis, apenas

com nossas respirações presentes. Até que ela apoiou os antebraços nos joelhos e quebrou o silêncio.

— Você realmente acha que imploro pela atenção do meu pai?

Deixei minha cabeça descansar contra a parede.

— É o seu pai — Afastei uma mecha de cabelo do meu rosto. — Não tem como não querer a atenção de quem você ama.

Brianna voltou a ficar em silêncio e Killer se aproximou dela, encostando o focinho em seu joelho. Parecia querer confortá-la.

— Por que continua se envolvendo com caras tão filhos da puta? — questionei.

Ela deu de ombros, fazendo um carinho nas orelhas de Killer.

— Acho que procuro por algo. Validação, talvez.

— Eles são abusivos, Brianna. Te batem — Virei a cabeça para olhá-la.

Seu peito subiu e desceu lentamente.

— Eu me construí com todo esse abuso, Ryen — Me encarou de volta, cansada. — Não sei ser diferente.

Brianna era quebrada. Assim como eu.

— Então vai voltar com o Connor?

Ela riu.

— Não... — Negou com a cabeça. — Aquele fodido acabou de morrer para mim.

Assenti e olhei para a frente, sentindo minha bochecha pinicar. Essa vadia tem a mão pesada.

Soltei meu cabelo do elástico e passei os dedos pelos fios antes de prendê-los em um coque frouxo no alto da minha cabeça.

— Eu não acho — falou, de repente, chamando minha atenção.

— O quê?

— Que você deveria ter morrido naquela ponte.

Pressionei meus lábios um no outro.

— Por que me salvou? — perguntei, realmente interessada.

Brianna suspirou.

— Porque independente de nunca termos sido amigas, eu não poderia deixar você morrer daquele jeito. Você demoraria três minutos para morrer afogada. Quer uma morte lenta?

Abracei minhas pernas.

— Não, queria uma morte rápida.

Ela revirou os olhos.

— Então você deveria ter se jogado na frente de um ônibus — zombou, seca.

Uma risada involuntária escapou de meus lábios antes que eu conseguisse controlar e eu joguei a cabeça para trás, esquecendo a dor em minhas bochechas. A prima de Kellan também riu e fez uma careta, tocando delicadamente o próprio rosto.

A risada cessou, aos poucos.

— Eu não me arrependo de ter feito aquele professor ser demitido — eu disse, por fim. — Sei que me odiava na época e me odiou ainda mais depois disso. Mas não me arrependo.

— Na época eu fiquei com raiva, mas depois eu entendi — Ela descansou a cabeça na parede. — E eu não te odiava, só tinha inveja de você.

— Inveja de mim? Por quê? — Franzi o cenho, confusa.

Brianna me encarou, séria.

— Todo mundo gostava de você, mesmo sem haver esforço da sua parte, Ryen.

— Vadia? — Fiz uma careta, perplexa. — Eu sofria bullying!

— Mas sua família te amava. Seus pais te amavam — sussurrou, em desabafo. — Raphael cuidava de você desde que éramos pequenos. Tio Joseph disse várias vezes como seu pai te amava, e sua mãe era atenciosa com você. A minha morreu quando eu tinha três anos. Não sei o que é ter algum carinho fora o dos meus tios e de Kellan. Meu pai nem mesmo ia às minhas competições de hipismo. Ainda não vai, na verdade.

— Isso não é motivo para você ser indiferente ao bullying que eu sofri — disse, seca.

— Eu sei, não estou me justificando — Brianna deu de ombros. — Mas eu era uma vadia mesquinha nessa época.

Arqueei uma sobrancelha.

— Era?

— Ok, ainda sou — revirou os olhos, sorrindo. — Mas agora um pouco menos.

Sorri de volta e não acreditava em como essa situação parecia ridiculamente amigável. Me levantei do chão e Brianna fez o mesmo, massageando as bochechas com uma careta de dor.

— Não reclama, você que se gabou de ter um pai vivo — falei.

— E você é uma santa, não é? — ela debochou.

Segurei a vontade de sorrir.

Mas que merda era essa, Brianna e eu não éramos amigas. Eu apenas a ajudei porque ela me impediu de fazer a pior merda que eu faria na minha vida. Apenas isso.

Eu não estava em uma posição de fazer amizade, não queria ninguém na bagunça que era a minha vida.

Killer veio para o meu lado e eu enfiei as mãos nos bolsos da minha jaqueta.

— Pronto, agora não te devo mais nada — afirmei, mandando o clima amigável para o espaço.

A expressão tranquila de Brianna se desfez e uma raivosa tomou seu lugar.

— Você é uma arrombada mesmo, não é? — questionou, entre dentes.

Eu dei as costas a ela e caminhei para fora do beco, com Killer ao meu lado. Não ouvi Brianna dizer mais nada e continuei andando, deixando para trás a leveza que senti alguns minutos atrás.



A companhia pareceu tocar pela segunda vez, até que decidi parar de ignorá-la. Pela primeira vez em dias eu consegui dormir um pouco, e só ignorei o som irritante de alguém na porta porque não queria perder isso. Mas já estava ficando insuportável.

Tirei o travesseiro do meu rosto e me sentei na cama, a contragosto. Olhei para a hora em meu celular e bufei. Eram exatamente duas horas da tarde, e eu tinha tentado dormir bem a manhã toda. *Mas que merda.*

Pulei da cama e vesti um short qualquer que peguei em meu closet, saindo do quarto em seguida. Desci as escadas a tempo de encontrar Killer pulando na porta, mesmo que a campainha já tivesse parado de tocar de maneira insistente.

Passei pelo meu cachorro e espiei pelo olho mágico, não vendo ninguém. Franzi o cenho e abri a porta, confirmando o que meus olhos disseram. No entanto, Killer fuçou algo em meus pés e eu olhei para baixo,

encontrando uma caixa grande e lilás com uma fita branca ao redor, lhe dando um ar fofo.

Desconfiada, peguei a caixa quando vi que tinha meu nome nela. Entrei de volta no apartamento, fechando a porta com o pé e a trancando com a chave.

Andei até o sofá, um Killer inquieto me acompanhando.

— Não deve ser comida, Killer.

Me aproximei do sofá e desfiz o laço, deixando a fita cair no chão. Retirei a tampa da caixa, me deparando com uma espécie de papel branco cobrindo o que tinha dentro. Quando afastei o papel, meus olhos se arregalaram e eu gritei, deixando a caixa cair na mesma hora.

A enorme tarântula andou lentamente pelo tapete da minha sala, não se afastando da caixa em que estava, como se estivesse assustada. Dei alguns passos para longe dela, respirando fundo.

Uma tarântula. Me enviaram a porra de uma tarântula como se fosse uma caixa de bombons. Killer rosnou para ela e fez menção de se aproximar, mas o segurei pela coleira antes que ele a tocasse. Ao lado da caixa, estava um pedaço de papel.

Me abaixei rapidamente e o peguei, lendo as palavras que fizeram o sangue sumir do meu rosto em questão de segundos.

“Eu sei o que você fez.”

Merda, o que estava acontecendo? Por que estavam mandando esta merda para mim? Porra, a pessoa da carta se referia ao assassinato de Callum? Não poderia ser.

Sentindo o ar faltar em meus pulmões, rasguei a carta e joguei os pedaços no chão, correndo até a cozinha para pegar uma vassoura. Quando voltei, atingi a aranha com ela tantas vezes que perdi a conta. Só parei quando ela estava aparentemente morta.

Peguei uma pá e coloquei a aranha dentro da caixa junto com os pedaços da carta que eu queria nunca ter lido. Então, andei até a varanda da sala e joguei a caixa pela janela, pouco me importando se ela iria cair na cabeça de alguém.

Minhas mãos começaram a suar e eu as passei pelo meu cabelo, e depois pelo corpo, o sentindo ficar pegajoso. Era o sangue dele, eu ainda o sentia em minha pele. Mas eu não queria, eu não queria. Eu estava apenas me defendendo, eu juro!

Alguém bateu à minha porta e eu me assustei, levando as mãos ao peito quando meu coração quase saiu pela boca. Me virei rápido na direção das batidas, meus olhos apavorados com a possibilidade de a mesma pessoa que me enviou a tarântula estar logo ali.

Engoli em seco e esfreguei meu pescoço com mais força enquanto me aproximava da porta. Trêmula, observei o lado de fora pelo olho mágico e quase morri de alívio ao ver quem era.

Abri a porta antes que a garota batesse de novo.

— Brianna? O que está fazendo aqui? — perguntei, vendo-a entrar no meu apartamento sem eu nem tê-la convidado.

Assim que Killer a viu, correu em sua direção e pulou sobre ela, apoiando as patas em sua cintura e ficando em pé. Brianna riu e fez um carinho em suas orelhas.

— Quem é o meu lindinho? — ela perguntou a ele, usando voz de bebê. — É você!

Killer latiu e voltou para as próprias patas, querendo brincar com Brianna, que estava o tratando como um bebê.

— Ei, Brianna — a chamei.

Ela me olhou, cenho franzido.

— Por que parece que você viu um fantasma? — ela questionou, se aproximando de mim.

Olhei para o local de onde joguei a caixa e acariciei minha nuca, não sentindo mais meu pescoço pegajoso como antes.

Fechei a porta.

— Nada... — menti, colocando um sorriso debochado nos lábios.

— O que está fazendo aqui? E, claro, pode entrar.

Brianna devolveu o mesmo sorriso e pôs as mãos na cintura.

— Vim te chamar para sair.

— Não, obrigada — passei por ela, que agarrou meu braço.

— Você nem sabe para onde vou te levar!

— Não estou a fim de sair, Brianna — Revirei os olhos, puxando meu braço de seu aperto. — Não importa o lugar.

Lhe dei as costas e caminhei em direção ao sofá, tentando pensar em uma maneira de expulsá-la do meu apartamento.

— Nem mesmo se for a um racha? — perguntou, me fazendo parar no lugar.

Lentamente me virei para ela.

— O que você disse?

A garota sorriu, vindo até mim.

— Hoje, às dez da noite da noite, vai ter um racha. Kellan não me contou onde é porque não me quer lá. Mas eu descobri.

Ergui uma sobrancelha.

— Por que ele não te quer lá?

— Ele diz que causo problemas. Mas foda-se ele — Ela fixou os olhos em mim. — Você vem comigo ou não?

Só de ouvir falar em racha, meu corpo se encheu de ansiedade. Sentia tanta falta de correr, assim como sentia de dançar. Ficar presa aqui neste apartamento estava me sufocando demais e eu ficaria louca se continuasse assim. Eu precisava de um pouco de adrenalina.

— Eu vou com você... — Ergui o queixo.

— Mas...? — Brianna me olhou desconfiada e eu sorri de lado.

— Tenho uma ideia.

Uma ideia que Kellan Royal com certeza não esperava.



*“Assassina, me domina
Dá uma volta em carros, motos e limusines.
Enche o tanque de adrenalina,
Quando escuta reggaeton nas buzinas”*
Daddy Yankee – Gasolina

Kellan Royal

Raphael bateu em meu ombro, gritando para que eu fosse mais rápido, para que o carro rival não nos ultrapasse. Ele olhou para trás, procurando a Ferrari amarela de McKay.

— Vai, filho da puta! — ele berrou comigo, cerrando os dentes. — Se a gente perder, eu te mato!

Apertei meus dedos ao redor do volante, os nós ficando brancos pela força que estava usando. Eu seria doente se dissesse que gostava da sensação de ter minhas mãos queimando?

— Cala a boca e continua olhando para trás, porra! — gritei de volta, acelerando um pouco mais.

— Ele está vindo, ele está vindo! — Rapha vociferou, olhando pela janela ao seu lado.

Espiei pelo retrovisor, vendo o carro de McKay se aproximar da Ferrari verde em que estávamos. Então pisei com mais força no acelerador, impedindo que ele se igualasse a nós.

— Chupa, caralho! — meu melhor amigo gritou pela janela e eu coloquei minha mão para fora, mostrando o dedo do meio para McKay “filho da puta” Watson.

Raphael riu e voltou a sentar-se no banco, apoiando o cotovelo na janela do carro. Mantive meus olhos no retrovisor por mais alguns segundos até ter certeza que tomamos uma distância segura de McKay.

— O filho da puta acha que pode ganhar de você — Rapha desdenhou, pegando no bolso de sua jaqueta o cigarro de maconha que fez antes de entrar no carro. — Aposto que arregou e inventou aquela história só pra não competir comigo.

Ele acendeu o baseado com o isqueiro que ficava no meu portaluvas e deu uma longa tragada, o oferecendo para mim logo em seguida.

Nós já tínhamos bebido e fumado muito desde que chegamos ao racha, mas por algum motivo, senti que não foi o suficiente. Rapha já estava com os olhos vermelhos e achei aquilo engraçado, porque os meus deveriam estar do mesmo jeito.

Peguei o cigarro, o pondo na boca.

— Você sabe que McKay late, mas não morde.

— Ela só está putinho porque pensa que você comeu a irmã dele — Riu.

Dei risada, devolvendo o cigarro a ele. *Ela nem mesmo era virgem.*

Se eu quisesse, teria comido Jenna Watson há muito tempo. Mas mesmo que a garota tenha feito dezesseis anos há um mês e meio, eu não gostava de meninas menores de idade.

Senti minha cabeça girar um pouco e a balancei de leve, tentando espantar a embriaguez.

— Já está batendo, né, seu cuzão? — meu melhor amigo brincou. — Você sempre foi mais fraco para essas merdas.

Olhei para ele por breves segundos, vendo como seus olhos ainda estavam vermelhos e sua expressão relaxada, enquanto um sorriso frouxo brincava em seus lábios.

— Eu que sou fraco ou você que fuma como um viciado do caralho?

McKay encurtou a distância entre nós e eu pisei no acelerador mais uma vez, meu corpo impulsionando para trás junto com o de Raphael, que riu, achando graça da adrenalina. Ele sempre foi mais louco do que eu, sempre acelerando até o último número.

Ele soprou a fumaça para fora da janela.

— Fazer o quê se essas merdas do Yun são boas — Sorriu, parando logo em seguida. — Não sei se fiz certo em deixar a Ryen sozinha.

Revirei os olhos.

— Qual é, Ryen não é mais uma criança — eu disse, desacelerando quando entrei em uma curva. — Ela pode tomar conta de si mesma, cara.

— Não, não pode — Me encarou, jogando o cigarro pela janela. — Ela não é como a gente, cara. Não está acostumada com a sujeira do mundo. Ryen é pura, ela não tem maldade. Ela não era como nós.

Tem razão, ela não saía fodendo por aí ou usando qualquer tipo de porcaria só para ficar ligada. Ela não duvidava da bondade do mundo. Ryen não era corrompida como nós. *Como eu.*

Nada nela era sujo ou imoral. Suas mãos estavam limpas, como sua mente, ela era apenas uma criança. E eu teria que continuar repetindo isso para mim, mesmo que ela crescesse. Eu não via Ryen como uma mulher, mas a beleza da garota era predominante, mesmo com tão pouca idade. E ela parecia gostar de mim, o que estava totalmente fora de cogitação.

E mesmo que eu a visse como nada mais do que uma menina, ela ainda me intrigava.

— Porra!

Ouvi Raphael gritar, e isso me tirou dos pensamentos em que eu nem me dei conta de que tinha mergulhado.

Olhei pelo retrovisor, vendo que a Ferrari amarela de McKay estava se aproximando com uma velocidade impressionante. Ele veio para o nosso lado e ergueu o dedo do meio para nós.

Girei o volante, batendo a Ferrari de Rapha contra a dele sem nenhuma excitação. Meu melhor amigo riu, soltando o cinto de segurança e erguendo os dois dedos do meio para McKay, que nos olhava furioso. Pisquei meus olhos quando senti minha cabeça girar e pressionei as mãos no volante com ainda mais força.

— Mais rápido, Kellan! — Rapha mandou, quando colidi nosso carro com o do filho da puta.

McKay também lançou sua Ferrari contra a nossa, me fazendo xingar quando sua ação quase nos jogou para fora da pista. Tudo graças a um descuido meu, que fui pensar em Ryen justo num momento como este.

Olhei para frente, vendo que havia uma curva, e me preparava para diminuir a velocidade quando Raphael se debruçou em minha direção.

— Esse filho da puta não pode nos ultrapassar! — rosnou, puxando o acelerador.

A força com que o carro turbinou para frente me fez ir para trás, e por um mísero momento de surpresa, perdi o controle da Ferrari.

Cerrei meus dentes e tentei enrolar na curva, mesmo com toda a velocidade que Raphael colocou, mas parecia impossível controlar o

volante. Quando pisei no freio, era tarde demais, e tudo o que pude fazer foi olhar para Raphael ao meu lado. Parecíamos estar em câmera lenta quando ele se virou para encontrar o meu olhar, o seu repleto de um pavor que nunca vi nos olhos do meu amigo em dezoito anos de amizade.

— Ryen... — O nome dela deixou seus lábios em um sussurro, mas ainda assim, consegui escutar.

Então, o carro virou e a cabeça de Raphael foi para trás violentamente, um estalo enchendo o espaço. *O pescoço dele.*

Não tive tempo para processar o que aconteceu. Quando o veículo capotou, senti meu braço doer e minha perna seguir o mesmo caminho. Bati minha cabeça no capô do carro com tanta força que fiquei ainda mais zonzo do que eu já estava. A Ferrari capotou tantas vezes que nem mesmo consegui contar, mas quando parou, procurei Raphael com o olhar, sentindo meu corpo doer como o inferno.

Um suspiro deixou meus lábios quando vi os olhos do meu melhor amigo vidrados em mim. Mas ele não estava me olhando, ele sequer piscava. Seu olhar estava vazio, como se... como se ele estivesse morto.

Mas então seus lábios se abriram.

— Você me matou — acusou, me encarando. — Você me matou.

Acordei em um sobressalto, me sentando na cama com rapidez. Respirei fundo, sentindo meu coração acelerar com cada lufada de ar que puxei com dificuldade para meus pulmões.

Joguei meu cabelo para trás, os fios totalmente molhados de suor, grudados em minha testa. Meu peito nu estava pingando e eu passei as mãos por ele, tentando me enxugar, mas falhando.

Foi um pesadelo. Foi a porra de um pesadelo.

Inspirei e soltei, tentando me controlar de alguma forma para não perder a cabeça. Fazia semanas que eu tinha esse mesmo sonho todas as noites. O acidente de Raphael. As imagens em minha memória continuavam vivas, me perseguindo, mesmo depois de tantos anos.

Ainda podia ouvir o estalo do pescoço dele. Foi uma morte rápida, mas o som continuava me dando arrepios e afundava meu estômago, me causando náuseas.

O Raphael de verdade não abriu a boca depois de morto para dizer que a culpa de sua morte foi minha, mas o do pesadelo fazia isso, e eu sabia que era verdade. Eu matei o meu melhor amigo. Eu estava no volante e

perdi o controle. Só o fato de ter aceitado o baseado dele já me tornava o maior irresponsável da história.

Tirei o filho, irmão e namorado de alguém. E nunca vou me perdoar por isso. Era eu que deveria ter morrido cinco anos atrás. Talvez assim, a culpa que eu sinto estaria dormente em meu peito.

Peguei meu celular e vi que já era sete e meia da manhã. Joguei meu edredom para o lado e levantei da cama, indo em direção ao meu banheiro. Tirei minha calça de moletom, passando pela banheira para então abrir o box e ligar o chuveiro, deixando que a água molhasse meu cabelo e meu corpo tenso.

Fechei meus olhos, apoiando as mãos nos azulejos da parede quando senti a água quente começar a fazer efeito. Mas a água também me relaxou a ponto de o rosto da pessoa em quem eu nunca deveria pensar, aparecer na minha mente neste exato momento. *Ryen*.

A forma como ela me desafiou e pressionou o canivete em meu pescoço me deixou duro para cacete. Toda a sua ira era porque eu proibi Yun de vender drogas a ela, e pedi que ele desse o mesmo recado aos seus colegas que também traficavam.

Ela não achava que ia se afundar nessa merda e eu não iria fazer nada quanto a isso, não é?

Em todo caso, o modo como ela não se intimidou e como parecia disposta a me machucar, mexeu com minha cabeça doente e me excitou pra caralho. Ryen era linda no passado, mas agora exalava sensualidade e um corpo que não era de Deus. Eu ainda pensava nos lábios grossos pressionados um no outro quando ela me encarou com o queixo erguido.

Desci minha mão direita sobre meu estômago, agarrando meu pau, já duro e pesado. O apertei moderadamente, o sentindo pulsar em minha palma. Desci e subi lentamente no começo, um suspiro escapando dos meus lábios.

Era como se eu tivesse dezesseis anos novamente e nunca tivesse tido contato com nenhuma mulher. Esse era o efeito que Ryen causava em mim com apenas um olhar. Ainda podia sentir seu canivete em meu pescoço e a picada de dor quando ela tirou sangue da minha garganta.

Mexi minha mão com mais rapidez, jogando minha cabeça para trás, quando minha palma sumiu e no lugar dela Ryen estava cavalgando no meu pau, de costas para mim. Ela era apertada e estava pedindo por mais, algo que somente eu poderia dar a ela.

Minha respiração ficou entrecortada e minha mão foi mais rápido, eu estava perto. Muito perto. Um gemido rouco me escapou, mas logo depois notei que não só foi isso. Era o nome *dela*. Parecia uma melodia quando chegou até os meus ouvidos, e eu mordi meu lábio inferior com força

O som da minha palma contra meu pau preencheu o banheiro, tornando o cenário totalmente obscuro de ver e ouvir. Meu pau inchou e o pé de minha barriga se contorceu, espasmos tomando conta do meu corpo. Eu gozei em minha mão, segurando meus gemidos.

Soltei meu pau e respirei fundo, lavando minha mão com a água que ainda estava caindo do chuveiro. Abri meus olhos e passei as mãos por meu cabelo, o puxando para trás. *Porra, não acreditava no que tinha acabado de fazer*. Era como deixar meus hormônios falarem por mim, como se eu ainda estivesse passando pela puberdade.

Acabei de ter um pesadelo com a morte do meu amigo, e qual foi a primeira coisa que fiz? Batei pensando na irmã dele. Ótimo, Kellan. Você está de parabéns, seu filho da puta.

Antes eu não via Rylen dessa maneira, então o que diabos mudou, a ponto de eu não conseguir controlar meu próprio pau?

Desliguei o chuveiro e saí do box, enrolando uma toalha em minha cintura. Caminhei para fora do banheiro e entrei no closet, escolhendo uma calça xadrez azul totalmente folgada e uma regata branca simples. Vesti as peças junto com uma cueca boxer vermelha e penteiei meu cabelo, passando os dedos pelos fios em seguida.

Coloquei perfume e desodorante para então calçar meus chinelos e sair do quarto. Caminhei pelo corredor de inúmeros quartos e descii as escadas, indo em direção à sala de jantar. Dei de cara com meus pais sentados à mesa, tomando café juntos, como faziam todas as manhãs.

Minha mãe falava sem parar sobre algum assunto e meu pai ouvia calado, prestando atenção nela como se o que ela dissesse fosse a coisa mais interessante do mundo.

— Filho, bom dia — Ela mirou os olhos claros em mim, sorrindo de orelha a orelha. — Você dormiu bem?

Caminhei até uma cadeira e me sentei de frente para ela, meu pai na ponta.

— Dormi, mãe — menti, antes de sorrir para ela. — Bom dia.

— Bom dia — meu pai falou, esticando a mão para pegar a jarra de suco próxima a mim.

— Bom dia, pai.

Minha mãe juntou as mãos pequenas debaixo do queixo.

— Eu amo quando você dorme aqui em casa, filho — Ela sorriu. — Quando você acorda aqui e nós tomamos café da manhã juntos.

Eu tinha meu próprio apartamento, morava lá, inclusive. Mas minha mãe gostava que eu dormisse na mansão às vezes, e por ela eu nunca teria saído daqui.

— Também gosto de dormir aqui, mãe.

— Como está indo o curso de Administração? — meu pai perguntou, antes de levar o copo de suco aos lábios.

— Está indo bem, é um curso que eu gosto — respondi, pegando uma torrada. — Então não tenho do que reclamar.

Ele pôs o copo na mesa.

— Você sempre esteve de olho nos negócios do seu pai, não é, seu merdinha? — Sorriu de lado.

Eu arqueei uma sobancelha, sorrindo de volta.

— O senhor já está ficando velho, pai — Passei a geleia na torrada. — Chegou a minha vez de dirigir a empresa, não acha? Os idosos tem que descansar.

Rindo, ele jogou uma azeitona na minha direção.

— Merdinha insolente.

Mantive meu sorriso e mordi minha torrada, sentindo o gosto da geleia de morango preencher meu paladar.

— Seu pai não está velho — minha mãe defendeu o marido, ganhando um sorriso sugestivo dele. Ela revirou os olhos. — Velho idiota.

Minha mãe tinha cabelos loiros e olhos claros que herdei dela, e 1,77 de altura. Já meu pai era alto, com cabelo escuro beirando o preto e olhos da mesma cor. Ele tinha 1,90 de altura.

Ambos não aparentavam ter a idade que tinham.

— Ryen está de volta à cidade — comentei, pegando outra torrada.

Os olhos da minha mãe se arregalaram e ela espalmou as mãos na mesa, entusiasmada.

— Ah, meu Deus. Sério? Faz anos que não a vejo nem falo com minha *bambina*! — murmurou, com um sotaque leve. — Quanto tempo faz que ela está aqui?

— Apenas dois dias — menti, mais uma vez.

Minha mãe ficaria triste se soubesse que Ryen já estava aqui há quase duas semanas e não veio vê-la. E eu duvidava que ela pensasse realmente em visitá-la. Era como se ela não quisesse que soubéssemos que ela estava de volta.

— Onde você a viu? — meu pai questionou, as sobrancelhas levemente arqueadas.

— Eu não a vi, foi a Brianna — Eu tornei a mentir. — Mas ela não disse onde.

Porra, eu era bom nisso.

Nem pensar que diria que invadi o quarto de Ryen logo depois de ela ter comprado drogas e a assisti dormir como um psicopata. Meu pai acharia isso normal, afinal eu tinha a personalidade dele. Mas minha mãe surtaria.

E eu também iria dizer que Brianna viu Ryen tentando se matar. Mais uma vez, minha mãe surtaria, e dessa vez, meu pai também.

— Filho, diga a ela que eu quero vê-la — minha mãe pediu, parecendo genuinamente feliz.

Sorri para ela e assenti com a cabeça.

— Não se preocupe, mãe — eu a tranquilizei. — Trarei Ryen aqui para vê-la, não tenha dúvidas.

Afinal, não tem nenhum jeito de eu deixar Ryen em paz depois que ela voltou. Vou estar sob sua pele assim como ela esteve na minha desde que nasceu. Foi ela quem começou esse jogo, então terá que aguentar até que eu me canse de jogar.

E, porra, isso nunca vai acontecer.



Os motores rugiram ao meu redor, totalmente turbinados e prontos para ação. Ao meu lado estava Yun, encostado em sua Range Rover vermelha.

Ele a ganhou depois de uma aposta.

Yun competiu apenas uma vez usando minha Ferrari, mas só para calar a boca de um cara que o desafiou. Ele ganhou com uma vantagem

impressionante, deixando o cara comendo poeira. Depois disso, ele nunca mais competiu, e parecia satisfeito com seu mais novo carro.

Neste exato momento ele estava contando todo o dinheiro que conseguiu com as apostas que fez sobre quatro Lamborghinis. Ele apostou na rosa, de Yuki, sua amiga, e ela ganhou. Yun tinha um bom faro para apostas. E também era ele quem as organizava.

Agora estava rolando outra corrida, mas Yun não se importou em apostar novamente. Deixou isso para um amigo dele; era o que sempre fazia quando achava que já tinha ganhado dinheiro o suficiente pelo dia.

— Ah, porra. Olha quanta grana — Yun riu, mostrando o bolo de dinheiro para mim. Ele revirou os olhos, mascando seu chiclete. — Ah, deixa quieto. Você é rico.

— Não acha que está na hora de você ser uma aposta em vez de fazer uma? — perguntei, descansando meu corpo em cima da minha Ferrari vermelha.

Yun fez uma careta, contando o dinheiro.

— Você sabe que eu não participo com a ação. Meu negócio é o dinheiro.

— Você pode fazer mais dinheiro competindo — enfiei as mãos nos bolsos de minha jaqueta.

Ele guardou o dinheiro e subiu o capuz de seu moletom preto, cobrindo a touca branca que estava em sua cabeça.

— Para competir, eu precisaria de uma Ferrari ou um Lamborghini. E, não, eu não aceito uma como presente — falou, quando arqueei uma sobancelha. Ele sorriu. — Sem querer ofender, mas rachas são para playboyzinhos como você, Kellan. Eu não ousaria ser tão ambicioso assim, a ponto de pensar que a polícia não me enquadraria. Eu já ganho dinheiro o suficiente apostando em você e na Yuki.

Não, rachas não eram para mim. Bom, pelo menos não deveriam mais ser. Eu não merecia.

Enquanto meu melhor amigo estava a sete palmos debaixo da terra, depois de morrer por minha culpa, eu continuava competindo só porque fazia com que eu me sentisse vivo. E de alguma forma, me deixava mais próximo de Raphael. Mas eu não merecia nada disso.

Fui egoísta demais para deixar de competir, e me odiava por continuar fazendo o que meu melhor amigo morreu amando.

Estava prestes a responder quando uma figura de cabelo rosa pulou no pescoço de Yun, quase o fazendo perder o equilíbrio.

— Pode ir passando a minha parte — Yuki mandou, abraçada a ele.

Yun a desvencilhou de seu pescoço com facilidade e se virou para ela.

— Sua parte? — ele arqueou uma sobrancelha e ela cruzou os braços.

— Acha mesmo que não sei que você apostou em mim? — O olhou de cima a baixo, por cima dos óculos grandes. — Acha que pode ganhar dinheiro às minhas custas e não me dar nada? Nem fodendo, Yun!

Yuki tinha cabelos rosas que chegavam até a altura dos seios, e uma franja reta. Usava óculos de grau mesmo que, na maioria das vezes, estivesse usando lentes azuis. Ela era uma hacker habilidosa e foi a responsável por conseguir a localização de Ryen para mim.

Nascida na Califórnia, Yuki Tanaka tinha pais japoneses. A cor preferida da garota era rosa, e eu não estava brincando. Sua Lamborghini era rosa, assim como a jaqueta que ela estava usando neste momento. Era como assistir a um filme ambulante da *Barbie*.

Porém, ninguém nunca desconfiou que por trás dessa aparência de boneca, existia uma garota capaz de invadir sistemas.

— Vamos, caralho — Yuki estendeu a palma da mão para Yun. — Estou esperando.

Ele torceu o nariz e retirou uma quantidade de notas do bolo de dinheiro que estava em seu bolso.

— Dá próxima vez eu aposto no tailandês que competiu contra você — Sorriu falsamente, entregando o dinheiro a ela.

— E perca dinheiro, você quem sabe — Ela deu de ombros, pegando as notas. — É sempre bom fazer negócio com você. Oi, Kellan. Tchau, Kellan — disse, ao passar por mim.

Acenei com a cabeça antes que ela se virasse e fosse em direção a uma garota de cabelo azul. Duplinha arco-íris?

— Yuki fodida — Yun rosnou, ao meu lado, contando o dinheiro novamente antes de enfiá-lo no bolso. — Eu vou furar os pneus da Lamborghini dela.

Eu ri, cruzando meus tornozelos.

— Você sabe que ela arrancaria seu pau fora.

— E daí? Não é como se você já não tivesse ameaçado arrancar.

— A ameaça continua de pé, Yun. Sem drogas — falei, lentamente.

Ele cuspiu o chiclete que já estava mastigando havia cem anos e abriu a boca para dizer algo, provavelmente alguma provocação. Foi quando alguém se jogou em mim, quase me desequilibrando, como a Yuki tinha feito com o Yun.

Braços circularam minha cintura e eu olhei para baixo, vendo Jenna. A loira sorriu sedutoramente, plantando um beijo no meu peito coberto pela camisa.

— Estava te procurando — murmurou, manhosa, apoiando o queixo em meu peito e me olhando.

Devolvi seu olhar, vendo seu vestido vermelho com uma jaqueta jeans por cima, e suas longas botas sem salto que chegavam até seus joelhos. Jenna era gostosa, isso eu não podia negar. Mas bater uma punheta pensando em Ryen foi capaz de me satisfazer melhor do que ela nesses três anos.

Não que ela não fosse boa de cama, porém... faltava alguma coisa.

— Eu estava aqui — disse, não movendo um músculo para abraçá-la de volta. *Era entediante.*

Ela era grudenta, e eu odiava isso.

— Você vai correr hoje? — Jenna perguntou, sorrindo. — Eu vou com você.

— Eu não vou correr hoje — falei, olhando para Yun, que parecia estar mais interessado no telão que transmitia a corrida. — E se eu fosse competir, você não iria.

Jenna ergueu as sobrancelhas.

— Ah, por quê? — Fez beicinho.

— Porque eu não te convidei.

A garota arregalou os olhos, agindo como se eu a tivesse acertado com um tapa. Mas ainda assim não me soltou, mesmo estando sem graça.

Ela abriu e fechou a boca, sem saber o que dizer.

— Filho da puta sortudo — Ouvi meu amigo dizer e olhei para ele, seus olhos ainda focados no telão.

Segui seu olhar e vi o replay da Ferrari azul-marinho de McKay ganhando. Ele saiu do carro e ergueu as mãos, sendo parabenizado pelas pessoas ao redor. Uma morena correu em sua direção e pulou nele, enrolando as pernas em sua cintura e ganhando um tapa na bunda.

Tirei meus olhos do telão e olhei para frente, vendo ele a não muitos metros de distância. Assim que ele largou a morena, seus olhos pararam em Jenna, agarrada a mim como a porra de um macaco grudento.

Coloquei a mão na bunda de Jenna e a pressionei contra meu corpo, sorrindo de lado para McKay. Seus olhos queimaram de ódio e ele caminhou a passos largos em nossa direção, até que Jenna foi arrancada de mim poucos segundos depois.

— O que você está fazendo aqui, caralho? — McKay rosnou, agarrando o braço da irmã.

Jenna ergueu os olhos para o irmão, parecendo tão furiosa quanto ele.

— Não é porque você é meu irmão mais velho que manda em mim, idiota! — rebateu, tentando puxar o braço do aperto dele.

— Mas você pode ficar se esfregando nesse fodido como uma puta, não é? — cuspiu, olhando para mim em seguida. — E você, caralho? Acha que não vi seu sorrisinho de merda?

Voltei a enfiar as mãos nos bolsos de minha jaqueta, deixando que minha cabeça caísse para o longe, de maneira relaxante.

— Caralho... — Revirei os olhos. — Por que você não para de gritar e mantém a porra da boca fechada?

McKay jogou a irmã atrás de seu corpo e veio na minha direção, como um touro enfurecido.

— Vamos competir agora — me desafiou.

Mantive meus olhos nele, com total indiferença.

— Interessante, mas passo — Sorri. — É irritante como você chora toda vez que perde.

Hoje eu apenas organizei o racha, não tinha interesse em competir. Sempre eram os mesmos competidores, e eu queria carne nova. Um novo desafio.

— Fica longe da minha irmã — McKay ordenou, se aproximando ainda mais de mim. — Eu não vou repetir, filho da puta.

Me inclinei na direção dele.

— Não sou eu quem vou até ela e abro as pernas, implorando para ser fodido — Baixei meu tom para que apenas ele ouvisse.

McKay rosnou e ergueu o punho para me acertar, mas Yun agarrou seu braço e o puxou para trás.

— Sem show aqui, porra — ele disse, e em seguida largou o braço do loiro. — Vai começar a última corrida.

McKay me deu um último olhar furioso e agarrou o pulso de Jenna no exato momento em que uma ruiva ergueu uma arma falsa e atirou para cima. Três Ferraris deram partida, os motores totalmente turbinados.

Jenna tentou firmar os pés no chão e puxar o braço, mas McKay parecia irredutível. Ela olhou em minha direção e eu olhei para o telão, a ignorando. Não era como se eu me importasse com ela, apenas gostava de como McKay ficava putinho.

Um motor chamou a atenção e nós olhamos na direção dele, vendo uma Ferrari preta com os vidros totalmente fechados, impedindo que a gente enxergasse quem estava dentro. Ela passou voando pela linha de largada, indo atrás das Ferraris que já tinham dado a partida antes.

Até McKay parou de tentar arrastar Jenna e olhou para o telão. Um alvoroço começou a se formar entre as pessoas ao redor e eu franzi o cenho, olhando para Yun.

— Quem é?

— Não sei, apenas três carros iriam competir agora — respondeu, parecendo tão confuso quanto eu.

Uma risada desdenhosa se fez presente. Era McKay.

— E o idiota ainda pensa que vai conseguir alcançar os outros carros — zombou, negando com a cabeça.

A Ferrari preta continuou dirigindo em direção às outras, obstinada a ultrapassá-las, e mesmo que tivesse dado partida um pouco tarde demais, talvez conseguisse.

Em apenas alguns minutos, a Ferrari misteriosa conseguiu a terceira posição, ultrapassando a Ferrari lilás. Ela deu um giro de trezentos e sessenta graus, impedindo que a lilás a ultrapasse. Depois, ela foi em direção à Ferrari laranja, que estava no segundo lugar, e tomou sua posição com maestria.

Me afastei do meu carro quando a Ferrari preta bateu sua frente contra a parte de trás da Ferrari branca, que estava na liderança. As pessoas começaram a torcer para ela, impressionados com a facilidade com que ultrapassou os outros carros. E, porra, até eu estava impressionado.

— Caralho, eu quero que meu pau caia agora se a Ferrari preta ultrapassar a branca — Yun chiou ao meu lado, os olhos arregalados.

De repente, a Ferrari branca bateu contra a preta, tentando impedir que ela a ultrapasse. O competidor misterioso devolveu na mesma moeda, o jogando para fora da pista quando se atirou contra seu oponente pela segunda vez.

Então ela tomou a liderança, sendo seguida pelas outras Ferraris que estavam nas últimas posições.

— E parece que fiquei sem pau — meu amigo assobiou, perplexo.

Eu não consegui responder nada, meus olhos estavam fixos no telão. Não me sentia impressionado assim desde que vi meu pai correr e Raphael dirigir como um louco. A maneira como esse competidor misterioso dirigia, me lembrava o estilo de Rapha.

Em poucos segundos a Ferrari preta chegou até onde estávamos, e eu afastei meus olhos para ver ao vivo ela ultrapassar a linha de chegada, seguida pelos outros competidores. As pessoas gritavam e a Ferrari desligou o motor aos poucos.

A multidão se aproximou dela devagar, todos ansiosos para saber quem era o piloto que conseguiu ultrapassar os outros, mesmo tendo começado em desvantagem.

As portas da Ferrari subiram e a primeira pessoa que saiu do banco do passageiro poderia ter a capacidade de me ocasionar um ataque cardíaco. Brianna arrumou sua jaqueta militar sobre o macaquito curto, preto e decotado, usando botas cano alto pretas. *Mas que porra é essa?*

Christian se afastou de sua Range Rover assim que a viu e soltou o que parecia ser um xingamento. Porém eu estava muito ocupado com a pessoa que saiu do banco do motorista para prestar atenção nele.

— Porra! — Ouvi McKay xingar, parecendo estupidamente animado demais para o meu gosto.

Se eu disse que Brianna poderia me causar um ataque cardíaco, tenho certeza que essa outra pessoa conseguiu isso, e sem nenhum esforço. Ryen estava usando uma saia jeans de tecido claro e a jaqueta de Raphael, e o modo como a peça ficava larga em seu corpo deixava tudo melhor.

Por dentro ela estava usando um top preto que mais parecia ser a porra de um sutiã, a barriga totalmente exposta até um pouco abaixo do umbigo. O cabelo preto — agora um pouco mais curto — estava partido ao meio, e nos pés, havia um coturno.

Dei um passo à frente no exato momento em que os olhos de Ryen encontraram os meus. Ela descansou a bunda no capô do carro, as pernas

levemente entreabertas. Ela ergueu o queixo, o olhar exalando desafio.
Interessante. Interessante pra caralho.



*“Oh, mami, está é uma Ferrari nova
Acertei cento e cinquenta no painel, virei a esquina
Então, ela virou pra mim de lado, uh
Talvez eu tenha que transar com ela na rodovia, uh”*
Chase Atlantic – OHMAMI

Ryen Rodríguez

Se eu pudesse descrever com uma palavra o que eu sentia agora, seria adrenalina.

Podia ouvir o meu coração batendo dentro do meu peito como um louco, e nem estava exagerando. Eu me sentia elétrica, viva. Era quase como dançar, não, era melhor. Ah, merda, eu realmente não poderia dizer. Ambos me faziam sentir bem.

Estudei alguns rostos enquanto descansava o quadril no capô da minha Ferrari, vendo algumas pessoas me encarando com curiosidade, e outras, surpresas. Mas meus olhos se fixaram na única pessoa que eu deveria ter ignorado desde o meu retorno à Miami.

Kellan estava me encarando com um olhar que não consegui decifrar, seu rosto totalmente impenetrável, assim como ele costumava ser no passado. Pelo que vi, certas coisas nunca mudam, e isso era irritante pra caralho.

Ergui meu queixo em desafio, vendo como seus lábios se curvaram em um sorriso mínimo. Kellan estava usando uma camisa preta de mangas e uma simples calça jeans de cor escura. Seu cabelo estava bem penteado, mas ainda assim alguns fios caíam em seus olhos gélidos.

— Ah, merda... — Ouvi Brianna resmungar ao meu lado. — Pensei que ia morrer dentro do carro.

A olhei, me lembrando de como ela ficou gritando para eu ir mais devagar, dizendo que não deveria ter entrado na Ferrari comigo e que com isso ela tinha assinado sua sentença de morte. Ela também disse que se eu estivesse a levando para o cemitério por causa de nossas intrigas do passado, ela queria que eu me fodesse.

Burra, ela só esqueceu que estávamos em um racha, e que perder não era sequer uma opção.

— Eu sabia o que estava fazendo — disse a Brianna, e a mesma bufou.

— Sabia que quando você girou o carro na pista eu bati minha cabeça no teto? — Sorriu, com sarcasmo, acariciando o topo da cabeça discretamente.

Sorri falsamente.

— Quem manda ser cabeçuda?

Brianna estreitou os olhos na minha direção e abriu a boca para provavelmente me xingar, quando vimos um vulto grande pelo canto dos olhos e logo ele estava ao lado dela.

— Que porra você está fazendo? — Kellan questionou a prima, parecendo furioso.

Ele agarrou o braço dela, mas a mesma socou seu peito largo, não se intimidando.

— Me solta, idiota! — Ela tentou puxar o braço, erguendo o queixo. — Você não manda em mim!

Ela bateu no peito de Kellan mais uma vez, mas o idiota nem mesmo saiu do lugar.

— Eu falei que não te queria mais nesses lugares, Brianna — ele falou, entre dentes, de costas para mim. — Qual a porra do seu problema em obedecer?

Eu sorri internamente.

Um dos motivos para eu vir a esse racha, além de correr — que era do que eu estava sentindo falta, foi este. Trazer Brianna para que Kellan se contorcesse de ódio por ter sido desobedecido. E embora tenham se passado anos, eu sabia que ele continuava o mesmo babaca que gostava de ter tudo do jeito dele.

Isso era o que ele ganhava por se meter na minha vida.

— Você é o pai ou primo dela? — Toquei meus lábios, pensativa. — Sério, não entendi.

Kellan girou o corpo na minha direção e Brianna se aproveitou disso para puxar o braço do aperto dele. A muralha à minha frente nem mesmo pareceu se importar com isso, já que seus olhos grudarem em mim.

— E você, o que pensa que está fazendo aqui?

Franzi o cenho e dei uma olhada ao redor, voltando a atenção para minha Ferrari e dando uma batidinha em seu capô.

— Hã... Eu acho que acabei de competir. É o que as pessoas fazem em rachas — Sorri largamente. — Então, alguém apostou em mim?

Kellan apertou os olhos na minha direção antes de começar a vir até mim a passos largos e pesados. Ele estava puto, isso não tinha como negar.

— Você me entendeu, Ryen — disse meu nome de forma que senti os pelos do meu corpo se arrepiarem. — Que porra você está fazendo aqui?

Ele tinha um sorriso nos lábios, mas nem de longe era amigável ou feliz.

Quando Kellan falou meu nome, ouvi as pessoas começarem a cochichar e olhei ao redor, percebendo que seus olhos estavam em mim. Não em Kellan. *Mas em mim.*

— Ryen Rodríguez?

— Ela era a irmã mais nova do Raphael, não é?

— Porra, ela está diferente.

— Agora ela corre também.

— Quando será que ela voltou?

Engoli em seco com toda essa atenção exagerada e me dei conta da merda que tinha feito.

Eu não queria que eles soubessem quem eu era, e muito menos que se lembrassem de mim. Mas deixei meu ego falar mais alto e vim enfrentar Kellan justo aqui. E definitivamente estava buscando piorar meus problemas.

Ergui meu olhar para Kellan, tentando camuflar o fato de que agora estava completamente desesperada.

— Da última vez que conferi, eu não te devia satisfações — respondi, indiferente. — E eu entendo essa merda de mandar em Brianna, você é primo dela e blá, blá, blá. Mas eu? — Sorri de lado. — Não viaja.

Kellan sorriu minimamente e se inclinou na minha direção como um lobo. Senti vontade de recuar, mas o olhar dele me impediu, por algum motivo que não consegui identificar.

— Isso é uma vingança porque não te deixei usar aquelas merdas, amor? — ele sussurrou, seu hálito quente batendo contra meu rosto. — É fofo como você se rebela.

O sorriso debochado que eu tinha nos lábios caiu e eu fechei minhas mãos contra o capô do carro.

— Não me chame por esse apelido ridículo!

— Por quê? O que vai fazer? — Kellan arqueou uma sobrancelha, se aproximando ainda mais. — Pôr o canivete no meu pescoço?

Agora ele estava no meio das minhas pernas entreabertas, as mãos ao lado do corpo em uma postura intimidadora. *Por que este filho da puta estava tão perto?*

— Me teste e veja, porra — ameacei

— Me surpreenda... — Kellan desceu os olhos para os meus lábios, sorrindo ao me olhar nos olhos. — Você tem feito muito isso... amor.

Mordi meu lábio inferior, encarando seu rosto. Mesmo que eu não quisesse admitir, tê-lo tão perto assim me desconcertava, e eu não gostava disso. Me sentia incapaz de pensar em algo a não ser no seu perfume irritantemente bom.

Mas então Kellan foi puxado para trás e uma figura loira se agarrou ao seu braço direito. Grudei meus olhos nela, vendo os seus totalmente raivosos, como se pudessem me matar a qualquer momento.

— Olá, Ryen — Jenna falou, agarrada a Kellan, enquanto dava um sorriso falso. — Fazia tempo que não via sua bunda gorda.

Ela estava mais alta e ganhou mais curvas, porém ela sempre foi mais magra do que eu. Longas pernas, loira e lábios carnudos.

— Jenna — compartilhei do seu sorriso falso. — Continua burra?

Ela apertou a mandíbula e estreitou os olhos castanhos em minha direção, me fuzilando. Mas não era exatamente nela que eu estava prestando atenção, e sim em suas mãos ao redor de Kellan, para ser mais específica. *Como se ele fosse dela.*

— Quem bom que está de volta — A loira piscou os olhos inocentemente. — Houve boatos de que tinha virado prostituta.

Nesse momento Brianna passou por eles, esbarrando propositalmente no ombro de Jenna, que olhou para ela.

— Pelo menos alguém aqui tem que ganhar por abrir as pernas — a prima de Kellan falou, se apoiando ao meu lado. — Kellan é bem mão de vaca com você.

Segurei minha surpresa. Então Kellan e Jenna ainda tinham algo? Era por isso que ele não se importava com ela agarrada a seu corpo como a porra de um filhotinho carente?

Ah, foda-se. Isso não era nada comparado ao fato de que ela já se agarrou ao pau dele.

— Vocês agora são amiguinhas, Brianna? — A loira perguntou, mas não prestei muita atenção.

Os olhos de Kellan ainda estavam em mim. Eu podia sentir, e isso estava me deixando inquieta.

Brianna encarou Jenna com tédio, como se ela não valesse seu tempo. Eu a ignorei também e olhei ao redor. Scott, amigo de Jenna, não estava aqui. O que era óbvio, já que fiquei sabendo que ele havia se metido em um caso de abuso sexual e seus pais o enviaram para estudar em outro país.

— Bom, eu ganhei a corrida — disse, me levantando do capô. — Onde está meu dinheiro?

Um homem, com as mãos nos bolsos de seu moletom e capuz sobre a cabeça, deu um passo à frente.

— E aí, Ryen — Christian sorriu, parando a alguns centímetros de distância. — Você não estava inscrita.

— Mas ainda assim eu ganhei — Eu estendo a palma da minha mão. — O dinheiro.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ninguém apostou em você, Ryen. Você surpreendeu a todos.

— Ah, eu apostei.

Alguém falou e eu olhei em sua direção, vendo um homem vir até nós. Mesmo que ele estivesse mais alto, mais musculoso e mais maduro, eu o reconheceria de longe. Foi o mesmo filho da puta que competiu com meu irmão no dia em que ele morreu. E, principalmente, era o irmão do filhotinho agarrado a Kellan.

— E você seria? — Arqueei minha sobrancelha, fingindo não reconhecer McKay.

Ele sorriu de lado, e pude notar que seus cachos loiros escuros agora estavam raspados em um corte militar, destacando todo o seu rosto.

— Não se lembra de mim, gatinha? — McKay pôs a mão no peito, parecendo ofendido, antes de me olhar de cima a baixo com malícia. —

Pois eu me lembro de você. Você era linda antes, mas porra, você está um espetáculo agora.

Seus olhos se demoram demais na curva dos meus seios e eu coloquei as mãos na cintura.

— Isso se encaixa aos meus peitos também?

Seu sorriso se alargou e ele olhou para mim, erguendo as mãos como se tivesse sido pego fazendo algo de errado.

— Desculpa, princesa — pediu, mas não parecia nem um pouco arrependido. — Deixe eu me apresentar. Sou o cara que fez seu irmão e o filho da puta do amigo dele comerem poeira há exatos cinco anos.

E o que disse que eles estavam chapados demais dentro da porra do carro. Aquele que comemorou por ter ganhado enquanto meu irmão estava com o pescoço quebrado.

— Com o carro deles capotando, quem não? — cuspi, desdenhosa.

A multidão gritou e Brianna engasgou ao meu lado, rindo. Christian assobiou, um sorrisinho que ele nem fez esforço para esconder aparecendo em seus lábios. O sorriso de McKay, no entanto, caiu, e seus olhos se tornaram tão mortais quanto os de sua irmã. *Ótimo, ódio familiar.*

Antes que ele respondesse, sua irmã tomou a frente, saindo em sua defesa.

— Olha como fala com o meu irmão, porra — Jenna latiu, ainda agarrada ao babaca.

Qual é, ele não enjoa de todo esse contato? Por que ele não a afasta?

Ergui minhas sobrancelhas para Jenna, piscando.

— Ou então o quê? Vai me bater? — questionei. — Oh, Jenna, você fez algo no rosto depois que te bati com o livro? Parece diferente — Apontei para o meu próprio nariz.

Brianna riu de novo.

Vi Jenna ficar vermelha de raiva e sorri, dissimulada. Era verdade o que eu falei. O nariz dela não era tão retinho e perfeito desse jeito. Ela claramente operou. E mesmo que não tivesse nenhum problema nisso, era legal provocá-la.

— Você está muito atrevida para quem era a mijona da classe.

Sorri, e com o queixo indiquei suas mãos nos braços de Kellan.

— Pelo visto, quem mijava agora é você. E para marcar território — debochei. — Você é insegura? Não se preocupe, eu não quero seu troféu.

Ela soltou um gritinho de raiva e fez menção de vir até mim, mas Kellan a segurou pelo braço. Ela olhou para ele, mas ele estava com os olhos em mim quando a soltou e andou na minha direção.

Me mantive de queixo erguido para me impedir de me sentir pequena perto dele.

— Você quer seu dinheiro, não é? — ele perguntou, me encarando decima.

— Eu acho justo, já que ganhei.

Kellan assentiu vagarosamente com a cabeça, olhando de maneira aleatória para o que estava atrás de mim. Então seus olhos se voltaram para meu rosto e ele umedeceu os lábios vermelhos antes de declarar:

— Vamos competir.

Isso me pegou de surpresa e eu enruguei a testa, deixando minha expressão indiferente cair.

— O quê?

— Você e eu. Se você ganhar de mim, vai ter o seu dinheiro.

Eu ri, sarcástica.

— Isso é algum tipo de piada? — zombei.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Por quê? Está com medo?

Desfiz meu sorriso e estreitei meus olhos em sua direção.

— Feito — assinei minha sentença. — Mas se eu ganhar, quero que pare de se meter na minha vida e esqueça que eu existo.

Algo brilhou nos olhos de Kellan, o mais puro desafio quanto a minha proposta direta.

— Ok — concordou, seu olhar caindo sobre meus lábios. — Mas se eu ganhar, você vai fazer o que eu quiser.

Me senti desconcertada e ansiosa. *Que porra ele estava tentando fazer? Qual era o jogo dele?*

— E o que você quer?

Se ele quer jogar, vamos jogar.

— Você vai saber quando eu ganhar — declarou, seus olhos descendo pelo meu corpo sem pudor algum.

Um olhar, apenas um olhar e pude sentir meus mamilos endurecerem e cutucarem o material do meu top, meu corpo se arrepiando junto. Ele parecia notar isso, já que sorriu de lado quando voltou os olhos para os meus. *Filho da puta.*

No passado, esse idiota fingia que eu nem existia, o que eram esse olhar e esse sorrisinho sugestivo em seu rosto agora?

— Corrida, pessoal! — Christian cortou nosso contato visual ao gritar, batendo palmas. — Façam a grana circular!

Me afastei de Kellan e andei até Christian, que estava fazendo as apostas ao lado de um cara baixinho com uma touca na cabeça, ao redor deles havia mais algumas pessoas. Ele parecia ser asiático, como Christian. O dito cujo ergueu os olhos para mim assim que notou minha presença.

— Tem mais alguma exigência? — perguntou, voltando a olhar para o maço de notas em suas mãos.

— Aposte em mim.

Christian arqueou uma sobrancelha riscada, parando de contar o dinheiro.

— O que disse?

Firmei as mãos em minha cintura nua.

— Você gosta de dinheiro, não é? — perguntei, sem rodeios. — Aposte em mim e terá.

Ele desceu o capuz preto de seu moletom, revelando a touca branca que estava usando por baixo.

— Não me leve a mal, mas quando quero dinheiro, eu aposto no Kellan. Por que eu mudaria minha estratégia?

Me aproximei um pouco de Christian.

— Você nunca me viu correr de verdade. Aquilo de agora? Foi só um aquecimento. Então, se você não quiser perder dinheiro, aposte em mim e me veja chutar a bunda do filho da puta do seu amigo.

Christian me encarou, atento, mas seu rosto era inexpressivo, assim como sua postura. Ele ficou me observando pelo que pareceram horas até dar um sorriso largo.

— Acho bom você fazer uma grana boa, Rodríguez.

Eu não tive tempo de responder, pois uma presença grande surgiu em minhas costas.

— Torcendo contra, filho da puta? — Kellan questionou, entre dentes.

Yun subiu os ombros, erguendo as mãos em sinal de rendição.

— São negócios, cara — Piscou um olho para ele. — Não seja ciumento.

Não me virei para ver a reação dele, mas sua presença era facilmente perceptível. Ele não estava me tocando, mas não precisava, os pelos de minha nuca continuavam arrepiados.

— Quero competir também — McKay anunciou, caminhando até nós.

— Não — Kellan declarou, com a voz neutra e calma, mas em alto e bom som.

— Por que não? — ele disse, e se virou na direção dele.

— Você já competiu.

— Isso não me impede de competir de novo, não é desculpa — McKay falou, andando até ele.

— Ah, foi mal então. Vou dar um motivo melhor — falou. — Você não vai competir porque eu não quero.

McKay parou a centímetros de Kellan, rosto com rosto. O primeiro era apenas alguns centímetros menor que o segundo, mas isso não o tornava menos alto.

— Acha que pode pegar toda a diversão para você, não é, Royal?

— Pensei que já tinha se acostumado depois de tantos anos vivendo à minha sombra — Kellan ergueu o queixo, sorrindo. — Procure outra diversão, McKay. Você não vai chegar nem perto desta.

Assisti à tensão torcendo o nariz. *Por que parecia que a conversa não era sobre o racha?*

Foi Christian quem se intrometeu no meio dos dois, com uma confiança impressionante. Mesmo sendo mais magro que Kellan e McKay, ele compartilhava da mesma altura que eles.

Antes de ouvir o que Christian ia dizer, fui arrastada pelo braço por Brianna até a minha Ferrari. Ela me soltou.

— Ficou maluca? — Brianna apontou para a própria cabeça, rindo, perplexa. — Competir contra Kellan? Acho que você se esqueceu de como ele é bom!

— Eu sou melhor do que ele — anunciei, com confiança. — E o que foi, hein, Brianna? Não quer que eu o humilhe?

— O quê? Não é isso! — Ela negou com a cabeça. — Eu não estou brincando, Ryen. Nem exagerando. Kellan é o melhor de Miami quando se trata de rchas, ele esmaga todo mundo como se estivessem dirigindo a porra de um fusca.

Eu já sabia disso. Não apaguei da minha memória os boatos sobre ele nos rachas. Sobre como o meu irmão era um cachorro louco e Kellan não ficava muito atrás. Ele enganava, fingia que estava perdendo e que já tinha usado toda sua velocidade, até que ele te destruía.

— Então, quem vai dirigir o fusca hoje será ele — falei, antes de me afastar de Brianna e entrar em minha Ferrari.

Desci os vidros escuros e, do lado de fora, Brianna se abaixou para ficar da altura da janela do motorista.

— Garota, é melhor você ganhar... — murmurou, incerta. Mas então, revirou os olhos. — Ah, que se foda. Faz esse idiota mandão comer poeira!

Antes que Kellan entrasse em seu carro, Jenna correu em sua direção e apertou seus lábios nos dele. Kellan não retribui o beijo, mas também não a afastou. Ou seja, ele estava gostando.

Brianna soltou um grunhido de nojo, e foi nesse momento que Jenna soltou Kellan e ele entrou em sua Ferrari. A loira me lançou um sorrisinho vitorioso e eu me perguntei o que aconteceria se eu passasse com o carro por cima dela.

Kellan dirigiu sua Ferrari até que estivesse ao lado da minha, ambas na linha de chegada. Os sons dos motores dos nossos carros se misturaram, competindo para ver quem rugia mais alto. Olhei em sua direção para ver que ele já me olhava, sério. Ele não sorriu nem debochou. Nada. Apenas ficou me encarando, com algo nos olhos.

Quebrei o contato visual primeiro quando vi uma garota de cabelo preto e cheia de curvas se posicionar na frente de nossos carros, bem no meio, para ser mais exata. Ela sorriu na direção de Kellan e ergueu a arma lentamente.

O jeito que ela balançava os quadris ao som da música parecia mais um showzinho para Kellan. Então, quando menos esperávamos, ela atirou em direção ao céu e nós demos partida.

Eu não esperei para ver onde Kellan estava, ou se ele saiu no mesmo instante que eu. Eu não me importei. Sabia como Kellan dirigia, e também sabia como ele pensava, quais eram suas estratégias. Passei quinze anos ao lado de uma pessoa que convivia vinte quatros horas por dia com Kellan, todos os dias. Meu irmão não calava a boca quando o assunto era ele, e algumas vezes eu ouvia as conversas dos dois ao telefone.

Procurei Kellan pelo retrovisor do carro e franzi as sobrancelhas quando não o vi. Foi quando a Ferrari vermelha saiu de trás da minha e eu apertei meus dentes. Não demorou muito para que o idiota chegasse ao meu lado.

Olhei para Kellan com sangue nos olhos e ele me encarou de volta, porém com um sorriso superior nos lábios. Como se essa situação não fosse séria. Como se ele não me levasse a sério. Ergui os dedos do meio para ele e seu sorriso se ampliou, seus olhos se tornando pequenos.

Apertei minhas mãos no volante ao sentir meu estômago dar um salto e pisei no acelerador, querendo ficar o mais longe possível de Kellan, sua Ferrari e seu sorriso estúpido. Ele não ia sorrir quando eu o fizesse comer poeira.

Sem me importar em diminuir a velocidade, enrolei em uma curva, tomando cuidado para não sair da pista. Então Kellan passou por mim como se eu não fosse nada além de um incômodo em seu caminho, como se estivesse apenas me estudando.

Pisei no acelerador e bati na sua traseira. De jeito nenhum eu iria deixar esse cara me vencer, eu iria humilhá-lo no que ele mais gostava de fazer. Era isso que ele merecia.

Kellan diminuiu a velocidade e essa foi a minha deixa para ultrapassá-lo. Eu fiz isso, meus retrovisores quase batendo contra os dele. Então pisei no acelerador, levando minha Ferrari ao limite.

Será que Kellan tinha uma carta na manga? Será que seus motores eram turbinados? Porque os meus não eram. Nem mesmo tive tempo para pensar nisso quando saí da concessionária e vim direto para cá.

Kellan veio para o meu lado e eu o encarei, praticamente o fuzilando e o assassinando. Suas sobrancelhas estavam franzidas e seus olhos se moveram para os meus, devolvendo meu olhar como se ele quisesse me matar. Sim, era esse olhar que eu queria ver em seu rosto. Não a indiferença que esse filho da puta exalava.

Girei o volante e lancei minha Ferrari contra a dele sem remorso algum. Vi sua mandíbula travar, mas ele não revidou, o que me deixou ainda mais irritada. Kellan tentou me ultrapassar, mas entrei na sua frente e não permiti.

Logo à frente, estava a linha de chegada, e já dava para ouvir as pessoas gritando o nome dele. Eu não era burra, sabia que tinha mais

apostas nele do que em mim, mas eu faria cada um deles perder uma grana boa hoje à noite.

Fiz um *drift* em uma curva quando Kellan diminuiu a velocidade e tentou me ultrapassar, mas ele não conseguiu. Eu não permiti. Então retomei meu foco e sorri quando me aproximei da linha de chegada. Olhei pelo retrovisor, desejando que Kellan estivesse se contorcendo de raiva dentro de sua Ferrari.

Ultrapassei a linha de chegada com ele colado a mim, e bati em meu volante, um sorriso largo tomando conta do meu rosto enquanto comemorava. Diminuí a velocidade, dando a volta com meu carro para que ele ficasse de frente para a linha de chegada. Eu ganhei dele. Ganhei de Kellan Royal em um racha.

Desci do carro para ver todo mundo chocado, e foi Brianna quem correu na minha direção com um sorriso tão largo quanto o que eu exibi dentro do carro.

— Você ganhou! — Ela me agarrou pelos ombros, parecendo perplexa. — Meu Deus, você ganhou mesmo!

— Eu disse que hoje o fusca seria ele — Sorri para ela, descansando o quadril no capô.

Olhei para as pessoas, algumas muito impressionados, e outras furiosos por terem perdido dinheiro. McKay estava sorrindo amplamente, com certeza estava feliz porque Kellan perdeu. Já sua irmã, eu não sabia dizer se ela tinha ficado chocada ou furiosa.

— Ah, sim, porra! — Ouço Christian Yun dizer, atraindo minha atenção para ele. — Fui o único a apostar na Rodríguez, podem ir passando a grana!

No entanto, eu não continuei prestando atenção nele. Meus olhos pararam na pessoa saindo da Ferrari e fechando a porta. Kellan veio em minha direção a passos largos e Jenna começou, parando quando ele ficou diante de mim.

— Qual o gosto da derro-... — Eu me calei quando seus lábios colidiram contra os meus.

A multidão ficou em um completo silêncio, e eu duvidei se não tinha sido a minha mente que havia perdido a capacidade de funcionar. Kellan Royal estava me beijando, e essa era a única coisa que eu entendia naquele momento.



*“Estou muito atrasado, é tarde demais
Mas descer é tudo o que eu faço, querida, sim
E eu estou dentro se você estiver pronta
Estou flutuando, mas sou pesado
E eu vou te mostrar se você me deixar, garota”*
Chase Atlantic – Slow Down

Ryen Rodríguez

Sem reação. Era assim que eu estava.

Um suspiro escapou de mim ao sentir a maciez dos lábios de Kellan, e aquilo não era nada do que eu imaginava quando mais nova. Essa era a realidade.

Ele passou um braço ao redor de minha cintura, me prendendo como aço, enquanto sua outra mão foi para minha garganta, a segurando. Atordoada, bati em seu peito para que ele me largasse, mas tudo o que ele fez foi invadir minha boca com sua língua macia, que procurava a minha com urgência.

Parei de lutar contra ele, agarrando sua jaqueta entre meus dedos de maneira inconsciente. Não tinha nada de gentil no modo como ele me beijava. Era bruto e, ao mesmo tempo, gostoso demais. Ele movia os lábios sobre os meus como se estivesse me reivindicando. *Me possuindo.*

Kellan me pressionou contra meu carro, sua frente contra a minha, me mostrando que ele não estava para brincadeiras. Ele mordeu meu lábio inferior e o puxou para si, voltando a enfiar a língua na minha boca. Senti algo cutucar minha barriga e um suspiro trêmulo se esvaiu. *Ai, meu Deus, ele estava duro!*

A região entre minhas pernas começou a latejar e Kellan esfregou o pau em meu estômago novamente, antes de se afastar de mim. Abri meus olhos, me sentindo ofegante, enquanto encarava os azuis dele. Seus

lábios estavam vermelhos e eu tinha certeza de que os meus não estavam diferentes.

Soltei sua jaqueta, seu aperto permanecendo em torno do meu pescoço, o polegar acariciando meu pulso.

— O... O que você pensa que está fazendo? — consegui perguntar, mas era melhor ter ficado calada. Minha voz estava fraca, trêmula. E não passou de um sussurro.

Kellan não disse nada quando soltou minha garganta e minha cintura, mas continuou com seus olhos em mim. Pensei que agora ele fosse se afastar, mas em vez disso ele agarrou meu braço e começou a me puxar.

— Yun — falou o nome do amigo, que jogou um molho de chaves para ele, com um sorriso no rosto.

Confusa, olhei na direção de Brianna, que parecia tão chocada quanto eu. Nem a expressão perplexa de Jenna passou batida por mim.

Então, Kellan me arrastou até uma Range Rover vermelha zerada e eu franzi o cenho, tentando livrar meu braço de seu aperto.

— Para onde você pensa que está me levando? — exigi saber, fixando meus pés no chão. *Ou tentando.*

— Você vem comigo — falou, abrindo a porta do passageiro.

Olhei para as pessoas que presenciaram o beijo, e até esse possível sequestro, e fiquei incrédula ao perceber que elas não pareciam dispostas a intervir. *Por que ninguém fazia porra nenhuma para me defender de um psicopata?*

— Uma porra que eu vou — zombei, puxando meu braço com mais força.

Então, Kellan me empurrou para dentro do veículo e fechou a porta logo em seguida, entrando pelo lado do motorista após dar a volta. Tentei fugir, mas ele agarrou meu braço novamente, e com a mão livre pôs a chave no carro, o ligando. Ele me soltou apenas quando travou as portas.

— Para onde você está me levando? Ficou maluco? — rosnei, apertando minhas mãos em punhos. — Seja um bom perdedor e cumpra sua parte do trato!

— Cala a boca — Kellan mandou, dando partida no carro.

A Range Rover começou a se mover para longe do racha e das pessoas.

— Você virou um merda, Kellan — Eu olhei para ele, afundando minhas unhas no couro do carro. — Você agia com mais decência no

passado.

— Cale a boca ou eu não respondo por mim.

Para onde ele estava me levando? E por que nessa Range Rover? O que ele pretendia, se vingar porque eu ganhei dele?

— Ou então o quê? Você vai me bater? — o provoquei, cega pelo ódio.

Por um breve instante, ele me encarou.

— Eu vou enfiar meu pau tão fundo na sua garganta que até falar vai doer no dia seguinte.

Minha respiração falhou diante de sua ameaça e eu senti minha calcinha ficar molhada ao ouvi-la. Apertei minhas coxas, tentando fazer com que o formigamento entre elas parasse, mas ao que tudo indicava, ele só aumentava. *Mas que diabos estava acontecendo?* A ideia do pau dele na minha boca não deveria me deixar molhada. Isso estava fora de cogitação.

Kellan parou o carro em um lugar deserto e desceu. Aproveitei que ele destravou as portas para descer também, mas antes que eu tivesse a oportunidade de correr, seus braços fortes me agarraram. O brutamontes me virou de frente para ele e me encurralou entre a Ranger Rover e seu corpo.

— Me solta, Kellan! — bati meus punhos em seu peito.

Ele agarrou meu queixo e me forçou a encarar seus olhos gélidos. Eles estavam mais escuros, sombrios. Algo em sua expressão indiferente mudou também, o que ligou o sinal de alerta em minha cabeça.

— Escuta aqui. Mas escuta bem... — ordenou, em um tom rouco, seu hálito batendo contra meu rosto. Ele parecia muito bravo. — Quando você vê uma curva, você diminui a velocidade. Entendeu?

Seu braço estava apertado ao redor da minha cintura, me esmagando contra seu corpo. Seus dedos em meu queixo estavam fazendo minha pele formigar e seus olhos passeavam por todo o meu rosto.

— Eu faço o que eu quiser, você não me controla! — vociferei.

Ele intensificou os dedos em meu queixo e ainda senti algo duro cutucando minha barriga. Tentei não ser afetada por aquilo, mas era quase impossível.

— Não, você faz o que eu digo.

— Mas esse não foi o trato! — retruquei, — Tenha decência e honre sua palavra, *hijo de puta!*

Kellan soltou minha mandíbula para agarrar minha garganta, assim como fez minutos atrás.

— Você esqueceu uma coisa sobre mim, Ryen... — murmurou, sua boca pairando sobre a minha. Sorriu de lado, descendo o olhar para meus lábios. — Eu nunca tive decência.

Eu os umedeci de forma inconsciente, sob seu olhar.

— Mas ainda assim, você tem que me deixar em paz... — eu literalmente sussurrei.

Ele estava tão perto.

— Eu já disse, amor. Você faz o que eu digo, não o contrário — disse, roçando o polegar bem em cima do pulso em minha garganta. — É bonitinho como você continua ingênua.

— Mil perdões se eu honro com minha palavra e espero que as pessoas façam o mesmo — rebati.

— Que fofa, vai fazer amizade na universidade logo, logo — falou, deslizando o dedo pelo meu queixo.

Enruguei a testa, sorrindo.

— E por que eu iria à universidade quando estou aqui apenas de férias?

— Você vai voltar a morar aqui. Já fiz até sua matrícula — Seu polegar passeou por meu lábio inferior.

Ao ver seu rosto sério, sem nenhuma sombra de brincadeira, meu sorriso sumiu e eu bati em sua mão, a afastando de mim.

— Isso é sério? — questionei, recebendo apenas um sorriso maldoso como confirmação. — Por que você fez isso, seu idiota?

Kellan voltou a segurar meu queixo.

— Porque por algum motivo, você não quer que saibam que você está de volta. Você parece se esconder... — murmurou, fazendo minha respiração falhar. — Eu não sei o que você está escondendo, mas eu vou descobrir. Então, se você não quer que seu rosto esteja nos jornais com a notícia de que Ryen Rodríguez está de volta, é melhor você fazer o que eu mando.

Engoli em seco.

— Eu não estou escondendo nada.

— Isso quem vai julgar sou eu — revidou, chegando um pouco mais perto.

— Ninguém se importa se eu voltei ou não — tentei me manter indiferente, enquanto o caos acontecia dentro de mim. — Apenas você está sendo um chicle irritante.

Ele deu uma risada, de leve, e abaixou o rosto na minha direção, seu nariz quase tocando o meu.

— Ah, Ryen. Miami entrou em colapso quando o Império Rodríguez foi embora — falou. — Como ficariam ao descobrir que a única herdeira retornou?

Sorri, vacilante.

— Você está blefando, não tem como fazer uma matrícula na universidade sem meus documentos — ergui o queixo.

Ele afastou os olhos dos meus lábios e a diversão sombria que havia neles me deixou ansiosa. Kellan parecia gostar de me ver inquieta.

— Seus documentos e seu passaporte estão tirando férias em uma das gavetas do meu closet.

Bati no peito de Kellan, sabendo que ele estava falando a verdade. Esse bastardo não poupava esforços para fazer o que queria. E ele não blefaria desse jeito.

Cerrei meus dentes.

— Por que está fazendo isso?

— Porque eu quero que você ocupe essa sua linda cabecinha com algo útil — disse, encarando meus olhos. — Algo que não inclua ficar chapada todos os dias como a porra de uma viciada. Caso contrário... — Sorriu, em meio à ameaça.

— Eu não tenho medo das suas ameaças — afirmei, entre dentes.

Mentira. Dessa, em particular, eu tinha medo. E muito.

— Não são ameaças, e sim a porra da realidade — Kellan rosnou. — Ou você joga conforme o meu jogo, ou eu vou parar de ser bonzinho e paciente. E você sabe, paciência nunca foi uma virtude minha.

Ele continuou acariciando minha garganta, com um aperto firme. Ainda o sentia pressionado contra meu estômago nu, e seria uma mentirosa se dissesse que isso não estava me excitando. Ficar à mercê de Kellan era excitante.

Mas que merda, o que estava acontecendo comigo?

— Me deixe em paz! Só me deixa em paz! — pedi, porque Kellan me excitava, mas ele também me enchia de ódio.

Ele reforçou o aperto em minha garganta, podendo facilmente quebrá-la se quisesse.

— Não até que eu me canse de você apertando seu aperto em minha garganta. E acredite, linda. Eu não vou me cansar tão cedo.

— Então eu espero que você se foda muito!

Kellan não sorriu dessa vez. Ele apenas encarou meus lábios e inclinou a cabeça para o lado.

— Ah, eu vou fazer isso, amor... — sussurrou, a voz grave e rouca. — E vou adorar cada segundo.

Não tive tempo de perguntar o que ele quis dizer com isso, pois logo em seguida sua boca veio de encontro à minha. Assim como na primeira vez, foi bruto, intenso e cheio do que pareceu ser reivindicação.

Ele pressionou o corpo contra o meu e me senti amolecer em seus braços. Sua língua procurou a minha e eu fui mais do que rápida em encontrá-la. Kellan soltou meu pescoço e agarrou os cabelos de minha nuca, inclinando minha cabeça para trás para que ele pudesse maltratar meus lábios com mais facilidade.

Um gemido escapou por entre meus lábios e eu bati em seu peito para tentar afastá-lo, para que eu conseguisse pensar com clareza. No entanto, Kellan agarrou meus pulsos e os pressionou contra o carro, logo ao lado da minha cabeça. Ele mordeu meu lábio, antes de se afastar e ir para a concha de minha orelha esquerda, onde ele passou a língua vagorosamente.

Acabei por soltar um gemido baixo, sentindo meu núcleo pulsar.

Nunca tinha ficado tão excitada como naquele momento. Era diferente de tudo que eu já experimentei, mas não deveria ser assim.

— Você tem gosto de pecado, Ryen — Kellan mordiscou meu lóbulo enquanto abraçava minha cintura por debaixo da jaqueta.

Seus dedos cravaram ao redor de minha pele nua e eu senti o local formigar.

— O... O trato não era esse... — murmurei, com dificuldade, espalmando as mãos em seu peito. *Patético, Ryen.* — Você está fazendo tudo errado.

Kellan subiu as mãos por minha barriga e elas pararam em meus seios, os cobrindo por inteiro. Ele apertou meus mamilos rígidos por cima do tecido fino do top e eu arqueei levemente as costas sentindo aquela dor gostosa.

— Então por que parece tão certo? — perguntou, brincando com meus seios. Sua voz estava rouca, cheia de desejo. — São do tamanho certo para as minhas mãos. Olhe só, Ryen.

Eu ousei olhar para baixo, e foi quando vi suas enormes mãos com dedos longos espremendo meus seios. Apertei minhas coxas uma na outra

quando minha boceta latejou violentamente diante daquela visão.

— Você é um filho da puta que não tem palavra! — consegui dizer, reprimindo um gemido quando ele mordiscou a pele de meu pescoço. — Apenas se esqueça da minha existência.

Em resposta, Kellan beliscou meu mamilo com força, e eu gemi, me esfregando contra a ereção em meu estomago. Minha cabeça pendeu para trás, o que contradisse todas as minhas palavras.

— Só quando eu me cansar, Ryen. Lembra? — perguntou, contra meu pescoço, e grunhiu quando arqueei em sua direção. — E, porra, não tem nenhuma possibilidade de isso acontecer agora.

— Kellan... — Seu nome me escapou quando ele chupou a pele do meu pescoço.

Ele soltou mais um grunhido e nos afastou do carro. Pensei que ele ia me deixar ir, mas ele apenas abriu a porta traseira e me empurrou para dentro. Eu rastejei contra o longo banco e Kellan entrou, fechando a porta atrás dele.

Então, ele me puxou pelos tornozelos, me fazendo deitar no banco, e logo estava em cima de mim. Eu abri minhas pernas para acomodar seu enorme corpo entre elas, sentindo como ele as esticou em resposta.

Seu peito pressionou meus seios doloridos e Kellan ergueu meu top, revelando-os. Suspirei quando seu olhar escureceu e ele rapidamente tomou um deles em sua boca, o chupando violentamente. Sua língua quente escovou meu mamilo e eu quase revirei os olhos de prazer. Em vez disso, agitei meus quadris, me esfregando em seu pau. *Merda, eu era uma grande vagabunda sem dignidade.*

Kellan trocou de seio e chupou o outro com força, se afastando para erguer um pouco meus ombros e tirar minha enorme jaqueta. Ele soltou meu mamilo e grudou os lábios nos meus com uma urgência de tirar o fôlego.

Incomodada com as roupas dele, dei à sua camisa o mesmo destino da minha jaqueta: um lugar qualquer do carro.

— Pensei que fosse errado, Ryen — provocou, ao se afastar de mim.

— Pensei que não sentisse atração por pirralhas — o mordi de volta.

— E não sinto. Mas você cresceu agora, não é? — ele perguntou, parecendo furioso. — E você virou uma filha da puta gostosa demais, para o seu próprio bem.

Engoli em seco, sem saber o que dizer.

Kellan sorriu, e agora sem o tecido do top para impedi-lo, ele beliscou meus mamilos com força. Eu gemi e ele pressionou o pau contra minha boceta, mas eu apenas cravei meus calcanhares em sua bunda e o puxei para mim.

Eu estava tão molhada e me sentia tão quente. *Muito quente.*

Kellan se afastou um pouco para erguer ainda mais a minha saia apertada, e logo sua enorme mão foi parar dentro da minha calcinha. Me contorci quando seus dedos deslizaram por minhas dobras escorregadias, parando em meu clitóris. Ele girou o nervo e eu mordi meu lábio, arqueando minhas costas.

— Vamos ver quão errado você acha isso... — Kellan murmurou, rouco, antes de enfiar dois dedos dentro de mim de uma vez. Eu gritei. — Pelo visto, você não perdeu tempo.

Eu o encarei com os olhos cerrados, semicerrados. Mesmo com seu tom zombeteiro, ele tinha a expressão dura feito aço, como se o fato de seus dedos terem entrado com facilidade e sem nenhuma barreira o deixasse furioso.

Sorri, vitoriosa.

— E foi bom pra caralho — menti, rindo para provocá-lo.

Um tendão apareceu na testa de Kellan e ele empurrou os dedos em minha boceta com mais força, os curvando ao mesmo tempo. Eu gritei e agarrei o pulso da mão com que ele estava me fodendo como se fosse seu pau. Choringuei quando ele retirou os dedos, fazendo com que eu me sentisse vazia. E eu odiava isso.

— Eu vou te mostrar o que vai ser bom pra caralho... — Kellan rosnou, segurando minha garganta enquanto fazia uma promessa profana. — E eu não garanto que a sua boceta saia intacta ao final disto.

Ele me soltou e ficou de joelhos entre as minhas pernas. Então ele segurou meus joelhos, deixando-me completamente aberta, antes de tirar minha calcinha de renda preta.

Tentei fechar as pernas, por causa da posição constrangedora, mas ele me manteve aberta, com as mãos em meus joelhos. Gostaria de mandá-lo parar de olhar para aquela região, mas a forma como ele lambeu os lábios, me impediu e me deixou ainda mais molhada.

— Mantenha as pernas abertas — Kellan mandou, se curvando no carro da maneira que podia, graças à sua altura.

— Você não manda em mim... — sussurrei, sentindo minha entrada se contrair ao sentir sua respiração.

Kellan cravou os dentes na parte interna da minha coxa esquerda. Não era nada gentil, e sim, bruto. Mas me fez gemer.

— E ainda assim você está gemendo como uma putinha — Ele riu, contra minha boceta.

Não processei sua fala idiota. Não quando Kellan cravou os olhos nos meus e estirou a língua, lambendo vagorosamente de minha entrada até meu clitóris.

Meu gemido entrecortado preencheu o carro e eu inclinei minha cabeça para trás quando ele enfiou os dedos dentro de mim, sem gentileza. Sua língua sacudiu meu clitóris e o chupou, me fazendo revirar os olhos. Ele curvou os dedos e eu agarrei seu cabelo, enrolando meus dedos em seus fios macios.

— Você achou mesmo que, independentemente de eu ganhar ou perder, eu te deixaria em paz, Ryen? — Kellan riu, me fazendo ter um espasmo. — Você continua tão ingênua?

Apertei seus fios e ele grunhiu, provavelmente por causa da dor em seu couro cabeludo.

— Cala a boca — eu mandei, me esfregando em seus lábios.

Kellan tirou os dedos de dentro de mim e passou os braços por trás de minhas coxas, rindo antes de cair de boca novamente. Ele girou a língua em meu clitóris e desceu com ela, a empurrando em minha entrada, me fodendo de maneira implacável.

Uma de suas mãos subiu e agarrou meu seio direito, o amassando em sua palma. Ele beliscou o mamilo com força e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Kellan... — choraminguei, arqueando minhas costas.

Nunca pensei que a dor pudesse se aliar ao prazer. Transei com oito caras nesses cinco anos, incluindo Lorenzo, mas nenhum maltratou meus pontos sensíveis como Kellan estava fazendo agora.

Tentei afastar sua cabeça quando senti o calor crescente no pé da minha barriga começar a dar as caras, mas Kellan agarrou minha mão e a colocou em seu cabelo novamente, a fechando em torno de seus fios. Eu os puxei com as duas mãos e fechei meus olhos, gozando violentamente em sua boca.

Arqueei minhas costas e mordi meu lábio com força para não gritar o nome do idiota que estava me chupando com tanta devoção. Vi estrelas por detrás das minhas pálpebras e podia jurar que esse foi o melhor orgasmo que já tive em todos esses anos.

Eu esperei que Kellan se afastasse após eu ter gozado, mas ele continuou chupando minha boceta sensível do orgasmo. Sua língua não parou de sacudir meu clitóris e eu choraminguei.

Ele esfregava a língua em meu nervo para cima e para baixo, e eu me contorci em sua boca quando senti minha entrada pulsar pela sensibilidade do orgasmo que tive um minuto atrás.

— Porra... — Eu olhei para baixo, vendo Kellan me puxar ainda mais contra sua boca. — Eu... Eu estou sensível, eu não aguento mais...

Era angustiante e ao mesmo tempo prazeroso. O primeiro, porque ele estava brincando com minhas terminações nervosas. E o segundo, porque eu sentia outro orgasmo vindo aí. Como esperado, eu gozei pela segunda vez, num curto espaço de tempo.

Apertei o rosto de Kellan entre minhas coxas, minhas costas arqueando para fora do banco do carro. Afundei os dentes com tanta força em meu lábio para não gritar, que senti o gosto de sangue. Meu corpo todo tremeu quando Kellan girou a ponta da língua em minha entrada e arregalei meus olhos, afastando sua cabeça.

— Não mais... — sussurrei, tremendo.

Kellan sorriu, minha umidade espalhada por toda parte em seu rosto. Ele veio para cima de mim e agarrou meu queixo, me beijando com fome. Eu gemi quando senti meu gosto em sua boca e Kellan esfregou o pau coberto em mim.

Agarrei sua cintura com minhas mãos e pernas, o puxando para mim. Tive sua língua e seus dedos, mas ainda sentia necessidade de algo mais. Como se soubesse o que eu estava pensando, Kellan se afastou e se ajoelhou, desabotoando a calça e descendo o zíper.

No instante seguinte, ele puxou o pau para fora, e usar “impressionante” para descrevê-lo seria um eufemismo. Era grande, grosso, e mesmo com a pouca luz presente no carro, percebi que era rosado. *Ah, porra. Esse monstro iria entrar em mim?*

— Pela maneira como seus olhos se arregalaram quando viram meu pau... — Kellan disse, segurando seu membro pela base. — Você gostou ou isso te assusta?

Me apoiei em meus cotovelos.

— E se eu disser que me assusta? — Enfrentei seus olhos.

Um sorriso sombrio surgiu em seus lábios e Kellan se debruçou sobre meu corpo.

— Eu vou te foder assim mesmo — Ele enrolou os dedos em minha garganta, a apertando. — Vou esticar essa sua boceta e fazer você gritar até que sua garganta fique machucada. E então eu vou foder essa expressão fria do seu rosto até que só reste você gemendo e implorando pelo meu pau.

Ele deslizou a ponta de seu pau por minhas dobras escorregadias, dando ênfase em sua promessa obscena.

Cravei minhas unhas em sua cintura nua e ele encaixou a cabeça grossa em minha entrada, me esticando.

Foi quando escutamos um barulho de sirene e Kellan ergueu a cabeça, luzes vermelhas e azuis dançando em seu rosto, mesmo com o vidro da Range Rover levantado.

— Merda — xingou, se afastando de mim e levando seu pau junto.

Me sentei e olhei pela janela, vendo três viaturas indo em direção ao lugar onde rolou o racha. Então, como se toda o clima erótico acabasse, me dei conta da merda que eu estava fazendo e daquela que eu *quase* fiz. Arrumei meu top sobre meus seios, procurando minha jaqueta e minha calcinha no chão do carro.

Não acreditava que quase fodi com Kellan Royal, e ainda por cima, sem camisinha. Você deve estar louca, Ryen. *Porra*.

Vesti minha calcinha de maneira apressada e atrapalhada, enquanto Kellan saiu do carro e deu a volta, no momento em coloquei minha jaqueta. Ele fez menção de voltar para a Ranger Rover, então não perdi tempo quando pulei pra fora.

Logo eu estava correndo descalça e o mais rápido possível para longe do racha. E diferente das outras vezes, Kellan não tentou me impedir nem me perseguiu. Ele me deixou ir, e eu nem mesmo olhei para trás.

Estava assustada com o que quase fiz e com o fato de sentimentos que deveriam estar mortos há muito tempo estarem reaparecendo. Mas eu não me importava em matá-los novamente.



*“Honestamente, ela precisa de um pouco de amor
Foda-se, estou saindo do assunto
Eu só acho que ela precisa de alguma coisa
Ou alguém pra entrar nas drogas pesadas com ela”*
Chase Atlantic – The Walls

Kellan Royal

Mais do que mentiras, eu odiava ser feito de otário. Mas isso não parecia ter impedido a pequena Rodríguez.

— Por que caralhos você está observando o estacionamento da universidade esses últimos dias? — Yun questionou, ao meu lado.

Mantive meus olhos no estacionamento, vendo todas as vagas de carros preenchidas. Mas nenhuma com a Ferrari dela.

Dois dias.

Eu esperei a porra de dois para que ela me obedecesse e viesse à universidade. Ela estava brincando com fogo, e não seria eu a me queimar no processo.

Era para Ryen ter aparecido aqui há dois dias, mas a delinquentezinha preferiu ignorar a minha ordem, como se eu fosse uma piada. Ela pensava que eu não tinha coragem de cumprir o que prometi? Talvez ela tivesse se esquecido do fato de que eu não era uma boa pessoa.

— Você não soube se algum novato entrou no campus de Artes? — perguntei, dirigindo meu olhar a Yun.

Ele franziu o cenho, estranhando minha pergunta.

— Não que eu saiba — Deu de ombros. — Mas por que o interesse?

— Por nada — Cerrei meus dentes quando Yun confirmou minhas suspeitas.

Ela realmente não deu as caras. Eu acenei com a cabeça, meus lábios se curvando em um sorriso maldoso. Ok, se isso era um desafio, eu

ficaria mais do que satisfeito em aceitá-lo. Nem que eu tenha que arrastá-la até aqui.

Yun retirou seu celular do bolso da calça e o desbloqueou.

— Você já sabe quando vai ser o próximo racha? — perguntou, encarando o celular. — As pessoas não param de perguntar.

— Não sei, a última vez deu merda — resmunguei. — Vai ser um problema se as autoridades estiverem de olho em nós.

Quando voltei para o racha, a polícia estava prendendo algumas pessoas por uso de drogas e Christian já tinha ido embora com a minha Ferrari; até o filho da puta do McKay já tinha vazado com Jenna. Mas o que me impressionou foi saber que Brianna foi embora com o carro de Ryen.

Minha prima não corria nem nada do tipo. Mas eu a ensinei a dirigir quando ela tinha dezessete anos, e ao que parece as aulas tinham servido para algo. O que me intrigava era o fato de ela e Ryen supostamente terem virado amigas. No passado, elas não se suportavam, então que porra era essa?

— Foi até melhor que você tenha ido embora do racha na minha Ranger Rover — Yun disse, sorrindo. — Já pensou se tivessem apreendido ela?

Arqueei uma sobrancelha.

— Então tudo bem se tivessem pegado meu carro?

O filho da puta manteve o sorriso.

— Palavras suas.

Esse fodido.

Fui na Range Rover porque com a Ferrari eu não teria espaço para fazer o que eu queria. Sim, desde que Ryen competiu comigo meu pau estava duro pra cacete, e eu não estou brincando. Não pensei muito quando saí do carro e a beijei.

Sim, foi tudo sem planejamento. E a forma como ela reagiu me fez pensar que foi certo pra caralho.

Yun apertou os olhos escuros em minha direção e abriu a boca para falar, quando seus olhos se fixaram em algo ao meu lado esquerdo. Seu olhar escureceu e sua mandíbula travou, uma espécie de tensão irradiando de seu corpo.

Segui seu olhar e vi Brianna vindo até nós a passos largos.

— Foi você, não foi? — ela questionou, parando diante de nós.

Arqueei uma sobrancelha.

— Seja mais específica, Bree.

— Connor foi encontrado ontem, desmaiado em um beco — Ela agarrou a alça de sua mochila. — Ele foi espancado, quebrou algumas costelas e todos os dedos das mãos. Por pouco ele não morreu.

— Então o filho da puta quase morreu? — perguntei, dando risada.

Brianna bufou, revirando os olhos.

— Não se faça de burro, Kellan!

Girei minhas chaves entre meus dedos, deixando minha cabeça pender para o lado enquanto eu a encarava.

O roxo ao redor de seu olho havia se tornado amarelado, e ela o tinha coberto com maquiagem.

— Embora eu tenha ficado triste por ele não ter morrido, não fui eu quem o espancou — suspirei, dando de ombros. — Infelizmente.

Brianna estreitou os olhos em minha direção.

— Kellan... — murmurou, desconfiada.

— Fala sério, Brianna. Aquele merda é metido com coisa errada — falei, a encarando. — Qual a surpresa em saber que ele levou uma surra e quase morreu? Você está com pena do seu namoradinho agora? Mesmo depois do que ele fez?

Ela pôs as mãos na cintura, deixando que seus ombros delicados se encolhessem um pouco.

— Ele não é mais meu namorado, terminei com ele faz uns dias — Deu de ombros, agora brincando com a barra de sua saia.

— Como ele reagiu? — A analisei, procurando algum hematoma. — Ele te fez algo? É só dizer e ele está morto.

Mesmo que minha prima escondesse seus machucados do mundo, ela não conseguia escondê-los de mim.

Bree negou com a cabeça.

— Não, uma pessoa me ajudou com ele.

Ao meu lado, Yun riu, com zombaria, atraindo a atenção dela para si.

— Você arrastou mais uma pessoa para resolver os problemas que você causa? — ele questionou, mas seus olhos estavam na tela do celular.

A expressão da minha prima se fechou e toda a leveza de seus ombros desapareceu.

— Eu nunca pedi para você ficar de olho em mim — atirou, os dentes cerrados.

Yun afastou os olhos da tela e os mirou em Brianna, parecendo entediado, mas ainda assim, incomodado. O desprezo em seu olhar era evidente, mas o da minha prima não estava diferente.

— Ah, você pede — ele desdenhou, mas seu rosto estava sério.

Brianna sorriu falsamente e pôs as mãos na cintura, se aproximando dele aos poucos.

— Você só fica de olho em mim, porque é o cachorrinho do meu primo. Faz tudo que ele manda — Fez beicinho, batendo os cílios. — Então, não venha dizer que tenho culpa de você arranjar esses trabalhos de merda, seu viciado do caralho. É só você se libertar da coleira.

Ela sorriu uma última vez antes de passar por ele e esbarrar em seu ombro propositalmente.

Yun riu e inclinou a cabeça para trás. Então ele virou o pescoço na direção de Brianna e resmungou algo em coreano antes de me encarar.

Ele cerrou a mandíbula.

— Ela acabou de dizer que sou seu cachorrinho, porra?

Eu não sabia o porquê de Brianna e Yun não se darem bem. Mas ao que parecia, eles não conseguiam ficar na presença um do outro por muito tempo sem trocar farpas.

— Brianna diz a primeira coisa que vem à cabeça quando vai se defender — eu o tranquilizei. — Você sabe que não é verdade.

— Um choque de realidade, é disso que ela precisa — rosnou. — Ela tem que saber que o mundo não gira ao redor dela, caralho. Sua prima sempre traz problemas para os outros, é irritante como ela ferra com a vida de todo mundo.

Eu me aproximei dele, minha expressão fechada.

— Olha a maneira como você fala dela, porra! — disse, ríspido. — Brianna pode ser um poço de problemas ambulante, mas ainda é a minha prima.

Ele riu, perplexo.

— Sua prima diz que eu sou seu cachorrinho e é você quem fica bravo?

— Brianna não é santa, ela é um poço de problemas ambulante — Cruzei meus braços. — Mas você nunca hesita em jogar isso na cara dela, até quando ela não fez nada.

Seu rosto se contorceu em desdém e ele me deu as costas.

— Foda-se, porra — cuspiu, antes de começar a caminhar para longe.

Brianna definitivamente não era alguém fácil de lidar, mas ver alguém falando assim dela me irritava, mesmo que eu soubesse que era verdade. E por mais que isso não justifique os erros dela, eu sabia que ela usava uma espécie de armadura. Ela finge não se importar com nada nem ninguém, quando na verdade, chora se não se importam com ela.

Ergui meu capuz e desviei os olhos dele, antes de focá-los em minha Ferrari e começar a andar até ela.

Eu buscaria Ryen e só voltaria com ela, custasse o que custasse. E dependendo da sua atitude, isso sairia muito caro para ela.



Que eu nunca tive decência ou escrúpulos, isso eu sabia. Mas daí a entrar na casa de uma pessoa sem permissão, era a primeira vez. Na verdade, a segunda.

Ryen mudou a fechadura do apartamento, e mesmo eu não tendo vindo aqui desde aquela primeira vez, o cara que ficou de olho nela para mim me contou que ela chamou um chaveiro. Como se isso fosse me impedir de entrar onde eu quero. Ela pensava que isso me manteria do lado de fora. Era fofo, até.

Assim que coloquei meus pés do lado de dentro e fechei a porta, uma figura rápida correu até mim. Killer pulou, ficando em pé sobre as patas traseiras e apoiando as dianteiras em minhas coxas. Acariciei suas orelhas e ele mordeu minha mão, de leve, totalmente agitado. E pensar que aquele rato minúsculo virou esse monstro enorme e forte.

Passeei com os olhos pelo apartamento vendo que, diferente da última vez, agora ele estava limpo e organizado. Sem nenhum rastro das porcarias que ela estava comendo. Ryen não estava na sala nem na cozinha, o que significava que ela devia estar no quarto.

Killer latiu e eu coloquei meu indicador sobre os lábios, pedindo silêncio. Quase ri com minha estupidez em achar que um cachorro iria entender que deveria ficar quieto. Contudo, surpreendentemente, Killer parou de latir e pulou de volta sobre as patas.

Ele correu para a escada de vidro, subiu até a metade dela, e então parou, me olhando. Sorri minimamente e entendi isso como um pedido para que eu o seguisse. Subi os degraus lentamente, não querendo fazer barulho para anunciar minha chegada.

Abri a porta daquele que era o único quarto do apartamento e Killer correu para dentro, como se para dedurar minha presença. Foi quando vi Ryen de costas para mim, em pé, ao lado da cama.

Ela estava vestida com uma blusa branca curta que caía sobre um dos ombros e um short rosa claro com listras brancas que, dessa vez, cobria toda sua bunda. Com as mãos sobre a cabeça, ela andava de um lado para o outro.

— Eu... Eu não entendo... — falou, atordoada, enquanto batia na própria cabeça e agarrava os fios do cabelo escuro. — Não era para ser assim...

Franzi meu cenho e fechei discretamente a porta atrás de mim. Killer cheirou sua perna, mas ela nem mesmo pareceu notá-lo quando foi para longe dele.

— Eles deveriam estar atrás de mim... — ela sussurrou, mas ainda assim consegui ouvir.

— Quem deveria estar atrás de você? — questionei, a vendo congelar no lugar.

Suas mãos caíram de sua cabeça e pararam ao lado de seu corpo. Então, ela se virou lentamente na minha direção e eu pude ter um vislumbre do caos em seus olhos. Ela parecia atordoada e com medo. Na verdade, medo era eufemismo, ela estava apavorada.

Seu rosto estava pálido e seus ombros tensos. Ela engoliu em seco.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou.

Ela não tinha nada da típica rispidez das últimas vezes que nos encontramos, era mais como se... se seu medo tivesse aumentado ao me ver.

Seus olhos arregalados e suas mãos apertadas em punhos me deixavam curioso. Dei um passo para frente e ela seu dois para trás.

— O que você quis dizer com “eles”, Ryen? — continuei andando até ela, segurando a alça da sacola.

Ryen deu mais alguns passos para trás e respirou fundo antes de seu lindo rosto se transformar em uma carranca brava e ela erguer o queixo, em afronta.

— Não é da sua conta — ela respondeu, cruzando os braços. — E como você entrou aqui? Isso é invasão de propriedade privada, sabia?

Joguei a sacola com a roupa em sua cama e abaixei meu capuz, vendo seus olhos investigarem o material sobre a cama. Fiquei em silêncio, a encarando com uma desconfiança que sentia desde as minhas entranhas. Ryen estava metida com algo, ela não era mais a mesma.

Sua postura sempre era tensa e cautelosa. E ela parecia se esconder de todo mundo, porque durante esses dois dias, ela não saiu do apartamento para nada.

— Vai ficar calado? — Ryen questionou, entre dentes. Ela revirou os olhos, vindo em minha direção. — Ah, que se foda. Estou indo reclamar sobre a segurança de merda deste prédio.

Enquanto ela caminhava até mim, notei os mamilos nus pressionados contra o tecido fino de sua blusa. Contive a vontade de lamber meus lábios quando senti o gosto deles em minha boca.

Quando Ryen passou por mim, agarrei seu braço e a mantive no lugar. Pelo canto do olho, vi Killer subir na cama e se deitar sobre ela.

— O que você está fazendo? Me solta! — ordenou, o tom afiado.

Era impressionante como a expressão amedrontada tinha sumido, dando lugar a uma fria e indiferente. Essa não era a Ryen que conheci, só não sabia se isso era interessante ou se me assustava pra caralho. *Talvez os dois.*

— Te fiz uma pergunta e quero uma resposta — mantive minha voz firme, mesmo com o cheiro do seu perfume chegando até mim.

Agora que notei, seu cabelo estava um pouco úmido, mas desgrehado por causa dos puxões que ela estava dando minutos atrás.

— Por que você não vai buscar sua resposta na puta que te pariu? — Sorrii, com zombaria, tentando puxar o braço do meu aperto.

Essa boca. A porra dessa boca atrevida estava me dando nos nervos. Ainda vou enchê-la com algo grande o suficiente para que ela não consiga nem respirar.

Compartilhei do seu sorriso sarcástico e inclinei minha cabeça para o lado.

— Minha mãe cheia de saudades e você aqui, a chamando de puta? — Questionei, simulando estar confuso.

Sua expressão rígida caiu e deu lugar a uma afetada. Pelo visto, minha mãe não era a única a estar com saudades.

Ryen puxou o braço do meu aperto novamente e, dessa vez, a deixei ir. Ela passou as mãos pelo cabelo, recuperando a postura indiferente.

— Falo sério, Kellan — Cruzou os braços. — O que você está fazendo aqui? Acha que somos próximos o suficiente para você entrar no meu apartamento sem ser convidado?

Estreitei meus olhos em sua direção. Algo em seu tom de voz fazia meus nervos entrarem em erupção. Era como se ela estivesse diante de um completo estranho.

— Ter te chupado no banco de um carro não nos torna próximos? — Arqueei minha sobrancelha, um sorriso de lado esticando meus lábios. Mas não era por diversão, e sim, ódio.

Ryen me encarou por alguns segundos antes de rir e descruzar os braços, cobrindo a boca com as mãos. Então ela as colocou em sua cintura e deixou a cabeça pender para o lado.

— Ah, Kellan. Não se iluda, aquilo não foi nada — Ela faz beicinho. — Não se dê tanta importância, você é só o melhor amigo do meu irmão. Ah, não, espera. Era. Porque agora ele está morto, não é? Sinto muito, às vezes me confundo.

Travei minha mandíbula ao ouvir o tom desdenhoso usado por ela para se referir a morte de Raphael e agarrei seu braço, a puxando contra mim. Para finalizar meu domínio, envolvi sua garganta com meus dedos.

Ryen tentou se afastar, mas soltei seu braço e enrolei o meu em sua cintura, prendendo-a.

— Eu já falei, Ryen — Encarei seus olhos desafiadores. — Não fale da morte do seu irmão como se não fosse nada, como se não valesse a porra do seu tempo. Você ficou tão fria que até ter respeito se tornou algo banal para você?

Ryen engoliu em seco e eu senti o movimento em meus dedos. Suas mãos estavam espalmadas contra meu peito, mas agora ela as fechou em punhos. Não baixou o olhar e muito menos se desculpou.

— Me solta! — mandou, empurrando meu peito. — A maneira como falo do meu irmão não é da porra da sua conta!

Reforcei meu aperto em seu pescoço, a puxando ainda mais contra mim.

— É aí que você se engana pra caralho — rosnei, entre dentes. — Eu posso aceitar qualquer ofensa à minha pessoa, mas quando se referir ao Raphael, use mais respeito. Não esse desprezo.

Ryen me encarou por baixo dos cílios, seu peito subindo e descendo com uma respiração pesada, evidenciando o quanto ela estava furiosa. Porém, tinha algo mais em seu olhar e na forma como seu corpo estava respondendo a mim.

Suas mãos, que antes estavam fechadas em punhos, agora estavam agarradas ao meu moletom, apertando o tecido grosso entre os dedos. Ela também se contorceu discretamente contra mim, o que não me passou despercebido.

Desci meu olhar para seus lábios entreabertos, voltando para seus olhos antes que eu me lembrasse do gosto da sua boca.

— Pode ir tirando esse olhar de “me foda” da cara — eu disse, rente aos seus lábios.

Ela arqueou uma sobrancelha bem desenhada.

— Então afaste esse pau de “quero te foder” do meu estômago — ela devolveu, com a língua atrevida.

Estava tão pressionado contra seu corpo que nem me dei conta. Era o efeito que essa filha da puta tinha sobre mim.

Dois dias atrás eu quase fodi Ryen. Quase fodi a irmã do meu melhor amigo, morto por minha causa. Não senti culpa na hora, mas vê-la correndo para longe assim que me distraí foi suficiente para que eu engolissem a vontade de correr atrás dela e terminar o que havíamos começado.

Eu não tinha o direito de tocá-la, mas vê-la correr com a Ferrari fodeu a porra do meu sistema e me fez esquecer qualquer culpa por Raphael. Então, ela não diminuiu a velocidade para enrolar nas curvas e isso foi o meu limite. Aquela foi a segunda vez que senti medo na minha vida, a primeira foi quando ouvi o pescoço do meu melhor amigo quebrar.

Matei ele, e como eu o recompensava? Chupando sua irmã mais nova no banco traseiro de uma Range Rover.

— Vista-se — eu ordenei e a soltei, me afastando antes que fizesse outra besteira.

Ryen deu um passo para trás.

— O quê?

— Você está vindo comigo para a universidade — Indiquei a sacola com a cabeça. — Se vista com as roupas que comprei.

Ela bufou uma risada e eu tirei meu celular do bolso da calça, o desbloqueando.

— Vai sonhando.

Mostrei a ela meu telefone, com um contato específico destacado na tela.

— Sabe de quem é esse número — Balancei o celular novamente. — Clark Steven, um paparazzi bem famoso aqui de Miami que adoraria um furo. E você não quer ser o furo dele, quer?

— Eu não tenho nada a esconder — Ergueu o queixo.

— Então não vai se importar que eu ligue para ele, não é? — Sorri de lado. — “Ryen Rodríguez está de volta a Miami”. Isso dá uma boa notícia, não acha?

Suas mãos se apertaram em punhos.

— Que porra você quer de mim? — ela perguntou, com os dentes cerrados.

Desliguei meu celular e voltei a colocá-lo no bolso. Então, andei até ela e me inclinei em sua direção para ficar da altura de seu rosto.

— Cedendo assim tão fácil, amor? Parece que você realmente esconde algo... — Baixei minha voz e sorri, acompanhando o engolir discreto de sua garganta. — Mas não se preocupe, eu vou descobrir. E não vai demorar.

Corrigi minha postura e dei um passo para trás.

— Agora se vista e desça — mandei, caminhando até a porta.

Não esperei por um protesto quando abri a porta e a fechei, deixando Ryen sozinha no quarto para que ela trocasse de roupa. Eu não sabia o que poderia fazer se a visse nua novamente.

O gosto dela ainda estava na porra da minha língua e foi a melhor coisa que já provei em toda minha vida. Cada parte do corpo dela foi feita sob medida para as minhas mãos. Desde os quadris largos e a bunda grande, até os seios médios e as pernas grossas. Eu não conseguia tirar a imagem dela de pernas abertas da minha cabeça.

Me afastei da porta e desci as escadas, me sentando no sofá. Não demorou muito para que ela descesse a passos rápidos e pesados. Killer veio correndo até mim e apoiou as patas em minha perna. Eu fiz um carinho em seu pescoço e dirigi meu olhar para sua dona.

Ela estava vestida com uma saia preta lisa meio folgada, uma regata branca curta, e a jaqueta de Raphael por cima de tudo. Mesmo que ela quisesse se esconder, não abandonava a jaqueta do irmão.

Olhei para a sacola em sua mão.

— Por que não vestiu as roupas que eu trouxe? — interoguei.

— Vou fazer isso na universidade — respondeu, de maneira ríspida, agarrando a alça de sua mochila. — Como sabia o meu tamanho?

— Palpite — respondi, vendo como suas coxas se mexiam enquanto ela caminhava para ficar diante de mim.

Senti meu pau pulsar dentro de minhas calças e me amaldiçoei por isso. Desde que ela voltou, me sentia como a porra de um ninfomaníaco. Qualquer coisa que Ryen fizesse era motivo suficiente para meu pau ficar duro. *Maldita seja.*

— Eu não quero ir para a universidade — disse, o tom com uma leve birra.

Afastei Killer do meu colo e me levantei do sofá, enfiando as mãos nos bolsos do meu moletom.

— Eu tenho certeza de que você só está ansiosa com o primeiro dia de aula.

O rosto delicado se tornou uma carranca.

— Você não pode me obrigar a ir só porque você quer, idiota — atirou. — Me deixa em paz, eu só vim para Miami passar férias. Já vou embora!

Raiva dominou meus sentidos e eu sorri, indo até ela a passos lentos.

— Ir embora? — Eu ri, parando diante dela. — Você acha mesmo que eu vou te deixar ir embora?

Ryen franziu as sobrancelhas.

— Você acha que sou algum tipo de boneca que você manipula?

— Eu disse para você, Ryen — Me aproximei dela. — Só vou te deixar em paz quando eu me cansar.

— Então agora eu tenho idade para você brincar comigo? — ela zombou, me olhando dos pés à cabeça, com desprezo. — Acontece que agora *eu* quero distância de você.

Agarrei seu queixo e me inclinei sobre ela, vendo sua expressão vacilar.

— Pode mentir o quanto quiser, amor — Dei ênfase no apelido, encarando seu rosto. — Mas não pode fingir quando está gozando na minha boca duas vezes seguidas.

Ela sorriu, com nada mais do que veneno.

— Acha que foi o único a me chupar no banco de um carro?

Só de pensar em outro homem com a boca nela, me sentia assassino. Só via vermelho e o filho da puta estirado no chão.

Agarrei sua garganta com minha mão livre e ela arfou, surpresa. Estar com meus dedos em seu pescoço parecia tão certo.

— Você está tentando me fazer ciúmes? — Arqueei uma sobrancelha.

Porque, porra, estava funcionando.

— Só estou dizendo que você se acha muito e não é porra nenhuma! — Ela agarrou meu pulso com suas mãos.

Olhei para baixo, vendo suas coxas nuas se esfregarem uma na outra. *A delinquentezinha gostava disso.*

— Você é uma maldita pervertida que gosta de ser enforcada, não é? — eu a provoquei.

— Me enforcaram tanto que comecei a gostar.

Cerrei minha mandíbula e soltei seu queixo antes que eu a matasse. Então, com a mesma mão, adentrei sua saia e deixei um tapa forte, atingindo a carne firme. Ryen soltou um gritinho assustado e vi suas coxas se apertarem com ainda mais força.

— Você... Você me bateu? — Ela arregalou os olhos.

— Isso é por você não manter a porra da boca fechada! — rosnei, ainda apertando a carne macia.

Ela cravou as unhas em meu pulso e respirou fundo.

— Por quê? Não gosta de ouvir que já me ensinaram coisas? — Ela sorriu, audaciosa.

Desferi outro tapa forte em sua bunda, e dessa vez ela mordeu o lábio inferior com força. Massageei a pele quente de suas nádegas e encarei seus olhos.

— Você vai calar a boca e vir comigo — eu disse lentamente e a soltei, indo em direção à porta. — Agora!

Me virei para vê-la com as bochechas coradas e me xinguei por me sentir tão afetado por isso. Eu nem deveria ficar tão perto dela como agora, mas o que eu podia fazer se era mais forte do que eu?

— Para de ficar me dando ordens! — vociferou, birrenta.

— Agora.

— Você é...

— Agora, Ryen. Não me faça repetir — grunhi.

Ryen se calou, apertando os lábios um no outro. Ela me encarou, como se pudesse me matar com seu canivete.

— Mas Killer vai ficar sozinho... — ela murmurou, a contragosto, olhando para seu cachorro.

Killer andou até ela e roçou o focinho em sua perna. Era impressionante a conexão que os dois têm.

— Você vai voltar logo — a tranquilizei, abrindo a porta. — Agora, vamos.

Os lábios se contorceram em uma expressão fechada.

— Mas...

— Vamos.

— Você não fala...

— Eu disse vamos!

Ryen respirou fundo, me olhando com tanto ódio, que eu quis sorrir. Ela acariciou as orelhas de Killer antes de passar pela porta, me encarando. Não, me fuzilando.

— *Espero que se te caiga la pija, hijo de puta...* — ela resmungou ao atravessar a porta.

Mordi a língua para não a retrucar e dizer que meu pau não iria a lugar algum. Mas tem algo de sexy em ouvi-la falar em espanhol. Ela nem sabe que eu a entendo, e isso torna tudo ainda melhor.

Após pegarmos o elevador e saímos do prédio, fomos até a minha Ferrari, o que resultou em mais uma teimosia da parte de Ryen, dizendo que poderia muito bem ir ao próprio carro. Tudo que precisei fazer foi mostrar o celular para que ela entendesse o recado. Então, bufando, ela entrou em minha Ferrari e bateu a porta dolorosamente forte.

Dirigimos até a universidade e por todo o caminho ela ficou calada, olhando pela janela. Tinha algo de diferente nisso de tê-la sentada no banco do meu carro. Era uma sensação de posse. Como se o fato de ela estar na minha Ferrari enquanto eu nos conduzia pela cidade, a fizesse minha. Contudo, eu não tinha o menor direito de possuí-la. Não depois que matei seu irmão. Além disso, eu estava agindo como um adolescente emocionado.

Quando chegamos à universidade, a levei à diretoria e esperei do lado de fora que ela recebesse a folha com todas as suas aulas e seus horários. Quando ela saiu e eu a levei até o campus de Artes, Ryen parou em frente a uma sala com uma janela de vidro enorme que dava uma visão dos outros alunos de dança e da professora.

Dei um passo em sua direção e parei em suas costas, para então me curvar e levar meus lábios até sua orelha.

— Saberei se sair da aula — Eu a olhei.

— Vá se foder — ela é rápida em dizer, não se dando ao trabalho de me olhar antes de entrar na sala.

Mesmo que eu odiasse admitir, era até melhor que ela colocasse uma barreira entre nós. Eu só teria que me controlar para não quebrá-la.

Eu deveria ter ido embora assim que ela entrou na sala, mas só retornei para meu campus depois de observá-la pelo vidro enquanto se apresentava.

Se minha consciência pesava por a estar ameaçando? É claro! Que não...

Pouco me importava se isso a deixava furiosa. Ryen estava se escondendo, eu tinha certeza que era de algo grande, e não iria sossegar até descobrir o motivo pelo qual ela estava transtornada hoje cedo.

Assisti todas as aulas com a porra de um triplex em cima da minha cabeça. Fiquei pensando se ela não fugiria da universidade ou algo assim, porque ao que parece, Ryen virou uma pessoa perturbada e imprevisível. Menti dizendo que eu saberia se ela fosse embora, não coloquei ninguém de olho nela aqui dentro. Ainda.

Então, quando a última aula acabou, não esperei o professor sair da sala para ir embora. Atravessei o campus de Medicina e o de Arquitetura até finalmente chegar ao de Artes. Por fora eu parecia apenas estar com pressa, mas a verdade é que eu estava inquieto, pensando na possibilidade de Ryen ter fugido.

Pelo vidro, vi que todos já tinham ido embora, o que fez meu sangue pulsar de raiva ao imaginar que Ryen também pudesse ter ido. Mas então, *Lovely*, da *Billie Eilish*, começou a tocar, e eu olhei para o lado, vendo uma figura de preto se virar de frente para a imensa sala.

Ryen estava vestida com as roupas que comprei para ela. Um short preto curto de lycra, feito para dança contemporânea, e um top preto do mesmo material. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo frouxo e baixo, alguns fios escapando de sua franja. Ela começou a dançar, e foi como se o mundo desaparecesse.

Sempre gostei de assistir Ryen, principalmente no ensino médio. Ela colocava todos os sentimentos em seus passos, mas tinha algo de diferente em como ela se movimentava agora.

Uma espécie de agonia. Tristeza. Era como se tragédia fosse tudo o que ela conhecesse. Como se ela precisasse de amor.

Talvez ela só precisasse de alguma coisa, alguém para lhe segurar enquanto ela cai em seu vício cada vez mais, até que reste apenas a casca vazia do que ela foi um dia.

Não. Entrar nas drogas com ela significaria ficar chapado até quando eu não devia, e prometi a mim mesmo que não colocaria mais nenhum cigarro de maconha na boca ou usaria qualquer outro tipo de droga.

Presenciei de perto as consequências que elas traziam, e eu não precisava ter que lidar com elas de novo por meio de Ryen. Não era isso que Raphael gostaria para ela e, foda-se que isso não era da minha conta, também não era o que eu queria para ela.

Na verdade, era da minha maldita conta desde que ela tinha três anos, eu tinha acabado de fazer oito, e disse que eu era dela. Eu não a merecia, não depois de tudo que aconteceu, mas eu não conseguia não pensar que ela era minha desde que nasceu.

Ryen parou de dançar quando a música encerrou e eu me aproximei da porta, a abrindo a tempo de vê-la enxugar o rastro de lágrimas em suas bochechas. A porta rangeu e ela ergueu o rosto na minha direção, seus olhos endurecendo.

— O que é agora? — Ryen resmungou. — Eu não fugi, não precisa ficar na minha cola como a porra de um chiclete.

Eu assisti ao subir e descer lento de seu peito enquanto ela respirava, gostas de suor cobrindo todo o seu corpo, as pernas grossas e torneadas fazendo o short subir ainda mais.

Coloquei as mãos nos bolsos do meu moletom.

— Prefiro prevenir do que remediar — Dei de ombros.

— Está mais para “prefiro ser um idiota perseguidor” — Ela revirou os olhos, caminhando até sua mochila.

Graças a isso, ela me deu a visão de como o short se agarrou bem a sua bunda. *Maldita hora que comprei esta roupa.*

— Me poupe dos seus elogios e se troque — ordenei, cruzando os braços. — Você está vindo comigo.

Ryen franziu o cenho.

— Para onde?

Um sorriso sarcástico brotou em meus lábios e o mesclei a um falso olhar de tristeza.

— Você pode ter se esquecido dela, mas minha mãe está morrendo de saudades. E meu pai também.

Ela engoliu em seco antes de pegar sua mochila e a jogar por cima do ombro, vindo em minha direção. Contudo, seu alvo era a porta em minhas costas.

— Não posso hoje, quem sabe outro dia — dispensou, passando por mim.

Agarrei seu braço antes que ela chegasse à porta e a puxei de volta.

— Acho que você não entendeu. Você está vindo comigo — Eu sorri. — Minha mãe quer te ver, então é isso que ela vai fazer.

Ryen tentou puxar o braço, parecia nervosa. Era isso que me intrigava. Por que ela não queria ver ninguém? Por que se esconder tanto?

— Killer não pode ficar muito tempo sozinho — explicou, tentando sair do meu aperto. — Diga a ela que sinto muito.

Me inclinei sobre ela, sentindo o cheiro de seu perfume.

— Você não quer virar notícia, quer?

Ela fechou as mãos em punhos e ergueu o queixo, me encarando por baixo dos cílios longos e espessos. Quase ri. Ela era fofa.

— Eu odeio você — cuspiu, cheia de desprezo.

Soltei seu braço, sorrindo.

— Tudo o que vejo é a birra de uma pirralha — falei, indicando suas roupas com o queixo. — Agora mexa-se. Não tenho o dia todo.

Ryen ficou me encarando com os olhos mortais, antes de me dar as costas e começar a caminhar em direção ao banheiro da sala. Quando cheguei à porta, ela olhou para trás como se sentisse que eu a observava, e ergueu o dedo do meio, entrando no banheiro em seguida. Eu apenas sorri de lado.

Sim, ela precisava de alguém. Mas alguém para foder o desafio dela. E eu era egoísta o bastante para esquecer da culpa em minhas mãos e ser esse alguém.



*“Você está muito atrasado
Eu fiquei com a sua namorada na minha casa por dois dias
Deve ser óbvio o motivo dela ter ficado comigo
Construí um foguete e joguei isso na sua cara, sim”*
Chase Atlantic – Too Late

Ryen Rodríguez

Tudo estava errado.

Desde o fato de eu estar no mesmo carro que Kellan, até o grande ponto de interrogação na minha mente sobre não ter nada a respeito da morte de Callum nas redes sociais ou jornais.

Antes de Kellan aparecer, eu estava navegando à procura de algo, e o desespero me bateu pelo simples fato de não ter encontrado nada. Foi como se eu nunca tivesse matado um homem. Simplesmente não aconteceu.

Mas isso não fazia sentido já que ele, de fato, tinha morrido. Me negava a crer que Callum sobreviveu àqueles golpes. Sei que ele era um demônio, mas apenas a sua maldade se igualava a de um. Não existia a possibilidade de ele estar bem. Callum tinha que estar morto.

Tentei me manter tranquila enquanto olhava para as ruas de Miami pela janela do carro, mas não era qualquer carro, e sim, a Ferrari de Kellan.

Pensei que nunca mais andaria nela, e mesmo que já fosse outro veículo, dava no mesmo. Me sentia nostálgica por tê-lo dirigindo em direção à casa dele. Me lembrava das vezes em que ele buscava Rapha e eu para almoçarmos lá, a pedido de sua mãe.

No entanto, agora eu estava aqui apenas por obrigação, porque este filho da puta, de algum jeito, descobriu que eu não queria que soubessem que eu tinha voltado. De qualquer forma, foda-se. Posso até ter dado um deslize dias atrás aparecendo no racha, mas eu já planejava ir embora daqui.

Analisei sua mão e a maneira como suas veias flexionavam enquanto ele apertava os dedos ao redor do volante. Sua expressão era dura e indiferente, enquanto mantinha os olhos na estrada.

Meu celular tocou e olhei para a tela, vendo que era Brianna. Desliguei na cara dela e fui para as mensagens de texto tendo, de algum jeito, a certeza de que ela mandaria algumas.

Brianna

Vadia?

Você desligou na minha cara?

Eu

Não posso atender agora

Brianna

Assim fico magoada...

Eu

Não aja como se fosse minha amiga, sua puta

Brianna

E quem quer ser sua amiga, cadela desgraçada?

Sorri minimamente com sua mensagem.

— Namorado? — Kellan questionou, de repente, fazendo meu sorriso sumir. — Ele sabe o que você anda fazendo fora das vistas dele?

Desliguei meu celular e o coloquei em meu colo, cruzando meus braços enquanto olhava para ele de maneira despreocupada.

— Não entendo como isso pode ser da sua conta — meu tom foi afiado.

Um sorriso mais afiado ainda se desenrolou minimamente nos lábios de Kellan.

— Mas é da conta dele que você deixe outro homem te chupar no banco traseiro de um carro? — perguntou, venenoso.

Compartilhei de seu sorriso.

— Talvez ele não fique bravo se eu disser que imaginei ele no seu lugar.

O maxilar de Kellan travou e ele me encarou, desviando os olhos da estrada. Ele estava sorrindo, mas nem de longe transparecia felicidade.

Kellan pensava que eu namorava, mas na verdade, chutei Lorenzo logo após conseguir o que eu queria. E nem mesmo me arrependia disso. Pelo que eu sei, homens não gostam de ter o ego machucado. E esse bastardo ao meu lado, muito menos.

Então por que eu não podia usar a situação a meu favor?

— Você faz muito isso? — ele questionou, desdenhoso. — Foder caras que não são seu namorado?

— Não, na verdade eu consigo arranjar tempo para todos — Cruzei minhas pernas, meu sorriso se alargando. — Ninguém fica de fora.

De repente, a Ferrari acelerou, fazendo minhas costas afundarem no banco. Kellan continuou olhando para mim, mesmo com toda a velocidade que ele estava alcançando, mas eu não me movi nem para pôr o cinto, segui devolvendo seu olhar frio.

Nós continuamos a batalha de olhares, tentando descobrir qual dos dois iria ceder primeiro. Mas nem fodendo que seria eu.

Para a minha sorte, Kellan foi o primeiro a fazer.

— Você ficou ainda mais prestativa do que antes — foi sarcástico, diminuindo a velocidade quando enrolou em uma curva.

Qual o problema dele com as curvas?

— Mas isso não se aplica a você — eu respondi, olhando através da janela.

Ele bufou uma risada, mas outra vez, eu apostava que não era genuína.

— Não se preocupe, querida — Kellan disse, fazendo-me cerrar os dentes. — Eu já tenho alguém que é bem prestativa comigo.

O que ele quis dizer com isso? Jenna Watson? Que se foda essa merda!

— Não me chame de querida.

Não me chame como ele. Não me faça lembrar dele.

— Por que... querida? — questionou, dando ênfase ao apelido repugnante.

— Para o carro — eu mandei, cravando minhas unhas nas palmas de minha mão.

— Se isso te incomoda tanto, desça — mandou, focando os olhos na rua.

Espremi meus lábios um no outro e destravei a porta, envolvendo a maçaneta com meus dedos. Ergui minimamente a porta da Ferrari, pronta para pular.

Mas antes que eu conseguisse ter esse prazer, uma mão se inclinou sobre mim e alcançou a maçaneta, voltando a fechar a porta com força.

— Porra! — Kellan xingou, encostando o carro em uma calçada próxima. Ele soltou o volante e se virou em minha direção. — Mas que merda você estava pensando? Você ia pular?

Eu não quero continuar me lembrando de Callum, e você não está ajudando.

— Você me mandou descer do carro... — murmurei, encarando seu rosto.

— Mas não assim, caralho — rosnou, furioso. Ele se inclinou na minha direção com um sorriso sarcástico. — Você decidiu ser obediente de repente? Então que tal parar com as drogas?

Uma veia pulsou em sua testa enquanto ele me encarava, com pura raiva e um sorriso sinistro nos lábios. *Por que ele estava bravo? Isso era culpa dele, pra começo de conversa.*

— Eu mandei que você parasse de me chamar de querida e você não parou — Olhei para ele. — Você mandou que eu saísse do carro se estivesse incomodada, e eu estou.

O braço de Kellan estava esticado e sua mão na maçaneta do carro, como se para prevenir que eu tentasse pular novamente. Seu rosto estava a

centímetros do meu e seu braço roçando minha barriga.

— Por que isso te irrita tanto? — ele perguntou.

— É brega e você fica ridículo falando.

— Por que não estou convencido?

— Foda-se.

Kellan riu minimamente quando ergui o queixo, confrontando-o.

Por que ele estava tão perto?

— Eu vou parar de te chamar assim — disse, para a minha surpresa, seu hálito quente acariciando meu rosto. — Mas você não vai tentar pular de novo. Se quer sair do carro, peça.

— Eu quero sair — cravei minhas unhas no couro do banco.

— Não.

O encarei, indignada com sua falta de palavra.

— Mas você disse que eu deveria pedir!

— Mas eu não disse que deixaria — Deu de ombros, se afastando de mim enquanto ainda me olhava. — Você não vai tentar pular de novo, entendeu?

— Não conte com isso — Sorri, mesmo sem vontade.

Kellan arqueou uma sobrancelha e agarrou minha mão, a entrelaçando com a sua enquanto as colocava em seu colo. Franzi o cenho e tentei puxá-la de volta.

— O que pensa que está fazendo? — perguntei, irritada.

— Garantindo que você não se mate — respondeu, com simplicidade, ligando o carro novamente.

Tentei puxar minha mão com a ajuda da outra, mas o aperto de Kellan sobre ela era sufocante e fez minha pele formigar. Era irritante.

Odiava ter deixado meu canivete em casa.

— Me solta, Kellan! Não precisa pegar em minha mão para me impedir de pular — tentei enfiar isso em sua cabeça, falhando miseravelmente.

Kellan parecia irredutível enquanto levava o carro para longe da calçada e voltava a dirigir. Tentei puxar minha mão mais algumas vezes, mas quando vi que não iria obter sucesso de jeito algum, eu bufei e apoiei minha cabeça em minha mão livre, fumegando de ódio.

Ele não fez menção de me soltar, na verdade, pareceu que seu aperto em minha mão ficou mais forte. *Eu teria que aturar isso pelo resto do caminho?*

Talvez jogá-lo da janela não fosse uma ideia ruim.

— Por que cortou o cabelo? — ele perguntou, de repente, e senti meu corpo ficar tenso.

— Isso importa? — fui ríspida, contendo a vontade de passar as mãos em meus fios. — Não foi grande coisa.

— Por que parece que você se importou muito com isso? — atirou.

Olhei para Kellan e, sem saber o que dizer, apenas deixei meu olhar cair. Ele tinha razão. Cortar meu cabelo me doeu na alma, mesmo que tenha sido uma libertação. Mas ao mesmo tempo, eu não me reconhecia mais. Isso não era justo.

Por que mesmo depois de tudo já ter passado, eu tinha que me desfazer de quem eu era por culpa de Callum? Por que tudo o que ele tocou em mim, eu passei a desprezar? Eu me odiava por completo.

— Eu gostei.

Voltei meu olhar para Kellan.

— Como? — Pisquei, confusa.

— Você ficou bonita com o cabelo assim — falou, tirando os olhos da estrada para me encarar por alguns segundos.

Mais uma vez, me vi sem saber o que dizer. Minha melhor resposta foi virar o rosto para a janela ao sentir minhas bochechas corarem.

Não. Eu não mudaria de ideia sobre jogá-lo da janela.



Puxei minha mão da de Kellan assim que a Ferrari passou pelos enormes portões e parou diante da mansão que fez parte da minha infância e de boa parte da minha adolescência.

Era aqui que Kellan, Rapha e eu brincávamos de esconde-esconde quando crianças. Eu sempre perdia e era a primeira a ser encontrada, menos nas vezes em que Rapha me escondia em algum lugar antes de procurar um esconderijo para ele, tudo para que Kellan não nos achasse.

Eu pensei que nunca mais colocaria meus pés nesse lugar, estava apavorada.

Kellan foi o primeiro a descer e eu agarrei minha mochila, mordendo o interior da minha bochecha. Ele deu a volta no carro até parar

ao meu lado, minha ansiedade aumentou.

— Desça — ele mandou, sem rodeios.

Quando viu que eu não fiz menção de obedecê-lo, abriu a porta do carro e me puxou para fora pelo cotovelo.

— Me solta, idiota. Eu sei descer sozinha! — Puxei meu braço de seu aperto e joguei minha mochila sobre meu ombro.

Ele pôs as mãos nos bolsos de seu moletom enquanto os fios de seu cabelo voaram, brincando com seus olhos.

— Não foi o que pareceu quando você ficou plantada no banco.

— Vou dizer aos seus pais que você me trouxe à força — Cruzei meus braços sobre o peito.

Uma rajada de vento fez minha saia balançar e pude jurar que os olhos de Kellan desceram para minhas pernas.

— Uh, ameaçador. Vai dizer também que agora usa drogas? — Kellan perguntou e eu fechei a cara. — Foi o que eu pensei. Agora entre.

Mantive meus pés firmes, calculando quanto tempo iria levar para que Kellan chegasse até a pequena escada de três degraus e se desse conta de que eu não o segui como ele mandou. Aí, quando ele olhasse para trás, eu já estaria longe.

No entanto, agora ele estava vindo em minha direção.

— Por que caralho você fica me tocando? — rosnei, quando ele agarrou meu cotovelo novamente, me arrastando para dentro da mansão.

— Porque, ao que parece, você não é muito boa em obedecer, amor — Kellan murmurou, fechando a porta quando nós passamos por ela.

Tentei me libertar outra vez, mas ele nem mesmo aliviou seu aperto. Isso era algum tipo de fetiche que esse idiota tinha ou algo assim?

— Me solta, Kellan! — Cravei minhas unhas em sua mão, baixando meu tom para não criar escândalo. — Eu não vou mandar de novo!

Kellan me arrastou até o centro da sala e eu cravei meus pés no chão para ficar no lugar, mas ele continuou me arrastando mesmo assim. A cena era patética e vergonhosa, tinha que admitir.

Então ele parou e se virou para mim.

— Continue se iludindo, achando que manda em alguma coisa, amor — Se aproximou de mim, sorrindo de lado. — Agora seja uma boa pirralha e se comporte. Você não quer fazer feio na frente dos titios, quer?

Apertei minhas mãos em punhos e o encarei, com tanto ódio que meus globos oculares doeram. Eu o odiava. Odiava de tantas formas que

nem conseguia explicar.

Odiava a forma como ele achava que tinha poder sobre mim e minha vida. Ele pensava que era algum tipo de santo para julgar o que eu fumo ou deixo de fumar? *Hipócrita*.

— Kellan? É você, filho?

Ouvi uma voz doce, com sotaque carregado, e congelei. Eu reconheceria essa voz em qualquer lugar e a qualquer momento.

Ergui meus olhos para o topo da escada, vendo uma mulher de cabelo castanho, puxando para o loiro, e olhos claros como os de Kellan, e senti meu coração afundar. *Tia Lily*.

— Olha quem pediu para te ver, mãe — Kellan falou, soltando meu braço e dando um passo à frente com um meio sorriso.

Mas que desgraçado mentiroso...

— *Mia bambina!* — Tia Lily arregalou os olhos e começou a descer as escadas segurando a longa saia rosa-bebê.

Mia bambina. Ela sempre me chamou assim. Como eu senti falta disso.

Não tive muita reação quando ela chegou até mim e me abraçou, lançando os braços ao redor do meu pescoço. Tudo o que pude fazer foi arregalar os olhos e inalar seu perfume doce. Ela me abraçou mais forte, foi quando envolvi sua cintura com meus braços, enfiando meu rosto na curva de seu ombro.

— Senti tanto a sua falta, minha linda... — Ela acariciou meus cabelos, enquanto se afastava um pouco de mim.

Engoli em seco a vontade imensa de chorar.

— Eu... Eu também senti sua falta, Tia Lily... — Pisquei para afastar as lágrimas, sentindo meus olhos arderem pelo esforço.

Ela me soltou para pegar meu rosto entre as mãos macias e beijar a minha testa. Analisei seu rosto, vendo que ele praticamente não envelheceu, havia só algumas rugas quando ela ria. Mas Tia Lily nunca demonstrou ter a idade que tinha, de qualquer forma.

— Olha para você, como cresceu! — exclamou, me olhando por inteiro. Ela encarou o filho, sorrindo largamente. — Virou uma linda mulher. Não é, filho?

Kellan olhou para a mãe e então para mim, com a expressão fechada. Ele desceu os olhos por meu corpo de maneira demorada, parecendo durar uma eternidade.

— Sim — disse, voltando a olhar meu rosto.

Desviei meu olhar do babaquinha e o voltei para sua mãe que, diferente dele, era um amor de pessoa.

— Espera só até Joseph te ver — Tia Lily sorriu e se afastou, indo até à escada. — Joseph, amor! Joseph!

Enquanto ela chamava pelo marido, olhei para seu filho, que continuava me encarando com uma expressão que eu não conseguia identificar. Eu não sei se estava estampado no meu rosto o quanto ver sua família me abalou, mas esperava que não.

— O que houve, querida? — Uma voz grave cortou nossa troca de olhares e eu olhei para o topo da escada, vendo o pai de Kellan. Seus olhos escuros pousaram em mim. — Ryen.

Diferente da minha tia, ele veio descendo as escadas de maneira moderada, com os olhos escuros vidrados em mim e um sorriso mínimo, parecido com o de Kellan.

Ele veio até mim.

— Ah, olá... — Eu sorri, sem jeito, mas arregalei os olhos quando ele me abraçou.

Mesmo que eu gostasse do Tio Joseph, sempre fui mais próxima de Tia Lily. O pai de Kellan nunca foi de abraços e era um homem reservado, porém nunca deixou de me tratar bem e ser atencioso. De alguma maneira, ele era como um pai para mim.

Mesmo sem jeito e surpresa, o abracei de volta e enfiei meu rosto em seu peito. Ele apertou os braços ao redor do meu corpo e eu senti que poderia chorar a qualquer momento.

Tio Joseph me afastou, segurando meus ombros, e eu encarei seu rosto, vendo alguns fios brancos em sua barba. Ele também não mudou nada.

— Quanto tempo — Ele sorriu minimamente, enquanto bagunçava meus cabelos. Deu um passo para trás. — Como você está?

Nada bem. Por favor, me ajude.

— Estou bem — Dei um sorriso tímido, olhando dele para minha tia. — E vocês?

— Estamos bem — meu tio respondeu.

— E mortos de saudades de você, *mia bambina!* — sua esposa disse, me abraçando de novo, enquanto me enchia de beijos.

O pai de Kellan se aproximou dele e cruzou os braços, ficando ao seu lado. Agora que vi os dois juntos depois de todos esses anos, notei que Kellan havia ficado maior que o pai por uns cinco centímetros de diferença.

— Você disse que ia trazê-la, e fez — Tio Joseph disse ao filho, vendo a esposa me espremer nos braços.

Mas eu não me importava nem um pouco.

— Ah, o mérito não foi meu — Kellan sorriu para mim. — Ryen e eu nos encontramos na universidade e ela implorou para ver vocês, disse que estava morrendo de saudades.

Filho da puta dissimulado.

— Ah, é mesmo? — Tio Joseph estreitou os olhos na direção dele.

— Sim, sim. Não é mesmo, Ryen? — Ele arqueou a sobrancelha, exibindo um sorriso nos lábios que nem de longe era amigável.

Rangi meus dentes antes de sorrir falsamente e assentir de leve com a cabeça.

— Sim — Foi tudo o que eu disse.

A mãe de Kellan arregalou os olhos.

— Então você está fazendo faculdade? Isso significa que vai ficar aqui? — questionou, abrindo um enorme sorriso e começando a me arrastar. — Ah, esqueça. Me diga na sala de jantar. Você vai almoçar conosco!

Arregalei meus olhos e os lancei na direção do meu tio e de Kellan quando a mulher andou em disparada para o outro cômodo. Sua mão estava firme na minha, e era quentinha também.

Me virei para trás para ver os dois nos acompanhando de perto e desviei o olhar quando peguei Kellan me encarando. Olhei ao redor da mansão, notando que não tinha mudado quase nada da decoração. Minha tia chegou à sala de jantar e puxou uma cadeira para que eu me sentasse.

Quando pensei que ela fosse se sentar ao meu lado, foi Kellan quem o fez, e sua mãe deu a volta, se sentando do outro lado e de frente para mim. Seu marido ficou na ponta da mesa e agarrou sua mão. Tentei ignorar a presença de Kellan sentado bem do meu lado.

— E Victoria, Ryen? — Tia Lily perguntou, enquanto a empregada enchia seu copo de suco e ela agradeceu. — Como ela está?

Antes que eu conseguisse me controlar, franzi meu cenho e a encarei, como se tivessem crescido três cabeças nela.

— O que foi? Ela não está bem? — Arregalou os olhos claros.

Então ela ainda não sabia? Como isso era possível? Tudo bem que Callum não quis que a imprensa divulgasse, mas pensei que ainda assim a notícia chegaria à elite de Miami. Eles pensavam que minha mãe estava viva.

— Ela está muito bem — Sorri, bebendo um gole do meu suco.

— E ela ainda está com Callum? — Tio Joseph perguntou, acariciando as costas da mão da esposa.

Eles também não sabem sobre Callum?

— Sim, eles estão mais felizes do que nunca — Sorri. — Inclusive, eles estão fazendo uma viagem juntos em Dubai. Vic... Mamãe disse que que o lugar é bonito como o paraíso, mas quente como o inferno.

Tia Lily riu, mas meu tio apenas sorriu de lado.

— Ela tem te tratado bem? — ele questionou.

— Sim, mamãe é um amor comigo.

Ele apertou levemente os olhos, como se conseguisse ver minha mentira. Mas então, assentiu com a cabeça.

— E seu namorado, Ryen? — Tia Lily foi quem perguntou. — Sua mãe fala super bem dele, disse que adora vocês juntos.

Uma risada perplexa escapa dos meus lábios. *Mas que velha mentirosa.*

— Ele tinha coisas para resolver, então não pôde viajar comigo — menti, pegando meu garfo.

— Você deve amá-lo, não é? — ela perguntou, sorrindo.

Senti uma mão serpentear por minha coxa e deslizar um pouco a saia para cima. Olhei para Kellan e vi que ele estava comendo tranquilamente, como se não estivesse me tocando por debaixo da mesa.

Sua palma era quente e estava fazendo minha pele formigar.

— Sim. Eu o amo muito — Olhei para minha tia e sorri, mas parei ao sentir minha coxa ser apertada. — Ele é o melhor namorado que eu poderia ter, tia.

Olhei na direção de Kellan, mas ele continuou comendo tranquilamente. Coloquei minha mão sobre a dele para tirá-la da minha coxa, mas seria mais fácil eu mover uma parede.

Kellan reuniu uma boa quantidade de carne da minha coxa e apertou com força. Eu arfei quando sua mão ficou perto da região entre minhas pernas, sua palma descansando na parte interna da minha coxa. *Estava quente.*

Belisquei as costas de sua mão para que ele se tocasse do que estava fazendo bem diante dos pais, mas ele apenas intensificou o aperto. Então, ele discretamente virou o rosto na minha direção e encarou meus olhos. Os dele estavam frios e vazios, seu maxilar travado, como se estivesse com raiva.

— Você parece realmente apaixonada, Ryen — Tia Lily sorriu, mas notei que não chegou aos seus olhos.

— Eu estou... — A ideia era que eu falasse normalmente, mas perdi o foco quando Kellan segurou a região entre as minhas pernas de maneira inesperada, me fazendo solavancar na cadeira.

Arregalei meus olhos quando sua grande palma acolheu minha parte mais sensível e olhei para ele. *O que está fazendo?*, perguntei, pelo olhar.

— Continue, Ryen. Estamos ouvindo — ele disse, com a voz cínica. — Você dizia que estava...?

— Sim, *bambina*. Você não terminou de dizer — a mãe dele falou.

— Eu... — pigarreei, assentindo com a cabeça. — Eu estava dizendo que sim, estou perdidamente apaixonada pelo meu namorado.

Kellan pressionou a mão contra mim e eu apertei minhas coxas, por reflexo, prendendo sua mão lá.

— Eu vejo... — Kellan assentiu com a cabeça, apoiando-a na mão livre. — Ele é de alguma família importante?

Deixei minha coluna reta e dei de ombros, me forçando a agir com naturalidade.

— Não, não é — O encarei. — Mas quando amamos alguém, não acho que isso seja relevante.

Ele sorriu, e esse foi seu último aviso antes de ele encontrar minhas dobras por cima da calcinha e deslizar os dedos por elas. Estremeci sob seu toque e soltei um suspiro baixo.

— Nossa, eu concordo com isso — disse. — E acho que, além de amor, nós devemos ser fiéis aos nossos parceiros. Não acha, pai? — Olhou para o pai.

Seus dedos encontraram meu clitóris por cima da calcinha de algodão, e mesmo que o tecido estivesse entre nós, o toque não era menos íntimo e intenso.

Agarrei mão de Kellan quando ele pressionou o polegar em meu clitóris, só não sabia se era para afastá-la ou mantê-la.

— Sim — o pai de Kellan concordou, o tom indiferente. — Se não tem fidelidade, não tem nada.

— Não consigo entender como existem pessoas que estão em um relacionamento e ficam transando com outras por aí — Kellan negou com a cabeça, sorrindo para mim, enquanto descia o dedo para a minha entrada. — Ainda bem que você ama o seu namorado, Ryen. Não seja como essas pessoas.

Me contorci na cadeira e engoli em seco quando um gemido baixo escapou de meus lábios. Foi mais forte do que eu, juro.

— Você está bem, *bambina*? — a mãe de Kellan perguntou, alarmada.

Trêmula, assenti com a cabeça e coloquei um sorriso falso nos lábios.

— Só senti uma dor de estômago, de repente — Olhei para ela. — Vou ao banheiro, com licença — Me levantei, forçando Kellan a afastar a mão de mim.

Ele voltou a comer normalmente e eu dei as costas a todo mundo, quase correndo da sala de jantar.

Quando cheguei à sala de estar, subi as escadas o mais rápido possível e fui em direção ao banheiro, sabendo exatamente onde ficava. Abri a porta e entrei, a fechando em seguida. Quando estava totalmente segura do lado de dentro, deixei minhas costas deslizarem pela porta.

Kellan me tocou na frente dos pais dele. Ele me tratou como uma puta e eu não fiz nada para impedi-lo. Pior, eu gostei, fiquei molhada e queria mais. Por um breve momento, odiei minha calcinha com todas as minhas forças.

Me encarei no espelho acima da pia de mármore e vi meu rosto e meu pescoço corados, consequência do que Kellan fez minutos atrás. *Ah, qual é, Ryen. Faz tempo que você não transa, é só a abstinência batendo à porta. Está tudo bem sentir tesão.*

Passei as mãos pelo meu cabelo, me recompondo de um quase surto. Não tinha nenhuma possibilidade de eu me sentar ao lado de Kellan novamente. Ele já arruinou minha dignidade por tempo suficiente.

Saí do banheiro e fechei a porta, quando uma mão cobriu minha boca e um braço circulei minha cintura. Então, fui arrastada pelo corredor até que ele me soltasse e me jogasse dentro de outro cômodo.

Minhas costas foram pressionadas na porta e uma mão foi parar em meu pescoço, me obrigando a encarar os olhos gélidos de Kellan.

— Dor de estômago, é? — Ele arqueou uma sobrancelha, apoiando a mão livre ao lado da minha cabeça.

Sua mão era como um colar apertado em volta do meu pescoço frágil.

— O quê? Queria que eu deixasse que eles descobrissem o absurdo que você estava fazendo? — perguntei, entre dentes.

— Você não quer dizer nós? — Inclinou a cabeça para o lado.

Franzi meu cenho.

— Não era eu quem estava com a mão no seu pau — debochei, espalmando minhas mãos na porta.

Era como se ela pudesse ser uma proteção contra Kellan e seu péssimo senso de humor para brincar com as pessoas.

— Hum, me parece que você quer fazer isso.

Eu devia ter algum problema, porque essa merda me deixou ainda mais excitada.

— Por que eu iria querer pegar no seu pau de merda?

— Você definitivamente parece querer fazer isso — Acariciou meu lábio inferior com o polegar. — Talvez eu te ceda essa bondade se você disser.

— Disser o quê?

— Porque você estava tão atormentada hoje cedo.

Ele queria uma resposta que eu nunca lhe daria. Kellan não era confiável. Ninguém era.

— Não é da sua conta — Eu ergui meu queixo, em afronta.

— Resposta errada — Kellan estreitou os olhos em minha direção.

— Vá. Se. Foder — mandei, lentamente. — Que tal essa? Parece certa o suficiente?

Ele me encarou por alguns segundos antes de bufar uma risada que beirava a zombaria. *Ele estava rindo de mim? Sou alguma piada para ele?*

— Eu sei o que vai ser certo o suficiente — disse, se aproximando de mim até que meus seios estivessem pressionados contra seu peito. — Você vai se ajoelhar e me chupar.

Mais uma vez, eu estava excitada com a visão.

— Você deve ter comido merda, só pode — debochei, tentando ignorar o latejar entre minhas pernas.

— Olha, que boca suja... — murmurou, com a voz rouca, enquanto se curvava para escovar os lábios em meu pescoço. — Não finja que a ideia de me chupar não te excita, amor. Eu posso sentir bem aqui — Ele escorregou a mão e agarrou minha boceta por dentro da saia.

Um suspiro saiu dos meus lábios e, por reflexo, eu agarrei o tecido grosso do seu moletom. Ele pôde sentir o quanto eu estava molhada quando circulou os dedos em minha entrada, por cima da calcinha.

— Pare com isso... — Era para ser uma ordem, mas meu tom saiu trêmulo e incerto. — Seus pais vão vir atrás de nós... — Tentei empurrar seu peito, mas acabei enterrando o rosto nele quando senti meu clitóris ser esfregado.

— Eles não entram no meu quarto — Kellan disse, antes de chupar a pele do meu pescoço, bem em cima do pulso.

Olhei ao redor, notando apenas agora que estávamos em um quarto. Convivi com Kellan por quinze anos e sempre vim à sua casa, porém nunca tinha entrado em seu quarto. E agora que vi, notei que as cores variavam entre o preto e um branco acinzentado, frias que nem ele.

— Eu vou gritar — sussurrei, quando sua mão adentrou minha calcinha.

— Hum, faça isso, amor — respondeu, mordendo meu pescoço e enfiando dois dedos dentro de mim.

Gemi alto antes que pudesse processar e enterrei ainda mais meu rosto contra seu peito, sentindo Kellan soltar meu pescoço para agarrar a parte de trás de meu cabelo e o puxar para trás, levando minha cabeça junto.

— Ah, então era disso que você estava falando quando disse que ia gritar... — Sorriu, rente aos meus lábios, curvando os dedos dentro de mim.

Um gemido longo e alto ficou preso em minha garganta e eu o engoli, me proibindo de gemer para esse idiota, mesmo que seus dedos estivessem me fazendo ver estrelas.

— Que se dane! — mandei, afetada, encarando seus olhos.

Kellan riu, uma risada curta e grave, mas longa o suficiente para fazer algo em meu peito se revirar. Então ele tirou os dedos de dentro de mim e eu quase chorei de frustração.

— Eu realmente devo limpar a sua boca — grunhiu, apoiando a mão que estava dentro de mim, ao lado da minha cabeça. Ele apertou os fios da minha nuca. — Se ajoelha.

Eu não sabia se foi a luxúria em seus olhos ou as promessas perversas neles, só sei que eu caí de joelhos diante dele na mesma hora. Não porque ele mandou, mas porque eu queria. A ideia de chupá-lo me deixava ainda mais excitada.

Ele me encarou de cima, com toda sua arrogância, sorrindo, mantendo o aperto firme em meu cabelo.

— Abra minha calça e ponha meu pau para fora — ele ordenou.

Eu permaneci com meu olhar no dele quando ergui minhas mãos e desabotoei sua calça, descendo o zíper em seguida. O cós da boxer vermelha apareceu, o nome *Calvin Klein* estampado lá.

Então, eu abaixei a cueca e o pau duro de Kellan pulou para fora, quase acertando meu rosto. Desviei meu olhar do dele e encarei o... o... a monstruosidade à minha frente, pensando em como isso caberia em minha boca.

Lorenzo não era pequeno, mas Santiago ganhava dele. Agora, Kellan... Ele ganhava dos dois.

— Que olhar é esse? — ele perguntou, me fazendo olhar para ele. — Vai me dizer que não sabe chupar um pau?

O encarei, com ódio, e agarrei seu pau com minha mão, o sentindo quente e pulsante em minha palma. Kellan perdeu o sorriso do rosto e apertou meus fios quando estirei a língua e lambi a glândula lentamente.

Vi o queixo de Kellan ficar marcado antes de abrir a boca e acolher seu pau. O chupei com dedicação, o encarando no processo, nem por um momento desviando o olhar.

— Porra... — ele soltou um grunhido, deixando a cabeça cair levemente para trás.

Uma onda de satisfação me preencheu ao saber que o babaca estava pagando com a língua, e nesse momento eu o levei até o fundo da minha garganta, me demorando lá por três segundos, antes de o reflexo de vômito querer dar as caras. E eu só consegui engolir até a metade.

Kellan massageou meu coro cabeludo antes de intensificar seu aperto.

— Melhor namorado que você poderia ter, hein? — Ele sorriu, repetindo o que eu disse na mesa. — Que namorada dedicada, você é.

Antes que eu pudesse dizer algo, Kellan estocou minha boca, levando seu pau ao fundo da minha garganta. Foi tão de repente que quase

não consegui segurar o reflexo de vômito, então apoiei minhas mãos em suas coxas, afundando minhas unhas nelas.

Meus olhos ficaram marejados com quão forte ele fodia a minha boca.

— Ah, ficou emocionada com o meu elogio? — questionou, com a voz rouca, levando seu pau ao fundo da minha garganta.

A verdade é que eu não estava mais no controle de minha boca, Kellan estava. Tudo o que me restava era relaxar a mandíbula e tentar acompanhar seus movimentos.

Eu o chupava, mas era quase impossível, porque ele não me dava trégua para respirar. A baba estava escorrendo pelo meu queixo e ele estava ficando dormente, mas nem essa sensação era maior do que a que estava entre minhas pernas, me fazendo apertar as coxas com força.

— Você fica molhada com isso, não é? — Kellan questionou, a cabeça levemente inclinada para o lado. Ele sorriu vendo as lágrimas rolando por minhas bochechas. — Você gosta de ser a minha puta, como agora?

O encarei com desprezo — mesmo com toda a excitação que estava sentindo com seus movimentos implacáveis — e não iria deixar de mostrar o quanto eu o odiava.

Mas sim, eu gostava de como ele estava me tratando agora, como uma puta. De qualquer modo eu não iria, em hipótese alguma, admitir isso.

Kellan fechou a mão em punho, a pressionando contra a porta, enquanto a outra maltratava meu couro cabeludo, e então ele gemeu, rouco. Quando eu menos esperava, jatos quentes inundaram minha boca e desceram pela minha garganta. Fechei meus olhos quando senti o ar faltar, mas ainda assim não movi um músculo.

Ele se retirou da minha boca e pôs o pau para dentro das calças novamente, não perdendo tempo. Com o polegar, recolheu um filete de porra do canto dos meus lábios.

— Abra — ele mandou, pondo o polegar em frente à minha boca.

Encarando seus olhos, separei meus lábios e os envolvi no polegar de Kellan, lambendo seu gozo, mas antes que ele afastasse o dedo da minha boca, eu o mordi, e ele agarrou meu cabelo com violência, forçando minha cabeça para trás.

Larguei o dedo de Kellan e ele se curvou para ficar do meu tamanho e agarrar meu queixo.

— Mande uma foto para o seu namorado nesse instante e diga que me chupou pensando nele — Ele sorriu de lado, largando meu queixo. — Corno do jeito que é, aposto que irá ficar emocionado.

Então, antes que eu pudesse responder à altura, Kellan se afastou de mim e abriu a porta, passando por ela e a fechando. Eu fiquei sentada no chão, completamente largada e furiosa com Kellan, mas também comigo mesma, por ter deixado ele me tratar como uma puta.

Eu disse que ele arruinou minha dignidade mais cedo, não disse? Delete isso, aquilo não foi nada como agora.



*“Eu tinha tudo, e uma parte de você. E agora nada de você
Me leve de volta para a noite em que nos conhecemos
E eu não sei o que tenho que fazer assombrado por seu fantasma”*
Lord Huron – The Night We Met

Ryen Rodríguez

O despertador tocou e eu gemi, agarrando o travesseiro como se ele fosse me impedir de levantar da cama. Vinha sendo uma luta isso de me obrigar a acordar tão cedo e ir para a universidade mesmo eu não querendo.

Tudo isso poderia ser evitado se o idiota do Kellan Royal não tivesse descoberto que eu estava de volta em Miami. Ele se sentia no direito de me chantagear com um paparazzi, e era só assim que aquele filho da puta tinha todos sob o seu controle: jogando sujo.

Abri meus olhos e larguei o travesseiro, a contragosto, olhando ao redor à procura de Killer e o encontrando dormindo em cima da minha poltrona, como um anjinho. Sorri quando suas orelhas se mexeram e me senti uma mãe bobona.

Bufei antes de me levantar da cama e andei até a porta do quarto, a abrindo. Olhei para trás, vendo quando Killer levantou a cabeça e rapidamente pulou da poltrona, passando por mim como um raio. Desci as escadas, bocejando enquanto ele pulava cada degrau, sumindo em direção a cozinha.

Antes que eu também fizesse isso, alguém bateu à minha porta e eu franzi o cenho, me perguntando quem seria. Espiei pelo olho mágico, vendo Brianna. *O que ela poderia querer aqui?*

Abri a porta e ela entrou, me negando a chance de sanar minha dúvida. *Mas que...*

— Killer, meu bebezinho! — Brianna correu em direção a ele, que veio até ela assim que a viu.

Ela se ajoelhou para ficar da altura dele e ele começou a lamber o rosto dela, mexendo o corpo de um lado para o outro, parecendo mais do que feliz em vê-la.

— Olha o que a titia trouxe para você, meu amor — Brianna tirou a mochila rosa-claro das costas e a abriu, retirando dela um saco de petiscos. Ela balançou o pacote. — Sabor carne. Você quer? Hein, bebê, você quer?

Encarei a cena com uma careta, notando o quanto Brianna parecia uma doida quando o assunto era Killer. Ela não era esnobe ou uma vadia, ela apenas era... carinhosa. Verdadeiramente carinhosa.

Killer cheirou o pacote e tentou mordê-lo, mas Brianna o afastou antes que ele conseguisse.

— Não, assim não. Deixa que a tia abre — falou, sorrindo largamente enquanto abria.

Fechei a porta atrás de mim e coloquei as mãos na cintura.

— Com licença... — eu pigarreei, erguendo as sobrancelhas. — Bom dia?

Brianna me olhou por cima do ombro.

— Ah, você está aí... — murmurou, voltando a se concentrar em dar o petisco a Killer, que parecia um esfomeado. — Nossa, você não alimenta o coitado?

Lancei um olhar indignado a ela e cruzei meus braços.

— Você invade meu apartamento e ainda tem a coragem de dizer que mato meu cachorro de fome? — Uma risada incrédula me escapou.

— Quê? Eu não invadi seu apartamento! — Ela me olhou, o rosto contorcido em uma careta.

— Ah, claro — Assenti várias vezes com a cabeça. — Eu me lembro muito bem de ter dito “Claro, Brianna. Pode entrar!” — Fiz uma reverência exagerada.

A prima de Kellan se levantou, estreitando os olhos em minha direção.

— Fica quieta se você não quiser que eu te denuncie por maus tratos e fique com o Killer para mim.

— Só por cima do meu cadáver — Mantive meu sorriso.

— Ficarei mais do que feliz em te empurrar desse andar e dizer que foi acidente — retribuiu, afrontosa.

— Não se eu te matar primeiro.

Brianna riu em deboche.

— Não me faça rir — Negou com a cabeça, revirando os olhos, — Você cresceu e mudou bastante, mas aposto que não faz mal a uma mosca.

Nesse instante, mesmo que meu sorriso fosse falso, ele sumiu do meu rosto ao ouvir as palavras de Brianna.

Ela estava errada, ela não me conhecia mais. Nunca conheceu, na verdade, e ficaria horrorizada se soubesse o que eu tinha coragem de fazer. O que eu fiz. Essa mesma pessoa que ela diz que não faz mal a uma mosca, matou um homem. E ainda que eu me force todos os dias a esquecer, parece que sempre volta à tona de algum jeito.

— O que faz aqui tão cedo? — mudei de assunto.

Killer cheirou a perna nua de Brianna e ela acariciou a cabeça dele. A prima de Kellan estava vestida com uma saia jeans apertada e uma jaqueta do mesmo material, ambos da cor preta, com um *cropped* branco por dentro. A saia era extremamente curta, porém não chegava a revelar parte de suas nádegas. O cabelo estava solto.

— Vamos para a universidade juntas — respondeu, com os olhos em Killer.

Franzi minhas sobrancelhas, a encarando, como se ela tivesse duas cabeças. Por que Brianna estava agindo como se fôssemos amigas íntimas que se visitam sem avisar e se intitulam como parentes do animal de estimação uma da outra?

De repente, uma coisa me veio à mente, e foi como se tudo fizesse sentido.

— Foi Kellan quem mandou? — eu perguntei, sem rodeios.

Ela me olhou, confusa.

— O quê?

— Você não precisa ficar de olho em mim, tá legal? — Cruzei meus braços. — Eu não estou usando nenhuma droga, não sou uma criança que precisa ser vigiada. Não precisa se dar ao trabalho, Brianna.

Ela me encarou, com um vinco entre a testa, e até parou de acariciar as orelhas de Killer.

— Você pensa que estou aqui porque Kellan mandou? — perguntou, com indignação aparente. — Você acha que sou o que, o capacho dele?

— Eu não disse isso — me defendi. — Mas se ele não te mandou, por qual outro motivo você estaria aqui?

A expressão incrédula de Brianna caiu e uma atordoada surgiu. Ela olhou para o chão antes de olhar para cima, piscando algumas vezes.

— Eu pensei que..... — ela se interrompeu, engolindo em seco antes de me encarar com os olhos marejados. — Que estávamos virando amigas.

Arregalei os olhos, não escondendo o choque em minha expressão.

— O... o quê?

Brianna limpou uma lágrima antes que ela caísse, e soltou uma risada trêmula.

— Tudo bem, relaxa — murmurou, olhando para Killer. — Fui idiota por pensar que estávamos ficando próximas, depois que você me ajudou com o Connor e eu te salvei naquela ponte. Sem contar que corremos juntas no racha, mas claramente aquilo não significou nada — Ela revirou os olhos, um sorriso forçado em seus lábios.

— Brianna... — Eu dei um passo na direção dela, mas ela deu outro para trás.

— Não, tudo bem. Eu entendi — Jogou o saquinho de petiscos, com cuidado, em cima do sofá. Ela partiu em direção à porta. — Vou indo nessa.

Mesmo que eu ainda estivesse confusa com a decepção de Brianna, não sei o que me deu quando eu agarrei o braço dela assim que ela passou por mim. A prima de Kellan me olhou com a expressão chateada e os olhos magoados.

— Olha, eu só pensei que você estava me rondando porque o Kellan mandou você me vigiar.

Por que estou sentindo essa necessidade de esclarecer algo para Brianna? Nós sempre nos odiamos, não podíamos ser amigas, certo? Então por que acabei de impedir que ela fosse embora pensando que não éramos amigas? Não era isso que eu queria?

— Te rondando? É isso que você acha que estou fazendo? — Brianna soltou seu braço do meu aperto, uma lágrima escorrendo por sua bochecha. Ela enxugou o choro. — Eu não tenho amigos, ok? E você muito menos, é tão abandonada quanto eu. Na minha cabeça, nós poderíamos ser amigas, mas eu claramente achei isso sozinha.

Abri e fechei a boca várias vezes, incomodada com o quanto isso me deixou surpresa. Porém mais incômoda do que minha surpresa, foi uma pontada de alegria que eu estava sentindo no peito. Brianna Royal estava dizendo que queria ser minha amiga?

Eu quero ser próxima dela mesmo que ela tenha sido uma vadia comigo no passado? Eu também não fui das melhores com ela, graças a minha língua fofoqueira. Ah, dane-se, quem eu queria enganar? No fundo eu sempre quis ser amiga de Brianna, desde que éramos pequenas e brigávamos para saber qual Barbie era mais bonita.

— Eu quero ser sua amiga, para de chorar.

A prima de Kellan me olhou com as sobrancelhas erguidas ao escutar o que eu disse de maneira repentina. Até eu estava surpresa.

— Você quer? — perguntou, enquanto fungava, e eu assenti. Ela desfez a expressão chorosa num instante. — Ótimo, agora vai se arrumar.

— Você estava fingindo? — questionei, indignada.

Brianna pôs as mãos na cintura.

— Sobre querer ser sua amiga? Não — Inclinou cabeça para o lado. — Mas tive que chorar um pouquinho, uma mulher bonita chorando sempre comove. Porra, eu disse que você não tinha mudado nada.

Mas que vadia.

— Eu realmente pensei que você estivesse magoada! — disse, entre dentes.

— Ah, qual é. Você acha mesmo que eu choraria por você não querer ser minha amiga? — questionou, se sentando no meu sofá com as pernas cruzadas. — E não é como se você tivesse escolha sobre isso. Você é minha amiga, eu já decidi.

É, realmente. O desvio de caráter era de família.

Fiz uma careta, a assistindo alimentar Killer como se não tivesse acabado de me dar um mandato e alegado que eu nunca tive escolha.

— Você falou como o seu primo agora — afirmei, fingindo estar arrepiada.

— Kellan é pior e você sabe muito bem — Ela sorriu, negando com a cabeça. — Ele deve ter puxado a personalidade duvidosa do Tio Joseph, os dois são iguaizinhos. Se bem que o Kellan nasceu com o caráter imoral.

Sim. Eu sabia muito bem o quanto Kellan era pior, vinha sentindo isso na pele esses últimos dias. E estava me deixando louca a forma como ele estava se mostrando um perseguidor de merda.

O idiota vinha todos os dias me arrastar para a porra da universidade, e eu até estava estranhando o fato de ele não ter aparecido para me incomodar hoje. Talvez tenha se cansado de ficar no meu pé e achado uma diversão melhor. *Um brinquedo melhor.*

— Vou subir e tomar um banho. Já venho — avisei a Brianna e subi as escadas.

Entrei no meu quarto antes que começasse a pensar em Kellan e não pudeesse evitar o ciúme desconcertante que eu senti ao imaginar que o brinquedinho melhor a quem ele dedicou seu tempo hoje seria Jenna Watson.

Porra, cinco anos. Será que ele não enjoava de comer sempre a mesma coisa? Ah, que se dane. Eu não me importava, de qualquer maneira.

Mentirosa. Meu subconsciente sussurrou, mas ergui o dedo do meio mentalmente para ele.

Em vinte minutos eu tomei banho e vesti um dos conjuntos pretos que eu usava no México quando ia para a academia de dança. Um top preto e um short curto da mesma cor, feito daquele tecido que se agarra perfeitamente às minhas coxas e minha bunda. Vesti por cima dele um moletom de capuz e uma calça do mesmo material, ambos cinzas.

Sei que eu poderia me vestir melhor, mas não era como se eu me importasse, já que não queria estar lá. Era tudo culpa dele. Balancei a cabeça para impedir que meus pensamentos voassem até lá e calcei um tênis branco, pegando minha mochila e a colocando em meu ombro.

Joguei meu cabelo para o lado e saí do quarto, descendo as escadas. Encontrei Brianna negando petiscos a Killer.

— Não vou te dar mais, Killer! Você já comeu metade do pacote! — Ela ficou de pé para afastar a comida dele e gritou quando ele tentou pular nela.

Quando Brianna fez menção de correr, Killer pulou em suas costas e a derrubou. Só tive tempo de escutar o impacto de seu corpo contra o chão, evidenciando que ela caiu que nem pedra.

O pacote de petiscos se abriu e eles se espalharam pelo chão, Killer indo fazer a festa logo em seguida. Brianna gemeu e eu voltei minha atenção para ela.

— Ai, minha testa... — ela murmurou e eu bufei, tentando segurar minha risada. — Não ri, porra, me levanta. Acho que quebrei alguma coisa.

Eu ri mais alto quando Killer parou de comer e subiu nas costas de Brianna, lambendo o rosto dela. Abracei minha barriga quando ela tentou se levantar, mas ele não deixou.

— Socorro! É uma agressão! — Brianna gritou, me olhando, com raiva. — Eu estou sendo atacada, me ajuda, caralho!

Rindo, fui até eles e agarrei Killer pela coleira, o tirando de cima dela com dificuldade, já que ele era pesado. Brianna se levantou depressa e se sentou no sofá, puxando as pernas contra o peito como se isso fosse impedir o meu cachorro de fazer algo.

Ela retirou do rosto alguns dreads que caíram durante o ataque e respirou ofegante, se recuperando. Em sua testa, já estava começando a se formar um pequeno hematoma.

— No rosto não, eu sou modelo... — resmungou, segurando as bochechas e me olhando com os olhos arregalados. — Meu rosto está diferente?

Ergui minhas sobrancelhas e olhei bem para o centro da testa dela. Apertei meus lábios para conter uma risada.

— Você quer a verdade ou a mentira?

— Não diz mais nada — Brianna ergueu a mão, fechando os olhos e respirando fundo. Então, ela colocou um enorme sorriso forçado no rosto. — Vamos embora, sim? Tchau, Killer.

Ela arrumou a roupa e, com um sorriso largo e falso, andou até a porta, o olho esquerdo abrindo e fechando, como se ela estivesse prestes a surtar. Eu juro que podia até ver as orelhas dela soltando fumaça.

Sorri e acariciei a cabeça de Killer, antes de pegar a chave da minha Ferrari e andar logo atrás de Brianna. Tranquei a porta do meu apartamento e caminhamos em direção ao elevador, que já estava nos esperando. Após isso, fomos em direção ao estacionamento e paramos ao lado do carro.

Destravei as portas e Brianna entrou no banco de passageiro, enquanto eu dei a volta sem pressa. Contudo, antes que eu entrasse na Ferrari, senti meu pescoço formigar. Olhei ao redor, analisando o estacionamento. Sentia como se estivesse sendo observada. Desconfortável, entrei no carro, me sentando no banco do motorista.

Brianna se esticou em minha direção e pegou uma mecha do meu cabelo, a esfregando entre os dedos.

— Não vai direto para a universidade — falou, analisando meus fios. — Vamos passar em um lugar primeiro.

Não tive tempo de respondê-la, porque quando vi meu retrovisor lateral meio torto e me debrucei para ajustá-lo, uma figura vestida com capuz preto apareceu no espelho.

O choque se instalou no meu peito e eu desviei meu olhar, o fixando nos carros da frente. Minha respiração acelerou junto ao medo, e lentamente

voltei a olhar para o retrovisor, percebendo que não tinha mais ninguém lá.
Eu estava imaginando coisas?

— O que foi? — Brianna tocou meu braço, chamando minha atenção. Ela me analisou atentamente. — Nossa, você ficou pálida de repente. Está se sentindo bem?

Olhei para o retrovisor novamente, e então, para ela.

— Eu pensei..... — Pisquei algumas vezes, não sabendo o que dizer.

— Você pensou...?

Engoli em seco e neguei com a cabeça, dispensando o assunto.

— Nada, esquece. Vamos embora — eu disse, ligando o carro.

Antes que Brianna perguntasse mais alguma coisa, eu dirigi para longe do estacionamento, com a impressão de que o que eu vi não foi fruto da minha imaginação.

Se fosse, só mostrava como eu estava enlouquecendo aos poucos.



Adentrei o refeitório ao lado de Brianna e à medida que caminhávamos por ele as conversas foram cessando e os olhos se fixando em nós. *Em mim*. As pessoas começaram a cochichar entre si e nem mesmo disfarçaram que estavam falando sobre mim. Algumas até me apontaram descaradamente.

Mas ainda que eu tivesse toda essa atenção, nada faria eu me sentir mais observada do que me senti hoje cedo no estacionamento. Passei a aula toda pensando nisso, sentia que ia ficar louca.

Brianna me levou ao salão para consertar meu corte malfeito, mas mesmo que eu tenha gostado, não consegui me distrair por muito tempo.

Meus pesadelos com Callum já não ocorriam com tanta frequência, porém eu tinha medo de que a figura encapuzada que vi hoje fosse o espírito do meu padrasto. Era idiotice acreditar em fantasmas, eu sei. Mas como explicar alguém que estava lá e de repente havia sumido?

Ou eu estava vendo coisas ou aquilo tinha sido real. Mas eu não descartaria a possibilidade de estar enlouquecendo, era a que mais tinha sentido até agora. Talvez Callum tenha vindo me buscar.

Não. Não vá lá, Ryen. Não se sabote assim, você viu algo. Não está ficando louca, não duvide de si mesma desse jeito.

— O que você viu? — Brianna estacionou na minha frente, fazendo com que eu parasse também.

— O quê? — Franzi o cenho, confusa.

— No estacionamento. Antes de irmos para a universidade — Ela pôs as mãos na cintura. — Você viu algo lá e desde então está estranha.

— Eu não estou estranha — Tentei passar por ela, que agarrou meu braço e me impediu.

— Eu acabei de dizer que você era uma puta mal-amada que nunca esqueceu o meu primo — Brianna arqueou uma sobrancelha, soltando meu braço.

Arregalei os olhos, indignada.

— O quê?

Ela riu, desacreditada.

— Está vendo? Eu sabia que você não estava me escutando — Negou com a cabeça. — Eu não sou burra, ok? O que você viu no estacionamento?

Eu joguei minha franja para trás e coloquei as mãos na cintura, imitando a postura de Brianna.

— Eu não vi nada, tá legal? — Olhei para ela, dando de ombros. — Só estava me perguntando quando será o próximo racha. Não vou competir de novo, não acho que tenha sido uma boa ideia daquela vez última vez.

Bom, não era exatamente uma mentira. Eu realmente tinha a certeza de que não fora uma boa ideia. Eu fui burra e agi por impulso, e graças a isso as coisas não terminaram muito bem. Quer dizer, depende do ponto de vista. Não acho que ser chupada seja algo ruim... não, não, definitivamente terminou mal.

— Como assim não foi uma boa ideia? Você ganhou! — Brianna riu, começando a ir em direção ao balcão de comida. — Falando nisso, Christian te pagou?

Eu a acompanhei e assenti, enquanto pedi um refrigerante de uva e o paguei.

— Ganhei dinheiro em cima do seu primo, então acho que minhas participações em rachas já podem se encerrar — murmurei, abrindo o refrigerante.

E confesso que ganhar do Kellan foi muito fácil. Estranhamente fácil. Fiquei dias me perguntando se ele não tinha me deixado ganhar. Mas acho que aquele idiota de ego alto não faria isso.

— Pensei que você fosse mais ambiciosa — ela bufou, se virando na minha direção com seu almoço. Na bandeja havia salada, macarrão com queijo, frango, e um suco natural. Ela olhou para o refrigerante em minhas mãos. — Você só vai comer isso?

Segui seu olhar e confirmei sua dúvida. Sabia que refrigerante não era algo muito saudável, mas não queria comer. Além de não querer ganhar peso, me sentia incapaz de ingerir comida de verdade. E pra ser sincera, não seria a primeira vez que eu pulava uma refeição.

— Não estou com fome — disse, tomando um gole do meu refrigerante.

Brianna estreitou os olhos na minha direção e eu desviei os meus.

— Vamos nos sentar em algum lugar — eu a chamei, olhando ao redor. — Ou você quer comer em pé?

Nisso, meus olhos pousaram na pessoa que eu gostaria de nunca mais ter encontrado até o fim dos meus dias. Aquele que eu desejava ter continuado evitando. Maldito dia que Kellan Royal soube que eu estava de volta.

Ele estava me observando de longe, com os olhos gélidos fixos em mim. Vestido com um moletom preto que tinha um nome que não consegui ler estampado em vermelho nos antebraços, ele parecia intimidador. O capuz estava erguido, cobrindo boa parte do cabelo escuro e liso.

Ele estava me observando com os cotovelos apoiados na mesa e as mãos unidas, uma em punho e a outra a cobrindo. Do outro lado havia um cara que estava de costas, mas ainda assim eu sabia que se tratava de Christian Yun, graças às tatuagens do braço.

Kellan assistiu atentamente quando tomei um gole do meu refrigerante. Ele parecia procurar algo a mais.

— Uh, Kellan está te comendo com os olhos. É nojento, na verdade — Ouvi Brianna resmungar e voltei a olhar para ela. — O que aconteceu quando ele te sequestrou no dia do racha? Vocês foderam em um lugar deserto?

Revirei os olhos e a empurrei levemente pelo ombro.

— Como você é intrometida... — Deixei escapar um sorriso breve. — Não aconteceu nada que tenha valido a pena.

— Me engana que eu gosto — Ela contorceu o rosto em uma careta.
— É até bom que você não me conte, assim me poupa de imaginar meu primo te comendo.

Revirei os olhos enquanto sorria.

— Vem, vamos nos sentar.

— A única mesa vaga que vejo é a que está perto do Kellan e do traficante.

Dei de ombros.

— É só ignorar ele — falei e ela assentiu, indo em direção à mesa.

A acompanhei e senti minha pele queimar cada vez mais conforme me aproximei de Kellan e de seus olhos frios. Meus passos pareciam estar sendo monitorados por ele, e era como se ele estivesse vendo minha alma. Era assim que ele me olhava.

Enfiei a mão no bolso do meu moletom e ergui meu queixo, pronta para passar por Kellan como se ele não existisse e não passasse de uma poeira em meu sapato. No entanto, ele se levantou da cadeira em que estava sentado e parou subitamente em minha frente, quase me fazendo colidir contra seu corpo. Ergui os olhos, me certificando de que ele percebesse todo o meu desprezo.

Ele me encarou de cima, com a cabeça levemente inclinada. Eu dei um passo para o lado, a fim de desviar do seu corpo, mas ele me acompanhou. Apertei a latinha de refrigerante.

— Dá pra sair da frente? — questionei, com uma carranca.

— Onde está sua bandeja? — Foi tudo o que ele perguntou, parecendo não mover um músculo para fazer o que mandei.

Tomei um gole da minha bebida sem cortar o contato visual com ele.

— Não vejo como isso pode ser da sua conta.

Olhei despreocupada para o refeitório, vendo os olhos de todos em nós e ouvindo mais cochichos. Me sentia exposta e odiava Kellan por estar fazendo com que eu passasse por isso. Se ele soubesse por que estava me escondendo de todos, se arrependeria?

— Tudo o que envolve você é da minha conta. Mas tenho um palpite... — Ele enfiou as mãos nos bolsos do moletom. — Você coincidentemente não está com fome? Assim como ontem e antes de ontem?

Fechei ainda mais a minha expressão.

— Você é cheio de palpites idiotas, cuide da sua vida — O olhei de cima a baixo.

— Farei isso — declarou, antes de agarrar minha mão livre e me puxar.

Lancei um olhar para Brianna, não a encontrando onde ela deveria estar. Procurei do lado direito de Kellan e a vi comendo, logo após revirar os olhos para Christian Yun.

Kellan se sentou em seu lugar e de repente eu fui puxada com uma força mediana que fez meu corpo se mover para frente, como se eu não pesasse nada. Então, antes que eu conseguisse processar, estava sentada entre as pernas de Kellan e de frente para a mesa.

— Opa, é sabor uva? — Christian perguntou, tomando o refrigerante de minha mão para então dar um longo gole, tomando tudo. — Eu adoro.

Estava chocada demais com o local onde estava sentada para esboçar alguma reação. Tentei sair, mas um braço forte serpenteou por minha cintura e a envolveu, de maneira firme.

Um peito largo se projetou as minhas costas e fiquei tensa.

— O que você está fazendo? — sussurrei. — Me deixe ir.

— Fique quieta e coma — Kellan atirou em meu ouvido, seus lábios acariciando minha orelha de maneira quase inexistente. — Você só sai daqui alimentada.

Meu choque e minha vergonha diminuíram quando a raiva subiu pelo meu peito. Olhei para Kellan por cima do ombro para encontrar o infeliz com uma expressão indiferente, como se essa situação toda fosse normal para ele.

— Quem você pensa que é para mandar em mim? — perguntei, entre dentes, cravando minhas unhas em seu antebraço. — Me solta, eu não vou mandar de novo!

O braço de Kellan se apertou em torno da minha cintura e me puxou ainda mais contra seu corpo. Minha bunda ficou pressionada em seu pau e seus olhos desceram para meus lábios.

— É melhor você comer antes que eu enfie outra coisa na sua boca — sussurrou, seu hálito quente beijando meu rosto. Ele não disse isso com gentileza, foi hostilidade pura.

— Eu vou começar a gritar e você não vai gostar do escândalo que vou fazer — Sorri, falsa.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— E ter os olhos de todos em você? Não acho que você queira isso já que está se escondendo.

Cerrei meus dentes.

— Eu não estou me escondendo!

— Não? Então você não se importaria com uma notícia sobre você em uma revista, não é? — perguntou em meu ouvido, e novamente fiquei tensa.

Eu sabia muito bem que ele estava me ameaçando com o tal paparazzi. Voltei minha atenção para Christian e Brianna, que estavam comendo em silêncio enquanto mexiam em seus celulares.

Nenhum dos dois parecia notar o que estava acontecendo comigo. Ou talvez eles apenas soubessem que ir contra Kellan era um caso perdido. *Filho de uma puta.*

— Eu não estou com fome — Ergui o queixo no exato momento em que minha barriga roncou bem onde a mão de Kellan estava.

Olhei lentamente para ele, o encontrando com a sobrancelha erguida, e senti meu rosto queimar pela vergonha que acabei de passar.

— Isso não quer dizer nada!

— Para mim significa você que está ignorando as necessidades do seu corpo. Coma ou vai perder peso.

Desviei meu olhar para baixo.

— E se eu quiser perder peso? Você se intromete demais em meus assuntos.

— Se for pelos motivos certos, tudo bem — respondeu em minha orelha, me causando arrepios involuntários. — Mas não vou assistir você ficar sem comer porque algum filho da puta disse que você tem que emagrecer. Não tem nada de errado com o seu corpo.

— Não fale besteiras — mandei, sentindo meu rosto queimar.

— Coma, ou então eu vou fazer uma besteira — rebateu, parecendo impaciente.

Diminuí o aperto de minhas unhas em seu braço e espremi meus lábios um contra o outro.

— E você?

— Tem o suficiente para nós dois.

Olhei para a bandeja e vi que ele estava certo. Tinha comida para três pessoas. Kellan era grande, e eu sabia que ele obviamente comia muito.

— Vamos dividir — eu disse.

— Você come o suficiente e depois eu como — declarou.

Olhei para ele por cima do ombro com as sobrancelhas franzidas, confusa.

— Mas aí você vai comer meus restos.

Uma das mãos de Kellan deslizou pela lateral esquerda do meu quadril e parou em cima da minha coxa. Era desconcertante o quanto esse excesso de intimidade não parecia estranho e era pateticamente confortável.

— É? Eu não me importo — murmurou, encarando meus olhos. — Coma.

Segurei minha língua para não soltar algum atrevimento, quando minha barriga roncou mais uma vez. Olhei para a bandeja, vendo macarrão com queijo, carne, purê de batata e couve. Segurei o garfo e enrolei o macarrão, pegando uma boa quantidade antes de enfiá-lo na boca.

Quase gemi quando o gosto explodiu em meu paladar, e logo comi mais uma garfada.

— Se está incomodado com a minha presença, suma, perdedor — Ouvi Brianna e olhei para ela, vendo que tinha largado o celular e estava comendo um pouco de salada.

Seus olhos estavam com um ar de indiferença, fixos em Christian, que parecia não estar muito diferente dela.

— Quando você comprar esta mesa com o dinheiro que o seu papai te dá, quem sabe — Ele deu de ombros, voltando os olhos para a tela do celular.

O rosto de Brianna adquiriu uma expressão raivosa, enquanto senti que a mão ao redor da minha cintura adentrou meu moletom e acariciou minha barriga com a palma quente e áspera.

Contraí o abdômen com o súbito carinho e olhei para Kellan, vendo que ele estava prestando atenção na prima e no amigo. Ele me olhou e arqueou uma sobrancelha, como se perguntasse “O que foi?”. Incapaz de continuar o contato visual, voltei a encarar minha bandeja. A bandeja de Kellan.

— Eu não preciso do dinheiro do meu pai para nada! — ela retrucou, entre dentes.

— A Porsche vermelha guardada na sua garagem que o diga — rebateu, sem olhá-la.

Brianna apertou o garfo, parecendo furiosa.

— Aquilo foi um presente de aniversário do meu pai. Todo mundo sabe que faço trabalhos como modelo.

Mesmo que o clima estivesse ficando tenso, não pude evitar de me sentir afetada quando Kellan desenhou círculos imaginários em minha coxa e a acariciou com um aperto firme, porém suave.

Inconscientemente, relaxei e voltei a comer, dessa vez um pouco de purê e couve.

— Nossa, como seu trabalho é cansativo — Christian a olhou, com falsa compreensão.

— Qualquer trabalho é melhor do que vender drogas e tentar manter um custo de vida que não te pertence — A prima de Kellan sorriu, puro veneno.

Tentei engolir a comida na minha boca para então parar a discussão, mas Kellan foi mais rápido.

— Chega.

Christian se debruçou sobre os cotovelos, encarando Brianna, enquanto eu comia.

— E qual é o custo de vida que me pertence? Trabalhar para gente como você, que nasceu com sorte? — Sorriu, erguendo uma sobrancelha. — Beijar a bunda de vocês por míseros dólares que no final do mês não vão dar nem para o aluguel?

Brianna se ergueu e jogou a mochila nos ombros, pegando o celular.

— Vá se foder, estou cheia de você e de ouvir o que você pensa sobre mim — Pegou a bandeja e se virou para ir embora, a passos rápidos.

Vi Christian acompanhá-la com o olhar e sua mandíbula travar, como se estivesse furioso. Me levantei para ir atrás de Brianna, mas Kellan me manteve no lugar com seu braço de aço.

— Eu quero ir embora, não estou mais com fome — eu disse, tentando afastar o braço dele da minha cintura.

— Qual a merda do problema entre vocês? — ele perguntou a Christian, me ignorando.

Encarei Kellan, com uma carranca, e tentei sair de novo, mas ele me ignorou outra vez. Apenas bufei e olhei para Christian, que estava com a sobrancelha erguida, em descaso.

— O meu? Nenhum.

Não sei se foi de maneira inconsciente, mas Kellan diminuiu o aperto ao redor da minha cintura.

— Vocês não conseguem ficar na presença um do outro sem causar problemas? — questionou.

— Sua prima não suporta ouvir a verdade.

— A verdade absoluta? — Kellan atirou. — Ou aquilo que você quer que seja a verdade?

Christian travou o queixo.

— A sua prima não é santa, você saberia se não passasse a mão na cabeça dela — Yun comentou, jogando uma azeitona na boca.

Kellan riu, com sarcasmo, e um celular que pareceu ser dele — já que estava ao lado da sua bandeja — acendeu. Inclinei um pouco a cabeça para ver a tela quando o que parecia ser uma mensagem, chegou.

Cerrei meus dentes quando li o nome da pessoa. Era Jenna, e ela dizia que estava com saudades e que queria se encontrar ele.

— Eu, mais do que ninguém, sei que Brianna não é santa — o idiota continuou. Mas o que te dá o direito de atacá-la até quando ela não faz nada?

Me levantei rapidamente do colo de Kellan antes que Christian respondesse, me aproveitando de sua distração.

— Pare de cuidar dos problemas dos outros e cuide da sua vida — cuspi, enquanto dava a volta nele, e pegava minha mochila. Eu sorri — Você tem compromisso.

Provoquei, e saí andando o mais rápido que pude para longe da presença de Kellan. No caminho até a saída do refeitório, senti minha nuca queimar, e nem precisava me virar para saber que era Kellan quem estava me fuzilando.

Saí do refeitório e apertei minhas mãos em punhos enquanto sentia o ódio crescer no peito. Como ele podia fingir casualidade comigo no colo quando recebia mensagens de Jenna com tanta intimidade? Era sempre assim que funcionava, ela dizia que queria vê-lo e ele ia? Eles sempre se encontravam?

Eu não sabia o que fazer para conter o ciúme no meu peito. Eu gostaria de puxar os cabelos de Jenna nesse exato momento e matar Kellan com minhas próprias mãos. Mas ele não era meu, e se eu fizesse isso seria apenas uma idiota que briga pelo que não me pertence.

Fui burra por me sentir confortável nos braços dele quando ele se sentia bem nos braços de qualquer uma. Nos de Jenna Watson. Ele ao menos sabia que ela fez da minha vida um inferno?

Apressei meus passos, querendo encontrar Brianna, quando o sino do fim do horário de almoço soou e eu virei no corredor. Senti alguém esbarrar em mim com tanta força, que fui ao chão.

Minha bunda absorveu o impacto e, brava, eu olhei para frente, percebendo que tinha colidido com um garoto que, por sinal, também estava no chão.

— Merda — resmunguei, olhando para ele, que estava reunindo seus papéis que caíram.

— Me desculpe, estava tentando pôr meu material na minha mochila e não olhei por onde andava — respondeu, de cabeça baixa, parecendo nervoso.

Vi o que parecia ser um fone de ouvido em sua orelha direita, mas dada a sua cor — bege — deduzi que deveria ser um aparelho auditivo.

Bufando, fiquei sobre meus joelhos e reuni alguns papéis em minhas mãos para ajudá-lo, afinal eu também estava distraída e tinha parte da culpa. Movi minha mão para pegar uma folha perto de sua bolsa, quando meus olhos pousaram em uma foto.

— O que é isso? — questionei, pegando-a em minhas mãos. — Por que você tem uma foto do meu irmão?

De cabeça baixa, vi o garoto ficar tenso e apertar as mãos no tecido da calça jeans. Ele se levantou do chão e finalmente ergueu os olhos para que eu os visse. Após alguns segundos o encarando, reconheci que se tratava do garoto do ensino médio que sofria bullying por ter uma deficiência auditiva.

Qual era o nome dele mesmo?

— Me devolva a foto, por favor... — ele pediu. Não, ele implorou, com os olhos contornados por um lápis preto.

— Eu te fiz uma pergunta — eu disse, erguendo a foto do meu irmão para que ele a visse. — Por que você tem uma foto dele?

Kellan era o único amigo próximo do Rapha.

O vi amassar a barra da camisa quando a reuniu entre as mãos cheias de anéis. Ele mordeu o lábio com força, enquanto me encarava sem dizer nada. Olhou para baixo, parecendo querer manter o silêncio.

Mas para a minha surpresa, ele ergueu o rosto.

— Eu era... Bom, eu era... — Baixou o tom de voz quando o corredor começou a ficar cheio e movimentado. Ele parecia nervoso. — Namorado do seu irmão.

Arqueei uma sobrancelha.

— O quê? Meu irmão não namorava — Ri, sarcástica.

Ele me encarou sério e com um semblante triste, e meu sorriso caiu quando me recordei do que Raphael me disse dias antes de morrer. Arregalei os olhos.

Encarei a foto em minhas mãos, vendo que meu irmão estava sorrindo para a câmera de um jeito preguiçoso. A cabeça dele apoiada no colo de alguém mostrava quão confortável e totalmente relaxado ele estava.

— Você era a pessoa que o meu irmão queria me apresentar — declarei.

Tive minha confirmação quando ele desviou o olhar. De fato, essa foi a melhor resposta.

Me abaixei e peguei suas coisas que ainda estavam no chão, as enfiando em sua mochila e entregando para ele. Então, agarrei a mão do garoto e comecei a arrastá-lo para longe do corredor.

— Para onde está me levando? — ele perguntou, desesperado. — Olha, eu não quero problema, ok? Minha aula já vai começar, me deixa ir!

Eu o ignorei e continuei a puxá-lo para fora da universidade. Caminhei com ele em direção à parte de trás do prédio, onde eu sabia que, nesse horário, não teria ninguém.

Depois de tanto tempo, eu finalmente descobri o namorado do meu irmão. Pensei que essa dúvida ficaria para sempre na minha cabeça, mesmo que eu a tenha deixado de lado no decorrer dos anos.

Quando cheguei onde eu queria, larguei a mão do garoto e me virei para encará-lo. Ele arregalou os olhos e se encolheu contra a parede.

— Olha, se lembre de que bater em gay é crime! — ele disse.

— O quê? Eu não vou te bater! Eu quero conversar com você.

— Me levando para trás da universidade como uma valentona? — Ele arqueou uma sobrancelha, e então suspirou, encolhendo os ombros. — Me desculpe, você não pareceu reagir muito bem à descoberta e eu entendi mal.

Neguei com a cabeça, ainda agarrada a foto.

— Não é isso — gaguejei. — Como é o seu nome?

— Eric. Eric Simmons — respondeu, me olhando com menos cautela agora.

Sim. Esse era o nome dele.

Eu assenti com a cabeça.

— Faz alguns dias que estou nessa universidade, como eu nunca te vi por aqui?

Eric relaxou contra a parede, com a qual quase se fundiu, e agarrou a mochila contra o corpo.

— Fiz um bom trabalho te evitando — Deu de ombros. — Além de eu ter certeza de que você não sabia sobre mim, você se parece muito com...

— Com o Rapha — terminei sua frase e ele assentiu.

— É doloroso olhar para você e lembrar que ele morreu — Sorriu minimamente, os olhos ficando marejados.

Engoli o bolo que se formou em minha garganta.

— Não acho que alguém tenha dito isso para você, mas... — eu pigarreei, olhando para ele. — Eu sinto muito.

Uma lágrima escorreu por sua bochecha e ele assentiu várias vezes, pegando a foto, que entreguei a ele.

— Eu também sinto muito — Sorriu, em meio às lágrimas. — Seu irmão te amava muito, falava de você a todo momento.

Mordi meu lábio com força quando meus olhos se encheram de lágrimas. Lágrimas que eu não queria derramar novamente.

— Você deve ter gostado muito dele — comentei, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu amava o seu irmão. Na verdade, eu ainda o amo — declarou, assentindo à medida que mais lágrimas caíam. — Não tem um dia que eu não pense no Raphael e em como eu sinto muita, muita falta dele.

Eu também sentia.

— Me desculpa se eu estou chorando feito um idiota — Ele riu, limpando as lágrimas com as costas das mãos. — É só que eu me segurei demais, não tinha ninguém com quem compartilhar a dor da perda. Kellan Royal tentou se aproximar de mim, mas eu estava com tanta dor que não aguentava ter por perto algo que lembrasse o Raphael.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Kellan sabia de você?

— Ele levou Rapha algumas vezes na minha casa, quando os dois estavam juntos.

Claro. Claro que Kellan saberia de tudo, ele e Rapha eram inseparáveis.

— Por um tempo eu também senti que tudo me lembrava o Rapha...
— Olhei para a foto em sua mão.

— Em um momento, eu tinha tudo dele. E de repente, mais nada. Foi como se ele nunca tivesse entrado na minha vida — desabafou, fazendo meu peito doer. — Por um longo tempo o fantasma dele me assombrou e eu não soube o que fazer. Passava noites desejando voltar no tempo e impedir que ele entrasse naquela Lamborghini.

Eu sabia como era. Porra, como eu sabia. Eu sentia isso todos os dias, a cada momento.

Meu celular vibrou no bolso e eu o peguei, ligando a tela e vendo que era uma mensagem de Brianna perguntando se eu gostaria de ir à boate *Eden's Garden* hoje.

Voltei meus olhos para Eric.

— Você... Você quer sair comigo e uma amiga hoje à noite? — perguntei, com uma timidez desconcertante.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim.

— Eu? — Eric perguntou e eu assenti. Ele pensou por alguns segundos e então acenou com a cabeça, sorrindo minimamente. — Claro. Eu adoraria.

Devolvi seu sorriso.

— Posso ter uma cópia? — Indiquei a foto com o queixo.

— Claro — Eric assentiu.

Depois de toda aquela pequena confusão, me permiti observá-lo.

Seu cabelo era levemente ondulado e seus olhos castanhos esverdeados estavam decorados com lápis preto; havia pequenas sardas ao redor do seu nariz. Estava vestido com uma camisa preta de botões soltinha e uma calça jeans um pouco larga, coturnos em seus pés. Ele era lindo, e as unhas pintadas de preto lhe davam um charme a mais.

Agora percebo que, sempre que eu pareço aceitar um pouco mais a morte do meu irmão, algo faz tudo voltar à tona. Como Eric disse, o fantasma dele sempre vai estar entre nós e em cada detalhe.

E eu não tinha medo, muito pelo contrário. Sentia falta de Raphael.



*“Não me chame de egoísta, odeio dividir
Esses 60/40 não estão funcionando
Eu quero 100 do seu tempo, você é minha”*
Tyler, The Creator – New Magic Wand

Kellan Royal

Vícios. Todos nós temos, nem que seja apenas um.

Desde pequenos somos ensinados que não devemos adquiri-los se quisermos ter controle sobre nossas vidas e ações. Caso contrário, eles nos transformam em robôs que fazem suas vontades.

Uns tem vício em drogas, outros em jogos de aposta. São tantos que nem mesmo conseguiria pontuar todos. E mesmo que eu não use mais drogas, precisava admitir que agora eu, oficialmente, podia me declarar um viciado. Viciado em Ryen Rodríguez.

Cresci ouvindo que eu não deveria desejar aquilo que eu não podia ter. Aquilo que não era meu. Porque o que é nosso, sempre chega quando é a hora. E nos é dado sem muito esforço. Mas eu não me importava se Ryen era para mim ou não. E se ela não nasceu para ser minha, eu iria torná-la minha.

Estava pouco me fodendo se algum filho da puta estava destinado a ela, eu fazia o meu próprio destino. E ela foi incluída nele de maneira permanente.

Como já disse, eu parei de usar drogas, mas aí ela colocou a boca no meu pau e eu provei de sua boceta, e essa foi minha perdição. Estava viciado em tudo o que era dela. Seus olhos desafiadores, seu cabelo escuro cheio e a personalidade conflitante.

Porém, toda vez que eu chegava perto de fodê-la, eu lembrava de Raphael e do buraco para o qual eu o arrastei. Eu tinha o direito de transar

com ela sendo o assassino do seu irmão? E era nessa hora que todo o meu egoísmo ia embora e eu lembrava que não tinha como possuí-la.

Então me expliquem por que, mesmo eu sabendo disso, Ryen estava sentada no meu colo agora.

— Eu vou começar a gritar e você não vai gostar do escândalo que vou fazer — Ela sorriu falsamente e eu arqueei uma sobrancelha.

— E ter os olhos de todos em você? Não acho que você queira isso já que está se escondendo — A olhei com uma inocência fingida.

Sabia que era muita “filha da putagem” ficar a chantageando com algo de que ela aparentemente tinha medo. Mas eu seria hipócrita se dissesse que me importo. E mesmo que eu não vá realmente ligar para o paparazzi, Ryen parecia só se comportar sofrendo ameaças.

— Eu não estou me escondendo — ela cerrou os dentes.

— Não? Então você não se importaria com uma notícia sobre você em uma revista, não é? — perguntei em seu ouvido e fiquei inebriado com seu perfume.

Era doce e suave. Mais como o cheiro de seu shampoo, e não um perfume qualquer. Quase não consegui conter a vontade de beijar o topo de sua cabeça e cheirar seus cabelos.

E falando neles, agora estavam um pouco mais curtos do que na última vez que nos encontramos, chegando um pouco acima dos seios. O corte malfeito e desajeitado havia sumido, e esse novo estilo de cabelo combinava com ela.

— Eu não estou com fome — Ela ergueu o queixo, em birra, no exato momento em que sua barriga roncou alto.

Sem jeito, Ryen olhou lentamente para mim e eu ergui minha sobrancelha, a encontrando com as bochechas coradas de vergonha por ter sido desmentida em segundos. Me esforcei para não sorrir.

— Isso não quer dizer nada — tentou se defender, insistindo na mentira.

Era fofo como ela não dava o braço a torcer de jeito nenhum. *Mas, porra, que mulher teimosa do caralho!*

— Para mim significa que está ignorando as necessidades do seu corpo — respondi, já sem paciência. — Coma ou vai perder peso.

Para a maioria das pessoas, podia passar despercebido o fato de ela mal se alimentar, mas para mim, não. Eu sempre via quando ela pulava o

almoço e o substituí por um refrigerante nada saudável ou qualquer outra coisa tão prejudicial quanto.

O problema não era ela querer perder peso, e sim o fato de ela ter uma imagem distorcida de si mesma porque uma professora filha da puta disse que ela tinha quadris largos demais. Essa vontade de emagrecer não vinha genuinamente dela.

Ryen desviou os olhos para baixo.

— E se eu quiser perder peso? — a atrevida questionou. — Você se intromete demais em meus assuntos.

Apertei meu braço ao redor dela, sentindo sua bunda encaixar perfeitamente em mim.

— Se for pelos motivos certos, tudo bem. Mas não vou assistir você ficar sem comer porque algum filho da puta disse que você tinha que perder peso. Não tem nada de errado com o seu corpo — respondi, sentindo seu perfume me intoxicar cada vez mais.

Ryen franziu as sobrancelhas bem desenhadas.

— Não fale besteiras — mandou, as bochechas ficando vermelhas mais uma vez.

— Coma ou então eu vou fazer uma besteira.

Não gostava do quanto ela negligenciava a própria saúde.

Ryen diminuiu o aperto de suas unhas em meu braço e pressionou os lábios um no outro. Ela me olhou por baixo dos cílios longos.

— E você?

— Tem o suficiente para nós dois.

Ryen olhou para a bandeja e pareceu refletir sobre o que eu disse. Ela encarou o purê de batata e o peito de frango.

— Vamos dividir — ela declarou.

Teimosa.

— Você come o suficiente e depois eu como.

Ela me olhou por cima do ombro, com as sobrancelhas franzidas.

— Mas aí você vai comer meus restos — murmurou, parecendo confusa. Minhas respostas não pareciam fazer sentido para ela.

Deslizei minha mão pela lateral esquerda do seu quadril e parei em cima de sua coxa. Não tinha nada de sexual nesse toque, eu apenas sentia necessidade de tocá-la, nem que fosse em um só fio do seu cabelo escuro e sedoso.

— É? Eu não me importo — falei, encarando seus olhos.

Ela pareceu querer soltar algum comentário, quando sua barriga roncou mais uma vez. Ryen olhou para a bandeja e continuou a encará-la por mais alguns segundos antes de segurar o meu garfo e pegar uma boa quantidade de macarrão, a enfiando na boca.

Sorri sem que ela visse e enrolei uma fina mecha de seu cabelo em meu dedo distraidamente.

— Se está incomodado com a minha presença, suma, perdedor — Ouvi minha prima dizer e olhei para ela, a vendo comer ao meu lado.

Quase me esqueci que Yun e ela estavam aqui.

Seus olhos estavam frios e fixos em Yun, que parecia estar pouco se fodendo para ela.

— Quando você comprar esta mesa com o dinheiro que o seu papai te dá, quem sabe — Ele deu de ombros, voltando os olhos para a tela do celular.

O rosto de Brianna adquiriu uma expressão raivosa e eu revirei os olhos, cansado da mesma ladainha.

Lentamente, afastei minha mão da cintura de Ryen e adentrei seu moletom, minha palma fazendo contato com a pele quente e macia de sua barriga. Sem dizer nada, eu a acariciei, prestando atenção em Brianna e Yun.

Ryen contraiu o abdômen, e quando a encarei, percebi que ela já me olhava. Arqueei uma sobrancelha para ela em uma clara interrogação, e ela sustentou meu olhar por mais alguns segundos antes de voltar sua atenção para a nossa bandeja.

— Eu não preciso do dinheiro do meu pai para nada! — minha prima rosnou.

Yun manteve os olhos na bandeja.

— A Porsche vermelha guardada na sua garagem que o diga.

— Aquilo foi um presente de aniversário do meu pai, todo mundo sabe que faço trabalhos como modelo — Ela bateu o garfo na mesa, puta da vida.

Sempre que os dois estavam no mesmo ambiente, era a mesma merda. Brigavam e se xingavam o tempo todo. Era irritante.

Não se gostavam, mas isso me intrigava.

Voltei minha mão para a coxa de Ryen e a acariciei com um aperto enquanto comecei a desenhar círculos imaginários no estômago dela. Como

se fosse mágica, a senti relaxar e deixar as costas descansarem em meu peito enquanto comia.

— Nossa, como seu trabalho é cansativo — Yun atirou.

— Qualquer trabalho é melhor do que vender drogas e tentar manter um custo de vida que não te pertence — Brianna cuspiu.

Voltei meus olhos para minha prima quando vi que a briga estava indo longe demais e me incomodei com o jeito que ela estava falando dele.

— Chega — me dirigi aos dois.

Yun se debruça sobre os cotovelos, encarando Brianna.

— E qual é o custo de vida que me pertence? Trabalhar para gente como você, que nasceu com sorte? — Ele sorriu. — Beijar a bunda de vocês por míseros dólares que no final do mês não vão dar nem para o aluguel?

Minha prima se levantou e jogou a mochila nos ombros, pegando o celular.

— Vá se foder, estou cheia de você e de ouvir o que você pensa sobre mim — Ela esbravejou, pegando a bandeja e se virando para ir embora, a passos rápidos.

Vi meu amigo acompanhá-la com o olhar, a fuzilando. Ryen se levantou para ir atrás de Brianna, mas eu a mantive no lugar com meu braço ao seu redor.

— Eu quero ir embora, não estou mais com fome — ela disse, tentando tirar meu braço de sua cintura.

— Qual a merda do problema entre vocês? — questionei Yun.

Ryen tentou sair de novo, mas quando viu que não conseguiria, bufou e ficou quieta.

— O meu? Nenhum — Ele deu ombros.

— Vocês não conseguem ficar na presença um do outro sem causar problemas?

— É sua prima que não suporta ouvir a verdade — Cruzou os braços.

— A verdade absoluta — eu atirei. — Ou aquilo que você quer que seja a verdade?

— Sua prima não é santa, você saberia se não passasse a mão na cabeça dela — Jogou uma azeitona na boca.

Eu ri, com sarcasmo, diante de seu comentário. Sim, talvez eu protegesse demais Brianna. Mas era mais forte do que eu. Era inevitável

fazer isso quando eu sabia quão perigosa ela é para si mesma.

— Eu, mais do que ninguém, sei que Brianna não é santa — eu disse. — Mas o que te dá o direito de atacá-la até quando ela não faz nada?

De maneira súbita e inesperada, Ryen se levantou do meu colo, e percebi que em algum momento de distração, devo ter aliviado meu aperto em sua cintura.

Ela me encarou com pura raiva, as mãos apertadas em punho.

— Pare de cuidar dos problemas dos outros e cuide da sua vida — ela disse, enquanto dava a volta em mim e pegava sua mochila. — Você tem compromisso.

Antes que eu perguntasse que tipo de compromisso eu tinha, ela me deu as costas e começou a andar em direção à saída do refeitório, a passos rápidos. A vi sumir pela porta e olhei para Yun com uma cara de “Que porra foi essa?”.

Ele deu de ombros e voltou a comer sua refeição, enquanto neguei com a cabeça, confuso e puto por não saber o que aconteceu.

Meu celular vibrou e eu o peguei, vendo pela tela uma mensagem de Jenna dizendo que queria me ver e que estava com saudades. Revirei os olhos e me levantei da cadeira, pondo o celular no bolso da calça. Tinha que apagar o número dela. Por sorte, ela não estudava nesta universidade, caso contrário, tudo seria mais irritante.

— Onde vai? — Yun perguntou, antes de tomar um gole de suco.

— Atrás dela — resmunguei, pegando minha mochila.

Yun assentiu e olhou para a própria bandeja.

— Sabe, eu conheci uma intercambista brasileira e ela me apresentou uma música mais ou menos assim “Vem aqui, que agora eu tô mandando...” — Yun começou a cantar, enrolando o macarrão no garfo. — “Vem meu cachorrinho, a sua dona tá chamando...”.

Firmei meus dedos em minha mochila e tentei dar uma pancada na cabeça de Christian, mas ele bloqueou o ataque enquanto ria.

— Filho da puta — resmunguei, não evitando o sorriso que brotou em meus lábios.

Ele ergueu o dedo do meio para mim e voltou a comer, pegando seu telefone quando ele vibrou. Comecei a andar para fora do refeitório, pensando se ainda dava tempo de encontrar Ryen no corredor.

Eu precisava entender o porquê de ela ter surtado do nada, quando parecia tão relaxada em meu colo minutos antes. Não foi coisa da minha

cabeça, eu pude perceber quão confortável ela estava comigo, mesmo tendo mostrado teimosia no início.

Suas bochechas ficaram vermelhas e, por breves momentos, ela ficou tímida. Se eu tiver imaginado isso, porra... Só mostraria quão fodido e doente da cabeça eu era. O que não seria surpresa.

O sinal tocou e eu procurei Ryen no meio dos alunos, que começaram a aparecer nos corredores, a maioria indo em direção às salas de aula, já que o horário de almoço tinha acabado. Não demorou muito até que meus olhos pousassem em uma figura de moletom largo e cabelo escuro.

A observei de longe, conversando com Eric Simmons de olhos arregalados. Era como se ela estivesse vendo um fantasma, ou melhor, ouvindo falar sobre um. Parece que alguém, finalmente, descobriu um segredo.

Eric Simmons era o cara por quem Raphael era apaixonado no ensino médio. E mesmo que aquele idiota não gostasse da palavra paixão, era isso que ele sentia pelo garoto. Por dois anos ele gostou de Eric, mas foi apenas cinco meses antes de sua morte que eles se envolveram, depois de o meu amigo se declarar.

Eu era o único que sabia disso, afinal Eric era um garoto tímido e sofria bullying por ter uma deficiência auditiva. Rapha batia em todos que faziam isso, mas às vezes ele não via o bullying.

Depois que Raphael morreu e eu voltei para o colégio, após minha recuperação, eu mesmo me encarreguei dessa questão do bullying que Eric sofria, mas o garoto se tornou uma sombra nos corredores do colégio e eu mal o via. Ele sempre desviava o olhar quando me encarava, talvez pensasse que eu era culpado pela morte do seu namorado tanto quanto eu pensava nisso.

Ryen agarrou o pulso de Eric e começou a arrastá-lo pelo corredor. Eu apenas os segui com o olhar até que sumissem. Decidi dar essa folga a ela.

— Cara, você parece um psicopata observando-a de longe — Yun falou, ao meu lado, me fazendo notar sua presença só agora.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você aparece aqui do nada e eu quem sou o psicopata?

— Qual o motivo de você estar putinho? — Ele apoiou o ombro em um armário próximo a nós, mascando um chiclete enquanto me olhava. —

Hum, me deixa pensar. Você veio atrás da pequena Rodríguez e ela te mandou para o inferno de novo?

Eu sorri, incrédulo com a cara de pau desse filho da puta e com o modo como ele sempre parecia disposto a me alfinetar de alguma maneira. Mesmo depois desse tempo todo que éramos amigos, estava começando a suspeitar que me irritar era seu hobby favorito.

— Não era eu quem estava puto minutos atrás — O encarei, sorrindo. — Então, Chris. Já se recuperou do ferimento que Brianna causou em seu ego?

O sorriso dele sumiu.

— Você é um filho da puta que estraga a alegria de qualquer um — rosnou, entre dentes. — Não vou te perguntar se já te disseram isso porque tenho certeza que sim.

Ele tinha razão.

— Eu só mencionei a Brianna — Dei de ombros, querendo sorrir.

— Isso já é depressão o suficiente — Revirou os olhos.

Dessa vez eu não consegui controlar a curta risada que escapou dos meus lábios, e Yun deu um soco no meu braço, provavelmente para que eu parasse.

— Ria o quanto quiser, seu merda. É você quem vai carregar ela pelo resto da vida — ele debochou, antes de olhar ao redor. — Cadê a coitada a quem você persegue?

Eu também gostaria de saber. Estava me coçando para ir atrás dela, mas ela e Eric tinham muito o que conversar. Precisam desse momento só deles. Muitas coisas ficaram guardadas por muito tempo e finalmente vieram à tona.

Passei os dedos por meu cabelo.

— Eu não a persigo.

— Cara, você poderia se enquadrar na categoria *stalker* — ele zombou, me olhando da cabeça aos pés, enquanto tirava o celular do bolso. — Falando em perseguição, eu descobri uma coisa.

Yun fez uma bola com o chiclete e a estourou, enquanto desbloqueava o celular e entrava no aplicativo de mensagens. Ele clicou em uma conversa e deslizou as mensagens até parar na que queria. Estendeu o celular para mim e eu o peguei.

— Por que isso?

— Ryen entrou em contato com um colega meu. Ela tentou comprar cocaína e LSD — Pôs as mãos nos bolsos da calça, mascando o chiclete. — Vai lendo as mensagens, mais embaixo tem uns prints.

Fiz o que ele mandou e ergui uma sobrancelha quando encontrei as imagens que ele mencionou. Nelas, Ryen tentava comprar cocaína e LSD, mas o cara negou de primeira. Ela dobrou o valor da oferta, mas ele voltou a negar, inabalável.

Enrijeci a mandíbula e devolvi o celular de Yun, sentindo meu sangue ferver pela maneira como ela parecia desesperada por essas merdas. Não, ela não parece. Ela está.

Não sabia quanto tempo levaria até que ela entrasse em abstinência e começasse a realmente surtar por essas porcarias que só vão afundá-la. Se Raphael estivesse aqui, teria uma síncope quando descobrisse que a irmã virou uma viciada.

— Ele não vendeu, não é? — Eu já sabia a resposta, mas precisava de uma confirmação.

— Eu disse que não ia deixar ninguém vender droga a ela. Sempre cumpro com minha palavra — respondeu, guardando o celular. — Não vai demorar até que o corpo dela comece a sentir falta dos efeitos, cara.

Dentro dos bolsos do meu moletom, apertei minhas mãos em punhos.

— Ryen não vai parar até conseguir.

— Não seria mais fácil dar logo o que ela quer? — ele perguntou, com as sobrancelhas franzidas. — As coisas realmente vão ficar feias.

Encarei Christian. Não.

Entregar a droga para ela, depois de quase um mês sem usar, apenas para que ela não surte ou entre em abstinência? Eu poderia muito bem fazer isso, mas dar um gostinho a ela só vai fazer com que ela queira mais e mais.

E eu não vou suportar que isso acabe com a vida dela como quase acabou com a minha. *Com a do seu irmão.*

— Ela vai ter que aprender a viver sem isso — sentencieei, encarando o lugar onde ela estava minutos atrás.



— Filho, vai sair?

Quando estava no último degrau da escada, ouvi a voz da minha mãe.

Olhei para ela, no topo, com um vestido florido simples que ia até abaixo dos joelhos e o cabelo loiro escuro caindo sobre as costas. Ela desceu a escada degrau por degrau, com as costas retas e uma elegância impressionante. Ela sempre foi assim.

— Sim — respondi, indo até ela para ajudá-la a descer o último degrau. — A senhora precisa de algo?

— Não, só vi você saindo do seu quarto todo arrumado e estranhei, pelo horário. Você disse que não ia sair hoje — respondeu, me encarando.

Olhei para o relógio em meu pulso, vendo que já eram quinze para a meia-noite. Nem reparei na hora quando Yun me ligou e disse que uma pessoa tinha acabado de chegar à boate com Brianna e Eric Simmons. Nem precisei pensar se era ou não a *maldita*.

— Preciso resolver umas coisas — eu falei.

— Você vai organizar mais um daqueles rachas, não vai? — Minha mãe arqueou uma sobrancelha, o rosto delicado contorcido em uma carranca.

Estava mais para tentar organizar o juízo de Ryen.

— Sim — menti.

— Filho, até quando você vai ficar se pondo em risco desse jeito? Correndo nesses rachas perigosos? — Ela agarrou meus braços. — Você está pensando que é o Toretto de Velozes e Furiosos? Eu sabia que não devia ter deixado você assistir a esses filmes quando era pequeno, tudo culpa do seu pai.

Eu sorri, agarrando seus ombros delicados em minhas mãos.

— Mãe, não exagere — disse a ela. — Eu tomo cuidado, não precisa se preocupar.

Ela passou os braços ao redor da minha cintura, sua cabeça indo de encontro ao meu peito.

— Eu tenho medo de que você se machuque de novo, Kellan... — sussurrou, me abraçando mais apertado. — Não vou aguentar te ver desacordado em cima de uma cama de hospital mais uma vez.

Acaricieei suas costas antes de pegar seu rosto em minhas mãos e fazê-la olhar para mim.

— Eu não vou, mãe. Prometo que estou tomando cuidado, ok? — eu a tranquilizei, sabendo que era uma meia verdade. — Meu pai já chegou?

Ela me soltou e eu larguei seu rosto quando ela deu um passo para trás.

— Não, ele disse que ia ficar até tarde na empresa hoje.

— Já jantou? — perguntei, e ela negou com a cabeça. — Então jante quando eu sair, não espere o meu pai, já que ele vai chegar tarde. Tenho que ir agora, se precisar de algo, me ligue — Beije o topo de sua cabeça.

Quando estava prestes a me afastar, ela agarrou minha mão.

— Quando você trará a Ryen aqui de novo? — minha mãe perguntou, em tom de resmungo. — Eu esqueci de pegar o número dela da última vez, quero vê-la. Não sei por que ela está em um apartamento quando poderia ter ficado conosco.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Tem razão, mãe — Sorri largamente ao ouvir isso. — E não se preocupe, vou trazê-la aqui de novo. Talvez eu até a convença a vir ficar com a gente.

Lógico que eu estava mentindo para tranquilizá-la. Ryen e eu debaixo do mesmo teto não daria certo, porra.

Agora foi a vez da minha mãe sorrir, e soltar minha mão para bater palminhas, alegre.

— Você faria isso, filho?

— Claro, eu vou tentar o meu máximo — Assenti várias vezes. — Só não vou insistir muito porque é chato, e talvez a Ryen queira um espaço só para ela.

— Tem razão... — O sorriso dela murchou.

— Mas não se preocupe, mãe! — Eu sorri. — Ela ama vocês, tenho certeza de que vai gostar muito do convite.

Minha mãe se aproximou de mim e esticou a mão para acariciar minha bochecha.

— Faça o seu melhor, filho — falou, sorrindo. — Você volta para casa ou para o seu apartamento?

— Não sei. Se a senhora ainda estiver acordada, mando uma mensagem — eu disse e ela assentiu. — Vou indo, mãe. Jante e descansa.

Lhe dei as costas e andei em direção à porta, a fechando, enquanto puxava do bolso a chave da minha Ferrari. Eu poderia ir de BMW, mas fazia dias que ela estava abandonada.

Minha mãe nunca gostou que eu participasse de rachas, e isso piorou quando eu entrei em coma e quase morri. No entanto, ela nunca me proibiu, mesmo depois de tudo; ela apenas demonstrava que não gostava e deixava evidente a sua preocupação em relação a isso.

Fui até a garagem e apertei o botão da chave para que o portão se abrisse. Caminhei até a minha Ferrari e a destravei, entrando nela em seguida. Aos poucos eu me afastei de casa, dirigindo em direção à boate *Eden's Garden*. Eu não deveria estar indo de encontro a *ela*, eu deveria manter distância antes que eu sucumbisse às minhas vontades e a corrompesse.

Mas tinha algo em Ryen que fazia meu coração acelerar e criava uma emoção no meu peito, fazendo com que eu me sentisse vivo. Foi assim quando ela nasceu e eu a peguei nos braços, e continuava sendo assim hoje. Não importava quanto tempo tivesse passado.

Em menos de dez minutos cheguei à boate e saí da Ferrari, travando as portas dela. Ignorei a enorme fila e os seguranças abriram espaço para que eu passasse, me cumprimentando com um aceno de cabeça que logo retribuí.

Logo no início do corredor estreito iluminado com luz vermelha, escutei a música alta. *Party Monster*, do *The Weekend*, explodia das caixas de som e o barulho ficou ainda mais alto quando finalmente entrei por completo no ambiente. Casais estavam dançando e bebendo. Nas mesas havia pó espalhado enquanto algumas pessoas cheiravam e riam.

Esse lugar era como um paraíso de dinheiro para Yun. Ele vendia droga como água, porém mal usava alguma coisa. Seu único uso constante e indispensável era a maconha, fora isso, nada mais importava.

A primeira pessoa que procurei foi Ryen, mas na parte de baixo eu não teria uma visão ampla da boate. Fui em direção às escadas e subi, enquanto algumas pessoas me cumprimentavam. Acenei com a cabeça, as mãos nos bolsos da minha jaqueta.

Ajustei meu boné preto e andei em direção a Yun, que estava no mesmo lugar de sempre. Me aproximei e vi quando ele vendeu algo a uma garota que não parecia ter mais que dezoito anos.

— Você já sabe o preço da cocaína, garota — ele disse, de costas para mim. — Por que você trouxe apenas a metade da grana?

A garota loira de cabelo cacheado até os ombros e cheia de sardas estendeu algumas notas para ele.

— É tudo o que eu tenho, prometo trazer o resto amanhã — ela falou, os olhos vermelhos.

Tinha certeza que a cocaína de agora não era a única droga que essa garota usou esta noite.

— Você já fez isso, Clary, — Yun inclinou a cabeça para o lado — e não me deu a porcária do dinheiro. Eu deixei para lá daquela vez, mas não vou fazer isso de novo.

Por cima do ombro de Yun, a vi se aproximar e deslizar o indicador pela bochecha dele.

— Eu posso te pagar de outro jeito, você sabe... — insinuou, com uma voz sensual, lançando um olhar sugestivo.

Yun bateu levemente na mão dela, a afastando.

— Eu não quero te comer, quero a porra do dinheiro completo — ele respondeu, jogando o pacote de pó na mesa mais próxima. — Agora vaza daqui e só volte quando puder pagar pelas porcarias que usa. — Indicou com a cabeça para que ela sumisse.

A garota olhou para mim por alguns segundos e Yun seguiu seu olhar, notando que eu estava ali. Me sentei no sofá de formato oval e ergui uma sobrancelha quando a garota, de repente, se ajoelhou aos pés do meu amigo.

— Ai... — ele resmungou, tentando se afastar quando ela agarrou suas calças. — Que porra você está fazendo?

— Por favor, me venda só dessa vez pela metade do preço, eu juro que é a última — ela implorou, agarrada a ele.

Apoiei meu pé direito no joelho esquerdo e abri meus braços no encosto do sofá, assistindo à cena.

Vendo essa garota se humilhar pela merda de uma droga, eu me perguntava se aos dezoito anos Ryen já tinha entrado nesse mundo. Se agora ela já sentia a necessidade de suplicar por uma dessas porcarias que eu tanto estava negando a ela.

Se não, quanto tempo duraria até que ela o fizesse?

— Me solta, eu já disse que não vou vender — Yun mandou, se abaixando para tirar as mãos da garota de seu jeans. — Se você não quiser problemas, é melhor você vazar daqui agora mesmo, entendeu? — ele perguntou e ela arregalou os olhos, apavorada.

Mas mesmo com todo o medo, ela não parou.

— Por favor, eu não vou aguentar ficar sem...

Christian se ergueu e olhou para um colega, que era mais como um empregado dele no ramo das drogas. Jay era o nome do homem asiático de vinte e seis anos, com uma tatuagem no rosto e touca preta, que veio na direção deles. Ele pegou a garota pelo braço e a ergueu do chão com facilidade.

Ela começou a xingá-lo e a gritar para que ele a soltasse, mas Jay continuou a arrastá-la para longe, enquanto ela fazia um escândalo.

Yun bufou e descansou as costas na sacada, se apoiando pelos cotovelos, virando na minha direção.

— Se eu vender de graça ou pela metade do preço, o que eu vou faturar? Já basta o fornecedor ter aumentado o valor do produto — resmungou.

— Quem você acha que te denunciou daquela vez? — eu perguntei, olhando para ele. — Porque convenhamos, inimigos você tem.

Yun abriu a boca para responder, mas antes olhou para o bolso e tirou o celular, analisando a tela. Seu rosto tensionou e ele voltou a guardar o aparelho.

— Eu acho que foi o filho da puta do meu pai.

— Ele está te incomodando de novo?

— O dinheiro que dei a ele não foi o suficiente, ele sempre quer mais e mais — comentou, me dando as costas e virando de frente para a sacada.

Me levantei do sofá e fui para o lado dele, apoiando meus cotovelos no parapeito.

— Sabe que posso dar um jeito nele, não sabe? — Eu olhei para ele. — É só me pedir, Yun.

Christian me encarou por alguns segundos, como se pensasse na minha proposta. Até que abaixou a cabeça e a levantou de novo.

— Valeu, mas eu não mereço sua ajuda. Posso dar um jeito nisso sozinho — Yun disse e eu assenti. — Você tem problemas bem maiores — Ele sorriu, mudando de assunto e indicando algo com o queixo.

Segui seu comando e dei de cara com Ryen, dançando na pista ao lado de Brianna e Eric. Ela agarrou minha prima pelos quadris e as duas rebolaram coladas corpo a corpo; Brianna ria abertamente, enquanto Ryen tinha um sorriso mínimo no rosto.

O olhar de cada filho da puta naquela pista estava sobre elas, e também em Eric, mas nenhum deles parecia interessado, eles permaneciam

na própria bolha.

— Não vai fazer nada? — Yun questionou, e pude sentir o veneno em sua voz.

Analisei o quanto Ryen parecia relaxada e feliz agora. Era como se ela estivesse precisando desse momento mais do que precisava de ar para respirar. O vestido preto de mangas longas com um decote em V se agarrava perfeitamente as suas curvas e subia um pouco mais conforme ela rebolava.

Cada desgraçado dessa boate estava salivando enquanto olhava para ela e eu poderia muito bem ser um deles. Mas só eu poderia tocá-la, e foda-se se ela não era minha. Sempre tive tendência a desejar o que não me pertencia.

— Não — respondi, enquanto a encarava.

— Nem em relação a Brianna? — ele questionou, parecendo impaciente.

A contragosto, olhei para Brianna, notando que ela estava vestida com uma saia curta preta e um top vermelho com decote em V, semelhante ao de Ryen.

Eu poderia muito bem ver o útero dela ali da sacada, mas nunca me importei com o que ela vestia; minha única preocupação eram aqueles namorados que ela parecia achar no inferno.

— Eu não, por quê? — perguntei a ele, voltando a olhar para Ryen.

— Qual foi, cara — Ele soou indignado. — Quando foi que você ficou tão mole assim?

Eu estava pronto para mandá-lo fazer algo, quando um indivíduo filho da puta que eu conhecia muito bem se aproximou de Ryen e colocou as mãos em seus quadris, fazendo-a parar de dançar.

Brianna e Eric imitaram seu gesto, e eu vi a expressão feliz do Simmons mudar completamente quando McKay disse algo no ouvido de Ryen. Ela se afastou dele, mas parou quando ele ergueu um pacote de pó na frente de seu rosto.

— Filho da puta! — Eu bati na madeira da sacada e corri em direção às escadas.

Yun gritou por mim, mas eu ignorei e descii os degraus rápido, vendo apenas o vermelho das luzes da boate. O imbecil sabia da minha ordem de não vender nada para ela, mas não ligava; seu passatempo predileto era me desafiar, nos rachas ou em qualquer outro lugar.

Empurrei várias pessoas que estavam na minha frente e algumas até me xingaram. Porém, tudo o que importava para mim agora era o arrombado do McKay oferecendo drogas à minha garota.

Brianna foi a primeira a me ver e arregalou os olhos, dando uma cotovelada em Eric, que também olhou na minha direção e se assustou.

Quando me aproximei, espalmei minha mão no ombro de McKay e o empurrei para longe de Ryen.

Como ele não me viu chegar, quase caiu no chão por causa da força que exerci sobre seu corpo, mas conseguiu recuperar o equilíbrio.

— Sua família está falindo, McKay? — eu perguntei, me colocando entre ele e Ryen. — Bom, é o que parece, já que está tentando vender drogas aqui. Que triste, isso realmente me toca.

McKay riu, perplexo, e andou na minha direção a passos pesados. As pessoas pararam de dançar e a música foi desligada.

— Você é um filho da puta intrometido, não é? — ele questionou, parando a centímetros do meu rosto.

— E você é um filho da puta com desejo de morte — me aproximei até que estivéssemos peito a peito.

Uma mão me puxou pelo braço e eu olhei para trás, encontrando Ryen.

— O que você está fazendo? — perguntou, com uma carranca.

— É, Kellan — McKay chamou minha atenção. — Para de se meter na vida da garota, ela só quer dar uma relaxada. O que tem demais nisso? — Ele passou por mim, indo até Ryen.

O irmão de Jenna passou o braço por cima dos ombros dela e a vi ficar tensa quando ele se inclinou em sua direção.

— Vai querer, gatinha? — Ele balançou o pequeno pacote na frente de seu rosto, erguendo as sobrancelhas. — Você sabe que esse fodido não manda em você.

Apertei minha mandíbula ao ver como os olhos dela brilharam ao encarar aquela porcaria. McKay estava a manipulando e a atacando em seu ponto mais fraco.

Me aproximei deles e agarrei McKay pelo colarinho da jaqueta, o jogando para longe de Ryen. Ele bateu em algumas pessoas e me encarou, com puro ódio.

— Qual a porra do seu problema? — ele rosnou. — Ela não é nada sua!

É aí que você se engana, porra. Ela era minha, mesmo sem rótulos. Minha.

— Ela não vai usar isso — declarei.

Ryen ficou entre McKay e eu, e seus olhos pousaram em mim com um ódio impressionante.

— Quem você pensa que é para decidir algo por mim? — ela perguntou, se aproximando. Quando ela chegou perto, pude ver o engolir seco de sua garganta. — Você pensa que é o meu irmão? O meu pai? Você tem alguma síndrome de salvador só porque você acha que me conhece?

Vi McKay se sentar em um sofá logo à frente, e estava me coçando para matá-lo com minhas próprias mãos.

— E você? Acha que só porque o seu irmão morreu você pode cheirar ou injetar qualquer merda no sangue? — eu rosnei, me aproximando dela. — Eu estou pouco me fodendo para o fato de não ser nada seu. Você vai usar essa merda!

— Você não manda em mim!

— Me desafie.

Ryen ergueu uma sobrancelha, e diante da minha ameaça, ela me deu as costas e caminhou lentamente na direção de McKay, que estava sentado, com as pernas entreabertas.

Ela arrancou o pequeno pacote de pó da mão dele e o abriu minimamente com os dentes. Eu dei um passo à frente quando ela mergulhou o dedo na substância e se curvou, passando a cocaína nos lábios de McKay, que parecia tão confuso quanto eu.

Contudo, minha confusão foi substituída por ódio quando ela passou as pernas ao redor das coxas dele, montando em seu colo. Eles estavam em uma posição que me deixava ver o perfil de ambos, cada maldita expressão.

Então, Ryen agarrou o queixo de McKay com a mão pequena e olhou para mim. Ela estendeu a língua para fora e lentamente lambeu o pó dos lábios de McKay, sem cortar o contato visual comigo. O filho da puta pareceu finalmente se dar conta do que estava acontecendo e tomou os lábios dela.

Ele encaixou uma mão na bunda dela, a outra foi para a nuca, a beijando como um desesperado do caralho enquanto ela retribuía.

Sem pensar, caminhei até os dois a passos rápidos e agarrei Ryen pela cintura, a arrancando do colo do bastardo.

— Ei! — McKay protestou, mas eu continuei olhando para ela.

Ryen me encarou de volta por baixo dos cílios longos.

— Você se divertiu? — perguntei friamente, um sorriso de lado se estendendo em meus lábios. — Agora é a minha vez.

Eu rapidamente me virei para McKay e agarrei sua nuca, batendo seu rosto na mesinha antes que ele conseguisse processar meu avanço. Algumas pessoas gritaram pelo susto e McKay urrou de dor.

— Porra, essa doeu — Yun comentou, rindo.

McKay tentou sair do meu aperto segurando meu pulso, mas eu agarrei sua mão direita e reuni todos os seus dedos em minha palma. Foi quando eu os puxei para trás com toda a minha força e o som dos ossos se quebrando foi perceptível.

Arfares de surpresa e choque preencheram a boate, sendo substituídos logo em seguida pelos gemidos de dor de McKay. Eu o larguei e, com o nariz pingando sangue, ele encarou a mão destruída com horror.

— Seu filho da puta! — ele gritou, se deitando no sofá para se contorcer.

Eu apenas o ignorei, e olhei para cada rosto na boate. Um por um.

— É isso que vai acontecer com qualquer um que pôr as mãos nela — Apontei para Ryen, encolhida próxima a Brianna e Eric, que pareciam chocados. Sorri, possesso. — Ela é proibida para qualquer um aqui, e quem a tocar ou sequer a desejar, vai acabar com as mãos enfiadas na garganta.

Fixei meu olhar em Ryen, vendo o quanto ela parecia querer pular no meu pescoço. Caminhei para ela a passos lentos, então agarrei sua mão e comecei a puxá-la em direção à saída da boate, quando ela bateu em meu braço.

— Me solta, você não pode fazer isso! — ela rosnou, cravando as unhas na minha pele. — Brianna! — ela chamou pela minha prima.

— Kellan, deixa ela ir. Para de ser um pau no cu inconveniente! — Brianna disse, parecendo indignada.

Eu agi como se ela não existisse.

— Vamos, você também vai pra casa — Ouvi Chris dizer, provavelmente para minha prima.

— Quem disse? — ela zombou.

— Porra, apenas se mova. Eu não tenho a noite toda.

Não esperei para ver o desenrolar daquilo, estava muito ocupado arrastando a bagunça que me arranhava e rosnava, como se fosse uma gata pronta para matar.

Ao final disso tudo, eu não me importava se ela queria brincar de medir forças comigo. Eu, mais do que ninguém, estava pronto para lidar com o tornado em que Ryen Rodríguez havia se transformado.



*“Eu não sei se você já sabe como.
Mas, garota, eu tenho a sensação de que você sabe agora.
Você está enterrada no travesseiro, sim, você é tão barulhenta.
Mas estou prestes a te mostrar, amor, vá devagar”*
Chase Atlantic – Slow Down

Ryen Rodríguez

Kellan nos arrastou para fora da boate e os seguranças abriram espaço para que nós passássemos. Tentei puxar minha mão de seu aperto, mas era impossível, o idiota tinha uma força impressionante. Era bruto, porém gentil. Não estava me machucando.

Ele foi em direção a uma Ferrari vermelha e minha carranca piorou quando me dei conta de quem era o dono do carro e do que ele pretendia.

— Me solta, Kellan. Eu não quero ir com você! — Eu firmei meus pés no chão, o forçando a parar de andar. — Apenas me deixe em paz!

Estava farta dele. Por que ele se importava se eu usava drogas ou não? O que ele tinha a ver com isso? Por que ele se sentia no direito de me perseguir?

Kellan se virou na minha direção e o olhar em seu rosto era frio e raivoso. Pela primeira vez eu estava vendo o quanto ele realmente parecia possesso. Sua expressão era a de quem iria pular no meu pescoço a qualquer momento, e seu peito estava subindo e descendo rápido, numa respiração irregular.

— Bom, se não quer ir embora comigo, acredito que queira ir com McKay — Ele soltou meu braço como se minha pele o queimasse, e sorriu. — Você parecia bem confortável com ele minutos atrás.

— E se eu estiver? — Arqueei uma sobrancelha, compartilhando de seu sorriso sarcástico. — McKay não é um filho da puta mandão que pensa

que tem algum direito sobre mim.

Bufando uma risada, Kellan jogou o cabelo para trás.

— Ele é só um imbecil que você beijou para me provocar — Ele manteve sorriso hostil no rosto. — Gostou de montar no McKay, Ryen?

— Você acha mesmo que eu beijei McKay para te provocar? — Cobri minha boca ao dar uma risada. — Não se dê tanta importância, Kellan. Eu o beijei porque eu quis, porque eu o desejei.

Um tendão surgiu na testa de Kellan e ele avançou na minha direção, me forçando a ir para trás e ficar grudada contra a Ferrari dele. Apertei minhas mãos em punhos enquanto ele posicionou as dele ao redor do meu corpo, bem ao lado da cintura e em cima do capô do carro. *Eu estava presa.*

Ergui meu rosto para encará-lo, tentando não ficar inebriada com o perfume que vinha dele.

— Então você o desejou? — ele perguntou, se inclinando mais em minha direção.

Apenas Deus sabe o quanto eu odiei ter as mãos de McKay em mim, mas se isso tinha tirado Kellan de sua zona de conforto, então o sacrifício havia valido a pena.

— Você quer que eu repita? Tudo bem — Sorri lentamente, encarando seus olhos. — Eu desejei McKay. E se ele tivesse me convidado para ir para a cama com ele, eu iria.

Quase ri da minha própria mentira.

Tudo o que eu sentia por McKay era nojo. Pelo que ele fez com meu irmão e pela maneira como falou dele. McKay era igual a Jenna, medíocre e fútil; e embora ele fosse lindo, ainda era um cara repulsivo.

Kellan se inclinou até ficar com a boca em minha orelha.

— Se você saísse daqui com ele, no dia seguinte você iria a um funeral... — declarou, devagar, me fazendo arrepiar. — Eu o mataria da maneira mais cruel possível e gravaria tudo para que você visse o filho da puta engasgando no próprio sangue.

Engoli em seco, franzindo meu cenho, enquanto me negava a acreditar.

— Você não seria louco a esse ponto...

Kellan até podia ser um idiota narcisista e controlador, mas ele não era um assassino, era?

Ele afastou a boca da minha orelha e voltou a me encarar, sua testa quase colada à minha.

— Então volte para lá e se sente no colo de McKay de novo. Faça aquele showzinho mais uma vez... — mandou, e pude sentir o cheiro de hortelã em seu hálito. De maneira vagarosa, ele subiu a mão para a minha garganta. — Você quer isso, não quer? Você gostou de sentar no pau dele? É melhor do que o meu, amor?

— Muito melhor — falei, rente aos seus lábios. — E se me permite dizer, nem precisei transar com McKay para saber que ele seria muito melhor do que você.

A mão em meu pescoço pressionou mais forte e eu ofeguei, sentindo meu núcleo pulsar. Quando dei por mim, Kellan tinha se posicionado entre as minhas pernas e seu rosto estava contorcido em ódio.

— Entra no carro, Ryen — mandou.

— Não.

— Eu vou matar McKay.

— Isso é problema seu.

— Você vai ter uma morte nas suas costas — Ele plantou um beijo no canto dos meus lábios, me pegando de surpresa. — Eu vou cortar as mãos e a garganta do filho da puta. Ele vai agonizar no próprio sangue antes de morrer e eu vou gostar de ver. Você também?

De repente, toda excitação que senti sumiu por um momento.

Flashbacks de Callum sangrando pela boca enquanto eu esfaqueava seu pescoço preencheram minha mente e eu apertei minhas mãos na jaqueta de Kellan, sentindo meus olhos lacrimejarem.

Eu não queria matar mais ninguém. Não queria que mais alguém morresse por minha culpa. Eu provoquei McKay, e Kellan vai matá-lo. Então talvez eu também tenha, inconscientemente, provocado Callum. E em seguida o matei. Tinha sangue, muito sangue. Ele não se mexia mais. McKay irá sangrar daquele jeito.

Vai ser minha culpa. Foi minha culpa. Vai ser minha culpa. Foi minha culpa. Vai ser minha culpa. Foi minha culpa...

— Ei, Ei — Kellan agarrou meu rosto entre as mãos grandes, trazendo meu olhar para si. — Respira. Um... — ele disse, e simulou como eu deveria fazer.

Agarrada a sua jaqueta, eu o imitei, e fiz isso uma, duas, três vezes no total, até que os seus polegares subiram pelas minhas bochechas e

pousaram em meus olhos. Ele enxugou minhas pálpebras e eu as fechei quando Callum tentou retornar.

— Olhe para mim, Ryen — ele mandou e eu neguei com a cabeça, sentindo minhas mãos tremerem, agarradas ao tecido grosso de sua jaqueta. Senti lábios quentes em minhas pálpebras. — Olhe para mim, amor.

Engoli em seco e abri meus olhos, encontrando os azuis gélidos de Kellan. Seu nariz estava colado ao meu e eu respirei fundo.

— Isso, respire... — me encorajou, colocando uma mecha do meu cabelo para trás. O toque era íntimo e fez meu coração se aquecer de forma patética. — O que houve?

— Você não vai matar McKay — eu anunciei, deixando claro em meu tom que não estava aberta a negociações.

Já tenho muito peso na consciência.

Não vou ser ingênua e pensar que Kellan não teria coragem, porque eu sabia que tinha. Além disso, ele era rico, poderia se safar com facilidade. Depois do que eu fiz a Callum, não duvidava de mais ninguém.

— Você se importa tanto assim com ele? — Kellan espremeu os lábios um no outro, as sobrancelhas franzidas como se estivesse com raiva. Quando não respondi, ele assentiu, me soltando e me obrigando a fazer o mesmo com ele. — Só se entrar no carro.

— Mas e minha Ferrari?

— Você vem buscar depois — falou.

Sabendo que esse era seu acordo final, eu assenti.

Ele parecia não querer mais ficar perto de mim; deu um passo para trás e pôs as mãos nos bolsos de sua jaqueta, me encarando com um ar frio.

Frio. Estava sentindo isso desde que ele parou de tocar meu rosto.

Mas eu nunca iria pedir para ele fazer de novo. Isso era pela Ryen que se humilhava por ele no passado. Eu não poderia fazer isso depois que levei anos para construir os muros ao meu redor.

Não disse mais nada quando me afastei do capô da Ferrari e andei até o lado do passageiro. Kellan destravou a porta e eu a ergui, entrando e me sentando. O vi dar a volta e se sentar no banco do motorista, fechando a porta com um pouco de força. Então, tirou o boné e o jogou no banco de trás.

Ele pôs a chave e a girou, ligando o carro. Não lançou um olhar sequer na minha direção quando deu partida e começou a nos levar para

longe da boate. *Ele estava com raiva porque eu disse para não matar McKay? É como negar algo a uma criança.*

Cocei a palma da minha mão e logo as duas estavam coçando. Olhei para fora da janela, me sentindo inquieta, e passei as mãos pelo meu rosto. Estive tão perto de pegar o saquinho de droga das mãos de McKay. Senti o gosto do pó em minha língua, e mesmo que não fosse agradável, me senti aliviada e eufórica, ansiando por mais.

Em seguida, cocei meus pulsos e minha nuca. Era como se houvesse pequenos formigamentos em minha pele, e aquilo estava me deixando louca. Tentei ignorar a coceira e brinquei com a cutícula do meu polegar, enquanto mordi forte o meu lábio.

Se eu procurasse McKay amanhã, ele me daria o pó? Ele era idiota o suficiente para enfrentar Kellan, afinal era o único em Miami que se posicionava contra ele e não tinha medo. Sim, ele faria tudo para deixar Kellan furioso.

Eu só precisava de um saquinho, não era viciada. Apenas queria aliviar minha mente, relaxar. Por que Kellan não entendia isso?

Enquanto balançava minha perna esquerda, inquieta, Kellan parou o carro no estacionamento do prédio em que eu morava. Saí do veículo assim que ele destravou a porta e não esperei por ele, queria mais é que ele sumisse.

Entrei no prédio e fui em direção ao elevador, o chamando. Ele demorou uma eternidade para chegar e a coceira em meus braços aumentou.

Senti uma presença em minhas costas e nem precisei me virar para saber que era Kellan. Quase gemi de frustração porque sabia que ele iria querer entrar no elevador comigo.

Assim que o elevador chegou, eu entrei, e Kellan imitou meu gesto. Cocei meu pescoço, tentando me manter indiferente ao fato de estar em um lugar tão pequeno com ele. Podia sentir seus olhos em mim, mas eu nem mesmo sabia o que falar quando me sentia tão inquieta e essa maldita coceira não passava.

Saí do elevador com Kellan em minha cola e peguei a chave do meu apartamento na bolsinha, destrancando a porta. Quando passei por ela, tentei fechá-la na cara de Kellan, mas ele pôs o pé e a mão no caminho, me impedindo.

— Só vai embora! — eu mandei, soltando a porta e correndo em direção às escadas.

Ouvi um latido, mas estava atordoada demais para dar atenção a Killer. Subi os degraus rapidamente e entrei em meu quarto, sabendo que seria impossível tentar fechar a porta, já que Kellan estava logo atrás de mim.

Passei as mãos pelo meu cabelo quando parei no meio do quarto e cocei meus pulsos, escutando a porta ser fechada.

— Você não está bem — Ouvi a voz de Kellan logo atrás de mim.
— Seu organismo está em abstinência, você nem percebe isso?

Joguei minha bolsa no chão e abracei meu corpo, engolindo em seco.

— Abstinência é para viciados. Eu não sou viciada — Esfreguei meus braços repetidamente.

— Seus olhos brilharam quando você viu aquela merda. Você parecia disposta a fazer qualquer coisa por um grau de pó — atirou, parecendo incrédulo. — Você tem certeza de que não é viciada, Ryen? Tem certeza de que o seu corpo não está desesperado por droga?

Me virei em sua direção, não encontrando nada mais do que um rosto sem expressão. Ele não estava me olhando com pena ou desprezo, era só... ilegível.

— E daí? — Avancei em sua direção, empurrando seu peito. — E daí se eu estiver viciada? Quem é você para não me deixar viver a minha vida como eu quero? Você sempre me ignorou, continue fazendo isso!

Ele não saiu do lugar, como sempre.

— Você está realmente vivendo? — Kellan encarou meus olhos.

Apertei minhas mãos em punhos para tentar esconder o quanto sua pergunta mexeu comigo.

— Isso é da sua conta? Você acha que só porque meu irmão morreu, eu automaticamente passo a ser seu problema? — Ergui minhas sobrancelhas, batendo em seu peito outra vez, — Você é o meu irmão? Meu pai? Meu namorado? Que porra você é para achar que pode se meter na minha vida? Eu já estou cheia de você, Kellan. Que caralho você quer de mim?

Ele analisou meu rosto, me estudando, com as sobrancelhas franzidas.

— Eu... — ele começou, parecendo perdido. — Quero te ajudar...

Dei um passo à frente, me agarrando à sua jaqueta quando vi ali uma esperança de fazer toda essa agonia passar.

— Então me deixa comprar droga com o Christian. Só uma... — Eu assenti várias vezes com a cabeça, enquanto sorri minimamente. — Juro que é só dessa vez. Só preciso de um saquinho, eu prometo...

Kellan devolveu meu olhar e em seguida desviou, como se me encarar fosse insuportável. Ele passou bons segundos observando o nada, e pela primeira vez em dias, eu estava confiante sobre conseguir um pouco de droga.

No entanto, essa esperança foi arrancada do meu peito quando Kellan me encarou com os olhos gélidos.

— Não.

Sua voz foi tão firme quanto a expressão fria em seu rosto, e eu larguei sua jaqueta como se ela queimasse minhas mãos. Pentei meus cabelos para trás com os dedos, me sentindo ainda mais frustrada do que antes. Eu queria machucá-lo.

— Que porra você quer de mim? — eu gritei, sentindo lágrimas se acumularem nos cantos dos meus olhos. — Você não quer me ajudar, quer mandar em mim! Você quer me sufocar, como todo mundo! — Peguei um jarro de cima da penteadeira, o quebrando na parede logo atrás de Kellan. Ele nem mesmo se moveu.

— Quem te sufoca, Ryen? — questionou, dando um passo em minha direção.

— Eu quero esquecer tudo, mas você não deixa... — Senti a parte de trás dos meus olhos queimarem por causa do esforço que eu estava fazendo para segurar as lágrimas.

Kellan agarrou meu rosto com tanta delicadeza, que foi como se ele temesse que eu fosse quebrar.

— Eu posso te ajudar com isso... — Ele acariciou meu rosto. — É só me dizer como.

Desci meu olhar para seus lábios vermelhos e entreabertos, e voltei para seus olhos.

— Me faça esquecer... — Uma lágrima solitária escorreu pela minha bochecha.

— Como? — Acariciou as maçãs do meu rosto, os olhos em minha boca.

Umedeci meus lábios, sentindo as lágrimas finalmente caírem, sem restrições.

— Você sabe como... — Eu deixei minhas mãos caírem ao lado do corpo, sussurrando rente a seus lábios. — Me faça sentir algo, qualquer coisa que não seja essa vontade de morrer. Ou eu vou ficar louca...

Kellan parou de encarar meus lábios e fixou o olhar ao meu, fazendo meu coração errar uma batida.

— Como faço, Ryen? — ele repetiu, querendo ouvir dos meus lábios.

Agarrei sua jaqueta e o puxei contra mim, fechando meus olhos quando senti uma leve sensação de proteção. E lá no fundo, uma sensação ilusória de pertencimento.

— Me torne sua, apenas por hoje, Kellan... — eu mandei, lambendo meus lábios, enquanto sentia o meu batimento cardíaco aumentar. — Me fode.

Em menos de dois segundos, lábios quentes se chocaram contra os meus e eu fui forçada a andar para trás até me chocar contra uma parede; agarrei as costas de Kellan.

Sua língua pediu passagem e, atordoada, eu cedi completamente e sem nenhuma objeção. Ele explorou minha boca como se estivesse curioso e fascinado, enquanto eu subi minhas mãos para seu cabelo, puxando ainda mais o seu corpo contra o meu.

Não me importava de estar parecendo uma desesperada. Eu precisava dele nesse momento, precisava esquecer. Precisava sentir que ainda estava viva.

Minha perna direita foi erguida e um corpo forte se acomodou em meu quadril, me fazendo sentir quão duro ele estava. Coloquei as mãos em sua bunda, o puxando ainda mais contra meu núcleo sensível.

Kellan subiu meu vestido até que estivesse enrolado em minha cintura, e agarrou a carne da minha bunda com as duas mãos, me deixando na ponta dos pés. Ele esfregou o pau duro na região entre as minhas pernas e eu gemi em sua boca.

— Xiu... — Kellan murmurou, descendo os lábios para meu pescoço. Ele agarrou meu seio, enquanto a mão livre adentrou minha calcinha. — Vou fazer tantas coisas com você...

Um chupão foi depositado em meu pescoço ao mesmo tempo que seus dedos massagearam meu clitóris.

— Não ouse parar — eu ameacei, enquanto descii minhas mãos para seu jeans, desabotoando-o e descendo o zíper.

Ele sorriu, achando graça, e eu adentrei minha mão em sua cueca, agarrando o pau quente e duro em minha mão, o pondo para fora. O músculo pulsou e eu o apertei, ganhando um grunhido de Kellan.

Mordi seu lábio, descendo e subindo minha mão em seu pau.

— Porra... — Ele deixou a cabeça cair para trás, massageando meu clitóris mais rápido.

Levei minha boca ao seu pescoço e um suspiro surpreso escapou dos meus lábios quando Kellan desceu o decote do meu vestido, fazendo meus seios saltarem livremente. Sua boca foi para um mamilo e ele o mordeu, fazendo-me arquear as costas.

A dor era tão gostosa.

Esfreguei meu polegar na cabeça de seu pau, ganhando outra mordida em meu mamilo. Eu apenas gemi e acelerei minha mão, querendo causar a ele o mesmo efeito que ele provocava em mim: a necessidade gritante do errado.

Kellan foi para meu outro seio e o chupou com força, antes de pairar os lábios sobre os meus. Afastando os dedos do meu clitóris, ele agarrou minha calcinha e o tecido de renda se rasgou. Não era justo que só eu ficasse nua.

— Tira a jaqueta e a camisa — eu mandei, o encarando por baixo dos cílios.

— Por que você não tira? — Kellan ergueu o queixo dele, se inclinando para raspar os dentes pelo meu.

Necessitada dele, não pensei muito quando levei minhas mãos até sua jaqueta e a joguei para trás, a derrubando no chão com a sua ajuda.

Em seguida, sua camisa teve o mesmo destino, e eu encarei seu peito, lambendo meus lábios. Desci um pouco seu jeans e ele fez o resto, o tecido grosso caindo a seus pés junto com a boxer branca.

Ainda não conseguia entender como alguém podia ser tão bonito como ele. *Filho da puta.*

Kellan agarrou o vestido enrolado em minha cintura e o puxou para cima, me fazendo ficar completamente pelada. Seus olhos desceram pelo meu corpo, encarando meus seios rígidos e o triângulo entre as minhas pernas. Era como se ele estivesse me adorando — pelo menos era isso que seu olhar exalava. Adoração e o mais puro desejo.

Me olhando de cima, ele agarrou o próprio pau.

— Hum, você está tão molhada... — gemeu, esfregando a glândula nas minhas dobras escorregadias. Ele mordeu meu queixo, me arrancando um gemido. — Se eu não estivesse com tanta pressa, iria provar da sua doce bocetinha mais uma vez. Eu ainda posso sentir seu gosto na minha língua, e é bom pra caralho.

Quando pensei que ele não poderia ser mais depravado, Kellan usou o pau para dar batidinhas em minha boceta.

— Sente como eu estou duro? — ele perguntou, agarrando meu queixo e me obrigando a encará-lo. — Porra, eu vou te comer com tanta força que você não vai conseguir distinguir onde eu começo e onde você termina... — Kellan rosnou, massageando meu clitóris com a cabeça rosada.

Eu gemi, enterrando meu rosto em seu pescoço para abafar o som. Eu simplesmente não sabia o que dizer, tudo parecia irreal demais.

Com minha perna na cintura de Kellan, o aproximei um pouco mais, e ele aproveitou esse momento para agarrar minhas coxas e me erguer. Passei meus braços por seu pescoço para me equilibrar, mas algo dentro de mim me fez ter a certeza de que ele não me deixaria cair.

Ele andou comigo pelo quarto, os olhos grudados nos meus; e quando dei por mim, fui jogada na cama, com seu corpo sobre o meu. Ele era quente, como tudo nele. Ele era pesado, mas ainda assim não me machucava. Não me faz sentir presa ou sufocada. Só... parecia certo.

Seus lábios caíram em meus seios e maltrataram meus mamilos, junto com as mãos ásperas. Tudo que pude fazer foi me contorcer e gemer. Agarrei seu pau e estava pronta para masturbá-lo, quando ele agarrou meu pulso.

— O que... — me calei quando ele levou minha mão para o meio das minhas pernas.

Com um sorriso sacana e um olhar que faria qualquer pessoa gozar ali mesmo, ele pediu a coisa mais depravada que alguém poderia pedir.

— Estique sua boceta para mim, amor.

Ele sabia que eu não deveria desejá-lo. Sabia que não deveríamos estar fazendo isso, mas ainda assim ele queria me mostrar como eu estava precisando dele agora. Como meu orgulho e minha dignidade estavam correndo ali atrás e dando tchauzinho.

O olhar em seu rosto me deixou sem palavras.

Coloquei as mãos entre nossos corpos e fiz o que Kellan mandou, sentindo a vergonha manchar minhas bochechas pela posição constrangedora. Mas ele pareceu amar, já que suas mãos apertaram meus quadris.

Kellan encaixou a cabeça grossa do pau em minha fenda e prendeu a respiração quando o senti esticá-la ainda mais. Eu cravei minhas unhas em suas costas quando ele entrou e gemi dolorosamente.

Ele era enorme e estava me esticando de dentro para fora. Era demais, eu não ia aguentar esta intrusão, parecia que um monstro estava dentro de mim. Talvez ele fosse isso mesmo, um monstro.

— Ahh... — Eu choraminguei, arranhando suas costas. Nunca havia experimentado algo assim. — Dói. Dói muito!

Kellan ergueu a mão e agarrou minha garganta, seus dedos a apertando ao que sua boca pairou sobre a minha.

— Dói? — perguntou, com a voz rouca, e eu assenti desesperadamente. — Eu não me importo — declarou, mordendo meu lábio e colocando o resto do pau dentro de mim com um impulso rápido.

Eu gritei, e meus olhos se fecharam quando me senti completamente cheia. Apoiei minhas mãos em seu peito para tentar tornar a sensação menos intensa.

— Você vai me rasgar ao meio... — sussurrei, com a voz entrecortada.

Ele mordeu meu queixo enquanto deslizava a mão livre pelo lado do meu corpo, e então agarrou minha perna direita, a erguendo pelo joelho.

— Eu ficarei mais do que satisfeito em remendar cada pedaço seu, Ryen — Ele me encarou, e tudo que pude sentir foi a determinação em suas palavras. — Você vai levar cada centímetro meu sem reclamar. Vai obedecer, não vai?

Arqueei em sua direção, esquecendo qualquer xingamento que poderia sair da minha boca quando o ouvi dizer que eu o obedeceria. Cravei minhas unhas nas costas de Kellan com mais força e ele grunhiu, baixando o rosto para morder um dos meus mamilos.

Choraminguei de dor e me senti ficar ainda mais molhada ao seu redor.

— Eu te fiz uma pergunta — ele falou, esfregando meu mamilo com a língua para fora, não desgrudando seus olhos dos meus. — Você vai ser

minha boa pirralha e me obedecer, não vai? — questionou, beliscando meu outro mamilo, enquanto mexia o quadril vagarosamente.

Um gemido angustiado escapou dos meus lábios e me vi assentindo, quase de maneira desesperada.

— Diga — Kellan mandou.

Neguei com a cabeça, me recusando a me rebaixar ainda mais. Ele soltou meu pescoço e meus seios, e suas mãos foram para debaixo dos meus joelhos, os erguendo até que estivessem um de cada lado do meu rosto. Ele se ajoelhou na cama.

Kellan parecia gloriosamente nu, e o mais puro constrangimento me invadiu pela posição em que ele me colocou.

— Ou você diz, ou eu não vou me mover — ameaçou, me dando uma estocada rasa e totalmente angustiante.

Graças à posição em que eu estava, seu pau parecia mais profundo dentro mim. *Céus, por que ele não se mexia?*

— Então pode ir embora — Eu encontrei a minha voz, agradecendo por ela não ter saído fraca.

Arqueando uma sobrancelha, Kellan deixou que sua expressão endurecesse. Pensei que ele fosse me soltar e ir embora, como mandei, mas suas mãos desceram para minhas coxas e ele me puxou ainda mais contra seu pau, em um impulso forte.

Minha cabeça virou para trás e eu gritei quando temi que ele pudesse destruir meus órgãos internos. *Onde eu me meti?*

— Pelo jeito que a sua boceta está me sugando agora, não acho que você queira que eu vá embora — Ele sorriu de lado, apertando minhas coxas — Agora diga.

Neguei com a cabeça e Kellan moveu o quadril em um ritmo lento e torturante. Ele deu uma, duas, três. Quatro estocadas lentas no total, e eu quase chorei.

— Eu sou, eu sou... — eu assenti desesperadamente, agarrando os lençóis da cama.

Kellan se inclinou para frente e agarrou meu queixo com uma mão. O ângulo em que seu pau estava me fez arfar, e ele sorriu.

— Você é o quê?

Ele apertou meu seio dolorido e eu mordi meu lábio, sentindo a dor se transformar em algo bom.

— A sua boa pirralha — sussurrei as palavras com ódio, encarando seus olhos.

O sorriso de Kellan morreu e ele me encarou de volta, seus olhos azuis me devorando. Ele voltou a se ajoelhar e agarrou o meu joelho que ele tinha deixado cair, só que dessa vez ele os ergueu acima dos ombros, os deixando lá.

Então, sem parar de me encarar, ele deu a primeira estocada de verdade, e eu gemi alto pela força e brutalidade com que ele o fez. Ele começou a me foder e eu arqueei minhas costas, sentindo a leve ardência começar a se misturar com o prazer.

Eu não estava há muito tempo sem fazer sexo, sempre fui ativa sexualmente, nem mesmo era virgem, então não era para doer. A questão é que Kellan era enorme e grosso, então não tinha como isso ser normal. Ele era assim na adolescência? Era isso que as meninas passavam quando iam transar com ele?

Kellan entrou e saiu de mim em um ritmo frenético e eu revirei meus olhos de prazer quando ele girou os quadris.

— Caralho, Ryen. Olha como você está me levando bem — Ele puxou até a ponta e então voltou com tudo, enfiando com força todo o seu comprimento dentro de mim.

Eu olhei para baixo, vendo seu pau entrar em mim com impulsos lentos e fortes, me levando à loucura. Ele estava coberto da minha excitação e o som que estava ecoando no quarto, graças às suas bolas batendo em minhas dobras, era totalmente erótico.

— Você é minha, entendeu? — Kellan perguntou, entre dentes, a voz rouca de prazer, enquanto acertava um ponto dentro de mim que me fazia ver estrelas. — Você não sente no colo de outro homem e dá um showzinho daqueles. Ninguém toca no que é meu, porra!

— A-Assim..... — Eu virei meu rosto de lado, agarrando o travesseiro e gemendo contra ele. — Kellan, me fode assim. Tão bom... — Eu gemi sem pensar, não reconhecendo minha voz de tão manhosa que ela estava.

— Olhe nos meus olhos, Ryen — ele rosnou, se debruçando sobre mim para agarrar meu queixo e me obrigar a olhá-lo. — Veja quem é o homem que te fode e por quem sua boceta está encharcada — Ele sorriu, entre impulsos, me levando ao delírio.

Suas palavras sujas estavam me levando ao limite e o pé da minha barriga se contorceu em agonia.

Ele disse que eu era dele. Que ninguém tocava no que lhe pertencia. Uma parte bem desesperada de mim, lá no fundo, estava implorando para que fosse verdade.

Eu gritei quando ele angulou minhas pernas de um jeito que me deixava ainda mais aberta, mas era como se assim eu pudesse senti-lo melhor dentro de mim. Não sabia que eu podia me sentir tão cheia.

— Oh, céus... — Gemi.

Mais uma vez, não consegui evitar jogar minha cabeça para trás e revirar os olhos de prazer, enquanto os senti lacrimejar.

Mas então Kellan parou e eu choraminguei, o encarando, quando senti a falta do orgasmo que estava se formando em meu estômago e de seu pau, que saiu de mim sem aviso prévio.

Fui virada de costas, meu tronco empurrado para o colchão e meu traseiro empinado no ar. Mãos grandes apertaram meu quadril com possessividade e desceram para minha bunda, massageando a carne.

— Mesmo que eu ame a sua bunda, devo admitir que outra coisa me chamou a atenção... — Kellan disse, e em seguida senti seus lábios em minha espinha, bem em cima da minha tatuagem. — Você definitivamente é uma força da natureza, mas tem algo que você deve temer neste momento.

Me esfreguei em seu pau, ignorando o fato de ele ter dito que amava a minha bunda. Na verdade, ele não amava nada em mim, era só conversa de sexo. Palavras que serão esquecidas quando tudo isso acabar.

— Neste momento? — Eu o olhei por cima do ombro, sentindo meus mamilos roçarem no lençol da cama. — Não me importo com quem ou o que você é. Apenas quero saber se você é capaz de me fazer gozar.

Vi seu maxilar trancar e então, sem aviso prévio, Kellan meteu todo seu comprimento em mim novamente, me fazendo jogar minha cabeça para trás, agarrando o edredom. Ele não me deu um segundo para pensar, falar ou processar. Ele apenas começou a me foder como um louco, e eu gemi como uma puta.

Meus braços foram puxados para trás e meus pulsos cruzados em minhas costas, presos por uma das mãos de Kellan.

Enterrei meu rosto nos travesseiros, tentando controlar os gemidos estrangulados que saíam sem controle dos meus lábios; era como se eu não pudesse contê-los.

Mordi meu lábio com força quando Kellan bateu as bolas em minhas dobras; tudo era tão erótico que me deixava ainda mais excitada.

Uma mão se enroscou em meus cabelos e puxou minha cabeça para trás, desenterrando meu rosto dos travesseiros, enquanto empurrava dentro de mim.

Seus lábios beijaram minha tatuagem demoradamente, como se a adorassem. O polegar da mão que estava agarrando meus pulsos acariciou minha entrada traseira, e eu arregalei os olhos de leve.

— Kellan... — eu gemi, cega demais pelo prazer para me importar com o orgulho.

— Diga isso de novo — ele ordenou, diminuindo os impulsos.

— Kellan... — eu repeti, rebolando em seu pau da maneira como podia, cavalcando meu orgasmo enquanto sentia seu polegar brincando com minha bunda.

— Porra! — ele rosnou, e mordeu o centro das minhas costas, me fazendo arqueá-las. — Ainda vou foder sua bunda como estou fodendo sua boceta, Ryen. Você vai ter a minha porra preenchendo cada um dos seus buracos — Soltou meu cabelo e desceu um tapa forte em minha bunda, alternando os impulsos entre lentos e rápidos, me deixando louca.

Com a bochecha enterrada no travesseiro, olhei para ele por cima do ombro.

— Rápido... — eu choraminguei, balançando contra ele quando algo cresceu em minha barriga.

— Quer gozar, amor? — perguntou, sua própria voz afetada.

Notei que suas sobrancelhas estavam unidas e o rosto contorcido de prazer. Ele era uma bagunça de suor e gemidos roucos e baixos, assim como eu. Ele não estava escondendo que me foder lhe dava uma tremenda satisfação.

Dei um aceno vacilante para sua pergunta.

Um sorriso foi tudo o que ele mostrou antes de puxar até a ponta e voltar com tudo, me dando a impressão de que ele estava reorganizando meus órgãos.

Tremi violentamente e espasmos percorreram meu corpo, um atrás do outro, não me dando trégua. Apertei em torno de Kellan, sufocando seu pau dentro de mim, enquanto minha visão ficou borrada e eu gozei violentamente, seu nome deixando meus lábios enquanto eu caía em um penhasco de prazer.

— Porra, sim — Kellan gemeu, sem interromper o movimento de seus quadris. — Sua boceta está apertando meu pau, amor. Você vai me fazer gozar, não vai?

Não processei nada quando Kellan me puxou e eu fiquei de joelhos, com ele logo atrás de mim. Suas coxas estavam entre as minhas, automaticamente me deixando sentada sobre elas. Sua mão subiu para minha garganta e a apertou, impedindo a passagem de ar enquanto ele me montava.

Levei minhas mãos para trás, cravando minhas unhas em sua bunda enquanto ele continuou a empurrar dentro de mim. Seu braço enrolou ao redor da minha cintura e seu rosto encontrou meu pescoço.

— Você vai me deixar gozar dentro de você, amor? — perguntou, rouco, mordiscando meu lóbulo. — Você vai ser boa e tomar tudo o que eu tenho para oferecer?

Assenti, desesperada, não pensando em negar os meus desejos.

— Caralho, Ryen...

Senti seu corpo ficar tenso e seus dentes cravarem em meu pescoço quando jatos quentes inundaram meu útero e eu gemi baixinho, me sentindo cheia dele, com cada gota de seu gozo me preenchendo e minha boceta pulsando, o sugando para dentro.

Fechei meus olhos, meu peito subindo e descendo com violência enquanto senti o de Kellan em minhas costas do mesmo jeito. Ele soltou minha garganta e afastou os dentes do meu pescoço, lambendo a mordida. Três beijos foram depositados em minha nuca e um carinho confuso foi feito em meu quadril.

Uma vontade avassaladora de chorar irrompeu pelo meu corpo e apenas por um momento, eu gostaria de ficar assim.

Franzi meu cenho quando meu coração afundou e soltei minhas unhas das nádegas de Kellan. Ele também me soltou, e sentindo seu gozo descer por minhas coxas junto ao meu, eu me deitei de costas para ele, agarrando um dos travesseiros.

— Fecha a porta quando sair — mandei, fechando meus olhos.

O silêncio se espalhou pelo quarto antes que eu escutasse o farfalhar de roupas, e então a porta do meu quarto ser aberta e brutalmente fechada. Não olhei para trás para checar se ele realmente foi embora, porque eu sabia que sim.

Abracei o travesseiro um pouco mais forte e me encolhi na cama quando um choro compulsivo tomou conta do meu corpo e eu deixei as lágrimas virem.

De repente, o quarto pareceu mais frio.



*“Eu tenho que escapar do vazio
Não há outra escolha, sim
Tentando desligar as vozes, o vazio me comeu
Olhe a bagunça que fiz, não há lugar para fugir, sim”*
Melanie Martinez – Void

Ryen Rodríguez

Barulhenta e repetitiva. Essas eram palavras perfeitas para definir a minha mente.

Barulhenta porque em nenhum momento ela ficava calada ou me dava sossego. Haviam vozes em minha cabeça e eu não sabia como pará-las. Elas imploravam por um alívio que me foi proibido e eu não tinha ideia de como faria para recuperá-lo — ou mesmo se deveria.

Repetitiva porque ela me levava pra três noites atrás, quando Kellan estava em meu quarto e sussurrou palavras sujas em meu ouvido enquanto se enterrava sem parar dentro de mim. Foi um sexo necessitado e sem tempo para negações. Eu nem tive forças para lutar contra o desejo que ele causava em mim.

No entanto, assim que ele deixou meu quarto toda a aura excitante e o cheiro de sexo se foram, restando apenas o vazio gritante e a mesma coceira insistente em meu corpo. Kellan foi como uma droga que me deu longos minutos de alívio e distração, antes que o efeito passasse e o turbilhão de emoções e as vozes em minha cabeça voltassem com tudo.

Quando Kellan foi embora, eu chorei. Quando Kellan foi embora, a necessidade por drogas retornou.

Será que eu realmente era viciada, como ele acusou? Porque eu me sinto no fundo do poço agora, queimando por dentro.

Parte de mim quis ir atrás de McKay e pedir a droga, até pagar por ela, se necessário. Mas a outra parte não me permitia descer ainda mais baixo e implorar algo para alguém que fez piadas sobre a morte do meu irmão e era igual a garota que me infernizou por longos anos.

Estava com nojo de mim mesma por ter deixado McKay me beijar. Eu não pensei na hora, apenas queria que Kellan sentisse o mesmo ódio que ele sempre me fazia sentir. Queria mostrar que ele não me controlava, mas acabei servindo um teatrinho que nem me deixou contente comigo mesma.

Rapha ficaria enojado se tivesse visto aquilo. Eu quebrei tantas promessas, faltei com a palavra que empenhei a ele. Mas porra, se o único momento em que eu sentia algo era quando estava chapada, talvez... talvez eu realmente fosse uma viciada.

— Hum, e que tal irmos à boate de novo no próximo final de semana? — Brianna perguntou, me fazendo voltar a focar na conversa.

— Nada contra boates, mas não terminou bem da última vez — Eric falou, tomando um gole de seu suco. Então, ergueu as sobrancelhas, apoiando o queixo nas mãos. — Prefiro uma coisa mais *light*, tipo um cineminha.

Estávamos no refeitório da universidade e Brianna estava decidindo para onde deveríamos ir porque, segundo ela, os dias de aula estavam cansativos e ela precisava relaxar.

— Fico tão irritada quando me lembro de Kellan arrastando a Ryen da boate e o viciado de merda pensando que era o meu pai para fazer o mesmo comigo — Ela trincou os dentes, olhando por cima do ombro, na direção de Christian Yun. Ele estava sentado em uma mesa não muito longe da nossa, acompanhado por Kellan.

Kellan... fazia três dias que não nos falávamos, e ele nem olhava mais na minha cara.

Antes, quando nossos olhares se cruzavam, ele o prendia. Agora, Kellan era o primeiro a desviar os olhos quando eu estava por perto, como se tivesse visto uma desconhecida.

— Traficantezinho... — Brianna resmungou quando Christian sorriu falsamente e mostrou o dedo do meio a ela.

Eric foi o primeiro a rir, pondo as mãos sobre a boca.

— Por que vocês implicam tanto um com o outro? — perguntou a ela.

Eu encarei Brianna, enquanto comia um pouco do strogonoff de frango. Já era o segundo prato que eu estava comendo, graças a Eric; ele ficou cheio demais e eu aproveitei a fome que estava sentindo nesses últimos dias para não jogar a comida fora.

— Ele pensa que só porque... — Brianna se interrompeu, espremendo os lábios um no outro. — Não tem nenhum mistério, ele apenas gosta de julgar quem é rico só porque ele cresceu vendo como o mundo é injusto. Esse idiota me faz perder a fome — Ela afastou a própria bandeja, cruzando os braços.

— E não é? — perguntei, distraidamente, coçando meu braço. — Não vai comer isso? — Me referi à bandeja de Brianna, onde havia bastante couve, salada e arroz com strogonoff.

— Pode comer — ela autorizou, empurrando a bandeja na minha direção e revirando os olhos em seguida. — O mundo é injusto, mas por que ele só desconta as frustrações dele em mim, se Kellan também é rico? Você e o Eric também não sofrem esse tratamento.

Cocei minha nuca, pondo a comida do prato de Brianna no meu. Funguei quando senti meu nariz incomodar e enchi minha colher, a levando a boca.

— Talvez porque o Christian não nos conheça — expliquei, engolindo a comida com dificuldade.

Eu sentia que não estava mais com fome, mas por que eu não conseguia parar de comer?

— Pois eu acho que já é pessoal... — Eric sorriu, arqueando uma sobrancelha. — O que você fez a ele, Brianna?

Ela riu, parecendo não acreditar na pergunta de Eric.

— Por que você acha que eu fiz algo com ele? Por que ele não pode ter feito comigo? — questionou, indignada. — Eu só o odeio, e ao que parece, ele compartilha do mesmo sentimento. Odeio como ele culpa todo mundo pela vida de merda que ele leva.

Cocei o pulso e as palmas das minhas mãos, mastigando a comida devagar, como se assim eu pudesse engoli-la melhor.

— Ele não culpa todo mundo, ele culpa você... — apontei

Brianna parou de olhar para Christian e voltou os olhos para baixo, antes de rir e negar com a cabeça.

— Foda-se ele.

Eric arqueou uma sobrancelha em minha direção e dei de ombros, como se dissesse “vai saber o que se passa na cabeça deles”. E lendo meu gesto, ele o imitou.

Lambi meus lábios quando os senti secos e cocei meu nariz outra vez, sentindo a mesma agonia irritante que vinha aguentando nesses últimos três dias.

— Por que você está se coçando tanto? — Eric franziu o cenho.

— É verdade — Brianna me encarou, antes de sorrir venenosamente. — Killer te passou pulga, ou algo assim?

Mostrei o dedo do meio para ela.

— Vai se foder — eu devolvi seu sorriso, pegando meu copo de suco. — Devo estar com alergia a alguma coisa, não sei.

Dei um longo gole e, assim que o líquido desceu pela minha garganta, uma vontade repentina de vomitar tomou conta de mim. Eu discretamente engoli, para não fazer alarde, e afastei o copo dos meus lábios. Com certeza comi muito e eu definitivamente tinha mais educação.

— Eu quero ir à boate e Eric ao cinema — Brianna apoiou o queixo nas mãos delicadas, me olhando. — Mas e você? Qual a sua ideia?

Descansei as costas na cadeira e levei meu polegar à boca, balançando minha perna enquanto mordida a unha.

— Vão vocês, eu vou ficar em casa — falei, brincando com a minha cutícula. — Não estou muito a fim de sair esses dias.

Brianna revirou os olhos.

— Ah, qual é. Você não pretende ficar presa dentro de casa em pleno sábado à noite, não é?

— Sim? — Sorri.

Eric estalou a língua no céu da boca, negando com a cabeça, enquanto parecia totalmente decepcionado.

— Porra, é Miami! — Bree passou as mãos pelo rosto. — Cidade para cometer loucuras, vadia. Não me venha com essa de ficar em casa!

Passei as mãos pelos meus braços, pensando em suas palavras.

Tirando a universidade, eu tenho evitado sair de casa desde a noite do racha, quando eu me mostrei para todo mundo. Mas agora que tudo parecia tranquilo, não deveria havia mal em sair e me divertir um pouco, não é?

Olhei para eles.

— Vamos ao parque.

Responderam a minha sugestão com um olhar cheio confusão.

— O que fica aqui perto da universidade? — Brianna perguntou.

— Ele chegou há pouco tempo na cidade, pelo que sei — Eric disse, brincando com os anéis em seus dedos.

Assenti.

— Esse mesmo.

Brianna deu de ombros.

— Não é muito a minha vibe, mas eu topo. Só preciso distrair a mente depois do inferno que vai ser essa semana.

— O parque não é tão barulhento como uma boate, nem calmo demais como um cinema — murmurei. — Então, por que não o parque? Faz anos que não vou em um.

Eric acenou, sorrindo largamente.

— Eu gostei, amo o carrossel.

— Será que é porque você ama montar? — Brianna sorriu, maliciosamente.

— Também gosto de ser montado, Bree. Não se esqueça.

Ela arregalou os olhos e deu uma gargalhada.

— Você tem que parar de flertar assim comigo, Eric — Fez beicinho. — Você é gostoso, posso acabar me apaixonando.

Eu sorri minimamente, achando graça.

— Prometo que aqui é só sucesso, linda — Ele balançou as sobancelhas para ela.

Brianna pôs as mãos no peito, como se estivesse com dor, e soltou um suspiro dramático.

— Acho que vou te trocar pelo carinha novo com quem estou saindo...

— Já está namorando de novo? — perguntei a ela, bocejando, enquanto coçava minha palma. — E Connor? Não voltou a te incomodar?

— Eu não vivo no passado. E o filho da puta do Connor está mais preocupado em recuperar o movimento dos dedos — Ela revirou os olhos e puxou o celular da calça para mostrar uma foto a Eric. — Olha o carinha com quem estou saindo...

Ele arregalou os olhos e tomou o celular da mão dela.

— Caramba, Bree. Isso não é um carinha, é um carão! — Assobiou, impressionado.

Então ele me deu o celular e eu arqueei uma sobrancelha ao analisar a foto.

— Que lindo... — Eu sorri, antes de olhar para ela. — É o seu pai?

Brianna bufou e tomou o celular da minha mão, o jogando sobre a mesa, com um pouco de força.

— Ah, não fode... — Cruzou os braços. — Ele tem trinta e nove anos, não é tão velho assim. Além de ser gato pra caralho.

O homem da foto tinha cabelo loiro e uma barba da mesma cor, só que um pouco mais escura. Ele não poderia ser considerado um velho, mas a diferença de idade entre eles era gritante.

— Está com ele há quanto tempo? — Eric perguntou.

Senti minha nuca queimar e olhei para Kellan, notando que seus olhos estavam em mim. Ainda assim, era algo indiferente, como se eu não fosse ninguém. Por fim, ele desviou o olhar, e eu senti algo crescer em minha garganta, um bolo angustiante. Eu só não entendia o porquê; eu deveria estar feliz agora que ele parecia ter finalmente me deixado em paz.

— Uma semana — Brianna falou, chamando minha atenção. — Mas não estamos namorando, por enquanto estamos apenas saindo.

Assenti com a cabeça e voltei a brincar com minha cutícula, até que minha unha a acariciou com força demais, ferindo meu polegar. O sangue nasceu na pontinha do dedo e eu o encarei, enquanto inclinava minha cabeça para o lado.

Esperei sentir dor, mas não veio. Não senti... nada. Havia apenas um grande vazio, e eu nem estava frustrada com o meu deslize.

— Você está bem, Ryen? — Foi Eric quem perguntou.

Pisquei meus olhos, os sentindo pesados.

— Sim. Estou... — murmurei, coçando meu pescoço. — Por quê?

— Não sei, você parece... estranha.

Bocejei e cobri minha boca no processo, negando com a cabeça.

— Só estou com sono... — Sorri, esfregando meus olhos.

Ele e Brianna assentiram e eu olhei para o lado, na direção da mesa de Kellan. Ele já tinha partido. Nem mesmo vi quando isso aconteceu. Bom, era melhor assim, de qualquer maneira. Nada de bom viria de um contato entre nós.

Mas por que não me sentia melhor se tudo estava indo para o caminho certo?



Me remexi na cama e puxei ainda mais meu cobertor até o pescoço — como se isso fosse viável. Respirei fundo, tentando controlar a inquietação em meu peito e a coceira em meu corpo, mas sabia que era impossível.

Sentia como se fosse morrer e algo dentro de mim estava se rasgando. Meu peito queimava e meu nariz incomodava, como se estivesse sujo. E apenas uma coisa rondava minha mente. Droga. Eu precisava tanto... tanto.

O suor pingou de minha testa, descendo pelo meu nariz, e eu afastei a coberta do meu corpo, me sentando na cama, enquanto abraçava meus joelhos contra meu peito. Eu não conseguia respirar.

Encostei a testa em meu joelho, passando as mãos pelo meu cabelo e apertando os fios entre meus dedos. Senti algo molhado em minha perna e levantei cabeça para encontrar Killer com uma bolinha na boca.

— Não posso brincar com você agora, Killer... — O encarei, cansada. — Desculpa.

Ele me cutucou com o focinho outra vez, claramente não entendendo minha rejeição.

Me levantei da cama e saí do quarto, coçando meus braços. Então isso era a famosa abstinência agindo em meu corpo?

Kellan tinha razão, eu não estava bem. Neste exato momento eu me sentia um lixo, e não me admirava ele ter me oferecido ajuda. Eu devia estar com uma aparência lamentável.

Desci as escadas a passos apressados, com Killer em meu encalço. Andei em direção à cozinha, abrindo a geladeira para pegar uma pequena torta que comprei ontem, no caminho da faculdade pra casa.

Dei a primeira colherada enquanto uma lágrima escorria pela minha bochecha. Eu precisava me distrair, precisava preencher de alguma forma o vazio em minhas entranhas.

Você é fraca.

Viciada de merda.

Você é minha, querida.

Bati em minha cabeça, tentando afastar as vozes, enquanto continuava a comer a torta com colheradas grandes. Killer se ergueu em minhas pernas, mas o ignorei.

Passei a mão livre pelo meu pescoço, o sentindo pegajoso, exatamente como quando o sangue de Callum ficou sobre mim. Mas foi ele quem começou. Eu não tive culpa, não poderia deixar ele fazer nada comigo... não era?

Isa pegar outra colherada quando notei que a torta, que antes continha mais da metade, agora tinha acabado.

Querida.

Larguei a colher sobre o balcão de mármore e fui até a geladeira novamente, encontrando três latinhas de refrigerante de uva. Abri uma delas e levei aos lábios, dando um longo gole. E então outro, e outro. Quando acabou, peguei a próxima, e quando vi, já estava terminando de tomar a terceira e última.

Deixei a latinha cair e enxuguei a boca com as costas da mão, indo em direção ao armário. Fiquei na ponta dos pés para pegar um saco de salgadinhos que eu sabia que estava ali. O gosto me deu ânsia, então eu o joguei no chão, seu conteúdo se espalhando pelo piso.

Pisei nos salgadinhos enquanto caminhava em direção à sala, e me sentei com as pernas coladas em meu peito, passando as mãos pelo meu cabelo.

Onde você pensa que vai, sua cadela?

Grite o quanto quiser.

— Não, não! — eu gritei, batendo em minha cabeça com mais força do que conseguia controlar. — Cala a boca, me deixa em paz!

Killer latiu bem na minha frente, talvez estranhando o meu comportamento psicótico. Pobrezinho... Eu só tinha a ele, mas tudo o que ele tinha era uma dona doente e assassina.

A campainha soou pelo apartamento e eu neguei com a cabeça.

— Vai embora, vai embora... — sussurrei, enquanto puxava meus cabelos e abraçava meus joelhos, me balançando para frente e para trás.

— Ryen, sou eu! — Escutei a voz de Brianna.

Ergui minha cabeça e soltei meus joelhos, correndo em direção à porta. A abri e dei de cara com Brianna, ela usava um vestido branco e o cabelo natural, livre dos dreads. A puxei pelo braço e fechei a porta.

Brianna poderia me ajudar, ela era minha amiga, e amigas fazem de tudo uma pela outra.

— Brianna... — Dei um passo em sua direção.

Ele arregalou os olhos, me observando de cima abaixo, parando em meu rosto.

— Por que você está toda suja de chocolate? — Franziu o cenho, olhando meus cabelos. — O que aconteceu com você?

— Bree, você tem maconha? — Eu parei a centímetros dela, encarando seus olhos.

Ela enrugou as sobrancelhas, confusa com a minha pergunta. Porém, tinha cautela em seu olhar.

— Por quê?

— Porque eu preciso muito, neste exato momento... — Eu esfreguei meu nariz, fungando. — Você tem? Me diz que tem.

A confusão de Brianna sumiu e deu lugar a uma expressão que eu não consegui decifrar — ou só estava inquieta demais para tentar.

— Faz muito tempo que não uso maconha, acho que alguns meses... — Ela esfregou a nuca, dando um passo para trás.

— E cocaína? Você tem em casa? — Ergui minhas sobrancelhas.

— Não uso cocaína, Ryen... Eu trabalho com a minha aparência, prefiro não arriscar.

Agarrei os braços de Brianna, me aproximando dela.

— Você pode comprar com o Christian por mim? Kellan não te proibiu de usar, não é? — Olhei em seus olhos, sorrindo, — Vai ser fácil, você só precisa dizer que é para você, e depois trazer para mim.

Ela apertou os olhos e negou com a cabeça, pisando nas minhas esperanças.

— O que foi? — eu perguntei. — É por causa do dinheiro? Eu tenho.

— Não.

— Que bom, eu posso ficar esperan-...

— Eu não vou comprar drogas para você — ela me cortou.

Franzi meu cenho, inclinando minha cabeça para o lado.

— O quê? — Sorri, vacilante. — Brianna...

— Me desculpa, mas não vou te ajudar a se destruir — ela declarou, me olhando com o que pareceu ser pena.

Soltei o braços dela no exato momento em que Killer cheirou suas mãos. Comecei a andar de um lado para o outro.

— Você disse que queria ser minha amiga — relembrei.

Ela deu um passo em minha direção.

— E eu sou.

Eu dei outro para trás e ela parou.

— Você é? — Eu sorri, desacreditada. — Eu te pedi uma coisa tão simples e você nega.

— Isso não quer dizer que não sou sua amiga... — Ela deu mais um passo em minha direção, engolindo em seco. — Você não está bem, Ryen. Eu nunca te vi desse jeito, parece ser uma crise de abstinência.

Me afastei dela.

— Por que todo mundo quer decidir as coisas por mim, mandar na minha vida? — eu gritei, puxando meus cabelos. — Você está agindo como o seu primo, pensando que pode decidir como estou baseada no que vê! — Empurrei o centrinho de vidro com meu pé, quase o quebrando.

— Eu só estou preocupada com você, onde eu estou errando? — Brianna veio até mim e Killer a acompanhou. — Eu não sou sua amiga só porque quero te ajudar? Ou você só considera a ajuda quando fazem a sua vontade? Quer droga? Vai você e compra, porque não vou mover um músculo, porra!

A encarei por longos segundos antes de um soluço irromper por minha garganta e eu me desmanchar em lágrimas. Eu caí de joelhos, batendo meus punhos no chão.

— Brianna... — Eu chorei, fechando meus olhos.

Braços foram jogados ao redor do meu corpo e ela acariciou meus cabelos.

— Xiu...

— Eu quero parar, Brianna... — Agarrei sua cintura, enfiando meu rosto em seu pescoço. — Me ajuda, eu sinto que vou morrer.

— Você não vai, eu vou te ajudar —murmurou contra meu cabelo, beijando o topo da minha cabeça. — Eu não tenho uma amiga fraca, você vai vencer, Ryen.

A abracei com mais força, temendo que ela sumisse.

— Eu não tive culpa, Brianna... — Neguei com a cabeça. — Eu juro a você que eu não tive culpa!

— Eu sei, eu sei... — ela sussurrou. — Embora você tenha usado por vontade própria na primeira vez, não teve culpa de se viciar. Aconteceu, e você não pôde evitar.

Isso me faz chorar ainda mais, e Brianna me ergueu do chão com um pouco de dificuldade, me deixando em pé outra vez. Ela caminhou comigo até o sofá e nós nos sentamos, minha cabeça indo para o seu colo.

Enquanto eu chorava em seu vestido branco, ela fez carinho em meu cabelo, deixando que eu pusesse para fora toda a angústia que estava sentindo. Não demorou muito até que eu caísse no sono após um choro compulsivo.

Quando acordei, horas depois, Brianna já havia ido embora. Olhei meu celular e vi uma mensagem dela avisando que teve que ir para uma sessão de fotos, mas que eu devia ligar para ela se eu precisasse de qualquer coisa. Já passava das quatro e meia da tarde quando eu decidi visitar meu irmão. Talvez assim eu me sentisse melhor.

Me sentei entre a lápide dele e a do nosso pai, ficando de frente para elas, enquanto meus olhos estavam fixos em seus nomes gravados nas pedras.

— Seu aniversário está chegando, *hermanito*... — Eu sorri minimamente, agarrada com meus joelhos.

Killer, que estava sentado ao meu lado, se levantou e começou a cheirar as rosas sobre o túmulo de Rapha e o do meu pai.

Mais rosas foram deixadas aqui.

— Eu... Eu acho que estou viciada em drogas, Rapha... — Engoli em seco, antes de sorrir. — Porra, viciada é eufemismo. Eu preciso dessa merda para me manter sã.

Meu cachorro espirrou e voltou a ficar ao meu lado, cutucando meu braço com o focinho.

— Kellan disse que eu não estava bem, e ele tinha razão... — Eu revirei meus olhos. — Por acaso você deixou esse idiota tomando conta de mim ou algo do tipo?

A leve brisa fria balançou meu cabelo, me dando arrepios.

— Sério, ele não sai do meu pé e fica controlando a minha vida. Bom, ficava. Ao que parece, ele se cansou de tomar conta de mim. Deve ter aceitado que sou um caso perdido, que não tem solução... — Dei de ombros.

Funguei, sentindo frio, já começava a anoitecer. Não sabia dizer por que, mas acho que preferia ir a cemitérios à tarde, eles pareciam bem mais receptivos nesse horário. E algo na brisa fria me confortava.

— Eu sou uma decepção para você, papai? Victoria me via assim — Olhei para a lápide dele. — Me desculpe, tenho certeza de que não estou parecendo uma Rodríguez agora. Acho que você esperava uma filha que não se vitimizasse tanto... — Sorri, sentindo lágrimas se acumularem em meus olhos.

Coloquei a mão no peito quando o senti apertado, e um suspiro longo escapou dos meus lábios. Killer lambeu minha bochecha, mas eu não me movi, era como se estivesse dormente.

— Sei que estou sendo reclamona agora, mas realmente está difícil de aguentar. Não sei se consigo por muito tempo, acho que estou quebrada... — Apoiei meu queixo em meus joelhos.

Killer se levantou novamente e andou até a lápide de Rapha, pegando uma rosa com a boca e a trazendo até mim. Ele a colocou em meus pés e eu olhei dela para ele.

Sorri, acariciando sua cabeça.

— Acho que Killer está me consolando. O que acha Rapha? Eu o treinei bem? — Olhei para sua lápide.

A brisa fez as pétalas das rosas em seu túmulo balançarem suavemente, como numa dança.

— Por quanto tempo mais eu vou ter que sobreviver? — Não aguentando resistir, deixei as lágrimas virem. — Parece que a cada dia que passa, dói mais. Não tem ninguém em quem eu possa confiar. Tenho medo de ser julgada se eu o fizer. Ninguém gosta de assassinos.

Killer ficou ereto, olhando ao redor do cemitério, como se tivesse escutado algo. Ele se afastou de mim e começou a andar de um lado para o outro, latindo.

Me levantei e andei até ele, pondo a mão em sua coleira para segurá-lo. Ele ficou ainda mais inquieto, tentando se soltar a qualquer custo.

— Para de latir, Killer — eu mandei, o segurando com mais força. — Nós estamos em um cemitério.

Ele rosnou e latiu mais alto, foi quando eu usei toda a minha força para arrastá-lo para perto do túmulo da minha família e pegar a rosa que ele me deu. Então, olhei para a lápide de Raphael e sorri.

— Eu volto no dia do seu aniversário... — avisei a ele, e desviei os olhos para o túmulo do nosso pai. — Até mais.

Killer latiu, ficando em pé e rosnando, sem parar. Eu comecei a arrastá-lo por entre os túmulos, enquanto ele se mexia freneticamente. O que tinha de errado com esse cachorro?

O trouxe comigo para que ele não ficasse tão preso dentro de casa, mas agora me perguntava se fora uma boa ideia.

Assim que saí do cemitério, vi um táxi vindo em minha direção e o chamei com a mão. Entrei no carro com Killer, que estava dificultando tudo por não querer ficar quieto de maneira alguma. Me estressei e olhei feio para ele.

— Killer, para agora — Usei firmeza em minha voz.

Ele rosnou para mim enquanto o motorista deu partida no carro.

Eu realmente não sabia o porquê de Killer estar assim, tinha certeza de que ele não estava com nenhuma vacina atrasada. Então por que ele estava tão agitado e raivoso como agora?

Se fosse em meu carro, até dava para relevar. Mas estávamos em um táxi. Poderíamos ser expulsos a qualquer momento. Eu não tive condições de dirigir até o cemitério porque minhas mãos tremiam muito.

O motorista olhou para nós pelo retrovisor, o cenho franzido, como se estivesse com raiva. Killer agiu de forma imprevisível quando se esticou no banco do homem e rosnou em seu ouvido.

— É o suficiente, vou ter que pedir que saia do carro! — ele falou, encostando o carro em uma calçada.

Pensei em contestar, dizer que meu cachorro ficaria quieto, mas o modo como ele estava rosnando agora me fazia ter certeza de que eu não deveria confiar.

Suspirando, desci do carro e puxei Killer comigo, vendo o táxi ir embora, nos deixando para trás. Bufando, me abaixei para ficar do tamanho do meu cachorro e agarrei seu focinho.

— Você viu o que fez? Agora vamos ter que ir andando para casa. Sorte sua que já estamos bem perto... — Neguei com a cabeça, começando a andar.

Já tinham passado alguns desde que comecei a caminhar com Killer, que agora estava quieto. O que me matou de indignação foi ver que o pestinha esperou que fôssemos expulsos do táxi para voltar a si. As pessoas

passavam longe de nós e algumas até cortavam caminho para não ter que ficar perto de Killer. Me amaldiçoei por não trazer sua guia.

Mesmo quieto, ele ainda mostrava os dentes para as pessoas.

— O que tem de errado com... — me calei quando um calafrio percorreu meu corpo; olhei para trás.

Alguém entrou em uma esquina próxima de maneira tão rápida que só pude ver que estava usando um moletom escuro com capuz. E mesmo que isso pudesse ser apenas uma coincidência, eu não queria me arriscar ou duvidar dos meus instintos. Lembrando que tinha trazido meu canivete, enfiei minhas mãos nos bolsos da jaqueta e firmei meus dedos nele.

— Vem, Killer! — eu o chamei, apertando o passo.

Veza ou outra, puxei Killer pela coleira, o estimulando a andar mais rápido. Enquanto ele andava, ficava olhando de um lado para o outro, latindo.

Olhei para trás e vi um cara de capuz preto e cabeça baixa, com as mãos nos bolsos do moletom, andando em nosso encalço. Havia uma boa distância entre nós, mas ainda assim, era perto demais para o meu gosto.

Avistei meu prédio, enquanto mais calafrios percorriam meu corpo, aqueles do tipo ruim, que estavam gelando até minha alma. Olhei por cima do ombro e dessa vez não encontrei ninguém. De repente meu corpo bateu contra algo sólido, e se não fosse pelas mãos grandes segurando meus braços, eu teria ido ao chão.

Olhei para cima, erguendo as sobrancelhas.

— Era você? — questionei sem fôlego, vendo Kellan vestido com um moletom preto.

— Era eu o quê?

— Tinha... tinha alguém... — Olhei para trás, vendo que o cara realmente sumiu.

Voltei meu olhar para o peito de Kellan.

— Você está pálida... — Ele segurou meu rosto entre as mãos, encarando meus olhos. — O que aconteceu? Por que você parece tão agitada?

Killer latiu e eu o olhei, percebendo que ele tinha se erguido sobre as patas traseiras e apoiado as dianteiras na lateral do corpo de Kellan.

Neguei com a cabeça, tirando suas mãos do meu rosto.

— Não é nada... — eu pigarreei. — O que faz aqui?

Kellan estreitou os olhos em minha direção.

— Não minta para mim.

— Por que eu mentiria para você?

Ele se aproximou de mim e agarrou minha cabeça entre as enormes mãos, se inclinando na minha direção.

— Talvez porque você tem uma irritante mania de esconder tudo para si? — ele atirou de volta. — Vou perguntar de novo, Ryen. O que aconteceu?

Com seu rosto a centímetros do meu e nossos narizes quase se tocando, me vi perdida nos olhos azuis gélidos de Kellan, e um frio percorreu minha barriga, causando arrepios em meu corpo.

Engoli em seco.

— Devo estar pálida porque não comi bem o dia todo... — falei a primeira coisa que sabia que iria distraí-lo.

A expressão de Kellan endureceu e ele analisou a minha, procurando algum sinal de mentira. Havia tantos.

Depois do que pareceu uma eternidade, Kellan me soltou e pegou uma chave no bolso de sua calça.

— Sorte sua, minha mãe mandou que eu te buscasse para jantar lá em casa — ele falou, cruzando os braços.

Eu quase sorri por constatar como Tia Lily sempre se lembrava de mim.

Cansada demais e mentalmente esgotada, só por hoje e apenas hoje, me vi assentindo sem nenhuma objeção.

— Tudo bem... — Sinalizei positivamente com a cabeça e olhei para meu cachorro. — Mas só se Killer também for.

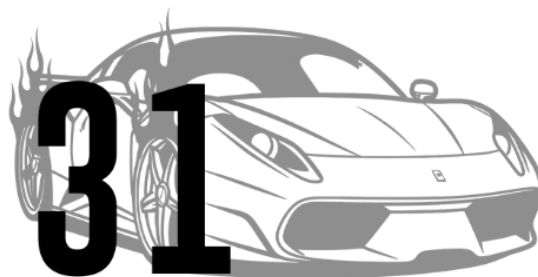
Ele latiu e Kellan o olhou, descruzando os braços. Ele me deu as costas e eu comecei a andar em direção à sua Ferrari vermelha, para em frente ao meu prédio.

— Vem, garoto — ele assobiou, e Killer correu até ele, me deixando para trás.

Abri a boca, indignada com o modo como ele parecia nunca pensar duas vezes antes de me trocar por esse idiota.

Caminhei atrás deles e Kellan entrou no carro, destravando o lado do passageiro para mim. Antes de entrar, dei uma olhada para o lugar onde vi o cara encapuzado, sentindo uma leve sensação de medo porque eu sabia que realmente tinha alguém me seguindo.

E eu estava apavorada demais para descobrir quem era.



*“Você tem ideia de que é a minha obsessão?
Sonhei com você quase todas as noites desta semana.
Quantos segredos você consegue guardar?”*
Arctic Monkeys – Do I Wanna Know?

Kellan Royal

— Pensei que você tivesse vindo à empresa para continuar a aprender sobre ela — Ouvi a voz do meu pai e, de cara, notei o tom desdenhoso —, e não para ficar pensando na sua vida, seu bostinha.

Parei de refletir sobre como fui feito de puta por Ryen e fixei meus olhos nele, arqueando uma sobrancelha.

— E a empresa não faz parte da minha vida?

Eu estava sentado na cadeira que pertencia ao meu pai e ele estava em pé, do outro lado da mesa, debruçado sobre ela com as mãos no vidro.

— Não faça joguinhos comigo, pirralho — Revirou os olhos. — E pelo amor de Deus, levante - se do meu lugar. Você mal pode esperar para que eu morra.

Descansei minhas costas na cadeira e cruzei minhas pernas, abrindo meus braços.

— Vou herdar a empresa qualquer dia desses, não é? — Deslizei a cadeira de um lado para o outro, sorrindo. — Você tem que ir se acostumando, pai.

Ele arqueou uma sobrancelha e inclinou a cabeça para a direita, exalando um ar sarcástico.

— Você só assumirá a empresa no dia em que eu estiver velho o suficiente para o meu pau não subir nem com viagra — murmurou, entre dentes, sorrindo. — Agora, tire o rabo da minha cadeira.

— Talvez nem demore muito — resmunguei, enquanto fazia o que ele mandou.

Meu pai estreitou os olhos em minha direção e eu mantive a expressão desconfiada. Soltei um pigarreio e contornei a mesa pelo outro lado, apenas para não ficar perto dele. Joseph não era um homem muito paciente ou confiável. Ainda mais com alguém que duvidasse de sua potência sexual.

Mas que porra. Queria me matar só de imaginar meus pais fodendo.

Meu pai decidiu ignorar minha alfinetada; deu a volta em sua mesa e reuniu alguns papéis que estavam jogados sobre o tampo de vidro. Acaricieei minha nuca e um suspiro cansado escapou dos meus lábios.

— Ryen? — O ouvi perguntar e dirigi meu olhar a ele.

Ele ainda estava lendo a papelada, agora sentado em sua cadeira. Nem mesmo olhava para mim.

— O que tem ela? — Enfieei as mãos nos bolsos do meu moletom preto.

Aquela não era uma roupa apropriada para se usar em uma empresa tão importante como essa. Mas eu estava na academia quando meu pai me ligou e me chamou com urgência até aqui. Ele queria que eu participasse de uma reunião, mas não era como se ele precisasse da minha opinião.

— Acha que sou cego, Kellan? — perguntou, ainda sem me olhar. — Você marcou aquela garota como sua no dia em que a pegou nos braços, quando ela tinha dois dias de vida, e disse que quem a tirasse de você, morreria.

— O senhor costuma levar a sério o que uma criança diz?

— Apenas quando ela cresce observando a garota como um psicopata.

Retirei minhas mãos dos bolsos do moletom e cruzei meus braços, encarando meu pai com os olhos estreitos.

— Você fez o mesmo com a minha mãe — rebati.

Ele deu de ombros.

— Não estou te julgando — Sorriu, lendo outra folha.

Era óbvio que ele acharia normal, eu era igual a ele. Tinha a mesma mente distorcida e doente com tendências psicóticas.

E meu pai estava certo, Ryen sempre foi minha. Desde o momento em que, com a mãozinha pequena, ela agarrou meu dedo, os olhinhos fechados em um sono profundo. Ou quando ela tinha nove anos e bateu em

uma garota que estudava comigo, mandando a menina achar outro Kellan porque eu era o Kellan dela. Ela podia não saber, mas eu vi tudo. E mesmo que me parecesse preocupante, ainda era fofo.

Nós nascemos um para o outro, e seu retorno a Miami comprovou isso. Antes eu não sentia atração por ela, mas a obsessão e a proteção excessivas ainda estavam ali. Eu afastava todos os moleques que demonstravam interesse por Ryen. Alguns chegaram até a fazer xixi nas calças em meio às minhas ameaças.

Agora que ficamos juntos, eu ainda podia me lembrar com detalhes da sensação do meu pau batendo em sua doce boceta, enquanto ela se contorcia na cama.

Depois que terminamos, tudo que passou em minha cabeça foi ela me mandando fechar a porta ao sair. Só faltava isso, porra. Me senti uma puta. Não que eu tenha achado isso ruim, mas ainda assim, era uma puta.

Fiquei tão possesso que não tive cabeça para encará-la. Além do que, a culpa que senti pelo seu irmão voltou com força total e de repente era como se eu fosse o filho da puta mais nojento da face da terra. Desde então, cogitei deixar Ryen ir. Arrancá-la do meu sistema porque eu sabia que seria o melhor.

Porém, no momento em que provei dela, que soube o que era estar dentro de Ryen, arrancando seus doces gemidos, eu entendi que a última coisa que poderia fazer agora era deixá-la ir. Ela era minha, e estávamos apenas começando.

— Mesmo que ela seja sua, não se comporte como um idiota sem atitude. Cuide dela — meu pai orientou. — Ryen voltou estranha, ela nem mesmo sorri de verdade agora.

Ergui minhas sobrancelhas, interessado no fato de eu não ter sido o único a notar aquilo.

— Estranha como?

— Acredito que você, mais do que ninguém, percebeu, Kellan — Ele desviou o olhar da folha e me encarou. — Então cuide do que te pertence e não a deixe ir embora novamente. Não sei se ela voltaria dessa vez.

O encarei de volta.

— E se ela não quiser me pertencer?

— Então você falhou.

Ele largou os papéis sobre a mesa, cruzando as mãos em frente ao rosto.

— Você não desiste, me ouviu? Se tiver outros homens no caminho, você os tira de cena. Se ela não quiser você, a faça querer. Se ela não te amar, faça com que ame.

Sim.

Eu poderia sequestrar Ryen e levá-la para uma ilha, e ainda assim meu pai não me julgaria. Na verdade, ele apoiaria, ou até mesmo daria a ideia. Tínhamos um desvio de caráter alarmante, mas isso podia ser charmoso de certa forma.

No entanto, ele tinha razão. Eu não desistia e não cedia. Iria arrancar o filho da puta do namorado dela de sua linda cabecinha. Eu não dividia nem compartilhava. E isso sequer seria uma disputa, pois eu já sabia que o meu lado tinha ganhado.

No fim de tudo, vai ser a porra da minha aliança no dedo dela, a marcando como minha; porque era isso o que ela era. Não importava sua personalidade atual ou quão difícil de lidar ela fosse. Eu aceitava todas as suas versões.

— Um conselho bem saudável de pai, não é mesmo?

— O mundo é seu, Kellan — Meu pai se inclinou para trás, relaxando na cadeira. — Esqueça aquela baboseira em que sua mãe acredita sobre esperar o que é seu de verdade. Você pode ter o que quiser. Pode tomar o que quiser.

— Porque o que é meu, me pertence. E se não for meu, e eu quiser... Eu tomo — repeti o que ele me disse quando eu tinha dez anos.

Suas palavras ainda estavam vívidas em minha mente, nunca as esqueci.

— Então o que você está esperando?

Sorri de lado e descruzei meus braços, os deixando descansar ao lado do meu corpo. *Quase fraquejei, Ryen.*

Por alguns dias você me fez cogitar a ideia de te esquecer. Mas porra, você está dentro da minha pele, e nem se eu quisesse poderia te arrancar dela.

— Tudo isso é muito motivador, pai. Chego a ficar emocionado — Coloquei a mão no peito, agradecendo a ele à minha maneira.

— Se abstenha do sarcasmo, Kellan. Ele fica melhor em mim do que em você — falou, voltando sua atenção para o notebook em cima da

mesa. — Quando chegar em casa, avise a sua mãe que vou me atrasar para o jantar outra vez. Ela não precisa me esperar.

Estreitei meus olhos diante de suas palavras.

Meu pai vinha faltando constantemente ao jantar, e eu não acreditava que ele tivesse tantas reuniões de última hora e trabalhos extras. Isso começou a ocorrer com frequência, o que era mais suspeito ainda.

— O que está escondendo? — perguntei, sem rodeios, apoiando minhas mãos na mesa enquanto me debruçava levemente sobre ela.

Ele continuou a digitar.

— Sobre?

— Trabalho até tarde, papelada em excesso, reuniões de última hora que não podem esperar... — apontei. — Não está traindo a minha mãe, não é?

Meu pai ficou tenso e parou de digitar. O movimento foi discreto, já que ele não era de demonstrar emoções, porém ainda estava lá, me deixando mais desconfiado.

— Repita a merda que você acabou de dizer — mandou, frio, elevando o olhar em minha direção.

Dei de ombros.

— Eu não estou lhe acusando, apenas tentando achar uma justificativa para as suas... fugidinhas.

— E por que isso seria da sua conta?

— Minha mãe fica triste quando você não janta com ela — respondi, hostil. — E eu não gosto quando ela fica triste.

— Mais uma vez, eu pergunto... — murmurou, indiferente. — Isso é da sua conta?

Bufei uma risada.

— Eu realmente espero que você não esteja traindo minha mãe com alguma putinha de dezenove anos, loira e siliconada — suspirei, dramaticamente. — Isso seria vergonhoso, pai.

— Não me meto nos seus assuntos, então pare de se meter nos meus ou de tentar adivinhá-los — falou, indiferente. Isso me deu nos nervos. — E não cruze os limites, porra. Eu amo a sua mãe.

— Quem ama, trai. Mas quem respeita, não.

Meu pai arqueou uma sobrancelha e corrigiu a postura, me dando um olhar debochado.

— E se eu estivesse? — questionou, sorrindo. — O que você faria, Kellan?

— O senhor não quer descobrir.

Ele cerrou os olhos.

— Você não me quer como inimigo.

— Então, não me faça ser o seu — rebati.

Ele me encarou por breves segundos, talvez questionando a si mesmo o porquê de ter me feito como ele. Com certeza estava se amaldiçoando agora, ao ver como éramos parecidos e não cedíamos.

Eu me perguntava como aquele clima leve entre pai e filho acabou virando isso.

— Você é um merdinha, mesmo — ele disse, sorrindo. — Não sei se fico contente por haver tantas semelhanças entre nós ou se te xingo por ser um filho da puta.

— Vai depender do que você está escondendo, pai — Sorri, descarado, quando senti meu celular vibrar e o peguei no bolso da calça de moletom. Era uma mensagem de Yun. — Agora, se me der licença, tenho que cuidar dos meus assuntos.

Lhe dei as costas.

— Rachas ilegais não são assuntos, Kellan.

Quando cheguei à porta de vidro, agarrei a maçaneta e me virei para encará-lo, seu rosto em uma total indiferença, tão gritante que a sentia em meus ossos.

— Se preocupe em chegar cedo para o jantar, pai — atirei.

— Na arte de dar ordens, eu ministro aulas, Kellan — retrucou, cruzando os braços. — Não se esqueça quem é o dono do saco de onde você veio.

Um sorriso lento se desenrolou em meus lábios e eu não consegui conter o fio de diversão que cresceu em minhas entranhas, se espalhando.

— Pode deixar, não me esquecerei disso — Passei pela porta sem olhá-lo.

Eu queria acreditar que meu pai não estava traindo a minha mãe, mas semana passada passei na empresa às onze da noite e o segurança disse que todo mundo já tinha ido embora, até mesmo meu pai. Depois, fui à casa dos meus pais e minha mãe disse que ele ainda estava no trabalho.

Preferi não dizer a ela que não, ele não estava lá. Não queria preocupá-la. E não é que eu não confiasse no meu pai, mas ele mesmo me

ensinou que todos nós estamos sujeitos a traições, e que elas podem vir de qualquer um. Ninguém é confiável.

Estava mais do que obstinado em descobrir que porra ele andava escondendo com tanto afinho e dedicação. E iria garantir que minha mãe não saísse machucada até o fim disso.

Após pegar minha Ferrari no estacionamento da empresa, a levei até a oficina de um amigo de Christian. O cara sempre tinha peças de primeira linha, a maioria contrabandeada e proibida no nosso país. Mas ninguém realmente ligava para isso.

Olhei para o relógio em meu pulso, vendo que já eram quase cinco da tarde. Uma leve brisa bagunçou meus cabelos enquanto eu dirigia pelas ruas de Miami em uma velocidade um pouco acima da média. Meu celular tocou e o peguei em meu bolso; era a minha mãe.

Coloquei o aparelho no viva-voz.

— *Filho?* — ela falou, do outro lado da linha, a voz doce preenchendo o silêncio do carro.

— Oi, mãe. Precisa de algo?

— *Pedi à cozinheira, Carmen, que fizesse risoto à La Piemontese e nhoque ao molho de tomate para o jantar* — disse, animada. — *Aí tive a ideia de chamar a Ryen para jantar conosco. O que acha, filho?*

— Acho uma boa ideia, mãe — concordei com ela, enrolando em uma esquina.

As duas não se viam há um tempo, e de qualquer maneira eu já pretendia ir ao apartamento da Ryen assim que eu saísse da oficina do amigo de Christian. Levá-la para a minha casa era ainda melhor. Porra, mãe, isso era uma ideia do caralho.

— *Você pode trazer ela aqui agora?* — me perguntou, ansiosa.

— Agora não tenho como, estou indo resolver um assunto — respondi, vendo a oficina um pouco à frente. — Mas assim que eu sair daqui, busco ela.

— *Ah, tudo bem. Mas não se esqueça, tá bom?*

Nem se eu quisesse, mãe.

— Pode deixar — garanti, estacionando o carro na entrada da oficina.

— Será que ela vai gostar do cardápio? — ela perguntou, mantendo a animação. — Acho que vou pedir à Carmem para preparar uma sobremesa também, Ryen gosta.

— *Só não faça nada que leve amendoim, ela detesta* — eu a lembrei.

Desde que éramos pequenos, Ryen sempre mostrou sua aversão a amendoim, mas Rapha constantemente se esquecia disso. Quando se tratava de torradas e sanduíches, ela sempre preferia geleia de uva ou frango. Às vezes atum, também.

— *Obrigada, filho. E se não atrase, por favor* — pediu.

— Claro.

Após alguns segundos, a chamada foi encerrada, e alguém bateu na janela do passageiro. Olhei para o lado e vi Yun, tentando enxergar dentro do carro. O idiota só estava fazendo graça, ele sabia muito bem que os vidros eram fumê.

Saí do carro e fechei a porta.

— Olha só, não sabia que era você — Yun abriu os braços de maneira exagerada, me olhando com um falso ar de surpresa. Ele colocou as mãos ao redor da boca. — Akira, o nosso queridinho chegou!

Eu sorri, revirando meus olhos enquanto dava a volta no carro e andava até Yun. Ele me olhou de cima a baixo.

— Estava com o papai?

— Não fode — Sorri, enquanto entrávamos na oficina. — Onde está Akira?

— Ele está... ocupado — murmurou, negando com a cabeça. — Se não quiser ver uma cena nada agradável do filho da puta, aconselho que espere aqui.

Antes que eu pudesse perguntar sobre o que ele estava falando, gemidos femininos preencheram a pequena oficina, seguidos de mais alguns murmúrios masculinos.

— Isso aí, gata — Akira gemeu. — Continue me chupando como se eu fosse um picolé de morango.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Brochante...

— Espera, ainda tem o pior — Yun revirou os olhos escuros.

— Porra de boceta gostosa, gata — o mecânico gemeu. — Continue esfregando ela na minha cara.

— *Papito...* — a mulher gemeu, em espanhol, de maneira estrangulada.

Ele fez um som, em concordância.

— Sim, seu *papito*.

Yun negou com a cabeça, arrancando a touca amarela para bagunçar os fios de seu cabelo escuro.

— Porra, meu pau não poderia estar mais mole — resmungou.

Sorri e arqueei uma sobrancelha quando os gemidos da mulher e de Akira ficaram mais altos, até que não se escutava mais nada e o silêncio pairou na oficina.

Demorou menos de dois minutos para Akira aparecer, agarrado com uma loira peituda que estava vestida com uma blusa vermelha de alcinhas e uma minissaia preta. O cara de cabelo platinado estava com a mão na bunda dela, enquanto ela o mantinha preso pelos ombros; vieram caminhando até nós, juntos.

Akira estava vestido apenas com uma boxer azul-marinho, o corpo tatuado totalmente exposto.

— Porra, que o inferno queime meus olhos agora — Yun falou, olhando para Akira.

O mecânico apenas ergueu o dedo do meio para ele, antes de agarrar a loira pela bunda usando as duas mãos e pressioná-la contra o carro mais próximo. Ela ergueu a perna para enroscá-la ao redor da cintura de Akira, revelando uma calcinha de renda branca que me deixava ver cada detalhe de sua boceta.

Desviei meus olhos, pois não estava nem um pouco interessado em outra boceta que não fosse a da Ryen.

Merda, eu estava sendo muito bem adestrado.

— *¿Cuándo te volveré a ver, papito?* — a loira perguntou, ao fim do beijo.

Akira ergueu as sobrancelhas, como se estivesse tentando entender o que acabou de escutar.

— É... — Ele buscou as palavras antes de sorrir largamente e lhe dar um selinho. — Sim, sim. *Papito* gostou muito.

Pude ver um sinal de interrogação na testa da garota, que também não entendeu o que ele disse. Ela abriu a boca para falar algo, mas Akira lhe deu mais um selinho e se afastou.

— *Papito* agora tem que *hablar* com esses *chicos*. Depois conversamos, gata — avisou, a empurrando de leve para que fosse embora.

Parecendo entender que ele a estava dispensando, ela assentiu e sorriu uma última vez para Akira, antes de caminhar para fora da oficina,

balançando a bunda empinada coberta pela minissaia.

— É uma bela bunda, tenho que admitir — Yun comentou.

— Essa quase mata o *papito* aqui — Akira acariciou o peito, suspirando.

— Se você soubesse quão ridículo fica falando assim, se pouparia dessa vergonha — atirei e ele ergueu o dedo do meio para mim. — Você tem um fetiche ou alguma merda assim?

Akira deu de ombros, sorrindo.

— Não diria que é um fetiche, mas as latinas têm... não sei. Algo que mexe com meu coração.

— Você vai gostar da Ryen, então — Yun disse, e lancei um olhar fulminante em sua direção.

— Ryen? Quem é essa? Tem foto — Akira perguntou, cavando a própria cova.

— Não se você gostar de enxergar.

— Você está pegando, não é? Divide? — Sorriu, sugestivo.

— Minha.

Só um louco perguntaria isso, eu não estava aberto a negociações. Eu não divido, nunca. Não Ryen. Ela era minha e só minha.

— Sua namorada? — o filho da puta insistiu.

— Minha mulher.

Ouvi alguém bufar uma risada e olhei para Yun.

— Ela sabe disso? — ele debochou.

— Brianna sabe que você quase matou o ex dela? — Sorri, com malícia.

Ele cerrou os dentes, estreitando os olhos em minha direção.

— Ele estava me devendo — Deu de ombros.

— Você se ilude com isso? — provoquei.

— Vá se foder, porra — rebateu.

Nós nos encaramos, e assim começamos uma disputa para ver quem desviaria o olhar primeiro. Ele queria me matar e eu a ele. Mas o filho da puta nunca abaixava a cabeça para mim, e eu gostava disso, pra caralho. Era o tipo de coisa que me mostrava que, de fato, eu tinha um amigo.

— Ok, cara. Nada de Ryen — Ouvi a voz de Akira e desviei meu olhar para ele, assim como Yun. O platinado ergueu as mãos. — Ok, cara. Nada de Brianna também.

Dei um sorriso de lado.

Akira estava aqui há apenas três anos. Ele não conheceu Ryen ou Raphael, saiu do Japão para Califórnia dois anos depois da tragédia que matou meu amigo.

Filho de mãe americana e pai japonês, foi criado no Japão a maior parte de sua vida. Se comunicava em inglês perfeitamente bem, só não falava a língua das mulheres com quem se envolvia. Espanholas, mexicanas ou brasileiras. Ele sempre foi apaixonado por latinas.

— Quando voltou do Japão? — perguntei a ele, cruzando meus braços.

— Semana passada, estava comprando umas peças bem... maneiras — contou, e deu um sorriso sugestivo.

— Você esteve no submundo do Japão para comprar as peças proibidas, não foi, cuzão? — Yun compartilhou do sorriso dele.

Akira andou pela pequena oficina, pouco preocupado com sua seminudez, e foi em direção a uma grande lona.

— Vocês sabem que só vendo o melhor — falou, agarrando a lona e a puxando até ela cair. — Agora, deem uma olhadinha nessas belezinhas.

Andei até a caixa que a lona estava cobrindo e peguei um motor em minhas mãos, ele era prateado com vermelho. Olhei para Akira, questionando.

Após pegar o cigarro e o isqueiro que Yun lhe ofereceu, ele se virou para mim.

— Você está olhando para um motor com mais de mil e seiscentos cavalos — Deu uma tragada no cigarro, soltando a fumaça em seguida. — Essa belezinha corre a quase quinhentos quilômetros por hora.

Yun também me ofereceu um cigarro, o qual eu aceitei e acendi. Ele olhou para Akira, soltando a fumaça.

— Esse motor não é do *Hennessey Venom F5*?

— Você quer vender os motores de outros carros para outras Ferraris, ou outros modelos... — eu disse o plano de Akira em voz alta, reparando nos motores.

— Exato — Ele juntou as mãos, fazendo um som alto de tapa. — Por que gastar com uma Ferrari nova quando você pode acrescentar umas coisinhas à antiga?

— Cara, se a polícia pegar, você está fodido — Yun riu, em meio à fumaça.

— Isso não vai acontecer. Não quando vendi um motor a um delegado dois dias atrás — Akira sorriu. — Tenho prints da conversa e os vídeos da compra. Ele vai cuidar para que a polícia não fique na minha cola. Caso contrário, vamos ser amiguinhos de cela.

Sorri, segurando meu cigarro entre os dedos, enquanto Yun riu, dando tapinhas nas costas de Akira.

— Cara, eu vejo você como uma figura paterna — Yun brincou.

— E eu vejo você como meu comprador. Vai querer ou não, arrombado? — Akira perguntou a ele, sem rodeios.

— Por quanto você está vendendo?

— Novecentos dólares.

Meu amigo ergueu discretamente as sobrancelhas e olhou para baixo, parecendo pensativo. Eu sei que ele conseguia mais do que isso com a venda das drogas. Muito mais. Porém, eu sabia muito bem que havia dois motivos principais que o impediam de comprar. Primeiro, o pai. Depois, ele fica com pouco para comprar o motor.

Ele olhou para o platinado.

— Deixa para a próxima.

— Qual foi, cara — Akira cruzou um dos braços, dando uma longa tragada. — Você me paga quando puder.

— Não gosto de dever — foi tudo o que ele disse, e eu sabia que estava encerrando o assunto.

Akira assentiu, entendendo o recado.

— E você, Kellan?

Neguei com a cabeça.

— Quero só que você turbine minha Ferrari — falei, segurando a fumaça por alguns segundos antes de soltá-la.

— Você voltou a correr? — perguntou, e ergueu as sobrancelhas. — Você não fazia isso há o quê? Três meses?

Um sorriso surgiu lento em meus lábios.

— Alguém finalmente me desafiou.

Akira acenou com a cabeça, apoiando as mãos na caixa e se inclinando sobre ela.

— Hum... — Ele assentiu várias vezes com a cabeça. — Vou ver o que posso fazer.

Eu estava me coçando para competir com Ryen novamente. Da última vez, tive um leve ataque de pânico quando ela não diminuiu a

velocidade nas curvas e isso me distraiu. O medo de o mesmo desastre voltar a acontecer tomou conta de mim.

Dessa vez, eu iria com tudo e sem nenhuma amarra. Afinal, Ryen não deveria ser subestimada, e tampouco era digna da minha pena. Porra, ela conseguia ser desafiadora pra caralho.

Chequei o relógio em meu pulso, vendo que já estava na hora de buscar a minha linda bagunça no apartamento.



— Está do seu agrado, *mia bambina*? — minha mãe perguntou a Ryen.

Ela, que estava sentada ao lado da minha mãe e mastigava a sobremesa devagar, sorriu minimamente após engolir.

— Sim, tia. O melhor que eu já comi — Ela manteve o sorriso no rosto, mas foi tão forçado que estreitei meus olhos em sua direção.

Ryen estava estranhamente calma hoje. Não que ela não fosse assim nos outros dias, mas ela parecia incomodada. Cansada. E o olhar frio estava mais vazio do que de costume, me deixando ainda mais curioso para saber o motivo.

Quando fui buscá-la, uma hora atrás, não a encontrei no apartamento. A casa estava um pouco bagunçada, uma embalagem de bolo tinha sido largada em cima do balcão da cozinha, e a geladeira ficara entreaberta, com algumas latinhas vazias de refrigerante ao seu redor.

Perguntei sobre ela ao cara que sempre me deixava entrar no apartamento e ele disse que ela havia saído há algumas horas com o cachorro. Essa informação me deixou um pouco mais tranquilo, porque eu sabia que Killer iria tomar conta dela caso fosse necessário.

Contudo, minha tranquilidade durou pouco, porque segundos depois Brianna me mandou uma mensagem contando que Ryen teve uma crise de abstinência mais cedo e que ela ficou muito assustada ao vê-la tão fora de si. Automaticamente me senti um idiota por ter fugido do que ela me causava, afinal eu poderia estar com ela e tê-la ajudado em um momento como esse.

Fiquei alguns minutos no apartamento, antes de descer e dar de cara com Ryen, andando apressada, olhando para trás repetidas vezes. Ela estava pálida quando a confrontei, e eu não era burro, sabia que ela tinha mentido quando disse que não era nada sério e só estava com fome. Porra, ela havia se tornado uma mentirosa habilidosa.

— Me disseram que o suflê de uva não é tão bom. Então fiz o de morango... — Minha mãe sorriu, encarando o doce no próprio prato. — Espero que realmente tenha gostado. Como faz tempo que não cozinho, deu um pouco de trabalho.

— A senhora quem fez? — Ryen ergueu as sobrancelhas e minha mãe assentiu. — Está delicioso, tia. De verdade — elogiou e deu um sorriso tímido.

Ela olhou para mim, provavelmente sentiu como a estava encarando. Não havia ódio em seu olhar hoje, ela estava apenas... distante. Parecia estar aqui, mas não estava de fato. Era como se, neste momento, ela não se importasse comigo ou com mais ninguém.

— Quando suas férias acabam? — minha mãe perguntou, comendo a sua sobremesa.

Ryen franziu o cenho.

— Férias?

Minha mãe não notou, mas Ryen nem estava tocando no doce, e algumas vezes eu até a pegava engolindo em seco enquanto o encarava.

— Você disse que estava de férias da academia de dança.

— Ah, sim... — Ryen pigarreou. — Eu não me lembro, mas acredito que no final deste mês.

Essa era a minha deixa.

— Você já comprou um apartamento aqui em Miami e até está fazendo faculdade, qual a necessidade de ir embora? — questionei.

Ela ergueu os olhos vazios para mim, coçando o pulso esquerdo e depois fazendo o mesmo com a palma da mão direita. Se ela pensava em me responder, não o fez, já que minha mãe agarrou sua mão, atraindo sua atenção para ela.

— É verdade, *mia ragazza*. Eu não quero que vá embora, fiquei com muita saudade de você — pediu, pondo a mão na bochecha dela, em uma carícia. — Eu te amo tanto, não te quero longe. More conosco.

A própria Ryen, que estava a encarando, ficou com a garganta seca, olhando para baixo por longos segundos antes de dar um sorriso fraco.

— É complicado, tia...

— Não, não é — falei. — Por que complicar tanto?

— Sim, você até pode trazer seu namorado — minha mãe disse, tentando controlar uma careta.

Só por cima do meu cadáver. Ou ainda melhor, do dele.

— Não, não pode.

Nem fodendo o corno filho da puta vai morar conosco.

— Kellan! — minha mãe repreendeu, me olhando feio.

Arqueei uma sobrancelha, sorrindo falsamente para Ryen.

— O quê? Ele não é bem-vindo aqui.

Ela me olhou como se pudesse me matar, estreitando os olhos grandes em minha direção.

Se minha mãe partilhava do mesmo pensamento que ela, não disse; em todo caso, seu olhar mudou para algo atrás de mim antes que ela pudesse me xingar ou me bater. Dado o modo como seus olhos brilharam, não precisei nem me virar para descobrir quem era.

Ela se afastou de Ryen.

— Querido, eu pensei que você não ia vir para o jantar.

— A reunião foi cancelada — meu pai falou, indo até ela e lhe dando um beijo nos lábios. — Boa noite, Ryen — Mudou seu olhar para ela, fazendo um carinho em seu cabelo antes de se afastar.

— Boa noite, tio — Ela sorriu para ele.

Meu pai tirou o paletó e o colocou nas costas da cadeira, erguendo as mangas de sua camisa social em seguida. Nós trocamos um olhar.

Ele veio, no fim das contas. Porra, tinha algo muito errado acontecendo.

— Tentei entrar em contato com sua mãe, Ryen — ele comentou. — Há duas semanas, na verdade. Mas até agora não tive resposta. Sabe por que não consigo falar com ela?

Desviei meu olhar para Ryen e vi seus ombros ficarem levemente tensos. Durou apenas um segundo, mas ainda estava lá, e me deixou em alerta.

Quais segredos você esconde, Ryen?

— Acho que onde eles estão não deve ter um bom sinal.

Meu pai acenou para que a empregada o servisse.

— O assunto que eu tenho para tratar com ela é muito importante, é sobre a empresa e as exportações de café.

Ryen limpou a garganta.

— Ah... Bom, creio que mais cedo ou mais tarde o senhor vai conseguir.

Killer, que estava deitado ao lado da cadeira de Ryen, deu a volta na mesa e veio para o meu lado, se sentando sobre as patas traseiras, enquanto me encarava.

Estiquei minha mão e acariciei seu focinho, ganhando uma mordida leve na mão.

— Assim eu espero. Não estou gostando do gerenciamento nesses últimos anos e algo me diz que tem o dedo de Callum envolvido nisso — Meu pai torceu o rosto em desaprovação, enquanto pegava seu garfo. — Sei que se trata do marido de Victoria, mas ele não deveria ser tão intrometido e opinar sem pedir permissão.

— Joseph... — minha mãe o repreendeu, discretamente.

Killer se aproximou e deitou a cabeça em minha perna, fechando os olhos para apreciar melhor o carinho que eu estava lhe dando.

— O que ele fez? — Ryen perguntou, deixando sua sobremesa de lado.

— Se não fosse por Kellan, três meses atrás ele teria vendido as ações que pertencem a você e a Raphael por direito. Bom, agora, apenas a você. Sei que até que você faça vinte e um anos, Victoria é quem toma conta de tudo, mas ela e eu concordamos em não tocar no que era seu.

As sobrancelhas de Ryen se ergueram.

— Antes que pergunte, sim, sua mãe sabia de tudo — eu disse, atraindo sua atenção. — Callum não poderia mexer nessas ações se ela não o autorizasse.

Em cima da mesa, vi suas mãos se apertarem em punhos, enquanto ela mordia o lábio com força. Ela estava furiosa.

Não xingue ninguém, amor. Não demonstre seu ódio. Guarde todos os seus sentimentos, bons ou ruins, para mim.

— Sabemos que a sua mãe é um pouco complicada. Na verdade, sempre foi... — minha mãe tomou a palavra. — Ainda assim, isso foi errado. Você não sabia, não é?

Ryen olhou para seu prato, vendo os restos de suflê nele.

— Não, não sabia... — murmurou, antes de se levantar. — Eu agradeço o convite para jantar com vocês, foi maravilhoso. Mas se me

derem licença, tenho que voltar para casa. Não me sinto muito bem — Ela sorriu, estalando os dedos para chamar Killer.

Ele não pensou duas vezes antes de se afastar de mim e ir até sua dona. Olhei a hora no relógio em meu pulso, vendo que eram oito da noite.

Minha mãe também se levantou.

— Se não está se sentindo bem, durma aqui!

— Eu não quero incomodar — Ryen sorriu minimamente, mas arregalou os olhos quando minha mãe agarrou suas bochechas.

— Não diga não para mim, *bambina*. Todos nós queremos que você passe a noite conosco — ela afirmou e olhou para mim. — Kellan?

Deixei minhas costas relaxarem na cadeira.

— Acho uma ótima ideia.

Porra, ela poderia dormir em cima de mim se preferisse. Eu não me importava.

— Joseph? — Ela fez o mesmo com o meu pai.

— Por mim tudo bem, amor.

Ryen abriu a boca para negar, mas minha mãe agarrou suas mãos e começou a puxá-la para longe da sala de jantar, assobiando para Killer segui-las.

— Vamos, já está tudo resolvido! — ela exclamou, eufórica. — Vou te colocar em um quarto e te emprestar um pijama!

— Mas... — Ryen murmurou, perdida.

Killer as acompanhou e, em seguida, os três sumiram pela entrada, deixando meu pai e eu a sós.

E falando no diabo, fixei meus olhos nele, o vendo comer tranquilamente o risoto. Me inclinei sobre a mesa, apoiando meus cotovelos no tampo. Dei um meio sorriso.

— Que coincidência sua reunião ter sido cancelada depois que tivemos nossa conversinha.

— Não é mesmo? — Ele devolveu meu olhar provocativo.

O assisti colocar uma colherada de comida na boca e mastigá-la devagar.

— Está me analisando tanto, Kellan. Não quer verificar se estou fedendo a puta, também?

Soltei uma risada sarcástica.

— Isso eu deixo para a minha mãe.

— Acho que vou convidar o namorado da Ryen para passar alguns dias conosco... — ele jogou no ar, sorrindo maliciosamente.

Travei minha mandíbula com tanta força que a senti doer. Ele havia escutado o que minha mãe disse.

— Pensei que tivesse dito algo sobre não cruzar os limites, pai — rosnei.

— Você os cruzou primeiro, porra — atirou, tomando um gole de seu suco, com os olhos em mim.

Assenti várias vezes com a cabeça. Veríamos quem aqui tinha menos limite. Eu sabia que, assim como ele, eu não tinha muitos.

Passou pouco tempo antes de a minha mãe descer e continuarmos o nosso jantar. Quando encerramos a refeição, dei boa noite aos meus pais e subi para o meu quarto, na intenção de tomar um banho e descansar. No entanto, antes que eu saísse da sala de jantar, minha mãe disse, casualmente, em que quarto Ryen estava.

A caminho dos meus aposentos, passei pelos de Ryen, e me perguntei se ela já estaria dormindo. Ela parecia cansada, e algo me dizia que não era apenas fisicamente.

Entrei em meu quarto e fui logo tirando meu moletom, ficando apenas de regata branca, enquanto tirava meus tênis. Caminhei para o banheiro e lá tirei o resto das minhas roupas, ficando completamente nu.

Andei até o chuveiro e o liguei, deixando que a água molhasse meu cabelo, fazendo os fios grudarem em minha testa e cobrirem boa parte da minha visão. Os joguei para trás e apoiei minhas mãos nos azulejos, minha cabeça apontando para baixo.

Por algum motivo, Ryen não estava com sua típica rebeldia no olhar. Eu odiava ver como ela parecia triste e vazia, praticamente robótica e sem emoções.

Queria vê-la sorrindo, mesmo que para isso ela tivesse que me irritar e me desafiar. Gostava de ouvi-la gemendo debaixo de mim e, caralho, desde que estive dentro dela eu não conseguia pensar em outra coisa. Sua boceta me levou tão bem. Amava a forma como ela era receptiva à dor e sempre pedia mais. Eu não podia nem pensar nisso por muito tempo que já ficava duro.

Lavei meu cabelo e meu corpo, os enxaguando em seguida com a água corrente. Peguei uma toalha que estava próxima ao box e a enrolei em torno da minha cintura, saindo do banheiro em seguida.

Caminhei até meu closet, peguei uma calça moletom cinza e a vesti. No cabelo eu apenas passei os dedos, desembaraçando. Alguns fios caíram em meu rosto e eu balancei a cabeça, os jogando para trás.

Eram cinco para às nove e eu não estava com sono. Na verdade, eu ainda tinha coisa pra caralho para resolver. Inclusive, isso me fez lembrar do trabalho que eu tinha que entregar segunda-feira.

Me levantei da cama e fui até minha mochila. Peguei meu caderno e alguns livros, e caminhei até uma mesinha que eu usava quando adolescente para estudar.

Abri os livros e o caderno, após me sentar na cadeira, e comecei a fazer meu artigo de sete páginas sobre estratégia empresarial. Passei horas sentado, escrevendo com toda a minha dedicação e blá-blá-blá.

Quando terminei a quarta folha e vi que eram meia-noite e catorze, eu alonguei meu corpo, me sentindo dolorido e tenso. Raphael com certeza me chamaria de idiota por estar passando horas sentado em uma cadeira, fazendo trabalho de universidade.

Sorri ao me lembrar do meu amigo e imaginei a cena dele me xingando. Sentindo meu peito pesar, larguei meu lápis e fechei meu caderno, me levantando da cadeira e me afastando da mesa. Passei as mãos pelo meu rosto quando flashbacks do pescoço de Raphael se quebrando invadiram minha mente.

Ainda podia ouvir o som perfeitamente bem. Eu nunca me esqueceria, não tinha como. Esse era o meu castigo.

Agoniado, andei até a porta do meu quarto e a abri, passando por ela e a fechando em seguida. Descalço, eu caminhei lentamente em direção ao quarto onde Ryen estava dormindo. Coloquei a mão na maçaneta e ouvi três latidos de Killer, o que me fez franzir o cenho, pois ele pareceu irritado. Aliás, ele deveria estar dormindo.

— Não... — Do outro lado da porta, ouvi a voz de Ryen sair abafada. Ainda assim, pude sentir sua agonia.

Não pensei muito quando abri a porta e entrei no quarto. Killer veio em minha direção.

Fechei a porta, mas dessa vez não prestei atenção no cachorro. Não quando tudo o que eu podia ver era uma Ryen agitada, se debatendo na cama enquanto afastava os lençóis. Era uma cena parecida com a que eu vi quando invadi seu apartamento, na primeira vez que a assisti dormir.

Contudo, naquele dia ela não se debateu tanto quanto agora.

Corri em sua direção e pulei na cama, agarrando seus ombros.

— Ryen! — eu a chamei, a balançando. — Acorde, Ryen. Ei!

— Me deixa em paz, me deixa em paz! — ela gritou, se debatendo em meus braços. Então ela começou a bater na cabeça e puxar os próprios cabelos. — Você tem que morrer!

Eu soltei seus ombros e agarrei suas mãos, a impedindo de se machucar. Poderia não estar doendo agora, mas iria, assim que ela acordasse.

Killer latiu e a cheirou, parecendo tão interessado em acordar a dona quanto eu.

— Acorda, Ryen!

— Ele está vindo atrás de mim, não foi minha culpa, não foi! — ela negou com a cabeça, freneticamente, os olhos apertados. — Não me toque, fique longe!

— Ryen! — eu gritei o mais alto que pude, e foi quando os olhos dela se abriram.

Puro terror irradiava de suas íris. Ela estava pálida, e o pavor em seu rosto seria notado por qualquer um. Ryen olhou para o teto do quarto, perdida, antes de seus olhos pousarem em mim e ela começar a se debater violentamente.

Killer rosnou, agitado.

— Me solta, não me toque! — vociferou, tentando sair do meu agarre.

— Sou eu, Ryen!

— Você é um monstro! — ela gritou, tentando me arranhar. — Morra, morra!

Ignorei o quanto suas palavras doeram e peguei seu rosto em minhas mãos, a obrigando a me encarar, frente a frente e olho no olho.

— Sou eu, Kellan — falei firmemente e com uma suavidade que eu nem sabia que existia em mim.

Ela parou de se debater e começou a recobrar os sentidos. Suas pálpebras estavam úmidas, e ela, suada.

— Kellan... — sussurrou, quebrada.

— Xiu... sou eu — Afastei seu cabelo úmido da testa suada.

Com um gemido de partir o coração, ela se afastou de mim e se arrastou até que suas costas estivessem coladas na cabeceira da cama e as pernas junto ao peito, deixando boa parte de sua bunda de fora graças à

camisola de seda rosa-bebê que estava usando. Ela agarrou os joelhos com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos.

Fiz menção de me aproximar dela, mas ela negou com a cabeça, de imediato.

— Não se aproxime de mim — implorou, os olhos se enchendo de lágrimas. — Não me toque, por favor.

Meu peito ficou apertado, e posso dizer que ouvi-la pedir que eu não a tocasse, em um momento como este, doía como o inferno.

— O que aconteceu? — Eu parei no lugar, a encarando.

— Nada — Ela engoliu em seco, os lábios tremendo, enquanto uma única lágrima solitária desceu por sua bochecha.

— Estou aqui com você, amor. Não chore, você está partindo meu coração chorando desse jeito — disse, encarando seu rosto. — Enquanto eu estiver aqui, ninguém vai te machucar. Me diga com quem você sonhou e o motivo que te fez chorar, e eu o farei desejar estar morto.

Como se Ryen já estivesse em seu limite, um choro compulsivo tomou conta dela, que enfiou o rosto entre os joelhos, os apertando com toda a força que tinha. Killer se aproximou dela e lambeu sua canela, e por mais que eu quisesse lhe dar algum conforto, ela me pediu para não tocá-la.

Apertando minhas mãos em punhos para reprimir minhas vontades, sentei na beira da cama, de costas para ela, para lhe dar ao menos um pouco de privacidade neste momento. Cruzei minhas mãos e me inclinei para a frente, meus antebraços apoiados em minhas coxas.

Fechei meus olhos e engoli em seco quando seu choro se tornou esganiçado e desesperado. Ryen chorou com tanta força e agonia que era como se pudesse fazer isso por dias.

Se passaram longos minutos, com Ryen chorando compulsivamente e eu escutando seu desabafo em silêncio. Isso durou até ela ir parando, aos poucos. A escutei fungar.

— Quer que eu saia do quarto? — perguntei, e ela ficou calada. Decidi entender isso como um sim. — Se precisar de mim, é só me... — Parei de falar quando senti ela encostar a testa em minhas costas nuas.

— Não me deixe aqui sozinha, por favor. Dorme aqui comigo — sussurrou, trêmula.

Ryen nunca me pedia nada. Ela nunca iniciava nada entre nós. Era sempre eu. Mas agora, aqui estava ela, pedindo por algo tão simples.

— Mas não me toque, por favor. Só preciso que fique aqui comigo
— Ela acariciou minhas costas com a testa.

Ela nunca usou tantos “por favores” desde que voltou para Miami.

Concordei com a cabeça e a senti se afastar. Me virei em sua direção e subi na cama, me deitando do lado esquerdo. Antes que eu tivesse a oportunidade de virar de costas, ela se deitou muito próxima a mim, as mãos contra o próprio peito e o rosto enterrado no meu. Olhei para baixo, a vendo com os olhos fechados.

Um sorriso brincou em meus lábios.

— Pensei que tinha dito para não nos tocarmos.

— Só vamos ficar assim... — declarou, e eu sabia que o pedido sobre não a tocar prevalecia.

Coloquei meu braço embaixo da minha cabeça, olhando para o rosto de Ryen, enquanto Killer se deitava ao lado dela, também fechando os olhos.

Analisei os longos cílios da mulher em meus braços, notando como contrastavam com os lábios bem desenhados e o nariz empinado.

Deixei meu rosto descansar sobre seus cabelos, sentindo seu cheiro enquanto a vi, enfim, adormecer. E acabei fazendo o mesmo, tendo em mente que não poderia tocá-la.

Tampouco a pessoa de seus pesadelos.



*“Cale a boca e me escute.
Olhe nos meus olhos, não minta para mim.
Preciso que me conte a verdade”*
Nicholas Bonnin feat. Angelicca – Shut Up and Listen

Kellan Royal

Já passava das três e vinte da madrugada quando acordei sentindo um braço se enrolar em volta do meu pescoço, uma respiração quente bater contra ele e uma perna macia se enroscar nas minhas. *Ryen.*

Olhei para baixo e vi que ela ainda estava dormindo tranquilamente, agarrada a mim com tanta força que nem ousei respirar. Ainda assim, não toquei nela. Eu tinha prometido e cumpriria.

Depois desse momento, não consegui mais dormir. Meu braço estava dormente, pelo fato de a cabeça dela estar apoiada em cima dele, e doía, mas mesmo assim em nenhum momento eu pensei em afastá-la. Porém temi que se eu pegasse no sono, a agarraria inconscientemente, então permaneci acordado.

Agora, já tinha amanhecido o suficiente para iluminar um pouco o quarto, graças à janela imensa que havia em uma das paredes. Killer, de alguma maneira, conseguiu sair do quarto antes que eu acordasse, mas Ryen continuou agarrada a mim, com sua frente pressionada em minha lateral e os seios apertados contra meu peito. Ela estava quase em cima de mim, esfregando o nariz contra meu pescoço vez ou outra, enfiando a mão em meu cabelo. Tudo inconscientemente.

Estava morrendo de vontade de agarrá-la e enfiar meu rosto em seu pescoço para inalar o cheiro doce que vinha dali, mas se fizesse isso, eu sentiria como se estivesse me aproveitando de sua inconsciência, ignorando que ontem ela implorou que eu não a tocasse.

Ryen se aconchegou ainda mais contra mim, o nariz pequeno deslizando em meu pescoço, enquanto a respiração quente e sonolenta acariciava minha pele. Fechei meus olhos quando senti meu pau pulsar dentro de minha calça; me xinguei mentalmente. Mas porra, sobre essas coisas nós realmente não temos controle.

Olhei para baixo a tempo de ver Ryen piscar os olhos diversas vezes, parecendo finalmente acordar. Eu rapidamente fechei os meus, fingindo dormir.

Não demorou muito para que Ryen se afastasse de mim em um movimento rápido e que exalava surpresa. Contudo, seu corpo ainda estava pressionado contra o meu, me deixando sentir cada uma de suas curvas suaves.

Quando pensei que era só questão de tempo até que ela se afastasse, sua bochecha voltou a descansar em meu ombro dormente, e foi como se borboletas estivesse fazendo uma festa do caralho no meu estômago.

Com cautela, lancei meu braço esquerdo ao redor do seu corpo e coloquei minha perna entre as dela, afundando meu rosto na curva de seu pescoço. Ryen ficou tensa, mas não se afastou. Então sua tensão se esvaiu, e ela descansou a testa na curva do meu ombro, as mãos apoiadas em meu abdômen nu.

Ontem ela procurou refúgio em mim, mas eu que fui acalmado quando ela se agarrou ao meu corpo e diminuiu a angústia em meu peito.

— Tirando uma casquinha enquanto eu durmo? — questionei, de olhos fechados, quando ela deslizava minimamente as mãos pelo meu abdômen.

O toque mal existia, mas ainda estava lá.

— Eu não estou fazendo isso! — Ela ficou rígida em meus braços, afastando suas mãos do meu corpo. — Você quem me agarrou. Tem certeza de que não é você quem está tirando uma casquinha aqui?

Desci minha mão um pouco acima da curva de sua bunda, a puxando ainda mais contra mim. Afastei meu rosto de seu pescoço para encontrá-la me olhando, com uma carranca e um beicinho discreto nos lábios.

Aproximei minha boca de sua orelha direita, deslizando meus lábios por lá.

— Eu não me contentaria apenas com uma casquinha, amor.

Ryen agarrou meus bíceps e, de maneira inconsciente — creio eu —, suas pernas apertaram a minha que estava entre as dela.

Ela torceu o nariz, em uma careta.

— Não me chame assim.

— Você gostou muito do apelido três dias atrás.

Suas bochechas coraram de leve, mas ainda assim ela ergueu o rosto em afronta, empinando o nariz.

— É ridículo.

— Sabe o que é ridículo? — Arqueei uma sobrancelha. — Você mentir para si mesma e negar as próprias vontades.

Ryen riu, sarcástica, sua perna subindo um pouco mais até que estivesse dobrada em meu quadril. O movimento foi tão natural que nem ela mesma devia ter notado.

— Ah, me desculpe por não querer nada com você, diferente do que eu fazia no passado, quando você me tratava como se eu não existisse — Manteve o sorriso travesso. — Eu cresci e criei dignidade, mas claro, isso é um ultraje!

Ergui minhas sobrancelhas, massageando suas costas.

— Own, então esse é o seu ressentimento?

Ela soltou meus bíceps e me encarou por baixo dos cílios espessos, como se pudesse me enfocar por telepatia.

— Ressentimento é para assuntos não resolvidos. E meus sentimentos por você já não existem mais — declarou, erguendo o queixo, em superioridade.

Ela continuava me empurrando para longe dela e eu não conseguia ver nada além de uma atitude defensiva. *Continue assim, Ryen. Vou foder essa atitude.*

— Você está fazendo de novo — aponteí.

— O quê?

— Mentindo para si mesma.

— Eu não gosto de você — atirou, agora com mais firmeza.

— Isso facilita as coisas para você? — Senti um fio de raiva desenrolar em meu peito. — Fingir que não me quer e que não me deseja te ajuda a manter seu teatrinho de me afastar?

— Fico pensando quão narcisista e presunçoso você tem que ser para ter tanta certeza que estou atuando?

Subi uma de minhas mãos para sua garganta e apertei meus dedos em sua pele macia.

— Você mente com os lábios, mas não pode mentir quando está gozando na minha boca e por todo o meu pau com tanta vontade, Ryen — Meu sorriso era sádico, enquanto continuei cortando seu ar e levando meus lábios para seu queixo. — Você é a melhor coisa que eu já provei e sua boceta apertou meu pau com tanta força que ainda posso sentir.

A senti estremecer contra mim e seus lábios vibraram, me deixando ver como eu a afetava. Ainda assim ela manteve o olhar desafiador. Eu só não sabia se odiava ou amava isso.

— Você já teve o que quis, por que não me deixa em paz? — questionou, o olhar perdido encarando o meu.

— Nunca disse que queria apenas te foder — Inclinei minha cabeça para o lado, enquanto meus dedos envolviam seu queixo. — Você supôs isso sozinha, não me inclua na bagunça que você criou na sua cabeça.

— Vou ter que continuar abrindo as pernas até quando? Até que você ache que é o suficiente? — cuspiu, ríspida. — Tudo isso para quê? Para que você tenha mais uma puta além de Jenna?

Que fofa, ela pensava que era como Jenna.

— Você cheira a ciúmes, amor.

Ryen cravou as unhas em meus bíceps e eu cerrei meus dentes, descendo minha mão para sua garganta, a apertando. Nem precisei olhar para saber que ela tinha tirado sangue de mim.

— E você cheira a puta barata.

Sorri, mudando para uma posição em que quase fiquei em cima dela, a prendendo no colchão pela garganta.

— Engraçado, porque a última mulher com quem estive foi você.

— Como pode dizer coisas assim? — ela indagou.

— Assim como? — questionei. — Que não fodo outra mulher desde que você voltou? Que nenhuma outra boceta é como a sua e que você é a melhor coisa que já provei? Qual dessas, amor? Por favor, me conte.

— Quantas mulheres você provou para estar dizendo algo assim? — ela me provocou, mas pude ver a raiva por trás de suas íris.

Me inclinei para plantar um beijo no recanto dos seus lábios, demorado e sem pressa.

— Apenas você.

Ryen me encarou por longos segundos. Ela analisou meu rosto, e pensei que estivesse procurando algum traço de mentira, mas de repente ela explodiu em uma gargalhada.

Era uma risada alta e gostosa, com seus olhos se fechando minimamente enquanto os lábios se abriram. Mas mesmo que fosse uma cena bonita, me deixou confuso.

— Qual a graça?

Ela parou de rir aos poucos.

— Nada, é só o jeito que você falou, fez parecer que você nunca tinha chupado uma mulher antes.

Arqueei uma sobrancelha, inclinando a cabeça para o lado, enquanto acariciava o pulso em sua garganta.

— Foi isso que eu disse.

Qualquer sinal de divertimento no rosto de Ryen foi substituído por olhos arregalados e uma expressão perplexa, seu olhar me contando quão chocada ela estava.

— Nem fodendo — Negou com a cabeça. — E Candence, aquela garota de cinco anos atrás?

— Nem mesmo ela, terminei com ela depois de sair do hospital — respondi. — Não é porque sou homem que vou enfiar minha língua em qualquer mulher, Ryen.

— No entanto, você a colocou em mim.

Deixei beijos por todo o seu queixo e sua mandíbula, subindo para sua orelha e agarrando o lóbulo em meus dentes, o chupando forte.

Ryen gemeu baixinho, mas alto o suficiente para que eu pudesse ouvir e para que meu pau endurecesse, enquanto ela agarrava meus ombros e prendia minha perna entre as dela, me deixando sentir seu calor.

— Porque você não é qualquer uma, Ryen — Circulei sua orelha com a ponta da minha língua, voltando a maltratar o lóbulo sensível. — Meus seios... — Subi uma mão para um deles e o apertei. — Minha bunda... — Agora agarrei sua nádega com força, a puxando contra mim. — E minha boceta. Cada parte sua é minha, para chupar ou foder, eu escolho qual fazer — Pressionei minha perna contra seu núcleo, a puxando contra ela.

Unhas afiadas desceram por meus braços e eu mordi seu lóbulo mais uma vez, lhe arrancando um gemido de dor. Era tão doce, e eu queria mais.

— Nos seus sonhos... — atirou, provocativa.

Eu gostaria de continuar a senti-la contra mim, mas tínhamos assuntos a tratar, e eu não pretendia, tão cedo, esquecer a noite passada.

Inferno, nem se eu quisesse, poderia.

— Hum, sonhos. Você entrou em um tópico interessante, amor — Larguei sua garganta para brincar com uma mecha de seu cabelo. — Com quem você estava tendo pesadelos ontem à noite?

O sorriso de segundos atrás sumiu do rosto de Ryen e ela engoliu em seco. Se aproveitou que eu a soltei, para se afastar de mim e sair da cama, indo em direção ao banheiro do quarto.

Corri atrás de Ryen, e assim que ela abriu a porta para provavelmente fugir de mim, eu coloquei minha mão sobre a madeira, a fechando novamente, com um baque alto.

— Porra, nem pense em escapar de novo — rosnei, no instante em que ela se virou. Agarrei seu braço. — Me irrita você fugir tanto de mim!

— Foi um pesadelo idiota, tá legal? — Tentou puxar o braço do meu aperto. — Esquece o que você viu ontem, não é nenhum dos seus negócios.

— Um caralho que não! — cerrei meus dentes. — Qualquer coisa que te faça chorar e gritar como ontem, é o meu negócio, porra!

— Por quê? Por que o que acontece comigo é o seu negócio, Kellan? — ela questionou, me afrontando.

Encarei seu rosto, com ódio, como ela fazia quando me encarava, e analisei seus lábios, olhos e bochechas. Observei tudo o que meu olhar podia alcançar.

Travei meu queixo e não consegui colocar para fora tudo o que eu queria; naquele momento, Raphael me veio à cabeça.

— Foi o que eu pensei. Você não tem um motivo claro, apenas gosta de me atormentar! — Bateu no meu peito. Uma vez, e depois outra.

Agarrei seu queixo no mesmo instante em que dei um soco na porta, atingindo a madeira com tanta força que o impacto repercutiu pelo quarto.

Ryen ficou na ponta dos pés quando reforcei meu aperto em seu queixo, a vi espremer as coxas.

— Não finja que não gosta da tormenta quando está tão ofegante como agora. Fuja de mim o quanto quiser, não me importo. Mas saiba que vou te caçar no Inferno se isso significar te trazer de volta para o meu lado.

— Você já não teve o suficiente? — vociferou, na minha cara, tentando me empurrar.

— Eu nunca vou ter o suficiente quando se trata de você.

— Pare de me confundir, de dizer coisas assim! Por quanto tempo mais você vai me torturar? Me perseguir... Eu nunca deveria ter voltado para cá!

Uni minhas sobrancelhas, descendo minha mão para sua garganta e a apertando. Gostava disso. De sentir sua vida em minhas mãos.

— Não deveria ter voltado, hein? — Eu sorri, com os dentes cerrados. — Mas você voltou, e agora não tem mais escapatória. Acha que eu te atormento? Então experimente viver na minha pele durante vinte quatro anos, porra! Veja isso como um acerto de contas.

Sua respiração ficou ofegante e seus olhos escureceram, tomados pela luxúria. Infelizmente, ela era teimosa o bastante para negar o próprio corpo.

— Você continua falando comigo como se eu fosse a porra da sua prioridade! — ela gritou, agarrando meus pulsos. — Só acho que você se esqueceu que tenho um namorado, e que você não é meu irmão. Eu não sou um problema que pode ser passado de mão em mão quando uma pessoa não consegue resolver!

Soltei sua garganta e agarrei o cabelo escuro, puxando sua cabeça para trás com um aperto firme que a obrigou a erguer o queixo.

— Você não é um problema? Então para de agir como um — Sorri, amargo. — Tudo o que vejo é uma pirralha do caralho que precisa atacar e afastar todos a sua volta. Você gosta disso? Se sente feliz agindo como uma cadela raivosa e me afastando de você?

Ryen ergueu a mão e eu fiquei parado, esperando o tapa que logo veio; seus olhos encheram de lágrimas. O tapa ardeu, aumentando meu ódio.

Eu precisava de alguma reação dela. Precisava substituir a expressão vazia do seu rosto por outra, mesmo que fosse por raiva. Queria que ela desabafasse e colocasse tudo para fora.

Ela sorriu, amarga, em meio às lágrimas que começaram a descer.

— E você, Kellan? Gosta disso? Se sente feliz tendo agido como um babaca a vida toda, pisando nos meus sentimentos mesmo eu sabendo que você não era obrigado a retribuí-los? — esbravejou, socando meu peito para eu me afastar. — Agora você se acha no direito de querer me comandar e me tocar como se fôssemos íntimos. Você se força na minha vida mesmo sabendo das palavras horríveis que me dizia antigamente. Quão sádico você é, porra?

Aquela garota nunca iria me afastar de sua vida. Não importava o quanto ela me empurrasse para longe, eu voltaria com força total e a reivindicaria quantas vezes fossem necessárias.

Porque ela era minha. O apocalipse poderia acontecer e o mundo acabar lá fora, mas Ryen Rodríguez continuaria me pertencendo. Ela nasceu para ser minha

Então, enquanto as lágrimas rolavam por suas bochechas, eu puxei seu cabelo para trás e reivindiquei seus lábios, em um beijo necessitado e cheio de ódio. Ela se debateu contra mim, estapeou meus ombros e puxou meus cabelos, tentando me afastar — sem sucesso.

Ela mordeu meu lábio inferior com força, e o gosto metálico explodiu em meu paladar, se misturando ao beijo. Eu rosnei e agarrei seu queixo com mais força, pedindo passagem para sua boca com a minha língua. Ryen gemeu e cedeu, retribuindo meu beijo ao trazer sua língua de encontro à minha.

Grudei nossos corpos a empurrando contra a porta, que rangeu com a força exercida sobre ela. Ryen puxou meus cabelos, me trazendo para perto enquanto me beijava com necessidade; tudo o que fiz foi possuí-la. Tomar de volta o que era meu.

Puxei seu cabelo com mais força, descendo minha mão para sua bunda e apertando a carne com intensidade, ao passo que continuava a explorar sua boca. Ela tinha gosto de *minha*.

Ryen gemeu e choramingou quando empurrei meu pau contra seu estômago, suas pernas se abrindo para mim. Eu a agarrei pelas coxas, as colocando ao redor da minha cintura, e andei de volta para a cama.

— Não deveríamos estar fazendo isso — ela sussurrou contra meus lábios, assim que a deitei na cama. — Isso está tão errado... — Me agarrou com as pernas e os braços, contrariando as próprias palavras.

Sorri, desdenhoso.

— Por quê? Por que você tem um namorado? Por que ele é imbecil o suficiente para deixar a mulher dele sozinha por aí? Não ouse pensar no filho da puta agora, Ryen. Juro que se eu o vir, eu o mato.

Ela beijou meu pescoço, subindo para minha orelha.

— Você cheira a ciúmes, amor — repetiu minhas palavras, me lançando um sorriso maldoso.

— Você está adorando tudo isso, não é? — cerrei os dentes, agarrando sua garganta. — Sua mimadinha do caralho. Tão teimosa que se

nega a abrir a boca.

Em um movimento rápido, Ryen nos virou e ficou por cima de mim, se sentando em meu colo, bem no centro do meu pau.

— Eu não sou teimosa. Cala a porra da sua boca! Você não sabe nada da minha vida! — Ela tentou sair do meu colo, mas eu agarrei sua cintura, enquanto me sentava.

Segurei sua nuca com uma mão, e com a outra, seu queixo, obrigando-a a olhar para mim.

— Então me conte, Ryen. Posso parecer calmo, mas esse seu silêncio está irritando até o meu último nervo.

Ela negou com a cabeça, e mais duas lágrimas desceram por sua bochecha. Seu lábio tremeu e ela parecia se esforçar para que mais lágrimas não caíssem.

Me arrastei para trás, com ela em meu colo e meu braço em sua cintura. Minhas costas descansaram na cabeceira da cama, me dando um pouco mais de conforto.

Respirei fundo, engolindo toda a minha raiva e a vontade de torcer seu lindo pescoço com minhas próprias mãos.

— Vamos fazer um jogo — Diante do silêncio dela, busquei atrair sua atenção para mim. — Se você me contar algo, eu faço o mesmo.

Ryen encarou meu rosto, enquanto minhas mãos subiam e desciam em sua cintura, sentindo o tecido fino da camisola.

— Nem pense em negar a proposta, esse é o máximo da minha capacidade de compreensão — Com a mão em sua nuca, a inclinei em minha direção. — E é só o que você vai ter, isso se não quiser que eu arranque a verdade de você à força.

Ryen revirou os olhos.

— Obrigada pela sua generosidade.

Enfiei minha mão por debaixo de sua camisola e desci um tapa forte em sua nádega, a fazendo soltar um gritinho e quicar no meu colo, num sobressalto. Porra, meu pau já estava tão pronto para brincar com ela.

Mas por enquanto, eu tinha que seguir o raciocínio da cabeça de cima.

— Comece.

Ela revirou os olhos mais uma vez, porém suspirou, encolhendo os ombros, enquanto deslizava o dedo em meu peito.

— Eu não me dou bem com a minha mãe.

— Mas você sempre foi o mundo dela — comentei, confuso.

— Isso foi antes de ela se casar com Callum. Agora ela só tem olhos para ele e a última palavra é sempre a dele. Tudo é sobre Callum e o que ele quer ou não — Cravou a unha em meu peito.

Sabia que era um gesto inconsciente, então ignorei. Até porque repreendê-la significava que ela deixaria de me tocar. E mesmo que machucasse, eu queria suas mãos em mim.

— Ela sempre diz à minha mãe como você dá orgulho a ela.

— É mentira, ela só quer manter as aparências. Victoria vivia... Bom, ela vive disso. Ela sempre diz que eu me tornei algo pior do que o meu irmão, que sou uma delinquente e que a decepcionei — Ela pressionou a unha com mais força, os olhos demonstrando o quanto ela sentia raiva dessas palavras. — Victoria doou as coisas de Raphael, Kellan. Até mesmo os livros de filósofos e os de Shakespeare.

Travei minha mandíbula.

— Ela doou tudo?

— Tudo não. Na última vez que estivesse no quartinho, peguei a jaqueta e o livro *Hamlet* para ler — Sorriu, triste. — Acho que já estava adivinhando.

Piranha desgraçada.

— Você a odeia, suponho — comentei.

— Demais — Ergueu os olhos para os meus, decididos. — Gostaria que ela queimasse no fogo do Inferno para sempre.

— Acho justo — Dei de ombros, ganhando um sorriso mínimo de seus lábios.

Isso é sexy para caralho.

Desci minhas mãos para sua bunda, a puxando para mais perto, até que seus seios estivessem colados ao meu tórax. Suas pernas ao redor do meu quadril o apertavam, e seus olhos estavam voltados para o meu peito.

Ela afastou a unha da minha pele, acariciando a marca que deixou no local.

— Já pensou em fazer uma tatuagem?

Arqueei uma sobrancelha.

— Gosta de homens tatuados? — questionei, e ela sorriu, travessa. Estreitei os olhos em sua direção. — Você claramente não tem amor ao próximo. Fico me perguntando qual será sua reação quando eu matar um homem que você cogitar desejar.

Parecendo incrédula, ela me encarou.

— Alguém já te disse que você é doente?

— Sim, e costumo encarar como um elogio.

Ela riu, mas em seguida a felicidade sumiu, aos poucos, dando lugar a uma expressão pensativa.

— O que foi? — eu a estimulei.

— Mesmo que eu saiba que você faz isso porque gosta de mandar na minha vida... — Ela desenhou círculos em meu peito. — Por que não quer que eu use drogas?

Acariciei suas coxas nuas, um movimento de ir e voltar.

— Por que faz mal, talvez?

— Você está com algum palhaço enfiado no rabo, talvez? — Ela perdeu a paciência.

Contive uma risada, a puxando para mim pelo pescoço. Inferno, eu amo essa parte do corpo dela.

— Uh, que boca suja — assobieei, mordendo seu lábio inferior antes de lhe dar um selinho demorado.

Ryen colocou a mão no meu peito e se afastou o suficiente para que eu encarasse seu rosto por completo.

— Não tente mudar de assunto, responda minha pergunta.

— Não acho que você vá gostar de ouvir sobre isso... — Inclinei minha cabeça para o lado, acariciando suas coxas.

Vi Ryen engolir em seco.

— Tem a ver com o Rapha, não tem?

— Não sei se está pronta para ouvir o que aconteceu no dia do acidente.

— Eu estou — Ela foi rápida em responder.

Por fim, me vi assentindo com a cabeça. Eu sabia e sentia que ela tinha estômago para aguentar o que estava por vir.

— No dia do acidente, seu irmão e eu estávamos dividindo um cigarro de maconha — comecei, a vendo ficar surpresa.

— Então era verdade? Vocês estavam chapados, como todo mundo disse?

Assenti.

— Eu ainda estava sóbrio o suficiente para dirigir bem, mas Rapha parecia um pouco alterado — continuei. — McKay conseguiu nos alcançar e ficar ao nosso lado. Então seu irmão ficou puto e puxou o acelerador, bem

em uma curva. Foi tudo tão rápido e eu não pude recuperar o controle. O carro capotou a primeira vez e tudo o que eu pude ouvir foi...

Ryen ficou tensa em meu colo, sua delicada garganta se mexendo enquanto ela engolia.

— O pescoço dele se partindo... — ela completou, os olhos atordoados. — Jenna tinha razão, no final das contas... — Ryen piscou, para afastar as lágrimas.

— O que ela disse?

— Que não duvidava que o meu irmão tivesse causado o acidente — Fechou os olhos por breves segundos.

Apertei minhas mãos em punhos tendo a certeza que os nós dos meus dedos deviam estar brancos pela força que estava colocando.

— Quando ela disse isso?

— Quando você estava em coma, dois dias antes de eu ir embora — Ela deu de ombros. — Pelo visto você não sabia, já que passou os últimos anos com o pau dentro dela.

Porra, eu vou matar Jenna. Sempre soube que ela não tinha nada na cabeça ou não era nada mais do que uma boceta para foder. Mas a minha indiferença quanto a ela começou a se transformar em puro ódio neste exato momento.

Agarrei a cabeça de Ryen em minhas mãos, ignorando seu sarcasmo.

— Seu irmão não causou o acidente. Eu causei. Era eu quem estava ao volante.

— Mas foi ele quem puxou o acelerador.

Espremi meus lábios um no outro, afastando minhas mãos.

— Mas era eu quem estava fumando enquanto dirigia. A maconha me deixou lento e eu não pude recuperar o controle a tempo.

— Você ainda fuma? — Ryen perguntou.

— Apenas cigarro, e só as vezes — Limpei minha garganta, sentindo um gosto amargo. — Nunca mais tive coragem de colocar um cigarro de maconha na boca ou usar outro tipo de droga, porque...

— Você se culpa — Ela pronunciou em voz alta palavras que nunca tive coragem de dizer.

Dessa vez eu não acenei em concordância. Apenas fiquei encarando-a, sentindo meu lábio queimar da mordida que ela deu minutos atrás. Ryen estava certa.

Ela se debruça um pouco sobre mim e passou o polegar em meu lábio ferido, uma carícia suave e quase inexistente. Então, tirou o dedo da minha boca e encarou meus olhos.

— Você não teve culpa, Kellan. Você e Rapha estavam sob efeito de drogas. Você não tinha como prever o próximo movimento do meu irmão... — Ela engoliu em seco. — Tenho certeza que ele também não estava pensando com clareza quando puxou o acelerador. Simplesmente aconteceu. Mas não foi sua culpa.

O bolo em minha garganta triplicou diante de suas palavras. Sua afirmação de que não foi minha culpa contradisse tudo em que acreditei durante cinco anos. Algo dentro de mim, bem lá no fundo, se tranquilizou.

Mas não o suficiente para que o peso do meu peito e da minha consciência diminuíssem.

— Ele disse seu nome antes de morrer — eu finalmente disse, depois de anos. Ryen colocou a mão no meu peito, a unha voltando a afundar em minha carne. Agarrei sua mão, a deixando contra meu tórax quando a senti ficar rígida sobre mim. — Foi seu nome que ele disse antes de morrer. Ele não parou de pensar em você por um segundo.

Seu lábio tremeu e os olhos lacrimejaram, mas ela não chorou. Pareceu se segurar até o último minuto, nunca se entregando completamente a alguém ou permitindo que a vissem vulnerável.

Eu odiava essa sua atitude e essa teimosia em achar que tinha que guardar tudo para si. Que aguentaria tudo sozinha.

— É por isso que não gosta que eu use drogas, não é? E por isso que odeia que eu acelere em curvas — Piscou, afastando as lágrimas.

Em cheio.

— Enquanto eu viver, você não vai pôr um cigarro de maconha na boca ou usar qualquer outro tipo de droga. E realmente não dou a mínima se você concorda ou não.

Quando o assunto é a saúde dela, não existe acordo. Ela poderia me xingar, gritar ou me bater, não me importava nenhum pouco. Era pegar ou largar.

Ryen se inclinou para frente, subindo as mãos pelo meu peito.

— Você tem noção do quanto a falta de drogas tem me deixado louca? — Plantou um beijo suave em meu pescoço.

Ela maltratou meu lóbulo entre os dentes, fazendo pressão para baixo. Em meu pau.

Agarrei seu cabelo, puxando sua cabeça para trás para que eu pudesse encarar seu rosto.

— Mesmo depois de ouvir sobre seu irmão, você ainda quer se afundar nessa merda?

— Eu quero parar, Kellan... — murmurou, segurando minha nuca.
— Mas eu só consigo sentir algo quando estou chapada.

Pelo cabelo, trouxe seu rosto para mim.

— Então o quê? — Ergui uma sobrancelha. — Quer que eu te faça sentir algo novamente? Aí você vai me expulsar logo após eu te foder? Eu sou a sua putinha, Ryen? Vou começar a cobrar.

— Pode cobrar, dinheiro não é problema... — ela sussurrou, com um sorrisinho travesso.

— Não me teste, porra — rosnei.

No entanto, seu sorriso desapareceu quando ela encarou meus lábios e agarrou os fios de minha nuca.

— Me use de novo para que eu possa sentir algo, Kellan...

— Por que eu tenho a impressão de que sou eu quem sou usado nessa história?

— Você é?

— Tenho certeza.

Um sorriso brincou em seus lábios e ela continuou encarando os meus, fazendo o desejo crescer ainda mais em meu peito. Me inclinei para frente, mordiscando seu lábio inferior.

— Você quer substituir o vício da droga por sexo. Você quer que eu te faça esquecer. É apenas isso que você quer... — Desci meus beijos por seu pescoço, marcando a pele com um chupão. — Mas sabe o que eu quero? Que você me deseje sem a necessidade de drogas. Que apenas algumas palavras minhas sejam o bastante para que sua boceta fique pingando.

Ryen gemeu baixinho e apoiou as mãos em meu peito, inclinando a cabeça para o lado.

— Te usar, você disse? — questionei, descendo as alças finas de sua camisola para morder seu ombro. — Eu não estou tentando te usar, amor. Isso é proibido.

Ela me empurrou para baixo e eu apertei meus dentes em seu ombro, ganhando mais um de seus doces gemidos.

Eu estava fodido. Um olhar dessa mulher era o suficiente para me fazer cair de joelhos. Eu era grato a Brianna por não tê-la deixado morrer naquela ponte. Caso contrário, eu não teria a oportunidade de tê-la em meus braços.

Por Ryen eu imploraria, caso fosse necessário. E isso não me assustava.



*“Não me peça para parar, só me deixe por cima.
Amor, você quer isso, sim”*

Nicholas Bonnin feat. Angelicca – Shut Up And Listen

Kellan Royal

Neste momento, eu já tinha perdido totalmente o controle das minhas ações.

Desci sua camisola e ela caiu ao redor de sua cintura. Meus olhos brilharam ao ver os mamilos marrons apontando para mim. Pequenos, mas do tamanho certo para caber em minhas mãos e em minha boca. Ryen era feita sob medida para mim.

Ela firmou os dedos em minha nuca e puxou meu rosto para seus seios, com uma carranca nos olhos. Soltei uma risada grave.

— Pressa? — Arqueei uma sobrancelha, deslizando minha língua pelo mamilo.

— Você fala demais — acusou, gemendo em seguida quando mordeu seu mamilo com força. — Filho da... — Ela se calou quando dei um tapa forte em sua bunda.

Ryen me encarou com uma expressão brava e eu ri novamente, terminando com gemido rouco quando ela moveu a boceta contra meu pau.

Agarrei sua bunda, a ajudando a rebolar com força, do jeito que nós dois gostávamos. Continuei a esfregar minha língua contra seus seios, mordendo e chupando em movimentos intercalados.

Como se tivesse os mesmos pensamentos que eu, Ryen se levantou do meu colo, ficando de joelhos, enquanto eu aproveitava para puxar meu pau para fora; a essa altura do campeonato já escorria pré-goço dele.

— Sem preliminares? — Ryen provocou, ofegando, quando afastei sua calcinha para o lado e esfreguei meu pau em suas dobras molhadas.

Xingou, agarrando meu pescoço. — Que se fodam as preliminares.

Apertei os fios de sua nuca.

— Senta.

— Mãos na cama Kellan. Ou a última coisa que você vai ter, sou eu sentando em você.

Tentei enfiar nela, mas ela se levantou um pouco, me fazendo errar. Arqueei uma sobrancelha e ela fez o mesmo, me desafiando. Por fim, larguei meu pau e apertei as mãos em punhos, enquanto as colocava na cama.

Um sorrisinho vitorioso apareceu nos lábios de Ryen quando ela apoiou uma mão em meu peito e levou a outra para trás, agarrando meu pau. Trinquei meus dentes ao sentir os dedos quentes em volta de mim.

Mordendo o lábio macio, ela se ergueu um pouco, posicionando a coroa do meu pau em sua entrada. Precisei de toda a minha força para não tocá-la quando ela estava em torno de mim, meu pau a preenchendo.

Ela gritou quando enfiei o resto de mim dentro dela, apoiando as mãos contra meu peito, enquanto sua cabeça foi jogada para trás.

Um gemido ficou preso na minha garganta.

— Não se mexa — mandou, mordendo o lábio com os olhos semicerrados. — Você é enorme!

— Ou o quê?

— Ou eu vou me levantar e ir embora — ela me disse, se debruçando sobre mim. — E então você vai ter que bater uma punheta pensando em como poderia ter sido diferente se tivesse se comportado como um bom garoto.

Afundi meus dedos nos lençóis da cama, tendo a certeza de que eles rasgariam com a força que eu estava exercendo sob o tecido. Encarei seus olhos com o mais puro ódio, esperando que ela visse as ameaças em meu olhar. E pelo modo como o dela escureceu, tive a confirmação.

Mantendo o sorriso provocativo, Ryen moveu o quadril para frente e para trás, devagar, parecendo se acostumar com o meu tamanho. Mordi meu lábio com força assim que ela foi gradativamente ficando mais rápida; fechou os olhos enquanto gemia e o cabelo curto caía para o lado.

Minha cabeça descansou contra a cabeceira enquanto um gemido rouco escapou dos meus lábios. Era agonizante não poder tocá-la.

— Porra... — gemi quando ela começou a quicar no meu pau, me segurando pelos ombros.

Suas mãos foram para o meu cabelo e ela os puxou enquanto sua boca se chocava contra a minha. Sua língua deu boas-vindas e eu a chupei, tentando descontar o prazer que estava tomando conta de mim.

Nunca me senti tão impotente e ao mesmo tempo tão excitado.

Mordi seu lábio com força e, como vingança, ela se ergueu um pouco e apertou a cabeça do meu pau com as paredes internas da boceta, me fazendo gemer.

— Eu vou te destruir, Ryen — rosnei. — Não vai sobrar nada de você pra contar história.

— Isso tudo por que eu não deixei você me tocar? Vamos, não sou tão má assim — Sorrindo, ela agarrou minhas mãos. — E para mostrar isso, vou te deixar me tocar. Mas só um pouquinho...

Confuso, a vi erguer minhas mãos e as colocar em seus seios, me fazendo segurá-los. Ela jogou a cabeça para trás enquanto eu apertava seus mamilos com força, seu cabelo se espalhando em suas costas como cascatas.

Ryen girou os quadris uma, duas, três vezes, antes de se erguer um pouco, agora rebolando apenas em minha glândula. Ela fez movimentos de contrair e soltar, dando reboladinhos que me fizeram duvidar da minha existência.

Eu queria matar o filho da puta que a ensinou a foder assim.

— Vire de costas, eu quero ver sua tatuagem — mandei, rouco.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Você não exige nada.

— Eu disse: vire-se! — grunhi, sentindo os lençóis se rasgarem entre meus dedos.

Ryen parou de quicar e afastou minhas mãos de seus seios, seu quadril se movendo lentamente agora, como uma doce tortura. Eu não sabia por quanto tempo mais iria aguentar. Ela em cima de mim era uma visão do caralho.

— Implore.

Soltei um grunhido que vinha do fundo do meu peito quando ela apertou meu pau, mas ainda assim, me neguei.

Ela ergueu a mão, e foi tudo tão rápido que de repente só senti algo atingir minha bochecha, e meu rosto virar para a direita com o impacto. *Porra... Isso foi um tapa?*

— Implore, Kellan — ela mandou, impaciente.

Quando permaneci em silêncio, ela desceu outro tapa no lado oposto do meu rosto, e eu gemi quando o tesão inchou em meu peito.

— Por favor...

Não sei se foram os tapas ou a maneira com que ela me sugou para dentro de si, mas senti meu pau ficar ainda mais duro. Se ela não fizesse o que eu mandei, eu não me responsabilizaria por meus atos.

— Bom garoto — Ela sorriu, e eu me senti um cachorrinho.

Filha da puta.

Para o meu alívio, Ryen se levantou o suficiente para que eu saísse de dentro dela e se virou, me dando as costas.

A frase tatuada em seu dorso apareceu em meu campo de visão, harmonizando com o suor em sua pele e as curvas de seu quadril. “Seja a força que eles não conseguem ir contra”. Quantos filhos da puta tiveram a visão que eu estava tendo agora? Queria cortar a garganta de todos.

Ryen esfregou as dobras em meu pau, a cabeça entrando pouco a pouco dentro dela. Eu gemi rouco, a vendo cavalgar em meu comprimento com maestria. Daqui eu podia ter uma visão de mim entrando e saindo de dentro dela; era como a porra de um pornô ao vivo.

Qualquer um gozaria imediatamente com aquela visão. A bunda se movendo, as curvas de seu quadril se afinando enquanto ela apoiava as mãos em meus joelhos. Eu queria tocá-la, machucá-la. Marcá-la.

Contudo, se eu o fizesse, ela pararia. A desgraçada vai dar fim a qualquer atividade sexual e me deixar com a minha mão. Eu não queria isso, então apenas fiquei calado, gemendo nas vezes em que ela me dava prazer. Ou seja, a cada cinco segundos.

Os quadris de Ryen aceleraram e ela jogou a cabeça para trás, cavalcando o próprio orgasmo.

— Estou tão perto, Kellan... — choramingou, me olhando por cima do ombro mais uma vez.

— O jogo ainda não acabou, Ryen — eu disse, enquanto encarava sua boceta me engolindo. — Me diga uma verdade.

Sua cabeça pendeu para o lado quando a senti ficar tensa em cima de mim e ela apertar meu pau com mais força, quase me fazendo gozar ali mesmo.

Um espasmo passou por seu corpo antes de ela arquear as costas e encontrar o meu olhar.

— Eu não tenho namorado.

Então, ela estava gozando, enquanto estrangulava meu pau com tanta força, que doeu.

Seria uma linda cena, a qual eu apreciaria muito; no entanto, suas palavras ainda estavam zumbindo em meus ouvidos em um *loop* infinito.

— Ryen? Já está acordada? — A voz da minha mão ressoou do outro lado da porta.

Ryen ficou rígida ao escutar a voz e arfou, surpresa, ainda tendo espasmos do orgasmo.

A empurrei no colchão, a deitando de barriga para baixo, com a bunda levemente empinada, enquanto os seios ficaram pressionados contra o colchão. Eu saí e meti até meu último centímetro, tapando sua boca para que seu grito fosse abafado.

Ela agarrou os lençóis e eu encontrei sua orelha, mordendo o lóbulo com força entre meus dentes.

— Você mentiu esse tempo todo, então? — Agarrei o topo de seus cabelos com a mão livre. — Foi divertido me fazer de idiota?

Bati nela com mais força, a vendo choramingar e gemer contra a minha mão.

— Humm... — ela murmurou.

Uma batida na porta me faz olhar para ela.

— Ryen? — minha mãe tentou mais uma vez.

Voltei minha atenção para a mulher à minha frente, a vendo revirar os olhos de prazer, e não diminuí a velocidade dos meus quadris.

— Responda a ela. Diga que vai tomar um banho e já vai descer — rosnei, saindo até a cabeça e voltando com tudo.

Afastei minha mão de sua boca, diminuindo a velocidade das minhas investidas.

— Eu não consigo... — choramingou, sôfrega. — Ela vai entrar aqui, temos que parar.

Agarrei seus fios com mais força.

— Ou você fala a porra do que eu mandei, ou minha mãe vai entrar aqui e ver a sobrinhazinha dela sendo fodida como uma putinha suja. Se não quiser isso, fale agora. Porque eu não me importo que ela te assista gozar mais uma vez por todo o meu pau.

— Filho da puta — chorou.

Eu sorri, maldoso.

— Responda.

— *Bambina*, eu vou entrar — minha mãe anunciou, batendo na porta mais uma vez.

— Ti-Tia, já vou descer! — Ryen foi rápida em responder, trêmula. — Acordei agora, vo-vou tomar um banho e já desço para o café.

Seus olhos se fecharam forte, enquanto o barulho de nossos corpos se chocando e minha virilha batendo contra sua bunda ressoava pelo quarto.

— Você não respondeu, pensei que estivesse dormindo — Minha mãe disse. — A porta não está trancada, posso entrar?

— Na-Não, tia! Eu es-estou sem roupa! — gritou, desesperada.

Soltei um risinho contra seu ouvido, me deliciando com seu medo de ser descoberta.

— Ah, por favor, *mia ragazza*. Eu vestia você quando era pequena — Mamãe riu.

— E o seu filhinho a deixa nua depois de crescida... — debochei, enfiando a mão por debaixo do seu corpo para achar seu clitóris.

Girei meus dedos ali, a vendo negar com a cabeça, em um choro baixo.

— E-Eu tenho vergonha, tia! Já vo-vou descer, prometo! — garantiu.

Meu pau inchou dentro dela e foi a minha vez de morder meu lábio para conter meus gemidos.

— Tudo bem, tudo bem. Espero você, então — ela falou, antes do silêncio prevalecer.

Mamãe foi embora.

Pressionei meus dedos no clitóris de Ryen com mais velocidade, ganhando um gemido arrastado.

— Eu te odeio. Eu te odeio com todas as minhas forças!

Rosnei, enfiando dois dedos em sua boca quando grudava meu peito em suas costas. Belisquei seu clitóris, a ouvindo chorar.

— Eu quem deveria te odiar aqui, mentirosa do caralho!

Não demorou muito até que eu a sentisse me apertar de novo, e então ela estava gozando forte enquanto mordida meus dedos, os olhos apertados.

A cena era linda e eu poderia repeti-la diversas vezes.

Eu fiquei de joelhos atrás dela, a pressionando no colchão com minha mão em sua nuca.

— Kellan... — implorou, contra o colchão. — Eu não aguento mais, pare...

— Você parou de mentir? Parou de me fazer de otário? — rosnei, quando desci um tapa em sua bunda, não poupando a força. Ela arqueou as costas, os olhos fechados. — Não, você gostou de me enganar.

— Ahh... Por que eu tenho que dizer a verdade a você?

— Porque eu sou o único que tem permissão para foder você — Mordi seu pescoço com força, a vendo arquear as costas mais uma vez. — Eu não quero saber de outro filho da puta te comendo como eu te como. Se eu souber que você deixou alguém te tocar, eu vou esquartejá-lo e mandar os pedaços para você. Você é minha, porra, minha. E você não pode fazer nada para mudar isso!

E foi com essa visão que eu gemi e saí de dentro dela, gozando por toda sua bunda e pelas costas, enquanto ela ainda estava chorando e choramingando no colchão.

Me apoiando em meus cotovelos, deixei meu corpo cair em cima do dela, que estava respirando pesado, com os olhos fechados e cobertos por lágrimas de prazer. Afastei seu cabelo da nuca, a beijando e passando minha língua na mordida em seu pescoço. Ela gemeu baixinho e eu saí de cima dela, ficando ao seu lado e apoiando minha cabeça em minha mão.

Sua respiração ficou pesada e ela pareceu estar dormindo novamente. Ela era um anjo, com traços delicados, e saber que alguém em seus sonhos a estava fazendo sofrer, me fazia querer matar. Acaricieei sua têmpora com meu dedo, o levando até sua bochecha, quando me lembrei do que Raphael me pediu quando tínhamos catorze e quinze anos.

Nossas bicicletas estavam apoiadas contra o corrimão do calçadão da praia enquanto estávamos sentados sobre ele. Um Raphael franzino e com cabelos curtos e escuros encarava o sol se pôr.

Devíamos estar na aula, mas ele teve a brilhante ideia de faltar os dois tempos restantes. Eu ainda iria matá-lo por me fazer concordar com suas loucuras.

— Você está tentando dar uma lição na sua mãe, não está? — quebrei o silêncio, olhando para o mar.

— Ela dormiu fora de novo, nem se importa que Ryen e eu sejamos menores de idade — rosnou. — Quanto tempo mais vai demorar até que ela traga um homem para dentro de casa com a minha irmã morando lá?

Ryen, claro. Ele não estava preocupado consigo mesmo, e sim com uma pirralha irritante que vivia me encarando com imensos olhos brilhantes.

A garotinha tinha acabado de fazer dez anos, mas agia como se já tivesse quinze ao flertar discretamente comigo.

— Fala logo — eu mandei.

— Um filho da puta foi buscar minha mãe ontem — ele começou, furioso. — Ryen foi se despedir dela no portão e da porta eu vi como o cara olhou para ela. Ele era moreno e com barba, e não se enoja por desejar uma menina de dez anos.

Eu não gostava do que estava ouvindo, fazia meu sangue ferver.

— Filho da puta. Se você souber onde ele mora, podemos dar uma lição nele — propus.

— Vou tentar descobrir. Eu juro, cara. Nunca vou deixar algum filho da puta chegar perto da Ryen. Ela nunca vai namorar — Ele bateu os punhos contra o ferro em que estava sentado.

Revirei os olhos.

— Ela não vai ser uma garotinha para sempre, supere.

— Estou dizendo, cara. Vou colocá-la em um colégio de freiras — disse, e fez um sinal de negação com a cabeça. — Se um dia ela namorar, quero que seja um cara que esteja disposto a morrer por ela tanto quanto eu. Que mate por ela. Não um lesado, mas um cara que saiba o que quer. Como você.

— Como eu? — repeti, sorrindo. — Não sou um príncipe encantado.

— É exatamente disso que estou falando. Mas só estou dizendo que é um cara com sua personalidade — corrigiu, adotando uma expressão séria. — Você sabe que se chegar perto da minha irmã um dia, eu arranco seu pau fora.

Devolvi seu sorriso, quando uma leve brisa bagunçou meu cabelo.

— Então sugiro que a esconda bem até os dezoito anos, Raphael.

Ele estreitou os olhos em minha direção, e sei que, mesmo que eu parecesse estar brincando, ele tinha noção de que havia uma possessão esquisita vinda de mim em relação a sua irmã. Ele não era idiota.

Contudo, ele apenas olhou para o céu, e então para o mar, o vento balançando sua franja curta.

— Quero que me prometa uma coisa.

— Não — respondi, colocando minhas mãos nos bolsos do meu moletom. — Essas promessas na praia ou em qualquer outro lugar sempre acabam com um de nós morto anos depois e o que ficou, lembrando tudo. Vá a merda!

Raphael riu.

— É sério, seu cuzão — falou, encarando a água. — Quero que cuide da Ryen nos momentos em que eu não estiver presente.

— É só não sair do lado dela.

Voltou os olhos na minha direção.

— Não vou ficar ao lado dela o tempo todo, não sei o que pode acontecer. Mas se eu não estiver mais aqui, você vai. E quero que cuide da minha irmã.

O encarei, com uma carranca.

— Eu não vou prometer essa merda — Revirei os olhos. — Você não vai a lugar algum, seu filho da puta.

— Qual é, arrombado — bufou, socando meu braço. — Prometa logo antes que eu coma a sua prima quando ela fizer dezoito anos.

O empurrei do ferro e ele caiu em pé. Então, Raphael veio até mim e agarrou a gola do meu moletom com as duas mãos, me fazendo cair também.

— Prometa. Eu sei que não é difícil para você!

— Vai dar esse teu rabo!

Raphael me deu um soco no rosto e eu devolvi na mesma hora. Nós dois fomos parar na areia da praia, rolando por ela enquanto tentávamos matar um ao outro.

Por fim, ele conseguiu ficar por cima de mim.

— Eu mandei prometer!

Agarrei seu pescoço em minhas mãos, o apertando.

— Eu prometo, seu arrombado!

Ele pulou para longe de mim, me obrigando a soltá-lo. Então ele se deitou ao meu lado e nós dois ficamos encarando o céu enquanto escutávamos o som do mar.

Prometi algo que nem mesmo precisava. Eu mataria por Ryen Rodríguez até se alguém a olhasse torto. A garota era o ponto de luz mais chamativo e bonito que já tinha visto em toda a minha vida.

Me levantei da cama e coloquei meu pau para dentro da calça, pegando Ryen no colo como se ela fosse uma boneca. Ela descansou a

cabeça em meu peito e a carreguei em direção ao banheiro, abrindo a porta com um leve chute.

Com ela nos braços, dei um jeito de ligar o chuveiro da banheira, enquanto sentia Ryen escovar os lábios em meu pescoço como uma gata manhosa, parecendo já ter despertado.

“Você me matou.”

A voz de Raphael ecoou em meus ouvidos e apertei Ryen contra mim com mais força, querendo que a voz parasse. Fazia tempo que esses lapsos não me ocorriam, então por que justo agora?

A coloquei no chão e tirei a camisola e a calcinha que ela estava vestindo. Suas pernas fraquejarem e ela teria caído se não fosse por mim.

Sorri, tentando ignorar a culpa crescendo em meu peito.

— Feliz com o seu trabalho? — ela provocou, carrancuda.

Analisei a mordida e os chupões em seu pescoço, e os mamilos, que estavam vermelhos de tanto que eu os chupei.

Agarrei sua cintura e sua nuca, a puxando para um beijo. Minha língua devorou a dela, explorando cada canto de seus lábios.

— E muito — eu disse, antes de pegá-la no colo novamente e a colocar dentro da banheira.

A água cobriu os seios de Ryen e ela puxou os joelhos contra o peito, os escondendo. A repreendi com o olhar, mas ela me ignorou, apoiando a bochecha nos joelhos.

“Oportunista. Assassino.”

Ryen bocejou, fechando os olhos.

— Estou com sono...

Ao vê-la tão frágil, pude dizer que a culpa em meu peito triplicou de tamanho.

“Você não tem direito de estar com ela.”

Reuni um punhado de água em minhas mãos, molhando seu cabelo.

— Depois de ter gozado duas vezes, não me admira que esteja com sono.

Ela abriu os olhos, deboche brilhando em suas íris.

— Você fala isso com tanto orgulho. Isso massageia seu ego?

“Você não merece esse sorriso.”

— Tome banho e desça, para que não desconfiem — ignorei sua brincadeira, me levantando. Lhe dei as costas. — Vou sair.

“Vá. Vá, assassino.”

Uma mão molhada, mas ainda assim quente e delicada, agarrou a minha, e eu olhei para Ryen.

— Por que você cuida tanto de mim, Kellan? — ela perguntou, me encarando por baixo dos cílios.

Vi Raphael em seus olhos e o quanto eu roubei dele. Era para *ele* estar cuidando dela. Não era justo que apenas ele tenha morrido no acidente.

— Porque prometi ao seu irmão.

Sua mão apertou a minha e ela franziu as sobrancelhas, me encarando, com o olhar perdido.

— Só por isso? — Seus olhos pareciam me implorar por algo. — Não tem mais nenhum outro motivo?

“Assassino.”

— Por qual outro motivo seria? — Sorri, amargo. — Você não está fantasiando um romance entre nós, está? Você continua ingênua.

Mágoa preencheu seu olhar e um tiro no peito doeria menos do que ver aquilo.

Ela largou minha mão, com menos delicadeza do que quando agarrou.

— Perdão por ser um fardo que você tem que carregar por ter feito uma promessa a um morto — cuspiu, hostil. — Agora saia.

Voltei a andar para longe do banheiro e de sua existência, ouvindo a voz de Raphael e o barulho de seu pescoço se partindo ecoarem em meus ouvidos.

Me sentia um filho da puta por estar dormindo com a irmã do meu melhor amigo. Um desgraçado por estar fazendo isso com a mulher que vinha sendo minha obsessão por vinte e quatro anos.

Mas a culpa no meu peito era maior. Mesmo que Ryen dissesse que não tive culpa, eu ainda sentia que tive. Pensei nisso por cinco anos, o sentimento não ia sumir só porque ela afirmou outra coisa.

Eu poderia manter minha promessa a Raphael com o meu pau longe da irmã dele, mas merda, eu era louco por ela.

“Aproveitador.”

Sim, eu sou.

Após sair do quarto de Ryen, encontrei Killer no corredor. Fiz um carinho em sua cabeça e fui para o meu quarto, onde tomei um banho

demorado. Desci minutos depois, vendo minha mãe e meu pai assistindo ao noticiário. Não havia nenhum sinal *dela*.

— A patinadora Skyler Russell, de dezessete anos, desapareceu na noite passada após o fim da competição de patinação — Ouvi a repórter dizer. — A família está desesperada por notícias da jovem e está espalhando retratos por toda a Nova York.

A foto de uma linda garota, loira e de olhos azuis, estava estampada na televisão, antes de um vídeo dela patinando no dia da competição aparecer.

Agora me dei conta de que já tinha ouvido falar sobre ela. Era uma das melhores na patinação artística e até já posou com Brianna para algumas fotos de uma marca de roupas esportivas.

— Que tristeza, eu imagino como essa mãe deve estar se sentindo...
— Minha mãe cobriu a boca com as mãos. — Eu estaria desesperada.

Meu pai assentiu.

— É realmente triste.

— Espero que a encontrem — ela suspirou e eu olhei para o topo da escada, vendo Ryen descer com as mesmas roupas de ontem.

Killer veio logo atrás dela e correu até mim quando me viu. Acariciei seu pescoço, arrumando a coleira spike, que estava torta.

Minha mãe olhou para trás e um sorriso se abriu em seus lábios quando a viu.

— *Mia bambina!* Finalmente você desceu — Se levantou do sofá, indo até ela. — Vou pedir que façam um café da manhã maravilhoso para você!

— Bom dia — meu pai murmurou.

Ryen sorriu minimamente, devolvendo o cumprimento.

— Obrigada, tia. Mas esqueci que tinha prometido tomar café com um amigo.

— Que amigo? — perguntei, com os olhos semicerrados.

Ryen nem mesmo olhou na minha direção. Nem quando meu pai ou minha mãe o fizeram. Eu podia farejar a indiferença em sua pele de longe.

— Mas *bambina*... — minha mãe tentou protestar, no instante em que uma buzina chegou aos nossos ouvidos.

— Sinto muito, tia. Prometo tomar café com vocês da próxima — Ryen a abraçou, olhando para o meu pai. — Tchau, tio!

— Até mais — respondeu, sorrindo.

— Venha me visitar! — mamãe pediu, quando ela se afastou.

Ryen sorriu, acenando com a cabeça, e chamou Killer, que foi até ela na mesma hora. Não houve nenhum olhar em minha direção da parte dela. Tampouco uma palavra de despedida. Ela apenas se foi, passando pela porta e me deixando com uma expressão nada agradável no rosto.

Me levantei do sofá e andei até uma das janelas perto da porta, afastando a cortina para que eu pudesse observar o jardim.

Uma BMW prata estava parada lá, mas não consegui ver quem era o motorista, até o momento em que um garoto pôs a cabeça para fora e reconheci Eric. Ryen entrou no carro e logo depois eles sumiram de minhas vistas.

Algo dentro de mim estava exigindo que eu a arrancasse da minha pele para que assim eu pudesse pensar com clareza. No entanto, algo também gritava para que eu a mantivesse por perto.

E eu sabia que esse “algo” não tinha nada a ver com a promessa que fiz a Raphael.

O gosto do arrependimento era amargo.

34

*“Vá em frente e chore, garotinha.
Ninguém faz isso como você.
Eu sei o quanto isso importa para você.
Eu sei que você tem problemas com o papai”*
The Neighborhood – Daddy Issues

Ryen Rodríguez

— Não.

O protesto escapou rápido dos meus lábios, e eu nem mesmo pensei antes de negar o que Brianna estava me propondo. Ela só podia estar louca.

— Sim? — ela disse, me contradizendo e jogando a roupa que tirou do enorme closet em cima da cama.

Bufei uma risada sarcástica, negando com a cabeça, enquanto caminhava até sua cama, onde Eric estava deitado com a cabeça apoiada na mão.

— Eu não vou à sessão de fotos com você, Brianna. Olha para mim, acha mesmo que sei posar?

— Olhe para você, princesa — Eric falou, sorrindo. — O que pode ser mais sexy do que você e Brianna posando juntas?

— Brianna posando sozinha? — indaguei, irônica.

Eric revirou os olhos e Brianna desamarrou o laço do roupão que estava vestindo, ficando seminua. Ela estava usando apenas uma lingerie branca com detalhes em renda.

O corpo esbelto de cintura fina e pernas longas poderia ser apreciado com facilidade. Brianna era linda pra caralho e ninguém duvidaria disso. Ainda mais agora que ela estava com tranças *box braids* que chegavam até um pouco acima da curva de sua bunda.

— Parece que você está se escondendo do mundo — ela comentou, se inclinando sobre a cama para pegar a miniblusa branca jogada no colchão.

E não era isso mesmo que eu estava fazendo?

— Sabe, às vezes eu acho que você não me leva a sério — Eric chiou, indignado. — Pensa que só porque prefiro homens eu não fico de pau duro vendo uma mulher se trocar?

Me aproveitei da mudança de assunto e ri alto. Killer andou até Brianna, cheirando os pés dela.

— Não é que não te leve a sério, só me sinto muito à vontade com o meu corpo — Piscou um olho para Eric, afastando Killer quando ele cheirou sua bunda. — Sai, tarado!

Eric riu e eu bati na cama para que Killer subisse nela.

— Não o chame assim, ele só é curioso.

— Que curiosidade ele deve ter sobre enfiar o focinho em um lugar não muito legal? — Brianna resmungou, subindo uma saia de couro preta pelas pernas. — Respeite sua tia, Killer. Menino mau, mau!

— Vai ver ele está entrando no cio — Eric apontou para meu cachorro.

Neguei com a cabeça.

— Não, ainda falta um tempinho.

O abracei e acariciei os pelos de suas costas, enquanto ele apoiava a cabeça em meu ombro, quieto, aproveitando o carinho que eu estava lhe dando.

— Esquecendo o assunto Killer, — Bree começou, olhando para mim, enquanto colocava um colar dourado. — Por que parece que você fugiu do nosso?

— Esquece isso, Brianna. Eu não tenho perfil pra essas coisas.

Eu sabia que não era feia, mas daí a quererem que eu fosse modelo por uma tarde inteira, já era pedir demais. Eu não me encaixava nos padrões de beleza americanos, e sempre iria ser vista como gorda por causa da minha bunda grande e dos meus quadris largos.

Minha infância nunca me deixou esquecer isso.

— Você tem ideia de como Frédéric, o fotógrafo de hoje, ficaria chocado quando te visse? — Ela sorriu, colocando as argolas douradas. — Ele te botaria em um pedestal e faria todos te adorarem.

— Sim, e então ele pediria que eu desse uma voltinha, e assim que visse a minha bunda, diria “Isso com certeza não caberia em nossas roupas”.

— Você subestima demais a própria beleza, garota — Eric afirmou. — Não é porque você não se encaixa no padrão do nosso país que a errada seja você. E tenho que te contar, você é uma das mulheres mais lindas que eu já vi.

Ergui minhas sobrancelhas, um sorriso envergonhado surgindo em meus lábios sem que eu conseguisse controlá-lo.

— Obrigada — agradei, sorrindo. — Mas não é só porque me acho fora dos padrões que estou recusando a proposta de Brianna. Eu não sei posar, só tenho fotos de Killer no meu celular.

— Não vou insistir, mas o convite está aí — Ela jogou uma jaqueta por cima dos ombros e pegou uma bolsinha. — E de qualquer forma eu quero que venham comigo para a sessão. Depois a gente pode fazer alguma coisa.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, senti meu celular vibrar e o tirei do meu bolso, enquanto Eric respondia Brianna.

Franzi o cenho ao ver que era uma mensagem de número desconhecido.

Número desconhecido

Onde você está?

Minha confusão se intensificou e eu decidi ignorar aquilo. Com certeza deveria ser alguém que se confundiu e errou de número.

— Nós podemos sair para comer — Eric deu uma segunda ideia, mas eu nem tinha prestado atenção na primeira.

— Ou simplesmente podemos terminar o dia na minha casa e tomar umas — sugeri, ganhando olhares desconfiados. — Não tem nada a ver com meu vício, eu juro. Apenas quero relaxar.

— Eu topo. Podemos pedir pizza também — concordou, um suspiro deixando seus lábios em seguida. — Esse semestre da faculdade está puxado, preciso de uma folguinha.

— A definição que vocês têm de uma folguinha é muito diferente quando se trata de encher o rabo de bebida — Brianna sorriu, cúmplice. — Mas por sorte, é a minha também.

Dei uma risada, e no mesmo instante meu celular voltou a vibrar. O peguei e vi que era mais uma mensagem do mesmo número de antes.

Número desconhecido

Está com Brianna?

Número desconhecido

Me ignorando assim, na cara dura?

Sempre soube que você gostava do difícil.

Número desconhecido

Precisamos conversar. Se me ignorar de novo, não respondo por mim, amor.

Ergui minhas sobrancelhas. O apelido carinhoso no final da ameaça identificava o autor das mensagens.

Quão cara de pau ele tinha que ser para insinuar que se eu não fizesse o que ele estava mandando, eu iria me arrepender? Como ele podia dizer isso para mim depois de ter me tratado com a mesma indiferença de anos atrás?

Número desconhecido

Não me faça procurar por você.
Paciência não é o meu forte,
amor.

Eu

Vá a merda.

Então, eu o bloqueei.

Simples assim, e da mesma maneira que fiz quando era mais nova. O excluí da minha vida sem nenhum peso na consciência. Não iria entregar meu coração para ele mais uma vez, tampouco participar desse jogo de puxa e empurra que ele estava fazendo.

Eu me recusava a cometer o mesmo erro duas vezes, ainda mais depois de suas palavras ácidas. Eu não era mais ingênua, não como ele acusou, não em relação a ele. Nunca mais seria. Não voltaria a ter meu coração pisoteado como se fosse um monte de lixo.

Por um momento, quase me abri com Kellan. Vi que meus sentimentos por ele não mudaram, mesmo depois de todos esses anos. Contudo, eu preferia morrer com esses sentimentos entalados na garganta a ter que depositá-los em alguém que não saberia valorizá-los.

Ele me via apenas como um fardo que tinha que carregar. Tudo porque fez uma promessa ao meu irmão. Ele nunca iria me ver como algo além disso. E se me permite dizer, por mais que isso tenha doído, não me surpreendeu. Algumas coisas nunca mudam.

— Ryen? — Brianna estalou os dedos na frente do meu rosto e eu olhei para ela. — Nossa, você foi longe.

— Estava pensando em algo.

— No racha de amanhã? — Eric questionou, passando os dedos da mão pelo cabelo escuro.

— Vai ter um racha amanhã? — a prima de Kellan perguntou por nós duas, parecendo tão surpresa quanto eu.

— Ué, gente. Pensei que vocês sabiam disso — Eric coçou a nuca.
— Principalmente a Ryen, já que ela corre.

Encolhi meus ombros, jogando minha franja para trás.

— Eu nem sabia que haveria um racha amanhã.

— O filho da puta do Kellan fez tudo escondido para eu não descobrir, aposto — Brianna bateu uma mão fechada na outra, a expressão raivosa, enquanto fingia enforçar alguém.

— Dessa vez é o McKay quem está organizando, não o Kellan ou o Christian.

— Tem alguma chance de os dois irem? — perguntei, ridiculamente curiosa quanto a Kellan.

Merda, eu realmente não tinha um pinga de dignidade. *Temos que começar a trabalhar nisso, Ryen.*

— Kellan? Talvez, ele gosta de observar. E Christian, com certeza, ele é quem faz as apostas — ele comentou, tirando o esmalte preto da unha, distraído.

Brianna foi em direção ao seu enorme closet, trazendo de lá uma bota de cano alto.

— Como você sabe tanto se nem mesmo vai aos rachas? — questionou, interessada.

— Vocês que não me viam neles — murmurou, sorrindo, travesso.
— Faz alguns anos que tenho a mania de passar para dar uma olhadinha.

Eu sabia que, neste momento, ele estava se lembrando de Raphael. Assim como eu, Eric usava os rachas para matar um sentimento que tínhamos em comum: a saudade.

— Quem mais vai estar lá? — perguntei, afastando a tristeza.

Eric olhou para o teto, a expressão pensativa.

— Sei que o Akira voltou para Miami, então provavelmente ele vai.

— Akira?

— É um japonês tarado com fetiche em latinas — Brianna quem respondeu, revirando os olhos, fazendo uma careta. — Se eu fosse você ficava bem longe dele, pelo menos uns cem metros de distância.

Arregalei meus olhos, um sorriso aparecendo em meus lábios. Eric riu também.

— Ele é tipo um mecânico, sabe? Geralmente é ele que todo mundo procura quando quer turbinar os carros e tudo mais — explicou.

— Eu não me lembro dele — comentei, inclinando minha cabeça para o lado.

Brianna caminhou até o enorme espelho de seu quarto e Killer pulou da cama, indo atrás dela.

— Ele se enturmou em Miami dois anos depois que você foi embora — a modelo contou, colocando as mãos na cintura antes de dar um tapinha na própria bunda. — Nossa, eu sou uma puta de uma gostosa!

Ri de novo e Eric me acompanhou, agarrando um dos travesseiros de Brianna.

Ao longo dos últimos dias a abstinência tentou me derrubar, mas mesmo que meus amigos não soubessem disso, eu os procurei para me distrair. Eu realmente estava decidida a parar com as drogas, mas confesso que sentia falta. Muita falta.

No entanto, depois do que Kellan disse, eu me sentia mal ao me imaginar chapada sabendo que meu irmão morreu assim. A falta queimava pra caralho por dentro, mas aos poucos, talvez eu conseguisse. Não é?

— Ah, quase me esqueci. Yuki também vai ao racha — Eric comentou, após sua risada cessar.

— Claro, a hackerzinha... — Brianna zombou, enquanto passava gloss nos lábios.

Seu tom debochado não me passou despercebido e eu lancei um olhar desconfiado para Eric, vendo que ele percebeu o mesmo que eu.

— Quem é Yuki?

Me sentia uma estranha em Miami depois que voltei do México. Como se eu fosse novata por aqui.

— É uma garota de cabelo rosa que corre nos rachas. Um fato curioso sobre ela é que até o carro dela é rosa — Eric explicou, sorrindo. — Esteticamente, ela é uma Barbie. Mas na realidade a garota é uma hacker muito habilidosa.

Killer, parecendo cansado de observar Brianna, caminhou de volta na minha direção e subiu na cama mais uma vez, se deitando com a cabeça sobre as patas.

Hacker... será que havia alguma chance de Kellan ter descoberto meu número assim?

— Ela e Christian vivem juntos — Mais uma vez o tom desdenhoso de Brianna me chamou a atenção.

— Hum, estou sentindo certo desprezo em sua voz, Brianna?

Eric se debruçou para a frente, apoiando o queixo nas mãos, enquanto um sorriso se desenrolava em seus lábios. Ele parecia se divertir com a situação.

— E qual a novidade? — ela rebateu.

— Não é um desprezo comum, Brianna. Ele tem uma pitada de...
— Meu sorriso aumentou. — Ciúmes?

Ela jogou o cabelo para trás, se encarando no espelho, enquanto transbordava a essência de uma deusa inatingível.

— Deve ser seu próprio cheiro quando vê a Jenna ao lado de Kellan. Arqueei uma sobrancelha antes de revirar os olhos.

A vagabunda acertou em cheio.

— Agora também tem uma pitada de “só falo merda” no seu tom — rebati, e ela me dispensou com uma mão.

— Claro, claro. Continue fingindo que ver ele com ela não te afeta.

— Não sou eu quem tenho ciúmes da amiga hacker de Christian.

Brianna arregalou os olhos, dando a impressão de que tinha ficado chocada com minhas palavras.

— Eu não tenho ciúmes dela! — ela debochou, parecendo alterada demais para alguém que não se importava.

— Calma, Bree. A Ryen só fez uma brincadeira — Eric entrou na pilha, se levantando da cama com um sorriso nos lábios. — Por que você está tão nervosa?

Mais um sorriso desdenhoso escapou dos lábios de Brianna e ela pôs as mãos na cintura, adotando uma postura ereta e inalcançável.

— Não envolvam eu e o traficante na mesma brincadeira — Cruzou os braços. — Me dá vontade de vomitar.

— Claro, claro. Continue fingindo que ele não te afeta — dando um sorriso maldoso, usei contra ela suas próprias palavras.

Ela agarrou uma almofada da poltrona ao seu lado e jogou na minha direção. Antes que eu tivesse a oportunidade de desviar, o objeto atingiu meu rosto, o impacto quase me fazendo deitar ao lado de Killer.

— Ei! Agrediu perdeu a razão! — Eric interveio em minha defesa.

Afastei a almofada, com uma carranca, e a joguei de volta na direção de Brianna, mirando em seu rosto. Porém a vagabunda conseguiu desviar no último instante.

— Nunca mais mire no meu rosto, eu sou modelo! — ela disse, com ódio nas íris escuras, enquanto erguia o queixo.

Mostrei meu dedo do meio para ela.

— Oh, o que é isso? — Cobri a boca, em falso choque. — Ah, é. É o meu foda-se quanto ao fato de você ser modelo.

— Sabe o que você faz com esse dedo?

Antes que eu tivesse a oportunidade de dizer que poderia enfiá-lo em um buraco muito específico, uma batida à porta — um tanto forte — ressoou pelo quarto, chamando nossa atenção.

A risada de Eric cessou e Brianna arrumou a bolsinha sobre o ombro.

— Pode entrar.

Quando a porta foi aberta, o pai de Brianna apareceu no meu campo de visão. Junto a ele estavam a Tia Lily e o Tio Joseph. Notei que o pai de Brianna não tinha mudado nada. Só aparentava estar um pouco mais velho, porém continuava tão bonito quanto eu me lembrava.

E pelo visto, ele não tinha perdido o hábito de se vestir com roupa social mesmo dentro de casa.

— Não sabia que tinha companhia, filha — ele murmurou, olhando de mim para Eric.

— Olá — meu amigo acenou.

— Olá — ele retribuiu, breve. — Ryen, quanto tempo. Soube que tinha voltado — Ele me olhou, dando um sorriso suave.

O imitei, esfregando despreocupadamente meu braço.

— Oi, Tio Bruce.

Ele acenou uma vez para mim antes de voltar seu olhar escuro para a filha, que estava se admirando no espelho, como se uma mera respiração errada tivesse o poder de prejudicar sua aparência deslumbrante.

— Precisamos conversar. A sós — declarou a ela, a voz firme e... raivosa?

Contudo, Brianna nem mesmo direcionou o olhar a ele.

— Agora? Não tenho tempo, estou indo a uma sessão de fotos e já estou atrasada.

— Prefere que eu fale aqui, na frente dos seus amigos, ou vem conversar comigo em meu escritório? — ele retrucou, impaciente.

Bree deu de ombros.

— Não sei o que poderia ser tão sério que me envergonharia na frente dos meus amigos.

— Então vamos começar com o fato de você estar saindo com um dos acionistas da minha empresa — atirou, os braços cruzados e o maxilar forte trincado.

Arregalei meus olhos e troquei um olhar perplexo com Eric, que parecia tão abismado quanto eu.

— Ah, é isso — ela murmurou, parecendo não se afetar.

Vi uma veia pulsar na testa de seu pai.

— “Ah, é isso”? É isso que tem para me dizer?

— O que quer que eu diga? Aposto que o senhor sabe muito bem como funciona um relacionamento — zombou, esfregando o gloss com os lábios.

Encolhi meus ombros, me sentindo totalmente desconfortável e querendo enfiar minha cabeça em um buraco. Lancei um olhar para Eric e ele não parecia muito diferente de mim, olhando para qualquer parte do quarto menos para as duas pessoas conversando.

— Por quanto tempo mais você continuará fazendo apenas o que quer, Brianna? — ele questionou a filha. — Primeiro, aquele professor. Depois, o seu ex-namorado bandidinho. E agora, o acionista da minha empresa. Tem noção do que pode acontecer se isso se espalhar?

Brianna soltou uma risada amarga, negando com a cabeça, estendendo seu riso por mais alguns segundos. *Porra, onde tem um buraco?*

Puxei Eric pela manga do moletom para que ele viesse comigo.

— Brianna, estamos te esperando lá embai-...

— Fiquem aí, a conversa já se encerrou — ordenou, autoritária, nos fazendo congelar. Ela lançou ao pai um olhar indiferente. — Eu não tenho por que dar explicações a você.

Ele deu um passo em sua direção.

— Eu sou seu pai.

Ela cobriu a boca com a mão, tentando esconder o sorriso que se abria em seus lábios.

— E onde você estava quando Tio Joseph ia às minhas apresentações no colégio e fazia seu papel de pai?

— Estava tentando dar o melhor para você! — ele franziu o cenho, não entendendo sua revolta.

— O melhor para mim era ter o meu pai comigo, não em reuniões na China, na Rússia ou em Nova York. Compromissos de trabalho que eram mais importantes do que eu! — gritou, deixando a expressão indiferente

cair. — E onde você estava no meu aniversário de quinze anos? Ou no de dezoito? E quanto ao de vinte?

Tio Bruce a encarou, parecendo perdido.

— Eu te dei uma Lamborghini no seu aniversário de vinte anos!

— Mas eu queria meu pai comigo. Você sempre pensou que poderia suprir a sua falta de presença com presentes caros, mas você já se perguntou o que eu queria? — Os olhos dela lacrimejaram. — Meus tios me criaram, então agora que eu estou crescida, não venha agir como um pai, quando você não se importa de verdade!

— Eu me importo com você, Brianna. Você é a minha filha!

— Não, você só se importa com o que a elite de Miami vai dizer quando souber que a sua filha problemática está com um cara bem mais velho do que ela! — Brianna esbravejou, jogando a própria bolsa no chão. — Você só se importa com a porra da sua imagem idiota!

Meu coração se apertou com a visão de algumas lágrimas escorrendo pelo rosto de Brianna e eu dei um passo em sua direção, mas uma mão agarrou meu pulso e eu olhei para Eric, que fez um sinal de negação com a cabeça. *Deixe-a*, era o que ele estava querendo me dizer.

— Você só está aqui porque tem medo de que eu te envergonhe. Novamente — Sorriu, venenosa, mas eu podia ver a dor em seus olhos. — Continue fingindo que eu não existo. Continue fingindo que sou uma boneca que gosta de ser enfeitada e não de receber carinho. Há muito tempo que eu cansei de tentar chamar sua atenção. Já aceitei que você não me ama.

Tio Bruce engoliu em seco e negou com a cabeça.

— Brianna... — Ele deu um passo em sua direção, tentando tocá-la.

Minha amiga se afastou, dando um passo para trás. Então, ela pegou sua bolsa no chão.

— Sinto muito, *papai*. Se quiser me pôr de castigo, terá que esperar — Enxugou as lágrimas e ergueu o queixo, jogando o cabelo para trás ao passar por ele. — Estou indo para o trabalho.

O pai de Brianna olhou para o chão, as mãos apertadas em punhos, enquanto o rosto tinha uma expressão perdida.

Sem saber o que fazer, saí do quarto, puxando Eric e Killer comigo, e deixei Tio Bruce ali. Me sentia totalmente desconfortável com o que tinha acabado de presenciar. Quando Eric e eu passamos pelo corredor,

encontramos Brianna descendo as escadas e apertamos o passo, querendo chegar até ela o mais rápido possível.

Ao atravessarmos a porta que nos levaria direto para fora da mansão, Brianna respirou fundo, uma das mãos no peito, como se estivesse tentando puxar o ar. Acariciei suas costas, tentando fazer com que ela visse que eu estava ao seu lado, do mesmo jeito que ela esteve comigo dias atrás.

— Eu fiz de propósito.

Ela declarou e eu ergui minhas sobrancelhas.

— Eu já sabia.

— Às vezes o cão é bem articulado... — Eric comentou.

Brianna riu, enxugando mais algumas lágrimas de sua bochecha.

— Ainda bem que essa merda é a prova d'água — resmungou, passando o dedo por debaixo dos olhos.

— Ou então você estaria parecendo a noiva do Chucky.

Eric e Brianna deram risada, e a última me empurrou com o ombro, revirando os olhos.

— Vamos, Frédéric deve estar querendo me matar — ela disse, e marchou em direção ao carro de Eric.

Ele nos levou para longe da mansão de Brianna e do desabafo que ela despejou em seu pai com tanta vontade.

Enquanto Eric dirigia pelas ruas de Miami — um pouco lento demais, na minha opinião —, imitei o gesto de Killer e coloquei minha cabeça próxima à janela, sentindo o vento agitar meu cabelo, fazendo os fios voarem. Nem mesmo me importei quando fechei os olhos para sentir melhor a brisa.

Sentia falta de ir a rachas. De correr pelas ruas, como eu fazia no México, mas desde que cheguei à Miami, fiz isso apenas uma vez. Às vezes eu ficava com medo de ser descoberta, ou então me sentia desanimada demais para correr, tanto faz. Ambos eram motivos de eu não ter participado de mais rachas.

Tinha medo de perder minha essência. De me perder de quem eu era. Não queria voltar a ser a antiga Ryen, que era apática e não fazia nada de legal. Eu não queria perder quem eu havia me tornado, mas porque parecia que era exatamente isso que eu estava fazendo?

Às vezes eu ainda sonhava com Callum, e definhava pelo resto da madrugada. Mas agora eu já conseguia me olhar no espelho sem me imaginar coberta com o sangue dele.

Guiado pelas instruções de Brianna, não demorou muito para que Eric encontrasse o estúdio de fotos. Nós descemos do carro e eu agarrei a coleira de Killer, afinal aquele era um local que poderia acabar estressando-o, devido aos flashes das câmeras.

Entramos no estúdio e pude ver uma dúzia de modelos, todas posando para fotógrafos. Algumas com biquínis, outras com lingerie ou usando vestidos, em todo caso estavam magníficas. Elas tinham corpos que nem mesmo em meus sonhos eu ousaria desejar. Não que eu esteja me diminuindo ou queira ser vitimista, mas a verdade era essa. Nem que eu fizesse toda a dieta do mundo ou vomitasse meu almoço repetidas vezes, conseguiria ter o corpo que, desde a infância, tentaram impor a mim.

— Brianna Royal, venha até aqui antes que eu pule no seu pescoço!

Alguém vociferou e nós olhamos na direção da voz, vendo um homem caminhar até nós. Ele tinha um cabelo longo amarrado em um coque e vestia uma regata branca que exibia seus músculos magros, porém definidos.

— Me desculpe pelo atraso, Fred! — Brianna pediu, dando um beijinho em sua bochecha.

— O patrocinador quase colocou outra garota no seu lugar — ele continuou, a agarrando pelos ombros para retribuir o beijo.

— Não tem ninguém que seja mais a cara da marca dele do que eu — ela revirou os olhos, um sorriso convencido curvando seus lábios.

Killer andou até ela, esticando a coleira no processo. O tal Fred, que estava ao lado de Brianna, arregalou os olhos ao ver o meu cachorro.

— Socorro! — O homem gelou, os olhos fixos em Killer, puro pavor brilhando em suas íris.

Trouxe meu cachorro para perto de mim.

— Está tudo bem, ele não é agressivo.

O homem desviou o olhar de Killer e o levou até mim. Então, abriu a boca, parecendo chocado, enquanto me analisava de cima a baixo, sem nenhum pudor.

— *Oh. My. God* — sibilou, pausadamente, andando à minha volta.

Franzi o cenho e olhei para trás, que era onde ele estava agora, me encarando com o olhar perplexo.

— Que diabos... — xinguei, quando ele se ajoelhou atrás de mim.

— Quieta, *chérie*. Você é uma das coisas mais lindas que já tive o prazer de ver — declarou, com um sotaque francês forte, antes de pôr as

mãos na boca, os olhos se enchendo de lágrimas. — Onde você esteve escondida esse tempo todo?

Permaneci quieta e imóvel, sem saber o que dizer e sem entender que tipo de brincadeira era aquela.

— Bem que Brianna disse... — Ouvi Eric comentar, a voz risonha.

— Fred, essa é Ryen Rodríguez — Brianna me apresentou, enquanto ele se levantava. — Ryen, esse é Frédéric.

— Mas pode me chamar de seu escravo, *chérie* — Fred agarrou minha mão e plantou um beijo em seu dorso. Suspirou. — Ou pode me chamar do que quiser, é uma honra servir a um monumento como você!

O encarei, chocada com o que estava acontecendo bem na minha frente. *Ele... Ele estava me cantando?*

— Ah, não. Pode tirar esse olhar defensivo do rosto. Eu jogo em outro time, amor — Sorriu, me fazendo dar uma voltinha. — Meu encanto é motivado apenas por sua beleza estonteante. Por que eu nunca te vi por aí antes?

Pude sentir minhas bochechas pegarem fogo, e a risada melodiosa de Brianna atingiu meus ouvidos.

Ela agarrou meus ombros, fazendo Fred me soltar.

— Você está assustando minha amiga, Fred.

— Sou eu que estou assustado com o quanto ela é linda.

Pigarreei, segurando a coleira de Killer com mais força.

— Obrigada — Sorri, envergonhada.

— Não há de quê, *chérie* — Ele devolveu meu sorriso, antes de mirar os olhos em Eric — E você, gracinha. Quem é?

— Sou o Eric. É um prazer conhecê-lo — meu amigo se apresentou, sorrindo.

— Brianna trouxe grandes tesouros para mim hoje — Bateu palminhas. — Vocês vieram posar também?

Eric foi o primeiro a negar, agitando as mãos.

— Ah, não mesmo. Não é muito a minha praia.

Fred assentiu, olhando para mim, seus olhos estavam praticamente brilhando.

— E você? Vai, não é?!

— Bem, eu vim apenas...

— Ela não quer posar, acha que não leva jeito — Brianna respondeu por mim e eu a fuzilei com os olhos.

Ela me “respondeu” dando de ombros, o que claramente significava “Não tenho medo de cara feia”.

— Como assim não leva jeito? Olhe para você, poderia colocar uma lixeira na cabeça que ainda ficaria bonita! — enfatizou seu comentário, me fazendo dar mais uma voltinha. — Vamos, você vai posar com Brianna. Não aceito não como resposta!

Arregalei meus olhos, negando desesperadamente.

— O quê? Eu realmente não acho que eu possa fazer isso — Agarrei a guia de Killer contra meu estômago.

— Eu não aceito não como resposta, *chérie*, já disse. Você é linda demais para ficar escondida — me repreendeu.

Abri a boca mais uma vez para negar essa ideia maluca, quando Eric falou comigo.

— Não custa nada, Ryen. Além disso, eu acho que você só está negando porque está com medo, e não porque não quer.

— Eu não quero ir parar em uma revista ou em um *outdoor*!

A verdade é que eu não queria ver meu rosto estampado em um lugar onde todos pudessem ver quem eu sou. Não queria parar nos jornais. Não podia correr esse risco. Uma coisa era eu passear por aí, aproveitando o fato de não ter nada sobre mim nas manchetes do México, outra bem diferente era eu pedir por algo desse tipo.

— Não seja por isso, façamos um ensaio de pura diversão, o que acha? — Frédéric sugeriu.

Os rostos de Brianna e Eric se iluminaram e eles agarraram as mãos um do outro.

— E então você pode guardar as fotos de lembrança! — Ele olhou para mim, sorrindo largamente.

— Só nós teremos acesso às fotos, elas não vão para a mídia — Brianna garantiu.

Estreitei meus olhos na direção deles, ainda temerosa com a proposta. Até que não seria má ideia fazer isso, apenas por diversão. E se as fotos realmente não vazariam, não havia problema. Não é?!

— Olha, eu juro que se as suas fotos pararem na mídia, você pode me processar ou me dar de almoço pro seu cachorro — Fred deu sua palavra, encarando Killer, que bocejou.

— Eu faço os dois.

Ele arregalou os olhos diante da minha declaração, antes de assentir várias vezes com a cabeça e abrir um sorriso.

— Isso quer dizer que você aceita? — eles perguntaram, em uníssono, ansiosos.

Me vi assentindo.

— Tudo bem. Já que não vão para a mídia, não vejo por que não fazer.

Fred bateu palmas, Brianna e Eric comemoram.

— Ótimo, vou te levar agora para a maquiadora e te dar uma roupa — O homem me agarrou pelo pulso. — Brianna sempre vem maquiada, então ela vai posar primeiro.

Uma mulher foi até Brianna e a levou para longe, provavelmente para se trocar também.

— E o meu cachorro?

— Eu fico com ele — Eric me tranquilizou, acariciando a cabeça de Killer.

— Não, pode trazê-lo. Ele será ótimo para o que eu tenho em mente — Fred sorriu, cheio de promessas.

Em menos de trinta minutos minha maquiagem já estava feita e eu franzi o cenho ao ver uma espécie de curativo ao redor do osso do meu nariz e sangue falso saindo de uma das minhas narinas. Minha boca estava bem desenhada e meus olhos bem esfumados.

Contudo, minha curiosidade desapareceu quando Fred me entregou uma espécie de lingerie vermelha, um pouco transparente nos seios, reveladora o suficiente para que vissem a cor dos meus mamilos.

A parte de baixo era uma calcinha que, mesmo não sendo totalmente fio-dental, eu sabia que ficaria minúscula devido ao tamanho da minha bunda. Protestei para não usar aquilo, mas parei quando lembrei que eu poderia me divertir. Só por hoje, eu poderia esquecer do quanto fui chamada de gorda na minha infância. Só por hoje, eu poderia me sentir verdadeiramente sexy.

Depois que me vesti, saí do closet, e Fred e Eric assobiaram, me olhando dos pés à cabeça. Então o homem pegou duas luvas de boxe ligadas por um cordão e as colocou ao redor do meu pescoço.

Olhei para trás, tentando tirar discretamente a calcinha de dentro da minha bunda, quando Eric deu um tapa na minha mão, me encarando, com uma carranca.

Eu devolvi seu olhar, antes de ir até Fred quando ele me chamou. *The Weeknd* estava tocando baixinho e eu olhei na direção de Brianna, vendo-a posar com uma camisola branca transparente e uma lingerie lindíssima por dentro. Ela estava linda, mas...

— Não entendi, são fotos para um site de acompanhantes de luxo? — atirei, indignada.

— Não, mas se fosse, eu certamente ganharia muito dinheiro com você e Brianna — Fred respondeu, risonho. — Olhe para ela, é um espetáculo.

Sim. Cada expressão e cada pose de Brianna eram totalmente naturais. Ela nasceu para isso e ninguém seria louco de dizer o contrário.

— E respondendo a sua pergunta, Brianna está em uma sessão de fotos de roupa íntima feminina.

— Da próxima vez, me convidem para posar de cuequinha — Eric assobiou, abanando o rosto, enquanto segurava Killer.

Eu ri e neguei com a cabeça. Foi o tempo que levou para Brianna encerrar as fotos de agora e vir até nós. Ela avisou ao fotógrafo que voltaria após trocar de roupa.

— Você está linda, uma verdadeira gostosa — Ela me rastreou com o olhar, sorrindo largamente.

Ri, porém, estava nervosa.

— Obrigada. Aposto que todo mundo que está vendo meus mamilos concorda.

— Relaxa, ninguém aqui liga para isso.

— Vamos, agora é sua vez — Fred avisou, me empurrando levemente em direção ao local onde Brianna estava posando segundos atrás.

— Arrasa! — Eric gritou, e em seguida senti dois tapinhas serem depositados em cada lado da minha bunda.

Me virei, sabendo que os dois tapas vieram de Eric e Brianna, mas não tive tempo de xingá-los, pois logo Fred me levou para o lugar onde eu deveria ficar, me deixando na frente de um fotógrafo.

Os olhos do homem loiro percorreram meu corpo e, ao contrário da malícia que eu esperava encontrar, tinha um claro interesse profissional ali. Ainda assim, seus olhos sobre mim faziam meu estômago revirar, porque tudo me lembrava Callum. Até o corte do cabelo do homem era igual ao dele.

Balancei a cabeça, afastando esses pensamentos para não atrapalhar um momento único como este. Não poderia deixar isso acontecer.

— Segure as luvas de boxe ao redor do seu pescoço e incline levemente o rosto para cima — Fred mandou e, ao seu lado, Brianna fez o que ele disse para que eu visse como deveria posar.

Engolindo um pouco da minha vergonha, fiz exatamente como Brianna, e ela e Eric fizeram um sinal de joinha para mim.

— Isso, agora pense em uma situação que te deu muita raiva — Fred continuou a falar.

A princípio pisquei, confusa, mas em seguida me lembrei de como Kellan me chamou de ingênua e me fez sentir como se eu tivesse catorze anos novamente. Filho da puta. Eu esperava que ele se ferrasse comendo Jenna Watson.

Em todo caso, com certeza eu era a mais idiota nessa história. Bem que eu poderia pegar meu canivete e cravá-lo bem no fundo do peito daquele babaca.

Flashes foram disparados em minha direção.

— Isso! Essa expressão! — Ouvi Fred dizer e olhei para ele, que parecia satisfeito. — Tenho pena de quem tem todo esse seu ódio, *chérie*.

— Agora faz uma expressão bem sexy. Como se você estivesse em uma boate e fosse noite de caça — Brianna reforçou, me olhando de forma sedutora.

Eu ri da sua escolha de palavras e mais flashes foram disparados, me fazendo olhar diretamente para a lente. O fotógrafo sorriu para mim antes de tirar mais fotos.

Fiz o que Brianna disse, estreitando meus olhos para câmera, tentando fazer um olhar sexy que eu não sabia se estava funcionando.

Dezenas de fotos foram tiradas enquanto eu variava nas poses. De costas, de lado, de todos os ângulos possíveis, até que Killer conseguiu se soltar de alguma maneira do controle de Eric e correu até mim. Eu me ajoelhei, agarrando seu focinho, enquanto beijava o vale entre seus olhos.

— Exatamente isso! — Fred suspirou, quase chorando. — Fique em pé e olhe para frente, enquanto segura seu cachorro pela coleira!

Obedeci ao que me foi mandado e Killer, parecendo entender o que estava acontecendo — o que eu achava impossível —, se sentou sobre as patas traseiras, a postura ereta.

— Que sexy — Eric assobiou, me fazendo rir.

Esse estava sendo um dos melhores dias que eu tive desde que cheguei a Miami.

— Vamos, *chérie*. Solte a vadia que tem dentro de você — Fred me mandou um beijo e, mais uma vez, a risada era inevitável.

Olhei para Killer e pude jurar que o exibido estava amando aquilo.



— Aí, como ele esperava que eu ficasse depois de me dizer isso? — perguntei, agarrada a uma garrafa de cerveja, largada sobre o tapete da minha sala.

Eric assentiu, piscando os olhos, com uma expressão engraçada no rosto. Ele deu uma mordida no pedaço de pizza em sua mão.

— Nããããoooo... — arrastou a palavra, negando com a cabeça. — Ele te chamou de ingênua? — Eric disse, e tomou um gole de sua cerveja. Atirei uma almofada nele.

— Eu já te disse isso cinco vezes em menos de dez minutos!

— É porque você fica repetindo a mesma merda toda hora! — rebateu, indignado.

Nos encaramos por longos segundos antes de cair em uma risada conjunta. Tudo parecia tão engraçado.

— Eu aparecia com outro bem na frente dele e *boom!* Ele seria corno — Brianna sugeriu, batendo uma mão na outra.

Me lembrei do que aconteceu com McKay quando eu o usei para provocar Kellan e ri alto, um ronco saindo de mim.

— Não acabou muito bem pra McKay quando eu fiz isso...

— Mas ainda assim, deixou o Kellan puto — Bree soluçou, rindo exageradamente, enquanto batia no tapete e agitava as pernas. — Imagina o que ele faria se visse as suas fotos. Ia ficar furioso!

— Ia fazer uga-uga igual a um homem das cavernas! — Eric riu, deixando as costas caírem contra o assento da minha poltrona.

Nós três rimos alto por mais ou menos uns cinco minutos, mas de repente, não tinha mais graça. Eu queria chorar. Eu queria o arrombado do Kellan.

Então, eu chorei.

— O que a Jenna tem que eu não tenho?

— Sífilis?

— Doenças?

— Falta de amor-próprio?

— Mestrado em boquete?

Eu ri em meio às lágrimas, e agarrei Killer, que estava ao meu lado.

— Aquele filho da puta não pode me tratar assim depois de me macetar por horas!

Bree pegou o celular em cima da poltrona.

— Espalha que ele é brocha!

Tomei um longo gole da minha cerveja, sentindo minha cabeça rodar. Tudo era amarelo assim sempre?

— É isso mesmo que eu vou fazer, vou espalhar para todo mundo que Kellan Royal é brocha! — Ergui minha cerveja no alto da minha cabeça.

Bree riu e Eric a acompanhou.

— E o que mais? — ele perguntou, colocando a palma ao redor da orelha. — Desabafe, fale suas frustrações!

— Que ele é impotente sexual e que com ele é gozou, dormiu!

Olhei para Brianna, arregalando os olhos ao perceber que ela estava me gravando.

Antes que eu pudesse protestar, ela parou a filmagem e mexeu no celular por mais alguns segundos antes de largá-lo no tapete.

— O que você fez, Bree Bree? — Eric perguntou, com a voz embolada.

— Eu postei o vídeo no *Twitter*.

— Isso mesmo, assim ninguém vai dar pra ele. Bem pensado! — comemorei.

Ela se encostou no assento da minha poltrona e encarou a própria garrafa de cerveja, com um semblante nostálgico.

— Eu transei com o Christian quando eu tinha dezoito anos.

Ela declarou em alto e bom som, fazendo com que eu e Eric parássemos de rir.

— E a surpresa? — perguntei, ironicamente.

— E choca um total de zero pessoas — Eric completou.

Brianna levou a garrafa aos lábios, tomando o resto de sua cerveja. Eu já tinha tomado sete garrafas, ela tinha tomado seis e Eric, quatro.

— Foi no meu aniversário de dezoito anos — ela começou. — Eu estava no jardim da casa dos meus tios, chorando porque meu pai não poderia ir ao meu aniversário. E como Christian já era amigo do meu primo, Kellan o convidou. Ele pegou as chaves da Ferrari de Kellan e nos levou pela cidade, ele dirigia muito bem. Merda, ele é um dos melhores que eu já vi — Ela fungou, uma lágrima descendo por sua bochecha. — Ele me levou a uma ponte meio isolada e me disse que aquele era um lugar onde a mãe o trazia sempre. Não sei se foi a carência no meu peito ou se ele estava com tanta pena de mim que cedeu, mas nós transamos naquela ponte.

— Caralho... — Eric e eu sibilamos, em uníssono.

Minha amiga começou a chorar com mais força, deixando a garrafa vazia cair e rolar pelo tapete.

— Em seguida, ele agiu feito um filho da puta e disse que não daríamos certo, que aquilo tinha sido um erro. E eu rebati, dizendo que éramos de mundos diferentes — Ela soluçou, cobrindo o rosto com as mãos quando o choro ficou mais alto. — Agora ele fica pra cima e pra baixo com aquela vagabunda de cabelo rosa, cosplayer de *Velozes e Furiosos* dos infernos!

— Yuki? — Eric apontou.

— Essa puta mesmo! E não tô nem aí pro feminismo ou pra essa merda de rivalidade feminina. Christian é o meu homem, meu! — Ela bateu os punhos no chão, como uma criança birrenta.

Eric torceu o nariz, em uma careta, enquanto olhava para ela; mas ao contrário dele, que a estava julgando, eu a entendia.

— E o Kellan é o meu! — rosnei, cruzando meus braços. — Ele é a minha putinha, não de Jenna!

Brianna assentiu várias vezes com a cabeça, seu corpo pendendo aos poucos para o lado, enquanto seus olhos piscavam.

— Quem aquele viciado de merda pensa que é para me tratar assim? — murmurou, sua voz repentinamente grogue. Ela bocejou, fechando os olhos, enquanto se deitava no meu tapete. — Eu sou... Eu sou modelo...

Ela... dormiu?

— Ei... — Eric a cutucou com uma garrafa vazia. — Não acredito que ela dormiu, o rosto dela está todo melecado.

Eu ri e os olhos dele pousaram em mim, se arregalando. Ele engatinhou na minha direção, uma expressão admirada em seu rosto, enquanto seus olhos brilhavam.

— Rapha? — ele sussurrou, parando ajoelhado à minha frente.

Confusa, o assisti agarrar minhas bochechas, e então seus lábios grudaram nos meus. Fechei meus olhos quando ele movimentou a boca sobre a minha, sua língua a adentrando.

Quando o beijo acabou, Eric se afastou de mim, com os olhos fechados, e então ele os abriu. A decepção encheu suas íris escuras e ele soltou minhas bochechas com delicadeza.

— Por que você me beijou?

— Você se parece com o Rapha... — respondeu, lágrimas surgindo em seus olhos.

— Desculpe... — eu pedi, me sentindo culpada, de alguma forma.

Ele negou com a cabeça, me dando as costas e engatinhando na direção de Brianna.

— Tudo bem, não é sua culpa. E eu já aceitei que ele não vai mais voltar — falou, se deitando ao lado de minha amiga e a abraçando. Ele jogou uma perna por cima dela. — O pior é que aquele idiota morreu antes de a gente transar.

Não passou muito tempo antes de um ronco alto encher a sala e Killer choramingar, cobrindo o focinho com as patas. Com certeza ele estava incomodado com o motor de Eric, que agora se misturou ao de Brianna.

Limpei meus lábios, nem um pouco afetada pelo beijo de Eric, e eu sabia que ele sentia o mesmo.

Chequei a hora no meu celular, que estava jogado no tapete, e vi que eram exatamente onze e meia da noite.

Me levantei com dificuldade, me segurando nos móveis do meu apartamento, enquanto me direcionava à cozinha escura. Ri quando quase tropecei em uma cadeira próxima do que eu achava ser a minha mesa e procurei o interruptor, tentando me desvencilhar do braço em minha cintura. Porque ele não está me deixando acender a luz... Espera!

Quem estava me segurando?

Uma mão enorme e áspera cobriu a minha boca e o braço ao redor do meu corpo reforçou seu aperto. Havia um corpo quente grudando em minhas costas.

— Hum, então eu sou brocha?



*“Se você me abraçar sem me machucar,
você será o primeiro a fazer isso.”*

Lana Del Rey – Cinnamon Girl

Kellan Royal

Senti o corpo de Ryen ficar rígido por alguns segundos, provavelmente por causa surpresa, antes de ela relaxar contra mim e eu sentir meu estômago dar um salto por ver que ela não tinha medo.

Ela virou o rosto, o suficiente para encarar o meu, escondido pelo breu da cozinha. Mesmo no escuro, pude ver seus olhos se apertarem quando ela sorriu contra a minha mão. *Porra.*

— Humm? — ela murmurou, soando como uma pergunta embolada.

Retirei minha mão de sua boca.

— Kekel, é você?

Apertei meu braço em sua cintura ao escutar a palavra que saiu dos seus lábios. Aquele era o apelido pelo qual ela me chamava quando tinha quatro anos; ela parou de usá-lo após uma repreensão da mãe, lhe dizendo que ela tinha que aprender a falar meu nome corretamente.

— Porra, onde está a luz? Por que essa filha da puta está se escondendo de mim? — ela resmungou, tateando a parede à sua frente.

Seus pés se enroscaram um no outro e ela teria beijado o chão se eu não a tivesse pegado.

Revirei os olhos e acendi a luz, clareando essa parte do cômodo.

— Eu sabia que você estava bêbada, mas não esperava que fosse no nível de um alcoólatra de bar — atirei, a vendo se aproveitar do meu braço em sua cintura para elevar os pés do chão.

Com as pernas suspensas no ar, Ryen ergueu os braços acima da cabeça, olhando de um lado para o outro.

— Eu estou vendo a luz, Kel... — cantarolou, abismada com a própria descoberta, enquanto erguia o rosto, o suficiente para me encarar de baixo. Ela enrugou o nariz, confusa. — Mas por que a luz se parece com a minha putinha?

Andei até o balcão de mármore e a coloquei sentada de frente para mim. Cruzei meus braços.

— Então, além de brocha, impotente sexual e “gozou, dormiu”, eu ainda sou a sua putinha?

— Sim. Mas é só minha... — resmungou, com uma carranca, me puxando pela gola do moletom.

Fui parar entre suas pernas e olhei para trás, na direção de Brianna e Eric; eles continuavam roncando como dois tratores do caralho. Killer caminhou até a cozinha e se deitou próximo a nós, parecendo querer ficar longe dos roncões.

Voltei o meu olhar para Ryen.

— Vocês com certeza não sabem beber.

— Agora que fodeu, mesmo! — ela se irritou, agarrando meu agasalho com as duas mãos. — Nem uma cerveja eu posso tomar mais? Vai proibir os estabelecimentos de venderem para mim? Ou vai proibir que bebidas alcoólicas sejam comercializadas em Miami?

Arqueei uma sobrancelha, inclinando a cabeça para o lado.

— Ótima ideia.

— Você não está nem louco de fazer isso, ou eu juro que... — Ela se calou, farejando o ar. — Que cheiro doce é esse? Você esteve com Jenna? Isso é perfume de mulher!

Ryen enfiou o nariz em meu pescoço antes de afastar o rosto, me encarando, com ódio nas íris. Apoiei minhas mãos no balcão, uma de cada lado do seu corpo.

— Você está imaginando coisas.

— Isso é o que todo homem diz! Mas aposto que você estava com ela antes de vir aqui! Eu sinto o cheiro dela em você! — rosnou, em um soluço, me largando.

Um sorriso de lado brotou em meus lábios ao constatar seu ciúme.

Não estive com nenhuma mulher antes de ir à casa de Ryen, muito menos com Jenna. Inferno, eu não sentia necessidade de tocar outra mulher desde que ela voltou. E se Ryen estava sentindo um cheiro doce, só poderia ser o dela.

— Eu não estive com outra mulher desde que você voltou — Descansei minhas mãos sobre suas coxas, enquanto enfatizava o “você”. — Já não te disse isso?

— Disse, mas eu não acredito! — Ryen voltou a agarrar meu moletom. — Você beijou Jenna no dia do racha.

Me aproximei ainda mais dela, que cruzou os pés sobre minha bunda, me deixando preso ao seu corpo.

Esfreguei minhas mãos em suas coxas, de cima para baixo, em uma carícia, mas sem adentrar a saia preta estilo colegial que ela estava usando.

— Não me lembro disso — Pisquei.

— Foram tantos que você se confunde? — Ela me soltou, adotando uma expressão perdida. — Mas eu me lembro dela... dela... esqueci...

Sorri por dentro, me divertindo com o quanto a bebida a deixou boba. Mas ao me lembrar das fotos que Brianna me enviou mais cedo, todo o meu divertimento caiu por terra, e eu agarrei seu pescoço, obrigando-a a olhar para mim.

— Você não quer que saibam que voltou para Miami, mas posa daquele jeito, hein? — rosnei.

Ryen me encarou, havia confusão em seu olhar antes de um sorriso travesso se desenrolar por seus lábios e ela agarrar minha cintura com as mãos, colando o peito ao meu.

Ela mordeu o lábio inferior, os olhos brilhando, maliciosos.

— Então você viu? Gostou?

Se eu gostei? Porra, eu estava muito bem largado na minha cama, em meu apartamento, quando Brianna me enviou as fotos. Diversas imagens onde Ryen estava posando com a merda de um pedaço de pano que deixava aparecer claramente a cor de seus mamilos. Quantas pessoas estavam na porra do estúdio e tiveram essa visão ao vivo?

Rolei as fotos e encontrei algumas onde ela estava vestida com uma espécie de macaquinho extremamente colado ao corpo, como uma segunda pele. Ao seu lado, Killer lhe fazia companhia, encarando a câmera, com olhos sombrios.

Continuei passando as imagens e a causa da minha morte não foram seus peitos e sua bunda exageradamente expostos, mas sim uma foto em que ela estava sorrindo. Era evidente que foi bem espontânea.

— Se não gostou, problema seu. O fotógrafo me adorou — Deu de ombros, e seu tom sugestivo não passou despercebido por mim.

Travei meu maxilar.

— Que fotógrafo?

— O que tirou minhas fotos. Ele era muito bonito e também... — arrastou a fala, me encarando.

— Não estou para brincadeiras, Ryen. O que o fotógrafo fez? — exigi, entre dentes, que ela me contasse.

De repente, seus olhos se encheram de lágrimas, e um som estrangulado escapou de sua garganta, me fazendo franzir o cenho.

— Por que você é assim comigo? — perguntou. — Você é muito grosso, e o pior é que eu nem tô falando só do pau. Você é um cavalo idiota que só sabe me maltratar!

Arregalei meus olhos de leve, surpreso com seu repentino surto. Ela tentou descer do mármore, mas eu coloquei minhas mãos em sua cintura e a mantive sentada.

— Para onde você pensa que vai?

Ryen bateu no meu peito, tentando se afastar.

— Para longe dessa sua cavalice!

— Quieta, você vai acordar os outros — mandei, querendo rir quando ela fungou.

— E daí?! Deixe que acordem. Assim eu tenho testemunhas contra o seu machismo! — Ela tornou a bater os punhos contra meu peito, agora com mais força. — Por que você não pode ser mais *mulherista*?

Não pude controlar a curta risada que escapou dos meus lábios, e agarrei sua nuca, a ponta dos meus dedos adentrando seus fios. Trouxe seu rosto para mais perto, obrigando-a a me encarar.

— Pare de birra e me diga o que o fotógrafo fez, hein? — Acariciei suas bochechas, fixando meus olhos no beicinho que se formou em seus lábios.

Ela rapidamente o substituiu por um sorriso sacana, o choro sumindo e dando lugar a uma expressão provocativa, deixando para trás apenas o rastro de suas lágrimas.

Passei meu polegar por suas bochechas, limpando-as, enquanto ela prendia o lábio entre os dentes.

— Ele pediu meu número.

Apertei meus dedos nos fios de seu cabelo, cauteloso.

— E você deu?

— Depende do que você está perguntando se eu dei.

Mas que merda era essa?

— Você transou com o filho da puta? — rosnei, agarrando um punhado dos seus cabelos.

Uma risada alta e melodiosa irrompeu pela cozinha e Ryen pôs as mãos na boca quando um ronco escapou dos seus lábios bem desenhados.

— E se eu tiver?

Larguei seu cabelo e agarrei seu pescoço com uma mão, enquanto a puxei de encontro a mim com a outra.

— Você transou ou não? — questionei, com dentes cerrados.

Ryen sorriu e adentrou meu moletom, as mãozinhas percorrendo minhas costas e meu abdômen. Um arrepio subiu pela minha espinha.

— Não, não transei... — assegurou, se inclinando para beijar meu pescoço quando aliviei meu aperto ao redor do dela.

Seus lábios se abriram contra a minha pele e eu agarrei seus quadris, apertando meus dedos no osso quando ela usou a língua para chupar bem em cima do meu pomo de adão.

Tombei minha cabeça para o lado e ofeguei quando suas unhas deslizaram por minhas costas, me fazendo perder a porra do meu controle.

— Ryen...

Era para minha fala ser uma repreensão, mas perdi a postura quando ela subiu os lábios e prendeu meu lóbulo entre os dentes.

— Ele me desejou durante o ensaio todo, Kellan. Você tinha que ver como ele me encarava... — Ela usou uma das mãos para agarrar os fios de minha nuca e eu senti meu pau pulsar perante a luxúria em seu tom de voz.

Travei meu queixo, apertando seu quadril com mais força. O suficiente para deixar um hematoma.

— Qual o nome do filho da puta? — perguntei, agarrando seu queixo e a afastando.

— Não sei, não perguntei — Ela tentou voltar para o meu pescoço.

— Não — neguei, antes que eu fizesse uma besteira e a fodesse bêbada naquele balcão.

Ryen arregalou os olhos diante das minhas palavras, como se ela fosse uma criança e eu tivesse negado algum brinquedo a ela.

— Por quê? A sua amiguinha já foi prestativa com você, como me disse uma vez?

— Está com ciúmes?

Ela me olhou, com raiva.

— Mas é claro que estou! — vociferou, assassina. — Você é o meu Kellan, não de Jenna Watson! Ela que ache um para ela ou eu juro que a mato. E mato você também!

Qualquer cara normal daria meia-volta e correria de uma maluca possessiva como essa. Mas eu não era normal, e essa sua possessividade me excitava pra caralho.

Ninguém desabafa melhor do que um bêbado.

— Eu sou seu, meu amor — garanti a ela, colocando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

Ryen soluçou e seus dedos envolveram meu pescoço, e enquanto eu precisava me controlar para não matá-la quando fazia isso, ela parecia querer totalmente o contrário.

— Ah, é? Então por que a Jenna te beijou bem na minha frente e você não fez nada. Acabei de me lembrar, seu safado! — rosnou, reforçando seu aperto.

Dei uma gargalhada, soltando seus dedos do meu pescoço e prendendo suas mãos atrás de suas costas, para o meu próprio bem.

— Jenna não significa nem nunca significou nada para mim.

De repente, foi como se toda a necessidade de lutar sumisse do seu corpo, então ela relaxou contra o meu. Seus olhos me encararam, com um ar manhoso, e ela fez um beicinho com os lábios carnudos, se aproximando mais.

— Jura?

— Juro.

— Então me beija.

Ryen fixou os olhos grogues em mim, parecendo esperar impaciente, com uma carranca profunda no rosto.

Eu sorri e usei minha mão para agarrar seu queixo delicado, plantando um selinho demorado em seus lábios. Ela os entreabriu, pedindo por mais, mas apenas chupei seu lábio inferior, não querendo ir além disso, pois sabia que ela nem se lembraria amanhã.

Ela gemeu e balançou os quadris, tentando se esfregar em mim. Me afastei um pouco, a encarando, com um sorriso de lado.

— Kellan...

— Você está bêbada — eu a lembrei, lhe dando mais um selinho.

— E daí?! — ela perguntou, tentando me beijar. — A gente pode transar loucamente e no dia seguinte fingir demência porque ainda tenho

que preservar a dignidade que me resta.

Dei uma risada e estava pronto para negar, mas a vi ficar verde e me afastei. Ela inflou as bochechas, fazendo menção de vomitar.

— Eu quero água — murmurou, descendo do balcão em um pulo.

Ela cobriu a boca quando mais uma onda de vômito veio; eu ergui seu rosto.

— Fica aqui, me ouviu?

Caminhei até sua geladeira e Killer me seguiu, me vendo pegar uma garrafinha de água roxa para sua dona.

Tinha pequenos adesivos de bailarina colados por toda a garrafinha, a enfeitando. Sorri internamente, tendo mais uma arma para provocá-la.

— Aqui está a água... Ryen? — chamei, quando não a encontrei onde a deixei.

Passei meus olhos pela cozinha e a vi caminhar em direção à sacada da sala de estar, enquanto tirava a blusa preta de alças finas, ficando apenas de sutiã. Me aproximei dela com a garrafa nas mãos e arregalei os olhos quando ela ergueu o sutiã, expondo os seios para quem quisesse ver.

— *Buenas noches*, Miami! — Ryen gritou, rindo.

Caralho, era agora que eu ia ter uma síncope.

Joguei a garrafa no chão e corri até ela, enrolando meu braço em sua cintura, a puxando para longe da sacada e de quem a estivesse vendo.

A soltei e ouvi um baque assim que me virei e me inclinei sobre a enorme janela. Havia três caras parados lá embaixo, parecendo procurar Ryen. Ergui meu dedo do meio para eles.

— Vão ver os peitos das mães de vocês, bando de filhos da puta!

Quando me virei na direção de Ryen, ela estava jogada no chão, os braços e as pernas espalhados. Claro, esse foi o baque que eu ouvi.

Ela gemeu, colocando as mãos na cabeça, os seios apontando para cima, enquanto a saia preta revelava a calcinha azul-claro de renda.

Pela primeira vez na minha vida o que me invadiu quando encarei Ryen não foi tesão, e sim uma vontade imensa de rir.

Me aproximei dela e me curvei sobre meus joelhos, apoiando minhas mãos neles, enquanto a encarava de cima.

— Já não basta ter criado uma comoção no *Twitter* ao divulgar aquele vídeo, você ainda coloca os peitos na janela? — resmunguei, impaciente. — Você tirou o dia para me irritar?

Ela agarrou os seios, os cobrindo. No entanto, não o fez como uma forma de escondê-los, na verdade ela parecia pensativa.

— Por que tem dois Kellans na minha frente? — Esticou a mão, tentando me tocar, com o semblante admirado.

Revirei meus olhos, sorrindo.

— Merda...

Puxei o sutiã de Ryen, voltando a cobrir seus seios. Como se ela não pesasse nada, a agarrei pelos ombros e a levantei, a colocando de pé. Ryen gemeu, massageando a bunda, com uma careta de dor.

Ela deu um passo para trás, e teria ido ao chão mais uma vez se não fosse por mim.

— Vou te levar para a cama.

— No colinho... — pediu, manhosa, estendendo os braços na minha direção.

— Não teste a minha boa vontade.

Ryen baixou os braços, os olhos se enchendo de lágrimas, enquanto ela encarava o chão, fungando.

Suspirei, me aproximando dela e agarrando suas coxas. Ryen sorriu e envolveu minha cintura com suas pernas, abraçando meu pescoço. Ela beijou minha bochecha e eu analisei seu rosto, pateticamente admirado com cada detalhe dele.

— Mimada.

— Calado, putinha — mandou, cobrindo minha boca.

Comecei a andar em direção às escadas que nos levariam ao quarto dela, sendo acompanhado por Killer, que vinha logo atrás de nós, como um verdadeiro cão de guarda.

Passei por Brianna e Eric, impressionado com o ronco sincronizado deles. Merda, esses três juntos só se envolviam em problemas.

Afastando a mão da minha boca, Ryen enfiou o rosto em meu pescoço, o cheirando descaradamente. Ela depositou alguns beijos sobre a minha pele, apertando os braços e as pernas ao redor do meu corpo, parecendo temer que eu fosse embora.

Subindo as escadas com minhas mãos em sua bunda, eu a ergui um pouco mais quando a senti escorregar. Parecendo entender o movimento, ela reforçou o aperto de seus membros em meu corpo.

Empurrei a porta do quarto de Ryen e seu cachorro foi o primeiro a entrar. Ele correu em direção à cama da dona, se deitando nela com a

cabeça apoiada nas patas, fechando os olhos.

— Eu quero vomitar — Ryen avisou, afastando o rosto do meu pescoço.

A coloquei no chão.

— Vem, vou te levar pro ba-... Você não fez isso.

Eu me recusava a acreditar que a pirralha tinha feito uma coisa dessas. Não, Ryen não tinha vomitado em meus tênis brancos.

Me afastei em um pulo e Ryen continuou curvada, vomitando no chão como se o mundo fosse acabar no dia seguinte.

— Porra! — xinguei, tirando meus tênis o mais rápido que consegui e os deixando largados no chão.

Ela parou de vomitar e limpou a boca com as costas da mão.

— Olha, Kekel... — Apontou para o próprio vômito, admirada. — Eu vomitei arco-íris...

Antes que ela tocasse no líquido, eu a afastei dele, puxando-a pelo braço.

— Vai pro banheiro, agora! Você precisa tomar um banho — ordenei; empurrando-a na direção do cômodo.

Ryen se afastou de mim.

— Não, não quero tomar banho! — ela se recusou e tentou correr, mas tropeçou nos próprios pés e caiu de cara no chão pela milésima vez só naquela noite.

Rosnei, de raiva, sentindo minha paciência ir para o quinto dos infernos diante de tudo isso e de sua teimosia.

A ergui do chão e a joguei por cima dos ombros, a deixando de cabeça para baixo. Ela soltou um gritinho e bateu os punhos contra minhas costas diversas vezes, tentando se soltar.

— Socorro! O bicho-papão está me sequestrando! Mamãe! Espera... Que mãe? — parou, confusa.

Entrei no cômodo e a levei em direção ao box, o abrindo. A coloquei no chão e fechei a porta do banheiro para que ela não escapasse.

— Tira a roupa.

— Safadinho... — Sorriu, com malícia, piscando o olho sedutoramente em minha direção.

Reprimi uma risada, porque se eu risse, ela levaria isso como combustível para continuar sendo desobediente.

Cruzei meus braços.

— Não estou para brincadeiras, tira a roupa logo.

— Chato — Fez beicinho, levando as mãos para trás de suas costas.

A ignorei e fui em direção à pia de mármore, colocando meu celular em cima dela e encontrando o recipiente onde Ryen guardava sua escova de dentes e a pasta.

Coloquei a pasta na escova e quando me virei de volta para ela a encontrei se contorcendo, tentando avidamente desabotoar o sutiã de renda, que parecia estar ganhando a briga.

Eu ganhei na loteria mesmo.

— Vire-se — ordenei, prendendo a escova entre meus dentes.

Ryen fez o que eu mandei e fui rápido em tirar seu sutiã e jogá-lo perto do cesto de roupas sujas. Quando me abaixei, desci sua saia e xinguei alto ao ver sua bunda exatamente na minha cara. *Porra, era a coisa mais linda que eu já tinha visto!*

Respirando fundo, desci a calcinha por suas pernas e ela as afastou, saindo do amontoado de roupas que se formou aos seus pés. Lhes dei o mesmo destino do sutiã e fiquei em pé.

Ryen se virou na minha direção e cobriu os seios e a boceta, me olhando com uma raiva clara e crua.

— Se vira, seu tarado! Para de me olhar — Grudou as costas no azulejo. — Vou contar tudo ao Kellan!

Arqueei minha sobrancelha, um sorriso de lado aparecendo em meus lábios, enquanto me aproximava dela.

— Vai, é?

— Sim, e então ele vai fazer você vomitar as suas tripas.

A menção ao ato de vomitar me lembrou de como ela o fez em meus tênis, então toda minha diversão sumiu, mais uma vez dando lugar à impaciência.

Liguei o chuveiro e a água caiu sobre sua cabeça, molhando seus cabelos. Ryen gritou, cobrindo o rosto para protegê-lo do jato forte, e eu agarrei seu queixo, a prensando nos azulejos.

— Abra a boca.

Surpreendentemente, a Ryen bêbada estava sendo mais obediente do que a sóbria.

Deslizei a escova por seus dentes, a pasta rapidamente criando uma espuma. Ela me puxou para mais perto do seu corpo e não me importei

quando a água molhou minha roupa e meu cabelo, me encharcando por completo. Estava mais interessado em escovar os dentes dela.

— Língua para fora.

Mais uma vez, Ryen fez o que lhe foi mandado, os olhos amendoados e imensos me encarando com atenção.

Escovei sua língua perfeitamente bem, vez ou outra lhe causando um reflexo de vômito que ela rapidamente controlava. Ao final, lavei sua boca e ela cuspiu no chão, ainda me encarando — havia algo em seu olhar que não consegui identificar.

Ela agarrou o tecido molhado do meu moletom.

— Por que me trata tão mal?

— Você vomitou em meus tênis e divulgou que sou brocha. Esperava um buquê de flores? — fui sarcástico.

Ela negou com a cabeça, os olhos perdidos.

— Você me destratou a vida toda.

Sua fala me atingiu com força quando me dei conta do que ela estava falando. Do passado, onde eu me mantinha indiferente a ela por medo de sujá-la. Por medo de perder Raphael, já que ele sentia tanto ciúme dela. E também porque ela era nova demais e não me parecia certo ficar com uma menor de idade.

Por longos anos, eu quis e desejei ser o certo para ela.

— Você me encarava como se eu fosse o seu mundo, enquanto eu não passava de um resto de lixo — apertei a escova entre meus dedos, apoiando minhas mãos ao lado de sua cabeça.

— Isso não explica o porquê de você me tratar tão mal... — Ryen sussurrou, descansando a testa em meu peito. — Você me tratava como se eu fosse um incômodo que você só suportava pelo meu irmão. Eu sou tão chata assim, Kellan? Tão ruim?

Afastou o rosto, me encarando.

Duas lágrimas desceram por suas bochechas e, diferente de mais cedo, eu não quis rir. Na verdade, isso doía pra caralho. Vê-la chorar estava me despedaçando por dentro.

— Você é a melhor coisa que já aconteceu comigo, Ryen — confessei, colando minha testa a dela.

— Então por que você me destratava?

— Você era muito nova. Eu não poderia... — Fechei meus olhos, beijando uma de suas pálpebras.

Mais algumas lágrimas desceram por seu rosto e ela me afastou um pouco, a expressão aborrecida.

— Você não ligou para a idade de Jenna. Ela tinha acabado de fazer dezesseis anos. Quão hipócrita você é?

Agarrei seu rosto em minhas mãos, com raiva.

— Transei com Jenna quando ela tinha acabado de fazer dezoito anos. Antes disso, o que havia eram só rumores que nunca me importei em negar ou confirmar — rosnei. — E nunca se compare a Jenna. Nunca.

— Por que ela é melhor?

— Porque eu nunca trataria uma mulher como eu trato você. Eu nunca vou pensar nas outras como penso em você. Ou olhá-las como eu te olho. Jenna ou qualquer outra mulher que já passou pela minha mão foi apenas uma distração para te arrancar da minha pele.

Ryen ficou na ponta dos pés, beijando meu queixo. Seus olhos estavam confusos e era notório o quanto ela estava bêbada.

— Então você pode ser um pouco mais gentil comigo? — Subiu as mãos para minha nuca. — Eu não tenho mais ninguém, Kel. Me sinto sozinha. Tão, tão quebrada... — Me abraçou, enterrando o rosto em meu pescoço. — Se você me abraçar sem me machucar, será o primeiro a fazer isso. Não continue me quebrando ainda mais.

Senti algo dentro de mim se partir e foi impossível não passar meus braços ao redor de sua cintura e abraçá-la. Não gostava do quanto ela parecia frágil agora.

— Me machuca tanto o jeito que você me trata. Realmente só cuida de mim porque prometeu a Raphael? — Ela afastou a cabeça do meu pescoço para me olhar.

Eu não queria continuar me afastando dela, não queria continuar sendo o causador de suas lágrimas.

— Eu gosto tanto de você, Kellan... — Agarrou meu rosto, lágrimas rolando caindo de seus olhos, enquanto deslizava o nariz pelo meu queixo. — Você não pode gostar só um pouquinho de mim também?

— Você vai se lembrar dessa confissão amanhã? — questionei, beijando suas pálpebras e sentindo o gosto salgado de suas lágrimas.

— Eu espero que não. Assim eu não preciso saber que fiz o papel de idiota não correspondida novamente.

A água continuou caindo sobre nós e seus olhos me encararam com dor e solidão. Não podia mais fingir que meus sentimentos por ela são

menores do que a culpa no meu peito.

— Eu esperei que você me ligasse, Kellan. Esperei que fosse atrás de mim no México. Mas eu sabia que nunca aconteceria — Se afastou, deixando a cabeça descansar no azulejo.

Espera. México?

— Você não morava na Austrália? — perguntei, agarrando seu rosto e a fazendo olhar para mim.

— Eu estava morando no México, bobinho — Riu, a tristeza de segundos atrás evaporando. — Ui, parece que Victoria andou mentindo para alguém.

Porra, esse tempo todo eu estava procurando no lugar errado? E, caralho, como meu pai não sabia que eles estavam no México se tratava de assuntos da empresa com Victoria?

Velha desgraçada de merda. Sempre sendo um pé no saco.

— Eu te procurei, amor. Mas foi na porra do lugar errado — rosnei, afastando os fios molhados de sua testa.

— Então você gosta de mim também? — Ela voltou a ficar na ponta dos pés para beijar minha bochecha. — Eu sou sua, Kellan? Me diz que sou sua.

Se eu gostava dela? O que sinto por aquela garota me queima por dentro e inflama meus pulmões. Respirar se tornava impossível quando ela estava por perto ou em meus pensamentos.

Eu queimaria o mundo por Ryen Rodríguez se isso significasse que ela estaria segura. Eu mataria por ela. Morreria por ela.

— Não vou fazer uma declaração idiota quando você está bêbada e nem mesmo vai se lembrar do que eu disse — Grudei nossas testas. — Mas vamos conversar quando estiver sóbria o suficiente, para que eu te faça entender de uma vez por todas que você é minha em todos os sentidos — Sorri para ela.

— E você é meu, não de Jenna.

— Quem é Jenna?

— É uma putinha que você co-... — A interrompi quando beijei seus lábios, em um selinho demorado.

Ryen adentrou minha boca com sua língua macia e eu fui rápido em correspondê-la, a trazendo para mais perto do meu corpo.

Ela passou os braços ao redor do meu pescoço, pressionando os seios nus contra meu peito, e a agarrando pela bunda, a ergui até que suas

pernas estivessem em minha cintura e as costas contra o azulejo frio do banheiro. Ela balançou o quadril, tentando esfregar a boceta contra a virilha do meu jeans.

Essa era a minha deixa para recobrar minha consciência e afastar nossas bocas.

— Quando você estiver sóbria irá me pagar por me chamar de brocha em pleno *Twitter*. Aquela porra teve mais de cinco mil compartilhamentos em menos de trinta minutos — rosnei contra seus lábios.

Eu vou gravá-la gemendo e gozando por todo o meu pau e jogar em minhas redes sociais para todos verem que não sou eu que goza e dorme na mesma hora.

Porra, eu iria rasgá-la de dentro para fora.

— Isso quer dizer que vai ser mais bonzinho comigo? — Mordeu meu lábio, sacudindo o quadril no meu. — Eu quero você, Kellan... — Gemeu, manhosa.

Reprimi a vontade de pôr meu pau para fora e fodê-la contra a parede.

— Você está bêbada.

Ela parou de agitar os quadris e examinou meu rosto, sua mão descansando em minha bochecha. Ela a acariciou, lágrimas brilhando em seus olhos.

— Não me tocou porque eu era de menor e não vai me foder agora porque estou bêbada... — Sorriu, triste. — Você é tão diferente dele.

Franzi o cenho, atento a suas palavras e a quanto elas soaram estranhas ao saírem de sua boca.

— Ele quem, Ryen?

Ela afundou o rosto contra meu pescoço, seus membros se apertando com força ao meu redor.

— Diferente de você, ele não esperou que eu crescesse. Acho que isso era o que ele mais gostava... — sussurrou, cada vez mais distante, se aninhando no meu pescoço. — Ele fez... fez eu me sentir tão suja.

Mas que porra era essa?

— De quem você está falando, Ryen? Ryen?

Quando uma respiração lenta bateu contra meu pescoço, percebi que ela havia dormido. Ela caiu no sono agarrada a mim com uma força que seria impossível para alguém inconsciente.

Desliguei o chuveiro com uma mão e me virei para sair do banheiro, colocando a escova de dentes no recipiente em que estava antes. Fiz tudo isso a segurando com um braço só.

Saí do banheiro com uma toalha em minha mão e dei um jeito de sentar Ryen na cama e secar seu corpo o melhor que conseguia. Movi sua cabeça para encostá-la em minha barriga e secar seu cabelo, não queria que ela pegasse um resfriado. É claro que aquilo não iria ajudar muito, mas era melhor do que ela dormir com seus fios pingando.

A deitei na cama e fui em direção ao seu closet, procurando algo confortável para ela vestir. Minhas roupas molhadas estavam pingando no chão, mas não havia muito o que eu pudesse fazer para evitar isso.

Achei uma regata branca e um short curto rosa, e vesti ambos em Ryen, como se ela fosse uma boneca. Enquanto isso, ela resmungava coisas desconexas em seu sono.

Quando terminei, a arrumei na cama para que sua cabeça ficasse sobre os travesseiros e a cobri com o edredom pesado. Killer, que estava no fim da cama, se levantou e foi para o lado da dona, voltando a dormir com a cabeça sobre as patas.

A cena era bonita e quase me tranquilizava. Contudo, as palavras de Ryen estavam zumbindo em meus ouvidos, e eu queria matar o filho da puta que a tocou e a fez se sentir tão suja, como a própria disse.

Ryen foi abusada. Mas por quem?

Encarando-a por mais um instante, peguei meu celular na pia do banheiro, coloquei meus sapatos em uma sacola e saí do seu quarto. Desci as escadas, encontrando Brianna e Eric agarrados um ao outro, exatamente como estavam na última vez que os vi.

Tirei a chave reserva ensopada do meu bolso e tranquei a porta da sala para que ninguém entrasse no apartamento de Ryen.

Eu iria descobrir quem era a pessoa que fez mal a ela, e enquanto eu estiver arrancando suas bolas a seco e as enfiando em sua garganta, ela vai desejar nunca ter nascido.

Desbloqueei meu celular e cliquei direto no contato da única pessoa que poderia descobrir algo para mim.

— Yuki?

— *Opa. Em que posso ajudar, majestade?* — perguntou, a voz debochada.

— Quero que descubra algumas informações para mim — esclareci, indo em direção ao elevador.

— *Nome?*

Busquei na memória o nome de um filho puta que não era o culpado declarado, mas que com certeza era um dos suspeitos. Um nome que minha mãe comentou com meu pai bem na minha frente e eu nunca esqueci, pois fiquei planejando sua morte precoce insistentemente.

— Lorenzo. Lorenzo Diaz.



*“Mas ele era seu se ele me queria tanto?
Acalme ela. Ela está me dando nos nervos.
Você não a ama, pare de mentir com essas palavras”*
Melanie Martinez – Pacify Her

Ryen Rodríguez

Gemi quando senti minhas costas colidirem com algo duro; abri minhas pálpebras, meu olhar encontrando o teto do meu quarto. Atordoada e com a cabeça pulsando, olhei ao redor, me dando conta de que estava no chão.

Meu lençol estava emaranhado em minhas pernas, que por sua vez estavam sobre o colchão. *Mas que...*

Com dificuldade, me ergui do chão, procurando por Killer. O encontrei deitado na cama, me encarando com um claro olhar de julgamento. E eu não o culpava.

A última coisa da qual me lembrava era de sentar com Brianna e Eric no tapete da minha casa e começar a beber depois de uma longa tarde tirando fotos no estúdio. Nem mesmo me lembrava de como cheguei à cama, até pensei que ficaria largada no piso da sala junto com meus amigos. *Falando neles...*

Andei em direção à porta do meu quarto, passando pelo enorme espelho. Franzi o cenho e voltei alguns passos, encarando meu reflexo, vendo o short e a blusa de dormir que estava vestindo e como meu cabelo estava desgrenhado. Até que, para uma bêbada, eu lembrei bem onde minhas roupas estavam.

Voltei a caminhar em direção à porta e a abri, Killer passando com tudo por mim e descendo as escadas. Segurando a lateral da minha cabeça,

comecei a fazer o mesmo, devagar, degrau por degrau, porque parecia que eu iria rolar pela escada a qualquer momento.

Ergui minhas sobrelanceiras quando encontrei Brianna e Eric deitados no tapete da minha sala, garrafas de cerveja vazias ao redor deles. O último estava de barriga para baixo, a bochecha pressionada contra o chão, enquanto sua boca permanecia aberta e baba escorria dela. Já Brianna estava com a bochecha apoiada na bunda de Eric e parecia dormir serenamente.

Após descer as escadas, andei até eles e cutuquei a perna da prima de Kellan com meu pé.

— Ei, acordem.

Agora que mexi minha perna, senti pontadas na minha bunda. Ela estava dolorida, como se eu tivesse caído por cima dela ou algo assim.

— Brianna. Eric... — os chamei mais uma vez, pois não tive resposta na primeira tentativa.

Bufei e peguei uma almofada da poltrona próxima a mim, a jogando exatamente no rosto de Brianna, que acordou num sobressalto. Ela se sentou, olhando ao redor, totalmente desorientada.

— Hã... O quê?

— Você e Eric dormiram aqui depois do porre de ontem — resmunguei, andando até uma poltrona e me sentando.

Brianna esfregou os olhos, bocejando.

— Merda, não me lembro de nada... — murmurou, olhando para mim. — Eu disse algo comprometedor ontem à noite?

Puxei minhas pernas de encontro ao meu peito, segurando minha cabeça nas mãos.

— Acha que eu me lembro? Minha cabeça está a ponto de explodir.

Bree gemeu e imitou meu gesto, negando com a cabeça, enquanto uma expressão chorosa crescia em seu rosto.

— Minha cabeça também está doendo. Merda, nunca mais vou beber de novo!

Antes que eu dissesse para ela acordar Eric, Killer foi até ele e cheirou seu rosto antes de lambê-lo. Eric sorriu, abobalhado, em meio ao seu sono, erguendo a mão para segurar o focinho de Killer.

No entanto, seu sorriso sumiu quando meu cachorro lambeu sua boca. Ele virou o rosto de imediato, apoiando as mãos no chão para se levantar e se sentar ao lado de Brianna.

— Me diz que Killer não fez isso — pediu, limpando a boca desesperadamente com as mãos.

Dei risada.

— Até que enfim você acordou, pensei que ia continuar babando no meu tapete.

Eric coçou a parte de trás da cabeça, seus cabelos totalmente desgrenhados, como um ninho de passarinho. O lápis em seus olhos estava borrado e eu até acharia graça se não estivesse tão deplorável quanto ele.

— O que aconteceu? — perguntou.

— É o que queremos saber — Brianna resmungou. — Se lembra de algo sobre ontem?

Eric cruzou as mãos no alto da cabeça, se espreguiçando, enquanto arqueava as costas. Ele coçou os olhos, dando de ombros.

— Não me lembro de muita coisa, só de você chorando pelo Christian e a Ryen, pelo Kellan.

Fiquei espantada e troquei um olhar incrédulo com Brianna.

— O quê? Eu não fiz isso! — ela se defendeu, indignada.

— Muito menos eu — Abracei uma almofada, me recusando a acreditar.

Meu amigo bocejou, cobrindo a boca com uma das mãos.

— É o que eu me lembro, ok? — Nos encarou. — Algo sobre Christian ser o homem de Brianna e Kellan, a putinha de Ryen.

— Olha aqui, se eu não lembro, eu não disse.

— Nem eu! — Brianna reforçou, engatinhando até o meu sofá e pegando o próprio celular. — Que horas são...

Só então eu percebi que acordei e nem fazia ideia de que horas eram. Em todo caso, eu tinha a certeza de que estava atrasada para a universidade. E não que eu ache isso ruim ou algo do tipo, mas eu tinha ensaio para uma apresentação no fim do semestre.

— Podem acreditar, vocês duas disseram isso. Eu não estou ficando louco — Eric retomou o assunto, me fazendo olhar para ele. — Sem contar que bebi menos do que vocês, então me lembro de muitas mais coisas, por exemplo...

— Você pode até se lembrar de algumas coisas, não duvido disso. Mas dizer que Brianna e eu nos declaramos bêbadas? Isso com certeza você imaginou — desdenhei, atirando a almofada em sua direção.

Eric agarrou o objeto, me encarando, com uma carranca feia, mas quando eu abri a boca para continuar reclamando, ele mexeu nos aparelhos auditivos em suas orelhas. Ergui minhas sobrancelhas, incrédula.

— Você acabou de desligá-los para não me ouvir falar? — indaguei, rindo.

Ele apenas deu de ombros, como se dissesse “Fazer o que, não é?”.

— Merda, merda, merda!

Desviei meu olhar de Eric e o foquei em Brianna, a vendo se levantar aos poucos do chão, enquanto olhava horrorizada para o celular.

— O que foi? Vazaram nudes seus? — brinquei.

— Eu não estaria rindo se fosse você, Ryen — rebateu, parecendo apreensiva.

Meu sorriso morreu na mesma hora e eu congelei quando um filme do assassinato de Callum passou na minha cabeça. Aceitei que, dessa vez, meu rosto devia estar em todas as notícias e sites de fofoca.

— O que... — Engoli em seco. — O que aconteceu?

Brianna respirou fundo e Eric se levantou, com dificuldade, caminhando em direção a ela.

Quando ele se aproximou e leu algo na tela, seus olhos se arregalaram e ele cobriu a boca com as mãos. Seu olhar pousou em mim e ele apontou um dedo na minha direção, horrorizado. Eu não queria que eles tivessem descoberto assim. Gostaria que tivéssemos tido mais tempo.

Não queria ser julgada por eles, mas isso parecia inevitável.

— Que ele é impotente sexual e que com ele é gozou, dormiu! — Ouvi uma voz abafada sair do celular de Brianna.

Mas não era qualquer voz, era a minha voz.

Franzindo o cenho, me levantei da poltrona e passei por Killer, indo em direção à Brianna e Eric. Quando me aproximei deles, encarei a tela do celular e vi que se tratava de um vídeo meu que ela aparentemente postou no *Twitter*. A questão é que eu não me lembrava de ela ter feito isso.

Desci meus olhos pelos comentários, ficando espantada quando li alguns em específico.

O que essa garota está dizendo?
Kellan claramente não é assim.



Hahaha. Sabia que aquele
playboyzinho não era de nada. Bem
a cara dele mesmo



Kellan brocha, 2024.



Para de falar merda!



Como que brocha com uma
gostosa dessas?



Puxei o celular da mão de Brianna, tendo o meu momento de encará-lo como se fosse um bicho de sete cabeças. Isso não podia ser o que eu pensava e achava que era. Não, isso não estava acontecendo.

Dei play no vídeo.

— É isso mesmo que eu vou fazer, vou espalhar para todo mundo que Kellan Royal é brocha — Notei como minha voz parecia a de uma bêbada.

— E o que mais? Desabafe, fale suas frustrações! — A pessoa bateu palmas e, pela voz, percebi era Eric.

Ele aparentava estar tão bêbado quanto eu.

— Que ele é impotente sexual e que com ele é gozou, dormiu!

Rolei a tela e vi que o vídeo teve mais de trinta mil compartilhamentos, seis mil comentários, cem mil curtidas e quinhentas mil visualizações. *Não. Não. Não. Não.*

Porra, eu não fiz isso. Eu não fiz um vídeo contando que Kellan Royal, o mesmo Kellan Royal que devia estar querendo arrancar minha cabeça fora neste exato momento, era brocha. Estava até surpresa por ele ainda não ter invadido meu apartamento e me feito comer o pão que o diabo amassou. *Que se foda, ele era o próprio diabo.*

— Como que você posta esse vídeo no *Twitter*, Brianna? — me desesperei, lhe entregando seu celular.

— Em minha defesa, eu não me lembro de ter postado esse maldito vídeo! — ela se defendeu. — E não aja como se a culpa fosse totalmente minha, você também não deveria ter gravado um vídeo falando da impotência sexual dos outros!

— Mas não é por isso que você tem que postar! — Passei as mãos pelo meu rosto, frustrada. — Já ouviu falar em deixar só entre amigos?

Brianna riu, parecendo incrédula.

— Ah, então agora a culpa é minha? — Ela pôs a mão sobre o peito.
— Eu estava bêbada, porra. Não me lembro nem de como vim parar no chão. Além do mais, o Eric disse que eu declarei que Christian o meu homem, acha mesmo que eu estava bem da cabeça?

— Então apaga o vídeo!

— Meninas, se acalmem — Eric interveio, ficando entre nós duas
— Não vai adiantar de nada brigarmos entre nós agora!

Fiquei decepcionada comigo mesma e com medo de onde esse vídeo ia parar. Merda, eu nunca mais vou beber na minha vida inteira.

— Eu vou apagar o vídeo — Brianna tranquilizou.

Me joguei na poltrona.

— Não vai adiantar nada, até o Tio Joseph e a Tia Lily já devem ter visto esse vídeo.

— Talvez sim, mas ainda vou apagar o vídeo — Sorriu, sem graça, me mostrando o celular. — Pronto, apaguei.

Encarei a tela, voltando a olhar para seu rosto em seguida.

— Agora apaga os trinta mil compartilhamentos.

Brianna revirou os olhos e pôs as mãos na cintura.

— Se acalma, língua de chicote — desdenhou. — Talvez estejamos fazendo uma tempestade em copo d'água e a situação nem seja tão grave assim. O Kellan pode ter achado graça.

Sua expressão deixava claro que nem ela mesma acreditava nisso. Arqueei uma sobrancelha, indignada.

— Sem querer causar mais pânico, mas se tem uma coisa que envergonha o homem mais do que um chifre, é duvidar da potência sexual dele — Eric lembrou, coçando a nuca. — Vão por mim, eu sou homem. E Kellan, então. Exala testosterona!

Gemi, de frustração, e enterrei meu rosto na almofada. Eu não deveria estar com medo do que Kellan poderia fazer comigo, mas estava. Porra, estava com o coração na mão só de pensar.

No entanto, mais do que medo de Kellan, eu estava apavorada com as proporções que esse vídeo poderia tomar. Agora, mais pessoas sabem que eu voltei, e não era de admirar, já que eu me expus dessa maneira tão ridícula. Às vezes parecia que eu pedia para a vida me ferrar.

Eu temia que isso me prejudicasse em níveis absurdos, e nesse caso, Kellan era o menor dos meus problemas. Eu vacilei e não foi pouco.

— Me desculpa, Ry — Brianna pediu, a vergonha entranhada em sua voz.

Suspirei, afastando meu rosto da almofada.

— Você também estava bêbada. Além do mais, a merda já está feita. Agora é torcer para que não me prejudique muito.

Como se sentisse minha inquietação, Killer veio para o meu lado, tocando meu joelho com o focinho. Eu sorri e estiquei a mão para acariciá-lo.

— Talvez o Kellan fique puto, mas vai ser só isso — Bree tentou me tranquilizar, e mais uma vez, não senti firmeza na sua fala.

— Você acredita nisso? — Eric perguntou a ela.

— Não.

Revirei os olhos e neguei com a cabeça, cansada demais de toda a situação e me dando por vencida porque sabia que não tinha muito que eu pudesse fazer.

Foquei meu olhar em Killer e coloquei minhas mãos em minhas têmporas quando senti minha cabeça latejar. Meu cachorro choramingou e apoiou as patas da frente em minhas pernas, pedindo carinho.

Afaguei seu focinho com as duas mãos, beijando o vale entre seus olhos.

— Que horas são? — perguntei aos meus amigos.

Eric encarou relógio no pulso.

— Oito e quinze da manhã.

— Estamos atrasados para a universidade — murmurei, mas não fiz nenhuma menção de me mexer.

— Eu não quero ir hoje, estou me sentindo acabada — Brianna resmungou, bocejando logo em seguida.

— Também não quero ir, vou continuar dormindo — Eric reforçou.

Então, sem conseguir dizer nada, assisti quando eles subiram as escadas do meu apartamento, indo em direção ao meu quarto. Um dos dois assobiou e Killer correu na direção do som, me deixando sozinha na sala. Então, a porta do meu quarto foi trancada, me deixando do lado de fora.

Eles acabaram de me expulsar do meu próprio quarto?

Esfreguei meu rosto com as duas mãos, sabendo que tinha que me arrumar agora se não quisesse me atrasar ainda mais. O problema é que o vídeo que eu fiz falando de Kellan não saía da minha cabeça, e me perguntei se era uma boa ideia ir à universidade hoje.

Só tive minha resposta quando, pronta para ir à aula, recebi uma mensagem de Kellan.

Número desconhecido

Você pediu.

E pude sentir as promessas perversas em sua fala.



— Não, não, não — minha professora de dança resmungou, olhando de mim para minha dupla.

— O que houve agora? — Sam, meu parceiro de dança, perguntou, com um revirar de olhos.

Eu discretamente afastei suas mãos de minha cintura, ignorando o quanto seu toque parecia mais firme do que o necessário, e olhei para a mulher à minha frente.

— Não sei, a química de vocês, ela... não existe — Ela cruzou os braços, olhando de um lado para o outro enquanto nos encarava. — Ryen, você mal está olhando nos olhos de Sam, como espera se conectar com ele desse jeito? Sam, você nem mesmo consegue erguê-la direito e também mal olha para ela.

Encarei o ambiente ao redor, notando alguns alunos discretamente concordando com o sermão da professora.

Desci meu short de lycra quando o senti subir um pouco demais em minhas coxas e acima da polpa da minha bunda. Também abaixei um pouco meu top preto, incomodada pela mesma queimação que eu sentia em minha nuca desde que coloquei os pés nesta sala. Eu achava que estava sendo observada, mas isso era óbvio quando estava em uma sala repleta de alunos.

— E o que sugere que façamos? — perguntei, colocando as mãos na cintura.

— Saiam, para se conhecerem melhor, não sei. Apenas façam algo para melhorar essa química — A mulher tornou a suspirar. — Por agora, repitam a coreografia mais uma vez.

A música *To Build a Home* do *The Cinematic Orchestra* voltou a tocar pela milésima vez nesta manhã e a professora se afastou de nós, a sala mergulhando num silêncio profundo para voltar a assistir a Sam e eu.

Senti as mãos firmes, porém frias, agarrarem minha cintura, e dessa vez olhei para Sam, que já estava me encarando. Sua mão desceu por minha coxa e a ergueu até o alto da minha cabeça, enquanto meu corpo inclinava levemente para a esquerda.

Quando minha perna retornou ao chão, passei minhas mãos por seus ombros, descendo-as por seus braços. Sam sorriu para mim de maneira discreta, mas ainda assim, sugestiva. Notei que ele realmente era lindo, com cachinhos loiros curtos, olhos verdes e pequenas sardas no rosto.

Lhe dei um sorriso curto e quase agradei quando chegou a parte da coreografia em que eu era virada de costas para ele. Infelizmente, eu não estava sentindo a música.

Não dá para dizer o que poderia estar errado, se meu parceiro ou eu mesma, mas simplesmente não estava fluindo.

Sam me elevou sobre os ombros fortes, e não sei como ou o que aconteceu, mas eu acabei escorregando, sem aviso prévio, deslizando sobre seus ombros. Pensei que encontraria o chão, mas Sam conseguiu me segurar antes que isso acontecesse; senti meu coração pular na boca.

— Merda! — ele xingou, enrolando o braço ao redor da minha cintura para me firmar melhor.

Um gemido engasgado escapou dos meus lábios quando pensei que eu iria cair de cabeça, se ele não tivesse me amparado. A merda ia ser grande.

— Era disso que eu estava falando! — a professora esbravejou, vindo até nós para me analisar por inteiro. — Você está bem, Ryen? Se machucou?

Neguei com a cabeça, distraída, apoiando minhas mãos nos braços de Sam.

— Estou, foi só um susto.

Um susto que fez minha vida passar diante dos meus olhos.

Ok, talvez eu estivesse sendo dramática, mas o que de bom poderia acontecer se eu caísse de cabeça?

— Foi mal, Ryen — Sam murmurou, parecendo envergonhado. — Eu não me perdoaria se você tivesse caído.

Senti seu braço se apertar ao redor da minha cintura, fazendo nossas frentes pressionarem uma contra a outra. Empurrei seus braços de leve, para me afastar, obrigando-o a me soltar. O que ele pareceu fazer a contragosto — e nem disfarçou.

Reprimi a vontade de massagear minha têmpora ao perceber que a mesma dor de cabeça idiota não tinha ido embora. Na verdade, depois do susto, ela parecia ter aumentado.

— Já disse que está tudo bem, não foi pra tanto.

Sam acenou com a cabeça, um sorriso delicado se abrindo em seus lábios e revelando profundas covinhas. Esse cara até poderia ser esteticamente fofo e inofensivo, mas eu sabia muito bem o que havia por dentro de certos homens e o quanto eles podiam ser nojentos.

E Sam me passava essa impressão.

— Tome mais cuidado — a professora orientou e ele acenou positivamente com cabeça. Então, ela deu alguns passos para trás e se virou para falar com a turma. — Bom, a aula já pode encerrar aqui. Pratiquem com seus parceiros nas horas vagas.

Os alunos assentiram e eu marchei rumo a minha mochila, pronta para vestir meu moletom. Eu estava doida para chegar ao meu apartamento e tomar um banho quente.

Coloquei minha calça e peguei meus tênis, os calçando. Joguei minha camiseta sobre os ombros enquanto caminhava até a porta da sala, procurando a chave da minha Ferrari dentro da mochila. Contudo, antes que eu chegasse à saída, alguém me cutucou. Me virei para ver quem era, dando de cara com Sam.

— Não vai me dar seu número? — perguntou, sorrindo, com as mãos nos bolsos de sua calça moletom.

Ergui minha sobrancelha, dando um passo para trás.

— Para quê?

— Temos que manter contato para falarmos sobre os ensaios, não temos?

Analisei seu rosto, parando uns bons segundos nas sardas do seu nariz. De repente, mudei meu foco e voltei a procurar minha chave, finalmente a achando. Peguei meu celular.

— Melhor você me dizer o seu.

— Ah, claro... — Sam limpou a garganta antes de começar a dizer seu número.

Eu assenti e salvei seu contato, voltando a guardar meu telefone dentro da minha mochila. Durante todo esse processo, ainda pude sentir os olhos do cara à minha frente em cima mim, me deixando quase constrangida.

— Tudo certo. Até mais, Sam... — lancei um sorriso tímido, lhe dando as costas em seguida.

— Você não quer sair comigo qualquer dia desses?

Me virei em sua direção, quase arrancando sua cabeça por me fazer parar tantas vezes em um período de tempo tão curto.

— Já tenho compromisso.

— Mas eu nem disse o dia.

Respirei fundo, querendo apenas ir para casa e dormir um sono bem pesado, para ver se minha dor de cabeça passava — ao menos um pouco.

E meus amigos que me perdoem, mas eu estava orando para que Brianna e Eric tivessem ido para suas casas para que assim eu pudesse ter um pouco de paz e privacidade.

— Olha, Sam. Eu não estou interessada — fui direta, o encarando.

Sam sorriu de lado e se aproximou de mim devagar, prendendo minhas tranças entre seus dedos. Ele se inclinou na minha direção e eu dei um passo para trás.

— Eu não vou desistir, Ryen. Você é linda demais para não ter ninguém ao seu lado — Ele tocou meu queixo com os dedos, antes de me dar as costas e começar a andar para longe de mim e em direção à porta.

Revirei meus olhos quando pensei em mim mesma saindo para encontros enquanto minha vida estava um caos. Eu não me esqueci de que matei um homem. Não me esqueci de como era estranho não ter saído nada nos jornais e ninguém ter vindo atrás de mim.

Então, de que maneira eu poderia me dar ao luxo de agir como se nada tivesse acontecido quando Callum ainda assombrava meus sonhos e pensamentos?

Fui em direção à porta da sala e, finalmente, passei por ela.

Comecei a andar pelos corredores notei alguns olhares em mim e ouvi cochichos também. Pessoas apontavam descaradamente em minha direção, como se eu fosse uma atração de circo. E eu sabia que era por causa do vídeo.

Caminhei pela universidade de queixo erguido, fingindo que aquilo não era comigo. Porque se eu enganasse a minha mente, a vergonha seria

menor, e o que restava da minha dignidade continuaria intacto. Mesmo que eu parecesse não saber o que era isso nesses últimos dias.

— Oi, princesa — um cara falou ao passar por mim, acompanhado de um amigo. — Se o Kellan não está dando conta do recado, pode me ligar.

O amigo soprou um beijo na minha direção e eu os ignorei, mantendo meus olhos à frente. Caminhei para o meu armário, desejando apenas pegar um analgésico que deixei nele e vazar daquele lugar o mais rápido possível.

Eu odiava esse excesso de atenção. Odiava tudo que fizesse as pessoas olharem para mim e comentarem, como estavam fazendo agora.

Quando cheguei ao meu armário, o abri e peguei o comprimido que falei, suspirando de alívio ao perceber que o deixei em um lugar de fácil acesso. No momento em que o segurei, a porta foi fechada brutalmente, quase me acertando.

Ergui meus olhos para a loira filha da puta na minha frente, me perguntando que porra eu fiz, além do vídeo, para todo mundo querer me impedir de ir embora da universidade.

— Jenna, a que devo esta linda visita? — Dei um sorriso falso, apertando o comprimido em minha palma.

— Vou falar apenas desta vez, sua gorda do caralho — Jenna avisou, se aproximando lentamente de mim. A ameaça em seus olhos era clara. — Pare de ser uma puta e fique longe do Kellan. Esse é meu último aviso. Agora eu me matriculei aqui, e não existe mais lugar para você ao lado dele.

Arqueei uma sobrancelha, retirando a blusa dos meus ombros e jogando minha mochila sobre eles.

— Por quê?

— Por quê?! — repetiu, achando graça.

Eu detestava a forma como Jenna agia, como se ele fosse dela, como se eles tivessem algo íntimo e apenas dos dois. E eu repudiava mais ainda essa vontade que eu tinha de arrancar os cabelos dela sempre que a via com ele, mesmo sabendo brigar com homem é a forma mais clara de mostrar que se odeia.

Porra, eu quero matar os dois.

“Está com ciúmes?”

“Mas é claro que estou. Você é o meu Kellan, não de Jenna Watson! Ela que ache um para ela, ou eu juro que a mato. E mato você também!”

De onde veio essa memória?

— Antes de você voltar, era comigo que ele estava. Mas aí você chegou com esse seu jeito de vagabunda e essa sua bunda gorda de merda — ela destilou seu veneno, me olhando da cabeça aos pés, com nojo. — Não se vê no espelho?! Você é só uma novidadezinha.

Ignorei todos os comentários sobre meu corpo e ergui meu queixo.

— Então por que você se sente tão ameaçada, Jenna? — Toquei meus lábios com o indicador. — Você tem medo de que o seu troféu acabe te deixando de lado pela minha bunda gorda? Desculpa, mas eu acho que ele já está fazendo isso.

Jenna empurrou meu ombro, me fazendo colar as costas no armário.

— Continue se metendo entre nós e você vai ver do que eu sou capaz — ela rosnou, como uma cadela brigando por um pedaço de carne.

Mascarei meu ódio com sarcasmo e dei um tapa em sua mão, a afastando de mim.

— É o seu troféu quem corre atrás de mim como um cachorrinho sem dono — Dei de ombros, sorrindo. — Você deveria parar de ameaçar as mulheres e começar a fazer uma reflexão sobre si mesma. Será que é você que não é o bastante?

Ela apertou as mãos em punhos e parecia a ponto de explodir. No entanto, sua expressão relaxou e ela arqueou uma sobrancelha, um sorriso se abrindo em seus lábios pintados de vermelho.

Eu queria tanto, mas tanto, rasgar esse sorriso de orelha a orelha.

— Você ainda não notou, linda? — ela indagou, com um beicinho. — Kellan só fica te seguindo porque você era irmã do Raphael. Claro, ele pode sentir um pouco de tesão por você, afinal ele é um homem. Mas no fim, tudo o que ele sente é uma culpa enorme e um senso de responsabilidade por ter sido melhor amigo do seu irmão.

Cada palavra de Jenna foi como uma chicotada e doeu como o inferno, todas acertando o fundo do meu coração e criando um buraco profundo nele.

No fundo eu sabia que ela não tinha mentido em nada. Sabia que isso foi exatamente o que Kellan deu a entender quando disse que só cuidava de mim porque prometeu ao meu irmão.

Mas eu não ficaria triste por algo assim ou choraria, como a Ryen idiota de dezesseis anos. Agora eu rebatia na mesma moeda, e não me importava o quanto doesse desde que não fosse em mim.

— E ainda assim você está aqui, me atacando com todas as armas que têm porque está com medo de que tirem de você o que acha que é seu — Me afastei do armário, dando um passo na direção dela. — No fundo, você sabe que não vai passar de uma boceta que ele usa quando está frustrado e precisa relaxar. Você nunca vai ser apresentada a família dele e vocês nunca terão um título para se rotular. E sabe por quê?

Jenna apertou o queixo pequeno, pronta para avançar no meu pescoço a qualquer momento. E eu estava preparada para tudo o que ele pudesse fazer.

Isso era mais do que marcação de território, era por todas as vezes que ela destruiu minha autoconfiança e fez eu me odiar.

— Porque ele nunca vai te amar, você nunca vai passar de um nada para ele — Imitei o beicinho dela. — Eu ainda tenho uma história com Kellan, Jennazinha. Seja por causa do meu irmão ou não, pouco importa. Mas e você? Quantas memórias tem com ele que não incluem você sendo fodida como uma puta?

Uma veia pulsou na testa de Jenna e até as pontas de suas orelhas ficaram vermelhas de raiva. Ela recuou um passo, jogando o longo cabelo loiro para trás e apoiando as mãos na cintura fina e esbelta, empinando o nariz.

Não importa o quanto eu odiasse Jenna, ela sempre seria extremamente linda. Inclusive admito que, na adolescência, me peguei várias vezes imaginando como seria ser como ela. Com relação a aparência, quero dizer.

— Já deixei o aviso, Ryen. Não me subestime — Sorriu, antes de se virar e começar a andar para longe de mim.

Apertei minhas mãos em punhos, respirando fundo para controlar a raiva que estava sentindo no peito. O que ela ia fazer? Engravidar de Kellan e obrigá-lo a se casar com ela? Eu não duvidava de nada vindo de pessoas como a Jenna. Porra, Kellan e ela se mereciam.

De qualquer forma, a maior parte da minha raiva era direcionada a ele. Mesmo que Kellan não fosse meu, mesmo que eu soubesse que Jenna não estava tomando algo que me pertencia, eu ainda o odeio, ainda que sem

motivos. Porque é isso que os sentimentos fazem conosco, eles nos tornam irracionais.

Desfiz o punho e encarei o comprimido na palma da minha mão. Seria loucura se eu dissesse que preferia ficar com dor de cabeça a continuar sentindo esse ciúme revoltante dentro do meu peito?

“Eu sou seu, meu amor.”

A voz de Kellan soou em minha cabeça e eu enfiei o comprimido na boca, frustrada comigo mesma por estar me iludindo mais uma vez. Por ficar louca de ciúmes a ponto de imaginar e ouvir coisas.

Peguei a garrafinha no bolso da minha mochila e a levei aos lábios, engolindo a água junto com o analgésico. Quando me virei para caminhar na direção oposta à que Jenna foi, trombei contra um peito duro, que me fez colidir contra o meu armário novamente.

Franzi o cenho, erguendo meu olhar para ver quem invadiu meu espaço pessoal, quando encontrei o azul gélido dos olhos de Kellan. *Mas que porra.*

Antes, Sam. Depois, Jenna. E agora esse filho de puta?

— O que foi agora, Kellan? — rosnei, debochada. — O que eu acabei de engolir não era droga, era um remédio para dor de cabeça!

Vi algumas pessoas rirem enquanto passavam por nós e notei a posição em que estávamos. Ele me prendendo contra os armários, seu corpo a centímetros do meu e meu queixo erguido para ele; e seus olhos em mim.

— Por que o mau humor, amor? — Kellan tocou meu queixo com o indicador, enquanto apoiava uma das mãos ao lado da minha cabeça. — Estressada com a nova vida de famosa?

O encarei, confusa, antes de erguer minhas sobrancelhas ao me dar conta do que significava a sua pergunta. Ele estava falando do vídeo. *Da. Porra. Do. Vídeo.*

— Escute, Kellan. Não é o que parece...

— Qual parte? Aquela sobre o meu pau não subir ou aquela em que você diz que eu gozo e durmo? — Ele piscou, parecendo confuso. — Por favor, linda, refresque a minha memória. Foram tantas declarações naquele vídeo que eu não sei de qual trecho você está falando.

Engoli em seco, apertando a garrafa de água em minhas mãos como se ela pudesse me proteger dele e de sua ira.

— A-Aquilo não era eu...

Kellan riu, uma risada grave e rouca, enquanto sua cabeça caía levemente para trás.

— Ah, não?

Merda.

— Bom, era. Mas eu estava bêbada, então tecnicamente... — pigarreei outra vez, para controlar o nervosismo em minha voz. — Tecnicamente não era eu — Umedeci meus lábios ressecados.

Kellan acompanhou o movimento, os olhos não perdendo nada.

— Mas era você no vídeo — Agarrou meu pescoço, trazendo meu rosto para perto dele. Deslizou o nariz pela minha bochecha, inalando meu cheiro. — Era a sua voz, seu rosto, seus olhos e a porra do seu sorriso!

Mesmo que eu não estivesse mais suada, eu tinha dançado por horas e meu cheiro não deveria estar dos mais agradáveis agora. Ainda assim, Kellan desceu o nariz para o meu pescoço e roçou os lábios por minha pele.

Olhei para o corredor, agarrando seus ombros para afastá-lo.

— Kellan, as pessoas estão olhando.

Ele apertou meu pescoço com mais força e ergueu o rosto, os olhos se fixando nos meus.

— E daí? Tem vergonha de que te vejam com um brocha?

Quando não respondi — não poderia, nem se quisesse — Kellan apertou meu pescoço de uma maneira que fez com que eu ficasse na ponta dos pés para aliviar a pressão.

Ele acariciou meus lábios com a outra mão.

— Agora você fica calada, não é? Mas no vídeo estava toda falante — Cerrou os dentes. — Devemos gravar uma parte dois onde você diz que goza tanto quando eu te fodo que fica sonolenta e com as pernas bambas?

Minha respiração acelerou, e eu não sabia o porquê, mas me sentia incapaz de me mexer ou falar. Não fazia ideia se era porque ele parecia intimidante agora ou porque eu estava afetada com suas palavras.

— Não quer falar? Está tímida, agora? Own... — Ele sorriu, apesar da raiva. — Então que tal falarmos sobre o seu parceiro de dança? Aquele filhinho da puta com cachinhos dourados.

Franzi as sobrancelhas.

— O que tem o Sam?

— Sam? Você diz o nome dele com essa vozinha sexy? — ele debochou, mas pude ver quão bravo estava. — Pare de dançar com ele, Ryen. Não quero vê-lo te tocando de novo.

Então alguém realmente estava me observando na aula de dança, e esse alguém era Kellan.

— Duas fudas e você já pensa que temos algo? — Dei um sorriso prepotente. — Own, você não está fantasiando algo entre nós, está?

Por que era tão bom usar as palavras de uma pessoa contra ela mesma?

E sei que isso o deixou puto porque ele me pressionou no armário com mais força.

— É fofo te ver sendo tão rancorosa. Mas não jogue meus erros na minha cara — rosnou. *Erros?* — E não vou avisar de novo. Ou você dá um jeito no seu parceiro, ou eu dou.

Me enfureci e empurrei seu peito, mas ele nem saiu do lugar.

— Em vez de ficar se metendo nos meus assuntos, você deveria tomar conta dos seus — Apertei minhas mãos em punhos. — Diga a sua Jenna que eu não sou a porra de uma ameaça para ela.

Kellan ergueu uma sobrancelha.

— O que ela fez?

Ele afastou a mão do meu pescoço e eu me senti uma idiota por sentir falta disso.

— Nada demais, apenas veio propor uma disputa de quem mijar mais em você — zombei.

Kellan sorriu, encarando minha boca com o que parecia ser fome. Então, antes que eu dissesse algo, seus lábios se chocaram contra os meus e um suspiro de surpresa me escapou.

Os dedos de sua mão adentraram meu cabelo, bagunçando minha trança curta, enquanto ele invadia minha boca. Eu gemi quando nossas línguas se encontraram e Kellan colou seu corpo ao meu, a garrafa sendo pressionada entre nossos estômagos. Tinha fome e reivindicação na forma como ele me beijava.

Ele mordeu meu lábio com força, o lambendo em seguida. Quando se afastou, abri meus olhos, vendo que ele estava me encarando. Kellan levou a boca à minha orelha.

— Não se preocupe, amor — Ele acariciou meu queixo. — Todo mundo vai saber que sou o seu Kekel.

Afastei meu rosto, franzindo o cenho quando o olhei.

— Kekel? Que apelido horroroso é es-...

Me calei quando flashbacks invadiram minha mente. Estava escuro, e era Kellan quem estava atrás de mim.

“Kekel, é você?”

Merda, essas lembranças eram reais? Ou eu ainda estava muito, muito bêbada?

Se faça de sonsa, Ryen. Se faça de sonsa.

Kellan arqueou uma sobrancelha e um sadismo sombrio brilhou no fundo dos seus olhos. Ele sabia que eu havia me lembrado, tinha certeza disso. Se essas imagens eram reais, Kellan foi ao meu apartamento ontem à noite?

— Vá ao racha hoje — ele mandou, surpreendentemente não tocando no assunto do apelido.

— Para quê? — perguntei. *Afinal, não foi ele quem me proibiu de ir inúmeras vezes?*

— Apenas vá — reforçou, antes de me dar um selinho demorado que me tirou o fôlego. Ele largou meu queixo e levou a mão para trás das costas. — Esteja lá, ou eu juro que te arrasto.

— Oh, que romântico — comentei, irônica.

Ele sorriu, e me deu mais um selinho e se afastar. Mas antes disso, colocou algo sobre a minha cabeça que não pude perguntar o que era, já que ele me deu as costas e andou para longe, com as mãos nos bolsos de seu moletom cinza. Algumas pessoas cochicharam entre si, mas conhecendo Kellan como eu conhecia, sabia que ele não dava a mínima.

Tateei minha cabeça e enruguei a testa quando peguei o objeto e o encarei. *Uma tiara?*

Ela era lilás e repleta de *strass*. Brilhava muito e era notório quão cara era.

A tiara era particularmente parecida com uma das que eu usava aos catorze anos e eu comecei a repudiar o objeto por me lembrar da antiga eu. Aquela que Callum tocava e abusava. Contudo, diferente do nojo que esperei sentir, foi a nostalgia que inchou no meu peito.

Meu celular vibrou e o peguei.

Número desconhecido

Use-a hoje à noite.

Qual era a dele?

Encarei a tiara e comecei a ir em direção à saída da universidade, querendo morrer de vergonha com o último flashback que tive.

E mais importante do que tudo isso, eu precisava saber: o que aconteceu ontem?



*“Suas mãos no meu pescoço enquanto você me levanta.
Estou gemendo agora. Me dê um amor difícil”*
The Weeknd feat. Jennie & Lily-Rose Depp

Ryen Rodríguez

Me sentia no mais puro êxtase. Me afogando em um mar de prazer que nem mesmo sabia de onde vinha.

Minhas costas arquearam levemente para fora da cama e um gemido embaraçoso escapou dos meus lábios quando algo molhado e macio lambeu minhas dobras sensíveis.

Apertei meus olhos ainda mais, meu sono indo embora quando espasmos de prazer continuaram a tomar conta do meu corpo, me fazendo gemer e deslizar para fora da cama, enquanto me contorcia sem parar. Era tão gostoso e eu nem sabia o que estava acontecendo ou o que era aquilo.

Abri meus olhos, encarando o teto do meu quarto, ofegante, enquanto meu peito descia e subia em uma respiração violenta. Quando olhei para baixo, foi Kellan quem eu encontrei entre as minhas pernas, meus joelhos em seus ombros, me deixando totalmente aberta e exposta.

— Kellan... — gemi, agarrando o travesseiro abaixo da minha cabeça quando sua língua chicoteou meu clitóris.

Os olhos dele encontram os meus e ele finalmente parou sua tortura e afastou a boca de mim, mas não o suficiente para que eu parasse de sentir sua respiração contra minha parte mais sensível.

— Finalmente você acordou — Sorriu de lado, agarrando uma de minhas coxas para depositar um beijo na parte interna.

Não sorria assim quando está com o rosto entre as minhas pernas...

— O que está fazendo aqui?

Kellan mordiscou minha coxa e senti minha boceta latejar, me dando vontade de apertar minhas coxas uma contra a outra, mas isso seria impossível com ele entre elas.

— Preciso de um motivo para vir te ver?

Só nesse momento eu notei que ele tinha arrancado a calcinha de algodão do meu corpo e erguido minha camisa até a minha barriga, expondo minha pele.

— Você tem fetiche em invadir apartamentos ou algo assim? — provoquei, apertando o travesseiro entre meus dedos.

Vi quando Kellan pôs a língua fora e contornou lentamente meu clitóris com a pontinha dela. Ele sorriu contra mim, prepotente.

— Apenas o seu.

Ele me chupou enquanto eu dormia? Por que eu achei isso sexy pra caralho?

— Isso me conforta bastante — debochei. — É até romântico. Sério.

Kellan riu, e o som da sua risada fez a minha boceta tremer de uma forma inexplicável. Senti vontade de gemer. Ele lambeu da parte interna da minha coxa até as minhas dobras, fechando a boca em mim.

Soltei um gemido longo, minhas mãos se agarrando ao cabelo de Kellan, o puxando, sem pensar que poderia doer. Ele ergueu as duas mãos, subindo por meu estômago e tomando meus seios, apertando a carne entre seus dedos.

Minhas costas arquearam mais uma vez e minhas pernas tremeram como duas gelatinas.

— Porra, você é a minha refeição preferida — grunhiu, enfiando a língua dentro de mim.

Olhei para baixo apenas para encontrá-lo me devorando, com uma vontade e dedicação sem igual. Kellan apertava meus mamilos, beliscando-os e mesclando prazer com dor. Ele fazia assim porque sabia que eu era a merda de uma masoquista que precisa disso.

Gemi alto quando ele usou a língua para ir e voltar dentro de mim, o mesmo movimento que ele fazia com o pau. Realmente, não tinha como eu acreditar que fui a primeira mulher que ele chupou quando ele fazia isso tão bem e me deixava à beira de um orgasmo em poucos minutos.

Ele mordiscou meu clitóris no mesmo instante em que beliscou meus seios, e eu me vi choramingar. Kellan deixou uma das mãos livres e enfiou dois dedos dentro de mim, e o prazer se tornou excepcional.

Ele chupou e mordeu de leve meu clitóris, e eu senti o pé da minha barriga pegar fogo.

— Sua boceta está ficando mais apertada, você já vai gozar, amor? — perguntou, com os olhos em mim, fazendo um show ao estirar a língua para fora e lambe cada parte minha.

— Kellan...

— Porra, sim. Continue dizendo meu nome como se fosse uma oração.

Bastaram apenas mais alguns golpes da língua de Kellan e de seus dedos para que o orgasmo tomasse conta do meu corpo. Eu gritei, arqueando violentamente minhas costas, enquanto seu nome se esvaiu dos meus lábios, sem nenhum remorso ou vergonha.

O penhasco era íngreme demais e eu continuei caindo e caindo, enquanto as estrelas explodiam atrás das minhas pálpebras. As mãos de Kellan voltaram a apertar minhas coxas, marcando minha pele, enquanto sua língua continuava a me lambe.

Não importava que eu já tivesse parado de gozar, ele continuava me sugando. Tomando tudo de mim, me destruindo, sem piedade.

Antes que eu dissesse, ou melhor, que eu implorasse para ele parar, Kellan afastou a boca de mim e ergueu os olhos para os meus, lambendo os próprios lábios. Seu nariz e seu queixo estavam úmidos e eu sabia muito bem de quê.

Então ele largou minhas coxas e elas caíram sobre o colchão, completamente moles e fracas. Kellan subiu pelo meu corpo e agarrou meu queixo, tomando meus lábios em um beijo bruto. Ele mergulhou a língua na minha boca e tudo o que eu senti foi o meu gosto nele.

— Vê como você é deliciosa? — Sorriu, rente aos meus lábios, mergulhando uma das mãos entre nossos corpos.

Enrosquei meus dedos em seus cabelos, voltando a beijá-lo, com uma fome que não cabia em mim. Minhas mãos desceram para sua cintura e adentraram a camisa branca que ele estava usando. Senti algo acariciar minha entrada e procurei seu olhar.

— O que é is-... Ahhh...

Parei de falar e apenas gritei quando Kellan enfiou o pau dentro de mim com uma força avassaladora.

Minhas unhas desceram rasgando por suas costas, tentando descontar a surpresa que sua intrusão me causou. Ele me penetrou sem

piedade ou aviso prévio, e eu sempre me sentia tão cheia quando ele estava dentro de mim. Completa.

Prendi minhas pernas ao redor de sua cintura, puxando-o para ficar mais perto porque eu nunca sentia que ele estava perto o suficiente.

— Oh, meu Deus...

Ele grunhiu quando afundei ainda mais minhas unhas em suas costas e eu podia sentir o tecido de sua calça jeans maltratando minha bunda a cada investida dele.

— Porra... — gemeu, rouco, agarrando o topo do meu cabelo com uma mão, enquanto segurava meu pescoço com a outra. — Sabe o que é se sentir incompleto durante cinco anos? — perguntou, entre dentes, atingindo um ponto dentro de mim que me fez suspirar.

— Oh, Kellan... Kellan... — choraminguei contra seus lábios, lançando meus quadris para encontrar suas estocadas impiedosas.

— Sim, amor. Continue me chamando enquanto me afundo em sua doce boceta.

Em determinado momento ele saiu de dentro de mim, até que restasse apenas a ponta do pau, e depois voltou com tudo. Minha cabeça foi jogada para trás e, em um movimento instintivo, eu precisei soltar suas costas e agarrar os lençóis, gritando enquanto algo voltava a crescer na boca do meu estômago.

Kellan agarrou minhas mãos e as ergueu no topo de minha cabeça, uma de cada lado. Ele cruzou nossas mãos e as empurrou contra o colchão, ao mesmo tempo que empurrou em mim. Ele gemeu, buscando a minha boca para maltratar meus lábios com os dele.

Afundei minhas unhas nas costas de suas mãos, gritando quando ele afastou os lábios dos meus e mordeu meu pescoço, se enfiando dentro de mim até o último centímetro. Eu gozei instantaneamente, minha boca se abrindo em um “oh” mudo.

Pela segunda vez em menos de dez minutos eu gozei com força por todo o pau de Kellan, choramingando baixinho, enquanto ele continuava a maltratar minha boceta sensível.

— Você está sufocando meu pau, amor — Kellan murmurou, o nariz e a testa colados aos meus. — Mas isso não importa, porque eu me sinto bem pra caralho. Você também se sente?

Assenti, com desespero.

Então Kellan grunhiu e xingou algo que eu não compreendi, antes de jatos quentes me inundarem por dentro. Ele escondeu o rosto em meu pescoço, seu gemido arrepiando todos os pelos da minha nuca enquanto ele continuava gozando dentro de mim.

Eu não deveria deixar que ele me tocasse assim. Não deveria deixar que ele se aproximasse de mim assim. Ele me tratou como um fardo e eu deveria ter mais dignidade. Mas eu não conseguia pensar nisso quando ele estava por perto, ou dentro de mim, me tocando e me beijando.

Minha respiração se normalizou e a de Kellan, contra meu pescoço, seguiu o mesmo caminho. Ele depositou beijos em minha pele e aliviou o aperto em minhas mãos. Eu as soltei e agarrei suas costas, o abraçando.

Kellan apoiou os cotovelos ao lado da minha cabeça, segurando o próprio peso. Seus lábios tomaram os meus em um beijo lento, mas forte, para que eu tivesse certeza de que era dele.

— Posso sentir minha porra vazando de você.

O sorriso em seus lábios era orgulhoso, como se tivesse dito a coisa mais inocente do mundo.

— Alguém já te disse que você é muito romântico?

— Eu sou romântico — Sorriu, convencido, mordiscando meu lábio. — Vou até deixar que você escolha o lado da cama hoje.

— Vai dormir aqui? — perguntei, não conseguindo disfarçar a surpresa em minha voz.

— Que tom é esse? — Kellan arqueou uma sobrancelha. — Se não quer que eu durma aqui, é só dizer que vou embora.

— Sério?

— Não.

Revirei os olhos diante da minha inocência em pensar que Kellan faria o que alguém disse. Seja lá quem fosse esse alguém. Mas para falar a verdade, eu não queria que ele fosse embora. Quão confuso isso era?

— E eu pensando que estávamos tendo algum progresso — suspirei, raspando meu dedo na barba cerrada em seu queixo.

— Você se acostuma — sibilou, me dando um selinho demorado. — Vou beber água, você quer?

Como assim vou me acostumar? Ele vai fazer isso mais vezes?

— Não.

Kellan agarrou meu queixo.

— Já venho. Me espere exatamente assim — Ele deslizou os olhos pelo meu corpo, enquanto se retirava de dentro de mim.

Esse movimento me fez suspirar e tremer um pouco, mas fechei as pernas logo que Kellan se afastou delas e pulou da cama, após guardar o pau dentro das calças. Ele me observou uma última vez, o olhar pousando na região entre as minhas coxas, e eu me senti mais molhada, pronta para outra rodada.

Céus, eu era uma grande prostituta.

Kellan saiu do meu quarto e eu cobri meu rosto com as duas mãos, absorvendo tudo o que aconteceu. Algo líquido deslizou por minhas coxas e eu as apertei, me sentindo envergonhada. *Por que tudo era tão sujo e depravado?*

Ele acabou de sair para beber água, mas meu peito estava doendo de saudades. Como era possível? Eu me tornaria uma idiota pegajosa ainda que tivesse prometido a mim mesma que nunca mais seria assim? Valia a pena me entregar para Kellan novamente, não só meu corpo, mas também meu coração?

Meu peito já estava em pedaços, não por causa dele, mas por longos cinco anos de traumas. Nesse período, Kellan foi a menor das minhas decepções. A morte de Raphael, e minha mãe e Callum eram insuperáveis. Eu não sabia se aguentaria outra tragédia, outra decepção. Meu coração já estava partido, e eu não queria ter que juntar os cacos para reconstruí-lo ao final de tudo isso.

Suspirei, passando as mãos pelo meu cabelo.

— Não quis ser minha, mas aceita ser a puta de Kellan? Estou decepcionado, querida.

Meu corpo gelou de uma forma inexplicável, e devagar eu olhei na direção do meu banheiro, encontrando o diabo em pessoa parado lá. Ele estava me encarando com seus olhos verdes, repulsivos e cheios de maldade. *Não podia ser verdade.*

Me sentei na cama, de imediato, o encarando, com horror nos olhos.

— Você morreu... — sussurrei, agarrando meus cabelos.

Callum pegou um dos vasos em cima da minha cômoda e o jogou na parede próxima a mim. Eu gritei, abaixando a cabeça para proteger meu rosto.

Ele abriu os braços.

— Um fantasma faria isso, Ryen?

Neguei com a cabeça, me recusando a acreditar.

— Você não está aqui... — sussurrei, assustada.

Callum deu um passo na minha direção e eu pulei da cama, minhas pernas quase cedendo por estarem trêmulas de medo.

— Eu estou, e ouvi cada gemido que você soltou enquanto Kellan te fodia — ele adotou um tom carinhoso e nojento. — Você vai gemer do mesmo jeito quando eu me afundar em você, querida? Enquanto esculpo seu corpo, enquanto você chupa meu pau?

Forcei minhas pernas a se moverem e corri em direção à porta do quarto, sem pensar duas vezes. Não me importei se Callum era fruto da minha imaginação ou se realmente estava aqui. Eu só queria ficar longe dele e de seus toques e olhares repugnantes.

Assim que alcancei a porta, bati contra um peito duro e ergui os olhos, encontrando a única pessoa que poderia me ajudar.

— Kellan — murmurei, agarrando sua camisa. — Callum, ele...

— Está agindo como um homem provocado, eu o entendo.

Franzi o cenho.

— O quê? — questionei, perdida.

— O que você espera de um homem depois de ter se insinuado tanto para ele? — Kellan perguntou, me encarando de cima, com um sorriso estranho. *Maldoso*. Ele deslizou o indicador pela minha bochecha. — Você provocou Callum, por que está se fazendo de vítima agora?

Eu larguei sua camisa, dando um passo para trás, quando uma vontade avassaladora de vomitar me invadiu. O que ele estava dizendo?

— Não, você não... — Neguei com a cabeça, sentindo a primeira lágrima escorrer por minha bochecha. Minha voz era apenas um sussurro quebrado. — Todo mundo menos você, Kellan...

Tudo o que ganhei em resposta foi um sorriso repleto de zombaria e um dar de ombros indiferente. Como se ele dissesse que não podia fazer nada por mim. Como se dissesse que não se importava.

Com meu coração em pedaços, olhei para trás, vendo Callum se aproximar devagar, como uma cobra traiçoeira.

— Pode se divertir com ela, Callum — Ouvi Kellan dizer, me quebrando por completo. — Já a usei tanto que fiquei enjoado.

Meu peito doeu com suas palavras, mas não consegui parar de olhar para Callum.

— Eu esperei tanto por isso, minha obra de arte... — Seu sorriso era diabólico, e logo suas mãos estavam em mim, cobrindo minha boca para que ninguém ouvisse meus gritos.

Não que isso fizesse alguma diferença. No final, acho que ninguém se importava de fato.

Acordei num sobressalto, encarando o teto do meu quarto, enquanto meu peito subia e descia em agonia. Foi tudo um sonho. Não, um pesadelo. Callum não estava aqui e Kellan não ia deixá-lo me violentar.

Me sentei na cama, respirando fundo e sentindo meu corpo coberto de suor. Eu estava ofegante e quase não conseguia respirar. O que era para ser um sonho erótico, acabou sendo meu pior pesadelo, uma encenação do meu maior medo. Será que nem nos meus sonhos eu teria um pouco de paz?

Encarei Killer, ao meu lado, dessa vez ele está dormindo tranquilamente. Busquei meu celular, o encontrando ao lado do meu corpo, junto ao livro *Hamlet*, de Raphael. O peguei para ler hoje à tarde e devo ter agarrado no sono sem notar.

Liguei a tela do celular e ergui minhas sobrancelhas quando vi que eram apenas dez e vinte e seis da noite.

Após chegar da universidade, dormi a tarde toda. Por sorte, Brianna e Eric já não estavam aqui quando voltei, e como minha cabeça estava doendo, aproveitei para descansar. Mas ao que parecia, esse foi um descanso de mais de dez horas.

Uma mensagem chegou em meu telefone e eu limpei as lágrimas das minhas bochechas.

Bree

Às onze chegamos aí.

Suspirei e deixei meu celular de lado, passando as mãos pelo meu cabelo e sentindo o quanto ele estava desganhado. Desci da cama e fui em direção ao banheiro, a passos lentos. Me sentia tão cansada.

Passei pela porta e encarei meu reflexo, reparando como eu estava com um aspecto feio e totalmente destruído. De repente, me lembrei do sonho e de como pareceu real e apavorante. Principalmente a parte em que Kellan disse que eu provoquei Callum.

Caso ele descobrisse tudo, pensaria desse jeito? Que fui eu a responsável por provocar Callum e ele não estava fazendo nada além de agir como um homem? Que realmente estava me fazendo de vítima? Que eu deveria estar atrás das grades agora?

Senti meu pescoço pegajoso, a mesma sensação de quando o sangue daquele monstro foi derramado sobre mim. Esfreguei o local, engolindo em seco.

Suja. Eu me sentia suja.

Tirei minhas roupas, as deixei largadas no chão do banheiro e fui em direção à banheira. Quando terminei de enchê-la, mergulhei, e deixei meu corpo afundar por completo.

Eu não iria aguentar se Kellan dissesse que a culpa foi minha. Qualquer pessoa poderia dizer isso, mas ele não. Brianna e Eric poderiam dizer, e é claro que doeria muito. Mas não sei, nada seria como Kellan. Nada seria como escutar da boca dele que fui a culpada de tudo.

Por que é sempre a mulher a levar a culpa? Por que justificam o estupro como se nós tivéssemos provocado e eles só agissem de acordo com a natureza deles?

Deixei meu rosto e meu corpo emergirem da água e passei as mãos por meus cabelos, retirando o excesso de líquido deles. Esfreguei meu pescoço, tentando fazer com que ele parasse de ficar pegajoso, mesmo que eu soubesse que era só coisa da minha cabeça. Eu só queria ficar limpa.

Ensaboei meus braços, sentindo-os coçar, e sabia que era a abstinência dando as caras novamente. Contudo, eu não iria ceder, não permitiria que esta casca vazia que eu me tornei continuasse se afundando até não restar mais nada.

Quando senti que tinha limpado o suficiente, saí da banheira, vendo a água pingar no piso, e vesti meu roupão. Saí do banheiro após enrolar uma toalha em meu cabelo e fui em direção ao meu closet.

Escolhi um vestido preto simples, de alcinhas, e vasculhei meu closet em busca da jaqueta de Raphael. Meu peito apertou quando a avistei, então eu a abracei. Pensei em evitar usar a jaqueta, não queria chamar ainda mais atenção. Mas depois de tudo o que aconteceu, isso era besteira — e já era tarde demais.

Peguei uma lingerie e a vesti, em seguida fiz o mesmo com o vestido. Foi quando a porta do meu quarto foi aberta e eu olhei na direção dela, vendo Brianna e Eric invadirem o cômodo.

Franzi o cenho. *Como caralho eles entraram?*

— Eu só quero que o chão se abra e me engula neste exato momento — Brianna resmungou, se jogando de costas na minha cama, de braços abertos.

— Poderia ser pior, um nude, talvez — Eric sorriu, mirando os olhos em mim. — Oi, princesa. Uh, bonita! — elogiou, tirando uma foto minha com seu celular.

Ele tinha essa estranha, e ao mesmo tempo fofa, mania de fotografar tudo.

— Oi... — Sorri de volta e apontei para a porta. — Como... Como vocês entraram no meu apartamento? A porta não estava fechada?

Eric sorriu e enfiou as mãos na jaqueta jeans clara que estava usando, uma camisa branca de botões aberta por baixo, acompanhada por uma calça preta. Em seus olhos, o típico lápis de olho forte e chamativo, deixando seu olhar marcante.

— Você a deixou aberta.

— Não deixei.

— Bem, estava aberta quando entramos — Ele deu de ombros. — Tem certeza de que a fechou?

Porra, sim. Eu tinha certeza de que a fechei.

Será que Kellan veio aqui? Aquele idiota tinha acesso livre ao meu apartamento, mas do jeito que ele era, se tivesse vindo aqui teria me acordado, sendo inconveniente e dormindo comigo. *Mas... e se foi outra pessoa?*

O cara que estava me seguindo todo esse tempo, por exemplo. Ele teria coragem de entrar aqui? Merda, tomara que eu estivesse louca e realmente tivesse esquecido a porta aberta.

— Agora que estou me lembrando, devo ter esquecido aberta, sim — dei um sorriso forçado, livrando meu cabelo da toalha.

Eu não queria alarmar meus amigos.

— Porra, como eu faço para deixar de existir? — Brianna bufou, se levantando da cama.

Ela passou as mãos pelas tranças, sua expressão misturando frustração e raiva.

— Qual o porquê do drama? — perguntei, olhando para Eric.

Meu amigo abriu a boca para responder, mas foi interrompido por Brianna.

— Mandeí uma mensagem para Christian ontem. Em plena uma e meia da madrugada.

Um sorriso lento se desenrolou em meus lábios, mas me recompus rápido quando ela me fuzilou com os olhos escuros.

— O que você disse na mensagem? — questionei, mantendo meu sorriso para mim mesma.

Brianna revirou os olhos e eu fui buscar a escova de cabelo em cima da minha penteadeira. Quando voltei, minha amiga estava roendo as unhas.

— Fala logo, Brianna — Eric suspirou. — Agora já foi, não tem por que ficar se lamentando, princesa.

Ela o encarou, parecendo lutar para decidir se chorava ou concordava com ele. Por fim, ela gemeu e colocou as mãos nos bolsos traseiros de sua calça.

Brianna estava vestida com uma calça preta apertada e um top branco. Por cima de tudo, uma jaqueta preta de tecido grosso cobria seus ombros, e nos pés, um tênis.

— Então...? — Ergui uma sobrancelha, esperando.

— Falei alguma merda na mensagem sobre odiar desejar ele — confessou, parecendo querer chorar.

— E...? — Eric pressionou.

— E que eu esperava que ele fosse descoberto pela polícia e espancado.

Eric e eu rimos, e eu penteei meu cabelo, começando a desembaraçá-lo.

— O que ele respondeu? — perguntei, andando em direção ao enorme espelho do meu quarto.

— Que estava emocionado pela declaração tão original, e perguntou se eu estava bêbada.

— Só?

— Você ainda diz “só”? — indagou, enfatizando a última palavra. — Tem noção de quão humilhante isso foi? Eu me sinto... Eu me sinto... Argh!

Sorri ao ver como ela parecia histérica e andei até meu closet, pegando meu rímel e meu gloss de morango. Passei ambos em meu rosto e, na frente do espelho, calcei meus coturnos pretos. Vesti a jaqueta de Raphael e cinco minutos depois analisei meu reflexo no espelho.

Aquilo iria servir. Não era como se, depois do sonho de meia hora atrás, eu me sentisse animada para algo. Na verdade, eu me sentia um pouco apreensiva. Não sabia dizer ao certo, talvez estivesse um pouco ansiosa também.

— Falou sério quanto a ele ser espancado? — Eric olhou para Brianna, uma sobrancelha arqueada.

— Acha que me importo com ele? — Ela cruzou os braços, sorrindo, sarcástica. — Eu estava bêbada ontem, nada do que eu disse pode ser levado a sério.

— Às vezes os bêbados falam a verdade... — soltei, como quem não quer nada, olhando para ela pelo espelho.

Brianna me encarou.

— Sério, gata? Meteu essa pra cima de mim? Se eu fosse você, tomaria conta do meu próprio rabo. Você vai precisar de gelo depois que Kellan acabar com ele.

Minha diversão sumiu quando me lembrei de quão fodida eu estava. Será que era por isso que Kellan insistiu para que eu fosse ao racha? Por que ele queria se vingar de mim?

Merda, no que eu tinha me metido?

— Sai do meu apartamento — Apontei para a porta do meu quarto.

— Não — rebateu, com simplicidade, pondo as mãos na cintura.

— Você é tão tóxica quanto seu primo.

Brianna se aproximou de mim e soltou um beijo estralado em minha bochecha.

— E é por isso que você ama nós dois — Sorriu, convencida, me dando as costas, enquanto andava em direção à porta do meu quarto.

Apertei minhas mãos em punhos ao ouvir seu comentário sobre eu amar Kellan, e trinquei meus dentes. Por algum motivo, isso me irritou.

— Você está mais carinhosa, Bree? — provoquei, venenosa. — Isso é porque você finalmente está aceitando seus sentimentos por Christian?

Eric assobiou e soltou uma risada baixa; Brianna parou na porta e se virou em minha direção, devagar, com um olhar assassino no rosto. Arqueei minha sobrancelha, como se estivesse questionando o que ela diria agora.

— Eu não tenho sentimentos por aquele viciado de merda!

Eu forcei meu melhor olhar inocente e andei até ela. Nesse instante, Killer entrou novamente no quarto, bocejando. Beije a bochecha de Brianna, me afastando em seguida.

— Claro, gata — Sorri, passando por ela. — Cada um se ilude à sua maneira.

Enquanto descia as escadas, ouvi o grito de raiva de Brianna, e meu sorriso se ampliou.

— Volta aqui, vadia! — ela exigiu, e eu olhei para trás para vê-la correr atrás de mim.

— Foge, Ryen! — Eric riu, vindo logo atrás.

Foi a minha vez de gritar e correr, enquanto pulava os degraus. Uma risada escapou de mim e, por um breve momento, notei como a ânsia por drogas sumiu, e algo quente preencheu minimamente o buraco em meu peito.



*“Você tem o diabo em seus olhos.
Você veio e me pegou de surpresa.
Fale o que você quiser, eu não vou voltar atrás.
Se você quiser cair na estrada, então vamos.
Só venha, e vamos conhecer o mundo e mostrar para eles.
O que realmente é viver uma vida de ouro”*
Hippie Sabotage – Devil Eyes

Ryen Rodríguez

Chegamos ao local do racha e *Con Calma*, do Daddy Yankee, estourava estridente das caixas de som. Brianna parou sua Porsche ao lado das dezenas de outros carros e eu fiz o mesmo com minha Ferrari.

Eric desceu do carro e passou as mãos pelo cabelo escuro, o jogando para trás. Quando fiz o mesmo que ele e saltei da Ferrari, as pessoas olharam para mim. Alguns caras sorrindo e algumas mulheres cochichando entre si. Não precisei pensar muito para saber que essa atenção se devia à fama do maldito vídeo.

Andei em direção à Brianna e Eric, parando ao lado deles, perto de alguns carros que estavam fazendo *drift*.

— Cara, eu amo essa energia caótica — meu amigo suspirou, olhando em volta, com um sorriso largo. — Acho que tem algo de especial em correr, arriscando a própria vida, desse arriscando a ser preso a qualquer momento.

Sorri com seu comentário. Eu também não conseguia evitar me sentir viva e um pouco mais contente naquele lugar.

— Estou até achando estranho que Kellan não tenha feito alguém barrar a minha entrada — Brianna comentou, rastreando o ambiente ao redor, e eu imaginei que ela estivesse procurando pelo primo.

No entanto, ao seguir seu olhar, notei que ela estava observando quem ela dizia odiar e desprezar com todas as suas forças.

Christian Yun estava um pouco à frente, seu braço pendurado sobre os ombros de uma garota baixa e de cabelos cor de rosa. Ao analisar a Lamborghini dela — sobre a qual os dois estavam sentados, enquanto conversavam — e seus fios de cor única, percebi que aquela deveria ser a tal Yuki que Brianna odiava tanto.

Ela realmente lembrava uma Barbie.

Yuki se inclinou na direção de Christian para dizer algo em seu ouvido e ele riu alto, sendo acompanhado por ela.

— Calma, Bree — Eu me virei para minha amiga. — Mais um pouco e você vai soltar raios laser pelos olhos.

Ela me encarou, dando as costas para Christian e sua amiga Barbie. Então ergueu o queixo, adotando uma postura indiferente e impenetrável.

— Eu não sei do que você está falando.

— O que eu perdi? — Eric ergueu as sobrancelhas, alheio à situação.

— Apenas Brianna com ciúmes.

— Eu não me importo com quem o traficantezinho de merda conversa — ela rebateu, pondo as mãos na cintura, antes de abrir um sorriso falso nos lábios. — E acho bom você parar de me provocar, Ryen. Da última vez que discutimos, você viu que eu não sei pegar leve.

Estreitei meus olhos em sua direção, erguendo as mãos, em sinal de rendição.

— Uh, estou assustada!

Brianna me assassinou com os olhos e ergueu o dedo do meio para mim.

— Merda, de quem vocês estão falando? Odeio ser deixado de fora — Eric resmungou, cruzando os braços.

— Christian e Yuki. Consegue entender? — joguei para ele.

Ele ergueu as sobrancelhas rápido, parecendo entender de primeira. Então, seus olhos pousaram no motivo dos ciúmes de nossa amiga e ele os encarou.

— Relaxa, Bree. Pelo que eu sei, eles são só amigos — Sorriu, erguendo o celular em frente ao rosto dela. O flash foi disparado e ele abaixou a mão, encarando a foto tirada. — Uma boa expressão de raiva e ciúmes. Estava linda.

— Quantas vezes vou ter que dizer que não me importo com esta merda? — rosnou, soltando uma risada incrédula e dirigindo o olhar a mim. — Você está muito engraçadinha para quem deveria se preocupar se Kellan não está com o pau enfiado em Jenna neste exato momento. Aliás, os viu por aí?

Meu sorriso caiu e meus dentes rangeram. *Vadia desgraçada.*

— Puta — cuspi.

— Piranha — rebateu, sem dó.

— Hipócrita.

— Famosinha do *Twitter*.

— Mulher de traficante.

Ela soltou um gritinho repleto de raiva e veio em minha direção, agarrando meu pescoço com as mãos delicadas. Eu ri e as segurei, tentando sair do seu aperto a todo custo, enquanto Eric apenas ria e nos fotografava.

— Eu te odeio! — Brianna vociferou, histérica.

— Não, você me ama.

Largando meu pescoço, ela revirou os olhos, enquanto um sorriso curto se abria em seus lábios.

— Adoro a amizade bipolar de vocês. Sério — Eric fingiu enxugar uma lágrima falsa.

— Você é o único que me respeita, Eric — Bree o abraçou, beijando sua bochecha.

Ele a agarrou pela cintura.

— Não seja tão carinhosa assim comigo, princesa. Você pode acabar na minha cama no final da noite.

Eu ri da expressão no rosto de Brianna.

— Não diga essas palavras, cara — ela negou com a cabeça. — Eu posso acabar te dando.

Eric soltou uma risada baixa e beijou o topo da cabeça de Brianna. Algumas pessoas ao nosso lado gritaram no momento em que um cara, sentado na janela do carro, quase caiu quando o motorista fez um *drift* perfeito. No entanto, ele rapidamente se recuperou, e continuou segurando uma garrafa de cerveja na mão.

— E aí, *chica*.

Olhei para trás, encontrando um cara de cabelos platinados, repleto de tatuagens, me encarando como se eu fosse a oitava maravilha do mundo. Ele tinha a minha altura, era forte na medida certa e um sorriso charmoso

brincava em seus lábios rosados. Uma frase pequena e tatuada, brilhava na lateral direita de sua testa, e não sabia se achava atraente ou estranho.

— Aí, eu mereço — Brianna suspirou ao meu lado, sendo acompanhada por uma risada de Eric.

O cara asiático me encarou de cima a baixo antes de assobiar.

— Você é latina? É a mais linda daqui, deveria estar em um museu de artes!

Ergui minhas sobrancelhas, tentando entender de onde ele surgiu. *Mas que diabos?!*

— Ficou sem palavras com o *papito* aqui? — Sorriu, se aproximando de mim para acariciar meu queixo. — Porra, você é tão linda, mas não fala nada. É muda? Bom, não tem problema. Te olhar e tocar em você vai ser o suficiente.

Coloquei uma mão em seu peito e o empurrei para trás.

— Gosta de latinas? — perguntei. — *¿Por qué no pegaste tu polla en tu propio trasero y fuera de aquí?*

Ele ergueu as sobrancelhas loiras, parecendo perdido por alguns segundos, antes de um sorriso amplo se abrir em seus lábios.

— Ir ali para o cantinho? Claro, linda! — respondeu animado, se aproximando de mim.

Antes que eu pudesse mandá-lo se foder, fui puxada para trás e um peito forte grudou às minhas costas, enquanto um braço enrolava ao redor da minha cintura. Não precisei nem me perguntar quem era.

Meu corpo reagiu de forma instantânea a ele.

— Fique longe dela, seu filho da puta — Kellan ordenou, entre dentes, seu aperto tão possessivo quanto sua voz.

O cara fez uma cara de espanto e não pareceu nem um pouco assustado ou surpreso com a chegada Kellan. Na verdade, ele agiu muito diferente, quando enfiou as mãos nos bolsos de sua calça jeans larga e inclinou queixo na direção do homem em minhas costas.

— Essa é a famosa, Ryen? — Ele sorriu, malicioso. — Dado o modo como você parece um cachorro raivoso agora, tenho certeza que sim.

Kellan me colocou atrás de seu corpo, tampando minha visão do asiático engraçadinho.

— Tire ela do seu sistema, Akira. Ou eu juro que terá problemas, porra.

Akira? Então esse era o nome do cara que não temia a morte?

Tentei sair de trás do corpo de Kellan, mas ele me barrou com o braço musculoso.

— Você a deixou sozinha por aí, cara — Akira deu de ombros, dando um suspiro dramático. — Que culpa eu tenho de que ela parecia tão carente e indefesa?

Kellan apertou os dedos no osso do meu quadril e finquei minhas unhas em seu braço, devolvendo o toque. Até que ele riu, de uma forma debochada e assustadora que arrepiou minha pele.

— Carente, você diz? — perguntou, se virando para mim. — Vou cuidar disso.

Em um segundo, seus lábios estavam sobre os meus, e eu agarrei seus braços para me equilibrar quando seu corpo veio de encontro a mim. Com uma mão presa em meu cabelo, Kellan usou minha boca como queria, devorando-a. Separei meus lábios, com a intenção de morder os dele.

Contudo, Kellan pareceu ter outros planos quando enfiou a língua em minha boca, e eu quase gemi com a carícia macia. Agarrei sua jaqueta quando uma de suas mãos desceu para a minha bunda, e a outra apertou minha garganta. Tudo era totalmente possessivo.

Não sabia se um beijo poderia significar algo, mas esse, com toda certeza, significava. Kellan estava declarando que eu era dele, que pertencia a ele, de todas as maneiras. E ele estava fazendo isso na frente de todos porque queria que eles soubessem. Eu podia sentir isso em minha garganta e bunda. Ah, e na protuberância pressionada a minha barriga.

Kellan parou o beijo aos poucos e deixou uma mordida forte em meu lábio inferior, o puxando para si. Então, ele olhou para Akira e, ofegante, segui seu olhar, encontrando meus amigos sorrindo como um bando de pervertidos.

— Precisa de mais alguma prova antes que eu arranque o seu pau e o enfie em cada um dos seus buracos? — Ele sorriu de lado, mas a raiva estava estampada em suas feições.

Akira ergueu as mãos em sinal de rendição no mesmo instante em que Christian se aproximou, seu braço ainda ao redor da Barbie.

Eles pararam ao lado de Akira.

— Você não tem amor à vida, não é, filho da puta? — Christian negou com a cabeça, sorrindo.

Yuki tirou da boca o pirulito que estava chupando e acertou um tapa na cabeça do asiático de cabelo platinado, ganhando um olhar feio dele.

— Não me olhe assim, idiota — ela disse, a voz suave. — É isso que você ganha por ser um pervertido que corre atrás de todo rabo de saia que encontra. Isso é nojento, cara.

Olhei para Brianna, vendo como a expressão divertida sumiu do seu rosto e agora ela encarava de forma mortífera o braço de Christian ao redor da garota.

— O que foi, caralho? — Akira perguntou, um pouco alto demais. Depois, riu com escárnio. — Está com ciúmes porque não corro atrás do seu rabo?

Kellan colocou os braços ao redor da minha cintura, me mantendo presa a ele. Eu ergui meu rosto em sua direção e, de cima, ele me encarou com uma sobrelanceira escura arqueada.

Me deixe ir, eu mandei. *Não*, ele respondeu.

— Pode ir sonhando, *papito* — Yuki zombou.

Christian sorriu e sua amiga se afastou dele para vir em minha direção. Quando parou à minha frente, ela curvou o corpo e colocou as mãos no joelho. Seu sorriso era travesso e curioso.

— Oi, sou Yuki — ela se apresentou. E só agora noto como sua voz é fofa e infantil.

Ignorei o pau de Kellan dando “oi” à minha bunda e sorri minimamente para a garota de cabelo rosa.

— Eu sou...

— Ryen Rodríguez, eu sei — disse por mim. — Vinte anos, quer ser bailarina, faz dança clássica há doze anos, signo de peixes, nasceu em 2004, tem um cachorro chamado Killer e ama café com leite.

Meu queixo caiu e eu a encarei, incrédula com as informações que ela tinha acabado de jogar na minha cara. Ouvi algo sobre ela ser uma hacker, mas não pensei que ela soubesse tanto de mim.

— Você a está assustando, Yuki — Christian disse, tirando uma carteira de cigarro do bolso de sua jaqueta jeans.

Ignorei a maneira como aquela imagem fez meus braços pinicarem e meu nariz coçar, mesmo sabendo que não era maconha. Christian sorriu para mim e guardou a carteira de cigarro mais uma vez, sem nem mesmo ter pego algum.

Apertei os braços de Kellan ao redor da minha cintura e, muito a contragosto, reprimi a vontade de lhe pedir um desses.

— Cala a boca, só estou tentando fazer amizade — Yuki sorriu, agora indo em direção aos meus amigos.

Meu coração errou uma batida quando Kellan apoiou o queixo em meu ombro, antes de plantar um beijo suave logo abaixo da minha orelha.

— Respire fundo, amor — ele sussurrou em minha orelha. — Não me importo que derrame meu sangue desde que consiga se controlar.

Olhei para baixo e só então notei que estava cravando as unhas em seus antebraços e respirando com dificuldade. Engoli em seco, com o peito pesado, afastando minhas mãos dele.

— Desculpe.

Kellan mordiscou meu lóbulo, e mesmo que ele não estivesse se esfregando em mim, era impossível ignorar como seu pau estava confortável em minha bunda.

— Não me importo — disse, cheirando meu cabelo. — Você realmente não é boa em obedecer, não é mesmo? Eu falei com todas as letras que usasse a tiara hoje.

Pisquei, só então me lembrando como, de fato, ele tinha mandado. Eu realmente me esqueci disso, mas mesmo que me lembrasse, não usaria só porque ele deu uma ordem.

— Não vou usar aquela coisa ridícula só porque você mandou.

— Agora é ridículo? Você as usou até os quinze anos.

Revirei os olhos em meio a uma risada.

— E nunca fui tão grata por ter parado — zombei.

Um beijo foi deixado em meu pescoço e um arrepio percorreu meu corpo quando Kellan colou os lábios quentes na concha da minha orelha.

— É uma pena. Você é toda linda, mas sinto falta das tiaras cor-de-rosa — sussurrou, mordiscando meu lóbulo. — Mas não tem problema, não é, amor? Você terá tempo para voltar a amá-las. Tem uma coleção inteira delas te esperando.

Enruguei a testa sem que ele visse. *Do que ele estava falando? Onde tinha essa coleção? Bem, foda-se. Elas eram ridículas, de qualquer maneira.*

Tentei afastar as mãos de Kellan da minha cintura.

— Me solta — ordenei, ríspida. — Detesto quando você se sente no direito de me tocar.

Ele deslizou o nariz por minha pele.

— Hum, você cheira a mentira — sibilou, provocante. — Vou garantir que você não vá para o Inferno por esse pecado, então terei que negar esse pedido gentil.

Sem muitas forças para lutar contra Kellan e seus joguinhos, suspirei e parei de fazer pressão em seus braços.

— Você está quieta, é a abstinência? — não se dando por vencido, perguntou.

Virei minha cabeça para conseguir olhar para ele.

— Como... Como sabe?

Kellan sorriu e seus olhos quase se fecharam com o gesto.

— Conheço seu corpo muito bem, amor — Ele deslizou o nariz contra o meu antes de beijar meu queixo. — Talvez até melhor do que você mesma.

Eu não sabia o que tinha dado em mim ou o que eu estava pensando, mas me virei totalmente na direção de Kellan e agarrei sua jaqueta, ficando na ponta dos pés para beijar seus lábios.

Kellan não ficou surpreso ou recuou, ele deslizou uma das mãos pelo meu rosto e agarrou os cabelos de minha nuca, me beijando com uma força e uma fome sem tamanho. Ele andou um pouco para trás, me levando junto, e então minha bunda foi pressionada contra algo. Eu tinha certeza de que era o capô do meu carro.

Ele ficou entre as minhas pernas, suas mãos agarrando minha cintura, enquanto me puxavam em direção ao seu corpo. Ele chupou minha língua e eu gemi baixinho quando uma de suas mãos fez uma carícia na parte interna da minha coxa por debaixo do vestido.

— Por que eu acho que você está tentando me usar de novo? — ele questionou, rente aos meus lábios, agarrando meu rosto com as duas mãos.

Eu ainda podia ouvir meus amigos e o resto do pessoal conversando, mas parecia tão distante.

— E se for? — provoquei apoiando minhas mãos no capô da minha Ferrari.

— E se eu disser que não vou aceitar ser a sua putinha dessa vez?

— Prefere que eu chame o... — Mordi meu lábio inferior, levando a boca à sua orelha. — *Papito*?

As mãos de Kellan agarraram minha cintura com possessividade e seus olhos escureceram.

— Toque nele e você vai a um funeral amanhã — Sorriu, por cima da raiva.

— Por que você sempre ameaça matar as outras pessoas? Por que nunca eu? — perguntei, brincando com a barra de sua camisa branca.

— Porque eu não aceito que ninguém toque em você — rosnou, antes de me dar um selinho demorado. — Você é minha, amor. E não tem nada que você possa fazer para mudar isso.

— Eu chamo isso de ser um corno manso.

— E eu chamo isso de cuidar do que é meu — ele disse, e me deu outro selinho. Então outro, e mais outro.

Espalmei minhas mãos em seu peito, tentando afastá-lo da maneira que pude. Estreitei meus olhos em sua direção, desconfiada.

— Qual é o seu jogo, Kellan?

— Não tenho jogo algum.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você me chamou de ingênua não muito tempo atrás, e agora está agindo desse... desse jeito — resmunguei, com uma carranca. — Se você pensa que sou idiota como antes e vou aguentar seu joguinho de demonstrar e se afastar, pode ir se foder.

Tentei descer do capô, mas Kellan tinha outro pensamento e me manteve pressionada a ele.

— Esqueça aquilo, ok? — Afastou uma mecha do meu cabelo. — Não vai mais acontecer.

— É isso que tem a dizer? Acha que é fácil assim? — Sorri, sarcástica. — Você fere meus sentimentos e dias depois você magicamente me quer?

Kellan desceu beijos por todo o meu pescoço, sua língua fazendo meu núcleo pulsar. Merda, eu estava brava com ele, ele não podia fazer isso. Onde estava minha capacidade de raciocínio?

— Não vou mais fazer aquilo, amor... — ele sussurrou, contra a minha pele. — Fui um idiota e não estava pensando com clareza, não vai mais acontecer. Não consigo mais ficar longe de você. Me perdoe, hum? Prometo rastejar a seus pés pro resto da vida.

Não queria ser chata, mas... quebrei a cara uma vez, quem podia garantir que isso não iria acontecer de novo?

— Quem garante, Kellan? — Ergui o queixo, mas minha voz saiu mais baixa do que pretendi inicialmente.

— Você tem a minha promessa — ele garantiu, beijando o canto dos meus lábios. — Bom, você é minha de qualquer jeito, mas vou ser bonzinho e te dar a ilusão de que tem poder de escolha.

Revirei meus olhos e bati em seu peito. Como ele podia ser tão idiota.

Kellan pegou meu rosto entre as enormes mãos e me beijou de novo. Dessa vez, não era bruto nem nada do tipo. Foi calmo, e fez meu coração apertar e errar uma batida. Me senti protegida e ao mesmo tempo idolatrada pela maneira lenta com a qual ele estava me beijando.

Me afastei.

— Está fazendo isso porque prometeu ao meu irmão que cuidaria de mim? — precisava incessante aplacar essa dúvida.

Uma risada desdenhosa escapou de seus lábios.

— Se seu irmão soubesse o que estou fazendo com você, ele arrancaria as minhas bolas, amor.

Eu sorri, sabendo que era verdade.

— Não me machuque, Kellan — eu disse, franzindo minhas sobrancelhas. — Ou eu juro que te mato.

— Uh, déjà-vu? — ele brincou, sorrindo.

Antes que eu pudesse bater em seu peito, ouvi uma comoção e olhei na direção dos meus amigos, franzindo o cenho ao ver McKay entre Brianna e Christian.

Indiquei a cena para Kellan com o queixo e ele seguiu meu comando. O senti ficar tenso e então ele me desceu do capô da Ferrari, agarrando minha mão, enquanto começava a me puxar para onde tudo estava acontecendo.

— Eu resolveria esse pequeno mal-entendido com uma corrida, linda — McKay sugeriu, com um dos braços sobre os ombros de Brianna.

Kellan deu um passo na direção deles, mas Brianna foi mais rápida em afastar o irmão de Jenna.

— Não me toque, idiota.

McKay ergueu as mãos, e só agora notei que uma delas estava enfaixada. Merda, Kellan realmente fez um estrago grande.

— Eu não quero correr contra a princesinha — Christian disse, a voz carregada com desdém.

— Está com medo? — Brianna empinou o nariz e a multidão fez um “Uhhh”, reagindo ao que ela disse.

Soltei minha mão da de Kellan e fui em direção à Eric, que observava tudo ao lado de Brianna. Toquei em seu braço, o que o fez olhar para mim.

— O que aconteceu?

Senti uma enorme presença em minhas costas e sabia que era Kellan.

— Yuki fez uma brincadeira sobre Brianna ser antipática, o que ela obviamente não gostou, e ela rebateu chamando Yuki de Barbie cafona. Christian não gostou e interveio a favor da amiga — Eric começou, fazendo um gesto de dispensa com a mão. — Aí ele disse que o mundo não gira em torno dela e McKay, como a cobra do Éden que é, escutou, e está usando isso para gerar entretenimento para o racha chato e flopado dele.

— Merda — Ouvi Kellan xingar.

McKay era realmente uma cobra peçonhenta.

Movi minha atenção para ele, que já me encarava com algo nos olhos castanhos. *Ódio*. Afinal eu era a culpada por sua mão enfaixada. De alguma maneira, seu olhar estava repleto de promessas, o que me deixou em alerta. Era estranho ele não ter se vingado ainda.

— Não quero te ver chorando nos meus pés quando eu acabar com você, princesinha Royal — Christian atirou, sorrindo, zombeteiro.

— Own, você sempre sonha tão acima do que está ao seu alcance — Bree fez beicinho. — Vamos animar as coisas, ok? Se você vencer, pode ficar com o meu carro.

— E se você ganhar, o que quer?

Ela deu de ombros.

— Você não tem muito a me oferecer, não é?

Como se fosse mágica, Christian adotou uma expressão gélida.

— Se eu ganhar, não quero a merda do seu carro — rosnou, sorrindo de lado. — Saber que fiz seu mundinho fútil cair sobre a sua cabeça já vai ser o suficiente.

De repente, foi McKay quem se aproximou, com um largo sorriso que me deu nojo.

— Sabe, eu pediria todas as economias dele — falou, ganhando um olhar de Brianna. Ele revirou os olhos. — Não? Que chato. Vão para os seus carros!

— Não vou negar, estou ansioso para ver onde isso tudo vai dar — Eric disse, e precisava admitir que me sentia como ele.

Kellan deu um passo em direção à prima, mas agarrei seu braço.

— Deixe Brianna, ela não é mais uma criança para você viver tomando conta dela.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Mal começamos nosso relacionamento e já está me dando ordens, amor?

Antes que eu respondesse, ele capturou meus lábios em um beijo, inclinando meu corpo para trás. Eu me sentia...feliz.

— Eric, deixe o casal nojento aí e venha comigo, se quiser — Brianna resmungou, mas eu estava ocupada demais aproveitando a língua em minha boca para mandá-la se foder.

Foi preciso que eu agarrasse o rosto de Kellan em minhas mãos e separasse seus lábios dos meus para poder respirar. Tudo isso para encontrá-lo me olhando, irritado. O ignorei, querendo rir, e olhei na direção de Brianna.

Assisti ela entrar em sua Porsche com Eric, e Kellan jogou as chaves de sua Ferrari para Christian, que as pegou no ar com uma facilidade impressionante.

Assim como todos a nossa volta, nós abrimos espaço para deixar linha de chegada livre, e Kellan manteve o braço firme ao meu redor, me puxando para perto de si. Por que tudo isso parecia estupidamente confortável?

O motor dos carros se fez presente e o pé da minha barriga se contorceu só de ouvir isso. Eu sorri, a ansiedade enchendo meus pulmões, e poderia dizer que essa era uma das melhores sensações. Sempre seria. Não importava quanto tempo passasse, correr... corridas são uma parte de mim.

Akira ficou no meio dos carros e agora ele estava sem camisa, o que me permitiu ver o quanto seu corpo era repleto tatuagens. Ergui minhas sobrancelhas quando ele retirou uma arma do bolso de sua calça e a música parou quando ele a ergueu no alto de sua cabeça. Diferente de outras armas usadas nos rachas, essa não parecia ser de mentira.

— Akira mexe com muita coisa errada, não é? — joguei, para que Kellan escutasse. Mas na real, nem foi uma pergunta, era um fato.

— Bem-vinda de volta a Miami, amor — Ele mordeu meu lóbulo e eu ri, curvando meus ombros.

O tiro ecoou no ar e os dois carros deram a largada, saindo ao mesmo tempo. O telão foi ligado, nos dando uma visão ampla da corrida, e

era emocionante a velocidade em que ambos estavam. A multidão começou a gritar e a música foi ligada novamente, dessa vez mais baixa.

Bati palmas e coloquei as mãos ao redor da minha boca para gritar o nome de Brianna quando ela tomou a frente. Christian tentou ultrapassá-la, mas ela não deixou e o bloqueou em uma curva.

— Eu não sabia que ela corria assim — murmurei, admirada.

— Eu a ensinei — Kellan disse, apoiando o queixo no topo da minha cabeça. — E não sei se ela pode ganhar de Yun, mas com certeza vai dar muito trabalho a ele.

— Não acha que ela possa ganhar?

— Brianna é muito boa, mas Christian, mesmo que ele não costume correr, é um dos melhores que eu já vi — explicou. — Não sei qual dos dois pode ganhar, é tudo imprevisível.

Será que Christian era tão bom assim?

Estava pronta para perguntar para quem ele estava torcendo, quando o cheiro familiar de maconha invadiu meu olfato e meu coração foi parar no estômago. Com o olhar, procurei quem estava fumando, e encontrei um cara de cabelos loiros e curtos com um cigarro na boca.

Ele passou o baseado para uma garota que já tinha os olhos completamente vermelhos.

Engoli em seco e desviei o olhar, tentando focar nos meus amigos correndo. Contudo, parecia que quanto mais eu ignorava, mais forte o cheiro ficava.

Num piscar de olhos, Christian ultrapassou Brianna com uma facilidade impressionante.

— Eu disse — Kellan falou em meu ouvido.

Ouvi suas palavras, mas estava atordoada demais com aquele cheiro para dizer qualquer coisa. Cocei meus braços e meu nariz, tentando engolir o bolo que crescia cada vez mais em minha garganta.

Por favor, faça parar.

— Por que está calada? — Kellan perguntou.

Agarrei os braços dele, me apegando a qualquer coisa para não sucumbir.

— Me tira daqui, Kellan — implorei, minha voz não passando de um sussurro.

Ainda assim, Kellan escutou. E ele me entendeu.

Sem mais perguntas, ele agarrou minha mão e começou a andar para longe de todo aquele cheiro de maconha. Eu apertei sua mão na minha, temendo que eu pudesse soltá-la a qualquer momento e correr na direção das pessoas que estavam fumando para implorar por um pouco de droga.

Quando chegamos na frente da minha Ferrari, Kellan se virou para mim e agarrou meu rosto.

— As chaves, amor.

Atendi a seu pedido, as tirei do bolso da minha jaqueta, e ele as pegou da minha mão. Foi questão de tempo até que ele destravasse as portas e nós entrássemos no carro, então ele acelerou para longe de toda a confusão.

— Sou uma péssima amiga — Esfreguei minhas mãos em minhas pernas, respirando fundo.

Eu deveria estar com Brianna agora, a vendo ganhar de Christian.

Kellan digitou algo em seu telefone e tornou a colocá-lo em seu bolso, os olhos se fixando nos meus por alguns segundos.

Ele procurou minha mão, a agarrando.

— Brianna ficaria mais magoada se você cedesse ao vício, pode ter certeza.

Cocei meu nariz, encarando nossas mãos unidas em seu colo. Eu esfreguei meu peito, engolindo as lágrimas que, por algum motivo desconhecido, queriam escapar. Eu não podia me permitir ficar ainda mais lamentável, não queria ser essa mulher que só chorava. Mas eu me sentia assim, fraca.

— Abre o vidro, por favor — pedi, espalmando minha mão no vidro.

De imediato, Kellan fez o que eu disse, e então eu encostei minha cabeça na janela, sentindo o vento acariciar meu rosto. Fechei meus olhos.

— Respire — Ouço Kellan mandar. — Eu estou orgulhoso de você, amor.

Ok, isso mexeu comigo.

Fiz como ele disse e respirei fundo incontáveis vezes, até que senti a necessidade gritante dentro de mim se acalmar, aos poucos. Ela ainda estava lá, mas diminuiu o suficiente para me deixar puxar o ar com mais tranquilidade.

De repente, o carro acelerou, e meu corpo grudou no banco por causa velocidade. Abri meus olhos e os fixei em Kellan, vendo os dele na

estrada, com uma aura sombria. Determinado. Eu podia ver o diabo em seus olhos.

— O que está fazendo? — perguntei, confusa.

— Te mostrando que a alta velocidade pode te dar muito mais adrenalina do que a merda de um pó.

Kellan enrolou em uma curva, diminuindo a velocidade ao fazer isso, antes de voltar a acelerar com tudo. Ele passou por cima de um quebra-molas e minha cabeça quase bateu no teto, o que me fez rir.

Um sorriso curto se formou nos lábios de Kellan e ele acariciou os nós dos meus dedos.

— Não para — eu mandei, me sentindo viva.

— Nem se você implorasse, amor.

Suavemente, afastei minha mão da de Kellan e coloquei minha cabeça um pouco mais para fora, sentindo como o vento estava violento, mas ainda assim, leve. Não sei dizer, apenas era... perfeito.

Era perfeito o modo como ele agitava meus cabelos, e a mão de Kellan agarrou minha canela quando me inclinei um pouco mais para fora da Ferrari, assegurando que eu não caísse.

Minha cabeça estava na janela e o vento bagunçava meus fios, enquanto eu ria, sentindo a adrenalina correr pelas minhas veias, fazendo eu me sentir completa. Uma mão apertou minha coxa e eu olhei para Kellan.

— Quer dirigir? — ele perguntou, os olhos presos em mim por alguns segundos antes que ele voltasse a prestar atenção na estrada.

— Quero — a palavra escapou da minha boca rápido demais.

Kellan sorriu de lado, antes de afastar a mão da minha coxa e dar dois tapinhas na própria.

— Vem aqui.

Não pensei duas vezes antes de me afastar da janela e me sentar no colo de Kellan, agarrando o volante com minhas próprias mãos, enquanto ele afastava as dele. Antes de chegar em uma rua, fiz um *drift* perfeito, entrando nela com toda a velocidade que Kellan colocou antes.

As mãos dele foram para as minhas coxas e ele as tocou. Seus lábios ficaram perto da minha orelha e sua respiração quente acariciou meu pescoço.

— Você é fraca, Ryen? — ele perguntou, a voz rouca.

— Não.

— Então seja forte e domine as ruas dessa cidade, amor — Sua língua deslizou por minha pele e eu pude sentir seu sorriso. — Elas são suas, afinal, não são?

Eu fixei meus olhos no retrovisor, encontrando os dele. Sim, de fato, Kellan tinha o diabo em seu olhar.

Pisei no acelerador e apertei minhas mãos no volante, me sentindo mais confiante do que nunca. Sim, eu era forte e nada poderia me deter.

As ruas de Miami eram minhas.



*“Tem sido um longo dia sem você, meu amigo.
E eu vou lhe contar tudo quanto eu te ver novamente.
Fizemos um longo caminho juntos, desde onde começamos.
Oh, eu vou lhe contar tudo quanto eu te ver novamente”*
Wiz Khalifa feat. Charlie Puth – See You Again

Kellan Royal

Christian chutou a mesa de centro de sua sala, a fazendo se chocar contra o sofá ao qual eu estava próximo, com os braços cruzados contra meu peito. Ele passou as mãos pelos fios — agora um pouco mais longos — e seu semblante não demonstrou nada mais do que uma ira gritante.

— Uma denúncia... — Yun rosnou, andando de um lado para o outro. Ele chutou a poltrona mais próxima. — Mais uma porra de denúncia!

— Tente se lembrar. Quem mais sabia que você estaria lá?

— Eu não sei, caralho! — Abriu os braços. — Algum filho da puta que queira foder com a minha vida, talvez?

— Uma pergunta muito difícil e inúmeros suspeitos.

Eram exatamente sete e meia da manhã quando recebi uma ligação. Era Yun, me pedindo para tirá-lo da cadeia. Ele passou a noite lá e, ao que parece, mais uma vez fizeram uma denúncia contra ele.

— Sempre é essa mesma merda, já é a terceira nos últimos dois meses.

— Não tem como negar, as denúncias estão sendo feitas pela mesma pessoa — murmurei, antes de pressioná-lo. — Pense em alguém, Yun. Uma pessoa que esteja querendo te ferrar.

Ele ergueu os olhos para mim e eles se tornaram escuros, de repente sua mente pareceu funcionar. Então, ele soltou um risinho amargo.

— É muita coincidência eu ter ido parar na cadeia na mesma noite em que ganhei da mimadinha da sua prima? — Ele esfregou o queixo, seu

tom carregado de sarcasmo.

Arqueei minha sobrancelha, descruzando os braços.

— Acha que foi a Brianna? — *Foda-se, eu não duvidava.*

— Eu já desconfiava dela desde a segunda a denúncia, mas a de ontem me fez ter certeza — Ele riu, negando com a cabeça.

Mesmo que ele parecesse achar graça, não tinha nada de leve em sua expressão corporal. Yun estava prestes a explodir.

Eu o encarei, analisando a carranca em seu rosto e sua postura rígida. Ele não possuía provas de que foi ela, mas e se eu dissesse a ele que tinha a mesma suspeita? Vinte e quatro anos convivendo com Brianna, eu conhecia bem a peça Gucci cravejada com espinhos que ela era.

— Não vai defender a princesinha? — ele perguntou, com desdém.

— Não, você tem bons argumentos — respondi, dando de ombros.
— Aliás, não é como se eu não conhecesse a minha prima. Sei bem do que ela é capaz quando não tem o que quer.

Yun ergueu o queixo, colocando as mãos nos bolsos de sua calça. Sua camisa branca larga estava suja, talvez por causa do chão da cadeia. Seu cabelo estava um pouco desganhado, os fios chegando até a metade do pescoço pálido, cobrindo suas inúmeras tatuagens.

— Então, não reclame quando eu me vingar dela — declarou, subindo minimamente uma das sobrancelhas.

Estreitei meus olhos em sua direção.

— Brianna pode até ser a culpada, mas você tem provas de que foi ela?

Yun deu uma risada repleta de perplexidade e deboche.

— Pensei que tinha dito que não ia defendê-la.

— E não vou, fiz apenas uma pergunta. Você tem certeza de que foi ela, e admito que eu também desconfio. Mas você tem provas?

— Que besteira é essa, de repente? Quer mais prova do que sua prima ser uma patricinha fútil que não aceita perder? — ele disse, e deixou seu corpo cair em uma poltrona.

Seu olhar exalava afronta e ódio, e seu queixo estava elevado. Era claro que Yun não estava para brincadeiras.

Decidi provocá-lo.

— Você quer muito que seja ela, não quer?

— Sim, para que eu finalmente possa foder essa atitude de metida dela — ele encolheu os ombros, deixando o corpo ficar mais relaxado,

enquanto olhava para baixo.

Foi minha vez de rir, com sarcasmo, antes de cerrar os dentes.

— Não acho que essa seja a única coisa que você queira foder na minha prima.

Vi a postura de Yun ficar rígida e ele elevou seu olhar para o meu. *Frieza*. Era isso que seus olhos exalavam sempre que Brianna era mencionada. Seu corpo ficava tenso e a expressão vazia. Ainda assim, tinha uma espécie de mágoa na maneira como ele a olhava ou falava com ela.

O contrário de amor não é ódio, é indiferença. E Yun com certeza não sentia o último.

— Não sei o que está querendo dizer com essa merda — respondeu, com descaso, a voz mais distante do que antes.

— Eu não sou idiota, Yun. Acha que não sei que vocês saíram juntos no aniversário de dezoito anos dela? — Christian arregalou os olhos. — Sim, filho da puta. Eu vi vocês dois entrando na minha Ferrari e até hoje não sei como diabos você pegou a minha chave.

Ainda assim, Yun não demonstrou nenhum tipo de sentimento. Isto é o que eu mais odiava nesse filho da puta, ele era como eu. Demonstrava apenas o necessário e fingia não sentir nada. Mas, diferente de mim, ele tinha muitas facetas. O leal, qual ele demonstrava com os amigos. O impiedoso, que ele usava com seus clientes trapaceiros. E o filho da puta. Surpreendentemente — ou nem tanto —, era Brianna quem ficava com sua pior versão.

— Eu também te vejo fazendo muita merda, mas eu não as jogo no ventilador — ele provocou, mostrando os dentes. — E vou avisar, só dessa vez, porque você sabe bem, somos amigos. Eu vou destruir a sua prima, com ou sem provas. Eu sigo a minha intuição.

— Não passe dos limites, Yun — eu o avisei. — Me traga a porra de uma prova, e então você vai poder agir sem a minha intromissão.

Ele riu, o som da risada totalmente amargo, enquanto negava com a cabeça. Estava prestes a dizer mais alguma coisa, porém uma batida forte à porta ecoou pelo seu pequeno apartamento e ele dirigiu o olhar em direção ao barulho.

Yun não fez menção de se levantar, e seu olhar poderia assassinar qualquer um que estivesse do outro lado.

— Abra a porta, seu merda! — uma voz ríspida ordenou, batendo mais uma vez. — Eu sei que você está aí, não adianta fingir que não.

Yun olhou para mim e colocou o indicador nos lábios, me mandando permanecer em silêncio.

Pela maneira que ele estava apertando um dos braços da poltrona, com força o suficiente para arrancar o estofado, eu sabia bem quem era o filho da puta que estava do outro lado. Era o pai dele.

— Yun-Yun não está? — Uma voz doce soou lá fora.

Como se estivesse sob efeito de algum ímã, Yun se lançou em direção à porta na velocidade da luz. Eu o assisti agarrar a maçaneta e girá-la, eliminando finalmente a barreira entre ele e seu pai.

Uma figura pequena soltou um gritinho e agarrou meu amigo, as mãozinhas tentando rodear sua cintura. Assisti tudo com um grande ponto de interrogação no meio da testa.

— Só assim para você abrir essa porta, seu merda do caralho — o homem disse, e havia desprezo em sua voz.

O encarei, analisando seu perfil magro, os olhos estreitos e os cabelos lisos e pretos, acompanhados por alguns fios brancos. O homem era alto, com certeza Yun herdou o tamanho dele.

Mas com certeza ele não herdou o olhar desprezível que esse homem tinha nos olhos.

— Quantas vezes eu já disse para não trazer ela aqui, porra? — Chris rosnou, agarrando a menina como se pudesse deixá-la longe do homem.

— Papai disse que iríamos vir te ver, *oppa*! — ela murmurou, com a voz infantil. — Não gostou da surpresa?

Ele se abaixou para ficar da altura dela.

— Não é isso, So-hee.

O fato de ele ter se abaixado me deu uma visão melhor da garotinha de olhos grandes e pretos, com o cabelo na altura dos ombros, uma franja caindo por toda sua testa. Ela sorriu, revelando uma janelinha.

— Senti sua falta, *oppa*! — Fez beicinho, abraçando o pescoço de Christian. — Quero meu irmão comigo...

Irmão? Mas que porra era essa?

Antes que ele tivesse a oportunidade de responder, o homem passou por eles e entrou no apartamento, ignorando os protestos de Yun, que se levantou, agarrando a mão da suposta irmã.

O homem me encarou de cima a baixo, analisando meus tênis e o relógio em meu pulso, por bastante tempo para o meu gosto.

— Um dos seus clientes, Christian? Ou um dos seus fornecedores? — perguntou ao filho, me encarando, com interesse. — Porque se for um desses, você deve estar faturando muito bem. E está se esquecendo da família, seu filho da puta ingrato.

Eu apenas arqueei minha sobrancelha, sustentando o olhar do homem no meu. Não concordei nem neguei o que ele afirmava, apenas deixei passar.

— E você, é? — provoquei, e o jeito que aquele idiota estava me olhando demonstrava claramente que ele não tinha gostado da minha pergunta.

— Você é um esnobezinho de merda, então.

— E você é um sanguessuga do caralho — retruquei, sorrindo.

O olhar do velho ficou vermelho de ódio e ele deu um passo em minha direção. Contudo, Yun foi mais rápido e o puxou pela camisa, o afastando de mim e o fazendo bater os joelhos contra o sofá mais próximo.

— Dá o fora daqui! — ele mandou.

— Só depois que eu pegar a minha pensão do mês.

— Eu já te dei.

Andando até o sofá em que eu estava apoiado, o velho se sentou com as pernas abertas, uma postura tão relaxada e folgada que me deixou enojado apenas por olhar.

— Não foi o suficiente — respondeu, dando de ombros. — A pequena So-hee está crescendo, ela precisa de mais coisas.

Yun riu, em um tom carregado de sarcasmo, passando a língua pelos dentes como se não acreditasse no que estava ouvindo.

— Não use a minha irmã para sugar o meu dinheiro, seu velho.

A garotinha afastou a mão da de Yun, enquanto ele estava com sua atenção no pai, e caminhou em minha direção, os olhinhos me encarando de cima a baixo com o que parecia ser admiração.

— Prefere que sua irmã passe fome? — O velho arqueou uma sobrancelha.

O filho da puta está usando a menina para arrancar ainda mais dinheiro de Yun. Com certeza devia gastar tudo com bebida alcoólica.

— Você parece um dos príncipes dos desenhos que eu assisto — a suposta irmã de Christian falou, atraindo novamente minha atenção para ela.

— acredite, eu não sou um príncipe.

— Você tem uma namorada? — ela perguntou.

Olhos grandes e amendoados invadiram minha mente, junto ao sorriso tímido e raro de Ryen. Então vieram o som dos seus gemidos enquanto eu batia em sua boceta, e meu nome saindo dos seus lábios com aquela vozinha doce. Sem contar seus ciúmes excessivo.

Não tinha muito o que pensar.

— Sim.

— Você gosta muito dela?

— Gosto.

— Então, você também não é um vilão — Ela bateu palmas, como se tivesse acabado de fazer a maior descoberta do mundo.

Eu sorri diante de sua inocência e, de braços cruzados, me curvei sobre o seu tamanho.

— Ah, eu sou — falei, sorrindo, prepotente. — Mas os caras maus são melhores que os bonzinhos estúpidos.

Ela arregalou os olhos e eu voltei a ficar com a postura ereta.

— Por quê?

— Porque sim.

— Mas por quê?

Ergui minimamente minhas sobrancelhas ao ouvir sua insistência em ter uma resposta. Se fosse outra pessoa, eu já teria a mandado se foder há muito tempo. Mas essa menina parecia genuinamente curiosa, com seus olhos grandes, em antecipação.

— O cara bonzinho sempre vai te sacrificar por um bem maior, mesmo que isso o machuque — decidi responder. — Mas o cara mau? Ele vai destruir o mundo por você.

Ela soltou um som de entendimento, acenando freneticamente com a cabeça. Então parou e voltou a me olhar.

— Então, meu papai é um cara mau?

— Não, seu pai é um sanguessuga que precisa ser aniquilado da face da Terra.

So-hee franziu o cenho.

— O que é sanguessuga e aniquilado? — Ela deixou a cabeça pender para o lado, confusa.

Antes que eu tivesse a oportunidade de respondê-la, o som de algo se quebrando repercutiu pela sala, e o grito assustado da menina, junto com seu pulo, foi mais perceptível do que tudo.

Ergui meu olhar para frente, só agora me lembrando deles. Fiquei tão entretido com a garota que me esqueci do que estava acontecendo no apartamento.

— Papai... — Ela deu um passo à frente.

— Estou exigindo a porra do dinheiro, seu merda! — O pai de Yun ralhou, fazendo So-hee se encolher. Ele bateu no próprio peito. — Eu cuidei de você a vida toda, você me deve!

— Eu te devo? — Meu amigo riu, antes de empurrar o pai. — Você me espancou a minha infância toda. A minha mãe morreu logo depois de você bater nela. Ela apanhou tanto na cabeça que não conseguiu sobreviver!

— Eu não me lembro disso.

— Claro que não, você estava muito bêbado para raciocinar, não é, Sunwoo? Coitado dele — Sorriu, sarcasticamente.

O velho o agarrou pela gola da camisa e So-hee deu alguns passos para trás, batendo em minhas pernas. Ela pulou de susto outra vez, mas ainda assim conseguiu girar o próprio corpo e se esconder atrás do meu. Olhei para trás, a vendo agarrar meu moletom com as mãozinhas pequenas.

Ela estava assustada.

— Olha a merda da boca — Sunwoo rosnou.

— Vai se foder e vaza logo daqui! — Yun agarrou as mãos dele, o afastando, com um empurrão. — Eu não tenho mais um centavo para te dar, espere até o próximo mês.

Desabotoei meu relógio, assistindo a cena.

— Só saio daqui com a porra do meu dinheiro, e você sabe o que vai acontecer se você não me der — O filho da puta sorriu, abrindo os braços.

— Eu não tenho mais, você consegue entender essa porra?

Christian estava vermelho de raiva, as mãos apertadas em punhos ao lado do seu corpo. Sunwoo deu um passo na direção dele, mas parou quando meu relógio bateu em seu ombro, indo ao chão logo em seguida.

Ele e Yun olharam para o relógio de ouro e o homem ergueu as sobrancelhas, se abaixando para apanhá-lo.

— Parece valer uma fortuna — levantou os olhos para mim.

Ergui meu queixo.

— Dá o fora.

Senti So-hee agarrar meu moletom com mais força.

— Quanto vale? — Sunwoo perguntou.

— Mais dinheiro do que você vai ver em toda a sua miserável existência — Dei de ombros e o rosto dele ficou vermelho.

— Eu não preciso da sua esmola, seu filhinho de papai do caralho.

— Você não está devolvendo o relógio, está?

Sunwoo sorriu de lado, e pude ver que ele não estava nem um pouco ofendido, era tudo fachada. Típico de vermes como ele.

— Devolve isso, eu vou conseguir seu dinheiro — Yun deu um passo à frente, tentando apanhar o relógio.

So-hee deu um passo para trás e tentou me levar junto, como se quisesse se afastar de todo esse clima.

— Por que eu faria isso? Vai servir até o mês que vem — Seu pai desviou, pondo o relógio no bolso, antes de olhar para a criança atrás de mim. — Vem aqui, So-hee.

A menina não pensou duas vezes antes de dar um passo para o lado e fazer menção de ir até, mas eu a bloqueei com meu braço.

— Ela vai ficar.

— Papai vai ficar bravo... — a garotinha murmurou, tentando se livrar meu braço.

Eu não dei a mínima.

— So-hee é a minha garantia — Sunwoo falou, um sorriso nojento em seu rosto.

O jeito que esse filho da puta falava sobre os filhos me dava nojo. Especialmente sobre a menina.

— Ela. Fica — repeti, dessa vez de maneira lenta e ameaçadora.

— Ela vai. Ou então, Christian sabe muito bem o que acontece... — Lançou um olhar sugestivo na direção do filho.

Yun ficou tenso e trancou o queixo, as narinas dilatando enquanto respirava fundo e seu ódio vazava para fora, querendo explodir. Seu olhar encontrou o meu.

— Deixa ela ir com ele.

Sua fala me pegou de surpresa e eu não consegui evitar franzir o cenho ao ouvi-la.

— Você está se escutando? — o encarei, com descrença.

Ele me encarou de volta com o que parecia ser um pedido de confiança. Ou então, um pedido para que eu não me metesse em seus assuntos. Talvez fosse um pouco dos dois, eu não tinha certeza, mas algo em seu olhar estava implorando para que eu fizesse as coisas do jeito dele.

Com muita má vontade, deixei meu braço cair, e So-hee foi na direção do irmão, a passos curtos e lentos. Ele se curvou para abraçá-la e sussurrar algo em seu ouvido. A menina assentiu e beijou a bochecha dele, o lábio tremendo com o esforço que ela fazia para segurar as lágrimas.

— Não se esqueça de mim, *oppa*... Por favor... — fungou, encolhendo os ombros.

— Nunca. Eu te fiz uma promessa, não foi? — Yun agarrou o rosto dela, que sumiu entre suas mãos.

So-hee assentiu e ele beijou sua testa. Eles não tiveram mais tempo juntos, pois logo o pai deles se aproximou e agarrou a mão da menina, a puxando para longe, em direção à porta.

— Vamos, já deu dessa merda sentimental.

— Não a puxe desse jeito! — Yun rosnou, andando até eles.

— Até mais, filhão — Sunwoo sorriu, abrindo a porta.

— Yun-Yun... — So-hee choramingou.

Essa foi a última coisa que foi vista e escutada quando eles foram embora e a porta foi brutalmente fechada, não deixando nem a sombra do homem e da garotinha para trás.

Christian bateu os punhos na porta, xingando algo em seu idioma, e eu não consegui identificar o que ele dizia. Ele se afastou e passou as mãos pelos fios de cabelo em seu rosto, os jogando para trás. Sua expressão não era nada mais do que raiva, crua.

— Que merda foi essa? — perguntei, quebrando o silêncio.

Ele olhou para mim.

— Não é da sua conta, fique longe dos meus negócios — vociferou.

— Cinco anos de amizade não foram o suficiente para que eu soubesse que você tem uma irmã? — Ergui uma sobrancelha. — Perdão, erro meu.

Ele deu um suspiro pesado, se jogando em seu sofá mais uma vez. Olhou para o teto do seu apartamento.

— Não é uma história muito agradável de contar.

— Comece contando por que você deixou que aquele desgraçado a levasse.

Mais uma vez, ele suspirou.

— Se eu não der um bom dinheiro a ele todo mês, ele vai se delatar como imigrante ilegal, e então ele e So-hee serão deportados para Coréia.

— Por que você não iria também? — perguntei.

— O filho da puta quer me ver sofrer, ele é sádico a ponto de se sacrificar para me arruinar — Passou as mãos pelo rosto. — Já tentei ficar com So-hee várias vezes, mas ele sempre diz que vai envolver a polícia nisso e aí, conseqüentemente, eu iria parar atrás das grades, preso por tráfico, e ele e So-hee voltariam para a Coréia do Sul. Longe de mim. Eu até poderia arriscar, mas sei do que esse desgraçado é capaz.

Porra. É muita coisa para absorver de uma só vez.

— Eu posso te ajudar com isso, Yun. Basta você me pedir — falei a ele, e era a mais pura verdade. Faria qualquer coisa para ajudá-lo.

Ele riu, negando com a cabeça.

— E então o quê? Tenho que recorrer para você sempre que algo der errado? Sabe como é humilhante não ter dinheiro e depender dos outros? — Me olhou, com uma sobrancelha riscada arqueada. — Eu só saí da cadeia hoje porque você tem dinheiro, cara. Nem me deixaram ligar para alguém, mesmo eu tendo esse direito. Só o fizeram após eu insistir muito. Então, como acha que eu fico, dependendo do seu dinheiro para tudo?

Podia ver a vergonha em seu rosto, em seu olhar. Em tudo.

— Você é meu amigo, caralho. Eu vou fazer o que estiver ao meu alcance para te ajudar — ralhei. — Aceite a porra da minha ajuda ou fique longe da sua irmã, sabendo-se lá o que aquele merda está fazendo com ela.

— Você não está me ajudando — murmurou, entre dentes.

— É só pedir, Yun. Uma fala sua e vou fazer tudo o que eu puder para você passar o resto dos seus dias com So-hee — Me aproximei dele. — Eu entendo a parte de não gostar de depender do meu mundo, mas essa merda é assim. Você não vai estar sendo burro em se aproveitar disso.

Chris estreitou os olhos em minha direção, as mãos agarrando o estofado do sofá com força. Ele respirou uma, duas vezes, parecendo travar uma batalha interna entre seu orgulho e a necessidade.

Até que ele engoliu em seco e me encarou. Havia algo em seu olhar que não pude decifrar. Na verdade, se parecia com...

— Me ajude a recuperar minha irmã.

— Me dê duas semanas.

Yun assentiu, depositando sua confiança em mim. E eu faria o que prometi, iria trazer a menina para perto dele novamente, custasse o que custasse. Então daria um jeito de aquele verme sumir da face da terra de uma vez por todas.

Fiquei por mais dez minutos no apartamento de Yun e fui embora logo após ele me mandar manter o silêncio a respeito da existência de So-hee. Se mais alguém soubesse disso, poderia querer usá-la contra ele.

Parti com o carro em direção à universidade, sabendo que Ryen estaria lá, ensaiando com o fodido do parceiro dela. Eu estava a um segundo de arrancar as tripas desse cara e amarrar o pau dele com elas para que, assim, ele se mantivesse longe da minha garota.

Não gostava da maneira que ele olhava para ela ou como sua linguagem corporal não escondia o quanto ele a queria. Sam desejava uma mulher proibida, para ele e para qualquer outro filho da puta que pensasse em se aproximar dela.

Estacionei o carro e entrei na universidade, a vendo vazia, enquanto andava pelos corredores. Era aqui, neste lugar isolado, que ela pretendia passar o resto do dia com aquele merda? Não no meu turno, porra.

Quando cheguei ao campus de Artes e andei em direção às salas, fui guiado pela música alta no fim do corredor. Ao me aproximar do vidro, vi o Paraíso com meus próprios olhos. Nada nunca vai ser mais bonito do que ela dançando.

Ryen estava vestida com seu típico short de lycra curto, que deixava escapar uma parte de suas nádegas e se agarrava perfeitamente às suas coxas grossas. Uma blusa cinza, que chegava até sua cintura e tinha uma abertura abaixo das axilas, me dava a visão de um top preto.

Mais uma vez, era *Lovely*, da Billie Eilish, que ela estava dançando. Seu corpo se movia como uma pena, mas os sentimentos que ela depositava, eram pesados.

Suja.

Quebrada.

Sozinha.

Foi assim que Ryen disse que se sentia. E doeu como o inferno escutar essas palavras saindo da boca dela. O olhar desamparado em seu rosto e as lágrimas brilhando. Tudo isso abriu a merda de uma lacuna no meu peito que só vai fechar quando quem a tocou, pagar.

Eu fiz meu dever de casa. Não sei se Lorenzo Diaz foi o causador desses sentimentos, mas ele estava, com certeza, na minha lista.

Filho do meio, vinte e dois anos, não faz faculdade e mexe com algumas drogas pesadas. O idiota também é hacker, e Yuki disse que ele é dos bons, apesar de ninguém ser melhor do que ela nesse departamento.

Ela me mandou uma foto dele e o ciúmes inchou em meu peito em segundos. Ele era bonito, não iria negar. Mas não o suficiente para a minha Ryen. E mesmo que eu fosse o suficiente em beleza e faltasse algo no quesito de boas qualidades, foda-se. *Eu* era o certo para ela.

Entrei na sala silenciosamente, indo até Ryen, enquanto ela estava de costas. Mais de perto, pude ver como sua pele brilhava de suor e como a trança curta se agitava de um lado para o outro. Ela deu um salto um pouco perto de mim e eu andei para trás, a fazendo se chocar contra o meu corpo assim que se virou.

Agarrei sua cintura, a impedindo de cair, e ela arregalou os olhos, soltando um gritinho.

— Mas que merda, Kellan! — ela bateu no meu peito, furiosa.

A puxei para mim.

— Decepcionada?

Seus seios se projetaram em meu peito e ela resmungou.

— Pare de aparecer de fininho, você ainda vai me matar de susto.

Sorri, subindo uma das mãos para agarrar a nuca de Ryen. Ela engoliu em seco, os olhos se fixando em meus lábios, e meu sorriso se ampliou.

— Por que parece que você gostou? — Deslizei meu nariz por seu pescoço, inalando o cheiro doce que vinha dela.

Ela ofegou e o som enviou uma corrente de energia para o meu pau, o fazendo pulsar. *Como a porra de um adolescente...*

— Não tem nada de legal em ser surpreendida por um lunático que fica me observando.

Estreitei meus olhos em sua direção.

— Você não está muito atrevida?

— Defina atrevida.

— Hum, deixe-me pensar — inclinei minha cabeça para o lado. — Essa sua roupa se encaixa na categoria de atrevida. Não gosto que te vejam assim.

Ryen riu, desacreditada.

— Te aconselho a começar a gostar, porque não vou mudar — Suas mãos agarram a gola do meu moletom quando ela revirou os olhos. — E o que vai fazer a respeito dos olhares? Arrancar os olhos de todos? Ah, por favor.

Pisquei, analisando.

— Kellan! — Ela deu um tapa em meu peito. — Pare de agir como um homem das cavernas, eu não sou um pedaço de carne!

— Mas é minha — declarei, inclinando minha cabeça em sua direção.

— Ok, você é bem grande — Ela deu tapinhas em meu ombro. — Mas isso é muita possessividade, até mesmo para você.

Ergui uma sobrancelha, lançando um olhar fugaz em sua direção.

— Apenas para mim, amor? Não sou o único a ameaçar de morte quem te toca, não é? Afinal, eu sou o seu... Como era mesmo? Ah, Kekel... — Sorri quando suas bochechas ficam vermelhas.

— Você não pode esquecer isso?

— Nem fodendo, amor.

— Mas eu estava bêbada, você leva em conta o que um bêbado diz? — debochou.

Ela vai negar que quis dizer aquilo, mesmo que eu soubesse que era verdade, porque a vergonha de admitir só não era maior que o seu orgulho.

— Não tudo — Adentrei sua blusa fina, subindo a palma da minha mão por seu estômago. — Mas vindo de você, boa parte.

Ela estremeceu com o toque.

— Como assim?

— Se eu levasse em conta tudo o que você disse quando estava bêbada, eu teria te fodido. Bruto e forte, do jeitinho que você gosta — Beijei o canto dos seus lábios, agarrando um seio por cima do toque.

Eu o apertei com força, fazendo suas costas arquearem em minha direção e um suspiro trêmulo escapar de seus lábios.

— Eu... pedi por isso? — ela perguntou, com a vozinha rouca, as mãos indo para os meus cabelos.

— Duas vezes. Uma no balcão e a outra no chuveiro — Eu desci meus lábios, chupando o pulso em seu pescoço. — E eu não te tomei em nenhuma deles, mas tenho certeza que sua boceta estava pingando não, é?

Ela apertou as coxas.

— Kellan, agora não...

Agora não? Por que o filho da puta está chegando? Que se foda essa merda, estou atrasando fodê-la desde que ela me chamou de brocha. Ela baixou a guarda quanto a isso, e eu vou pegá-la quando ela menos esperar.

— Shh... — Eu andei para frente, a levando comigo até suas costas bateram contra a parede mais próxima. — Você vai ser uma boa pirralha e

me deixar maltratar sua boceta, não vai? — Desci o bojo do top, agarrando o seio nu em minha mão.

Ele estava quente contra a minha palma e, inferno, eu queria pô-lo na boca. Chupar até que, em vez de marrom, ficasse vermelho.

Quando belisquei o mamilo, Ryen gemeu e agarrou meu pulso. Fosse para afastar minha mão ou deixá-la lá, eu não fazia ideia.

— Hmm... dói... — Ela mordeu o lábio, me encarando, com os olhos excitados por baixo dos cílios espessos.

— E você gosta assim, não é? — eu perguntei, enquanto tirava sua blusa e a jogava no chão.

Puxei seu top para baixo e seus seios me deram “olá”; os mamilos estavam duros, apontando para mim, implorando para serem chupados. E assim eu o fiz, me curvando e tomando um deles em meus lábios, sentindo meu pau pulsar quando seu gosto explodiu em minha língua.

Ryen deu um gemido longo, agarrando meus cabelos com força, me mantendo lá. Olhei para cima e a encontrei me encarando, com as sobrancelhas franzidas e os lábios entreabertos.

— Assim, pirralha? — Prendi o mamilo entre os dentes, maltratando o botão com força.

Ela choramingou e assentiu com a cabeça.

— Kellan...

Eu grunhi, e isso foi o limite da minha paciência.

Sem o mínimo de delicadeza, me afastei de seu seio e adentrei seu short e sua calcinha. Encontrei seu clitóris inchado e girei meus dedos ao redor dele. Ryen separou um pouco mais as pernas, me dando mais acesso, enquanto gemia, manhosa.

Desci meus dedos para sua entrada, os melando com a excitação que saía dela.

— Porra, sim. Você definitivamente gosta de um pouco de dor com o seu prazer — rosnei, enfiando dois dedos em sua boceta sem aviso prévio.

Ryen gritou e agarrou meus ombros, sua cabeça pendendo para trás, enquanto meus dedos iam e voltavam dentro dela, sem trégua.

Enfiei meu rosto em seu pescoço, deixando uma mordida forte, seguida de uma lambida vagarosa. Sua entrada pulsou em meus dedos e eu sorri contra sua pele, vendo como ela não lutava mais contra o que sentia e só se entregava.

Olhei para baixo, vendo os mamilos subirem e descerem desenfreados, acompanhando sua respiração.

Agarrei um punhado do cabelo em sua nuca, apertando os fios entre meus dedos, com força. Minha boca tomou a dela em um beijo bruto e violento, e ela aceitou tudo. Aceitou o modo como chupei sua língua com força, como maltratei seus lábios carnudos.

— Será que você aguenta mais um dedo? Como a minha boa putinha suja que você é, hein? — A vi engolir em seco.

Sorri, adicionando mais um dedo em sua boceta.

— Céus... — Ela cravou os dedos em meus ombros.

Continuei com o ritmo desenfreado de meus dedos e ela rebolou contra minha mão, gemendo coisas desconexas, enquanto revirava os olhos de prazer.

— Você está levando bem, amor. Que tal mais um?

Ryen arregalou os olhos e gritou quando adicionei o quarto dedo dentro dela. *Porra.*

— Oh, Deus... — Um som esganiçado saiu de seus lábios, enquanto lágrimas se acumulavam em seus olhos.

Soltei seu cabelo para agarrar sua garganta, um sorriso sádico se espalhando em meus lábios.

— Você já levou o meu pau, amor. Tenho certeza de que aguenta quatro dedos.

— Porra, Kellan. Dois dedos seus parecem ser da grossura do seu pau — ela disse, e me encarou com olhos raivosos antes de gemer.

Adorava o som dos seus gemidos, adorava como o corpo dela parecia ser o certo para o meu, como ela se entregava... Merda, eu adorava tudo nela.

— Ryen?

Alguém chamou e eu nem precisei me virar para saber que era o filho da puta.

Os olhos de Ryen se arregalaram e eu curvei meus dedos dentro dela, a ouvindo ofegar.

— Vaza — ordenei a ele, concentrado na mulher choramingando e se contorcendo em meus braços.

— Sa-Sam está aqui... — Ryen sussurrou, os olhos semicerrados me encarando.

Grunhi quando o nome do desgraçado saiu de seus lábios, e isso só acelerou o movimento dos meus dedos.

— Ryen e eu temos um ensaio — o idiota disse, parecendo desconfortável com a situação. Ainda assim pude sentir a raiva em seu tom de voz.

Raiva por que estava possuindo o que é meu? Piada.

— Acontece que ela e eu estamos tendo uma conversinha e você não está convidado — eu disse, entre dentes, agarrando o pescoço de Ryen com minha mão livre. — Mas se quiser ficar e assistir a mulher que você quer gemendo meu nome enquanto goza nos meus dedos, fique à vontade. Não é, amor?

Como resposta, senti espasmos atravessarem seu corpo, e ela passou os braços ao redor dos meus ombros, me agarrando.

— Eu devo te foder na frente dele? Comer sua boceta com força enquanto ele assiste e vê como você é minha em todos os sentidos? — perguntei, para que só ela escutasse. Ela assentiu, me fazendo sorrir. — Sua coisinha pervertida.

Como se fosse mágica ou algo assim, o aperto da boceta de Ryen ficou mais reforçado em meus dedos, e ela gozou, com um grito mudo, meu nome deixando seus lábios como se fosse uma oração.

Ela negou com a cabeça, tremendo em meus braços, enquanto lágrimas grossas escorriam por suas bochechas. Lágrimas de prazer que eu dei a ela. Vê-la gozar sempre vai ser uma das coisas mais bonitas para mim, logo atrás do seu sorriso e da sua dança.

Ouvi a porta bater e olhei para trás, vendo que o idiota havia ido embora. Mas ele não ia sair assim.

Eu retirei minha mão de dentro da calcinha dela muito a contragosto e inclinei sua cabeça para trás, beijando seus lábios.

— Já volto, hum?

Atordoada, ela assentiu minimamente com cabeça. Então, me afastei e andei em direção à porta, a passos largos, passando por ela. Olhei para o corredor e vi que Sam estava na metade do caminho. Corri até ele, com meu sangue pulsando forte em minhas veias.

Quando cheguei ao merda, agarrei sua cabeça com uma mão e a bati em um dos armários, o prendendo lá. O som repercutiu pelo corredor vazio e ele soltou um grunhido de dor, tentando sair do meu aperto.

— Saindo sem se despedir, Sam?

— Me larga! — ele mandou, tentando puxar a minha mão de sua cabeça.

Era inútil.

— Você vai ficar longe dela — eu avisei, minha voz sombria. — Nem mesmo olhe em sua direção. A delete do seu sistema.

Ele riu, mesmo tenso.

— E se eu não quiser?

Eu sorri, e meu punho foi de encontro à boca do seu estômago. Ele arregalou os olhos e cuspiu, curvando o corpo por cima do meu braço. Sam gemeu e seus joelhos cederam, mas eu ainda o estava segurando pela cabeça.

Queria rachar seu crânio ao meio.

— Tenho que repetir, Samzinho? — Sorri, ácido.

— Foda-se, porra! — ele ralhou, entre tossidas. — Ela nem é tudo isso, cara, pode ficar com a vadia gorda só para você!

Ergui minimamente minhas sobrancelhas ao ouvir as palavras dirigidas à minha garota. Ele falou como se ela não valesse nada, como se não valesse o esforço que ele estava tendo para colocar o pau dentro dela.

Eu não pensei quando... na verdade, eu pensei sim, pensei bem antes de bater a cabeça de Sam no armário uma, duas, três vezes no total. Quando o soltei, seu corpo caiu para o lado, como se fosse um saco de merda. Ele balançou a cabeça, atordoado.

Me abaixei, ficando sobre meus calcanhares antes de agarrá-lo pelos cabelos, o forçando a olhar para mim.

— Você não vai dançar com ela, me ouviu? A não ser que queira que eu destrua sua carreira artística quebrando suas pernas de uma maneira irreversível — Apertei meus dedos em seus fios. — Não fale com ela, sequer olhe em sua direção. Ela é minha, e se eu pegar o seu pau perto dela mais uma vez, eu vou arrancá-lo e enfiá-lo em sua garganta para que você nem mesmo consiga falar sobre ela. Você me ouviu?

Ele assentiu, com dificuldade, os olhos apavorados.

Fiquei de pé, sorrindo.

— Ótimo, Sam. E se quer um conselho, mude de universidade. Acho que posso te matar se te ver no mesmo corredor que ela.

Ele arregalou os olhos e eu tornei a sorrir, lhe dando as costas. Caminhei de volta para a sala de dança, ouvindo seus gemidos de dor, mas nem olhei em sua direção. Por mim, ele poderia morrer ali mesmo.

Quando retornei à sala, passei pela porta e encontrei Ryen vestindo sua blusa cinza, a qual joguei no chão muitos minutos atrás. Ela ergueu o olhar para o meu, me vendo ir em sua direção.

— Para onde você foi?

— Seu parceiro pediu para avisar que não vai mais poder dançar com você. Vai mudar de universidade, o coitado.

Ryen jogou a blusa com força no chão, me encarando com os olhos assassinos.

— Não acredito que você o assustou, Kellan! — Passou as mãos pelos cabelos, irritada. — Você tem noção da importância de um dueto?

— Ele que falta com a palavra e eu que sou o vilão? — Abri meus braços, indignado.

Ryen riu, negando com a cabeça.

— Eu não sou idiota, você o assustou! — Apontou o dedo na minha direção antes de me dar as costas. — Agora com que eu vou dançar? Todo mundo já tem um par, porra!

Coloquei as mãos no bolso do meu moletom, pensando por alguns segundos antes de chegar a uma conclusão.

— Comigo.

Ryen se virou para mim, os olhos pregados nos meus por longos segundos, antes de ela começar a rir. Ela fez isso por mais algum tempo, até analisar meu rosto e ver que eu não estava para brincadeiras.

— Você não é um bailarino, Kellan.

— Posso fazer algumas aulas.

— Você não sabe a coreografia.

— Você me ensina.

— Você não tem coordenação motora para ela.

— Então, a adapte.

Ryen negou com a cabeça.

— Para você tudo é fácil?

— Ouvi quando sua professora disse que vocês não tinham química — Eu dei de ombros, me aproximando. — E você sabe que não vai ter isso com mais ninguém além de mim, amor.

— Não me chame de amor, estou brava com você — Ela tentou empurrar meu peito quando envolvi sua cintura com meus braços.

— Pare de drama, você já tem um parceiro. Eu.

— Drama? — questionou, com perplexidade. — Como você reagiria se eu te proibisse de fazer algo que você só pode fazer com uma pessoa de quem não gosto? Você me obedeceria?

— Sim.

Ryen gemeu, frustrada.

— Pare de agir assim!

Revirei meus olhos mais uma vez e agarrei sua garganta.

— Eu vou ser seu parceiro — repeti, mais firme.

Só eu e mais ninguém. Foda-se se isso era tóxico e sufocante. Ela tinha que se acostumar.

— Isso é loucura... — murmurou. — Mas espero que você seja flexível.

Sorri.

— Não tanto quanto você, quando está com as pernas em meus ombros enquanto eu te fodo, mas... — Ela cobriu minha boca.

— Por que você é assim? — gemeu, a contragosto, e eu sorri, a puxando para um beijo.

Placar atualizado: um para o Kellan e zero para a Ryen, porra.



Adentrei o escritório do meu pai sem bater. Ele poderia estar em reunião com alguém, mas que se foda, ele tinha algumas coisas a me confessar.

Para a sorte dele, estava sozinho, mexendo em seu notebook e escrevendo em alguns papéis. Ele olhou para mim por cima dos óculos, que usava apenas quando trabalhava.

— Educação mandou lembranças, Kellan — zombou, voltando sua atenção para o que estava fazendo.

— A verdade também, pelo que vejo.

— Não tenho tempo para seus joguinhos agora, volte quando eu tiver terminado — Mandou, anotando algo no notebook.

— Para alguém que não tem tempo para joguinhos, você se saiu muito bem escondendo todo esse tempo que Victoria, na verdade, nunca esteve na Austrália. E sim, no México.

Ele parou de mexer no computador e seus ombros, mesmo que por pouco tempo, ficaram tensos. Ergueu os olhos em minha direção.

— Como você soube? Ryen?

Eu ri, incrédulo.

— Então é verdade, você mentiu esse tempo todo?

— Fale baixo, sua mãe vai escutar — ele mandou, sério.

Arqueei uma sobrancelha.

— Por quê? Ela não pode saber que o marido dela é um mentiroso?

Eu sorri de lado, mas na verdade aquilo doía. Era doloroso saber que meu pai mentiu esse tempo todo e que eu já poderia estar com Ryen há anos.

Meu pai suspirou, tirando os óculos.

— Isso não é nenhum dos seus negócios, Kellan. Não faça alarde sobre o assunto — avisou.

— Um caralho que não! — ralhei, batendo as mãos em sua mesa. — Você me deixou no escuro por cinco malditos anos, fingindo que não sabia onde ela realmente estava!

Meu pai se ergueu de maneira brusca, apoiando as mãos na mesa, assim como eu.

— Vou falar apenas desta vez, fale baixo, porra. Se sua mãe escutar, você não vai gostar de como vou me vingar.

Estreitei meus olhos em sua direção.

— Não importa se não me disser por que mentiu, eu vou descobrir — Sorri, lhe dando as costas. — E se no final de tudo meu grande pai for um merda, vai ser ele que não vai gostar de como irei vingar.

Ao passar pela porta, a fechei com força, em tempo de ouvir seu xingamento.

Desci as escadas o mais rápido que pude, temendo encontrar minha mãe porque não sabia se conseguiria mentir para ela. Assim como eu, minha mãe também sofreu com a ausência de Ryen. Ela a amava como a filha que nunca teve. E meu pai tinha a chance de foder tudo porque, assim como eu, minha mãe odiava mentiras.

Entrei no meu carro e dei partida, acelerando para longe da minha casa e de toda a merda que meu pai causou. Parte de mim queria que ele tivesse um bom motivo para ter feito isso, mas a outra queria destruí-lo por ser tão cínico.

Parei o carro em um estacionamento perto do cemitério e andei em direção aos portões, o adentrando. Caminhei pelas lápides, meu olhar logo à frente, indo até a única delas que assombrava meus sonhos e pensamentos.

Ali estava a lápide do meu melhor amigo, cheia de rosas vermelhas. E ao lado, a de seu pai. Parei de frente para ela.

— Sim, seu fodido — Eu revirei meus olhos. — Já sei que não venho aqui a algumas semanas, mas sua irmã voltou e não tive coragem o suficiente para dar as caras.

Apertei minhas mãos em punhos. Essa merda nunca doía menos, impressionante.

— Têm sido longos cinco anos sem você, Raphael. Você sempre esteve comigo, e eu me sinto o maior filho da puta por ter acabado com isso.

Respirei fundo.

— A gente amava correr junto, mas graças a mim... — Engoli em seco. — Graças a mim não durou muito. Você está em um lugar melhor? Ou, pensando em como você era um demônio, está mandando no Inferno?

Meu peito apertou. Queria muito saber se ele estava bem, fosse onde fosse.

— Nossa garota está sendo bem cuidada, estou cumprindo minha promessa — Senti lágrimas estúpidas queimarem em meus olhos. — Eu não pude dar a minha vida por você, mas vou fazer isso por ela. Não me importo de morrer se Ryen continuar segura.

Porque ela é tudo para mim, completei, na minha cabeça.

— E mesmo que você queira arrancar meu pau por causa do que vou dizer, eu estou... namorando a sua irmã — Sorri de lado. — Isso mesmo, a pequena Ryen é minha. Eu disse que isso ia acontecer, é culpa sua não estar aqui para evitar. Não adianta ficar putinho.

Ou era culpa minha? Porra, definitivamente era culpa minha. E nada iria mudar isso.

— Sei que matei você, e dizer que eu sinto muito nunca vai aliviar a culpa em minhas costas — Eu olhei para o túmulo de Raphael, encarando a curta distância entre seu nascimento e sua morte. — E se eu tiver que carregar essa culpa ao lado de Ryen, eu vou fazer. Egoísta, eu sei. Mas não vou permitir que ela vá embora da minha vida novamente.

Não estou aberto a negociações, porra.

— A culpa que sinto por te matar, por muito tempo, foi maior do que o que eu sinto por ela. Mas agora esse sentimento é apenas um minúsculo ponto perto do que cresce em meu peito quando estou com Ryen.

E eu vou te contar sobre isso algum um dia, Raphael. Quando nos encontrarmos de novo e eu não foder com tudo mais uma vez, irmão.



“Você me traiu”
Olivia Rodrigo – trator

Ryen Rodríguez

Parada como uma estátua, pisquei. *O que diabos tinha acontecido aqui?*

Encarei meu quarto revirado, meus olhos se prendendo nas roupas fora do meu closet. Roupas que não estavam desse jeito quando fui ao supermercado mais cedo, mas agora estavam. A desordem era tão grande que chamá-la de bagunça seria eufemismo.

Alguém invadiu meu apartamento enquanto eu estava fora, e dado o estado em que meu quarto se encontrava, estavam procurando algo. E só podia ser uma coisa.

Peguei meu canivete no bolso do meu moletom, encarando a lâmina. A mesma lâmina que cortou a garganta de Callum. O mesmo canivete que era um presente puro antes de eu sujá-lo com o sangue de um monstro.

Eu tinha quase certeza de que era isso que estavam procurando. A pessoa que está me seguindo é a mesma que me mandou a caixa com a tarântula e o bilhete semanas atrás, dizendo que sabia o que eu fiz.

Alguém, de alguma maneira, sabia do que eu estava fugindo e me escondendo com tanto empenho. E eu não fazia ideia de quem poderia ser.

Killer rosnou, avançando na direção do meu banheiro e passando pela porta entreaberta, voltando segundos depois com os dentes à mostra. Ele cheirou cada parte do meu quarto e rosnou mais uma vez. Até ele sabia que, quem quer que estivesse atrás de mim, não era alguém legal.

Se eu não tivesse levado o canivete de Rapha comigo quando saí, eu estaria em maus lençóis agora. Ele deveria estar escondido, eu sei. Não saio

sempre com ele, mas me manter longe é um trabalho árduo. Então, prefiro mantê-lo por perto.

Em todo caso, eu tinha que sair deste apartamento o mais rápido possível. Não era mais seguro.

— Vem, Killer.

Ele veio logo atrás de mim, rosnando e mostrando os dentes, enquanto descia as escadas colado à minha perna, como se quisesse me proteger.

Apertei o canivete em meus dedos e voltei a colocá-lo em meu moletom, estava pronta para sair do meu apartamento, quando ouvi uma batida à porta. *Será que...*

— Ryen, abre essa porta. Eu acabo de sair de uma chuva do caralho que estragou os quarenta minutos que passei arrumando meu cabelo — Ouvi a voz de Brianna e congelei.

Péssima hora, Bree.

Caminhei em direção à porta, girando a chave e a abrindo, e tive a visão de uma Brianna completamente ensopada.

— Parece que veio andando da sua casa até aqui — eu disse, a encarando de cima a baixo.

— Será que é porque foi exatamente isso que eu fiz? — zombou, passando por mim.

Franzi o cenho enquanto a assisti parar no centro do meu apartamento e bufar, encarando as próprias roupas. Killer andou até ela e ficou em pé sobre as patas traseiras para colocar as dianteiras em sua cintura.

— Você não tem carro?

— Algum filho da puta furou os pneus e estragou a pintura. Eu vou matar o desgraçado que fez. Ou a desgraçada... — declarou, parecendo possessa, antes de encarar meu cachorro. — Killer, bebê, eu espero que suas patas estejam limpas e que a sujeira não grude no tecido Gucci da minha saia.

Ele latiu alto e Brianna suspirou, acariciando sua cabeça, como se tivesse perdido a batalha.

— Ok, ferraram seu carro, — Coloquei as mãos na cintura — mas e seu motorista particular?

— Meu lindo pai está fazendo uso dele. Hoje não é meu dia de sorte — Revirou os olhos antes de fixá-los em mim. — Você tinha uma expressão

de merda quando abriu a porta, aconteceu algo?

Ela estava vestindo uma saia jeans de cintura baixa e uma regata branca. Em seu ombro, uma bolsinha preta pendurada, combinando com as botas, que chegavam até seus joelhos. Um sobretudo de cor clara estava pendurado em seu braço.

— Você anda como uma puta para quem sabe que está caindo o mundo lá fora — desdenhei.

Brianna jogou os ombros para trás, em um movimento elegante.

— A moda não sente frio — Ela deu uma voltinha, me olhando com um ar sexy. Eu sorri.

Assistimos Killer se afastar de Brianna e pular no sofá, se deitando com a cabeça sobre as patas. Ele bocejou, fechando os olhos. Nem parecia o mesmo de antes, rosnando, pronto para atacar quem quer que tivesse invadido sua casa.

— Voltando ao assunto e dificilmente esquecendo o quanto Killer é fofo... — Brianna olhou para mim, retirando alguns pingos de água de seus braços. — Que expressão de merda era a que você tinha antes? Parece que viu um fantasma.

Por que você não pode esquecer isso, Brianna?

— Você eleva muito minha autoestima, já te disse isso? — debochei.

— De nada, estou sempre às ordens.

— Que amiga dedicada você é — coloquei a mão no peito, a olhando com falsa admiração.

— Não fuja do assunto, vadia — ela cruzou os braços em frente ao peito.

E assim, fui descoberta.

Eu não queria contar a Brianna que tinha alguém me seguindo. Por outro lado, seria bom ter alguém para investigar comigo, pois eu sentia que essa situação estava saindo do meu controle em muitos níveis.

Kellan invadir meu apartamento, até vai. Ele era quem ele é e tinha fetiches estranhos. O problema é que eu sabia que não tinha sido ele quem bagunçou meu quarto, e eu sabia também que aquilo foi um aviso de "Eu estive aqui".

Além disso, não era normal que qualquer pessoa tivesse acesso ao meu apartamento. Eu estava, simplesmente, à mercê de qualquer pessoa.

— Ryen — o tom de Bree foi firme.

Era quase parecido ao de Kellan quando ele sabia que algo estava muito errado. Genética fodida.

A encarei, decidindo se me abria com minha única amiga ou continuava guardando tudo para mim até, enfim, explodir. E não sou só eu quem estava em perigo, Killer também. E eu o amava mais do que a mim mesma, não poderia ser tão egoísta assim.

— Alguém invadiu meu apartamento e revirou meu quarto.

Não queria mais continuar mentindo tanto. Brianna era minha amiga, eu não deveria me sentir tão sufocada por não poder contar nada a ela. Dessa vez, eu podia deixar meus muros caírem.

— Me diga que você está brincando — ela pediu, erguendo minimamente as sobrancelhas.

— Eu gostaria, mas... — Engoli em seco. — Alguém vem me seguindo desde que voltei para Miami, Brianna. E eu não faço ideia de quem seja.

Ela me encarou por alguns segundos antes de jogar seu sobretudo e sua bolsa em meu sofá, ao lado de Killer, e subir escada acima, correndo, seus saltos batendo no vidro nos degraus.

— Brianna! — eu a chamei, erguendo meu pescoço para olhá-la.

A maluca sumiu no meu quarto por alguns segundos e eu pensei em segui-la, mas ela apareceu no topo da escada instantes depois, seu semblante com um “v” no meio da testa, expressando confusão e irritação.

— O que você foi fazer lá em cima? — perguntei, apoiando minhas mãos no corrimão.

O filho da puta ainda podia estar no meu apartamento.

— Eu tinha que ver com meus próprios olhos para ter certeza de que não era uma pegadinha para algum canal de terror — Brianna falou, enquanto descia a passos rápidos. — Porra, já pensou em como isso pode ser perigoso, Ryen?

— Não precisa me dizer, ok? De início, pensei que fosse uma brincadeira de mau gosto de alguém — Cruzei meus braços. — Mas... isso tem passado dos limites.

— A pessoa faz mais do que te seguir e invadir seu apartamento?

— Ela também me enviou uma caixa, semanas atrás, com uma tarântula dentro, Brianna. E quase ninguém sabe que eu tenho medo de aranhas.

Ela enrugou a testa.

— Tem certeza de que não sabe quem está por trás disso? — ela perguntou e eu assenti. — Você irritou alguém? Fez alguma coisa errada?

Senti minha garganta engolir em seco e desviei meus olhos ao me lembrar de Callum, engasgado no próprio sangue, e de seu corpo morto caindo sobre o meu.

— Ryen, o que você fez? — ela reforçou sua pergunta quando pareceu ler em meus olhos toda a podridão que eu vinha escondendo.

— Eu fiz uma coisa horrível, Brianna — sussurrei, esfregando meu pescoço.

A vi mudar sua postura corporal para uma cautelosa, e arquear uma sobancelha.

— Horrível quanto?

— Muito. Tão horrível que ninguém pode saber — Encarei seus olhos. — Nem mesmo você.

Não sabia se era a expressão em meu rosto ou o quanto eu estava esfregando meu pescoço para me livrar da sensação do sangue de Callum em minha pele, mas ela apertou os lábios um no outro. Como se para evitar fazer mais perguntas.

Brianna pigarreou, quebrando o silêncio que irrompeu na sala.

— Você não pode mais continuar morando aqui — ela falou, indo em direção a Killer para acariciar seu pelo curto. — Essa situação não é perigosa apenas para você, mas para meu sobrinho também.

Girei meu corpo em direção a ela.

— O que está sugerindo?

— Que venha morar comigo. Tenho meu próprio apartamento, então você não precisa se preocupar em acabar trombando com meu pai.

— Está maluca? Se essa pessoa estiver me seguindo, vai encontrar seu apartamento. E isso vai acabar sendo perigoso para você também — a encarei, como se ela fosse louca.

— Prefere continuar aqui, sozinha, dormindo com medo de algum maluco estar te observando à noite?

Pensei em como Kellan estava me observando dormir na primeira vez em que o reencontrei, como bem disse Brianna, um maluco. Mas esse maluco era Kellan.

— Eu não quero te causar problemas, Brianna...

— Porra, sério. Pensei que eu fosse mais inconsequente do que você — Revirou os olhos. — Ou você vem morar comigo, ou eu venho morar

aqui com você. E garanto que a última opção é bem mais perigosa.

Bufei, negando com a cabeça.

— Você é um pé no saco, como seu primo, sabia disso? — Sorri, de leve. — Eu vou morar com você. Obrigada.

Ela me dispensou com a mão.

— Não me agradeça, é pelo Killer. Não é, meu amor? Quem é o menino da titia? — Sua voz afinou, como se ela estivesse falando com um bebê.

Abri a boca, chocada.

— Obrigada por se preocupar comigo também. Me sinto tão amada.

Brianna deu uma risada.

— Você sabe que me importo, vadia. Mais tarde, podemos ir à delegacia e então...

— Não, nada de envolver a polícia, Brianna — disparei.

Lentamente ela parou de acariciar o pelo de Killer e me encarou, com os olhos curiosos, mas ao mesmo tempo, cautelosos. Brianna parecia estar se lembrando das minhas palavras de minutos atrás. Sobre como fiz algo tão horrível que nem mesmo ela poderia saber.

E falei sério, eu iria carregar esse segredo até o túmulo se precisasse.

— Bom... — ela limpou a garganta, antes de rir de maneira nervosa. — Nada de polícia, então.

Brianna estava desconfortável? O que estava se passando na cabeça dela neste exato momento? Que eu era um monstro? Que eu não era confiável?

Ela sempre era tão transparente, por que não agora?

— Quer ajuda pra organizar seu quarto e arrumar suas malas? — perguntou, quebrando o clima tenso.

Eu assenti, enfiando minha mão no bolso do meu moletom para prender o canivete entre meus dedos. Ficaria tudo bem, se ninguém mais soubesse onde isso estava.

Como prometido, Brianna me ajudou a organizar meu quarto, e quando terminamos, coloquei em malas as minhas roupas e alguns pertences, além de tênis e coturnos. Também coloquei a jaqueta de Raphael no meio de tudo e o livro de *Hamlet*, essas eram as únicas coisas que eu não poderia esquecer de modo algum.

Logo depois, Brianna desceu para a sala com Killer e eu fiquei no quarto para tomar um banho. Eu tinha ensaio com o Kellan hoje e ainda não tinha caído a minha ficha de que ele dançaria comigo. A ideia era, no mínimo, ridícula. Ele não tinha preparo físico, e eu sabia que ele estava fazendo isso só porque não queria que mais ninguém dançasse comigo.

Kellan assustou Sam, e era verdade que ele me deixava desconfortável, mas eu estava disposta a ignorar isso para entregar uma performance perfeita. Eu era estupidamente profissional quando se tratava da dança.

Desliguei o chuveiro e me enrolei em um roupão, saindo do banheiro em seguida. Caminhei em direção ao meu closet — agora devidamente arrumado — e peguei um top e um short de lycra da Calvin Klein que comprei semana passada, além uma calcinha rosa-claro.

Quando lembrei que o filho da puta que entrou no meu quarto teve acesso às minhas coisas, fiquei furiosa. Ele fuçou em minhas roupas íntimas e eu me sentia exposta por isso. Me senti violada, mais uma vez. Porra, ele não tinha direito de fazer isso.

Bufei e vesti minha calcinha, a subindo por baixo do roupão.

— Você está atrasada.

A voz grave de Kellan ecoou pelo quarto e os pelos da minha nuca se arrepiaram com seu tom rouco. Me virei em direção a porta para encontrá-lo apoiado no batente, o corpo pendendo para a esquerda.

— Eu tive um contratempo. Sou bem pontual, na verdade — falei, engolindo em seco quando seus olhos escureceram.

Kellan sempre me encarava como se sentisse muita fome e estivesse prestes a me atacar ou coisa parecida. Parecia que a qualquer momento ele ia me encurralar na parede e me foder contra ela como um... Céus, pouco tempo com ele e eu já estava virando uma pervertida.

— Sabe, amor... — Kellan começou, dando um passo em minha direção após fechar a porta. — Uma simples mensagem dizendo “Vou me atrasar, mas serão apenas alguns minutos”, já resolve.

Revirei meus olhos e sorri, lhe dando as costas para pegar meu short.

— Eu nem sei por onde anda meu celular, Kellan. Deve estar na sala.

— Agora entendo porque você não respondeu minhas quarenta e duas mensagens ou atendeu minhas vinte e cinco ligações — atirou, e sua

voz parecia cada vez mais próxima. — Você tem que estar com o celular em mãos, amor. Não gosto de conversar sozinho.

O quê?!

— Merda, Kellan. Você parece um chicle... — As palavras morreram em minha boca quando me virei em sua direção e me deparei com ele bem na minha frente.

Seu peito estava a centímetros do meu e seu rosto inclinado em minha direção. Kellan estava vestindo um conjunto de moletom cinza, com alguns detalhes em branco, e ele parecia tão bonito como de costume. Merda, esse idiota poderia pôr um saco de lixo na cabeça que continuaria lindo.

— Um chiclete, você ia dizer? — ele arqueou uma sobrancelha.

Sorri de lado, correndo meus dedos pelos fios que lhe caíam na testa.

— Como uma esposa ciumenta.

Kellan agarrou meu pulso, fazendo minha carícia parar, e me puxou em direção a ele, meu corpo batendo contra o seu.

— De putinha, passando por “gozou, dormiu” e agora chegando a esposa ciumenta? — questionou, com a voz assustadoramente calma, começando a brincar com o cordão do meu roupão. — Sinto que você está começando a ferir meu ego, Ryen. E você já está bem ferrada, não aconselho que continue... — Sorriu, mas exalava infinitas promessas sujas.

— Pensei que já o tinha ferido há muito tempo — Mantive meu sorriso, mas ele vacilou quando Kellan desfez o nó do meu roupão com um só puxão.

O tecido se afastou, mas não o suficiente para que mostrar meus seios pequenos. Por outro lado, Kellan tinha uma bela visão da minha calcinha rosa de renda.

Ele deslizou o dedo pelo vão entre meus seios, parando em meu umbigo e subindo, com a mesma lentidão torturante.

— Onde está aquela expressão prepotente de segundos atrás? — Franziu o cenho, com um prazer sádico, enquanto afastava meu roupão e revelava um seio. — Você parecia tão inclinada a me fazer de idiota, amor.

Meus mamilos ficaram duros e arrepiados com seu escrutínio, e eu discretamente apertei minhas coxas uma contra a outra, engolindo em seco.

Kellan afastou o outro lado do roupão, revelando meus dois seios.

Ele circulou uma auréola com o indicador.

— Que fofos, estão assim por mim?

Arrepios passaram por meu corpo e seu sorriso se alargou.

— Responda — mandou, beliscando um mamilo com tanta força que soltei um choramingo baixo e senti minha calcinha ficar ensopada.

— Não, Kellan. Está vendo mais alguém aqui? Se sim, por favor, me conte.

Ele sorriu e estreitou os olhos em minha direção. Então, como castigo, ele beliscou meus dois mamilos ao mesmo tempo, e minhas pernas cederam com a surpresa. Eu teria ido ao chão com o choque que passou pelo meu corpo, se Kellan não tivesse passado o braço ao redor da minha cintura e se sentado em minha cama, me puxando para seu colo.

Meu roupão caiu um pouco pelos meus ombros e agora minhas pernas estavam ao redor das coxas de Kellan.

— Por que você insiste em infligir dor a mim, Kellan? Você assiste muito *Cinquenta Tons de Cinza*?

— Não compare o que eu faço com você com aquele filme medíocre que retrata um BDSM mais medíocre ainda — disse, se inclinando para beijar o vão entre meus seios.

Suas enormes mãos subiram por minhas coxas e pararam em minha bunda. Subindo para minhas costas vez ou outra, mas sempre terminando em minhas nádegas.

Brianna estava lá embaixo, mas esse tarado ainda ficava pensando nessas coisas.

— Você se acha bom demais para gostar do filme ou é especialista em BDSM? — Sorri, o vendo beijar os ossinhos da minha clavícula.

Ele depositou beijos de boca aberta lá, me fazendo sentir sua língua macia.

— Se fosse uma relação BDSM de verdade, a sem-sal da Anastasia não aguentaria andar no outro dia de tanto que a bunda dela estaria destruída pelos tapas. Aquele cara é uma vergonha para os dominadores.

Agarrei seu rosto, o obrigando a me encarar.

— Você fala sobre isso com muita propriedade, já esteve em uma relação BDSM?

Kellan sorriu.

— Não necessariamente, mas já estive em clubes assim — respondeu, agarrando minha cintura e me puxando ainda mais de encontro a seu pau.

— O que quer dizer com “não necessariamente”? — questionei, entre dentes.

Ele deu de ombros.

— Já transei com direito a chicote e essas merdas — Ele fez menção de voltar a beijar meus seios, mas o impedi.

— Deve ter sido incrível — fui sarcástica, tentando sair do seu colo.

Contudo, Kellan me puxou de volta para seu colo, e a força exercida por ele me fez ofegar, principalmente quando seu membro semirrígido bem debaixo de mim.

— Você fica fofa com ciúmes.

Apoiei minhas mãos em seu peito largo, tentando mantê-lo afastado.

— Eu não estou com ciúmes.

— Não minta para mim ou eu juro que faço você se arrepender — Ele ergueu os olhos ameaçadores para mim, enquanto as mãos fortes me mantiveram em seu colo.

Arqueei uma sobrancelha.

— Por quê? Vai usar o chicote em mim como fez com a outra garota? — zombei.

Merda, sim. Eu estava morrendo de ciúmes.

— Todo esse ciúme está deixando meu pau duro, amor. Você sente? — ele mordeu o lábio inferior, me pressionando para baixo. — E não precisa ter ciúmes, usar o chicote no meio da foda quase me matou de tédio.

Estreitei meus olhos em sua direção.

— Ah, então eu não posso sentir ciúmes, mas você pode, a ponto de espantar meu parceiro de dança?

Poderia estar sendo imatura aqui, mas eu queria direitos iguais.

— O filho da puta tinha más intenções quanto a você — murmurou, entre dentes.

— E você não?

— Minhas intenções e as daquele soca-fofo não podem ser comparadas — rosnou, uma de suas mãos agarrando meu pescoço. — Eu tenho as melhores más intenções com você, amor.

— Que romântico — debochei, enquanto sentia sua palma quente subir pelo meu estômago.

— Nem mais uma palavra ou eu vou bater o meu pau no fundo da sua garganta e te fazer engasgar ao redor dele — ameaçou, beliscando meu mamilo com força.

Eu gemi contra seus lábios, me sentindo excitada.

— Kellan, isso dói...

A boca de Kellan se chocou contra a minha e ele foi rápido em adentrá-la com a língua, explorando cada parte dela. Eu suspirei quando uma de suas mãos segurou a parte de trás da minha nuca, enquanto a outra maltratava meus mamilos.

Eu gemi, movimentando meu quadril bem em cima de seu pau duro. Kellan soltou minha nuca e meus seios para agarrar minha cintura, ditando o ritmo das minhas reboladas.

O tecido da calcinha fez uma fricção em meu clitóris inchado e eu pude sentir como estava encharcada. Kellan chupou a minha língua e minha entrada pulsou, reforçando a necessidade que eu tinha de ter ele dentro de mim.

Quando menos esperei, Kellan separou nossos lábios.

— Hora de irmos — ele falou, de repente, e eu senti meu mundo excitado desabando.

Atordoada, encarei seus lábios vermelhos, e então, seus olhos.

— O quê? — murmurei, quando ele se levantou comigo em seu colo e me colocou no chão.

— Temos ensaio, lembra?

Que porra era essa?

— E você vai me deixar assim?! — perguntei, indignada, apontando para o meu corpo.

— Assim como? — O filho da puta se fez de sonso.

Eu ri, ondas de ódio exalando do meu corpo. Passei uma das mãos pelo meu cabelo, o coque frouxo se desfazendo e caindo sobre meus ombros.

— Sai daqui antes que eu mate você — rosnei, entre dentes, fechando meu roupão.

Vi a sombra de um sorriso nos lábios de Kellan, mas ele continuou com uma expressão neutra e confusa. Como se não fosse o responsável pela dor latejante da excitação entre as minhas pernas.

— Isso não é jeito de falar com o seu namorado, amor.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Quando foi que você me pediu em namoro?

Ele deu um passo em minha direção e eu dei dois para trás, porque poderia matá-lo neste exato momento.

— Hum, se não gosta de títulos, tudo bem — Deu de ombros, me puxando pela garganta. — Mas você é minha. Com ou sem rótulos.

Quase gemi quando sua língua provocou o ponto de pulsação em meu pescoço. Bati meus punhos contra seu peito.

— Se não vai dar um jeito na bagunça que fez lá embaixo, suma daqui — atirei, com uma carranca, encarando seus olhos gélidos.

Devagar, Kellan subiu a mão pela minha coxa e adentrou meu roupão. Minha respiração engatou em minha garganta, presa em sua outra mão, quando ele deslizou os dedos pela minha boceta, provocando minhas dobras por cima da calcinha.

Empurrei meu quadril contra sua mão, querendo mais da sua carícia quase inexistente. A região entre as minhas pernas pulsou com seu toque, e se ele colocasse um só dedo dentro de mim, eu já poderia ter um orgasmo. Mesmo que ele não se movesse.

Kellan aproximou os lábios da minha orelha, deslizando a língua pela parte de trás dela.

— Te espero na sala — mordeu meu lóbulo antes de se afastar.

Como se tivesse jogado um balde de gelo em mim, o assisti me soltar e me dar as costas, andando em direção à porta do meu quarto.

Soltei um grunhido, me abaixando para jogar minha escova de cabelo nele. O objeto atingiu o batente da porta, bem ao lado da cabeça de Kellan, no momento em que ele a abriu. Ele se virou para me encarar.

— Nota nove e meio pela pontaria, amor — Piscou um olho para mim.

Apertei minhas mãos em punhos.

— Dá próxima vez vou acertar a porra da sua cabeça!

O idiota apenas riu rouco, antes de passar pela porta e a fechar, sem levar minha ameaça a sério. *Hijo de puta. Mil veces hijo de puta mil!*

Assim que Kellan foi embora, levando consigo o orgasmo que me foi negado, vesti meu short e meu top de lycra, e coloquei uma calça branca de moletom por cima. Fiz uma trança única, notando que meu cabelo tinha crescido um pouco.

Calcei meus tênis e peguei minha mochila, a jogando por cima do ombro logo após colocar meu canivete dentro dela. Nem fodendo eu o deixaria aqui de novo.

Segundos depois, desci e encontrei Brianna dizendo a Kellan que não o viu chegar e que ele era um idiota estranho que poderia muito bem ser

o personagem de algum filme de terror. O que, aliás, eu não negava nenhum pouco.

Trinta minutos depois que eu saí do meu apartamento com Kellan, Brianna me mandou uma foto dela com Killer, seguida da imagem de um enorme prédio; na legenda da foto havia o nome da avenida e o número do apartamento. Em seguida, ela mandou mais uma do meu cachorro, dormindo em seu sofá. Ele parecia estranhamente confortável, diga-se de passagem.

Agora, estávamos na universidade, e Kellan xingava todos os palavrões que conhecia, enquanto mantinha as pernas estiradas no chão. Ele estava tentando tocar os próprios pés, ao mesmo tempo que eu empurrava suas costas largas.

— Pare de reclamar, você quem quis se meter nisso — sorri, sádica, me sentando em suas costas e a forçando para baixo.

Kellan soltou um grunhido.

— Não sabia que você era vingativa a pondo de me dar um desvio na coluna só porque eu não te fodi.

— Não entendi, amor... — Usei o tom mais inocente que consegui.
— Quero apenas que você se saia bem.

— Você é tão dedicada e carinhosa — ele soou debochado. — Tirei a sorte grande, porra.

Eu ri, me levantando para voltar a empurrar suas costas com as mãos. Kellan tinha um e noventa e seis de altura, então com certeza aquilo estava doendo. E eu esperava que doesse mesmo.

— Não era isso o que você queria? — perguntei. — Ainda tem tempo de arranjar outro parceiro para mim.

— Só se eu morrer aqui, o que provavelmente vai acontecer... Só por cima do meu cadáver, porra.!

Como uma resposta a isso, eu inclinei meu corpo sobre suas costas mais uma vez. O vi cravar as unhas no piso da sala, os nós de seus dedos ficando brancos e gotas de suor pingando de sua testa, mas ele não cedeu. Nem uma única maldita vez.

Por fim, acabei bufando e parei de pressionar suas costas, o vendo corrigir lentamente sua postura, ficando ereto. Aos poucos, ele se levantou e se virou em minha direção, um sorrisinho vitorioso brincando em seus lábios.

— Do que está rindo? — Questionei, enquanto tirava minha calça.

O sorriso de Kellan sumiu à medida que seus olhos deslizaram pelo meu corpo.

— Você pretendia mesmo ficar assim na frente daquele cara?

Revirei meus olhos.

— Não seja um homem das cavernas, é só pele — dei de ombros, me curvando para colocar minha calça dobrada ao lado da minha mochila.

Senti Kellan logo atrás de mim e ele enfiou os dedos em meu cabelo, me forçando a deixar minha postura ereta quando o puxou. Sua mão livre circulou minha cintura, me mantendo colocada ao seu corpo.

— Kellan...

— Você realmente não sabe como é uma provocação de pau, não é? — rosnou em meu ouvido, esfregando o pau em minha bunda. — Sente como estou duro? É assim que qualquer filho da puta vai ficar se te vir nessas roupas, porque você é a coisa mais linda em que eles já puseram os olhos.

Mesmo sendo difícil, me mantive firme. Ainda estava irritada com ele.

— Vai fazer o quê? Ser tóxico e policiar minhas roupas? — provoquei, com desdém.

— Melhor, vou arrancar os olhos de cada um que te olhar como eu faço — ele ameaçou. Cada maldito centímetro do seu corpo me pertence.

Sua mão deslizou para baixo e segurou a região entre as minhas pernas. Reprimi qualquer reação porque já estava esperando por isso. Mesmo que não parecesse, eu ainda tinha alguma dignidade, então segurei seu pulso e afastei sua mão de mim.

— Temos ensaio, lembra? — me distanciei dele.

Quando olhei para ele, percebi que seus olhos estavam fixos em mim, a raiva e a indignação presentes em suas íris azuis. Ele retirou seu moletom, revelando uma regata branca, e o jogou no chão.

Andei até a caixa de som, com um movimento sutil dos meus quadris, e a liguei. A música *To Build a Home* começou a tocar e preencher a imensa sala de paredes brancas. Caminhei de volta para Kellan e parei na sua frente.

— Faça tudo o que eu disser — mandei, ficando de costas para ele e encaixando nossos corpos.

As mãos dele foram diretamente para a minha cintura.

— Mantenha as mãos longe.

Ao que parece, ele não conseguia ficar sem me tocar.

— Quero saber quando a parte legal começa — murmurou, indignado, e pude apostar que ele revirou os olhos.

Pensei melhor, caminhei de volta até a caixa de som e a desliguei, voltando ao local onde eu estava antes.

— Vamos tentar sem a música — eu disse, de costas para ele mais uma vez. — Vou colocar minha mão em sua nuca e me virar em sua direção...

Kellan ficou imóvel. Me virei de frente para ele e segurei sua mão direita.

— Você vai subir uma mão pelo meu corpo e pará-la em meu ombro, enquanto a esquerda me segura pela cintura. Vou jogar meu corpo para trás e você vai sustentar meu peso, ok? — perguntei.

— Ok — assentiu, o cenho franzido em concentração.

Era fofo, até.

— Então, você vai me puxar para cima e eu vou cair com meus braços ao redor dos seus ombros, de maneira relaxada...

— A parte boa começa aí, sim? — ele me interrompeu, antes de sorrir como um cafajeste. — Você me tocando... Isso me agrada pra caralho.

Soltei uma risada e bati em seu peito.

— Foco — tentei soar séria. — Quando eu lançar meus braços ao seu redor, você tem que andar para trás, me levando junto. Como se eu fosse uma boneca, entende? Mas meus pés têm que tocar o chão no processo.

Kellan assentiu, os olhos se estreitando vez ou outra conforme ele prestava atenção nas minhas palavras.

— Entendi.

— Ótimo, vamos fazer até essa parte, mas com a música.

Após ligar a caixa de som, voltei para o meu lugar e deixei um selinho nos lábios de Kellan.

— É só se lembrar do que eu disse — falei, lhe dando as costas.

Lancei uma das minhas mãos para trás, enquanto a música chegava à parte onde eu dava início à coreografia. Me virei na direção de Kellan e, na melhor das definições, ele parecia um pouco perdido, porém fez exatamente o que eu mandei.

Ele subiu a mão direita pelo meu corpo, enquanto a esquerda segurou minha cintura. Então eu joguei meu corpo para trás, arqueando apenas a coluna, em um gesto gracioso.

Kellan me puxou, um pouco de forte demais. Não foi o suficiente para me machucar, mas foi o bastante para fazer nossos corpos se chocarem com mais precisão que o necessário. Eu lancei meus braços ao redor do pescoço de Kellan e ele andou para trás, com os braços em minha cintura.

Não sei o que aconteceu em seguida, se foram seus pés que se atrapalharam ou ele que não lidou bem com o meu peso, mas Kellan tropeçou, indo ao chão. Eu caí por cima dele com um gritinho, seu corpo amortecendo minha queda.

— Porra! — Kellan xingou, atraindo minha atenção para si.

Analisei seu rosto, vendo como ele parecia puto. Dei uma risada, afastando alguns fios de cabelo de sua testa.

— Não é tão fácil como você pensou que fosse, não é?

— Quieta — ele mandou, apertando os dedos em minha cintura.

Meu sorriso se alargou.

— Quem diria, o grande Kellan Royal não é bom em tudo — eu brinquei, fazendo um beicinho.

Sua reação foi rápida, e ele atingiu a minha bunda com um tapa forte e certo, me arrancando um gritinho.

— Não teste a minha paciência, linda. Não resta muito dela — ameaçou, me mostrando os dentes e massageando a carne da minha bunda. — Vamos de novo.

Ele fez menção de se levantar comigo, mas o mantive no lugar.

— E se você cair de novo? Ou me deixar cair?

Kellan se virou, agora me mantendo entre ele e o chão. Separei minhas pernas para acomodá-lo entre elas, enquanto uma de suas mãos subiu e agarrou meu queixo, me fazendo encarar seus olhos.

— Te deixar cair não é uma opção, Ryen. Prefiro perder minhas duas mãos a deixar que você se machuque — Suas palavras foram direto para o meu coração e encheram meu peito com um sentimento quente.

Kellan me fazia sentir como se nada nem ninguém pudesse me ferir de novo. E eu odiava isso com a mesma intensidade que amava.



— Até quando vai continuar mentindo, Brianna? Eu sei que foi você que entregou Christian à polícia — Eric acusou, com um sorriso nos lábios e os olhos desconfiados se lançando na direção da nossa amiga.

Brianna mordeu sua fatia de pizza de frango, a postura totalmente despreocupada.

— Eu quero provas — respondeu, com simplicidade — Você as tem? Não? Que pena.

Sorri por vê-la sustentar a mentira mesmo que já soubéssemos do seu papel na prisão de Christian.

Eric pegou seu terceiro pedaço de pizza, parecendo tão indignado com a recusa de Brianna em admitir a verdade, que seu rosto estava vermelho de raiva.

Ele mexeu nos aparelhos auditivos em suas orelhas, como se para consertar algo, antes de olhar para ela.

— Por que está mentindo logo para nós que somos seus amigos? Libera essa fofoca aí!

Dei uma risada e Killer apoiou a cabeça em minhas coxas, o resto do seu corpo deitado no tapete da sala de Brianna.

— Não fui eu, ok? E mesmo que fosse, eu não admitiria em voz alta — ela falou, dando de ombros. — Vai que eu paro no *Twitter*, como a Ryen.

— Eu não teria parado no *Twitter* se não fosse por você — debochei.

Brianna jogou seu último pedaço de pizza na boca, mastigando e engolindo antes de cruzar os braços e me encarar com um ar afrontoso.

— Ah, então é dia de lavar roupa suja? — Arqueou uma sobrancelha, revirando os olhos escuros. — Come sua pizza em paz e cala a boca.

Ignorei sua ordem para que eu comesse a pizza porque se eu a colocasse na boca, iria vomitar. Não queria ganhar mais algumas calorias, muito obrigada.

Eu tinha certeza de que Kellan caiu hoje devido ao meu peso. Sem contar que ganhei alguns quilinhos a mais nas últimas semanas.

— Por que você está tão na defensiva, Brianna? — continuei a provocá-la.

— Basta admitir — Eric a pressionou, mas ela permaneceu quieta, fingindo que não estávamos falando com ela. — Inferno, que cresçam cinco espinhas monstruosas na sua cara se você não admitir! — ele esticou as mãos na direção dela, como se lançasse um feitiço.

Brianna arregalou os olhos e finalmente os fixou nele.

— Vai se foder, ok? Isso é golpe baixo! — cerrou os dentes. — Fui eu sim, mas quem liga? Ele não deveria ter se metido em uma briga que não era dele!

Eric e eu nos entreolhamos, um sorriso cúmplice tomando conta dos nossos lábios.

— Foi só por isso mesmo? — ele provocou.

Brianna soltou uma risada sarcástica e eu peguei meu celular, buscando o número de Kellan que desbloqueei dois dias atrás. As mensagens que ele enviou tinham sido exatamente essas:

Kellan

O que está fazendo agora? Não me ignore ou vou surrar sua bunda.

Você fica uma delícia de saia jeans.

Uma depravação completa.

— Claro que foi — Bree continuou a mentir. — Aliás, fiz um favor à sociedade mandando aquele marginal para a cadeia.

— Tudo o que eu ouvi foi “Prefiro o cara que eu gosto na prisão do que com a cosplayer de *Velozes e Furiosos* dos infernos!” — imitei a voz melodiosa de Brianna.

— Sério? — Eric me olhou. — E o que eu ouvi foi “Podem julgar meus métodos, mas não meus resultados”.

Sem conseguir me conter, compartilhei de sua risada histérica e bati em seu braço.

— Vão se foder vocês dois — nossa amiga disse, e ergueu os dois dedos do meio.

Mandeí um beijo para ela e digitei uma mensagem para Kellan.

Eu

Você conseguiu resolver seus assuntos?

Apoiei meu celular em minha coxa e voltei a prestar atenção na conversa de Brianna e Eric.

Kellan passou o resto da tarde sumido, mas quando me deixou em frente ao meu apartamento, avisou que tinha algumas coisas para resolver. Ele não me disse o que era, e também não é como se tivesse perguntado. No entanto, agora já eram quase nove da noite, ele deveria ter dado algum sinal, não?

— Não se sentiu culpada? — ouvi Eric perguntar.

— Por quê? Eu não tenho que me sentir culpada por mandar aquele infrator pra cadeia — Brianna jogou as tranças por cima do ombro. — Eu deveria ganhar uma medalha por ser uma boa cidadã.

Quando estava prestes a responder a isso com uma provocação, meu celular vibrou e eu o peguei, franzindo o cenho ao ler a mensagem.

Kellan ❤️

Sumo por algumas horas e você já me manda mensagem? Pare de encher a porra do meu saco por um minuto. Não tenho tempo para você agora.

Eu

Qual a porra do seu problema?

Kellan ❤️

Você é tão pegajosa que irrita, merda.

Falo com você depois, estou resolvendo algo mais importante.

Pisquei, confusa com a agressividade das palavras que Kellan dirigiu a mim. Eu não o respondi, apenas visualizei a mensagem e bloqueei a tela do meu celular, jogando o aparelho no tapete.

Talvez eu tenha feito isso com uma força exagerada, já que meus amigos ergueram os olhos na minha direção.

— Motivo? — Bree perguntou.

— Eu chuto “Ke” e você diz “llan” — Eric apontou para ela.

— Seu primo é um idiota — apertei minhas mãos em punhos.

Brianna me dispensou com a mão.

— Você dá muita importância ao Kellan quando há outros caras muito mais bonitos e legais — disse, pegando seu celular do bolso de sua saia. Ela começou a digitar. — Vou te mostrar um carinha lindo que eu sigo no *Instagram*.

— Eu não quero conhecer outros caras, Brianna. Um já está me fazendo passar bastante raiva.

Queria entender o que caralho se passou na cabeça dele para me tratar assim. Se ele estava irritado com algo, eu não tinha culpa. Eu podia até não ser cheia de amor-próprio, mas sabia que não devia deixar ninguém me tratar assim.

Nem mesmo Kellan.

— Não acredito que esse idiota fez isso... — ouvi Brianna dizer, e levei meu olhar até ela.

Seus olhos estavam fixos na tela de seu celular e Eric, que era quem estava mais próximo dela, engatinhou em sua direção. Suas sobrancelhas se ergueram em surpresa antes de seu olhar encontrar o meu.

— Por que você está me olhando assim? — perguntei, confusa.

Brianna negou com a cabeça.

— Não é importante.

— Por que vocês estão estranhos? — tornei a questionar.

Ela fez menção de negar de novo, mas Eric tomou a frente.

— Ela vai ver isso uma hora ou outra, Brianna. Mostra logo — mandou, encarando nossa amiga.

Ela me observou por alguns segundos antes de suspirar e se levantar, vindo até mim. Ela esticou o celular e eu o peguei, encarando a tela. Era o perfil do *Instagram* de Kellan.

Meus olhos foram para o sorriso tímido de Jenna, que estava envolta em uma minúscula toalha, o braço erguido enquanto tirava a selfie. Logo atrás, com os fios molhados e uma toalha ao redor da cintura, estava Kellan. Ele estava de lado e não encarava a câmera, mas ainda assim dava pra ver que era ele.

Desci meus olhos para a legenda que fez meu coração se partir em minúsculas partes, de uma maneira que pude ouvir o barulho dos cacos em meus ouvidos.

“*Sempre foi você*”. Essa era a porra da legenda da foto, e o perfil de Jenna estava marcado logo ao lado.

Algo doeu dentro do meu peito e eu senti a parte de trás dos meus olhos queimarem, anunciando as lágrimas que queriam cair. Era uma dor tão fina que o mundo parou de girar por alguns segundos, antes que eu finalmente caísse na real. Jenna era o motivo de ele ter sumido a tarde toda.

E a legenda fez parecer que antes ele estava confuso, mas agora finalmente tinha se dado conta de que sempre quis Jenna, não eu.

— Ryen, não chora... — Brianna colocou a mão em meu ombro. — Aquele idiota desceu muito baixo. Não acredito que ele fez isso!

Passei as costas das minhas mãos em minhas bochechas, percebendo só agora que eu, de fato, estava chorando. Me levantei.

— Deseje felicidades ao casal — falei, devolvendo o celular de Brianna e me virando para ir em direção ao quarto que ela me cedeu em seu

apartamento.

Eric agarrou minha mão.

— Ryen... Você não pode fingir para sempre que nada te afeta.

Sorri, puxando minha mão.

— Não vou mentir para vocês, está doendo pra caralho, mas não estou fingindo que não ligo, estou apenas aceitando. Não tem muito o que eu possa fazer, nunca tive esperanças de que ele fosse apenas meu. Fica mais fácil quando você não cria expectativas.

— Não vamos ligar se você chorar agora — ele tentou mais uma vez.

— Não chore, se vingue — Brianna aconselhou, irritada.

Engoli o bolo em minha garganta e ergui meu queixo.

— Chorar ou me vingar de Kellan exige uma energia minha que ele não merece.

— O que sugere? — Eric perguntou.

— Apagá-lo da minha vida.

Eu não tinha mais forças para chorar ou sofrer por algo. Tudo em mim estava doendo neste momento e o que menos precisava agora era bater de frente com Kellan. Ou com Jenna.

Kellan me fazia sentir como se nada e nem ninguém pudesse me ferir novamente. Exceto, ele mesmo.

41

*“Então eu te tirei de joelhos,
coloquei você de volta em seus pés.
Só para você tirar vantagem de mim”*

Halsey – Without Me

Ryen Rodríguez

Eu não deveria ter deixado Kellan invadir minhas paredes. Se eu tivesse me mantido racional, isso não teria acontecido. Não deveria doer tanto assim.

Me virei para o outro lado na cama e a primeira coisa com a qual me deparei foi Eric, dormindo com a mão na bochecha, a amassado. Virei a cabeça para olhar o outro lado e encontrei Brianna, também dormindo.

Os dois fizeram questão de dormir comigo. Devo ter parecido tão patética que lhes causei pena. E eu odiava isso.

Ou talvez eles tenham tomado essa decisão depois que — pasmem — me encontraram deitada em posição fetal, chorando. Eu não consegui mais segurar. Passei tanto tempo sem sentir nada que agora tinha medo de me reprimir e acabar voltando ao estado de apatia.

Doeu como o inferno a postagem de Kellan, doeu como não doía há muitos anos, desde a morte do Rapha. E mesmo que eu não tivesse criado expectativas, porque tudo parecia ser arrancado de mim com facilidade, a traição dele não era algo que eu esperava.

Porra, fiquei tão cega pelos meus sentimentos que esqueci por quem eu era apaixonada.

Bloqueei Kellan e apaguei seu número. Logo depois, coloquei meu celular no modo avião. Isso não era mais algo com que eu devesse me preocupar, ele nunca mais voltaria a me incomodar. Agora ele parecia... finalmente satisfeito.

Os olhos de Eric se abriram lentamente, piscando algumas vezes. Então, um sorriso se desenhou em seus lábios, enquanto ele se sentou na cama e se espreguiçou.

Eric coçou os olhos.

— Bom dia, princesa.

Quando ele afastou as mãos do rosto, pude ver alguns resquícios de lápis de olho em suas pálpebras.

— Bom dia — dei um sorriso discreto.

— Dormiu bem? — perguntou, e mesmo que não seja totalmente verdade, acenei positivamente. Ele revirou os olhos. — Ótimo, porque Brianna não me deixou dormir. Ela ronca como uma porca.

— Espero que vá parar no Inferno por mentir tanto — a voz grogue de Brianna disparou, e nós olhamos para ela, que ainda estava com os olhos fechados.

— Quanto tempo faz que já está acordada?

Ela finalmente levantou as pálpebras.

— Desde que Eric começou a falar dormindo.

Ele abriu a boca, chocado.

— O quê? Eu não faço isso! — se defendeu, indignado.

— E eu não ronco! Isso não condiz com minha profissão de modelo! — ela rebateu, se sentando na cama.

Eric riu, com desdém, cruzando os braços por cima da regata verde-claro que estava vestindo.

— Nem vou bater boca com você — disse a ela, beijando minha bochecha e se levantando da cama.

Brianna atingiu seu rosto com o próprio travesseiro e Eric o agarrou antes que caísse no chão.

— Eu que não vou bater boca com você! — atirou, também se levantando. — E eu vou fazer um café da manhã agora, quem quer?

Neguei, com um leve balançar de cabeça.

— Não estou com fome.

— Pensa que não vi que você não tocou na pizza ontem? — Ela me encarou, com uma carranca. — Não insisti para que você comesse, porque não é exatamente uma comida saudável, mas você vai se levantar da porra desta cama e comer algo decente.

Ergui minimamente minhas sobrancelhas, surpresa por ela ter notado que não comi ontem, mas ao mesmo tempo grata por ela não ter

insistido para que eu comesse.

— Eu estou mais do que disposto a esquecer o ronco de Brianna e me juntar a ela para fazer você tomar café — Eric falou e Bree mostrou dedo do meio a ele, lhe arrancando um sorriso. — A gente nem precisa ir para a universidade hoje.

Suspirei, jogando meu corpo para trás e sentindo minha cabeça afundar nos travesseiros macios. Encarei o teto.

— Ótimo, porque não quero ir.

Alguém bateu no meu pé e eu olhei para baixo, vendo Brianna parada na ponta da cama, as costas das mãos na cintura.

— Então vem comer — chamou, antes de agarrar meus tornozelos. — Não tenho amiga que chora por macho largada em uma cama.

Eu apenas sorri e não disse nada, deixando que ela e Eric me arrastassem para fora do quarto. Desci para a sala ao lado deles.

Encarei o relógio na parede de Brianna, vendo que eram exatamente nove da manhã. Estava atrasada para a universidade, mas isso não importava porque eu nem iria à aula hoje.

Não queria correr o risco de encontrar ele. De vê-los de mãos dadas ou se beijando contra os armários. Isso seria a porra de um pesadelo nojento, e acho que eu cometeria uma loucura se chegasse a presenciar uma dessas cenas.

Me sentei à mesa junto a Eric, enquanto Brianna foi cozinhar algo para nós. O que não ocorreu bem, já ela não sabia nem fritar um ovo. Eric teve que ir em seu socorro. Minutos depois, nós nos reunimos à mesa e eles me fizeram comer duas panquecas e uma torrada com ovos, acompanhada por uma deliciosa xícara de café com leite.

Uma batida forte na porta da sala chamou nossa atenção e Brianna franziu o cenho, olhando de volta para nós.

— Quem será o idiota que está quase derrubando a minha porta? — questionou, enquanto se levantava de sua cadeira.

Descalça, ela caminhou a passos moderados em direção à porta, olhando pelo olho mágico. Quando ela se virou, seus olhos estavam arregalados.

— O que foi? — Eric perguntou, antes de rir. — Parece até que é algum lunático.

— É Kellan — ela respondeu, olhando para mim. Então *era* um lunático.

Algo doeu em meu peito e eu sabia que era o meu estúpido coração machucado. Apertei minhas mãos em punhos.

— Não deixe que ele entre.

Mais do que magoada, eu estava puta. Deus, eu estava furiosa.

Mais uma batida excessivamente forte foi dada na porta e eu pude jurar que ela tremeu pela força do impacto.

— Abra a porta Brianna, eu sei que ela está aí — a voz rouca de Kellan ressoou por toda a sala, fazendo meu corpo traidor se arrepiar.

Ele parecia bravo. *Bom, foda-se.*

Brianna se virou na direção da porta e pôs as mãos na cintura, enquanto Eric e eu nos levantamos e nos aproximamos aos poucos.

— Não sei de quem você está falando — ela gritou, para que ele escutasse.

— Sério? Meteu essa? — Eric sussurrou, incrédulo.

Antes que ela pudesse dizer algo, uma risada baixa atingiu nossos ouvidos. A risada de Kellan. Parecia tão cruel e sarcástica, que fez meu sangue pulsar de raiva. Mas ao mesmo tempo, fez meu estômago revirar. Eu o odiava.

— Você já foi mais inteligente, Brianna — Kellan desdenhou, do outro lado, antes de ordenar: — Abra a porta!

— Não — disse baixinho, o contradizendo.

Minha amiga me encarou.

— Se está procurando a Ryen, veio ao lugar errado. Só o Eric está aqui!

Ela o puxou para perto, o empurrando em direção à porta. Eric a encarou, com uma carranca, e Brianna apontou para Kellan, do outro lado, fazendo mímica para que Eric ele falasse com ele.

Por fim, Eric bufou.

— Oi, Kellan — cumprimentou, a voz trêmula. — Ryen não está aqui.

— Sério? Porque as imagens das câmeras do prédio mostram que ela subiu com vocês — Kellan rebateu, sarcástico. — E depois não a vi descer. Então se ela não tiver pulado pela janela, tenho certeza de que está do outro lado desta porta, impedindo que vocês abram, porra.

Eric olhou para nós, chocado.

— Ele é *muito* bom.

— Você foi ver as câmeras, seu lunático? — Brianna questionou, incrédula. — Vaza daqui, eu não vou abrir a porta pra você!

Outra pancada forte na porta atraiu minha atenção, e Eric pulou no lugar.

— Abra a porra da porta antes que eu a arrombe e entre — o primo de Brianna mandou, com a voz calma.

Nem parecia que estava batendo na porta como um cachorro raivoso.

— Acha que vai conseguir entrar? Meu apartamento tem senha, idiota — Bree revirou os olhos.

Kellan riu mais uma vez. E o conhecendo como eu o conhecia, sabia que era de puro ódio.

De qualquer forma, que se dane, eu não o conhecia de modo algum. Não depois do que ele fez; eu já tinha a certeza de que não o conhecia nem mesmo antes disso. Fui uma tola do caralho que pensou que algo de bom poderia sair dele. De nós.

— Acha que não dou um jeito de descobrir a senha, Bree?

Cerrei meus dentes. Psicopata de merda!

— Vaza daqui, Kellan! — Brianna ralhava, batendo o punho contra a porta.

Tudo o que ela recebeu em resposta foi mais uma pancada forte.

— Merda, é como um cachorro raivoso... — Eric arregalou os olhos, lendo meus pensamentos.

— Eu quero a Ryen! — Kellan rosnou do outro lado, como uma criança birrenta que perdeu seu brinquedo.

Eu quero a Ryen. Essas palavras não deveriam ter efeito sobre mim, mas tinham. Arrepiaram todo o meu corpo e fizeram meu coração dar um salto e cair em meu estômago.

Mas para que ele me queria? Para me machucar mais uma vez? Para me ter como uma segunda opção para quando Jenna não estiver disponível? Ele queria me manter por perto para continuar maltratando meu coração como a porra do sádico que ele era?

— Faz alguma coisa, Brianna! — Eric quase implorou.

— Eu já disse que Ryen não está aqui, seu filho da puta louco. E mesmo se ela estivesse, não a deixaria falar com você! — ela vociferou, mas não com tanta firmeza quanto eu sei que ela gostaria. — Se não sair daqui, eu vou chamar a polícia!

Kellan riu de novo.

— Vai, é? Pergunta à Ryen se ela quer isso também.

O ódio inchou ainda mais em meu peito. Kellan sabia que, por algum motivo, eu estava me escondendo. Mesmo que isso estivesse arruinado desde o vídeo infeliz que Brianna divulgou. Em todo caso, ele sabia que eu não deixaria Brianna chamar a polícia.

Mirei meus olhos em sua prima.

— Tem alguma barra de ferro aqui? — perguntei a ela, que pareceu confusa.

— Embaixo da pia da minha cozinha, por quê? — ergueu uma sobrancelha em cautela.

Sem dizer nada, caminhei até o local que ela indicou e me abaixei para pegar a barra de ferro, que encontrei com facilidade. Me levantei e voltei para a sala novamente, vendo Killer descer as escadas, enquanto Kellan continuava a bater na porta.

— Deixa ele entrar — mandei.

— O quê?! — Brianna e Eric se exaltaram ao mesmo tempo.

— Deixe que esse filho da puta entre.

Como se não bastasse o que ele já tinha feito antes, Kellan bateu mais uma vez na porta. Com tanta força que Killer rosnou e latiu alto.

— Hum, deixe-me adivinhar. Killer? — Ouvi Kellan perguntar, antes de rir como um lunático. — Tudo bem, vamos fazer do jeito difícil. Se vocês não abrirem esta porta, eu vou soprar e soprar...

Me escondi atrás da porta, segurando a barra de ferro, e dei um aceno de cabeça para que Brianna a abrisse. Ela trocou um olhar com Eric, que engoliu em seco e deu um passo para trás.

Killer continuou rosnando, enquanto minha amiga suspirou e caminhou em direção à porta. Ouvi o som dela digitando a senha antes do “bip”, e então, a porta se abrindo.

— Você é um idiota, já te disseram isso? — a ouvi perguntar a Kellan.

— Onde ela está?

Não ouse perguntar por mim, idiota.

— É muita cara de pau sua vir aqui falar com ela depois do que você fez — Brianna cuspiu, irritada. — P.S. Sinto cheiro de puta.

— Não tenho tempo para falar do seu olfato iludido, Brianna — Kellan a dispensou. — Onde. Está. Ryen? — perguntou, pausadamente, e

em tom de ameaça.

Eu deveria odiar o som do meu nome em sua maldita boca.

— Ela subiu, não quer olhar para essa sua cara! — ela debochou, antes de seu tom beirar o desespero. — Kellan, você não pode subir!

Ouvi passos rápidos e pesados e espiei pela brecha da porta, vendo Kellan subir escada acima. Senti satisfação por meu plano ter dado certo e saí do meu esconderijo.

— Onde você vai? — Eric perguntou, ao me ver passar pela porta.

— Machucar onde mais dói.

Passei por alguns corredores correndo, antes de chegar o elevador. Eu o chamei rápido, olhando para trás vez ou outra, conferindo se Kellan não estava vindo atrás de mim. Quando o elevador chegou, entrei e digitei o número do andar da recepção.

Iria pegar Kellan bem em seu calcanhar de Aquiles, A ferida que eu causaria não seria interna, mas iria satisfazer o meu desejo de vingança superficialmente.

Saí do elevador quando ele chegou ao meu destino e, descalça, passei pela recepção, os olhares das pessoas em mim. Estava vestida meu short branco curto, que deixava um pedaço pequeno de minha bunda exposto, e uma regata de alcinhas, que mostrava o umbigo.

Ignorei todos que me encaravam e subi em direção ao estacionamento.

Ao chegar lá, caminhei lentamente, olhando ao redor, procurando o carro do fodido que estava lá no apartamento de Brianna. Não havia muitos carros no estacionamento nesse horário. Para a minha sorte, e o azar de Kellan.

Quando meus olhos pousaram naquela Ferrari vermelha, que eu conhecia muito bem, eu fui em direção a ela depressa, apertando meus dedos ao redor da barra de ferro. A primeira coisa que fiz, foi arranhar a pintura perfeita, o som fino repercutindo pelo estacionamento. Em seguida, bati meu ferro no vidro da janela, me afastando quando ele se estilhaçou.

Contornei o carro e fiz o mesmo com o outro vidro, mas ainda não era o suficiente, eu queria causar mais danos. Queria amenizar a dor no meu peito de alguma forma.

Subi no capô da Ferrari de Kellan e bati meu ferro no vidro da frente, mais cacos se estilhaçando por toda parte. Amassei a parte de cima, a atingindo tantas vezes que perdi a conta. O carro estava totalmente

destroçado, assim como eu fiquei ontem. E Deus sabe o que eu daria para que fosse Kellan no lugar da Ferrari.

— Que porra é essa? — Ouvi a voz de Kellan. Estridente e furiosa.

Ainda assim, eu não parei. Continuei batendo em seu carro, impiedosamente, descontando todas as minhas frustrações do dia anterior. Olhei por cima do ombro e vi Kellan vindo em minha direção, a passos lentos, mas precisos.

Qualquer pessoa nessa situação estaria correndo para me impedir, mas esse idiota, não. E eu odiava como ele conseguia manter a raiva controlada em situações como essa. Ele era bom demais para expressar o que sentia? Ou eu que era exageradamente emotiva?

Pulei do carro e joguei meu cabelo para trás, a fim de ter uma visão melhor do estrago. Ergui o queixo, minha respiração ofegante, enquanto o assisti vir em minha direção, os olhos impiedosos grudados em mim.

— Não se aproxime! — ergui a barra em sua direção.

Quando ele não parou, eu dei um passo para trás.

— Eu mandei parar, porra!

— Acha que essa sua arminha fofa vai me manter longe de você? — Kellan sorriu, as mãos apertadas em punhos.

Céus, eu já disse que eu odiava este sorriso?

Bati o ferro em sua janela, quebrando um pedaço de vidro que ainda restava. Atrás de Kellan, alguns seguranças vieram correndo, mas os ignorei quando, mais uma vez, ergui a barra em sua direção.

— Meu próximo alvo vai ser a sua cara!

O sorriso de Kellan vacilou quando os dois seguranças se aproximaram, passando por ele. Pensei em como eu iria lidar com esses brutamontes que pareciam ter duas vezes o meu tamanho.

— Vão embora — Kellan mandou, os fazendo parar no canto.

Eles viraram o corpo para olhar para Kellan.

— Mas senhor, esta mulher está vandalizando um carro dentro de uma propriedade particular — um deles disse.

— É o meu carro. Minha namorada está um pouco brava — ele respondeu, os olhos estupidamente azuis grudados em mim. — Não toquem nela, ou eu juro que irão perder suas mãos.

Cerrei meus dentes.

— Eu não sou a porra da sua namorada — rosnei, atingindo o capô do seu carro.

Agora era eu quem estava agindo como uma cadela raivosa.

Kellan inclinou a cabeça para o lado, um gesto muito sutil. Uma de suas sobrancelhas se ergueu, parecendo uma ameaça clara para que eu repetisse o que tinha acabado de dizer.

— Mulheres... — Ele mudou seu olhar para os seguranças, suspirando, enquanto negava com a cabeça. — Podem ir, eu vou cuidar dela.

Os seguranças se entreolharam e, logo atrás deles, vi Brianna e Eric vindo em nossa direção. Seus olhos se arregalaram quando eles avistaram o carro de Kellan totalmente destruído.

Os homens, que antes pareciam dispostos a me arrastar para fora do prédio, deram um último aceno para Kellan, antes de irem embora. Por que caralho todo mundo o obedecia? É porque sabiam quem ele era ou apenas porque havia toda essa energia autoritária exalando dele?

— Embora te ver toda irritada assim esteja me excitando pra caralho, preciso que você solte esse ferro.

Arqueei uma sobrancelha.

— Pensei que quisesse conversar — murmurei, com inocência, enquanto abria meus braços e fazia beicinho. — Oh, perdão. Não era a esse tipo de diálogo que você se referia?

— Vamos conversar — Ele deu um passo em minha direção.

Eu dei outro para trás.

— Eu não quero. Suma da minha vida, Kellan — ordenei, apertando meus dedos no ferro. — Não acha que já me machucou o suficiente? — Eu não escondia a mágoa em minha voz.

Aquilo doía. E eu não queria ser idiota e ingênua como antes. Não queria aceitar calada enquanto me machucavam de diversas formas.

Eu não estava sendo a força que o meu irmão me criou para ser.

— E você? Acha que eu gostei de ir até o seu apartamento ontem à noite e encontrar tudo vazio? — ele arqueou uma sobrancelha.

— Perdão, eu tinha que ter te esperado em casa? — pisquei, falsamente confusa.

Os olhos de Kellan se estreitaram, escurecendo.

— Pensei que você soubesse conversar como uma adulta, Ryen. Mas você não quer ouvir o meu lado.

— E eu pensei que você agisse como um homem — rebati, vendo ele encostar o peito na barra de ferro apontada para ele. — Não quero ouvir

o seu lado, eu sei o que vi. Sei o que todo mundo viu. Acha que palavras bonitas vão me fazer esquecer aquilo?

— Vou agir como um homem assim que te jogar em meu ombro e te levar para dentro de casa. Você já viu a porra das suas roupas? — ele rosnou, agarrando o ferro.

Abri a boca, perplexa.

— Estamos conversando sobre quão canalha e filho da puta você é, e você só consegue pensar nas roupas que estou vestindo?

— Não estou brincando, Ryen. Entre antes que eu seja preso por homicídio de primeiro grau.

— Dê ordens a Jenna, ela parece gostar da sua possessividade — dei um sorriso cínico.

Kellan travou a mandíbula.

— Eu não estou com a Jenna — ele falou, afastando a barra do próprio peito.

— Então quem está? Seu irmão gêmeo? Ah, não, espere, você tem dupla personalidade? — coloquei a mão na boca, chocada.

— Amo esse seu sarcasmo, amor. Sério — ele disse, erguendo uma sobrancelha. — Mas abaixe isso e vamos conversar.

— Não temos nada para conversar.

Eu empurrei seu peito com a barra, o mantendo longe, mas Kellan a agarrou novamente, a mantendo imóvel.

— Ryen.

Meu sangue ferveu de raiva e eu senti que poderia explodir.

— Não ouse falar meu nome com essa boca suja. E vá embora daqui, eu não quero te ver — mandei, dando um passo para trás.

— Isso não vai me manter longe de você — rosnou, entre dentes, me encarando como se eu fosse uma presa.

Apertei minha mão livre em punho.

— Some da minha vida, Kellan. Me deixe em paz. Não temos mais nada para conversar. Eu já entendi tudo, seu filho da puta sádico. Você não precisava vir aqui. Sua última brincadeira não foi o bastante?

Por que ele insistia nisso? Ficar perto dele era uma tortura pela qual eu não queria passar. Kellan queria me manipular, assim como fazia com todo mundo.

Ele me encarou, os olhos gélidos exalando algo que eu não sabia o que era, mas que fez meu coração idiota palpitar e o pé da minha barriga se

revirar. Estar frente a frente com Kellan era doloroso. Saber onde e com quem ele estava ontem à noite, doía ainda mais.

— Foi divertido? — perguntei, deixando um pouco da raiva cair. Engoli o nó na minha garganta. — Você se divertiu me fazendo de idiota, Kellan?

— Não é o que você pensa. Vai ver isso quando me deixar explicar, quando parar de enxergar só o que você quer — atirou, dando mais um passo adiante.

Eu ri, meu peito tremendo com o som. Olhei para o teto do estacionamento, piscando para afastar as lágrimas dos meus olhos.

— Não quero ter mais nada a ver com você e com a sua confusão — falei, puxando o ferro do peito dele. O meu próprio peito pesava. — Acabamos qualquer merda que tínhamos.

Dei as costas a Kellan e comecei a caminhar em direção à recepção, sentindo minha nuca formigar. Ele estava me encarando, eram os olhos dele em mim. E eu sabia que ia demorar para que eu arrancasse da minha pele toda a sincronização que o meu corpo tinha com o dele.

— Não, não acabamos — O ouvi dizer, um pouco carinhoso, até. — Quer um tempo para pensar, amor? Tudo bem, vou te dar algumas horas, para você se acalmar. Mas essa é a última vez que te deixo ir embora.

Ergui meu dedo do meio, ainda sem olhá-lo, e continuei indo em direção à Eric e Brianna, notando como a expressão perplexa que eles tinham antes, sumiu. Assim como eu, eles estavam irritados.

Eu não iria olhar para trás e encontrar seus olhos. Continuaría agindo como se não me importasse, mesmo que não fosse verdade. Afinal, nada era para sempre, nunca, e eu já sabia praticar esse truque.

Fingir não sentir até que realmente não sentisse.

42

*“Baby, eu serei seu predador esta noite.
Vou caçá-la e comê-la como se fôssemos animais, animais.
Talvez você ache que pode se esconder, eu sinto seu cheiro de longe.
Como se fôssemos animais, animais”*
Maroon 5 – Animals

Ryen Rodríguez

— Nada melhor do que uma noite com os amigos para esquecer os problemas, não acham? — Eric falou, abraçando meus ombros e os de Brianna.

Ela enrugou o nariz, olhando o parque de diversões ao seu redor, com um claro julgamento estampado em sua cara, enquanto segurava a coleira de Killer.

— Por que não poderíamos ter feito isso em uma boate? Tinha que ser aqui neste lugar cheio de criança meaquenta correndo de um lado para o outro? — ela fez careta, vendo uma menina enfiar o algodão doce na boca de uma só vez.

Eu sorri.

— Corta essa, nunca dá em coisa boa quando vamos a alguma boate — Eric revirou os olhos — Ryen é barrada pelo Kellan e você pelo Christian. E no final eu termino voltando para casa sozinho porque não sei me divertir sem alguém do meu lado.

Brianna o olhou, parando de andar subitamente. Ela pôs uma das mãos na cintura, seu macaquinho sem mangas preto grudando em seus seios. Uma jaqueta jeans curta complementava seu look junto a um par de tênis brancos.

— Mas com certeza seria mais divertido do que no parque de diversões. O que vamos fazer aqui? Andar no carrossel? — debochou.

— Ou talvez, você queira ir para a boate, só porque sabe quem vai estar trabalhando lá a essa hora — provoquei.

Eric deu uma risada.

— Acha que ela se daria ao trabalho de ficar admirando Christian vendendo pó?

Antes que eu dissesse que sim, Brianna se soltou do braço de Eric e se afastou, se virando de frente para nós. Ela cruzou os braços em frente ao peito, o queixo se erguendo.

— Eu não quero ver aquele traficante de merda — murmurou, entre dentes, enquanto Killer bocejava, sentado sobre as patas traseiras.

Me aproximei, tocando o queixo dela com o meu indicador.

— Claro, claro — acenei com a cabeça, e ela estreitou os olhos em minha direção.

— Olha aqui, vadia — apontou o dedo para mim, cerrando os dentes. — Eu só não toco em um assunto em particular, porque sei que está doendo agora. Mas se você continuar falando daquele que não deve ser mencionado, eu vou tacar sal na sua ferida.

Arqueei uma sobrancelha, minha mandíbula travando.

— Ok.

Eric soltou meus ombros para abraçar o próprio corpo, alisando os braços.

— Uh, o clima ficou gelado de repente — ele assobiou.

Continuei com meus olhos em Brianna, que me olhava, com uma sobrancelha erguida, como se estivesse me desafiando a entrar no assunto do qual ela tanto foge.

Contudo, eu não poderia julgá-la. Estava fazendo o mesmo desde ontem à noite. Fugindo dos meus problemas e tentando esquecer alguém que eu nunca deveria ter deixado voltar para a minha vida. Mas bom, passou.

— Cachorra — atirei.

— Puta — ela não deixou barato.

— Vagabunda.

— Mulher de bandido.

— Corna.

Abri minha boca, chocada.

— Você é uma péssima amiga, sério!

Briann deu de ombros e eu lancei minhas mãos para seu pescoço, o apertando. Ela fez o mesmo comigo e Eric riu, atraindo nossa atenção para ele.

— Esse clima de morte me deu vontade de ir na casa do terror. Quem topa? — ele ergueu seu celular. — Já estou até preparado para tirar fotos das caras de susto de vocês.

Brianna foi a primeira a se afastar, tirando suas mãos de cima de mim.

— Passo — dispensou, acariciando a cabeça de Killer.

— Medo, Bree? — ele provocou e eu sorri.

— Claro, eu tenho muito medo de pessoas fantasiadas — Bree murmurou, com desdém.

Senti minha nuca queimar e um calafrio subir pela minha espinha. Era a mesma sensação de quando eu sentia que estava sendo observada. Olhei ao redor, procurando quem poderia ser, em meio a tantas pessoas. Perto do carrossel, havia alguém parado, vestido com um moletom preto, com um capuz da mesma cor sobre a cabeça.

Engoli em seco e desviei meus olhos o mais discretamente possível. Durou alguns segundos até que eu lentamente voltasse a olhar para o mesmo lugar, mas agora não encontrei ninguém.

Só existiam duas alternativas para isso. A alternativa um, era pensar que eu estava tão frustrada e paranoica com tudo que estava acontecendo, que acabei imaginando coisas. A alternativa dois, era que a pessoa que vinha me seguindo estava aqui no parque de diversões, me observando de algum lugar.

Eu esperava, do fundo do meu coração, que fosse a primeira alternativa. Nesse caso, me internar seria a melhor opção.

— Está admitindo seu medo em forma de sarcasmo para que a gente pense que é brincadeira? — ouvi Eric provocar, atraindo a minha atenção de volta.

Brianna riu, debochada, jogando suas tranças para trás. Enquanto isso, eu ainda sentia minha nuca formigar. *Eu definitivamente não estava louca.*

— Quer saber? Vamos entrar na casa do terror, vou te mostrar que não tenho medo — ela nos deu as costas, indo embora junto com Killer.

Eric olhou para mim e piscou um olho, me fazendo sorrir. Nada melhor do que convencer Brianna usando seu orgulho e seu ego.

Ele passou os braços ao redor dos meus ombros e fomos em direção à fila para a casa do terror, que por sorte não estava tão cheia. Algumas pessoas se afastaram de Brianna, enquanto ela passava por elas com Killer na coleira. Ela sabia que ninguém iria barrá-los.

Nem morta eu deixaria meu cachorro sozinho no apartamento de Brianna. Não com um possível perseguidor por aí. E ao que parece, Killer ficar em casa não teria sido um problema, o filho da puta veio até aqui de qualquer forma.

Ficamos uns seis minutos na fila antes de pagarmos nossas entradas e o cara liberar nossa passagem. Ainda podia sentir olhos em minha nuca, mas mesmo que eu olhasse para os lados e procurasse, não achava nada.

Brianna deu um passo para trás quando uma mulher vestida de branco, com cabelos pretos, longos e soltos, passou pela porta aberta.

— Medo, Bree Bree? — Eric repetiu a mesma pergunta, em um tom provocativo.

Ela virou o rosto, naquele ambiente macabro e pouco iluminado, me deixando ver sua expressão irritada.

— Vai dar meia hora de rabo, caralho.

Killer latiu e tentou ir atrás de uma boneca que passou andando perto de nós, cantando uma musiquinha infantil.

Eric riu, mas parou quando um grito horripilante ressoou pelo cômodo em que estávamos. As outras pessoas que entraram na atração conosco começaram a gritar e se dispersaram pela casa, sumindo das nossas vistas.

— Fala tanto de mim, mas você está mijando nas calças — Brianna provocou Eric.

— Ah, cala a boca e anda — ele mandou, nos empurrando para a frente.

Eu sorri e nós mudamos de cômodo, passando por uma janela com o vidro quebrado. Alisei minha saia jeans, que compunha meu look junto um body branco de mangas longas com decote discreto em V. Meu cabelo estava solto e eu passei meus dedos por ele, lançando minha franja teimosa para trás.

Quando parei para arrumar minha bolsa em meu ombro, meus olhos foram até um espelho sujo e travaram numa pessoa com máscara do *Ghostface* e moletom preto, me encarando através dos inúmeros cacos de

vidro. Meu coração acelerou e eu olhei para trás, o vendo sumir por uma porta.

— Acho que não deveríamos ter vindo nesta merda... — murmurei, desgostosa, ainda encarando a porta por onde a pessoa mascarada desapareceu.

— Está com medinho? — Brianna riu, mas parecia nervosa.

— Estou com um mau pressentimento.

Senti algo estranho, e o *Ghostface* me deixou intrigada e ansiosa, mesmo que fosse apenas mais um personagem da atração.

— Já viu o lugar em que você está? — Eric riu, sarcástico, mas sua garganta engoliu em seco.

Nenhum de nós iria admitir que estava com medo, por menor que ele fosse. E Brianna parecia a mais empenhada em negar isso já que era a mais teimosa entre nós.

Nos mudamos para outro cômodo e eu gritei quando alguém passou a mão pelo meu cabelo, mas quando olhei para trás, não tinha ninguém.

— Alguém também tocou meu braço! — Eric ralhcou, olhando ao redor.

Killer latiu e rosnou, assumindo uma posição de quem estava pronto para o ataque.

— Relaxem, são só pessoas fantasi-... — Bree parou de falar quando uma figura toda de preto e sem rosto avançou em sua direção. Então, ela fez a coisa mais inesperada do mundo.

Brianna lhe deu um soco.

A figura, que pareceu ser um homem, cambaleou alguns passos para trás com a mão no nariz inexistente. Killer latiu, mas pelo menos não parecia agressivo.

— Porra! — ela xingou, agarrando a mão que usou para socar o homem.

— Merda, Brianna! — Eric xingou, querendo rir. — O cara só está trabalhando!

Brianna apoiou a mão ilesa no coração, olhando para sua vítima, com um sorriso sem graça, e eu poderia afirmar que o sangue sumiu do seu rosto bem desenhado.

O homem balançou a mão, como se dissesse “Tudo bem, acontece sempre” e nos deu as costas, indo embora. Talvez para assombrar outra pessoa, ou para pedir demissão e se aposentar, por estar cansado disso. Ele

levou a situação com tanta calma e normalidade que já parecia estar acostumado.

— Pensei que não tivesse medo — Sorri, provocando Brianna.

Ela me encarou com uma carranca, abraçando a mão contra o peito.

— Me erra — mandou, voltando a andar com Killer.

Eric riu, mas sua descontração cessou quando zumbis começaram a entrar pela porta a qual Brianna estava se direcionando. Ela parou no lugar e deu alguns passos para trás.

— Eu... Eu tenho medo de zumbis... — Eric sussurrou ao meu lado, os olhos arregalados.

Quando menos esperei, ele correu pela outra porta, e Brianna seguiu seu exemplo, puxando a barra da minha saia para que eu os seguisse. Killer tentou parar quando viu que não saí do lugar, e latiu, me chamando.

Minha respiração travou quando vi uma aranha subindo pela cara de um dos zumbis, especificamente em seu olho. Ou o que sobrou dele. Gritei e corri na direção que os meus amigos foram.

Vi Eric correr para o outro lado, e quando Brianna tentou segui-lo, uma mulher vestida de branco bloqueou sua passagem, a fazendo ir na direção contrária. Como se estivesse com o pescoço quebrado, ela o virou lentamente para mim, fixando seus olhos nos meus.

A assombração andou em minha direção e eu olhei para a porta próxima a mim, vendo os zumbis se aproximarem. Sem poder seguir meus amigos, eu corri por outro caminho.

Agarrei minha bolsa contra meu estômago, temendo que ela caísse durante minha fuga. Um homem com uma faca veio até mim e eu arregalei meus olhos, entrando na primeira sala que encontrei.

Bati a porta, a fechando de chave, e me afastei. Alguém girou a maçaneta tentando entrar, mas falhou miseravelmente. Suspirei, aliviada por, neste momento, ter ao menos um pouco de paz em meio a um ambiente caótico.

Foi o que eu pensei, até que calafrios subiram por todo o meu corpo e eu engoli em seco, olhando para trás. Parado, a alguns metros de mim, estava o mesmo cara com a máscara do *Ghostface* que me encarou pelo espelho. Ele deu um passo à frente, com uma postura e uma altura intimidantes, e fui um pouco para trás.

Ele não se mexeu mais e eu analisei suas roupas. Ao encarar o moletom preto, meu sangue gelou e meus olhos arregalaram, eu reconhecia

aquelas roupas. Ele estava vestido exatamente como o meu perseguidor.

Virei as costas e fui em direção à porta, agarrando a maçaneta. Quando estava prestes a girá-la, uma mão bateu contra a madeira velha, me fazendo pular de susto. Meu coração foi parar na boca, se recusando a bater corretamente.

Ele estava atrás de mim, e me tinha exatamente como me quis esse tempo todo. Sozinha.

Tirei meu canivete da bolsa e me virei lentamente em sua direção, erguendo meus olhos para ele.

— Quem é você? — perguntei, com a voz trêmula, apertando meu canivete com força.

O stalker estava apoiado na porta pelos cotovelos, um braço de cada lado da minha cabeça, me prendendo em sua gaiola. E não sabia se iria conseguir sair dela.

— O que você quer? — insisti, pronta para matá-lo se fosse necessário.

O perseguidor inclinou a cabeça para o lado, parecendo me estudar.

— Eu não vou perguntar de novo — falei, entre dentes, levando o canivete para o seu pescoço. — Quem. É. Você?

Ele afastou uma das mãos da porta e, com atenção, eu a vi subir pelo meu pescoço, os dedos deslizando pela minha pele em um gesto que quase não senti. Ele agarrou meu pescoço, me pressionando contra a porta.

O gesto era tão familiar que meu coração errou uma batida quando o reconheci pelo perfume.

— Kellan... — seu nome deixou meus lábios, em um sussurro ofegante.

Para ter a prova de algo que eu já sentia bem em meus ossos, levei minha mão para a parte de trás da nuca dele e arranquei a máscara, em um movimento rápido.

Um arfar me escapou, enquanto encarei fios bagunçados caindo sobre os olhos gélidos mais cruéis que já vi. E eles estavam me observando, com uma diversão sádica sem igual.

— Que coisinha curiosa e corajosa... — falou, com a voz rouca, encarando meus olhos.

Eu engoli em seco, tentando — por algum milagre — atravessar a porta com a força da minha mente. Ele estava perto demais, e para o meu próprio bem, eu precisava me afastar.

— Agora você fica calada? — Kellan riu, acariciando meu queixo com o polegar.

Seus olhos analisaram todo o meu rosto, com uma espécie de adoração, mas também havia raiva neles.

— Eu mandei você me deixar em paz, seu psicopata! — eu encontrei minha voz, afastando sua mão do meu pescoço.

Minha pele sentia falta do toque dele, mas eu a ignorei.

— E eu disse que você tinha apenas algumas horas para se acalmar — sibilou, voltando a apoiar os braços ao lado da minha cabeça. Ele sorriu. — Tique-taque, tempo encerrado, amor.

Respirei fundo, apertando a lâmina enquanto a abaixava.

— Eu não te quero mais, você consegue entender isso nessa sua mente doentia? — Toquei minha própria têmpora, empinando meu nariz. — Acabamos aqui, seja lá qual fosse a merda que tínhamos.

Kellan riu, baixo, negando com a cabeça. Sento a raiva crescer aos poucos no meu peito, irradiando por todo o meu corpo.

— Own, eu amo essa sua ingenuidade — ele se inclinou na minha direção até que seu nariz quase tocasse o meu, e então o deslizou pela minha bochecha. — Terá que me matar se quiser que isso acabe.

Kellan não tinha nenhum direito de querer me manter por perto quando já estava com outra pessoa. Eu tinha sentimentos, mesmo que os reprimisse tanto. Eu não iria me submeter a isso.

— Como quiser — respondi, erguendo o canivete na direção de seu pescoço.

Não sei se foi raiva ou uma vontade impulsiva, mas eu realmente estava com a intenção de matar Kellan. Ele notou isso rápido demais e conseguiu desviar a tempo, mas não foi veloz o bastante para me impedir de cortar sua bochecha esquerda, logo abaixo do olho.

Kellan me soltou, dando alguns passos para trás. Ele tocou o rosto, encarando os dedos sujos de sangue. Então ele ergueu a cabeça, me deixando ver o pequeno corte, de mais ou menos dois centímetros.

Arregalei levemente meus olhos quando vi os dele escurecerem de forma tenebrosa. Movi meu olhar para baixo quando a protuberância em sua calça me chamou atenção. *Ele... estava duro?*

— Parabéns, amor. Só precisa ser mais certa — Kellan falou, entre dentes, com a voz sombria, se aproximando de mim com o sangue escorrendo por sua bochecha.

Ele fez menção de me agarrar, mas em um movimento rápido, eu consegui acertar sua virilha. Kellan soltou um grunhido, caindo de joelhos diante de mim. Eu não pensei muito quando me virei para a porta e a abri.

Antes que eu sáísse do cômodo, uma enorme mão agarrou meu tornozelo e eu me virei para Kellan. chutei seu rosto com meu outro pé, o fazendo cair deitado e, por consequência, o obrigando a me soltar. *Merda*.

Não fiquei para vê-lo se recuperar ou para saber o que ele faria em seguida. Corri pela porta, ainda em tempo de ouvir a risada bizarra de Kellan. Eu nunca o vi assim, ele parecia ter perdido a sanidade. Estava agindo como um lunático desde hoje de manhã.

Ele parecia calmo, mas eu sabia que estava prestes a explodir. Ou talvez já tivesse explodido.

Continuei correndo em busca dos meus amigos, ignorando as pessoas tentando me assustar, andando pelos cômodos enquanto segurava minha bolsa e meu canivete.

— Se queria brincar de pega-pega, era só ter dito, amor! — ouvi Kellan gritar, e notei que ele estava tão, mas tão perto.

Apertei o canivete e olhei por cima do meu ombro, não encontrando ninguém além das atrações da casa. Mas de repente, Kellan apareceu no fim do corredor, andando calmamente em minha direção. Ele era como um verdadeiro demônio que conseguia se teletransportar.

Desesperada, agilizei meus passos, sentindo meu coração querer sair pela boca. Era como se eu fosse a personagem de um filme de terror e Kellan, o *Ghostface*, estivesse tentando me matar, me perseguindo. Ele vinha sem pressa porque sabia que, ao final disso, iria me comer viva.

Entrei em um cômodo vazio e tranquei a porta.

— Amor... — cantarolou, batendo na porta. Ele riu, parecia estar se divertindo. — Me deixe entrar, sim? Você não quer que eu assope e derrube.

— Vai se foder, seu doente! — rosnei, correndo em direção à outra porta, que me daria acesso à saída.

Ouvi um baque, mas ignorei.

— Aposto que você está molhada agora... — Kellan falou, me fazendo parar com a mão na maçaneta. — Você está excitada com toda essa perseguição? Sua boceta está pingando por mim, amor?

Esfreguei minhas coxas uma na outra, me negando a aceitar aquela sensação. Me recusando a acreditar que eu estava gostando daquilo. Mas

não, eu abominava o que ele estava fazendo agora. Porque admitir que sua perseguição me excitava, também era admitir que compartilhávamos da mesma doença.

Ignorei quão afetada fiquei e abri a porta, correndo para o outro cômodo. Precisava sair dali, encontrar meus amigos e dar o fora daquela maldita casa.

Passei pela porta quando agarraram meu cabelo por trás e me puxaram de volta para dentro, me arrancando um grito. Tentei golpear Kellan mais uma vez, porém ele agarrou meu braço e o prendeu atrás das minhas costas, me virando de frente para ele.

Sem me dar por vencida, tentei dar mais uma joelhada em sua virilha, mas Kellan bloqueou o movimento com a mão que estava em meu cabelo. Ele me lançou contra a parede, arrancando um arfar dos meus lábios.

— Me solta! — mandei, tentando puxar meu braço de seu aperto.

Kellan ergueu o rosto para mim e minha respiração ficou entalada na minha garganta quando vi o corte que fiz em sua bochecha, e o curto filete de sangue que escapou do seu nariz, consequência do meu chute.

— Cada vez que você usa esse canivete em mim, eu fico mais duro — ele sorriu, lambendo seus lábios, enquanto encarava os meus.

Sim, eu podia sentir a protuberância roçando minha barriga.

— É porque você é maluco — disparei com desdém, erguendo meu queixo em afronta.

Os fios do cabelo dele cobriram seus olhos e seu cheiro me deixou atordoada. Esse idiota não precisava ser tão bonito.

— Sim, por cada detalhe seu — declarou, entre dentes, voltando a agarrar meu cabelo com uma das mãos. — Mas porra, eu quero te matar agora.

Ele agarrou minha garganta com a mão livre.

Fiquei na ponta dos pés quando seu aperto se tornou quase insuportável, e então senti minha boceta latejar. *Traidora*.

— Me chama de doente, mas está esfregando as coxas como uma putinha masoquista só porque está sendo enforcada.

— Sabia que você era doente, mas não a ponto de delirar — provoquei, com um sorriso.

Ele grunhiu, e se vermelho fosse a cor de um olhar, seria a do olhar de Kellan. Ele irradiava ódio, e eu sentia isso em seu toque e na maneira

como ele me encarava.

— Eu amo o seu deboche, mas estou muito bravo com você para achar graça. Você machucou o meu pau, mas tenho certeza de que não foi porque você quis, não é, amor? — perguntou, com uma entonação carinhosa.

Foi inevitável não sentir minhas pernas bambas quando ele me chamou de “amor”. Porém isso também me enfureceu.

— Sinto muito, da próxima vou garantir que seus herdeiros não nasçam!

Tentei me soltar mais uma vez, mas parecia impossível.

— Da próxima, eles estarão crescendo em sua barriga — Kellan sorriu, prepotente, soltando meu cabelo e deslizando o polegar pelo pulso em meu pescoço.

— Eu tomo anticoncepcional, idiota!

Ele ergueu uma sobrancelha e pensou por alguns segundos antes de assentir com a cabeça.

— Tudo bem, você pode se desculpar pela sua infeliz ação me fazendo um carinho... — Beijou meu queixo. — Você vai se ajoelhar e me chupar, Ryen. Vai envolver seus lindos lábios ao redor do meu pau e me engolir como uma boa pirralha.

Ignorei o formigamento entre as minhas pernas e encarei seu rosto.

— Eu não sou uma pirralha — Cerrei os dentes.

— Você tem se comportado como uma desde ontem.

Minhas narinas dilataram.

— Foda-se, eu não vou chupar seu pau. Eu sei muito bem onde ele esteve!

A risada de Kellan era grave e cruel.

— Em você, porra. Ele esteve apenas dentro dessa sua boceta teimosa desde que você voltou — Ele soltou meu pescoço, batendo a mão na porta, bem ao lado da minha cabeça.

Apertei minhas mãos em punhos, percebendo como seu corpo cobria totalmente o meu, formando uma barreira contra o mundo ou uma gaiola. Eu não sabia dizer.

— Para de mentir, Kellan! — Empurrei seu peito com minha mão livre antes de engolir em seco. — Não restou mais nada em mim para você quebrar!

Kellan se inclinou ainda mais em minha direção, fazendo nossos narizes se tocarem.

— É aí que você se engana pra caralho. Você é minha, não importa em quantos pedaços esteja. E você não me empurra da sua vida quando bem entender.

Meus olhos queimaram pelas lágrimas que queriam cair, mas eu as segurei.

— Somos tóxicos, você não vê?

A mão de Kellan subiu para o meu pescoço e colocou os dedos ao redor da minha garganta, me pressionando contra parede fria.

Deus, eu reagia tão bem ao toque dele. Era tão bom ter suas mãos em mim. Mas ao mesmo tempo, tudo aquilo doía.

— Tóxicos ou não, você é minha — Kellan declarou, lentamente, os lábios roçando os meus. — Fuja de mim ou me ignore o quanto quiser. Ao final do dia, eu vou te arrastar de volta para o meu lado, o lugar ao qual você sabe que pertence, mesmo que negue tanto. Você pode correr de mim, Ryen, mas nunca vai conseguir me arrancar da sua pele, principalmente depois do que vou fazer com você agora — grunhiu, sua outra mão puxando meu cabelo para trás e expondo meu pescoço.

Um gemido sai do fundo da minha garganta quando ele a mordeu, enviando choques por todo o meu corpo. Agora, com minhas duas mãos livres, eu agarrei seus ombros, procurando algum tipo de apoio quando senti minhas pernas fraquejarem.

— Eu odeio você... — sussurrei, enquanto ele depositava beijos nada carinhosos do meu pescoço para o meu queixo.

Minha bolsa deslizou do meu ombro e caiu aos meus pés, combinando com a minha dignidade.

— Continue mentindo para si mesma, amor. Talvez isso se torne verdade em algum momento — zombou, antes de tomar meus lábios em um beijo avassalador.

Sua língua logo invadiu minha boca, a explorando, sem calma ou gentileza. Ele chupou e mordeu meus lábios, me marcando como se eu fosse sua propriedade, para que eu não me esquecesse de como ele me teve novamente, mesmo após destruir meu coração.

Kellan se afastou um pouco.

— Se ajoelha — ordenou, me fazendo pulsar.

— Eu vou te odiar ainda mais ao final de tudo isso, Kellan...

Ele mordiscou meu lábio.

— Minta com a boca no meu pau, Ryen.

Ele apertou meu couro cabeludo e eu gemi, caindo de joelhos diante de seu corpo. Olhando de baixo, ele ficava ainda maior. Era como um gigante que poderia me esmagar a qualquer momento.

Kellan soltou meu cabelo e levou as próprias mãos para o zíper de sua calça, o descendo e abrindo o botão em seguida. Ele enfiou a mão dentro de sua cueca e puxou seu pau para fora. O membro ficou diante dos meus lábios e eu suspirei, o vendo mais duro do que nunca.

A cabeça estava bem vermelha e as veias salientes em torno dele. O pré-sêmen vazou, deslizando por toda a extensão do pau.

Kellan o agarrou pela base e deu batidinhas em minha bochecha.

— Chupa.

O olhando, em desafio, acomodei a cabeça grossa de seu pau em meus lábios, a chupando. O gosto salgado do gozo explodiu em meu paladar e eu descí ainda mais, colocando quase a metade em minha boca.

Vi Kellan jogar a cabeça para trás e gemer, ainda me encarando de cima. Estreitei meus olhos em sua direção no instante em que mordi seu pau com força. Ele xingou, agarrando meus fios para que eu o soltasse e me afastasse.

— Se você soubesse o quanto isso me excita... — Sorriu, deslizando a cabeça de seu pau por meus lábios.

Mas que...

— Vá se fo-... — parei de falar quando Kellan enfiou o pau em minha boca, batendo no fundo da minha garganta.

Eu engasguei, fechando meus olhos com força, enquanto apoiava minhas mãos em suas coxas e cravava minhas unhas no jeans de sua calça.

O reflexo de vômito deu as caras, mas o controlei a tempo, no exato segundo em que Kellan se arrastou para fora e voltou com tudo. Lágrimas piscaram em meus olhos pela falta de ar, mas me vi relaxando a mandíbula e gemendo em torno do seu pau. Minhas coxas se apertaram e tentei acompanhar o ritmo de Kellan.

— Você gosta quando eu comando, não é? — provocou, atraindo minha atenção para si.

O encarei, em meio às lágrimas turvas, fechando minimamente meus olhos quando ele se demorou em minha garganta. Pude sentir o peso

da sua enorme extensão em minha língua, as veias friccionando nela deliciosamente.

— Você acha que eu me esqueci do vídeo, Ryen? — ele disse e eu arregalei meus olhos, os fechando quando ele deu um impulso forte em minha garganta. — Achou que só porque fui bonzinho e não toquei mais no assunto, eu não me lembrava? — *Impulso*.

Lágrimas escorreram por minhas bochechas e a saliva por meu queixo. Uma bagunça estava se formando na região entre as minhas pernas e meu gemido se mesclou ao de Kellan. Rouco, grave e sensual.

— Porra, você nasceu para engasgar no meu pau — flexionou os quadris em um vaivém na minha boca.

Senti seu pau ficar ainda mais duro — o que eu nem pensei que fosse possível —, e quando menos esperei, ele se retirou da minha boca, deixando seu pau ligado aos meus lábios por um único fio de saliva.

Ele não me deixou raciocinar quando, com a mão no meu cabelo, me puxou para cima. Kellan me virou de costas e pressionou minha bochecha na parede fria. Senti seu pau entre as minhas coxas. Ele ergueu minha saia e, em seguida, eu senti um puxão e ouvi o barulho de tecido rasgando. *Minha calcinha*.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Kellan não me respondeu, ele apenas se enfiou dentro de mim, em gesto rápido, e eu arregalei meus olhos com a intrusão repentina, minha cabeça se lançando para trás e um grito escapando dos meus lábios dormentes.

Minha cabeça grudou no ombro de Kellan, e eu senti sua respiração quente bater contra o meu pescoço quando ele acomodou todo o seu pau dentro de mim. Cada maldito centímetro que eu faria questão de cortar assim que todo o meu tesão estúpido e inconveniente passasse.

— Vou te lembrar quão bom é ser minha, Ryen — prometeu em meu ouvido, mordiscando o lóbulo. — Te fazer entender que não adianta se esconder quando não consegue ficar longe de mim.

Minha boca se abriu em um gemido mudo e eu espalmei minhas mãos na parede, com o canivete na direita. Esqueci totalmente que o meu objetivo era acertar Kellan. Machucá-lo. Agora, olha eu aqui, em seus braços, mais uma vez.

— Eu te odeio... com todas as minhas forças — Apertei meus olhos, negando com a cabeça. — Eu não te quero mais, Kellan. Vou deixar

que outro homem... outro homem entre na minha vida. — Mordi meu lábio com força quando ele atingiu minha nádega com um tapa forte.

Sua virilha se chocou contra minha bunda, fazendo o som repercutir por toda a sala. Alguém poderia entrar aqui e nos pegar assim. Poderiam escutar o som de nossos corpos se chocando com tanta força, como se quisessem se fundir.

Kellan apertou minha garganta, puxando minha cabeça para trás e cortando o meu ar.

— Não tem uma parte sua que não me pertença, do fio do seu cabelo até a unha do seu pé — rosnou, entre dentes. *Impulso*. — Eu prefiro te ver morta a te ver com outro homem, amor. Mas eu garanto que eu o mataria primeiro por tocar no que me pertence — *Impulso*. — Hum, sua boceta está me estrangulando. Você gosta de ser enforcada, não é?

Um gemido esganiçado escapou dos meus lábios, enquanto revirei os olhos e Kellan aliviou o aperto em meu pescoço, deixando que eu voltasse a respirar antes que eu desmaiasse.

Reprimi mais um gemido, olhando por cima do ombro.

— Pobre Kellan. Achando que me tem só para ele — sibilei, com falsa pena. — Eu tinha um amigo no México, e ele me fodia bem do jeito que você está fazendo agora. Acho que o Santiago era até melhor.

Kellan voltou a apertar meu pescoço, e eu raspei minhas unhas na parede, tentando me agarrar a algo quando minhas pernas fraquejaram. Após esse momento, eu consegui me recompor, mesmo que com dificuldade.

— Quantas vezes? — exigiu, com os dentes cerrados.

Eu abri e fechei a boca, tentando falar, mas não consegui. Era impossível fazer isso enquanto ele me enforcava e meus olhos se reviravam, tamanho era o prazer que eu estava sentindo. Kellan me fodeu como um animal, entrando e saindo, girando os quadris e retirando até a cabeça, para em seguida voltar com tudo.

— Ah, não consegue falar?

Algumas lágrimas desceram por minhas bochechas e eu neguei com a cabeça, muda. Kellan suavizou seu aperto em meu pescoço e foi quando, finalmente, pude respirar de novo.

— *Hijo...* — soluzei, em meio às lágrimas de prazer. — *Hijo de puta...*

A risada cruel de Kellan se aproximou do meu ouvido, e eu não soube o que dizer quando senti seus dedos acariciarem minhas nádegas e pararem em seu alvo da vez. Minha entrada traseira.

Eu arregalei meus olhos.

— Kellan...

— O desgraçado esteve aqui? — Circulou um indicador em minha entrada.

— Está louco? — perguntei, sôfrega.

Kellan colocou a pontinha do dedo dentro de mim e eu soltei um suspiro trêmulo.

— Me responda, Ryen.

Neguei com a cabeça, me permitindo respirar quando ele retirou o dedo.

— Boa menina — parabenizou, rolando seus quadris.

Joguei os meus para trás, tentando, de alguma maneira, alcançar meu orgasmo. Algo cresceu no pé da minha barriga, mas nada aconteceu. O que Kellan estava me dando não era o suficiente. Eu nem deveria querer isso, mas queria. Com todas as minhas forças e com cada batida do meu coração.

— Você confia em mim, não é, amor? — Senti seus dedos acariciando a minha entrada apertada.

— Não... — eu neguei, o desafiando.

Era irrelevante que todo o meu corpo ansiasse pelo dele ou que ele soubesse exatamente como me tocar, era apenas sexo. Ao final de tudo isso, ele voltaria para Jenna e eu me sentiria usada.

O quadril se Kellan desacelerou aos poucos, tornando a sensação agonizante, enquanto ele ia e vinha, sem pressa.

— Não pare!

Kellan trouxe minha cabeça um pouco mais para trás. Minha coluna estava levemente arqueada, deixando minha bunda empinada. O modo como ele usava e abusava da minha flexibilidade era impressionante.

— Você diz coisas que não quer dizer, amor. Mas vou repetir a pergunta — Agarrou meu queixo. — Você confia em mim?

Pressionei meus lábios um no outro, mantendo minha boca fechada. Porém, isso foi por água abaixo quando ele parou de se mover, fazendo meus olhos encherem de lágrimas, lamentando pelo orgasmo perdido.

— Sim, eu confio, seu enorme filho da puta! — menti, antes de um soluço irromper da minha garganta.

Kellan riu e puxou meu lábio para si. Fiquei inquieta quando ele voltou a provocar a entrada apertada entre as minhas nádegas, me deixando em alerta. Mordi meu lábio e abri a boca para dizer algo, quando ele grudou os lábios aos meus.

— Shh... — sussurrou. — Pouco a pouco vou reivindicar cada um dos seus buracos — disse, enfiando o indicador *naquela* entrada.

Seus quadris voltaram a rolar e empurrar seu pau para dentro de mim, enquanto seu dedo continuava a penetrar minha entrada traseira, me fazendo sentir algo estranho e nada comum.

Ele foi e veio lentamente, contradizendo o ritmo enfurecido de seus quadris. Minha cabeça inclinou para trás quando o senti colocar mais um dedo na entrada da qual ele nem deveria ter se aproximado.

— Sua bunda vai receber meu pau tão bem, amor.

Eu ri, o mais debochada que consegui e em meio ao prazer.

— Vai sonhando...

Kellan adicionou um terceiro dedo e eu senti arder levemente, fazendo meus lábios se separarem em um grito mudo.

Era estranho demais. Eu me sentia cheia do pau de Kellan e de seus dedos. Nunca pensei que deixaria alguém provocar minha bunda como ele estava fazendo agora.

Kellan retirou o pau até a cabeça e em seguida voltou com tudo, de maneira inesperada, enquanto seus dedos se curvaram dentro da minha bunda, me causando infinitas sensações. Eu não iria suportar por muito tempo.

— Por que não está falando como fez no vídeo? Grite aos quatro ventos que sou impotente. Grite que eu gozo e durmo, quando é você que mal consegue se sustentar em pé de tanto que suas pernas estão tremendo agora — seus dedos penetram minha entrada traseira com mais força.

Eu choraminguei, sussurrando coisas desconexas que nem mesmo eu consegui decifrar. Kellan se retirou de dentro de mim de maneira repentina, levando seus dedos junto e me fazendo sentir vazia.

— O quê? Não... — resmunguei, enquanto ele me virava de frente para ele.

Kellan agarrou a gola do meu body, rasgando-o. Eu gritei, surpresa, quando meus seios saltaram livres do sutiã embutido e o frio fez meus

mamilos se arrepiarem. Kellan estava agindo como uma besta e, mesmo que eu negasse, eu estava ansiando para ser devorada por ele.

Não existia mais espaço para meu orgulho quando ele estava me fodendo. Quando ele sabia como me tocar.

As mãos de Kellan envolveram minhas coxas por trás e, de repente, ele me ergueu, me obrigando a prender minhas pernas ao redor de sua cintura.

Agora, encarando seu rosto, podia ver outra vez o corte em sua bochecha e um pouco de sangue em seu nariz. Tornei a colocar meu canivete em seu pescoço, o fazendo erguer minimamente seu queixo.

— Espero que esteja doendo pra caralho — Sorri de lado.

Kellan compartilhou do meu sorriso, lambendo meus lábios, enquanto eu sentia a cabeça grossa de seu pau se acomodar em minha entrada. Provocando-a. Me fazendo antecipar.

— Eu amo a sua violência, meu amor... — Sua língua deslizou pelo meu pescoço, indo em direção aos meus seios. — Mas se comporte, ou não terá isso — ele avisou, e então esfregou o pau em minhas dobras, com um sorrisinho safado.

Rolei meus quadris para fazê-lo entrar, mas ele se afastou, fazendo minha entrada doer de tanta necessidade. Tranquei minha mandíbula, pressionando a lâmina em sua garganta.

— Eu não vou participar dos seus joguinhos!

A cabeça grossa bateu em minhas dobras, o som repercutindo pela casa. O gesto foi tão devasso que senti minhas bochechas pegarem fogo. Kellan não conhecia limites.

O prazer cresceu em minha barriga, me deixando agoniada.

— Implore, porra — ordenou.

Sorri, de leve, afastando o canivete de seu pescoço e agarrando sua nuca enquanto me inclinava em sua direção. Meus lábios roçaram os dele quando passei um dos meus braços por seus ombros, os abraçando.

— Por favor, me foda. Me possua... — choraminguei, puxando seu lábio para mim. — Santiago...

Kellan ficou tenso e eu procurei seus olhos quando me afastei dele. Estavam frios e vazios, e seu aperto em minha garganta se tornou sufocante. Ele queria me matar, via isso em seu olhar.

Gritei alto quando, de uma vez, Kellan se enfiou dentro de mim, sem um pinga de gentileza e no mesmo instante em que mordeu um dos

meus mamilos com força. Eu deveria estar enojada com toda essa violência sendo usada contra mim, mas na verdade eu parecia, cada vez mais, prestes a explodir.

Eu odiava isso. Eu amava isso.

— Não fale a porra do nome de outro homem enquanto estiver com meu pau enfiado em você — um rosnado gutural escapou de sua garganta. Ele agarrou meu queixo, enquanto sua outra mão apertou minha nádega, me puxando de encontro ao seu corpo. — Eu te pergunto, Ryen. Como foi fingir que eles eram eu?

Meus olhos rolaram para trás quando ele chupou meu mamilo com sua boca quente, a língua macia me acariciando. Ele chupou e mordeu com força, me marcando de inúmeras maneiras.

Sua mão estava tão violentamente agarrada à carne da minha bunda, que iria deixar marcas. E Deus, sou tão doente, porque eu quero que deixe.

— Devagar... — implorei, quando sua virilha se chocou contra as minhas nádegas, com força o bastante para fazer minhas costas deslizarem pela parede gelada.

Meu orgasmo, o calor no pé da minha barriga, cresceu mais e mais. E era tão bom e ao mesmo tempo agonizante, que eu não sabia se chorava ou se gemia. Talvez os dois, porque eu continuava a dizer coisas desconexas e as lágrimas continuavam a rolar.

Kellan se afastou dos meus seios para lamber minhas lágrimas.

— Você fica tão linda chorando por mim — ele gemeu, beijando meus lábios.

Minhas unhas deslizaram pelas costas de Kellan, o fazendo arqueá-las, enquanto puxava o ar por entre os dentes brancos e retos.

— Me prometa que vai ser a última vez que você me toca — pedi, encarando seu rosto.

— Não posso fazer isso porque vamos passar o resto de nossas vidas juntos — Me observou, com devoção.

Cravei minhas unhas em suas costas com mais força.

— Eu não... não vou ser sua segunda opção...

Kellan agarrou meu queixo com mais firmeza, trazendo meu rosto para perto do dele. Senti minha boceta apertar ao redor de seu pau. Eu estava tão, mas tão perto.

— Eu não poste aquela foto e não estou com Jenna — ele esbravejou, me penetrando com mais determinação.

Um soluço quebrado irrompeu em meu peito e foi a minha vez de agarrar seu pescoço, prendendo minhas unhas em sua pele.

— Você mente, como todo homem. Invento uma desculpa para não ter que arcar com as consequências das próprias atitudes. Você só me machuca. É tóxico e um doente. Não é diferente dos outros.

Kellan agarrou minha mão e a prendeu na parede, ao lado da minha cabeça, arrancando minha respiração com cada movimento único e certo de seu quadril. Espasmos atravessaram meu corpo, me deixando em alerta para o que se aproximava.

— Só existe você na minha vida, e eu não pretendo, tão cedo, te arrancar da minha pele — Seu rosto desceu e ele afundou os dentes em meu pescoço.

Gritei quando o orgasmo explodiu, tomando conta de todo o meu corpo e nublando todos os meus sentidos. Não ouvi nada além de um zumbido fino e não vi nada que não fossem as estrelas piscando em meu campo de visão.

Continuei a cair em um penhasco íngreme, que parecia nunca ter fim, e se tivesse, seria Kellan me esperando lá embaixo. Pronto para me perseguir e atormentar, porque ele nunca me deixaria em paz. Ele nunca teria o suficiente.

— É tão doce a forma como você mente que não me quer, mas seu corpo chama por mim — ele gemeu, rouco, empurrando. — Sim, amor. Sufoque meu pau, você me leva tão bem.

De repente, ele se retirou de dentro de mim e eu teria ido ao chão se ele não tivesse me segurando de lado, contra a parede fria. Ele ergueu uma de minhas pernas e se aproveitou da minha flexibilidade para colocá-la em seu ombro, me deixando totalmente exposta.

— Porra... — Kellan gemeu e eu o encarei, por baixo dos cílios, encontrando seu olhar cheio de tanta devoção, que me deixou tonta. Ele me invadiu. — Uma bagunça tão linda. E tão minha.

Choraminguei quando minha boceta, sensível do orgasmo, se contraiu à sua volta, em torno daquele pau que parecia querer me rasgar ao meio. Ele me fodia com tanta força, que engasguei, e não sabia onde ele começava e eu terminava.

— Pare... não aguento mais — implorei, assustada com o desejo que voltou a subir por meu estômago.

Meu corpo estava virado de lado e uma das mãos de Kellan estava perto da minha cabeça, enquanto a outra me segurava pela coxa, me puxando de encontro ao seu corpo. Essa posição me permitia sentir o pau de Kellan de um ângulo diferente.

Parecia mais profundo. E ele era insaciável.

— Eu...eu vou gozar de novo!

— Estou destruindo seu corpo? Você sente que pode desmaiar a qualquer momento? Sente que está difícil de respirar? — ele perguntou, de maneira e atordoada. Concordei. — Bom, porque foi assim que me senti quando você me afastou.

Agarrei seu antebraço ao lado da minha cabeça, tentando descontar a sensação torturante que se instalou em meu peito, passou pelo meu estômago e se alojou na região entre as minhas pernas.

Meus seios saltavam com cada impulso de Kellan e eu joguei minha cabeça para trás quando ele voltou a fazer o mesmo movimento impiedoso de deixar só a cabeça, e em seguida, voltar com tudo.

— Gema meu nome — Kellan mandou, a voz grave e necessitada.

Apertei meus lábios, o encarando por baixo dos cílios, com um claro desafio. Isso não iria acontecer, porra.

— Quem te fode, Ryen? — perguntou. entre dentes, e sorriu.

— Santiago... Ahh...

Gritei quando um tapa mais forte atingiu minhas nádegas e gozei mais uma vez, o mesmo zumbido alto atingindo meus ouvidos e o mundo ao meu redor, sumindo por breves segundos.

Eu tremi violentamente, parecia que meu corpo estava sendo exorcizado. Se fosse, seria de Kellan. De como ele nublou minha mente e profanou meu corpo, como o demônio que ele era. Não tinha nada de santo nele. Nada de bom.

— Eu vou encontrar esse filho da puta e matá-lo, Ryen. Você chama o nome dele, mas é o meu pau que entra e sai de você.

Seus quadris não pararam e minha respiração acelerou.

— E-Eu vou... vou desmaiar.

Kellan me ignorou, seus quadris se acelerando e seus impulsos se tornando mais animais. Eu chorei, negando com a cabeça, enquanto espalmei a mão em seu peito largo, por cima do moletom.

— Mesmo que negue, seu corpo é meu, assim como o seu coração. E mais ninguém pode tê-los, amor.

Quando pensei que ele iria continuar, todo o seu corpo ficou rígido e ele parou abruptamente, se derramando dentro de mim. Jatos quentes me preencheram e foi impossível não gemer e choramingar com a sensação.

Kellan gemeu de maneira gutural, arrepiando os pelos do meu corpo, enquanto seus dedos se afundaram na carne da minha coxa. Ele ainda deu curtas estocadas antes de seu quadril finalmente se acalmar e ele se inclinar em minha direção, cobrindo meu corpo com o dele.

Ele acariciou minha coxa e eu funguei baixinho. Ele agarrou meu queixo com ternura.

— Você tem até a meia-noite de amanhã para deixar de agir como uma mimadinha e voltar a acreditar em mim — declarou, me dando um selinho. — Acredite em minhas palavras quando eu digo que não estou com Jenna e nem mesmo poste a merda daquela foto.

Ignorei seu pau, que ainda estava dentro de mim, e ergui meu queixo. *Amanhã é aniversário do meu irmão, será que ele se lembrava disso?*

— Vai me dizer que roubaram seu celular? — Sorri, sarcástica.

— Meu celular está comigo — falou, afastando de sua testa os fios molhados de suor. Ele abaixou minha perna aos poucos. — Eu fui hackeado, e já estou investigando isso.

Neguei com a cabeça, tentando empurrar seu peito.

— Mesmo que seja verdade, não quero essa dor de cabeça para mim, Kellan... — disse, olhando em seus olhos. — Não quero mais ter que lidar com isso. Nós fazemos mal um ao outro. Vamos pôr um fim nisso antes que nos machuquemos mais.

Kellan saiu de dentro de mim e me largou.

Minhas pernas cederam e eu fui ao chão, ficando de joelhos. Antes que eu pudesse cobrir meus seios, algo foi depositado em meus ombros e eu olhei para trás, vendo o moletom dele. Ergui meus olhos, o encontrando com uma regata branca.

Ele se abaixou, para ficar do meu tamanho, e reforçou seu aperto em meu queixo, o inclinando em sua direção. Ele analisou meu rosto com algo que fez meu peito afundar e meu coração traidor errar uma batida. Eu me sentia tão bem, mas não deveria. Nos braços dele era onde eu me sentia sufocada, mas também tão, tão segura.

Eu era doente por gostar disso, era quase como uma droga.

Kellan mordeu meu lábio inferior, o puxando para si.

— Não existe um fim para nós, Ryen. E se houver, é a morte. Você é minha até que meu estúpido coração pare de bater ou até que eu segure seu corpo sem vida em meus braços. Mas acredite, amor, você me pertencerá mesmo se nosso destino for o Inferno.

Ele era um animal. E eu, sua presa, a qual ele não vai permitir que escape.



*“Você é tão maldosa, eu não gosto de você.
Foda-se de qualquer maneira.
Você me faz querer gritar até acabar com meus pulmões.
Isso dói, mas não vou te impedir.
Você é uma idiota de qualquer maneira.
Você me faz querer morrer”*
The Neighbourhood– Afraid

Ryen Rodríguez

Pela quinta vez apenas neste dia, encarei meu corpo e o estado em que Kellan o deixou.

Os chupões estavam por todo o meu pescoço, contrastando com as marcas de mordida ao redor dos meus seios, principalmente em meus mamilos.

Eu parecia uma obra de arte produzida por Kellan, na qual ele fez questão de deixar registrada a marca da sua personalidade grotesca e doentia. Tudo de mim gritava o nome dele e jogava na minha cara tudo o que eu o deixei fazer comigo ontem. O modo como eu permiti que ela jogasse minha dignidade no lixo, isso é, se eu ainda tinha alguma. O que eu tinha certeza que não era o caso.

Ele disse que não estava saindo com Jenna, que não postou a foto e que seu Instagram foi hackeado. No entanto, por mais que meu estúpido coração estivesse ansiando para que aquilo fosse verdade, eu não queria acreditar nele assim, tão fácil. Cedi muito rápido das outras vezes, e me esqueci do quanto as pessoas podem ser mentirosas e manipuladoras.

Eu me odiava por saber que, se eu fosse um homem, eu com certeza pensaria com a cabeça de baixo. Tudo porque não consegui resistir a músculos e um sorriso cafajuste do caralho. Parecia que todas as barreiras

que construí ao longo dos anos eram derrubadas quando ele estava bem na minha frente.

E era Kellan quem forçava a sua entrada na minha vida. Não importava quantas vezes eu dissesse que não éramos bons um para o outro, ele não me escutava. Ele não se importava.

A porta do meu quarto foi repentinamente aberta.

— Eu estava pensando se o Killer não gostaria de... — Olhei na direção de Brianna quando ela parou de falar, arregalando os olhos. — Caralho, você quer que eu ligue para a polícia?

Fechei meu roupão rápido, cobrindo minha lingerie lilás.

— Merda, bate na porta! — resmunguei, com uma carranca.

Ela assobiou.

— Quando eu e o Eric te encontramos, eu soube que tinha sido intenso, mas não pensei que tinha rolado uma sessão de BDSM.

Meus amigos me encontraram dez minutos depois que Kellan foi embora, e eu já estava vestida com seu moletom. Me entregar seu casaco era o mínimo que ele podia fazer depois de ter rasgado minhas roupas e me fodido contra a parede como uma vagabunda.

Antes de os meus amigos chegarem, passei esses dez minutos meditando sobre o que eu tinha feito ao longo da minha vida, antes de tudo começar a dar errado e eu me meter em situações improváveis.

Assim que Brianna e Eric viram os chupões ao redor do meu pescoço, meu cabelo desgrehado e meus lábios vermelhos, o choque foi notório em suas feições.

Mas só depois que Brianna me ergueu do chão e sentiu o perfume inconfundível de Kellan vindo do moletom, foi que eles finalmente notaram o que tinha acontecido.

— Não foi uma sessão de BDSM!

— Claro, vamos ignorar as marcas de dedo em seu pescoço — sorrii falsamente, mas então negou com a cabeça. — Ainda não acredito que você deu para ele mesmo antes de ele te explicar a situação da foto.

Desamarrei meu roupão, indo em direção às minhas malas para escolher uma roupa.

— Você pode, por favor, não tocar nesse assunto? — perguntei a ela, enquanto pegava um short jeans cinza e a jaqueta de Raphael. — Eu realmente não gosto de me lembrar do quanto sou idiota.

Engoli em seco encarando a frase nas costas da jaqueta e a apertei contra meu peito assim que me lembrei que dia era hoje. aniversário do Rapha.

Deixei de ir à universidade apenas para ir ao cemitério, mas Eric e Brianna foram para a aula porque teriam uma prova importante.

— Como sua melhor amiga, é meu dever jogar na sua cara todos os seus erros — a ouvi dizer. — E já que tocamos no assunto da foto, quer apostar quanto que foi a Jenna quem hackeou a conta do Kellan?

Fechando minha mala, me virei na direção de Brianna, com minhas roupas em meu ombro. Killer que estava deitado na minha cama, ergueu a cabeça quando me aproximei e lhe fiz um carinho entre as orelhas.

— Ou ele simplesmente pode estar mentindo — olhei para ela, que se jogou ao lado de Killer.

— Você não pensou isso quando estava dando pra ele.

Estreitei meus olhos em sua direção.

— E você não pensou no quanto odiava Christian enquanto transava loucamente com ele naquela fonte — Rebatí. — Aliás, um local muito romântico.

Brianna fechou sua expressão na mesma hora e revirou os olhos, acariciando as costas de Killer.

— Bom, foda-se — ela cuspiu. — Eu só quero dizer que mesmo que Kellan seja um idiota às vezes, ele não é mentiroso. Ele não enrola ninguém, Ryen. Quando ele não quer mais, apenas vai e fala. Kellan nunca complica essas coisas.

Eu ri, negando com a cabeça.

— Então, como você explica a merda daquela foto tão íntima que fez meu estômago revirar? — questionei, e vesti uma blusa branca de gola alta que revelava um pedaço da minha barriga.

— A foto pode ser antiga, Ryen.

Coloquei as mãos na cintura, erguendo minhas sobrancelhas, enquanto pendia meu corpo para o lado.

— E só agora você vem dizer?

Brianna revirou os olhos, beijando o topo da cabeça de Killer, que a ergueu para lambar seu rosto. Ela o deixou fazer isso, antes de voltar a prestar atenção em mim.

— Fiquei tão brava quanto você com aquela foto, ok? Só depois que vi que tenho que raciocinar por nós duas — Se defendeu. — Mas então,

vocês se resolveram, pelo menos?

Suspirei, subindo o short pelas minhas pernas e o abotoando. Não sabia como responder a essa pergunta. Bom, na verdade, eu sabia sim. E a resposta era um “não” bem grande.

— Não sei se sexo violento se enquadra em uma definição de conversa — resmunguei, soltando meu cabelo do coque e o penteando para trás.

Senti meu nariz coçar e fechei meus olhos por breves segundos, respirando fundo. *Agora não*. Não em um dia como hoje, não quando eu estou indo visitar o túmulo do meu irmão.

A porcaria da abstinência não iria se aposar de mim justamente hoje.

— Sabe, depende do ponto de vista — Bree deu de ombros, se sentando na cama. — Qual é o seu?

— Odeio a forma como o meu corpo cede a ele, mesmo quando estamos brigados. Odeio não ter pulso firme e me derreter com meras palavras sujas e idiotas — Cerrei meus dentes. — Odeio mais ainda o fato de que ele acha que tudo se resolve com sexo. É isso? Só pau e água?

Eu não queria isso para mim. Já tinha coisas demais para lidar, além dessa relação tóxica. Precisou que meu coração fosse partido mais uma vez para que eu enxergasse o caos que Kellan e eu éramos. Não importava se foi tudo uma armação de Jenna ou de outra pessoa.

Kellan me machucou antes. Eu já o machuquei. E embora eu sentisse que ele era o dono de grande parte do meu coração, eu tinha que ter dignidade o suficiente para não deixar que ele me machucasse mais. Porque essa era a verdade. Eu não me amava, mas não estava disposta a deixar que alguém me destruísse.

E Kellan tinha esse poder. Ele poderia fazer isso com tanta facilidade... não importavam os anos que passei tentando esquecê-lo, eu nunca consegui. Ainda era a mesma garotinha idiota, apaixonada pelo melhor amigo do irmão.

— Você sente que não é capaz de lutar contra seus sentimentos, não é? — Bree encarou Killer, com uma expressão perdida.

Eu não sabia o que estava se passando em sua cabeça, mas tinha um palpite. Porém, Brianna não pareceu disposta a comentar sobre o assunto, notei isso quando ela ergueu minimamente o queixo e colocou os ombros para trás, em um claro gesto de superioridade.

E fácil assim, ela parou de se importar.

— Kellan tem uma carga muito pesada com ele, e eu também — Vesti a jaqueta de Raphael, indo em direção ao espelho. — Eu prefiro não ter nada dele e ter paz, a ter tudo dele e não ter descanso.

Encarei meu reflexo.

Talvez desse para perceber o quanto eu estava exausta. Ou talvez as pessoas vissem isso apenas se eu permitisse. Embora eu amasse Brianna e Eric, não queria preocupá-los. Não queria acabar com a ilusão de que eu estava melhorando da necessidade por drogas quando tudo em que eu pensava era isso.

— Tem razão, Ry... — ela murmurou, e a olhei pelo espelho, a vendo encarar o teto. — Nem toda relação vale a porcaria do esforço.

Me virei de frente para ela, deixando que um sorriso descontraído escapasse dos meus lábios, enquanto lançava meus braços para trás e coçava meus pulsos sem que Brianna visse.

— Parece que está dizendo isso mais para si mesma do que para concordar comigo.

— É, talvez eu esteja... — ela disse, e deu um sorriso que não alcançou seus olhos escuros.

Em seguida, voltou a olhar para Killer e acariciá-lo, e eu tomei o assunto como encerrado. Não era preciso ser um gênio para saber que Brianna sente algo por Christian. Que por trás de todo esse ódio, havia bem mais do que isso.

No entanto, eu também sabia que ela preferia falar sobre o diabo a ter que falar sobre Christian Yun.

— Tem certeza de que não quer que eu vá com você? — ela perguntou e eu assenti.

— Tenho, Bree.

— Nem Eric vai com você?

— Conversamos sobre isso há alguns dias e ele disse que se sente mais à vontade indo sozinho.

Brianna acenou.

— Deixa o Killer comigo, eu posso cuidar dele pra você — falou, alisando a barriga do meu cachorro.

Killer estava com a língua estirada para fora, se contorcendo em satisfação pelos carinhos de Brianna. Me perguntei como um cachorro do porte dele podia se comportar assim. Não que eu achasse ruim, claro, mas

em certas situações ficava mais do que claro que meu cachorro era só um bebê.

— Tudo bem, mas eu volto logo — garanti, andando até eles para beijar o topo da cabeça de Killer.

— Se brincar, nem precisa — ela provocou.

Eu peguei um travesseiro próximo a mim e o lancei em seu rosto, a ouvindo soltar uma risada abafada. Cocei o meu nariz e forcei um sorriso, enquanto algo subiu pelo meu peito e se enrolou ao redor do meu coração. Eu apenas empurrei a sensação da abstinência para baixo, ignorando. *Eu era melhor do que isso.*

Repeti a frase um trilhão de vezes, mesmo que, no fundo, eu soubesse que não era verdade.



Andei pelo cemitério com uma das mãos no bolso de minha jaqueta, enquanto a outra segurava um buquê de rosas, tentando não prestar atenção nas dedicatórias feita para as crianças em algumas lápides. Doeu como o inferno perder o meu irmão de dezoito anos, mas a dor de perder um filho, ainda pequeno, devia ser ainda maior.

Enterrar seu corpinho e saber que ele mal viveu tudo o que tinha para viver ou os planos que você fez com ele. Foi assim que me senti com Raphael, mesmo que ele fosse mais velho.

Dei um sorriso discreto ao parar em frente ao túmulo do meu irmão e do meu pai, vendo que, desta vez, não tinha as mesmas rosas vermelhas. Me perguntei se a pessoa deixou de cuidar das lápides e simplesmente se cansou.

— Oi, *hermanito* — sorri, agarrada ao buquê de rosas brancas que eu trouxe para ele. — Eu sei que faz anos que não comemoro seu aniversário com você, e nem mesmo venho te ver, mas estou aqui agora.

Uma brisa suave balançou levemente o meu cabelo e eu respirei fundo, não escutando nada além do que o silêncio calmo do cemitério e o vento.

— Me perdoa por não ter vindo antes. Sei que já pedi perdão por isso, mas nunca vai ser o suficiente — Senti a primeira lágrima deslizar

pela minha bochecha esquerda. — Eu... Eu trouxe rosas para você. É o único presente que posso te oferecer desde que você se foi. Ah, e também estou com a sua jaqueta, olha! — lhe dei as costas para mostrar.

O que era irônico, porque eu sabia que ele nunca mais veria nada.

Me virei em sua direção.

— Eu queria você aqui comigo — encarei a dedicatória em sua lápide, negando com a cabeça. — Dói tanto, Rapha. E eu sei que essa dor nunca vai melhorar.

A morte dói. Ela te quebra em milhares de pedacinhos difíceis de reconstruir. Não sobra nada de quem ficava para contar história. Só um enorme vazio que não poderia ser preenchido.

— Eu também tenho outra surpresa, Raphael — Dei um sorriso largo, secando as lágrimas. — Estou tentando parar de usar drogas. Não estou cem por cento, acho que apenas trinta, na verdade. Mas estou tentando.

Arranquei uma rosa do buquê e me aproximei um pouco mais, a colocando na lápide do meu pai. Deixei o buquê sobre o túmulo de Raphael.

— Chamei Eric para me acompanhar, mas ele avisou que viria mais tarde — disse, quando me afastei. — Eu não te disse isso, mas você tem bom gosto, ele é lindo e um amor de pessoa.

Queria que ele e meu irmão tivessem tido mais tempo. Desejava o mesmo para Raphael e eu.

— E sério, que merda é essa de ter colocado o idiota do Kellan para cuidar de mim? — Revirei meus olhos, cruzando meus braços. — Era para você estar aqui, e não deixar ele fazendo seu serviço. Ele é um idiota que me coloca em situações que me machucam.

Ou eu mesma me colocava?

Neguei com a cabeça, encarando as rosas que eu trouxe para ele.

— Imagino que vai se arrepender de ter pedido isso a ele agora, depois de eu dizer que seu amiguinho e eu transamos três vezes — Ergui uma sobrancelha, em desdém. — Isso mesmo, Kellan não é muito profissional quando o assunto é ser o segurança de alguém.

O vento ficou um pouco mais forte e o balançou as pétalas da rosa, fazendo com que uma se soltasse.

— Você o deixou no seu lugar, pediu que ele cuidasse de mim. Mas por quê? — Pendi minha cabeça para o lado, piscando para afastar as lágrimas. — Você confiava tanto assim nele?

Aquela sensação se tornava insustentável, foi quando minhas pernas tremeram e eu caí nos meus próprios calcanhares, agarrando meus joelhos, enquanto um soluço quebrado escapava do fundo da minha garganta.

— Eu sinto tanto a sua falta, me sinto tão sozinha, Rapha. Tenho Brianna e Eric, mas ninguém preenche o vazio que você deixou — Eu chorei mais alto, encarando a lápide, com a visão borrada pelas lágrimas. — Além do mais, eu odeio Kellan com todas as minhas forças. Ele é um idiota. Não importa quantas vezes ele diga que foi um mal-entendido, simplesmente não consigo acreditar.

Estava com tanta vergonha de encarar o túmulo de Raphael. Era como se meu próprio irmão estivesse diante de mim, me julgando por estar chorando como uma criança escandalosa. Não, Rapha não faria isso.

Ele me abraçaria e beijaria meus cabelos para me acalmar. Ele diria que estava ali para me proteger e que colocaria o mundo abaixo se fosse necessário. Raphael mataria Kellan por mim.

— Eu sinto falta da droga, *hermanito*. Meus pulsos coçam tanto, essa merda é tão difícil — Solucei alto. — Tudo em mim dói, mas nada é maior do que a saudade que eu sinto de você. É difícil respirar desde que você se foi.

Escutei alguém se aproximar e olhei para trás, encontrando Kellan. Ele estava vestido com uma camisa preta de gola alta e uma calça jeans da mesma cor, tudo acompanhado por um sobretudo preto que chegava até seus joelhos. Seu cabelo estava arrumado desta vez, e o olhar em seu rosto mexeu comigo.

Limpei meu rosto o mais rápido que consegui, envergonhada.

— Quanto você escutou?

Kellan deu um passo em minha direção.

— Desde o momento em que você perguntou se o seu irmão confiava tanto assim em mim.

Ele parou diante dos meus olhos e eu ergui meu rosto para confrontá-lo, o encarando, com uma carranca.

— Ele só podia estar louco — tentei ser o mais debochada que pude, mas meu lábio inferior tremia pateticamente.

Sem que ele esboçasse reação alguma, uma de suas mãos agarrou meu rosto e ele me puxou para perto, grudando os lábios em minha testa. Meus olhos se arregalaram com o gesto doce, tentando processar o que ele estava fazendo, enquanto algo se quebrava no meu peito.

A que estava em meu rosto foi para a minha nuca, enquanto a outra envolveu meu corpo, me puxando para mais perto até que nós estivéssemos grudados.

— Shh... — ele sussurrou contra a minha testa, acariciando minhas costas, — Não precisa parar de chorar só porque me viu.

Agarrei sua camisa, amassando o tecido entre os meus dedos. Meu lábio tremeu mais uma vez e eu o mordi, me afastando o suficiente para erguer o rosto e encarar seus olhos. Tinha tanto carinho neles. Tanta ternura.

— Eu não estava chorando — empinei meu nariz, o confrontando, segurando o soluço preso na minha garganta.

Kellan beijou uma de minhas pálpebras, me fazendo fechar os olhos por um breve momento.

— Tão forte — abri os olhos, encontrando os dele cheios de devoção. — Tão linda.

O soluço e o choro que eu segurei com tanto afinho acabaram se libertando, e eu me permiti quebrar na frente de Kellan. Permitted que minha máscara de forte caísse, assim como fiz na casa dos seus pais.

E ele apenas me ouviu, meu choro esganiçado e minha alma quebrada em frangalhos. Nem mesmo Raphael tinha me visto chorar daquele jeito, mas Kellan viu. Ele ouviu, por minutos, as lamentações do fundo do meu peito. E ele não disse nada. Não houve questionamentos ou imposições.

— Eu sinto falta do meu irmão — abracei sua cintura.

— Eu sei, e nunca melhora... — Kellan sussurrou, enterrando o rosto em meus cabelos — Mas eu vou cuidar de você, Ryen. Não porque seu irmão me pediu, mas sim porque eu não descanso enquanto você não estiver bem.

Afastei meu rosto de seu corpo e encarei seus olhos gélidos, sentindo meu coração afundar em meu peito. Um trovão ressoou no céu e não foi preciso olhar para as nuvens para saber que iria chover. Hoje amanheceu mais frio do que de costume.

Parecia até que o tempo mudou para combinar com a minha tristeza.

— Você me machucou, Kellan. Não uma, ou duas vezes. Foram tantas — Eu o soltei.

Kellan manteve suas mãos em mim, encarando meu rosto, com as sobrancelhas franzidas.

— Fala da foto com a Jenna no meu perfil? Pensei que já tínhamos esclarecido isso. A foto era antiga e eu nem sabia que ela existia, com certeza isso foi coisa de alguém querendo nos afastar.

Senti meu sangue ferver e empurrei Kellan para longe. Ele me soltou imediatamente, me vendo dar um passo para trás, enquanto encarava seu rosto. Estava incrédula com como as coisas se resolviam facilmente em sua cabeça distorcida.

Como ele podia pensar que eu iria magicamente acreditar em tudo o que ele dizia só porque ele queria assim? Acreditar em tudo como uma idiota. Como a Ryen de catorze anos que via o melhor em todo mundo e aceitava as verdades impostas a ela sem questionar.

— Quando foi que esclarecemos, Kellan? — perguntei, enxugando minhas lágrimas com as costas das mãos. — Quando você me colocou contra a parede e me fodeu como um animal?

Kellan bufou uma risada, mas fechou sua expressão logo em seguida.

— Você fala como se eu tivesse te forçado — Rebateu, duramente. — Pensar assim alimente-te ajuda a alimentar seu ódio?

Dei um passo para trás, respirando fundo. Ele tinha razão. Ontem, passei a noite toda tentando pôr na minha cabeça que tudo aquilo estava errado de muitas maneiras. Tentei fazer com que o meu ódio por Kellan crescesse. Mas eu nem sabia se ainda tinha ódio dentro do meu peito em relação a ele. Eu só estava... cansada. De tudo.

— Eu não quis dizer isso. Eu sei que você não me estuprou, Kellan — Engoli em seco, abraçando meu corpo. — Você só não pode achar que vou acreditar em você tão fácil. Várias coisas apontam contra nós. Você não vê como toda essa relação é fodida?

Kellan estreitou os olhos em minha direção.

— Você quer mesmo ter esta conversa em frente ao tumulto do seu irmão?

Suspirei, deixando meus braços caírem ao lado do meu corpo. Ele tinha razão. Lá não era a hora e nem o lugar, mas eu queria dar fim a isso, queria um pouco de sossego, mesmo que eu nunca fosse, de fato, consegui-lo.

— Não vamos precisar ter essa conversa nunca mais se você aceitar quando eu digo que acabamos — falei a ele, exausta. — Me devolva meus documentos e meu passaporte.

Um sorriso cruel se abriu nos lábios de Kellan enquanto ele dava um passo em minha direção, e eu cravei minhas unhas na palma das minhas mãos para evitar coçar o nariz bem na frente dele e afundar meus dentes no interior da minha bochecha para implorar por droga. Queria o suficiente para que eu esquecesse a dor da saudade em meu peito, apenas por hoje.

— Eu nunca vou te deixar — garantiu, segurando meu rosto com uma das mãos para acariciar meu queixo. — Você não entende isso, querida?

Apertei minhas mãos em punhos, pela primeira vez no dia, o encarando com ódio. Eu odiava esse apelido. Eu odiava. Eu odiava. Eu odiava.

— Não me chame assim — ordenei, entre dentes, afastando sua mão do meu queixo.

Doía, e me fazia lembrar dele. Do sangue dele por todo o meu corpo. Do seu toque sujo e da entonação carinhosa e nojenta que ele usava para me chamar de *querida*.

— Por que não? — ele insistiu, ficando bem na minha frente. — Por que você odeia tanto?

Não queria lembrar *dele*.

Assassina.

Culpada.

Você é minha, querida.

Calem a boca, calem a boca! Eu não fiz nada.

Sentindo minha respiração ficar acelerada, eu dei um passo para trás.

— Foda-se, se você não aceita. Acabamos, Kellan — Lhe dei as costas, pronta para sair dali.

Contudo, Kellan pareceu ter outros planos quando agarrou meu braço, me fazendo encará-lo mais uma vez.

— Eu nunca vou deixar que me arranque da sua vida — falou, erguendo a mão para o meu rosto. — Ao menos uma vez, pare de ser teimosa.

Querida.

Querida.

— Você está dando muita importância à promessa que fez ao meu irmão, Kellan — Ergui meu queixo, tentando ignorar as vozes da minha

cabeça. — Mas relaxa, cara. Os mortos não nos enxergam e muito menos nos escutam.

A expressão de Kellan endureceu e o aperto em meu braço ficou mais forte. Não a ponto de doer, mas mais firme. Ele queria que eu sentisse o quanto ele estava com raiva.

Onde pensa que vai, sua cadela?

— Eu odeio a forma como você fala da morte do seu irmão quando está fingindo que não se importa com nada. E se ele pediu que eu cuidasse de você, é porque ele sabia que eu poderia.

Culpada.

Você é minha, querida.

Sangue, muito sangue por toda a parte.

Me sinto nojenta, suja.

— Ele não precisaria ter pedido isso se não tivesse entrado naquele carro com você! — eu cuspi as palavras, sem nem pensar duas vezes.

Kellan me soltou rapidamente e sua expressão dura de antes, caiu. Pela primeira vez na minha vida, vi os olhos de Kellan arregalados, com mágoa, e sua respiração ficar presa na garganta. Ele negou com a cabeça, parecendo atordoado.

Só então o peso das minhas palavras caiu em meus ombros e eu vi o quanto elas foram cruéis.

— Kellan... — Engoli o gosto amargo, dando um passo em sua direção. — Eu não queria, eu...

— Deixe-me adivinhar, você não queria dizer isso? Não queria jogar na minha cara a culpa que eu carrego nos ombros? — Sua voz era carregada de sarcasmo.

Eu apenas me vi assentindo, enquanto ele dava um passo para trás.

— Eu não pensei que...

— Ah, você pensou muito bem antes de falar, Ryen — Kellan me interrompeu novamente. — Você disse que não quis dizer aquilo, mas foda-se, eu não acredito em você.

Neguei com a cabeça, dando mais um passo em sua direção. Porém Kellan quebrou meu coração quando deu mais um para trás, parecendo querer distância de... de mim. *Bem, não era isso que eu queria, em primeiro lugar?*

— Eu juro que eu não queria! — segurei o choro quando seu olhar perdido e atordoado se fixou no meu.

Céus, como eu pude ser tão cruel?

Kellan parecia quebrado.

— Não me diga que estava com raiva, Ryen. Eu não acredito em nenhuma palavra — Sua voz era fria, mas afetada. *Magoada*. — Usamos a raiva como desculpa para dizermos o que não temos coragem de falar quando estamos calmos.

Olhei para baixo, encontrando um buquê de rosas vermelhas em suas mãos. Algo que eu não tinha visto antes porque estava ocupada demais jogando minha dor em Kellan, o culpando pelos meus problemas.

Aquelas eram as mesmas rosas que ficavam no túmulo do meu pai e do de Raphael.

— É você quem as traz... — sussurrei, lágrimas piscando em meus olhos.

Kellan encarou o buquê, sem expressão alguma, e eu odiava ser a culpada por isso. Eu esqueci o quanto o dia de hoje significava para Kellan. Esqueci da culpa que ele tinha em seus ombros. Eu foquei apenas em mim. No que eu estava sentindo.

— Pelo visto, elas nunca serão suficientes para que eu seja perdoado — Sorriu, amargo.

Senti a primeira lágrima deslizar por minha bochecha.

— Kellan...

Ele ergueu os olhos impiedosos para mim.

— Não — falou, abaixando o buquê. Então, me deu as costas. — Você quis dizer cada palavra, você disse o que você pensa. E tudo bem, é o que eu penso também.

O buquê caiu no chão, enquanto Kellan andava para longe, deixando a culpa das minhas palavras para trás. Para que eu as encarasse frente a frente e a vergonha me tomasse. Não existia perdão para o que eu acabei de dizer. Foi cruel, e nem mesmo Kellan merecia ouvir isso.

Não quando ele admitiu que se culpava pela morte do Rapha, e quando eu sei o quanto ele sofreu e sofre até hoje. Kellan não era santo, mas nesse momento, eu consegui ser pior que ele. Talvez eu fosse a mais tóxica entre nós dois.

Eu realmente quis dizer aquilo? Não, eu não quis.

Peguei o buquê do chão e gritei pelo seu nome, mas ele não parou de andar. Estava pronta para ir até ele quando meu celular tocou e eu o

peguei do bolso da minha jaqueta, vendo o nome de Brianna estampado na tela. Atendi.

— Por favor, me fala que é importante — disse, encarando Kellan sumir no meio das lápides. Não podia perdê-lo de vista.

— *Eu não acho o Killer* — Brianna disse, do outro lado da linha.

Franzi o cenho para sua voz chorosa.

— Como assim você não acha o Killer? — perguntei, cautelosa.

— *Eu o deixei na minha cama e fui tomar banho, quando saí do banheiro, ele não estava mais no meu quarto* — Brianna soluçou. — *Já procurei no apartamento todo, mas ele não está, Ryen. Também o procurei pelo prédio, mas não tem sinal do Killer em lugar algum!*

Meu coração acelerou e meus olhos se arregalaram quando ouvi suas palavras. Killer desapareceu.

— Como ele pode ter sumido assim, Brianna? — questionei, desesperada, colocando a mão com o buquê na minha cabeça.

Ela gaguejou do outro lado da linha, parecendo tão aflita quanto eu.

— *Você acha que alguém o pegou, Ryen?* — indagou, com a voz trêmula. — *Ele não poderia ter aberto a porta. E eu já teria sido informada se um cachorro daquele porte estivesse andando sozinho pelo prédio!*

Balancei a cabeça, tentando afastar da minha mente a hipótese de que meu perseguidor estivesse com Killer.

— Ele tem que estar aí, Brianna!

— *Porra, Ryen!* — ela gritou de volta. — *Eu já vasculhei tudo, não tem nem sinal dele!*

Parecia que suas palavras entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Tudo porque eu não queria aceitar que meu cachorro foi sequestrado.

Meu celular vibrou e eu o afastei da minha orelha para ver a tela, franzindo o cenho ao ler o “Número desconhecido”. Tudo piorou quando li o SMS, e foi como se eu estivesse em um pesadelo.

Número desconhecido:

Gostou do meu presentinho?

Eu: O que fez com o meu cachorro?

Onde ele está?

Número desconhecido: Vamos lá, não tem graça quando não existe mistério.

Eu: Eu não vou perguntar de novo. Quem é você e para onde levou o meu cachorro?

Número desconhecido: Ok, ok. Direi onde ele está apenas porque tenho um presentinho maior para você, esperando no seu apartamento.

Número desconhecido: Corra, não acho que ele tenha sete vidas como um gato ;)

O buquê caiu da minha mão e eu corri o mais rápido que pude por entre as lápides, querendo sair do cemitério e fugir do quanto ele parecia pequeno neste momento. Como ele parecia se fechar à minha volta com a intenção de me sufocar

“Não acho que ele tenha sete vidas como um gato.”

Tinha que achar o meu cachorro. Tinha que ir até Killer. Deus, o que fizeram com ele?

44

*“Conserte o que foi quebrado, desdiga essas palavras.
Encontre esperança na falta de esperança.
Me tire desse desastre”*
James Arthur – Train Wreck

Ryen Rodriguez

Quando passei pelos portões do cemitério, já não tinha mais nenhum sinal de Kellan. Em outro momento, eu estaria disposta a ir atrás dele e pedir perdão por minhas palavras tão duras. Mas tudo o que passava na minha cabeça agora era o nome de Killer e a preocupação gritando no meu peito.

Entrei no meu carro e o liguei, dando partida e dirigindo o mais rápido que consegui pelas ruas de Miami. Eu não ligava se a polícia viria atrás de mim por causa do excesso de velocidade. Killer era mais importante do que isso, e eu não iria me perdoar se algo acontecesse com ele. O pegaram para me atingir.

Coloquei a mão no meu peito, tentando controlar meus batimentos cardíacos antes que eu tivesse um ataque.

Eu não sei quantos minutos levei dirigindo, foquei apenas no momento quando parei em frente ao meu prédio, nem me preocupando em colocar o carro no estacionamento. Desci da Ferrari, e só então notei que estava chovendo, mas nem isso era o suficiente para me distrair.

Adentrei o prédio e a garota da recepção me cumprimentou com um aceno de cabeça, já sabendo quem eu era. Corri na direção do corredor, jogando minha franja molhada pela breve chuva para trás, e entrei no elevador.

Quando ele parou no meu andar e as portas abriram, eu saí em disparada para o meu apartamento, me dando conta apenas agora de que eu

não tinha a chave comigo. Contudo, me aproximei e percebi que minha porta estava entreaberta, então eu nem precisaria dela.

Prendendo a respiração, agarrei meu canivete no bolso da minha jaqueta e deixei a porta do meu apartamento escancarada, a escuridão do ambiente me recebendo. Acendi a luz, notando que ele estava do mesmo jeito de quando fui embora.

— Killer! — gritei, subindo as escadas que iam rumo ao meu quarto.

Eu tenho que encontrá-lo.

Quando abri a porta do meu quarto e acendi a luz, ninguém estava lá. Nem mesmo Killer. Verifiquei no banheiro, e nada. Nenhum sinal dele. Tudo isso apenas aumentou meu desespero e fez meu coração acelerar, tomado pelo pânico.

Vi um envelope branco em cima da minha cama e me aproximei, o pegando. Quando o abri, todo o sangue sumiu do meu rosto, e se tornou impossível de respirar. Eram fotos.

Fotos do corpo de Callum e do sangue abundante que saía do seu pescoço. De todos os ângulos possíveis.

Dentro do envelope, havia um bilhete. O abri, com minhas trêmulas, e a seguinte pergunta fez meu coração parar: “O pobrezinho do Killer parece faminto, onde ele procuraria comida?”.

Deixei as fotos caírem junto com o bilhete e descii as escadas, correndo numa velocidade tão alta que quase tropecei.

— Killer, garoto! — assobieei, e dessa vez ouvi um choramingo. *Killer!*

Era doloroso ouvi-lo, e ele parecia estar sentindo dor.

Correi em direção à cozinha, que era o lugar de onde vinha o som, e meus olhos se arregalaram ao ver o meu cachorro no chão, deitado de lado.

Me ajoelhei perto dele, vendo como sua saliva saía em abundância e notando uma pequena quantidade de vômito ao lado de sua boca.

— Não, não, não... — me desesperei, vendo seu corpo ter espasmos.

Seu peito subiu e desceu lentamente, e seu olhar não tinha foco, estava perdido e apático. Lágrimas escorreram pelo meu rosto e, com dificuldade, eu peguei Killer em meus braços, não me importando com quão pesado ele era. Eu só precisava tirá-lo daqui.

Fui em direção à porta do meu apartamento quase correndo, passando por ela e indo até o elevador. De alguma maneira, consegui soltar meu indicador de Killer e chamar o elevador, amaldiçoando que não tivesse ninguém ali para me ajudar neste exato momento.

Após entrar no elevador, eu agarrei Killer contra meu peito, desesperada com o quanto ele estava quieto.

— Fica comigo, bebê... — pedi. Não, eu implorei. — Eu não vou te deixar morrer. Eu não vou.

As portas do elevador abriram e algumas pessoas se assustaram, abrindo espaço para que eu passasse. Corri com ele, o escutando engasgar.

De maneira atrapalhada, apressei meus passos, tomando cuidado para não cair com Killer e piorar ainda mais o seu estado.

Aquilo era um castigo? Estava pagando pelo que eu fiz com Callum? Por usar drogas? Ou por ter sido tão cruel com Kellan e jogar seus traumas em sua cara?

Deus, eu era tão ruim assim?

A chuva fria e um pouco forte me recebeu assim que eu saí do prédio com Killer. Meu cabelo molhado grudou em minha cabeça e alguns fios se espalharam pelo meu rosto, encharcando minhas roupas. Eu corri até meu carro e afastei minimamente a mão que segurava Killer para conseguir abrir a porta. Quase o deixei cair.

Coloquei meu cachorro no banco de trás e dei a volta, na Ferrari, entrando no lado do motorista e fechando a porta. Liguei o carro e dei partida, mas não consegui andar nem um metro direito, meu carro parecia muito pesado.

— O quê? Não, não! — Eu bati minhas mãos contra o volante, descendo do carro.

Me afastei um pouco, o suficiente para ver os pneus da minha Ferrari furados do lado do motorista. Arregalei meus olhos, dando a volta para verificar os outros dois pneus. Coloquei as mãos em minha cabeça, agarrando os fios molhados do meu cabelo em um ato de desespero.

O stalker furou os meus pneus.

— Porra, porra!

Fui para o banco do motorista mais uma vez, verificando Killer após me sentar.

— O que eu faço? — Engoli em seco, vendo o corpo do meu cachorro ter espasmos involuntários.

Meu celular tocou e eu o peguei no mesmo instante, vendo o nome de Brianna brilhar na tela. Atendi na mesma hora.

— Brianna, você já está vindo? Os pne-...

— *Eu não tenho como ir aí, Ryen* — ela me interrompeu, do outro lado da linha. — *Alguém furou os pneus do meu carro. Todos eles, Ryen. O filho da puta não deixou um para contar história!*

Merda, merda.

— Porra, e agora? — encarei meu cachorro, lutando pela própria vida.

Não podia perdê-lo.

— *Já estão vindo consertar o carro, Ryen. Não vai durar mais do...*

— Não posso esperar, Brianna! — eu gritei, sentindo as lágrimas escorrerem por meu rosto. — Killer está morrendo!

Silêncio se estabeleceu no carro.

— *O que disse?* — ela perguntou, alarmada.

— Eu não sei o que tem de errado com ele, mas ele precisa urgentemente de um veterinário. Também furaram meus pneus, eu preciso de um... — Parei de falar quando o nome dele brilhou em minha mente, junto com um raio que iluminou o céu e clareou o interior do meu carro. — Kellan...

Mesmo sabendo que isso era errado da minha parte, eu desliguei a ligação com Brianna e procurei o contato de Kellan na minha curta lista de telefones. Eu nem pensei muito quando liguei pra ele.

Eu não deveria estar fazendo isso. Não quando fui tão tóxica e filha da puta com ele minutos atrás. Não importava se eu não quis dizer aquilo, ainda assim, saiu da minha boca. Não culparia Kellan se ele me ignorasse, afinal eu merecia isso naquele momento. Mas céus, eu estava implorando para que ele me atendesse.

Mais lágrimas grossas e quentes desceram pelo meu rosto quando, na quinta ligação, Kellan não atendeu. Eu não fazia ideia de que o desespero pudesse doer tanto no peito.

— *O que foi? Você se esqueceu de mencionar algo mais pelo que eu tenho culpa?* — Alívio me invadiu quando ele finalmente atendeu.

Porém, esse sentimento duelou com o arrependimento quando senti a mágoa em sua voz.

— Kellan... — eu soluzei, encarando Killer.

Ele parecia tão frágil. Não era o meu cachorro forte e valente.

— *O que aconteceu?* — Kellan perguntou, do outro lado da linha, parecendo cauteloso de repente.

— É o Killer, e-ele está morrendo. Furaram os pneus do meu carro e não-não consigo levá-lo ao veterinário. E-Eu estou desesperada! — Chorei mais alto quando Killer choramingou, vomitando um pouco mais no banco de trás. — Eu preciso de você, Kellan...

Ele ficou em silêncio, e tudo o que pude fazer foi rezar como uma egoísta para que ele não ignorasse meu pedido de socorro.

— *Onde você está?*

— Em frente ao meu prédio, dentro da minha Ferrari.

Por favor, venha.

— Estou chegando — ele disse apenas isso antes de desligar.

O celular escorreu da minha orelha e caiu em meu colo. Enxuguei minhas lágrimas com as costas das mãos, mas parecia inútil porque elas continuavam a cair e rolar por minhas bochechas. Eu não sentia esta dor agonizante desde que meu irmão morreu. Esta agonia no meu peito, abraçada com o desespero.

Eu não podia perder Killer também. Não iria suportar. Eu o amava demais, e ele foi uma das únicas coisas que Raphael me deixou.

Não sei quantos minutos se passaram, mas vi a Ferrari vermelha de Kellan parar a alguns metros da minha e desci do carro, mais uma vez sendo atingida pela chuva.

— Kellan! — gritei, quando ele saltou da Ferrari.

Dei a volta no carro e peguei Killer em meus braços, correndo com ele na direção de Kellan, não caindo por pouco.

Não andei muito, porque o homem que deveria me odiar neste exato momento, me encontrou no meio do caminho e tomou Killer dos meus braços, correndo com ele na direção do carro, com uma velocidade e uma facilidade impressionantes.

Abri a porta de trás para que ele acomodasse Killer.

— Entra no carro — ele mandou, indo em direção ao banco do motorista.

Fiz o que ele disse e fechei a porta do banco do passageiro, o ouvindo bater a dele com uma força descomunal. Engoli em seco, o vendo dar partida no carro e nos levar para longe do prédio o mais rápido possível.

Tentei controlar minhas lágrimas, girando o pescoço para encarar Killer deitado, sem se mexer. Ele ainda fazia o movimento de respiração,

mas era quase inexistente. Eu me sentia como uma criança chorona, incapaz de controlar as próprias emoções.

— Que porra aconteceu? — Kellan preencheu o silêncio do carro, atraindo minha atenção para si.

Encarei os fios molhados de seu cabelo caindo em seus olhos azuis, fixos na estrada. Sua expressão era, na melhor das hipóteses, confusa e furiosa. No entanto, tudo em que consegui pensar foi que ele veio. Senão por mim, por Killer.

Mordi meu lábio com força.

— Tanta coisa... — Enterrei as unhas em minhas palmas.

— Do início.

Afrouxei o aperto em minhas palmas e, envergonhada, encarei minhas mãos e minhas unhas, pintadas com um preto desgastado.

— Desde... desde que voltei para Miami, alguém está me seguindo... — funguei, enxugando minhas lágrimas. — O homem vem mandando aranhas enormes para o meu apartamento e o invadindo. E ele também me segue em todo lugar que eu vou.

Ergui meus olhos para Kellan, o vendo trancar sua mandíbula, em um claro sinal de irritação.

— E você teve a brilhante ideia de manter isso para si mesma — ele rosnou e eu me encolhi.

— Pensei que fosse uma brincadeira de mau gosto que pararia com o tempo...

— E Killer foi o *grand finale* — Kellan zombou, furioso.

Enterrei meu rosto em minhas mãos, voltando a chorar copiosamente, sem me preocupar se Kellan iria ou não me julgar. Ele tinha razão. Demorei tanto para levar o perseguidor a sério que isso acabou me custando Killer.

Cocei meus pulsos, sentindo todo o meu corpo comichar. A culpa era minha?

— Eu... Eu não queria arrastar o Killer para isso — gaguejei, negando com cabeça. — Não quero perder ele também.

— Porra... — ouvi Kellan resmungar, enquanto enrolava em uma curva.

Ele agarrou uma de minhas mãos e entrelaçou nossos dedos, os juntando bem em cima de sua coxa.

— Respire — mandou, os olhos fixos na estrada. — Você não vai ser de muita ajuda se surtar agora, então respire. Killer não vai morrer. Eu prometo.

Assenti, como uma criança sendo consolada com mentiras, e enxuguei minhas lágrimas com a mão livre.

Kellan ainda estava aqui, ele veio. Mesmo depois do que eu disse. Quão grata eu deveria ser? Quão arrependida deveria me sentir depois disso? Talvez em uma escala de zero a dez, mil seria o número certo para caracterizar a minha situação.

Ele até podia não ser um cara legal, mas era o anjo de Killer agora. Tinha que me desculpar.

— Kellan, eu...

— Chegamos ao veterinário. Desça — ele me cortou, saltando do carro logo em seguida.

Guardei minhas palavras para mim mesma e segui seu exemplo, fechando a porta. O vi pegar Killer nos braços e correr em direção à clínica veterinária, como se sua vida dependesse disso, como se ele quisesse proteger meu cachorro da chuva a todo custo.

Corri atrás dele, passando pelas portas de vidro a tempo de ver Kellan ser recebido por um médico veterinário e algumas assistentes. Elas arregalaram os olhos ao encararem meu cachorro.

— Senhor, o que houve? — uma delas perguntou.

— Acho que o cachorro foi envenenado — Kellan respondeu, olhando para ela e para o médico.

Eu já suspeitava disso, mas ouvir alguém falar em voz alta não me tranquilizava em nada.

— O levem para a sala de emergência, precisamos fazer uma lavagem no estômago à base de carvão ativado — o veterinário mandou, indo em direção a uma porta.

Uma lavagem?

— Por aqui, senhor — a outra assistente guiou Kellan em direção à mesma porta que o doutor adentrou.

Quando os segui, o veterinário apareceu na porta e pediu que Kellan e eu ficássemos do lado de fora. Abri minha boca para protestar mesmo sabendo que ele estava certo, pois a vontade de ficar perto de Killer era maior que tudo.

Porém Kellan me interrompeu, me agarrando pelos ombros.

— Você não pode entrar lá dentro, vamos esperar que o veterinário faça seu trabalho — falou, como se estivesse conversando com uma criança.

Assenti com a cabeça e me sentei em uma das cadeiras da sala de espera, Kellan se sentando ao meu lado. Ele cruzou os braços em frente ao peito e eu me mantive firme, para não desmoronar mais uma vez.

Kellan quebrou o silêncio.

— Como isso aconteceu?

Cocei a palma da minha mão esquerda, respirando fundo.

— Fui visitar Rapha, e Brianna disse que ficaria com Killer... — eu comecei. — Quando você foi... foi embora do cemitério, Brianna me ligou dizendo que Killer sumiu enquanto ela estava tomando banho e que ela não o achava em lugar algum.

— E como você soube onde encontrá-lo? — questionou de novo.

Suspirei, pegando meu celular para mostrar a ele.

— Recebi uma mensagem de um número desconhecido me informando que havia um presente para mim no meu apartamento. Também disseram que era melhor eu correr porque Killer não tinha sete vidas como um gato.

Kellan pegou meu celular e analisou as mensagens, com uma espécie de raiva em sua expressão. Ele me devolveu o celular.

— Não apague o número e nem a conversa — avisou, me fitando com os olhos azuis. — Brianna sabe que você está sendo perseguida?

Sem ter para onde correr, assenti.

— Sabe.

Kellan soltou uma risada curta e sarcástica.

— Sempre sou o último a saber, hein? Por que eu não estou surpreso? — zombou, ácido.

Kellan se levantou antes que eu pudesse dizer algo e começou a andar pela sala de espera, parecendo frio e distante. Informei a Brianna a localização da clínica veterinária e alguns minutos depois ela chegou, dizendo que precisou pegar um táxi.

Longas duas horas se passaram desde então, e já ia dar oito e meia da noite.

Kellan ficou em pé todo esse tempo, já Brianna alternava entre ficar sentada e imitar o comportamento do primo, não conseguindo ficar quieta.

E eu? Achava que nem tinha mais unhas para roer, enquanto aguardava ansiosamente por notícias.

Fiquei assim por mais alguns minutos até o médico aparecer e dizer que correu tudo bem durante o procedimento. Killer já estava tomando soro, mas teria que ficar sob supervisão e só poderia ir embora amanhã. Ele já estava fora de risco, então podíamos nos tranquilizar.

Brianna parou na minha frente e eu me levantei, cansada de ficar em pé.

— Temos que ir à polícia, Ryen. Isso já está ficando fora de controle — ela falou, vestida com um moletom rosa-claro de capuz.

Mordi meu lábio inferior, negando minimamente com a cabeça. Ir às autoridades era tudo o que eu queria agora, mas quão grande poderia ser o caos se a informação de que o cachorro de Ryen Rodríguez foi envenenado, vazasse?

— Ela não quer, Brianna — Kellan respondeu por mim, desdenhoso. — Não vê que a sua amiga consegue resolver tudo sozinha?

— Você é tão babaca! — atirei, com raiva, sentindo meus olhos marejarem. Inferno, por que eu continuava chorando?

Kellan pareceu lutar para me ignorar e provar que eu não valia o esforço, mas ele perdeu a batalha e soltou um grunhido.

— Porra, quando você ia me contar? — Ele veio até mim, parecendo furioso. — Precisou que toda essa merda acontecesse para que você me contasse que está sendo seguida?

Engoli em seco, dando um passo para trás.

— Eu... Eu não pensei que... — Me calei, sem saber o que dizer.

— Pensou que não valia a pena me contar ou que não era da minha conta? — ele destilou seu veneno, mas em seguida, agarrou meu rosto entre as enormes mãos. — Bom, foda-se. A partir de hoje, você vai morar comigo.

Eu nem me arrisquei a abrir a boca para contrariar Kellan. Não queria discutir com ele neste momento. Não era a hora e eu não tinha forças para isso. Melhor dizendo, eu não queria brigar com ele.

— Olha, Kellan tem razão — Brianna disse, atraindo minha atenção. — Vai pra casa e descansa, Ry. Você teve muitas emoções por hoje, eu posso ficar com Killer — sorriu, me puxando dos braços de Kellan para me abraçar.

Seus braços delicados me apertaram, enquanto ela acariciou minhas costas suavemente, me confortando.

— O quê? Não... — eu neguei, me afastando dela.

— Brianna tem razão, você precisa ir para casa descansar — Kellan aconselhou. — O veterinário disse que o susto foi grande, mas Killer vai ficar bem. Ele só precisa ser observado por hoje, e amanhã já pode receber alta.

A contragosto, olhei para ele.

— Não posso deixar Brianna e Killer sozinhos...

Minha melhor amiga agarrou meu rosto e me obrigou a encará-la.

— Relaxa, Ry. Eric está vindo aí — falou, antes de seus olhos alcançarem algo atrás de mim. — Pronto, está vendo? Ele chegou!

Olhei para trás, vendo Eric vir em nossa direção com uma sacola de brinquedos para cachorro. Sei disso porque alguns caíram no chão à medida que ele correu, e ele teve que se agachar para apanhá-los.

— Vim o mais rápido que pude, como está o Killer? — parou ao nosso lado, os olhos arregalados.

Abri a boca para responder, mas foi Brianna quem me apertou em seus braços e falou por mim.

— Ele vai ficar bem, está tomando soro e vai ficar sob observação até amanhã — Deu tapinhas em meu ombro. — Agora estamos tentando convencer essa daqui a ir para casa e descansar.

Eric me encarou.

— Vai, Ry. Podemos ficar com Killer para você — Sorriu suavemente. — Você precisa de um descanso, está tremendo. Eu te amo, mas você está destruída, princesa.

Em outras circunstâncias, eu daria uma resposta sarcástica para sua brincadeira, mas nesse momento, eu não me sentia eu mesma.

De repente, fui arrancada dos braços de Brianna, que resmungou. Ela olhou para Kellan, com uma carranca, enquanto ele lançava um de seus braços ao redor dos meus ombros.

— Me ligue se precisar de algo, Brianna — falou para a prima e acenou na direção de Eric, que devolveu seu cumprimento. Ele me puxou para a saída. — Vamos.

— Por favor, me mantenham informada sobre Killer! — pedi aos meus amigos.

Eles fizeram “joinha” com as mãos.

Respirei fundo, deixando que Kellan me guiasse até a sua nova Ferrari. Só então eu notei que a chuva tinha parado de cair. Passei tanto tempo distraída e preocupada, que fiquei alheia ao que acontecia ao meu redor. De qualquer forma, estava feliz que meu cachorro estivesse bem.

Kellan abriu a porta do carro para mim e eu entrei, puxando as mangas da jaqueta de Raphael para baixo a fim de cobrir minhas mãos quando senti um pouco de frio. Kellan entrou e deu partida, e eu o assisti nos levar para longe da clínica veterinária, enquanto afastava os fios molhados do meu rosto.

Com meus olhos ardendo de tanto chorar, encarei Kellan. Agora seu cabelo estava um pouco mais seco e ele moveu a cabeça, fixando os olhos nos meus. Eu não quebrei o contato visual, mas ele o fez para prestar atenção nas ruas.

— Obrigada — sussurrei, vendo como seu queixo travou e ele apertou os dedos ao redor do volante.

— Fiz por Killer.

Não por mim. Por Killer. Tudo bem, eu poderia lidar com isso.

— Ainda assim, obrigada — olhei pela janela, engolindo a dor no meu peito.

Kellan não respondeu ou fez nenhum comentário, ele apenas continuou dirigindo em direção à sua casa; eu também permaneci em silêncio.

Passaram apenas alguns minutos antes de Kellan parar a Ferrari no estacionamento de um prédio luxuoso. Franzi meu cenho.

— Onde estamos?

Kellan me encarou, afastando as mãos do volante.

— Meu apartamento. É aqui onde você vai morar a partir de agora. Comigo — ele enfatizou a última palavra, com a sobrancelha arqueada.

Então, ele desceu da Ferrari e fechou a porta. Enquanto isso, eu continuei olhando para frente, tentando processar o fato de que Kellan me trouxe para o seu apartamento.

A porta do meu lado foi aberta e eu olhei para ele.

— Sem seus pais — murmurei.

— Você jura? — sorriu, com sarcasmo, me fitando. — Porra, você está tremendo. Desça e vamos subir.

Saltei do carro e a primeira coisa que ele fez foi agarrar minha mão; depois, travou a porta da Ferrari, me puxando para longe do estacionamento

cheio de carros luxuosos.

Encarei minha mão na dele, vendo como ela parecia pequena ao seu lado mesmo sem ser, de fato. Ele não precisava segurar minha mão para me guiar, mas o fez. E eu não poderia me sentir cuidada apenas por um gesto banal como esse, mas eu senti.

Passamos pela recepção, entramos no elevador, e minutos depois ele nos levou ao andar de Kellan. Ainda em silêncio. Um silêncio torturante.

Quando saímos do elevador, fomos para o apartamento de Kellan e ele digitou uma senha na fechadura eletrônica, abrindo a porta para nós. Ele entrou, consequentemente fazendo com que eu entrasse também. Discreta, observei como a decoração do lugar combinava com ele.

Fria e escura, com uma pitada de elegância.

A porta foi fechada e trancada novamente, logo atrás de mim.

— Tira a roupa ou vai pegar um resfriado.

Olhei para ele e assenti, tirando minha jaqueta encharcada depois de pegar meu canivete no bolso dela. Kellan pegou a roupa molhada da minha mão e encarou a frase nas costas, sua garganta engolindo lentamente, de forma pesada. Como se ele estivesse engasgado.

Ele abaixou a mão com a jaqueta e fitou meus olhos, pegando o canivete para guardá-lo na cômoda mais próxima. Eu não consegui ler os olhos dele, mas senti uma tristeza tão grande. Mesmo que ele não demonstrasse nada.

Kellan agarrou minha mão novamente, saindo da sala e subindo uma pequena escada. Não vi o lugar por completo, mas percebi que ele exalava Kellan. Cada parede, cor ou móvel.

Ele passou por uma porta e me puxou consigo. Prendi a respiração ao perceber que era o quarto dele.

— Você precisa de um banho — falou, indicando uma direção com o queixo. — Ali é o banheiro, tem uma toalha reserva no armário.

Eu não me mexi, só continuei apertando minhas mãos em punhos, enquanto o encarava. A pressão subiu pela minha garganta e parou em meus olhos, fazendo a parte de trás queimar. Eu não sabia por que me sentia tão fraca agora. Tão impotente.

Kellan andou em minha direção.

— Você vai chorar de novo — ele afirmou, com uma pitada de irritação, parando diante de mim.

Mordi o interior da minha bochecha.

— Não.

— Seu lábio está tremendo.

— É de frio — murmurei, baixinho, a mentira saindo esganiçada.

Kellan revirou os olhos, cruzando os braços em frente ao peito largo, enquanto um sorriso se desenrolava em seus lábios. Ele pareceu zombar das minhas palavras, como se não acreditasse nelas.

— Banho — sibilou, lenta e novamente.

Lhe dei as costas e caminhei em direção ao banheiro, sentindo minhas costas queimarem pela atenção que eu sabia que ele estava dando aos meus movimentos. Cocei meu nariz, sentindo meu corpo voltar a formigar, em sinal de abstinência. Talvez um banho fizesse mais do que esquentar meu corpo gelado.

Entrei no banheiro, me limitando a encarar brevemente o enorme cômodo, porque eu não queria perder tempo com isso. Abri o box e entrei, amarrando meu cabelo úmido em um coque, para então ligar o chuveiro.

A água quente atingiu meu corpo cansado e eu ergui o rosto em sua direção, suspirando. Não saberia dizer quando as lágrimas começaram a se misturar com a corrente de água, mas eu chorei de novo. Neste momento, eu estava sentindo tanto. Tantas coisas. Não sabia onde a saudade de Rapha começava e o desespero por Killer terminava.

E ainda tinha a irritante necessidade de consumir drogas querendo crescer em meio a esses sentimentos. Deus, eu estava tão cansada de lutar tanto. Não sabia se conseguiria mais.

Me agachei no piso do banheiro, ficando sob meus tornozelos, enquanto continuei chorando, aliviando um pouco do furacão em minha mente e em meu corpo. Fiz isso por longos minutos antes de me levantar e desligar o chuveiro, enxugando minhas lágrimas pela décima vez só naquele dia.

Abri o box e saí, vendo que tinha uma toalha e uma muda de roupa em cima da pia de mármore. Me aproximei e me enrolei na toalha, vendo que as peças eram uma camiseta larga e grande de Kellan, na cor branca, e uma cueca boxer preta.

Eu as vesti e olhei meu reflexo pavoroso no espelho, verificando se eu ainda chorava e analisando o modo como a camiseta de Kellan chegava até o meio das minhas coxas. Quando estava tudo, menos satisfeita, eu saí do banheiro.

Encontrei Kellan ao lado da porta, as costas na parede e os braços cruzados, olhando para frente; vestido com uma calça moletom cinza e uma regata preta. Ele moveu o olhar para mim e eu funguei, agarrando a barra da camiseta.

— Em que quarto vou dormir? — perguntei com um fio de voz, querendo descansar.

Kellan grunhiu e me puxou em direção aos seus braços, me apertando. Era como uma gaiola, mas me fazia sentir protegida e confortável.

Enterrei meu rosto em seu peito, abraçando sua cintura, enquanto começava a chorar de novo. Era como uma torneira quebrada e isso já estava me irritando.

— O que eu vou fazer com você? — ele questionou, parecendo furioso comigo. Com ele. Eu não sabia dizer.

— E-Eu pensei que perderia Killer para sempre...

— Ele está bem.

Seu peito abafou o som do meu choro e eu o apertei com mais força. Kellan agarrou meu rosto entre as mãos e beijou minhas pálpebras, como fez no cemitério. Eu odiava isso, porque sabia que não merecia.

— Pare de chorar — ele mandou, colando nossas testas. — Seu cachorro está bem. Você está me irritando ainda mais chorando desse jeito — murmurou, com os dentes cerrados. No entanto, o carinho com o qual ele me tocava não combinava com seu tom.

Assenti com a cabeça e Kellan me puxou em direção à cama. Ele me deitou sobre o colchão e em seguida fez o mesmo, logo às minhas costas. Um edredom pesado de cor azul-marinho cobriu meu corpo e o dele, nos protegendo do frio.

Me encolhi na cama como uma bola, contra o corpo de Kellan, sentindo seu peito colado nas minhas costas. Ele passou o braço pela minha cintura e eu o agarrei, desejando que ele nunca fosse embora.

Encarei a poltrona com a jaqueta do meu irmão sobre ela.

— Você me odeia, Kellan? — perguntei, no escuro do quarto.

A mão dele se abriu em meu estômago, me puxando para mais perto.

— Durma.

Ele mandou e eu agarrei sua mão, a tirando do meu estômago para colocá-la ao lado do meu rosto, bem em cima do travesseiro. Como se fosse

um ursinho de pelúcia.

Kellan apenas deixou que eu fizesse o que queria.

— Bom, eu me odeio... — murmurei, sonolenta, enquanto fechava meus olhos. — E eu não vou te julgar se você se cansar de mim também.

Eu já desisti de mim há muito tempo.



*“Porque eu estou aqui, estou dando tudo o que eu posso.
Mas tudo o que você faz é bagunçar as coisas.
Sim, eu estou bem aqui, estou tentando fazer ficar bem claro
que ter metade de você, simplesmente, não é o suficiente”*

James Arthur – Naked

Kellan Royal

“Você me odeia, Kellan?”

Inferno, bem que eu gostaria.

Sentado na poltrona ao lado da minha cama, a observei dormir. Os cabelos ondulados espalhados por meus travesseiros, enquanto ela estava agarrada a um deles, encolhida. O rosto era sereno, e nem parecia que ela tinha acordado duas vezes durante a madrugada achando que já tinha amanhecido e que poderia buscar Killer.

Brinquei com os nós dos meus dedos, vendo quando ela apertou o travesseiro com mais força, enterrando o rosto nele. A camisa que eu lhe dei subiu, exibindo um pedaço de sua bunda que escapou da cueca que, aliás, nem como a porra de um short serviu.

Passei a madrugada em claro, os acontecimentos da noite passada não me deixaram dormir. Ryen vinha sendo perseguida há muito tempo, e isso era um problema que não teria chegado a esse ponto se ela tivesse me contado com antecedência. Mas porra, ela não confiava em mim.

Era isso, ou ela se sentia capaz de acabar com os próprios problemas sozinha. Ok, isso até poderia ser verdade em outros casos, mas com esse problema em específico, não. Tudo o que ela fez foi deixar que virasse uma imensa bola de neve. E não estou a culpando pelo que aconteceu com Killer, mas ter me contado a verdade não iria doer.

Não perguntei a ela, mas eu sabia que a pessoa tinha um motivo para a estar perseguindo. Uma brincadeira não chegaria tão longe. Além disso,

ela parecia derrotada, como se soubesse que merecia aquilo. Em nenhum momento Ryen se perguntou o porquê de terem feito isso.

Nem mesmo Brianna, que me mandou uma mensagem de madrugada, desabafando sobre estar se sentindo culpada, questionou a situação. Em todo caso, o que importava era que eu iria o pegar o filho da puta que teve a ousadia de invadir o apartamento da minha prima e envenenar Killer.

Olhei para a carteira de cigarro em cima da minha cômoda, fazendo menção pegar um para fumar e desestressar, ao menos um pouco, quando meu celular tocou bem em cima da minha coxa. Era o nome de Yuki brilhando na tela.

Atendi.

— Descobriu algo? — perguntei, fixando meus olhos em Ryen.

— *Bom dia para você também, Kellan* — Yuki debochou, do outro lado da linha. — *Se eu dormi bem? Bom, não. Acredita que um filho da puta me fez ficar acordada a madrugada inteira para investigar um stalker?*

— E você conseguiu o que ele queria, suponho — entrei na brincadeira, apoiando minha cabeça em meu indicador.

Ela bufou no telefone, no mesmo instante em que Ryen ficou de barriga para cima e entreabriu as pernas, me deixando ver quão cavada minha cueca estava em sua boceta e sua bunda. *Porra.*

Me levantei da poltrona e caminhei até a porta, saindo do quarto para me concentrar em algo realmente útil naquele momento. A desgraçada não poupou a crueldade em suas palavras ontem à noite, mas tudo o que eu conseguia pensar ainda era em me enterrar dentro dela e fazê-la chorar e implorar pelo meu perdão.

— *Sério? Nem um bom dia?* — Yuki estalou a língua. — *Os americanos realmente não têm bons modos.*

— Você também é americana, não se esqueça.

— *Apenas por ter nascido aqui, não se esqueça* — se gabou. — *Fui criada com os bons e velhos costumes japoneses.*

Um sorriso zombeteiro se desenrolou em meus lábios.

— Participar de rachas ilegais regados a álcool, drogas e sexo explícito são costumes japoneses? O que seus avós diriam sobre isso? — eu atirei. — Os mais velhos são sempre mais tradicionais, não?

Yuki soltou uma risadinha.

— *Bom, você não está errado.*

— Vamos direto ao ponto, Yuki — eu pedi, passando as mãos por meus cabelos.

A ouvi suspirar, e em seguida o som de teclas repercutiu pelo celular, como se ela estivesse navegando pelo seu notebook. Fui em direção à cozinha, me sentindo repentinamente ansioso.

Abri minha geladeira, me mantendo ocupado.

— *Sinceramente? Não consegui encontrar nada, Kellan.*

Franzi o cenho, segurando minha garrafa de água na mão.

— Que porra é essa?

— *O que você ouviu, não consegui rastrear o número que você me deu. É como se ele nem existisse* — murmurou, frustrada.

— E as filmagens do prédio de Brianna? — perguntei, levando a garrafa aos lábios.

— *Eu acessei as câmeras, mas ninguém aparece nas imagens* — ela suspirou. — *Quando alguém corta uma filmagem, o horário do vídeo sempre é adiantado, entende? Mas nesse caso, ela foi simplesmente apagada. Não tem nenhuma movimentação suspeita no horário em que aconteceu aquilo com o cachorro da sua namorada.*

Cerrei meus dentes, afastando a garrafa dos meus lábios, e encarei minha geladeira, contendo a vontade de descontar toda a minha frustração nela.

— Então, você está me dizendo que não descobriu porra nenhuma?

— *Olha, seja lá quem for que estiver por trás disso, é muito bom* — ela afirmou, antes de seu tom se tornar sugestivo. — *Mas eu também descobri algumas coisas da última vez que você pediu que eu investigasse algo, talvez eu tenha um suspeito...*

Estreitei meus olhos, para ninguém em específico, e fechei a garrafa, a devolvendo à geladeira.

— Quem?

— *Lorenzo Diaz.*

O nome do filho da puta deslizou pela linha, me fazendo ficar mais irritado só de ouvir uma menção a ele. Eu odiava o desgraçado com todas as minhas forças, e duvidava se não teria coragem de matá-lo caso ele aparecesse na minha frente.

— O filho da puta é hacker — eu afirmei.

— *E dos bons* — Yuki reforçou, parecendo impressionada. — *Vasculhei um pouco mais e cheguei a algumas pessoas a quem ele forneceu uns trabalhos ilegais.*

— Quais?

— *Até agora, nada que o faça pegar uma perpétua* — riu, apertando as teclas de seu computador. Ela assobiou. — *Mas no meio desses trabalhinhos, tem uma transferência que ele fez para a conta dele no valor de quinhentos mil dólares.*

Apoiei meu quadril na pia, erguendo o queixo para cima, enquanto minha mente trabalhava.

— Ryen? — eu apontei.

— *Isso, meu caro Watson* — Yuki zombou. — *Ele fez uma transferência de dez milhões de dólares da conta de Victoria Rodríguez para a de Ryen.*

Assenti, devagar.

— E em troca, ele pediu quinhentos mil.

Ela fez um som afirmativo do outro lado da linha.

— *Provavelmente. E acho que talvez ele ainda esteja dolorido por ter levado um chute da Rodríguez.*

Não. Algo mais aconteceu. Se realmente for este filho da puta quem a está perseguindo, ele deve ter um motivo maior.

— Consegue fazer uma senha tão difícil quanto a minha para o apartamento de Brianna? — perguntei a ela.

Mais uma risadinha debochada repercutiu do outro lado da linha.

— *Sério, você me ofende perguntando algo assim* — falou, e pude jurar que a vi revirar os olhos. — *Você sabe quem eu sou, filho da puta?*

Foi a minha vez de sorrir e revirar os olhos.

— Não é como se você deixasse qualquer pessoa esquecer — zombei. — Também quero que coloque algum tipo de proteção no celular de Ryen e de Brianna. E no de Eric.

— *Ok, não é grande coisa* — Yuki fez pouco caso. — *Mas e o meu pagamento?*

Arqueei uma sobancelha, me afastando do balcão da pia para me aproximar da mesa de vidro.

— Nunca me cobrou, por que está fazendo isso agora?

— *Olha aqui, eu estou arriscando minha linda bunda com algo que pode ser perigoso* — ela soou indignada. — *Além do mais, eu preciso*

ganhar a vida, não é, cara?

— Vai se foder, seus pais são diplomatas — rosnei.

Yuki fez um som de quem estava chocada, parecendo ofendida com minhas palavras nada menos do que verdadeiras.

— *Falou muito bem, meus pais que são.*

Um sorrisinho debochado se esticou em meus lábios.

— Você não pareceu ligar para isso quando eles te deram sua Lamborghini rosa — provoquei. — Último lançamento, não? E seu papai ainda personalizou para você.

Ela ficou em silêncio por alguns minutos e meu sorriso continuou, vendo que eu a tinha deixado sem palavras. Afinal, o que eu disse era a mais pura verdade.

— *Filho da puta* — resmungou.

— Continue investigando, Yuki.

— *Foda-se* — rosnou, desligando.

Afastei o celular da orelha e o joguei em cima da mesa, reunindo minhas mãos para estalar meus dedos. O filho da puta era hacker.

Por que Ryen pediu para ele transferir dinheiro da conta da mãe dela se ela já era dona de tudo? Até mesmo mais do que Victoria. Ryen era a única herdeira viva dos Rodríguez, até que ela tivesse um filho. Não tinha sentido.

A não ser que ela não tenha aguentado esperar até completar vinte e um anos e tenha mandado o ex-namorado fazer a transferência. E eu não era burro de acreditar na merda que ela estava dizendo sobre ter tirado férias da universidade. Ela já estava aqui há um mês.

Ryen mal falava da mãe ou de sua vida no México. A maioria das informações que eu tinha sobre isso, ela me deu quando estava bêbada. Sei que Ryen foi abusada e que não se dava muito bem com a mãe desde que Raphael morreu. É claro, a velha desgraçada tinha que achar alguém para pôr no lugar do filho rebelde.

E ainda tinha Callum, uma pessoa com a qual nunca fui com a cara, mesmo não sabendo a porra da razão. Raphael também nunca me contou o porquê de odiá-lo, mas eu sabia que ele tinha motivos, e isso me bastava.

Meu celular tocou mais uma vez e eu movi meu olhar para tela, onde li “Advogado Ethan”. Peguei o aparelho e atendi.

— *Bom dia, senhor Royal* — o homem desejou, assim que atendi.

— Bom dia, Ethan. Novidades sobre o caso que designei a você?

— *Estive investigando nesses últimos dias, e não é um caso difícil. O pai da criança bebe muito e participa de apostas ilegais. A criança passa boa parte do tempo sozinha e falta regularmente à escola. Além do mais, quero acrescentar que o local em que a família vive é sujo e precário; nenhuma criança tem condições de ser criada naquele ambiente.*

Sorri, vitorioso.

— Conseguiu as provas de tudo isso? — perguntei.

— *Sim, senhor* — ele disse, prontamente. — *Tenho fotos, vídeos e gravações de áudio. Também tenho uma lista de todas as apostas que ele já fez e imagens da casa onde ele mora com a menina. Mal tem comida na geladeira e nos armários.*

Rangi meus dentes, apertando o vidro da mesa entre os meus dedos. Nem para cuidar da filha pequena aquele merda servia.

— Ele bate nela?

— *Não que eu tenha percebido.*

— Quero homens vigiando a casa, Ethan — disse, ouvindo de imediato um “*Agora mesmo, senhor*”. — Precisarás de testemunhas para o caso?

— *Não vai ser necessário. O material que tenho já é o bastante, senhor* — falou, eficiente como um robô.

Ethan devia ter uns quarenta e oito anos e era o advogado da minha família desde que me conheço por gente. Meu pai confiava na competência desse cara de olhos vendados, e eu sabia que ele nunca perdeu um caso sequer.

— E quanto ao fato de o irmão da menina também ser um imigrante ilegal? — perguntei, soltando a mesa. — Tem algum perigo de o homem abrir a boca?

Pela primeira vez durante a ligação, ouvi Ethan rir.

— *Não se preocupe, senhor Kellan. Ele não vai falar nada. E quanto a guarda da menina, So-hee, me dê três dias. Tornarei o seu amigo, o guardião legal da criança.*

Assenti, me sentindo totalmente seguro com a fala do advogado. Além disso, eu também confiava em seus excelentes serviços. Logo Yun estaria em casa com sua irmã, porque por mais que eu tenha prometido a ele, isso se tornou pessoal, pela criança. Eu não podia negar que me importava com ela e com suas milhões de perguntas.

Elogiei o trabalho de Ethan e ele disse que estava às ordens, desligando logo em seguida. Mais uma vez, joguei o celular em cima da mesa, passando meus dedos pelo meu cabelo.

Ergui minha cabeça, vendo a culpada pela porra dos meus sonhos, parada na entrada da cozinha. As mãozinhas agarradas à barra da minha camiseta branca, os mamilos pressionando o tecido. O cabelo estava amarrado em um coque baixo e alguns fios rebeldes caíam sobre rosto delicado.

Encarei seus olhos, me lembrando das palavras dela e do quanto foram verdadeiras. Raphael realmente não teria morrido se tivesse levado Ryen para casa e me deixado competir sozinho. Deveria ter sido apenas eu naquela Lamborghini.

— O que foi? — questionei, ao ver seu olhar inquieto, e cruzei meus braços em frente ao peito.

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, engolindo em seco.

— Brianna disse algo sobre Killer? Liguei para ela, mas ela não atendeu.

— Já falei com ela, Killer terá alta ainda hoje — contei, indo em direção à geladeira.

Tirei uma caixa de leite de dentro do eletrodoméstico, junto com queijo, presunto e patê de frango. Os coloquei em cima da mesa, e vi os olhos de Ryen pararem nos alimentos por alguns segundos.

— Vou tomar um banho e depois vou à clínica veterinária para ver Killer — ela disse, e me deu as costas.

Apoiei as mãos na mesa, inclinando meu corpo sobre ela de maneira sutil.

— Antes você vai tomar café da manhã.

Ela me olhou.

Suas mãos soltaram a camiseta e, diferente das outras vezes, ela não ergueu o queixo, me desafiando.

Na verdade, ela parecia triste e cansada. Retraída até.

— Eu não estou com fome — murmurou.

Não contive um bufar debochado.

— Não me venha com essa — respondi, zombeteiro. — Acha que eu não sei que sua última refeição foi o almoço de ontem?

É o cúmulo ela pensar que eu era tão burro assim.

Ryen arregalou os olhos, me encarando, como se eu fosse louco.

— Como sabe?

Brianna.

— Isso importa? Sente-se e coma — mandei, a vendo ficar imóvel. Fui em direção aos armários. — Ou você está esperando que eu coloque na sua boca?

A parte consciente de mim estava puta comigo mesmo por eu estar sendo um idiota rude. Mas a outra parte, a magoada, estava satisfeita por descontar o que eu senti ontem. Qual era o limite entre estar magoado e começar a ser um filho da puta?

— Sei que estou sendo hipócrita agora, mas você é um babaca do caralho — Ryen rosnou.

Arqueei uma sobrancelha, pegando meu celular de cima da mesa.

— Amo elogios assim, sério. Mas vou ter que te mandar sentar mais uma vez?

Algo nos olhos de Ryen escureceu e ela cerrou os dentes, estreitando os lindos olhos em minha direção.

— Eu disse que não estou com fome — repetiu mais uma vez, me encarando como se pudesse me matar. — Não tenho apetite para comer quando meu cachorro está em uma clínica veterinária. Vai enfiar a comida na minha garganta?

Dei de ombros.

— É o que você quer, não é? Que eu use a força, só para você poder jogar na minha cara depois? — atirei, amargo.

Ryen deu um passo para trás, a expressão raivosa desmoronando.

— E você, Kellan? — Abriu minimamente os braços, deixando que eles caíssem ao lado do corpo. — Quer que eu me sinta mais miserável do que já me sinto?

Porra, não faz assim.

Não diga coisas assim quando a única pessoa que deveria estar magoada neste exato momento, sou eu. Sei que não sou um santo, e já fiz muita merda, até disse algumas para ela. Mas nunca joguei seus traumas sobre seus ombros.

Cada vez que me aproximo mais, ela me empurra para longe, como se eu não fosse ninguém. Ryen não confiava em mim. Ela nunca me encontra no meio do caminho.

— Vai sentar à mesa por vontade própria ou vou ter que te amarrar e dar comida na sua boca? — questionei, tentando ignorar a dor em seus olhos pois ela estava me confundindo. *Me amolecendo*.

— Antes, tenha modos. Eu não sou um cachorro a quem você dá ordens — rebateu, entre dentes, virando as costas.

Ela deu alguns passos e eu vi um pedaço da sua bunda sob o tecido, me incitando a lhe dar um tapa. Apertei meu celular em minha mão, rangendo os meus dentes. *Inferno de mulher demoníaca*.

— Hum, acho que devemos voltar às velhas táticas. Você me dava menos trabalho naquela época — Suspirei, puxando uma cadeira para me sentar. — Clark Steven ficará em êxtase ao saber que você está de volta — o nome do paparazzi deslizou pelos meus lábios como veneno.

Ryen parou imediatamente e se virou para mim, me vendo erguer o celular, mostrando na tela o contato do homem que amava uma fofoca mais do que qualquer pessoa em Miami.

— Vou contar até três para você sentar a bunda na cadeira — Sorri de lado, balançando levemente o celular.

— Não acha que essa ameaça do paparazzi já está ficando velha? — Ryen debochou, aparentemente furiosa.

Mantive meu sorriso.

— Gosto das coisas tradicionais — disse, inclinando levemente minha cabeça para o lado. — Um...

Ryen fechou as mãos em punhos, uma risada sarcástica escapando de seus lábios. Estreitei meus olhos em sua direção e coloquei o aparelho no modo viva-voz. Meu sorriso aumentou.

— Dois...

— Pare de blefar — Ryen fingiu não estar afetada.

Arqueei uma sobancelha, clicando em “iniciar chamada”. Se ela gosta do complicado, tudo bem. Não iria implorar pela sua confiança quando eu nem sabia dizer se ela é difícil ou se eu estava fazendo tudo errado.

— Ops, meu dedo escorreu.

Ryen arregalou os olhos e correu em minha direção. Eu me levantei da cadeira antes que ela chegasse até mim e batesse contra meu corpo. Ergui o celular no alto da minha cabeça, e mesmo que Ryen não fosse baixa, ela pulou algumas vezes para pegar o aparelho da minha mão, falhando miseravelmente.

— Me dê a porra do celular, eu não posso parar em um jornal!

— Por que não? Você está fugindo da polícia? — provoquei, trocando o celular para a outra mão.

De repente, Ryen parou e ergueu o rosto para mim, com os olhos minimamente arregalados. Ela ficou pálida e eu vi sua garganta engolir em seco.

Sua reação criou uma fagulha de desconfiança atrás da minha orelha. Por não ser normal. Por ela realmente aparentar estar com medo. Contudo, tão rápido quanto sua expressão amedrontada apareceu, ela também sumiu.

— Por que você está sendo tão cruel comigo? — perguntou, com um fio de voz, passando os braços pela minha cintura.

Fiquei tenso vendo seu olhar mudar para algo sensual, e soltei um xingamento quando meu pau pulsou ao vê-la apoiar o queixo no meu peito.

— O que está fazendo, coisinha manipuladora? — questionei, não a tocando, mas a encarando de cima. — Acha mesmo que vou cair nesse joguinho?

Disse eu, já caindo.

Ela me olhou, com raiva, mas mudou seu foco para o meu celular quando a chamada foi atendida. Ryen arregalou os olhos, e no instante seguinte seu pé foi de encontro à minha canela, irradiando dor por toda a sua extensão.

— Porra! — xinguei, abaixando a mão sem nem mesmo notar.

Ryen pegou o celular da minha mão com rapidez e deu alguns passos para trás, encarando a tela com horror evidente. Isso era o que me matava. Saber que ela escondia alguma merda grande demais. Ela me deixava no escuro e eu odiava isso.

Quando a voz da mulher inundou a cozinha, eu corriji minha postura, ignorando a dor em minha canela.

— *Bom dia, Celly falando* — a atendente se apresentou, animada. — *Trabalhamos com café da manhã, almoço e jantares. Gostaria de fazer seu pedido?*

Fixei meus olhos em Ryen, vendo como suas sobrancelhas estavam franzidas, formando vincos em sua testa. Ela encarou a tela do celular, horrorizada, e desligou a chamada.

— O quê? — murmurou, perdida. Ela moveu os olhos para os meus. — Você ligou para um restaurante e não para o paparazzi?

Assenti com a cabeça, de maneira desleixada, sorrindo, sádico.

— Assustei você? — perguntei, as mãos nos bolsos de minha calça.

Ryen soltou um gritinho irado e veio em minha direção. Ergui minhas sobrancelhas e segurei um de seus pulsos quando ela tentou acertar meu peito.

— Você acha legal ficar brincando comigo assim? — ralhou, tentando soltar o pulso para se afastar de mim.

Agarrei o outro, a puxando de encontro ao meu peito. Encarei seu rosto, vendo como seu coque se desfez e o cabelo caiu sobre as costas e rosto de maneira rebelde, lhe dando um ar de incontrolável.

— Para alguém que não deve nada, você teme bastante — Sorri de lado, erguendo meu queixo. — Ou será que você deve?

A vi engolir em seco e puxar os pulsos mais uma vez, toda a luta indo embora. A expressão cansada voltou para seu rosto e eu nem sabia se essa porra doía ou me deixava irritado.

— Eu não devo nada a ninguém — garantiu, encolhendo os ombros.

Me inclinei para mais perto dela, nossos narizes quase se encostando.

— Mentiras e mais mentiras — cantarolei. — Você não se cansa?

Ela me olhou com mágoa, apertando os lábios um contra o outro, talvez para se impedir de dizer algo que me faria desejar cinco anos de terapia, eu não sabia. Mas ela finalmente ficou quieta e não revidou. O que era estranho pra caralho.

Contra a minha própria vontade, meus olhos desceram para seus lábios, e ela os entreabriu, prendendo a respiração. Seu corpo se pressionou ainda mais contra o meu e, ao sentir o cheiro doce que vinha dela, eu tive que conter a vontade de enfiar meu rosto em seu pescoço.

Sua pele formigou em minhas mãos e eu encarei seus olhos; ela estava ansiando por mais. Eu também estava. Mas havia a porra de uma trava no meu peito.

“Ele não precisaria ter pedido isso se não tivesse entrado naquele carro com você.”

A lembrança me atingiu como um soco, mas também como uma dura verdade. Eu soltei os pulsos de Ryen.

— Coma apenas se quiser, não sou responsável por você — cuspi, sentindo a porra do meu coração apertado e me afastando dela.

Quando fiz menção de passar por Ryen, seus braços envolveram minha cintura como aço, me mantendo no lugar. Olhei para baixo, sentindo meu estúpido coração vacilar ao ver seus olhos marejados.

Por que ela ainda me segurava, se não me queria por perto?

— Me solte — mandei.

— Não.

— Não foi um pedido.

— Eu nunca te obedeci.

Franzi o cenho, sentindo uma enorme vontade de tocá-la. A disputa entre estar magoado e fingir que nada aconteceu crescia no meu peito, me sufocando.

— Ryen, eu não vou man-...

— Me perdoa — ela pediu, com a voz mansa, a primeira lágrima deslizando por sua bochecha. — Eu não quis dizer nada daquilo. Sei que você não matou meu irmão. E também sei que nada justifica o que eu disse, mas por favor, me perdoa.

Apertei meus dentes, vendo a dor em seus olhos.

Ergui minhas mãos para afastá-la, mas elas pararam a centímetros do seu rosto, enquanto meus olhos estavam fixos nas lágrimas que rolavam por suas bochechas. Por fim, me vi cedendo. *Ela me tinha na palma das mãos.*

Segurei o rosto de Ryen em minhas mãos e nos virei, a colocando contra o balcão. Ela agarrou minha cintura com mais força, fechando seus olhos, enquanto um soluço rasgou sua garganta.

— Por que você faz isso? — questionei, derrotado. Meu nariz acariciou o dela. — Por que me afasta desse jeito?

— Me perdoa, Kellan — chorou, copiosamente.

Porra, porra.

— Onde está aquela mulher forte que eu encontrei no seu apartamento no primeiro dia que te vi, hein? — Eu beijei sua pálpebra. — Por que você continua chorando e me partindo ao meio?

— Eu não sou forte, Kellan. Eu fingi... — Ela abriu os olhos, negando com a cabeça. — Estou quebrada. Me quebraram. Não tem mais nada de bom em mim. Nada que faça valer a pena você ficar comigo.

Travei minha mandíbula, odiando suas palavras.

— Quem te quebrou, Ryen?

— Tantas pessoas.

Umedeci meus lábios, encarando seus olhos.

— Isso não vai funcionar se você não se abrir comigo — Afastei alguns fios de seu rosto. — Isso não vai funcionar se você continuar agindo como se não precisasse de ninguém.

Ryen me agarrou com mais força, soluçando.

— Eu não sei como fazer isso, Kellan. Só sei machucar as pessoas ao meu redor — Ela me soltou, agarrando meus pulsos em seguida. — Mas mesmo que eu esteja destruída, isso não me dá o direito de te quebrar, como fizeram comigo. Você não matou o Rapha. Eu sei que você, mais do que ninguém, seria incapaz de machucar o meu irmão.

Mas eu poderia ter evitado. Poderia ter feito melhor, ter sido mais responsável.

— Por que você insiste em me confortar quando não permite que eu faça o mesmo por você? — questionei, e porra, doía como o inferno.

Ryen ficou calada e encarou o chão, fugindo do meu olhar. Eu ergui seu rosto, obrigando-a a me encarar, enquanto ela passava os braços pela minha cintura mais uma vez.

— Você esconde coisas de mim e não se abre. Faz com que eu me sinta um estranho — Colei minha testa na dela. — Você nunca acredita nas minhas palavras e prefere confiar em outras pessoas. Você tem medo, Ryen?

Ela continuou calada, reprimindo os soluços, enquanto se forçava a manter os olhos nos meus. Acaricieei suas bochechas, sentindo meu peito doer.

— Porra, eu sou louco por você — confessei, deslizando meu nariz pelo dela, antes de descansar a testa em seu ombro. — O problema é que eu te dou tudo de mim, e tudo o que você faz é bagunçar as coisas, amor. Me empurrar para longe. Você sabe a tortura que é sempre te ver erguer seus muros e me deixar do lado de fora?

— Eu não faço porque eu quero — Ryen garantiu, e eu voltei a olhá-la. — Eu simplesmente não sei mais como derrubá-los, Kellan.

— Você só tem que baixar a guarda para que eu possa cuidar de você.

Ryen riu, em meio às lágrimas, seu tom beirando o sarcasmo.

— Não é fácil assim. Você não pode me pedir para te deixar entrar quando tudo o que você faz quando algum mal-entendido acontece, é mandar o problema para o espaço e fingir que nada aconteceu — ela disse. Na verdade, não, ela desabafou. — As coisas não funcionam assim, Kellan.

Uni minhas sobrancelhas, confuso com suas palavras.

— Então, como funciona? — Soltei seu rosto, segurando a pia, uma mão de cada lado do seu corpo. — Com você se recusando a ter uma conversa comigo? Com você desistindo de nós no primeiro obstáculo que aparece?

Apertei minha mandíbula, encarando seu rosto sem sequer conseguir desviar o olhar. O agarrei mais uma vez, colando nossos quadris, porque estar perto dela nunca era o suficiente. Eu precisava tocá-la.

— Por que você não confia em mim, Ryen? — perguntei, beijando seu queixo. Eu estava desesperado. — Você não sente nada por mim, amor?

Ryen soluçou, fechando seus olhos, quando me inclinei para beijar suas lágrimas.

— Eu... — Ela engoliu em seco. — Eu nunca deixei de gostar de você, Kellan.

Respirei fundo, absorvendo essa informação, que pareceu me levar ao Céu ao mesmo tempo que suas lágrimas me levavam ao Inferno.

Agarrei uma de suas mãos e a pressionei em meu peito, bem em cima do coração.

— Eu estou aqui, despido de tudo. De qualquer mentira ou enganação. Eu te quero tanto, que a porra do meu coração parece que vai parar de funcionar a qualquer momento. Eu deveria te odiar por ontem, mas basta te ver chorar que eu me sinto um idiota — Segurei sua mão com mais força. — Mas eu não sei se consigo esperar até que você se desfaça de todo o seu orgulho. Eu nem sei se você quer fazer isso. Se você quer ser minha.

Ryen roçou os lábios nos meus.

— Eu nunca deixei de ser sua. Só não sou a mesma de antes. Eu nunca mais vou ser a Ryen que você conheceu, Kellan.

A primeira frase fez uma onda de possessividade crescer no meu peito e eu afastei sua mão.

— Porra, Ryen. Não ligo para quantas de você existe, eu quero todas elas, eu quero tudo. Seus sorrisos, suas lágrimas... — Deslizei minha língua por sua bochecha, a lambendo. — Você é tão minha quanto eu sou seu.

Ela mordeu o lábio inferior, tentando parar de chorar. Eu nunca a vi chorar tanto como ontem e hoje.

— E se nos machucarmos outra vez?

— Você está fazendo de novo — eu acusei. — Pensando negativo.

Ela negou, os olhos arregalados.

— Não, eu só...

— Pare de pensar em coisas assim. Pare de pensar que você faz mal a todos ao seu redor.

— Eu fiz mal a você.

— E eu a você. E sei que está arrependida agora, assim como eu fiquei — falei, acariciando seu lábio inferior. Dei um leve sorriso. — Nem me lembro mais de ontem.

— Mentiroso... — me acusou, me olhando, com uma carranca.

Meu sorriso se ampliou um pouco mais.

— Sim, essa expressão, é isso que eu quero ver. Não gosto de lágrimas em seu rosto. Só aceito aquelas que caem enquanto eu estou possuindo você — Mordisquei seu lábio inferior. — Pare de chorar e se abra comigo — pedi, gentilmente, mesmo que minha vontade fosse de matá-la enforcada.

Ryen assentiu, parecendo incerta.

— Eu vou tentar. Eu prometo — Assentiu várias vezes com a cabeça, fungando. — Mas você me perdoa, Kellan? Eu prometo que nunca mais direi algo assim.

Para reforçar o pedido, ela pressionou os lábios macios em meu queixo.

Reprimi um gemido, deslizando minhas mãos por suas coxas grossas. Ryen segurou meu rosto entre as mãos, puxando meu lábio inferior para si, levando junto todo o meu autocontrole.

— Inferno, não é como se eu pudesse odiar você, amor — grunhi.

Ryen não sorriu nem nada, apenas me encarou, com pesar.

— Tenho medo de que odeie minhas outras versões, Kellan. Talvez alguma parte de mim, com sorte, tenha algo para te oferecer — Ela sorriu, amarga.

Passando seus braços pela minha cintura, Ryen apoiou o queixo em meu peito. Agarrei os fios de sua nuca, massageando seu couro cabeludo.

— Eu não vou mais aceitar apenas metade de você, Ryen. Não é o suficiente. Quero tudo ou... tudo.

Ryen assentiu e eu desci meus lábios para seu pescoço, raspando meus dentes pela pele macia. Segurei seu rosto em minhas mãos mais uma vez, subindo meus beijos por seu queixo.

— Sabe quem está te seguindo? — eu perguntei, acariciando sua nuca. Ela negou com a cabeça. — Mas sabe o motivo?

Ryen assentiu, seu lábio tremendo.

— Desconfio.

— Você está fugindo de algo?

Ryen engoliu em seco, o rosto ficando pálido.

— Sim — ela confirmou minhas dúvidas, enxugando as bochechas.

Bom.

— O que você fez, Ryen? — questionei, mais uma vez, querendo algo dela.

Ela mordeu seu lábio com mais força e eu olhei para baixo, a vendo segurar a barra de sua camisa, amassando o tecido entre os dedos. Voltei a olhá-la.

— Fiz uma coisa horrível que talvez não tenha perdão — ela disse, com a voz quebrada.

A velocidade de sua respiração aumentou e, contra o meu peito, senti como seu coração começou a bater mais rápido. Uma gota de suor começou a surgir em sua têmpora e eu a enxuguei.

— O que você fez? — Meu tom era cauteloso.

— Machuquei uma pessoa. Muito.

Ryen respirou fundo, tentando puxar o ar, como se até respirar fosse difícil. A agonia em seu olhar era evidente e estava me afetando também. Tudo ao redor de Ryen me afetava.

— Toda vez que eu me lembro, eu sinto que quero morrer, Kellan — murmurou, com dificuldade. — Me sinto muito suja e minha cabeça dói. É angustiante, e parece que nunca vou conseguir esquecer — Ela levou as mãos trêmulas ao peito.

Porra, um ataque de pânico?

Agarrei suas mãos e busquei em mim uma gentileza que eu nem tinha. Beije as palmas de suas mãos e as soltei, agarrando seu rosto.

— Shh... — a tranquilizei. — Você não precisa me contar agora. Foi um bom começo, amor. Você me contou mais do que eu esperava.

Eu estava enganado ao achar que arrancando a verdade de Ryen, estaria fazendo o melhor para ela. Pessoas quebradas, como ela, não respondiam assim. E eu estava mais do que disposto a ser mais paciente com ela.

— Sinto muito — pediu.

— Nós vamos trabalhar nisso — eu disse, juntando nossas testas. — Mas para de pedir perdão. Eu estou ficando irritado pra caralho, amor.

Em meio às lágrimas, Ryen deu uma risada, e esse foi meu fim. Um sorriso tão lindo que sempre me fazia ver como eu era um filho da puta molenga quando o assunto era ela.

Ryen entreabriu os lábios, talvez para dizer algo, eu não sei. Em todo caso, eu puxei levemente sua cabeça para trás e tomei seus lábios em um beijo possessivo, descontando todas as minhas frustrações dos últimos dias.

Ela suspirou e pediu passagem com a língua, em seguida adentrou minha camisa, as palmas quentes de suas mãos entrando em contato com as minhas costas, na região da lombar. Chupei sua língua e ela choramingou.

Agarrei suas coxas e a sentei no balcão da pia, a puxando para a beirada. Ryen agarrou meu rosto, mudando — com certa dificuldade — o ritmo do beijo para algo mais lento. Meu pau pulsou quando sua língua escovou vagarosamente a minha, parecendo não ter pressa.

— Caralho, eu amo isso... — Chupei seu lábio inferior.

— Eu também amo, mas eu preciso ver Killer — Ela explicou, e me olhou por baixo dos cílios. — Por favor, sim? Sei que estou sendo chata, mas não estou com ânimo para transar agora.

Eu ri, rente aos seus lábios, assentindo.

— Mas antes você vai comer algo.

— Tudo bem.

Um detalhe sobre Ryen: ela perde o apetite ao passar por grandes emoções. Só que eu não estava aberto a negociações quando o assunto era a alimentação dela.

Quanto ao fato de ela não se abrir comigo, o pouco que ela me disse já era um avanço do caralho. E mesmo que eu estivesse sendo bonzinho, eu ainda era um grande e enorme filho da puta. E eu iria pegar o desgraçado que quebrou a *minha mulher*.



Mudei meu foco do notebook em meu colo, para a TV, notando que o segundo filme de *Velozes e Furiosos* tinha acabado de começar. Olhei para Ryen, dormindo ao meu lado, agarrada a Killer, que nem mesmo

parecia se importar. Acariciei sua coxa, subindo e descendo minha mão por ela.

Nós o buscamos depois que eu preparei panquecas para ela e a fiz comer um sanduíche. Em seguida, ao chegarmos na clínica, ela chorou mais uma vez quando Killer correu até ela e lambeu seu rosto. O veterinário disse que ele precisaria de repouso, mas o cachorro nem parecia ter sido envenenado.

Pedi a Brianna para levar as coisas de Ryen para o meu apartamento e voltei com os dois para lá. Ryen alimentou Killer, o observando a todo momento, antes de se sentar com ele no sofá, pôr um filme na TV e me chamar para assistir com ela, enquanto não largava do cachorro.

Ela resistiu apenas ao primeiro filme; antes das cinco da tarde, ela adormeceu. Senti uma movimentação e olhei para o lado, vendo Killer me encarando, enquanto sua dona estava com o rosto enterrado em seu pescoço. Ergui uma sobrancelha quando ele olhou de mim para ela e se afastou, pulando do sofá.

O acompanhei com os olhos, vendo quando ele foi em direção ao pote de ração. Ryen se sentou de maneira abrupta.

— Killer? — perguntou, alarmada, olhando ao redor.

Apertei sua coxa, atraindo sua atenção para mim.

— Ele está comendo.

Ryen olhou para o local onde Killer estava e suspirou, aliviada, passando as mãos pelo cabelo levemente desgrenhado. Antes de começar a assistir ao filme, ela tomou um banho e lavou os fios, depois vestiu mais uma camisa azul-claro e uma cueca minha, já que Brianna ainda não tinha trazido suas coisas.

Mas a verdade era que eu queria mantê-la vestida com minhas roupas porque ela parecia muito confortável, e isso deixava meu pau duro. Pra caralho.

— O que está fazendo? — Ryen perguntou, rastejando para mais perto de mim.

Ela se sentou de modo que minha mão ficasse entre suas pernas, especificamente na parte interna de sua coxa. *Merda.*

— Trabalho da faculdade — respondi, acariciando sua coxa, enquanto digitava no notebook com a outra mão.

— Faz uns três dias que não piso na universidade — murmurou, descansando a bochecha no meu ombro.

— Amanhã você tem que voltar. Não me esqueci da sua performance — falei, movendo o *PDF* do trabalho para uma pasta.

— Nunca mais vi Sam depois daquele dia.

Pelo menos o merdinha tem amor à vida.

— Que estranho, não? — falei, distraído.

Ryen afastou a bochecha do meu ombro e, pelo canto do olho, a vi me encarar. Poderia sentir a desconfiança exalando dela.

— Eu sei que foi você quem o ameaçou — ela acusou, falando como se tivesse descoberto algo incrível. *Era fofo até.*

— Sim, eu disse que se ele se aproximasse de você, eu o mataria — sorri de lado, me sentindo orgulhoso.

Minha carícia subiu um pouco mais e ela pareceu nem notar quando suspirou.

— Você nem perguntou se eu precisava dele.

Suas palavras me fizeram parar o que eu estava fazendo, e de maneira fuzilante, a encarei.

— Não, você precisa de mim. Ele é só um pedaço de lixo que pode ser descartado — rebati, entre dentes. — Aliás, ele não tinha boas intenções.

A vi sorrir de lado e se ajoelhar no sofá, de frente para mim, me obrigando a afastar a mão de sua coxa.

— Não é como se você tivesse as melhores intenções comigo — provocou, deslizando o indicador por cima de um sinal em meu ombro.

— Já disse que minhas más intenções são as melhores possíveis. Eu confio nelas — garanti. — E vou manter longe qualquer um que queira enfiar o pau na minha garota. Na verdade, vou mantê-los longe de qualquer maneira.

Ryen revirou os olhos, mas seus lábios se esticaram em um sorriso. Ela se inclinou em minha direção, me dando um selinho demorado.

— Obrigada por salvar Killer — agradeceu, acariciando o meu nariz com o dela. — Então quer dizer que você é louco por mim, hein?

Sorrii, travessa, beijando meu queixo.

Eu soltei uma risada sarcástica.

— Por favor, amor. O que você não me pede chorando que não faço rindo?

Ryen sorriu mais amplamente, e meus olhos desceram para seus mamilos dando “olá” sob tecido da camisa. Ela seguiu meu olhar e ficou

com a coluna reta.

— Estou distraíndo você? — perguntou, cobrindo os seios com as mãos. Olhei para seu rosto, a encontrando de qualquer maneira, menos envergonhada. — Desculpe, vou ficar bem longe — Me olhou com falsa tristeza, colocando um pé para fora do sofá.

Joguei o notebook para o lado e agarrei seu braço, a puxando com força o suficiente para que ela se deitasse no sofá.

— Onde você pensa que vai? — rosnei, avançando sobre ela.

Ryen soltou um grito quando me meti entre suas pernas e envolvi seu pescoço com uma de minhas mãos.

— Kellan... — soprou, agarrando meus bíceps.

— Acha que pode desfilar na minha frente com os peitos praticamente sinalizando e não vou fazer nada?

— Você é contra peitinhos, Kellan? — ela me provocou, deslizando os lábios pelo corte que fez em meu rosto dias atrás.

Quase me esqueci que ele estava ali.

— Pelo contrário, Ryen. Pode andar nua se quiser, não vou me opor — Sorri maliciosamente, antes de tomar seus lábios em um beijo.

Ryen arfou quando chupei seu lábio inferior, antes de escovar minha língua na dela vagorosamente. Seus dedos agarraram os fios do meu cabelo e eu apertei seu pescoço com mais força.

Ela ofegou e eu não contive a vontade de colar nossos quadris e pressionar meu pau em sua boceta. Suas pernas apertaram a minha cintura, me puxando para mais perto. Eu não tinha palavras para descrever quão bom era ficar entre suas coxas macias.

Interrompi o beijo e me afastei minimamente, a vendo abrir os olhos de maneira lenta. Eu sorri, subindo sua camisa aos poucos, com meus olhos fixos nos dela. Ryen agarrou meus bíceps mais uma vez, e mordeu o lábio inferior quando expôs seus seios.

Murmurei um xingamento ao ver que as marcas que fiz em seus seios, tanto de mordidas, como de chupões, ainda estavam em sua pele.

Me abaixei e tomei um mamilo na boca, quase gozando nas calças quando o gosto dela revestiu minha língua.

— Kellan — choramingou, com a vozinha doce. — Não chupe assim, estou sensível aí.

— Ouvi dizer que mulheres grávidas ficam com os seios sensíveis — brinquei, beijando o vão entre seus peitos.

— Ou então, aquelas que estão perto de menstruar — ela debochou, com a voz afetada. — Não fala isso nem de brincadeira.

Eu me afastei de seus seios.

— Ter um filho meu te assusta tanto assim? — perguntei, sério.

Ryen ergueu as sobrancelhas.

— O quê? Não! É só que eu não estou pron-... — Ela parou de falar quando viu meu sorriso aumentar. — Idiota! Qual a graça?

Soltei uma risada grave, lhe dando um selinho demorado, enquanto meu polegar acariciou o mamilo duro.

— Não se preocupe, amor. Não tenho pressa em pôr um filho em você. Embora eu saiba vai acontecer e que não vai demorar muito.

Agarrei o outro seio e acomodei o mamilo em minha boca, o chupando com força. Ryen agarrou meus ombros e puxou o ar entre os dentes, se contorcendo logo abaixo de mim.

Troquei de mamilo e ela ofegou, erguendo o quadril de encontro ao meu. A boceta dela se esfregou no meu pau e eu dei o que ela queria, a fodendo por cima da roupa. Mesmo que o tecido da minha calça moletom fosse fino, ainda não era o bastante. Eu estava duro feito pedra.

— Você vai me deixar chupar essa boceta apertada, amor? — Belisquei o mamilo, ganhando um gemido manhoso em troca. Mordisquei seu queixo. — Eu devo te fazer gozar na minha boca?

Uma? Duas? Três vezes?

Ryen assentiu, com os lábios entreabertos, e continuou investindo contra o meu quadril, praticamente implorando para ter um orgasmo. Eu grunhi, entrelaçando nossas mãos no alto de sua cabeça.

Ela mexeu o quadril de um lado para o outro e eu fiquei imóvel, enquanto ela roçava no meu pau com desespero, procurando estimular o clitóris que eu tinha certeza de que estava inchado. Eu o chuparia, faria questão de dar a devida atenção que ele merecia.

— Assim? — Segui o ritmo de seu quadril e ela cravou as unhas nas costas das minhas mãos. — Você quer gozar assim, hum?

Ela gemeu, balançando o quadril com mais afinco.

— Kellan...

Suas coxas me apertaram e nossos quadris não paravam, era a porra de uma foda por cima das roupas, e eu não sabia que poderia ser tão bom. *Porra, bom pra caralho.*

— Será que você goza assim, Ryen? — provoquei, rindo baixinho em sua orelha. — Aposto que sua boceta está pingando. Se você gozar nos próximos dois minutos, você ganha meu pau ou minha língua. Pode escolher.

— Quero os dois — respondeu, com autoridade, e eu encarei seus olhos, nublados de luxúria.

Um sorriso se abriu em meus lábios e eu lambi vagorosamente o seu pescoço.

Ryen mordeu o lábio inferior e eu ataquei sua boca, sugando sua língua. Ela gemeu e ergueu os quadris mais uma vez, soltando minhas mãos para agarrar minha bunda e me puxar de encontro a si.

A campainha tocou, mas não me importei, apenas continuei beijando a mulher debaixo de mim que, aliás, parecia prestes a gozar, sem nem ter sido tocada. A mulher que se contorcia tão lindamente, enquanto eu maltratava seus pontos sensíveis.

Killer latiu quando a campainha tocou mais uma vez, e Ryen interrompeu o beijo para virar o pescoço e olhá-lo.

— Kellan, pode ser importante — ela disse, e no segundo seguinte, bateram à porta.

Rangi meus dentes, continuando focado nela.

— Você é importante. Quem estiver lá fora pode ir se foder.

Killer latiu mais uma vez e Ryen abriu a boca para dizer algo, quando a tomei em um beijo. Ela agarrou meu rosto entre as mãos e o afastou um pouco, apenas o suficiente para que eu parasse de beijá-la.

Mais uma batida irritante.

— Pode realmente ser importante!

— Sim, e vai ter uma morte ainda mais importante — rosnei, entre dentes. — Vou pendurar a cabeça do filho da puta do lado de fora da porta, com um aviso de “Não perturbe, porra!”.

Ela riu, abraçando meu pescoço. Antes que eu conseguisse voltar a beijá-la, voltaram a bater à porra da porta.

— Já volto, amor — Lhe dei um selinho, antes de sair de cima dela. — Tampe os ouvidos.

Ryen riu mais uma vez e fechou as pernas, se sentando no sofá. Andei até a porta e Killer se ergueu sobre as patas traseiras, apoiando as da frente no meu quadril. Passei as mãos em suas costas antes de olhar pelo olho mágico. Minha raiva só aumentou.

Apertei meus punhos e abri a porta, ganhando a visão de Christian e Brianna com mais clareza.

— Pode ficar do lado de fora, filho da puta — ela olhou para Yun, com desprezo, antes de invadir meu apartamento com uma mala.

Você também, Brianna.

Yun respirou fundo e me encarou como se dissesse “você me paga”. Ele entrou no meu apartamento logo depois, as mãos nos bolsos de sua calça jeans larga, antes de arrumar a touca branca em sua cabeça.

Fechei a porta com força, talvez força até demais.

— O que fazem aqui? — perguntei, cruzando meus braços.

Brianna colocou a mala ao lado do sofá e abraçou Killer, que tinha subido no estofado. Ela e Ryen trocaram um sorriso e, assim, fui ignorado.

— Posso ver de longe quão animado você está por nos ver — Yun debochou, inclinando o corpo sobre uma poltrona e apoiando os cotovelos nela.

— Animado até demais — minha prima soltou, com uma careta, olhando para baixo do meu quadril.

Segui seu olhar e vi meu pau duro esticando o tecido da calça moletom. Ergui uma sobrancelha, pouco me fodendo pelo fato de eles estarem vendo minha ereção. Eu estava na minha casa, eles são os intrusos aqui.

Ryen jogou uma almofada em Brianna, que a agarrou, rindo.

— Eu estaria desfrutando da minha animação agora se vocês não tivessem aparecido — Eu sorri, sarcasticamente.

— Temos que conversar sobre outra coisa, priminho — ela enfatizou a última palavra, com desdém.

Soltei uma risada zombeteira.

— Tenho problemas maiores para resolver agora, Brianna. Um pau dolorido, por exemplo — respondi, cínico. Ryen arregalou os olhos, mas eu a ignorei. — E não, você e Yun não estão convidados

Christian olhou para Ryen.

— Que pena — O filho da puta fez beicinho.

O fuzilei com os olhos e dei um passo em sua direção, mas Brianna foi mais rápida, vindo até mim.

— Kellan, se pensa que vou ficar naquele apartamento com esse traficante de merda, você está louco! — Ela colocou as mãos na cintura, me

encarando, com a expressão raivosa. — Sei me virar, posso até ficar com Eric. Não preciso que esse cara fique comigo!

Yun soltou uma risada debochada, tornando a colocar as mãos nos bolsos da calça.

— Pode apostar, princesinha Royal — ele rebateu, devolvendo seu desprezo. — Não é como se ficar de olho em você fosse um parque de diversões. Uma criança possuída é bem mais interessante e fácil de lidar.

Suspirei, revirando meus olhos.

— Bom saber que estão se dando bem — Sorri, falso. — E sobre Eric, também estou cuidando dele.

— Colocou alguém para tomar conta dele também? — Ryen perguntou e eu assenti.

Brianna riu, negando com a cabeça.

— Por que ele, Kellan? — Ela apontou para Yun. — Você não pode confiar minha segurança a ele, esse cara nem gosta de mim!

— Que isso, princesa. Sou apenas recíproco — Ele piscou um olho.

Ryen assistia a tudo agarrada a Killer, um mínimo sorriso em seus lábios, enquanto seus olhos iam de Brianna para Yun. Ela parecia se divertir. Bom, porque eu já estava com dor de cabeça.

— Ao menos uma vez pare de ser tão teimosa, Brianna — Apertei o osso do meu nariz. — Não sei com o que estamos lidando e não quero pôr qualquer um para tomar conta de você. Vai ser Yun, e acabou.

Brianna abriu e fechou a boca várias vezes, e eu sabia que ela estava formulando uma resposta à altura e completamente venenosa. Ryen se afastou e se levantou do sofá, indo até ela.

— Vem, Bree — chamou, enroscando o seu braço no da minha prima. — Me ajuda a desfazer a minha mala.

Ryen a puxou em direção às escadas, a obrigando a se mexer. No entanto, ela estava com os olhos em Yun, que devolvia seu olhar mortal na mesma moeda. Então, Ryen segurou a própria mala e começou a subir as escadas com Brianna. Killer foi logo atrás.

Olhei para Yun e ele entrelaçou as próprias mãos, fazendo um gesto como se estivesse enforcando alguém. Ele grunhiu e parou, passando as mãos na touca.

— Morre, diabo! — chiou, olhando na direção por onde Brianna sumiu.

Eu sorri.

— Você não precisa cuidar dela, você sabe. Eu ia por outra pessoa, mas você se ofereceu como tributo.

— Encare isso como meu pagamento por você estar cuidando da guarda da So-hee para mim — Yun respondeu.

Franzi o cenho.

— Não estou fazendo isso porque espero algo em troca.

— E eu não gosto de dever nada a ninguém — rebateu, erguendo o queixo. — E vai se foder. Só aceita e me deixa preservar minha dignidade.

Revirei meus olhos, com um sorriso nos lábios.

— Boa sorte, cara — Coloquei a mão em seu ombro.

Ele a afastou, com um tapa.

— Essa é última vez. Sua prima é um inferno — rosnou. — Prefiro passar o dia com o Akira, o ouvindo falar naquele péssimo espanhol do caralho.

Eu ri e ele olhou para baixo, horrorizado.

— É sério, cara. Dá um jeito na porra desse pau, que coisa horrível.

Sorri de lado, maliciosamente.

— Ficou com tesão?

— Vai se foder, filho da puta. O que você quer está mole — Yun ergueu o dedo do meio.

Ele se afastou de mim e andou até a janela mais próxima, tirando um maço de cigarros do bolso da calça. Ele me ofereceu um e eu fui até ele, aceitando. Quando acendemos nossos cigarros, olhei para fora da janela e separei meus lábios, deixando a fumaça sair.

As nuvens cobriam o céu, o deixando totalmente nublado, e a brisa fria anunciava uma temporada de chuvas.

— Já descobriu quem é o filho da puta? — Yun perguntou, segurando o cigarro entre os dedos.

— Não, mas Yuki suspeita que também seja um hacker — Dei uma tragada.

— Se for tão bom quanto ela, teremos problemas.

— Eu sei.

Na verdade, eu estava torcendo para que fosse, assim eu não teria que me recriminar por não sentir peso na consciência ao esmagá-lo. Quando eu o fizesse, garantiria que fosse altamente doloroso, assim como foi para Ryen a sensação quase perder Killer.

Se eles eram os caras maus, ótimo. Eu seria o pior deles.



*“Eu vou cuidar do seu corpo, serei gentil, grite.
Está ficando mais quente, faça isso mais suave,
sentir seu peito sobre o meu”*
SoMo – Ride

Kellan Royal

Senti meu corpo pesado, e mesmo que eu tentasse abrir os olhos, não conseguia. No entanto, ao mesmo tempo que meu corpo pesava como o inferno, minha mente parecia flutuar, e tudo o que eu enxergava dentro dela, era o mais profundo breu.

O lugar em que eu estava era frio e solitário, não tinha ninguém à volta. Olhei para mim mesmo e me vi vestido com as mesmas roupas que usei para ir ao racha. Mas onde estava?

De longe, ouvi o choro de alguém e uma voz melodiosa preencher o vazio. Tão doce, que seria impossível não reconhecer. *Ryen*.

Olhei em volta, procurando a origem da voz da garota que tem sido minha obsessão por quinze anos. Desde que eu tinha quatro anos e a peguei em meus braços, a vendo tão pequena, e com os cabelos completamente negros. Mesmo que eu olhasse ao redor, não a encontrava.

O choro se tornou mais copioso, e eu senti o desespero crescer em meu peito, querendo saber por que ela estava chorando assim. Querendo saber quem machucou Ryen Rodríguez e quem eu teria que destruir para dar fim ao seu sofrimento.

A alguns metros de distância, uma luz branca apareceu. Podia até ser mínima, mas ainda assim era perceptível, graças ao breu que me cercava. A voz de Ryen parecia vir de lá. Sem saber onde diabos eu estava, fiz menção de dar um passo na direção da luz, mas meu corpo não respondeu.

Era como se eu não tivesse controle da porra do meu corpo, e isso já estava começando a me irritar, ainda mais quando o choro *dela* vinha com tanta dor e desespero, perfurando meu peito. Eu sabia que estava dentro da minha mente, mas por que eu não conseguia sair dela?

O choro e a voz de Ryen foram sumindo aos poucos, e eu tentei abrir meus olhos mais uma vez, sem sucesso. O que diabos estava acontecendo? Eu morri? Esse era o meu velório? Por que eu não conseguia abrir os olhos ou mexer o meu corpo?

Quando não escutei mais nada de Ryen, forcei meu corpo inútil a se mover, e finalmente dei um passo. Apenas um. E por mais difícil que fosse, eu tinha que continuar. Tinha que descobrir o que havia de errado comigo. Precisava saber o motivo do choro *dela*.

— Ele acordou! — Ouvi alguém dizer e, atordoado, foquei meu olhar em uma mulher próxima a mim.

Analisei seu vestido branco, sem detalhes, e franzi meu cenho ao reconhecer o resto das roupas. *Uma enfermeira?*

— Rápido, chame o doutor! — A mesma mulher mandou, mas eu nem sabia para quem era o tal médico.

Tudo o que passava em minha cabeça era onde diabos eu estava, e porque meu corpo estava tão dolorido. Olhei ao redor, estranhando as paredes que não se pareciam em nada com as do meu quarto.

Minha garganta estava seca e arranhando, como se eu não tivesse bebido água por meses. Olhei para baixo, cheio de confusão ao ver meu braço esquerdo enfaixado e tantos fios conectados ao meu corpo.

Tentei me levantar, mas a mulher foi mais rápida ao colocar a mão em meu ombro.

— Deite-se, o médico já está vindo!

Quando tentei me levantar mais uma vez, uma dor insuportável explodiu das minhas costelas e eu grunhi, voltando a me deitar na cama. Ao ficar imobilizado, senti algo duro ao redor da minha perna direita e tentei mexê-la; mais dor irradiou por todo o meu corpo.

Que porra era essa?

— O que aconteceu, por que estou aqui? — perguntei, com dificuldade, sentindo minha garganta arranhar a cada palavra.

Parecendo notar isso, a enfermeira sumiu e voltou em seguida, com um copo de água, colocando a mão na minha nuca para me ajudar a beber.

Bebi aquela água como se minha vida dependesse disso, sentindo o líquido acalmar minha garganta dolorida.

— Você acaba de acordar, senhor. Uma coisa de cada vez.

— O que aconteceu?

Antes que a enfermeira pudesse dizer qualquer coisa, a porta foi aberta e eu olhei na direção dela, vendo meus pais adentrarem o quarto, com um homem de jaleco branco que deduzi ser o médico.

Minha mãe agarrou meu rosto e beijou minha testa inúmeras vezes, e só então, quando ela se afastou um pouco, vi seu rosto inundado por lágrimas. Ela parecia muito cansada, e grandes olheiras abaixo dos seus olhos evidenciavam que ela não dormia há dias.

— Filho, graças a Deus que você acordou! — Mamãe chorou mais alto, espalhando mais beijos em meu rosto.

— Filho... — meu pai murmurou, ficando ao lado dela.

Em seus olhos havia algo semelhante a alívio e até mesmo algumas lágrimas acumuladas, o que era surpreendente, já que meu pai não era um homem de demonstrar sentimentos.

— O que aconteceu? — consegui perguntar, e minha mãe respirou fundo, acariciando meu cabelo.

— Você e Raphael sofreram um acidente no último racha — Foi meu pai quem respondeu. — Isso aconteceu duas semanas atrás. Você fraturou o braço e a perna, e quebrou algumas costelas. Também ficou em coma durante todo esse tempo.

Uni minimamente as sobrancelhas, descreditado de tudo o que ele estava me dizendo. Contudo, o estado em que eu me encontrava agora, era prova suficiente de que tudo o que ele dizia era verdade. A dor alucinante em minhas costelas também era bem realista.

— Eu não me lembro de nada — Encarei o teto do quarto.

O médico, que estava observando tudo, se aproximou de mim e começou a me examinar, começando por meus batimentos cardíacos.

— É normal, você acabou de acordar. Com o tempo suas memórias do dia irão voltar — ele me garantiu.

Eu nada disse, apenas voltei a encarar meus pais e seus rostos cansados.

— E o Raphael? Ele já teve alta? — perguntei, lambendo meus lábios rachados.

Eles se entreolharam por alguns segundos e eu estranhei quando minha mãe começou a chorar de novo. Dessa vez eu reconheci a tristeza em seu olhar, e até mesmo a dor. Algo estava errado.

— Filho... — Ela acariciou minha bochecha.

— Onde está Raphael?

Por que tanto mistério?

— Está tudo bem com o senhor Kellan, se me dão licença — o médico pediu, se afastando de mim.

Eu não dei a mínima para isso, apenas continuei encarando meus pais e me perguntando por que minha mãe continuava se desmanchando em lágrimas, quando eu já havia acordado. Ela não tinha motivo para chorar de tristeza como estava fazendo agora, não é?

E meu pai? Por que ele tem essa expressão derrotada em seu rosto?

— Por que não dizem logo? Ele ainda está aqui no hospital? — insisti, e meu pai limpou a garganta.

— O Raphael, ele... — Meu pai hesitou. *E ele nunca hesita.* — Raphael não resistiu, filho.

Uma risada deixou meus lábios e, porra, como doeu. Ainda assim, não pude deixar de continuar rindo.

— Você está com um bom senso de humor, hein pai?

Ele não pareceu achar graça.

— Falo sério, Kellan — Engoliu, com pesar. — Já era tarde demais quando os paramédicos chegaram. Raphael quebrou o pescoço. Não teve nada que pudéssemos fazer.

Toda a diversão que eu estava sentindo sumiu e deu lugar ao aborrecimento. Por que não falavam sério e paravam de brincadeira? Eu estava chegando ao meu limite.

— Foda-se, eu mesmo vou procurar por ele — eu disse, fazendo menção de sair da cama.

Meu pai foi mais rápido, me mantendo preso ao colchão. Minha mãe se aproximou.

— Sei que é difícil, filho, mas...

— Você mente! Vocês dois mentem! — Deslizei meu olhar para meu pai. — Raphael não morreu porra nenhuma, por que estão brincando assim?

— Ah, meu amor... — Minha mãe beijou meu cabelo.

— Raphael não morreu, por que não o chamam para vir aqui? Ele deve estar melhor do que eu, sei disso!

Meu pai abaixou a cabeça, e mais uma vez, aquela não era uma atitude que condizia com ele. *Não, não quero acreditar.*

— Sinto muito, *bambino...* — minha mãe sussurrou contra meus cabelos.

Eu gritei, tentando me levantar da cama, mas meu estúpido corpo sofreu com a dor, fazendo eu me sentir um fraco. Algo dentro do meu peito começou a doer ainda mais e eu quis arrancar meu coração fora.

— Não acredito em uma única palavra, nenhuma! — ralhei, de novo. — Deixe-me descer, vou procurar Raphael! Ele não pode ter morrido!

— Kellan, não saia da cama! — meu pai mandou, me mantendo firme contra ela. — Chame o médico, Lilian, Kellan vai se machucar se descer da cama!

Chorando, minha mãe correu para a porta e fez o que meu pai disse, enquanto ele me mantinha imobilizado em cima da cama. E eu, com meus dezenove anos, todo fodido, não tive como lutar contra um adulto perfeito e saudável.

Segundos depois, a sala ficou repleta de enfermeiras junto ao médico. Naquele dia, fui sedado contra minha vontade, porque esse foi o único jeito de eu parar de gritar o nome do meu melhor amigo, tudo porque eu me recusava a acreditar que ele tinha morrido.

Mesmo sedado, antes de apagar por completo, eu ainda chamei por ele. E mais tarde, após acordar, totalmente abatido pela notícia anterior, pedi para ver Ryen. Ela devia estar mais destruída do que eu.

Porém, isso não foi possível, porque Ryen tinha ido embora para outro país. Aquilo abriu um buraco ainda maior no meu peito e eu quis morrer. Sem Raphael e Ryen, me senti completamente sozinho. E a ferida nunca cicatrizava.

Depois de alguns dias, eu comecei a me lembrar de tudo, como o médico havia dito. *E eu preferia que isso nunca tivesse acontecido.*

Abri meus olhos e encarei o teto do meu quarto, sabendo que aquele foi apenas mais um entre muitos outros sonhos que eu tinha sobre o fatídico acidente. Eu nem ficava mais agitado ou suando frio, como acontecia no começo. Eu só... aceitei e me acostumei.

Virei a cabeça para a esquerda, vendo Ryen quase caindo da cama. Ela ainda estava vestida com uma camisa minha, mesmo que Brianna tenha

trazido seus pertences. Ela sempre dormia com minhas roupas e, porra, eu adorava isso.

Me aproximei um pouco mais e coloquei uma mão em sua cintura, a puxando para perto. Apoiei sua cabeça no meu peito e beijei sua testa. Precisava dela perto de mim quando a agonia estava tomando conta do meu peito. Ela me tranquilizava, e agora que Ryen estava aqui, eu nunca mais acordaria sozinho depois de ter sonhado com tudo aquilo.

Eu não pretendia deixar que ela tivesse o mesmo fim que o irmão. Eu protegeria Ryen, mesmo que isso custasse a minha vida. A minha existência não tinha sentido sem ela.

Analisei seus cílios cheios e um vinco apareceu no meio de sua testa quando ela franziu o cenho.

— Kellan, estou com calor... — resmungou, tentando se afastar de mim, ainda de olhos fechados.

Então era isso?

— Posso resolver isso, amor.

Estiquei meu braço na direção da minha cômoda e peguei o controle do ar-condicionado. Diminuí a temperatura e coloquei o aparelho próximo a nós.

— Agora está frio demais! — resmungou de novo, se agarrando ao meu corpo, enquanto abria os olhos. — Está disposto a me matar de frio só porque quer ficar abraçado comigo?

— Você não deveria ter se afastado, para começo de conversa — adentrei minha mão em seu cabelo, beijando sua testa demoradamente.

As pontas de seus dedos tocaram meu rosto, e quando eu a afastei, vi seus olhos me encarando. Ela se sentou.

— O que houve? — Ryen questionou.

Eu deveria dizer a ela que sonhei, mais uma vez, com o pós-acidente? Que não pude salvar seu irmão e que mesmo que digam que eu não tive culpa, eu iria pensar o contrário para sempre?

— Tive um sonho ruim — admiti, por fim.

— Raphael? — Ela voltou a se deitar, mas dessa vez, por cima do meu braço.

Então, ela inclinou a cabeça para trás, para me olhar enquanto deslizava os dedos por meu rosto.

Assenti.

— Não gostei de acordar e descobrir que meu melhor amigo tinha morrido e a irmã dele tinha ido embora.

Ryen fez uma careta quando eu apertei seu nariz; ela estava brincando com a barba por fazer do meu queixo.

— Eu não tive escolha, minha mãe me levou a força — murmurou, o olhar perdido. — Mas antes disso, eu sempre ia te ver.

— Minha mãe me disse — Acariciei suas costas.

A garganta de Ryen engoliu em seco e um tremor atravessou sua espinha, a obrigando a grudar o corpo ao meu. *Bom.*

— Ver você era uma válvula de escape para que eu pudesse fugir de minha casa e do bullying no colégio. Jenna era um saco... — Ela revirou os olhos e eu franzi o cenho.

— Jenna fazia bullying com você?

— Sim. Vai me dizer que não sabia?

— Acho que minha cara não nega minha surpresa, amor — debochei. — Eu nunca vi nada disso.

Ryen deu de ombros.

— O bullying era restrito apenas à sala de aula — confessou, antes de bocejar. — Mas isso foi há anos, não importa mais.

Agarrei a sua mão que estava em meu rosto e ela me olhou nos olhos, as sobrancelhas levemente erguidas.

— O que ela dizia?

— Nada de mais, não importa — tentou desconversar, mas larguei sua mão e agarrei seu queixo. — Kellan...

— O que. Ela. Dizia? — perguntei, pausadamente e com mais firmeza dessa vez.

Ela abriu e fechou a boca algumas vezes, talvez decidindo se ia ou não contar, eu não sabia. Em todo caso, ela ficou me encarando por mais alguns segundos antes de suspirar e parecer se lembrar da promessa que me fez há dois dias.

— Ela me chamava de gorda, mas com mais alguns alunos, também me apelidou de mijona, só porque fiz xixi na sala de aula quando era pequena. — Ela deu de ombros e voltou a acariciar meu queixo. — Não que ser gorda seja um xingamento, sabe. Mas ela dizia como se fosse algo ruim. E você sabe como eu era cheinha na época.

Sim. Eu sempre gostei das bochechas cheinhas de Ryen e nunca vi um só defeito em seu corpo. Se ela fosse gorda ou magra, inferno, eu não

poderia me importar menos.

Eu perdia as estruturas quando a via com os rotineiros arcos na cabeça, puxando a franja para trás. Aos quinze anos, os cabelos de Ryen atingiam a altura de sua bunda, hoje em dia, estavam um pouco abaixo do peito. Um pouco maior em comparação a quando ela cortou.

E eu ainda iria mostrar as tiaras que eu guardei para ela, ansiando pelo dia que a veria novamente.

— Eu nunca gostei do meu corpo. Ainda mais na dança — Ryen admitiu, em voz baixa.

Uni minhas sobrancelhas, agarrando seu queixo mais uma vez.

— Não tem nada de errado com seu corpo.

— Mas você disse que eu perdi peso. Você me olhou como se eu estivesse horrível — Ela me encarou, confusa. Até mesmo um pouco magoada.

Sorri de lado, descendo minha mão para sua coxa para erguê-la até a altura da minha cintura.

— Você tem que começar a parar de dar atenção às suas paranoias, amor — Lhe dei um selinho demorado. — Você e a palavra “horrível” não combinam na mesma frase. E eu apenas não gosto quando você perde peso pelos motivos errados.

Ryen sorriu minimamente, agora acariciando meu peito.

— Você está bem, Kellan? — perguntou. — Eu percebi que mudou o foco da conversa para mim.

— Estou bem, não é a primeira vez que tenho sonhos relacionados ao acidente.

— São frequentes?

— Sim, mas não quero falar sobre isso — anunciei, encarando seus olhos brilhando no escuro do quarto. — Continue o que estava dizendo.

— Não tem muito o que dizer, Kellan. Eu sofria bullying às escondidas, fim — falou, antes de cerrar os olhos. — Agora vamos falar de como você transou com Jenna Watson esse tempo todo que não estive aqui.

Sorri.

— Ficou com ciúmes?

— Você e McKay não se aturam, não é? Imagina o que você sentiria se descobrisse que eu transei com ele por cinco anos.

— Se essa for uma situação hipotética para que eu veja o seu lado, ela está saindo pela culatra e me deixando hipoteticamente puto.

— Fiquei exatamente assim, quis matar você e ela — Ryen apertou a mão em punho em cima do meu peito.

Gemi, a puxando para cima de mim.

— Porra, essa sua possessividade está me deixando duro pra caralho, sabia? — Enfiei meu nariz em seu pescoço.

O cheiro doce do shampoo me inundou, e a senti passar as pernas ao redor da minha cintura enquanto seu tronco estava inclinando em minha direção.

— A pergunta é... — Ryen cruzou as mãos em cima do meu peito e apoiou o queixo sobre elas. — O que não te deixa duro, Kellan?

Desci minhas mãos para sua bunda e as deixei lá.

— Apenas você me deixa assim, amor. Pode acreditar — Fiz menção de beijá-la, mas ela se afastou. — Não gosto dessa brincadeira, traga a porra da boca para cá.

Ryen afastou as mãos do meu peito e se sentou em cima do meu quadril, cruzando os braços.

— Não terminamos de conversar.

Agora que eu queria um pouco dela, penso se foi uma boa ideia pedir que ela fosse mais aberta a conversar comigo. Ryen estava muito falante, em momentos bastante inconvenientes.

— Caralho, Ryen. O que quer que eu diga? — rosnei, encarando seus olhos. — Que cada vez que eu fodia a Jenna ou colocava meu pau em qualquer outra mulher, era em você que eu pensava? Que nenhuma delas foi o bastante para que eu te esquecesse? Que eu sou louco por você e estou nas suas mãos? É isso?

Um sorriso largo se abriu em seus lábios e ela apoiou as mãos no meu peito, o cabelo se desfazendo do coque e caindo em seus ombros.

— Nossa, Kellan. Não sabia que você podia ser tão romântico — me provocou, se debruçando para beijar minha boca.

Tentei capturar seus lábios em um beijo completo, mas ela se afastou bem antes. Inferno, eu estava farto dessa porra de selinhos.

— Me dê o caralho de um beijo decente! É até pecado o jeito que está me torturando — levei minha mão para sua nuca, agarrando os fios dali.

— Até porque você é muito religioso, não é? — debochou.

Ela esfregou a bochecha de maneira manhosa em meu peito e eu a apertei com mais força contra mim quando a ouvi bocejar.

— Sim, sou totalmente devoto a chupar sua boceta.

Ryen engasgou e me olhou com os olhos arregalados, parecendo incrédula com o que eu tinha acabado de dizer. Ela bateu em meu peito e eu ri, a abraçando.

— Por que você tem que dizer essas coisas como se não fossem nada?

Vi o canto de seus lábios querer se erguer em um sorriso.

— Não finja que não gosta, linda. Fica feio — Sorri de lado, deslizando meu nariz pelo dela.

— Por favor, Kellan, menos. Você nem é tão bom assim.

Ergui uma sobrancelha com sua afronta.

— Isso é mais uma situação hipotética, eu suponho? — incentivei, e ela sorriu, travessa.

— Por quê? Você acha que merece um prêmio do melhor oral de Miami?

Atingi sua bunda com um tapa forte e ela soltou um gritinho fino.

— Para o seu bem, acho melhor que seja mais uma situação ridiculamente hipotética... — ameacei.

Ryen ergueu o queixo e a diversão em seu rosto era a de uma criança que descobriu um brinquedo incrível. E nesse caso, o brinquedo era o meu fodido ego.

Mas hoje não, amor. Eu sabia o que eu fazia.

— E se não for? — ela me provocou, com malícia no olhar.

— Ryen...

— Por que homens tem o ego tão frágil? Devo colocá-lo em um potinho? — Fez beicinho.

Nos próximos segundos, eu me sentei em uma velocidade fora do comum e deitei Ryen de costas para a cama, ficando entre suas pernas. Ela gritou e seus olhos se arregalaram quando pousaram nos meus.

— Não sou tão bom, hein? — questionei, escorrendo entre seu corpo para ficar com o rosto na altura de seus seios.

— *Por Dios*, eu estava brincando — Solto uma risadinha nervosa e eu beije o vão entre seus seios, por cima da camisa.

Ergui meus olhos para ela, descendo ainda mais, até que meu rosto parou em seu estômago.

— Então acho que é a minha vez de brincar — Soltei, agarrando as laterais de sua calcinha.

Puxei o tecido de cada lado e rasguei a renda preta, ouvindo-a engasgar em choque, e até mesmo indignação.

— Kellan! — Ryen reclamou e tentou fechar as pernas.

No entanto, fui mais rápido quando coloquei suas pernas em meus ombros, ficando literalmente sufocado por suas coxas grossas.

Olhei para baixo, vendo a boceta lisa brilhando, com excitação, e não contive um sorriso safado quando ela colocou a mão em cima, cobrindo-a.

— Tire a mão, Ryen — mandei, calmamente.

— Você... Você sabe que estou brincando. Não precisa provar nada — Seu sorriso não era mais do que vacilante — Vamos dormir, Kellan. O Killer já foi.

Olhei para Killer, o vendo dormir na cama que compramos para ele ontem. Escolhemos uma grande o suficiente para ele não ter que dormir todo torto ou desconfortável. Neste momento, ele estava de lado, as pernas esticadas.

— Tire a mão, Ryen — mandei, mais uma vez, mordiscando a parte interna de sua coxa. — Posso te dar uma ótima noite de sono.

Mordendo o lábio inferior, ela fez o que mandei, e agarrou os lençóis da cama. Com um sorriso de lado, encarei a região brilhando entre suas pernas e soprei, vendo Ryen se contorcer. Soltei uma risada, percebendo quão sensível ela era.

Com a ponta da língua, contornei o clitóris lentamente, a provocando. Eu faria questão de mostrá-la quem não era bom aqui, eu a deixaria louca de tesão.

— Kellan... — choramingou, agarrando os fios do meu cabelo.

— Foda-se — grunhi, deslizando a língua por toda a extensão de sua boceta.

Ryen gemeu quando lambi da sua entrada melada até seu clitóris, sacudindo a língua nele. Seu gosto preencheu meu paladar e eu senti meu pau endurecer automaticamente, como se estivesse programado para responder a ela, e somente a ela.

Agarrei suas coxas, sugando o clitóris inchado e a vendo arquear as costas em resposta. A visão era tão linda, que quase esqueci o que estava fazendo apenas por querer observá-la.

— Meu Deus... — Ryen gemeu longamente, apertando meus fios com mais força.

Suas coxas pressionaram meu rosto e eu seria o filho da puta mais feliz do mundo se morresse sufocado entre suas pernas.

— Não, amor. Kellan Royal — declarei contra ela. — Deus não tem nada a ver com isso.

Ela ofegou e olhou para baixo, encontrando meus olhos e a fome que havia neles. E como se lesse meus pensamentos, Ryen ergueu ainda mais a camisa, expondo os seios pequenos, com mamilos marrons, que cabiam perfeitamente na minha boca.

Eu gemi contra sua boceta, sentindo meu pau pulsar a ponto doer, e foi impossível não roçar no colchão em busca de alívio.

Ryen agarrou os próprios seios e, sem tirar os olhos da visão mais linda que já tive, voltei a chupá-la. Desci minha língua, invadindo sua entrada com ela. Ryen soltou um gritinho surpreso e cobriu a boca, provavelmente para não acordar Killer.

Imagino o que ele pensaria se acordasse e me visse com a cabeça entre as coxas de sua dona, enquanto ela geme e grita. Será que ele acharia que ela estava em perigo? Porque, bem, ela estava fodida na minha mão.

— Kellan, estou quase lá...

— Aperte seus mamilos, Ryen. Faça exatamente como eu faria — ordenei, a necessidade clara em meu tom.

Obediente, Ryen beliscou os mamilos, o rosto se contorcendo quando chupei seu clitóris no mesmo instante. Gemi ao ver quão profundo eu a arruinei. A ponto de agora ela gostar de um pouco de dor com o seu prazer.

— Não para... — mandou, autoritária, soltando um dos mamilos para agarrar meu cabelo e manter meu rosto ali, entre as suas pernas.

Soltei uma risada grave e ela estremeceu, dando um gemido baixo e manhoso que fez meu pau doer. Ryen rebolou em meu rosto, cavalgando em busca do próprio orgasmo.

— Você queria minha boca nessa bocetinha esse tempo todo, não era? — questionei, entre dentes, chicoteando seu clitóris. — Coisinha manipuladora do caralho.

Ryen sorriu de maneira sacana, com o lábio inferior entre os dentes.

— E você caiu feito um patinho.

Diante de sua provocação, afastei minha boca e fiquei de joelhos na cama, arrancando um som de descontentamento dela. Contudo, antes que

ela reclamasse, agarrei seu quadril e o ergui para fora da cama, o deixando no ar.

Ryen engasgou e me olhou, assustada. Seus ombros estavam grudados no colchão e ela agarrou os lençóis, parecendo ter medo de cair.

— O que... O que você está fazendo, Kellan? — perguntou, os olhos arregalados e confusos.

Sorri de lado, deslizando a língua pela parte interna de sua coxa, tudo isso sem tirar os olhos de seu lindo rosto.

— Te dando o que você queria.

Caí de boca em sua boceta gostosa mais uma vez e ela gritou quando esfreguei a língua para cima e para baixo, em toda sua extensão, fechando os lábios em seu clitóris.

O mordi levemente, o acalmando com a língua quando o senti pulsar. Lambi meus lábios e separei a carne de sua bunda, vendo o buraco onde meus dedos estavam dias atrás, quando eu pude sentir quão apertado ele era.

Deslizei minha língua para aquela região, girando a pontinha sobre ele.

— Aí não... — Ryen estremeceu, tentando afastar o quadril.

Porém, foi impossível fazer isso quando meus dedos a seguravam com tanta força.

— Quando você vai me deixar comer a sua bunda, amor? — cantarolei, voltando a dar atenção a sua doce boceta.

Lambi vagorosamente e Ryen fez o som que fazia sempre que estava perto de gozar.

— Está louco? Você vai me destruir! — negou com a cabeça, agarrando os próprios cabelos quando a penetrei com a ponta da língua.

Eu sorri, chupando um de seus grandes lábios em minha boca.

— Eu seria tão bom para você — gemi, e esse som beirava o desespero. Sacudi seu clitóris. — Eu colocaria devagar e enfiaria dois dedos na sua boceta. Deixaria sua bunda empinada e meteria nela do jeito que você gosta, hum? Você ama como eu te como gostoso, não é?

Ryen soluçou e uma de suas mãos desceu para os seios, os apertando. Seu corpo todo tremeu e eu podia ver quão perto ela estava. Ela agarrou o travesseiro abaixo de sua cabeça, virando o rosto contorcido em prazer de um lado para o outro.

Tudo o que eu queria neste momento era massagear meu pau dolorido de tesão ou me afundar nela. Era impressionante e ao mesmo tempo vergonhoso quão excitado eu ficava só por tocá-la.

Não demorou muito e, com mais alguns golpes da minha língua e a devida atenção ao seu clitóris, Ryen gemeu alto e segurou meu cabelo, o apertando com tanta força que meu couro cabeludo ardeu. Suas costas se arquearam violentamente e eu tive que passar o braço ao redor de sua cintura para manter seu quadril no ar.

Um soluço rasgou sua garganta e algumas lágrimas deslizaram por sua bochecha. Não pensei muito quando a deixei cair de volta na cama e subi pelo seu corpo, pairando acima de sua boca.

Coloquei uma mão entre nossos corpos e puxei meu pau para fora, enquanto envolvia seu pescoço com a outra.

— Eu nunca vou me cansar do seu gosto — murmurei contra seus lábios, antes de tomá-los em um beijo, totalmente devoto a ela. — Sente como você é gostosa, amor? — Coloquei minha língua em sua boca e ela a chupou.

Ryen soltou minha língua com um estalo erótico, os olhos procurando os meus.

— Kellan... — Parou de falar quando pincelei a cabeça do meu pau em sua entrada encharcada. Ela gritou quando meti todo o meu comprimento dentro dela.

Suas unhas desceram rasgando minhas costas e a ardência me fez puxar o ar por entre os dentes, sentindo como ela era quente e molhada por dentro. Graças ao seu orgasmo, ela estava escorregadia, me permitindo entrar e sair com facilidade.

Olhei para baixo, vendo meu pau sumir e aparecer dentro dela, sua excitação me cobrindo totalmente.

— Porra... — grunhi, prendendo meu lábio com os dentes.

— Tão bom... — ela gemeu, e eu tive que cobrir sua boca com uma mão.

Olhei na direção de Killer, ainda dormindo calmamente, alheio a toda a sacanagem que seus donos faziam.

Voltei a encarar Ryen, a vendo revirar os olhos e afundar ainda mais as unhas na minha carne. O modo como ela se agarrava a mim, me deixava louco. Fazia eu me sentir um animal, por completo.

— Você é tão escandalosa — sorri, alternando minhas estocadas entre lentas e rápidas.

Ryen estreitou os olhos cheios de luxúria na minha direção e eu senti suas paredes internas me apertarem propositalmente. Saí até que só minha glândula ficasse dentro dela, e a senti fazer o mesmo movimento de antes. Apertar e soltar. Sugerir e soltar.

Um gemido rouco irrompeu por entre meus lábios e eu joguei a cabeça para trás, afastando minha mão de sua boca quando ela balançou o quadril em minha direção, rebolando. Ainda sugerindo apenas a cabeça do meu pau.

— Pelo visto, não sou a única escandalosa por aqui — me provocou, lambendo meu queixo.

A calei quando voltei com tudo para dentro dela, a ouvindo ofegar. Peguei suas mãos e as entrelacei as minhas, as colocando acima de sua cabeça. Em resposta, ela cruzou os tornozelos em meu quadril, me puxando de encontro a si.

— Mais rápido, Kellan... — implorou.

Porra.

— Você é uma putinha sedenta pelo meu pau, não é, amor? — girei o quadril, arrancando mais um som manhoso dela.

Ryen assentiu desesperadamente, a boca carnuda abrindo e fechando, com gemidos silenciosos. Nossas mãos afundaram ainda mais no colchão a cada vez que a força dos nossos quadris se chocando aumentava.

Meu pau inchou dentro dela e eu também já estava muito perto. Mas ela viria primeiro.

— Caralho, eu sou tão seu, amor — Gemi, enfiando meu rosto em seu pescoço e mordendo a carne macia.

Ryen cravou as unhas nas costas das minhas mãos, rebolando em conjunto com as minhas investidas.

— Só meu.

— Apenas seu.

Um sorriso satisfeito se desenrolou em meus lábios e eu procurei sua boca. O barulho de nossos corpos se chocando repercutiu por todo o quarto, junto com seus choramingos e súplicas por mais.

O corpo de Ryen tremeu violentamente e um grito mudo saiu de seus lábios, enquanto sua cabeça pendeu para trás quando o orgasmo lhe atingiu. Sua boceta pareceu ficar ainda mais apertada, a ponto de doer.

— Porra, sim! — grunhi, entre dentes, indo e voltando com mais rapidez e força.

Seus olhos se reviraram com o segundo orgasmo que dei a ela e, dessa vez, não pude me segurar. Meu corpo ficou tenso e eu afundei meus dentes na curva de seu ombro, enquanto liberei minha porra dentro dela.

Ryen soluçou antes de também morder meu ombro com força e contrair ao meu redor, engolindo e sugando tudo o que eu tinha para oferecer a ela. Estoquei lentamente mais algumas vezes, tentando prolongar nosso prazer antes que acabasse de vez, porque transar com Ryen era gostoso demais.

Deixei meu corpo cair sobre o dela e soltei suas mãos, apoiando meu peso nos cotovelos. Afastei meu rosto de seu pescoço, encontrando um sorriso satisfeito no rosto dela. Ryen acariciou minha nuca e fez beicinho, como se estivesse pedindo um beijo.

Sorri de lado, tomando seus lábios em um beijo duro, mas lento, enquanto minha língua escovava a dela. Mordi seu lábio inferior, sentindo quando ela abraçou meu pescoço, me trazendo para mais perto.

Sorrindo, Ryen se afastou e olhou para o lado. Fiz o mesmo, ainda encontrando Killer dormindo.

— Pensei que ele iria acordar ao ouvir seus gritos — Voltei a encarar a mulher embaixo de mim. — Mas acho que ele sabia que a dona estava se divertindo.

Ryen soltou uma risada sarcástica.

— Talvez eu devesse ter gritado por socorro quando uma cobra imensa falou sobre entrar em buracos não recomendados.

Lambi meus lábios.

— Se Deus fez é porque cabe, amor. Com jeitinho, tudo entra — Pisquei para ela.

Ryen me olhou incrédula, antes de uma expressão carrancuda tomar conta dela, o que não condizia com o momento, já que lhe dei dois orgasmos dos deuses. Ela deveria estar caminhando para o melhor sono de sua vida agora.

— Eu sei que você tentou me distrair com sexo — ela disse, segurando a corrente em meu pescoço com a ponta dos dedos. — Você disse que eu preciso confiar em você. Não confia em mim?

Com a minha vida.

— Usando minhas palavras contra mim? Cristo, amor — Suspirei, dramaticamente, me aproximando para lhe dar um selinho. — Você aprende rápido.

Ryen agarrou meu rosto com as duas mãos e a frustração em sua expressão facial era fofa. Quase me faz esquecer que eu ainda estava com o pau dentro dela. *Detalhes, detalhes.*

— Falo sério, Kellan. Também quero estar aqui por você.

— Estou bem, Ryen. Mesmo — assegurei.

Ela não precisava saber dos meus problemas quando já estava tão quebrada. E eu não me importava em doar os meus pedaços se isso significasse juntar cada um dos dela. Não me importava de continuar destruído se Ryen continuasse sorrindo assim.

Abraçando meu pescoço com mais força, ela afundou o rosto nele.

— Não acredito em você.

— Nem depois do sexo?

A senti negar com a cabeça.

— Tem provas que sim, mas o sexo não me distraiu.

— Bom, já que falhei, tenho que tentar de novo. Fique de quatro — mandei e ela afastou a cabeça, arregalando os olhos para mim.

Eu ri, deixando que ela saísse de debaixo do meu corpo para rastejar pela cama, querendo descer. Contudo, antes que ela conseguisse essa proeza, agarrei seu tornozelo e a puxei, a ouvindo gritar. Fui para cima dela e, com uma atitude que não condizia com minha personalidade, espalhei beijos barulhentos por seu pescoço.

Ela riu, provavelmente sentindo cócegas, e ao ouvir aquele som melodioso, eu tive certeza de que precisava manter isso nela. Custasse o que custasse, ou machucasse quem quer que fosse.

Ryen nunca ficaria sozinha.



*“Algumas pessoas têm problemas reais. Algumas pessoas não têm sorte.
Algumas pessoas acham que eu posso resolver. Mas há um Deus lá em cima.
Eu sou apenas humano, depois de tudo. Não coloque a culpa em mim.”*

Rag’N’Bone Man – Human

Kellan Royal

Akira abriu o capô de um carro aleatório e pegou algumas ferramentas, começando a mexer nele. Com o cigarro que Yun me deu segundos atrás preso entre meus dedos, soltei a minha fumaça para cima, e ela se mesclou com a do cigarro de Akira e Yun.

Yuki estava deitada no sofá da oficina, as pernas penduradas no encosto e a cabeça no assento, mexendo em seu celular, teclando com uma rapidez impressionante.

— E se realmente for apenas algum filho da puta brincando com sua garota? — Akira perguntou.

— Tem um hacker envolvido nessa merda, Akira. Tem noção do que é isso? — Yuki perguntou, sem olhá-lo, debochada. — O que acha que o cara quer fazer com a Ryen, amar e foder gostosinho? Pensa que é um romance?

O mecânico parou de mexer no carro e jogou o cabelo platinado para trás, encarando Yuki como se quisesse matá-la.

— Ela tem razão, essa merda é maior do que eu pensava — murmurei.

Dei uma última tragada antes de deixar o cigarro cair e pisar em cima dele para apagá-lo; Akira voltou a mexer no carro.

Mesmo que Yuki tenha sido sarcástica quanto ao stalker de Ryen querer amá-la, se ele realmente fosse Lorenzo Diaz, eu não tinha dúvidas de

que ele também a queria de volta. Talvez tudo isso fosse apenas ego ferido, mas algo me dizia que ele não estava trabalhando sozinho.

Furaram os pneus de Ryen e Brianna ao mesmo tempo, quem quer que estivesse por trás disso tudo, tinha um ajudante. E eu não iria me cansar até descobrir quem eles eram.

— Não podem me contar nem mesmo de quem desconfiam? — o loiro perguntou, apoiando uma mão no capô para nos olhar.

— Quanto menos gente souber, melhor — falei, cruzando meus braços. — Não sabemos com que merda estamos lidando, Akira. Ou quão perigoso isso é.

— Acho que o fato de terem tentado matar o cachorro, já prova quão perigoso isso é — Yun reforçou, sarcástico, e eu olhei para ele.

A touca azul-escuro em sua cabeça cobria seu cabelo, mas ainda assim dava para ver o quanto seus fios estavam crescendo.

— Por que não nos poupa do sarcasmo e diz o que te deixou tão putinho assim?

— Não sei de que porra você está falando — Sua mandíbula travou e ele me encarou.

— Brianna não está te deixando dormir à noite, Yun? — pressionei mais vez, um sorriso surgindo em meus lábios.

Yuki sentou-se rapidamente e puxou as pernas do encosto do sofá, as virando e as colocando no chão. Com as sobrancelhas rosas unidas, encarou Yun, junto com Akira, que parecia tão confuso quanto ela.

— Brianna? — os dois perguntaram em uníssono, e Christian revirou os olhos.

— Esta merda não é importante, ok? Apenas estou cuidando da priminha mimada de Kellan para que não aconteça outro incidente.

Akira riu e soltou a chave de fenda dentro do capô do carro, batendo as palmas sujas de graxa. O sorriso malicioso que surgiu em seu rosto me fez estreitar os olhos em sua direção, esperando a próxima merda que elealaria.

— Caralho, você está comendo a prima do Kellan? — Tornou a rir, apontando para Yun. — Esse é o meu herói!

Dei um tapa em sua cabeça.

Ele xingou e Yun também estreitou os olhos em sua direção, cruzando os braços em frente ao meu peito.

— Não estou transando com Brianna, mas por que eu seria seu herói se o fizesse?

— A prima do Kellan não faz meu tipo, mas caralho, já viu aquelas longas pernas e a cinturinha fina? — Akira assobiou. — Mas é claro que gosto de um corpo mais avantajado como o da Ry... — Suas palavras foram morrendo quando me aproximei.

— Como quem, filho da puta? Termina — mandei, colocando uma mão em seu ombro nu.

Aquele merda vivia sem camisa.

— Por que você está agindo como se quisesse me bater, caralho? — Ele deu um passo para trás. — Eu sou asiático, isso é xenofobia!

— Eu também sou, e acho que não dá em nada — foi Yun quem respondeu, surgindo logo atrás de Akira.

Ele agarrou a nuca do cara de cabelo platinado e o forçou para baixo, pressionando seu rosto contra as peças dentro do capô do carro. Próxima a nós, ouvi Yuki rir, e então veio o “click”, evidenciando que ela tirou uma foto.

Em todo caso, eu estava mais interessado em acabar com a raça do filho da puta que mencionou a minha mulher.

— Você é muito corajoso pra falar dela assim, na minha frente, não é, arrombado? — rosnei, entre dentes, agarrando seu braço e o torcendo para trás.

Akira gemeu.

— Vai se foder, bastardo doente — grunhiu, olhando Yun de esguelha. — E você também, Christian!

O traficante o olhou de cima, parecendo furioso até demais, já que o mais prejudicado aqui fui eu.

— Akira ainda vai perder as bolas em uma dessas — ouvi Yuki suspirar.

O mecânico rosnou de raiva e, mais uma vez, olhou Yun de canto, um sorriso debochado surgindo em seu rosto. Nem parecia que estava sendo segurado por dois homens, e que eu estava prestes a jogar gasolina em seu corpo e tacar fogo, para que ele nunca mais olhasse na direção de Ryen de novo.

— Até entendo o puto do Kellan, mas e você, Yun? — Akira questionou, venenoso. — Que motivos tem para ficar bravo, sendo que nem mesmo mencionei nada que é seu?

Soltei o braço dele e me virei para Yun, vendo como ele reforçou o aperto na nuca de Akira, que puxou o ar por entre os dentes.

— Boa pergunta — declarei, pensativo.

— Filho da puta ingrato, não posso nem mais te ajudar? — Yun soltou uma risada incrédula, largando o loiro. — Se vira, então.

Não importava o quanto Yun negasse, eu sabia que existia algo entre ele e Brianna. Seja raiva ou algo a mais, eles não se odiavam à toa. Quem mais, além de mim, reconheceria tão bem alguém que negava os próprios sentimentos? Fiz isso a minha vida toda.

Akira rapidamente afastou a cabeça de dentro das peças, a bochecha suja de graxa.

— Filhos da puta, eu deveria sabotar seu carro como McKay pediu — Ele olhou para mim, passando os dedos pelos fios do cabelo platinado.

Inclinei a cabeça para o lado, atento às suas palavras.

— McKay te pediu isso?

Yuki surgiu logo ao seu lado e nem notei quando ela se levantou do sofá e veio até nós. No entanto, agora até ela encarava Akira, com uma expressão séria, o que era incomum.

— Explica isso agora — ela mandou, olhando para o melhor amigo.

Akira revirou os olhos, mas não fugiu dos nossos olhares curiosos.

— Daqui a alguns dias é o racha, e não é surpresa para ninguém que se Kellan for competir, ninguém ganha dele — Deu de ombros, antes de bater no meu. — Então McKay me ofereceu dinheiro para sabotar o carro do nosso amigo aqui. Só para o veículo parar no meio da corrida.

— Você aceitou? — Yun perguntou, cauteloso.

Ele sorriu largamente.

— Claro que sim.

Yuki deu um passo em sua direção e empurrou seu peito, fazendo com que ele desse um passo para trás. Akira tinha menos de um e setenta e cinco, mas a garota de cabelo rosa ainda conseguia ser menor que ele.

— Como você teve coragem, seu desgraçado? — ralhou, furiosa.

— Parou com essa merda, ok? Eu nunca disse que iria sabotar — Ele agarrou os pulsos da amiga. — Eu precisava do dinheiro e o mundo é dos mais espertos. McKay é só mais um riquinho burro.

Toda raiva fugiu do corpo de Yuki e uma risada escapou de Christian. Sorri de lado ao ver o quão cretino Akira poderia ser, e o quanto McKay podia ser desonesto.

— Você é um merda mesmo — a de cabelo rosa disse, prendendo a cabeça de Akira entre os cotovelos.

Analisando o que ele disse sobre McKay, minhas sobrancelhas se ergueram quando a ficha começou a cair, e talvez eu tenha sido desatento até demais nesse sentido. Eu não podia ter deixado essa suposição passar, nem por um momento.

Uma risada escapou da minha boca, atraindo a atenção dos meus amigos.

— O que foi? — Yun perguntou.

— Talvez McKay esteja por trás do que houve com Killer — O encarei, sorrindo. — Claro, o filho da puta não deixaria barato quando quebrei os dedos dele. Ele ficou quieto demais.

Yun arqueou uma sobrancelha, os olhos demonstrando que ele estava seguindo minha linha de raciocínio.

— E ele retaliou contra Ryen, já que você quebrou os dedos dele por “culpa dela” — ele concluiu.

Yuki e Akira se afastaram, e o platinado cruzou os braços em frente ao peito, franzindo o cenho.

— Então McKay é o culpado?

— Ele é um dos suspeitos. Um que eu quase deixei passar — Movi os olhos para Yuki. — Preciso que me diga o que McKay fez nas últimas semanas e com quem ele anda conversando por mensagem.

Ela assentiu, de maneira indiferente, tirando um pirulito do bolso de sua saia jeans clara e o abrindo.

— Não vai ser difícil — me garantiu, com um sorriso.

Assenti e troquei um olhar com Yun, vendo nos olhos dele o que eu tinha certeza que havia nos meus: raiva e determinação. Eu não iria descansar até descobrir quem era desgraçado que está fazendo isso.

E se McKay também estivesse envolvido, ele provavelmente viu Ryen como o alvo mais fraco entre nós dois, já que ele não poderia comigo. E mesmo que fosse mentira, e Ryen tenha se tornado forte para caralho, ela ainda tinha alguém por ela. E eu iria mover o mundo para garantir que ela se tornasse intocável.

McKay ou Lorenzo seriam peças insignificantes no tabuleiro de xadrez que eu teria o prazer de destruir com minhas próprias mãos. E eu também gostaria de ver minha garota se divertindo enquanto participava desse jogo.



Meia hora depois, deixei a oficina de Akira para trás e entrei na minha Ferrari, com destino certo. Eu tinha assuntos para acertar, e eles não incluíam apenas McKay ou outra pessoa, eles não eram os únicos na minha longa lista de assuntos a resolver. Havia um em específico no qual eu já deveria ter dado um fim, e não era de agora.

Admito que foi culpa minha, já que a pessoa nunca foi importante para mim. Pensava nela mais como uma pedra insignificante no meu sapato, que eu poderia chutar para longe a qualquer momento. Contudo, para Ryen, isso tinha importância. Sendo assim, eu deveria arrancar o problema pela raiz.

Estacionei o carro em uma das vagas do prédio e desci, indo em direção à entrada. Troquei algumas palavras com a recepcionista e ela me disse que minha entrada já estava liberada. Fui em direção ao elevador e apertei o número correspondente ao andar. O tédio de estar aqui subia gradativamente pela minha pele.

Quando o elevador chegou onde eu queria, eu saí e andei a passos lentos pelo corredor, parando em frente à porta. Apertei a campainha e não durou muito para que a porta fosse aberta. Para ser sincero? Levou menos de cinco segundos.

A loira, vestida com um robe vermelho transparente, apareceu, com um sorriso largo em seu rosto.

— Eu sabia que você estava com saudades! — Jenna me puxou pela camisa, fechando a porta atrás de mim.

Suas mãos foram para minha nuca e a boca em direção à minha, mas virei o rosto no último instante. Ela nem mesmo pareceu notar minha frieza, ou só não se importou, porque começou a depositar beijos por todo o meu pescoço.

Eu sentiria mais tesão com uma boneca inflável.

— Estava esperando minha mensagem, Jenna? — perguntei.

— Eu nem acreditei quando li... — ela disse, subindo os beijos para meu queixo, e mais uma vez eu me afastei. — Eu sabia que você cairia em si, Kellan. Que sentia saudades.

— Sentiu saudades de mim? — perguntei.

Minhas mãos estavam paradas ao lado do meu corpo, totalmente mortas. Contudo, não era como se agora Jenna fosse começar a raciocinar que eu não a queria.

— Sim... — Ela tentou me beijar de novo, mas eu agarrei seu queixo.

— Quanta? — Incentivei, encarando seu rosto.

— Isso é mesmo uma pergunta? — Jenna riu, fazendo beicinho. — Senti tanta saudade que já estava ficando louca. Queria tanto te ver.

Um sorriso de lado se abriu em meus lábios e eu os levei para sua orelha, sentindo o cheiro do perfume doce que exalava dela.

— E por isso você hackeou meu *Instagram* e postou aquela foto? — atirei, a sentindo ficar tensa.

Quando me afastei, larguei seu queixo e tive satisfação de ver seus olhos minimamente arregalados. Medo brilhou neles, mas ela rapidamente o afastou.

— Não sei do que você está falando. Não foi você quem postou? — perguntou, sorrindo, dissimulada.

Bufei uma risada e dei um passo para trás, incrédulo com quão sonsa ela poderia ser. No entanto, eu não estava nem um pouco surpreso. Sempre tive ciência da personalidade de Jenna, mas isso tomou outras proporções quando eu soube que isso afetou Ryen quando ela era mais jovem.

— Vamos lá, Jenna. Eu já sei que foi você, sim? — Mantive meu sorriso, negando com a cabeça. — Você me ofende duvidando da minha inteligência assim.

Jenna engoliu em seco e andou até mim, o robe com que ela estava vestida caindo em seus ombros, revelando a renda do sutiã de alças finas.

— Me perdoa, Kellan. Eu só queria afastar pessoas que estavam se metendo entre nós! — Ela abraçou minha cintura.

Pensei que ela fosse negar de novo, mas Jenna não seria tão burra assim para continuar mentindo quando eu tinha provas.

— Nós? — eu ri descaradamente, franzindo as sobrancelhas. — Não existe isso, Jenna. O que você criou na sua cabeça? — Bati na minha própria têmpora.

— Nós estávamos bem antes de ela chegar. Você quase sempre vinha me ver, sempre me dava atenção — Agarrou meu rosto entre as mãos.

— Mas agora você mudou comigo, não me quer mais. O que eu preciso fazer para sermos como antes?

Jenna desfez o nó frouxo do robe, o deixando cair aos seus pés.

A calcinha vermelha minúscula se agarrava à cintura fina, um conjunto com as pernas longas e exuberantes. Os seios pequenos, cobertos pelo sutiã de renda vermelha e transparente, escondendo os mamilos rosados.

Tempos atrás, eu colocaria Jenna de quatro e a foderia apenas por vê-la assim, tão receptiva. Mas agora, isso se tornou tão sem graça. Porra, Ryen me tinha pelas malditas bolas.

— Sermos como antes? Você fala quando eu te fodia e em seguida ia embora? Ou de como nossos únicos encontros se baseavam em sexo, sexo e mais sexo? — eu debochei. — E você já deveria saber que eu não queria mais nada com você no momento que não respondi mais suas mensagens. Você fala como se tivéssemos um relacionamento, Jenna. Acha que eu não sei que você transava com outras pessoas?

Ela arregalou os olhos castanhos e engoliu em seco, negando com a cabeça.

— Era só para chamar sua atenção. Eu sou sua, Kellan — disse, com um tom desesperado, levando as mãos para as costas. Ela adotou um tom sensual. — Eu posso te provar isso.

Em seguida, o sutiã vermelho foi ao chão e os seios de Jenna foram expostos para mim. Eu ergui uma sobancelha, antes de suspirar e pôr as mãos nos bolsos da minha calça.

— Poupe o esforço, Jenna — Voltei a olhar em seus olhos, ignorando quão desesperada ela parecia. — Se eu souber que você se meteu entre mim e Ryen novamente, você não vai gostar de como isso vai acabar para você.

Jenna apanhou o robe do chão e começou a vesti-lo; agora, a expressão em seu rosto estava se tornando raivosa.

— Não acredito que você realmente está me dispensando por causa daquela vadia gorda — ela riu, amarga. — Como você pode ser tão burro?

Estreitei os olhos na direção de Jenna, vendo como sua fachada de apaixonada desesperada caiu tão facilmente. Ela realmente pensou que eu acreditaria nisso? *Porra, qual é.*

— A vadia gorda tem o que você nunca vai ter, Jenna. Ou você não desconfiava nem um pouco das vezes em que eu aparecia aqui de

madrugada? Eu sonhava com Ryen e precisava me aliviar.

Jenna arregalou os olhos e eu ri.

— O quê? Não pensou que era porque eu não conseguia ficar longe de você, né? — continuei. — Você chama Ryen de vadia gorda, mas era nela que eu pensava cada vez que afundava meu pau em você. Quando você me chupava? Era a boca dela que eu imaginava no lugar da sua.

Os olhos de Jenna se encheram de mágoa, mas eu não me importei. Pense em quão afetada Ryen ficava com suas palavras, principalmente porque ela odiava tanto o próprio corpo.

— Enquanto com você eu fodia e ia embora, com a “vadia gorda” eu passo a noite toda abraçado. Enquanto eu nem mesmo me lembrava da sua existência, ficar longe de Ryen me deixa louco de saudades. Era isso o que você sempre quis, não é? — Olhei para Jenna, a vendo apertar as mãos em punhos. — Por isso que você sempre fez bullying com ela e diminuía sua aparência. Você sempre soube que a ela era melhor do que você, em tudo. Eu estou disposto a pôr uma aliança no dedo dela, enquanto você nunca passaria da porta do meu quarto.

— É melhor você parar... — Seu tom beirava a ameaça.

— O que foi? Está doendo? — provoquei, querendo que realmente estivesse. — Reflita sobre tudo o que eu te disse e crie um pouco de amor-próprio, Jenna. Talvez assim você fique mais interessante.

Lhe dei um último sorriso antes de dar as costas e começar a andar em direção à porta.

Ela podia chamar Ryen de gorda o quanto quisesse, eu ainda continuaria louco por cada parte do seu corpo. A bunda grande e redonda, as coxas grossas, e principalmente a porra do sorriso, que fodia toda a minha cabeça.

Não tem uma única parte dela que não seja digna de devoção. Ryen era a minha deusa e eu era seu humilde servo, aquele que mataria por ela.

— Você não vê? — Jenna vociferou, logo atrás de mim. — Você matou Raphael e vai matar ela também. Abra seus olhos antes que seja culpado de mais uma morte!

Eu parei de andar.

Meu corpo todo ficou rígido e eu precisei de um pouco de força de vontade para me virar para Jenna, a encontrando com o queixo erguido, parecendo satisfeita. A raiva cresceu em meu peito e eu apertei meu punho.

— O que disse?

— O que foi? Está doendo? — Jenna repetiu minhas palavras, cada uma carregada com veneno. — Te dói saber que você foi culpado pela morte do seu melhor amigo? Deve ser ainda mais doloroso para a Ryen ter que transar com o assassino do irmão dela. Ela gosta de você, e daí? Isso não muda o fato de que era você naquele volante e que ela deve sentir culpa por dormir com você. Lá no fundo, ela deve sentir nojo. Porque, bom, eu sentiria.

Tudo o que ela disse me atingiu, suas palavras doendo com mais intensidade do que qualquer sentimento que Jenna pudesse me fazer sentir algum dia. Ainda assim, a raiva crescente em meu peito se transformou em ódio, num piscar de olhos.

“Você matou Raphael e vai matar ela também.”

— Repita tudo o que disse, Jenna — andei lentamente em sua direção. — Vamos, porra, repita!

Vendo a ira em meu rosto, Jenna deu um passo para trás, a garganta engolindo com pesar.

— Tudo... tudo o que eu disse é verdade — continuou, com o queixo erguido, mas deu mais um passo para trás.

— Então por que você não está repetindo? — rosnei, dando um passo à frente a cada dois que ela dava para trás.

— Vai me bater? — debochou, mas pude ver que estava nervosa.

Meus punhos estavam apertados com tanta força, que eu sentia doer. Meus dedos estavam estralando a cada maldito segundo e a raiva me consumia por inteiro. Olhar para Jenna agora era um combustível para toda a minha ira, e pela primeira vez na minha vida, senti vontade de destruir uma mulher.

— Eu deveria, não? — Sorri de lado, chegando até ela e a encurralando na parede mais próxima. Agarrei seu queixo sem delicadeza. — Estamos sozinhos aqui, ninguém ouviria seus gritos por socorro. O que me impede, Jenna? Você me chamou de assassino, não? Bater em você não seria nada diante da minha capacidade de matar.

Os olhos de Jenna triplicaram de tamanho e ela agarrou meu pulso, tentando afastar minha mão, sair do meu aperto. No entanto, tudo o que fiz foi pressioná-la mais contra a parede.

— Você está me machucando! — Ela me olhou com pavor.

— Você acha que me importo, porra? — eu ri, furioso. — Vamos, Jenna. Repita que matei Raphael e matarei Ryen também!

Minha força estava controlada, mas a minha real vontade era de quebrar o pescoço de Jenna com minhas próprias mãos. *Eu fiz com o meu melhor amigo, quem era ela para ser poupada?*

— Pa-Pare! — a loira arranhou meu pulso com as unhas grandes, mas eu estava indiferente à dor quando peguei o isqueiro no bolso da minha calça.

Eu o acendi, e o olhar de Jenna foi para ele. Em seguida, ela focou os olhos em mim, tão assustada que bateu no meu peito inúmeras vezes para que eu a soltasse.

— Já que sou um assassino, que tal você entrar para a lista de vítimas? — Aproximei o fogo dela e ela se encolheu na parede. Sorri, sádico. — Devemos começar com seu rosto, Jenna? Sem ele, o que você tem para oferecer, além dessa sua boceta usada que todo mundo já provou?

— Não... — ela chorou, as lágrimas descendo livres por suas bochechas quando contornei seu rosto com o fogo.

Aquilo não passava do calor de uma pequena chama, mas ainda assim foi o suficiente para deixá-la assustada.

— Não? Você está com medo? — eu provoquei, aproximando o fogo um pouco mais da sua bochecha.

O calor devia ter aumentado, porque Jenna chorou mais alto.

— Não, por favor!

Encarando seu rosto inundado por lágrimas, ainda sentia que não era o suficiente. Não depois do que Jenna disse. Não depois de ela mencionar as pessoas mais importantes da minha vida como se não fossem nada. Eu queria matá-la. Jenna merecia a mais dolorosa das mortes.

Aproximei a boca da orelha dela.

— Se você voltar a se aproximar de Ryen ou ousar falar do Raphael novamente, eu mato você, Jenna. Me ouviu bem? — Olhando para a parede atrás dela, a senti mover a cabeça para cima e para baixo, concordando. Larguei seu queixo, apagando o isqueiro. — Você é só uma barata insignificante que uma hora ou outra eu vou acabar esmagando com a sola do meu sapato.

Jenna caiu de joelhos, puxando as pernas de encontro ao peito, enquanto chorava sem parar. Eu não esperei mais nada para lhe dar as costas e sair dali, querendo distância de toda a sua presença repugnante.

Abri a porta e a fechei com força, caminhando pelo corredor em direção ao elevador, o chamando assim que me aproximei. Senti as paredes

à minha volta se fechando, e fui mais do que rápido em entrar no elevador quando ele chegou, mesmo que aos tropeços.

De repente, até respirar se tornou difícil, e era como se eu nunca tivesse aprendido a fazer isso. Segurei minha cabeça, puxando o ar com toda a força que eu tinha dentro de mim, mas era impossível.

“Você matou Raphael e vai matar ela também.”

Não, não. Não ponha a culpa em mim. Eu não vou machucar Ryen. Não, ela não.

Me sentei no chão do elevador, batendo em minha própria cabeça quando os sons do dia do acidente voltaram para minha mente. Neguei, respirando fundo, quando vi o pavor nos olhos de Raphael e o nome de Ryen deixando seus lábios.

Eu não queria, não foi minha culpa. *Foi?* No momento em que assumi o volante e me droguei foi minha culpa?

“Deve ser ainda mais doloroso para a Ryen ter que transar com o assassino do irmão dela.”

Coloquei a mão no peito, sentindo doer. Raphael, pescoço, acidentes, ferragens. Meu melhor amigo morto, eu vivo. Ele enterrado, eu culpado. Eu tive tanta culpa assim?

Por que a possibilidade de Ryen “aceitar” que matei seu irmão, apenas porque gostava de mim, dilacerava meu peito? Pensar nisso era tão insuportável que fez a dor em meu peito aumentar cada vez mais.

Eu estou sempre resolvendo os problemas das outras pessoas, mas quem resolvia os meus? No fim, a culpa era apenas minha para carregar, e ninguém poderia me ajudar se nem mesmo eu queria enfrentá-la. Sentia que poderia sucumbir a ela a qualquer momento, e o fundo do poço era muito íngreme.

Se eu não era o culpado, por que sentia que não tinha salvação?



“Nós somos muito jovens para isso?”
The Neighbourhood – Softcore

Ryen Rodríguez

Deixei que a música guiasse meu corpo, fazendo-me sentir livre. A alegria dentro de mim era tão grande, que meus movimentos simplesmente não paravam. Depois de tanto tempo me sentindo vazia e sem emoções, agora eu sentia o buraco no meu peito sendo preenchido aos poucos.

Girei com meu calcanhar apoiado no joelho, finalizando com um pulo no chão. A música parou e eu respirei fundo, com um sorriso no rosto, tentando recuperar minha respiração. O suor pingou da minha testa e eu andei até a toalha que tinha deixado no braço do sofá; a peguei.

— Merda, isso foi quente, garota — Eric assobiou, sentado na poltrona ao meu lado.

Eu ri, secando o suor do meu pescoço.

— Não é para ser quente.

— Então, não deveria dançar com esse olhar de “Por favor, me coma” — ouvi Brianna zombar.

Olhei para ela, notando que estava sentada no sofá, com um sorriso no rosto. A mochila da faculdade ao seu lado e suas tranças presas acima da cabeça, em um rabo de cavalo despojado.

— Sinto muito, é o único olhar que eu tenho — Sorri, venenosa, puxando meu short para baixo.

Ela devolveu meu sorriso e revirou os olhos de maneira divertida.

— Então é isso que quer ensinar para o Kellan?

— Acha que ele consegue pegar? — afastei minha franja da minha testa suada.

Killer pulou do sofá e veio até mim, latindo. Eu sorri por ver o meu bebê bem e saudável, e fiquei sobre meus tornozelos para abraçar seu pescoço. Ele ainda não está cem por cento, mas estava muito melhor do que dias atrás. E isso me deixava muito contente e aliviada.

Desde então, eu não o deixava sozinho por nada. Nem com Brianna, nem com ninguém. Não que eu não confiasse na minha amiga, sei que não foi culpa dela, mas parecia que meu senso de proteção triplicou de tamanho desde o incidente de Killer.

Não queria voltar a correr o risco de perdê-lo. O medo que senti naquele dia eu não queria reviver nunca mais.

— Acho que você se sairia melhor tentando ensinar um burro a dançar — Brianna zombou.

Eu sorri, me sentando no tapete do apartamento de Kellan.

— Ah, qual é — revirei meus olhos, vendo Killer apoiar o queixo em meu ombro, como uma espécie de abraço. — Kellan não dança tão mal assim.

Ela ergueu as sobrancelhas e afastou as costas do sofá, bufando uma risada.

— Vadia, fala sério? — perguntou, parecendo incrédula. — É do Kellan que estamos falando, ele é como uma... — Estalou os dedos, parecendo buscar a palavra certa.

— Uma girafa? — Eric testou.

— Isso! — Brianna apontou para ele. — Kellan é como uma girafa desengonçada que não tem coordenação motora!

— É porque ele é alto e tem as pernas longas, é como uma vassoura — ele reforçou e riu, Brianna o acompanhando.

Eric cobriu a boca para abafar a risada e Brianna bateu palmas, pouco preocupada em esconder a própria gargalhada. Ela deixou suas costas voltarem a descansar no sofá e eu estreitei meus olhos na direção dos dois.

— Kellan não é tão ruim assim!

Tudo bem, Kellan dançava ridiculamente mal, mas eu não deixaria que eles falassem isso. Apenas eu o julgando já era o suficiente.

— Pelo visto vocês estão muito bem, já que agora você intervém por ele — Eric comentou, apoiando os cotovelos na almofada com um sorriso.

— Nós estamos... — parei de falar quando flashbacks dos últimos dias invadiram minha cabeça. — Nos entendendo.

Algo atingiu meu rosto e eu soltei Killer, quase caindo deitada. Olhei para o meu colo, vendo uma almofada. A mesma que estava ao lado de Brianna.

— Ah, me poupe, olha esse sorrisinho nojento dela — ela atirou, com uma careta, negando com a cabeça. — Ela está terrivelmente apaixonada!

— Eu não... — abri e fechei a boca para discordar, mas era impossível.

Brianna tinha razão. Eu era pateticamente apaixonada por Kellan Royal e isso nunca mudou. Não era surpresa para ninguém, era algo que sempre esteve ali. Mesmo que eu tivesse tentado guardar ou até mesmo eliminar do meu coração, apenas me iludi pensando que tinha conseguido.

— Está vendo? Nem consegue mentir — ela me provocou. — Até moram juntos, aposto que estão vivendo uma lua de mel.

— Como tem sido esses últimos dias? A base de pau e água? — Eric balançou as sobrancelhas sugestivamente em minha direção.

— Uma delícia — debochei e joguei nele a almofada que estava no meu colo.

Eric a pegou antes que atingisse seu rosto e riu alto. Seu sorriso cessou aos poucos e ele me olhou com uma espécie de carinho, algo cheio de ternura e orgulho.

— Fico feliz que esteja melhor nesses últimos dias, Ry — Seu sorriso era doce. — Morar com Kellan parece estar te fazendo muito bem.

Um sentimento quente se instalou em meu peito, e se você me perguntasse o porquê, eu não saberia dizer. Talvez fosse o modo como Kellan e eu estávamos mais próximos, e logo após transarmos de madrugada, dormíamos abraçados.

Ou por eu sentir como estou me comunicando novamente com a dança, o que eu não fazia há alguns dias.

Também poderia ser o sorriso que meus amigos tinham no rosto apenas por me verem feliz. Estive há tanto tempo sozinha, que havia me esquecido de como era ter alguém ao meu lado. Queria tanto que Raphael pudesse ver isso.

— E realmente está. O que é incomum, porque ele tem um caráter duvidoso — falei, acariciando os pelos de Killer.

— E a abstinência? — Brianna perguntou e eu olhei para ela.

Encarei o chão, e então o seu rosto novamente.

— Eu ainda sinto vontade de usar drogas e tive uma pequena crise antes de ir à universidade... — Soltei Killer para acariciar meus braços. — Sei que não vai sumir assim, de um dia para o outro, mas não quero voltar a usar.

— Você não vai — ela garantiu, com firmeza, os olhos estreitos em minha direção. — Nem que eu tenha que meter a mão na sua cara e te trancar dentro do apartamento.

Arqueei uma sobrancelha.

— Ainda bem que escolheu ser modelo, você como médica ou psicóloga seria uma merda.

Brianna me mostrou o dedo do meio e Eric riu, atraindo minha atenção para si. Reparei em como seus olhos estavam cobertos por um lápis de olhos preto e como sua camisa branca de botões revelava um pouco do seu peitoral.

Ele mexeu nos aparelhos auditivos de maneira distraída, notando meu olhar.

— O que está olhando? Não está se apaixonando, está?

Não resisti a um sorriso.

— Falando em se apaixonar, não está saindo com ninguém, Eric? — perguntei, lançando meus braços para trás para me apoiar.

O sorriso dele morreu aos poucos e ele piscou, sua garganta engolindo em seco.

— É verdade. É impossível que você esteja solteiro... — Bree o olhou, com desconfiança.

— Besteira... — Eric nos dispensou com a mão. — Não estou pronto para um relacionamento no momento.

— Ok, mas nem uns beijinhos? — fiz beicinho.

Eric me encarou nos olhos.

— Eu ainda amo o seu irmão.

Meu peito apertou e não pude deixar de notar o sorriso triste que modelava seus lábios.

— Desculpa, Eric. Você não precisa...

— Você e Brianna são sempre tão sinceras, por que eu não posso retribuir? — Ele esfregou as mãos no tecido de sua calça jeans.

Abri a boca, pronta para dizer a ele que não fazíamos isso esperando alguma confissão em troca. Mas Brianna foi mais rápida do que eu.

— Você nunca esqueceu o Raphael? — ela perguntou, genuinamente curiosa.

Eric olhou para as mãos no próprio colo e assentiu lentamente, o gesto quase inexistente.

— Tentei me envolver com outras pessoas, mas eu sentia como se estivesse traindo Raphael. O que é idiota, porque ele já morreu há tanto tempo... — Sorriu, balançando a cabeça. — Meu coração ainda é dele, entendem? Mesmo depois de cinco longos anos, é nele que eu penso assim que acordo e quando vou dormir.

— Eric... — sussurrei, engolindo o bolo em minha garganta.

— Não sei quando esses sentimentos vão sumir, mas eu sou paciente — ele assentiu várias vezes, e mexeu no aparelho auditivo mais uma vez, o retirando. — Ele nunca me tratou diferente por causa disto. Então não quero me entregar a alguém que vai fazê-lo.

Senti lágrimas se formarem no canto dos meus olhos e as reprimi, amaldiçoando minha menstruação, que desceu quando cheguei da universidade. Era culpa dela o turbilhão de sentimentos no meu peito.

Eu perdi um irmão, mas Eric perdeu o amor da vida dele. E mesmo que fosse ridículo admitir isso, eu não sabia qual seria minha reação se Kellan morresse. A simples possibilidade de nunca mais ver seus olhos ou ter suas mãos em mim abria uma lacuna no meu peito.

— Vá no seu tempo. Você vai amar novamente, tenho certeza — Sorri, piscando para afastar as lágrimas.

Eric assentiu e recolocou o aparelho na orelha, sorrindo minimamente. Killer foi até ele e apoiou o queixo em seu joelho, sentado sobre as patas traseiras.

— Ah, merda — Brianna xingou e eu olhei para ela, vendo a careta em seu rosto. — Por que sempre que nós nos reunimos é como uma rodinha da verdade?

Eric riu.

— Você não precisa falar da sua vida se não qui-...

— Precisa sim — Eu fui mais rápida.

Brianna apertou seus olhos e deu um sorrisinho falso antes de suspirar, deixando o corpo escorregar no sofá de maneira relaxada.

— Esses dias com Christian vem sendo um inferno — admitiu, parecendo cansada.

— Me diz que vocês estão dividindo a mesma cama — Eric a olhou maliciosamente e ela bufou uma risada.

— O que é isso? Um livro com *enemies to lovers*? — debochou, revirando os olhos. — Coloquei aquele cachorro para dormir no sofá.

— Tem três quartos no seu apartamento, Brianna — a lembrei, mesmo que eu soubesse que ela não estava esquecida.

Minha amiga pegou uma trança fina e a encarou, focando sua atenção nela. Mesmo que nossa amizade fosse recente, eu a conhecia bem o suficiente para saber que a sua maneira de tentar ser indiferente a um assunto que lhe afetava, era focar em alguma coisa próxima a ela.

Assim como quando Eric estava nervoso e puxava os cabelos da própria nuca.

— Ele é um convidado indesejado — Ela deu de ombros mais uma vez.

Eric cruzou as pernas e arrumou a almofada em seu colo.

— Não acha que está sendo infantil e mesquinha?

Ela nos encarou, a expressão séria, perdendo todo o deboche. Ela parecia brava, mas ao mesmo tempo, magoada.

Por alguns segundos, desviei meu olhar e o foquei em meu celular, notando que Kellan não tinha respondido minhas mensagens. Já passava das quatro da tarde e eu tinha mandado a mensagem às duas. A última mensagem que ele respondeu foi às quinze para as duas da tarde. Kellan não apareceu no celular desde então.

Eu

Como está aí com Christian?

Kellan ❤️

Não estou mais com Yun, estou indo resolver um assunto.

Kellan ❤️

Já está com saudades, amor?

Não se preocupe, quando eu voltar para o nosso apartamento vou te dar um pedaço de mim.

Eu

Apenas um pedaço?

Kellan ❤️

Ambiciosa, hum. Amo isso.

Sou todo seu.

Eu

Palavras corretas.

Sabe o que teria acontecido se falasse merda, não é?

Ele nem visualizou a mensagem. Talvez estivesse ocupado com o tal assunto, como disse que ficaria. Não queria ser pegajosa.

— E como eu deveria ser com alguém que age como se eu não fosse nada além de um rostinho bonito que não tem nada na cabeça? — Brianna soltou, de repente, sorrindo, como se não se importasse. — Ele me vê como

uma pessoa fútil, que o despreza. Não estou nem um pouco disposta a fazê-lo pensar diferente, simplesmente porque não me importo e realmente o desprezo. Posso ser a fútil que ele pinta na cabeça dele, sem nenhum problema.

Eric e eu nos entreolhamos. Pensávamos a mesma coisa: Brianna odiava Christian porque ele a odiou primeiro, ela estava apenas sendo responsiva.

O garoto dizia desprezar qualquer pessoa com dinheiro, porque nos achamos superiores, mas ele parecia canalizar isso apenas em Brianna. Nunca me tratou mal e é um amigo próximo de Kellan. Talvez todo o seu ódio por Brianna tivesse um motivo além do dinheiro.

E que claramente não era da minha conta.

— Mas não rolou nada? — balancei as sobrancelhas sugestivamente.

Ela desviou o olhar, engolindo em seco. Se aproveitando disso, se levantou rápido, deixando sua almofada de lado, carregando um largo sorriso no rosto.

— Eu sabia! Vocês transaram!

— Não! — Ela arregalou os olhos.

— Então treparam? — debochei.

Brianna me olhou com uma carranca e agarrou uma almofada, pronta para jogá-la em minha direção, quando grunhiu e a abaixou, desistindo.

— Não fizemos nada...

— Isso é uma lágrima escorrendo pela sua bochecha? — Fiz beicinho.

Se Brianna tinha desistido de jogar a almofada em mim, ela mudou de ideia assim que viu minha zombaria. Ela arremessou o travesseiro com força o suficiente para me levar ao chão. Eu ri, minhas pernas se levantando no ar pelo impacto.

Killer latiu, e quando tirei a almofada macia do rosto, ele encostou o focinho molhado em minha bochecha.

— Vai à merda, Ryen — Bree mandou, me mostrando os dedos do meio.

Eric riu e se sentou ao lado dela, a olhando, com uma malícia evidente no olhar.

— O que vocês fizeram então? — perguntou.

Brianna vagou seu olhar entre mim e Eric, e suspirou, fingindo que seu cabelo era mais importante do que tudo.

— Nos beijamos, nada de mais — Ela deu de ombros. — Mas foi aquele traficante de merda quem me agarrou!

— Claro, você gritou muito, não é? — Eric sorriu.

Me sentei novamente, abraçada a Killer, que parecia querer brincar.

— Foi tipo assim “Ah, Christian! Não para, isso! Isso!” — a imitei.

Eric riu mais alto e Brianna pulou do sofá, vindo em minha direção. Arregalei meus olhos, soltando Killer e me levantando do chão com uma agilidade que nunca pensei que eu tivesse.

— Volta aqui, sua vadia! — ela rosnou.

Eu gritei e corri pelo apartamento, com ela logo atrás de mim, parecendo determinada a me estrangular com as próprias mãos.



Encarei meu celular, vendo que Kellan ainda não tinha respondido minha mensagem. Eram quase dez e meia da noite e ele ainda não tinha voltado pra casa. Mandeí mais algumas mensagens para ele, porém nenhuma delas teve retorno. E mesmo que eu tivesse dito que não seria pegajosa, era impossível continuar com esse pensamento quando Kellan já estava fora há tanto tempo.

Me acomodei no sofá, tentando deixar ao menos o meu corpo confortável já que eu estava tão tensa. Ignorei o filme que passava na TV, um que eu mesma coloquei para me distrair, e procurei o número de Kellan na minha lista de contatos. Nem chegou a chamar, foi direto para a caixa postal.

Liguei mais algumas vezes, mas as chamadas sempre tinham o mesmo destino. Decidi deixar um recado.

— Kellan... Por favor, me diz que você está bem... — pedi, engolindo o carão na minha garganta. — Não quero ser pegajosa, mas já faz muito tempo. Responda ao menos uma mensagem.

Desliguei a chamada e segurei o celular contra o meu peito, encarando a TV. Respirei fundo, tentando convencer a mim mesma de que

talvez ele só estivesse sem bateria. Ou que seu celular estivesse muito longe dele. Mas, lá no fundo, eu não me convenci disso.

Com a garganta doendo, olhei para Killer e ele rastejou pelo sofá até mim, apoiando o queixo em meu ombro. Virei de lado e o abracei, enterrando meu rosto em seu pelo.

— Você vai devorá-lo se o idiota estiver fazendo de propósito, não vai? — murmurei contra ele e me afastei.

Killer inclinou a cabeça para o lado, parecendo não me entender. Ignorei esse fato e levei como se sua resposta tivesse sido um “Você ainda pergunta?”.

Eu queria, com todo o meu coração, entender por que ele não tinha chegado ainda. Eu não achava que eu estava sendo obsessiva, já que, quando nos despedimos na universidade, o próprio Kellan disse que voltaria até as cinco da tarde.

E se ele fosse se atrasar, qual era a dificuldade em dar um sinal de vida ou até mesmo avisar? Algo dentro de mim estava me dizendo que tinha alguma coisa errada. Eu implorei para que fosse apenas coisa da minha cabeça, paranoia que desconfiava de tudo.

Sem Killer, me levantei do sofá e, descalça, subi as escadas que davam no quarto de Kellan, aquele que dividíamos todas as noites desde que comecei a morar com ele.

Me sentindo ansiosa, comecei a fazer um tour pelo quarto, coisa que não tinha feito ainda.

O cômodo era praticamente idêntico ao quarto de Kellan na casa dos seus pais. Cores frias e elegantes, com cortinas enormes nas janelas. Entrei no closet de Kellan, vendo como a maior parte de suas roupas eram pretas, o que não me deixava impressionada.

Um pouco mais à frente, ficava uma espécie de espelho, e ao me aproximar, notei que era, na verdade, uma porta. E o que tinha lá dentro me maravilhou.

Deslizei a pontinha do vidro para o lado, esticando a mão para pegar uma tiara de pedrinhas brancas, que mesmo na luz do closet, brilhavam. De longe, dava para notar que não eram nenhum pouco baratas. Além disso, estavam muito, muito bem cuidadas. Isso era... diamante?

Olhei ao redor do pequeno lugar, vendo outras tiaras um pouco mais grossas. Elas vinham em apenas três cores: lilases, brancas e pretas. As mesmas cores que eu usava quando mais nova.

Pensei que fosse um blefe de Kellan, mas eu estava enganada. Ele realmente tinha uma coleção de tiaras para mim.

Com um sorriso nos lábios, fechei a portinha e saí do closet com a tiara branca nas mãos. Estava incrédula com o quanto ela era bonita. Brianna trouxe na mala a tiara lilás que Kellan me deu, e ela ainda estava lá, assim como minhas roupas.

Dei uma última olhada na tiara antes de colocá-la na cama e me afastar.

Entrei no banheiro, preendi meu cabelo em um coque alto e tirei minha roupa, entrando no box. A água quente escorreu pelo meu corpo, mas nem ela foi suficiente para me relaxar. Após terminar, desliguei o chuveiro e saí enrolada em uma toalha.

Vesti uma das camisas de Kellan e um short meu, e quando voltei ao quarto encontrei Killer deitado na cama. Olhei para o meu celular, ao lado dele, e não resisti a checar se Kellan tinha me respondido. *Nada*.

Pesquisei o nome de Brianna na lista de conversas e liguei para ela, talvez ela tivesse alguma resposta para mim. Minha melhor amiga atendeu no segundo toque.

— *É melhor que você tenha um bom motivo para me ligar quando eu já estava pronta para meu sono da beleza* — ela disse, ligeira.

— Bree, eu preciso te perguntar algo.

— *Pelo seu tom, não deve ser coisa boa. Manda.*

— Christian está com Kellan? — perguntei, roendo minhas unhas.

— Não, o drogado está dormindo no sofá. Por quê? — Brianna questionou, do outro lado da linha.

Passei a mão livre pelo meu cabelo, segurando minha franja fortemente. Kellan não estava com Christian. Kellan não estava respondendo minhas mensagens ou atendendo minhas ligações. Então, onde ele poderia estar? O que era esse aperto no meu peito?

— *Ryen?* — Brianna me chamou, me fazendo voltar a mim.

— Kellan ainda não voltou, Brianna. Nem responde minhas chamadas ou atende minhas ligações... — Engoli, com dificuldade. — Pensei que ele pudesse estar com Christian.

— *O drogado está dormindo desde as quatro da tarde, porque tem que vender droga na boate de madrugada* — ela disse, e pude jurar que a vi revirar seus olhos. — *Acha que pode ter acontecido algo?*

Soltei minha franja, coçando meu pulso quando comecei a ficar nervosa.

— Não sei, estou com um mau pressentimento.

Não quero imaginar o pior. Não agora que eu estava me sentindo bem e tínhamos nos resolvido.

— *Vou desligar e perguntar a Christian se ele sabe de alguma coisa, tudo bem?* — perguntou, como se estivesse falando com uma criança.
— Ligo para você.

— Tudo bem — me vi assentindo de maneira perdida.

Brianna desligou e eu me sentei ao lado de Killer na cama. Dez minutos se passaram e já parecia uma eternidade. Brianna retornou a chamada, mas me contou que Christian não sabia do paradeiro de Kellan. Ele contou ao amigo o mesmo que a mim, que iria resolver um assunto.

Qual inferno poderia ser esse assunto que deixaria Kellan sumido por nove horas? E se fosse algo perigoso, levando em consideração seu temperamento difícil? Kellan não era bonzinho, talvez ele tenha falado sobre vingança.

Larguei meu telefone e abracei um travesseiro, afundando meu rosto nele para evitar que eu coçasse meus pulsos. A vontade de usar drogas vinha daí, sempre que eu estava nervosa ou estressada. Nesse caso, eu estava terrivelmente ansiosa.

Sem que eu notasse, adormeci; o sono chegou tão rápido que não consegui resistir. De repente, não sei ao certo quanto tempo depois, ouvi algo batendo e abri meus olhos, piscando para o breu imenso no quarto. Senti o colchão afundar ao meu lado e congelei, prendendo a respiração. Me amaldiçoei por não estar com meu canivete próximo a mim; me mantive imóvel.

— A próxima será você? — a voz grave e rouca se fez presente no escuro, e meu coração deu um salto. *Kellan.*

— Kellan? — tentei me virar em sua direção, mas ele me impediu.

Com a mão no meu ombro, Kellan me manteve de lado, e eu só consegui girar o pescoço. Um pouco perto, ouvi Killer latir.

— Shh... fique assim — ele mandou, deslizando os lábios pelo meu rosto. — Quero dormir com você antes que eu foda com tudo.

Franzi meu cenho, confusa.

— Do que está falando? O que você fez?

— Por que continua fazendo isso? Fingindo que não tem a mesma opinião que todo mundo? — Kellan pareceu zangado e seus lábios tocaram os meus.

Foi então que o cheiro do seu hálito me acertou em cheio, havia álcool e algo mais, uma substância da qual Kellan sempre fez questão de me manter longe. O aroma veio tão forte que fez minha cabeça girar e voltar para o lugar. *Maconha*.

Rapidamente me afastei dele e de Killer, descendo da cama. A passos rápidos, andei até a porta e liguei o interruptor, clareando o quarto.

Killer rosnou para Kellan, como se não o conhecesse, e bom, eu não poderia julgá-lo. Nem eu mesma reconhecia o homem jogado em minha cama, tentando se sentar, com o cabelo desgrenhado e as roupas amassadas. Jamais pensei que o veria nesse estado deplorável.

— Você estava bebendo? — franzi minhas sobrancelhas, indo até ele.

Kellan ficou em pé com dificuldade, quase caindo sentado novamente.

— Esse olhar de decepção no seu rosto dói pra caralho, sabia? — murmurou, grogue.

Ele tentou dar um passo, e seu corpo teria ido ao chão se eu não o tivesse segurado, com uma força sobre-humana.

— Por que você fumou maconha, Kellan? — questionei, agarrando sua jaqueta e cheirando seu pescoço. — Me diz que enquanto eu estava preocupada, você não estava usando drogas.

Kellan inclinou a cabeça para o lado, parecendo atordoado.

— Um verme como eu não merece sua preocupação — disse, passando os braços ao redor da minha cintura.

— O quê? — perguntei, no instante em que ele se desequilibrou.

Kellan caiu deitado na cama, comigo em cima dele. Uma de suas mãos foi para o meu rosto e eu apoiei as minhas ao lado do seu corpo.

— Nunca vou me perdoar — sussurrou, antes de tomar meus lábios em um beijo.

Fechei meus olhos, pela surpresa, e tentei me afastar, porém sua língua invadiu minha boca e o gosto de vodka misturado ao cheiro de maconha foi terrível.

Ele me beijou de maneira desastrada, a mão fortemente agarrada aos cabelos da minha nuca, como se para me manter ali. Espalmei minhas mãos

em seu peito e virei o rosto.

— Kellan, o que aconteceu? — perguntei, sentindo-o descer os lábios para o meu pescoço.

— Devemos aproveitar antes que eu te faça mal também? — perguntou, entre beijos, sua mão descendo para agarrar a minha bunda. — Ou você tem nojo de me tocar?

Ele nos virou, ficando por cima de mim, antes de me puxar de encontro a seu corpo. Agarrei seu bíceps, confusa com o que estava acontecendo.

— Kellan... — Tentei segurar seu rosto para afastá-lo, mas ele parecia não me escutar.

— Talvez se eu te der uma noite maravilhosa, você comece a me odiar menos. Mas será que eu mereço?

Kellan mordeu levemente meu pescoço e eu separei meus lábios com a carícia; ele acalmou a mordida com a língua.

— Eu não te odeio, Kellan — Tentei empurrá-lo do meu pescoço para encarar seu rosto. — Quem te disse isso?

Ele nem mesmo parecia me escutar.

— Mas se você morrer, eu irei junto...

Arregalei meus olhos diante de suas palavras, e dessa vez agarrei seus ombros, tentando afastá-lo de mim.

— Kellan... — chamei, mas ele não me ouviu quando desceu os lábios para o meu peito. — Kellan!

Ele ficou imóvel sobre mim, o rosto enfiado no meu pescoço e seu coração batendo contra o meu. O dele estava descompassado, como se fosse sair pela boca a qualquer momento. Não muito diferente do meu.

Ele afastou o rosto, e quando o ergueu para mim, eu vi o mais profundo desespero ali. Meu coração se apertou e eu segurei seu rosto, na intenção de perguntar o que houve, mas ele foi mais rápido.

— Me perdoa por tirado ele de você — implorou, colando a testa na minha.

— Do que você está falando? — Acariciei seu rosto, ignorando o cheiro da maconha. Mesmo sentindo meu nariz coçar.

Afastei os fios de cabelo de sua testa, querendo entender o que houve com Kellan e porque ele parecia tão destruído.

— Raphael.

O nome do meu irmão deslizou de seus lábios, cheio de agonia.

Isso me pegou em cheio e minhas sobrancelhas se uniram sem a minha permissão. O olhar de Kellan, perdido em meio a todo o álcool que ele parecia ter ingerido minutos antes de voltar para casa, se fixou no meu.

— Eu não queria ter sido irresponsável com a vida dele — negou com a cabeça.

Imitei seu gesto e segurei seu rosto, para mantê-lo imóvel.

— Você não teve culpa, foi um acidente — sussurrei, beijando suas pálpebras.

Kellan se levantou de cima de mim de modo abrupto, tropeçando para trás. Ele ergueu um dedo em minha direção, o corpo ameaçando tombar. Ele mal estava conseguindo sustentar o próprio peso.

— Para de mentir só porque você gosta de mim — mandou, colocando a mão em cima do coração. — Seja sincera, você disse que faria isso!

Me levantei da cama e fui até ele, o segurando no lugar com muita dificuldade, quando ele quase pendeu para frente.

Procurei seu olhar, confusa.

— O que aconteceu, Kellan? Por que você bebeu e fumou maconha? Você disse... Você disse que não fazia mais isso.

Kellan soltou uma risada sarcástica e bateu no próprio peito com força.

— Por que está estranhando? Foi assim que acabei com a vida do seu irmão — Apontou para o próprio peito.

— Não, Kellan. Você não teve culpa de nada — discordei, passando seu braço pelo meu pescoço. — Vem, vamos tomar um banho. Você está fedendo.

Kellan me soltou e deu alguns passos vacilantes para trás, quase pisando em Killer, que estava no chão e rosnou para ele. Meu cachorro veio para o meu lado, se distanciando de Kellan, como se ele fosse um estranho.

— Ele me passou o cigarro e eu aceitei. Eu não podia ter aceitado — murmurou, mais para si mesmo do que para mim.

O vi puxar a gola do moletom preto, como se o estivesse sufocando.

— Ninguém tinha como saber o que ia acontecer — Me aproximei dele por trás. — Não foi sua culpa.

Cambaleante, Kellan girou seu corpo e fixou o olhar atordoado em mim, franzindo as sobrancelhas, como se estivesse com dor. Como se sua confusão doesse.

Ele inclinou a cabeça para a esquerda.

— Mas... até você disse que foi culpa minha.

Arregalei meus olhos e senti minha respiração desaparecer. Meu peito foi espremido por uma mão inexistente e a dor irradiou por todo o meu corpo, me fazendo perder o ar.

“Ele não precisaria ter pedido isso se não tivesse entrado naquele carro com você.”

Sim. Kellan tinha razão. Mesmo que não fosse o que eu realmente pensava, eu disse aquilo. E palavras cruéis já ditas, jamais podem ser retiradas. Quando eu era pequena, não entendia o ditado de que uma palavra pode doer mais do que um tapa. Mas eu o fazia agora.

— Eu fui idiota de dizer isso, mas não é o que eu penso — Balancei minha cabeça, em negação. — Você nunca teria coragem de prejudicar Raphael. Ele era como o seu irmão. E sei que você o amava muito.

Kellan ergueu minimamente as sobrancelhas.

— Você não sente nojo ao dormir comigo? — perguntou, procurando meu olhar.

O quê?

— De onde tirou isso? Por que eu teria nojo de dormir com o homem por quem eu sou apaixonada? — cheguei até ele, segurando sua bochecha.

Ele fechou os olhos e agarrou minha mão firmemente contra o próprio rosto, a mantendo lá.

— Mas ela disse... — murmurou baixinho, mas ainda ouvi.

— Ela quem?

Kellan não sustentou meu olhar quando encarou o chão, os fios de seu cabelo cobrindo seus olhos e os deixando invisíveis. Ele murmurou algo desconexo e avançou para frente, agarrando minhas mãos.

— Eu posso te compensar de agora em diante, amor — ele ignorou minha pergunta anterior, assentindo várias vezes com a cabeça. — Posso ser bom para você, para aliviar o meu pecado. Você só não pode me deixar novamente.

— Não tem pecado para aliviar. E eu não vou...

Kellan caiu de joelhos diante de mim e eu arregalei meus olhos. Seus braços rodearam minha cintura quando ele enterrou o rosto em meu estômago.

— Não me deixe, por favor... — implorou, me abraçando forte.

Senti meus olhos marejarem e mordi meu lábio inferior, vendo Killer se aproximar de nós dois. Ele cheirou Kellan e, com o focinho, cutucou seu pescoço. Mas o homem abraçado a mim nem se mexeu. Ele não se importou.

Enterrei meus dedos em seus fios sedosos, piscando para afastar as lágrimas que eu não poderia deixar cair. Então consegui me ajoelhar diante de Kellan e segurei seu rosto, fazendo um carinho em suas bochechas.

— Eu não vou a lugar nenhum, Kellan. Você não fez nada... — Beije o canto dos seus lábios.

— Mas Jenna... — ele parou de falar, me olhando, com o semblante destruído.

Jenna? Então foi ela que colocou na cabeça de Kellan que ele matou Raphael?

— Não... não quero que você seja a próxima. Não quero ferir você também, amor.

Segurando a vontade de perguntar quando Jenna disse tudo isso, mais uma vez afastei seu cabelo para trás, expondo sua testa para mim. Eu coleí meus lábios em sua pele de maneira demorada, acariciando seu nariz com o meu em seguida.

Evitei esfregar meus pulsos, por causa do cheiro forte da droga, e o obriguei a me encarar.

— Olha para mim. Pareço machucada? — perguntei, quando ele quase desviou o foco. — Mentiram para você, Kellan. Vamos tomar banho, sim?

Kellan não disse nada, porém soltou minha cintura. Eu me levantei e peguei suas mãos, o incitando a fazer o mesmo. Ele foi obediente.

Cambaleando, Kellan andou aos poucos em direção ao banheiro, com seu braço ao redor do meu pescoço. Ele continuava a sussurrar coisas desconexas. Algo como “pôr fogo nos aeroportos para que eu não fosse embora” e “trancar as estradas”.

Entrei com ele no enorme banheiro, o deixando em pé, sozinho, mesmo que parecesse que ele cairia a qualquer momento apenas com um sopro.

— Fique quieto, vou tirar suas roupas — declarei.

Kellan não disse nada, apenas ficou parado quando retirei seu moletom, com sua ajuda, e então arranquei a camisa preta sem mangas, que

estava cobrindo seu torço. Ele abaixou a cabeça, vendo minhas mãos irem para o cós de sua calça e baixá-la. O tecido caiu aos seus pés e ele saiu dele.

Em seguida, pedi que ele tirasse a cueca vermelha e ele me obedeceu, arrancando a peça de roupa com dificuldade. Me abaixei para pegar suas roupas no chão e jogá-las no cesto de roupa suja.

Logo após, andei até a banheira e a liguei, guiando Kellan até ela. Ele estava tão quieto, de cabeça baixa, que eu já estava começando a me desesperar. Nunca o tinha visto desse jeito, ele parecia tão... quebrado.

Kellan entrou na banheira, totalmente nu, apenas a correntinha dourada em seu pescoço. Peguei esponja de banho, sabonete e shampoo, e me ajoelhei ao lado dele. Comecei com suas costas e em seguida fui para os braços, por fim lavando seu cabelo com o shampoo.

Afastei seus fios para trás, o vendo fechar os olhos e juntar as sobrancelhas, como se estivesse com dor. Uma lágrima escorreu por minha bochecha e a afastei antes que ele visse. Kellan não precisava saber quão triste eu estava por vê-lo assim. Eu queria estar bem por ele agora.

— Sabe, eu nunca consegui me apaixonar por mais ninguém, e pensei que era porque eu estava machucada — comecei, massageando seu coroa cabeludo. — Mas quando eu te vi de novo, eu tive a certeza de que era porque nunca te esqueci.

Kellan continuou com os olhos fechados.

— Uma vez, quando eu tinha treze anos, Raphael afastou um garoto que tinha interesse em mim. Não sei se ele te contou — Esfreguei sua nuca carinhosamente. — Então, ele disse que o único garoto a quem ele me confiava era você. E mais ninguém.

Passei minha mão por seu peito nu, angustiada com quão quieto Kellan estava. Ele ainda estava de olhos fechados, e agarrou minha mão, a apertando com força.

Ele respirou profundamente, e se não fosse por sua mão agarrada a minha, eu poderia apostar que ele estava dormindo. Neste momento, o silêncio era mais amigo de Kellan do que nos outros dias.

Sorri e me inclinei contra a lateral de seu corpo, pressionando meus lábios em sua bochecha.

— Se o fardo estiver pesado demais, divida comigo, amor — Desci para o recanto de seus lábios, e deixei outro beijo ali. — Temos um ao outro, não é? Também estou aqui por você.

Kellan manteve a cabeça baixa e eu tive que afastar minha mão da dele para que pudesse me levantar e retirar todo o shampoo de seu cabelo e o sabonete de seu corpo. Também o fiz escovar os dentes para dar fim ao cheiro de álcool.

Ele levantou, gloriosamente nu, com seus um e noventa e seis de altura. Eu enrolei uma toalha ao redor do seu corpo, notando que mesmo que Kellan parecesse mais lúcido agora, ele continuava bêbado. Segurei sua mão e o guiei para fora do banheiro, o sentando na cama.

Fui até seu closet e trouxe uma cueca boxer e um short de moletom cinza. Kellan se vestiu e eu assisti a tudo pacientemente, aflita por não ver seus olhos, mesmo que ele já os tivesse aberto.

Peguei outra toalha, dessa vez menor, e andei até ele. Me coloquei entre suas pernas longas e comecei a secar seu cabelo, foi quando tive um pequeno susto. Kellan abraçou minha cintura e enterrou o rosto entre meus seios.

Larguei a toalha.

— Kellan? — chamei, segurando seu rosto em minhas mãos.

Ele o ergueu para mim, o semblante derrotado. Então, me puxou um pouco até que eu me curvasse, e esticou a mão, desfazendo meu coque e colocando algo em minha cabeça.

Toquei a tiara, piscando.

— Dance para mim, amor... — falou, com um fio de voz, e seu olhar estava completamente desolado. *Ele implorava.* — Você pode fazer com que essa dor suma?

Não expressei quão surpresa fiquei com seu pedido, apenas beijei sua testa e acariciei os cabelos de sua nuca. Naquele momento, senti algo se quebrar dentro de mim, e mordi o interior da minha bochecha, contendo as lágrimas.

Kellan estava tão quebrado. Assim como eu. Ele queria cuidar de mim enquanto negligenciava a si próprio.

Mortes, luto, fantasmas e traumas. Eles nunca foram direcionados apenas a mim. Todo mundo estava fadado a isso, e ninguém nunca notou quão bem Kellan escondia seus sentimentos.

São fardos demais para pessoas tão jovens.

— Claro, amor — eu disse, docemente, assentindo com a cabeça.

Me afastei de Kellan e caminhei até o centro do quarto, agradecendo pelo cômodo ser enorme. Coloquei um sorriso no rosto, mesmo que rir

fosse a última coisa que eu quisesse fazer naquele momento, e então eu dancei para Kellan. Para ele, e somente para ele.

Sem música, rodopiei pelo quarto, me esforçando para que isso ajudasse o homem sentado na cama. Olhei para Kellan, notando como seus olhos estavam fixos em mim, como se eu fosse a coisa mais linda que ele já viu. Suas íris brilhavam com cada um dos meus movimentos.

Me senti a mulher mais linda do mundo, e se eu tivesse que dançar para conseguir esse olhar de Kellan, então eu o faria para sempre. Não importava o quanto meus pés doessem, eu poderia ignorar se ele voltasse a ser o meu Kellan.

Meu sorriso se tornou verdadeiro quando pulei no ar, em um espacate perfeito, e finalizei com um giro. Dancei por longos minutos, que pareciam horas, mas eu não me importei.

Braços se fecharam ao meu redor, um corpo quente grudou em minhas costas. Kellan enfiou o rosto em meu pescoço, me abraçando forte.

— Não sei o que eu faria se te perdesse.

Sorri, me virando para ele.

— Você não vai me perder. Eu sou sua, Kellan — passei meus braços por seu pescoço, juntando nossas testas.

— Eu destruo tudo ao meu redor, Ryen.

— Eu posso juntar meus caquinhos novamente.

— Eu não sou um bom homem — afirmou, e segurou meu rosto entre as mãos.

Sorri, lhe dando um selinho. *Eu também não era uma boa mulher.*

— Sempre preferi os vilões.

Kellan me beijou, lentamente, como se quisesse que durasse para sempre. E eu deixei, porque queria o mesmo. A contragosto, encerrei o beijo e acariciei seu rosto.

— Vamos para cama — chamei, sorrindo.

Ele assentiu e, segurando sua mão, eu o levei até a cama. Fui a primeira a subir e entrei debaixo das cobertas, erguendo uma parte delas. Dei batidinhas no colchão ao meu lado e Kellan subiu, se enfiando entre os edredons.

Ele se deitou, e a primeira coisa que fez foi enterrar o rosto em meus seios e abraçar minha cintura com força. Era como uma criança gigante em busca de refúgio.

Suas pernas se entrelaçaram às minhas, como se estarmos abraçados não fosse o suficiente. Como se ele nunca pudesse ficar perto o bastante de mim. Senti meu coração quebrar em mil pedacinhos, impossíveis de recuperar.

Deslizei meus lábios por sua testa, acariciando os cabelos de sua nuca, enquanto ele fechava os olhos. Killer pulou na cama, e a uma distância considerável, mas ainda perto, deitou ao lado de Kellan. Por fim, colocou a cabeça sobre as próprias patas e fechou seus olhos, embarcando em seu sono.

— Me perdoa, amor — Kellan murmurou, sonolento.

Uma lágrima escorreu, caindo em seus fios. Engoli o caroço em minha garganta e ergui minha perna até sua cintura, o apertando em um abraço.

— Durma. Vou estar aqui quando acordar.

Kellan se culpava, mas as coisas poderiam ter sido diferentes se eu tivesse deixado meu irmão me trazer para casa. Se eu não tivesse insistido em ficar no racha naquele dia. Poderia ter sido diferente.

Éramos tão jovens para sentirmos tanta culpa. Eu sentia falta do meu irmão todos os dias, e a saudade rasgava meu peito sem piedade alguma, fazendo-me sentir miserável.

Contudo, vinha sendo mais fácil aguentar tudo isso com Kellan ao meu lado. Eu iria ser a âncora dele, assim como ele vinha sendo a minha.

Eu o amava.

Sempre soube disso, mas admitir assim me deixava assustada.

A respiração de Kellan ficou mansa e eu olhei para baixo, vendo que ele dormia tranquilamente. Ainda assim seus braços não aliviaram o aperto, nem por um segundo. E tudo bem, eu também não o largaria nunca mais.

49

Assassinato na minha mente
Kordhell - Murder In My Mind

Ryen Rodríguez

Diante do fogão, eu mantive uma boa distância do fogo, abri a casca de ovo e deixei o conteúdo cair na frigideira, me assustando quando as chamas embaixo aumentaram. Arregalei meus olhos, dando alguns passos para trás pelo medo de ser queimada quando o estalar do ovo sendo frito atingiu meus ouvidos.

Kellan poderia acordar a qualquer momento e eu ao menos gostaria de fazer um café da manhã para ele, assim como ele fez para mim no dia seguinte em que Killer fora envenenado. Mas confessava que esta era uma luta bastante... perdida, tendo em mente que nunca fiz nada na frente de um fogão.

Eu apenas sabia fazer sanduíches, que foi o que fiz quando fugi do México para cá, mas agora, em frente a uma frigideira que parecia prestes a explodir, me mantive firme porque sabia que Kellan acordaria com fome.

Ele, com certeza, devia apenas ter bebido e fumado, mantendo seu estômago completamente vazio. E, falando em fumar, o quão afetado ele deveria ter ficado com o que Jenna disse ao ponto de usar drogas mais uma vez? O quão fodido o indiferente Kellan Royal ficou para cair no que ele mais odiava e repudiava desde a morte do meu irmão?

Eu demorei a dormir, tudo porque chorei agarrada a Kellan, me sentindo culpada por ter, dias atrás, despejado a culpa da morte de Raphael em suas costas. Como se ele fosse culpado quando tudo não passou da porra de um acidente.

Queria estar aqui por ele, como sempre estive comigo quando precisei.

Arregalei os olhos quando o ovo voltou a pipocar e dei outro passo para trás, trombando com algo duro. Virei para ver quem era, dando de cara com Kellan logo atrás de mim, sem camisa.

Andei dois passos para trás, assustando-me.

— Merda, Ryen! — Kellan xingou, passando os braços ao meu redor e me puxando de encontro ao seu corpo. — Você quase se queimou com a frigideira.

Ele desligou o fogo.

— Você me assustou! — Bati em seu peito, encarando-o com uma carranca.

Kellan arqueou uma sobrancelha, andando para trás e me levando junto. Ele descansou o quadril na mesa.

— Quem mais poderia ser para você se assustar?

— Sinto muito se não estou acostumada a ter pessoas atrás de mim como a porra de um lunático — debochei, sarcástica. — Acho que nunca vou me acostumar com seus fetiches estranhos.

Ele sorriu prepotente, acariciando minhas costas.

— Eu chamo isso de romantismo, você não?

Eu sorri, apoiando minhas mãos em seus bíceps enquanto inclinei a cabeça para trás para lhe observar melhor, já que ele era muito alto.

— Talvez você deva consultar a definição normal de romantismo.

— O normal é chato, amor — ele sorriu, se inclinando para me beijar. Segurei seu rosto, colando nossos lábios em um selinho demorado antes de me afastar um pouco.

Encarei seu rosto, analisando cada detalhe com muito cuidado. O corte que fiz em sua bochecha agora não era nada mais do que um risquinho quase inexistente e, ao que parecia, não deixaria cicatriz.

Acaricieei os cabelos de sua nuca, passando meu braço por seu pescoço quando senti necessidade de ficar mais perto. Como resposta, Kellan apertou minha cintura, me puxando contra seu corpo até que nossos troncos estivessem colados um ao outro.

Ele grunhiu de olhos fechados enquanto inclinava a cabeça para o lado.

— Ressaca? — perguntei e ele assentiu, abrindo os olhos.

— Parece que pisotearam a minha cabeça.

— Não deveria ter bebido tanto... — Bati em seu ombro. — Eu fiquei preocupada, Kellan. Você sumiu por muitas horas e não deu notícias.

Kellan sorriu minimamente, descendo os lábios para o meu pescoço. Ele espalhou beijos pela área da minha garganta, escorregando a mão para a curva da minha bunda, deixando-a lá.

Ainda estava vestida com sua camisa larga, porém, apenas minha calcinha restava agora.

— Não vou fazer de novo, amor — garantiu, subindo seus beijos para meu queixo.

Inclinei minha cabeça para trás e espalmei minhas mãos em seu peito, me afastando o máximo que consegui por causa dos seus braços de aço ao redor da minha cintura.

— Esse é o seu pedido de desculpas?

— Por que está tão estressada? Treinando para quando casarmos e eu chegar tarde do trabalho? — sorriu, sacana.

Eu bati em seu peito mais uma vez e dei um passo para trás, tentando sair do seu forte agarre. Me desesperei ontem a noite com seu sumiço e a primeira coisa que ele fazia quando estava lúcido, era uma piadinha desgraçada.

— Eu fiquei preocupada, ok? Fiquei com medo de que o cara que está me perseguindo, fizesse algum mal a você! — ralhei, tentando me soltar dele.

Kellan me soltou e agarrou meu rosto com as duas mãos, obrigando-me a encará-lo frente a frente e malditamente perto. Ele me calou com um selinho demorado que, em seguida, se tornou uma chupada em meu lábio inferior e então, outro selinho.

Deixei minhas mãos caírem ao lado do meu corpo e olhei para ele, ainda com a expressão fechada. Kellan sorriu, agarrando os fios da minha nuca.

— Eu sei que ficou preocupada, me desculpa, amor. Não quis te deixar assim — murmurou — Fui um irresponsável, sim?

Encolhi meus ombros, sentindo-me repentinamente envergonhada por ter brigado com ele. Eu vi o estado de Kellan ontem, o quanto nem deveria ter passado pela cabeça dele em ligar para mim. Mas porra, eu ainda fiquei muito preocupada com tudo isso.

— O que houve? — questioneei, mordendo o interior da minha bochecha.

Todo o divertimento sumiu do rosto de Kellan e ele me soltou, dando um passo para trás. Tudo isso só me fazendo ver o quanto ele estava

me escondendo algo.

Foi a minha vez de me aproximar dele e, timidamente, segurar as laterais de sua cintura. Kellan não era assim, ele nunca se afastava primeiro ou recuava.

— Por que não me conta? — interroguei de cenho franzido. — Pensei que tivéssemos feito um acordo para fazer isso dar certo. Não pode continuar escondendo coisas de mim se quiser que eu me abra

Kellan arqueou uma sobrancelha.

— Isso também é um sermão para si mesma?

— Kellan! — O empurrei para longe.

Ele revirou os olhos e bufou, bagunçando os fios já levemente desgrehados.

— Me encontrei com Jenna para tirar satisfações em relação a foto postada no Instagram. Descobri que foi ela — começou e senti meu corpo ficar tenso. — Ouvi dela algumas merdas, enfim, nada demais. Jenna não é importante.

— Se não fosse nada demais, você não teria voltado para casa daquele jeito! — atirei e ele ergueu os olhos para mim. Me aproximei. — O que ela disse, Kellan?

Um suspiro deixou os lábios dele e seu olhar se fixou ao meu.

— Que eu mataria você como matei seu irmão.

Como eu suspeitava assim que o nome dela foi mencionado quando ele estava bêbado e desolado. De início, não entendi muito bem, mas sabia que a mulher estava por trás disso. Era a única coisa que ela poderia dizer contra Kellan que o afetaria.

Apertei as mãos em punhos.

— Filha da puta! — vociferei, marchando em direção à saída da cozinha.

Eu resolveria isso com Jenna frente a frente. Não só por Kellan, mas por aquela desgraçada ter tocado no nome do meu irmão e na sua morte como se tivesse a porra do direito.

Antes que eu conseguisse passar pela porta, um braço forte envolveu minha cintura e me paralisou com tamanha facilidade que quase revirei os olhos. Era totalmente frustrante e patética a forma como ele conseguia ser mais forte do que eu. O idiota nem fazia esforço.

— Me solta, Kellan!

Ele me virou de frente para ele, os braços firmes em minha cintura.

— Primeiro se acalma, Ryen — mandou, como se estivesse acalmando um bicho raivoso.

Franzi o cenho antes de soltar uma risada incrédula e arquear uma sobrancelha.

— Por que está defendendo aquela desgraçada?

— Mesmo que eu ache toda essa sua violência sexy, respire, sim? — sibilou antes de seus olhos pousarem em meus cabelos. — Onde está a tiara?

Pisquei.

— Elas parecem muito caras para usar em casa. Devolvi ao seu closet para não estragar... — murmurei.

— É uma pena, você fica linda com elas — suspirou, agarrando meu queixo. — Não se preocupe com o preço, posso pagar por cada uma que você queira. Você vale cada centavo.

Arqueei uma sobrancelha.

— Está tentando me distrair?

— Funcionou?

Incrédula, ergui minha mão para bater nele e arrancar o sorrisinho idiota de seu rosto. Mas Kellan agarrou meu pulso e impediu que eu o atingisse.

Tentei puxar o braço de seu toque e continuar com meu plano inicial, mas me senti derreter como uma idiota quando ele grudou os lábios na palma da minha mão com extremo carinho e devoção.

Engoli em seco e um suspiro deixou meus lábios com a visão que deixou meu coração estupidamente quente.

— Kellan...

Mais um beijo carinhoso na palma da minha mão.

— Não precisa se preocupar, estou bem agora — ele disse, concentrado em minha palma enquanto o outro braço me mantinha firme contra seu corpo.

— Eu sei que você já tinha essa culpa sem sentido em relação ao acidente, mas Jenna apenas piorou as coisas. Eu... — suspirei, engolindo com dificuldade. — Eu fiz o mesmo naquele dia no cemitério. Talvez..., talvez eu seja tão horrível quanto ela. Estou sendo hipócrita.

Kellan se afastou da minha mão e fixou os olhos azuis em mim. Ele soltou meu pulso e prendeu meu queixo entre os dedos fortes, me obrigando a encará-lo.

— Nunca mais, em hipótese alguma, se coloque no mesmo patamar que Jenna Watson ou qualquer outra pessoa. Chega a ser um crime fazer isso, ainda mais em relação a ela. Você me ouviu?

Mordiscando meu lábio inferior, assenti lentamente, mas algo em meu olhar pareceu frustrar Kellan já que ele grudou o corpo ao meu e trouxe o rosto para mais perto.

— Merda, tire esse olhar do rosto. Se continuar, eu poderia muito bem estourar meus miolos se você me pedisse — grunhiu.

Apertei meus punhos contra seu peito.

— Kellan... não pode agir como se o que aconteceu não fosse nada — eu disse. — Eu estou com tanta raiva agora que mataria Jenna com minhas próprias mãos.

— Mataria alguém por mim, amor? — Kellan sorriu de lado.

Eu matei por mim mesma, claro que também o faria por quem amo.

— Foi apenas uma maneira de falar. E você? Mataria por mim? — provoquei.

— Não pensaria duas vezes.

Pisquei, atordoada com a precisão de suas palavras.

— Para de falar merda, você não tem noção da culpa que sentiria depois — empurrei seu peito, tentando me afastar. Mas Kellan não deixou.

— Sentir culpa não adianta de nada depois do que já está feito. E eu só tenho um arrependimento em toda a minha vida, matar por você nunca seria algo incluído nisso.

Enruguei a testa e lambi meus lábios. Nunca iria me acostumar a ouvir Kellan falar desse jeito. Ele demonstrava ser louco por mim de um modo totalmente ilógico e doentio. Eu deveria ter medo de ouvir que alguém mataria por mim. E, de fato, eu sentia quando Raphael dizia isso. Mas, de certa forma, ainda tinha uma sensação de proteção ali.

Tanto tempo sem me sentir protegida e agora isso acontecia de novo. Era reconfortante saber que alguém faria tal coisa por mim. Deus, o quão doente eu era?

Abri a boca para tentar dizer mais alguma coisa, porém Kellan foi mais rápido quando juntou os lábios nos meus. Eu suspirei quando sua língua invadiu minha boca, procurando a minha língua.

Ele a chupou, fazendo-me ofegar quando seus dedos agarraram os fios da minha nuca e os puxaram. Eu pus uma mão entre nossos lábios e afastei minimamente nossas bocas, atordoada.

— Kellan, ainda estamos conversando. Não tente me distrair....

— *Shhh...* — falou, andando para frente e me fazendo dar alguns passos para trás. Desceu os braços para meu pescoço. — Eu já disse que estou melhor agora, não temos porque prolongar este assunto.

Fechei meus olhos com força assim que ele chupou um lugar específico da minha pele e apertou meus fios com mais força. Eu gemi no instante em que meu quadril bateu contra o balcão da cozinha e uma das mãos de Kellan desceu para a minha bunda, apertando-a com força.

Ele adentrou a camisa larga que estava vestindo e agarrou minha calcinha, cavando-a entre as minhas nádegas. Imediatamente fiquei molhada e revirei meus olhos quando meu pescoço foi mordido com força, mandando para o espaço qualquer delicadeza que Kellan poderia ter. Porra, não era legal ficar excitada quando estava menstruada.

Por estar usando um absorvente interno, o tecido da minha calcinha fez fricção contra meu clitóris e mordi meu lábio inferior com força para segurar um gemido, indignada por sentir prazer com o menor dos toques vindo de Kellan.

Uma das enormes mãos dele subiu por meu estômago e serpenteou até o vale dos meus seios, enchendo a palma com um. Minhas mãos agarraram seus fios no instante em que ele me ergueu pelas coxas e me colocou sentada contra o balcão.

Kellan me colocou na beirada e, ao ver que seu pau foi posto entre minhas pernas, pude sentir o quão duro ele estava.

Merda, eu nem mesmo o toquei.

— K-Kellan, falo sério... vamos... — um gemido cortou minha fala quando o senti se esfregar contra minha parte mais íntima e encharcada. — Vamos conversar e comer alguma coisa.

Senti Kellan sorrir contra meu pescoço antes de prender meu lóbulo entre os dentes.

— Já que insiste — sibilou, chegando até o cóis da minha calcinha.

Arregalei meus olhos, agarrando seu pulso para impedi-lo de ir até lá. Neguei com a cabeça.

— Eu estou menstruada e com dor, Kellan!

Minha voz saiu calma, mas minha respiração ofegante e o formigamento entre as minhas pernas contradizia minhas palavras.

Kellan afastou o rosto do meu pescoço e me encarou com uma sobrancelha arqueada.

— E daí?

Abri a boca, chocada.

— Eu não vou transar com você enquanto sangro rios! — Bati em seu peito e ele revirou os olhos.

— Besteira, um guerreiro não pode ter medo de sujar sua espada com sangue. É isso que o torna honrado.

Uma risada incrédula escapou dos meus lábios e bati em seu peitoral com as duas mãos, me contendo para não rir verdadeiramente da sua brincadeira. Mesmo que seu rosto parecesse sério.

— Você é impossível!

— E você está gostosa pra caralho com a minha camisa, mas você não me vê brigando com você por isso — grunhiu, segurando meu rosto entre as suas mãos.

— O quê? Isso nem mesmo faz sentido!

— É para contrastar com a besteira que você acabou de falar — sorriu de lado e imitei seu gesto.

— Não tente arrumar desculpas para o fato de você ser um ninfomaníaco do caralho que transa até com o vento — desdenhei.

— Apenas se ele se chamar Ryen. Sabe, eu tenho uma sexualidade própria inteiramente voltada apenas a você — falou, descendo os olhos para os meus lábios.

Estava pronta para soltar uma gracinha quando uma pontada dança por todo o meu estômago, bem no ventre. É tão forte que soltei um gemido e afastei minhas mãos de Kellan para abraçar minha barriga.

— Merda... — choraminguei.

Sempre tive cólicas fortes, que pioravam quando ficava estressada ou ansiosa. *É, fazia sentido.*

— Dói tanto assim, amor? — Ouvi Kellan perguntar e assenti. — Mais do que um pau duro e bolas roxas?

Ergui o rosto com agilidade e estreitei meus olhos em sua direção, querendo com todas as minhas forças que Kellan queimasse bem diante de mim. Ele estava engraçadinho demais.

— Você não perguntou isso, seu desgraçado.

— Estou brincando, linda — disse, agarrando minha cintura e me pondo no chão. Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha — Sente-se à mesa, vou pegar um analgésico para você.

Assenti e fiz o que ele mandou, apoiando meu queixo nas mãos enquanto o assisti vir até mim com um copo de água na mão e um comprimido na outra. Ele estendeu ambos para mim e os peguei, levando o pequeno analgésico a boca e o engolindo com a ajuda de um copo de água.

Kellan andou até o fogão e pegou a frigideira, analisando o conteúdo.

— Fiz para você. Caso sentisse fome quando acordasse — falei, pondo o copo na mesa.

Ele sorriu, cafajeste.

— Nem nos casamos ainda e já está agindo como uma esposa atenciosa que cozinha para mim? — provocou, me olhando com o que parecia ser malícia. Ele soltou um grunhido — Merda, acho que posso me acostumar com isso. Porra, não, eu tenho certeza!

Revirei meus olhos, um sorriso besta brotando em meus lábios.

— Para cozinhar para você eu não preciso ser sua esposa — falei, amarrando meu cabelo em um coque no instante em que Killer apareceu na cozinha.

Ele parou ao meu lado e então, se deitou. Kellan andou lentamente até mim, ainda segurando a frigideira. Ele a colocou sobre a mesa e se curvou para ficar da minha altura, apoiando uma das mãos nas costas da minha cadeira.

— Pode apostar, amor. Vai ter a minha aliança no seu dedo e não vai demorar muito — garantiu, firmando os dedos ao redor do meu pescoço.

Eu contive a vontade de engolir em seco porque sabia que ele iria sentir. A ideia de vir a ser a esposa de Kellan Royal, por quem eu sempre fui apaixonada e pensei que nunca me notaria, me assustava. Porra, me deixava apavorada.

— Se sente e coma, pare de piadinhas — mandei, fazendo careta para ele ⁴.

Kellan sorriu de lado, como se soubesse o que eu sentia e então me largou, indo se sentar na cadeira à minha frente. Ainda sorrindo, ele colocou os ovos dentro do prato que coloquei sobre a mesa e pegou uma fatia de torrada.

Poderia não cozinhar muito bem, mas deixei a mesa repleta de comida. Queijo, torradas, pão, manteiga e algumas frutas. Tudo dos armários lotados e geladeiras cheias de Kellan.

Vi-o colocar um pedaço dos ovos em cima de uma torrada e dar uma longa mordida. Ergui minhas sobrancelhas, ansiosa.

— Está gostoso?

Kellan não mastigou muito, engoliu tudo de uma vez e, em seguida, tossiu algumas vezes. Ele assentiu, sorrindo de boca fechada.

— Uma delícia. Me passa a jarra de suco? — pediu.

Um sorriso imenso se abriu em meus lábios com o fato dele ter gostado e, por estar contente com isso, eu mesma peguei o copo próximo a ele e o enchi.

Entreguei o suco, que foi tomado com uma urgência tremenda. Ele deveria estar morrendo de fome.

— Fiquei com medo de não gostar, não sou muito boa na cozinha. — Apoiei meu queixo em minhas mãos.

Kellan manteve o sorriso e ergueu as sobrancelhas.

— É detalhe, amor.

Me levantei e peguei a frigideira.

— Então, já que gostou, vou fritar mais dois. Do jeito que você é grande, dois ovos não são o suficiente. — Sorri, indo em direção ao fogão.

— Não!

Kellan gritou e olhei para ele, vendo que também havia se levantado, os olhos minimamente arregalados. O que era uma surpresa já que sua face não era muito expressiva.

— Não precisa se incomodar, eu estou satisfeito apenas com dois ovos — ele disse, assentindo.

— Não é incomodo, eu quero fazer!

— Não precisa, estou satisfeito! — negou com a cabeça, mas o sorriso em seu rosto pareceu estupidamente exagerado.

Parei e estreitei meus olhos na direção de Kellan, começando a desconfiar do quão estranho ele estava agindo.

— Qual é desta reação? Você não gostou dos ovos de verdade?

— O quê? Claro que gostei!

— Então por que você... — me interrompi e pisquei quando uma possibilidade me atingiu em cheio. — Você mentiu?!

Kellan soltou uma risada incrédula e colocou uma mão no peito.

— Mas é claro que não!

Poderia ter me enganado uma vez, mas, por estar prestando mais atenção agora, via claramente que este idiota estava mentindo.

Arqueei uma sobrancelha, colocando a frigideira em cima do fogão.

— Ah, é? Então me deixa provar — marchei na direção de Kellan, que sorriu de lado.

Ele veio até mim com os braços abertos, como se me chamasse. O desgraçado pretendia me distrair.

— Eu já disse que está gostoso, amor. Não tem porque duvidar — quase fui abraçada, mas, no último instante, desviei do seu toque e passei por ele — Ryen!

Olhei-o, vendo-o vir até mim a passos largos. Porém, fui mais rápida quando dei uma colherada nos ovos mexidos e os levei à boca. Kellan parou diante de mim.

Antes de fazer uma careta, o vi passar a mão no cabelo e soltar a respiração. Foi demais para mim, virei o rosto para o lado e cuspi os ovos sem nem mesmo pensar.

— Porra, Kellan! Isso está horrível, coloquei sal demais! — passei as costas das mãos nos lábios, tentando diminuir o gosto salgado sobre eles.

— Você achou? Eu gostei.

— Para de mentir, nem mesmo Killer comeria isso! — ralhei, pegando o prato para ir em direção a lixeira. — Você não vai comer isso, tem tanto sal que pode te fazer mal!

Foi tudo tão rápido que apenas notei o vulto antes de Kellan pegar o prato da minha mão e dar a volta na mesa.

— Kellan, não se atreva! — Arregalei meus olhos quando ele pegou uma colher.

Com agilidade, ele encheu a colher e a levou à boca, fazendo isso mais quatro vezes enquanto contornava a mesa para longe de mim. Ele deu uma última colherada antes de colocar o prato sobre a mesa e, com uma careta e as bochechas cheias, engolir tudo de uma vez. A dificuldade do ato evidente.

— Merda, Kellan! — xinguei desesperada, tentando alcançá-lo.

O som da tosse começou e peguei água na geladeira, enchendo um copo e o entregando. Kellan o levou aos lábios, tomando como se sua vida dependesse disso.

— Você é maluco?!

— Não foi nada demais — falou, colocando o copo na mesa enquanto corrigia a postura aos poucos.

— Como não foi nada demais, seu idiota? — rosnei, empurrando seu peito. — Você não precisa comer toda porcaria que eu fizer para me agradar!

Kellan lambeu os lábios.

— Não fiz para agradar você. Não posso gostar de comidas mais salgadas?

Revirei meus olhos, respirando fundo para não pular no pescoço dele.

— Não vou mais discutir com você. — O dispensei com a mão.

— Porque não há o que discutir — Kellan disse, vindo em minha direção. Ele segurou meu rosto entre as mãos e beijou meus lábios. — Tome café e se apronte, vamos almoçar com meus pais.

Arregalei meus olhos.

— E você diz isso assim?! — me desesperei. — Temos que ser cautelosos, ou eles vão perceber que...

— Que estamos juntos? — completou, passando um braço por minha cintura. — Eu não pretendo esconder isso deles.

— Eles podem não gostar, Kellan.

— Não é como se eu me importasse.

Meu rosto se contorceu em uma carranca.

— São seus pais! E meus tios!

Kellan revirou os olhos.

— E você, a menininha que eles amam e mimam, e a nora que minha mãe sempre quis. — Sorriu de lado, passando o polegar por meu lábio inferior. — Não fique tão tensa e nem coloque besteiras na cabeça. Me ouviu?

Eu assenti.

— Ótimo, vá comer alguma coisa enquanto tomo um banho — falou, me soltando.

Mas agarrei sua mão a tempo.

— Estava perto do seu celular hoje mais cedo e vi que Christian te mandou uma mensagem — disse, nenhum pouco preocupada se pareceria que bisbilhotei — Ele perguntou se algo tinha dado certo. Do que ele estava falando?

Kellan arqueou uma sobrancelha e sorriu preguiçosamente, passando uma mão por entre os fios rebeldes do seu cabelo, os afastando da testa. Ele segurou meu queixo e inclinou meu rosto em sua direção.

— Você fica linda curiosa, mas não é um segredo meu para contar — plantou um selinho em meus lábios e se afastou de mim, me dando as costas.

Fiquei encarando o nada, perplexa com o que ele acabara de fazer. Pisquei, dirigindo meu olhar para sua figura.

— Pensei que não íamos mais ter segredos entre nós!

Kellan riu, um som rouco e grave. Gostoso pra caralho.

— Fofoca é um pecado, meio que estou salvando sua alma. — E então, sumiu da cozinha.

Soltei um gritinho e apertei minhas mãos em punhos, indignada. Killer latiu para a direção onde Kellan desapareceu e mirei meus olhos nele, indo em sua direção.

Me abaixei para ficar da sua altura e acariciar seu pelo curto.

— Concordo Killer, não é como se esse idiota fosse religioso — revirei meus olhos.



— Ainda acho que ainda não é o momento de contarmos para os seus pais, Kellan... — murmurei, esfregando as palmas suadas da minha mão na saia que estava vestindo.

Estava tentando controlar a ansiedade em meu peito, mas era impossível. Kellan praticamente teve que me arrastar até sua Ferrari, até que em um ponto ele me jogou por cima do ombro e me levou.

Tinha medo do que meus tios iriam pensar. Kellan pode ser do tipo que não se importava com nada, mas mesmo que eu tivesse fingido ser assim também por cinco anos, no fundo, eu não era. Não quando o assunto eram pessoas com quem me importava.

— Você pode relaxar? — ele perguntou, segurando minha coxa com uma das mãos. — Nesse ritmo, você vai rasgar a sua saia de tanto que a esfrega.

Parei, mas apenas para o fuzilar com os olhos.

— Como pode estar tranquilo desse jeito? — questionei, cruzando meus braços. — Você realmente está se divertindo com toda essa situação, não é, filho da puta?

— Você está mais violenta do que o normal — comentou, massageando minha coxa com os olhos fixos na estrada. — É assim que fica na TPM ou cada emoção vai dependendo do dia?

— Você está cheio de gracinhas, quero ver se vai continuar assim quando eu te jogar pra fora deste carro.

Tentei afastar sua mão da minha coxa, mas ele reforçou o aperto. Por fim, apenas suspirei, desistindo quando vi que seria impossível. Esse idiota era forte demais.

— Se continuar sendo agressiva assim, não sei se poderei parar de te provocar — Kellan sorriu, malicioso. — Essa sua qualidade me deixa com um tesão do caralho.

Neguei com a cabeça.

— Tem algo de muito errado com você.

— E talvez seja isso que mais te atrai em mim.

Eu não conseguia não sorrir quando estava com Kellan, mesmo que tudo entre nós dois gritasse *perigo*. E por mais que eu tentasse me afastar dele, achava que nunca iria conseguir. E nem mesmo o próprio deixaria.

De repente, Kellan puxou a mão da minha coxa e olhei para seu rosto, vendo que seus olhos estavam fixos no retrovisor. Algo em seu olhar exalava frieza e todo o ar brincalhão sumiu como se nunca tivesse existido. Killer, antes calmo, latiu no banco de trás e isso fez todo um alarme se instalar dentro de mim.

— Coloque o cinto, Ryen. Agora — Kellan mandou, olhando pelo retrovisor.

— Por quê? — questionei, receosa.

— Estamos sendo seguidos.

Olhei para trás, tentando ignorar os latidos de Killer e o quão agitado ele parecia. Como se já tivesse se dado conta de tudo o que estava acontecendo. Fui pega de surpresa quando o carro acelerou de repente e rapidamente coloquei o cinto.

— É a Ferrari preta logo atrás de nós? — perguntei, vendo o quão perto de nós ela estava. Kellan assentiu e engoli em seco. — Você acha que é a mesma pessoa que anda me perseguindo?

Kellan não desviou os olhos do retrovisor e os meus estavam travados nele. Bem lá no fundo, o medo me preencheu. Mas não temia por mim, e sim por Killer. Medo por Kellan. Medo de os dois se machucarem por minha causa mais uma vez.

Minha respiração se acelerou e quase me xinguei mentalmente por ser tão idiota, tão fraca em um momento como este. Mas minhas mãos trêmulas deixavam claro que era um ataque de pânico. E em uma péssima e fodida hora.

Kellan entrou em uma rua de maneira abrupta, me fazendo arregalar os olhos e, por um momento, voltar a me conectar com o que estava acontecendo fora da minha cabeça.

— Ryen, se controla e abre o porta luvas.

Respirei fundo, querendo deixar de ser uma inútil e fiz o que ele mandou.

Ao abrir o porta luvas, meus olhos se arregalaram quando avistei uma arma. Olhei para Kellan abismada do porque caralho ele tinha isto, mas antes que eu pudesse falar sobre qualquer coisa, algo colidiu com a traseira da nossa Ferrari. E se não fosse meu cinto, eu teria atravessado o parabrisa.

Voltando a mim, me debrucei sobre Kellan e coloquei o cinto nele ao ver que ele estava se segurando apenas no volante. E então, entendendo sua intenção desde o começo, peguei a arma. Eu nunca mexi em algo assim, a coisa mais mortífera que cheguei perto foi de um canivete pequeno. Mas que fez um estrago enorme.

— Não vai perguntar o por quê de eu ter uma arma? — Kellan perguntou, acelerando ainda mais. Senti um leve tom de diversão.

Olhei para trás, vendo como era impossível enxergar o interior da Ferrari graças aos vidros fumê. E não importava quem estivesse dentro daquele carro, parecia querer nossas cabeças. Não. Ele queria a minha, desde o começo.

— A essa altura do campeonato, essa é a menor das minhas preocupações — ironizei.

Uma tentativa falha de disfarçar meu desespero.

A Ferrari preta mais uma vez bateu na nossa traseira e Killer rosnou, ficando sobre as patas e olhando para o nosso perseguidor.

— Sabe usar? — Kellan indicou a pistola em minhas mãos e neguei com a cabeça. — Assume o volante e me dá a arma.

Sem pestanejar, fiz o que ele mandou e soltei o cinto, me debruçando sobre Kellan, que fez o mesmo comigo. Logo, eu me sentei no banco do motorista e ele no de passageiro.

Ele se inclinou na minha direção e colocou o cinto ao meu redor, me protegendo, e fez o mesmo consigo logo em seguida. Ouvi-o destravar a arma.

— Dirige o mais rápido que conseguir — mandou.

Assenti e, logo depois, eu estava dirigindo pelas ruas de Miami como uma louca, exatamente como fazia no México e sentia a adrenalina correndo em minhas veias. Pelo retrovisor, pude ver uma mão sair do lado do banco do passageiro da Ferrari que estava nos perseguindo, e arregalei meus olhos.

Ele estava pronto para atirar, eu sabia. Mas isso não quer dizer que conseguiria nos acertar.

Pegando Kellan de surpresa, entrei em uma rua ainda mais movimentada, vendo que, logo a frente, carros e motos que esperavam o sinal abrir. Mas eu não poderia me dar esse luxo e pensar que, empaticamente, meu stalker faria o mesmo. E, a não ser que ele fosse tão maluco como eu, não faria, em hipótese alguma, o que eu estava prestes a fazer.

— Ryen — Kellan chamou. Não, ele *avisou*.

Um aviso para que eu parasse o carro e não ultrapassasse o sinal. Um aviso para que eu não nos levasse para a morte.

— Porra! — ele xingou quando um tiro acertou o retrovisor direito do carro, bem do lado dele.

Kellan olhou para trás e, pelo espelho, fiz o mesmo. Logo a frente, uma possível morte. Logo atrás, uma certa. Acho que já temos uma resposta.

Pisei no acelerador e Kellan xingou mais uma vez, porém, dessa vez ele não tentou me impedir. Desviei dos carros que estavam esperando o sinal abrir e passei por eles com tudo. Pessoas na faixa de pedestre se desesperaram, mas não poderia prestar atenção em outra coisa que não fosse a adrenalina correndo em minhas veias e minha vontade de sobreviver. O que era irônico dada a situação em que estávamos.

Um caminhão estava vindo na minha direção, bem onde me acertaria em cheio caso me pegasse, mas o barulho do meu coração me deixou surda. Ouvia Killer latindo e Kellan me chamando, mas, ao mesmo tempo, não ouvia nada. Tinha apenas eu mesma, a nossa Ferrari e o caminhão.

Olhar para o lado mais uma vez foi a última coisa que fiz antes de conseguir passar primeiro que o caminhão, quase sendo pega por ele. E, ao olhar pelo espelho, pude vê-lo acertando a Ferrari preta, destruindo-a completamente, junto a quem quer que estivesse lá dentro.

Soltei o ar preso, finalmente podendo respirar aliviada por termos saído disto. Não parei de dirigir e, pelo espelho, ainda conseguia ver as pessoas se movimentando ao redor do acidente. E se eu não tivesse cometido esse ato de loucura, poderia ter sido Kellan, eu e meu cachorro no lugar.

E talvez, só talvez, eu tenha provocado essa possível morte de propósito. E por mais que isso me assustasse, eu não acho que sentirei arrependimento.



*Eu queria poder escapar disso.
Eu não quero fugir.
Eu queria apagar isso.
Faça seu coração acreditar, mas sou um péssimo mentiroso*
Imagine Dragons - Bad Liar

Ryen Rodríguez

Kellan não disse nada pelo resto do caminho, mas a arma continuava em sua mão.

Acho que sequer passou pela cabeça dele guardá-la. Killer já se acalmou há algum tempo, o que foi bom, já que sentia como se minha cabeça quisesse explodir. Não por estar doendo, mas sim pela quantidade de informações que ainda não consegui processar.

Killer roçou o focinho molhado em meu ombro nu e o lambeu, como se sentisse a inquietação crescente dentro de mim. Depois de tudo isso, eu deveria estar mais tranquila e aliviada por termos conseguido sair daquela confusão ilesos. Mas minha mente só conseguia pensar no quanto queria alguma droga para me acalmar.

Respirei fundo enquanto os portões da mansão dos pais de Kellan se abriram e finalmente estava na casa dos meus tios que não via há semanas. Tudo porque minha vida vinha sendo uma montanha russa desde que matei Callum e voltei para perto de Kellan. Mas talvez eu também tenha evitado ficar perto deles por me sentir desconfortável e culpada de esconder tantas coisas.

Parei o carro na enorme e aberta garagem e deixei minhas mãos suadas caírem em meu colo. Arrisquei um olhar para Kellan e o encontrei maltratando os próprios dedos. Apertando-os com tanta força que a veia em

seu pescoço estava dilatada. Ele parecia possesso de raiva e tudo nele gritava “*Me deixe em paz*”. Mas nunca fui alguém que escutava avisos.

— Está bravo? — arrisquei.

Kellan lentamente dirigiu o olhar para o meu, as íris gélidas exalando frieza enquanto analisava meu rosto. Killer o cheirou, alheio a áurea mortífera.

— Você parece não pensar muito quando caminha em direção a morte — atirou com sarcasmo, colocando a arma de volta no porta-luvas.

Finalmente entendi. Até que ele tocou no assunto bem tarde.

— Nós estamos bem, não estamos? — perguntei. — Se aquela Ferrari tivesse feito algo com a gente, seria muito pior. No fim, conseguimos sair ilesos.

— Se você acredita nisso.

Mas eu sabia que ele não estava de implicância, Kellan se tornava impossível quando o assunto era a minha segurança. Confessava que nos levei em direção a morte, mas não foi muito diferente de quando corríamos em rachas.

Porém, precisava lembrar do quanto isso poderia causar um gatilho em Kellan pelo acidente que matou o meu irmão. E ao olhar para baixo e ver suas mãos apertadas em punhos, vi como eu estava certa de supor isso.

Soltei meu cinto e me inclinei na direção de Kellan antes de subir em seu colo e me apoiar no banco pelos joelhos. Ele não me abraçou imediatamente como sempre fazia, apenas me encarou com uma sobrancelha arqueada e os olhos gélidos sem qualquer sinal de emoção.

Peguei seu rosto em minhas mãos e, para amansar a fera, grudei meus seios em seu peito e selei nossos lábios em um selinho demorado.

— Prometo ser mais cuidadosa com a minha vida — falei, forçando-o a olhar para mim quando tentou virar o rosto. — Mas não vou prometer fazer isso quando coisas assim acontecerem de novo. Sei que a morte estava naquele caminhão, mas também estava naquela Ferrari, Kellan. Eu só queria deixar você e Killer bem.

— Por que está falando como se estivesse me consolando? — ele ironizou e estreitei meus olhos em sua direção.

— Sei que se lembra do meu irmão sempre que faço loucuras dentro de uma Ferrari.

A mandíbula de Kellan tencionou.

— Eu não...

— Para de tentar mentir para mim. De tentar me proteger. Eu não vou continuar tentando me abrir com você se perceber que isso só vale para mim.

Kellan apertou os olhos em minha direção, e desta vez não foi com descrença ou desconfiança, mas com atenção.

Senti uma de suas mãos lentamente subir por minhas coxas e seu braço enrolar ao redor da minha cintura de maneira firme. Seu rosto ainda estava com a mesma expressão séria de antes, mas pelo menos desta vez ele não parecia querer me ignorar como antes. Ou sequer parecia bravo.

— Não tente me manipular — sibilou lentamente.

Droga.

— Não tente ser hipócrita.

Um sorriso de lado brotou de seus lábios e foi meu último aviso recebido antes de Kellan tomar meus lábios em um beijo afoito. Um suspiro me deixou e quase gemi manhosa quando seus dedos enrolaram nos fios da minha nuca e o puxaram firmemente.

A língua de Kellan adentrou minha boca e vasculhou cada canto, tão macia e sensual que quase enlouqueci. Não perdi tempo quando puxei seus fios e chupei seu lábio para devolver a carícia que sua mão fez em meu pescoço.

Kellan lambeu meus lábios e senti meu interior pulsar em resposta. Tive que apoiar minhas mãos em seu peito para tentar me afastar quando a falta de ar se fez presente. Mas ele fez isso primeiro quando mordiscou meu lábio inferior para se distanciar de mim. Ele grudou nossas testas e acariciou os fios de minha nuca enquanto usava a outra mão para segurar meu rosto.

Acariciei seu nariz com o meu e o assisti abrir lentamente os olhos.

— Eu não sabia o que eu faria se você se machucasse. Acho que ficaria louco — declarou, beijando minha testa.

Sorri, tentando não demonstrar o quão afetada fiquei com suas palavras e gesto carinhoso.

— Uma pessoa normal ficaria mais preocupada com a própria vida.

— *Você é a minha vida.*

Meu coração derreteu e mordi meu lábio para conter o sorriso que quis brotar em meus lábios.

— O que há com você e todo esse romantismo inesperado? — tentei brincar.

Mas ele não quis ser recíproco quando seu rosto continuou sério e os dedos se firmaram ao redor do meu pescoço.

— Não tem nada de romântico no que eu penso em fazer caso eu perca você de novo, Ryen... — murmurou, os olhos fixos nos meus. Sentia que poderia me afogar neles. — Eu não menti quando falei que mataria por você. Mas eu também me autodestruiria se não a tivesse mais. Eu nunca vou conseguir demonstrar o quão louco sou por você e nem acho que algum dia vou te fazer entender, não é?

Engoli em seco.

— Sou tão importante assim?

— Você é o ar que eu respiro e o que ainda mantém a porra da minha sanidade intacta.

Sua mão subiu e acariciou os fios da minha nuca com certo carinho e possessividade. Tudo em Kellan exalava isso. Possessão.

Fechei meus olhos quando ele se inclinou e beijou minhas pálpebras, uma por uma.

— Você acha que estou brincando, mas não existe uma mínima parte sua pela qual eu não faria loucuras... — Se afastou e lentamente abri meus olhos quando o senti esfregar o polegar em meus lábios. — E no dia que seus olhos não se abrirem mais, também será o dia em que os meus também se fecharão para sempre.

Ofeguei.

— Não fale besteiras! — Empurrei seu peito.

— Eu teria ido logo atrás se você tivesse morrido naquela ponte.

Ergui minhas sobrancelhas, surpresa. Escolhi meus ombros.

— Como você... — pisquei, antes de revirar meus olhos. — A fofoqueira da Brianna contou, não é?

Sorriu de lado.

— O assunto aqui não é a língua solta da minha prima, mas sim você. — Estreitou os olhos em minha direção. — Suas tendências suicidas são preocupantes.

Revirei meus olhos mais uma vez.

— Que eu saiba, o assunto aqui era a perseguição que sofremos, não esse que você tocou sem motivo algum — resmunguei, tentando sair de seu colo.

— Vou investigar o que aconteceu hoje, por hora, vamos falar sobre o que aconteceu assim que você chegou aqui. — Firmou os dedos em

minha cintura. — Você ainda vai tentar se matar? — perguntou.

— Se eu fosse me matar, com certeza não te contaria.

— Entendi, vou esconder tudo o que for letal assim que chegarmos em casa, incluindo as facas da cozinha.

Arregalei meus olhos.

— Kellan! — reclamei. — Não fique me tratando como se eu fosse uma louca suicida! E pode ficar tranquilo, não vou tentar fazer aquilo de novo!

Killer latiu, fazendo-me lembrar que ele estava dentro do carro. E eu esperava que esse latido tivesse sido ao meu favor.

Kellan segurou meu queixo entre os dedos fortes.

— Eu sei disso. Afinal, não é como se eu fosse te deixar sozinha — beijou meus lábios.

Franzi o cenho e coloquei a mão entre nossas bocas, afastando a dele da minha.

— Pode confiar em mim? — suspirei e ele sorriu mais uma vez.

— Apenas quando você não esconder mais segredos de mim — atirou e foi a minha vez de sorrir.

— Temos um problema, então. — Arqueei minha sobrancelha. — Porque enquanto você continuar agindo como um idiota teimoso que guarda tudo para si mesmo, vou continuar de boca fechada quanto a tudo o que você quer tanto saber.

Kellan ergueu uma sobrancelha escura e uma das mãos subiu pela saia que eu estava vestindo.

— Não aconselho a fazer essa rebeldia.

Estava pronta para revidar com mais sarcasmo quando senti algo duro cutucar minha bunda. Franzi o cenho, tentando não pensar que o que estava embaixo de mim era mais um dos fetiches distorcidos de Kellan.

Parecendo notar minha incredulidade, ele ergueu as mãos em um falso sinal de rendição e colocou uma expressão fingida no rosto.

— Sim, fiquei de pau duro enquanto você dirigia em direção a morte e conseguiu parar aquela Ferrari — sorriu de canto. — Me prenda por isso.

Eu ri e bati em seu peito, saindo do colo que eu poderia muito bem passar o resto do dia em cima.

Desta vez, Kellan deixou que eu saísse de sua posse e voltasse para o banco do motorista. Dei uma última olhada em Killer, tentando buscar

minha coragem para descer do carro e enfrentar a reação dos meus tios ao descobrir que estava transando com o filho deles que cresceu comigo.

Deus, isso saiu tão errado.

— Sabe, você poderia aproveitar que ainda estamos dentro do carro e dar um jeito nisso com a boca, não? — Kellan disse de repente e olhei para ele, vendo-o indicar a ereção entre as pernas com um sorriso cafajeste.

Sorri de lado, colocando meu cabelo para trás.

— Que peninha, você vai ter que subir e tomar um banho *bem* gelado.

Kellan tentou pegar minha mão, mas arregalei os olhos e saí do carro bem a tempo. Ri quando ele xingou inúmeros palavrões e, sem se importar comigo, arrumou o pau dentro da calça, tentando dar um jeito de ficar menos visível.

Abri a porta do banco de trás e chamei Killer que obediente pulou do carro e parou ao meu lado. Em seguida, Kellan saiu e fechou a porta, estendendo a mão como se pedisse as chaves.

Peguei-as e bati a porta, jogando as chaves do carro para Kellan que as agarrou ainda no ar. Ele travou as portas e veio em minha direção lentamente, me dando a chance de analisá-lo por completo. O cabelo e os olhos gélidos estavam acompanhados por uma blusa simples de mangas curtas de cor azul escura e uma calça jeans preta. Ele estava totalmente casual, mas não entendia como o idiota ainda poderia continuar deslumbrante.

Killer o cheirou assim que se aproximou e Kellan fez um carinho no topo de sua cabeça antes de pegar minha mão e entrelaçar nossos dedos.

Arregalei meus olhos e tentei nos afastar.

— Seus pais podem ver, Kellan!

— Tomara que sim — murmurou, começando a nos arrastar em direção à enorme porta da mansão. Ele assobiou para que Killer nos seguisse.

Firmei meus pés no chão.

— Como pode estar tão tranquilo?

Kellan soltou um som frustrado e revirou os olhos, colocando a mão nos bolsos enquanto voltava a me encarar.

— E lá vamos nós de novo... — Suspirou antes de se aproximar de mim e segurar meu rosto entre as enormes mãos. — Já não conversamos sobre isso? Não precisa colocar paranoias na cabeça. Meus pais gostam de

você e, mesmo que não te aceitem, o que duvido muito, não me importo com nada.

Assenti, aceitando que minha mente estava por trás de todos os pensamentos negativos. Respirei fundo e Kellan me fez fechar os olhos quando se inclinou em minha direção e selou nossos lábios em um selinho demorado.

O jeito que ele andava bastante carinhoso comigo me deixava desconcertada. De certo que ele sempre gostou de toque físico, mas agora Kellan tinha algo doce. Suave.

Ele se afastou, deixando-me com gosto de quero mais e pegou a minha mão. Desta vez não protestei quando ele chamou Killer e voltou a me levar para dentro da mansão. Mordi meu lábio inferior com força e esfreguei minha mão livre na saia, enxugando o suor.

Assim que Kellan abriu a porta, meu cachorro foi o primeiro a entrar, olhando ao redor com os olhos curiosos, cheirando tudo que encontrava.

Ao andarmos mais um pouco e enrolarmos o corredor, demos de cara com meus tios sentados no sofá, assistindo a algo que passava na TV. Tia Lily estava apoiada no peito de tio Joseph, que beijou o topo de sua cabeça, fazendo um carinho no ombro dela. Pareciam calmos e felizes.

Sempre achei o relacionamento dos dois algo lindo de se ver. Nunca tive exemplos bons na minha vida de absolutamente nada. Mas meus tios conseguiam ser uma exceção.

Killer latiu e o pai de Kellan foi o primeiro a olhar em nossa direção. Ele pareceu alerta diante da presença do meu cachorro, mas ao direcionar os olhos para nós, ergueu minimamente as sobrancelhas. Tio Joseph não era muito expressivo. O filho teve a quem puxar.

Parecendo notar a reação do marido, tia Lily foi quem olhou para nós logo em seguida. Seus olhos triplicaram de tamanho e ela se afastou do marido em um pulo, um sorriso gigantesco se abrindo em seus lábios ao que ela se levantou do sofá.

— Minha menina! — Ela veio até mim com os braços abertos.

Soltei a mão de Kellan e recebi o abraço de sua mãe, fechando os olhos ao que o calor afetuoso de seu corpo me acolheu. O cheiro de flores que vinha do seu cabelo quase me fez suspirar de tão bom que era. Ela cheirava a família também.

— Senti sua falta, tia... — murmurei, apertando-a mais.

Meus olhos lacrimejaram e segurei o choro.

— Não fale de saudades perto de mim, você nem mesmo veio me ver! — ela falou, se afastando um pouco de mim para segurar em meus ombros. — Kellan nem mesmo quis me dizer seu endereço!

Encolhi meus ombros, envergonhada.

— Desculpa, tia. Minha vida anda bastante agitada ultimamente...

— Ora, não fique assim. Sabe que não guardo rancor! — dispensou-me, me abraçando novamente.

Sorri quando ela se afastou e Killer se aproveitou disso para cheirar a mulher diante de mim.

— Prometo que vou vir mais vezes — garanti, vendo Killer lamber a mão dela.

Minha tia sorriu.

— Assim espero, é horrível ter que depender do meu filho ingrato para poder te ver.

Kellan apareceu ao meu lado e aquele pontinha de insegurança e ansiedade apareceu novamente.

— Esse filho ingrato sou eu? — Kellan se fez de sonso, jogando os fios para trás.

— Me diga, Kellan. Temos outro filho? — tio Joseph perguntou, abraçando tia Lily com um braço.

Killer cheirou suas pernas e ficou sobre as patas traseiras, apoiando as dianteiras nas coxas do homem. Ele latiu e só parou quando meu tio acariciou o topo de sua cabeça.

— Não sei, pai. Me diga o senhor — Kellan rebateu e olhei para ele quando senti certo veneno em sua voz. Foi mínimo, mas ainda estava ali.

Tio Joseph sorriu de lado, mas não parecia feliz ou relaxado. Estava mais para ameaçador. Queria acreditar que era coisa da minha cabeça, mas tinha a impressão de que algo estava acontecendo entre eles. E pela maneira que se olhavam, não era agradável.

O pai de Kellan não o respondeu, apenas mirou os olhos negros em mim e sorriu. Desta vez, pude sentir uma certa sinceridade. Ele soltou a esposa e abriu os braços.

— Como vai, Ryen? — perguntou, me olhando.

Eu não pensei muito quando fui até ele e senti seus braços fortes abraçarem meus ombros. Enterrei meu rosto em seu peito e fechei meus olhos porque era a porra de uma carente do caralho.

— Estou bem, tio... — murmurei.

Ele beijou meus cabelos e segurou a parte de trás da minha cabeça, me mantendo perto dele. Se tia Lily foi o que eu tive mais próximo de uma mãe, tio Joseph era como um pai.

Ele afastou-se o suficiente para que eu pudesse ver seu rosto.

— E a sua mãe, como está?

Erguei as sobrancelhas, pigarreando.

— Está bem também.

E antes que eu pudesse reforçar minha mentira, braços fortes rodearam minha cintura e um peitoral se grudou as minhas costas.

— Sei que estão felizes em vê-la, mas não gosto quando roubam a atenção dela — Kellan falou em meu ouvido, fazendo-me paralisar.

Tia Lily arregalou os olhos, os direcionando para as mãos do filho em minha cintura.

— Vocês estão... — falou, um sorriso querendo surgir em seus lábios.

— Sim, vamos nos casar — Kellan foi quem respondeu com simplicidade, fazendo-me engasgar.

Meus olhos triplicaram de tamanho pela milésima vez em menos de uma hora. Perplexa seria eufemismo em comparação ao meu estado atual. Como ele podia dizer algo assim com uma calma assustadora?

Tentei me afastar de Kellan, mas ele não permitiu, grudando ainda mais o peito em minhas costas. Killer começou a andar pela enorme sala e nem mesmo tive forças para impedir que ele fizesse alguma besteira.

— O quê?! — minha tia gritou com um enorme sorriso e rapidamente neguei com a cabeça.

— Ele está brincando, tia! Não vamos nos casar!

— É, mas não muda o fato de que estamos namorando.

— Isso é verdade? — tio Joseph quem perguntou, olhando para mim.

Abri e fechei a boca, mas não consegui dizer coisa alguma. Nada saiu, nenhuma mísera frase que pudesse amenizar esta notícia. Mas tinha certeza de que era tudo o que Kellan queria.

Por fim, me vi assentindo enquanto meus ombros se recolheram minimamente. Minha tia soltou um gritinho e lançou os braços em meu pescoço, obrigando o filho a me soltar.

— Que notícia maravilhosa, *bambina*! — beijou meu rosto, massageando minhas costas. — Pensei que esse dia nunca fosse chegar!

Ergui minhas sobrancelhas.

— A senhora... aprova?

Ela se afastou e segurou-me pelos ombros.

— Está brincando, filha? — pareceu incrédula e totalmente feliz. — Você é a nora que eu sempre quis, não sei como tem coragem de me perguntar isso. Mas como vai fazer com seu namorado?

Pigarreei.

— Bom, eu... — Kellan me interrompeu.

— O corno não precisa saber.

— Kellan! — reclamei, mortificada.

Tia Lily ergueu as sobrancelhas para mim.

— Você ainda não terminou com o garoto? Está traindo ele com Kellan? — perguntou. — *Bambina*, sei que vocês se gostam, mas ainda não é certo o que estão fazendo.

Rapidamente neguei com as mãos.

— Não estou traindo ninguém, tia. Terminei com meu ex tem um tempinho, Kellan só está sendo um idiota.

— Deveria saber que meu filho de caráter duvidoso não perderia uma.

Olhei para Kellan, vendo-o piscar um olho em sua direção.

— As ordens, mãe.

— Você nem mesmo nega, não é? — Ela negou com a cabeça.

— Não vejo necessidade quando a senhora está falando a verdade.

Tia Lily sorriu, mas suspirou e, mesmo incrédula, também já parecia acostumada. E como não estar? Com pessoas como Kellan, ou você se adapta ou os mata de tanto que são irritantes.

Por sorte — ou azar — Kellan conseguia ser ainda pior do que qualquer exemplo.

— Podemos conversar, Kellan? — a voz de tio Joseph chamou a atenção e olhei para ele, vendo-o encarar o filho. Ele estava sério, ainda mais do que de costume.

— Claro, pai — Kellan disse, pondo a mão em minha cintura e deixando um beijo no topo de minha cabeça. — Já venho — falou, antes de se afastar.

E me deixando um pouco indignada, Killer os seguiu.

Tio Joseph também soltou a esposa e então os dois subiram as escadas, provavelmente para o escritório dele. Eu os assisti sumirem das minhas vistas, me sentindo estranha. O pai de Kellan não pareceu tão feliz com a notícia quanto minha tia. Ele não sorriu nenhuma vez, apenas ficou nos assistindo com o rosto inexpressivo e extremamente calado.

— Venha, *bambina*. Vamos conversar. — Minha tia puxou-me para o sofá, sentando nós duas. — Então quer dizer que você e Kellan finalmente estão juntos, não é?

— Quando diz “*finalmente*” é porque já estava esperando isso há muito tempo?

— Acho que desde que vocês eram crianças — riu. — Kellan sempre foi apaixonado por você, então pensei que assim que você ficasse maior de idade, namoraria com ele.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Ele disse isso? Que sempre foi apaixonado por mim?

— Só sendo um bobo para não ver, *bambina* — negou com a cabeça. — Quando você nasceu, tivemos que te tirar dos braços de Kellan praticamente a força. Ele não queria soltar de jeito nenhum, e ainda falou que seu pai iria pagar.

— Ele não era meio... extremo para uma criança de quatro anos? — fiz uma careta.

— Kellan é como Joseph. Pessoas como eles só funcionam de apenas dois jeitos. — Me olhou atentamente. — Ou eles sentem demais, ou simplesmente não sentem nada. Não existe meio-termo.

— Tio Joseph é difícil de lidar?

Ela sorriu.

— No começo da nossa relação, eu pensava que ele era um idiota doido por controle.

— E mudou de ideia?

— Não, eu ainda acho. — Assentiu várias vezes. — Porém, com o tempo, eu entendi que era apenas o jeito dele. Joseph é muito protetor, mas ainda assim ele não me sufoca. Eu sinto que posso ser vulnerável ao lado dele, entende? Gosto da ideia de um homem cuidando do meu bem-estar. É bom ter a certeza de que alguém moveria céu e terra para me ver bem.

Olhei para nossas mãos unidas e engoli em seco. Eu tinha esse pensamento em relação a Raphael, tinha a certeza de que ele mataria por

mim se necessário. E, por muito tempo, pensar que perdi a única pessoa que me amava de verdade me destruiu.

Mas ao voltar para perto de Kellan, quis fechar os olhos quando estivesse ao lado dele e ser vulnerável como nunca mais me permiti ser. Ele me faz ter vontade de baixar meus escudos e parar de lutar apenas por alguns minutos. E tinha medo, porque isso me consumia por dentro e o sentimento era maior do que eu.

— Meu Kellan sofreu muito quando acordou do coma e descobriu que seu irmão havia morrido... — tia Lily continuou, me partindo. — Tiveram que dar um sedativo a ele, porque mesmo que disséssemos que Raphael não tinha resistido, ele ainda não acreditou e quis sair da cama a todo custo.

— Ele deve ter sentido muito... — murmurei, perdida. *E eu ainda assim o culpei.*

— Depois que recebeu alta, ele passava dias inteiros trancado no quarto, no completo escuro e sem querer comer. E sei que ele não sentiu falta apenas do seu irmão... — Sorriu — Mas de você também, Ryen. Ele está diferente desde que você chegou.

— Eu não fiz nada.

— Kellan gosta de você e é claro que sente o mesmo. Às vezes apenas um sentimento recíproco já nos faz bem. — Ela afagou meus cabelos e engoli o nó de minha garganta. — Mas vamos mudar assunto! Sua mãe já sabe de você e Kellan?

Encarei seu rosto bonito e seus olhos estavam tão interessados em minha resposta que de repente eu me senti um monstro. Culpada por mentir para ela, para Kellan. Para todo mundo à minha volta. Escondi tantas coisas que isso virou uma teia de aranha da qual não conseguia mais sair.

Não queria mais mentir, não queria mais esconder.

Eu apertei a mão da mulher a minha frente e respirei fundo antes de confessar o que tanto vinha segurando:

— Tia Lily, na verdade a minha mãe, ela...

— Espero que não estejam falando de mim. — Ouvi a voz de Kellan e rapidamente olhei para o topo da escada, vendo-o descer, seu pai o imitando.

Eu soltei a mão da minha tia, perplexa com o que eu ia acabar de fazer. Como podia ser tão burra? Escondi das pessoas que eu amava que a

minha mãe estava morta. Como tive a brilhante ideia de pensar em contar tudo para eles como se fossem me perdoar pela mentira tão facilmente?

Killer veio correndo até nós e foi até minha tia.

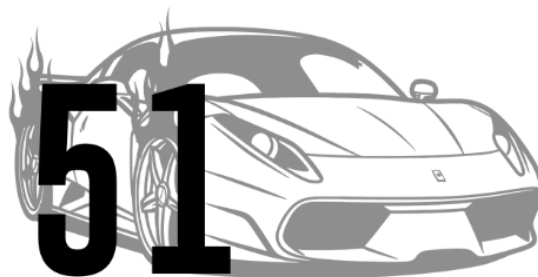
— Nunca me canso de dizer o quanto você é lindo e enorme! — falou admirada enquanto acariciava o focinho de Killer. Ela mirou os olhos em mim. — O que ia me dizer, *bambina*?

Forcei um sorriso e neguei com a cabeça.

— Eu esqueci — menti. *Estava ficando tão boa nisso.*

Kellan se sentou ao meu lado e mordeu o interior da minha bochecha quando ele beijou o topo da minha cabeça, entrando em uma conversa cheia de provocações com a mãe. A cada acusação que sofria de tia Lily, ele respondia com a verdade, não negava nada. Diferente de mim.

Que tinha me tornado melhor amiga da mentira.



*Deixe eu assumir o controle sobre você.
Não é a minha primeira vez, mas garota, vamos entrar nisso, sim.
Bata e destrua, você sabe.
Eu quero te derrubar de novo.*
Tory Lanez, feat. Chris Brown - The Take

Kellan Royal

Com as mãos nos bolsos de minha calça, adentrei a sala de Ethan, o advogado da família. Tudo isso após um telefonema dizendo que tinha conseguido a guarda da irmã de Yun. Algo que demorou muito mais do que eu pensei e não era para ter sido assim. Não lembrava de Ethan ter me pedido uma semana para dar conclusão a esta porra.

Assim que ergueu a cabeça e seus olhos me encontraram, Ethan rapidamente se levantou de sua cadeira e contornou a enorme mesa de seu escritório, vindo ao meu encontro. Seu rosto era sério como sempre, e achava que era por isso que meu pai o mantinha por perto. Era um funcionário de poucas palavras e muitas ações. E meu velho nem mesmo desconfiava que eu sabia, mas às vezes Ethan fazia uns trabalhos sujos para ele.

— Senhor Royal — Ethan estendeu a mão e a apertei, procurando ao redor.

— Onde está a garota? — perguntei, soltando sua mão.

— Minha secretária a levou para comer algo — disse antes de indicar o pequeno sofá azul marinho atrás de mim. — Sente-se, por favor, tenho coisas a relatar sobre o caso da menina So-hee.

Assenti vagarosamente e fiz o que ele pediu, sentando-me no sofá com as pernas entreabertas e os cotovelos apoiados em ambos os joelhos.

— O que me diz? O pai dela teve muita resistência?

Ethan caminhou até sua mesa e me deu as costas, mexendo em alguns papéis antes de voltar sua atenção mais uma vez para mim.

— Mesmo com os papéis da transferência da guarda, ele se recusou a deixar que levássemos a menina. Então, tivemos que dar um jeito nele — disse, arrumando a gravata formal antes de me entregar um envelope grande e laranja. — Aqui estão algumas provas do local onde a criança se encontrava.

Abri o envelope e dentro dele estavam algumas fotos da casa de So-hee. Apertei-as em minhas mãos, tentando me controlar diante do que meus olhos encontraram.

O que parecia ser a sala, completamente suja com garrafas de bebidas e caixas de cigarro vazias por todo o cômodo. Fui para a próxima, vendo o quarto da menina com uma cama que parecia desconfortável demais para uma garotinha tão frágil.

Diante de mim, Ethan me entregou mais um envelope e pude jurar que se houvessem mais fotos da situação deplorável de So-hee ali, eu mataria o filho da puta com minhas próprias mãos.

Ao abrir, dei de cara com fotos do pai de Yun, totalmente largado no chão. A camisa suja de sangue, o lábio e a sobrancelha cortados, acompanhados de um nariz com um rio de sangue. E desde que entrei na sala, pude finalmente sorrir.

— Vejo que o *jeito* que deram nele foi eficiente — larguei os dois envelopes sobre a mesa —, mas não acho que ele vai se dar por vencido. Quero que dê um fim nele de vez, Ethan.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Fala de... *assassinato*?

Sorri.

— Não seria má ideia, confesso — assenti lentamente —, mas você está um pouco extremo, Ethan. Vamos com calma.

— Foi a única coisa que me veio à mente, senhor.

— Acha que seria fácil matá-lo? — perguntei, um pouco interessado. Talvez até demais.

Ethan ergueu a cabeça e cruzou os braços em frente ao corpo esguio.

— Ele é um alcoólatra desempregado e que negligência crianças. Que importância tem para a sociedade? E mais importante, quem iria sentir falta dele?

Assenti vagarosamente.

— Bom ponto. Mas isso não nos trará problema futuramente?

— De acordo com minhas investigações, Sunwoo deve a muitos agiotas. Graças ao dinheiro que o filho lhe dá mensalmente, consegue quitar as dívidas. Mas não seria estranho se o cobrador acabasse o matando, pelo contrário, é o que mais acontece.

Sorri de lado, tentado a pedir que Ethan fizesse isso. Que colocasse um fim no filho da puta para que assim não nos desse dor de cabeça. Mas mesmo que eu tenha tomado a frente de tudo, Sunwoo era assunto de Yun. Minha parte já fiz e cumpri minhas promessas. Tirei So-hee dos braços do velho e peguei a guarda da menina. O que foi extremamente fácil.

Por fim, neguei com a cabeça e apoiei minhas costas no sofá, como se dispensasse a ideia de matá-lo. Mas admitia, era tentador.

— Por enquanto, só a guarda da menina importa — falei e, no mesmo instante, a porta foi aberta e uma loira de altura mediana adentrou a sala.

A mão dela estava por trás da parede, como se alguém estivesse segurando-a e não precisava ser um gênio para saber de quem se tratava.

A loira fez um gesto como se puxasse So-hee para dentro da sala e, aos poucos, um rosto translúcido com uma franja cobrindo a testa pequena apareceu em meu campo de visão.

A menina deu um passo para dentro, apertando a mão da secretária ao mesmo tempo em que se escondeu atrás de suas pernas longas. Seu rosto brilhou em reconhecimento ao me ver, mas também havia desconfiança.

— Ela se alimentou? — Ethan foi o primeiro a quebrar o silêncio enquanto meu olhar se manteve na menina.

A mulher assentiu.

— Muito bem, para falar a verdade. — Sorriu para So-hee. — Ela me contou que não comia desde ontem à noite.

Desde ontem à noite. Já eram 13h:30min da tarde.

— Obrigada, Suzy. Pode ir agora — Ethan dispensou a mulher, que assentiu e fez o que ele mandou.

Ele dirigiu o olhar para So-hee, mas a pequena agarrou o próprio brinquedo com ainda mais força e deu alguns passos para trás. Pela lógica, ela realmente tinha que sentir medo dele, já que para uma garota de sete anos, não era nada fácil entender o porquê de ter sido tirada do pai.

Mas notava-se de longe que, mesmo com tão pouco idade, ela era receosa quanto ao sexo masculino.

Caminhei em direção a pequena garota encolhida contra a parede, parecendo assustada. Sua franja cobria seus olhos graças a sua cabeça abaixada e isso barrou qualquer chance que eu pudesse ter de analisar sua expressão mais minuciosamente.

Vendo-a segurar um pequeno urso rosa, parei diante dela e estendi minha mão. Ela apertou o brinquedo como se para se proteger e então, me ignorou.

— Não quer ver seu irmão?

So-hee rapidamente ergueu o rosto e arregalou os olhos escuros. Contive um sorriso.

— *Yun Yun*? — Sorriu largamente e assenti.

— Foi ele quem mandou te buscar — disse e ela franziu o cenho, abaixando o urso.

— Então foi ele quem mandou bater no papai também?

Garota esperta.

Cruzei meus braços diante dela e inclinei a cabeça para o lado.

— Seu pai apanhou porque não se comportou.

— Ah, então o papai tinha razão quando disse que se eu não me comportasse, iria apanhar. — Bateu o indicador no queixo antes de arregalar os olhos. — Se eu não andar na linha, vou ser castigada também?

Andar na linha? Castigada? O que esse merda andou pondo na cabeça desta menina?

— Não gosto quando o papai está bêbado. Ele machuca o braço da So-hee... — ela continuou, me tirando dos meus pensamentos. A menina ergueu os olhos para mim. — Você bebe, tio?

Filho da puta desgraçado. Talvez matá-lo seja a melhor alternativa.

— Eu acho que não vai me machucar já que é amigo do *Yun Yun*, né? — continuou a falar, não deixando que eu o fizesse. — Estou com saudades do *Oppa*. Ele quase nunca me vê. Vamos fazer uma surpresa para ele?

Porra, essa menina não calava a boca?

— É aniversário do *Oppa*? — So-hee cobriu a boca com uma das mãos pequenas. — Eu não tenho nenhum presente para ele, como vamos fazer? Já sei, vou dar o *Kookie* para ele. Eu amo meu ursinho, mas o *Yun Yun* não pode ficar sem presente... — Ela me mostrou o ursinho rosa.

Contive um bufo e me aproximei dela, pegando sua mão. So-hee continuou falando sozinha e, enquanto isso, dirigi meu olhar para Ethan,

encarando a menina, abismado. Talvez porque ela não calasse a boca.

— Bom trabalho, Ethan. Liguei se precisar de algo mais.

Ele assentiu.

— É sempre um prazer, senhor.

Acenei para ele e então, saí da sala arrastando a menina tagarela que parecia mais interessada em falar do irmão do que em saber para onde eu a estava levando.

Se bem que duvidava muito que a garota sequer tenha se tocado que estava andando com a minha ajuda. *Inferno*, ela não parava a boca um minuto sequer e nem mesmo saímos do escritório de Ethan ainda. Se ela continuasse assim no caminho para o apartamento de Yun, estava tentado a largá-la no orfanato mais próximo.

Ok, isso foi um pouco pesado, e eu não faria isso. Eu acho.

Levei a falante So-hee em direção ao meu carro e destravei as portas, abrindo a do passageiro para ela. Com as pernas curtas, ela subiu no banco apoiando as mãos no assento, então colocou o ursinho no próprio colo, falando com ele.

E agora que estava dando uma olhada melhor na pirralha, via que ela era muito pequena para alguém com sete anos. E me questionava se era porque ela era baixa mesmo ou era tão malcuidada que não se desenvolveu como merecia. Yun e o pai deles são bastante altos, mas ainda tinha a mãe dos dois, ela poderia ter sido baixa. Então, não iria ficar especulando antes da hora.

Dei a volta no carro e me sentei no banco do motorista, ligando a Ferrari e dando partida para longe dali.

— Quer comer algo? — perguntei, dando fim a palestra da menina.

— Não, minha barriga está cheia. Mas me deixa perguntar pro Kookie... — Sorriu largamente, olhando para o urso. — Você quer a comida do tio?

— Por que *tio*?

So-hee sorriu para mim.

— Você é amigo do *Yun Yun*, então é meu tio! — rebateu.

— Essa pirralha...

— Não sou pirralha, já tenho sete anos! — Ela mostrou com os dedos.

— Claro, uma adulta completa.

Pelo resto do caminho, a menina continuou a tagarelar. E mesmo que eu tenha dito que estava incomodado, eu não ligava verdadeiramente.

Durou vinte minutos com So-hee. Vinte minutos inteiros onde ela cantou, riu sozinha e falou com o urso feio. Tive que me segurar algumas vezes para não rir quando ela quase adormeceu duas vezes. E parecia que ela não estava nenhum pouco preocupada com o pai.

Ela sequer se lembrou dele desde que saímos do escritório, e era muito melhor assim. Ela não precisava de um verme daqueles perto dela.

Parei a Ferrari no estacionamento do prédio e descí, dando a volta no carro para abrir a porta para So-hee. Ela agarrou minha mão sem que eu pedisse para que fôssemos em direção ao apartamento. Ela estava cantando quando entramos no elevador e eu sinceramente me perguntei se estava pronto para ser pai.

Talvez eu devesse começar a transar com Ryen usando camisinha.

Bati na porta de Yun, ele com certeza deveria estar no próprio apartamento, já que se limitava a ficar no de Brianna à noite, que era quando estava em casa. E esperaria até que ele a abrisse, se So-hee não fosse tão impaciente quanto eu.

— *Yun Yun!* — ela o chamou.

— Claro, também podemos fazer assim — sorri.

Segundos depois, a porta foi aberta e um Yun afoito apareceu diante de nós vestido com uma regata branca. Seus olhos se arregalaram quando ele notou a irmã e a risada mais genuína deixou a menina que correu para abraçá-lo.

Atordoado, Yun se abaixou e abraçou So-hee, parecendo ainda não entender o que estava acontecendo. Mas ainda assim dava para notar a saudade que estava da irmã.

Eles se afastaram.

— O que faz aqui, So-hee? — perguntou, segurando o rosto dela entre as mãos.

— Vou morar com o *Yun Yun!* — abriu os braços, mas um biquinho se formou em seus lábios e ela mostrou o urso feio ao irmão. — E o Kookie também!

Yun franziu o cenho.

— O quê? Como...? — Ele buscou meu olhar, ficando em pé. — Você conseguiu?

Coloquei as mãos nos bolsos de minha calça e inclinei a cabeça.

— Eu disse que conseguiria, não disse?

O olhar que ele me deu, não consegui desvendar, mas o que ele deu à irmã quando acariciou seus cabelos, esse eu entendi. *Alívio*.

A menina sorriu para ele.

— *Oppa*, tem biscoito recheado?

— No armário — assentiu.

A garota correu apartamento a dentro, a saia rosa balançando no processo. E quando achei que não a veria mais por hoje, ela voltou e, com um sorriso genuíno, abraçou minhas pernas.

Eu ergui minhas sobrancelhas, sem saber o que fazer. Pigarreei.

— Até mais... — murmurei.

— O Kookie quer dar tchau também, fala com ele! — Ela esticou o urso feio em minha direção.

Incrédulo, olhei na direção de Yun que soltou uma risada escandalosa diante do pedido da irmã e neguei lentamente com a cabeça.

— Não.

— Qual é, vai negar o pedido de uma criança? — ele perguntou, cruzando os braços ao que indicou So-hee com o queixo.

— Então faz você, porra! — rosnei.

A menina deu alguns passos para trás e arregalei meus olhos quando vi os dela cheios de lágrimas e passei as mãos por meu cabelo, perplexo.

— Limpa sua bagunça — Yun mandou.

Revirei meus olhos e encarei o urso feio sem um olho, apertando minhas mãos em punhos para a idiotice que eu ia fazer.

— Cadê a mer... digo, o urso? — perguntei e So-hee o ergueu para mim, limpando as lágrimas. Respirei fundo e coloquei um sorriso falso no rosto. — Até mais, urso da So-hee.

— O nome dele é *Kookie* — ela corrigiu e apertei a mandíbula.

— Até mais... *Kookie*. — Cerrei meus dentes.

Ela sorriu e balançou o braço do urso.

— Até mais, tio! — falou e então correu de volta para o apartamento, agora definitivamente sumindo das minhas vistas.

Negueei com a cabeça, mas parei quando vi o momento em que Yun me encarou. Ele descruzou os braços e, pela primeira vez, se curvou diante de mim em uma reverência. Uma em sua cultura.

Uma vez ele me disse que quantos mais você se curva, mais respeito se tem.

— Obrigada, de verdade — disse.

— O que está fazendo, idiota? — empurrei seu ombro para que ele ficasse ereto.

— Obrigada por ter trago minha irmã para mim como me prometeu — falou, engolindo em seco. — Não tenho como te pagar esse favor, mas você sabe que tem minha lealdade. E perdão por qualquer coisa que eu já tenha feito.

Eu sorri.

— Não é pra tanto, cara. Você sabe que somos amigos, não é, seu fodido?

Yun me olhou mais uma vez.

— Somos.

— Então cale a boca.

Yun sorriu.

— Quer entrar? — perguntou e neguei com a cabeça.

— Tenho que ir agora. Até amanhã na faculdade — disse, dando alguns passos em direção ao elevador.

O escutei rir.

— Idiota. Pensa que não sei que a mulher deu horário pra voltar pra casa?

Chamei o elevador e olhei para ele.

— A culpa não é minha se você e Brianna ainda não se resolveram.

Então, as portas do elevador se abriram e entrei, escutando Christian me xingar de todos os palavrões existentes. Eu apenas sorri de lado, me deliciando com o quão bom era saber seu ponto fraco.



Ao abrir a porta e entrar em meu apartamento, fui recepcionado por um Killer diante da porta e com as orelhas em pé, a postura em alerta. Ele pareceu relaxar quando viu que era eu e se sentou, inclinando a cabeça para o lado.

Dei um meio sorriso e fechei a porta, indo em direção a ele para acariciar o topo da sua cabeça. Ele inclinou-se em direção a minha mão, aceitando o carinho de bom grado, os olhos negros fechados e tranquilos.

— Onde está sua dona? — perguntei, como se fosse receber uma resposta.

Mas, por ironia, ele latiu em direção às escadas e entendi isso como se me dissesse que estava lá em cima.

Acariciei seu pescoço uma última vez e me afastei, indo em direção às escadas atrás, de Ryen. Olhei para trás, vendo Killer subir no sofá e deitar a cabeça sobre as patas para descansar. E era bom que ele fizesse isso e não subisse, porque mesmo que ele fosse um cachorro, não queria que presenciasse a sujeira que faria com sua dona em alguns instantes.

Subi as escadas silenciosamente e fui em direção ao meu quarto. Nosso quarto. Ele vinha sendo da Ryen também desde que ela veio morar comigo, e eu preferia assim. Gostava de saber que era na minha cama que ela dormia e me deixava tranquilo saber que era nos meus braços que ela se aconchegava de madrugada.

Abri a porta do quarto e o encontrei vazio. Mas em compensação, o som do chuveiro me chamou a atenção e me deixou contente pra caralho.

Tirei meus sapatos e o deixei ao lado da porta, tudo isso para não alertar Ryen que eu havia chegado. A passos lentos e precisos, caminhei em direção ao banheiro e entreabri a porta, dando uma olhada e vendo apenas o contorno das curvas de Ryen por trás do box.

Fechei a porta de maneira silenciosa e fui até ela calmamente, enquanto ela abria o box. Ryen arregalou os olhos e soltou um gritinho, puxando a toalha para proteger o corpo.

— Que susto, Kellan! Porra!

Analisei o cabelo molhado e as gotas de água deslizando por seu corpo e senti meu pau dar uma fígada.

— Desculpa, amor — falei, meus olhos se fixando nos mamilos marrons endurecidos pelo banho.

Ryen pareceu notar meu foco, já que puxou a toalha mais para cima, cobrindo-os.

— Você não parece arrependido... — murmurou, afetada. Ergui meus olhos para ela, sentindo minha calma perto de ser mandada para o inferno.

— Sua menstruação já foi embora?

— Você é bem romântico, não é? — Limpou a garganta quando cerrei meus olhos. — Foi embora ontem...

Porra, sim. Minha paciência acabava de ir para o inferno.

Fui em direção a Ryen e a vi arregalar os olhos quando agarrei sua cintura de modo áspero e a joguei contra os azulejos frios do enorme banheiro. Minha mão foi de encontro ao seu pescoço e tomei sua boca em um beijo necessitado, arrancando um suspiro de seus lábios.

Afastei a toalha de entre nossos corpos e agarrei a bunda farta de Ryen, me deliciando com o quão macia sua carne era. Ela gemeu em minha boca quando mordi seu lábio inferior com força e voltei a enfiar minha língua ali. Ryen derreteu em meus braços e uma de suas pernas se enroscou ao redor da minha cintura. *Tão malditamente receptiva.*

— Kellan... — gemeu com a vozinha doce quando subi minha mão e apertei um de seus mamilos com força, do jeito que sabia que ela gostava.

Meu pau cutucou minha calça e temi que pudesse rasgá-la de tão duro que eu estava.

— Caralho, você me deixa duro só de respirar, sua filha da puta! — rosnei contra seus lábios, apertando seu pescoço.

Ryen sorriu em meio ao enforcamento, como uma puta. *A minha puta.*

— Estou com tantas saudades, Kellan... — me provocou, gemendo manhosa.

Eu escorreguei minha mão por entre nossos corpos e ela ofegou quando acolhi a boceta quente com toda a minha mão. Deslizei meus dedos por suas dobras, sentindo-a totalmente molhada.

Duas semanas que não me enterrava nela, sempre algo acontecendo entre a gente ou sugando toda a nossa energia. Mas eu não iria mais permitir que isso acontecesse.

— É impressionante como você fica encharcada sem que eu nem eu mesma te toque, sua putinha suja.

— Não fale besteiras, é só água — me desafiou.

Eu ergui os dedos melados para ela, esfregando a umidade entre o indicador e o polegar.

— Claro, podemos ver — sorri sacana.

Ela pareceu prestes a me xingar, mas seus olhos ficaram vidrados em mim quando chupei meus dedos e me delicieei com seu gosto. Também estava com saudades pra caralho do gosto dela. Mas mesmo que isso estivesse me matando, não conseguia pensar em outra coisa neste momento, que não fosse me enfiar nela.

— Céus, você é tão sujo... — Suspirou.

Eu desci meu zíper e desabotoei a calça jeans, puxando meu pau para fora. Eu pinchei as dobras molhadas de Ryen calmamente, vendo-a se contorcer.

— Sujo vai ser o que vou fazer com essa sua boceta pelo resto do dia. Isso é sujo... — rosnei, encaixando a cabeça grossa em sua pequena entrada — Agora, como a boa putinha que você é, peça.

Ryen comprimiu os lábios, arqueando uma sobrancelha em afronta. Eu apenas sorri e me curvei, tomando o mamilo rígido em minha boca. Ela gemeu quando o chupei, mas em seguida chorou quando o mordi com força.

E como se não bastasse, senti a cabeça do meu pau ficar encharcada da excitação dela e não me admiraria caso pingasse até no chão.

As mãos de Ryen foram para as minhas costas e, com força, ela deslizou as unhas pela minha pele, rasgando-a. Eu puxei o ar por entre os dentes, soltando seu mamilo e jogando a cabeça para trás enquanto minhas costas se arquearam.

— *Foda-se* — rosnei, me enterrando dentro dela com um único golpe profundo.

Ryen gritou e chutou a cabeça para trás, reforçando as unhas em minhas costas. Nossas virilhas se chocaram e revirei meus olhos por sentir o quão quente e apertada ela estava. Tão deliciosa que eu poderia gozar naquele exato momento.

Ela voltou a encarar nossos corpos unidos, as sobrancelhas franzidas em dor pela falta de preparação e prazer por me querer dentro do seu corpo. Agarrei suas coxas e a obriguei a cruzá-las em minhas costas ao mesmo tempo que a grudei na parede.

Ryen agarrou meus ombros e quase enlouqueci com o quão cheirosa ela estava. Seus dedos agarraram os fios dos meus cabelos e tirei toda a minha extensão antes de voltar com tudo, o som repercutindo pelo banheiro.

Os seios dela saltaram pelo movimento e ela chorou, mordendo o próprio lábio.

— Kellan... — implorou por algo que nem mesmo ela sabia o que era. Mas eu, sim.

Com uma mão, agarrei seu pescoço e então não controlei mais meus movimentos. Meu quadril se agitou e tudo o que era ouvido no banheiro eram nossos corpos se chocando.

— D-Devagar! — Ryen pediu, encarando meus olhos.

As íris lacrimejando e as sobrancelhas unidas, evidenciando a dor óbvia, mas prazerosa.

— Está doendo, amor? — perguntei e ela assentiu, gemendo quando girei os quadris. — Mas você estava tão encharcada que a sua boceta me recebeu tão bem. Não seja dramática, não pode lidar com um pouco de pau?

Em resposta, ela puxou meu cabelo e contraiu a boceta, me sugando para dentro. Adorava quando ela fazia isso.

Eu grunhi pelo tesão e desci o tapa em sua bunda, escutando-a choramingar. Incomodados com minhas roupas nos atrapalhando, fiz menção de soltar Ryen e tirar minha camisa, mas ela pareceu ler meus pensamentos. Suas mãos arrancaram o tecido fora e com uma mão e agilidade que nem eu mesmo sabia que tinha, desci a calça e a cueca.

Saí do amontoado de tecido e levei Ryen para perto do registro da água. Minha mão bateu nele e a água caiu sobre nós. E como eu poderia me importar com isso quando a mulher em meus braços mordeu meu queixo e balançou os quadris, pedindo para ser fodida.

Eu sorri e agarrei sua bunda com ambas as mãos, abrindo-a enquanto eu metia com força. Ryen tentou acompanhar meu ritmo, mas tudo o que saía de seus lábios eram choramingos e palavras desconexas.

Ela estava próxima, eu poderia sentir pela maneira que seu corpo estava se contraindo. Agarrei seu queixo e mordi o lábio carnudo com força.

— A quem você pertence? — rosnei, querendo ouvir. *Precisando* ouvir.

As unhas de Ryen deslizaram pelas minhas costas, mas ainda assim encarei seus olhos entorpecidos.

— A você... — Ela respirou fundo, colocando uma mão em meu peito.

Seus olhos se reviraram e seu interior me apertou como aço.

— Qual meu nome, porra?

— Kellan Royal! Pertenço a Kellan Royal!

Eu sorri sacana, acelerando meus movimentos enquanto um gemido saiu de seus lábios.

— Eu vou gozar, não para... — mandou, olhando bem no fundo dos meus olhos.

Ela vai gozar sim, mas não desse jeito.

Eu saí de dentro de Ryen, deixando-a atordoada. Ela xingou em voz alta, mas não me importei quando desliguei o chuveiro e a peguei mais uma vez em meus braços, saindo do box com ela.

Confusa, ela se agarrou em mim, com medo de cair.

— O que está fazendo? — perguntou, me vendo colocá-la sentada em cima da enorme pia de mármore.

Pelo espelho, pude ver sua tatuagem e mesmo que meu pau tenha ficado ainda mais duro e dolorido, eu tinha que chupá-la.

— Abra as pernas.

Ryen ergueu as sobrancelhas com a minha ordem, mas seus olhos brilharam ao perceber minha intenção. E com a porra de um sorriso safado, ela ergueu os joelhos e colocou os pés sobre a pia, se abrindo para mim.

Desci meus olhos para o meio de suas pernas, vendo as dobras brilhando de excitação e a entrada um pouco vermelha, provavelmente pela minha intrusão repentina.

Ryen deslizou dois dedos pelo clitóris e seus olhos escureceram enquanto os dentes afundavam nos lábios.

Apertei minha mandíbula.

— Você é uma filha da puta, não é?

— E é exatamente por esse motivo que você não consegue ficar longe.

Eu apoiei as mãos na pia, uma de cada lado de seu corpo, e beijei seu ombro, subindo meus lábios por seu pescoço. Eu chupei a pele, arrancando-lhe um suspiro.

— *Porra*, sim. Você é a única pessoa que tem poder sobre mim.

Ryen não disse nada, apenas continuou ali, sentindo enquanto deslizei meus lábios por seus mamilos e então, umbigo e, por fim, cheguei ao que tanto queria.

Me ajoelhei diante da única mulher que poderia me destruir e encarei sua boceta. Ergui o olhar para Ryen e ela estava afetada, poderia ver pela forma com que sua respiração fazia seus seios subirem e descerem.

Sem dizer nada porque estava impaciente, com meus olhos nela, estirei a língua para fora e a lambi debaixo para cima lentamente. A cabeça de Ryen caiu para trás e agarrei suas coxas, mantendo-a parada quando seu quadril se agitou.

Ela agarrou meus fios molhados e continuei a encarando, vendo sua boca entreabrir e os olhinhos revirarem de prazer.

— Deliciosa pra caralho — murmurei antes de sugar seu clitóris.

Aspirei seu cheiro e senti meu queixo ficar molhado com sua excitação. Meu pau latejou e gemi quando ela apertou as coxas ao redor dos meus ombros, parecendo não me querer longe.

Uma de suas mãos subiu e agarrou o seio macio, choringos caíam de seus lábios como a mais doce melodia.

— *Céus*, Kellan... — gritou, se contorcendo. — Eu vou gozar.

Enfiei minha língua dentro dela, penetrando-a sem parar porque ela merecia todo o esforço do mundo. Tudo para ela.

Ryen merecia tudo, inclusive as loucuras que estava prestes a fazer por ela.

Ela se esfregou em meu rosto e seu corpo tremeu violentamente, então, segundos depois, Ryen estava gozando na minha boca e era uma cena linda. Ela apertou meu coroa cabeludo com tanta força que senti arder.

— Porra, você tem gosto da minha refeição favorita! — grunhi, não parando de chupá-la nem por um momento.

Ao enfiar minha língua dentro dela mais uma vez, senti o contrair de suas paredes internas e esse foi meu fim.

Me afastando de Ryen, fiquei em pé, vendo-a tremer e com um semblante satisfeito. Mas bom, eu não estava. Então a desci da pia e ela quase caiu com as pernas bambas, se não fossem meus braços ao seu redor.

Virei Ryen de frente para o espelho, para que ela visse seus olhos cheios de lágrimas, os seios e o pescoço marcados pelo que a minha boca e mãos causaram. Eu encaixei minha glândula grossa em sua entrada e Ryen virou o rosto para me encarar, o rosto contorcido.

— Estou sensível... *Kellan!* — arquejou quando me enterrei dentro dela.

Agarrei seu pescoço e a forcei a encarar nossas imagens no enorme espelho. Ela apoiou as mãos na pia, os olhos semicerrados enquanto eu metia nela por trás.

— Está vendo? — perguntei, nossos olhos se encontrando no espelho. — O jeito como você implora por mim e a maneira como nossos corpos se encaixam apenas mostram como você nasceu para ser minha. — Agarrei seu cabelo. — Eu sou inteiramente seu, então apenas assista a nós dois no espelho e veja como sou rendido por cada parte sua.

— E-eu... eu também sou louca por você...

Eu agarrei seus braços e os entrelacei com um meu, hipnotizado com o movimento de nossos corpos pelo espelho.

Circulei a entrada apertada entre suas nádegas antes de penetrá-la, vendo o corpo de Ryen aceitar perfeitamente a intrusão depois de ficar tensa por alguns segundos. Acrescentei mais um dedo e ela puxou o ar por entre os dentes.

— Diga que confia em mim.

— *Hmmm...* — Engoliu em seco, revirando os olhos. — O quê?

— Diga que confia em mim — repeti, acelerando meus movimentos.

Ela assentiu várias.

— Eu confio!

— Não importa o que aconteça — reforcei e ela tremeu.

Sua boceta se contraiu e sabia que ela estava perto de gozar de novo. Espasmos passaram por nossos corpos no mesmo instante e acelerei os movimentos de meus dedos e quadril.

— *Porra...* — Negou com a cabeça. — Não importa o que aconteça.

Me sentia um filho da puta por estar me aproveitando de um momento como este para fazê-la dizer estas palavras. Mas nunca fui um bom homem.

Ryen gozou novamente, parecendo não ter forças para gritar ou gemer, já que sua boca apenas se abriu e nenhum som saiu. E, naquele instante, tendo uma das visões mais lindas de todas as que já tive na vida, gozei dentro dela sem nenhum tipo de restrição.

E a partir disso tudo, sua promessa estava feita. Ela não iria me deixar, não importava o que acontecesse. Ela confiaria em mim, independente de tudo.

E mesmo que ela quisesse voltar atrás em sua palavra, seria impossível. Porque não havia forma de desfazer um trato com o diabo.



*Só vai ficar aí me vendo queimar?
Mas tudo bem, eu gosto do jeito que dói.
Só vai ficar aí me vendo chorar?
Mas tudo bem, eu amo o jeito como você mente.*
Eminem, feat. Rihanna - Love The Way You Lie

Ryen Rodríguez

Acordei em um sobressalto e me sentei na cama em uma velocidade absurda, puxando o ar violentamente quando me senti sufocada.

Passei as costas da mão por minha franja, sentindo minha testa molhada de suor e os fios úmidos grudados na pele. Eu coloquei a mão em meu peito, bem em cima do meu coração, escutando-o bater incrivelmente rápido. Como se quisesse pular pela minha boca a qualquer momento.

Pulei da cama e corri em direção ao banheiro, abrindo a porta com brutalidade. Eu me ajoelhei diante da privada e abri a tampa, vomitando tudo o que comi na noite anterior e que parecia insustentável no estômago. Me senti nojenta, não por estar vomitando, e sim por sentir mãos por todo o meu corpo. Mãos indesejáveis.

Usei minhas mãos na privada como apoio, o cheiro forte de vômito me atingindo. Porém, continuei a pôr tudo para fora sem conseguir conter. Sentia repulsa por estar vomitando, entretanto era mais por ter sido tocada contra a minha própria vontade.

Quando terminei, fechei a privada e dei descarga, mas continuei largada no chão. Me arrastei em direção a parede do banheiro e passei as mãos pelo meu cabelo, puxando minha respiração.

Sonhei com *ele* de novo. Depois de tanto tempo, ele voltou a ser o motivo dos meus pesadelos.

Senti a garganta fechar e meu pescoço úmido e pegajoso, exatamente no dia em que matei Callum. Arranhei meu pescoço, intercalando entre puxar meus cabelos e continuar tentando respirar. *Assassina.*

Nojenta.

Suja.

Eu gritei, batendo as mãos em minha cabeça quando as vozes ficaram mais altas. Callum sorriu dentro da minha mente e parecia dizer que eu nunca estaria livre de suas garras. Era um pesadelo do qual eu nunca iria escapar, nem mesmo se eu morresse. Ele estaria no inferno, me esperando enquanto ocupa o lugar do diabo.

Arranhei meu pescoço, agoniada com a sensação que tanto me afligia. Senti as lágrimas descerem por meu rosto, tão grossas que pesaram enquanto deslizavam por minhas bochechas.

— Cala a boca... — sussurrei, negando com a cabeça, — Cala a boca! — gritei.

Vi o momento em que um vulto se ajoelhou ao meu lado, mas meus olhos continuaram fixos na parede à frente.

Pegaram meu rosto nas mãos e o puxaram para si.

— Ryen — alguém chamou ao longe.

Mas continuei caindo de um precipício íngreme sem previsão de sobrevivência. Não teria ninguém para me salvar até lá.

O sorriso de Callum voltou a minha mente com uma força avassaladora e me pergunto se algum dia eu iria esquecer. Não era possível que com o decorrer dos anos, ele continuaria me perseguindo mesmo depois de morto.

Já deveriam estar atrás de mim. Não fazia sentido ninguém ter vindo ainda. Eu recebi as fotos do corpo de Callum, elas... *Deus*, as fotos...

Eu as tinha ignorado assim que achei Killer. Tinha que voltar lá e recuperar essas malditas fotos antes que alguém o fizesse. Antes de todo mundo a minha volta começar a me ver com outros olhos.

Kellan sentia que havia matado alguém, mas a única assassina entre nós era eu.

Culpada.

Monstro.

— Ryen, acorda! — me chamaram mais uma vez.

Mas eu estava acordada, estava ciente da culpa que tinha nas costas e de como meu couro cabeludo doía pela força com que eu puxava meus cabelos.

Assassina.

Algo bateu contra minha bochecha, fazendo meu rosto virar minimamente para o lado. Não doeu, mas foi o suficiente para me tirar da bolha sufocante em que eu havia me metido.

Pisquei, vagorosamente levando meus olhos para os azuis gélidos diante de mim que me encaravam de forma controlada. *Isso foi... um tapa?*

— Volte a si, Ryen — Kellan mandou, afastando minha franja da testa. — Está me ouvindo?

Senti as lágrimas escorrerem por minhas bochechas e analisei seu rosto, sentindo a dor agonizante em meu peito.

Mesmo que eu estivesse o escutando, minha língua parecia pesada demais para se mover. Até que lábios quentes se conectaram a minha testa e foi como se o oxigênio tivesse voltado aos meus pulmões

— Kellan... — respirei, trêmula.

Avancei, lançando meus braços ao redor do seu pescoço. Ajoelhado, Kellan me abraçou, me trazendo para seu colo, ao que circulei sua cintura com minhas pernas. Afundei meu rosto em seu pescoço, tentando me agarrar a algo que não fosse as vozes na minha cabeça.

— Eu não queria... — neguei com a cabeça, o apertando mais forte —, mas eu tive que fazer.

— *Shhh...* — murmurou, retribuindo meu aperto.

Ele não quis me soltar, e nem eu. Eu implorei silenciosamente para que ele nunca o fizesse.

— Eu juro, eu juro...

— Respire, amor — mandou, massageando minhas costas gentilmente.

Um choro copioso tomou conta de mim, mas Kellan ficou em silêncio enquanto minha respiração se normalizava aos poucos.

Eu queria aproveitar seu abraço e me manter calma, mas Callum não deixava. O peso do que eu tinha feito criava uma muralha entre nós. E tinha a certeza de que seria pior se ele descobrisse. Mas estava tão farta de mentir para todos à minha volta. Me sentia uma traidora.

Kellan se levantou comigo em seus braços e adentrou o box, ligando o chuveiro. Eu continuava abraçada ao seu corpo grande, e não me importei

se pesava ou não. Ele também não parecia ligar. Kellan me segurava como se não fosse nada. Eu não era um peso para ele.

Ele deu um passo à frente, me levando junto quando foi para debaixo do chuveiro. Afastei meu rosto do seu pescoço e encostei minha testa em seu ombro nu, inalando seu cheiro.

A água molhou meu rosto, desfazendo meu coque e abracei Kellan um pouco mais forte. Eu ficava minúscula em seus braços fortes, e isso era reconfortante demais. Precisava sumir, mesmo que fosse assim.

Kellan beijou meu pescoço e, quando senti minhas pernas ficarem dormentes, escorreguei de seu corpo aos poucos, sendo posta contra a parede. Ele segurou meu rosto entre as mãos, deslizando o nariz pelo meu.

— Não chore, você me destrói desse jeito. — Acariciou minha bochecha — O que houve?

Neguei com a cabeça e ele rangeu os dentes.

— Não minta para mim — rosnou. — Mesmo que você esteja em pedaços e seu sofrimento seja óbvio, te conheço o suficiente para deduzir que não está bem mesmo que diga o contrário.

Mais uma vez, neguei, agarrando seus pulsos.

— Não, você não conhece. — Engoli em seco. — Eu não sou quem você pensa que eu sou. Eu... eu fiz coisas.

Ele continuou calado, apenas me ouvindo enquanto seus olhos me observavam, procurando por algo em meu olhar.

— Eu nem consigo dormir de tão nojenta que me sinto. Sonho com ele todos os dias... — Respirei. — Ele me tocando, sussurrando coisas nojentas em meu ouvido.

— Quem te machucou, Ryen? — perguntou, e encarando seus olhos, vi a fagulha de ódio ali.

— Por que isso importa agora?

— Porque eu vou matá-lo.

Pisquei, atordoada com sua falta de hesitação.

— Mas antes, vou fazê-lo desejar estar morto. — Me encarou com devoção, ainda possesso de raiva. — Estar vivo para ele se tornará uma agonia. Vou causar a ele a mesma dor que o filho da puta te causou. E eu não vou parar até que ele implore para eu matá-lo.

Meu rosto se contorceu em uma careta de choro, mas fechei meus olhos quando seus lábios pressionaram contra minhas pálpebras.

— Eu não valho a pena. — Agarrei a sua cintura, puxando-o para mais perto de mim. Querendo me rondar de sua presença intimidante.

Ele colou nossas testas.

— Você é o ar que eu respiro e o que me mantém são — declarou, determinado. — Eu não fico bem se você não está. Eu não respiro se você não o fizer. E mais importante, eu não fico em paz se você não estiver. Meu mundo gira em torno de você, Ryen. Ainda não percebeu?

— Pare de falar assim, Kellan... — pedi. — Por que você mataria alguém por mim? Acha que valho a pena?

Ele respirou, parecendo com dor.

— Não sou um bom homem, Ryen. Mas me tornaria o pior deles por você — disse, abrindo um buraco em meu peito. — Eu sou apaixonado por você. E sinto este sentimento queimando bem debaixo da minha pele. Eu não sei como te fazer entender que o que sinto por você rasga meu peito e causa uma dor alucinante no meu corpo. Tudo é você, Ryen. Eu não penso em outra coisa e isso acaba comigo. Você foi embora uma vez e isso me destruiu de formas que nenhum homem aguentaria. Eu sou completamente louco por você e estou disposto a fazer tudo que estiver ao meu alcance para te ver bem e dar fim aos seus demônios.

Eu te amo. Foi o que quase disse a Kellan. Mas uma trava estava posta em meu peito e não consegui. Tinha medo de que se dissesse que o amava, ele seria arrancado de mim como tudo o que eu já tive.

Por fim, disse a única coisa que chegava perto do que eu verdadeiramente sentia:

— Eu também sou apaixonada por você, Kellan... — respirei, o trazendo para mais perto —, mas tenho medo de que você se afaste e me veja com outros olhos.

— Você fez algo tão grave assim?

— Isso tira meu sono muitas vezes — comentei, um sorriso amargo se esticando em meus lábios —, mas o pior de tudo é que não me arrependo. Eu... matei uma pessoa.

Finalmente disse, sentindo um peso sair dos meus ombros.

Ele me encarou por alguns segundos, tentando ver se encontrava alguma resposta para as dúvidas que eu sabia que ele tinha.

Mas ao contrário da insistência que esperei, ele beijou minha testa.

— Não se preocupe, amor. Você não precisará mais se preocupar com nada disso.

Fechei meus olhos, desejando que fosse fácil assim.

Quando Kellan se afastou, algo brilhou em seus olhos, mas não reconheci. Ele ergueu um pouco mais meu rosto e plantou um selar demorado, cheio de carinho. Tanto que era palpável.

— Estou cansada... — confessei contra seus lábios.

Ele me encarou, e mesmo que parecesse que diria algo, ele não o fez.

Kellan agarrou a barra da minha camiseta e a ergueu, atirando-a no chão seco próximo ao box e me deixando quase nua, apenas com uma calcinha.

— Vamos tomar banho e ir para a cama, amor. — Acariciou minha bochecha, sorrindo minimamente. — Mais tarde teremos um longo dia.

Eu assenti, vendo-o tirar a bermuda de moletom que vestia. Tirei minha calcinha, agora ficando completamente nua para ele. Mas apenas de corpo, porque minha alma continuava mentirosa.

Ele pegou meu shampoo na prateleira e lavou meu cabelo cuidadosamente enquanto eu analisava seu rosto com os olhos cansados.

Amava o queixo forte e os olhos gélidos. Assim como o nariz grande e perfeitamente desenhado. Os lábios carnudos e o sorriso.

Kellan me encarou de cima, notando meu olhar. Ele me deu mais um selinho antes de ligar o chuveiro novamente e lavar o shampoo do meu cabelo. Então nós terminamos nosso banho e, minutos depois, estávamos debaixo das cobertas de sua enorme cama.

Enterrei meu rosto no peito de Kellan e fechei meus olhos quando a sensação de proteção estava ali mais uma vez.

— Me desculpa por ser tão quebrada — pedi, me sentindo culpada.

— Não precisa pedir desculpas, apenas me dar passe livre para juntar seus pedaços e confie em mim quando digo que farei tudo por você — respondeu, inalando o cheiro do meu cabelo úmido.

— Eu confio... — murmurei, sonolenta.

Mas antes de cair em meu sono, senti Kellan escovar os lábios em minha testa, e então sussurrar o que pareceu ser uma promessa:

— Então assista como faço o mundo queimar por você.



Sozinha na sala vazia, eu dei uma pirueta, sentindo alguns fios escaparem da minha trança.

Encerrei com um pulo no ar, estancando no lugar com uma mão em minha barriga. Estava dançando desde que nossa professora nos liberou mais cedo, vinte minutos atrás. Refiz a coreografia em um total de seis vezes apenas até onde estava elaborada, e meus pulmões poderiam parar a qualquer momento devido ao esforço que fiz. Deveria estar treinando com Kellan, mas ele ainda não saiu de sua aula.

Precisava me distrair. Mais uma vez deixei que Kellan visse a parte mais quebrada de mim. Acabei falando demais e por pouco não contei tudo.

Puxei meu short para baixo, forçando-o a voltar a cobrir minha bunda por inteiro. Mas era inútil já que vestiria uma calça por cima. E foi o que fiz.

Andei até minha calça rosa de moletom e a subi por entre as minhas pernas, deixando apenas o cós do short cintura alta a vista.

Joguei minha blusa curta sobre meus ombros e caminhei para fora da sala, soltando a trança e refazendo meu cabelo em um rabo de cavalo frouxo. Ao fechar a porta, olhei para o fim do corredor vazio, encontrando Brianna vindo em minha direção com os olhos fixos no celular.

Ela estava vestida com uma espécie de minissaia jeans, acompanhada por uma blusa curta que mostrava seu umbigo e uma jaqueta jeans por cima. E suas longas tranças estavam soltas, indo até a cintura.

Abri meus lábios em um sorriso antes de minha melhor amiga ser jogada contra a parede mais próxima. Por ninguém menos que Christian Yun.

Estava muito longe para ouvir o que eles diziam um para o outro, mas vi o momento em que ela empurrou Christian pelo peito e o mesmo agarrou seu pulso, o pressionando na parede. Ela abriu a boca, mas ele segurou o pescoço dela, a fazendo arregalar os olhos.

Brianna piscou, ouvindo o que Christian dizia com um tendão na testa e o maxilar travado. Ele se aproximou um pouco mais, diminuindo a distância entre eles. Minha amiga se encolheu contra a parede, parecendo querer ir para longe.

Temerosa de que ele faria algo diante de sua postura furiosa, comecei a andar em direção a eles. Mas parei quando estava perto o suficiente para ver Christian Yun encarar os lábios da minha amiga com

uma luxúria mais que notável. Sem conseguir me conter, sorri. Eu poderia apalpar a tensão sexual entre eles.

Brianna entreabriu os lábios e ficou nas pontas dos pés quando o aperto dele pareceu ficar mais forte. Deus, parecia que eles estavam prestes a transar bem ali e eu era uma telespectadora sem vergonha e completamente tarada.

Tentei dar um passo para trás, mas os olhos cheios de ira de Christian me encontraram. No entanto, ele não mostrou surpresa, apenas voltou o olhar para Brianna e, desta vez, havia desprezo ali.

— Continue brincando de polícia, princesinha — ele rosnou, largando seu queixo sem muita delicadeza —, mas não me implore para parar quando eu começar a me divertir também.

— Vá se foder! — Brianna conseguiu dizer, empurrando-o pelo peito.

Christian nem mesmo saiu do canto, mas dois segundos depois, fez por vontade própria quando deu um passo para trás e lhe deu as costas, indo embora dali.

Brianna grunhiu, batendo o punho contra a parede em suas costas enquanto levava a mão à garganta delicada. Me aproximei aos poucos, mordendo meu lábio inferior para segurar o sorriso que queria dar as caras.

Vi minha amiga acompanhar Christian com os olhos até que ele sumisse pelo corredor vazio.

— Ele realmente sabe como te afetar — provoquei, fazendo-a virar o rosto em minha direção, só então notando minha presença.

— Não fala besteira, esse traficante de merda apenas me pegou desprevenida — rebateu, massageando a garganta uma última vez antes de deixar a mão cair ao lado do corpo.

Sorri.

— Você ia abrir as pernas para ele aqui mesmo neste corredor, não ia?

— Por que todo mundo resolveu que sou um alvo fácil hoje? Bem, vá se foder você também — rosnou.

Uma risada curta me escapou e acariciei suas costas.

— Tudo bem, minha amiga — a consolei. — Às vezes devemos deixar a dignidade de lado.

Ela sorriu, mas não foi nenhum pouco verdadeira.

— E de deixar a dignidade de lado, você entende, não é mesmo?

Abri a boca para responder, quando capturei uma sombra em meu campo de visão e avistei Eric vindo até nós.

Seu cabelo castanho escuro estava alguns centímetros mais curto a dois dias, e agora um boné preto cobria seus fios. Ele estava usando um cardigã preto e uma regata branca, junto a calças jeans de cor escura e coturnos. Ele parecia radiante quando finalmente chegou até nós.

— Procurei vocês pela universidade toda — falou, arrumando a mochila sobre os ombros.

— Desculpe. Estava indo encontrar vocês quando dei de cara com algo bem... — olhando sugestivamente para Brianna, enfatizei a última parte — *interessante*.

Ela me fuzilou com os olhos e começou a caminhar sem nos convidar. Ela voltou a mexer em seu celular e rindo, acompanhei-a junto a Eric.

— Perdi algo? — ele perguntou, sorrindo.

Neguei.

— Apenas Brianna negando fortemente seus sentimentos.

— Nenhuma novidade, então.

Eu ri, e nós ganhamos mais um olhar matador de Brianna. Ela não pareceu se importar quando Eric ergueu o celular e fotografou sua carranca. Brianna apenas revirou os olhos e diminuiu um pouco o passo, andando ao nosso lado desta vez.

Olhei para Eric.

— Você deve ter uma pasta repleta de fotos ridículas nossas, não é?

Ele sorriu enquanto entrávamos em um corredor mais cheio. Talvez Kellan estivesse aqui também.

— Eu poderia mentir, mas não dá para negar o óbvio — respondeu, simplista. — Você e Brianna são uma fábrica de memes ambulantes. Não consigo parar.

— Ao menos tem alguma foto bonita minha?

Ele apertou os olhos.

— Você me ofende perguntando isso, princesa. — Mexeu em seu celular, me mostrando uma foto onde estou distraída com uma mão no queixo. — Não subestime meu talento. Você não tem Instagram, não é? Crie um e coloque a foto de perfil.

Pisquei, cruzando meus braços em frente ao peito.

— Não gosto dessas coisas, sabe? Dessa exposição — menti, desviando meus olhos.

Ao meu lado, Brianna soltou uma risada sarcástica, paralisando no lugar de repente.

— Você não parece odiar exposição quando está em todas as páginas de fofoca, porra! — Ela se virou para mim, parecendo perplexa. — Quando você ia nos contar que está para se casar com Kellan neste fim de semana?

Ergui minhas sobrancelhas.

— De onde tirou uma besteira desse tamanho? — Eu ri. — Não vou me casar com Kellan neste fim de semana.

— Ela nos contaria, Brianna — Eric reforçou, sorrindo.

Mas ela não pareceu convencida quando colocou o celular em frente ao meu rosto e demorou alguns segundos até que meus olhos se fixarem na minha foto ao lado de Kellan. Estávamos vestidos com as roupas de dois dias atrás e logo em frente ao campus da universidade.

Ele tinha a mão segurando a parte de trás da minha nuca como se fosse me beijar. E eu sorria como uma idiota. Mas o que mais me pegou, foi a legenda enorme logo abaixo.

“Os maiores impérios da Califórnia estão mais unidos do que nunca. Kellan Royal e Ryen Rodríguez se casarão neste fim de semana”

Minha foto estampada em um site de fofoca. Tudo o que eu mais temia.

— Não, não! — Olhei ao redor, vendo que algumas pessoas me encaravam. Voltei minha atenção para meus amigos. — Isso é mentira, Kellan nunca me pediu em casamento!

— Essa página é super séria e nunca a vi postar fake news — ela rebateu, antes de suspirar. — Não estou duvidando de você, mas se eles postaram algo deste tamanho, tiveram a permissão de alguém.

Neguei, um pouco atordoada demais para conseguir pensar.

— Ryen... — Eric deu um passo em minha direção.

Ignorei-o e passei meus olhos pelos alunos curiosos, procurando Kellan para que ele desse um jeito de mandar derrubar a maldita notícia falsa. Assim como eu, ele deveria estar furioso com a mentira. Lutei tanto para não parar em jornais e agora estava estampada em uma página de fofoca.

Para a minha sorte, meus olhos pousaram em Kellan parado na entrada da universidade com as mãos nos bolsos de seu moletom. Eu vesti minha blusa e fui em sua direção, desesperada para chegar até ele.

Ignorei os murmúrios dos alunos e, antes de chegar até Kellan, vi Jenna me encarando com os olhos assassinos. Ignorei-a também e mantive meu foco.

Mas não tive tempo de realmente me aproximar quando uma multidão eufórica apareceu na entrada onde Kellan estava, me fazendo estancar no lugar. Kellan se virou lentamente para mim, parecendo sentir que eu estava logo atrás dele.

Flashes continuaram a ofuscar minha visão, mas nem mesmo me importei com isso. Tinha algo muito mais importante sendo processado em minha mente.

Lentamente e mais uma vez, movi meus olhos para Kellan e encontrei sua expressão neutra. Como se ele não estivesse surpreso, como se já esperasse. E quando minha ficha caiu, pude finalmente sentir a verdadeira dor de ser traída.

Kellan foi quem os chamou.



*Você poderia encontrar um jeito de me decepcionar aos poucos?
Espero que você possa me mostrar um pouco de compaixão.
Se você for, eu vou ficar tão sozinho.
Se você está partindo, amor, me decepcione aos poucos*
Alec Benjamin, feat. Alessia Cara - Let Me Down Slowly

Ryen Rodríguez

— Foi você.

A acusação saiu por entre meus lábios, deixando um gosto amargo em minha boca. Era uma sensação ruim que apenas perdia para o buraco do vazio em meu peito. *Kellan chamou os repórteres. Kellan foi quem falou aos paparazzis que nos casaríamos. Kellan foi quem me traiu.*

Foi Kellan.

Kellan.

Kellan.

Kellan.

Deus, eu esperava isso de todo mundo, menos *dele*.

Seu olhar se manteve firme no meu e neguei com a cabeça, tentando ignorar a verdade. Ele não estava surpreso como eu, e tão pouco se importava com as milhares de fotos que estavam sendo tiradas. Kellan parecia estupidamente confortável com todo o caos que instalou na minha vida em menos de dez minutos.

— Ryen, quando voltou à cidade? — um repórter perguntou.

— Vocês vão mesmo se casar?

— Por que o casamento repentino?

— Você está grávida?

Dei um passo para trás, atordoada com o tiroteio de perguntas que não paravam nem por um segundo. Cobri meu rosto quando um flash forte

demais quase me cegou.

Algo foi posto sobre meu cabelo, cobrindo minha visão e olhei para cima, encontrando a aba de um boné. Eric e Brianna estavam ao meu lado e minha amiga também havia colocado a jaqueta que estava vestindo sobre minha cabeça.

Em seguida, começaram a me arrastar por entre os repórteres e Kellan, para quem lancei um último olhar, deixando que ele visse o quão traída eu estava me sentindo por uma coisa que compartilhei ser um medo. Ele apenas ergueu o queixo e não pude identificar o olhar que tinha no rosto.

Virei o rosto e caminhei com meus amigos. Ambos tentavam afastar os repórteres e senti a parte de trás da minha nuca queimar, e eu sabia que era o olhar de Kellan.

Quando estávamos perto do carro de Eric, alguém me puxou pelo braço, com força o suficiente para obrigar Eric e Brianna a me soltarem e fazer a jaqueta da minha amiga cair. Meu corpo bateu contra o de alguém e ergui meu rosto, avistando a última pessoa que poderia me tocar agora.

— Me solta, seu filho da puta! — rosnei, tentando afastá-lo pelo peito.

Ele se curvou para sussurrar em meu ouvido.

— Te deixar ir nunca passou pela minha cabeça, amor — falou com a voz rouca, causando ao meu corpo traidor, arrepios porque suas palavras sempre tinham força. Mas eu já sabia que eram mentirosas e Kellan era um sádico.

— Eu mandei me largar!

— Solte-a, Kellan! — Brianna colocou a mão entre nós, olhando furiosa para o primo. — Essas estão invadindo a privacidade de vocês, por que não desmente esta história?

Pobre Brianna. Ela ainda não tinha percebido que o primo estava por trás de tudo isso.

Ele lhe lançou um olhar assassino.

— Fique fora disso, Brianna. Isso não te interessa em nada — rosnou, me puxando de vez para longe de minha amiga.

— O quê...? — Brianna murmurou, trocando um olhar confuso com Eric.

Em resposta, Kellan arrancou o boné da minha cabeça e centenas de flashes foram disparados. Tentei virar o rosto, mas ele agarrou minha cintura

e me manteve firme contra seu corpo. Me mexer era quase impossível.

— Vocês estão assustando minha noiva, vamos acalmar os ânimos — ele falou, um sorriso pendendo em seus lábios. Seu tom foi dissimuladamente simpático. — Ryen ficou muito tempo fora de Miami, ela não está acostumada com toda esta atenção.

Coloquei a mão sobre a dele que estava em minha cintura, tentando afastá-la.

— Vocês namoraram a distância?

— Há quanto tempo estão juntos?

— Ryen, você está grávida?

Arregalei meus olhos e abri a boca para desmentir tudo, porém Kellan foi mais rápido:

— Ela *ainda* não está grávida, mas com certeza planejamos formar uma linda e grande família. — Sorriu largo e cínico, me deixando furiosa.

— Vocês se amam? — uma repórter perguntou.

Essa me pegou. E em cheio.

Porque eu amava Kellan, mas, aparentemente, eu era apenas diversão para ele. Ele gostava de ser cruel comigo, como agora.

Kellan olhou para mim, e tentei me esquivar de seu toque quando sua mão se ergueu para tocar minha bochecha. Porém, fui impedida de completar meu ato, e o gesto dele arrepiou meu corpo.

— Eu daria minha vida por ela.

Alguns murmúrios contentes e bobos escaparam dos repórteres e cerrei meus dentes, agarrando sua camisa.

— E eu mataria você — rebati, apenas para ele.

Kellan sorriu de lado, mas não alcançou seus olhos. Pela primeira vez, ele não parecia estar verdadeiramente se divertindo ao me ver furiosa. Mas mais uma vez, ele era um mentiroso. E sabia muito bem enganar.

— Por favor, posem para as fotos! — um homem gritou, erguendo a câmera em frente ao olho.

Cravei minhas unhas na mão dele com força o suficiente para tirar sangue, mas ainda assim o infeliz não me soltou.

— Me deixe ir — exigi baixinho em meio aos microfones, tentando não fazer uma cena ainda maior.

Imaginava como essa confusão cresceria se eles soubessem que Kellan estava mentindo. A atenção deles dobraria de tamanho, e eu não

queria isso. Não queria que meus tios ficassem sabendo do grande filho da puta que eles tinham como filho.

Como alguém tão sádico e psicótico poderia sair de pessoas tão boas? Kellan era muito parecido com o pai, mas me questionava se, em algum momento, meu tio fez com a tia Lily o que seu filho estava fazendo comigo agora. Deus, eu queria odiá-lo. Queria matá-lo.

— Um beijo, por favor! — gritaram mais uma vez, arrastando um coro de concordância.

Eu encarei o homem ao meu lado, suplicando para que ele não atendesse a este pedido. Mas ele se virou na minha direção e agarrou meu queixo, acariciando-o com o polegar. Neguei com a cabeça, sentindo meus olhos marejarem.

Estava doendo como o inferno e, neste momento, eu nem mesmo conseguia ficar com raiva dele. Tinha apenas a dor amarga e insuportável de ver minha confiança sendo pisoteada. Odiava me sentir como a pobre coitada da história, mas agora eu realmente me sentia miserável.

— Eu vou te odiar ainda mais depois disto tudo... — murmurei, vendo-o chegar cada vez mais perto.

Eu iria me obrigar a repudiar seu toque assim como tudo nele. Não fiz errado em não contar para Kellan que matei Callum. Ele aparentemente usaria isso contra mim como um trunfo.

Ele analisou meu rosto, e um sorriso mínimo, mas diabólico, surgiu em seus lábios.

— É um risco que vou ter que correr. — Então, me beijou.

Sua mão subiu para a minha nuca e sua língua pediu passagem, mas não a deixei entrar. Mantive minha boca fechada e minhas mãos ao lado do meu corpo, me recusando a absorver qualquer coisa dele.

Eu iria arrancar qualquer vestígio dele do meu corpo.

Meu coração doeu, e eu não entendia o porquê de ele estar fazendo isso comigo. Era tudo brincadeira? O que de tão grave eu fiz para ele brincar assim com meu coração? Ou não era nada pessoal e ele era apenas um idiota psicopata?

Mesmo de olhos fechados, pude sentir as fotos sendo tiradas e Kellan foi o primeiro a se afastar. O sorriso que tinha no rosto me enfureceu, e senti a primeira lágrima escorrer por minha bochecha.

Ele se afastou um pouco e aliviou seu aperto em minha cintura. E, como se soubesse disso, Brianna me puxou para longe dele, arrancando o

boné de Eric de sua mão.

— Vamos, Ryen. Deixa esse idiota aí — ela chamou.

Mas antes de dar as costas a Kellan, um sorriso amargo se esticou em meus lábios.

— Você não brincou quando disse que faria o mundo queimar... — Ergui meu queixo enquanto sentia mais algumas lágrimas caírem. — Só se esqueceu de dizer que eu queimaria junto.

Ele assistiu uma lágrima descer e esticou a mão, ainda a recuperando em minha bochecha. Pousou os olhos em mim, mas nenhum pedido de desculpas saiu. Nem mesmo o típico e nada original “*Não é o que você pensa*”.

Nada veio. Talvez o próprio soubesse que não havia explicação para isto.

Eu afastei a mão de Kellan e lhe dei as costas, entrando no carro de Eric. Ele não tentou me impedir desta vez, nem mesmo quando o carro deu partida.

Pelo canto do olho, vi-o me dar as costas também, talvez porque não se importasse, ou apenas para falar com os paparazzis, eu não sabia. Mas ele não deu a mínima quando fui embora. Desde que tudo aconteceu, não vi uma sombra de culpa ou arrependimento.

E eu apenas engoli a verdade de que, talvez por hora, ele já estivesse satisfeito.



Sem nenhuma delicadeza, enfiei minhas roupas na mala, sem me preocupar se iriam ficar bem-organizadas ou não. Precisava sair do apartamento de Kellan o mais rápido possível, antes que ele chegasse.

Neste momento, qualquer sentimento de pena para comigo mesmo havia sumido. E apenas a vontade avassaladora de me vingar dele prevaleceu.

Brianna e Eric estavam lá embaixo, vigiando a porta. Sabia que se Kellan quisesse entrar, ele o faria. Afinal, o apartamento era dele e o filho da puta era alguém imparável. Mas ao menos eu não seria pega de surpresa

como mais cedo. Fui extremamente burra em acreditar nele por todas essas semanas e isso me custou muito.

Killer me encarou, sentado sobre as patas traseiras. Com certeza nem desconfiava do que tinha acontecido. Engoli em seco, fazendo-lhe um carinho breve.

— Tenho que achar meus documentos e passaporte, Killer... — murmurei para mim mesma, olhando ao redor.

Onde aquele idiota poderia ter escondido?

Durante os dias aqui, não me importei em procurar. Agarrada a ilusão de que uma hora ou outra ele iria me devolver. Mas agora não havia espaço para pensamentos ingênuos como estes.

Uma batida na porta ressoou pelo quarto e levei meus olhos para lá, encontrando Eric.

— Posso entrar? — ele perguntou, sorrindo curto.

Eu assenti, voltando a arrumar minhas malas. Eric foi até minhas roupas largadas na cama e as dobrou para mim, colocando-as dentro.

— Então Kellan não avisou sobre o casamento? — perguntou. — *Aquele* foi o pedido?

Cerrei meus dentes.

— Não vai haver casamento. Ele nunca me pediu e se o fizesse agora, ficaria viúva antes mesmo do padre dizer amém.

Ele sorriu.

— Vocês são... complicados — murmurou, parecendo ter dificuldade para achar uma boa definição. — Por que tem tanto medo da mídia, Ry?

— Eles me sufocam.

— Compreendo. Raphael também os odiava.

Mordi meu lábio, repentinamente culpada por mentir para o meu melhor amigo. Mas sinceramente? Se um dia cogitei contar algo para ele e Brianna, isso foi por água abaixo.

E me sentia culpada por isso já que minha amiga “*expulsou*” Christian de seu apartamento para que eu fosse morar com ela. E ele estranhamente cedeu muito fácil.

Além de sentir minha confiança abalada, mesmo sabendo que eles não eram como Kellan, não poderia arriscar. Aparentemente, eu não sabia muito bem julgar as pessoas a minha volta. E quantos menos eles souberem, melhor seria.

— Vocês definitivamente acabaram hoje? — Eric continuou, despertando-me dos meus pensamentos.

Pisquei, encarando-o

— De verdade? Se nós realmente tivéssemos algo sério, ele não teria feito isso comigo... — Suspirei, apertando meus punhos. — Confessei coisas a Kellan, Eric. E ele as usou contra mim.

— Raphael teria dado uma surra nele. — Eric negou com a cabeça e eu sorri.

— Ele com certeza não ficaria do lado de Kellan.

Ele assentiu, fazendo um carinho breve em Killer.

— É confuso que ele tenha feito todas essas coisas com você quando ele te olha diferente.

Ri, amarga.

— Psicopatas são bons atores.

— Podem até ser, mas não consigo acreditar que alguém possa fingir... — Se calou, procurando uma palavra certa antes de enfatizá-la. — *Daquela* forma.

Eu não o respondi. Não sabia o que dizer.

Kellan não disse que mentiu sobre seus sentimentos, mas ainda sim quebrou minha confiança com uma frieza impressionante. Ele estava se divertindo com tudo aquilo.

Eric se afastou da minha mala.

— Acho que você não tem cabeça para conversar agora, não é? — falou, atraindo minha atenção para vê-lo sorrir de maneira compreensiva.

— Me desculpa, eu acabei...

— Pensando demais, eu entendo. — Veio até mim, plantando um beijo em minha testa. — Está tudo bem, princesa. Vou deixar que pense melhor sozinha.

— Obrigada — agradei.

Eric sorriu uma última vez antes de me dar as costas e sair do quarto. E quando encarei minha mala, vi que apenas cinco peças estavam desorganizadas e meu amigo havia dobrado o resto. Sorri.

Terminei de organizar o resto e caminhei em direção ao closet de Kellan, onde ele tinha deixado um espaço para meus sapatos após ter insistido para que eu compartilhasse o cômodo com ele.

Analisei o grande espaço, me certificando de que não tinha esquecido nada, nem mesmo um elástico de cabelo. Quando então, encarei

a porta de vidro repleta de tiaras. Abri e peguei uma em mãos, me sentindo confusa ao olhar para a minha preferida de pedrinhas brancas. Eu tinha uma lilás dentro da minha mala, aquela que ele me deu exigiu que eu usasse com tanto ímpeto. A guardei em meio a pressa e momento de atordoamento.

Se ele faria isso comigo, por que se deu a todo este trabalho?

Em segundos, a fúria se tornou ainda maior e joguei a tiara no chão, reunindo as outras em minhas mãos. As coloquei sobre a cama e peguei uma, partindo-a ao meio. Então, andei até a enorme janela do quarto e a joguei pela janela, não me importando com o quão cara elas eram.

Parti mais algumas no meio e outras em pedaços mais multiplicados, descontando toda minha frustração e *ódio*. Killer latiu quando peguei um jarro em cima da cômoda e a atirei ao lado da porta.

Um burburinho se formou lá embaixo, mas ninguém subiu para ver o que era. E foi bem melhor assim.

Encarei as lindas tiaras espalhadas sobre a cama e atirei mais duas pela janela, frustrada de não ter nem mesmo um isqueiro por perto. Eu queria incendiar este apartamento todo, e agora só restava uma tiara.

Vi Killer ir até a porta e latir para o corredor quando peguei a última tiara.

— Não vá para o quarto, deixe-a sozinha, Kellan! — Ouvi Brianna gritar.

Senti o frio se acumular em minha barriga e ergui meus olhos, apertando meus dedos no fino arco da tiara.

Kellan apareceu na porta, tão alto e largo quanto ela. A jaqueta preta e a blusa branca lhe dando um ar sofisticado, mas todo mundo sabia que este filho da puta tinha tudo, menos boas maneiras.

Prendendo meus olhos nos dele, eu parti a tiara ao meio, deixando-a cair ao chão.

Ele arqueou uma sobrancelha, enquanto dava um passo à frente e analisava o próprio quarto. Jarro quebrado, tiaras espalhadas e destruídas. Mas ao contrário do que pensei, o idiota estava aparentemente calmo.

Killer cheirou sua mão, mas Kellan não prestou atenção nele. Seus olhos se fixaram em mim e isso afundou meu coração.

Brianna apareceu atrás dele.

— Deixe Ryen em paz, você já fez merda demais! — Tentou empurrá-lo pelo peito, mas ele nem mesmo saiu do canto.

Eric apareceu e puxou Brianna pelo braço, ganhando um olhar confuso da amiga em resposta. Ele a ignorou enquanto continuava a puxá-la pelo braço, ouvindo-a reclamar. Não sabia se Killer chegou a pensar que era uma brincadeira, mas ele os seguiu, me deixando sozinha com Kellan.

Cerrei meus dentes.

— Onde estão meus documentos e passaporte? — questionei, erguendo o queixo.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Vejo que se diverti enquanto eu estive fora — insinuou, olhando brevemente para a tiara aos meus pés. Ele voltou a me encarar. — O que foi, amor? Não gostava dessas cores?

— Não me chame de amor, seu filho da puta sádico e mentiroso! — rosnei.

Kellan deu mais um passo em minha direção.

— De madrugada você estava morrendo de amores por mim, e de repente eu sou um filho da puta? Irônico, não?

— Sou tão inconstante quanto o seu caráter.

Ele sorriu.

— Te pedi em casamento e é assim que me trata? — Ele continuou vindo até mim. — Tem que mudar este comportamento tóxico e agressivo antes de subirmos ao altar, amor.

Desta vez, não contive o riso debochado.

— Quem disse que vamos para o altar?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Prefere na praia, então?

Contive a vontade de bater o pé no chão como uma garota mimada de tanta frustração que senti.

— Não vou me casar com você em lugar algum, seu idiota! — vociferei, me virando para fechar minhas malas. — Eu estou indo embora agora mesmo!

— Não, você não vai — ele falou e senti sua presença em minhas costas.

Eu rapidamente me virei, firmando meus dedos no canivete em meu bolso.

Ergui meu queixo.

— Você não acha que já fez o suficiente? — Encarei-o, furiosa. Seus olhos vasculharam meu rosto.

— Ainda não.

Apertei o canivete com tanta força que meus dedos doeram. Queria cravá-lo em Kellan, mas algo me impedia. Meus sentimentos estúpidos.

E eu ainda estava, inutilmente, me agarrando ao que nós éramos.

— Você não chamou aquelas repórteres apenas pelo casamento falso, não é? — interoguei, soando mais patética do que eu queria. — Você fez isso porque sabe que tenho muito a perder. Eu te confessei muitas coisas, mas não pensei que você fosse fazer isso comigo.

Ele ergueu uma mão, não dizendo nada enquanto a levava até meu rosto. Eu bati nela, afastando-a.

— Não me toque, você me dá nojo! — cuspi, vendo-o erguer a sobancelha e cerrar a mandíbula. Eu engoli em seco. — Foi divertido pedir que eu me abrisse para você e dizer aquelas palavras para então usar tudo o que eu disse contra mim? Você se divertiu ao saber que eu continuo a mesma idiota apaixonada de cinco anos atrás? Foi bom brincar com a minha confiança assim?

Kellan viu as lágrimas se acumularem no canto dos meus olhos, mas as segurei, não deixando uma única cair. Seu silêncio me enfureceu.

— Não vai dizer nada? Vai ficar calado? — grunhi.

Ele estava perto demais agora.

— Achei falta de educação te interromper, você parece ter muito a dizer — falou, pondo as mãos nos bolsos da calça. Ele sorriu. — Mas ajuda se eu apenas disser que sou inocente?

Eu ergui a mão e ele poderia ter me impedido, mas não o fez. Bati em seu rosto, fazendo-o virar minimamente para o lado.

Respirei fundo, sentindo meu sangue ferver. Isso era tudo um circo para ele?

— Você acha isso engraçado?

Ele lentamente voltou a me encarar, a bochecha pálida ficando avermelhada. Mais uma vez, ele não me respondeu e eu decidi que não perderia mais meu tempo.

— Quero meus documentos e passaporte.

— Não.

Eu ri, hostil.

— Por que você se importa? — questionei. — Já atuei demais nesta sua peça.

Kellan avançou e dei um passo para trás, e teria caído na cama se não fosse pela mão que ele usou para envolver minha garganta. Então, ele me trouxe para mais perto.

— Nós ainda não acabamos, amor — ele declarou, usando a mão livre para escovar o polegar por minha bochecha. — Então *não* para te devolver seus documentos e *não* para te deixar em paz.

Bati meus punhos em seu peito, tentada a usar o canivete.

— Você não vê que não sobrou mais nada para destruir? — rosnei, segurando a vontade de chorar. — Você me decepcionou demais, Kellan! Fez isso mais rápido do que eu sequer ousei pensar que faria!

— Eu não quero te destruir, ainda não notou isso? — rebateu, me encarando nos olhos.

— Você diz uma coisa, mas faz outra completamente diferente — falei, negando com a cabeça. — Você diz que não quer me destruir, mas é o primeiro a me jogar na cova dos leões quando está entediado!

Ele semicerrou os olhos.

— Ainda é um *não* para tudo o que você pediu. — Me soltou.

— Não estou pedindo por uma coisa que é minha, estou *exigindo* que entregue meus documentos e passaporte.

Ele cruzou os braços.

— Por quê? Você vai fugir?

— Isso não te interessa.

Kellan riu, passando a língua nos dentes.

— É aí que você se engana pra caralho — disse, achando graça. — Você não está saindo da cidade.

Apertei meus punhos com tanta força que senti minhas unhas machucarem minhas palmas.

— Foda-se, eu estou saindo deste apartamento, então — declarei, terminando de fechar minhas malas.

Eu as coloquei no chão e passei por ele, que assistia a tudo quieto. Mas antes que eu chegasse à porta, ele a trancou com o próprio corpo, não me dando nenhuma brecha. *Maldita muralha*.

— É fofo como pensa que vou te deixar sair deste apartamento. — Sorriu, prepotente.

— Vai me manter em cárcere privado? — Arqueei uma sobrancelha. — Você se mostra pior a cada segundo que se passa.

— Mantenham seus elogios para si mesma, amor. Você *não* está se afastando de mim.

— Tarde demais, não acha?

O rosto dele estava despreocupado enquanto deu um passo na minha direção.

— Você *fica*.

Ergui meu queixo, vendo-o ficar a centímetros de mim.

— Eu vou para o apartamento de Brianna e você não vai me impedir.

— Quer mesmo medir forças comigo?

Sorri.

— O único jeito de me manter aqui é a força.

— Estou tentado, confesso.

Não era possível. Depois de tudo, ele ainda estava achando graça? Até onde o psicopata iria por diversão?

Dei um passo em sua direção.

— Se não me deixar ir embora, eu juro que vou ficar sem comer por dias — avisei, determinada. — E se você me obrigar, vou enfiar o dedo na garganta e vomitar tudo na privada. Você decide. Sabe que não tenho muito apego a minha vida, de qualquer maneira.

Nem sei porque estava o ameaçando com o meu bem-estar. Kellan parecia apenas me ver como uma diversão.

Mas, para a minha surpresa, ele deu um passo para o lado, me dando passagem.

— Encare o apartamento de Brianna como alguns dias de férias, amor. Você vai precisar estar descansada. — Sorriu e eu ignorei o tom sugestivo de sua voz.

Passei por ele de queixo erguido enquanto carregava minhas malas e senti a minha nuca queimar. Em outro momento, ele não deixaria que eu fosse embora, nem por toda ameaça do mundo.

Mas ele o fez agora.

Antes de descer as escadas, Kellan proferiu mais algumas palavras com a voz rouca e grave que eu demoraria um tempo para esquecer.

— Não tente ir embora, Ryen. Eu sou capaz de ir até o inferno para te trazer de volta.

Sorri, o humor ácido surgindo acompanhado por uma dor no peito. *Ele mentia tão bem.*



*Te dizem que você é o melhor.
Mas pelas costas, eles nos odeiam.
Oh, que castigo.
Todo mundo quer ser meu inimigo*
Imagine Dragons, feat. JID - Enemy

Kellan Royal

Com o cigarro por entre os dedos, encarei a tiara lilás largada perto da sacola de lixo e um suspiro me escapou.

Tinha passado alguns anos guardando essas tiaras, na verdade, desde o aniversário de doze anos de Ryen. Estava esperando o aniversário de quinze dela para presenteá-la com a tiara branca de pedrinhas que achei largada próximo ao meu closet. Eu lhe dei uma lilás, porém nunca a vi usar.

Mas ela fez isso com a tiara que achou guardada no meu closet e pertencia a ela há muito tempo. Fez isso quando a coloquei em sua cabeça e implorei pateticamente que dançasse para mim.

Não fazia a mínima ideia do que ela fez com a que eu lhe dei, mas apostava que ela já a mandou para o inferno assim como a fez com as outras.

Quando vi os destroços das tiaras em meu quarto não fiquei surpreso, embora a frustração tenha surgido na mesma hora. Ela estava furiosa, e mesmo que ela ficasse linda assim, eu odiei o olhar que ela tinha no rosto. Eu a deixei ir embora, mas não porque ela me ameaçou com a própria vida, mas porque eu quis.

Não me entediaria vigiá-la para ver se realmente se forçaria a vomitar sua comida, a bobinha realmente não sabia o quão obcecado eu era em observá-la até mesmo não fazendo absolutamente nada.

Mas, por hora, eu lhe daria descanso.

Joguei o saco de lixo fora e apanhei a tiara, andando de volta para dentro do prédio. Pelo jeito que está estava bem ao lado da lixeira, com certeza a outra estava dentro. Mas eu não me arriscaria a procurá-la dentro de todo aquele lixo, eu poderia muito bem comprar mais malditas tiaras.

Meu celular vibrou em meu bolso quando me aproximei do elevador e o peguei, vendo que era mais uma das centenas de ligações da minha mãe. Desde que a notícia do meu casamento com Ryen foi aos jornais, eu vinha evitando-a e meu pai a todo custo. Não de propósito ou porque eu gostava, mas porque não queria que nenhum dos dois me questionassem.

Três malditos dias se passaram, e atendi uma dessas ligações apenas para perguntar como minha mãe estava e dizer que estava bem. Ela tentou entrar no assunto mais falado da mídia nesta semana, mas eu sempre encerrava a chamada bem antes.

Durante esses três dias, não tentei invadir o apartamento de Brianna para ver como Ryen estava, queria deixá-la em paz como me fora exigido. Este pedido estava fora de cogitação, claro. Mas a minha Ryen precisava de um tempo para absorver todas as notícias dos últimos dias e a minha suposta traição.

Chamei o elevador enquanto dava uma tragada no meu cigarro, então o encarei, eu odiava fumar esta merda, mas estava procurando um meio de desestressar. E de verdade? Não estava funcionando porra nenhuma.

Saí do elevador e caminhei em direção ao meu apartamento, estancando no lugar ao ver meu pai parado diante da minha porta, vestindo um terno azul marinho perfeitamente alinhado. Ele estava de braços cruzados, as costas apoiadas na parede.

Dei uma última tragada e o joguei no chão, apagando-o. Meu pai assistiu sem dizer nada.

Com as mãos nos bolsos da minha calça de moletom, parei diante dele.

— Pai — falei, sorrindo de lado. — Que visita maravilhosa e *muito* inesperada.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Tem muita coisa inesperada acontecendo, e não é minha visita, Kellan.

— Pode me situar?

Seus olhos semicerraram.

— Corte o cinismo comigo, seu merdinha — disse, hostil. — Você sabe muito bem o que vim fazer aqui.

Eu revirei meus olhos e andei até a porta, destrancando-a após colocar a senha.

Entrei no apartamento, sentindo a presença imponente do meu pai logo atrás. Escutei-o fechar a porta e então me sentei no sofá e coloquei a tiara ao lado. Sorri.

Teria que levar esta situação com leveza se quisesse que ele saísse do meu pé. Ao contrário da minha mãe estar perdida, meu pai não era burro e conseguia ser um pé no saco quando estava disposto.

— E então? — ergui minhas sobrancelhas.

Ele cruzou os braços mais uma vez, assumindo uma postura que seria assustadora para alguns. Mas não para mim.

Era como olhar o meu próprio reflexo.

— De onde saiu a maravilhosa ideia de assumir um noivado com Ryen na frente de tantos repórteres? — perguntou entre dentes. — Não passou pela sua cabeça que sua mãe e eu deveríamos ter descoberto primeiro?

— Não se preocupe, vocês descobriram junto com Ryen.

Ele riu, sarcástico.

— Impulsivo e irresponsável. Claro, não sei por que esperei alguma explicação razoável daí.

Cerrei minha mandíbula.

— Não está bravo demais com algo que nem mesmo é da sua conta? — cuspi. — Você também não é muito bom em compartilhar informações, pai. Então não se meta em meus assuntos.

Ele deu um passo em minha direção.

— Acha que Ryen é brincadeira?

— Brincadeira ou não, ela continua sendo minha.

— Falo sério, Kellan. Ryen não é uma dessas garotas que você leva para cama, se diverte e em seguida joga fora. Ela é uma Rodríguez, seu merda. Quase da família.

Era engraçado que ele estivesse explicando isso justamente para mim.

— Por que você parece mais bravo do que Ryen? — Ergui uma sobrancelha. — Sabe, eu não pedi você em casamento.

Ele riu, sarcástico.

— Corte a piada comigo, Kellan — rebateu. — Sua mãe está sem conseguir dormir, pensando em como o filho agiu pelas costas dela.

Bufei uma risada.

— Imagina se soubesse sobre o marido, então.

Meu pai inclinou a cabeça para o lado.

— Ainda está com esta ideia idiota? É engraçado te ver brincar de detetive.

Desta vez, meu sorriso se alargou enquanto eu entreabria minhas pernas e tomava uma postura mais relaxada.

— Ainda mais engraçado é a loira com quem você se encontra depois de sair do trabalho.

Meu pai arqueou uma sobrancelha.

— Não sei do que você está falando.

— Agora vejo de quem puxei meu cinismo. — Sorriu, passando as mãos pelo meu cabelo.

Ele compartilhou do meu sorriso.

— Você é dedicado, admito — assentiu —, mas muito burro.

Eu ri, minha risada camuflando toda a minha revolta em saber que talvez meu pai estivesse traindo minha mãe com uma mulher muito mais jovem.

— Foda-se, minha mãe vai estar sabendo disso — cuspi, despreocupado.

— Antes, tenha a certeza de que eu estou traindo-a.

— Você não fala nada quando questionado, acho que isto já é uma confirmação, não é? — rebati.

— Se preocupe mais com a sua própria vida, Kellan. — Riu em escárnio. — Você nem consegue resolver os próprios problemas, não procure mais um.

Dei de ombros.

— Eu não tenho problemas para resolver.

Meu pai assentiu, passando a mão pela barba curta em seu queixo.

— Rylen sequer concordou com este casamento, não é?

De repente, fiquei tenso.

Não me importei mais em fingir uma calma que eu não sentia. Agarrei o sofá e estreitei meus olhos na direção do meu pai, sentindo-me repentinamente ameaçado.

— O que foi? — indagou ao notar minha mudança de expressão. — Acha mesmo que eu não procuraria saber por Ryen quando você não responde às minhas perguntas sobre o casamento?

Porra, Ryen.

— Fique fora disto — rosnei, ficando de pé.

Meu pai ergueu o queixo.

— Já sei que vocês estavam morando juntos a semanas, e o fato dela não estar aqui agora, e sim morando com Brianna, só mostra que vocês terminaram. — Ele sorriu, prepotente. — Isso se ela chegou a aceitar o casamento, de fato.

Apertei minhas mãos em punhos, furioso com o meu pai e toda esta postura arrogante e indiferente. Então era isso que Ryen enfrentava com isto? Bem, que se dane. Não gostei de tomar um pouco do meu próprio remédio.

— Falei para não brincar com a garota, Kellan — meu pai continuou. — E qual a primeira coisa que você faz? Dar um tiro no próprio pé.

Eu consegui sorrir por cima da raiva.

— Não tente me manipular com minhas merdas para encobrir as próprias — rebati, ácido. — Tenho certeza de que um casamento incerto é pior do que uma traição. Você já está velho para essas fugidinhas, não acha?

Meu pai colocou as mãos nos bolsos da calça de seu terno.

— Tem provas de que eu estou traindo sua mãe?

— Tenho fotos de vocês com a loira de pernas longas em um restaurante depois do trabalho. No mesmo horário em que você deveria estar em casa.

Ele deu de ombros.

— São reuniões de negócios.

— Com a mesma pessoa e sozinhos? Que meiga, ela abriu a empresa agora? — rebati, não escondendo meu humor ácido.

Os olhos do meu pai se estreitaram e ele deu mais um passo em minha direção. Agora estávamos cara a cara.

— Você está indo por caminhos não recomendados, Kellan.

— Assim como você, pai. — Cerrei meus dentes. — Dê um jeito na piranha antes que eu o faça. Não sei o quanto gosta dela, mas não acho que quer vê-la destruída.

Meu pai suspirou, dando um passo atrás enquanto parecia entediado.

— Ela não é minha amante.

— Foda-se, a quero longe. Ou então, contarei a minha mãe.

Meu pai piscou, um sorriso se esticando em seus lábios enquanto ele negava com a cabeça. Certamente achando graça de como eu estava parecendo uma criança exigente. Mas quanto a este assunto, eu estava irredutível.

— Ameaças não funcionam comigo, Kellan — disse, indiferente.

— Irão funcionar quando você se encontrar solteiro.

Meu pai estava prestes a me responder quando seu celular tocou e ele o puxou para fora, o atendendo. Ele falou por alguns segundos antes de agradecer algo a sua secretária e dizer que já estava a caminho.

Então, fixou os olhos em mim e voltou a guardar o celular no terno. Eu fui em direção a porta e digitei a senha, abrindo-a para ele. Meu pai veio em minha direção e arrumou a gravata.

— Brinque de detetive o quanto quiser, Kellan — falou, seco. — Mas está foi a última vez que me ameaça.

Eu sorri.

— Suas palavras me assustariam se não tivéssemos o mesmo sangue.

Meu pai me deu um último sorriso antes de passar pela porta e ir embora.

Eu fechei a porta com força, ouvindo-a trancar na mesma hora. Encarei o centro no meio da sala e o chutei, o mesmo não virando por pouco. Passei as mãos pelo meu cabelo, furioso com toda esta merda.

Meu pai tinha um teto de vidro mais frágil do que eu, mas ainda assim se sentia no direito de atirar pedras no meu. Éramos mais parecidos do que era eticamente possível, mas eu não iria me acovardar.

Travar uma guerra com meu pai era dar um tiro no próprio pé, mas eu realmente não tinha medo. Tinha tantas armas quanto ele, e se ele quisesse medir forças comigo, seria uma batalha sangrenta.

Andei em direção ao meu sofá e me sentei, pegando meu notebook que estava logo ao lado. O coloquei no colo e abri, clicando em um aplicativo em específico.

Ao abrir, fui direcionado à sala de Brianna, assim como as diversas outras janelas. Por três dias, eu observei Ryen como um louco obcecado. Cada movimento e conversa que ela tinha com Brianna e Eric. Deixei que

ela rejeitasse a presença de Yun em seu apartamento, e elas juraram que era porque eu não me importava mais.

Eu disse que a deixaria em paz para descansar e mantive minha palavra. Mas eu não disse nada sobre deixá-la sozinha, de fato.

Não seria burro de deixar que Ryen saísse daqui com seu stalker ainda por aí. Então, cinco dias antes, invadi o apartamento de Brianna e instalei as câmeras em cada cômodo. Um pouco extremo, mas eu não me importava.

Encarei a tela atentamente e, diferente de mais cedo, nem Brianna ou Ryen estavam presentes. Em nenhuma das janelas. E isso me deixou desconfiado pra caralho. Não gostava de perdê-la de vista nem por um segundo.

Estava prestes a ligar para Brianna quando meu celular vibrou em meu bolso e o peguei, vendo que era uma mensagem.

Yun

O que seria de você sem mim,
não é?

Eu

O que quer?

Yun

Se me perguntar com jeitinho,
eu até conto.

Eu

Por favor, conte

Antes que eu arranque suas tripas fora e deixe sua irmã literalmente órfã

Yun

Ok, isso foi mais convincente do que qualquer humilhação

Vou ser ser bonzinho e te contar 😊

A sombra de um sorriso apareceu, mas antes que ele sequer surgisse, ficou preso com a próxima mensagem que Yun enviou.

Yun

Mckay está dando uma festa na propriedade dele, e Brianna e Ryen estão aqui

Venha rápido, porra. Ficar de babá em meio a tanta droga é cansativo

Apertei meu celular em minha mão antes de jogar o notebook em meu sofá e subir as escadas a passos rápidos e pesados, encarando a tiara. Sei que tinha dito que deixaria Ryen em paz.

Mas ela tinha que andar na linha para começo de conversa.



Passei pelos portões e estacionei o carro em frente a propriedade de McKay. Era como uma mansão pequena e já tinha ouvido falar dela, ele a tinha apenas para festas. E eu nunca me interessei em participar delas.

E gostaria de saber se ele teria peito para me expulsar com Ryen lá dentro.

Desci do carro e tranquei as portas, acionando o alarme. Arrumei minha jaqueta de couro e passei os dedos por meu cabelo, ainda sentindo os fios um pouco úmidos. E pelo simples motivo de hoje ser uma noite fria, demoraria a secar.

Adentrei mansão e algumas pessoas na entrada arregalaram os olhos, com certeza chocadas com a minha presença. Todos sabiam que McKay e eu não nos gostávamos, mas poderia engolir isso se Ryen se comportasse.

A música alta com uma batida eletrônica foi a primeira coisa a me receber, em seguida o cheiro forte de maconha e álcool seguiram o mesmo exemplo. Deslizei meus olhos pelas pessoas, procurando Ryen e Brianna. Tinham tantas pessoas que isso seria uma tarefa difícil pra caralho. Mas queria garantir que minha *noiva* não iria usar nada.

Yun também não estava à vista, mas eu esperava que ele estivesse de olho nas duas enquanto eu não os achava.

Não fazia ideia se McKay, de fato, iria me expulsar. O filho da puta havia viajado dias depois que eu quebrei os dedos de sua mão, e estava quieto demais. Ele poderia ser um cachorro, mas sempre mordia o tanto que latia.

— Vai mesmo se casar com ela?

Olhei para o lado, encontrando Jenna parada, me encarando com os olhos avermelhados. Lhe dei um olhar indiferente.

— Não use suas merdas para falar comigo — cuspi, lhe dando as costas.

Jenna agarrou meu braço, me fazendo parar. Eu me virei para ela, me afastando do seu toque no processo.

— Não me toque, Jenna. Sequer fale comigo, porra — rosnei. — Não tenho tempo para lidar com você agora.

Os olhos dela marejaram e algumas lágrimas desceram por suas bochechas. *Ok, eu procurei por toda esta dor de cabeça.*

— Não se case com ela, eu sou muito melhor, Kellan! — Deu um passo em minha direção, agarrando minha jaqueta enquanto pressionava o rosto em meu peito. — Eu te dei tudo por todos esses cinco anos, não jogue fora assim!

Revirei meus olhos, afastando-a pelos ombros sem muita delicadeza.

— Coragem da sua parte implorar para que eu não a deixe depois que quase queimei seu rosto — desdenhei. — Você não tem amor-próprio, porra?

Ela negou com a cabeça.

— Eu mereci! — falou, tão perto que senti o cheiro de álcool e maconha. — Não deveria ter dito nada daquilo!

Assenti.

— Ótimo trabalho reconhecendo os próprios erros, Jenna. — Dei tapinhas em seu ombro antes de afastá-la de vez. — Mas pare esta cena patética de implorar por alguém que não te quer. Estou ficando com vergonha.

Mais lágrimas grossas desceram pelo rosto de Jenna e passei por ela como se não fossem nada. Porque era isso que ela era para mim. Um grande nada.

— Se você continuar com ela, vou me matar! — declarou em meio a música alta.

Ainda de costas, acenei para ela.

— Pedirei a McKay para que me informe o horário do velório.

Não dava a mínima se Jenna vivia ou morria. E eu era bom em manipulação, bom o suficiente para reconhecer uma manipuladora nata quando via uma.

Estava pronto para continuar a procurar Ryen, quando meu corpo foi jogado contra a parede mais próxima. McKay estava me colocando contra ela com a ajuda do antebraço que estava muito bem pressionado logo abaixo do meu pescoço.

Com uma sobrancelha arqueada, encarei McKay que sorriu.

— Muita coragem sua invadir minha propriedade e ainda fazer minha irmã chorar — sibilou, me mostrando os dentes. — Eu lembro de ter exigido que ficasse longe dela.

Sorri.

— Está perdendo seu tempo me dando estas ordens, é a sua irmã quem não entende o óbvio. — Empurrei-o pelo peito, me afastando da parede. — E não se preocupe, vou sair daqui assim que achar o que eu vim buscar.

McKay olhou para o lado e segui seu olhar, encontrando Ryen de costas para mim enquanto Brianna me encarava com clara revolta. Ao contrário da amiga, minha prima fazia questão que eu soubesse que ela tinha me visto.

Ryen estava claramente ignorando minha existência. E quanto mais ela fazia isso, mais eu me sentia atraído.

— Veio atrás da sua noiva? — ele questionou, fazendo com que eu o olhasse, vendo-o sorrir como uma cobra — Pelo visto não estão bem já que você teve que vir até aqui buscá-la.

Estreitei meus olhos em sua direção.

— Não cruze a linha, porra.

— Suas ameaças não funcionam comigo, Royal.

— Ficaré impressionado em saber que eu não trabalho com ameaças.

Ele riu, mas meu rosto se manteve sério, porém, inexpressivo. Dei um passo em sua direção, ficando cara a cara com ele.

— Você continua achando graça mesmo com todos os avisos. Mas vou dar o meu último... — Arqueei uma sobrancelha. — Se aproxime de Ryen e eu te mato. Não vou te bater, isso é muito pouco. Eu vou te arrastar direto para uma cova funda, e sua irmã vai chorar por você antes que ela venha rastejando até mim, implorando para se engasgar no meu pau.

McKay ergueu o pulso para me bater, mas antes que ele conseguisse, Yun apareceu ao lado dele, agarrando seu pulso.

— Vamos acalmar os ânimos, sim? — meu amigo disse, olhando para McKay com um meio sorriso. — Kellan não veio arranjar confusão.

O irmão de Jenna puxou seu pulso do aperto de Yun, dando um passo para trás. McKay o encarou por alguns segundos antes de voltar para mim e dar um meio sorriso.

Ele deu um passo para trás, então colocou as mãos nos bolsos de sua calça.

— Tem razão, não temos por que brigar hoje. — Manteve o sorriso. — Sorte sua que estou de bom humor, Royal. Mas aparentemente a sua vida amorosa não te proporciona o mesmo.

Ele começou a andar para longe de mim e avancei em sua direção, pronto para fazê-lo engolir todo esse deboche de merda. Mas Yun me barrou com o braço.

— Não fode, porra — atirou, me encarando. — McKay está tentando te tirar do sério e, dado as circunstâncias, aposto que Ryen não vai vir com você antes que o dono da festa te jogue para fora.

Afastei seu braço, me virando na direção de Ryen e Brianna. Desta vez, as duas estavam dançando e estava irritado demais para ir até elas e ver minha *noiva* me xingar de todos os palavrões que existiam.

Caminhei até o bar projetado no canto mais afastado da sala e agarrei um copo, esticando a mão para pegar uma garrafa de whisky no meio das muitas disponíveis. Despejei o líquido tanto no meu copo como no de Yun.

Ele o levou aos lábios, ficando de frente para as pessoas dançando enquanto apoiava os cotovelos no balcão.

— Ainda não consigo acreditar que você mais uma vez conseguiu foder com tudo — falou, se referindo a Ryen. — Precisava de todo aquele show expositivo, cara?

Dei um gole no meu whisky, encarando Brianna colocar as mãos na cintura de Ryen enquanto ambas reboavam. Assim como eu, Yun também as encarava.

— Se você não tem criatividade, o problema não é meu — rebati. — Aliás, onde está So-hee?

— Paguei alguém da confiança de Yuki para cuidar dela. Tinha que vir trabalhar — respondeu, sorrindo em seguida. — E pena que toda esta criatividade te custou a outra metade do matrimônio.

Rosnei.

— Você tem um desejo de morte, porra? Porque se tiver, posso realizá-lo.

Ele riu, negando com a cabeça.

— Sei que tem um fetiche em ceifar almas alheias, mas eu não sou uma ameaça — disse.

Eu não respondi quando dei mais um gole na minha bebida e encarei Ryen obsessivamente antes que ela parasse de dançar e olhasse para trás, me encontrando.

Seus olhos estavam repletos de mágoa e ela ergueu o queixo antes de me dar as costas novamente.

Estava vestida com uma saia curta de cor preta e uma blusa lilás com um grande decote nas costas. Em seus pés, botas de cano longo chegavam até seus joelhos com um salto de poucos centímetros. Seu cabelo estava solto e partido ao meio pouco antes dela adentrar os fios com os dedos e colocá-lo de lado.

O desejo subiu por meu corpo e apertei o copo de whisky, temendo que ele quebrasse.

— Já conseguiu encontrar o stalker da Ryen?

— Estou trabalhando para isso.

— Não conseguiu achar provas suficientes dos suspeitos em potencial? — Yun questionou, mas seus olhos estavam em Brianna.

Éramos dois idiotas obcecados, no final das contas.

Pelo canto do olho, vi uma figura de cabelos rosas parada a poucos metros. Encarei Yuki, e seus olhos deslizaram entre Yun e eu antes de digitar algo em seu celular. Em alguns segundos, o meu próprio vibrou e o peguei no bolso da calça.

Li a mensagem que ela me mandou e foi impossível controlar o ódio e traição que cresceu em meu peito e se agarrou ao meu coração como uma cobra peçonhenta.

Devolvi meu celular ao bolso e tomei um gole demorado da minha bebida.

— Ainda não — respondi sua pergunta anterior.

Yun assentiu.

— Suspeito de McKay, mas ele estava viajando nos últimos dias — murmurou, despreocupado. — Tem certeza de que o stalker envenenou o cachorro?

— Ele aparentemente é o único com ódio suficiente para ter feito aquilo. Mas agora eu não entendo o porquê. Não consigo achar um motivo plausível para isto.

Não conseguia compreender o que levaria alguém a ter tanto ódio de Ryen a ponto de tentar matar o seu cachorro como um aviso. Porque foi isso, um aviso.

Em nenhum momento ele quis avisar que estava ali, na verdade, o perseguidor quis mostrar do que era capaz.

Ele sabia tudo sobre ela e talvez eu fosse o maior culpado.

— Realmente espero que encontre quem machucou Killer — Yun continuou.

— Não acho que isto vai demorar. — Arqueei uma sobrancelha, não controlando um sorriso ácido antes de perguntar. — Você vai me ajudar, não é?

— Ainda pergunta, idiota? Sou fiel a você acima de tudo — respondeu, negando com a cabeça. — Temos que achar este filho da puta o quanto antes.

Agora foi a minha vez de assentir enquanto apertava minha mandíbula e voltava meus olhos para ele.

— Christian Yun tem um potencial imenso para atuação, admito. — Ri, desacreditado com sua coragem. — Não tem medo do que vou fazer com você?

Yun ficou em silêncio por alguns minutos e desviou os olhos de Brianna para encarar o chão. Então, ele engoliu, e foi lento e vagaroso.

— Você descobriu, então.

Foi rápido quando arremessei o copo contra a cabeça de Yun e ele ergueu a mão, protegendo a orelha. Mas a força que usei foi tão grande que ele deu alguns passos para trás. Eu não lhe dei trégua quando atingi seu rosto com um soco, fazendo-o cair próximo a algumas pessoas.

A música parou de repente, mas não me importei quando encarei o filho da puta com o nariz sangrando e alguns fios de cabelo espalhados pelo rosto. Sua testa também sangrava, culpa do copo de vidro.

Chutei o estômago de Yun e o vi se encolher, mas ele não revidou em momento algum. O desgraçado parecia apenas ter aceitado.

— Eu confiei em você, porra! — rosnei, subindo em seu estômago para socar seu rosto mais alguns vezes.

Ele grunhiu de dor, mas mais uma vez, não rebateu meus golpes.

Agarrei a gola de seu moletom, obrigando-o a me encarar em meio a sobrancelha e lábio cortados, e nariz sangrento. Ele era uma bagunça de machucados, mas ainda assim queria infligir mais dor.

— Por quê? — exigi, encarando-o.

Ele não me respondeu. Parecia um boneco sem reações logo abaixo de mim.

Ouvi a voz de Akira xingar, mas o Yuki o mandou ficar quieto, porque ela sim sabia da merda que estava acontecendo e com certeza tinha o mesmo sentimento de traição que eu.

Não quis aceitar que ele era suspeito de ser o stalker de Ryen. Mas depois que Yuki me mostrou um vídeo dias atrás dele entrando no apartamento de Ryan no mesmo dia em que Killer foi envenenado, isso mudou. E hoje tive minha confirmação.

“Sinto muito, Christian é o stalker”

Dois pares de sapatos femininos pararam ao lado de nós e tirei meus olhos de Yun para fixá-los em Ryen e minha prima.

— Por que está batendo nele, Kellan? — Ryen perguntou, os olhos arregalados.

Ninguém estava entendendo nada, mas eu sim. E a traição era uma filha da puta que doía como o inferno.

— Ele é o seu stalker — respondi, amargo.



Bem-vindo ao quarto do pânico.
Onde todos os seus medos mais sombrios virão atrás de você
Au/Ra - Panic Room

Ryen Rodríguez

Me revirei na cama pela milésima vez nesta madrugada e, bufando, peguei meu celular ao lado do travesseiro, vendo que eram 3h:00min horas da manhã. Deus, eu não dormi nada.

Encarei Killer dormindo desde que fomos para a cama e senti inveja de como ele parecia tranquilo e feliz enquanto provavelmente sonhava com coisas boas. Eu me inclinei em sua direção e plantei um beijo em sua cabeça, vendo-o mexer as sobrancelhas em reação ao carinho.

Me levantei da cama e andei em direção a porta, saindo do quarto. Passei as mãos por meu cabelo e desci as escadas do apartamento de Brianna, vendo a sala em um completo breu. Ainda não consegui acreditar que Brianna havia conseguido expulsar Christian daqui antes mesmo de descobrir que ele era o meu stalker.

E eu ainda não conseguia compreender como que justo ele seria meu perseguidor. Meu stalker sabia que eu tinha matado alguém, mas como Christian Yun poderia saber disso? E mais importante, por que ele não tinha exposto isso agora que sabíamos quem ele era? Nada fazia sentido e eu iria ficar louca a qualquer momento. Eram muitas perguntas.

Ontem, Kellan e ele protagonizaram um show na festa de McKay, festa esta em que apenas fui por insistência de Brianna. Jenna e o irmão me encararam como assassinos, mas eu sabia que, ao contrário dela, ele apenas queria eliminar o que incomodava sua querida irmã. Ou não, porque embora os dedos dele já estejam melhores, McKay me parecia alguém rancoroso.

Depois de Christian ser desmascarado, Kellan bateu nele um pouco mais antes de ser arrancado de cima por Akira que carregou o amigo para fora da festa junto com outro homem que ajudava Christian com a venda das drogas.

Kellan parecia transtornado, em outras palavras, *magado*. Aposto que estava se sentindo traído pelo amigo em quem tanto confiava. Christian saiu da festa quase desmaiado, agonizando, até. Mas não revidou em momento algum. Brianna encarou toda cena, e ao olhar para baixo, a vi enrolar uma trança no dedo, perdida. Nada poderia disfarçar seu desconforto.

No fim, não podíamos confiar em ninguém.

Quando cheguei à cozinha, sentada no escuro com uma garrafa de cerveja, estava Brianna. Ela tinha a cabeça apoiada em uma das mãos enquanto seu olhar estava sobre o balcão de mármore. Ela deu um longo gole no álcool.

— Geralmente as pessoas bebem chá para relaxar e voltarem a dormir, mas acho que uma cerveja também pode ajudar — falei, atraindo sua atenção.

— Eu não estou bebendo para relaxar, e sim porque deu vontade — rebateu, adotando uma postura mais ereta e indiferente.

Revirei meus olhos, caminhando até ela para me sentar na cadeira à sua frente.

— Claro, continue fingindo na minha frente — atirei, pegando a cerveja fechada em cima do balcão. — Eu com certeza não notei como descobrir aquilo sobre Christian te afetou.

Brianna abriu a boca para me rebater mais uma vez, mas acho que não encontrou uma resposta à altura e pressionou os lábios um no outro, se dando por vencida.

— Kellan acabou com ele — murmurou, passando as mãos pelas tranças amarradas em um rabo de cavalo baixo.

Tinha preocupação em seu, e ao contrário do que eu pensava, não fiquei feliz por finalmente ver o meu stalker levar uma surra. Eu fiquei triste por ser justamente Christian entre tantas pessoas. Eu gostava dele.

Dei um gole em minha cerveja.

— Seu primo deve estar ainda mais surpreso do que todos nós.

— Depois de Raphael, Christian se tornou o amigo mais próximo de Kellan — ela continuou, um suspiro deixando seus lábios.

— Como eles se aproximaram tanto? Nunca perguntei.

— Um mês depois de Kellan estar cem por cento recuperado do acidente, ele retornou ao colégio para finalizar seu último ano. E Christian havia se transferido para a sala dele. Kellan sempre foi na dele, mas isso piorou depois que Raphael morreu, ele estava mais agressivo também. Então, Christian e ele trocaram farpas na sala de aula, isso acabou com os dois partindo para cima um do outro. Foram parar na detenção e o colégio sugeriu a expulsão de Yun, mas Kellan não aceitou. Mesmo que não se gostassem, para ele não era justo que apenas um pagasse quando nenhum deles estava livre da culpa.

Pisquei.

Então tia Lily falou a verdade. Não que eu tenha duvidado, claro. Mas era meio atordoante ouvir de mais uma boca o quanto Kellan ficou submerso no fundo do poço depois que Raphael morreu.

Ele poderia ser um filho da puta traidor. Mas, ainda assim, não duvidava de seu amor por meu irmão.

E eu não queria admitir, mas estava preocupada com Kellan. Era mais forte do que eu. Porém, eu não deixaria que isso me fizesse esquecer do que ele me fez.

— Então, viraram amigos a partir daí? — afastei meus pensamentos conflitantes, continuando a conversa.

Brianna deu de ombros.

— Não sei te dar uma resposta definitiva, mas durante esses cinco anos, eles eram como unha e carne.

Assenti, passando as mãos pelo meu cabelo preso em um coque frouxo.

— Eu realmente não esperava isso de Christian... — murmurei, mais para mim mesma do que para ela.

Minha amiga piscou, passando o polegar pela marca da cerveja gravada na garrafa de vidro.

Nenhuma das duas iria admitir, mas toda esta situação estava tirando nosso sono. Eu porque algo ali não fazia sentido e, se fizesse, ainda queria saber o real motivo. E Brianna por se sentir atraída por alguém que tinha se revelado o maior filho da puta. Nós realmente não tínhamos sorte com homens.

Ela endireitou os ombros, colocando um sorriso falso no rosto.

— Hoje à noite terá uma racha, Akira organizou — falou, animada. Mas parecia tudo, menos verdade. — Vamos?

Neguei.

— Kellan com certeza vai estar lá — respondi e ela revirou os olhos.

— Não me diga que está com medo dele.

Encolhi meus ombros, sentindo a cerveja repentinamente perder meu interesse. Eu precisava de algo maior.

Tive algumas crises de abstinência durante esses quatro dias desde que Kellan me traiu. Mas ainda não iria sucumbir. Já fiquei muito tempo sem para me entregar agora por causa de algo idiota como uma decepção amorosa.

Cansada de mentir, ergui meus olhos para ela.

— Olhar para ele dói, Bree.

Minha amiga me encarou por alguns segundos em silêncio, e a única luz da cozinha escura eram os olhos dela.

Mas esta era a verdade. Ficar perto de Kellan doía. Ele era uma presença forte demais para que eu ignorasse mesmo a cem metros de distância. Até mesmo se eu estivesse em uma sala e ele em outra, o mínimo pensamento de que ele estava por perto era o bastante para mexer comigo e me deixar ansiosa.

E isso fazia com que eu me sentisse *tão* patética.

— Eu te entendo, mas não dá para ficar fugindo — ela respondeu, suspirando. — Kellan sempre vai estar presente em nossas vidas, lide com isso, minha amiga.

Dei um gole em minha cerveja.

— Tem sorte de que aparentemente Christian será excluído da sua vida agora que Kellan e ele não são mais amigos — falei, e me senti mal com essas palavras.

Queria detestar e repudiar o nome de Christian Yun, mas não conseguia. Mesmo que magoada e dez vezes mais desconfiada.

Brianna gemeu.

— Podemos não tocar no nome daquele traficante traidor? — Deu um grande gole em sua cerveja, a esvaziando. — Nem mesmo falar sobre ele. Quero esquecer.

— Poderia cortar os laços sanguíneos com Kellan, também? Isso está me incomodando. — Suspirei e ela deu de ombros.

— Claro, não deve ser tão difícil assim.

Eu ri e ela me acompanhou, deixando tudo um pouco melhor.

Brianna apoiou o queixo nas mãos.

— Vamos a racha.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você sofre de amnésia? — zombei.

— Não sei, mas sempre dizem que sou um pouco afrontosa e inconsequente demais para o meu próprio bem. — Deu de ombros. — Vamos, vai nos fazer bem ver um bando de drogados dirigindo um carro.

— Me senti ofendida.

— Falo sério, vadia — fez um som frustrado. — Não precisamos nos esconder aqui dentro até definharmos, já foi um sacrifício te levar para a festa ontem.

Coloquei um sorriso falso no rosto.

— Mesmo que eu julgue totalmente seu estilo de vida, ainda invejo como você é convincente ao fingir não se importar com nada — pisquei os cílios para ela — Mas não, muito obrigada.

Fiz menção de descer a cadeira, mas ela agarrou minha mão.

— Vamos lá, Ry. Vou ficar louca se não sair para extravasar ao menos um pouco.

Estava pronta para negar novamente, quando encarei seus grandes olhos e a súplica neles. Eu também não gostava da sensação de estar me escondendo ainda mais desde a notícia do falso casamento. E ignorar a coceira em meus pulsos nos últimos dias tem sido cansativo. *Agoniante*.

Por fim, me vi assentindo para seu pedido e ela sorriu largamente.

— Do que está rindo? Christian também pode estar lá — lembrei a ela, que negou com a cabeça.

— Dado como Kellan o deixou, impossível — respondeu antes de desconversar. — Agora termine de tomar sua cerveja para irmos dormir. Me sinto melhor depois de uma sessão fajuta de terapia.

As coisas tomaram outro rumo. Eu não bebi apenas aquela cerveja, e nem mesmo Brianna.

Nós bebemos no total de mais quatro garrafas e, em seguida, lembro-me apenas de subir as escadas com a ajuda de Brianna. Na verdade, era mais como uma troca de favores. Eu me apoiava nela e vice-versa.

Duas melhores amigas bebendo juntas enquanto fofocam sobre altas coisas. Isso deveria ser algo feliz e engraçado, mas na verdade foi

deplorável e patético. Nunca estivemos mais ridículas.

Era engraçado como nenhuma das duas tinha sorte no amor ou bom gosto para homem. Pelo menos, Kellan foi o único que amei de verdade, quanto Brianna vem enfrentando esse problema desde os seus dezesseis anos quando começou a se envolver com todo tipo de problema não recomendável.

Encarando Killer, eu o abracei, ficando grudada nele enquanto me encolhi na cama. Eu estava sentindo falta de um corpo grande e quente em minhas costas ou de carícias em meu cabelo. Era revoltante que eu tenha conseguido dormir bem e sozinha durante vinte anos e logo agora isso se tornou angustiante.

Sentia frio todas as noites, mesmo com o edredom até o pescoço. E eu sabia que isso tinha nome e sobrenome.

Estiquei minha mão para pegar meu celular ao lado do travesseiro e o desbloqueei, indo para o aplicativo de mensagens. A última mensagem de Kellan havia sido na noite do mesmo dia em que eu fui embora de seu apartamento.

Mas isso não muda o fato de que, no total, havia doze mensagens:

Número desconhecido

Não pense que cedi as suas ameaças.

Número desconhecido

Ainda não me bloqueou? Isso é novo.

Número desconhecido

Você prefere uma cerimônia
mais simples ou extravagante?
Eu não tenho preferência,
apenas a lua de mel me importa.

Número desconhecido

Gostaria de ir a Dubai, amor?
Acho exótico.

Número desconhecido

Foda-se, esqueça a cerimônia
extravagante. Posso matar
alguém por te ver tão linda no
vestido de noiva.

Apertei meus dedos ao redor do celular. Leio essas mensagens todos os dias, mas isso ainda me deixa furiosa e extremamente magoada. Ele não se cansava de brincar comigo.

Número desconhecido

Você está lendo tudo, não está?
Me responda ou invadirei o
apartamento de Brianna pelas
janelas.

Número desconhecido

Pode me ignorar, amor. Mas lembre-se que suas férias não durarão para sempre.

Bêbada, joguei o celular, o aparelho caiu na poltrona mais perto por sorte. Não queria ler o resto mais uma vez.

Passei as mãos pelo meu cabelo, me sentindo um pouco mais inquieta. O álcool não serviu para me fazer relaxar, foi tudo uma ilusão.

Queria gritar neste exato momento e encomendar a morte de Kellan, porque eu sabia que não conseguiria fazê-lo.

E queria entender o verdadeiro motivo de Christian para fazer tudo aquilo comigo. Ele queria dinheiro, era isso? E mais importante, como ele sabia tanto? Como ele tinha as fotos do corpo de Callum?

O mais revoltante era ele ter tentado matar o meu cachorro.

Esperei que houvesse outra explicação, mas o próprio Christian assumiu a culpa quando ficou calado e deixou que Kellan destruísse seu rosto. Não tinha mais nada a fazer, apenas aceitar que nem todo mundo aqui era confiável.



— Akira realmente deve ter um problema enorme com camisas...

— Eric murmurou ao nosso lado, encarando o loiro platinado.

Sorri, vendo Akira caminhar até Yuki com uma garrafa de cerveja na mão, a calça jeans preta e larga caindo em seus quadris, deixando que víssemos as linhas em “V” muito bem-marcadas.

— Ao menos é agradável ao olhar — Brianna deu de ombros, fazendo um carinho em Killer, que estava preso na coleira que eu segurava.

Realmente havia entendido a lição. Não conseguia mais sair sem ser para a universidade e deixar Killer sozinho. Pensando que, a qualquer momento, aquilo poderia acontecer de novo.

Sinto arrepios só de lembrar.

Olhei ao redor, vendo as pessoas conversarem em meio a música alta do terreno. Hoje havia tantas pessoas, bem mais do que nas outras vezes. Isso me faz questionar o quão popular Akira deveria ser.

Senti vontade de analisar mais um pouco, mas isso me levaria a procurar alguém que eu deveria querer distância neste momento.

— Merda, ele está vindo até nós — Bree chiou, e a olhei para vê-la revirar os olhos.

Eric riu e olhei para o lado, vendo Akira caminhar até nós com um largo sorriso no rosto. Ele tinha o braço sobre os ombros de Yuki, que mascava um chiclete, as mãos nos bolsos de sua jaqueta lilás.

Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo baixo e alguns fios da franja em sua testa lhe caíam os olhos.

Ao meu lado, vi Brianna enrijecer.

— Oi, princesa — falou ao parar diante de nós, deslizando os olhos por meu corpo. — Vai correr hoje?

— Oi, Akira — sorri, passando as mãos pelos meus fios para jogar minha franja para trás. — Vou apenas assistir.

Ele deu um sorrisinho de lado, não se importando quando Killer o cheirou avidamente.

— É uma pena, admito. Mas olhar para você já compensa.

Estreitei meus olhos em sua direção, querendo sorrir. *Ele era uma graça, tinha que admitir.*

Yuki negou com a cabeça, olhando para ele.

— Você realmente não tem amor à vida, não é? — questionou. — Tenho pena do que Kellan fará com você se ver.

Akira revirou os olhos e fixei meus olhos na garota de fios rosas.

— Kellan não é o meu dono.

Ela me encarou.

— Pode ser, mas é obcecado o bastante para nos manter cautelosos.

Eric fez um som de concordância ao meu lado.

— Bem, ela tem um ponto, Ry. — Sorriu para mim.

Antes que eu o respondesse, Brianna entrou na conversa.

— Não sei se você sabe, linda — começou, um sorriso falso pendendo em seus lábios. — Mas eles não estão mais juntos, Ryen pode fazer o que quiser da vida dela. Ela não tem culpa que vocês têm esse medo idiota do meu primo.

Akira espalmou a mão no próprio peito e interrompeu Yuki.

— Veja lá, não temos *medo* — respondeu, sorrindo. — Mas seu primo é um grande problema e eu quero evitar. Não acho que aquela carinha de psicopata dele é de enfeite.

— Merda, agora Akira também tem um ponto. — Eric negou com a cabeça, mas vi os cantos de seus lábios quererem se erguer em um sorriso.

Sinto os pelos de minha nuca se arrepiarem e não preciso me virar para saber que é *ele*. Killer apenas confirmou tudo quando começou a se agitar para correr em sua direção.

Sinto isso em cada parte dos meus ossos e é terrivelmente frustrante como não consegui tirá-lo da minha pele. Como tudo de mim grita *Kellan* e faz meu corpo implorar pelo dele. Deus, eu queria odiá-lo mais do precisava de ar para respirar.

E eu realmente o fazia. Mas não tanto quanto amava este idiota filho da puta.

— Falando no diabo... — Yuki murmurou, formando uma bolha com o chiclete.

— Oi, Kellan. — Akira sorriu largamente, erguendo as mãos em sinal de rendição. — Estávamos falando apenas coisas boas, tem a minha palavra.

— Você não é alguém muito confiável — Kellan declarou com a voz rouca, arrepiando meus ossos.

Senti um braço ser colocado ao redor dos meus ombros e olhei para Eric, vendo-o sorrir em uma espécie de consolo. Odiava me sentir digna de pena.

— Quer ir para longe daqui? — perguntou em meu ouvido.

Meu orgulho queria que eu dissesse não, mas não estava a fim de escutá-lo justo agora.

Assenti, escondendo as mãos nos bolsos da jaqueta de Raphael e ele se virou para os outros.

— Nós vamos dar uma voltinha por aí — avisou, fazendo menção de dar um passo.

— Só porque eu cheguei? — Kellan questionou com cinismo. — Estou magoado.

— Deus, às vezes você é tão insuportável... — Brianna resmungou.

Se era infantil da minha parte ou não, não me importei, apenas continuei olhando para a frente, fingindo que os carros fazendo *drift* eram

muito mais chamativos do que Kellan.

Eu podia sentir seus olhos em mim, me queimando. Por fim, acabei cedendo a raiva quando fixei meus olhos em Kellan pela primeira vez desde que ele chegou.

Ele estava vestido com uma calça jeans escura, e as blusas e a jaqueta eram pretas, dando-lhe um ar sombrio. Claro que as roupas eram meros acessórios quando Kellan por si só era tenebroso.

— Por que você não dá o fora daqui? — rosnei, encarando-o. — O clima estava leve até você trazer sua presença desagradável.

Ele ergueu uma sobrancelha e Killer choramingou para ir até ele, mas não deixei.

— Pensei que estivesse perdido a língua, amor. — Sorriu de lado. — Mas se for o caso, fico feliz que a tenha encontrado para me desprezar. Eu acho atraente.

— Você é doente o suficiente para isso — zombei.

Kellan cerrou os olhos e deu um passo em minha direção, fazendo com que Eric afastasse o braço dos meus ombros. *Traidor.*

— Antes você gostava, fica melhor se você passar a *tentar* odiar?

Tensionei minha mandíbula, me arrependendo de respondê-lo em primeiro lugar.

— Vá se foder — rosnei, ganhando mais um sorriso.

Deveria ter trazido meu canivete.

Akira entrou entre nós, fazendo-me desviar meu olhar e fixá-lo em Killer. Era quase impossível segurá-lo.

— Que tal acalmarem os ânimos? — O loiro sorriu como uma cobra. — Ou melhor, uma corrida para declarar a paz?

— Tenho certeza de que foi assim que o diabo induziu Eva a comer a maçã — Yuki provocou.

Um racha? Uma oportunidade de humilhar Kellan na frente de todos mais uma vez?

Kellan riu, zombeteiro.

— Nós não vamos...

— Eu aceito.

Ele me encarou, mas não fez nenhuma pergunta. Com certeza tinha entendido muito bem minhas palavras. Seus olhos escureceram e o desafio estava formado neles, junto com o turbilhão de sentimentos em meu peito.

Akira bateu palma e seu sorriso se alargou. Ele realmente era uma cobra.

— Não esperava menos de você, gatinha — falou antes de nos dar as costas e caminhar até o centro da multidão. Ele subiu em uma espécie de gesso, ficando maior do que todos — Atenção! Teremos uma grande corrida agora entre Kellan Royal e Ryen Rodríguez. Fiquei sabendo que ela limpou o chão com ele da última vez, será que ele quer revanche?

Algumas pessoas riram, mas Kellan manteve o olhar em mim, me encarando fixamente.

— Tem certeza disto, Rye? — Brianna perguntou em meu ouvido e olhei para ela, vendo Eric e a mesma ao meu lado. — Sei que ganhou de Kellan da última vez, mas é tudo muito... imprevisível.

— Tenho que admitir que isto é interessante — Eric massageou a própria nuca —, mas estou nessa com Brianna. Não me parece uma boa ideia.

Não. Eu estava certa sobre isto. Mesmo que soubesse que fosse o orgulho falando mais alto, tive a certeza de que ele não era nada bom combinado a raiva.

Entreguei Killer para ele

— Como Brianna disse, ganhei dele uma vez. Não pode ser difícil de repetir — falei, caminhando em direção a minha Ferrari quando começaram a gritar de emoção.

Kellan imitou meu gesto e logo também estava em sua Ferrari. Nós fomos parar na linha de chegada e era perceptível o quanto as pessoas estavam animadas quando gritavam tanto, às vezes o nome de Kellan, me lembrando do quanto ele era importante ali. Do quanto ninguém estava apostando em mim, mesmo que eu tivesse ganhado da última vez. Ele havia firmado seu nome em Miami quando há muito tempo o meu foi esquecido.

Um homem entregou uma arma para Akira e ele a ergueu acima da cabeça, piscando um olho para mim. Todo mundo ficou em silêncio e Killer se aproveitou disto para latir, declarando sua torcida para mim. Ou era o que eu preferia acreditar, afinal, ele se transformava em um traidor quando o assunto era Kellan.

Mesmo sentindo os olhos do dito cujo em mim, mantive meus olhos presos em Akira, que de repente apertou o gatilho, então a guerra estava declarada.

Pisei no acelerador, ouvindo o motor do carro arrancar, mas de verdade? Fiquei em dúvida se tinha sido o meu ou o de Kellan.

Nós dirigimos lado a lado, tentando disputar a liderança, e olhei para ele, vendo que ao contrário de mim, ele estava tranquilo e um sorriso prepotente brincava em seus lábios. Eu lancei meu carro contra o dele, tentando fazer com que aquela feição despreocupada sumisse. Não queria ser a única com ódio aqui. E o fato dele estar parecendo um viajante em um cruzeiro para férias era de deixar qualquer um puto.

Kellan me encarou, me vendo mais uma vez bater em sua Ferrari. Então, de repente, ele alavancou o carro, me fazendo comer poeira. Literalmente, já que sua saída fez a poeira do chão levantar, criando quase uma neblina. Mordendo meu lábio inferior, pisei no acelerador, não querendo ficar para trás.

Em poucos segundos, alcancei Kellan, e mesmo que ele não estivesse esperando, não demonstrou. Enrolamos em uma curva e, como sempre, ele diminuiu a velocidade. Aproveitei isso para ter alguma vantagem e não olhei para trás enquanto acelerava mais e mais. Doce ilusão, pois Kellan logo estava ao meu lado.

Ao olhá-lo, tive um *déjà vu* pela expressão que ele tinha agora. Se eu o conhecia bem, estava furioso por eu, mais uma vez, não diminuir a velocidade em uma curva. Mas nada disso importava, a linha de chegada estava logo à frente eu estava mais do que obcecada em vencer Kellan e humilhá-lo mais uma vez.

Havia, novamente, conseguido uma boa distância dele, e estava tão, mas tão perto de vencê-lo. Mas, no último instante, Kellan cruzou a linha de chegada ao meu lado, declarando mais do que um empate óbvio. Bati meus punhos no volante, furiosa por meus objetivos não terem dado certo. Eu estava certa de que iria vencer Kellan, mas aparentemente nada do que eu queria andava conforme deveria.

Parei o carro e, ao descer, ninguém veio me receber. Nem mesmo Brianna ou Eric. Procurei por eles com os olhos apenas para encontrá-los me encarando com os semblantes assustados. Mas tudo fez sentido quando me tornei mais atenta ao que estava acontecendo ao meu redor e a luz idêntica a uma de carro de polícia iluminou meu rosto.

Dois homens vieram na minha direção a passos rápidos até que um deles, um de cabelo preto, puxou o distintivo.

— Ryen Rodríguez? Você está presa.

Um deles, que tinha cabelos loiros, puxou algemas e esticou a mão para colocá-las em mim, quando teve o pulso agarrado com hostilidade.

— Devo insistir que vocês pegaram a pessoa errada — Kellan disse, largando o pulso do policial.

Abaixei a cabeça. *Claro. Até que demorou muito tempo.*

Eu desviei do corpo de Kellan e encarei o policial, antes de erguer meus pulsos para ele. O homem arqueou a sobrancelha de quem o questionava.

— Tenho certeza de que pegamos a pessoa certa — o moreno rebateu enquanto o loiro algemou meus pulsos com o metal frio que apertou minha pele.

Ele me puxou, me empurrando na direção da viatura da polícia como se eu não passasse de uma criminosa, e bem, ele não estava errado.

Ouvi alguns murmurinhos, e era óbvio que todos estavam chocados, e a reação dos meus amigos era a única coisa que me importava, mas que eu estava evitando tanto. Olhar para eles doeria muito.

De cabeça baixa, deixei que eles me levassem até a viatura, então o policial loiro pressionou minha cabeça para baixo, a fim que eu entrasse. Eu não resisti, e isso talvez já fosse a prova da minha culpa. Mas bem, não tinha mais para onde fugir.

Pelo canto do olho, vi que Kellan estava sendo segurado por dois policiais tão grandes quanto ele. Olhei para os meus amigos, fixando meus olhos em Eric. Implorei para que ele cuidasse de Killer, e o mesmo assentiu com pesar.

Ao seu lado, Brianna se moveu e mais uma vez abaixei a cabeça.

— Faça alguma coisa, Kellan! — exigiu ao primo, chorosa.

— Ryen, mantenha-se em silêncio até a chegada do advogado! — ele mandou e apenas assenti, antes do policial fechar a porta do carro.

Foi quando ergui o rosto ao ouvir Brianna murmurar algo enquanto apontava para mim, mas que foi impossível de identificar graças às janelas. Killer se agitou violentamente ao me ver trancada aqui e Eric tentou mantê-lo preso, quase que sem sucesso. Isso foi o que mais me doeu.

Não demorou muito para que as duas viaturas se afastassem da multidão, e uma lágrima sorrateira e solitária deslizou por minha bochecha. Com as mãos algemadas, a afastei, tentando me manter forte mesmo que meu único pensamento fosse de que eu estava muito ferrada. Fui muito

burra em pensar que estava tudo bem desde que a mídia não divulgasse nada sobre o assassinato. E estava sofrendo as consequências agora.

Pela janela, assisti os carros passarem por nós, procurando algum tipo de arrependimento pelo que eu tinha feito agora que estava tudo acabado. Mas isto não existia.

— Como alguém como *ela* conseguiu causar um estrago tão grande em um homem daquele tamanho? — Ouvi um dos policiais perguntar ao parceiro.

O outro estalou a língua.

— Dez anos de trabalho e você ainda se surpreende com o que as pessoas podem fazer.

Esta foi a última conversa entre eles, pelo menos na qual prestei atenção. Porque logo eu havia dissociado do que estava acontecendo ao meu redor.

Não demorou muito para que chegássemos à delegacia, mas assim que a viatura onde eu estava foi estacionada, fui levada para dentro às pressas e posta sentada em uma cadeira em frente a um homem que aparentava ter menos de cinquenta anos, mesmo que sua barba grande estivesse ali.

Estava com medo, tinham muitas pessoas ao meu redor. Todos pareciam se questionar o porquê de eu ter feito o que fiz, e me sentia pequena entre eles. Havia dois policiais perto de mim, um de cada lado. Era quase claustrofóbico.

— Ryen Rodríguez? — o delegado me chamou. Sei o que ele era devido ao distintivo em seu peito. — Tenho certeza de que sabe o porquê de estar aqui, não é?

Me mantive em silêncio.

— Se a senhorita continuar em silêncio, levarei isso como uma confirmação de toda a culpa.

— Tenho certeza de que interrogar um suspeito sem a presença de um advogado é crime, delegado.

Segui a voz, vendo Kellan adentra a sala acompanhado por um homem alto, negro e esguio que aparentava ter a idade de tio Joseph e segurava uma maleta preta. Meu coração errou uma batida.

O delegado, que já estava em pé, os encarou.

— Quem são vocês?

Kellan parou diante dele.

— Sou Kellan Royal e este aqui é o advogado da minha noiva, Ethan Davis — indicou o homem ao seu lado, que deu um aceno de cabeça ao delegado.

Os olhos dele brilharam em reconhecimento ao sobrenome de Kellan, mas foi Ethan quem tomou a vez:

— Quais são as acusações para com a minha cliente?

— Tentativa de assassinato e roubo — o delegado explicou, me causando estranheza.

— Como assim roubo? Eu não... — minhas palavras foram morrendo à medida que absorvi suas palavras. Franzi o cenho, confusa. — Você disse... *tentativa* de assassinato?

Sua colocação de palavras não fazia sentido a menos que...

— Desapontada por saber que não morri?

Meu corpo gelou com a voz que soou em minhas costas e minha respiração ficou presa na garganta. Eu me levantei da cadeira e lentamente me virei em sua direção, dando de cara com o meu maior pesadelo parado próximo a entrada da sala.

Callum estava vestido com uma camisa polo preta, o cabelo do mesmo jeito e cor dos quais eu me lembrava. Mas agora ele tinha uma grande cicatriz que começava logo abaixo da sobrancelha e terminava um pouco abaixo do olho. Era horrenda.

Ele sorriu para mim, me causando repulsa na mesma medida em que me deixou atordoada. Escutei alguns zumbidos e neguei com a cabeça, me recusando a acreditar que isso era real.

— Senti sua falta, querida.

Dei um passo para trás, esbarrando na mesa do delegado.

Olhei para Kellan e, meio ao caos que me tomou, observei como seu rosto estava inexpressivo. Mas, de repente, um sorriso de lado se esticou em seus lábios enquanto encarava o homem diante de nós. Kellan parecia satisfeito.

Então, declarou em alto e bom som:

— Te achei.

A HISTÓRIA CONTINUA...

AGRADECIMENTOS

Escrever *Desenfreados* foi uma montanha-russa de sentimentos e surtei muito até chegar aqui. Quero agradecer a minha família, em especial minha mãe Jaqueline, e meus tios Jailson e Jailma pelo apoio.

Quero agradecer também aos meus amigos por não me deixarem desistir da escrita e aguentarem minhas paranoias. Kaylane, Lavinia, Vinicius, Jéssica e Raphael.... Eu amo vocês!

E muito obrigada as autoras Roxie e Maeve Burns por serem amigas tão incríveis nesse meio e por me apoiarem tanto. E obrigada principalmente, aos meus leitores. Vocês são os melhores e sou muito grata por tudo!

E obrigada a Editora Fruto Proibido por fazer tudo isso acontecer!